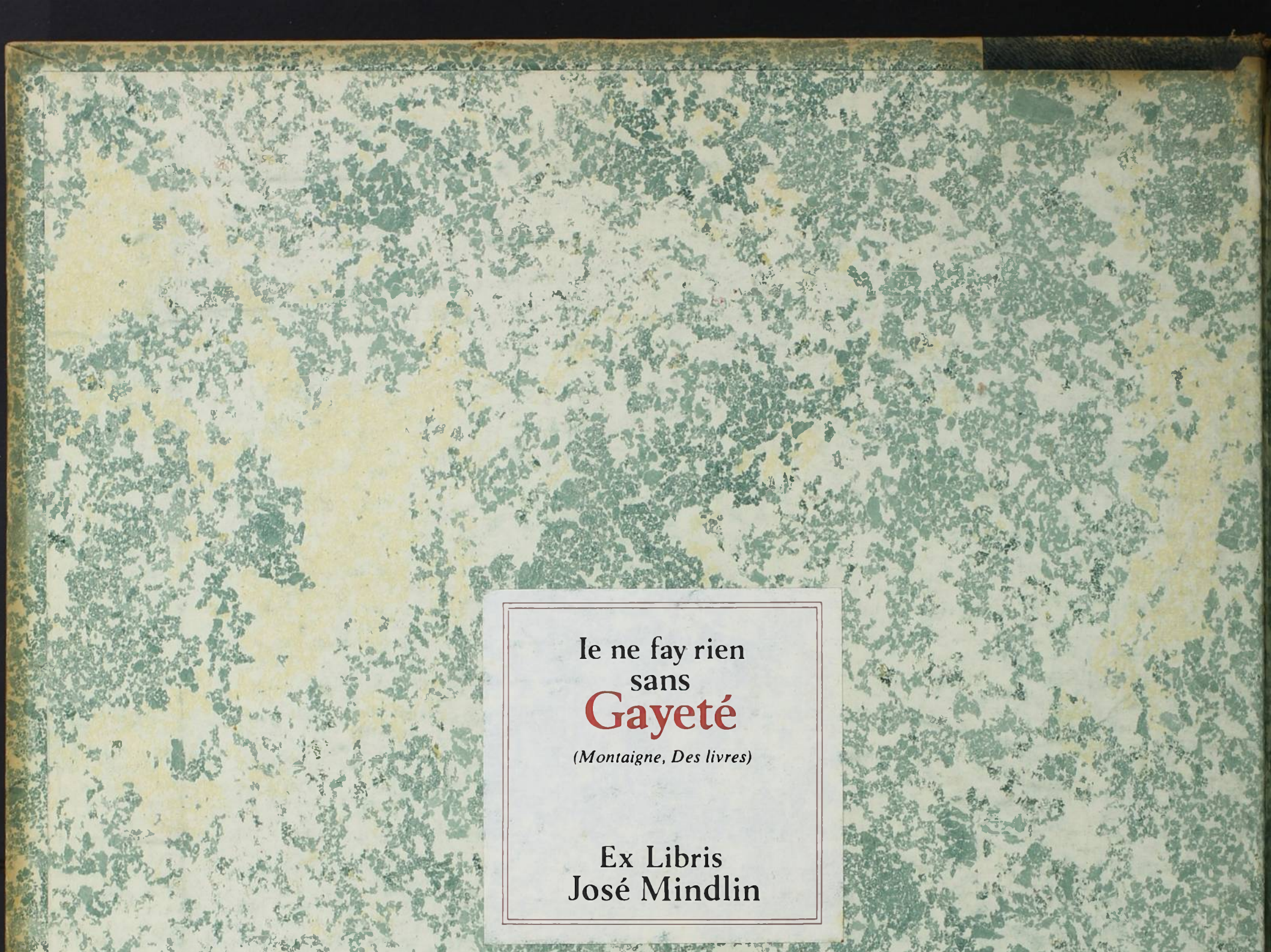
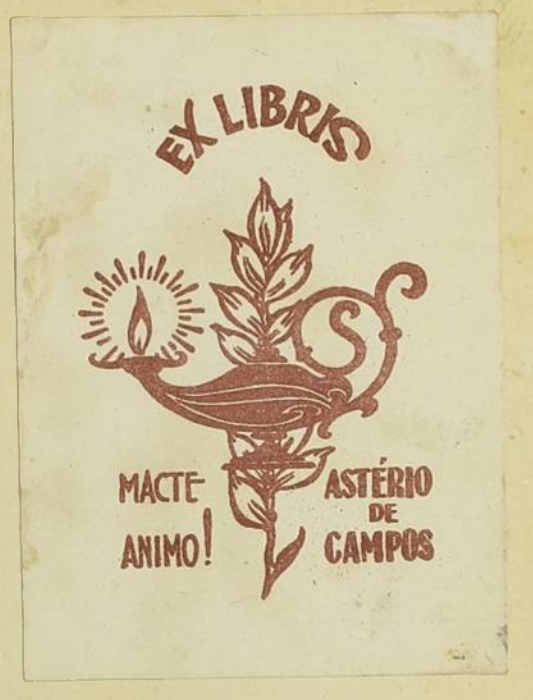


Ie ne fay rien
sans
Gayeté
(Montaigne, Des livres)

Ex Libris
José Mindlin


EX LIBRIS
MACTE ANIMO!
ASTÉRIO DE CAMPOS

REVISTA DO BRASIL

PUBLICAÇÃO QUINZENAL

DIRECTORES

PANDIÁ CALOGERAS, AFRANIO PEIXOTO,
— ALFREDO PUJOL e PLINIO BARRETO —

REDACTOR-CHEFE

—:— RODRIGO M. F. DE ANDRADE —:—
Redacção e adm. — Rua Rodrigo Silva, 14, 1º

NESTE NUMERO, ALÉM DE OUTRAS COLLABORAÇÕES E NOTAS:

CORRESPONDENCIA INÉDITA DE EÇA DE QUEIROZ

A LITERATURA FRANCEZA DE HOJE
Paul Hazard

AS MULHERES DE ANATOLE FRANCE
Afranio Peixoto

O FASCISMO
Calogeras

A' BEIRA DO STYX
Tristão da Cunha

NASCER E MORRER DAS PALAVRAS
Tristão de Athayde

A POLITICA INTERNA DA QUINZENA
Assis Chateaubriand

ANNO I – NUMERO I — RIO DE JANEIRO — 15 – SETEMBRO – 1926

Societé Anonyme du Gaz

A Societé Ononyme du Gaz, por isso mesmo que é uma empresa de serviços publicos, se acha sob a fiscalização do governo.

Ao lado, porém, desta fiscalização, outra que ella tambem deseja: é a dos seus milhares de consumidores do Rio de Janeiro.

Nenhuma empresa de serviços publicos é susceptivel de prosperar mais vertiginosamenete, se a clientela a quem serve, decide collaborar no seu programma e na sua perfeição, constituindo-se em fiscal permanente dos serviços que ella lhe fornece.

Societé Anonyme du Gaz

RIO DE JANEIRO

Qualquer que seja o aspecto sob que se considere o formidavel desenvolvimento do Estado de S. Paulo, sente-se que elle guarda uma relação directa com a influencia exercida pelo seu grande ancoradouro. Cabe a Santos o papel fundamental de vehiculo da producção paulista destinada ao exterior. Não será exaggerado affirmar-se que a superioridade economica da grande unidade sulista, em face do resto do Brasil, assenta na facilidade de communicações maritimas que o porto de Santos lhe assegura.

Um Estado sem um ancoradouro moderno, fica desprovido do melhor elemento com que poderia enfrentar a luta que a concurrencia estabelece entre as collectividades, na hora presente Nada assignala tanto a proponderancia de S. Paulo, neste particular, quanto o facto de possuir um entreposto maritimo modernizado, como o de Santos.

O caminho largo que o oceano, aberto aos olhos do homem, lhe aponta, como se fôra uma incognita immensa, tem no porto de Santos o portico deslumbrante, por onde os frutos do trabalho dos paulistas se canaliza, para a conquista dos mercados exteriores. Assim, S. Paulo encontrou na persistencia com que o homem soube munir-se desse incomparavel instrumento de affirmação que é o porto de Santos, a chave ,a razão, o motivo de ser do seu progresso maravilhoso.

Santos constitue, pois, entreposto maritimo, servido de um apparelhamento de primeira ordem, o grande élo que liga S. Paulo á communidade intrenacional, integrando-o na civilização.

Companhia Docas de Santos

SÃO PAULO

Revista do Brasil

RIO DE JANEIRO — 15 DE SETEMBRO DE 1926

SUMMARIO

Politica

A literatura franceza de hoje — Paul Hazard

A politica interna da quinzena — Assis Chateaubriand

O fascismo — Calogeras

Correspondencia de Eça de Queiroz

As mulheres de Anatole France — Afranio Peixoto

A' beira do Styx — Tristão da Cunha

Almirante Gomes Pereira — Eugenio de Castro

Nascer e morrer das palavras — Tristão de Athayde

Theatro e Musica — Alcantara Machado, Manoel Bandeira e Prudente de Moraes neto

Litteratura — Couto de Barros, Affonso Arinos Sob., Prudente de Moraes neto, Sergio B. de Hollanda, Mucio Leão e A. A.

Contra os partidos — José Maria Bello

A questão das bolsas de viagem — Gustavo Lessa

Movimento economico e financeiro —João de Lourenço

Vida social — V. da C.

Cinema

A quinzena

POLITICA

A oração recente do sr. Arthur Bernardes, em Viçosa, não foi propriamente o seu canto de cysne. Daqui até 15 de novembro, o presidente da Republica tem ainda dois mezes muito longos de governo, que lhe pódem offerecer novas opportunidades de falar ao paiz. Mas, por memoraveis que sejam as suas futuras palavras, é bem provavel que não resôem com o accento oracular daquelle discurso inspirado pelos ares austéros da Zona da Matta. O proprio chefe do Estado sentiu fortemente o surto que tomára o seu pensamento politico, nas alturas municipaes de Viçosa.

Moysés, se não tivesse subido ao Monte Sinai, deixaria de trazer á humanidade corrupta os mandamentos da Lei de Deus. E o sr. Arthur Bernardes, se não houvesse galgado as montanhas mineiras para inaugurar um grupo escolar em sua terra natal, perderia a occasião de sentir a systole e a diastole do "coração da patria", que pulsa precisamente por baixo da terra viçosense. As circumstancias providenciaes, porém, permittiram que o ouvido presidencial se applicasse sobre o sitio privilegiado e ali entendesse os conceitos authenticos daquelle famoso musculo.

Por isso mesmo, os mandamentos do discurso do sr. Arthur Bernardes são imperiosos e definitivos, obrigando não só a nós outros, ignáros, mas tambem aos seus augustos successores. O sr. Washington Luis, se não quizer cingir-se estrictamente áquelles preceitos, terá de demandar Viçosa pela Leopoldina Railway ou abrir até lá alguma estrada de rodagem, afim de ouvir, por sua vez, o "coração da patria". O sr. Mello Vianna está convidado a auscultal-o, antes de assumir a vice-presidencia. E, para o futuro, o sr. Antonio Carlos tambem.

*

A proposito da recente excursão do presidente-eleito, seria curioso saber se, no sr. Washington Luis, prevalecem as impressões dos banquetes que recebeu através do Brasil, ou as impressões desse Brasil visto através daquelles banquetes. Porque, effectivamente a visão das coisas costuma deformar-se, depois da champagne civica e dos perús republicanos. E, como o futuro chefe do Estado, durante toda a sua viagem pelo paiz nunca almoçou ou jantou em mesa de menos de quarenta talheres, nem passou sem o perú e o champagne, é bem possivel que as suas idéas, sobre as varias unidades da Federação, se resintam um pouco das consequencias da digestão complicada daquelles pratos solemnes, bebidas e discursos que lhe offereceram com tamanha abundancia.

O que se póde deduzir da excursão presidencial, rememorando as numerosas allocuções pronunciadas pelo sr. Washington Luis, é um juizo seguro sobre a excellencia de seu estomago. Em verdade, os attestados de bom comportamento que passou invariavel e indistinctaente ás administrações estadoaes e municipaes com que se houve do Rio Grande do Sul ao Amazonas, revéla uma disposição de espirito tão optimista que só se póde explicar por um estado de satisfação physica visinho da beatitude. Se o presidente eleito fosse dispeptico, estaria sombrio e agourento ao cabo de cáda banquete: — os seus "speatches" traduziriam então pessimismo fundo na analyse da situação presente e graves apprehensões no que se referisse á apreciação do futuro. Elle seria talvez sevéro para com os politicos e administradores que lhe prestaram aquellas homenagens indigestas. E mostrar-se-ia porventura irritado á perspectiva do exercicio de um mandato penoso.

Mas assim como succedeu, felizmente, o paiz póde felicitar-se por ter eleito um presidente dotado de apparelho digestivo excepcional. Todos os banquetes que se dão por esse Brasil afóra lhe souberam bem. Até o prato de resistencia que lhe offereceu por fim o governo federal, com o nome de reforma da Constituição, o sr. Washington Luis digeriu alegremente.

*

O amor da patria e o devotamento ao bem publico distinguem os politicos militantes, incorporados ou desincorporados de partidos. Individualmente, por conta propria, ou na fileira, parcella do seu grupo, o politicante distingue-se de nós outros, simples mortaes, contribuintes e espectadores da galeria, por aquelles respeitaveis e invejaveis sentimentos.

Vem isso de longe, de tempos mui remotos, parecendo mesmo que ainda estavam os tempos na sua noite classica, escura e poeirenta, quando os primeiros politicos, ensaiando a profissão, ainda tacteantes, em experiencias problematicas, já invocavam a patria e o bem publico como unica razão de ser dos seus movimentos e gestos.

Com o folhear das chronicas e das paginas da historia veio, naturalmente, o apuro desses bellos sentimentos até o requinte que alcançou com aquelle sublime repto de eloquencia no qual se continha a formal declaração de ficar, dessa data em diante, convertido em calvario qualquer posto de governo ou posição de politica de responsabilidade e correspondentes vantagens e achegos.

Uma vez assim decretado, o espirito de sacrificio e a vocação para o martyrio cresceram tanto de proporção, que se converteu em verdadeiro delirio, que alguns observadores chamam de nevrose. Onde ha um emprego vago, uma cadeira desoccupada ou com probabilidades de desoccupar-se, tal é a multidão de pretendentes a esse pedacinho de Golgotha, de aspirantes

á gota de fel que possa vir a sagrar um sacrificio pela patria e pelo bem publico, que não seria possivel alistar, de maneira a fazer fé, todos os candidatos ao martyrio.

*

Entretanto, nem era preciso dizel-o, não são iguaes todos os postos de sacrificio e aquelle profundo sentimento do dever civico que o orador do citado rapto de eloquencia considerou indispensavel a quem aceita funcção ou cooparticipação no poder publico, varia, subindo ou descendo de graduação, conforme o posto de onde a patria e o bem publico têm de assistir ao sacrificio de seus martyres.

Pasta de ministro é, incontestavelmente, o supremo attractivo dos politicos, no sublime proposito de se deixarem assar nas aras do cruento sacrificio, abnegação tanto mais digna de admiração e de applauso quanto não faltam sacrilegos que a qualifiquem de ambição e cubiça.

O sr. Washington Luis, presidente da Republica eleito, proclamado e itinerante, tão empenhado em observar, por si mesmo, os homens e as coisas da terra da sua proxima e vasta jurisdicção, já terá notado a esta hora que a terra é, sobretudo, fertil em homens abnegados a extremos de sacrificio, no tocante á especialidade de se deixarem martyrisar como ministros do seu futuro governo, já em festivo e rutilante alvorecer.

Não fosse irreverencia, em flagrante desaccordo com a pureza de intenção e beatitude de animo desses pretendentes ao martyrio, poder-se-ia chamar de avança o cerco que se aperta e reforça, de dia em dia, em torno da penosa posição de ministro, na qual a vocação para o martyrio tem de soffrer, além do mais, a injuria da bajulação por tanta maneira quanta tem inventado a turba immensa dos pretendentes, amigos e admiradores.

O assalto, porém, que começou, mal caiu dos labios do actual presidente o nome do presidente futuro, é systematico, ter até violento, de modo a honrar e enaltecer o n possivel aquelle amor da patria e devotamento ao bem publico dos politicos indigenas. E nada de fazer saber o sr. Washington quaes sejam os sete martyres da sua escolha!...

*

Ao começo da actual legislatura republicana, verificou-se um caso devéras interessante, de reconhecimento de poderes — o do 1º districto eleitoral do Ceará, em que contendiam os candidatos Vicente Saboya de Albuquerque, diplomado, e Hugo Carneiro, contestante.

A commissão de inquerito da Camara, tendo como relator o sr. Galdino do Valle Filho, da representação fluminense, elaborou um parecer contrario ao reconhecimento do candidato diplomado, não porque os seus suffragios não fossem em numero bem maior do que os do seu contendor, e muito menos porque fosse inelegivel, mas por ser incompativel para o exercicio do mandato por ter contractos com o poder executivo, em execução ou a serem executados depois do pleito.

O parecer provocou debates. Impugnou-o o sr. Manoel Villaboim, professor de direito, e defendeu-o o sr. Agamemnon de Magalhães, da representação de Pernambuco. A Camara homologou-o com o seu voto favoravel.

Cedendo, talvez, aos argumentos adduzidos pelo orador que defendeu o parecer, o professor Manoel Villaboim não deu publicidade á oração com que o impugnou.

A questão se nos afigurou interessante, pelo que procuramos examinar o problema, do ponto de vista não concreto, na nossa Constituição e no regimento interno da Camara dos Deputados.

*

INCOMPATIBILIDADE é a incapacidade ou a impossibilidade legal de um individuo investir-se em, ou exercer, determinada funcção publica.

A incompatibilidade póde ser: a) de investidura, ou eleitoral, que se denomina, tambem, inelegibilidade; b) de exercicio, ou incompatibilidade propriamente dita.

A incompatibilidade eleitoral é anterior — e a lei fixa prazo para a mesma — e contemporanea á eleição do cargo incompativel; a incompatibilidade de exercicio é contemporanea á posse do cargo incompativel, sendo, pois, no caso de cargo electivo, posterior á eleição.

Pela Constituição da Republica, as incompatibilidades são, ainda, geraes e particulares: a) geraes são as que abrangem todos os orgãos do poder publico e todas as suas divisões e sub-divisões; b) particulares são as que regem esses orgãos separadamente, ou os seus ramos, sub-ramos, partes ou membros.

As incompatibilidades eleitoraes geraes estão estabelecidas na Constituição por estes dispositivos:

Art. 70, paragrapho 2º — São inelegiveis os cidadãos não alistaveis.

São inalistaveis: 1º — Os que não forem cidadãos (art. 70); 2º — os que perderem os direitos de cidadão brasileiro (art. 71, paragrapho 2º); 3º — os que tiverem suspensos os direitos de cidadão brasileiro (art 71, paragrapho 1º); 4º — os menores de 21 annos (art. 70); 5º — os mendigos (art. 70, 1º); 6º — os analphabetos (art. 70, 2º); 7º — as praças de pret, exceptuados os alumnos das escolas militares de ensino superior (art. 70, 3º); 8º — os religiosos de ordens monasticas, companhias, congregações ou communidades de qualquer denominação, sujeitos a voto de obediencia, regra ou estatuto, que importe a renuncia da liberdade individual (art. 70, 4º); 9º — os que allegarem motivo de crença religiosa, com o fim de se isentarem de qualquer onus que as leis da Republica imponham aos cidadãos (art. 72, paragrapho 29, 1ª parte); 10º — os que aceitarem condecorações ou titulos nobiliarchicos estrangeiros (art. 72, paragrapho 29, "in fine").

As incompatibilidades de exercicio geraes estão, assim, prefixadas na Constituição da Republica.

Art. 79 — O cidadão investido em funcções de qualquer dos tres poderes federaes não poderá exercer as de outro.

Art. 73 — Os cargos publicos civis ou militares são accessiveis a todos os brasileiros, observadas as condições de capacidade especial, que a lei estatuir, **sendo, porém, vedadas as accumulações remuneradas.**

As incompatibilidades eleitoraes particulares obedecem, na Constituição Federal, a estes preceitos, relativamente ao orgão legislativo:

Art. 26 — São condições de elegibilidade para o Congresso Nacional: 1ª — estar na posse dos direitos de cidadão brasileiro e ser alistavel como eleitor; 2ª — para a Camara ter mais de quatro annos de cidadão brasileiro, e para o Senado mais de seis. Esta disposição não comprehende os cidadãos a que se refere o n. 4 do art. 69.

Art. 27 — O Congresso declarará, em lei especial, os casos de incompatibilidade eleitoral.

Art. 30 — O Senado compõe-se de cidadãos elegiveis nos termos do art. 26, e maiores de 35 annos.

Art. 50 — Os ministros de Estado não poderão... ser eleitos... deputado ou senador.

Art. 51 — Paragrapho unico — O deputado ou senador que aceitar o cargo de ministro de Estado, perderá o mandato, e proceder-se-á, immediatamente, á nova eleição, **na qual não poderá ser votado.**

As incompatibilidades eleitoraes particulares obedecem, na Constituição da Republica, com referencia ao orgão executivo, a estas normas:

Art. 41 — Paragrapho 3º — São condições essenciaes para ser eleito presidente ou vice-presidente da Republica: 1º — ser brasileiro nato; 2º — estar no exercicio dos direitos politicos; 3º — ser maior de trinta e cinco annos.

Art. 43 — O presidente exercerá o cargo por quatro annos, não podendo ser reeleito para o periodo presidencial immediato.

Paragrapho 1º — O vice-presidente que exercer a presidencia no ultimo anno do periodo presidencial não poderá ser eleito presidente para o periodo seguinte.

Art. 47 — Paragrapho 4º — São inelegiveis para os cargos de presidente e vice-presidente os parentes consanguineos e affins, nos 1º e 2º gráos do presidente e vice-presidente que se achar em exercicio no mo-

mento da eleição, ou que o tenha deixado até seis mezes antes.

Art. 50 — Os ministros de Estado não poderão.. ser eleitos presidente e vice-presidente da União.

As incompatibilidades de exercicio particulares aos membros do orgão legislativo são assim previstas na Constituição Federal:

Art. 25 — O mandato legislativo é incompativel com o exercicio de qualquer outra funcção durante as sessões.

Art. 16 — Paragrapho 3° — Ninguem póde ser, ao mesmo tempo, deputado e senador.

Art. 23 — Nenhum membro do Congresso, desde que tenha sido eleito, poderá celebrar contractos com o Poder Executivo, nem delle receber commissões ou empregos remunerados, salvas as excepções dos respectivos paragraphos 1° e 2°.

Art. 24 — O deputado ou senador não póde, tambem, ser presidente, ou fazer parte de directorias de bancos, companhias ou empresas que gozem de favores do governo federal, definidos em lei.

Art. 50 — Paragrapho unico — O deputado ou senador que aceitar o cargo de ministro de Estado perderá o mandato...

As incompatibilidades particulares dos membros do orgão executivo estão assim estabelecidas na Constituição:

Art. 45 — O presidente e o vice-presidente da Republica não podem sair do territorio nacional sem permissão do Congresso, sob pena de perderem o cargo.

Art. 50 — Os ministros de Estado não poderão accumular o exercicio de outro cargo ou funcção publica...

•

A incompatibilidade para o exercicio de uma funcção publica não implica, fatalmente, a coexistencia, no mesmo individuo, de mais de uma, ou sequer a existencia anterior de uma funcção publica. Pelos artigos 23 e 24 da Constituição da Republica, não é preciso que o cidadão tenha uma só funcção publica para se tornar incompativel para o exercicio do mandato legislativo, de funcção electiva de senador ou deputado: basta que celebre contracto com o Poder Executivo ou seja presidente, ou faça parte de directoria de banco, companhia ou empresa que goze de favores do Governo Federal, definido em lei. Se, á data da eleição, o cidadão é presidente ou membro da directoria de banco, companhia ou empresa nessas condições, a sua incompatibilidade é eleitoral; se, porém, essas condições de cidadão se verificam após a eleição, a sua incompatibilidade será de investidura ou de exercicio na funcção electiva, se essa verificação precede ou succede á posse do cargo. Ha, pois, incompatibilidades de investidura em funcções, mesmo electivas, que não são incompatibilidades eleitoraes, ou, como se diz vulgarmente, inelegibilidades.

•

Diz-se, geralmente, que as incompatibilidades eleitoraes, ou inelegibilidades, uma vez verificadas, produzem effeitos fataes, independentemente da vontade do incompativel, que não póde optar entre a funcção que o tornou incompativel e aquella com que se tornou incompativel. E assim é. Mas não é de todo exacta a affirmação, a que se dá, ás vezes, curso, de que, nas incompatibilidades propriamente ditas, o incompativel tem sempre direito á opção entre as funcções incompativeis.

A situação dos incompativeis em relação á opção das funcções que, ephemeramente, possam accumular é regulada por lei. A lei determina que, no caso de incompatibilidade, ha logar, ou não, para opção. E' assim que, no caso dos artigos 23 e 24 da Constituição, o cidadão renuncia á funcção que o torna incompativel, para pleitear o mandato legislativo, ou se não a renuncia, opportunamente, não póde, depois de realizado o pleito, renuncial-a para referir-lhe a funcção legislativa. Não ha logar, nessa hypothese, para a opção, nesse momento, porque a opção só se póde verificar antecipadamente á eleição, pois, não realizada essa opção, a incompatibilidade ahi torna-se eleitoral, transforma-se em inelegibilidade.

Se, após uma eleição, em que um cidadão é suffragado e não é incompativel, é-lhe attribuida uma funcção incompativel, se elle a aceita, opta por ella e, "ipso facto", renuncia, tacitamente, quando o não faça expressamente, a que exercia.

•

A proposito de incompatibilidade do exercicio do mandato de deputado, o regimento interno da Camara prevê os casos em que ella se verifique pela co-existencia de dois, ou mais, mandatos (art. 12, b), ou pela sua co-existencia com qualquer outra funcção publica.

A co-existencia de mandatos é prevista no artigo 13 da lei interna da Camara:

"Quando um candidato fôr eleito e reconhecido por mais de um districto eleitoral, deverá optar por um dos mandatos, dentro em 48 horas, a contar do ultimo reconhecimento.

Paragrapho 1° — Se, por occasião de ser reconhecido por um districto eleitoral, o deputado já estiver empossado por outro, presumir-se-á optar pelo mandato de que houver tomado posse, se, no prazo deste artigo, não declarar o contrario.

Paragrapho 2° — Não estando ainda empossado e não optando, dentro em 48 horas, o candidato eleito e reconhecido por mais de um districto, presumir-se-á optar pela representação do districto em que houver alcançado maior numero de suffragio."

Quanto á incompatibilidade do artigo 25 da Constituição da Republica, o artigo 15 do regimento interno da Camara regula:

"O mandato legislativo é incompativel, durante as sessões do Congresso Nacional, com o exercicio de qualquer outra funcção publica.

Paragrapho 1° — O exercicio de qualquer funcção publica por um deputado, durante as sessões do Congresso, determinará a perda do mandato.

Paragrapho 2° — Não se comprehenderá na disposição deste artigo o desempenho de missões diplomaticas, ou de commissões, ou commandos militares, desde que houver precedido licença da Camara e, independentemente de tal licença, nos casos de guerra, ou naquelles em que a honra, ou a integridade, da nação se acharem empenhadas."

A seguir, dispõe o artigo 16 do regulamento interno da Camara dos Deputados:

"Quando o deputado incorrer em pena de perda do mandato, o presidente da Camara, "ex-officio", ou a requerimento de qualquer cidadão, dará conhecimento do facto ás Commissões de Poderes e de Constituição e Justiça, que, em reunião conjunta, dará parecer a respeito, no prazo de cinco dias.

Paragrapho 1° — Esse parecer será submettido á discussão unica e poderá ser emendado em suas conclusões.

Paragrapho 2° — Sempre que houver voto em separado, ou emenda, ás conclusões do parecer, o presidente da Camara, "ex-officio", ou a requerimento de qualquer deputado, consultará a Camara sobre a preferencia para a votação.

Paragrapho 3° — Resolvida, preliminarmente, a preferencia, a Camara pronunciar-se-á "de meritis" em votação nominal.

Paragrapho 4° — Decretada, pela Camara, a perda do mandato, o presidente declarará aberta a vaga para todos os effeitos legaes."

O prazo para o preenchimento de vagas provenientes de perda do mandato contar-se-á — pelo artigo 18, paragrapho 3° do citado regimento interno — da data em que esta fôr decretada pela Camara.

Ao cabo de um seculo de independencia sente-se que ha apenas habitantes no Brasil — Transformar estes habitantes em povo é o programma da ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO.

•

A LITERATURA FRANCEZA DE HOJE

Alguns aspectos do movimento moderno, segundo uma entrevista do sr. Paul Hazard, concedida á "Revista do Brasil"

O Sr. Paul Hazard, que, a convite do Instituto Franco-Brasileiro de Alta Cultura, realizou, aqui, uma série de conferencias, com exito sem precedentes, teve a amabilidade extrema de conceder á "Revista do Brasil" uma entrevista sobre o movimento literario moderno em França. Elle é professor do Collegio de França, mestre de conferencias da Sorbonne, director da "Revista de Literatura Comparada". Sua personalidade cita-se entre as mais notaveis do magisterio superior francez e a sua autoridade destaca-se entre os mais acatados e distinctos historiadores e criticos literarios contemporaneos de seu paiz.

— "O movimento literario contemporaneo, começou dizendo o Sr. Paul Hazard, não é mais uma duvida, é uma affirmação. Não se trata de uma literatura lutando para se impôr, trata-se de uma literatura que "pegou". Sobre isso não póde restar a minima duvida quando se vê o successo de autores como Giraudoux, cujo ultimo romance, "Bella", chegou, em pouco tempo, a cem milheiros; como Maurois, de cuja admiravel "Vida de Shelley", venderam-se 300.000 exemplares na França e 400.000 nos Estados Unidos. Eu não posso indicar numeros com precisão, mas a lista desses autores consagrados por tão numeroso publico seria já bem longa. Lembremos, ainda, o exito de Paul Morand, com "Ouvert la nuit" e "Fermé la nuit", e o de Louis Hémon, com "Maria Chapdeleine", que andava por perto de milhão quando deixei a França. O que, a meu ver, caracteriza esse movimento é a inquietação e a ansiedade observadas em torno de nós, desde ha cerca de 20 annos (e exasperada pela guerra), que se traduzem por uma ardente procura de novidades substanciaes. E' preciso comprehender esse appello do espirito dos moços. A literatura franceza de hoje parece exprimir, precisamente, essa necessidade. Ella é fascinante, não tendo pelas suas "réussites", por emquanto talvez incertas, quanto pelo que representa como tentativa para crear, verdadeiramente, um mundo novo. O que se póde notar de um modo geral nos escriptores modernos é um profundo desejo de renovação, que se estende desde a escolha dos assumptos até os processos, os rythmos e as imagens.

Os themas literarios são, agora, tirados de um manancial muito mais vasto. Tudo que antigamente era apenas objecto do interesse dos philosophos, dos scientistas, dos sociologos, mesmo dos politicos, serve hoje de motivo aos artistas novos. E tudo aquillo que outróra dava logar a dissertações, a theses, a ensaios destinados a um publico reduzido de especialistas, começou a ser explorado pelos escriptores de ficção. O exotismo dos romanticos e o de Loti revivem com uma modalidade nova na prosa e na poesia de Girandoux, Morand, Valery Larbaud, Cendrars e tantos outros. Concorreu, poderosamente, para enriquecer de themas inéditos a literatura franceza a influencia dos escriptores estrangeiros. Autores russos, inglezes, allemães, americanos, italianos e hespanhóes, principiaram a ser traduzidos e a despertar a curiosidade do grande publico. Generalizou-se o gosto pelos assumptos exoticos. No Collegio de França, a certo tempo, tive uma forte impressão do prestigio immenso de que hoje gosam, entre nós, alguns grandes nomes das letras estrangeiras. Foi quando Rudyard Kiplins recebeu o titulo de doutor "honoris-causa", por aquelle Instituto. Uma verdadeira multidão enchia o amphitheatro em que se realizava a ceremonia, e, emquanto se procedia á leitura do relatorio, justificando a honra conferida ao illustre escriptor inglez (na fórma do costume um pouco obsoleto), experimentei, talvez pela primeira vez em minha vida, a sensação nitida do que seja a "gloria". Realmente, cada vez que se ouvia o titulo de alguma das obras maravilhosas de Kipling, no decorrer da exposição mais ou menos fria feita pelo relator tradicional, o publico prorompia em acclamações enthusiasticas áquelle homem, que, com os seus oculos, o seu bigode hissurto e as suas sobrancelhas espessas, tomara logar na mesa universitaria. E, no momento em que elle se levantou para proferir o discurso de agradecimento, os applausos foram tantos e tão vehementes que o senti profundamente commovido, sob a sua apparencia um pouco bravia.

Por outro lado, a technica da prosa e da poesia se renova completamente. Alargaram-se os quadros da composição. O estylo fez-se mais directo, mais preciso. O rythmo se accelerou, nos romances vertiginosos, nos contos de desfecho brusco, nos poemas elipticos de hoje. A renovação mais completa, porém, se operou nas imagens; a impressão que se desprende destas é que nos dá idéa mais viva do que ha de differente e de caracteristico no movimento literario contemporaneo. Quando Paul Morand intitula um livro de contos de "Tendres Stocks", não experimentamos apenas a sensação da extravagancia da approximação ou da liga desses dois termos, mas temos, tambem, a revelação de que as idéas por elles expressas adquiriram uma significação e um valor diversos. As imagens modernas têm muito menos côr de literatura e muito mais força e sabor de vida. De resto, a sinceridade me parece um dos traços caracteristicos de arte contemporanea. Nem posso conceber que se deva tratar com desdem ou com dogmatica severidade as fantasias e os exaggeros de alguns "novos". Prefiro olhal-os com sympathia, attribuindo a uma certa "verdeur de jeunesse" tudo o que elles possam ter de exaggerado. Meu pezar é não possuir bastante tempo para seguil-os tanto quanto eu o desejaria.

Eu queria, com effeito, ser uma testemunha sympathica da literatura de meu tempo, pois estou persuadido de que a comprehensão profunda do presente é indispensavel a todos os que, como eu, se occupam com a historia das idéas. Foi isso mesmo, aliás, que tive occasião de dizer a Fréderic Lefevre, quando este veiu passar tambem "uma hora commigo".

— E quaes os mestres que, a seu ver, exercem ou exerceram influencia mais poderosa sobre a literatura moderna?

— "Paul Claudel enriqueceu a imaginação e a sensibilidade contemporaneas. Renunciando ao que se convencionou chamar o bom gosto e até á clareza, elle representa um esforço de sinceridade para attingir ás profundidades do sêr e não trahir a este, ainda que o recompondo e o ordenando. A obra desse vigoroso e enterneçido esculptor sobre madeira é, tambem, uma novidade na série de nossas imagens poeticas. E a sua influencia é das que se fazem sentir mais forte e profundamente sobre os escriptores modernos.

Outro mestre da literatura de hoje me parece ser Paul Valéry. Não conheço esforço de pensamento mais nobre e mais elevado que o seu, para desvendar um mundo novo. Ahi, no alto, a sua intelligencia se move com uma flexibilidade e uma riqueza infinitas. Depois da leitura da "Soirée avec M. Teste" ou da "Introduction á la méthode de Léonard de Vinci", tem-se a impressão de descobrir a possibilidade de uma vida espiritual insuspeitada. Não conheço, tão pouco, na hora presente, poesia mais po-

derosa, mais evocativa e mais musical do que a sua. Elle é o "poeta" no authentico sentido da palavra: creador de pensamento; creador de belleza.

Marcel Proust, talvez ainda mais que as duas grandes figuras citadas, contribuiu para enriquecer e desenvolver a literatura do presente, com a profundeza de suas pesquizas psychologicas e com a com-



O PROFESSOR PAUL HAZARD

plexidade ousada dos resultados que obteve. Proust parece esculpir com pontas de agulha. Elle acompanha as modificações psychologicas até os seus confins extremos. Ha, na marcha do seu pensamento, apparentemente confuso, qualquer coisa de implacavel. Elle deslumbra, em certos momentos, e faz medo, em outros. Estas duas impressões, provindo de uma só e unica razão, demonstram que elle attinge á propria verdade..."

— E Gide?

— A influencia deste é tambem vasta, mas me parece mais intellectual e moral, menos visivel na obra dos escriptores novos do que a dos tres anteriores. Em verdade, entre os autores modernos, ha espiritos tão poderosamente originaes que não têm importancia maior os traços das influencias que, porventura, se hajam exercido sobre elles. Homens como Valéry-Larbaud, Maritain, Maurois, Giraudoux, Morand, de Montherlant, representam muito mais do que o producto de qualquer influencia. Entre os

mais recentes, Georges Bernanos, o autor daquelle livro admiravel: "Sous le soleil de Satan..."

— E que acha dos "Surréalistes"?

— "Esse grupo é, sem duvida, dos mais profundamente interessantes das correntes modernas. A obra de Louis Aragon, de André Breton e alguns outros, tem achados surprehendentes e perturbadores. Tive occasião, não ha muito, de assistir a uma peça de theatro "Surréaliste", que me deixou a impressão violenta de qualquer coisa cruel. Esta, como as varias tendencias da literatura franceza contemporanea, renova, refresca e vivifica o nosso espirito.

Uma revista recente, dirigida por Pierre Morhange, revela outro aspecto profundo do pensamento contemporaneo. Trata-se de um pequeno grupo escolhido, com elementos de primeira ordem, mas ainda muito reduzido para exercer maior influencia. Elles se distinguem por um mysticismo particular e pela violencia de suas idéas politicas, que os tornam ás vezes desagradaveis. Entretanto, o que elles têm realizado dá para prever a importancia do logar que podem vir a occupar. Uma das "trouvailles" mais extraordinarias que tenho encontrado na literatura moderna é um trecho de Robert Honnert, apparecido em "Philosophies", a revista alludida. Ahi tive a surpresa do mundo prodigioso descoberto numa visão nova do corpo humano.

"Outra notavel figura desse grupo é Henri Lefévre, cujos ensaios metaphysicos me parecem dos mais profundos e originaes.

De qualquer maneira, apesar de suas incertezas, o movimento moderno tem, sem duvida, uma importancia tão consideravel quanto os grandes periodos da historia literaria franceza. Que elle venha a ser ephemero, pouco importa, pois os mais fecundos cyclos da literatura foram, egualmente, de pouca duração. O proprio "grande seculo" se dividiu em varios momentos nitidamente differenciados: Corneille e Racine marcam duas phases distinctas no classicismo."

A POLITICA INTERNA DA QUINZENA

Será possivel esperar uma perfeita unidade de vistas depois de 15 de novembro entre os srs. Bernardes e Washington Luis? O novo presidente manterá mesmo nas suas linhas geraes o programma do seu antecessor? Ha seis annos que se póde dizer que estes dois homens de governo marcham, se não sempre intimamente, pelo menos apparentemente identificados. O sr. Bernardes foi o candidato do sr. Washington á presidencia da Republica. E, numa hora difficil para a sorte daquelle, o então presidente de São Paulo, manteve a todo o transe a candidatura do presidente de Minas a successor do sr. Epitacio Pessoa. Por outro lado, o actual presidente da Republica, em momento tambem melindroso, para a candidatura do sr. Washington, sustentou-a, com todas as forças, até contra o seu proprio Estado e o chefe do executivo delle. E conseguiu impol-a.

Os srs. Washington e Bernardes, têm, pois, campanhas memoraveis, ganhas, um identificado com o outro, e ambos irmanados na defesa das justificaveis ambições reciprocas. Sem se conhecerem (ha tres annos é que pessoalmente se avistaram), todavia á distancia as respectivas mentalidades logo se interpenetraram, e de tal modo que constituiram os dois uma dessas alliança, a qual faz crer ao grande publico, ignorante dos bastidores da politica, que o consulado de um será o proseguimento do outro, por mais quatro annos.

Não fora o sr. Washington paulista e o sr. Bernardes mineiro, e o meio physico e social não fosse um terrivel differenciador psychologico das aptidões e inclinações humanas.

A mentalidade mineira é de tal forma differente da mentalidade paulista que os attrictos entre uma e outra são e serão sempre inevitaveis. São Paulo é hoje a maior força de projecção industrial do continente sul-americano. Minas é um Estado agricola e pastoril, por excellencia. O industrialismo de Juiz de Fóra e de Itajubá são casos á parte que a mentalidade mineira ainda não consegue bem assimilar. Para illustrar com um facto, um facto apenas o que venho de affirmar, basta adeantar que se o Brasil não tem ainda a grande siderurgia, os altos fornos alimentando de ferro a economia brasileira, exclusivamente devido á visão acanhada dos homens publicos de Minas Geraes. Discuti durante perto de dois annos, com o sr. Arthur Bernardes um contracto de siderurgia. Siderurgia, é preciso que se diga, de 150 mil toneladas minimas annuaes. Nunca consegui fazer o actual presidente comprehender toda a importancia do problema da metallurgia do ferro, para o futuro do Brasil. O dr. Bernardes sempre se bateu por uma siderurgia nacional, sem recursos para produzir em alta escala, e, conseguintemente, a um custo exageradissimo de unidade de producção. O sr. Antonio Carlos, antes de partir para a Europa, quando elaborava a sua plataforma de candidato á presidencia de Minas Geraes, declarou-me uma vez, com ar absolutamente tranquillo:

"A siderurgia é uma questão secundaria para o meu governo. Considero Minas um Estado agricola e pastoril. Estas as duas fontes de producção, ás quaes pretendo consagrar a minha attenção mais directa como chefe do executivo do meu Estado". E o sr. Antonio Carlos é um daquelles estadistas mineiros, que na phrase de Martinho de Campos, comem ostras...

Ha dois annos, estando em São Paulo, tive opportunidade de assistir a uma das campanhas jornalisticas mais interessantes que ainda vi travadas no Brasil. De um lado, se empenhava Mario Brant, através das columnas do "Minas Geraes" ou do "Diario de Minas", e do outro Brenno Ferraz e mais alguns pamphletarios paulistas, que das columnas da imprensa e da tribuna das associações agricolas esgrimiam contra o ponto de vista daquelle financista mineiro acerca da influencia do papel moeda sobre a economia nacional. O "Minas Geraes" ou o "Diario de Minas" (não estou bem lembrado) foram ás do cabo. As guerras civis são sempre muito mais ferozes que as guerras externas. A polemica entre paulistas e mineiros tomou o aspecto de uma pugna civil. Bello Horizonte bombardeava S. Paulo, que revidava com o fogo de uma fuzilaria ligeira mais cerrada. Em Bello Horizonte se accusava S. Paulo de explorar o trabalho mineiro. O trabalhador dos campos das alterosas era inculcado como dando o suor do seu rosto ao fazendeiro paulista por um salario vil. O paulista pedia o concurso de um "corpo consular mineiro", residindo em São Paulo, afim de examinar as condições do trabalho neste Estado e zelar pela sorte dos colonos mineiros nelle existentes. A disputa azedou-se, chegando os termos trocados aos adjectivos mais duros. No curso della uma coisa ficou patenteada — a inintelligencia reciproca e natural de Minas e S. Paulo. De resto, ambos são tão differentes, polarizam seu desenvolvimento na direcção de rumos tão oppostos que não são de admirar as difficuldades que encontram para o entendimento de parte a parte.

Aliás, o phenomeno paulista é inteiramente á parte no Brasil. São Paulo não se contentou apenas de ser um grande Estado agricola. São Paulo é a terra mais industrial do Brasil, e como Estado productor de industrias para o consumo interno e de café para o consumo externo, elle tem interesse em trabalhar a taxas de cambio não muito elevadas. O mineiro do que consome, produz relativamente pouco, e do que produz, a não ser o café, (tambem relativamente pouco) elle não exporta quasi nada. O seu interesse immediato, pois, está numa taxa de cambio muito elevada, precisamente porque a producção aduaneira lhe encarece o consumo de mercadorias que as industrias nacionaes produzem. Elle não se sentirá de forma alguma inclinado a proteger actividades industriaes, que não são ligadas ao seu solo.

Veja-se que o anti-proteccionismo tem sido encarnado no Brasil, por estadistas mineiros, como os srs. Antonio Carlos, Arthur Bernardes, ou por estadistas collocados num ambiente social identico ao de Mi-

s (isto é, meios exclusivamente consumidores) como sr. Bulhões, que é oriundo de Goyaz. Os grandes fensores da pauta aduaneira proteccionista são os mens publicos de S. Paulo.

O sr. Washington Luis, não póde escapar á fatali- de do meio social em que vive. E exactamente por- e não nasceu em S. Paulo vae procurar na pre- dencia dar arrhas de um paulistismo maior do que outros presidentes da Republica paulistas. O livre- mbismo do sr. Arthur Bernardes irá de agua abaixo, com o livre-cambismo, a sua preoccupação de le- ntar o cambio a taxas incompativeis com a existen- a da economia nacional. Só ahi que divergencia orme de orientação!

Além desses factores de differenciação cumpre ntar com o orgulho mal ferido nos seus mais intimos olhos do novo presidente.

O sr. Washington Luis tem passado, neste qua- ennio, por verdadeiras forcas caudinas. O presi- nte eleito poderá escrever, em 1930, as suas Me- orias. O capitulo consagrado aos acontecimentos que ecederam sua escolha deverá intitular-se "Quanto sta ser candidato". Para conseguir a indicação de n paulista á successão do sr. Bernardes, São Paulo ve de se submetter a actos humilhantes. Antes do conhecimento de poderes de 1924, o sr. Herculano Freitas disse com o ar fanfarrão do gaucho: "ras- r diploma de candidato eleito é o mesmo que bater rteiras. São Paulo apparecia depois de maio de 24 como batedor de carteira; rasgando diplomas Camara e no Senado, emprehendendo essa campa- a de flibusteiro, não por conta propria, mas de ceiros. Era depois da votação do caso do Estado do o, a primeira contribuição de guerra exigida para candidatura Washington. Veiu depois o resto, o golpe politica de redesconto do Banco do Brasil, a de- ção, e a reforma constitucional, que tudo S. Paulo obrigado a engulir sorridente. No primeiro anno jornada revisionista. S. Paulo fraqueou. Nos ar- aes da sua bancada na Camara lavrava a indigna- o por ter de apoiar, dentro do quadro das emendas Constituição, medidas que brigam com o interesse São Paulo. Por exemplo: as emendas ao art. 6 o Paulo durante o governo Hermes soube o preço uma tentativa de intervenção. O socego que elle mprou para a sua familia, foi uma mercadoria ca- .. Um energumeno teve o topete de armar uma ervenção federal em São Paulo, e de a ella attrair uns paulistas desnaturados, que pretenderam ser- de instrumento a esse designio machiavelico. La- ainda no temperamento paulista o terror da hy- hese da intervenção federal! Um projecto de re- ma da lei magna facilitando mais ainda os casos interferencia do poder central na economia Estados não poderia deixar de ser recebido n antipathia pela bancada de uma grande unidade zelosa da autonomia da sua terra, como São Paulo. Os paulistas encetaram na Camara a re- sistencia passiva. Organizaram uma parede branda, suave, mas que pareça irresistivel se o sr. Carlos de Campos não fosse despachado a toda pressa ao Rio para despedaçar a intransigencia dos paulistas. "O Paiz", orgão official do Cattete, focalizou bem a ameaça; ou nos dão a revisão votada, ou as combinações politicas tomadas se esboroam... Era uma intimidação directa aos paulistas, responsaveis mais do que os mineiros (o sr. Washington já estava escolhido) pela fidelidade da maioria parlamentar á causa revisionista.

São Paulo votou cabisbaixo a revisão. Por outro lado, o sr. Washington é o primeiro presidente cuja candidatura resultou, não de um entendimento de forças politicas, mas da vontade unipessoal do actual presidente da Republica. O dr. Bernardes occultou que tinha o nome do sr. Washington in petto até a ultima hora: os seus ministros Setembrino, Affonso Penna Junior, Felix Pacheco, Miguel Calmon nada sabiam dos seus compromissos já tomados com tal candidatura. Muitos embarcaram na não tormentosa do sr. Mello Vianna, ignorando, por inteiro, as disposições do senhor Bernardes quanto ao seu successor. O sr. Carvalho Britto, outro amigo pessoal do presidente, estava no mais candido alheiamento do que se passava. O sr. Washington estava escolhido e elle, como o sr. Calmon, o sr. Setembrino, o sr. Góes Calmon, desconheciam todo o trabalho feito em favor do sr. Washington.

Perguntar-se-á: — por que o sr. Bernardes consentiu que os seus melhores amigos se precipitassem assim no fogo vivo? Simplesmente porque elle preferia apparecer deante do sr. Washington como o sustentaculo inquebrantavel da sua candidatura; como o homem que remára sósinho contra a maré. E, entretanto, desse modo agindo, esquecia elle quanto diminuia a autoridade do sr. Washington, o qual se viu combatido do modo porque o foi, porque ninguem na roda do sr. Bernardes jámais o vio manifestar preferencia por tal candidatura.

O sr. Washington só teve a resistencia que encontrou no principio, porque toda a gente não acreditava na sua victoria. Tanto que no dia em que sosinho o sr. Bernardes o indicou, o meio politico, de cocoras como estava, fragorosamente o applaudiu e acceitou. Ao futuro presidente não poderá ter sorrido esse modo de escolha, que ao invés de lançal-o candidato das forças politicas organizadas do paiz, fel-o até ellas baixar como um protegido do Cattete, amparado pela benevola assistencia presidencial.

O orgulho do sr. Washington Luis não deve sentir-se envaidecido por essa formula original de indicação...

ASSIS CHATEAUBRIAND

O FASCISMO

I

Artigo recente da "Foreign Affairs" chama a at- ção dos paizes occidentaes para os factores trazi- ao meneio dos negocios internacionaes pelo adven- triumphal do fascismo na politica interna da Italia.

Sabe-se o alto valor moral e technico desse pe- lico. São seus mantenedores, trezentos dos mem- s do Concelho de negocios extrangeiros nos Esta- -Unidos. Não n'a inspira interesse partidario. E' ctiva, impessoal, e redigida por altos espiritos de petentes.

E' de facto, opportuno o aviso. Não exagera quem achar-se, neste aspecto da actividade da Consulta, a e grave interrogação para o desenvolvimento das ções pacificas mundiaes do grande reino medi- aneo.

Para os paizes de immigração, mais avulta o pro- na, pelas crescentes interdependencias oriundas do nde affluxo de italianos.

Quanto ao Brasil, a experiencia tem demonstrado os melhores collaboradores de nosso progresso da Europa: italianos, portuguezes, allemães, em neira linha; hespanhóes e slavos, logo depois.

Dos primeiros podemos dizer que já não constituem extrangeiros, para nós, taes a rapidez de assimilação e o concurso que nos trazem.

As admiraveis qualidades de labor, de poupança, de esforço por se elevarem, realisaram em sua patria originária o surto maravilhoso consequente á unificação de 1870, e de um manto de retalhos de ducados, principados e reinos quasi insignificantes, fizeram a grande potencia que, hoje, a casa de Saboia rége.

Si, em politica, se póde falar de um milagre latino, é esse, certamente, a creação da Italia moderna, forte materialmente, irradiante de intelligencia e de vida, com a fronte coroada de antigos louros, que soube e sabe mais uma vez tornar virentes. Compare-se a situação, já não digamos de hoje, mas das vesperas da Grande-Guerra, com a dos dias anteriores á acção combinada de Cavour, de Mazzini e da casa de Saboia, para sómente citar os nomes de mais destaque, e apreciar-se-á o caminho andado e a capacidade realisadora immanente naquelle povo admiravel.

Essas mesmas virtudes, civicas e sociaes, aqui tem exercido com a mesma intensidade influxo egual. Devemo-lhes, nas zonas onde se implantaram, uma acção

despertadora das energias proprias do elemento nacional, um tonus intensificador da vida local, uma como que revivescencia de fermentos a redobrarem o vulto e a força viva das manifestações da sua actividade de todo genero. Com sua collaboração, ampliou-se o horizonte nacional, e subiu de nivel nossa existencia collectiva.

Concorrem ainda, e poderosamente, para melhorar a constituição ethnica de nosso povo.

Pelos factores determinantes de nossa formação historica, a primeira tarefa que se impôz ao principe-regente d. João, recem-immigrado, mesmo sem que este a discernisse, foi a abolição da escravidão e de seus corollarios. Não erra quem fixa 1808 para data inicial da campanha por sustar a vinda dos contingentes africanos e por branquear a pigmentação média dos habitantes do Brasil.

Os immigrantes europeus foram elemento predominante desse processo de mescla racial, do qual derivamos. Pelo maior volume da corrente vinda da Italia, a esta cabe, e, provavelmente, caberá primasia no phenomeno. Face duplice tem a cooperação: substituir, té eliminar, o trabalhador negro ou mestiço pelo branco; cruzar este ultimo e os mestiços em grão vario de dosagem de sangue, mas principalmente com os de mais evoluida aryanisação (adoptemos por amor á brevidade o termo inexacto e improprio).

De anno para anno, por esta fórma, se accentúa o alvejamento, e, hoje em dia, podemos assegurar que dentro em praso curto, pelo augmento do factor caucasico e pela inexistencia de immigrações pretas, a população do Brasil será branca em sua esmagadora maioria. O problema negro terá desapparecido como até agora tem sido solvido: por absorpção. Delle não decorrerão as graves incognitas, existentes em paizes outros, e, racialmente, não restarão perturbações maiores do que as vigentes na Europa, oriundas das caracteristicas negroides de algumas de suas primitivas raças prehistoricas.

Neste grande processo ethnico , repetimos, os europeus têm papel principal, e, entre elles, os filhos da peninsula.

A seu turno, estes sentem e reconhecem a evolução para niveis mais altos que decorre de sua vinda á America. Cessou para elles a situação de angustia economica em que viviam. Elevou-se immensamente seu padrão de existencia. Socialmente, pela instrucção, pelo conforto, pelo horizonte mais largo que dominam, cresceu-lhes o valor humano. Tornaram-se excellentes brasileiros, collaboradores conscientes, enthusiasticos e preciosos, da ascensão progressiva da nova patria.

O poder assimilador da terra conquistou-os. Sempre affectuosamente lembrados de sua origem, estão hoje de preferencia ligados a seu novo "home". Talvez em nenhum extrangeiro, nem mesmo no portuguez, se dê tão rapida a integração na terra adoptiva.

A segunda geração, essa, exagera a nota e chega ao jacobinismo. Não ha cidadão mais ardente, leal e patriota do que o italo-brasileiro, que allia ao amor pelo novo torrão, o saudoso affecto e a gratidão real á origem peninsular, cujas solidas e antigas virtudes e qualidades procura firmar e desenvolver na joven America. Sem sombra de nostalgia, antes com a energia alerta e sadia de uma força psychica, cultúa o passado, mas está indissoluvelmente ligado ao presente. Basta examinar o irrepressivel crescimento das relações de todo genero entre os dous paizes, para o provar de modo irretorquivel.

E' o que explica o duplice sentimento com que os factos politicos recentes foram recebidos: satisfacção e orgulho por tudo quanto engrandece a longinqua terra avoenga; mas satisfacção que salienta a um tempo a affinidade racial e o alheiamento nacional. E' a alegria pela felicidade de outrem, ou o compartilhar de dôres do parente afastado; mas inflexivelmente mantida a separação das economias de cada grupo.

Dahi, a agitação méramente epidermica produzida pela victoria fascista. Ao contrário do que se dá na bacia do Mediterraneo, reboante até hoje das grandes recordações latinas, o desejado **mare nostrum** de sonhadores excessivos a relembrarem a thalassocracia italica successora de Carthago e a **augusta pax romana**, nos meios americanos não encontra écho a velha tradição.

Fasces, lictores, saudação de braço estendido e mão espalmada, suggerem e commovem litterariamente, como reconstituição de um periodo sepultado que se intente exhumar. Póde ser, o que ignoramos, realidade viva na Europa. Aquém-Atlantico, a emoção é outra: a de uma visita a sanctuarios desertos; o anachronismo agudo de tentar restituir a Leptis Magna, por exemplo, o bulicio e a vida dos tempos de Septimio Severo.

Ante o muro veneravel de Orange, das arenas de Arles, do Colosseum inegualavel, representa-se a tragedia antiga; mas irreprimivel é a sensação de que o tempo não regrediu, e que o passado, piedosamente evocado, embora, e sumptuosamente reconstituido, passado fica.

Em momentos fugidios, **Prometheu agrilhoado**, **Electra**, as **Troyanas**, revivem a existencia artificial dos palcos. Não voltam, porém, as épochas de Eschylo, de Sophocles e de Euripides.

A tradição, por certo, é força formidavel, de conservação e de progresso, a um tempo. Mas cumpre distinguir entre o que, nella, é permanente e vale, por assim dizer, pelos imperativos subconscientes do grupo historico, e o elemento caduco, variavel com o tempo e as phases sociaes.

Nivelar os dous conceitos, leva a situações em que só o equivoco impera.

Imitar méros gestos dos primordios da éra christã não emprestará força nem capacidade realisadora aos descendentes de Roma. Quando muito, o traço pittoresco agradará ao senso esthetico de alguns eruditos ou inspirará o clangor das fórmulas ôcas, tão do gosto de multidões sentimentaes e saturadas de antigas visões de grandeza. Isto, entretanto, será sempre vasio e innocuo. Discutivel, mesmo, nos dias que correm, á luz das novas investigações historicas, tal imperialismo systematico e originário: mais do que intencional, talvez se possa consideral-o consequencia da defesa propria e do chamamento de povos outros, esmagados por tyrannias locaes.

Questões de tempo e espaço, em que a superioridade das legiões, a rêde de viação romana, o admiravel senso de organisação, e, para a épocha, a excellente administração provincial do Imperio, militavam em favor dos vencedores da Hellade portentosa. Indo assim, encontraram Parthas e Germanos, cuja vontade, a serviço do meio hostil aos forasteiros, logrou repellir aos invasores.

Nos dias actuaes, porém, em que os recursos nacionaes não differem senão quantitativamente, e os accôrdos entre povos fortalecem os menos fortes, uma orientação systematicamente conquistadora levaria em direitura ao desastre o paiz que a quizesse seguir.

Não é essa, por outro lado, a caracteristica essencial da psyche romana. A organisação, o espirito claro e fecundo, a tolerancia, a actividade intellectual e o pendor administrativo preciso e justo, a subtileza do engenho politico, são os elementos da irradiação, de pura aureola espiritual, que sagraram eterna a cidade das sete collinas. Esse, o predominio ethico e de intelligencia que, combinado com o ideal hellenico de belleza, faz com que se ufanem todos os povos occidentaes de lhe ter obedecido á luminosa projecção.

Particularisando o caso brasileiro, não somos, através a mentalidade franceza, herdeiros tambem da cultura grego-latina?

Agitar accessorios theatraes dos fastos consulares só servirá para impressionar massas e imaginações. As multidões são conduzidas por sonoridades e por ficções com que chefes privilegiados e suggestionadores sabem bem dominar e ferir a emotividade collectiva.

Não nos illudamos, entretanto. Tal scenographia não passa de fachada, atraz da qual se trava a acção verdadeira. Mas qual será esta?

Quatro grupos de phenomenos lhe servem de base. Uns, vindos de tempos remotos, quasi contemporaneos da **Roma quadrata**. Outros, mais recentes.

Enumeremo-los, antes de lhes estudarmos o influxo.

E' o primeiro a pobreza da Italia, como producções e riquezas mineraes, deficiencia que torna dependente do extrangeiro o manter sua população, rapida-

ente crescente. Era a **res frumentaria** a preoccupação capital do antigo Lacio e, depois, do Imperio; ibutos pagos em trigo, conquistas das terras cereaferas, a **annona**, os cargos repartidores da mesma, aduzem a difficuldade permanente da alimentação as populações. Hoje, não mais possivel tal politica e illimitado imperialismo, o aspecto da questão mudou: é o anseio por possuir colonias, que sustentem a etropole e lhe absorvam os excessos de gente.

O segundo é a interrupção havida no grande momento nacional do **risorgimento**, parada pela qual não poude integrar a unificação italiana, mantido esde 1870 o grave problema do **irredentismo**, essenalmente justo em sua origem.

Constituiu o terceiro a ameaçadora situação dos piritos após os tratados consecutivos á paz de Verlhes, feridos e maguados os sentimentos da peninsula elas desillusões soffridas, e por obscura e confusa pção de que fôra victima de grandes injustiças, desnsiderações e ingratidões.

Finalmente, no ultimo factor encontramos o reexo da crise geral vigente na Europa e alhures, decorrente da fallencia parlamentarista e do perigo bolevista.

Examinemos agora como agiram taes parcellas, ser isoladas, quer em conjuncto.

Vem de longe o impulso inicial.

Quando, após a guerra de 1870, foi elaborado tratado de Frankfort, Bismark, vencido pelo grande estado-maior prussiano, incluiu a clausula annendo a Alsacia-Lorena, estipulação que repugnava á a clarividente intelligencia de estadista de escól.

Essa, a causa de todos os males subsequentes.

Espirito pratico, acima de tudo, por ella conformou sua acção. Vendo a rapidez assombrosa com que França convalescia de seus desastres, antecipando gamentos da indemnisação de cinco bilhões, comehendeu o desassocego dos meios militares germacos. Não podia impedir as consequencias da malavida annexação, o forte desenvolvimento do animo vanchard; mas estava em suas mãos anniquilar o iz tão cedo resurgido: dahi, a projectada guerra de magamento francez em 1875, a qual só se não levou cabo pela intervenção pessoal da rainha Victoria e tsar Alexandre II. Inglaterra e Russia, arrependas de sua attitude abstencionista na guerra francoemã, e comprehendendo o erro então commettido, tavam accôrdes em que uma França forte e prestiosa era elemento essencial para o equilibrio europeu.

Falha a tentativa premeditada, recorreu o chanller de ferro a outro processo: afastar do continente ra regiões mais longinquas a actividade politica da ande vencida. Suggeriu, afagou, animou, prometteu xiliar a expansão colonial, que novamente se deseava.

Com isso, colhia numerosas vantagens: lisonjeava, espirito de **panache** de uma nação briosa, ainda milhada pela derrota; canalisava actividades belas para pontos distantes do Rheno; collaborador ontestavel de reaes aspirações gaulezas, lançava o iz no cipoal das aventuras coloniaes e das rivalides dos demais pretendentes a territorios africanos asiaticos; entre todos os governos colonisadores, neava assim germens de sizania com a França. Presido homenagem a esta, e a seu valor, desviava-lhe olhos da fronteira hypersensivel de 1871; enfraecia-lhe, em páramos remotos e empresas aleatos, os recursos em homens e em capitaes; suscitava-, na propria Europa, adversarios terriveis.

O exito da expansão franceza, a cujo renascimento sidiu indirectamente o grande **junker**, talvez não ivesse nem na sua previsão, nem nos seus desejos. uco o incommodaria, comtudo, pois só em fins de longa carreira começou a comprehender o alcance midavel da éra que se abria, e dos impulsos que ia favoneado.

E assim se deu, em 1881, a occupação de Tunis. Sabia perfeitamente o velho couraceiro branco a ta indignada e a hostilidade intransigente que tal to ia provocar, na Italia, a viver a tradição romana guerras punicas, da Africa latina, precisamente se ponto onde maiores haviam sido suas victorias uas glorias.

Esta era, entretanto, uma de suas melhores peças no xadrez internacional: incompatibilisava duas nações do mesmo sangue, nas quaes a lembrança da campanha unificadora poderia crear liames mais fortes: matava no nascedouro approximações possiveis, e de uma amiga fazia odiento adversario; isolava a França cada vez mais.

Era este seu modo de servir a civilisação: ou melhor, de tornar a Allemanha arbitro da hora, senhora tambem da paz ou da guerra no Velho Mundo.

Houve mais, comtudo. O protectorado francez em Tunis lançou a Italia nos braços da Germania, inimiga da Terceira Republica, e fel-a adherir á alliança austro-allemã, existente desde outubro de 1879. O tratado do Bardo é de maio de 1881; a adhesão italiana e a formação da Triplice-Alliança, de maio de 1882.

Por esse tempo, para acirrar conflictos entre a França e Italia, grandemente contribuia a actividade indiscreta e mal orientada do episcopado francez, a exceder-se em invectivas. Já em janeiro de 1874, o duque Decazes fôra obrigado a pedir excusas á Allemanha pela intemperança de linguagem com que certos bispos se referiam ao Kulturkampf. Quanto ao novo reino mediterraneo, os ataques eram constantes, no sentido de provocar a França a restabelecer o poder temporal da Santa-Sé.

Tunis e a campanha religiosa cooperaram decisivamente para a fundação da Triplice.

Embora essencialmente defensivo e realmente pacifico em seus intuitos geraes, cada potencia signataria desse pacto tinha sua interpretação peculiar. Para a Allemanha, era consolidar as conquistas de 1866 e de 1870, impedindo se formasse qualquer grupamento politico que pudesse pôr em perigo os fructos da victoria allemã. Para a Austria, era arma contra o slavismo, quer o da Russia, o da propria monarchia dual ou o dos Balkans. Para a Italia, constituia revide aos assaltos do ultramontanismo francez, e á conquista do littoral africano.

Não acudiu desde logo, ou então se julgou addiavel ante a premencia da investida gauleza, a funda antinomia existente entre a alliança com a Austria e o irrepressivel sentimento nacional pelas terras escravisadas do fundo do Adriatico e do Trentino, captivas dos antigos e detestados senhores de Vienna.

E' um dos maiores titulos de gloria e de respeito da diplomacia republicana franceza ter conseguido, a poder de habilidade, largueza de espirito e visão politica, modificar a situação por fórma tal, que a intimidade dos dous paizes chegou a despertar fundas suspeitas nos outros membros da Triplice, principalmente na Ballplatz.

Data a reacção da presidencia Grévy e do ministerio Jules Ferry, ambos partidarios convencidos da pacificação dos espiritos. Data, ainda mais, do grande papa Leão XIII, o qual, mantendo integra a grande herança tradicional da Sé Apostolica, ordenou ao clero francez cessasse suas aggressões contra o governo estabelecido. Fez-se obedecer. Na paz interna, livre de ameaças a soberanias extrangeiras, poude a França republicana iniciar sua obra de approximação.

Em livro recente, Jules Cambon salienta quanto valeram para esse fim os diplomatas enviados a Roma. Camille Barrére, entre outros, foi o grande obreiro dessa reconstrucção do prestigio de sua patria na Cidade Eterna.

Foi recompensada sua operosidade indefessa. Após alguns annos, já sabia o Quai d'Orsay que a Consulta não mais considerava principio basilar de sua politica externa o odio e a desconfiança contra tudo quanto viesse de Paris. O tratado commercial de 1898, o de amizade de 1900, a visita do presidente Loubet a Roma, as affirmações officiaes da impossibilidade de serem inimigas e contrapostas as duas nações, são etapas successivas dessa rôta apaziguadora.

Ante o "flirt", mesmo, que se estabeleceu entre os dous povos, observações reservadas iam de Vienna a Berlim, e, nesta cidade, échoavam no Reichstag, sobre os exageros de tal intimidade. O principe de Bulow, então chanceller, sahiu-se da difficuldade com um dito de espirito: "um marido bem educado não deve formalisar-se, si sua mulher dá **un tour de valse** com um convidado".

E' que sabia do feitio especial da diplomacia italiana, de seu pronunciado pendor pelas **combinazioni** elegantes, de seu desejo de relativa autonomia dentro

no quadro pacifico e defensivo da Alliança. Sabia tambem que, si a Italia tinha cordialidade e confiança nas suas relações com a Wilhelmstrasse, não era inteiramente similar a situação para com a monarchia de Francisco José.

O que não impediu, aliás, que, sendo a Austria, em Algeciras, o **brillant second** do imperio allemão, a Italia, sem faltar a seus deveres de alliada, poude prestar á Europa o relevante serviço de discretamente attenuar asperezas, contornar difficuldades e facilitar o accôrdo final, mesmo quando tivesse de contrariar vistas de Berlim.

Relembrar taes factos é mostrar que, na Triplice, as posições dos signatarios tinham caracteristicas proprias. Berlim predominava, attendendo por vezes ás suggestões de Vienna. Por amor á collaboração austriaca, a Allemanha mais de uma feita pôz Roma em cheque; ou, por deliberação de ambos os Imperios, a Italia não era ouvida. Compensação natural, assumia esta uma posição mais livre, menos agrilhoada dentro no pacto, que ella interpretava mais liberalmente.

(Continúa)

CALOGERAS

CORRESPONDENCIA DE EÇA DE QUEIROZ

Eça de Queiroz, o fino e inconfundivel homem de letras lusitano, além de artista eximio era um perfeitot gentleman *e um coração affectuoso. Parte da sua longa* Correspondencia *com amigos já foi recentemente publicada (Chardron, Porto, 1925). A divulgação desse epistolario intimo alli a justifica, em notas de prefacio, o filho (José Maria) herdeiro do nome e da vocação paterna: — serve para melhor comprehender o escriptor e as suas idéas, para apreciar o homem e as suas virtudes moraes. Assim pensava o creador de Fradique Mendes...*

Para essa contribuição da amizade, no Brasil, devem concorrer algumas cartas. Onde estarão, por exemplo, as enviadas a Eduardo Prado e Ferreira de Araujo, que ainda não appareceram? As remettidas a Domicio da Gama surgem agora.

Este o conheceu primeiro em Paris, quando, correspondente de jornaes cariocas, timido e discreto, "debutava" na diplomacia e nas letras. Queiroz era já alli, consul geral, desde 1888, *— residindo ha alguns annos no pittoresco recanto de Neuilly, onde fundou a* Revista de Portugal *e de onde collaborava na imprensa portugueza e nossa, inclusive na* Gazeta de Noticias, *ao tempo de Ferreira de Araujo.*

A curiosidade desculpavel que leva ás vezes a devassar a intimidade dos grandes escriptores, como a procura de um romance saboroso, porque "vivido", na existencia desse forte ironista, através das suas cartas, esbarra com uma figura polida e carinhosa, cuja maneira literaria ahi, num estylo tão pessoal, a marcar originalmente os factos, ascende do desdem e do sarcasmo para a ternura simples e bondade commovida. Não existe quasi nada do moço rebelde e irreverente, mas muito do creador de S. Frei Gil.

A correspondencia que agora offerecemos ao publico, accentuando as nobres preoccupações do artista incomparavel, em fraternal contacto com um alto e delicado espirito brasileiro, devemol-a ao obsequio do sr. Jorge de Alencar, filho de Mario de Alencar, a cujo precioso archivo desde a morte de Domicio da Gama, fizéra a viuva do saudoso diplomata recolher esse legado inestimavel.

16, Rue de Berri

Meu caro Sr. Domicio

Telegraphei-lhe hoje para a Avenue Bosquet n. 2 — e o Pina acaba de me dizer que o numero da sua casa é 58. O meu telegramma era o pedir-lhe perdão de o ter convidado para amanhã domingo, sem me lembrar que eu mesmo fôra convidado nesse dia a jantar com um amigo. Teriamos pois o maior prazer se nos quizesse dar a honra de sua presença na segunda-feira. Uma vez mais perdôe esta alteração a que me força o facto de eu ter já ha quasi quinze dias aceitado convite para amanhã.

Creia-me sempre

seu mto. dedicado

(a.) **Queiroz**

Paris, 8 outubro 1891

Meu caro Domicio

O nosso bom Ferreira d'Araujo escreveu-me, com effeito, communicando a approvação plena da **Gazeta**; mas como me deu apenas por adresse "Anvers", toda a Anvers, eu não suppondo que elle seja já tão conhecido n'essa vaga Anvers como Rubens, não lhe mandei logo uma resposta directa, que provavelmente ficaria encalhada no Correio. Tratei porém desde logo da organisação do Supplemento: assignei jornaes; procurei bureau; estudei mobilia; sondei traductor. A maior difficuldade tem sido o **bureau**, que não consigo descortinar, num sitio central, accessivel e por preços humanos. Supponho que, querendo Deus, poderemos lançar para o fim deste mez o primeiro Supplemento — que, depois de reflexão, está arranjado num principio differente, mais interessante e literario.

Gaspar da Silva ainda não surgiu do vago. Não estou todavia embaraçado como o amigo diz, com outro a critica. Uma noticia, outro commenta. E com **uma duplicata**. A **Mala** e o **Supplemento**, são duas coisas radicalmente differentes: uma é a informação, outra a critica. Uma noticia, outro commenta. E com a nova organisação não ha mesmo ponto de contacto entre as suas secções. Todavia, nada prova que o Gaspar da Silva queira os meus serviços.

força o facto de eu ter já ha quasi quinze dias aceitado

A descripção que o amigo faz do Prado, azafamado, correndo escriptorios, suando aspero suor da caça ao Milhão, faz-me pena, faz-me saudades do antigo Prado, do Prado do anno passado, quando elle pamphletava o Governo Provisorio, se occupava de livros e de idéas geraes. E ia á noite para a rue Creveaux, através da philosophica e germanica cerveja, reformar os systemas do Universo. Seria pena, grande pena, que o Prado, aliás tão bem dotado, se convertesse num vulgar **homme d'affaires**. A lucta pelo dinheiro é santa — por que é, no fundo, a lucta pela liberdade: — mais até a uma certa somma. Passada ella — é a tristonha e baixa gula do ouro.

Diga-me quando vem — e creia-me com grande estima,

seu dedicado

(a.) **Eça de Queiroz**

Rocio, 26

Lisboa, 20 abril 1892

Meu caro Domicio

Esta é só para lhe mandar um bom abraço, e pedir noticias da **Gazeta**. Batalha escreveu, mas menciona seccamente os artigos que enviou para o Rio, sem prodigalidade de detalhes sobre a marcha da nossa obra. Eu cá mando, como convencionamos, a prosa do Barbosa, revista, e a minha. Mas ainda até hoje não recebi os artigos que Barbosa me devia ter remettido sabbado passado. Peço vigie esse nosso bom trabalhador.

Não sei se Ferreira d'Araujo recebeu uma carta que lhe deixei ao partir de Paris, por não ter tido tempo de lhe ir dar um abraço. Dê-lhe o meu recado.

Escreva — e para si um affectuoso abraço do

seu mto. dedicado

(a.) **Eça de Queiroz**

Neuilly — Domingo

Meu caro Domicio

Estava esperando o prazer de o ter hoje a jantar — e depois cavaqueira. Mas ha toda a sorte de complicações. Bebert doente, com uma bronchite, graças a Deus, leve; e a Emilia toda occupada com elle. Por outro lado Maria e Zezé convidados por amigos portuguezes a ir ver a Magica do **Chatelet**, e eu, na falta da Emilia, tendo de os acompanhar, as sete horas! De sorte que ha forçosamente necessidade de deixar para outro dia o prazer de o ter a jantar — por que seria barbaro desappontar os pequenos, que estão enthusiasmados com a esperança de sua noite de theatro.

Até outro dia, pois, logo que tudo entre na doce rotina monotona.

Creia-me,

seu dedicado

(a.) **Eça de Queiroz**

Caro amigo.

Cá o esperamos com muito prazer amanhã.

Estimo que o Araujo tivesse affeiçoado a idéa — é com effeito boa. Eu procurei-o mas sem o encontrar. Espero querendo Deus achal-o amanhã para conversar sobre o caso.

seu mto. dedicado

(a.) **Queiroz**

Domingo

Meu querido Domicio.

Venho agora de bater á sua campainha, mas ninguem abriu.

Havia dentro um cãosinho que rosnou amavelmente — esse tambem não abriu. Por isso, e attenta urgencia, escrevo concisamente o caso sobre que desejo conversar.

Ia eu recorrer ao seu conhecimento superior de Paris, de gente em Paris, de **ways and means** de Paris: — porque eu realmente sou como o estrangeiro que acaba de chegar ao hotel! Assim, agora, succede que eu necessito arranjar em dois ou tres dias uma somma de dinheiro, de entre dois mil e tres mil francos. Mas eu só conheço e convivo com patricios pobres (e é esse mesmo o segredo de eu estar assim procurando dinheiro): e... para além deste circulo, ignoro os homens, os meios, os caminhos, através dos quaes se póde arranjar uma somma limitada como esta, não tendo propriedades a hypothecar. Vejo annuncios nos jornaes, mas supponho que são de horrificar agiotas...

Emfim não sei. E lembrei-me que o Domicio, conhecendo infinitamente melhor o seu Paris, tendo um muitissimo mais largo circulo d'amigos, e não sendo alheio **helas!** tambem ás necessidades de dinheiro, me saberia dar uma indicação util, ou por no bom caminho, ou mesmo conhecer quem adiantasse essa somma, a juros razoaveis, por um mez ou mez e meio, a um homem "très solvable et très honnete". Era sobre isto que ia conversar. Receiando não o encontrar amanhã cedo, escrevo. De resto, que o caso lhe seja apresentavel por conversa ou por carta, sei que o meu caro Domicio se interessará, e que lhe dará um momento de attenção.

Eu espero estar no consulado ahi pelas tres horas. Mas se o não vir, volto a bater á sua campainha.

De

(a.) **Queiroz**

REVISTA MODERNA — Paris — 48, Rue de Laborde

Meu caro Domicio

Recebo o seu bilhete. Nós, se Deus quizer, ficamos em casa, como de costume, com o modesto candieiro sobre a mesa modesta. Ora se lá apparecerão portuguezes illustres ou obscuros, isso é que não sei. Mas em que diabo pode isso alterar a sua amavel resolução? Netos de Reis Godos ou filhos das tristes servas, como diz a cantiga, Portuguezes são boa gente e não mordem. O que posso affiançar, para tranquillizar a sua **timidez** é que infelizmente não teremos lá o Papá Hugo, nem Affonso d'Albuquerque, nem Julio Cesar!

Abraços do

(a.) **Queiroz**

6 Abril 1897

Meu caro amig.

Disse-me ha dias, se bem me lembra, que talvez o **Rio Branco** desejasse uma mestra, a que eu commendei ao Botelho, para ensinar portuguez ás filhas. Se o meu amigo se quizesse informar d'isso, com mais detalhe, e dar-me uma resposta, faria um bom serviço á senhora por quem me interesso.

Creia-me

seu dedicado

(a.) **Queiroz**

Neuilly — 10 septembro 1898

Meu caro Domicio

E' o sr. Antonio Ribeiro meu compatriota e um pintor distincto, que lhe leva esta carta. Elle tencionava partir para o Brasil no paquete de hontem, com

o Eduardo, com quem, através de mim, fizera já um começo de relações agradaveis. Mas agora decidio embarcar em Lisboa, no paquete de 15. Por esse paquete vae, creio eu, o nosso amigo Elias Chaves. Ora o sr. Ribeiro não só desejaria desde logo, a bordo, ter a honra de apresentar os seus respeitos á familia do nosso amigo, — mas, como elle vae para S. Paulo, e para trabalhar, teria tambem todo o interesse em receber lá a benevolencia, e mesmo um pouco de protecção d'homem tão valloso como o Chaves. Muito lhe agradeceria eu pois, caro Domicio, se, do modo que julgar melhor, apresentasse e recommendasse ao Chaves o sr. Antonio Ribeiro.

Em qualquer caso, por todo o bom acolhimento que lhe fizer, ou carta que lhe queira dar para o Rio ou S. Paulo, lhe ficará grato o seu amigo

Mto. dedicado

(a.) **Eça de Queiroz**

35 Rue de Berri

Paris, 22 julho de 1889

Meu caro Domicio

Muito me obsequiará mandando-me a lista dos seus amigos do Brasil, que por intervenção sua, se promptificaram a escrever na Revista. Supponho que os posso inscrever e publicar na lista geral dos collaboradores.

Essa lista desejo-a publicar no proximo numero.

seu mto. dedicado

(a.) **Eça de Queiroz**

Forest par Chaumes — Seine et Marne

26 septembro 1899

Querido Domicio

A irregularidade da minha vida epistolar provem de que eu **penso** sempre as minhas cartas antes de as escrever. E como as penso inteiras, acabadas, desde a data até ao **seu D. G.**, fico com a illusão phisica de que as escrevi, as sobrescriptei, as estampilhei. D'ahi certo espanto quando os amigos se queixam de meu silencio, da minha negligencia — por que eu, pelo pensamento (e só o pensamento é uma realidade), sou, na minha correspondencia, tão activo como Cicero, quasi como a Sevignè.

Hoje, porém, á cautella, escrevo antes de pensar, por que tambem eu sinto saudades suas, e desejo de conversar.

Não sei se o endereço em cima o surprehenderá — ou se já conhecia que, como o reumathismo da Maria nos não consente a visinhança do querido Mar, tivemos de villegiaturar nos campos. Aqui calhámos por um annuncio de jornal. Forêst é uma aldeia tão humilde que nem tem padeiro. São cinco ou seis casas cinzentas, numa collina cultivada. Em torno outras collinas, d'ondulações muito suaves, com os campos já ceifados e as verêdas altas ao sol. Aqui e além uma mancha escura d'arvoredo ou matta. Estradas muito brancas fugindo entre os choupos. No valle mais fundo, tambem entre a sua fila de choupos, um riosinho meio secco e meio afogado em nenuphares. **Voila Forêst.** Tudo isto muito claro, muito arranjado e muito mediano... Emfim, a França.

A nossa existencia é tão simples e regular como a sua em Berne.

O ar é bom, os pequenos correm. A Emilia, essa, tentou logo nos primeiros dias a bycicletta, ferio um pé, teimou por pura teima em não consultar o medico de Chammez (por lembrar Mr. Bovary!) e tem passado as suas ferias d'aldea, n'um sophá a lêr os jornaes de Paris. Commigo foi outra aventura. Ha aqui indignamente, uns animalculos microscopicos, que penetram na pelle, e produzem uma irritação abominavel — que é uma doença. A minha chegada foi para estes animaesinhos motivo de grande alvorôço e actividade. Cahiram sobre mim, apesar de tão magro, como sobre uma preza appetitosa, **um morceau de Reine.** E em tão doloroso estado me puzeram que tive de fugir para Paris, com elles, a consultar medicos. Em Paris, n'uma civilisação mais incogenere, e provida de banhos temerosos, os bichinhos morreram. Voltei a Forêst, confiado. Descancei n'essa tarde durante um momento n'um banco da horta, sob uma faia bucolica. E, passada uma hora, estava de novo invadido por uma horda terrivel, que de certo me esperava com impaciencia. Taes são as delicias do campo. Em compensação ha aqui um velho pôço d'onde se tira, com um velho balde, uma agoa muito leve, muito fina, muito fria, que brota de grandes profundidades calcarias, e que tem exercido sobre a minha pobre tripa uma influencia benefica. E é com saudades que me separo do velho pôço de Forêst. Essa separação é em breve — talvez sabbado ou domingo. As ferias dos pequenos findam, e o outomno já anda por entre o arvoredo.

Tambem eu senti grande tristeza com a indecente condemnação do Dreyfus. Sobretudo talvez por que, com ella, morreram os ultimos restos, ainda teimosos, do meu velho amor latino pela França. Os suissos, querido Domicio, não se enganam generalisando — e attribuindo o julgamento de Rennes "a propria essecia do espirito nacional" Quatro quintos da França desejaram, applaudiram a sentença. A França nunca foi, a realidade, uma exaltada de justiça, nem mesmo uma amiga dos opprimidos. Esses sentimentos d'alto Humanismo pertenceram sempre e unicamente a uma elite que os tinha, parte por espirito juridico, parte por um fundo inconsciente de idealismo evangelico. Não nego que, ahi por 1848, essa elite conseguiu propagar o seu sentimento na larga burguesia, sensibilisada e amollecida desde 1830 pela educação Romantica. Mas logo com o Imperio a França se recuperou, regressou á sua **natureza natural**, e recomeçou a ser como sempre, a Nação videira, formigueira, egoista, secca, cupida. Devia talvez accrescentar **cruel** — por que de facto todas as grandes crueldades da Historia Moderna, desde a guerra dos Albigences até ás matanças de septembro tem sido commettidas pela França. O seu pretendido Humanitarismo, o Messianismo de Amor Social — é uma mera **reclame**, montada pela Literatura romantica, — que já fazia rugir de furor o velho e vidente Carlyle. E o processo de Rennes provou que a mesma Bondade, a bondade individual, é n'ella rara, ou tão frouxa, que se some apenas a França, por um momento, se **constitue em multidão.** Em nenhuma outra nação se encontraria uma tão **larga massa** de povo para unanimemente desejar a condemnação d'um innocente (que sentia innocente) e voltar friamente as costas, ou mesmo ladrar injurias á sua longa agonia.

A Emilia rio, eu tambem, com a sua idéa de que ella se tivesse covertido ao Dreyfusismo. Mas, querido amigo, não creio que n'estes ultimos mezes, desde Rennes, tenha havido em toda a Europa uma tão ardente **dreyfusarde**, a não ser Madame Dreyfus.

Já vae longe a conversa, o papel vae faltando. Por isso resumo aqui para acabar, toda as affectuosas saudades que lhe manda a casa toda.

Quando vem a Paris?

Sabe o gosto com que o verá e o abraçará o

seu mto. dedicado

(a.) **Eça de Queiroz**

NOTA — Esta ultima sahio publicada na "Correspondencia de Eça de Queiroz".

No Brasil o problema nacional maximo é dar conscinecia ao cidadão — E' este o objectivo da ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO.

AS MULHERES DE ANATOLE FRANCE (1)

Não são as da sua obra, como geralmente se diz: nobres dos autores de ficção, teriam um harem, com que se lhes affrontar a memoria dos bons costumes... As de Anatole France, de quem vamos dizer, não são como "as mulheres de Shakespeare", "as mulheres de Balzac", mas as mulheres de sua vida; e ha autores tambem que as têm muitas, mesmo sem serem de ficção, e até sem serem autores... São, aqui, as mulheres da vida de Anatole France... Inconveniencia, indiscreção? Sustento uma these, talvez ousada, mas estou que verdadeira.

De um heróe, um santo, um artista, o que interessa, interessará sempre, é elle mesmo, sua personalidade, sua vida, de exemplar humano, comparada á de nós outros, que não somos assim... Só essa "humanidade" nos importa. A obra delles é apenas o que lhes dá relevo, os fixa na sua categoria, e por ella se nos impõem elles á curiosidade. A obra de Cesar, de S. Paulo, de Raphael, illustra apenas as suas vidas: essa vida é, principalmente, a obra-prima pela qual elles nos tocam. A celebridade é o direito que se adquire, com sensibilidade, intelligencia, vontade, a interessar os seus semelhantes; aquillo que um sceptico, Chamfort, descreveu como sendo a gloria: "a vantagem de ser conhecido daquelles que não conhecemos".

E, se não fôr assim, será ainda assim. As obras dos homens se explicam por elles, pela vida delles. Nas "Odes" de Horacio, está um homem ameno, de bons amigos, pacato, afazendado, baixo, gordo, calvo, de bom humor e de coração affectuoso. Só conhecendo a Italia do seculo XIV e a vida de Alighieri, o symbolismo do "Inferno" dantesco nos será humanamente sensivel á comprehensão. O Bonaparte magro, bilioso, despenteado, de olhar febril e de movimentos vivos, apaixonado de Josephina, se explica na campanha da Italia; o outro, pesado, indeciso, sem espontaneidade, calculista, que adquire Maria Luiza, é o da decadencia, da campanha da Russia, da guerra de Hespanha, de Waterloo... Portanto, o homem e a sua obra são, principalmente, a sua vida.

Minha theoria possuiria sua esthetica e sua ethica, porque, se assim fosse, prepararíamos nossa vida como uma obra de arte, e a viveriamos como uma obra-pia. O mundo seria ou será melhor, se um dia assim fôr... Portanto, nem indiscreção nem inconveniencia: revelação, comprehensão.

Feita esta resalva ou excusa, uma correcção. Digamos France, ou Anatole France, como elle ouvia dizer em sua terra, em todo o mundo, excepto no Brasil, em que o chamamos, sem ceremonia, "Anatole". Aqui, até os letrados se dão ares de camaradagem e o chamam, como se faz aos papas e reis ou aos criados e familiares, pelo prenome. O ridiculo é tamanho que um romancista, para accentuar o descabido da intimidade forçada de um dos seus personagens, disse delle que fazia alarde de boas relações, intimas ou presumidas, e assim Louis, Ernest, Gustave, eram Pasteur, Renan, Flaubert...

Como esse ridiculo sujeito de um livro de Léon Daudet, nós todos chamamos a France pelo nome, sem mais nada. Aqui mesmo ficara elle surprehendido da nossa liberdade de maneiras. Um velho academico era então incontinente: "Monsieur Anatole", p'ra aqui, "monsieur Anatole" p'ra acolá. Ao que, ironico, tirando proveito da inconveniencia, France murmurou a José Verissimo: "Este velho almirante cuida que eu sou o meu concierge..." E lhe dava o troco respeitoso, não respondendo ao "Senhor Arthur", mas a "Monsieur l'Amiral de Jaceguay".

Portanto, como deve ser, France tambem aqui, ou Anatole France.

A quem ame o exercicio das comparações, com que o espirito busca debalde uma lei para a successão dos phenomenos, traduzido nessa fórmula vasia e seductora — "a historia se repete" — não terá passado despercebido como Voltaire e France se pareceram...

A abertura do espirito de ambos, que lhes inspirou todas as curiosidades, ainda as scientificas e sociaes, com que deram á sua arte contactos indispensaveis e duradouros com a realidade; a independencia e a impiedade de um e outro; poetas menores, os dois, e maiores artistas da prosa de seu tempo; segundos, embora, em todos os generos literarios que tocaram, e primeiros, e inexcediveis, nesse do estylo e na diaphana claridade da expressão, perfeita como os mais perennes modelos classicos; este e aquelle, os genios mais terriveis que a humanidade produziu até agora na ironia — Voltaire e France superpõem-se, continuam-se, como éco, como derivação um do outro (2).

Nos grandes, como nos pequenos accidentes da vida, a comparação se póde prolongar. Homens de letras cansam-se, emfim, de uma acção á distancia, e indirecta, e atacam de frente as crenças recebidas e mantidas: é o "pamphleto" da "Pucelle" no seculo XVIII; é, entre o XIX e o XX, essa mesma "Jeanne d'Arc", reduzida á mediania commum, sem a aureola da lenda, que lhe daria o altar. A revisão judiciaria dos processos Sirven e Calás agita, por um, a Europa inteira, á força de folhetos corrosivos; o outro mette-se no caso Dreyfus, que, antes de revisto, agitado o mundo todo, lhe dá o pretexto de acerba critica na "Historia Contemporanea", em dissolventes romances satyricos.

A apotheose a Voltaire, como a Anatole France, é a coroação de uma longa vida de propaganda libertaria e libertina, e, pois, que elles quebraram idolos e mataram deuses, sejam divinizados, novos idolos populares, em um democratico Pantheon...

Não é desprezivel na comparação o lado sentimental de ambos; a divina Emilie, que traduziu Newton, marqueza de Chatelet e seu complacente marido, seu dominio de Cirey, onde Arouet era cercado de todos os cuidados, como animal de raça, para produzir e para amar... não será lembrada quando se escrever da Egeria de Anatole France, tanto sua musa e sua directora espiritual, como sua amante, essa madame Arman, que a posse de uma terra, perto de Bordéos, faz a muita gente errar, fazendo-a marqueza de Caillavet, onde o terceiro, do "ménage", era acolhido como no lar parisiense, do 12, Avenue Hoche, para o seu agrado, o seu brilho, a sua producção intellectual?

Mais que a outra, "mulher inspiradora", Leontina Lipmann merece espaço maior na vida do seu apaixonado. Filha de um argentario gozador (primo do sabio que descobriu a photographia das cores), e casada com um homem de sociedade, Gaston Arman, ao pae e ao marido, como a ella propria, descreveu-os Anatole France no "Lys rouge", romance de um trecho dos seus amores, onde o escriptor, ahi esculptor, Jacques Dechartre, mordido de zelo retrospectivo por essa divina Thereza, lhe inspira uma epopéa do ciume, que é esse livro. Max Nordau, duro com os artistas francezes, "Vus du dehors", dá a este livro a primazia no romance francez contemporaneo, emparelhado ao "Othelo", de Shakespeare, como sendo as literarias obras-primas universaes que tiveram por thema o ciume.

Não é pouco, nem Madame Arman desejaria tanto, quando, depois de successos de France em tantos generos, lhe exigiu um romance mundano, de sociedade contemporanea, de banal adulterio parisiense, como os faziam os Paul Bourget e os Marcel Prévost.. Queria na sua lyra essa corda vulgar, para que não lhe dissessem que, esse pouco, não era elle capaz de o conseguir. A corda foi de ouro, tangida num scenario de arte e de amor, em Florença e em Paris, e o "Lys rouge" é, sem duvida, dos mais bellos livros de France e do seu tempo, até nos pequenos incidentes e nas figuras episodicas, tal esse Choulette, que lembra Verlaine, essa Vivian Bell, poetisa ingleza, que vivia na Italia poetando, preciosamente, em francez, que se parece com Mary Robinson, poetisa ingleza, que reside em França, ahi foi Madame James Darmesteter e, depois, Madame Emile Duclaux, e escreve livros preciosos sobre Froissart... E outros, e outros, anecdotas e ditos de

espirito, que se não esquecem nunca, e sempre dão prazer á releitura... Confesso por mim que, um dia, diante da igreja de Or-San-Michele, a mente embriagada por esse ar de Florença, que é poesia e saudade, amor e melancolia, escaparam-me dos labios essas palavras de reminiscencia, como se a ficção fosse realidade:

— Foi ali, naquella caixa de correio, que Dechartre, tomado de ciume, surprehendeu Thereza depondo a carta para o amante que deixara...

Leontina Arman não achara em Anatole France a iniciação sentimental. Solteira, apaixonara-se por um rapaz "bonito, fatuo, tacanho" (3), que não deu conta disso: para distrahil-a, a familia casara-a com um outro, "jogador, chimerico, impetuoso", provido de "conselho judiciario", e que iria arruiná-la, até o fim da vida. Tal marido não lhe daria a felicidade, que, naturalmente, procuraria, talvez, proxima. Na culta sociedade européa, isso é insignificante, o adulterio, é a "Bagatelle", da peça de Paul Hervieu. Madame Arman, desilludida, tinha para isso bastante independencia. E' della, contou-me um dos seus intimos, essa expressão ousada: "A polygamia é natural aos homens, antes do casamento: só depois delle lhes podem as mulheres dar o trôco"...

France seria um delles, cumplices do trôco. Antes, um dos primeiros, fôra talvez aquelle Henri de Rivière, homem de letras e official da marinha, amigo de Dumas, que o queria na Academia Franceza, e que morreu, como um heróe, na Indo-China (4). Depois, falou-se de Victor Brochard, professor de philosophia da Sorbona, que, entre varios livros, escreveu um, delicioso, sobre "Os scepticos gregos". Foi elle, talvez, quem deu a Madame Arman o gosto o helenismo, até nas collecções de arte: para não concorrer com ella, France, mais tarde, tambem collecionador, só não colleccionava coisas gregas, embora com ella viajasse pelo Mediterraneo classico, no hiate "Nausikaa", dos Caillavet, emballado no douto helenismo antigo, pelo doce modernismo parisiense. Mas isso foi depois; Victor Brochard, a quem Anatole France louva na "Vie Littéraire", dar-lhe-ia, antes de Leontina, substancia a algumas paginas de "Thais": "Ha, diz France, no pequeno romance que acabo de publicar da "Revista dos Dois Mundos", uma dezena de paginas que não teria escripto, se não houvesse lido o livro de Brochard".

Não é pouca a dadiva, e ia ser mais.

Entre os dois, porém, parece, houve um Gassou, de Bordéos, homem de sociedade, rico, sportivo, bem vestido, talvez o Le Ménil do "Lys rouge", que amava a seu modo, entre uma caçada de raposa e uma temporada mundana.

"Enfin, Malherbe vint". Chegou a vez de Anatole France. Os outros, que o perceberam, afastaram-se, com alguma razão, que seria despeito: Brochard e Gassou deixaram a intimidade de Madame Caillavet, não lhe frequentando mais a casa (5): motivo teriam para não gozar do convivio... de Anatole France.

Mr. Bergeret não seria "coup de foudre". Bem ao contrario. Madame Arman, a principio, não gostou delle, apesar do preconicio de Jules Lemaitre, que lh'o levou, como seu amigo: era canhestro, desleixado, sem habitos de sociedade. Foi preciso insistencia. Foi preciso que France rompesse primeiro com a mulher, o que talvez facilitasse essa paixão, aos tres. Foi preciso, talvez, uma escorva mundana, a vaidade.

Ao tempo, num salão rival, a Condessa de Loynes, "la dame aux violettes" (não esquecer que houve outra, embora não condessa, "la dame aux camelias") prendera a Jules Lemaitre, e Madame de Caillavet prohibira a France de ahi pôr os pés: dever-lhe-ia uma compensação. E, assim, equitativamente, as duas grandes damas teriam, a seu serviço privado, dois grandes homens.

Anatole France chegara tarde, mas perduraria. A apresentação datava de 1882, mas a intimidade foi de 1891. Quando, pois? Não se póde dizer. Entre as duas datas; mais perto da ultima, pois que France se divorciou em 91, e dahi datou a convivencia mais assidua, tomando até as suas refeições em casa de Madame Arman de Caillavet.

Que idade teriam? France, sabe-se, era de 1844: teria, em 91, mais de 46 annos. Madame Arman casou-se em 1868: dando-lhe, então, 18 annos — o que é cedo em França, embora isso se possa ahi fazer desde os 15 annos — seria de 1850 e teria, pela mesma época, já os seus 40 annos. Nos tempos d'agora, em que se vive mais, Balzac não ficaria descontente: 46 elle e ella 40 annos.

Como quer que seja, se chegava tarde, nos dois sentidos, perduraria. Teria razão de ciume dos outros, que eram conhecidos na sociedade, mas seria dahi por diante amado fielmente, e, o que é melhor, amado na sua gloria, adivinhada e suscitada.

O que elle escreveu della, indirectamente, na confissão de seu livro de amor, nol-a retrata, com uma seducção sem vehemencia, mas delicada e persuasiva. Tinha ella a graciosa "fórma fina" e o "claro olhar" tranquillo; antes delle era mulher amavel, que "vivia sem alegria aguda e sem tristeza profunda"

Nos seus movimentos e nas suas linhas havia rythmo, tão pessoal, que feriram ao seu apaixonado, de onde o primeiro madrigal indirecto: "os bellos movimentos são a musica dos olhos". Voluntaria e tenaz, qualidades de raça, tinha tambem essa, da reserva dos sentidos, que faz todas as heroinas biblicas quasi castas; pelo menos gostava da decencia, até nos propositos. Corrigiu, por isso, o que France tinha de excessivo, em opposto. No "Lys rouge", elle lhe attribue que tinha sentidos, aquillo que os francezes chamam irreverentemente, mas com bom gosto, "temperamento". Os homens são vaidosos e vêem nisso uma homenagem indirecta a que nem os de espirito resistem.

Era, pois, bem mulher, e, ao demais, piedosa, bem judia portanto, e, quando se lhe entregou tambem, foi por bondade, para não o fazer soffrer. Dissera uma vez: "Prefiro praticar um acto immoral a praticar um acto cruel". Viria a dizer, depois, referindo-se ao amado: "O que fiz foi porque elle soffria, e eu o amava. Não me arrependo".

E' simples e humano. Apazigou-o, deu-lhe o prazer e a ternura; dirigiu-lhe o espirito e a arte; obrigou-o ao trabalho e á renda do trabalho; foi-lhe, assim, como a mulher forte das Escripturas. "Mulierem fortem quis inveniet"? Achou-a Anatole France.

Quando, muitos annos depois, a idade os mudou em velhos, perguntou elle, um dia, ao seu secretario, a impressão que ella ainda produzia. O rapaz, irreverente, balbuciou:

— Imponente!

— Pois, meu amigo, não sendo mais joven, ella ainda provoca paixões...

E lhe conta uma historia, bem "franceana", de um satyro pouco vestido, como os antigos satyros, que andava pelo Bois de Boulogne, desejoso della e reprimido por ella, apenas armada de presença de espirito e um "face-á-main":

— Nestes poucos trajes, o senhor se vae resfriar...

Foi o bastante para conjurar o perigo.

Ella tinha espirito e podera fazer um nome de certo relevo, ainda nas letras. Preferiu ter um salão literario e ser a Egeria de um grande homem, seu intimo amigo. Com effeito, publicou, na "Revue de Paris", e, depois, na casa editora "Calmann-Levy", em 1906-8, um romance: "Histoire d'une demoiselle de modes", sob o pseudonymo de Philippe Lautrey, de que ninguem desconfiou (6), e ao qual, se o quizesse, podia ter dado notoriedade, tal a sua influencia, mundana e literaria.

Porque não é destituido de merito e de interesse. A uma de suas personagens faz dizer: "Sou feia, embora com talento: casar-me-hei"... O "menage" era um "pis-aller"... De outra: "Sua belleza dava-lhe, como ás deusas, direito ao silencio, sem por isso descontentar os adoradores. Deixar-se amar já é uma graça." "A riqueza, como a santidade, põe um nimbo em torno da gente". De uma matrona, sentimentalmente generosa: "seu fraco era amar rapazes muito tenros é tomar por effluvios d'alma o transbordamento de sua rica saude."

Se conhecessemos as personagens, seria mais interessante, porque, diz ella ainda, um livro de estréa é sempre auto-biographico: deveria ser regalo,

em Paris. Duas observações são dignas de grande escriptor. Uma jovem apaixona-se por um grande homem, não muito moço: "Elle tem quarenta e cinco annos e você apenas vinte". "— Vinte e dois", corrigiu a outra. Seria grande o amor que permittia tal rectificação: o traço vale por paginas em que tal paixão podesse ser descripta. Em outra occasião, tia e sobrinha, ambas irregulares, são, materna e filialmente, amigas; mas a tia regulariza a sua situação, casa-se com o velho companheiro, e deixa logo de receber a outra... Não basta isso só para definir a moral burgueza, melhor que um volume?

Entretanto, o livro de Philippe Lautrey trae a origem bem feminina, por uma malicia, que lhe descubro: é elle a historia de uma formosa rapariga do campo, que, levada a Paris, pela sua belleza, ascende, de modista de chapéos, á vida galante, de financeiros e gran senhores, da nobreza e do talento; acaba, rica, casando-se com um conde da provincia, tornando-se Condessa de Leuze... Não parece o caso de Jeanne Detourbay, que tambem errou, herdou a fortuna de um noivo-amante, morto na guerra, Ernest Baroche, e se casa com o conde Edgar de Loynes, e vem a ser a amiga de Jules Lemaitre, de Maurice Barrés, de Léon Daudet... cujo salão era "anti-dreyfusard" e rival do salão "dreyfusard" de Madame de Caillavet? Uma mulher de talento póde ter muito talento, mas não disfarçará nunca, ainda num pseudonymo masculino, o ser bem mulher...

Quando passou a mocidade, a graça, o amor, ficou a ternura, o cuidado, a direcção, e esses bons amigos continuaram na mutua admiração que os não dispensava um do outro.

Judia (7) e rica, era nobilitada por uma particula, que presumia dominio heraldico (8), e, mais tarde, por um filho de talento — esse Gaston-Arman de Caillavet, que, unido em nupcias ideaes ao marquez Robert de Flers (este, authentico fidalgo, filho espiritual e genro legitimo de Victorien Sardou), produziram tantas obras-primas de adoravel futilidade dramatica — "L'evantail", "Primerose", "Bois sacré" — reproduzindo, em nosso tempo, esse outro par delicioso, que foram Meilhac e Halévy, cuja harmonia e tino theatral herdaram, para o nosso embevecimento.

Madame de Caillavet tinha largo circulo de relações e recebia, com arte, nos seus salões. Aprendera com Madame Aubernon, e a mãe, Madame de Nerville, — as "preciosas radicaes" — do grande salão literario, entre o Imperio e a Republica, onde cada qual se exhibia por sua vez, ao toque de uma sineta fatidica. Rompera com estas por um pretexto — o jovem Léon Daudet galanteava á filha de Dumas, Colette, recem-casada com Mauricio Lipmann, irmão de Madame Caillavet —: como os Daudet não foram excluidos do salão da rua Astorg, outro salão se fundou, com os dissidentes. Pretexto. Como, um seculo antes, a Daudefand se queixava da Lespinasse, a Caillavet foi chamada ingrata pela Aubernon, cujos amigos levava.

São os salões, em Paris, uma instituição social poderosa, entre a Academia, o Senado, a Camara, o Elyseu, os theatros e os jornaes. Saem delles ministros e academicos. Agora mesmo, do de Madame Lucien Muhlfeld (irmã de Madame Paul Adam), saiu, para a Academia, Paul Valéry, como, antes, já sahira Henri de Regnier. Anatole France ficou enfeudado ao salão de Madame Caillavet, que dahi a levaria tambem á Academia e á universalidade da gloria literaria.

Mais do que o seu salão, porém, frequentava France. Quando as relações ficaram intimas, installou-o Madame de Caillavet no andar de cima, do 12, Avenue Hoche, num escriptorio, onde trabalhava e cochilava, ás vezes. Dahi sahia, nos dias de recepção, para saudá-la na sua côrte, com o disfarce do chapéu na mão, e as violetas quotidianas, como quem vinha de longe e de fóra. E a côrte passava, então, a ser do mestre. Della todas as preoccupações eram por elle. Nobres e financeiros a frequentavam; despediu-os, e recebeu os Jaurés, os Briand, os Reinachs e os Bernard Lazare, socialistas e "dreyfusards", para ser agradavel a France — ia dizer "ao dono da casa", ou ao outro dono da casa. Não tinha vexame de o confessar diante de gente, e até ao proprio marido. Um dia em que este, "gaffeur", lhe reprochava o máo gosto dessas relações, ella, olhando-o, e a Anatole France, inseparavel, disse com bonhomia:

— E' exacto, já dei mostras de máo gosto... mas me emendei (9).

Autoritaria, governou a France pela doçura, solicitude e o cuidado continuo d sua gloria. Elle mesmo se representa como um preguiçoso, descurado, sem amor ao trabalho seguido. Ella o fazia trabalhar. Todos os dias, em sua casa, elle tinha o seu canto, onde ella o isolava, e lhe exigia a tarefa quotidiana. Muita anecdota se fez conto, conto deu em romance, porque Madame Arman assim o quiz. Ella era, em seguida, o seu primeiro juiz, de bom gosto certo, de justa critica amorosa, precioso genero de critica, sem inveja, mas sem fraqueza, que devera ser a pedra de toque para se conhecerem as obras-primas. Elle se estimulava para achar graça nos seus olhos, para merecer o applauso dos seus labios. Em seguida, fazia copiar essas paginas, para a typographia, emquanto a escripta florida do mestre, reunidas as folhas em livros, fazia preciosissimos volumes, que mandava encadernar majestosamente, e era um thesouro que ia salvando, para a memoria do tempo.

Os depoimentos tão concordes sobre esta influencia. Elle mesmo, muitas vezes, recordou "l'enfant endormi", que ao proprio pae parecia não servir para nada, preguiçoso, descuidado, sem amor ao trabalho assiduo. No livro de Brousson se conta que era mistér compromisso ou necessidade de dinheiro para que fizesse qualquer coisa. Esse mesmo secretario refere que Madame de Caillavet o obrigava a trabalhar "en classe", como se fôra uma criança, preferindo elle, muitas vezes, dormir a trabalhar. No livro de Le Goff (10), vem a confissão delle: "eu, sem Madame Arman, jámais haveria feito qualquer coisa; era preciso sempre impellir-me ao trabalho: uma folha em branco produz-me vertigem". Todos os dias, ella lhe impunha a tarefa: em sua casa tinha seu logar de trabalho e ella estava vigilante. Nicolas de Ségur (11) accrescenta: "Madame de Caillavet conheceu France quando elle produzia pouco e punha pausas de cinco annos entre os seus volumes; ella o determinou a escrever e a agir, insuflou-lhe a ambição, o ardor, o desejo de emulação". Emile Hovelaque diz, claramente: nós lhe devemos o France dos grandes annos fecundos; "ella o revelou a si mesmo" (12). Mais, elle a julgava digno de pensar e de escrever em seu nome, diz Mme. J. M. Pouquet (pag. 79).

Para mostrar até que ponto sua ascendencia foi benefica sobre Anatole France, basta citar o caso do compromisso deste com a actriz Réjane, para um drama que ella quizera representar. Em France, se faltava genio theatral, sobrava sensualidade, a de servir a uma grande actriz de tantas aventuras, á qual juntaria uma, original. E imaginou um drama sobre o caso da Duqueza de Berry, que chegou a escrever. Todos sabem que, no martyrio dessa princeza, ambiciosa e combatida, girou o drama em torno de uma gravidez dissimulada, e que a côrte queria authenticar, com o nascimento inevitavel de uma criança, a qual mostraria a indignidade materna para representar o papel de digna viuva, pretendente a um throno. Para isso, Luiz Felippe não poupou expedientes: a princeza era espionada até nos gabinetes de "toilette" e um general, até nesses logares secretos, era a sombra da infeliz mulher amorosa, que sacrificara ao amor sua honra, sem lhe ter querido sacrificar a ambição. Com a belleza que lhe coubera por sorte, aquelle louro "mythologico" dos cabellos, que lhe descreve Chateaubriand, o assumpto tentou a Réjane e a France, e o drama foi escripto com amor, gestação, parto, gabinetes de "toilette", general espião, os olhos de uma côrte sobre o ventre de uma mulher... France teve, porém, o bom senso de o ler a Madame Arman, e esta resumiu o seu juizo numa phrase:

— Você vae ser o escarneo de todo o mundo... O ridiculo matará esta obra.

E Anatole France rasgou-a, sacrificando á critica amorosa de sua amiga a aventura de Réjane.

Penso mesmo que, sem Madame Arman, abandonado a si proprio, desamparado, portanto, France não só não teria sido France, como se teria degradado em relaxação de costumes, até ser um La Fontaine,

antes da caridade de Madame de La Sabliére. E' uma outra comparação essa, que se podia fazer entre os dois...

France fôra casado contra, como succede tantas vezes "contra" Mlle. Valérie Guérin, bella senhora, embora vulgar e geniosa, arrogante, por uma descendencia de Guérin, o miniaturista de Maria Antonieta, que, mais tarde, elle havia de descrever sob os traços de Madame Bergeret, mulher "d'ame injurieuse", cuja boca era cheia de improperios, e que, por cumulo, o enganava (E' Mr. Bergeret quem o diz...). "Depois do casamento, chegou elle a dizer desse consorcio, conheci o inferno" (14). Divorciou-se della, tornada, depois, Madame Dussaud. Do casamento, houveram uma filha, casada a principio com um mediocre capitão Mollin, depois, em outras nupcias, com Michel Psichari, o neto de Renan, morto na guerra, como seu rimão Ernesto. Suzanne France deixou o unico actual sobrevivente da geração, o jovem Lucien Psichari, que reune em si as maiores heranças do seculo... se o estylo, que, dizem, é o homem, se o estylo se herdasse...

Sem lar, France achou o de Gaston Arman, achou Leontina Lipmann... a ordem, a decencia, o conforto, o bem-estar, a arte, a admiração a seu talento, a feliz exploração de seu genio, até na compensação material dos editores, para a direcção que devia ser a sua: Anatole Thibault, o modesto filho do livreiro do Cáes Malaquais, o relapso empregado da Bibliotheca do Senado, o leitor e arranjador das edições classicas do editor Lemerre, ia ser, e foi, homem ordenado, rico, pelo muito que seus livros produziam, poderoso, admirado e, sobretudo, ia ser o maior vulto espiritual do seu tempo — Anatole France.

A contra-prova desta affirmação, comprovada pelo mesmo France, e por seu indiscretos biographos e confidentes — está nesta viagem á America do Sul, sobre a qu l têm sido omissos os "francistas" europeus.

Tentaram ao grande homem as glorias do Novo Mundo. O pretexto seriam conferencias em Buenos Aires. O "Rabelais", ainda inédito, seria dito a independentes latinos desta outra banda da terra. France traz seu secretario, a quem o confia Madame Arman, saudosa, e apprehensiva desta separação.

Mas a ausencia de guarda, a travessia maritima propicia, outros encontros repetidos, e France, mulherengo e senil, cáe na rêde de uma aventureira, que arma o plano de o recolher, em justas nupcias. Era uma outoniça criatura, meia actriz, meia dama galante, que vinha em uma "tournée", com os comicos da Réjane. Tinha a arte profissional de agradar e essa defesa contra a idade, tambem mais que profissional, tanto que ao inverno de France pareceu affectuosa primavera, e o emancipado artista quiz ser o Paphnucio dessa Thais, sem sequer sentir "sa laideur", a propria fealdade, desse acto. Jeanne Brindeau ia ser Madame Anatole France. Passaram, nesta espectativa, pelo Rio de Janeiro. O secretario, que honestamente se abrira, condemnando a aventura, foi despedido. Madame Arman recebeu, em Paris, a noticia.

A obra-prima de France se degradava na caduquice senil do velho gaiteiro, alliado a uma mulher sem mysterios... Leontina Arman conheceu a decepção. Juntou os seus preciosos autographos, régia collecção e doou-os á Bibliotheca Nacional, accrescentando, ridiculamente alguns cachimbos e "calottes", que melhor ficariam no Museu Grévin. O "Temps", da época, mencionou o presente inestimavel, que tal despeito amoroso valia ao Estado. O epigramma não se fez esperar (15).

Mas o casamento não se realizou. Amigos seguros e os seus velhos editores se interpuzeram; tocou a Anatole France a dôr da sua velha amiga: reconciliaram-se. Ao romance deu o romancista o nome de "fantasia transatlantica". Conta-se que o marido de Madame Caillavet, indo receber a bordo Mr. Bergeret, lhe dissera, commovido:

— Quasi que V. "nos" expõe ao ridiculo da Europa.

Foi o commentario humoristico desse que as más linguas chamavam "aggrégé au "collage" de France"...

A comedia, o drama, esteve em termos de ser tragedia. Annunciou-se em Paris que a dama galante tiraria a vida a Mr. Bergeret: no dia da inauguração da Nova Casa dos Estudantes, no Fauboura Saint-Germain, com recitações de Julia Bartet e discurso de Paul Hervieu, o mestre devia falar. Seria ahi assassinado. A policia, prevenida, acompanhou a Brindeau, e, apenas, á passagem de France, foi notado um frenesi de gestos e umas palavras vivas. E foi tudo. "Sic transit amor mundi".

Leontina Arman (ella não gostava de ser chamada pelo prenome — e o marido fazia-o, para a aborrecer — naturalmente dada a voga da comedia de Capus: "Les maris de Leontine...") podia morrer descansada; a gloria de seu grande homem, que ella suscitara e defendera, conservar-se-hia digna. E morreu, pouco depois, em 1910, de uma pneumonia, a que não foram estranhos os soffrimentos de paixão, que tanto moralmente a debilitaram.

Prevendo, porém, a caduquice do amigo, que não a teria para defendel-o mais, de outra possibilidade, legou-lhe uma governante, á que servira á intimidade de ambos, a velha e fiel Mlle. Emma Laprévotte. Sabia-lhe os habitos, embora lhe serzisse mal as meias. Mal sabia ler e escrever, e, entretanto, não escapou ao destino... foi Madame Anatole France.

Affronta de communista á sociedade burgueza, vulgar captação de bens, disseram tudo, desse triste ultimo acto affectivo de France, ridiculo casamento branco de dois velhos...

Afóra o scepticismo anarchista de France, a quem sorria menosprezar, por um facto, esse dogma social do casamento, columna da sociedade, ou a sua decadencia senil, que tornava irreprimivel uma sensualidade que foi sempre do seu temperamento e até importuna na sua obra, dois motivos foram invocados. Teria sido modo bondoso de amparar os velhos dias de uma criada, legado de seus amores e enfermeira de seus achaques, contra possivel ingratidão de herdeiros. Contam que a primeira Madame France, Madame Dussaud, dissera:

— Logo que elle morrer, tutora de nosso neto, farei pôr os sellos nos seus bens, e, no olho da rua, a Laprévotte.

Repetiram-n'o a France, o qual, para evitar maldade á innocente, e castigar "la bouche pleine d'injure", constituiu, pelo casamento (17), o par de suas mulheres, humilhando uma com a outra Madame Anatole France.

Versão verdadeira parece a da propria Laprévotte a Madame Maurice Pouquet, antes viuva de Gaston Arman de Caillavet. O mestre, em uma de suas enfermidades febris, tivera um pesadelo: vira-se em um hospital, a que o conduziram seus herdeiros (Luciano, com 16 annos, menor, seria pupillo da avó), Valerie Guérin, a "femme injurieuse"), e, para se defender, quiz o casamento, para, com certeza, evitar o odio... "Rosserie" parisiense tomava o titulo a um livro de Coppée, e revelava o máo passo dessas nupcias, em um "calembour": "la bonne "souffrance"...

Melancolico e desencatado fim de vida, e réplica senil da mocidade, em que fizera o primeiro casamento com uma odienta mulher, para lhe conseguir o amor... Não dissera elle mesmo que todo amor tem "um fundo de odio e de colera?" Avesso e direito da vida, "pile et face" dessa moeda magica de ouro, que é toda a nossa ambição, hoje meiguice, amanhã violencia, os "petits mots" mudados em "gros mots", a ternura feita perseguição... Como é triste, e como é verdadeiro!...

France não foi feliz com o casamento: deu-lhe uma vez o inferno, da outra o ridiculo, outro inferno, para os sêres sensiveis...

Nessas tristezas, das "mulheres de Anatole France", salva-se uma, bella e grande figura, Leontina Lipmann, Madame Arman, que lhe dá paz ao coração, calma á sensualidade, gosto ás collecções, consideração na sociedade, salão onde brilha, que o faz escrever, que censura o que escreve, que o estimula, que lhe dá com o amor a admiração, o conforto, o successo, asas ao genio e dignidade á vida e á obra, com o que elle é, emfim, Anatole France.

Passando, depois dos sustos de uma decepção, dos despeitos de uma vida que desabava no ridiculo e na sargeta, Leontina morria, e, como seu retrato fiel, a Thereza do "Lys rouge", de vinte annos antes, podia dizer de seu velho amigo:

— Eu, eu não lastimo tel-o conhecido. Morro, por isso, bem sei, mas não o lastimo. Eu amei.

Conta-se que á morte de Madame du Chatelet (que amava, tambem, Voltaire, "pour deux", pelos dois, como ella disse adoravelmente, o que não a impediu de dar-se a Saint-Lambert, de cujas obras viria a morrer, de parto), o velho marquez, abraçando a Arouet, ambos em lagrimas sentidas, dissera-lhe, referindo-se ao "outro", que os traira:

— Elle matou "nossa" mulher.

Ridiculo? Macabro!

Seguindo atraz dos despojos mortaes de Leontina, os seus dois velhos amantes, os "seus maridos", Gaston Arman e Anatole France, juntos, bem á vista, em meio do cortejo funebre, puderam abraçar-se e chorar, um nos braços do outro, sem o sorriso dos máos, cercados do respeito e da consideração da sociedade... "Mon pauvre ami, embrassons-nous" — dissera, então, um ao outro, compassivos... Uma ligação destas, publica, duradoura, consolidada pelo tempo, honesta pela obra realizada, sem as dissimulações da traição ou as condescendencias aos preconceitos, sem as miserias do dinheiro e as explorações do interesse, uma união destas é um casamento... morganatico.

Uma familia de bandidos, porque dura seculos no poder não é nobre dynastia de reis? Ha uma logica social. Entre os homens máos, cheios de sensualidade, de avidez, de risos escarninhos e fórmulas severas, passaria diante de todos, nessa hora de recolhimento, uma sombra graciosa e modesta, severa e comedida, que encantara o seu tempo e os seus amigos, sem vehemencia e com bom gosto — Leontina Arman, a musa de Anatole France...

Elle soffrera a vida, o desdém, a necessidade. O pai tinha-o por pouco intelligente; no collegio não tivera exito; pequenos empregos humildes mal davam para viver; o casamento fôra um inferno. Que espantar, pois, o seu pessimismo, o seu scepticismo? Elle chegaria a essa monstruosa mentira do fim de vida, que resume a sua represalia contra as decepções: "Creio que, em geral, os homens são peores do que parecem. Não se mostram como são; escondem-se, para commetter actos que os fariam odiar ou desprezar, e se mostram na acção, de modo a ser approvados e admirados. Raramente abri uma porta, por descuido, sem descobrir espectaculo que pela humanidade me não désse piedade, nojo ou horror". Mentira! Porque, se não, que horrivel, scelerada, monstruosa familia, e que relações abominaveis seriam as de Anatole France! Isto era o velho desenganado e ingrato, concluindo "La vie en fleur", caduquice evocativa da criança, esquecida do homem que viveu toda a vida.

Se um dia, no "Jardin d'Epicure", elle pôde escrever, com ironia: "Os homens põem no amor o infinito: não é culpa das mulheres", chegara, sacrilegamente, tudo perdido, perdidas as criaturas amadas, e até a lembrança do amor, a dizer a um confidente: "E' a grande decepção da vida a volupia, esta especie de paciencia encarniçada em querer fazer palpitar um pedaço de carne e produzir um espasmo". Haverá nihilismo mais desesperador? Se a vida fosse isso, a sociedade, a familia, as relações, o amor, melhor seria o suicidio.

Não. Os homens são criaturas imperfeitas, ás vezes más, egoistas, vaidosas, injustas, invejosas, ingratas, crueis, loucas, criminosas. Mas deu-lhes a natureza uma parcella subtil de genio, a mais que os outros animaes, e com ella, na sua humanidade, elles construiram este divertimento, a sociedade humana, differente de todas as sociedades animaes, susceptivel de progresso, isto é, de mudança, que é o outro nome emphatico dos costumes, das modas, das leis, das artes, das sciencias, da moral, da religião, que vão mudando. Vamos assim, e esse progresso, deixai passar o nome, faz melhores ou menos defeituosos os homens, governos, artistas, sabios, até mesmo os deuses...

De um instincto, o da conservação do individuo, a fome, fizemos os valores e os ritos sociaes, do trabalho, do dinheiro, da familia, a cozinha, a culinaria, a mesa, as recepções, chás, almoços, jantares, banquetes politicos e literarios, ceias de amor ou de peccado, bailes, reuniões, graça, espirito, dansa, "flirt", paixões, o que enche o tedio da vida de um encanto ephemero, mas continuado, sem elle, tédio da morte.

Fizemos do outro instincto, o da conservação da especie, não apenas uma troca de dois espasmos, fizemos isto, essa alma do mundo, o nosso coração, toda a nossa vida, fizemos o amor... Ver, ouvir, querer, desejar, admirar, possuir, guardar, zelar, soffrer, gozar, o inferno e o céo, alternativamente, juntos, inseparavelmente, o amor, emfim, que é o mesmo, um só amor, desde o impuro beijo comprado, até á pura prece a Deus... Saint-Beuve chama louco a Zacharias Werner, philosopho e poeta, porque perguntava: — "Sabe o que nós amamos, em nossa amante?" Olhavam-no, esperando, e elle respondia: — "Deus". O padre Lacordaire, tambem philosopho e poeta, disse, entretanto: "Não existem dois amores, só ha um: o amor celeste é o mesmo sentimento que o amor terrestre, mas seu objecto é infinito."

O amor inventou o mundo, a sociedade, as artes, as sciencias, e inventou a Deus: portanto, este, e o outro mundo. Isto é tambem o amor e não apenas como o caduco France quiz ver, no extremo impotente de seu desengano e sua decepção, apenas uma palpitação da carne, da qual se extrae um espasmo.

Aliás, não só os velhos, incapazes de amar, blasphemam assim contra o amor. Um moço, na primeira juventude, outra idade pessimista, por timidez e ignorancia, Pierre Louys escreveu no prefacio dessa nua obra-prima, que é "Aphrodite": — "Tinha razão o naturalista Buffon, quando dizia: "Amor! por que fazes tu o estado feliz de todos os sêres e a desgraça do homem? E' que, nesta paixão, só é bom o physico, e nada vale o moral". E no romance, ironia inconsciente da realidade, Demetrios prescinde da posse material de Chrysis, pela qual chegara ao crime e ao sacrilegio, porque um sonho lhe déra tanto, que a realidade não se lhe podia comparar... Pelo ideal, desdenhava o real...

Não tenhamos preferencias; o sentimento não prescinde da sensibilidade. O sensualismo cynico, dos France e dos Louys, é decepção do infinito e eterno, que buscaram e não acharam, no amor; são mais logicos os mysticos castos, que ignoram a ephemera vida real, e a derivam em um infinito e eterno amor; somos mais razoaveis, e certos, nós, humildes viventes, que amamos ao amor, todos os amores, que são um só amor, pelo qual a vida se compensa de ser vivida.

Anatole France teve o seu, que lhe encantou a vida, lhe fez a arte divina florir em graças perennes, corrigindo decepções anteriores, que tornaram, com a experiencia da caduquice, quando ella, esse amor, lhe veiu a faltar. Dizia Madame de Lafayette que La Rochefoucauld lhe tinha dado espirito, mas ella lhe reformara o coração... As "Maximas" deshumanas tiveram a correcção de uma sensibilidade mais delicada. Sem Madame Arman, o fel de Anatole France, sobre amargo, seria explosivo, ou talvez não teria sido nada. O mundo perderia um genio, o deus leigo do scepticismo, o satan delicado da ironia...

Foi Leontina quem lhe apurou a graça, e, ás vezes, lhe deu o sorriso...

AFRANIO PEIXOTO.

---

(1) Um esboço deste estudo saiu na "La Nacion", de Buenos Aires; mais completo, appareceu na "Revista da Academia Brasileira": publicações muito raras e pouco lidas no Brasil; agora, rectificadas informações e indiscreções têm aqui a versão definitiva.

(2) Esta comparação, embora summariamente, occorreu tambem a Victor Guirand, na "Revue des Deux Mondes", junho, 1926, mêses depois de nós ("La Nacion", 1925; "Rev. da Academia", 1926, janeiro), sem conhecer, naturalmente, este estudo.

(3) Jeanne Maurice Pouquet — "Le salon de Madame Arman de Caillavet", Paris, 1925, p. 5.

(4) "O commandante Riviére foi um dos seus mais fervorentes admiradores... Quando estava em Paris, via-s

todos os dias." M. J. M. Pouquet — Op. cit., pag. 16-17.

(5) Cf. Mmme. J. M. Pouquet — Op. cit., pag. 63.

(6) André Maurel — "Souvenirs d'un écrivain" — Paris, 1925, p. 153.

(7) Converteu-se e foi baptizada em Notre-Dame, antes de casar-se, na presença do Imperador e da Imperatriz. Ficaria, porém, judia, como um seu personagem: "De sangue mixto, que os casamentos e conversões tendiam, ha muitas gerações, a purificar, foram, apesar disso, gottas persistentes de velho sangue oriental, incorrigivelmente semita" — que dominaram. (P. Lautrey — "Hist. d'une dem. de modes", p. 50.

(8) O dominio era bem burguês, Capian, perto de Bordéos. O fatuo Gaston Arman pretendia uma ascendencia nobre aos "Caillavet". Para imitar — os Chateau-Laffite, Chateau-Margaux, etc. — o vinho de Capian, que vendia, era, como o timbrado papel de carta, do "Chateau-Caillavet". Madame Arman achava isto ridiculo, e se deixava chamar assim, ou Madame de Caillavet, pelos mais vaidosos dos seus amigos, que prevaleceram. Muita nobreza tem origem menos discreta. Sua nora, Madame Gaston Arman de Caillavet, viuva do dramaturgo, depois Madame Jeanne Maurice Pouquet, conta-o, espiritualmente: "Emquanto elle (o Caillavet) se dá a estas futilidades, dizia ella, deixa-me em paz... Animemo-las..." — J. M. Pouquet — Op. cit., p. 9-10.

(9) J. J. Brousson — "Anatole France en pantoufles" — Paris, 1925, p. 23.

(10) Marcel Le Goff — "Anatole France à la Bechellerie", Paris, 1924, p. 129-130.

(11) Nicolas Ségur — "Conversations avec Anatole France", Paris, 1925, p. 29.

(12) E. Hovelaque — "Quelques souvenirs sur Anatole France" — "Revue de Paris", abril, 1925.

(13) Esta opinião é geral, dos que o conheceram antes e depois de Madame de Caillavet, principalmente de Gyp e de Madame J. M. Pouquet — Op. cit., p. 39, 40, 58, 59 e 79.

(14) Entretanto, segundo Gyp (Condessa de Martel), "ella era encantadora aos vinte e dois annos. Tinha o ar de ser filha d'Anatole France. Depois, encorpou muito e seus dentes se deslocaram. Seus pés e mãos eram maravilhas; sua pelle admiravel. Era de um louro muito raro". Cf. Madame J. M. Pouquet, op. cit., p. 57.

(15) "Sur deux immortelles:

"Une fois il y avait
Une dame de Caillavet."

Réponse:

Soit, mais l'incroyable, c'est qu'il y a
Une dame encore aux Camelias."

P. Charron — "Les nouvelles épigrammes du siècle", Paris, 1825, p. 32-33.

(16) Desde 1898 que a servia e a France, nas suas viagens, cuidando tão bem delles, que Madame de Caillavet a appellidou "Mlle. Perfection". Cf. Madame J. M. Pouquet, op. cit., p. 189.

(17) Cf. de Goff, op. cit., p. 212.

A' BEIRA DO STYX

UM GENIO PEDAGOGICO

Não ha muitas semanas, em Petropolis, vendo demolir o casarão do antigo collegio Kopke, e onde, ha quasi 70 annos, meu pae, menino, foi levado pelo pae para os seus primeiros estudos, nada me fazia prever que o professor João Kopke seguiria de tão perto na destruição o edificio paterno. Elle guardava sempre bem vivo aquelle enthusiasmo generoso, que é um signal de mocidade na velhice.

Diz-me muita vez meu pae que o velho Kopke era um genio pedagogico, principalmente pelo instincto infallivel da formação e consolidação do caracter na infancia,, pela intuição da hygiene mental e physica, attributos supremos no chefe de um internato, a um tempo instructor e paterfamilias.

João Kopke, director de externato, de algum modo dispensado deste segundo officio, não deixou de o exercer no exemplo que nos dava á sua vida. Foi certamente um genio pedagogico, por aquellas virtudes, e mais pela maravilhosa capacidade de solicitar e guardar a attenção dos discipulos, a qual é talvez todo o segredo didactico.

Tem-me acontecido pensar que a verdadeira pedagogia não faria perguntas á criança, mas esperaria que esta lh'as fizesse. Assim o ensino corresponderia a uma necessidade psychologica, encontrando a attenção á sua espera e portanto certa de reter o alimento intellectual e de o assimilar, emquanto o ensino imposto da pedagogia corrente quasi a sempre a vae encontrar occupada de outro objecto. Não sei se tal methodo seria pratico, ou simplesmente praticavel. Mas o nosso mestre conhecia-lhe o succedaneo, sabia conquistar os espiritos, e guardar a conquista, segundo já notou finamente numa pagina de saudades o meu amigo Tristão de Athayde. E por esse modo operou o milagre de transformar num recreio, cuja luminosa projecção havia de encher o futuro que é hoje o nosso presente, a correcional infantil da aula commum. E com isso nos prendeu a todos.

Nem só com isso, mas ainda com aquelle seu exemplo pessoal de que falei. Da reduzida linhagem dos grandes pedagogos, entendia o ensino como um serviço de amor. A elle se dava todo, em tudo, com aquella incomparavel graça do enthusiasmo, que gera um heroismo quotidiano e facil, quasi inconsciente. Dahi uma dedicação contagiosa irresistivel. Sua capacidade de trabalho nesse tempo ainda hoje me enche de assombro. Verdadeiramente elle sabia estender os limites do tempo. Eis porque aos outros tambem. mestres e discipulos, o esforço não lhes custava, e vimos realizado entre nós isso que faz o supremo prego do trabalho humano — o serviço contente é a harmonia cooperativa.

João Kopke, deste negocio pedagogico, mercantil e confuso, soube extrair o ouro da poesia.

Foi poeta em todos os sentidos. Nossos livros de classe, todos compostos por elle, eram cheios de pequenos poemas, escriptos como se deve escrever para creanças. Não eram postos ao nivel destas, o que seria inutil, nem, como é uso, ao nivel das mentalidades adultas, o que os tornaria inattingiveis, mas ao aleance do leitor e onde este podia sempre chegar com a incomparavel satisfação duma victoria. Nestas peças simples, um tanto frouxas de fórma, um tanto incorrectas de metrica, brilhava quasi sempre, inconfundivel e mysterioso, o reflexo profundo da belleza.

PASCAL

Pascal é o typo heroico do incredulo desesperado de sêde de crença. E' um symobolo. Lido pelo pensamento critico, sem calculo doutrinario (religioso ou anti-religioso) apparece-nos um supremo scéptico e um supremo relativista. O homem que escreveu "vérité en deçá des Pyrénées, erreur au delá", tinha demolido todos os reductos da verdade metaphysica. Mas, imaginação prodigiosa, tangida pela enfermidade, sentiu a necessidade de crear, não no campo esthetico, onde cream os artistas, nem no da experiencia physica, onde trabalha a sciencia, mas no religioso, que é o infinito vertiginoso do desejo. Não foi o relativista contente da sua condição, como Descartes. Não duvidou de tudo, como este. Era affirmativo. A sua mesma invalidez, tirando-lhe a confiança na vida, reclamava a affirmação como um bastão a que se apoiasse. Negou tudo de começo. Mas negar é ainda um modo de affirmar. Tendo cavado um abysmo a seus pés, havia de preenchel-o de qualquer maneira,

para não se afundar nelle. Encheu-o do seu tormento, a ultima realidade que lhe restava, pois o seu espirito scientifico não lhe consentia pisar no vacuo. A sua tragedia de corpo physicamente torturado vem ainda de que elle foi ao mesmo tempo uma grande logica e uma grande imaginação. No deserto que aquella fazia, estava construindo os trabalhos do terror.

PAGANISMO ETERNO

O nu' póde ser indecente — quando é feio, ou exhibido com tenção obscena, ou quando o espirito de indecencia do espectador o torna tal. E como estes dois casos são de regra, ha muitos seculos a belleza humana anda escondida. E bom é que o faça. Mas fóra destes casos, nos casos que importam, a pura nudez deve ser objecto de contemplação e respeito. Informa a Biblia que o corpo humano é obra prima da creação.

Em regra o nu' é objecto de contemplação na arte. Exceptos alguns perniciosos maniacos, toda a gente admira a Venus do Capitolio ou o Apollo do Belvedere. E' certo que em geral isso que admiram na arte, professam os homens temer na vida, como condemnando o modelo das coisas que admiram, paradoxo não apenas profundamente illogico, mas de algum modo signal de ausencia de espirito religioso, pois o corpo humano é trabalho divino e a bra d'arte artificio humano. E andam tambem em tudo isso as manobras seculares da hypocrisia.

Quem não padece de cegueira esthetica, e é capaz de admirar uma formosa estatua, ha de admirar a fórma que a inspirou. E sendo honesto, ha de o confessar lisamente, em termos decentes e hora opportuna. Eis como aprendi isto.

Um dia de minha já longinqua mocidade, numa praia da Normandia, caminhando só pela areia marinha, ebrio de luz e da alegria do mundo, avistei um bando de raparigas, que, por se julgarem sós, e isentas assim de receio e faceirice, surgiram dentre uns rochedos e foram descendo para o mar, despidas e puras como o céo de agosto que as illuminava. E cada uma que passava, núa e vestida de belleza, era para mim uma imagem de harmonia tão completa e sufficiente que não deixava logar para outro desejo. Tive ali num momento a revelação viva do milagre hellenico da honesta familiaridade com as coisas naturaes, e comprehendi que seriam sempre vãs as machinações do espirito de sacristia contra a Grecia eterna, cujo museu magnifico é a Roma papal..

TRISTÃO DA CUNHA

ALMIRANTE GOMES PEREIRA

Soube o nosso Segundo Imperio, a par de uma nobiliarchia de sangue nem sempre consagrada, criar uma aristocracia da intelligencia e do bondade, justamente merecida.

Dentro nesta corrente directora se mantiveram os estadistas entregues á formação lenta, mas real, de um bello sentimento brasileiro inclinado aos movimentos mais democraticos do mundo.

E assim, quem na velha cidade de aspecto colonial, ao correr do anno de 1855, abrisse os olhos á vida e mais tarde nella fruisse os dias da juventude, haveria de se formar num ambiente suggestivo de evolução social, que a lei sabia de Rio Branco e o manifesto republicano de 70 tão manifestamente delinearam.

De muito a alma brasileira soffria amargurada a pena da escravatura da raça infeliz. Consolava-se entretanto da dor, apressando o golpe decisivo e escutando a voz eloquente de Nabuco, o verso emocionante de Castro Alves, a palavra arrebatadora de Patrocinio. Tiveram essas vozes, principalmente para a mocidade, harmonias santas, por nella despertarem com accentos de justiça, belleza e piedade, um grande anseio liberal.

Era digno dessa emoção o scenario politico que lograra ter ante os olhos. Sob um rei austero e culto, ahi se moveriam figuras como Cotegipe, Zacharias, Rio Branco, Torres Homem, João Alfredo, Nabuco, Lafayette, Ouro Preto, e quantos e quantos mais!

A visão do juventude, porém, com maior sêde de liberdade, ia além desses horizontes politicos-liberaes do Imperio...

Antonio Coutinho Gomes Pereira dessa evolução nacional não se poderia guardar: mórmente quando não já o talentoso menino approvado pelo Collegio Naval em 1879, mas o official galardoado pela Escola de Marinha traria a sua alma embalada nesse rythmo de sentimento; o rosto moreno e candido já animado de jovial expressão ante o campo da sua primeira e grande aventura: — o mar.

Que seriam então, para esse ser jovial, corajoso e frágil ainda, o mar e o navio? — O desconhecido talvez, e entretanto, o painel de toda a futura grandeza da sua vida.

A elles se ateve fascinado pelas longas viagens — talvez sob reminiscencia de alguma leitura das aventuras de Robison Crusoe — e nelles sentiu em convivio intimo o meio natural em que já com desembaraço se movia e o meio social em que o seu caracter se ia caldeando.

E se o meio politico brasileiro nelle havia de deixar a impressão de excelsas virtudes peculiares aos estadistas do tempo, o da Marinha propriamente, move-lo-ia á veneração pelos chefes illustres da nossa Armada Imperial. Ainda traria elle presente aos olhos as figuras dos chefes da Guerra do Paraguay, que foram Barroso, Tamandaré, Abreu, Iguatemi, Lamare e quantos mais; e já se moveriam ao seu lado como a fina aristocracia da nossa Marinha, entre outros: Tamborim, Jaceguai, Custodio de Mello, Saldanha da Gama.

Com todos esses chefes e officiaes já com envergadura de chefes, poude elle penetrar o valor da disciplina militar como obra de construcção na efficiencia de uma bellonave; o patriotismo, como a melhor fórma de idealismo de um marinheiro; a lealdade como a mais justa caracteristica de bem servir e commandar; a honestidade, a coragem, a intelligencia, a cultura, como supremas virtudes dos grandes almirantes ou chefes militares.

Sentindo o Brasil dessa paisagem natural onde nutria e apurava o entendimento de official jovem, poude Gomes Pereira concentrar em patriotismo, o que antes fôra sonho ou visão da primeira idade, sentimental enlêvo de vêr e rever a terra querida, após longas viagens.

Já a esse tempo o Brasil mostrava idealistas para quem a igualdade e a fraternidade não eram palavras vans, e que lançando á terra a semente da nova evolução annunciada, aguardavam farta messe.

Abatido por pertinaz enfermidade, o velho Imperador, e sendo á sua existencia como que a da propria monarchia que governava e o immortalizou, mais se precipita o fallado movimento liberal de que elle fôra o mais corajoso peoneiro, com incentivar desde os seus verdes annos, a libertação da raça negra.

Os republicanos sinceros e notaveis brasileiros que trabalhavam pela bôa causa, — parte ainda daquella aristocracia da intelligencia e da bondade formada no segundo reinado — viram crescer, dia a dia, as adhesões de elementos regionaes aonde os aproveitadores politicos não poderiam criar e dar ao povo uma consciencia republicana.

Tiveram, neste passo, aquelles para quem o regimen monarchico mais se oppuzera ás suas illicitas aspirações, o calculo frio e premeditado de envolver as forças militares no que passavam a chamar a — obra da regeneração brasileira —.

As questões militares se succedendo, deixaram esses elementos de trabalhar o povo dando-lhe a idéa precisa contida no manifesto de 70, para mais pertinazmente activarem a indisciplina nos quarteis — ao que alheio não era entretanto, o chefe do Esta-

do Maior, General do Exercito Imperial e futuro Presidente da Republica.

Em nenhum paiz culto, na verdade, podem ser alheios ás grandes aspirações nacionaes, a Marinha e o Exercito; e ellas eram forças vivas onde se aninhavam ao tempo de Pedro II menos alquebrado pela idade, o patriotismo, a disciplina, a honestidade, o valor.

Desviar as forças militares do caminho do dever — e tal fosse esse dever — constituiu a principal missão da nova propaganda republicana, esquecida em parte da unidade brasileira formada pelo Imperio e da ausencia de rudimentar cultura na população das provincias de mais atrazo.

Minada a paz nos quarteis, explorada a ambição de tantos e a sinceridade de vultos dignos ainda hoje da minha admiração, facil foi precipitar o movimento revolucionario e com as espadas proclamarem, um anno após a abolição da escravatura no Paiz, a fórma mais liberal ainda á prova entre os povos mais cultos do mundo.

Se reproduzirmos o quadro desse movimento historico, teremos á frente do Quartel General do Exercito, formada a tropa de linha ao mando de Deodoro, de espada ao alto, acompanhado de Benjamin Constant, o professor da nova geração mais idealista que militar; de Quintino Bocayuva, o jornalista vibrante que estimulára as casernas ao motim e o povo á revolução. E lá na vetusta casa do Exercito, Floriano Peixoto, detentor do elevado cargo de Chefe do Estado Maior General,, se mostrará impotente ante Ouro Preto para chamar a tropa sublevada á defesa da autoridade.

Significativo quadro symbolico da indisciplina tornada official, não só nesse momento historico, mas, para além, através de 37 annos de regime republicano.

Dir-se-ia que, nesse instante, das autoridades militares só o Almirante Costa Azevedo, Barão do Ladario, cumprira o seu dever expondo á bala a propria vida.

Não quiz entretanto mais tarde a Republica honrar este feito valoroso, nem o ex-Ministro da Marinha soube honrar o seu proprio acto: em discutivel eleição, sentava-se elle no Senado Republicano, como representante do Amazonas.

Esse dia historico não iria chegar ao conhecimento de Gomes Pereira, ausente da Patria, com os detalhes completos, em breve tempo; mas apesar do espirito liberal e republicano do joven brasileiro, eu me aventuro a dizer, que ao ter delles informações precisas, havia de travar-se luta na sua consciencia entre o que fôra o dever a cumprir e o que óra se lhe impunha como o verdadeiro dever.

Haveria elle de considerar profundamente, entre a noção da disciplina revelada pelo Barão do Ladario, a de lealdade por Tamandaré dizendo entre lagrimas o seu adeus ao Imperador á bordo da "Parnahiba", e a desse outro quadro da proclamação republicana, em meio de fanfarras, adhesões e salvas atroadoras.

E tanto mais sincera seria esta luta travada em seu intimo, quanto para elle, toda a feição liberal, era e sempre fôra a mais intelligente maneira de ser para a sua razão.

Mas de temperamento forte e resoluto não lhe saltearia tambem o presagio da decadencia da disciplina e demais tradições zeladas pela Marinha Imperial: porque então já o "Riachuelo" e em breve o "Aquidaban", como dos mais poderosos couraçados do mundo, singrariam as aguas territoriaes, capitaneados pela elegancia de estirpe de um Saldanha da Gama, pela competencia e bravura de um Custodio de Mello, pelo arrojo marinheiro de um Wandenkolk...

Seria essa passageira illusão, porque logo depois dado o — golpe de Estado — entra em nova crise a disciplina, com quererem decidir as forças armadas da sorte da Republica não mais governada pelos caracteres puros que a idealizaram em seus arroubos de moço, mas pelos que a ambição desmedida vinha trazendo para o novo scenario politico.

Elevado ao governo, Floriano, é então a Marinha quem volta os canhões contra o governo que se não constituido de direito é o que se julga com direito a governar.

Já ahi de idade mais viril e sabedoria mais clara, era rude o golpe que soffria o bravo tenente Gomes Pereira, sem que nada deixasse transparecer no seu gesto varonil e na sua feição profundamente militar.

Embarcado na canhoneira "Cananéa", da flotilha do Rio Grande do Sul, veiu com ella tomar posição em postos de combate de 7 a 10 de Abril de 1894, e quando já á vista da barra se mostraram o crusador "Republica", e outros quatro navios revolucionarios.

Como lhe é doloroso o cumprimento desse dever: bater-se contra os seus companheiros de classe! Entretanto, ei-lo fiel ao seu sentimento de honra entrando em duello desigual de artilheria e quando posta a pique a canhoneira, por ordem superior, embarcando em escaler e a descoberto, vogando com a sua gente e um engenheiro do porto, a obstruir o canal de accesso, Debaixo de fusilaria e metralha, trabalham na structção da barra aonde se afundara um casco para impedir a entrada dos navios revolucionarios.

São os primeiros dias de combate na sua carreira militar: dias de que jamais falou, e que sempre procurou esquecer.

Subindo ao governo o mais puro republicano do Brasil, Prudente de Moraes, volta o paiz á pacificação pela amnistia.

Sacrificada pelas lutas fraticidas, desanimada a Marinha, ainda foi por largo tempo esquecida immovel nos portos, tanto por insufficiencia orçamentaria, como por desconfiança e calculo dos meios politicos. Gomes Pereira entretanto, não desanima: encontra no livro, no estudo, no retiro feliz e temporario, alimento preciso ao seu ideal, com dar ao seu luminoso espirito cultura tão grata ao seu engenho. E as adversidades não conseguindo destruir ideal tão alto, qual o da certeza da futura efficiencia da Marinha, não tardam florescer em promessas risonhas.

Já o esbelto cruzador "Barroso", cortando as ondas guanabarinas aferrava o porto; e depois, determinada a construcção de tres contra-torpedeiros na Allemanha, era elle levado ao commando e fiscalização de um delles, o "Tamoyo", que, com bem definidas linhas de commandante moderno, elle traz os portos nacionaes.

Convivendo com os technicos e estudiosos dos assumptos navaes no ex-Imperio Germanico, poude enriquecer os seus conhecimentos de bom quilate scientifico, avaliando quanto o porto de Kiel se notabilizava como uma das criações mais bellas da engenharia militar moderna; e assim, voltar ao Brasil proclamando o valor da siderurgia e o da nacionalização das demais industrias da guerra, tendo como centro de coordenação de serviços e apparelhamento, um poderoso porto militar.

Se bem que de aprumo marcial e discreto, esta estadia em paiz essencialmente militarizado, concorreu para que mais significativos se lhe tornassem os movimentos exteriores precisos e animados: na voz, quando ordena com firmesa e medida; no gesto de cortejar militarmente, marcado pela nobreza e lealdade da sua saudação.

Continuando a Marinha fundeada nos portos, sem exercicios de manobra em conjunto; com minguado e quiçá absoluta ausencia de exercicio de tiro; corroida pela descrença; tendo em abandono as bellas letras navaes; veiu elle a sentir ainda na sua classe a molestia minaz que dia a dia a buscava destruir.

Já então haviam chegado ao Rio os dois novos couraçados guarda-costas "Deodoro" e "Floriano"; mas o problema naval não merecia a realização pratica devida, não attingia a expresão de magnifica realidade de que era digno o Paiz.

Assim, ei-lo em breve, a bordo do "Deodoro" applicando entre inesquecivel grupo de officiaes, tal como na "Tamoyo" a personalidade integra de Silvinato de Moura — a nova doutrina do optimismo na grandeza da Marinha, baseada na sã disciplina, na honestidade de principios, na cultura intellectual e moral da nossa officialidade.

Era ao tempo em que Campos Salles tendo ao seu

lado o estadista Joaquim Murtinho dava orientação segura ás finanças brasileiras; e tal acontecimento administrativo, — de tão grande vulto na Republica quanto o da definitiva approvação das nossas linhas internacionaes — vinha apparelhar a nação para uma época de Renascimento.

Esboça-a e realiza-a o governo Rodrigues Alves — elemento que do Imperio vindo saberia applicar os processos administrativos dos estadistas do seu tempo — e com maior visão já pelo momento nacional comportado, abrir novos horizontes á alma brasileira.

Rege a pasta da Marinha Julio de Noronha, e a Gomes Pereira, auxiliar primarcial do almirante culto, vae caber significativo posto neste momento historico em que se desfralda a bandeira do nosso resurgimento naval, num programma sabio, honesto e profundamente brasileiro.

Estudado com criterio e intelligencia o valor do poder maritimo sul-americano, ia realizar-se o problema naval do Brasil, por partes essenciaes, sem provocar de chofre a inveja ou ciume dos povos visinhos, e baseado na criação e nacionalização das industrias do ferro e do aço, num grande e poderoso porto militar sul americano.

Era o alvorecer de uma epoca brilhante em que toda a nacionalidade vibrava de emoção, pois ao problema naval se prendiam a independencia das industrias da guerra; a continuidade da disciplina militar capaz de soffrer evolução mas não o seu depauperamento e morte; a creação de escolas profissionaes aonde como elementos novos se apparelhariam optimas guarnições para a nova armada.

Não quiz assim, porém, o destino inglorio. Concentrado o poder nas mãos de um unico ministro mais adaptado á politica dos momentos — a quem não faltariam qualidades de bravura physica, tenacidade, e um espirito de psychologo, sagaz e opportunista — transformou-se o que fôra producto de estudo e sabedoria, num formidavel "Paradoxo Naval".

Não se cogita de dar á Marinha a base da sua grandeza; dá-se-lhe a miragem de uma grandeza que vae provocar no meio internacional sul-americano, a affirmação de mentalidades clarividentes e subtis, como as dos argentinos, que talvez realizando em seu paiz o proprio programma Noronha, veem a engrandecê-lo, mercê da imposição do nosso novo programma, com a construcção dos couraçados "Riva lavia" e "Moreno", superiores em tonelagem e armamento ao "Minas" e ao "São Paulo".

Surge ao tempo a phrase sonora de "Rumo ao mar", e ella será em breve, a affirmação de que no mar nada seremos, sem bases, sem arsenaes, sem diques, sem porto militar, sem lento preparo do pessoal na disciplina e não, realisando-se dia a dia, a politica de Pinheiro Machado: a da Marinha contra o Exercito, e do Exercito contra a Marinh .

Lentamente será o principio da autoridade destruido sa azmente anniquilado, emquanto ao inculto inferior se alargará o vôo largo da ambição, e depois ao marinheiro, quando já vencida a segunda etapa desta obra infeliz.

Por acaso, neste chãos administrativo, a que muitos por calculo, e poucos por desinteresse, prestaram serviços reaes, mas inglorios, houv um momento de justiça para a vida de Gomes Pereira, como se o eleger commandante do bello navio escola "Benjamin Constant" numa viagem de circumnavegação do mundo.

Era elle a esse tempo, e o seria já no sentir de toda a Marinha um dos expoentes da cultura da classe, a par de Julio de Noronha, de Jaceguai, de Huet Bacellar.

E d'ahi, a partida do "Benjamin Constant" nos fazer evocar nesses dias republicanos as figuras immortaes de Saldanha da Gama e de Custodio de Mello ainda nas bellas fragatas mixtas de outr'ora, guardando com religioso carinho o sentimento da Patria e servindo- com elegancia e fidalguia, cultura e valor das suas personalidades.

Vae esta viagem revelar, sob todos os aspectos, o brasileiro illustre, o marinheiro culto, o subtil diplomata.

Sulcando os mares com larga proficiencia, ei-lo, após curto estagio em Montevidéo, a contornar a America do Sul, ganhar o Pacifico pelos canaes Smith, aferrar os portos de Talcahuano e Valparaiso.

Do contacto do seu sentir medido e hellenico com a alma chilena exuberante e forte, o seu formoso engenho traduz em palavra elegante e clara, num accento de eloquencia e belleza o que o seu proprio patriotismo lhe inspirava. As suas orações possuem a luminosidade do nosso sól e como que a poesia e o perfume das lindas flores do Brasil.

Rio Branco dirigia ao tempo como estadista de estirpe a pasta do exterior, e a politica sul-americana que agitara com a agudeza de um Bismark, dava frutos a colher, mas tambem herva damninha a destruir... E assim, para combater a influencia de elementos nocivos junto á Republica do Peru', destacara a figura medida e arguta de Domicio da Gama, que em Lima ia realizando tanto quanto possivel, a obra do nosso grande chanceller. Mas mercê dos dotes diplomaticos do embaixador da dignidade brasileira, se a Callão não aportasse o nosso bello navio escola ao mando de tão illustre commandante, a missão a vencer ainda se alongaria por alguns lustros, e talvez sem a solidez de sinceridade que, em pouco tempo, se veiu a affirmar.

Parece-me ver ainda, o capitão d fragata brasileiro ao lado de Domicio da Gama e de Solon Polo, incarnar todas as bellas tradições da nossadiplomacia naval, dando aos estrangeiros a impressão de um desconhecido Brasil.

Soube Gomes Pereira fazer com que compartilhassem com elle os seus officiaes nesta obra de cordialidade americana, para que bem sentissem do valor do navio como obreiro da paz continental.

Largado do porto o "Benjamin Constant", sumindo-se p a a terra peruana o seu vulto branco nos horizontes do Pacifico — havia o mensageiro da alma brasileira estabelecido, não á força dos seus canhões, mas á do engenho do seu commandante ao lado do de Domicio da Gama, a intelligencia dos dois povos.

Abertas as velas a esse immenso oceano, após singraduras em aguas acolhedoras e correntes favoraveis, aporta o navio á Oceania, ao achipelago de Sandwich, de onde busca de novo ganhar a distancia desse grande mar que o separa do Imperio Nippon.

Mas quiz a bôa fortuna que a bandeira vermelha arvorada na ilhota calcarea de Wake detivesse por dias a derrota do navio para se oumprir a par de um dever de piedade christan, obra scientifica de reconhecimento e determinação de coordenadas geographicas do ilhéo, só mui raramente visitado. Ali em abandono, 20 japonezes, marujos e pescadores do "Hokio Maru" despedaçado de encontro ao escolho, curtiam, para um anno, a vida triste dos naufragos na ilhota deserta, alimentando-se das aves marinhas que ahi procreavam, como dos peixes dessas aguas profundas.

Recolhidos esses infelizes a bordo do navio escola, buscava este Yokoama, para realizar obra de diplomacia praticante em moldes de tão humanitaria feição, e senão tambem— realizar para alguem de um fino espirito gaulez — obra de humorismo internacional, qual a de só então ser descoberto o Brasil desconhecido pelo Japão moderno... Mas descobrindo-o o Imperio do Sol Nascente, guardarão os seus filhos em commovido respeito, a lembrança dos quadros que tiveram por scenarios a ilhota deserta e o convés do "Benjamin Constant". Deste, principalmente; formados junto ao portaló de boreste os naufragos japonezes ao receber o navio a visita do almirante Togo, o nosso fidalgo commandante saudando-o, entrega-lhe os filhos da terra nippon, perdidos na immensidade do oceano, com a expressão concisa de um diplomata de raça:

— Ás minhas credenciaes, senhor Almirante.

Neste momento, muitos dos nossos vagaram os olhos ennevoados de lagrimas, da figura do commandante brasileiro para a Bandeira do Brasil atopetada na caragueja da mesena, como confundindo, em mares dos nossos antipodas, a figura de um homem com a da Patria distante.

Deu-lhe o Japão medalha honrosa que jamais possuiu brasileiro algum.

Correu ainda o navio: Nagasaki, Sasebo, Shan-

ghai, Hong Kong, Kam-ram, Singapura, Colombo; atravessou o oceano Indico para a Arabia Feliz, cuja expressão de tristeza era Aden; sulcou o mar Vermelho, onde o velho cruzador "Barroso", naufragara sob o digno commando de Baptista de Leão; detevese em Ismalia, Suez e Alexandria do admiravel Egypto; aferrou os portos de Napoles e Spezzia da linda sereia do Mediterraneo; visitou a culta França, escalando em Toulon; buscou Gibraltar, e de novo o Atlantico, para após aferrar Pernambuco, attingir o Rio de Janeiro em dez mezes e 24 dias de viagem ao redor do mundo.

Com o seu regresso, já era Gomes Pereira o typo mais representativo da nova Marinha, infelizmente mergulhada ainda nesse — "Paradoxo Naval" — que vae cada vez mais precipita-la na decadencia de sentimentos, minando-lhe conscientemente todos os alicerces da disciplina. E dahi, o receber Baptista de Leão com a pasta da Marinha, essa triste herança pronunciada logo aos primeiros dias da sua posse. em Novembro de 1910; doloroso crime que vem arrebatar da vida, nos seus postos de honra, a Baptista das Neves, a Mario Alves, a José Claudio, a Lahmeyer, a Salles de Carvalho, a Carneiro da Cunha, ao Sargento Albuquerque!...

E' ao tempo em que Gomes Pereira, commandante do Corpo de Marinheiros Nacionaes, ao lado do ajudante do referido Corpo, sóbe ás muralhas da fortaleza e ordena se arrie a bandeira vermelha da revolta, conduzindo com disciplina a força sob o seu commando para logar immune da sublevação.

São dias de luta e de nobreza moral os que lhe vi passar ao lado de Baptista de Leão no insano trabalho de restabelecimento da ordem, não pelo processo politico por que foi solucionado, mas pelo da resistencia pelas armas como era da sua vontade.

Dado a fundo o golpe no principio da autoridade, como restabelece-la? E' então que surgem verdadeiros apostolos do dever cujos nomes guardo com respeito e admiração e dos quaes destaco, neste instante, os dos chefes principaes: Baptista de Leão, Furtado de Mendonça, Gomes Pereira, Raymundo do Valle, Silvinato de Moura.

Restabelecida a ordem, volta-se ao trabalho de refundir em moldes precisos o principio da autoridade, base essencial de toda a disciplina.

Gomes Pereira commandando o "Minas Geraes" é um elemento de respeito e de valor dessa doutrina, e já quando o seu nome transpondo a muralha chineza da classe é levado sem favor ao seio das Academias, ao do Instituto Historico e Geographico e á Vice-Presidencia e Presidencia da Sociedade de Geographia.

O Club Naval que o fizera seu presidente pela quinta vez e a uma sexta, a que elle não poude acceder — na sua administração proficua, assiste a par da reconstituição financeira da sociedade, a pratica da doutrina precisa á essa Casa da Marinha, — por vezes, o seu retiro patriotico — na phrase lapidar do official illustre.

Com o seu nome então attingindo o supremo prestigio não demonstra senão equilibrio em todas as faculdades essa personalidade singular: pois, quando centenas de socios do Club Naval quizeram offerecer-lhe um banquete consagrador do acatamento e respeito em que o tinha a Marinha Nacional, é elle quem cavalheiresco recusa essa homenagem porque a sua feição de ser militar e chefe assim o exige.

Mas a onda cresce de enthusiasmo e exaltação a ponto de se resolver a realização do banquete ao Presidente do Club, mesmo que á cabeceira da mesa fique sem occupante a cadeira que lhe é destinada.

Nobre homenagem que elle ainda recusa, modesto e digno como foi em toda a sua vida.

Em breve, novo golpe, e agora por maior espaço de tempo, vae soffrer ainda a nobre corporação, e durante este periodo administrativo, vem mais uma vez provar-se quando estala a guerra mundial e a nação mobiliza um cruzador ligeiro e alguns destroyers, como desapparelhada estava a Marinha para tão alto feito. E mais: que se cumprido fosse o programma Noronha, a efficiencia naval do Brasil já teria attingido um grau de aperfeiçoamento da sua industria de ferro e de aço e de outras correlatas com ella, dendo assim pelo seu fabrico de cascos, senão de machinas para as grandes potencias, enriquecer-nos com o ouro dos consumidores estrangeiros e augmentar o prestigio da Marinha do nosso tempo. Assim não nos serviriamos da bravura e competencia dos nossos officiaes em navios que não possuiam a efficiencia para a aventura a que a diplomacia internacional os levou.

Eleito Rodrigues Alves, de novo para dirigir os destinos nacionaes, appella o estadista insigne para a intelligencia, o patriotismo e as virtudes de Gomes Pereira, com entregar a quem devia a gestão da pasta da Marinha.

Morto o Presidente eleito e reconhecido novo Presidente, interinamente governada a nação com zelo patriotico por Delfim Moreira, quiz o destino que mais uma vez a dura prova fosse sujeita a alma estoica do nosso almirante.

Ao passar o sr. Epitacio Pessoa, recem eleito Presidente da Republica por um dos nossos portos do norte, concedeu ou lhe attribuiram entrevista em que se affirmava o proposito de serem sómente chamados — os competentes — para as pastas ministeriaes.

Chegado que foi o Presidente eleito ao Rio de Janeiro, e confirmada a noticia de que só escolheria ministros civis para as pastas militares, pronunciase uma crise de alta significação militar e politica com o fim de impedir a ascenção ao posto supremo do cidadão eleito.

Nas forças armadas, por um ou outro autorizado chefe, notavam-se descontentamento e proposito de revoltar os quarteis e navios.

Não se esquecendo embora a Armada de que os grandes Ministros da Marinha no Segundo Reinado, foram civis que concorreram para a grandeza naval no Imperio, julgava seria humilhada — após a declaração feita ou não na entrevista jornalistica — uma vez substituido o ministro competente e illustre por quem das ccusas navaes pouco houvesse de entender.

Mas será ella ainda que irá solver a situação critica a que era levado o paiz, e o será unicamente, porque á frente dos seus destinos na sua verdadeira posição de chefe, está esse patriota admiravel com alma de Bayard: Antonio Coutinho Gomes Pereira.

Instado o digno Almirante para que acceitasse o cargo de Chefe do Estado Maior da Armada, não o recusa elle, porque sendo Ministro como era, se sentisse diminuido no cargo que só deverá ser exercido pelo general mais illustre da corporação; mas porque assim naquelle instante, a consciencia de um homem puro o exigia.

Reinstado por duas ou tres vezes a acceder ao convite, ainda o recusa instando pela sua demissão até que mais aguda se torna a crise, e mais se a torna, hora a hora, minuto a minuto... Já então appellando-se para o seu patriotismo, luta formidavel se desencadeia na sua consciencia impolluta, com discernir entre o que sendo o caso pessoal se tornava num caso nacional.

Em outro, a quem pelo suborno ou satisfação de vaidades se dessem ou promettessem favores ou posições em troca de um serviço que sendo nacional pareceria pessoal, este momento d'alma de um homem não seria o que foi: a expressão da maxima belleza, da emoção patriotica, do desinteresse singular. Dir-se-ia algum chefe da Marinha do Segundo Imperio, dos que honraram uma raça e uma nação; dir-se-ia o resurgir dessa Marinha de Outr'ora, na figura admiravel de Gomes Pereira, descendo do seu merecido posto para mais subir ainda, com salvar movido só pelo seu patriotismo, o principio da autoridade no Brasil.

Ao aceno cavalheiresco do Almirante já Chefe do Estado Maior da Armada, a officialidade talvez de lagrimas nos olhos, perfila-se e o sauda ainda com a chaga aberta no peito; mas nem toda ella, amargurará mais tarde, com o chefe illustre, a dor soffrida no silencio e na solidão.

Levado ao Supremo Tribunal Militar, será elle nesse areopago, o incorruptivel juiz, o julgador sereno, como já antes fôra na direcção da Escola Naval de Guerra,— o eminente director, buscando visão mais larga para os modernos commandantes.

Mas, mesmo sob a cupola augusta daquella ma-

gestade, elle alongará o olhar á classe querida, e esquecido de tudo, visando só o dever dentro no seu ideal, virá ao lado dos seus companheiros de Almirantado erguer a sua voz — felizmente escutada por Veiga Miranda — para que se lançasse no primeiro Centenario da nossa Independencia, a base da Organização Naval Brasileira, com a creação do Porto Militar.

Era o seu canto de cysne para a Marinha.

Levantada de novo a crise politico-militar, envolvido o paiz em lutas revolucionarias, vieram-lhe com estas, os primeiros symptomas da cruel enfermidade, não para afasta-lo do Tribunal a que serviu até quasi a hora da sua morte, nem da classe querida, que, sem desfallecimentos, sempre trouxe no coração.

Nas horas tristes que o assaltaram, cercado do carinho dos seus, surprehendi-lhe uma vez um olhar buscando a paisagem brasileira que se descortinava pelas janellas ébertas do seu aposento. Era um dia de verão: radiante o sol, azul o céo. Fallaramos da nossa terra; e o silencio em que ficámos mergulhados por algum tempo, deu-me á sensibilidade a graça de penetrar a viagem daquella restea de luz do seu olhar ao passado do Brasil; e a sentir nella, toda a alma da grande almirante votada em veneração aos estadistas gloriosos do passado e de gratidão aos chefes militares do Segundo Reinado, que fizeram grande a Marinha Brasileira. E depois, como que recolhendo-se essa luz maravilhosa da longa viagem ao seio de onde partira, coincidir com se lhe abrirem em sorriso os labios, ennevoaram-se-lhe os olhos, certamente satisfeito de manter através de amargurados e sempre desejados dias republicanos, a tradição da honra e nobreza de varões tão altos.

Não foi entretanto esse, o momento da sua morte material: mas foi, o em que mais commovidamente me despedi da sua alma, começando de sentir o fim da vida de um brasileiro illustre.

Eugenio de CASTRO.

NASCER E MORRER DAS PALAVRAS

Aprender a falar uma lingua é aprender a esquecer suas palavras. Sempre que falamos mal ouvimo-nos falar. Vemos o contorno das palavras. Sentimos a fórma e o colorido dos vocabulos. Surprehendemo-nos com o movimento das phrases. A disposição de ordem dos periodos. A pontuação diversa. O physico da linguagem. E á medida que falamos melhor, vae desapparecendo o corpo da lingua, dissolvendo-se no pensamento, de fórma á não se distinguir do que ella exprime de impalpavel e interior. Falar bem uma lingua, portanto, é fundil-a em nosso espirito.

Assim é que o nascimento e a morte das linguas, — como o aprender e o esquecer individual de uma lingua — representa uma especie de encarnação da linguagem e o prevalecimento da palavra sobre o falar.

Ainda agora, dois escriptores europeos nos contam as suas impressões desse nascimento e dessa morte das palavras.

"Gerações anteriores", escreve Paul Fechter (1), "quebraram a cabeça sobre a origem das linguas. A nossa tarefa vai ser de acompanhar a morte das linguas".

Na Allemanha hoje fala-se na morte de tudo. Por toda a parte, bem sei, deste nosso Occidente cançado. Mas especialmente entre Vistula e Rheno, onde a quéda se deu de mais alto. Morrem as dynastias e os thronos com ellas. Morrem as nobrezas de sangue. Os feudalismos do dinheiro. O equilibrio da arte. Morre toda uma civilização, dizem. Religião e organismo politico. Belleza e hierarchia social. Ordem e doçura de viver — tudo caminha para o esquecimento. E com tudo isso as linguas, o proprio corpo da expressão de uma alma em decadencia. Esse, o estado de espirito. Essa a convicção da irremediavel tristeza interior de um póvo que se julgou senhor de meio universo.

Ha, portanto, nesse derrotismo uma grande dóse de falso impressionismo. Mas nem por isso menos dissolvente. E doloroso.

A lingua, diz Fechter, não é um meio de comprehensão reciproca e sim uma necessidade de expressão individual. Ora, a tendencia de todas as linguas é perderem cada vez mais o contacto com essa fonte viva de origem e cristalisarem-se em regras mortas, em expressões recebidas, em palavras definitivamente fixadas. A lingua começa como expressão immediata do individuo mas pouco a pouco vae tendendo á objectivação, á cristalisação, á inercia. E esse é o seu processo de morte.

A escola é o primeiro laboratorio desses venenos vocaes. "Até a escola", escreve Fechter, "aprende a creança a falar; na escola aprende linguas" e dahi começa a scisão com o individuo. "Só em pequena parte morre a palavra por desuso; na maioria dos casos morre por essa separação de sua fonte original, a alma". A vida é um envenenamento reciproco da palavra pela alma que a repudia e da alma pela palavra que lhe não exprime as particularidades pessoaes.

E Fechter vae notando os casos typicos de artificialisação da lingua e portanto de decadencia e mórte da vida primitiva e physica das palavras, como o seu abuso na politica, no jornalismo, no ensino e, finalmente, como caso typico de nossa época de mecanisação, no phonographo e no radio. O isolamento da palavra na radiotelephonia, particularmente, é uma "transposição do caracter plastico da palavra para o caracter acustico". E assim é que — "já se torna a palavra para o homem de hoje um som sem relação com a alma original daquelle que fala". E dessa "technisação da palavra" chega então a nascer o impeto de negar, de destruir as linguas. E ahi vemos resurgir o appello ao primitivo que circula no ambiente europeu e que já está tambem inserido em nosso meio. "O clamor pelos analphabetos, que se ouve a cada passo, meio em tróça, não surge apenas pela repulsa ao saber mal situado ou á meia-cultura, — mas sim pela suspeita de que o alphabetismo é no fundo um suicidio dos povos, um attentado ao bem sagrado da sua alma viva e com isso á sua lingua viva".

O artigo é um mixto de idéas muito exactas e de exaggeros estapafurdios. Levada ao extremo, como leva Fechter, a idéa justa da mecanisação das linguas, chegamos ao absurdo de que toda sociabilidade é uma negação do humano, de que o grito selvagem é a fórma mais perfeita de linguagem e de que a humanidade não tem a possibilidade de transmittir a sua tradição de vida, porque toda lingua inserida em nossa alma virgem é uma falsificação, uma deformação de nossa individualidade. E' um absurdo pretender que a objectivação de uma lingua é synonima de sua morte. Quando o que isso exprime, justamente, é que o povo que conseguiu objectivar uma lingua attingiu a culminancia de sua personalidade como raça. A menos que a culminancia seja uma morte. O que, até como paradoxo, é meio réles. Fechter chegaria a esse bello resultado, se as suas idéas se realizassem, que cada homem deve inventar a sua lingua. O que seria de uma commodidade invencivel. E evitaria, por exemplo, essa harmonia tão mansa e silenciosa que existe nos Parlamentos do mundo...

E' innegavel, porém, a somma de coisas justas que ha nesse artigo. Ainda ha pouco, lendo um ensaio literario de Léon Paul Fargue (1), na mesma revista a que me attrahia o outro artigo de que adeante falarei, senti realmente como ha momentos em que a lingua já não consegue dizer, em sua logica normal, a paisagem a planos de transcendencia inteiramente, ou quasi inteiramente fechados a este nosso pequeno mundo dos cinco sentidos e das tres ou quatro dimensões. Essa miseria de immanencia no oceano da transcendencia. Temos necessidade de quebrar a estructura da lingua, de soltar as palavras, de deixar que o mys-

(1) **Paul Fechter** — Das Sterben der Sprache, in "Die Literatur" — Julho de 1926.

(1) **Léon Paul Fargue** — Esquisses pour un Paradis — in Commerce — Printemps, MCMXXVI.

terio penetre a propria trama da expressão. Esse fragmento de Léon Paul Fargue é muito obscuro. Mas profundamente emocionante. Dramatico. Cortado de relampagos. E de visões allucinantes. E os neologismos, ou antes, as palavras incomprehensiveis que de vez em quando cáem, como bolidos, no meio da trajectoria da phrase, não dão, como poderia parecer, a impressão de extravagancia desnecessaria, e sim de fragmentos do invisivel que attingem o mundo visivel da phrase. Limito-me, como exemplo, para não alongar-me a citar o trecho em que elle conta o desprendimento da alma partindo da terra e largando o mundo da materia.

— "Une cloche arrive comme un moustique; un fil de musique, un fil de fumée presque imperceptibles se prolongent, où protestent tous les clairons, toutes les montagnes, tous les tribuns, tous les canons dans l'étendue, tout ce qui lache la vapeur, toutes les maisons, derniers appels, uhau sanglot roux cage tombée la pipe en feu la suit fini..."

E, admiravel o "effeito desse afastamento progressivo, em que os ruidos mais furiosos se reduzem a filetes imperceptiveis até perderem-se á distancia e com elles o sentido das coisas, a ordem, a logica, a materia já tão longe, longe, lá na terra imperceptivel...

Mas as linguas tambem nascem. E seria uma obra a tentar um poeta, o poema do recemnascido. Não um poema sobre os recemnascidos, como ha tantos. Mas o poema do mundo visto pelo recemnascido. A historia balbuciada dos sentidos que se abrem, dos contactos, que se fórmam, das coisas que sáem do limbo. Do indistincto. Do leitoso, que é o chaos da proximidade. Até chegarem, passo a passo, áás fanfarras da luz, ao clamor dos sons, ás scintillações das palavras, á revelação da immensa multiplicidade que nos cerca. O thema é tentador. E nelle teria o poeta de cantar o nascimento da lingua. Essa coisa prodigiosa: o nascer das palavras. Gotta a gotta de luz que levanta a alma, que desperta o somno das coisas, espanta as asas que dormem cá dentro, informes quasi, sem geito, sem vôo.

Se na Allemanha Paul Fechter nos fala da morte de uma lingua, em França Valery Larbaud nos fala do nascimento de outra lingua (1): o portuguez. Sim. O portuguez acaba de nascer para Valery Larbaud. E é esse nascimento que elle nos conta, deliciosamente, no artigo da N. R. F. Quanto aos outros dois são relatos de sua estadia em Lisboa, e das primeiras leituras de Eça de Queiroz.

Valery Larbaud é bem o typo literario de um fim de civilização. Grande humanista, solido, de gosto subtil, independente, viajado por toda a Europa, ao menos, possuindo a fundo, familiarmente, linguas multiplas e suas literaturas, senhor de um estylo agudo, creador de typos literarios que marcaram, como o famoso Barnabooth, Valery Larbaud, (embora infinitamente menos profundo), é da geração intellectual de Paul Valéry, isto é, dos homens que não concluem. Larbaud passou a sua crise religiosa, sem optar profundamente. E assim a sua crise social. E a sua crise literaria. E ficou, portanto, no plano intermediario das dilacerações, entre as coisas duras que a vida dia a dia nos revela, inexoravelmente, hoje mais do que para qualquer outra geração proxima a nós, — e o gosto de viver a vida, de gozar a vida, "goder-sela", como gostam de dizer suas personagens. E ficou portanto no cosmopolitismo, no pittoresco, no dialogo dos sentidos, naquella "obsecção da juventude", de que Ernst Robert Curtius, o famoso critico allemão, das letras francezas, falou no melhor estudo que até hoje se publicou sobre a obra do autor de "Amants, heureux Amants..." (2)

(1) **Valery Larbaud** — Divertissement Philologique — in "La Nouvelle Revue Française" — Julho de 1926; Ecrit dans une Cabine du Sud Express, in "Commerce", n. cit.; Lettre de Lisbonne, in "Le Navire d'Argent", Abril de 1926.

(2) **E. R. Curtius** — Franzosischer Geist im Neuen Europa — Berlin — 1925 — pags. 185 e sgs.

Larbaud é realmente um typo de fidalgo das letras. Sorrindo dos preconceitos. Divertindo-se por vezes em variar profundamente de estylo. Revelando, a cada momento a seus compatriotas, novos valores absolutamente ignotos, como o fez com Samuel Butler ou com James Joyce, com Emilio Cecchi ou Ramon Gomez de la Serna, e hoje o vae fazer com a literatura portugueza, como amanhã o fará possivelmente com a brasileira. Impregnado da mais fina tradição franceza. E brincando, despreoccupado, com todas as novidades — Larbaud seguirá para a guilhotina literaria das novas gerações de luta, de sangue, de sublime martyrio ou de destruição que se approximam, como aquelles fidalgos de 93, desdenhosos, superiores, despreoccupados por "allure" não por cynismo ou indifferença, brincando com a morte, como brincaram com a vida.

Pois o ultimo gesto de Larbaud foi aprender portuguez. E nos conta, emquanto estavám fresquinhas como cocadas saidas do sol, as suas impressões do sabor de uma lingua estranha, de sua fórma, de sua sonoridade, de sua côr, de tudo o que o habito nos priva pela monotonia do emprego quotidiano.

O hespanhol foi o seu guia. Mas entre as duas linguas Larbaud vê apenas um ar de familia, pois reconhece no portuguez "uma personalidade muito forte". Serviu-lhe, portanto, o hespanhol de ponto de comparação para melhor apreciar "a força e a doçura de certas palavras portuguezas". Achou **rapariga** uma palavra admiravel de alegria, de risos e guizos. A invariabilidade do só, como adverbio ou mesmo como adjectivo feminino, lhe pareceu muito saborosa. "Uma mulher diz que ficou só, da mesma fórma que um homem, como se, desde que está só, já lhe não importasse o sexo". O **sózinho** então exprime admiravelmente a solidão encolhida em si.

Garota lhe encantou. "Se eu fosse casado com uma portugueza, creio que a chamaria garota".

Uma coisa excellente que diz é a rehabilitação do **ão**, que o Sr. Agostinho de Campos atacou, como tantos outros, naquelle excellente prefacio em defesa da leitura dos classicos. "A graphia ão, impronunciavel para quem não seja portuguez (ou brasileiro, accrescentaremos) exerce sobre nós, gente de lingua franceza, uma irresistivel attracção".

Mostra a riqueza da lingua portugueza em palavras de luxo, como que uma reminiscencia da epopéa das Indias. "**Medonho**", diz elle, "é mais do que terrivel; ha qualquer coisa de repugnante em seu aspecto... **Beira-Mar** é um dos nomes mais poeticos que conheço". E assim numa serie de pequenas observações muito pittorescas e por vezes surprehendentes, terminando por contar que ao partir comprou dois livros: — "o Novo Testamento e o Livro de Missa. Ouvir S. Paulo falar ás nações na linguagem dos conquistadores dos Oceanos... E que ternura, que nostalgia de capellas em ilhas longinquas (dignas de ser cantadas por St. J. Perse) deve ter, em portuguez, o **Salve Rainha**".

Acompanhar Valery Larbaud na sua descoberta do portuguez, é como visitar o Rio de Janeiro com um estrangeiro. Sentimos, em nossos olhos, qualquer coisa de diverso, como se a surpresa dos olhos do nosso companheiro se communicasse a nós. Coisas que nos pareciam mais que batidas agora nos parecem novas. O Pão de Assucar é outro Pão de Assucar. O Guahutemoc está mais verde. O Jardim Botanico tem um sabor de tropicalismo como nunca teve. Os suburbios da Leopoldina parecem mais novos do que os suburbios de Hong-Kong. Quando vou no bonde ou no trem com um estrangeiro, mesmo desconhecido, não consigo ler o livro ou o jornal. Tenho a impressão de estar, como elle, vendo uma cidade nova.

Pois é o que se sente viajando pelo portuguez, mesmo em tão curto passeio, em companhia de Valery Larbaud.

E' uma lingua nova que passa pelos nossos olhos. E nos sentimos rejuvenescidos, com aquella boa sensação, de achar uma novidade inesperada no que já não ouviamos, de tanto ouvir.

TRISTÃO DE ATHAYDE

THEATRO E MUSICA

Um aspecto da renovação contemporanea

E' preciso fazer o esforço de quem agarra um cavallo á disparada. O theatro de hoje não tem physionomia reconhecivel. Como um comediante usa mil máscaras. E' desnorteante.

Fixal-o em suas tendencias contemporaneas não ha quem o consiga. Por isso mesmo talvez o julgam decadente. O que é falso. Na opinião dos ignorantes e dos ingenuos toda evolução parece decadencia. E o theatro de hoje segue o conselho de Gordon Craig: renova-se de alto a baixo. E' outro.

Esse conselho deu-o o scenographo inglez em 1908. Opportunissimamente. Porque então (e esse estado de coisas só terminou com a guerra) o theatro acompanhava timidamente o movimento da literatura e das artes em geral. Depois da reacção de Antoine (logo seguida pelo verismo italiano, pelo naturalismo russo e allemão, pelo realismo inglez e hespanhol) pouca coisa fez mais. Ibsen, Bjorson, Strindberg e Brandés provocaram uma revolução de idéas. O que não impediu que o theatro conservasse sua feição primitiva e seus principios anteriores. Tornou-se mais profundo sim. Mas dentro dos mesmos moldes. Começou a pensar. Entrou mais na alma humana. Agitou problemas mais transcendentaes. Porém com os mesmos recursos. Como um escolar que passasse para classe mais adeantada sempre no mesmo collegio. E o defeito estava na educação, nos méthodos de ensino.

O symbolismo pouco impressionou a literatura dramatica. Só Maeterlinck triumphou com elle. Mas esse mesmo sem grande repercussão.

Bataille, considerado audaciosissimo, nada fez para a renovação. Levou tão somente ao extremo as theorias naturalistas. Dissecou a mulher. E como era poeta fez psychologia lyrica. Deu azas ao theatro de Becque. Conservando-o sob os mesmos céos. Bernstein se confinou na violencia exterior. Adaptou á vida moderna as pesronagens de Corneille. Sem lhe tocar na alma. Os seus heróes de antes de 1918 apresentam-se deante da gente **au sommet d'eux-mêmes** como agudamente observa Jacques de Lacretelle. Porto-Riche é mais equilibrado, mais comedido se quizerem. Mais subjectivo. Ganhou a fama de mestre do theatro passional com "L'amoureuse" e "Le passé". Esse theatro entretanto não tem physionomia propria nem reflecte o seu momento. E é mais literario do que propriamente theatral. Brieux é o homem da these. Massante como nenhum. Para elle, o theatro é um meio demonstrativo como outro qualquer. Usa delle como de um silogismo. Nunca o considerou um fim. Faz ensaios de moral politica ou social. Peças é que não. Curel é sem duvida o melhor da turma. Dois ou tres dramas seus prepararam o terreno para a transformação necessaria. O theatro de these passou a ser theatro de idéas. A technica tambem se modificou um bocado. Para melhor.

Depois veiu a guerra e deu uma vassourada em tudo isso. O que era poeira perdeu-se no ar. Ficou sómente o que tinha peso intelligente e esthetico.

E a tarefa do novo theatro começou acelerada e formidavel. Nada escapou á renovação. Do scenario ao jogo dos actores, da concepção á realização do drama tudo se transformou. Não é um renascimento. Renascimento implica em volta, em regresso a fontes e formulas esquecidas. Não. O theatro embarafusta hoje por um caminho virgem, sem marcos e sem méta conhecida. Quero dizer: sem méta já anteriormente procurada ou attingida.

Epoca de estupendo vigor portanto. Não de deperecimento. Nunca o theatro ensaiou como agora tão intensamente o seu poder plastico.

Prova-o a sua universalidade. O theatro contemporaneo é bem a séde e a synthese de todas as artes como quer Edouard Schuré (**La genése de la tragédie**).

E' mesmo interessante. Justamente o que contra elle arguem certos espiritos para provar a sua decadencia é que constitue sem duvida a sua grandeza. Um dos motivos della fica mais certo.

Para esses espiritos o theatro dramatico morrerá dentro de pouco tempo ás mãos do cinema e do café-concerto. Não supportará a concurrencia destes. O prognostico do desapparecimento disto e daquillo é vezo tão commum de tanta gente que até um talento como Paul Valéry chega a affirmar que a poesia tende a morrer. Disparate de facilima demonstração.

Como é esse da morte proxima do theatro. Ella se dará (dizem) porque só o cinema, para falar unicamente no cinema, é capaz de realizar aquelle ideal de arte synthetica e simultanea que o paladar do seculo exige.

Bobagem. Antes de tudo é impossivel deixar de concordar com Marcel l'Herbier em que o cinematographo nada tem a ver com as artes conhecidas antes delle. E' absolutamente independente. Não veiu occupar lugar nenhum. Tem vida autonoma. E sendo em sua essencia uma arte opposta ás demais viverá fatalmente á parte. Não entrará em competição com nenhuma das outras. Em sua finalidade se afastará cada vez mais do **plano tradicional da obra de arte.**

Assim tambem o café-concerto. Tal como existe hoje destina-se a satisfazer mais uma modalidade do gosto publico moderno. Se preferirem, cria uma nova emoção esthetica e procura contental-a. Aliás isso é mais verdadeiro no que se refere ao cinema porque afinal de contas o café-concerto não passa da fusão do theatro e do circo num só espectaculo.

Seja como fôr; o que é innegavel é que o theatro só teve e tem a lucrar com o advento do cinema e o prestigio sempre maior do café-concerto. Sob a influencia forçada de um e de outro elle vem adquirindo novas maneiras de expressão, estendendo seu campo de acção, augmentando sua potencia plástica, actualizando-se. Sim porque se para a platéa antiga bastava o exclusivamente theatral (theatral emprega-se aqui no sentido technico e objectivo da realização) a de hoje já não se satisfaz só com isso. Quer mais. E faz bem de o querer. Ora (a observação é de Unamuno), ao contrário do romancista, por exemplo, o dramaturgo luta contra uma consciencia collectiva, synthese de mil consciencias individuaes e tem de vencel-a de um só golpe. Não separadamente como aquelle. Substitua-se consciencia por tendencia esthetica ou gosto artistico e o conceito nada perde de sua justeza.

Variando e universalizando a sua maneira graças á adaptação de principios cinemáticos, por exemplo, o que poderá fazer sem desvirtuar o caracter distinctivo do theatro como arte, o autor dramatico vencerá portanto com muito mais facilidade e êxito o conjunto formado pelos sentimentos estheticos independentes entre si por ventura de cada um dos espectadores. Clarissimo.

E o theatro assim receberá em seu organismo novos elementos de vida. Pão para o corpo e pão para o espirito. Basta seleccionar com cuidado e absorver completamente. Coisa essencial está visto. Afim de que o tdeatro, como já observou Benjamin Crémieux, falando da influencia do romance sobre elle, não passe a ser de reflexo directo e inconfundivel da vida a reflexo de um reflexo.

Mas havendo criterio intelligente na adaptação ao thema dramatico, no que se refere ao seu desenvolvimento sobretudo, de regras e fórmulas emprestadas ao cinema ou ao circo esse perigo não existe. E o dramaturgo faz coisa nova e excellente. **Orphée**, de Jean Cocteau e **Voulez-vous jouez avec moi?**, de Marcel Achard, por exemplo, duas affirmações admiraveis do theatro de hoje, foram escriptas depois de uma evidente, confessada e acuradissima observação das possibilidades dramaticas formidaveis que possuem a pantomima e a farça de circo. Por outro lado **Têtes de rechange**, de Jean Péllerin, e **O caminho sobre a**

agua, de Orio Vergani, pediram ao cinema o seu estupendo poder de evocação.

Meios de evocação, simultaneidade, movimento, plasticidade, perfeição rytmica, liberdade de fantasia — tudo isso o theatro dentro de suas possibilidades vem procurando imitar do cinematographo. Para lucro seu. Com o café-concerto aprende o traço rapido, a synthese fulminante, a força no burlesco, a instantaneidade comica, o vigor caricatural, o imprevisto, o multiforme poder impressivo.

Quem quizer que verifique o resultado desse esforço adaptador em algumas obras de Alfred Savoir, Lenormand, Jean Gaument e Camille Cé, Sollogub, Jules Romains, Massimo Bontempelli,, Georg Kaiser, até Bernard Shaw, mesmo Pirandello. Para não citar mais.

Cansado de marcar passo o theatro bate hoje todos os caminhos. Não ás tontas como parece a muitos. Antes numa febre de acertar que não tem nada de cega.

Busca desesperada mas intelligente. Revelando extraordinária vitalidade. A' tarefa da renovação entregam-se autores e directores, decoradores e actores. Ella se realiza sob todos os aspectos e a excellencia do já conseguido é indisfarçavel. Olhe-se a obra realizada por essas grandes forças orientadoras e centralizadoras: o francez Copeau, o inglez Craig, o allemão Reinhardt, o italiano Bragalia, o russo Meierhold.

O theatro contemporaneo está no polo opposto ao da decadencia. O grito do Ypiranga de Herzentzev resume bem todas as suas aspirações de transformação e independencia: Basta com a piedade dos escravos deante da tradição. Demolida esta o theatro age agora como um liberto.

E fóra da natureza é nelle que melhor se encontra nestes tempos um arremedo daquella **Belleza** vital por que tanto suspirava o optimo do Ruskin.

S. Paulo, agosto de 1926.

ANTONIO DE ALCANTARA MACHADO

— Depois de escriptas e até enviadas para o Rio estas linhas li na "La Nouvelle revue française" (numero de agosto) uma chronica de Benjamin Crémieux em que é abordado o mesmo assumpto: a influencia actual do cinema e do café-concerto sobre o theatro. O traductor de Pirandello estabelecendo uma distincção entre theatro-espectaculo e theatro puro é dos que julgam nociva essa influencia no que se refere ao theatro puro. Acho improcedentes seus argumentos. Por muitos motivos. Apresental-os agora numa simples nota seria massante e difficil. Só em outro artigo mesmo. — **A. de A. M.**

BAILADOS SUECOS

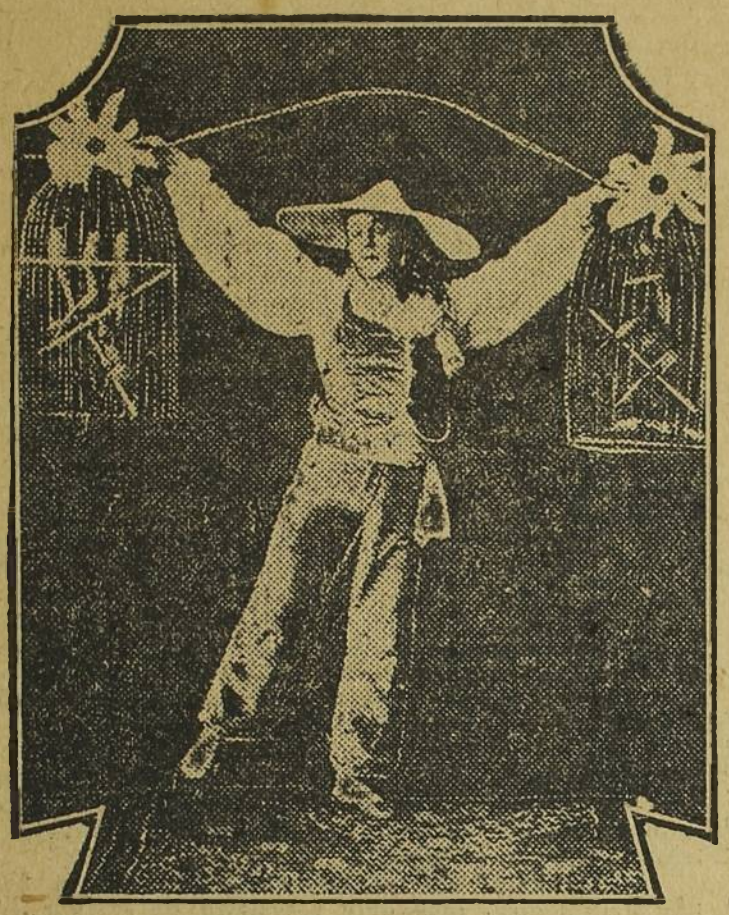


Depois de um ensaio de "L'homme et son désir", em Paris, vêem-se da esquerda para a direita: no primeiro plano, Darius Milhaud, Blaise Cendrars, Rolf de Marie e um enscenador; no segundo, Jean Borlin e Fernand Léger

Quando Rolf de Maré, homem de ideias nobres e dinheiro, imaginou a organização de uma compania de bailados, que devia ser a maior e mais bem aparelhada de todas, encontrou o realizador de seus planos e de uma coreografia nova na pessôa de Jean Borlin.

Borlin, depois discipulo de Folkine, tinha começado em Stockolmo, na Opera Real; o dançarino russo exerceu sobre êle grande influência pela revelação da

técnica e do repertorio dos bailados russos, que êle seguiu dês de lógo com estraordinario successo. Depois de uma "tournée" pela Scandinávia e de ter fundado a pedidos, um curso de dança em Copenhague, recusando contractos para se exibir em Londres, Berlim e Nova York, Borlin parte para uma longa viagem principalmente de estudos. Percorre a França, a Italia, a Espanha estudando ritmos populares e vae ter em terras africanas onde lhe chamam "beau petit prince" e



Jean Borlin em Le marchand d'oiseaux"

onde adquire conhecimentos de arte negra que lhe servirão mais tarde em bailados como "La création du monde". Finalmente, em 1920, assume a direcção coreográfica da compania concebida e custeada pelo sr. de Maré. Data dahi sua magnifica serie de criações e de triunfos.

Primeiro foi a apresentação pessoal do bailarino ao público parisiense em interpretações de Chopin, Léo Delibes, Scriabine, Glazounoff. Em seguida toda a troupe se instalou no Teatro dos Campos Eliseos onde além dos bailados sobre motivos populares tradicionais da Suecia, Borlin criou entre outros os seguintes:

"La boite a joujoux", de André Hellé e musica de Debussy;

"L'homme et son désir", imaginado aqui no Rio por Paul Claudel e Darius Milhaud;

"Les mariés de la Tour Eiffel", de Jean Cocteau, musica de Germaine Tailleferre, Arthur Honegger, Georges Auric, Francis Poulenc e Darius Milhaud, scenarios de Iréne Lagut, vestuario de Jean Hugo;

"Skating-ring", de Canudo, Honegger, scenario e vestuario de Fernand Léger;

"Marchand d'Oiseaux", de Héléne Perdriat e Germaine Tailleferre; e

"La création du monde", de Blaise Cendrars, Milhaud e Léger.

Borlin interpretou tambem alguns films de vanguarda, entre os quais, "Entr'acte", de René Clair e Francis Picabia.

Com Jean Borlin a arte do bailado se renovou. Talvez ninguem como êle tenha contribuido para fazer da dança um gênero distincto e não um simples comentario interpretativo. Com êle o bailado existe por si mesmo, tem vida propria, é um todo independente e por isso mesmo — obra de criação. Borlin incorporou o bailado ás tendências artisticas mais modernas. Imprimiu-lhe um cunho mais plástico que o do bailado russo — mais musical. Senhor de todos os recursos técnicos, sem a menor dúvida um grande artista, conhecedor da arte moderna em suas principaes manifestações, Jean Borlin cria a sua dança como um poema, aliando ao mais forte sentimento dramático, um comico meio malicioso e meio ingênuo que é de supôr seja genuinamente escandinavo. "São dois aspectos da sua criação poética", observa Maurice Rayna!, "por um lado êles (os bailados suecos) sondam os abismos da alma humana, por outro suas maravilhosas qualidades de imaginação deliciam e excitam os sentidos. Graves e alegres a um tempo, êles marcam uma nova fase no progresso da criação estética". Isso tudo dá aos bailados suecos além de sua significação nacional, um sentido profundamente humano.

Jean Borlin, esse artista notável, esse poderoso renovador, esse que é o mais moderno dos bailarinos e um dos grandes nomes da arte do bailado, entre uma temporada em Buenos Aires e outra em Nova York, passou 20 dias no Rio, pela primeira vez despercebido do público e da imprensa, sem **réclame**, sem aplausos ou apupos das plateias indiferentes, tal e qual o actor Arthur de Oliveira, fazendo prólogos num dos cinemas do sr. Serrador — (P. M.)

Ravel no Municipal

Jacques Riviére disse, a proposito da **Rapsodia Espanhola**, que a virtude expressiva da musica de Ravel estava na sua maneira de ser uma atmosfera em que tudo se evapora. Eu preferia acabar: em que tudo se transmuta. Assim, na comedia lirica da **Hora Espanhola** as personagens humanas são faceciosamente reduzidas a verdadeiros bonecos de mamolengo. E não é realmente isso o arrieiro que leva todo o tempo a carregar aqueles baitas relogios catalães de lá pra cá, de cá para lá? e a esposa do relojoeiro que, descorçoada de dois amantes ineficientes, se satisfaz afinal com o arrieiro? Titeres tambem o bacharel, o gordo banqueiro e o relojoeiro toledano. Em compensação toda a maquinaria da oficina de Torquemada como que se humanisa ao toque da varinha de condão que é a musica de Ravel, e ha ternura nas pancadas das horas, no canto dos cucos, na descarga dos despertadores, em todos os ruidos de molas e balancins que criam a ambiencia meditativa de uma casa de relogios. E a face mais cativante da opera é precisamente esta, desde o preludio onde, apoiado em uma serie de acordes perfeitos, se desenrola uma sucessão de efeitos curiosos de timbres, evocando aquela atmosfera a um tempo sossegada e alerta.

Não seria de esperar que a **Hora Espanhola** agradasse ao nosso publico numa primeira audição. Ravel é um temperamento aristocratico e esquivo, um desses artistas que não se entregam nunca e cuja arte dir-se-ia uma perpetua vigilancia. A sua prosodia musical apenas sublinha as inflexões verbaes. A propria prosodia verbal de Ravel é, segundo o depoimento de amigos, peculiarissima. Observe-se, por exemplo, a inflexão do arrieiro quando diz, ao soerguer o relogio onde se ocultara o bacharel:

C'est seulement que l'on dirait que ça balllotte...

E' preciso muita atenção pra seguir a declamação lirica e o comentario orquestral. A musica esfusia ou interrompe-se bruscamente, sempre ironica, ali, arremedando un **leit-motiv** da **Tetralogia**, aqui parodiando a velha valsa **Amoureuse**... Em suma — uma trama apertada de intenções e efeitos que escapam inteiramente ao ouvinte desprevenido.

O que succedeu é que uma parte do publico, felizmente reduzida, impacientou-se e rompeu a patear, justamente no começo do quinteto final, especie de vocalise a cinco vozes, delicioso de graça e musicalidade. A maioria da assistencia, porém, reagiu, aclamando a opera e os seus interpretes, que eram mme. Yvonne Gall e os srs. Crabbé, Huberdean, Ovido e Girardi. Verdade é que muita gente aplaudia por snobismo; outros apenas em consideração aos interpretes: uma mocinha a meu lado dizia, irritada com a vaia: — "Os cantores não têm culpa que a opera não preste!"

Os que patearam fizeram que nem uns pobres homens que escrevem as criticas musicaes de certa

imprensa: trataram Ravel como um futurista aparecido á ultima hora pra tapear a gente. Ora, "L'Heure Espannole", composta em 1907, é hoje considerada uma obra-prima e como tal aclamada em toda a Europa. Podem gostar que é consagrado... — **MANOEL BANDEIRA.**

As temporadas lyricas

Foram duas, longas e inuteis. A do sr. Mocchi, no Municipal. A da Companhia Scotto, no Lyrico. Os repertorios de sempre. As novidades obrigatorias de sempre, todas, como sempre, sem significação. Salvou-se, no Municipal, "L'heure espagnole", de Ravel, da qual tratou acima o sr. Manoel Bandeira e que foi a unica que o publico pateou. A Companhia Scotto nos revelou "Turandot" e "Nerone", isto é, o milhor de Puccini e de Boito; o que não quer diser que se trate de musica bôa. "Turandot" sugeriu a seu falecido autor uma idéa interessante: queria êle que a partitura fosse interrompida bruscamente, na nota em que a deixára, e que se comunicasse ao publico: "Neste ponto o autor morreu". O maestro Puccini tinha, porém, máus amigos, que, estragando essa bôa idéa, fiseram terminar a ópera pelo sr. Franco Alfano. De "Nerone", diremos, apenas, com os nossos collegas argentinos de "Martin Fierro", que é uma ópera grande, que está longe de ser uma grande ópera.

Os cantores mostraram a contento suas habilidades. Especialmente o quadro francez, composto da Sra. Yvonne Gall e dos Srs. Crabbé e Vanni Marcoux, de um lado; e, do outro, o velho e cansado Titta Ruffo e a Sra. Claudia Muzio. — P. M.

Temporada franceza

A arte e os artistas francezes que o Sr. Walter Mocchi trouxe este anno para o Municipal estiveram longe de parecer de primeira ordem. Velhos estirões já insupportaveis, como "Le Tribun", de Bourget; comedias hoje destituidas de qualquer interesse, como "La Veine", de Capus; o que Sacha Guitry tem escripto de menos espontaneo e gracioso (Le Comédien); o que ha de peor em François de Curel (L'ame en folie); essa especie de theatro é que foi offerecida ao publico do Rio, dessa ultima vez. Entre tanta cousa insipida, apenas se salvaram duas bellas peças de penumbra, de Charles Vildrac — "Paquebot Tenacity" e "Madame Béliard", e tres actos quasi sempre admiraveis de Denys Amiel — "Mr. e Mme. Un Tel".

Os elementos da companhia Grétillac-Téssier deixaram tambem muito a desejar. As suas principaes figuras, embóra recebessem vivos applausos da platéa mundana do Municipal, nem mesmo a esta conseguiram agradar completamente. Entretanto, a senhora Valentine Tessier mostrou certa noite um talento muito fino, representando a "Madame Béliard".

Tudo preto

O grande acontecimento da temporada teatral deste ano foi, sem duvida, a formação da compania negra de revistas, que estreou no Rialto, com estraordinario successo artistico e de bilheteria. Successo bem merecido.

A compania negra de revistas, embora disponha ainda de poucos elementos, revelou, dês da estréa, as suas possibilidades. Constituida, provavelmente, de uma grande maioria de principiantes, êla conseguiu apresentar um espetaculo interessantissimo, bem ensaiado, côros excelentes nos numeros de cantos e dansa, montagem e marcações das milhores que temos tido e algumas estrêlas de primeira ordem.

E' certo que ainda se nota muito acanhamento, muita timidez, em alguns actores. O Sr. Waldemar Palmier, esplendido, aliás, nas dansas, nos "sketches", parece menino de escola primaria em festa de fim de ano. Mas essa observação não póde ser dirigida a artistas perfeitamente desembaraçados e senhores de si, como as Sras. Dalva Spindola e Rosa Negra, profundamente brasileiras; Jandyra Aymoré, uma boa voz, e os Srs. Mingote e De Chocolat. O pedantismo do nome e das atitudes deste, centrado por D. Tarsila do Amaral, longe de ser um defeito, me parece uma das boas coisas da revista. Muito mais estranho é o nome injustificavel de Miss Moons, com que figura no programa a vovó africana, que executa uma admiravel dansa de macumba, que o publico preferio interpretar como humorismo.

A Sra. Djanira Flora muito boa no quadro "Entre êles", é inferior nos outros. A orquestra, dirigida pelo veterano Pixinguinha, a melhor possivel. Musica esplendida. Alguns maxixes estupendos e musica estrangeira bem escolhida.

Em suma: os negros dessa companhia fazem não arte negra, mas arte brasileira da milhor. Arte mestiça. E, por isso, são admiraveis. E' imprescindivel que seus directores compreendam o perigo que póde lhes trazer qualquer passo em falso. Mas, se souberem manter o espirito brasileiro que, consciente ou inconscientemente, os tem conduzido, a Companhia Negra será a milhor tentativa feita até aqui para a creação do nosso teatro.

PRUDENTE DE MORAES, neto.

LITERATURA

Vale a pena criticar obras literarias?

Poucas coisas podem ser tão imprecisas, vagas e inconsistentes, como a critica literaria. Começam as duvidas logo na sua definição. Que se ha de entender por ella? Toda a critica é, antes de tudo, um trabalho de escolha, um processo de selecção. Ao critico literario incumbe a tarefa de escolher, de separar o bom do máo, estabelecendo uma hierarchia de valores. Não ha duvida. Mas o proprio termo "escolher" implica a existencia de um ponto de apoio, de um "standard" para a avaliação. Onde o ponto de referencia? Este é sempre arbitrario e, portanto, a definição da "critica literaria" varia de accordo com o criterio escolhido. Isto posto, não parece claro que essa definição é uma impossibilidade apodictica? E' verdade que o facto de ser arbitrario não basta para invalidar o ponto de referencia. O que importa, mesmo nas sciencias máis rigorosas, não é o maior ou menor arbitrio com que se elege o ponto de referencia. O que importa é a sua uniformidade. Que valor teria um calculo baseado em um systema de numeração que, constantemente, soffresse oscillações, agora decimal, depois binario, a seguir duodecimal? Seria impossivel guardar, entre as varias grandezas, uma relação uniforme, intelligivel. E' comesinho que toda a sciencia é um systema de relações. E a garantia da sua validez reside, exclusivamente, na estabilidade do ponto de referencia.

E' isso possivel na critica literaria? Qualquer pessoa sensata póde responder a essa pergunta. Um critico não é thermometro, metro, systema de numeração... Primeiro que tudo, um critico não é: está sendo. Soffre, como todos os homens, a influencia do ambiente em que a sua intelligencia e a sua sensibilidade estão expostas. Ora, o ambiente muda. Muda continuamente. E' dizer que, para um mesmo critico, em épocas diversas da sua vida, não muito afastadas umas das outras, o criterio para o julgamento das obras que lhe são submettidas não póde ser o mesmo. Que pensar, então, quando se trata, não de um, mas de muitos criticos? Cada cabeça, cada sentença. Vê-se, pois, como é precaria a condição da critica literaria, quando ella quer assumir o aspecto scientifico. A sciencia procura impessoalizar os seus julgamentos, as suas acquisições. Despe o mundo objectivo do seu manto anthropomorphico. O seu universo é o scenario branco e desolante da Quantidade. Esse mundo está, por emquanto, interdicto á critica literaria.

Imaginae, apesar disso, um critico que adoptasse, como unico criterio de avaliação, a maior ou menor

riqueza do vocabulario apresentado pelas obras literarias. Esse critico (se é que assim poderemos chamal-o) só apparentemente estaria adoptando um estalão seguro e infallivel. Porque o que hoje constitue um estylo precioso, rico e difficil, amanhã poderá ser linguagem chilra, prosa rasteira, chatice de ralé baixa. Se o povo brasileiro, algum dia, começar a falar no estylo de Alberto Rangel ou de Coelho Netto (tudo é possivel), as obras desses autores, ao ser adoptado o paradygma daquelle critico pernostico, passariam para o ultimo degrão da escala literaria.

O exemplo que eu dei, comquanto fantastico (e os melhores exemplos são quasi sempre os caricaturaes) illustra bem a extrema imprecisão da critica literaria.

Agora, sendo o termo de comparação, o Bello, a Esthetica e quejandas abstracções, o descalabro chega a um limite em que a gente não sabe se deve sorrir displicentemente ou agarrar, á força, o critico e submettel-o a uma rigorosa estação de cura intellectual.

Anatole France queria que o verdadeiro, o bom critico, fosse aquelle que contasse as suas aventuras através dos livros. E' um bom systema. O leitor, gostando das aventuras, ha de querer fazer, tambem, as suas experiencias e vae ler o livro. E é isto, creio eu, o que move uma pessoa de bons costumes a ler criticas literarias. Antes de embarcar para fazer uma "excursão espiritual", o leitor quer saber se vale a pena sair de casa. Enganado uma, duas vezes, pelo informante, fará ouvidos moucos ás suas suggestões e nunca mais ha de ler os livros que elle aconselhar. Bem succedido, tel-o-á como um Baedeker. Sem menoscabar a critica literaria, que exige cultura, subtileza, ductibilidade de espirito e uma grande experiencia da vida, eu acho que a sua melhor funcção é, justamente, a de economisar o leitor, evitando-lhe estafantes viagens, dispendiosas e inuteis.

A. C. C. B.

Historia da Musica Brasileira — Renato Almeida — Almeida — Livraria Briguiet — Rio, 1926

O que a musica brasileira sugeriu ao sr. Renato Almeida foi um livro de literatura. Literatura de frases bonitas, em que se póde sentir a admiração do autor por escritores como Graça Aranha e Ronald de Carvalho, cujos processos de construcção e adjectivação se empregam muitas vezes no livro. Acha o sr. Renato Almeida que os nossos musicos devem trabalhar materia brasileira, pra construir a musica brasileira — e nesse caminho o mais avançado é o sr. Villa-Lobos. Uma introducção esplica a musica brasileira como "flôr amorosa" e soma da tristesa das nossas tres raças formadoras, tristesa proveniente, afirma o sr. Renato Almeida, daquêle temor do homem diante da naturesa, que é o tabu' da filosofia do sr. Graça Aranha. Levada a questão para esse terreno, ao livro de análise, de investigação, que parece devia se impôr, o sr. Renato Almeida preferiu esse, que apresenta, de sinteses successivas, em que tudo é dito com a segurança das coisas conhecidas e fóra de discussão. O Português, o Negro e o Indio, por exemplo, produzem o Brasileiro mediante combinações sabias, indicadas sem a menor hesitação. E' facil perceber o que ha de arbitrario nos valores atribuidos a cada um desses elementos e, conseguintemente, a nenhuma significação do resultado de tais combinações. Por outro lado, a critica doutrinária do sr. Renato Almeida (êle historia pra tirar conclusões), incide no erro de todos os que apontam caminhos. "Ainda dá conselhos", diz de muita gente o poeta Guilherme de Almeida, que, aliás, os dá igualmente. No fundo, o mesmo equivoco quasi universal e de todos os tempos: considerar a obra como um todo independente, que tem em si mesmo a sua finalidade. Equivoco gerador de todos os idealismos e todos os esteticismos. A atitude do sr. Renato Almeida, em face da musica, é, nitidamente, racionalista. Não o será, certamente, a aceitação apressada de elementos de coeficiente e valor preestabelecidos, como método, mas basta considerar como resultados devidamente controlados esses elementos pra que tenhamos tudo logicamente arquitectado. Mas só uma faculdade precaria, como a razão, podia levar o autor tão longe da compreensão da nossa musica e do problema do espirito brasileiro. Veja-se o esfôrço para traduzir, intelectualmente, em palavras o indizivel conteúdo da musica popular. Veja-se a semelhança que ha entre o sr. Renato e os classicos no modo de entender os sentimentos... No citado capitulo sobre a musica popular, que admira devidamente, mas na qual não encontra mais do que todo mundo, o ritmo é que impressiona mais vivamente o autor e lhe parece ser, por emquanto, a nossa grande realisação musical, talvez mesmo a unica. A isso se póde objectar que o ritmo é um elemento formal e que é, por isso mesmo, excessiva a importancia que lhe dá o autor. E' possivel faser, como já se tem feito muito, musica brasileira em qualquer ritmo. Ha, por exemplo, valsas brasileiras estupendas. Finalmente, o sr. Renato Almeida historia o desenvolvimento da cultura musical e da musica no Brasil, através de suas figuras mais representativas, dentre as quais põe em destaque o padre José Mauricio e Villa-Lobos. Encerra o volume um estudo sobre o espirito moderno na musica, que é, ao mesmo tempo, um programma de acção. Historia da musica brasileira? Historia dos musicos brasileiros, precedida e acompanhada de comentarios.

PRUDENTE DE MORAES, neto.

Ao redor de "Toda a America"

O sr. Ronald de Carvalho, o desconcertante autor de tantas obras differentes, mas ligadas todas no fundo por uma constante linha de unidade espiritual, quiz, agora, descobrir, verdadeiramente, a America. Mais do que descobrir, elle quiz invental-a. No portico do seu livro, collocou uma epigraphe que é um brado de orgulho: "Cria o teu rythmo livremente". Este verso, bem como alguns outros da "Advertencia", demonstram, sobejamente, que o sr. Ronald de Carvalho não se lembrou que tanto a America quanto a poesia americana existiam antes delle e, provavelmente, antes de Colombo, tambem...

E' um engano suppor alguem que, em poesia moderna, o poeta possa "crear livremente" o seu rythmo proprio .Não póde porque este rythmo nada mais é do que a fixação em verso de uma idéa ou de uma emoção provocada no poeta pela pessoa, coisa ou abstracção que elle canta. O poeta não inventa um rythmo para cantar uma coisa; obedece ao rythmo suggerido por ella. Agir de maneira contraria é crear simples obra de belleza, é fazer literatura, é fazer malabarismo. O rythmo é imposto pelo motivo poetisavel e não escolhido pelo poeta. Justamente porque os motivos são infinitamente variaveis, o rythmo deve ser infinitamente livre. Isto não quer dizer, porém, que seja "creado livremente". Não creio tão pouco que o poeta se deva annullar completamente, addicionar-se á pluralidade dos sêres para realizar a integração, ou unidade suprema. Esta é a theoria objectivista, que pretende destruir a eterna e intransponivel barreira existente entre o nosso eu e o mundo infinito e vario. Além de achar essa idéa irrealizavel, uma vez que cada sêr é tambem um pequeno mundo desoladoramente impermeavel a qualquer outro, nunca pude descobrir bem o que ha de moderno nesse raciocinio. A personalidade do creador não póde deixar de subsistir dentro da formação, em apparencia independente, da obra creada. Não se póde esquecer o antiquissimo, mas exacto, axioma que diz ser a arte uma funcção de relação entre o individuo e o mundo externo. A annullação completa da intelligencia orientadora leva-nos ao excesso do superrealismo, esta "triste loucura", como disse André Gide.

"Cria o teu rythmo livremente"!

O bello livro do sr. Ronald de Carvalho parte desse ponto de vista orgulhoso, mas falso. Por isso, "toda a America" não é a America toda. O poeta inventou uma nova voz para cantar o Novo Mundo, em logar de ouvir a voz verdadeira, que subia da terra. No poema inicial, intitulado "Advertencia", escreve o sr. Ronald de Carvalho:

"Alegria de inventar,
Alegria de criar o caminho com a ponta do pé!"

E a gente fica pensando, cá no fundo, uma porção de coisas. Alegria de inventar, alegria de crear o caminho... Alegria? Facilidade, talvez...

"Toda a America" é um hymno de gloria, cheio de enthusiasmo e vasio de emoção (Salvo se o enthusiasmo fôr uma). Excessivamente nitido, fere os olhos com a luz muito forte. E' o grito deslumbrado do homem impotente para fecundar a virgindade gigantesca da terra. E' o canto do invasor victorioso, que admira a belleza, mas que não percebe a dor esquecida. Elle nos atordôe com a approximação da sua condida. Elle nos aturde com a approximação da sua força, mas, ao mesmo tempo, se distancia de nós, porque não nos sente, não nos consola. E', principalmente, um livro cheio de optimismo.

Georges Sorel, nas suas admiraveis "Réflexions sur la violence", diz que todas as grandes obras da humanidade têm sido realizadas pelos pessimistas. Segundo Sorel, é um erro chamar-se pessimista ao homem amargo, que se lamenta e que maldiz. Este é apenas um optimista desilludido nas suas ambições. O verdadeiro pessimista nunca se desillude, porque nunca se illudiu. Tem o conhecimento experimental de todos os obstaculos que se oppõem á satisfação das nossas imaginações e está profundamente convicto da nossa fraqueza natural. Este é o que organiza, o que constrôe. Podemos accrescentar que, justamente, por não ter essa noção exacta das realidades, é que o optimista não vê o lado sombrio de uma téla onde ha sombras e luz. Como não soffre, suppõe que o soffrimento não existe. E faz bem, porque attentar na dôr alheia é soffrer um pouco tambem. "Toda a America" é como um clarim optimista, louvando a alegria violenta dessa formidavel mistura de tantas raças, linguas, religiões, ideaes, ambições, sciencias, litératuras...

Requintadamente trabalhados na fórma, esses poemas, que têm, na maioria das estrophes, muito mais lavor do que qualquer soneto parnasiano, abusam, algumas vezes, daquillo que um grande poeta disse ser a negação da poesia: a enumeração. Vejase, por exemplo, "Broadway", aliás um dos mais bellos do volume. Depois das restricções feitas e que se referem tão sómente aos aspectos mais profundos do livro, á influencia de algumas das suas idéas, só nos resta dizer que, como obra poetica, "Toda a America" parece-nos uma das altas expressões da actualidade continental.

AFFONSO ARINOS (sobrinho).

"Jogos Pueris" — Ronald de Carvalho — Pimenta de Mello, ed. Rio, 1926

A mais luxuosa edição feita no Brasil. Um pequeno livro de dez poemas e treze ilustrações. Estas, coloridas a mão por Nicola de Garo em cada um dos quarenta exemplares da edição limitadissima. Côres vivas, bonitas. Desenho firme, figuras decorativas nem sempre fieis ao texto e bastante artificiais. Tipo e papel excelentes. Um livro lindo.

Os jogos do sr. Ronald de Carvalho, entretanto, não são nada pueris. Isso mesmo disse o sr. Tristão de Athayde num artigo em que observou o contraste entre o cerebralismo e o sensualismo que dominam a obra do poeta. A presença constante da razão anúla o que podia entrar de infantil nesse sensualismo. A poésia brasileira não tem esemplo de tão completo **self-controle** como o que oferece o sr. Ronald de Carvalho. Nele tudo é medido e calculado. Não usa palavras excessivas. Tem o segredo de descobrir a expressão justa, o que me permite avaliar de ante-mão os seus efeitos. Um infatigavel bom-gosto inspira os menores detalhes de suas poesias, mesmo as que podem parecer menos nobres, afastando êle um pouco da vida. E não obstante as teorias estéticas, a vida ainda lhe parece indiferente como no tempo dos **Epigramas**, o que explica a importancia que assumem pra êle os sentidos. Um contemplativo. Um homem que não toma parte na vida, que passa por éla, ou milhor, que deixa éla passar por si. O que êle guarda do mundo é o material que os sentidos lhe fornecem e no qual se baseiam as construcções de sua inteligência. Esta submete ás vezes a parte sensorial. Algumas vezes se submete á éla. De qualquer maneira ambas se completam formando uma poesia em que se acentúa particularmente a dualidade, a separação entre sujeito e objecto. Dai a impressão de que o poeta está situado fóra do tempo. Dai, como não se trata de um poeta puramente inferior, a falta de esaltação, a pobreza afectiva dessa poesia perspicaz cujo principal defeito é o de se conhecer demais á si mesma. O sr. Ronald de Carvalho, analisando a frio as suas proprias reacções diante do que o rodeia, é, pois que sua poesia é discursiva, emittindo juizos de toda ordem que de um modo geral esprimem uma atitude menos filosófica do que social, se aproxima da grande tradição do espirito classico, de que êle é entre nós o milhor representante.

PRUDENTE DE MORAES, neto

Waclaw Radecki e Gustavo Rezende: "Introducção á Psychoterapia"

A "Introducção á Psychoterapia", dos srs. Waclaw Radecki e Gustavo de Rezende é uma brochura de 79 paginas, editada por Dobici & Cia. (Editora Scientifica Brasileira). Divide-se o opusculo em sete capitulos, finalizando com um "resumé", escripto, não se sabe por que motivo, em francez. Esse "resumé" diz muito bem o que é o livro, na sua essencia, mas estaria muito melhor si estivesse collocado na abertura do estudo, á guiza de prefacio, com a condição, é claro, de ser redigido em portuguez.

A maior censura que se póde fazer ao livro é a de estar elle escripto de maneira confusa, pontilhada, aqui e alli, de cincadas grammaticaes. Achamos que a primeira condição que deve preencher um escriptor que aventura a publicação de um livro, principalmente um livro da natureza do que estamos analysando, é a clareza. A segunda condição é a clareza e a terceira é, ainda uma vez, a clareza. Não sendo assim, o melhor é deixar na gaveta a obra. Um livro desempenha uma alta missão social e deve, por isso, dar o maximo de "rendimento". Numa industria, o processo de elaboração da materia prima é tanto mais perfeito quanto mais fôr diminuindo a quantidade de residuos inaproveitados. Que relação ha entre uma cousa e outra, entre o caso do livro e o da industria? O leitor, com certeza, já comprehendeu. Quem lê um livro escripto com clareza, "economiza" a sua intelligencia, absorvendo, ao mesmo tempo, o que o livro contem, naturalmente, sem esforço, sem necessidade de adivinhar o que o autor quiz dizer. Nas obras literarias, o interessante, muitas vezes, é adivinhar o pensamento do autor, descobrir aquillo que elle apenas indica com habilidade, numa allusão remota, numa suggestão bem construida. Mas, nos livros em que se expõem factos positivos, discutem-se theorias o que intentam, quando não convencer, pelo menos incutir no leitor uma idéa geral e distincta do assumpto tratado, a exposição deve ser directa, limpa, facil.

Um exemplo da "maneira" dos autores: "No que diz respeito á coordenação, temos de accentuar que a empregamos, não como termo philosophico correspondente ao equilibrio, mas como constatação de um facto biologico imposto pelo proprio organismo, que deve ser tomado em consideração." (pag. 24). Evidentemente, neste periodo, houve um esforço para exprimir qualquer cousa, mas foi mal succedido. Ha outros, no livro, mais confusos do que o acima citado. Ha tambem termos desagradaveis, que, sem prejuizo da expressão, antes, pelo contrario, podiam ser substituidos. Assim o verbo "abreagir" e o adjectivo "psycagogicos".

Em summa, a "Introducção á Psychoterapia, apesar da autoridade dos seus autores, é um livro a que falta clareza. Mas, numa segunda edição, não será difficil corrigir esse defeito, cuja remoção consideramos essencial para que o livro possa preencher uma funcção social util.

OUTO DE BARROS.

Ribeiro Couto — "Um Homem na Multidão" — Rio de Janeiro, 1926

Nenhum livro de poesias escripto por brasileiro nos convida menos ao enthusiasmo do que este.

Para alguns, só isso seria quási que uma virtude. Penso que além de uma virtude, deve ser um privilegio feliz para seu autor. Desde o "Jardim das Confidencias", que Ribeiro Couto demonstrou conhecer, como mestre, essa arte maravilhosa de incompatibilizar, systematicamente, os seus apologistas com a rhetorica de convenção, que é a reacção normal do enthusiasmo (da indifferença tambem) na nossa critica.

Nem assim o seu primeiro livro deixou de ser assumpto de discussões memoraveis, e póde-se dizer mesmo que, dellas, data a formação de uma especie de partido literario, que ainda hoje conta com um numero bem respeitavel de adeptos (*). Mas o segredo de Ribeiro Couto continuou escondido, felizmente para elle e para nós.

Em **"Um homem na multidão"**, a mesma curva que começa a se manifestar no **"Jardim das Confidencias"**, elle continu'a a desenvolver, com igual habilidade e com mais nitidez. Ribeiro Couto se compraz no vulgar, no pequenino, no quotidiano e não supporta o epitheto "poetico". Através de todos os seus livros, esse traço permanece inalterado. Creio que, com um pouco de exaggero, se poderia mesmo dizer que a ausencia de metrica é o que distingue mais particularmente este livro do primeiro. Nos poemas de **"Jardim das Confidencias"**, a funcção de metrica era ociosa, insignificante mesmo. Ella não offerecia resistencia bastante forte contra o lyrismo e o verso se dissolvia, em regra geral, na poesia. Agora, em compensação, elle accentuou certas particularidades, certos tiques tambem, que já se encontravam nos seus poemas anteriores. A' primeira vista, se tem a impressão de que o poeta soffreu uma evolução consideravel, mas só á primeira vista. O titulo que elle escolheu desta vez poderia, muito bem, com maior ou com menor propriedade, servir para cada um dos seus livros, mesmo para os seus livros de prosa, que não differem, substancialmente, dos outros. E, demais, define, admiravelmente bem, esse poeta, espectador interessado da vida, que sabe prolongar em sentimento as imagens mais cruas e as mais injustas que o mundo lhe offerece. Elle está longe dessa acquiescencia sem humanidade que nos approxima, talvez, da sabedoria, mas que nos afasta do lyrismo.

E' possivel que se ache mediocre e estreito o mundo em que se move esse poeta. Não penso assim. De resto me parece duvidoso que uma limitação aceita, não digo deliberadamente, mas integralmente, de corpo e alma, continue a ser uma limitação. Em Ribeiro Couto, creio, ha um exemplo bem preciso disso. E, a proposito, me lembro daquelles versos deliciosos do poema "Ruas", um dos mais bonitos e mais expressivos deste seu ultimo livro:

"E as pessoas que passam nos automoveis quentes,
a olhar com tedio através das vidraças,
nunca poderão saber das volupias subtis, que ha num
dia de chuva
para um poeta pobre,
que vae a pé, com as botas estragadas,
a caminho de casa, pensando um poema,
sob a caricia desconfortavel da agua a cair."

SERGIO BUARQUE DE HOLLANDA.

(*) Digo *partido* propositalmente. Todo o mundo sabe que chegou-se até ao ridiculo, quasi desculpavel para o momento, de falar em *escola* penumbrista.

Guilherme de Almeida — "Raça", 1925

O sr. Guilherme de Almeida tem o espirito deslumbrado pela realidade brasileira.

Ha, na alma desse poeta, alguma coisa semelhante á fascinação dos primeiros descobridores, quando elles aportaram a este solo, ainda bravio. E é com um ardor de enthusiasmo egual ao dos primeiros bandeirantes, que elle toma posse da terra e das coisas.

Foi o idyllio do poeta com a natureza brasileira que lhe deu os versos ardentes do **Meu**. E' esse mesmo idyllio que lhe dá, agora, os versos cálidos, os versos morenos como a tez das nossas caboclas, os versos de **Raça**.

A hora actual, podemo dizer que é a hora em que assumimos a plena consciencia de nossa liberdade espiritual perante o mundo. Se têm razão os sociologos que desejam ver-nos libertos das sombras do "terror cosmico", o sr. Guilherme de Almeida está cumprindo um alto destino, em nossa literatura, e, mesmo, em nossa vida. Mais do que ninguem, esse poeta é livre dentro do seu pensamento.

Elle se embriagou com todos os perfumes de nossas florestas selvagens, de nossas terras fecundas, de nossos mares immensos. E é desses perfumes primaveris e matinaes, acres e voluptuosos, que se acham impregnados seus versos.

Raça canta a formação ethnica do Brasil. Faz-nos ver os "senhores de pendão e caldeira, de baraço e cutello, senhores cruzados, lavradores, Nemrods, amantes, guerreiros, vestidos de ferro, de seda, de arminho, de coiro". Faz-nos ver os "escravos quibundos... que vieram mazombos, descadeirados e catingudos, sem tarimba nem tanga, fazendo banzé, muamba e mandinga, corcundas, trombudos". E faz-nos ver, tambem, toda essa estranha e complexa argamassa humana, chegando a produzir a nossa gente lyrica, a nossa gente sentimental e romantica — a gente brasileira...

"Nós, Donatarios? Caciques? Zambis? — Qual! Poetas e poetas e poetas e poetas!"

Eis a conclusão quasi ironica do bello e forte livro do sr. Guilherme de Almeida.

Livro bello e forte, sem duvida!

Tem-se dito que o sr. Guilherme de Almeida é um grande virtuose do verso. E isso é verdade.

Raça é um espectaculo mirifico. Em nenhum livro de autor brasileiro se encontra uma successão de suggestões assim consideravel. Nenhum poeta brasileiro poude entregar-se, ainda, á uma orgia tão opulenta de symbolos e de imagens. Esse autor brinca com as palavras e as idéas, com a segurança e a tranquillidade de um clown.

Relendo os versos do poema do sr. Guilherme de Almeida, versos em que o mais agil sentimento de arte se allia á mais natural das poesias, nós ficamos a reflectir que ha na intelligencia humana, realmente, um estranho e perturbador milagre.

O dessa musa — que empresta brilhos de ouro ao immenso martyrio dos africanos escravos — certamente não é o menos estranho e nem o menos perturbador dos milagres da intelligencia...

MUCIO LEÃO

Israel Zangwill, o "Dickens Judeu"

Leio, nos telegrammas dos ultimos dias, o fallecimento de Israel Zangwill, que era, presentemente, o maior escriptor de raça hebréa. Deram-lhe, na Inglaterra, o designativo de "Dickens Judeu" e nada mais acertado do que comparal-o ao mestre de David Copperfield, de quem era irmão gemeo no profundo conhecimento dos caracteres humanos.

Zangwill especializou-se no estudo dos typos judeus, fixando-os nas suas qualidades e defeitos com a subtileza de um temperamento de escol. Pelas suas innumeras obras, novellas, romances e theatro, passa uma multidão de filhos da Palestina, daquelles que receberam a maldição do Christo e foram para outras terras crear riquezas, incentivar novas civilizações e vingar-se da christandade, trazendo-a, acorrentada, ao poder do seu ouro.

Zangwill é um escriptor de sensibilidade ironica, que ama descer aos abysmos do coração da sua raça, para expor, depois, em vivas tintas, aos olhos deslumbrados dos seus leitores, os quadros de brutalidade e belleza que nelles colheu.

Jámais se revoltou contra a guerra movida aos do seu povo pelos homens baptizados segundo o Evangelho, cuja lei principal é que todos se amem uns aos outros, como a si mesmo se amam. Elle via com muita lucidez os motivos profundos que geravam esses ódios seculares, e, comprehendendo-os,

guardava diante delles uma nobre attitude de perdão.

Dois dos seus romances, "Filhos do Ghetto" e "Netos do Ghetto" ganharam nomeada universal e acham-se já traduzidos em todas as linguas civilizadas.

No primeiro delles, Zangwill estuda a tragedia moral que é a adaptação do judeu immigrado para a Inglaterra aos usos e costumes britannicos, o esforço que faz sobre si mesmo para infiltrar-se na vida do povo inglez, como se não fôra um elemento estranho, diluindo á maxima tenuidade as indestructiveis caracteristicas dos seus avoengos. Mas os filhos do Ghetto não podem vencer nunca a propria natureza e permanecem judeus até á morte, por mais diversos que sejam o ambiente e a fortuna que os aguardem no seu novo paiz. Os netos do Ghetto, porém, são creaturas renovadas. Não fica nelles o menor signal da raça, e, no seu romance, Zangwill estuda as situações de conflicto que se estabelecem entre filhos e paes, creados pela immensa separação de almas existente entre os da mesma familia, logo á primeira geração.

A par de um notavel pesquizador de espiritos, era elle primoroso estylista, a quem a lingua ingleza deve paginas de raro encanto.

Com Herzl e Max Nordau, Zangwill bateu-se na imprensa européa pelo movimento sionista. Não entrava nas suas cogitações que a "patria" judia voltasse a ser, precisamente, a Palestina. O essencial para elle é que se désse uma "patria" aos descendentes de Israel. Aceitava, por isso, a proposta do governo britannico para a fundação do "lar judeu", em Uganda, na Africa.

Foi Zangwill um espirito escolhido, um escriptor de extraordinarios recursos de expressão e fundos conhecimentos da humanidade. Romances como "Tragedias de Ghetto" e versos como os de "Crianças Cégas", estão destinados a atravessar os tempos, tal é a vitalidade dos typos que fixam e o summo idealismo que encerram.

A. A.

CONTRA OS PARTIDOS

Creio bem que ficaria completamente atordoado o observador sereno, que desejasse julgar a nossa vida politica, pelo que diz a imprensa, tomada como orgão ou reflexo da opinião publica. Ella só conhece, no julgamento dos homens e das cousas, attitudes extremas — a negação brutal e injuriosa ou a apologia systematica e interesseira, confundindo-se, muitas vezes, com as formas vis da lisonja. Uma e outra superficiaes e hypocritas. Nem os jornalistas da opposição julgam os homens tão incapazes e máos, como elles mesmo os pintam, nem os do governo os crêem tão benemeritos como proclamam. No fundo d'alma, o brasileiro é indolente e desencantado. Falta-lhe igualmente a capacidade de odio e de enthusiasmo. Não no attráe a vida publica; interesses egoisticos, affectos sentimentaes, ambições confessaveis ou não, é que, em regra, nos aggregam em torno de um homem ou de um grupo politico occasional. Mas ahi mesmo, é limitada a nossa capacidade de dedicação. Difficilmente, as idéas ou as pessôas conseguem fazer vibrarem as cordas das nossas paixões. Não acreditamos nas primeiras e desconfiamos instinctivamente das segundas...

Por isto mesmo, ninguem imagina que seria possivel aqui um movimento ideologico e romantico, como o fascismo italiano. Talvez nem alguma cousa, como foi o culto de Gambetta ou o **boulangismo** em França. As duas mais completas e interessantes figuras de chefes, de conductores de homens, que a Republica ainda conheceu, Pinheiro Machado e Carlos Peixoto, debatiam-se, muitas vezes, no vacuo. Melhor do que ninguem, elles sabiam como era perigoso pôr em prova a dedicação dos seus amigos e correligionarios. Menos por um instincto de rebeldia ou independencia pessoal do que por uma especie de cansaço, de desencanto intimo, o docil rebanho ameaçava estourar a todo momento...

Sacudir esta gelida indifferença do brasileiro pela vida publica do seu paiz, eis uma tarefa de Hercules, ainda a realizar. Algum tempo, durante a campanha civilista, a eloquencia academica de Ruy Barbosa pareceu conseguir o milagre. Movimento epidermico, que passou sem consequencias apreciaveis. Rúy Barbosa era o menos indicado dos homens para dirigir os brasileiros. As nossas elites não no estimavam. Elle já lhes apparecia como um fantasma do passado, remanescente das ultimas gerações do Imperio, enclausurado nas formas de um liberalismo archaico, que não as interessava mais. As grandes massas populares, que o acclamavam, não comprehenderiam nunca aquelle velho **livresco**, pouco accessivel, sem as virtudes de sympathia e de brilho que impressionam as multidões. Os jornalistas e publicistas nacionaes sentem facilmente esse estado d'alma, que insula os brasileiros dentro da sua patria, alheios aos seus destinos, indifferentes ás suas questões immediatas. Os seus elogios como as suas criticas aos homens e ás cousas em fóco morrem quasi sem éco. O publico sceptico lê, sorri e passa além... Não ha ainda em a nossa terra essa média de opinião burgueza, mais ou menos consciente, sobre a qual repousa a vida politica dos velhos paizes europeus.

Alguns politicos e publicistas, suppondo ver mais longe, não se limitam a verificar a existencia do mal; indicam-lhe o remedio. Mas ahi é, realmente, tocante a sua ingenuidade. A formação dos grandes partidos nacionaes, eis a panacéa universal que elles, unanimemente aconselham. Nem a experiencia contemporanea dos outros paizes nem as licções da nossa historia lhes abalam as doces illusões. Que lhes importam a fallencia da democracia representativa no Velho Mundo e os fracassos successivos, entre nós, do P. R. F., do general Glycerio, do P. R. C., do general Pinheiro Machado, do "Jardim da Infancia", de Carlos Peixoto? Para que vivessem os partidos no Brasil seria necessario, antes, alterar a nossa estructura social e historica e modificar a nossa propria psychologia pessoal. Os partidos da Monarchia não foram mais do que piedosa mentira. Simples projecções da vontade soberana de Pedro II, affirmou o mais lucido e insuspeito dos historiadores do 2º Imperio, o sereno e penetrante Joaquim Nabuco. Alhures tambem os velhos partidos rotativos não têm mais sentido. Que valem **tories** e **whigs** na Inglaterra, republicanos e democratas nos Estados Unidos? Simples denominações historicas. Não será nelles que a democracia parlamentar da Inglaterra encontrará, amanhã, a sua salvaguarda contra o fascismo ou o bolchevismo que a ameaçam. As **Trade-Union** são valores muito mais vivos e efficientes na entrosagem politica do reino insular do que os velhos partidos dos tempos de Gladstone e Dewalui. A vida publica dos Estados Unidos alargou-se e saneou-se, não pelo jogo vão dos partidos e, sim, pela interferencia mais activa das elites enriquecidas nas industrias ou cultivadas nas Universidades. Que alcance têm, acaso, os varios partidos republicanos da França contemporanea? Quando o Parlamento francez, ao tempo de Thiers, por exemplo, se dividia nitidamente entre legitimistas com o conde de Chambord, orleanistas, com o conde de Paris e o duque de Aumale. bonapartistas plebiscitarios, republicanos conservadores, com o **centro-esquerda** e a **ordem moral**, republicanos radicaes com Gambetta, era possivel realmente pôr-se alguma cousa sob tão pomposos rotulos. Hoje, não. Afora os communistas, que não constituem propriamente um partido politico, porque é um movimento de destruição social, os dez agrupamentos diversos que se comprimem no Palais-Bourbon valem apenas pelos nomes dos seus chefes. Republicanos todos elles e defensores da ordem de cousas existentes, são livre-cambistas ou proteccionistas, pacifistas ou guerreiros, conforme lhes impõem as conveniencias de momento ou a tyrannia do paiz eleitoral. Uma consequencia certa e positiva a França colhe da sua existencia — a instabilidade dos seus governos e a fallencia financeira que a ameaça.

Certamente, não seria dos partidos que viria á

nossa salvação. Voto secreto, verdade eleitoral, tudo isto não passa de velha ferragem sem prestimo na entrosagem da sociedade contemporanea. Fazemos no Brasil, sem saber, a politica pragmatica que nos convem. E' bom e verdadeiro o que é justo e util no momento. O problema politico do Brasil é um simples problema de educação — preparar, para a complexidade cada vez maior das funcções, as elites disigentes, alargando-lhes os horizontes mentaes, fortalecendo-lhes o caracter e a vontade, prendendo-as por todos os laços á vida nacional. O individualismo perfez definitivamente o seu tempo. O homem só é livre quando, esclarecido e consciente, sabe disciplinar-se dentro do Estado forte. Realizariamos, em verdade, uma livre democracia, no dia em que o Congresso, apparentemente todo poderoso, representasse a exacta vontade eleitoral? Seriam talvez mais lamentaveis as condições da nossa vida publica. Em vez de obedecer á vontade do presidente da Republica e dos governadores dos Estados, oscillaria o Congresso ao sabor das opiniões inconcistentes das ruas e dos demagogos interesseiros. Escravidão mais dolorosa e mais nefasta. Saudaremos a aurora da redempção politica do nosso paiz, no dia em que as suas posições de mando cahirem em mãos de homens capazes, que saibam para onde queiram ir. Julgo sinceramente mais auspicioso para o Brasil a elevação ao governo da Republica ou dos grandes Estados de alguns homens intelligentes, probos e energicos do que a criação ephemera de dez partidos democraticos...

Em politica como em literatura, os homens gostam das grandes molduras pomposas — partidos ou escolas. E' uma superstição que custa ser destruida. A democracia representativa, nos velhos moldes parlamentares, faz agua por toda parte. A situação dolorosa da França é uma contraprova definitiva do lamentavel naufragio. A obra triumphal do fascismo e da propria dictadura militar da Hespanha, só não na reconhecem os cegos que não querem ver. Porque desejariamos para nós o que os outros paizes recolhem aos museus historicos, como reliquia do passado? Eu não pude comprehender nunca como 800 ou 900.000 brasileiros alistados e pouco esclarecidos se julgariam no direito de decidir soberanamente do Brasil. Para serem logicos com a sua doutrina, os nossos liberaes romanticos, que parecem contemporaneos de Lamartine e Ledru-Rollin, deveriam propor a eliminação de todas as restricções ao direito eleitoral ou a volta pura e simples ao regimen plebiscitario. O povo resolveria livremente nas praças publicas...

Os partidos só podem ter no Brasil uma funcção de utilidade relativa — a de estimular o interesse da burguezia nacional pela vida publica. São aceitaveis, portanto, como simples instrumentos, andaimes que se aproveitam e que se destroem depois, porque não têm finalidade propria. O que nós, brasileiros, precisamos urgentemente é ter a coragem das nossas proprias convicções e sentimentos. Olhemos o Brasil como elle na realidade, na sua realidade viva e, tantas vezes, amarga para o nosso patriotismo, se nos apresenta. Façamos por consequencia a nossa **politica nacional**, isto é, a que as contingencias especiaes da nossa situação social e economica indicam. Temos o regimen que nos convem: os erros e os crimes de que nos queixamos não são delle e, sim, dos homens que o executam. Preparar melhor as gerações futuras eis, vale repetir, o grande e exclusivo problema politico do Brasil...

JOSE' MARIA BELLO

A QUESTÃO DAS BOLSAS DE VIAGEM

"Los brasileños son todos hombres ricos", disse-me, uma vez, com sinceridade, um collega colombiano, ao qual acabava de ser apresentado em uma cidade norte-americana. E' evidente a fonte do seu lisongeiro, mas ridiculo engano.

Testemunhas sem numero depõem que, se, nos centros educativos do mundo mais procurados por forasteiros, é facil encontrar, já não digo em penuria, mas, pelo menos, em situação modesta, a innumeros estudantes, vindos de diversos paizes do mundo, relativamente a brasileiros, isso acontece de raro em raro. Nós sabemos que, em grande parte, a opulencia desses nossos patricios é ficticia e deriva da forte contribuição mensal que, daqui, collectivamente, lhes enviamos. Mas a Colombia e outros paizes ignoram isso.

Muitos dos taes, de torna-viagem, tratam de entreter, habilmente, no espirito publico a convicção de que o preço da vida lhes era fabuloso nos paizes de moeda valorizada, e, paradoxalmente, excessivo nos que a têm em peores condições do que a nossa. A patria é sentimental, e, receiosa de que alguns mais dos seus marmanjos predilectos vão definhar em quartos sem aquecimento, nos actuaes Quartiers Latins de Paris, ou no promiscuo East Side, de Nova York, lhes abre, ainda mais, os cordões da bolsa.

De memoria de gente, dinheiro facil foi sempre uma incitação á troça, principalmente para os debeis de espirito. Isso explica a indignação com que, não ha muito, um amigo me escrevia de Berlim, contando o triste espectaculo offerecido por alguns dos patricios nossos, que o governo havia commissionado na Allemanha, para fazerem serios estudos, e que, entretanto, se entregavam á vadiação sem peias. Lembrava elle que o governo japonez mantinha, na Allemanha, um guia e fiscal da numerosa mocidade nipponica, estipendiada para estudos nesse paiz .

Na verdade, se existe um accordo geral quanto á necessidade dessas viagens de instrucção para o progresso da cultura nacional — o que nos cumpre é estudar os meios de fazel-as dar o rendimento que lhes compete dar.

A SELECÇÃO DO PESSOAL

Os meios restrictivos são uteis, mas não bastam. E' uma verdade, tanto para crianças quanto para adultos, que só se aprende bem aquillo que se está curioso de aprender. Por mais que se force a sciencia da Sorbonne, da Oxford ou da Harvard, ao focinho de um individuo enfastiado pela ignorancia, a regurgitação não demorará.

Claro está que, na escolha do pessoal a partir, deveria ser desprezado o empenho. Todo programma de formação de technicos, de "leaders" profissionaes, que não se dirigir aos mais esforçados e mais dignos, é apenas uma formula elegante de trahir e lesar o proprio paiz.

Além disso, é preciso exigir dos profissionaes destinados a fazer cursos no estrangeiro que tenham, a respeito da terra onde vão estudar e da sciencia em que vão se especializar, uma certa dóse de solidos conhecimentos preparatorios. E' isto, se não me engano, o que a psychologia de Herbart chamava a "massa de apercepção", indispensavel a quem quer que ingresse em um mundo intellectual novo.

As deducções acima não significam méras conjecturas, e sim derivam de uma observação pessoal, abundante. Uma feliz opportunidade ha tempos, poz quem escreve estas linhas, assim como a outros medicos brasileiros, em demorado contacto com numerosos collegas de differentes paizes, em dois centros universitarios americanos. Assim poude verificar, não só em si proprio, como em seus companheiros, a reacção que provoca um ambiente completamente estranho. Ficou convencido de que uma viagem de estudos tanto póde resultar em uma util experiencia quanto em um lamentavel fracasso. Seria, talvez, interessante analysar as causas que levariam a um ou outro effeito.

"INGLEZ EM TRES MEZES"

Ninguem contesta que nós, sul-americanos, nos assenhoreamos, com relativa facilidade, dos segredos da lingua franceza. O opposto se dá com a allemã, que é terrivelmente esquiva. Quanto ao inglez, succede um facto estranho, já por muitos notado. Os que o estudam, realmente, cada dia se convencem mais das suas difficuldades. Entretanto, os que delle guardam apenas o fugidio conhecimento obtido no curso secundario são de uma prosapia incrivel: "Inglez? Oh! aprende-se em tres mezes!" Sim, aprende-se, mas, jus-

tamente, a quantidade necessaria para o individuo, no momento em que necessitar de traduzir um livro escripto nessa lingua, atirar o referido livro com os diccionarios correspondentes debaixo da mesa, e pedir um substituto em francez ou italiano, quer haja, quer não haja.

O que já presenciei a este respeito me tem servido para uma edificação completa. Em outubro de 1923, chegavam a Baltimore, soprados de diversas partes do mundo, muitos collegas já familiares com a lingua da terra, e outros providos da tal bagagem summaria de um inglez de tres ou de seis mezes. As terriveis desillusões que vieram a estes ultimos, os momentos de desanimo completo por que passaram, as noções erroneas e as impressões confusas com que alguns delles voltaram para os respectivos paizes — tudo isto constituiu uma tragi-comedia impossivel de ser esboçada aqui.

Já ouço a inevitavel observação de que esses factos se explicam pela differença de pronuncia entre inglezes e americanos. Em verdade, quem já ouviu a professores e outros intellectuaes de um e de outro paiz sabe que a differença de pronuncia entre elles é duas vezes menor do que a existente entre o portuguez fallado por um brasileiro culto e o fallado por um luzitano do mesmo nivel.

CONHECIMENTO DA TERRA E ESPECIALIZAÇÃO

Estes são, tambem, requisitos indispensaveis. Não basta o conhecimento da lingua. Para que um individuo tolere uma longa demora em uma terra estranha, aonde não vai se divertir, é preciso que elle se interesse pelo agrupamento humano de que é hospede, conheça ao menos traços de sua historia e tenha uma noção das suas condições sociaes contemporaneas. Se este individuo fôr estudar, por exemplo, technica de saude publica ou methodos de educação, essa necessidade ainda é mais frizante, porque ahi estão duas questões em que os profissionaes têm de agir sobre as massas populares, e estas, evidentemente, mostram reacções diversas nesta ou naquella região.

Releve-se a insistencia sobre os Estados Unidos, onde foram feitas as observações aqui expostas. Nesse paiz, a presença face a face de tantas raças differentes, os problemas economicos que dahi derivam, devido á diversidade de padrões de vida das mesmas raças, as desconfianças com que ellas se olham entre si e o labéo de inferioridade que a maioria dellas impoz sobre as de côr, os tremendos esforços que algumas associações e agrupamentos idealistas estão fazendo para crear uma atmosphera de tolerancia christã — só esses aspectos da vida americana colorem de uma maneira imprevista toda a sua organização social, administrativa e mesmo scientifica.

Quanto á especialização, vejamos como procede, a esse respeito, o interesse privado que é, de ordinario, mais sagaz. Um medico que vai aperfeiçoar-se fóra do Brasil, a expensas proprias, nunca trata de tomar cursos sobre todos os ramos da medicina. O que elle faz é, depois de exercer a profissão em sua terra, reconhecer o ramo em que lhe convem se especializar, verificar, por um estudo prévio, quaes são, nesse ramo, as autoridades principaes em Paris, Vienna ou Berlim, e para ali se dirigir com um plano já traçado.

O mesmo deveria succeder com a hygiene, que é, hoje, tão vasta como a propria medicina clinica. Dentro da hygiene, já existem especializações absolutamente necessarias. Nós temos, no Brasil, um horror á palavra especialização. Mas, para um povo, não ha hoje outra alternativa: ou estimula os especialistas ou se torna em um povo de eternos palradores.

Além disso, agarre-se num profissional que ignore por completo a contribuição americana aos progressos da saude publica, envie-se este profissional aos Estados Unidos para tomar cursos de hygiene com um tal Professor McCollum, ou um tal Professor Frost, de que elle nem vagamente ouviu fallar, logo se verá um desattento e um sceptico, sem o interesse, sem a viva curiosidade, que são a alma de todo processo de aprendizagem.

As observações até agora expostas são opportunas, embora sobre ellas já se venha insistindo desde algum tempo. O Brasil está entrando na phase da organização dos seus serviços de saude publica estaduaes. Se se tiver, com este fim, de enviar profissionaes para aperfeiçoamento fóra do paiz, que se trate de imitar os processos da iniciativa privada.

Os mesmos principios se applicam ao desenvolvimento dos methodos educativos nas escolas primarias, normaes e secundarias. Não é preciso entender do assumpto, para se ver que, deante da prodigiosa actividade scientifica desenvolvida nos grandes institutos de pedagogia experimental do mundo, os encyclopedistas de torna-viagem nunca se transformarão em verdadeiros desbravadores do terreno, na nossa terra.

GUSTAVO LESSA.

MOVIMENTO ECONOMICO E FINANCEIRO

Em contraposição á antipathia com que os doutrinarios exaggerados recebem a idéa da estabilização da moeda, podemos apresentar dois argumentos basicos, que decorrem de factos, por sua vez, tambem fundamentaes. O primeiro delles se refere ao que occorreu em todos os paizes de moeda depreciada, após a guerra.

A conflagração confirmou, de uma fórma experimentalista altamente persuasiva, a verdade de que o desequilibrio dos cambios, quer em funcção da moeda interna, quer na comparação dos valores internacionaes, tem sido sempre causado pelo desperdicio dos capitaes, applicados em fins irreproductivos, ao mesmo tempo em que, na progressão das despesas publicas, se reflecte a esterilidade daquelles dispendios. Eis uma verdade primaria, em economia politica, ora posta num relevo tão singular que só os cégos não podem ver. Sendo a guerra uma força imperiosa, que, depois de envolver as nações no seu torvelinho, as faz perder, temporariamente, a noção da productividade dos gastos publicos, não foi possivel que da luta saisse um só paiz, nella directa e lo-calmente empenhado, em condições de saude cambial.

Que vimos, no entanto, nessa ordem de assumpto, desde que, encerrado o cyclo do conflicto, as nações começaram a emprehender a obra de sua reconstrucção? Todas ellas partiram de um ponto de cura commum, aconselhado por força de uma molestia que tambem era a todas commum. Reporto-me á doença de que tanto padeceu, com feição generalizada, o cambio internacional. Póde-se dizer que o processo da therapeutica consistiu num só: a estabilização. Apenas para attender ás circumstancias proprias a cada caso particular, é que variaram os methodos de cura, cujo ponto de referencia nunca deixou de estar representado — os factos nol-o dizem — pela possibilidade de se deter a oscillação do valor da moeda, fixando-a num estagio compativel com o nivel da vida interna de cada um dos Estados que adoptaram essa politica e a situação de dependencia externa em que os collocavam as suas relações internacionaes.

Assim, vimos que a idéa de estabilização presuppoz, acompanhou, exigiu, falemos com maior clareza,

a medida preliminar da devaluação. Quer dizer, verificado, de maneira pratica, que a paridade monetaria, vigente antes da guerra, não podia ser realcançada, mesmo por aquelles paizes dotados de largas reservas metallicas, os financeiros internacionaes, tanto os homens de Estado como os banqueiros propriamente ditos, persistiram em considerar indispensavel a medida da estabilização. A sua difficuldade repousava essencialmente no facto de que, para a tornar effectiva, se tornava precisa a devaluação, isto é, a fixação de cada cambio no nivel demonstrado pela realidade dos factos, tal como esta se positivara através das cotações bancarias.

Esse escôlho, porém, não podia deixar de ser relativamente de pouca monta, em face dos grandes interesses cuja defesa dependia da solução do problema da estabilização. Ora, considerada como causa inicial da desordem monetaria e financeira consequente á guerra a quotidiana fluctuação dos indices do cambio, a qual subvertia os calculos attinentes ao custo de producção, transtornava a base dos orçamentos publicos, e, consequentemente, afogava no cáos as finanças dos povos que contra o regimen do desequilibrio tanto lutavam, não se poderia comprehender que todos esses grandes interesses ficassem sotopostos aos preconceitos que comsigo arrastava o receio da devaluação. O ponto de vista dos banqueiros, sendo um só, era muito simples: a vida monetaria e financeira internacional não poderia attingir ao estado de fixidez de que a desviara o grande conflicto, sem que nas deliberações administrativas adoptadas pelos homens de governo preponderasse o proposito do retorno á estabilização.

O quadro europeu, neste momento, é profundamente significativo, a semelhante respeito. Desapparecem as crises de cada povo á medida que o principio da estabilização se impoz. Ahi está o exemplo tanto dos paizes que foram derrotados como dos que venceram. E, mesmo que esse exemplo deixasse de estar revestido por um extraordinario caracter de generalidade, o que occorreu na Allemanha, na Austria, na Polonia, na Tschecoslovaquia, se nos afigura mais do que significativo, em proveito das vantagens da estabilização. O caso germanico e o austriaco denotam, porém, muito maior valor, não só pelas circumstancias especiaes de que cada um delles se revestiu mas porque a restauração monetaria de ambos representa uma obra iniciada por banqueiros, conforme occorreu com o plano Dawes, e por notabilidades internacionaes, a exemplo do que se verifica com a tutela a que a Liga das Nações submetteu temporariamente a autonomia financeira da Austria.

A' parte, porém, os paizes que já entraram em plena convalescença, restaurada a sua economia pelo remedio da estabilização, restam os povos que ainda soffrem. E, nesse sentido, muito mais avulta o que se passa na Belgica e na França, onde a opinião commum dos homens de Estado e dos technicos reflúe para a consubstanciação da mesma these, já tornada realidade nos povos de que acima tratei. A idéa da estabilização está, nesses dois paizes, em franca marcha para a victoria, sendo que na França ella ganha immenso terreno. Reporto-me á França, principalmente, porque a situação desse Estado persuade qualquer espirito da verdade de que condição primaria da vida de cada nação é aquella em virtude da qual a moeda se conserva num nivel estavel, sem fluctuações bruscas tanto no sentido da alta como da baixa.

Para se ver que o problema da estabilização constitue a chave com que se abrem todos outros problemas do Estado, bastaria citar as circumstancias especialissimas que rodeiam o caso francez. A despeito de possuir a maior reserva metallica accumulada por um paiz europeu, nas arcas do seu banco central, soffre a França a mais aguda crise monetaria registrada na actualidade do Velho Continente. Note-se que não só as suas reservas metallicas, em ouro, superam ás da propria Inglaterra, numa proporção de quasi setenta milhões de esterlinos, como tambem a razão dessas reservas, guardada em face do meio circulante, attinge ao mais alto nivel existente em toda a Europa. Por que, então, o franco se desvaloriza? Responde por essa anomalia, agindo como factor natural e psychologico de grande importancia, a carencia de uma politica que vise, de modo resoluto, o proposito da estabilização, afim de que a moeda fique entregue ao contrôle dos elementos sadios do paiz, livre da acção depressiva das causas que agem de conluio com a especulação.

Adoptada, embora, uma serie de medidas, tanto de ordem financeira como de natureza monetaria e a despeito das condições relativamente prosperas da economia franceza, vista através dos indices do seu commercio externo, mesmo assim, a crise do franco perdura, attingindo uma situação já bem delicada.

Em semelhante conjunctura, pela critica da imprensa financeira de Londres e de Nova York, bem como pela pressão dos interesses internacionaes que o cambio francez ameaça de comprometter, sem excluir o aspecto de alliança com que arrasta a sorte do franco belga, eis que se dá começo á campanha estabilizadora, victoriosa no proprio parecer da commissão de technicos incumbida pelo governo de estudar a situação. De sorte que, iniciados os passos para a realização da medida, na França e na Belgica, exceptuada a Inglaterra, onde a libra esterlina apresentava uma simples depressão de 1 1|2 o|°, aquem da sua paridade com o dollar, não resta, hoje, na Europa, um só paiz que não tenha recorrido á estabilização como providencia indispensavel para que a sua vida financeira se reajuste ás condições economicas renovadas pela guerra. Todo esse concerto de exemplos não valeria nada para os doutrinarios que, no Brasil, examinam com restricções a necessidade da pratica daquelle principio, enunciado como um dos pontos cardeaes da futura administração?

O desenvolvimento a que as condições feitas em torno do caso europeu naturalmente me conduziram, quasi que me ia absorvendo o espaço que devo reservar ao exame do augmento de ordem nacional, referido no começo do presente artigo. Sem necessitar talvez de volver os olhos para a physionomia monetaria da Europa, transformada após 1914, encontrariamos dentro das nossas propriae fronteiras a prova de que a estabilidade cambial não constitue uma chimera administrativa, ou o sonho vão de um ideologo que enxerga a vida fóra do prisma da realidade das cousas. Attentemos para o exemplo da Caixa de Conversão, exemplo que se me afigura, como de facto é, possuido de uma alta eloquencia. Alcançámos, por meio de medidas administrativas, o ideal da fixação do cambio num estagio compativel com as exigencias da economia publica, em todo o periodo de funccionamento da Caixa, até que a obsecação dos doutrinarios, forçando o nivel da taxa sob que o fecundo instituto começara a operar, entendeu de vir perturbar o exito da marcha da idéa, exito que se póde medir pelos resultados que ella conseguiu attingir na Republica Argentina.

A Caixa de Conversão representa o producto da ascendencia das idéas de S. Paulo sobre a directriz monetaria do Governo Federal. Foi com o Convenio de Taubaté que aquelle apparelho nasceu, ou, por outra, em virtude do Convenio, como consequencia monetaria do Convenio, é que chegámos a possuir o instituto conversor. Oxalá que S. Paulo, que já abriu um capitulo tão florescente na historia da moeda, no Brasil, saiba resolutamente revivel-o, reiniciando a politica interrompida desde 1909, por força da preponderancia que, na mentalidade dirigente do Brasil, têm tido as questões meramente politicas ou populares, em detrimento dos grandes e graves problemas financeiros, no computo dos quaes o da estabilização da moeda é o maior delles.

JOÃO DE LOURENÇO

VIDA SOCIAL

E' incontestavel que o grande acontecimento mundano da quinzena, terminada a 8 do corrente, nae foi nem a posse do sr. Antonio Carlos, nem a parada militar, nem as corridas do Jockey Club — foi a missa por alma de Rudolph Valentino, mandada rezar por senhoras e senhoritas da sociedade.

Póde parecer inverosimil, mas é facto.

Raramente vi uma missa tão concorrida, e, mais raramente ainda, uma emoção tão generalizada. Meninas de 14 e 15 annos, senhoras em pleno viço, matronas respeitaveis que já trocaram o baton de rouge pelo rozario, todas, sem excepção, ali se achavam commovidas.

Conheço mesmo uma senhora, titular do Imperio, que se abalou de sua residencia serrana, fazendo grande madrugada para não perder as exequias.

Não podendo attribuir essa manifestação a um sentimento futil, devido á presença das matronas de que falei, e á expressão de genuina tristeza estampada na physionomia de muitas jovens, vejo-me forçado a concluir que foi uma manifestação de idealismo feminino.

Depois do que se viu, não será infundado affirmar que, para as mulheres, Rudolph Valentino encarnava tudo o que ha de forte, de bello, de gracioso no homem. E por isso amaram-n'o. E amaram-n'o na téla como o não teriam amado em vida, se o conhecessem. A menina romantica e a veneranda matrona, chorando, cada uma a seu modo, os tempos d'antanho, sentem-se completamente felizes ao verem Valentino encarnar o elegante Mr. Beaucaire. A mulher amorosa vibra voluptuosamente ao vêl-o, e m"Sangre y Arena", toreador valente, homem primitivo sanguinario e apaixonado, um magnifico animal na accepção litteral desta palavra.

E assim as mulheres de gostos differentes, e até oppostos, encontraram, em um mesmo homem, a encarnação de ideaes diversos.

Bemdita imaginação que faz com que um homem, em effigie, seja amado por milhares de mulheres. E tão bem amado, que em seus corações não ha logar para o ciume. Cada uma vê Rudolph a seu modo, pouco lhe interessando como o vêem as outras.

Parece portanto justa, posto que incoherente, a manifestação de que falei. Incoherente porque Valentino, quando vivo, nunca passou de um mytho, e, depois de morto, continua a sel-o. Todos nós ainda poderemos vêr-lhe os films, e, com o precioso auxilio da imaginação, julgar redivivo o gracioso phantasma.

Aquella homenagem, que muitos consideraram sandice, afigura-se-me consoladoramente como o reflexo de uma sêde de ideal e de belleza.

TEMPORADA FRANCEZA

O Theatro Municipal, muito grande para o theatro dramatico, cumpre entretanto admiravelmente o seu destino — a temporada official — a season.

Justamente por ser grande de mais fornece aos espectadores, que nada conseguem ouvir, o pretexto de conversar, admirar ou desapprovar os vestidos alheios, desattenção imperdoavel se se pudesse ouvir o que em scena se diz. Por outro lado, como os espectadores nada ouvem, o emprezario não se sente obrigado a contractar bons artistas, a exigir bom repertorio. Basta que apresente uma ou duas mulheres elegantes, que as faça trazer vestido novo para cada acto e cada peça, e está finda a sua missão.

E' um delicioso estado de coisas, e que satisfaz a todo mundo:

A's senhoras e meninas da platéa — porque podem, sem restricção, deliciar-se na exhibição dos proprios vestidos e na critica dos alheios;

a nós — porque nos permitte admiral-as, uma por uma, ou em conjuncto, nas suas variadas manifestações de belleza e elegancia;

ao emprezario — porque recebe muito e paga pouco, devido á mediocridade da "troupe";

e, finalmente, á propria "troupe" — porque é preferivel ganhar pouco no Rio a não ganhar nada em Paris.

Damos a seguir o resumo critico da temporada:

Mme. Valentine Tessier — Bôa, mas sacrificada em peças que não são do seu genero, e pela falta de companheiros.

Gretillat — Mediocre. Pastiche de Lucien Guitry.

Conjunto — Máo.

Repertorio — Pessimo.

Platéa — Linda, desattenta, fria para com as coisas bôas.

MISSÃO DA CRUZ

Realizou-se, a 2 do corrente, nos salões do Beira-Mar Casino, o chá-dansante em beneficio da Missão da Cruz, obra benemerita de assistencia ás crianças pobres da Saúde e da Favella.

Tendo esta festa sido fartamente commentada pelo tom elegante que a caracterizou e pelo prazer que nos deu, abstenho-me de a registrar em detalhe. Nóto apenas, de passagem, que é muito barato pagar-se um prazer com um acto caridoso.

Parabens pois ás senhoritas que, além de soccorrerem as crianças, cuidam de nossos prazeres temporaes, e, o que é mais, da salvação de nossas almas.

V. da C.

CINEMA

"Em busca de ouro"

(United Artists)

Charlie Chaplin, o estranho agitador de emoções novas, referia-se, em um artigo escripto para uma revista americana, a uma conversa que elle tivera com uma intelligente senhora de Chicago. Ella dizia que a comicidade dos seus "films" tocava, ás vezes, ao pathetico. Essa é, incontestavelmente, uma boa observação. "Em busca de ouro", por exemplo, tem qualquer coisa da tragedia grotesca do D. Quixote. E' uma historia de pura ficção, como tambem o livro genial de Cervantes, mas, apesar disso, aborda, como elle, uma serie de problemas reaes de psychologia e de sentimento. E' um "film" que impressiona pela justeza com que fére as nossas emoções mais intimas. Em certos episodios, como o de photographia, achada no chão, ou o do contentamento do heróe quando obtem a promessa de um jantar com a pessoa amada, nesses episodios os sentimentos pessoaes e reconditos de timidez e de satisfação desordenada, que os homens não exteriorizam por pudor ou orgulho, são iluminados com claridade quasi brutal. São estudos da mais fina psychologia. Algumas vezes, tambem, Carlito teve que lançar um pouco de sal grosso, para temperar a iguaria, de accordo com o grosso paladar do grande publico. Isso vemos na scena da cabana, suspensa sobre o abysmo.

Póde-se observar, ainda, nesse "film", superioridade dos recursos da scena muda sobre a scena falada na representação de certas emoções.

Depois de esperar, inutilmente, pelas jovens du-

rante quatro horas, tendo dormido e sonhado nesse intervallo, o heróe levanta-se da mesa, abre as janellas e olha, fóra, a grande noite gelada. Sua physionomia, nesse momento, concentra uma intensidade de emoção que, dez minutos de bellas palavras, no



Charlie Chaplin, no film "Em busca do Ouro"

palco, não conseguiriam reproduzir: "Em busca de ouro" é, realmente, uma obra memoravel, sob todos os aspectos: scenarios, conjunto de artistas, direcção, desempenho. E tudo é realisação de um só homem: Charlie Chaplin. Esse homem não póde deixar de ser um dos mais interessantes do mundo moderno.

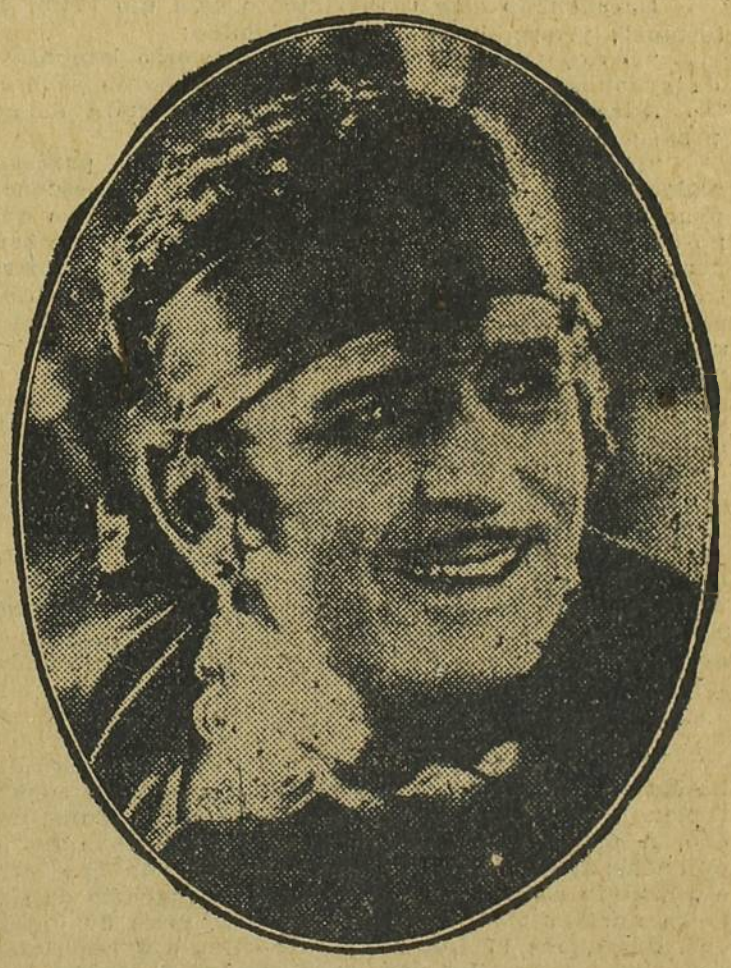
A. A.

Douglas Fairbanks

A toda a gente que, em materia de cinematographo, só admitte Carlito, á gente que pronuncia o nome de Charlie Chaplin e suspira, convidamos a ver um dos ultimos "films" de Douglas Fairbanks. Faz bem ver-se um "film" de Douglas Fairbanks, porque elle é alegre, sinceramente optimista, moço. Aliás, Douglas não se contenta em nos dar, só com seus "films", lições de optimismo. Escreveu, ha tempos, um livro com o titulo: "Como os Moços e os Velhos podem conservar o espirito de enthusiasmo".

Esse enthusiasmo e, principalmente a sua convicção fizeram delle o heróe da meninada. Mas, muito mais do que um heróe popular, Douglas é um emprehendedor, possue um raro espirito de creação. Depois de ter produzido, como o commum dos artistas, "films" mundanos, nos quaes, com algumas excepções, apparecia elegante, em trajes de cidade, pensou em produzir romances de aventura, onde, em scenarios grandiosos, pudesse pôr em realce o elemento primitivo, mas insuperavel do cinematographo: a perseguição e a fuga. O primeiro desses "films", que vimos aqui, ha alguns annos, foi "Os Tres Mosqueteiros". Ha ali uma movimentação, uma vida, que até hoje não foram excedidas em nenhum outro "film", mesmo os seus, que lhe succederam. Douglas foi ali um d'Artagnan magnifico, tempestuoso, cheio de "panache". Ha pouco, vimos o "Ladrão de Bagdad". Douglas Fairbanks, no "Ladrão de Bagdad", se revelou um artista dotado de extraordinario senso esthetico. As construcções nesse "film" têm uma vida irreal e a paizagem é feérica. Ha, ainda, um scenario de luar, romantico, inverosimil; uma roseira anã, o quarto da princeza e, sobretudo, o tapete magico...

No meio de tudo isso, corre, pula, foge, luta o grande Douglas. E' uma alegria vel-o, depois de um feito extraordinario, surgir de uma janella ou no alto de uma muralha, com seu sorriso de homem feliz e moço. Na "Marca do Zorro", Douglas nos transporta ao Mexico, sempre em meio de grandes espaços, onde correrias triumphaes. Já alguns jornaes dos Estados Unidos e da Europa nos annunciam mais uma nova tentativa sua — tentativa coroada de grande exito: um "film" colorido. O enredo desse "film" — "The Black Pirate" — é uma adaptação do "Treasure Island", de Stevenson, o livro mais popular da Inglaterra. O colorido foi confiado a notaveis artistas americanos. Uma das preoccupações mais recentes de Douglas Fairbanks é a linguagem no cinematographo — uma linguagem que facilite e coordene, perfeitamente, os movimentos em scena. Um poeta inglez, Robert Nichols, se acha encarregado de crear uma phraseologia especial para determinar esse movimento. Ha varios artistas cinematographicos que, sob certos pontos de vista se comparam ou mesmo excedem a Douglas. Todos admiravam, ainda ha pouco, a elegancia e o ar fidalgo de Rudolph Valentino em "Monsieur Beaucaire". Não ha quem não admire a figura energica e tragica de John Barrymore. Mas nenhum desses é um "leader", um creador como Douglas Fairbanks. O cinematographo lhe deve as suas mais recentes "trouvailles". Sem elle, o écran estaria atrazado de dez annos. Seus methodos deram os desfilam cavalhadas e onde o heróe caça o inimigo em ultimos impulsos á cinematographia e todos os productores se aproveitam de suas lições. Elle não só "treina" os seus actores, como faz das paizagens, da architectura, outros tantos actores cheios de vida. Mas



Douglas Fairbanks no papel do "Ladrão de Bagdad"

é, sobretudo, do mar que elle sabe tirar os mais extraordinarios effeitos, o que se verifica no "Ladrão de Bagdad" e, sobretudo no "Black Pirate", onde o mar é o recurso principal.

T. G.

A QUINZENA

Recepções academicas

A recepção do Sr. Adelmar Tavares na Academia de Letras foi uma festa muito expressiva. Difficilmente se pronunciariam ahi discursos tão homogeneos quanto o do Sr. Laudelino Freire e o do novo academico. As duas orações estiveram, sem duvida, uma ao nivel da outra.

Entretanto, a do autor da "Noite cheia de estrellas" merece destaque especial, porque faz muita honra aos seus bons sentimentos. O distincto poeta tomou a si o louvavel encargo de impronunciar o fallecido Fagundes Varella, patrono de sua cadeira e accusado de estar incurso na contravenção prevista no art. 396 do Codigo Penal (embriaguez). Não se tendo levantado a preliminar da incompetencia do provecto magistrado para conhecer daquelle feito, a sua sentença certamente passará em julgado e será confirmada, pelos seus juridicos fundamentos, para produzir effeitos moralisadores sobre a nossa historia literaria.

O Sr. Adelmar Tavares é o mesmo cavalheiro que o Sr. Tristão de Athayde cognominou com propriedade o "Trovador de residuos".

Na noite de 8 de setembro, o professor Fernando Magalhães foi recebido pelo sr. Medeiros e Albuquerque. O primeiro começou assim: "Para o admiravel diccionario que será o perpetuo florão desta Confraria, no momento em que exprimo, respeitoso e dignificado, o voto de graças á vossa excelsa bizarria, requeiro, excellentissimos confrades, a entrada urgente do vocabulo usado e mofino, com que se empavêsa a critica iterativa nas opportunidades mais ou menos ruidosas dos pleitos academicos".

Despachado esse requerimento com um "sim, em termos", proseguiu o novo academico:

"O expoente soffre o doesto por erro lamentavel da synonomia injusta impondo o banimento sevéro."

Adeante, resume desta fórma a carreira de seu predecessor:

"Desta gloria, com a precocidade dos predestinados, provou cêdo, mal lhe despertava a adolescencia penosa e rude, o vosso fino e culto companheiro que, no apuro da sua mentalidade e na fidalguia dos seus propositos, nascendo humilde e morrendo illustre, traçou uma vida fulgida, alçando-a, pelo esforço feliz e recompensado, de uma infancia anonyma e aldeã a uma maturidade ornamentada e famosa."

E conclue, gratissio:

"Não vos direi jámais bastante do realce que me empresta a vossa companhia, onde até posso conversar com "os mais graduados na minha arte. Encantam-me o ritual da festa e o adorno da investidura, ao ter de protestar a minha gratidão, desconhecendo-me na gala desta roupagem e no symbolismo desta recompensa."

Findo esse discurso ameno, falou o sr. Medeiros e Albuquerque, saúdando no sr. Fernando Magalhães um "expoente de talento e força de vontade". Quanto á obra do gynecologista, elle a declarou impropria de analysar-se perante um auditorio como o da Academia.

A Revisão Constitucional

Iniciada o anno passado, depois de duas vezes debatida no Congresso, conforme requer o texto constitucional, foi afinal approvada a reforma da Constituição. A primitiva proposta de revisão constava de 76 emendas, as quaes alteravam em muitos pontos a letra e o sentido da nossa Carta Politica. O plenario da Camara apresentou-lhe, ainda em 1925, mais 20 emendas, das quaes 17 foram então aceitas e 3 recusadas, pela mesa respectiva, por infringentes do regimento.

Para facilitar a passagem da reforma, pelo Congresso, foram ainda, em fins do anno passado, dadas ao projecto inicial 5 emendas substitutivas, prevalecendo estas e sendo retirado aquelle.

Este anno tudo marchou sur des roulettes...

A 1ª emenda approvada refere-se ao art. 6º da Constituição (intervenção nos Estados). A 2ª ao art. 34 (competencia privativa do Congresso). A 3ª ao § 1º do art. 37 (veto parcial de orçamentos). A 4ª aos artigos 59 e 60 (competencia da justiça federal). A 5ª aos arts. 72, 75 e 80 (garantias constitucionaes restringidas aos estrangeiros, limitação do habeas-corpus, representação diplomatica na Santa Sé, aposentadorias de funccionarios, suspensão de garantias em estado de sitio).

Feito isto, ainda em obediencia ao art. 90 § 3º da Constituição, reuniram-se a 4 de setembro ultimo, no gabinete do sr. Estacio Coimbra, no Palacio Monroe, os membros das mesas do Senado e Camara. Assignaram o texto approvado, que foi publicado ao dia seguinte no "Diario Official", ficando desde então incorporado á Constituição, como parte integrante della".

E é só.

A leaderança

Com a escolha do sr. Vianna do Castello para occupar a pasta da Agricultura no novo governo mineiro, verificou-se a vaga do cargo de "leader" da maioria da Camara, que aquelle ex-deputado vinha exercendo desde que o Sr. Bueno Brandão tomou assento no Senado Federal. Formou-se, então, nos meios politicos, em torno da successão do "leader" intensa espectativa, vindo a fóco varios nomes que, no parecer geral, reuniam maior probabilidade de recolher a alta investidura. No emtanto, a convicção maxima era de que o bastão da "leaderança" não sairia da bancada mineira e isto pelo motivo obvio de que a politica do governo não deveria soffrer solução de continuidade, a que ficaria arriscada caso a direcção dos negocios parlamentares naquella casa do Congresso fosse entregue a mãos menos seguras.

Causou, assim, como era natural, a mais viva surpresa a escolha do Sr. Julio Prestes, membro da bancada paulista e amigo intimo do Sr. Washington Luis, para substituir o Sr. Vianna do Castello. A principio, tal indicação foi interpretada, aliás muito razoavelmente, como uma imposição de São Paulo, a que fôra preciso ceder. Mas depressa se soube que a politica paulista, sob o "mot d'ordre" do presidente eleito, não interferira no assumpto e que a escolha do sr. Julio Prestes partira do sr. Arthur Bernardes, que, assim, desferira mais um daquelles ageis golpes politicos, em que, aliás, é mestre consummado.

Entregando a um paulista a direcção dos trabalhos da Camara, elle constrange tranquillamente São Paulo a defender a politica e a administração bernardista nos dias que faltam para a terminação do seu governo, quando S. Paulo, para poder governar, está na contingencia de renegar não sómente a esses dias como a todo o quadriennio, que está a findar.

A posse do Sr. Antonio Carlos

A noticia de maior vulto na politica dos Estados foi, na primeira quinzena de setembro, a posse do sr. Antonio Carlos no governo do Estado de Minas Geraes, succedendo, com o sr. Alfredo Sá, como vice-presidente, aos srs. Mello Vianna e Olegario Maciel. Com essa mudança de presidente e vice-presidente, foram tambem substituidos os auxiliares do governo do Estado, substituindo aos srs. Sandoval de Azevedo, Pinheiro Chagas e Daniel de Carvalho, nas secretarias do Interior, das Finanças e da Agricultura, respectivamente, os deputados Francisco Campos, Gudesteu Pires e Vianna do Castello. Tendo sido creada uma nova secretaria, com o desdobramento da do Interior, constituindo-se, assim, a secretaria da Segurança Publica, foi escolhido para inicial-a o deputado Bias Fortes.

Outras modificações se fizeram sentir na administração mineira com a successão governamental do Estado, e, entre ellas, está a successão do prefeito da

capital, Bello Horizonte, sr. Flavio dos Santos, pelo sr. Christiano Machado.

A secretaria do palacio presidencial de Minas continúa sob a direcção do sr. Mario de Lima, permanecendo o tenente-coronel Oscar Paschoal nas funcções qu exercia junto ao presidente anterior, sendo, porém, o sr. José Bonifacio Olinda de Andrada, filho do sr. Antonio Carlos, jovem bacharel em direito, o novo secretario particular do presidente, em logar do sr. Raphael Fleury da Rocha.

O sr. Noraldino Lima não foi substituido na direcção da Imprensa Official, presumindo-se, porém, que venha a sel-o se for designado pelo partido republicano mineiro para representar o Estado na proxima legislatura federal. Dessa legislatura deverão participar os ex-secretarios do presidente Mello Vianna.

A posse do sr. Antonio Carlos teve um grande relevo na nossa vida politica. S. ex. partiu desta capital, acompanhado de grande comitiva, dias antes da data em que devia assumir o governo, demorando-se em Juiz de Fóra, sua terra adoptiva, e Barbacena, sua cidade natal, onde lhe foram prestadas calorosas homenagens de apreço e de estima.

Bello Horizonte regorgitou de forasteiros a 7 de setembro. De toda a parte do Estado de Minas e de varios pontos do territorio nacional acorreram áquella capital correligionarios, amigos e admiradores do novo presidente do Estado, que lhe foram apresentar congratulações pela sua ascensão ao alto posto em que foi investido.

A imprensa diaria registrou em minucias o que houve logar por occasião da transmissão do governo mineiro. Não só ao novo presidente, mas ao que terminou o seu mandato, prestaram-se, então, as attenções que merecia. O sr. Mello Vianna teve, em verdade, grandes manifestações de applausos á sua acção de governo e á sua operosidade administrativa.

O sr. Antonio Carlos iniciou o seu quadriennio, no Estado de Minas, sob os melhores augurios, sendo generalizada a esperança dos seus compatricios de que faça uma administração efficiente e util daquella unidade da federação.

Successão presidencial de Santa Catharina

Na primeira quinzena do corrente mez de setembro, varios acontecimentos, de maior, ou menor, vulto politico, tiveram logar em nosso paiz e, entre elles cumpre assignalar a installação de varias assembléas legislativas estaduaes, as do Pará, de Pernambuco e de Sergipe, perante as quaes os respectivos governadores leram mensagens dando conta dos principaes factos decorridos nos decorrer do anno legislativo que transcorreu de 7 de setembro do anno christão passado ao que está prestes a se extinguir.

Outras occorrencias devem ainda ser registradas, nesse periodo de tempo, em nossa terra, inclusive a partida do sr. Adolpho Konder para Santa Catharina, afim de assumir, dentro de breves dias, o governo do Estado, tendo em Florianopolis uma recpção enthusiatisca. Ainda sobre a politica dessa unidade do sul do paiz, deve-se annotar a assignatura, pela commissão de poderes da Camara dos Deputados, do parecer favoravel ao reconhecimento do sr. Victor Konder, parecer que não foi votado e approvado, logo após a sua apresentação em plenario, por ter aquelle ramo do Congresso Nacional deixado de funccionar durante varios dias.

E' conveniente, ainda, accentuar que a politica de Santa Catharina, nos quinze dias do mez corrente, evoluiu vigorosamente, entrando em um regimen de cohesão entre os seus varios elementos, que de algum tempo pareciam agir dispersivamente. E' assim que, com a morte do senador Lauro Muller, abrindo-se a sua vaga no Senado Federal, o partido republicano catharinense resolveu preenchel-a com o sr. Pereire de Oliveira, que vae passar o governo do Estado ao senhor Konder. Termina este anno o mandato senatorial do sr. Vidal Ramos, cuja reeleição não era patrocinada pelo situacionismo. Chegou-se, porém, a uma formula conciliatoria entre os elementos partidarios do Estado, em torno da sua proxima representação no Congresso Nacional, assentando-se a successão do sr. Vidal Ramos, no Senado, pelo sr. Victor Konder, e a eleição do sr. Vidal Ramos para a Camara dos Deputados, para onde será reeleito o sr. Celso Bayma, e serão eleitos os srs. Edmundo Luz Pinto e Abelardo Luz, tendo-se excusado de participar dessa representação o sr. Diniz Junior, director de "A Noite", desta capital, que para isso fôra solicitado pelo sr. Adolpho Konder.

A demissão do presidente da Academia Nacional de Medicina

Os acontecimentos desenrolados durante os ultimos dias na Academia Nacional de Medicina e que tão desagradavelmente écoaram cá fóra, deram em resultado a renuncia do illustre Dr. Miguel Couto do cargo de presidente daquella tradicional instituição. Fundamentando o seu pedido, disse o presidente resignatario que, numa sociedade, da qual todos e qualquer um dos seus membros está em condições de exercer o primeiro posto de direcção, por eleição ou sorteio, só se comprehende que esse posto seja reiteradamente exercido por um, como era o seu caso, uma vez que a autoridade deste fosse mantida intangivel, por consenso geral. E isso não occorreu no curso do incidente surgido a proposito de uma discussão scientifica sobre processos de tratamento da syphilis travada entre dois membros da casa, e que rapidamente resvalou para o terreno pessoal, sem que surtisse effeito a intervenção do seu presidente para recollocar o debate nos seus legitimos termos.

A attitude do illustre sr. Miguel Couto, estrictamente dictada pelas circumstancias do momento, não podia ser differente da que foi. Ella, entretanto, deve causar no seio da Academia uma profunda impressão; e oxalá que esse exemplo de austera dignidade, tenha o effeito de suggestionar os espiritos, fazendo-os voltar á serenidade, indispensavel ao ambiente que deve reinar na secular instituição e que, aliás, sempre foi o seu.

A luta religiosa no Mexico

A luta religiosa que assumiu no Mexico tamanha gravidade e trouxe nestas ultimas semanas o mundo catholico em tão grande sobresalto, atravessa agora um periodo de relativa calma. Após a intransigencia em que se collocaram as duas partes adversarias na defesa dos seus pontos de vista — o governo exigindo a integral execução das leis draconianas votadas pelo Congresso; o clero recusando-se a submetter-se ao arbitrio dessas leis, no que era apoiado pela maioria catholica do paiz — succedeu um instante de treguas, que é aproveitado pelos antagonistas para se discutirem as bases de uma solução. Tal iniciativa coube ao episcopado mexicano, que procurou obter do presidente Calles a attenuação do rigor com que o governo impunha o cumprimento da lei. Este, escudando-se na sua qualidade de guarda intransigente da Constituição e de fiel executor das deliberações do Congresso, declarou, em resposta, ao repreentantes do episcopado que toda e qualquer providencia tendente a modificar a situação actual fugia de sua alçada, e que só ao Legislativo cabia tomar conhecimento do assumpto e resolvel-o de accordo com o seu melhor criterio. Ao Legislativo, pois, o episcopado deveria dirigir-se, compromettendo-se o presidente a não intervir junto de seus amigos com assento ao Congresso, para que estes dessem apoio ao seu ponto de vista, que é o concretisado nas leis religiosas.

Os bispos mexicanos vão assim, promover a revogação da legislação em vigor junto ao Congresso. E', no emtanto, duvidoso o exito de sua iniciativa, pois, a maioria com que conta entre os legisladores o presidente Calles não deixará de lhe dar inteiro apoio na actual emergencia, embora não receba neste sentido, uma solicitação especial.

Liga das Nações

O problema do augmento do quadro permanente da Liga das Nações foi afinal resolvido com a eleição

singular da Allemanha. Approvado, logo aos primeiros dias de setembro, com algumas emendas, o parecer de Lord Robert Cecil sobre a questão, a Assembléa Geral de Genebra, pela voz dos quarenta e oito Estados representados, votou a admissão do Reich áquelle instituto. Na mesma data (8 de setembro), tambem por unanimidade e de accôrdo com o parecer alludido, creou-se um logar permanente no Conselho executivo, destinado á nação que acabava de ser admittida, e mais tres postos temporarios.

Prevaleceu, assim ,o já famoso "espirito de Locarno" e, em consequencia disto, o Palacio das Nações ouviu discursos solemnes dos srs. Briand e Stresemann, affirmando uma alegre confiança no futuro de amistosa cooperação reservado aos seus paizes, depois que consideravam desapparecidos os motivos de suspeitas e rancores entre os dois povos. Nessa atmosphera de gaudio "locarnista" em que se deliciava a Assembléa da Liga, sob a presidencia do sr. Ninitch (da Servia), a renuncia da Hespanha não produziu effeito muito sensivel. Quando, no dia 10, o governo do general Primo de Rivero notificou ao Secretariado, na fórma do Pacto das Nações, a sua intenção de retirar-se da Sociedade, as lamentações que se ouviram, a proposito do acontecimento, tiveram uma significação de polidez, apenas.

A Liga parece passar muito bem, sem a Hespanha e sem o Brasil.

Novo attentado contra Mussolini

No dia 11 de setembro, o chefe do governo italiano passava de automovel á frente do Ministerio de Obras Publicas, quando foi contra elle atirada uma bomba, que resvalou pelo para-brisa do vehiculo e foi estourar na rua, ferindo quatro pessôas. O sr. Mussolini, que escapou absolutamente illeso, seguiu para o Palacio Ghigi, onde, pouco depois, uma grande massa popular o acclamava delirantemente.

Preso em flagrante, o autor do attentado informou á policia que desembarcára na vespera em Roma, procedente de Paris, no intuito de assassinar o Duce. E' pedreiro de profissão, chama-se Lucetti e tem apenas 26 annos de idade. A sua sorte, parece, será menos branda que a da senhora Gibbson, que ha algum tempo atravessou o nariz do s.r Mussolini com uma bala de revólver e a quem foi reconhecida a dirimente de alienação mental. O primeiro ministro da Italia, com effeito, falando ao povo, pouco após o attentado, alludiu significativamente á necessidade do restabelecimento da pena capital na legislação do reino peninsular.

A "Revista do Brasil"

publicará, no proximo numero, correspondencia inédita de Tobias Barretto.

"A Revista do Brasil"

E' A PUBLICAÇÃO QUE CONTA ENTRE NO'S COM O MAIOR NUMERO DE COLLABORADORES ILLUSTRES E, AO MESMO TEMPO, A QUE SE VENDE MAIS BARATO

Numero avulso	*$700*
Assignatura annual	*16$000*
Tomada conjuntamente com a do "O Jornal" ou "Diario da Noite"	*12$000*

Redacção e administração – RUA RODRIGO SILVA N. 14 (1° andar) – Rio de Janeiro

Credit Foncier du Bresil et de L'Amerique du Sud

SOCIEDADE ANONYMA

CAPITAL		Frs.	100.000.000
CAPITAL REALIZADO	Acções ...	Frs.	100.000.000
	Obrigações	Frs.	42.684.000
FUNDO DE RESERVA		Frs.	17.000.000

Emprestimos sobre primeira hypotheca a curto e longo prazo, reembolsaveis a prazo fixo, ou por amortizações semestraes com direito a reembolso antecipado.

CONTAS CORRENTES GARANTIDAS POR HYPOTHECAS E DE MOVIMENTO

DINHEIRO PARA CONSTRUCÇÕES

Abertura de credito para construcções de predios até 50 °|° do valor dos mesmos e terreno

ADIANTAMENTOS SOBRE TITULOS — DEPOSITOS A PRAZO FIXO

Sede Social — BOULEVARD HAUSSMANN, 39, PARIS

Succursal no Rio de Janeiro: 44, AVENIDA RIO BRANCO, 44

Agencia em S. Paulo: RUA LIBERO BADARÓ, 133

Com a lavoura do café, constitue a industria de algodão, no Brasil, um padrão de riqueza tão alto que, nos vizinhos povos sul-americanos, o vemos apontado como o melhor exemplo que esses Estados devem seguir. Industria fundamentalmente natural, pois toda ella se baseia, desde a materia prima até á mão de obra e aos capitaes, em elementos auridos e formados dentro do nosso territorio, a fiação de algodão representa hoje, uma das maiores forças que sustentam a economia nacional.

Basta volver os olhos sobre os algarismos que reflectem a grandeza dessa obra que os brasileiros realizaram, para que nos envaideçamos do que fizemos e percebamos o campo immenso que se offerece á conquista da nossa producção textil, através dos mercados do exterior. Conforme recenseamento recente, de iniciativa dos industriaes, o qual apenas pode abranger 80 °|° da nossa riqueza, nesse genero, no Brasil já se movimentam 244 fabricas de tecidos de algodão, cujo capital se eleva á altura de réis 385.685:631$800.

Desse vasto arsenal de trabalho, onde se elabora uma industria vital para a economia de qualquer paiz, tanto na paz como na guerra, sae, por anno, uma producção avaliada, no minimo, na bella cifra de 775.791:053$885. Por sua vez 110.110 operarios ahi impulsionam, pela intelligencia que a educação technica adextra, levantando o nivel mental e as condições de vida do homem, nada menos de 2.502.288 fusos, num movimento isochrono com 65.651 teares. A dimensão dessa enorme producção attinge a 636.952.860 metros, correspondentes a 80.530.100 kilos de materia prima basica, consumida annualmente.

O Centro Industrial de Fiação e Tecelagem de Algodão é a força coordenadora, o orgão de captação, por assim dizer, dessa formidavel actividade que une, pelo trabalho o extremo norte ao extremo sul do Brasil. Cerca de 35 °|° do capital total das nossas fabricas; cerca de 32 °|° da producção brasileira de tecidos de algodão; cerca de 35 °|° do numero de fusos; cerca de 30 °|° do numero de teares; finalmente cerca de 25 °|° do algodão brasileiro utilizado pelas fabricas nacionaes, encontram no Centro Industrial de Fiação e Tecelagem de Algodão o orgão executivo que promove e acautela os interesses dessa vasta organização de trabalho e de capital, synthese perfeita da capacidade de realização dos brasileiros.

Centro Industrial de Fiação e Tecelagem de Algodão

Rio de Janeiro

Um bello presente para os leitores do "O JORNAL"

Daremos gratuitamente 1 estojo completo, da afamada navalha de segurança AUTOSTROP (toda ella em metal dourado) com lamina, assentador e machina para afiar as navalhas:

1°.) **Aos leitores do O JORNAL, que tomarem uma assignatura de 12 mezes do O JORNAL.**

2°.) **Aos assignantes, que renovarem suas assignaturas de 1 anno. Estas renovações podem ser feitas, mesmo quando a actual assignatura vigorar até o fim de 1926.**

3°.) **Aos actuaes assignantes do O JORNAL, que conseguirem um assignante novo para O JORNAL, como tambem a esse novo assignante.**

Para obter uma destas navalhas preencha o coupon ao pé deste annuncio, e mande-o, junto com o preço da assignatura, ao gerente do O JORNAL.

O JORNAL enviará as navalhas aos seus assignantes, sob registro pelo correio, livre de onus para elles. Os assignantes do Rio de Janeiro podem obtel-as no balcão do O JORNAL.

Illmo. sr. gerente do O JORNAL, Rua Rodrigo Silva, 12 — Rio.

Junto a este remetto-lhe a importancia de Rs. 50$000, para a assignatura de 1 anno do O JORNAL.

NOME .....

.....

ENDEREÇO .....

.....

CIDADE E ESTADO .....

.....

O JORNAL distribue diariamente premios aos seus leitores

Companhia Radio Telegraphica Brasileira

69 - Av. Rio Branco - 77

Telephone Norte 5940

RIO DE JANEIRO

Companhia Estrada de Ferro DE Victoria a Minas

Rua Theophilo Ottoni, 72

Telephone Norte 5475

Rio de Janeiro

ANNUNCIAE NO

"DIARIO DE NOTICIAS"

de Porto Alegre - Rio G. do Sul

O GRANDE MATUTINO QUE CONQUISTOU PELA SUA FEIÇÃO MODERNA E JUSTEZA DE OPINIÕES A PREFERENCIA DO PUBLICO RIOGRANDENSE, ALCANÇANDO GRANDE CIRCULAÇÃO EM TODO O ESTADO

Succursal no Rio de Janeiro: — RUA RODRIGO SILVA 14-2° — Teleph. Cent. 2478

A Caixa Economica é uma instituição modelar, cujo progresso veiu se affirmando sem cessar, até attingir á situação de prosperidade em que se encontra e que lhe dá os fóros de verdadeiro patrimonio nacional. Entre os serviços mais importantes por ella mantidos, conta-se o de emprestimo sobre penhores, denominado "Monte Soccorro", cujo desenvolvimento durante o decennio de 1915 a 1925 é dado pelo vulto das operações que realizou, as quaes se elevaram a somma de 85.174:530$000, representados por 422.227 penhores, resultando de taes operações o lucro liquido de 5.584:363$000.

Os saldos da Caixa Economica augmentam consideravelmente de anno para anno, tendo attingido o movimento de depositos, durante o penultimo exercicio financeiro á cifra de 218.116:344$440, sendo réis 108.672:487$781 de entradas, e réis 109.433:857$059 de retiradas.

Deveis recolher vossas economias a esta Caixa Modelo — e assim tereis tomado a mais sábia medida de previdencia do futuro.

Caixa Economica do Rio de Janeiro

RUA D. MANOEL 25

Companhia Industrial Silveira Machado S. A.

FABRICA DE ANIAGENS, SACCOS, BARBANTES, CORDAS. CABOS, FIOS DE ALGODÃO

Premiada com o diploma de Progresso na Exposição Industrial do Rio de Janeiro de 1881 — Medalha de Ouro na de Buenos Aires de 1882, e de Chicago de 1893 — Medalha de Ouro na Exposição Nacional de 1908 e dois Grandes Premios na Exposição Internacional do Centenario em 1922

Depositos e escriptorios: — 19, RUA S. BENTO, 19
Telephone: Norte 6260 — Mesa ligando dependencias
Endereço: BARBANTE

Fabricas:

Rua Almirante Mariath, 16 a 28; rua General Bruce, 47 a 61; rua da Alegria, 105 e 145 e rua Bella de S. João

Rio de Janeiro

AEROPLANOS — Boeing Airplane Co., Seattle, Wash., U. S. A. — EXPLOSIVOS PARA FINS MILITARES, E. I. du Pont de Nemours & Co., Wilmington, Del., U. S. A. — MATERIAL PARA PHOTOGRAPHIA AEREA, Fairchild Aerial Camera Corp.,New York — MACACOS PARA ESTRADAS DE FERRO, The Joyce Cridland Co., Dayton, O., U. S. A. — APPARELHOS PRECISÃO PARA NAVEGAÇÃO MARITIMA, DIRECÇÃO FOGO, HOLOPHOTES ALTA POTENCIA, ETC., The Sperry Gyroscope Co., Brooklin., N. Y., U. S. A. — CARROS E VAGÕES DE ESTR. DE FERRO, Clayton Wagons Ltd., Lincoln, England — APPARELHOS REGISTR. D'AGUA, George Kent Ltd., Luton, England — ESTALEIROS PARA CONSTRUCÇÃO E REPARAÇÃO DE NAVIOS DE QUALQUER TONELAGEM, William Beardmore & Co., Ltd., Glasgow e George Brown Co., Greenock — GRUPOS KOHLER GERADORES DE FORÇA E LUZ de Kohler Co. Kohler, Wis.

RADIO EM GERAL

MAYRINK VEIGA & Co.

ENGENHEIROS, IMPORTADORES E EXPORTADORES
Rua Municipal, 15|21 — Trav. de Sta. Rita, 26
RIO DE JANEIRO

Endereço telegraphico: MAYRINK
Telephones:
Armazem — Norte 3849
Escriptorio — Norte 3840
Secção Radiotelephonia:
Norte 2722

Depositos:
Rua Barão de S. Felix, 129
ILHA DO SARAVATHA'
Codigos Usados:
ABC 5ª Edição — Ribeiro
Lieber's — Bentley — Marconi Int.
General Telegraph.

A Associação das Emprezas de Serviços Publicos Urbanos não tem fins egoisticos, nem é propriamente uma associação de classe.

Os seus objectivos essenciaes são educativos. Ella visa preliminarmente criar no publico brasileiro uma mais justa mentalidade no sentido de nosso povo habilitar-se a um julgamento equitativo das companhias de serviços publicos urbanos.

O publico, ás vezes, mal orientado, refuga o concessionario desses serviços como exercendo um negocio particular, com intento de lucros, quando nada justifica tal preconceito!

As Emprezas de Serviços Publicos — bondes, telephones, luz, gaz, agua, exgotos, energia electrica, — executam qualquer destes serviços por delegação do governo, com que trata. E' o Estado ou municipio quem, através da pessoa juridica do concessionario, está fazendo os serviços mencionados. E porque é o Estado ou o municipio que se propõe emprehender os serviços de bondes, luz, exgotos, telephones, força, etc., elle começa impondo ao seu delegado tarifas fixas, que lhe cerceiam toda a liberdade de commercio.

A Associação, desde a sua existencia, não fez outra coisa senão trabalhar numa intima cooperação com os governos e o publico. E ella pode declarar, com desvanecimento, que vae observando na opinião nacional, agora, um padrão de julgamento da natureza dos serviços publicos, bem mais elevado. As grandes associações de classe, das communidades mercantis e industriaes consideram os interesses das companhias de serviços publicos como seus proprios interesses, e assim pensando, fazem de questões que outr'óra os punham em conflicto, opportunidades para entendimentos, onde predomina uma noção muito clara dos direitos e deveres reciprocos.

O Brasil está apto a possuir, dentro em breve um dos publicos mais educados para comprehensão do papel dos serviços publicos na sua economia. E graças a educação desses consumidores as companhias de serviços publicos lhes poderão proporcionar serviços de primeira ordem.

Porque a um publico, que sabe apreciar o valor do serviço que recebe, é possivel dal-o muito mais perfeito e, por conseguinte mais efficiente, do que áquelle que ignora o que custa a luz, que allumia, o telephone em que fala, o bonde, que o transporta, e a energia, que movimenta todo o gigantesco parque industrial de uma cidade como o Rio ou S. Paulo.

Associação das Emprezas de Serviços Publicos Urbanos no Brasil

"terra roxa e outras terras"

quinzenario de arte e literatura

DIRECTORES:

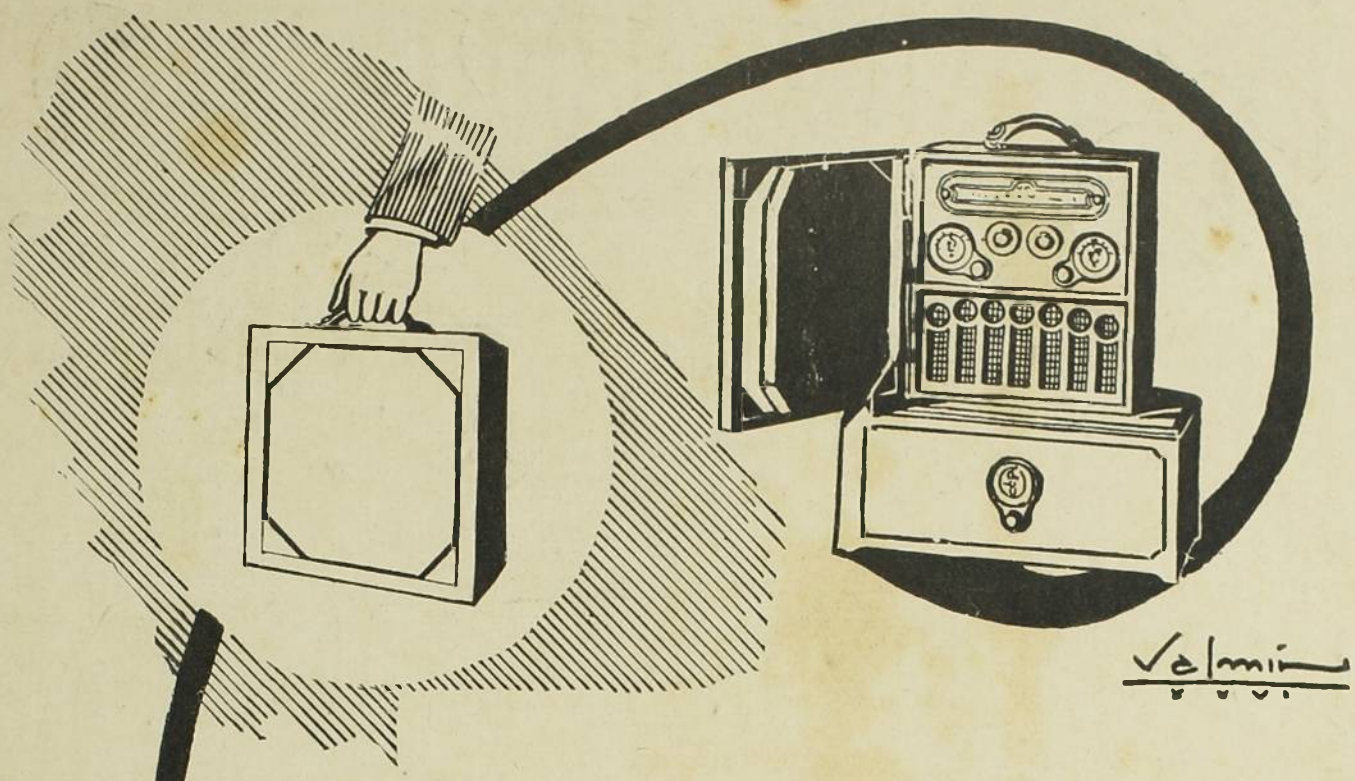
A. C. Couto de Barros e Antônio de Alcântara Machado

A melhor publicação modernista do Brasil

"terra roxa" tem publicado collaborações de Antonio de Alcantara Machado, Blaise Cendrars, Carlos Alberto de Araujo, Carlos Drummond, Couto de Barros, Guilherme de Almeida, João Alphonsus, Luiz da Camara Cascudo, Manuel Bandeira, Mario de Andrade, Martins de Almeida, Oswaldo de Andrade, Paulo Prado, Prudente de Moraes, neto, Ribeiro Couto, Ronald de Carvalho, Rubens de Moraes, Sergio Buarque de Hollanda e Sergio Milliet

PREÇOS:
Numero avulso . . . $500
Assignatura annual . 12$000

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
Avenida São João — 96
São Paulo



RADIOLA 26

O modelo acima, é especialmente appropriado ás pessoas que gostam de excurções e pic-niques.

E' portatil, o seu acabamento é esmerado, tem alto fallante embutido, antenna de quadro, o seu som é claro, a selectividade perfeita, em summa: um apparelho perfeito, que contentará ao mais exigente amador de Radio.

Preço :

2:144$500

Completo com 2 jogos de baterias

Distribuidora do material R. C. A.

GENERAL ELECTRIC

RECIFE
Av. Rio Branco 159

RIO DE JANEIRO
Av. Rio Branco 60 | 64

SÃO PAULO
R. Florencio de Abreu, 51

PORTO ALEGRE
Rua dos Andradas. 141

JUIZ DE FÓRA
Avenida Raul Soares. 18

mais o que?



QUANDO o Senhor tem uma *Valet AutoStrop* dispõe disto tudo:

uma lamina da mesma tempera, resistencia e córte igual á das mais finas navalhas de barbear;

um assentador especialmente feito para esta lamina, e

uma machina tão engenhosamente construida que *ella mesma assenta a sua lamina* com admiravel perfeição e permitte a limpeza desta sem retiral-a da machina e ainda conservando-a montada e prompta.

Devido a tudo isso o Senhor póde barbear-se:

com a *maxima suavidade;* toda vez que a use póde dar á lamina o fio que tinha quando nova;

com a *maxima commodidade;* não é preciso estar tirando e collocando a lamina;

com a *maxima rapidez;* sempre está prompta e em seu logar, e

com a *maxima economia,* devido á excellencia de suas laminas e ao facto de poderem ser afiadas sempre que as usa, duram mais que quaesquer outras.

A *Valet AutoStrop* é vendida nas principaes casas do artigo, não só em estojos economicos de custo muito moderado, como tambem em estojos mais finos e elegantes.

Representantes: LUIZ HERMANNY FILHO & CIA.
Rua Gonçalves Dias 54 Rio de Janeiro

Navalha de Segurança

Valet AutoStrop

Afia suas proprias laminas

357

REVISTA DO BRASIL

PUBLICAÇÃO QUINZENAL

DIRECTORES

'ANDIA' CALOGERAS, AFRANIO PEIXOTO,
ALFREDO PUJOL e PLINIO BARRETO —

REDACTOR-CHEFE

—:— RODRIGO M. F. DE ANDRADE —:—

Redacção e adm. — Rua Rodrigo Silva, 14, 1°

NESTE NUMERO:

São Francisco de Assis e o mundo moderno . . . . . Tristão de Athayde

Manhã na Serra . . . . . Alberto de Oliveira

Cantico das galéras reaes . . . Mucio Leão

A politica interna da quinzena . A. Chateaubriand

Uma nova Triplice? . . . . . Azevedo Amaral

Correspondencia inédita de Tobias Barretto

O Fascismo (II) . . . . . Calogeras

Direito parlamentar . . . . . Nestor Massena

Ignacio Gomes, profissional do egoismo . . . . . Ribeiro Couto

Theatro, por António de Alcantara Machado

Notas por Manuel Bandeira, Gilberto Freyre, Affonso Arinos (sobrinho), Prudente de Moraes, neto, Gomes Sampaio, Hannibal e V. da C.

ANNO I -- NUMERO 2 == 30 - SETEMBRO - 1926 == RIO DE JANEIRO

PELLES

COMPRA-SE TODA QUANTIDADE DE PELLES CRUÚAS DE:

jaguatirica (maracajá) — lontra — ariranha — graxaim — mocó — lebre — gambá — camaleão — teiu' (lagarto) — sucury — giboia — capivara

Não vendam suas pelles, sem consultar primeiro á

COMPANHIA BRASILEIRA DE EXPORTAÇÃO DE PELLES

Paul van Roosmalen & Cia.

RIO DE JANEIRO — Av. Mem de Sá 333-335
BELEM - PARA' — R. da Industria 88

END. TELEGRAPHICO — ROOSWIT

PETROPOLIS

Cerqueira, Miranda & Memoria Ltda.

Avenida da Independencia, 84 e 90
TELEPHONE 268

TERRENOS

OS MELHORES EM PETROPOLIS

— No Centro commercial
— Em rua proxima á Avenida 15 de Novembro.
— Na avenida D. Pedro II (recentemente construida)
— Na attrahente collina denominada "Monte Real" (a 5 minutos da Estação)
— Na Cremerie Sixel (ex-Buisson)

VENDE-SE

A DINHEIRO E A PRESTAÇÕES
PREÇOS VANTAJOSOS

F. DE SIQUEIRA & C.IA, LTDA.

ENGENHEIROS EMPREITEIROS

Importadores de materiaes dos seguintes fabricantes:

S. A. DES USINES A' TUBES DE LA MEUSE. (Flémalle-Haute, Belgica) — Postes de aço e tubos de aço e ferro galvanizado.

W. & P. MAC LELLAN, Ltd. ((Glasgow, Grã Bretanha) — Machinas e ferramentas.
GWYNES ENGINEERING C. Ltd. (Londres, Hammersmith, Inglaterra) — Bombas hydraulicas.
DALIMIER & Cia. (Sclessin, Belgica) — Balanças para Estradas de Ferro e outros misteres.

S. A. JOHN COCKERILL (Seraing, Belgica) — Locomotivas, trilhos, pontes, chapas de aço, vigas e superstructuras metallicas.
LONDON CONCRETE MACHINERY Co. — London — Canadá — Betoneiras e todas as machinas para concreto.
CARBO — LASTIC, novo material para cobertura de telhados, vagões de estradas de ferro, bonds, etc.

ESTUDOS COMPLETOS E PROJECTOS

ESCRIPTORIOS: Rua General Camara, 56 — Tel. Norte 5177-2830 — RIO DE JANEIRO
Rua Boa Vista, 16 — Tel. Central 5660 — S. PAULO; Agencia em PORTO ALEGRE. — Endereço Telegraphico: CACIQUE.

Revista do Brasil

ANNO I — RIO DE JANEIRO, 30 DE SETEMBRO DE 1926 — NUMERO 2

SUMMARIO

Politica
São Francisco de Assis e o mundo moderno — Tristão de Athayde
Manhã na Serra — Alberto de Oliveira
Cantico das galêras reaes — Mucio Leão
A politica interna da quinzena — Assis Chateaubriand
Uma nova Triplice? — Azevedo Amaral
Correspondencia inédita de Tobias Barretto.
O Fascismo (II) — Calogeras
Direito Parlamentar — Nestor Massena
Ignacio Gomes, profissional do egoismo — Ribeiro Couto
Theatro e Musica — Antônio de Alcantara Machado e M. B.
Literatura — Manoel Bandeira, Affonso Arinos (sobrinho), Prudente de Moraes, neto, Gomes Sampaio e Gilberto Freyre
Vida Social — Hannibal, V. da C.
Cinema
A Quinzena.

POLITICA

Os jornaes deram em tempo informações minuciosas sobre o memoravel acontecimento politico que foi a pósse do Sr. Antonio Carlos no Governo de Minas. Viu-se então que essa transmissão do poder teve uma pompa inedita e revestiu-se de excepcional solemnidade. Por que tudo isso?—Talvez porque a ascensão do illustre Andrada signifique, para Minas, um sensivel desvio na aspera e accentuada linha de orientação iniciada no grande Estado Central, ha oito annos, pelo actual Presidente da Republica. Mas occorrerá realmente esse desvio, ou continuará tudo como dantes? Ahi está o enigma, para cuja solução têm surgido hypotheses interessantes. Hypotheses pouco logicas, aliás. Porque, neste capitulo, de prognosticos politicos, a fé predomina sobre a razão e o desejo de cada um obscurece o senso psychologico. Temos, assim, a hypothese "bernardista", pois que ainda ha bernardistas em Minas, como decerto os haverá pelo menos até 15 de novembro. Segundo esta, o governo do Sr. Antonio Carlos será de certo modo tutelado pelo actual presidente da Republica, que, regressando ás montanhas, após o seu agitado quadriennio policial, assumirá a chefia do P. R. M. e dessa pittoresca posição, até aqui inexpressiva, imporá ao Governo do Estado seus rudes principios. Em sentido opposto vem a hypothese que poderiamos chamar "sallista". O Sr. Antonio Carlos uma vez no poder, restaurará o prestigio dos antigos chefes e sujeitar-se-á, então, ás suaves inspirações desses bons velhos que, até 1918, podiam dar-se ao luxo de indicar deputados e preencher com amigos as vagas existentes.

Ora, essas duas hypotheses são manifestamente absurdas. Caem por si mesmas. Começando pela segunda, foi o proprio Sr. Antonio Carlos que a tornou inviavel com aquelle dito um tanto sybillino que se lhe attribue: "não enterrarei os vivos, nem desenterrarei os mortos". E, na verdade, seria para s. ex. um trabalho penoso e inutil ir buscar no irremediavel do ostracismo figuras passadas, definitivamente passadas, que já são legitimos fosseis em relação á moderna fauna politica. Tal attitude, comquanto piedosa, seria de deploravel falta de intelligencia, — o que não é de presumir num homem que tem merecidamente a fama de arguto e lucido. Este pensamento de restauração é puro sebastianismo, só comprehensivel num cerebro ultramontano de carvoeiro politico. Um pensamento respeitavel, todavia.

Quanto á primeira hypothese, é de inviabilidade talvez mais evidente. Admittamos que as graças feitas ao snr. Antonio Carlos pelo actual presidente da Republica tenham enternecido aquelle ao ponto de fazel-o esquecer a propria personalidade, que se diluisse e apagasse pela acção emolliente de uma sublime gratidão. Mesmo assim a hy-

pothese continuaria absurda. Seria o proprio Sr. Arthur Bernardes quem não consentiria em beneficiar-se com a diminuição do Sr. Antonio Carlos. E assim procederia por um elementar dever de coherencia. Com effeito, foi o estadista de Viçosa quem definitivamente implantou no Brasil o systema de se prestigiar o todo o transe a autoridade constituida. **Omnis potestas a Deo**, parece ter sido o lemma que presidiu sua actuação governamental. Systema de S. Thomaz de Aquino, mal digerido por um discipulo hesitante de latim. Ora, depois de ter passado quatro annos a prégar assim, numa abstracção tão mystica que não percebeu os sacrificios que a ideologia reclamava da nação, seria de lastimavel incoherencia pretender o snr. Arthur Bernardes criar-se uma situação de prestigio autonomo em frente ao governo, formando uma autoridade de facto e de força deante da autoridade legalmente constituida. S. ex. seria contradictorio, e viria, elle proprio, destruir os rigidos principios que constituem sua gloria legitima. A hypothese bernardista, por conseguinte, é inteiramente sem base. E póde dizer-se della o que de tantas outras coisas mais innocentes se tem dito: são intrigas da opposição...

O que de tudo resta, pois, é mais do que uma hypothese segura, porque é um dado da realidade: o Sr. Antonio Carlos fará em Minas um governo delle proprio e orientará a politica segundo o seu proprio pensamento. Neto dos Andradas, é natural que lhe tenham ficado bem sulcados e vivos os contornos da personalidade, que, si se apagou algum tempo, foi por intelligente astucia, numa tensão sthendaliana para a victoria. Ainda, porém, que assim não fosse, teriamos que contar sempre com uma circumstancia que obrigaria o novo chefe mineiro a affeiçoar á sua maneira o curso da administração e da politica: é o presidencialismo extremado, em que nos nossos costumes se sublimaram as intenções legaes. S. ex. não tem que receiar nenhuma força capaz de se contrapôr á sua. E si por ventura quizer encontrar, entre os valores eleitoraes ou expressões politicas do Estado, alguma figura agigantada com quem deva compartilhar o seu immenso poder, s. ex. procurará em vão; porque todos estarão nivelados, numa attitude uniforme de docil e reverente genuflexão...

E Minas poderá, emfim, reatar o fio partido de suas tradições liberaes. Voltará ao regimen fecundo da tolerancia. Despirá o rubro pennacho reaccionario. E voltará a ser de novo, na federação, o elemento plastico de equilibrio e de harmonia. Amen.

Sabe-se, emfim, uma coisa certa, em relação aos ministros do proximo futuro governo, os preclaros cidadãos que o Sr. Washington Luiz vae ter junto a si e com os quaes conta para realizar o seu plano de governo, que só póde ser, está claro, a felicidade da patria.

Apezar da sua desconcertante discreção, funda e impenetravel, a tal ponto que um coronel politicante do Nordeste chegou á irreverencia de alcunhar o presidente em excursão de "bocca de nó cego", por não haver quem lhe desatasse a lingua numa confidencia sequer; apezar disso, já se arrancou ao chefe do governo por vir o criterio a que obedecerá a sua sabia e, desde já, applaudida escolha.

Confessem que não é pouco e que quem tenha penetrado esse mysterio metteu uma lança em Africa. Lavrou um tento o jornal que foi o heroe da heroica façanha, por via da sua succursal na Paulicéa.

Agora o criterio. O ministerio do proximo 15 de novembro será constituido de accordo com as conveniencias regionaes e politicas; os ministros serão, portanto, partidarios e geographicos. O Snr. Washington Luiz julga-se no indeclinavel dever de, desse modo, corresponder e ser leal ás "forças politicas" que se conjugaram, ou conluiaram, para elegel-o á magistratura suprema.

E' sem duvida, muito digna e muito nobre essa preoccupação de lealdade aos amigos, embora outra preoccupação inferior e, talvez, subalterna, como seja, **verbi gratia**, a da administração do paiz, possa concorrer com aquella. Isso porém, não é de impor-

tancia capital, mesmo porque o paiz está farto de demonstrar que isso de administração não é genero de primeira necessidade, dando mesmo a entender que quanto menos o administrarem, melhor...

Valha e prevaleça, portanto, o criterio preestabelecido, o criterio politico e regional, que não póde deixar de ser o melhor, uma vez que quem o adopta é o presidente reconhecido e proclamado.

Com serem membros dos seus respectivos partidos e entidades geographicas, desta ou daquella região, os cavalheiros, cujos nomes no peito escripto tem o sr. Washington não ficam por isso, destituidos da capacidade que certos chefes de Estado costumam exigir dos seus ministros; de sorte que a economia e as finanças da Republica, a sua defesa interna e externa, em terra, nos mares e nos ares, o manejo normal dos seus negocios interiores e exteriores nada terão a perder pelo insignificante motivo de ceder a competencia technica o seu lugar á exponencia regional e partidaria em nome da gratidão do presidente.

Concordando, sem restricções, permittimo-nos invocar, ainda, em favor do criterio adoptado e divulgado no sensacional furo daquelle jornal, a facilidade que offerece a escolha por esse criterio, superior a qualquer outro. O mesmo escrupulo de consciencia que levou o Sr. Washington a querer tirar os seus ministros das "forças politicas" que o elevaram á presidencia, ha de fazel-o reconhecer que essas forças foram o Sr. Arthur Bernardes, sósinho, o que reduz consideravelmente o campo a explorar, em busca de ministros partidarios e geographicos.

Em boa e recta justiça, portanto, Viçosa bastaria para fornecer todos sete. A duvida está na sua côr partidaria, sendo muito de duvidar que transcorrido o proximo 15 de novembro, o partido do Snr. Bernardes ainda seja isso que o seu successor chama forças politicas e que disponha ainda de sete correligionarios para ministros do futuro governo.

Põe-se em movimento a esta hora uma caravana de magos, a caminho do Oriente... proximo, que para nós, é o oriente de onde está surgindo o sol que nos vae dar calor e luz e o resto, ao cabo destes proximos 45 dias, pouco mais de uma quaresma.

Não tres magos apenas, como eram os da peregrinação á mangedoura de Bethlem, mas dez ou doze, uma vasta caravana, que talvez melhor convenha chamar bandeira, de gosto mais moderno e cor local.

São os tetrarchas de diversas provincias que se aprestam para essa expedição, desde o Amazonas até o Espirito Santo e Minas, havendo outras, das bandas do sul, tambem de malas feitas, á espera que a estrella remonte ao lugar do céo, do qual ha de guiar todos elles a paz e salvamento.

Com excepções rarissimas, ahi virão presidentes e governadores assistir á imposição das insignias de chefe dos chefes ao Sr. Washington Luiz.

Não veem guindados a corcovas de dromedarios, nem ha necessidade de que outros camellos os acompanhem, carregados de prendas. Incenso trazem elles mesmos e o resto da bagagem virá nos porões dos navios do Lloyd pelos quaes a bandeira dos magos se fará transportar em pedaços.

Abalançando-se dos seus reinosinhos á mangedoura do novo Messias, esses peregrinos trazem ao rei de todos elles as suas prendas, representadas no opulento xirimbalo amazonico (de que o governador Ephigenio traz numerosos exemplares), bois e onças do Piauhy, carnahúba do Ceará, abobora do Rio Grande do Norte, canna e jaca de Pernambuco, pinho do Paraná, conchas e missangas de Santa Catharina.

Desses magos todos já deve ter juizo formado o novo presidente da Republica, que já os viu de perto, um tanto á vol de automovel, mas quanto tenha bastado para não se enganar mais com elles. O Rio, porém, não os conhece e seria uma idéa, um bom numero do programma das festas de 15 de Novembro, uma exposição desses estadistas em peregrinação, no Jardim Zoologico, por exemplo.

O actual governo, ao assumir o poder, trouxe, entre as idéas innovadoras do seu programma, a do livre-cambismo, cuja propaganda o ex-ministro da Fazenda, Snr. Sampaio Vidal, fazia em tropos eloquentes, visando apenas o augmento da renda aduaneira e esquecido das consequencias ruinosas da nova politica, que pretendia inaugurar.

Pela primeira vez, desmentindo o asserto de que somos imitadores por natureza e por indole daquillo que fazem os outros, queriamos ser originaes, adoptando uma orientação economica que todos os povos, emergidos da conflagração, a livre-cambista Inglaterra á frente, acabavam de repudiar. E, assim, para avolumar de meia centena de milhares de contos a renda alfandegaria, não se tinha escrupulo de pôr em cheque as nossas florescentes industrias de tecidos, que ahi estão como um attestado da nossa capacidade realizadora e a demonstar que já não somos apenas o paiz essencialmente agricola do velho logar commum.

A industria de tecidos, sobretudo a de fiação de algodão, constitue hoje um verdadeiro patrimonio nacional. Não só pelo volume de sua producção, avaliada em epproximadamente em três milhões de contos, como pela qualidade e perfeição do seu fabrico, que lhe angariaram a clientela dos mercados do Prata, ella já se acha em condições de reivindicar para si um logar definido entre as in-

volume de sua producção, avaliada em um milhão e quinhentos mil contos, como pela qualidade e perfeição do seu fabrico, que lhe angariaram a clientela dos mercados do Prata, ella já se acha em condições de reivindicar para si um logar definido entre as industrias congeneres dos paizes estrangeiros Tal affirmação se applica sobretudo á fiação de algodão, trabalhada com materia prima brasileira, e cujo progresso proclamam os pareceres dos technicos estrangeiros e os dados das nossas estatisticas. Possuimos actualmente 257 fabricas de tecidos dessa natureza, estando assim collocados acima do Japão, Russia, Mexico, Belgica, Tchecoslovaquia e outros paizes; e essas 257 fabricas utilizam 2.345.000 fusos, 70.561 teares, consomem 447.389 fardos de algodão e dão trabalho a 11.065 operarios. Esta é a situação da industria algodeira nacional que, como se vê, não está ainda por constituir, mas é, ao contrario, uma brilhante affirmação de quanto é capaz o esforço pertinaz e bem orientado de uma classe laboriosa e empreherdedora. Com vida propria, pois como já accentuamos ella utiliza materia prima produzida no paiz, a nossa fiação de algodão, com a exportação de seus productos que, em 1923, se elevou a 785.771 kilos, no valor de 9.752:434$000 (numeros que nos ultimos dois annos decresceram em virtude da crise que atravessa a industria) contribue, em escala apreciavel, para o desenvolvimento da economia nacional e o fortalecimento das rendas publicas, mediante as largas quotas de impostos que recolhe ao fisco. Pois essa organização, erigida com tanto labor e á custa de tantos sacrificios, é que as idéas livre-cambistas do actual governo teriam desmoronado caso houvessem sido postas em pratica. Felizmente, a voz da razão fez-se ouvir ainda a tempo, evitando tal fracasso. Mas o preconceito contra as nossas industrias ainda está de pé. E assim é que em vão ellas clamam pelo auxilio dos poderes publicos, nestes dias penosos que estão vivendo, a braços com a maior crise de consumo que já se manifestou entre nós, emquanto os poderes publicos se mantêm inertes ou lhes offerecem palliativos para salvar as apparencias.

Ao cabo de um seculo de independencia sente-se que ha apenas habitantes no Brasil.. — Transformar estes habitantes em povo é o programma da ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO.

S. FRANCISCO DE ASSIS E O MUNDO MODERNO

Nenhuma figura historica parece mais absurda de evocar, em nossos tempos, do que a do Santo de Assis. Nenhuma parece mais contradictoria com todo o espirito de nosso seculo do que a delle. Um seculo de sensualismo, de luxo, de mundanismo, de indifferença pela Igreja, de repulsa ao espirito religioso, de desequilibrio, de ansia pelo dinheiro, de industrialismo crescente, de victoria da machina sobre o homem, seculo de gosos e de agitação, do "dancing" e do music-hall", — nada parece mais longe das cavernas de Rivo Torto ou da gruta de Greccio do que estes nossos dias.

Entretanto...

O mundo em que S. Francisco appareceu, esse seculo XIII que elle veio a abalar em seus fundamentos, teria sido assim tão affastado de nós? Não haverá justamente qualquer coisa de semelhante entre aquelle mundo e o nosso?

Havia tambem naquelle tempo um contraste agudo entre instituições que caducavam, como a Igreja, asphixiada pela inercia, pela paralysação das vontades, pela corrupção do clero, pelo desvirtuamento de seu espirito intimo, — e a agitação anarchica dos espiritos. A Igreja era uma rocha calcificada e habitada, sobretudo, pelos mariscos do tempo e o mundo em torno um mar revolto e sem ordem de imprecações, de miserias, de luctas interminaveis e de heresias crescentes.

Havia, tambem, naquelle tempo, um contraste agudo entre as classes sociaes. Por toda a parte fervia o movimento dos "menores" contra os "maiores". O movimento do "communalismo" se estendia, como hoje se estende o "communismo". E por toda a parte a violencia dos opprimidos se vingava dos abusos dos poderosos. Apenas, enquanto naquelle tempo o inimigo era sobretudo o feudalismo do sangue, hoje é principalmente o feudalismo do dinheiro. A propria cidade de Assis foi testemunha de uma dessas luctas typicas entre classes sociaes. O castello de Conrado de Irslingen, Duque de Spoleto, que dominava a cidade, foi arrasado e com as suas pedras construida a muralha que ainda hoje cerca a velha cidade. E quando os "maiores" e "menores" entraram em accordo, fazendo-se concessões reciprocas, foi o Santo de Assis um dos cooperadores principaes nessa approximação, que os seculos anteriores teriam olhado com assombro.

Todo o movimento franciscano no seculo XIII, se foi "um producto typico do espirito do tempo", como diz um historiador de S. Francisco, não foi um movimento que se deixasse dominar pelos males do tempo. Dois de seus principios fundamentaes — a pobreza e a paz — vinham directamente oppor-se a dois elementos essenciaes da sociedade de então: — o **luxo**, trazido pela grande accumulação de poderes e direitos nas mãos dos senhores feudaes todo poderosos, e a **violencia**. O seculo XII vivera entre luctas interminaveis, de provincia a provincia, de cidade a cidade, de castello a castello, em que os odios se eternisavam, — e abusos crescentes por parte dos poderosos e dos ricos.

Um dos espectaculos que mais vivamente chocaram ao filho do rico negociante de pannos Pietro Bernardone, foi justamente essa desigualdade profunda de classes e a proliferação da miseria.

Por outro lado, se S. Francisco vinha approximar os dois espiritos que se oppunham — da Igreja e do Seculo — não era cedendo aos males de cada um, mas ao contrario acceitando apenas de cada um o que havia nelle de sadio e de necessario — e só assim poude estender a sua acção constructora.

Os meios que empregou para agir foram os mais paradoxaes possiveis. Não houve em sua cidade natal quem o não tomasse por louco. Pois um rapaz que tinha tudo para vencer na vida, ia voluntariamente des-

pojar-se de tudo para se confundir com os vagabundos e os leprosos?

E ninguem, positivamente ninguem, poderia suppor siquer, nesses primeiros tempos de sua conversão que o seu "coup de tête" poderia ter a minima repercussão social e muito menos o abalo formidavel que provocou. Era quando muito um novo eremita que ia perder-se pelas grutas dos Apenninos. Pois qual seria o louco que pretendesse ficar entre os homens, agir entre os homens, reinserir nos homens uma chamma espiritual ha muito apagada e no entanto se despojasse, de inicio, de tudo o que poderia facilitar-lhe a tarefa: dinheiro, consideração pessoal, pistolões para os graúdos de Roma e outros dotes que julgamos naturalmente indispensaveis para fazer qualquer cousa na vida.

S. Francisco apparecendo na sociedade do seu tempo foi um paradoxo tão incomprehensivel como se hoje surgisse um novo S. Francisco de Assis... em S. Francisco da California, por exemplo.

Acho muito provavel que não appareça por óra. Uma figura dessas precisa, para surgir, de um amadurecimento social que possivelmente ainda está longe. Mas o facto é que quanto mais nos affastamos da natureza, mais nos approximamos de uma revolução espiritual como a de S. Francisco que foi evidentemente uma volta á natureza, uma volta á simplicidade, uma volta a condições de saúde e de espontaneidade natural a que as sociedades tendem a fugir com o tempo.

E o espectaculo que hoje nos offerece a sociedade occidental não é visivelmente um affastamento crescente da natureza, uma complexidade, uma hierarchisação, uma mecanisação e uma scisão de interesses que só violentamente podem ter uma solução? Quem no seculo XIX, na Inglaterra, por exemplo, previsse as agitações de hoje, não seria tomado por visionario? E que fez Tolstoi senão uma tentativa de volta á natureza? Que fez ha pouco o grande dramaturgo e poeta allemão Ernst Lissauer, fugindo das cidades e indo morar num villarejo dos campos austriacos? E esse outro grande escriptor inglez D. H. Lawrence que se foi metter entre os indios mexicanos para fugir á civilização? E toda essa serie de mystícos norte-americanos de que nos fala Michaud, que anseiam por fugir a uma civilisação mecanizada, como Henry James o fez no seculo XIX? E lá ainda, nos Estados Unidos, a figura estranha desse joven romancista Waldo Frank, cada dia mais lido, e cada dia mais ansioso de uma revolução nos espiritos? E em França, depois da guerra, quaes são os dois movimentos mais intensos de renovação, senão o espiritualismo catholico, mais ou menos reaccionario, e o espiritualismo spinozista, mais ou menos revolucionario, reagindo ambos contra o dilettantismo sceptico do seculo passado? E a aventura mental de John Middleton Murry, na Inglaterra, cujo mysticismo surprehendeu a toda a nova geração ingleza, educada em veios de tradição que julgavam eternos, no sentido de uma materialisação crescente? E casos como esse do philosopho russo Florentzki, que se ordenou padre na Igreja Ortodoxa oito dias depois dos bolchevistas assumirem o poder, isto é, quando ia começar a primeira grande experiencia sangrenta do materialismo historico e a perseguição ás correntes espiritualistas, e que no dia em que são expulsos todos os pensadores que não commungam com o materialismo corrente, vê-se autorizado a permanecer tal a popularidade que tinha conseguido conquistar?

E, em França, ainda, figuras como a desse Jacques d'Arnoux, em cuja alma se sente a massa de que se forjam os revolucionarios espirituaes? E acima de tudo, na França, como na Allemanha, essa immensa sedução ao appello do Oriente?

São casos. São elementos esparsos. Mas são justamente symptomas de uma effervescencia nos espiritos não muito dessemelhantes daquella que no seculo XIII permittiu o apparecimento de uma figura como a do Santo de Assis.

Não é nas sociedades assentes, felizes, tranquillas, onde os homens têm a sua vida

sinha garantida e os ideaes não vão além da sombra da propria casa, não é nessas sociedades que apparecem figuras tão fundamente humanas, e ao mesmo tempo tão acima da humanidade, como a desse desageitado ermitão de Rivo Torto cuja estatura era pequenina e entretanto não coube dentro de sua epoca.

O contraste entre S. Francisco de Assis e o mundo moderno é immenso. Mas por isso mesmo é que estão menos alongados um do outro. O Bataclan ou os Internacional Workers of the World estão mais proximos da Porciuncola do que a Grande Opera ou o Stock Exchange. Isto é, o seculo XX mais do que o seculo XIX.

Esse contraste Joergensen o sentiu vivamente em uma de suas "Peregrinações Franciscanas", quando foi a Greccio visitar o velho convento franciscano construido no ponto onde S. Franscisco fez representar, no Natal de 1223, entre tocheiros e canticos na floresta, uma evocação de Bethleem.

E depois de assistir a um officio da noite em que os frades diziam as mesmas orações escriptas ha 7 seculos por S. Francisco, escreve Joergensen: — "Le spectacle de ces hommes aux pieds nus, vêtus de robes brunes, et priant lá les mains levées dans le demi jour, m'a offert la representation la plus vive que j'aie jamais eue de ce que doit avoir été le moyen âge. Loin, bien loin était le XXe siécle... Tout d'un coup il me semblait absolument invraisemblable que, á cette même heure, les voitures roulassent par les rues pavées d'asphalte, vers les restaurants et les théatres etc."

E eu mesmo experimentei uma sensação muito semelhante. Foi em Fiesole. Eu deixara Florença em plena vida. Florença onde a Italia do seculo XV e a de hoje têm a mesma intensidade de vida. Florença que é tudo menos uma Bruges. E o mais prosaico dos bonds me trouxera até a collina famosa. Amphitheatro etrusco. Gorgetas da pragmatica. Embasbacamentos lyricos deante dos cyprestes que traçavam de verde escuro o valle illustre. Evocações do Lys Rouge. Miss Bell etc. Duas altissimas americanas competentemente Baedeckerisadas a pingar exclamações nos pontos marcados com asteristicos. Uma velha capella. Um frade que me offerece para visitar o claustro do pequeno convento franciscano ahi existente. E finalmente a furia das americanas porque o frade delicadamente lhes preveniu que durante toda a sua vida de monge S. Francisco de Assis só olhara para duas mulheres — Santa Clara e Giacoma de' Settesoli, e como ellas não eram nenhuma das duas... Um pequeno claustro delicioso. Meio claustro, meia latada de pateo italiano. Um franciscano sorridente. O frio intenso chegara com o crepusculo. Agradeci ao frade sorridente. E voltei á velha capella. Parecia um quadro armado para me trazer ao espirito qualquer coisa do seculo XIII.

Apenas uma lampada no altar. Ninguem. Minto. Um vulto. Um frade tambem. Immovel, com os olhos pregados na imagem. Um crucifixo bysantino como o de S. Damiano. Ao lado uma cestinha de ferro com algumas brazas, pois gelava o ar do inverno que se despedia. E longo tempo fiquei immovel, contemplando aquelle homem sombrio, num extase sereno, num silencio que parecia asphixiar-nos... Ali a dois passos toda a alegria de Florença. O meu hotel trepidante de danças, de luzes, de luas de mel. Buzinas. Klaksons. Gesticulações. A vida vivida furiosamente. A nossa unica vida... E aqui uma sombra de sete seculos, uns pés descalços que esmolavam pelas vielas lobregas de Assis, uns hombros callejados de carregar pedras para a Porciuncola, um velho habito cor de cinza, manchado, sujo, rasgado, um cilicio, uma corda...

Dir-me-ha alguem que concorde com as analogias que apontei: — "E a prova patente de que S. Francisco de Assis não está assim tão longe de nós, é que o mundo inteiro se reune hoje para commemoral-o."

Pois eu penso exactamente o opposto. Nada indica tão vivamente o abysmo que nos separa de S. Francisco como as commemorações de S. Francisco...

S. Francisco passou a ser uma dessas coisas inevitaveis com que os literatos decoram as suas paredes e as beatas de sachristia consideram distrahidamente, em alguma imagem de primeira communhão entre um broche de "chandail" de Therezinha e uma cruz de brilhantes, comprada no Sloper.

Ora, nada de mais extranho ao espirito de S. Francisco do que essa devoção convencional. Elle veio justamente dar vida interior ao que era apenas repetição tradicional. Praticar o lemma que até hoje se vê escripto no côro da capella de Greccio:

Si cor non orat.

In vanum lingua laborat.

Um de seus discipulos preferidos, o irmão Masseo, um dos que se distinguia pelo seu bello porte e pela sua eloquencia, e que por isso mesmo S. Francisco empregava por vezes nos misteres mais humildes para amansar-lhe a vaidade, esse irmão Masseo, vendo que alguns dos seus companheiros gostavam de fazer visitas frequentes ás reliquias dos santos, observava que seria mais util visitarem santos vivos do que mortos. Pois, dizia elle, visitando os santos vivos cada um póde ser testemunha dos perigos e tentações contra os quaes têm elles de se precaver e luctar...

E o proprio S. Francisco viveu pregando que só a acção pessoal trazia merito. Quando chegaram á Italia as noticias do martyrio soffrido pelos cinco irmãos, que tinham ido pregar a Marrocos e foram aliás inhumados em Coimbra, por intervenção da Rainha Urraca, a emoção foi immensa. E não menor o orgulho. Elle mesmo exclamou: — "Só agora posso dizer que tenho cinco irmãos", — elle que até então tentara por duas vezes, sem o conseguir, ter uma sorte identica á dos cinco. Pois bem. Vendo que todos os irmãos só se occupavam em falar do martyrio dos companheiros, e que por toda a parte se faziam commemorações ás cinco victimas da fé, prohibiu, terminantemente, que se continuasse a ler em publico a relação dos cinco martyrios, dizendo:

— "E' necessario que cada um se orgulhe do proprio martyrio, e não do martyrio dos outros".

Foi essa, sempre a lição da sua vida.

Estou meio desconfiado de que se o Santo resuscitasse hoje, a primeira coisa que faria era suspender todas as festas peregrinações, artigos, homenagens, sermões e toda a sorte de commemoraçeõs do seu septimo centenario. E pediria a quem o quizesse commemorar que distribuisse os seus bens pelos pobres, os seus livros pelas bibliothecas, os seus sapatos pelos inimigos e fosse de pés no chão e corda á cinta, servir aos leprosos. E só no dia em que houver de novo quem o faça, com o genio de attração do filho da Umbria, é que se poderá falar de homenagens a S. Francisco.

Se S. Farncisco de Assis resurgisse faria muita coisa por este nosso mundo partido: excepto commemorar S. Francisco de Assis.

Tristão de Athayde.

A REVISTA DO BRASIL PUBLICARA' EM SEUS PROXIMOS NUMEROS: **CORRESPONDENCIA INÉDITA DE MACHADO DE ASSIS; "RECORDAÇÕES DE DONA QUITERIA", ROMANCE DE JOÃO RIBEIRO; UM CONTO DE TRISTÃO DE ATHAYDE**

MANHÃ NA SERRA

Effunde a urna de Aquario a espaços o chuveiro
Que as flores lava, os brotos abre, o ar purifica.
Bebo-te, ó sazão forte, a seiva agreste e rica
Neste cheiro de chão de serra, que é o teu cheiro.

Já seu nevado véu de rendas o espinheiro
Sólta; do ingá polpudo a arvore fructifica;
No alveo de areia e pedra e piscas de ouro e mica
Fartas rolam cantando as aguas do ribeiro.

Um dia novo a tudo acaricia e banha.
Que bom fôra já ter morrido, para agora
Vêr-me esparso em chrystaes, folhas. effluvios, lumes!

Para sorrir no sol que doura esta montanha!
Para chorar no tom com que este rio chora!
Para elevar-me aos céus em nevoas e perfumes!

Alberto de Oliveira.

CANTICO DAS GALÉRAS REAES

Balouços serenos de regias galeras que vem pelo
[mar,
Que longas saudades, que longas tristezas, que vãs
[amarguras
Que vindes semear!

No espaço, as estrellas abriram, piedosas, os seus
[esplendores.
Acordam, na terra, sussurros de beijos, e, pelas
[alturas,
Ha chuva de flores.

As regias galeras triumpham, tranquillas, das
[ondas hostis!
Que esplendida flammula, a que, nesse mastro,
[beijada dos ventos
Drapeja, feliz!

Cem nobres guerreiros, sonhando conquistas, so-
[nhando victorias,
Escrutam as aguas, que, lentas, sonoras, em vagos
[lamentos,
Lhes falam de glorias.

Ha mundos formosos, além das neblinas que esten-
[tendem seus véos...
Ha mundos, que dormem na morna volupia que
[desce das brumas
Que envolvem os céos...

Ha placidas ilhas, ha fulgidas searas, ha lindos
[pomares,
Guardando os thesouros das virgens delicias, além
[das espumas
Que bordam os mares...

Ha reinos, dourados de raios de estrellas, nos
[fundos parceis;
— Alhambras, Pagodes, Kremlins refulgentes, Gol-
[condas iriantes.
Altares, doceis;

Castellos estranhos, de luz e de opala, de perola
[e de ouro,
Que se erguem das aguas, e brilham nas ondas, e
[mostram, radiantes,
Seu claro thesouro.

E' nesses castellos, é nessas Alhambras, de marmo-
[re e luz,
Que as lindas sereias promettem aos nautas os
[corpos morenos,
Divinos e nús.

E' nesses felizes jardins fulgurantes, assim fei-
[ticeiros,
Que se abrem profundos abysmos de amores, de
[encantos serenos,
De encantos traiçoeiros.

Um louro argonauta, que sonha as marinhas chi-
[meras de Ophir,
Debruça-se, afflicto, no vivo desejo, no deslum-
[bramento
Falaz de as possuir.

Debruça-se, afflicto... Quer ter entre os braços,
[no anceio em que freme,
As candidas sombras, que oscillam nas vagas, que
[vão, lento e lento,
No Oceano que treme.

Quer ter entre os braços as humidas noivas, as
[noivas lyriaes,
Que nadam na esteira das ondas tão frias, sorrindo
[e cantando
Cantigas joviaes.

Quer tel-as... num breve, num rapido instante,
[numa hora fremente,
Quer tel-as! Quer tel-as, estuando de beijos, de
[beijos vibrando
Voluptuosamente!

Mas logo se esfumam as tremulas sombras dos
[dos reinos pagãos.
E nada mais resta, na mobil espuma, dos vultos
[tão lindos,
Tão claros e vãos!

Não resta mais nada... Diluiram-se os vultos
[das nymphas queridas.
Diluiram-se os edens das glorias ardentes, dos
[beijos infindos,
Nas ondas florídas.

E as regias galeras se vão, deslumbrantes, ras-
[gando a maciez
Das vagas tranquillas, que cantam nos remos, na
[melancolia
Da vã languidez.

Proseguem, na rota que o sonho sagrado lhes
[traça no Oceano,
Buscando as promessas das brancas paragens de
[gloria e alegria,
De amor soberano.

O espaço infinito rutíla de estrellas, na pompa
[lyrial.
Ha bençãos ardentes que vêm, carinhosas, das
[aureas alturas
Ao mar virginal.

Balouços serenos de regias galeras que vêm pelo
[mar,
Que longas saudades, que longas tristezas, que vãs
[amarguras
Que vindes semear!

Mucio Leão

A POLITICA INTERNA DA QUINZENA

A politica dos governadores

O Sr. Arthur Bernardes fez no Brasil, quasi que como Campos Salles, a chamada politica dos governadores. Esta politica tem as suas vantagens e desvantagens. Realizada por um chefe de executivo federal habil, sereno, que não comprehenda o apoio dos governadores com o cego incondicionalismo com que elle lhe é offerecido, como a chave de exito do seu quadriennio, ella traz vantagens apreciaveis para o paiz. Agora, feita por um presidente da Republica decidido a procurar nella, só a base do seu prestigio, para agir na Camara e no Senado, como se estes fossem capitanias suas, semelhante politica dará resultados negativos. Porque o presidente para alcançar o apoio, sem condições dos governadores, tudo fará para não desgostar a estes. E, assim, em vez de uma grande satrapia, organizada no Cattete, teremos vinte e uma satrapias, neste paiz afóra, e todas sem peias, nem controle.

Quando o Sr. Arthur Bernardes subiu ao poder em 1922, havia dois governadores a liquidar, e um a desmoralizar, para, depois de desmoarlizado, fazel-o seu alliado. Logo de entrada, o chefe federal se arremessa contra o Estado do Rio, d'onde o Sr. Raul Fernandes é varrido com habeas-corpus, Supremo Tribunal e tudo. Em Nictheroy é posto um interventor, pessoa de inteira confiança do Cattete. O cavalheiro macio, que alli se installa, terá como successor um partidario extremado do presidente. O Estado do Rio, entre 10 e 12 de Janeiro de 1923, era preza imbelle do governo federal, e não lhe dava mais cuidados, senão pela luta de competições entre os amigos pela eleição da curul governamental.

Depois, vem a Bahia. O Sr. Seabra cahia esmulambado. Era um farrapo. Os partidos da opposição reunidos acceitaram o candidato apresentado pelo governador — que não era um candidato do governador, mas do proprio presiente da Republica por intermedio do ministro da Agricultura, suavemente imposto ao Sr. Seabra, como derradeira hypothese de meia salvação sua. Depois o Sr. Seabra, tocado por amigos mais exaltados, de um brio partidario mais vivo, repudiou a candidatura que apresentara á sua successão, e contra o Sr. Góes Calmon investiu, trazendo o nome de outro correligionario. O Sr. Calmon venceu nas urnas — e á sua disposição havia duas assembléas, para reconhecerem-n'o. Pela primeira vez, creio, na historia das intervenções no Brasil, um candidato victorioso se vê assim deante de uma duplicata do legislativo, hesitante, por saber a qual dos dois deve conferir a investidura de sagral-o papa. Assim se encontrou o Sr. Góes Camon, o qual tinha para nomeal-o governador a assembléa seabrista, de cujo partido fôra preliminarmente candidato, e a assembléa opposicionista, que fôra eleita e garantida por habeas-corpus, precisamente afim de reconhecer a eleição do governador da opposição. Tudo acabou, na Bahia se resolvendo do melhor modo, e o Dr. Bernardes concluio ganhando mais um governador para a sua tranquillidade.

Restava o Rio Grande do Sul. Ahi a situação era mais delicada, porque o Sr. Borges de Medeiros é o unico chefe local monarchicamente organizado no Brasi. Capistrano de Abreu costuma dizer que a ultima monarchia da America é a do Rio Grande do Sul, e, com effeito, o regimen no Rio Grande é visceralmente monarchico. Até por isto: a dedicação dos homens, a obediencia dos militares da policia local, tudo é á pessoa do soberano, o Rei Borges. Já analysei, num ensaio de "La Nacion", publicado ha dois annos, as profundas sympathias que ligaram em todos os tempos, essas duas mentalidades irmãs, que são a dos Srs. Borges de Medeiros e Arthur Bernardes. O Sr. Assis Brasil, com a sua infinita ingenuidade, fazendo a revolução que fez, apenas prestou um immenso serviço ao Sr. Arthur Bernardes. Ao presiden-

te da Republica, dada a argucia politica que o distingue, não sorria negociar com um Borges demasiado poderoso, um Borges invencivel A revolução foi o melhor instrumento que se lhe poderia deparar, afim de reduzir o chefe gaucho ao estado de semi-impotencia, necessario para que elle sentisse o peso do poder do governo bernardista. Feito isto, tratou a paz com o Sr. Borges, para tel-o atrelado ao seu carro triumphal até hoje.

Em 1924 contava o Sr. Arthur Bernardes com 20 governadores, um prefeito do Districto Federal, e um governador do territorio do Acre á sua disposição. Poderia mandar até cançar-se. E está mandando que é um Deus nos acuda, porque manda sem contraste. O Sr. Washington Luiz, esse, ainda depois de eleito, renunciou ao mando até da bancada paulista.

O Sr. Arthur Bernardes trazia um programma de governo muito individual, e, para realizal-o, precisava do apoio unisono dos governadores. Apoiou-os para que elles o apoiassem, e tudo deu certo. Os governadores dos Estados tiveram, no quadriennio que desapparece, dentro das fronteiras dos seus sandjaks, uma autoridade immensa. Na Camara e no Senado Federal, comtudo, perderam todo o espirito de iniciativa, porque por elles fallava e agia o presidente, e o presidente gosta de ter opiniões proprias, e quasi sempre diversas das de todo o mundo.

A politica dos governadores tem, para um homem bem intencionado, que traz o proposito de servir á patria, este merito: ella é uma moeda com que elle compra o apoio de que precisa para as suas realizações. Campos Salles, por exemplo, trazia o plano da restauração financeira. Era um plano vasto e que só podia ser levado a cabo em meio calmo. Elle vinha disposto a sacrificar tudo á conclusão desse projecto de governo. Não trepidou em deixar os governadores em paz, contanto que elles não o apoquentassem no exercicio da tarefa, que se dispuzera a cumprir dentro do seu quadriennio.

O presidente Arthur Bernardes enveredou por essa mesma politica, mas não soube tirar della as vantagens que Campos Salles extrahiu com tamanho exito. Todas as reformas que o actual governo emprehendeu, afóra esse ou aquelle ponto de detalhe, satisfazendo o interesse publico, foram tangidas por objectivos pessoaes. A politica dos governadores deu grandes frutos para o Sr. Arthur Bernardes, mas elle não os soube ou não os quiz aproveitar em beneficio da Nação.

Assim, tivemos no quadriennio que finda, a politica dos governadores, mas o que nella ha de util só foi filtrado contra o interesse geral da Nação.

Como será, no futuro quadriennio, a politica federal? A maior difficuldade que ha, para fazer previsões em relação ao Sr. Washington é que elle é um homem inteiramen desconhecido na politica federal. Agiu toda a vida na politica local de São Paulo, e não é possivel julgar um homem de governo pela sua experiencia feita num meio totalmente diverso do da politica federal.

No quadriennio actual, commetteu o Sr. Washington um gravissimo erro: foi o incondicional apoio que deu e ainda está dando São Paulo ao poder federal. Estados como Minas e São Paulo não estão mais em condições de apoiar governos federaes, nesses termos. São Paulo é uma unidade ponderavel na Federação, com prestigio proprio, do qual necessita o poder central para viver. Para viver! — é bem o termo. Que governo hoje poderia subsistir no Brasil sem São Paulo?

Os amigos mais chegados ao futuro presidente dizem-n'o inspirado de um sincero desejo de penetrar na historia, ennobrecido por attitues impessoaes de governo. Se o novo chefe da Nação está inspirado desses sadio idealismo, não poderá conduzir a politica geral, no espirito com que ella tem sido levada até aqui. A politica dos governadores tem este reverso terrivel: os satrapas estadoaes, uma vez isentos do controle federal, tendem ao garroteamento implacavel de todas as liberdades publicas, ao sacrificio feroz dos di-

reitos individuaes. O controle amistoso, mas alerta do primeiro magistrado sobre os actos politicos dos governadores, exerce uma salutar influencia no sentido de purificar a atmosphera irrespiravel, que a maioria desses czarsinhos locaes estabelece para os seus governados. E é tão facil um homem superior realizar essa benefica e moralizadora missão, com as simples qualidades da persuasão e do tacto!

Assis Chateaubriand

UMA NOVA TRIPLICE ?

O renascimento do espirito colonial allemão

A entrada da Allemanha para a Liga das Nações e o restabelecimento do antigo concerto europeu, que é o primeiro effeito da restituição ao Reich das prerogativas de grande potencia, parecem destinados a fazer reviver a politica colonial, cujo encerramento os alliados annunciavam ser um dos resultados que o mundo obteria com a destruição do militarismo germanico. Nestas ultimas semanas, sob a direcção dos representantes dos interesses commerciaes e maritimos de Hamburgo e de Bremen, o velho espirito da expansão colonial ressurgiu na Allemanha em inequivocas manifestações de pujante vigor. Com a solemnidade espectaculosa que as sociedades patrioticas germanicas outr'ora cultivavam no estimulo dos instinctos aggressivos do pan-germanismo, foram feitas demonstrações publicas em que os partidarios da antiga obra da colonisação affirmaram o seu deliberado proposito de insistir sobre a questão dos mandatos coloniaes, a que a nova Allemanha se julga com direito. O prudente e habil diplomata, que actualmente dirige a politica externa do Reich, disassociou cautelosamente o governo dessas primeiras e ruidosas explosões do sentimento colonial. Mas se Herr Stresemann não quer comprometter a Allemanha official em manifestações em que, ao rythmo do "Deutschland ueber Alles" marcharam garbosamente, nos seus vistosos uniformes da epoca imperial, os veteranos das tropas coloniaes, é inevitavel que, uma vez re-installada como grande potencia no Conselho da Liga das Naçeõs, a Allemanha não poderá deixar de pleitear o direito mais ou menos confortavel ao sol colonial que se levanta ironicamente nos horizontes politicos da Europa, sete annos depois da paz de Versalhes.

Uma nova éra de expansão colonial européa

O principal interesse do movimento, que ora surge na Allemanha, consiste realmente em vir pôr em vivo destaque a renascença, mais rapida do que se poderia esperar, do espirito de expansão colonial. Por entre as difficuldades do apoz-guerra que, longe de tenderem a alliviar-se, parecem aggravar-se sob a pressão de maiores complicações economicas, a Europa, sempre influenciada pelo pezo da sua longa tradição imperialista, sente mais uma vez a tentação de resolver os seus problemas domesticos pela exploração de territorios distantes.

Como já tive occasião de salientar em um destes artigos, toda a questão economica da Europa actual gira principalmente em torno da difficuldade crescente de adquirir com os seus productos manufacturados os generos alimenticios de que carece e as materias primas de que as suas industrias precisam. A desproporção entre o valor do commercio exportador das grandes nações industriaes da Europa e o que ellas têm de comprar em outros continentes para a manutenção da sua vida economica e social, accentua-se de anno para anno, acarretando uma situação de desequilibrio e de perigosa instabilidade, cujo mais caracteristico symptoma é a tendencia geral á desvalorisação das moedas européas. Para attender a semelhante estado de cousas, não é facil descobrir meio immediata-

mente efficaz. Torna-se progressivamente mais difficil o processo de forçar a entrada dos productos manufacturados nos paizes da America e da Asia. Por toda a parte predomina a mesma corrente favoravel a defender os mercados nacionaes contra a concorrencia extrangeira. Esse proteccionismo, que estimula o desenvolvimento de industrias em paizes até ha pouco tempo exclusivamente agricolas, determina para as manufacturas européas uma outra e **tremenda** difficuldade. As materias primas, que os industriaes do Velho Mundo outr'ora compravam a preço vil, encarecem consideravelmente á medida que as industrias locaes as vão consumindo em maiores quantidades.

A sahida logica de tão precaria situação affigura-se aos estadistas europeus ser a antiga estrada da expansão colonial. Explorando territorios, que se acham sob a sua soberania politica, contam as velhas potencias da Europa obter os productos agrarios e extractivos em condições que o desenvolvimento economico das nações independentes não lhes permitte mais offerecer.

Onde o problema é mais agudo

A iniciativa do renascimento das tendencias coloniaes está cabendo ás duas potencias européas que, depois da Allemanha, são as que mais agudamente soffrem os effeitos da situação critica que apontei. A Inglaterra e a Italia são neste momento as nações industriaes que mais imperiosa necessidade têm de explorar as terras devolutas do mundo. Quando, por occasião da guerra, os dominios britannicos acudiram calorosamente ao appello da metropole, pondo as suas tropas e os seus recursos ao serviço da causa commum, houve esperança de que, depois da paz, fosse realisavel em termos novos o velho plano da liga aduaneira imperial, com que Chamberlain e Cecil Rhodes haviam sonhado dar aos povos inglezes uma absoluta e definitiva supremacia economica. Os acontecimentos ulteriores vieram, entretanto, demonstrar que a individualisação economica dos dominios britannicos attingira tão alto grau de desenvolvimento que os interesses de cada um delles constituiam obstaculo irremovivel á federação aduaneira do Imperio. Em relação á Inglaterra, sob o ponto de vista economico, o Canadá, a Australia, e, embora em escala menor, os outros Dominios estão em uma posição perfeitamente identica á dos Estados independentes, cujos interesses commerciaes e industriaes são mais ou menos irreconciliaveis com os da Grã-Bretanha. O imperialismo, o ideal da organisação de uma confederação que se mantivesse com a permuta dos seus proprios recursos, está irremediavelmente liquidado. Na solução do seu problema, a Inglaterra tem, portanto, de cogitar em crear um novo Imperio com as terras selvagens que formam o seu patrimonio colonial africano.

A crise da Italia

A Italia, cuja condições são profundamente differentes, está comtudo em situação analoga á da Grã-Bretanha. Com uma população muitissimo superior á que o solo vulcanico da peninsula permitte nutrir, possuindo todos os requisitos intellectuaes e moraes para o industrialismo, a Italia luta neste momento com uma terrivel crise, decorrente em parte do onus da importação de trigo, mas causada sobretudo pela necessidade de comprar aos estrangeiros as materias primas. Commentando ha dias na Camara italiana as medidas violentas de defeza da lira, que segue a marcha funebre do franco, o snr. Tumiday observou que o factor essencial da crise italiana era a escravidão das industrias da peninsula ás materias primas e aos lubrificantes vindos de fóra do paiz. Todas as soluções, baseadas na idéa romantica de tornar as communidades italianas do extrangeiro colonias moraes e economicas da metropole, são palliativos illusorios e que só fazem perder tempo, porque, como o snr. Tumiday mostrou com dados estatisticos no seu discurso, á medida que a lira se deprecia, os emigrantes reduzem as remessas de dinheiro, prefe-

rindo capitalisar as suas economias nas moedas mais valorisadas e mais estaveis dos paizes onde residem.

O novo triangulo imperialista

Se a Italia precisa actualmente de colonias, como condição essencial á sua sobrevivencia no plano das grandes potencias, a Allemanha vê-se defrontada pela perspectiva do fracasso da sua estupenda renascença industrial, apoz os desastres de 1918, se não conseguir solução immediata para o problema das materias primas. Temos, portanto, trez grandes nações industriaes, trez grandes potencias politicas, para as quaes se apresenta um problema commum, de vital importancia. Não pode causar surpreza que, em taes condições, se delineiem os prenuncios bem claros de uma approximação politica tendente a formar na Europa um novo triangulo imperialista. Entre a Inglaterra e a Italia, o caso já passou mesmo da phase preliminar e entrou na maturação de accordos concretos e positivos. O recente tratado anglo-italiano sobre a Abyssinia veiu reabrir a politica africana que entrára em latencia desde o fim da guerra boer. As explicações dadas pelo gabinete inglez aquelle accordo não podem, nem de leve, disfarçar o seu cunho brutalmente imperialista. Que duas potencias, associadas á Liga das Nações, firmem um tratado estipulando a combinação de esforços para a construcção de uma estrada de ferro e para a realisação de grandes obras hydraulicas, no territorio de um terceiro Estado, que é absolutamente independente e que tambem faz parte da Liga das Nações, sem que este sobre o caso tenha sido ouvido, bastaria para nos fazer voltar ao genuino imperialismo dos dias pre-wilsonianos, mesmo quando o accordo anglo-italiano não envolvesse a sombria significação occulta de uma partilha de espheras de influencia na Abyssinia.

No tocante á reviviscencia do colonismo allemão, ainda não vieram a publico rumores do que porventura se tem passado entre a Downing Street e a Wilhelmstrasse. Mas o cuidado com que os promotores da agitação colonial germanica — os mesmos homens que, mais do que quaesquer outros, concorreram para incitar a hysteria anti-ingleza que precedeu a guerra — estão insistindo na idéa de uma cooperação amigavel com a Grã-Bretanha na questão dos mandatos coloniaes, e a recepção cordeal, feita pela imprensa britannica mais chegada ao Foreign Office á idéa dos colonistas de Hamburgo e de Bremen, parecem indicar que o assumpto já foi discutido.

As possibilidades de uma nova Triplice

O alcance de uma Triplice colonial anglo teuto-italiana não pode escapar a nenhum observador das actuaes condições da politica mundial. O scenario das operações desse hypothetico triangulo, que seria o primeiro fructo de Locarno, terá evidentemente de ser o continente africano. Ali as possibilidades de attrictos de ampla repercussão ficarão consideravelmente reduzidas. Alem das trez associadas ao pacto, que tantos indicios parecem esboçar, só resta a França como elemento ponderavel a entrar nos calculos de Londres, de Berlim e de Roma. Mas, em face de uma combinação colonial em que sejam partes a Inglaterra, a Allemanha e a Italia, a França teria de contentar-se com as compensações que o novo trust africano lhe quizesse offerecer. Portugal, a Belgica e a Hespanha poderiam esperar tratamento mais cortez do que a Abyssinia, sua co-associada na Liga das Nações e já marcada para as primeiras operações das novas partilhas imperialistas. Maiores difficuldades encontraria a politica africana na resistencia da Africa do Sul a qualquer desmembramento dos territorios que aquelle dominio já encara como esphera de influencia politica e economica.

Estas são as possibilidades que varios incidentes, occorridos nas ultimas semanas, trazem para o primeiro plano da politica européa. Desde a conferencia de Locarno, Sir Austen Chamberlain vem preparando gradualmente o terreno para uma simultanea

aproximação com a Allemanha e com a Italia. A' acção cautelosa do Secretario do Exterior da Grã-Bretanha não parece ter sido extranha a rapida melhora nas relações italo-germanicas, que os incidentes do Tyrol haviam levado a um ponto de grave tensão nos primeiros mezes deste anno. Em poucas semanas começará talvez em Genebra a esboçar-se a politica neo-imperialista, cuja base poderá ser esse triangulo que, alem da sua actuação africana, se tornará naturalmente o instrumento capital do jogo politico da Europa.

Azevedo Amaral

CORRESPONDENCIA INÉDITA DE TOBIAS BARRETTO

O actual governo de Sergipe adquiriu, para figurarem na edição completa das obras de Tobias Barretto, que aquelle Estado mandou em boa hora publicar, cartas intimas do grande polemista e professor de Recife, endereçadas a Sylvio Romero.

No volume de "Varios Escriptos", onde está prestes a sahir essa interessante correspondencia privada, encontra-se a seguinte nota explicativa:

"E' de ver que, tendo Sylvio Romero, guardado da curiosidade publica, durante toda a vida, esse epistolario intimo, certo não endossava todos os conceitos emittidos por Tobias Barretto — seja pelo tom de paixão pessoal que de alguns delles ressumbra, seja pela severidade e injustiça de outros, ou ainda por divergencias de doutrinas e culturas. A divulgação agora não significa uma indiscreção malevola, mas o proposito de contribuir para o estudo exacto do temperamento de Tobias Barretto".

Merecem a attenção do publico essas cartas, por constituirem algumas dellas, pelos conceitos mal humoradas do notavel pensador sergipano, um verdadeiro escandalo literario.

Os originaes de tão curiosas epitolas vão figurar na secção de "manuscriptos" da Bibliotheca Publica de Aracaju'.

1 — Recife, (Afogados), 24 de Janeiro de 1835.

Amigo Sr. Sylvio:

Saúde e bem estar etc.

Ha muito que lhe não escrevo; sou um preguiçoso de força: não dou p.ª a litteratura epistolar. Só de longe em longe é que me determino a escrever uma carta. Desculpe.

Já deve ter sabido que os seus ultimos recommendados sahiram bem. Até onde póde chegar a minha influencia na Academia, que aliás é nulla, póde dispôr como lhe aprouver.

Antes de entrar em assumpto, que pessoalmente me interessa, tratemos um pouco de politica. O q. me diz da actual situação? Concordará commigo q. é uma desgraça? Dantas elevado á proporções de grande homem!? E' horrivel! Ha sobretudo uma coisa que me incommoda: é vêr o meu, o nosso Altino (1) delegado do ministerio Dantas **dos Imperiaes.** Sabe a historia dos Imperiaes?... Eu lh'a conto.

Mané Dantas é neto de um cabôclo velho chamado João Dantas dos Reis; quando deu-se a independencia, o cabôclo entendeu que o sobrenome de — **reis** — tinha alguma coisa de lusitano e antipatriotico, e então passou a chamar-se, como filho do novo imperio, João Dantas dos Imperiaes! Isto é caracteristico.

O cabôclo era sagaz; chegou a exercer cargos, entre estes o de Juiz (não sei se **almotacé** ou **ordinario**). Succedendo uma vez que, em uma capella de. S. Antonio das Queimadas(prov. da Bahia) por occasião de um festejo do milagroso santo, se désse uma catastrophe, resultante de um tiro de bacamarte, o cabôclo abriu a respectiva **devassa** e acabou por condemnar o santo nas custas, tomando-lhe diversas fazendas de gado, pois q. o frade de pau era alli e naquelle tempo bastante rico. Eis a origem da riqueza da familia.

Acredito que, como brasileiro, tenho vergonha de vêr o meu paiz entregue á discrição de uma figura como Dantas.

Temos tido por aqui muita rethorica. O Nabuco (2) deu variados **concertos de palavra** no S. Isabel, terminando a comedia por uma scena de sangue na qual foi heróe o **grande** José Mariano. Dois assassinatos apenas e alguns ferimentos!!... Que me diz a isto?... Estou suspirando pela ascenção dos conservadores. Só elles pódem vir restabelecer a ordem perturbada. Em Pernambuco, pelo menos, não ha segurança; as facadas estão na ordem do dia. — Posso lhe garantir que os deputados liberaes desta provincia levam sangue nas unhas; fuja delles.

Agora o meu negocio. Venho pedir-lhe o seguinte favor. O Vieira, professor de philosophia

---

(1) Dr. Altino Correia de Araujo, poeta e escriptor pernambucano, que em 1887 prefaciou o volume de "Discursos" de Tobias Barreto e veio a ser, mais tarde, cunhado de Sylvio Romero.

(2 Joaquim Nabuco.

do Collegio das Artes, protestou vingar-se de uma moça, que regeitára a offerta, por elle feita, de leccional-a em philosophia; agora que ella tem de prestar esse exame na Academia, ha motivo de desconfiar que o tôlo queira desabafar-se. Por isso peço-lhe que arranje-me por ahi, já e já, uma protecção, uma carta em favor da moça p.a o mesmo Sr. Dr. Antonio Luiz de Mello Vieira. A carta deve ser, ou de algum **cadaver** que elle tenha por ahi, ou do director do Collegio Pedro II, ou emfim de qualquer outra pessoa (bispo, nuncio, frade, ministro, o diabo), que possa de algum modo influir sobre elle. A môça chama-se D. Maria Coelho da Silva Sobrinha. — Confio que dará importancia ao meu pedido.

Adeus. Meus respeitos á Exma. Familia.

Seu amigo

TOBIAS

2 — Recife, 30 de Julho de 1885.

Amigo Sr. Sylvio:

Hontem á tarde, ao chegar em casa, de volta do embarque do Altino, encontrei a sua ultima carta. Se a tivesse mais cêdo recebido, o Altino mesmo seria portador do que me pediu.

Inclusos vão os programmas. Saiba porém de uma coisa: — o programma de Direito Natural o Publico, eu lh'o enviei, logo depois da publicação, acompanhado de uma carta em que lhe dizia que os **doutores** não o tinham entendido. — Continúam a não entendel-o, sendo, por uma ironia do destino, o bôbo Meira (3) o encarregado de explical-o!!!... Nesse mistér, tem procurado refutar a minha theoria da não existencia de um direito natural, o reunindo todas as forças do seu talento, chegou á dizer que havia um **direito natural de beber nas fontes, um direito natural de respirar** — ao que qualquer moço intelligente poderia perguntar se não ha tambem o direito natural de... **(jus cacandi)?...** "Cosi fan tutti". Eu estou só. Entretanto não recúo, e vou rompendo.

Envio-lhe tambem uns pontos de direito criminal, elaborados por mim, de accordo com um programma de João Vieira, (4) que deixou-se influenciar por minhas idéas e arredou-se da velha senda. O programma tem algumas coisas bôas, de mistura com tolices de um espirito mal preparado. Creio que os pontos servirão tambem ao seu intuito. Arrume pancada na canalha burra, que ainda crê em direitos eternos, inalienaveis, imprescripti-veis. Pancada grossa nesses diabos. Quero saber e gostar.

Adeus.

Do amigo

TOBIAS

3 — Recife, 14 de Dezembro de 1887.

Amigo Sr. Sylvio:

Acabo de receber sua carta de 27 de Novembro e em resposta declaro-lhe que póde fazer com o Seraphim o negocio que quizer sobre a 2ª edição dos **Dias e Noites**; veja apenas se consegue que elle se obrigue á dar-me um pequeno numero de exemplares, para presentear alguns amigos.

Já disse ao Santos que lhe enviasse as ultimas formas das **Questões.** Saiba agora de uma novidade: — já está em via de formação o meu **Commentario, theorico e critico ao Codigo Criminal**; (5) sáe em fasciculos de 32 paginas; o primeiro fasciculo surgirá até o fim deste; enviar-lho-ei. E' trabalho muito serio. Calculo o commentario de todo o codigo em 6 volumes.

Tenho ultimamente notado que, durante a minha molestia que ainda não se acabou, tenho produzido mais do que em tempos de saude. As **Questões** tomaram um grande impulso; appareceram os **Traços de litteratura**, e agora **Commentario.** A explicação disto? E' que a doença prende-me em casa e impôz-me a obrigação de ser menos **wollustiger**: dahi a maior actividade intellectual.

Tome nota para uma nota.

Dê suas ordens ao velho amigo

TOBIAS

4 — Recife, 2 de Janeiro de 1888.

Amigo Sr. Sylvio:

Felizes festas e felicissima entrada do novo anno.

Já deve saber que estou com o commentario ao Codigo em via de formação. Deve sahir hoje o 1.º fasciculo (32 pags.). Não lhe havia já communicado, porque queria causar-lhe uma surpreza. Creio que a coisa não está má; pelo menos, é o primeiro tentamen do genero, que apparece entre nós. Calculo toda a obra em 5 ou 6 volumes regulares (de 350 a 400 pags.) pois que pretendo estender-me muito em certos artigos.

As **Questões** estão com 240 pags. — não sei, se o Santos já lhe mandou as ultimas formas, como me disse ia mandar. Com menos de 300 pags. não encerro o livro.

---

(3) Quer referir-se ao Dr. Albino Meira, então lente da Faculdade do Recife e que, já na Republica, foi governador do Estado.

(4) Dr. João Vieira de Araujo, tambem lente da aculdade de Recife.

(5) Está no 1º volume de "Estudos de Direito", da edição completa.

Agora outro assumpto. Admirei a sua perspicacia em descobrir que já na minha **Questão do poder moderador** (6) ha vislumbres de novidade juridica. Despertado pela sua indicação, fui reler o velho trabalho, e realmente achei que existe um logar em que eu falo das **linhas geraes de uma nova sociologia**; o que é no caso esta nova sociologia, so não uma nova intuição do direito? A expressão — sociologia — era um resto de tributo que eu pagava ao positivismo, de que fôra adepto, posto que já então começasse a abandonal-o.

Ponha-me tudo isso em pratos limpos, com a mestria, que o caracterisa. Preciso de uma liquidação á tal respeito. Já vivo incommodado de vêr meu nome sempre citado em companhia dos de José Hygino (7) e João Vieira (o badalo), como os tres iniciadores da reforma juristica entre nós!!! Que tal! O badalo tem uns impetos obscuros, inconscientes, mas não póde; é fraquissimo. O Hygino, esse, á meu vêr, ainda é peior, pois é um espirito que vive cheio da sua missão providencial de estudar a dominação hollandeza em Pernambuco, e pensa que isto é grande coisa!... De direito moderno, nada. E' um lente de administrativo, que adora o Cortines Laxe! E' um pesquisador da Hollanda, que nunca nos disse uma palavra sobre a litteratura desse paiz.

Muito breve pretendo dar-lhe uma surra nesse sentido. Estou estudando hollandez, tanto quanto baste para falar com consciencia, e já estou tratando de pôr-me **au courant** do movimento espiritual da Hollanda. Ramalho tambem terá o seu quinhão de pancada.

Adeus do velho amigo

TOBIAS

5 — Recife, 6 de Abril de 88.

Amigo Sr. Sylvio:

Recebi sua ultima carta, e logo depois as paginas da sua — Historia. (8)

Pondo de parte o que me diz respeito, devo declarar-lhe que achei o seu trabalho muito bom excepto num ponto, — permitta-me a franqueza. Foi no ponto em que o Sr. a meu vêr, deturpou a sua — Historia — falando de gente, que nada vale.

Realmente, a que proposito falar de Hannibal Falcão, (9) um verdadeiro bôbo, positivista ortodoxo, bacharel tachygrapho, e tachygrapho mediocre? Isto é gente que deva occupar logar numa historia seria? Não de certo. — A que proposito fazer menção de um tal Alvares da Costa, que ninguem conhece, moço idiota, que nunca produziu coisa alguma que prestasse. E' verdade que esse moço fez-lhe uns elogios, mas eu creio que o Sr. não precisa crear adeptos, sacrificando a verdade e a justiça.

Olhe lá: — o Clovis, (10) em 1882, escreveu uns artigos a meu respeito, cheios de elogios extraordinarios. Quer saber qual é o meu juizo sobre elle? — E' o seguinte: — não passa de um **felicissimo** desfructavel, e o mais pretencioso da nova geração. A reputação intellectual desse môço foi uma parcella antecipada do patrimonio Freitas. Não se illuda; Clovis não vale nada. Alguma coisa melhor, que escreve, é plagiada.

E que direi agora do **illustrado jurista** José Hygino, bem como do João Vieira? — Ai! pelo amor de Deus, não faça taes concessões. Onde foi que José Hygino já se mostrou **pesquizador** da historia patria? Zé Zinga é um bôbo, Sr. Sylvio; e João Badalo ainda mais. Desculpe esta franqueza de amigo. Não mude de rumo; seja cruel com esta gente, que nada vale.

Do amigo velho

TOBIAS

. . . . . .

Creio que o Santos já lhe enviou as ultimas formas das **Questões** e o 2.º fasciculo do commentario. Ando muito zangado com as typographias desta terra; por mais que me tenha esforçado, ainda não pude conseguir que as **Questões** chegassem á sua conclusão. Uma forma gasta ordinariamente um mez. Estou vendo abandonar tudo, e deixar-me de trabalhos; mesmo porque continuo doente; a tosse ainda me não deixou. Já tenho receios de estar caminhando para uma tuberculose; o tanto que talvez faça brevemente uma viagem ao Ceará.

Voltando ao assumpto principal: insisto em pedir-lhe que não faça concessões á gente desta terra. Dos moços que aqui escrevem, eu só vejo dois aproveitaveis: Arthur e Martins. (11) Não falo de Altino, por que este é nosso, tão nosso, que somos suspeitos para dar juizo sobre elle. — José Hygino?! Este pobre diabo é tão besta, que ainda propõe, como these difficilima, para candidatos de concurso a seguinte: o direito administrativo é arte ou sciencia? — Isto só a cacête. Não se illuda,

---

(6) Encontra-se em "Questões vigentes", volume da edição completa.

(7) No volume de "Polemicas", veja-se a discussão sobre "self-governement".

(8) "Historia da litteratura brasileira", de Sylvio Romero, cuja 1ª edição apparecia naquella época.

(9) Politico, jornalista e escriptor pernambucano. Fez parte da Constituinte Republicana de 91, representando seu estado natal.

(10) Refere-se, com evidente injustiça, ao Dr. Clovis Bevilaqua, o eminente autor dos "Juristas philosophos", em que tanto se exalça o genio e a obra de Tobias Barreto.

(11) Refe-se a Arthur Orlando e a Martins Junior.

Sr. Sylvio. Se o Sr. na sua **Historia** fala de Hannibal Falcão, por que não fala de Ribeiro da Silva, o autor de **Córa** e outros buffões de igual quilate? Não se enfade commigo, mas devo ser-lhe franco. Esqueça-se dessa gente.

TOBIAS

6 — Recife, 8 de Agosto de 88.

Amigo Sr. Sylvio:

Em additamento á carta de hontem, devo dizer-lhe que estou publicando uma 2ª edição dos **Ensaios e Estudos de Philosophia e Critica.** — O editor é o Nogueira. Sáe augmentada de 2 ou 3 artigos mais, que serão o artigo sobre Strauss e qual quer outros.

Peço-lhe que me arranje por ahi uma copia desse artigo sobre Strauss, bem como dos 2 melhores artigos da **Igualdade** (numero 1.º e ultimo). Talvez que o Borges tenha.

E por falar no Borges, diga-lhe que quem mandou-lhe o exemplar das **Questões** fui eu. Levava dedicatoria ou offerta á elle; não sei pois como não soube quem lh'o enviára.

Adeus.

Do amigo

TOBIAS

7 — Recife, 18 de Outubro de 88.

Amigo Sr. Sylvio:

Recebi as suas duas ultimas cartas, á que hoje respondo. E antes de tudo, muito sinto não poder satisfazer a curiosidade da Exma. sua Senhora, quanto aos versos, que devia ter feito nos annos seguintes em o **Album** da minha discipula, por que não pude mais assistir aos seus anniversarios; minha doença tem sido cruel.

Agora Zé Zinga e Martins. O hollandez apresentou uma these para o concurso, na qual attribuiu á Gneist uma bestidade, e eu chamei-o á fala. Dando-me uma resposta tôla repliquei; mas elle pretextou insulto de minha parte e retirou-se da discussão. Dias depois appareceu escrevendo largas e bestiologicas prelecções sobre self-gover. nement, acompanhadas de notas injuriosas á minha pessôa. Cahi-lhe em cima, e já o peguei até em erro de traducção de allemão, que é de fazer vergonha. Na these elle falou de obrigatoriedade e gratuidade dos cargos publicos; para sustental-a, quanto á obrigatoriedade, citou quatro textos de Gneist e do tal Oscar que ninguem conhece, nos quaes vem a expressão "Obrigkeit" que elle traduziu por obrigatoriedade, quando essa palavra significa: autoridade, magistratura, poder publico! E' horrivel.

Desconcertado com as minhas pancadas, elle me tem descomposto e mandado descompôr-me anonymamente na **Provincia** e no **Diario.** Veja Zé Zinga como é canalha!

E' bom dizer-lhe que Zé Mariano o **protege,** e pretende fazer delle uma notabilidade scientifica, como póde fazer deste ou daquelle typo — fiscal da camara.

Quanto ao Martins, ha o seguinte. Ao passo que eu protegia-o em concurso, fornecia-lhe idéa para a dissertação do 2.º (intuição romanica) o miserosinho ia falar de mim com o José Hygino, que ha muito me detesta e me morde ás occultas. E' coisa ruim o tal Martins. Tem-se na conta da primeira cabeça do Brasil; escreve artigos com esto titulo: — "Martins Junior ao publico". — Leão 13 **urbi et orbi!!** E' um bobete, Sr. Sylvio: um talento commum, e um pessimo caracter. Eis ahi.

Ainda quanto ao Hygino peço-lhe uma coisa. Se apparecer por ahi na imprensa algum **reclame** em favor delle, proteste e remetta o publico para o **Jornal de Recife,** de 18, 20, 22 e mais numeros do Setembro, assim como alguns outros artigos de Outubro. O Arthur (12) disse-me que ia enviar-lh'os todos.

Adeus do velho amigo.

TOBIAS

8 — Recife, 22 de Dezembro de 1888.

Amigo Sr. Sylvio:

A minha molestia acaba de revelar-se em toda a sua hediondez: — uma terrivel albuminuria. Tenho estado prostrado. O meu estado é tão grave, que alguns amigos já promovem uma subscripção para eu fazer uma viagem á Europa!... Eis ahi, meu caro amigo, a que se acha reduzido o velho Tobias!

O infame J. Hygino escreveu a um professor de Breslau, perguntando uma tolice, que nunca esteve em questão, escondendo por tanto o erro capital da sua these, que era a gratuidade e obrigatoriedade dos **cargos publicos** e mesmo assim a resposta não foi completamente satisfactoria, mas elle tem coragem de publical-a!...

Peço-lhe uma coisa: — se eu morrer, salve a minha memoria das garras de tratantes, como Hygino e outros.

Adeus do amigo velho.

TOBIAS

9 — Recife, 19 de aneiro de 1889.

Amigo Sr. Sylvio:

A minha molestia aggrava-se de dia em dia. Já tenho por certa uma solução fatal. Quero pois

(12) Arthur Orlando.

fazer-lhe um pedido: — dada a minha morte, salve a minha memoria das garras dos infames. Não consinta que os Hygino, Vieira & Companhia se banquetêem no meu cadaver.

Adeus.

O velho amigo

TOBIAS

10 — Recife, 19 de Fevereiro de 1889.

Amigo Sr. Sylvio:

Recebi sua ultima carta, que já encontrou-me um pouco melhor, graças, não aos esforços do tal Sr. Adrião, que é uma peste, um digno amigo do Carneiro da Cunha, (13) mas aos cuidados do Constancio Pontual, que tem sido incançavel. Já vou tendo alguma esperança de restabelecimento, ou pelo menos de melhorar, que me permitta fazer a minha viagem. Não será para o sul, por que agora vae entrar o inverno, que far-me-ia muito mal; deve ser para Portugal, em fim de Abril ou principio de Maio.

Envio-lhe uma procuração, attestado e uma carta do barão de Lucena, a fim de requerer-me uma licença ao Ferreira Vianna. Tenciono pedir ás Camaras uma outra de anno.

Muito lhe agradeço o interesse que tomou para obter contribuições em meu favor. Se conseguir alguma coisa, peço-lhe que compre ahi um apparelho de inhalar oxigenio, de Limousin; e m'o remetta. Muito devo a esse apparelho. O que eu tenho pertence a um medico daqui, que não é o Pontual, e póde ser que de um dia para outro precise delle, e eu fico privado de um excellente remedio. Não sei se já lhe disse: — a minha molestia é principalmente uma nephrite. Tenho perdido muita albumina; hoje porém vou muito melhor.

Devo prevenil-o de uma coisa: — se lhe mandarem alguma noticia ou telegramma dando-me morto, não acceite logo. Ha por aqui gente encarregada de espalhar noticias falsas neste sentido, afim não só de incommodar-me, como tambem de difficultar a arrecadação das subscripções!... Que gente! Consta que um desses miseraveis é um tal João Elysio, (14) concunhado de João Vieira, e pretendente de uma cadeira na Faculdade... A coisa é verosimil. Tenho estado prestes a morrer e os taes collegas nunca mandaram saber do meu estado. Eis ahi. — Adeus. Não se esqueça do Limousin (inhalateur a oxygéne).

Do velho amigo

TOBIAS

11 — Recife, 19 de Junho de 1889. (15)

Amigo Sr. Sylvio:

Acabo de receber a sua carta e vejo o que me diz a respeito do 7 de Junho. E' engano seu: eu não me restabeleço mais; a molestia tem sido rebelde; o unico remedio é morrer.

Como estou reduzido á proporções de pensionista da caridade publica, e me fala nisto em sua carta, peço-lhe que dê pressa ás entradas das contribuições da sua lista, visto como os meus ultimos recursos estão se esgotando.

Faço votos pelo seu restabelecimento e adeus; quem assigna por mim é meu Pedro.

Do amigo velho

TOBIAS

(13) Medico pernambucano, amigo de José Hygino, junto do qual combateu Tobias, e irmão de José Mariano.

(14) Dr. João Elysio de Araujo, actual lente da Faculdade de Recife e deputado federal por Pernambuco.

(15) Sete dias depois desta carta Tobias Barretto fellecia no Recife, antes de Sylvio Romero a ter recebido.

O FASCISMO

— II —

Não era cousa excepcional na Alliança tomarem-se iniciativas da mais alta importancia, sem que fosse ouvido o alliado latino. Assim procedêra Aehrental, em 1908, ao annexar a Bosnia e a Herzegovina. Assim procederia ainda Berchtold, em 1914, ao lançar o ultimatum á Sérvia.

Emquanto toda a manobra, os detalhes da operação, se discutiam e fixavam entre as duas monarchias germanicas, a Italia era cautelosamente posta á margem, na ignorancia inteira dos successos.

Duas razões capitaes motivavam tal modo de agir. Não havia confiança na acquiescencia de Roma, pois já ella se havia opposto a uma aggressão á falsa fé contra Belgrado, pouco tempo antes, em 1913. Além disso, ante um acto dessa natureza, que, possivel ou mesmo provavelmente, desencadearia a guerra por toda a Europa, devia prever-se algum pedido de compensação para o reino peninsular. Sabedora dos reclamos irredentistas, preferiria a Austria não agitar a questão. Da victoria final, ninguem duvidava, ainda que, pelo jogo dos accôrdos

e das allianças, tivesse de se generalisar o conflicto. Convicção geral era de que, mesmo neste caso, bastavam, para vencer, as forças dos dous imperios.

Que se não tratava de um *casus foederis*, era opinião unanime na Europa: não houvera ataque a nenhuma das potencias triplicistas; nos factos a se desenrolarem, a Italia não fôra ouvida.

O alvitre a adoptar era a neutralidade, repetiam os elementos liberaes, socialistas á frente; accrescentando estes que, na occurrencia, estavam em jogo interesses mesquinhos de organisações capitalistas, ás quaes o pensamento social mais adeantado não podia auxiliar.

Não foram tão promptas a se decidirem as rodas governativas, quer as que occupavam o poder, quer as que já o tinham exercido. Todas ellas representavam uma geração que, em diplomacia, havia terçado suas primeiras armas sob Depretis e, principalmente, sob Francesco Crispi. Com raras excepções, para ellas era ponto de fé ter a França e a Inglaterra como adversarios com os quaes só occasionalmente, e com programmas limitados, se podia collaborar politicamente.

As sympathias por esses dous paizes só haviam nascido com a geração seguinte, que não tinha presenciado a phase de conflictos e agastamentos odientos de 75 a 95.

Era sobre aquella camada de estadistas, cheios de idéas preconcebidas e peremptas que, em 1914, pesavam as responsabilidades do governo.

Ao marquez de San Giuliano, timido e fraco, cabia a direcção da politica externa, na qual, embora fosse clara sua visão dos factos, nunca soube com energia assumir rumos definidos, nem se livrar inteiramente de axiomas e de normas que datavam da éra de Crispi.

Fosse qual fosse a orientação ulterior, a desconsideração feita á Italia, na conjunctura gravissima do ultimatum sérvio, melhor fôra não ter sido tolerada. Rôta a Triplice nesse momento, nada teria impedido tratar mais tarde, logo em seguida mesmo, com os antigos alliados; mas de cabeça alta, e sem a diminuição de, por um instante siquer, pairar a idúvida de que não ouvir o reino significava sua posição de vassallagem, ou menos preço de seu parecer.

Mais clara, também, houvera ficado sua attitude internacional, pois mais tarde se accusou a Italia, com a maior injustiça embora de ter acceito os factos, e, em seguida, á mercê de suas conveniencias, ter passado de um para outro campo. O romper da Alliança em Julho de 1914, sem alterar a essencia dos sentimentos da monarchia saboyarda para com os Imperios Centraes, teria conferido á primeira prestigio maior e auctoridade accrescida em sua acção ulterior.

San Giuliano não era homem, para taes rasgos. Levava-o sua indole a temporisar. Hesitou. A seu espirito esclarecido e arguto era patente que se abria épocha nova remodeladora na historia da Europa, talvez na do mundo. Queria, pois, manter livres seus movimentos e não ter a mão forçada por acontecimentos em que não interviera.

Ameaçava desencadear-se uma tempestade, á qual, por prevê-la, já Italia se havia opposto pouco tempo antes. Desta vez, após Serajevo, fôra evitado o véto da peninsula, pondo esta em face do facto consummado do ultimatum. Nem legal, nem moralmente, cabia á Consulta a menor solidariedade na decisão tomada. Mais do que isso, Estado soberano e nunca vassallo, nada o obrigava seguir passivamente o golpe austro-germanico no taboleiro balkanico. Era-lhe inteiramente livre a escolha da politica a adoptar. Fê-lo, inspirando-se no que o presidente do concelho Salandra definiria mais tarde *il sacro egoismo*, dando nome pomposo á mola real preponderante da politica internacional de todos os tempos e de todos os povos.

Começou a sondar as potencias triplicistas. Os alvos de Roma eram, desde sempre, dar fim ao *risorgimento* pelo resgate das terras irredentas; a tal necessidade, accrescêra mais recentemente a questão do superpovoamento nacional, isto é a acquisição de colonias.

Mal succedida a primeira tentativa na Abyssinia; tarde chegada na *curée* das terras partilhaveis africanas, onde Tripolitania e Cyrenaica pouco promettiam; com perspectivas limitadas, si é que existiam, no Dodecaneso; só se lhe ampliariam os horizontes, em se redistribuindo territorios da Asia e do Continente Negro, já apossados por outros paizes europeus. Como fazê-lo? devia ser a base das perguntas a esses governos. Iniciou logo gestões, em Berlim e em Vienna.

Cedo verificou que, nesta ultima cidade, se não queria siquer admittir a hypothese de cessão territorial qualquer, e que a Allemanha não exerceria a menor pressão sobre sua alliada em favor da Italia. Não quiz esta dar a partida por perdida, entretanto, e esperou que o tempo e as necessidades impos-

tas pela lucta imminente modificassem a situação, attenuando intransigencias. Decidiu-se, então, pela neutralidade.

Convinha detalhar o facto, pois Giolitti, Salandra e seus amigos foram accusados de terem adherido ao neutralismo, á espera de uma solução que lhes permittisse fortalecer a Triplice, contra o sentimento nacional dominante.

Parece infundada a censura. O alvo era realisar o ideal do paiz nos limites com a Austria e na acquisição de colonias. Tanto poderiam fazê-lo com um, como com outro grupo dos belligerantes em perspectiva. Si fosse de accôrdo com os Imperios Centraes, o Trentino e mais alguns districtos seriam de boa mente cedidos, e os territorios coloniaes novos sahiriam dos despojos tomados aos Alliados occidentaes. Na hypothese opposta, as terras irredentas seriam conquistadas á Austria, e a expansão na Asia e na Africa teria logar á custa da Allemanha. Preferiam a solução, ao lado da Triplice, prolongamento da politica tradicional e vigente Militavam varios motivos para tal, mas o mais ponderoso era a convicção de que nada resistiria ás forças allemãs.

Para conservar a Italia, comtudo, liberdade de manobra, devia ganhar tempo, não romper com paiz algum, e preparar-se para intervir com elementos preponderantes quando, mutuamente exgottados os adversarios, pudesse então formular suas condições, as condições de quem seria no momento o unico possuidor de força decisiva para fixar a victoria. Neutralidade armada portanto. Nesse ponto se firmou a conducta official da Consulta.

Tudo se fez opportunamente. Declarou-se a neutralidade. A França, em tempo util, soube que não precisaria defender a fronteira alpina, tanto que, no Marne, figuraram corpos de exercito cuja funcção normal seria couter a Italia, caso fosse inimiga. Desde 25 de Julho de 1914 estavam avisados tambem os governos da Triplice do ponto de vista de sua alliada, neutra por forço dos proprias circumstancias.

Assim passaram as primeiras semanas da guerra sem que cessassem os esforços junto aos Imperios, no sentido de se chegar á cessão das terras italianas em poder da Austria.

Ahi sobreveiu o grande abalo da batalha de Joffre. Foi sorpresa sem egual para os mais sinceros triplicistas verificar que a *ruée* germanica fôra contida, vencida e obrigada a estacionar e recuar. Houve subita e funda mudança de valores. Desappareceu a noção da invincibilidade do grande estado-maior prussiano.

Concomitantemente, vinham chegando informações das duas cidades imperiaes de que era definitiva a recusa de discussão e de entendimento sobre devolução á Italia de qualquer trecho austriaco. Póde-se fixar como periodo critico dessa desillusão para o reino, a segunda metade de Setembro. De facto, desde o dia 16 começam as inciativas e trocas de vistas entre ministro e embaixadores alliados para se realisarem com outro grupamento internacional as tradicionaes métas politicas de Roma. Nunca, entretanto, permittiu a hesitação official fossem os "pourparlers" além de simples formulação de projectos.

Houve duas phases no modo de entender a cooperação: a de San Giuliano e a de seu successor, o barão Sydney Sonnino.

Pensava o primeiro, com acerto, que o adversario principal da Italia era Vienna. Queria que fosse ao extremo a lucta contra a monarchia dual. Alvitrava que, com a Sérvia, se fixassem os termos da partilha dos territorios do fundo do Adriatico e de suas costas Orientaes. Achava de alta vantagem uma garantia mutua entre vencedores, válida por praso razoavel. Quanto á epocha da intervenção, pensava deveria coincidir com a da Rumania. Na razão a invocar para agir, encontrava elle agora a difficuldade decorrente de sua attitude hesitante de Julho de 1914. De vigencia curta foi essa orientação, um mez apenas, pois subitamente morria o ministro, a 16 de Outubro, e nesse praso não conseguira elle vencer sua dubiedade sobre o partido a tomar.

Sonnino, seu successor, tinha outra tempera e outro conceito do caminho a seguir. Era um luctador, e queria realisar suas idéas.

Triplicista convencido, de um lado, não tinha confiança em allianças duradouras com paizes outros. França, principalmente, só podia ser episodio transitorio, na sua cooperação com Italia. Para o novo ministro, o ideal seria negociar uma neutralidade compensada.

Si chegasse a accôrdo com a Triplice, a remuneração consistiria a Trentino e mais alguns districtos, por parte dos governos centraes, e, após a prevista victoria, territorios anglo-francezes; com suas forças intactas, e sem combate, o reino assumiria posição mais forte no mundo, e nelle pesaria decisivamente.

Si a situação o obrigasse a tratar sómente com os Alliados occidentaes, os mesmos resultados se conseguiriam, apenas com ligeiras variantes: as terras austriacas seriam conquistadas, e os territorios coloniaes proviriam do acervo allemão. Talvez, também, houvesse vantagem em estabelecer pactos de neutralidade bilateraes, com ambos os systemas belligerantes. Várias modalidades se podiam imaginar.

Em qualquer das hypotheses, mesmo que se houvesse de assumir compromisssos de intervenção armada, conviria reduzir ao minimo o esforço combatente italiano, deixando ao reino forças que, na paz, pudessem por seu vulto influir nas deliberações finaes. Si o accôrdo se tivesse de firmas com Londres e Paris, agir de modo a que não impossibilitasse mais tarde a formação de uma nova Triplice central.

As contradicções de taes attitudes eram obvias, mas não impediam que Sonnino proseguisse nas tentativas, tanto mais quanto as pretenções no Adriatico, limitadas em um caso, no de tratar com Vienna, cresciam desmedidamente no outro, e constituiam ameaça intoleravel para a Sérvia, e os Slavos do Sul da Austria.

O fim de 1914 e o inicio do anno seguinte passaram-se em ensaios de accordo com os antigos socios da Triplice. Naufragaram todos, ante a obstinação e a falta de visão politica de Francisco José e de seus auxiliares. O velho odio á Italia poude mais do que o sacrificio judicioso a bem da victoria commum. Fevereiro e os primeiros dias de Março de 1915 marcaram o sossobro de qualquer plano dessa natureza.

Voltou-se, então, Sonnino para Oeste. Apesar de muito discutirem, sempre houve convergencia de opiniões, que se concretisaram no Pacto de Londres, de 26 de Abril desse anno. Já aqui o aspecto da questão mudára: o avanço italiano no Adriatico abrangia Zara e Sebenico, deixando Spalato á Sérvia, e partilhando a meio as ilhas dalmatas.

Quando, em Maio, se divulgou o pacto, que se combinára manter secretissimo, o effeito foi desastroso nos meios slavos dos Balkans e da Austria do Sul: era um imperialismo italiano a substituir o austriaco, diziam elles. O sentimento intimo do diplomata italiano ahi se revelava. Para elle ,a Sérvia, mais do que Vienna, era o inimigo, pois atraz della enxergava a Russia a caminhar para os Balkans e os Estreitos, emquanto dos Habsburgos e da monarchia dual pensava como Beaconsfield no Congresso de Berlim, em 1879: si a Austria não existisse, devêra ser inventada. Parece procedente essa observação do professor G. Salvemini sobre a "Diplomacia italiana durante a guerra".

Faceis de avaliar, as difficuldades trazidas á Entente por tal orientação: arrefeceu o esforço sérvio, e amorteceu as sympathias slavas. Mas Sonnino nunca variou desse ponto de vista. Resistiu a todas as iniciativas para chegar a entendimento com os infelizes sérvios. Ainda nos ultimos dias da guerra, subsidiava agitações em favor dos Habsburgos e contra Belgrado, afim de se reconstituir o velho Imperio.

Destino ironico deste estadista, de tanto valor por outros titulos, foi ver desmentidos pelos acontecimentos todos os seus projectos, todas as suas previsões, todos os seus alvitres.

Previa guerra curta, na qual a intervenção italiana, subitanea e fulminante, lhe permittiria ser a unica potencia ainda poderosa e capaz de dictar as soluções, quando as demais já estivessem exhaustas. Previa a mantença da Austria. Não queria auxilio alliado excessivo, para não perder a supremacia propria. A cooperação com a Entente não devia ser intima de mais, de modo a que se não prolongasse além das guerra; tanto assim, que officiosamente fazia sentir ser méro 'allié provisoire".

Confrontem-se os resultados com taes premissas: guerra de quatro annos; sacrificios inauditos em homens e recursos, além de toda previsão, deixando o paiz exhaurido; Austria, a bem dizer riscada do mappa; collaboração franco-ingleza, após Caporetto, e até a reconstituição das forças nacionaes.

Apesar de tudo, dos factos que o desmentiam, das novas correntes politicas a seguirem alveos novos, do divercio crescente entre programma inicial e sorpresas da guerra; apesar de tudo, crispava-se Sonnino em seu primitivo conceito, e se atinha ao Pacto de Londres, já caduco pelo tragico perpassar dos tempos.

Quando os Estados-Unidos entraram na lucta, e os pontos de vista de Woodrow Wilson se tornaram conhecidos, alentando os povos que se haviam sacrificado pela independencia propria e pela liberdade do Mundo, e Slavos dos Balkans e da Austria cobraram novo animo, revelou-se o abysmo que separava as duas mentalidades, o idealista do Norte-Americano, a méramente imperialista do diplomata.

Era o momento preciso de trocar idéas com as grandes victimas balkanicas, e attender aos convites tão urgentes, patheticos e conciliatorios de Pashitch. Recusou mais uma vez, sem prever que, agarrado ao documento de Londres, seguiria para a Conferencia da Paz apenas como representante de uma situação politica e de uma solução que os factos novos não mais comportavam.

O peior era que, por todos os modos, o povo da peninsula fôra mantido em erro, sem se lhe explicarem as grandes alterações sobrevindas. As esperanças, ao nivel dos enthusiasmos "chauffés à blanc" não assentavam, nem podiam assentar, em base pratica plausivel de accôrdos admissiveis, tanto os acontecimentos haviam variado e evoluido !...

Uma immensa desillusão se preparava.

Não teve Sonnino a ductilidade de espirito, a "souplesse" de acção, a agudeza de visão politica, necessarias para comprehender a mudança de scenario. Apresentou-se em Paris como um espectro, 1915 já morto e esquecido, a querer dar regras ao timultuar da vida em 1919... Não havia despido as avitas antipathias contra França e Inglaterra, então suas alliadas, embora provisorias como salientava. De Woodrow Wilson, por suas manifestações liberaes e favoraveis aos povos opprimidos, belgas e slavos entre outros, considerava-se inimigo.

Foi quando a Entente lhe deu o troco da sua insistentemente proclamada "alliança provisoria". Mantinham por inteiro seus compromissos de 1915 em Londres, mas incumbiam a Sonnino de convencer o presidente Yankee da opportunidade e da justiça das estipulações, já velhas de quatro annos, quatro annos de guerra sem par, estipulações peremptas pela força esmagadora dos destinos. E, quanto a entendimentos novos, estariam promptos sempre a estudal-os com espirito de equidade e de amisade para com todos os povos alliados.

Era o mallogro forçado do pacto londrino.

Difficil é descrever o oceano de amargura em que se abysmou a Italia, após os tratados de paz. Ferida em seu amor-proprio e em suas aspirações; convencida de ter sido ludibriada e menospresada; revoltada pela certeza em que estava de ter sido injustamente attendida, olvidados os immensos sacrificios a que havia consentido; foi contra seus homens publicos que se voltaram suas iras vingadoras, tanto quanto contra os demais governos participantes da Conferencia.

Tinha razão, em parte: houvera graves erros commettidos na apreciação dos acontecimentos, e nem sempre a Nação fôra exactamente informada da desproporção, sempre existente, entre desejos e possibilidades. Nesses grandes movimentos sentimentaes, não ha nem póde normalmente haver justiça absoluta.

Como esperar que, em um comicio de tantos povos, *todas* as aspirações de qualquer delles possam lograr satisfacção inteira? Isso, entretanto, é razão, calma, reflexão... e nada de tal fôra humano ou logico pensar se achasse no grande desmoronamento do intenso anseio nacional pela redempção das terras captivas e pela expansão colonial...

Menos ainda, em se tratando de povo altivo, de alma imaginativa e exaltada, com a sensação candente, certa ou errada pouco importa, de ser victima de injustiça e de menospreço.

E passou por toda a peninsula formidavel e duradouro frémito de cólera segrada, prenuncio de revoluções politicas e sociaes em missão justiceira.

(Continua) **Calogeras**

DIREITO PARLAMENTAR

Membro é palavra que recebemos do latim, de **membrum, membri,** parte de alguma cousa, vocabulo esse que se origina, por sua vez, do grego, de **meros,** parte, proveniente de **meirô,** dividir, separar. No individuo, membro é parte do seu corpo; nos corpos collectivos, membro é cada um dos seus individuos. Os membros de um corpo collectivo são, reunidos, esse proprio corpo, embora esse corpo possa funccionar sem a totalidade dos seus membros.

Na nossa organização politica o poder legislativo é constituido por um corpo collectivo, o Congresso Nacional, formado, por sua vez, de dois outros corpos collectivos, a Camara dos Deputados e o Senado. Os membros do Congresso Nacional denominam-se congressistas, os da Camara dos Deputados têm a denominação de deputados e os membros do Senado são chamados senadores.

Sendo a Camara dos Deputados constituida de 212 membros e o Senado de 63, o Congresso Nacional, que resulta da juncção dos dois corpos, tem 275 membros.

Voto é palavra de origem latina, vinda de votum, supino do verbo **voveo, voves, vovi, votum, vovere**, desejar querer, suffragar, votar, fazer voto, e representa a manifestação do desejo de um membro, de um individuo, em colletividade.

A cada membro de um corpo politico corresponde, de modo geral, um voto. Para que um membro de um corpo politico tenha direito a mais de um voto é mistér expressa disposição que o determine legalmente.

O numero de votos nas assembléas politicas é pois, correspondente ao numero dos seus membros. No Congresso Nacional os votos são 275, assim como são 212 na Camara dos Deputados e 63 no Senado Federal.

Como bem se pode comprehender, não é tarefa facil reunir uma assembléa, que deve funcionar por periodo mais ou menos extenso, com a totalidade dos seus membros. O professor V. MICELLI, cathedratico de direito constitucional da Universidade de Perugia, na Italia, escreveu, ha tempos, na **Revista de Direito Publico e de Sciencia Politica**, no tomo 18, anno 9º, 1902, á pagina 193:

"O funcionamento regular de uma assembléa é uma necessidade de facto connexa com a razão de ser e os fins da propria assembléa, e, por conseguinte, com os objectivos a que ella deve se propor. Uma assembléa que não funciona regularmente, ou que de todo não pode funcionar, não se acha em condições de preencher o seu objectivo e falta ao fim de sua existencia. A regularidade da função é, pois, uma condição essencial da vida de cada assembléa; essa regularidade adquire tanto maior importancia quanto são importantes os objectivos a que a assembléa se propõe e são mais numerosas as funcções que se lhe confia. Ora, as assembléas politicas são justamente aquellas em que os objectivos adquirem a maior importancia e cujas funcções são as mais variadas e as mais complexas. E' por isso que por ellas se faz sentir mais fortemente a necessidade de um desenvolvimento regular das suas funcções.

Isso admittido, comprehende-se que uma assembléa não poderia funccionar de todo, si se exigisse (como idealmente se deveria exigir) que a cada uma de suas sessões estivessem presentes todos os membros de que ella se compõe. Uma quantidade de cousas differentes e variaveis, segundo as circumstancias, e em parte independente da vontade dos membros, impede sempre um numero mais ou menos grande desses de intervir nas sessões; isso torna difficil e raras as sessões nas quaes todos podem estar presentes.

Essas causas vão sempre crescendo, á medida que cresce o numero dos que compõem a assembléa e que as suas sessões se tornam mais regulares e mais frequentes.

Com efeito, quando o numero de membros augmenta, as possibilidades de impedimento ao lado delles augmentam tambem. As doenças, os negocios, os interesses de familia, a pouca actividade, todas as causas de impedimento podem operar tanto mais facilmente quanto maior é o numero das pessoas sobre as quaes ellas podem exercer a sua influencia. O numero dessas causas cresce ao menos em proporção arithmetica com o numero dos membros. Por consequencia, em uma assembléa muito numerosa, torna-se quasi impossivel a todos os seus membros intervir, não sómente em uma série de sessões, mas até em determinadas sessões.

Mas, esses impedimentos podem crescer tambem pela frequencia e affectar a regularidade das sessões, pois que a frequencia opera pela quantidade do tempo os mesmos effeitos que o numero opera pela quantidade das pessoas. Quando a intervenção de uma pessoa é solicitada por uma unica vez, póde haver ahi uma unica possibilidade de impedimento; mas, quando ella é solicitada por um numero consecutivo de sessões, essas probabilidades augmentam e ellas se multiplicam. E até é mistér dizer no que concerne á regularidade das sessões, que, mais as sessões se tornam regulares e periodicas, isto é, mais ellas se realizam em dias e em horas determinadas, por periodos immutaveis e em certas épocas do anno, mais, tambem, ellas reclamam aos membros uma frequencia systematica e uma somma maior de sacrificios em tempo e em actividade. O contraste então entre os deveres que se tem como membro da assembléa e os seus interesses particulares torna-se muito vivo e pode conduzir a resoluções, que não são sempre favoraveis ao cumprimento regular e escrupuloso dos primeiros. Deve-se assignalar que todas essas causas agem de preferencia nas assembléas politicas.

São em geral as assembléas muito numerosas, realizando as suas sessões por um longo periodo de tempo, durante o qual ellas se reunem quasi todos os dias e mesmo, em circumstancias extraordinarias, duas vezes por dia. Por consequencia, quando se trata dellas pode-se dizer com justa razão que a presença regular e periodica de todos os seus membros ás sessões é um facto, que se não pode verificar e com o qual se não pode contar.

Comprehende-se, depois disso, que, para tornar possivel a funcção de taes assembléas, é necessario estabelecer um numero relativamente pequeno de membros, cuja intervenção possa bastar em todos, ou, ao menos, no maior numero de casos, para tornar validos os actos da assembléa .

Em outros termos, aqui, como na determinação de todas as regras juridicas, é-se obrigado a não ter em conta os casos extremos, que são os mais raros, para se fundar unicamente sobre uma media constante, que constitue a normalidade dos casos, entre as oscillações quotidianas. A media a esse

respeito é determinada pelo numero dos membros qua habitualmente não têm causas de ausencia, e sobre a presença dos quaes podem contar com systematica certeza.

Mas, sob esse ponto de vista, pode-se assegurar que uma assembléa politica não é como qualquer outra; é sempre uma assembléa de representantes (e pouco importa que sejam directos ou indirectos) dos interesses e partes do Estado ou da sociedade. De forma que si alguns dos seus membros não participam da sessão, os interesses que deviam representar ficam sem representação e os actos da assembléa não são mais então a expressão dos interesses collectivos; elles não podem representar a conciliação dos interesses divergentes.

Pode-se responder facilmente a essa objecção com as theorias correntes, segundo as quaes os representantes nas assembléas não representam os interesses das diversas partes do territorio que os enviam, mas devem representar os interesses geraes do Estado. Não aceitamos tal theoria (ver as minhas obras — **Conceito juridico da representação politica**, Perugia, 1892; — **Principios de direito constitucional**, Milão, 1898), mas não podemos negar que ella é aceita por todas as constituições modernas e que ella forma por isso um principio de direito positivo, com o qual a legislação dos Estados deve se conformar.

Mas, mesmo não acceitando esse principio, póde-se sempre admittir que a objecção não procede, porque o principio da representação das diversas partes do territorio se acha desta feita opposta a um outro principio não menos necessario, isto é, o **funccionamento** regular da assembléa. Sem duvida, o principio da representação determina a cada um dos seus membros o dever de participar das sessões e si se deseja, mesmo nessas em que se deve discutir os interesses e os factos que lhe não é obrigado a conhecer e a representar; mas, de outro lado, o funccionamento de toda a assembléa não póde depender da vontade de alguns dos seus membros, que se abstêm de comparecer, ou dos impedimentos que podem mantel-os afastados. Si importa ao Estado que todos os interesses sejam representados, importa-lhe principalmente que a assembléa possa regularmente desobrigar-se da sua tarefa; e isso não poderia occorrer si se pretendesse que ás sessões devam estar presentes todos os membros de que ella se compõe.

A assembléa tem, pois, o dever de exercer as suas funcções da maneira a mais regular que seja possivel. A' necessidade que quer a representação de todos os interesses se oppõe uma outra necessidade: o funccionamento regular da assembléa. A vida de uma assembléa não é, pois, possivel, senão sob a condição de que essas duas necessidades possam conciliar-se. A sua conciliação é feita por meio de **quorum**, que, aliás, não se propõe a eliminar a participação de certos membros da obra commum; elle não attende ao dever de participar das sessões, mas, ao mesmo tempo, torna possivel o funccionamento da assembléa. Sem duvida, essa conciliação não se poderia produzir si elle restringisse o dever de participar das sessões; mas esse dever não o restringe, quer porque elle não indica nominalmente as pessoas cuja presença é necessaria, quer porque, estabelecendo o minimo dos presentes, não impede que esse numero possa ser maior do que o fixado. Em sanccionando essa necessidade de facto, deixa subsistir todos os outros factos juridicos, que não estão em connexão directa com esse, ou que não constituem uma consequencia legitima.

Sob esse ponto de vista, o **quorum** recorda uma figura juridica, que apresenta com elle muita analogia, si bem que della difira sob outros pontos; queremos alludir ao principio da maioria nas votações."

A palavra **quorum** é o genitivo do plural do pronome relativo latino **qui, quæ, quod**, o qual, a qual, devendo, pois, ser traduzido, literalmente, por "dos quaes".

Quorum é o numero de membros de uma assembléa necessario á validade dos actos della, é o numero legal para a realização de taes actos. EUGENIO PIERRE, no seu **Tratado de Direito Politico Eleitoral e Parlamentar**, 1908, pagina 1.122, define **quorum** — o numero de membros cujo concurso activo ou passivo é necessario para a validade das deliberações de uma assembléa. MICELLI, na obra já citada, escreveu que "o **quorum**, que na Italia se chama tambem **numero legal**, é o numero dos membros que em cada assembléa se considera como necessario para validar todos os actos dessa assembléa; ou, como diz o sr. PIERRE, no seu **Tratado de direito politico** pagina 974, "representa o numero de membros cujo concurso activo ou passivo é indispensavel para a validade dos votos de uma assembléa". Pode ser necessario, accrescentamos, não apenas para a validade dos votos, mas tambem das discussões. Como não é possivel que todos os membros de que se compõe a assembléa estejam presentes a todas as sessões, torna-se indispensavel fixar o numero minimo dos membros que devem estar presentes, isto é, o numero estrictamente necessario para tornar valida a sessão, tudo o que nella se faz e ahi se delibera". **Quorum** é a totalidade relativa de membros de uma assembléa necessaria á realização de acto seu.

Esta expressão, embora latina, é, com applicação nesse sentido, de proveniencia ingleza. BOUYER, nos seus **Commentarios**, pagina 385, diz que a "palavra **quorum** é proveniente da formula pela qual eram nomeados, na Inglaterra, certos juizes, cuja intervenção era necessaria para a legalidade do processo: **Quorum aliquem vestrum A. B. C. unum esse volumus**". Assim se manifes-

tam, tambem, MANCINI, em **Normas e usos do Parlamento Italiano**, § 155, RACIOPPI e BRUNELLI, **Commentario á Constituição do Reino**, 1909, vol. III, paginas 76 e 77, e MICELLI, obra já citada, que accrescenta: "Segundo o habito inglez de denominar certos actos pelo nome da formula pelo qual elles começam, o **quorum** tornou-se nome dessas regras de possesso e esses juizes são chamados **juizes do quorum**. Em seguida, ella serviu para designar, em geral, o numero de pessoas cuja intervenção é reputada necessaria para a validade de uma sessão". REYNAERT, na **Historia da disciplina parlamentar**, tomo I, pagina 343 e BLACKSTONE, volume I, pagina XXIX, declaram, porém, ser verosimil que este nome, dado ao numero de membros sufficiente para os trabalhos das Camaras, venha de alguma formula relativa aos mesmos, em que ella se encontre inicialmente.

MICELLI observa que "a expressão **quorum** é, em todo o caso, preferivel á **numero legal**, empregada na Italia, pois que ella tem uma significação bem mais precisa e não pode determinar equivocos, e tambem porque ella pode ser adoptada em todas as linguas, como, aliás, de resto, se verifica". Entre nós se denomina ao **quorum** "numero" e, tambem, "casa", reproduzindo a expressão ingleza **house**.

Ensina MICELLI, no seu trabalho ja referido: "O **quorum** pode ser determinado de diversas maneiras e pode, por consequencia, dar logar a diversas distincções. Antes de tudo, elle pode ser unico ou multiplo (um só ou diversos), o que quer dizer que pode haver um **quorum** que serve para todas as operações e para todos os actos da assembléa, ou ainda pode haver **quorums** diversos para os diversos actos do processo parlamentar. Assim, na Camara hungara, ha um **quorum** de 4 para as discussões e um **quorum** de 100 para as deliberações; da mesma forma, no nosso Senado, é necessaria a maioria absoluta para as sessões publicas, ao passo que os tres quintos desse numero bastam para as suas reuniões em commissão".

Pela Constituição da Republica, entre nós, o **quorum** para as deliberações legislativas é variavel: emquanto para as deliberações é necessaria a presença da maioria absoluta dos membros em cada uma das Camaras, para a apurção da eleição presidencial basta "qualquer numero de membros presentes" (artigo 47, § 1º), para o Senado proferir sentença condemnatoria é mistér "dous terços dos membros presentes" (artigo 33, § 20) e para ser considerada a reforma da Constituição é necessaria a presença de pelo menos dous terços dos votos, isto é, dos membros, da totalidade de cada Camara (artigo 90, §§ 1º e 2º).

O **quorum** é, tambem, variavel nos regimentos internos das nossas Camaras. Para abrir a sessão, na Camara dos Deputados, são sufficientes apenas 53 deputados; para deliberar são necessarios 107 deputados; para deliberar sobre inserção em acta de voto de regosijo, ou de pezar, por officio, telegramma, ou por outra qualquer forma escripta, sobre publicação de informações officiaes no **Diario do Congresso**, sobre permissão para falar sentado, sobre prorogação de prazo para a apresentação de parecer ás emendas dos projectos de leis orçamentarias, bastam os deputados que estiverem no recinto, em qualquer numero; para deliberar sobre prorogação da sessão, exigem-se dez deputados.

Pelo ragimento do Senado, o **quorum** para funcionamento do Senado é o de mais da metade da totalidade de senadores, mas "considera-se sufficiente para a verificação de poderes nas sessões preparatorias do primeiro anno da legislatura o numero de 22 senadores, maioria dos dois terços constitucionalmente subsistentes, depois de expirado cada triennio legislativo". Para a abertura das sessões é necessaria apenas a presença de um terço dos Senadores. (artigo 88). Para o recebimento de novo senador não é necessario que haja na casa o numero exigido para deliberar (artigo 28); se fallecer algum senador na Capital Federal, durante a sessão legislativa, o presidente consultará o Senado, que resolverá com qualquer numero, se quer interromper os seus trabalhos nesse dia e nomeará uma commissão de seis membros para acompanhar o prestito funebre (artigo 42); preenchido o tempo da sessão, ou esgotando-se antes a ordem do dia, o Presidente designará a do dia seguinte, que será publicada no jornal da casa, sendo permittida, na primeira hypothese, ao Senador que esiver orando, concluir o seu discurso, ou adiar a conclusão para a sessão seguinte, se nisso convier o Senado, qualquer que seja o numero de Senadores presentes, não sendo permittido segundo adiamento (artigo 98); antes do Presidente dar a ordem do dia, qualquer Senador poderá pedir que prorogue a sessão, indicando o tempo que deverá durar a prorogação; e o Senado decidirá com qualquer numero, independente de discussão, podendo conceder novas prorogações, até esgotar-se a ordem do dia (artigo 99); os requerimentos verbaes independerão de apoiamento e discussão, sendo votados com qualquer numero os que tiverem por fim pedir: publicação, pela imprensa, de informações do Governo, representações, petições e quaesquer documentos, cuja divulgação seja de interesse publico; divisão da discussão e votação, na forma do Regimento; dispensa de impressão e de intersticio da discussão de qualquer projecto de lei ou de resolução; dispensa de qualquer logar da Mesa, ou de Comissão; prorogação da hora do expediente e da sessão, nos casos dos

artigos 98 e 99; levantamento da sessão por motivo de pezar ou de regosijo publico; reclamação da ordem (artigo 134).

Os **quorums** entre nós são **funccionaes**, ou **deliberantes**, sendo os funccionaes **iniciaes**, e **funccionaes**, propriamente ditos. E' assim que, na Camara dos Deputados, para inicio dos trabalhos, para a abertura da sessão"; "não havendo numero para as votações, o Presidente annunciará o debate da materia em discussão", qualquer que seja o numero dos presentes, pois que "durante todo o tempo destinado ás votações a nenhum deputado será licito deixar o recinto das sessões" e quando, por motivo de força maior, haja qualquer deputado de se retirar, mesmo por momentos, deverá comunical-o ao Presidente, afim do não ser computado entre os votantes", mas nenhuma disposição identica ha, no mesmo regimento interno, para a retirada dos deputados durante as discussões, ou em qualquer momento em que se não delibere, occorrendo, por isso, muitas vezes, que se iniciem as deliberações com o **quorum** exigido para esse fim registrado na lista de presença, mas sem a sua existencia de facto, pela retirada de deputados que, tendo comparecido á sessão, della se retiram sem qualquer communicação á mesa. Aliás, a propria disposição regimental que exige a communicação de retirada de deputados durante as deliberações é letra morta, na pratica, só se assignalando a falta de **quorum** pelo requerimento de verificação de votação.

O **quorum** deliberante, na Camara dos Deputados, varia de qualquer numero a dois terços dos votos: assim, para a votação de determinados requerimentos, não é mistér **quorum**, pois que a mesma se faz com qualquer numero; para se votar requerimento de prorogação de sessão o **quorum** regimental é de 10 deputados; "para as deliberações relativas aos pareceres unanimes, que não soffrem discussão", nas sessões preparatorias do inicio de legislatura, são necessarios 42 deliberantes, "candidatos, diplomados, ou já reconhecidos"; para as deliberações, de modo geral, de accordo com o artigo 18 da Constituição, são necessarios 107 deputados, sendo necessarios 107 deliberantes para, nas sessõs preparatorias de inicio de legislatura, votar "os pareceres com voto em separado" ou os pareceres unanimes "sobre o reconhecimento de todos os candidatos por um districto eleitoral que não houverem sido diplomados"; para as deliberações sobre proposta de reforma da Constituição da Republica é mistér a presença de, pelo menos, dois terços dos votos, ou seja, de 142 deputados.

Tambem no Senado, como verificamos ao enumerar os seus **quorums** variaveis, esses são funccionaes e deliberantes.

Nas questões de ordem, ou de economia interna do Senado, o seu Regimento Interno permitte, em varios casos, deliberações com qualquer numero, após haver sido obedecida a exigencia de **quorum** para o inicio dos trabalhos (arts. 8, 28, 42, 98, 99 e 134). Não são deliberações legislativas sobre as proposições sujeitas ao voto das duas casas e á sancção, mas sobre o modo de deliberar, sobre questões de ordem e sobre economia interna.

O paragrapho unico do artigo 8º do Regimento Interno do Senado considera sufficiente para a verificação de poderes nas sessões preparatorias do primeiro anno da legislatura o numero de 22 Senadores, maioria dos dois terços constitucionalmente subsistentes, depois de expirado cada triennio legislativo.

Esta disposição foi incluida no Regimento, por indicação de 2 de março de 1894, porque, nesse anno, com a renovação do terço, achou-se o Senado na situação de não poder funcionar, á vista das vagas outras existentes além daquellas que occorriam em consequencia do § 5º do art. 1º das **Disposições transitorias** da Constituição da Republica.

Suscitaram-se, então, dois alvitres: o de proceder-se á verificação de poderes dos candidatos não contestados com qualquer numero, ou o de considerar-se a maioria absoluta dos membros do Senado em relação aos dois terços (42) existentes, constitucionalmente, com a renovação do terço.

Prevaleceu a segunda suggestão, de accordo, aliás, com a tradição. De facto, no Senado imperial, pelo artigo 23 da Constituição, o **quorum** necessario para a abertura da sessão era o de metade e mais um dos respectivos membros. Tendo-se agitado, de uma feita, a questão de saber si esse **quorum** devia ser computado em relação ao numero de senadores de que se devia compor o Senado, ou em relação ao numero de que se compunha de facto, isto é, ao numero dos eleitos, reconhecidos e empossados, resolveu-se, conforme parecer da Commissão de Constituição, annexo ao relatorio da Mesa, em 1869, parecer esse subscripto pelo Barão de Cotegipe, Visconde de Sapucahy e Conselheiro Silveira da Motta, que o segundo criterio devia ser obedecido.

A rigor, as deliberações com qualquer numero só deveriam ser tomadas si reunissem a seu favor os votos de vinte e sete deputados ou de onze senadores, isto é, da maioria dos deputados e dos senadores necessarios para o inicio dos trabalhos das respectivas Camaras.

(Continúa)

Nestor Massena

IGNACIO GOMES, PROFISSIONAL DO EGOISMO

— Participo-te o meu contracto de casamento.

Ignacio esboçou um vago sorriso e falou com pena:

— Parabens...

Aquelle sorriso feriu-me. Os parabens, na bocca ironica de Ignacio, esbatidos numa reticiencia, magoaram-me. O que o Rio fizera de Ignacio!

Quasi todas as noites eu encontrava ali, naquelle bar, Ignacio Gomes, medico, rico, inutil diletante da sciencia, diletante das mulheres, diletante da vida em geral. Sua companhia só me era agradavel por um quarto de hora — o quarto de hora do chôpe, ás onze e meia.

Nesse tempo eu estava namorando Carlotinha Novaes. Tendo-a pedido agora, marcara o casamento para dezembro. Iriamos passar a lua de mel em Buenos Aires. Depois dariamos provavelmente um pulo aos Estados Unidos, etc. etc..

— E' idiota esse teu sorriso!

Então Ignacio abriu a bocca enorme numa gargalhada, achando ridicula a minha sensibilidade.

Dessa noite em diante evitei-o. No entanto, Ignacio descobria-me e carregava-me para o bar. Divertia-se com o espectaculo do meu sincero amor.

Eu achava em Ignacio Gomes o encanto das coisas detestadas. Elle encarnava aos meus olhos o torpe egoismo dos falhados do sentimento. A sua fortuna nunca aproveitou a ninguem. Nem a sua intelligencia. Nem a sua alma. Fazia viagens curtas á Europa com orçamentos minuciosos. (Sabia dos hoteis, onde se pagava um franco de menos na diaria). Possuia livros optimos nos quaes ninguem punha as mãos. Separava, todos os mezes, "uma verba de duzentos mil reis para o amor."

— Eu amo a preços modicos — accrescentava.

E, ainda por economia, morava com uns tios riquissimos, dos quaes esperava herdar.

Diante delle eu pensava, involuntariamente, em tantos homens, que, não sendo ricos, nem tendo cultura, movimentam as forças sociaes, para o proveito de todos. Por exemplo, o criado que nos servia o chôpe estava destinado a ser um delles. Uma vez nos confiou que estava juntando dinheiro para montar uma padaria no Meyer. Quantas consequencias uteis não adviriam disso!

Ignacio, no entanto, era egocentrico. Si eu precisasse de dez mil reis... Ora, não ha a menor duvida: o criado é quem m'os emprestaria.

Pois, em conclusão, eu é quem pagava o chôpe todas as noites.

E' logico: Ignacio tinha horror ao casamento.

— Meu ideal é ser eternamente solteirão. E' delicioso chegar á noite em casa, tomar um banho morno, vestir um pyjama e ler os jornaes, sósinho, quieto, numa larga cama, sem uma mulher que incommode, que faça queixas, que peça dinheiro para o dia seguinte.

Não lhe falassem do carinho de uma creatura constante. Elle aborrecia-se com a perspectiva da constancia...

Defendia idéas estupidas e canalhas.

— A mulher, numa sociedade ideal, deve ter por funcção dar filhos ao Estado. O Estado manterá as mulheres fecundas. As que forem estereis terão outra funcção. Funcção ainda mais importante!

Tenho lido e escutado muita coisa imbecil a respeito da mulher. E' mesmo um dos assumptos predilectos dos chamados "homens de pensamento". A mulher é isto, a mulher é aquillo... Não sei si é porque não sou homem de pensamento, o caso é que nunca me occorreu nenhum conceito generico sobre ella. Diante de uma mulher eu sinto, sinto apenas, não penso. E sinto sympathia, ou desejo, ou veneração, ou indifferença. Minha pobreza mental não me permitte o vôo luminoso das reflexões. Essa mediocridade, porém, me põe ao abrigo de philosophar, ou de propôr systemas sociaes.

Creio, tambem, que é porque as mulheres têm tomado muito o meu tempo que ainda não me sobraram vagares para pensar nellas.

*
* *

Não me casei em dezembro.

E o apparecimento de Sonia Marozoff, dactylographa russa, foi um capitulo novo da minha existencia de pequeno engenheiro.

Eu fôra convidado para trabalhar numa estrada de ferro no sertão da Parahyba e Carlotinha Novaes, que é muito elegante, achara o sertão de Parahyba desagradavel para a sua pessoa morar.

Ahi surgiu Sonia Marozoff, bella e fatal. Exactamente como as russas de romance. Surgiu e absorveu-me.

Ao contrario de Carlotinha, Sonia sonhava com o sertão de Parahyba. Queria ir commigo. Tinha a avidez do desconhecido. Imaginava que veria tigres, leões e elephantes. E eu era obrigado a reduzir os seus sonhos ás modestas proporções de uma onça pintada.

Sonia Marozoff era deliciosa para um engenhei-

ro no começo da carreira. Tinha a coragem do sertão.

Não era possivel outra consequencia: mandei uma carta a Carlotinha Novaes, explicando as incompatibilidades presentes e irremoviveis das nossas pessoas: ella, tão carioca, tão adoravelmente elegante: eu, na iminencia de desterrar-me num matto longinquo do Nordeste, homem do pesado...

Dias antes de embarcar encontrei Ignacio.

— Participo-te que desmanchei o casamento.

Pensei que fosse abraçar-me por aquelle acto que, na apparencia, me incorporava, derrotado ás suas idéas.

Apenas sorriu com um leve desdem.

— Não importa. Você não escapará. Nasceu para o casamento.

Irritei-me, no intimo. CMomo que elle adivinhava a idéa que começava a trabalhar-me no cerebro!

De facto, não posso comprehender a vida de um homem sem a dedicação systematica da mulher amada. Entretanto, elle dizia: "para o casamento" como si a tendencia honesta para a vida conjugal representasse uma inferioridade humilhante.

Ignacio Gomes possuia-me. Parecia saber do meu segredo. Sim, eu estava tonto, ebrio de Sonia Marozoff. Não podia mais comprehender a existencia sem ella. Dahi ao casamento era um passo...

Nessa noite a linha que me separava de Ignacio vincou-se mais. O homem que desvendou o mysterio da nossa alma é nosso inimigo. Porque é um perigo... Não podemos illudil-o. E não toleramos não poder illudir alguem.

Ignacio contou á minha indifferença os seus novos projectos. Deixara a casa dos tios que, ultimamente, lhe censuravam as extravagancias. Comprara um bangalô em Copacabana, pequeno e confortavel. Installara alli os seus livros, as suas poltronas de couro e uma velha allemã para o governo da casa. Estava, agora, perfeitamente, á vontade. Como era agradavel a vida!

Sonia Marozoff foi commigo para a Parahyba, indifferente ás ultrajantes e descaradas propostas que lhe vinha fazendo, por carta, um sujeito que parecia ser rico proprietaio de um cinematographo.

Sonia tinha no sangue a aventura. E era honesta, ainda que tanta gente, da raça numerosa dos Ignacio Gomes, não possa conceber a honestidade numa dactylographa russa.

*

* *

Não ficamos ricos como esperavamos. Apenas, após dois annos de construcção de caminhos de ferro, sem caçadas de onça nem proezas, regressámos ao Rio, com Casimiro Nicolau nos braços, coradinho e gordo, alimentado pela têta slava de Sonia, minha mulher.

Eu viera principalmente tentado pelo offerecimento de montar uma usina electrica no Paraná. Acenavam-me com um contracto excellente.

De novo no Rio, verifiquei quanto estava mudado. Sim, eu nascera mesmo para o casamento. Não senti mais a tentação da vadiagem nocturna...

Não obstante, uma noite deixei-me levar pelo desejo de uma meia hora de musica e chôpe até o velho bar do antigo habito.

E Ignacio Gomes ali estava, no mesmo lugar, com o mesmo jornal aberto diante dos olhos, com o mesmo chapeo e a mesma bengala atirados á mesma mesa.

Não demonstrou o minimo espanto. Nem pelo meu bigode crescido ao sol do sertão. Como si me houvesse deixado na vespera.

Fez-me um aceno para que occupasse a cadeira vazia a seu lado.

E sentei-me.

*

* *

Aventura de um patifão. Ignacio confessou com simplicidade, quasi com candura, que de facto não se podia conceber maior canalhismo que o seu.

A moça era viuva. Todas as manhãs Ignacio sahia de casa para ir á cidade, onde costumava almoçar, por não ter outra coisa que fazer... (Ignacio tinha um consultorio, onde não appareciam clientes, á rua da Assembléa. A' porta havia uma placa: "Dr. Ignacio Gomes — Medico". A funcção unica desse consultorio resumia-se na unica funcção de um divan.) Ao ver aquelle senhor de apparencia seria, sempre bem vestido, com uma obesidade prospera esticando-lhe o paletó, seu coração de viuva tinha um doce pulsar.

Em summa, Ignacio Gomes seduziu-a. Seduziu-a pela seriedade, pela compostura, pelos sonhos honestos que a sua pessoa inspirava á viuva.

A viuva morava com o pae e uma irmã casada, mais moça. Tiveram que usar de muita decencia, no namoro, para evitar más interpretações.

Um dia, no consultorio, Miloca surgiu acabrunhada:

— Ignacio, estou gravida.

Ignacio, refestelado no divan, sentiu um susto frio. Seria possivel? Então, um odio cresceu nelle contra a fecundidade inopportuna de Miloca. Elle, um homem que amava a liberdade, pai! Pai! Accusava Miloca de uma traição.

— Você é a culpada! Você mesmo quiz o filho para me prender! Mas é trabalho perdido. Sou inimigo do casamento!

Levantou-se agitado, indo de um extremo a outro da sala.

Então Miloca, muito vermelha de vergonha,

cahiu chorando numa cadeira e falou entre soluços:

— Pois... pois eu vou mostrar a você... a você... que não fui eu que quiz... Eu vou abortar... Eu vou a uma... a uma parteira...

Ignacio Gomes parou abalado. O ultimo numero do "Mundo Medico" trouxera um artigo seu sobre os profissionaes do aborto provocado. Elle fazia um erudito estudo comparativo... Falava da Inglaterra, da Allemanha, da Italia, da Russia, da França, da Hespanha, de Portugal, mencionando casos, providencias de governos e a guerra movida aos assassinos. Acabava chamando a attenção do Congresso Nacional, com emphase.

Estava aterrado. Miloca sacudia-se em soluços desesperados.

— Vou sim... Hei de mostrar a você que sou sincera... Não quero o seu mal...

Ignacio Gomes deu-se por vencido; não havia outro meio de escapar á situação senão o aborto.

Teve repugnancia de matar o filho... (E Ignacio confessava essa repugnancia meio envergonhado de sentil-a. Para elle um homem forte não tem repugnancias.)

Resolveram ir a uma parteira que a policia ameaçara prender, dias antes, invadindo-lhe a casa. Pela reportagem dos jornaes tinham ficado sabendo do endereço della.

Miloca sahiu de lá, de taxi, para a sua casa de Copacabana. No dia seguinte estava morrendo.

A irmã de Miloca mandou a criada, de manhã cedo, bater á porta de Ignacio. Que elle fosse depressa.

Miloca estava com febre algida. A infecção processava-se, violenta.

O celebre professor Bertholdo, que Ignacio chamou, teve uma opinião vaga. Sacudiu a cabeça, com duvida.

A familia, em circulo, palpitava de angustia, com os olhos nelle. Sacudiu a cabeça outra vez... Era preciso esperar.

Vendo que Miloca morria, Ignacio Gomes, agoniado pelo terror da denuncia in extremis, reuniu a familia toda e prometteu, solemnemente, que si Miloca se salvasse casaria com ella. O pai, velho e silencioso, approvou com uma inclinação da testa. A irmã chorava de pena e chorava de ternura, vendo que si Deus quizesse, um futuro bonito se abria para Miloca... O cunhado, o funccionario da Prefeitura, desconfiara daquella molestia subita e nada dizia.

Por desencargo de consciencia, Ignacio foi buscar outro collega. Esse era um companheiro de turma, bonacheirão, sem nome scientifico, que exercia clinica nos suburbios. Ignacio confiava em que, morrendo Miloca, como era fatal, elle lhe passasse o attestado de obito, silenciando sobre o crime.

O collega foi. Viu Miloca, examinou-a cinco minutos e receitou. Sahiu logo. Tinha ainda que ver uma pobre mulher em Cascadura.

Um mez depois o celebre professor Bertholdo, ao tomar um bonde, abriu os olhos de espanto:

— Bôa tarde, minha senhora!

Miloca ia tranquillamente para a cidade, saudavel e risonha.

*
* *

Habituado á formosa subtileza dos raciocinios, Ignacio, na afflicção mais lamentavel, resumia para si mesmo o caso:

— Quero casar? Não. Devo casar? Sim. Logo, casarei.

E poz-se a frequentar cabarés, para aturdir-se. Mas a questão o atormentava:

— Não quero. Si não quero, não caso. Porém, devo. Si devo, caso.

Miloca era uma moça modesta, viuva de um relojoeiro fallido. Não tinha instrucção, nem horizontes. Seria um horror a vida em commum com ella — Ignacio pensava. Não estava á altura de sua vasta bibliotheca. Ignacio Gomes soffria.

Amarante, que tinha uma pharmacia na rua Nossa Senhora de Copacabana, salvou-o.

Era tambem solteirão. Todos gostavam delle no bairro, porque dava remedio aos pobres e attendia os ricos com uns modo amaveis. Tinha os seus quarenta annos e no bairro vivia ha mais de dez.

Na sua crise de consciencia, Ignacio abriu-se com Amarante. Contou-lhe, muito em segredo, a ligação com a viuva, o aborto, a infecção, a promessa sagrada diante da familia e o arrependimento dessa promessa...

Amarante apenas sorriu, e disse:

— Não case.

— Que? não casar? Mas a sua promessa solemne ante a familia reunida, na hora dramatica em que Miloca parecia não escapar?

Amarante tornou a sorrir:

— Não case.

— Isso queria eu. Mas como? Qual o meio de fugir?

— O senhor ama essa moça?

— Ora, seu Amarante, que pergunta! Foi uma ligação de acaso. Dessas coisas...

— Então não case.

E, confidencialmente, accrescentou:

— O senhor não foi o seu primeiro amante.

Ignacio teve um choque. Elle desconfiava disso, porque no bairro falava-se da moça; mas ninguem apontava factos concretos. E a sua vaidade queria que elle fosse o primeiro...

Não quiz dar-se por trahido diante de pharmaceutico:

— Eu sabia, seu Amarante. Eu sabia, porque ouvi um falatorio a respeito della. Mas desde que

prometti, a questão não é saber si ella é honesta ou não.

Então Amarante, para cortar cerce o caso, poz a mão no hombro de Ignacio e revelou:

— O primeiro amante de Miloca fui eu. O segundo, o Peres, da venda.

Ignacio olhou fixo para Amarante: era calvo, balofo, pallido, com a cara toda raspada, á feição de uma conego. Tinha gestos amollecidos, um todo vago de doente. Cheirava a medicamentos. Miloca pertencera aos braços de Amarante! E depois, ao Peres, da venda!

Agradeceu seccamente e sahiu rapido.

Mandou a allemã á casa de Miloca: ella fosse a cidade immediatamente; assumpto grave.

No consultorio, uma hora depois, Miloca perguntava afflicta, atirando o chapéo sobre a mesa:

— Que foi que aconteceu, Ignacio?

Torvo, elle foi logo ao ámago:

— Miloca, não casarei com você.

O abalo de Miloca!

— Não casarei. Quando empenhei a minha palavra, julguei que você tivesse um passado honesto.

Miloca estava pallida. Olhou para elle com desespero e perguntou:

— E eu não tenho um passado honesto?

Ignacio Gomes matou a discussão:

— Miloca, o Amarante da pharmacia foi seu amigo. E depois delle o Peres!

Micola rolou no chão com um ataque.

*
* *

Elle tinha influencia na Saude Publica e na Policia e deu em perseguir Amarante. Perseguição insidiosa, constante e fatal. Por quê? Não sabia. Embirrara.

Denunciado por diversas vezes, Amarante gastou dinheiro com os processos. A policia quasi o levou á cadeia como vendedor de toxicos a viciados.

Amarante estava acabrunhado. O bairro era solidario com elle, sabia-se que tudo era obra diabolica de Ignacio. Fizeram um abaixo assignado ao presidente da Republica.

Em todo caso, Amarante acabou fallindo e desappareceu.

A revolta contra Ignacio foi tumultuosa. Quando elle passava, serio, gordo, com o seu maço de jornaes debaixo do braço, batiam-lhe com janellas. Uma portugueza lavadeira atirou-lhe uma vez com esta:

— Olha o coisa átoa!

Ignacio alugou o bangalô a uns inglezes e passou de novo para a casa dos tios.

A viuva, com o resto da familia, mudara-se para Villa Isabel, desde o rompimento.

*
* *

Eu olhava Ignacio sem pestanejar, com uma serenidade absoluta. Aquelle torpe egoismo produzira a sua mais linda flor: uma canalhada embrulhadissima e monstruosa. Como elle se sentia bem com essa obra!

— O que não comprehendo, até hoje, é por quê persegui o pharmaceutico. Você comprehende, aquelle homem salvou-me, foi meu amigo. Devo-lhe, indiscutivelmente, uma enorme obrigação. Deu-me coragem para reagir. No entanto, levei-o á fallencia, expulsei-o do bairro, naturalmente da cidade, provavelmente do paiz. Desgostei-o com a vida. Talvez se tenha suicidado.

Bebeu longamente o chôpe. Puxou do bolso uma carta e deu-m'a. Li: "Ignacinho. Não posso passar sem ti. Soffri muito, mas perdoo. Não posso esquecer-te Miloca".

Teve um risinho vaidoso e sardonico:

— Não se pode ser bonito!

E' verdade — assenti com indifferença.

Puxei do relogio: meia noite! Pobre sonia... E o menino que estava um pouco doente... talvez começo de sarampo...

Como eu me levantasse, elle protestou:

— E' cedo. Conta agora alguma coisa da Parahyba.

Insisti. De pé, arrumando o chapéo na cabeça, respondi com calma:

— Não tenho nenhuma novidade para contar.

Elle queria que eu falasse, que o distrahisse.

— E aquella tua ex-noiva? Fizeste as pazes com ella? On revient toujours...

— Não, não fiz.

— Mas espera, homem! Por força has de ter alguma coisa interessante para dizer. Que tal é essa Parahyba?

— Não vale nada.

— E as parahybanas?

— Tambem.

— Ora, impossivel que não trouxesses de lá alguma paixão! Talvez até te hajas casado!

Queria saber muita coisa. Desta vez, encontrou-me fechado.

— Qual! O teu fim é mesmo o casamento!

— Talvez. Boa noite!

E sahi.

Seria sarampo? Casimiro Nicolao prôccupava-me.

(Do livro: "Bahianinha e outras mulheres".

Ribeiro Couto.

THEATRO E MUSICA

Choradeira sem proprosito

O que eu escrevi aqui acêrca da influência do cinema e do café-concerto sobre o teatro contemporaneo vi depois de escrito contestado por Benjamin Crémieux e Max Reinhardt. Um e outro põem as mãos na cabeça e choram, sentidamente e antecipadamente a morte do teatro provocada pelo cinema e pelo café-concerto. Desespero e lágrimas inúteis. O teatro não morrerá. Não tenham medo não.

* * *

A argumentação de Benjamin Crémieux (**La Nouvelle Revue Française**) é inteligente. Também sutilissima. A' primeira vista impressiona bastante. Mas não dá para convencer.

O homem começa por censurar os dramaturgos modernos de se afastarem da noção de teatro puro a exemplo dos do seculo XIX e ao contrário dos do XVII. Faz uma distinção entre teatro puro e teatro-espectaculo, entre expressão e representação. Acha que o drama de hoje é mais espectaculoso do que teatral, mais representativo do que expressionista. Em grande parte culpa dêsse mal o cinema e o café-concerto. E pensa mesmo que o espectáculo acabará destruindo o teatro.

Vamos com calma.

A noção de teatro puro é idealistica. Ninguêm a atingiu e ninguêm conseguirá atingi-la nunca. E' impossivel de alcançar. Mais ainda do que a de música pura ou poesia pura. Bem sei que nem por isso se deve despreza-la. Não. E' preciso te-la em vista. No que eu não concordo com Benjamin Crémieux é na afirmação de que a literatura dramática de hoje vira as costas a essa **verdade elementar, fundamental.** Não é exacto. O traductor de Piarndello considera tão sómente a adaptação ao teatro da técnica cinemática (um dos aspectos do problema) e a isso atribue por exemplo a aparição da Morte em trajes de cirurgiã no **Orphée** de Cocteau. Não sei porque. O que Cocteau fez não é diverso do que os clássicos do século XVII fizeram tantas vezes. Abusando até. A aparição da Morte no **Orphée** não difere da do fantasma paterno no **Hamlet** ou do espéctro feminino no **Don Juan ou Le festin de pierre.** Em nada absolutamente. E então? Shakespeare e Moliére não são os grandes do teatro puro? A que influência êles obedeceram? Francamente.

Poder-se-á objectar que as aparições do teatro clássico são resultado de um delírio, são visões de espiritos possuidos de remorso ou inquietação, visões provenientes do estado emotivo extraordinariamente intenso. Não ha du'vida. Mas que mal existe em traduzir essas mesmas visões aplicando recursos plásticos diferentes desde que não se desvirtuam o espirito e a intenção teatrais delas? E ainda que não sejam visões ou delírios mas simples evocações a objectivar nenhum atentado se comete contra a noção do teatro puro aplicando fórmulas transpostas do cinema.

Mesmo porque não há ramo de arte que tenha vida completamente independente. O teatro sobretudo nunca poderá dispensar a contribuição de outras artes. A preponderancia na fusão de certos elementos sobre outros ou melhor o espírito que preside a essa fusão é que dá o carácter. Assim como a cena nunca poude prescindir da pintura e da arquitetura, não deve hoje recusar a colaboração utilíssima do cinematógrafo, do seus meios formidaveis de expressão. Êstes são para ela mais um factor de riqueza que seria um crime desprezar. O cinematógrafo dá ao teatro o poder de evocação de que êste carece. Faz-lhe um bem portanto.

Os caminhos que conduzem ao teatro puro não poderão ser os mesmos em todos os tempos. Shakespeare se vivesse hoje faria

teatro á maneira de hoje. Cousa tão evidente que até parece chatice. Ou é uma. Não importa.

A verdade é que o teatro nem por se deixar influenciar pelo cinema e pelo café-concerto perde sua substância. Basta que absorção seja completa. Está visto. Moliére encheu suas comedias de intermédios dançantes absolutamente estranhos ao tema delas. Fez cousa ainda mais censuravel portanto. Apesar disso sua obra é dramática, unicamente dramática, inconfundivelmente dramática. Não creio Benjamin Crémieux capaz de afirmar que **Le bourgeois gentilhomme** por exempio seja uma peça de simples espectáculo. Muito embora cheia de bailados nem sempre justificados pela acção é teatro e do melhor teatro. Ai é que está.

Para demonstrar a possibilidade do desaparecimento da literatura dramática, Benjamin Crémieux lembra o que aconteceu com o poema épico hoje completamente ou quási que completamente esquecido. Sim. Sem dúvida. O poema épico morreu. Mas a poesia morreu? Pois é o que se dá com o teatro. Porque não é mais possivel hoje que alguem se abalance a escrever uma tragédia esquiliana não se póde garantir que o teatro está moribundo. Que é que tem uma cousa com outra? A morte de uma espécie não póde acarretar a do gênero a que pertence. Se ela morre é porque está podre. E o seu desaparecimento é até necessario.

Frizando a distinção entre teatro puro e teatro-espectácuo diz Crémieux que enquanto êste é uma mistura de gêneros e técnicas aquêle tem uma técnica própria que lhe basta. Está certo. E é por isso que se torna imprescindivel a absorção de que já falei. Deus me livre de ver o teatro aplicando sem modificar em nada a técnica peculiar ao cinema ou ao café-concerto. Então sim ele deixaria de ser teatro. Mas a adaptação inteligente evitará êsse perigo. E o que póde ser um mal se feito sem talento reverte num bem se êsse talento não falta.

E' ao seculo XIX que o cronista da **La Nouvelle Revue Française** atribue a crise actual do teatro por ter êle **favorecido os quadros em detrimento dos actos, fazendo do teatro uma sucessão de figurações estáticas quando ele não é senão movimento.** Isso é que não está certo. A decadência do drama dos principios dêste século é culpa sim do XIX. Mas não pelo motivo que Crémieux quer. A mania dos quadros vivos, das fatias de vida só apareceu com o Teatro Livre. O teatro romantico em suas várias fases nunca se preocupou com isso. Seu erro foi abusar do teatral. Foi se alimentar exclusivamente de teatralidade desprezando a vida. Foi o seu delirio do extraordinário, do sublime, do patético, do pomposo, do espectaculoso em suma. Quando, como acentua Unamuno, o que a gente quer são dramas **não teatrais** E prosegue com toda a razão: **não deve extranhar a ninguem que se sustente precise o teatro renunciar ao teatral para se nutrir do que está fóra déle. Que não se diga ao ver um drama: Isso só acontece no palco!** Por êsse exagero de teatralidade é que o drama do século XIX se tornou nefasto ao do XX. Mais nada.

Depois a divisão em quadros só é condenavel quando não há identidade espiritual e material entre êles. Sem essa identidade os actos também são falhos. Cada um passa a constituir uma péça á parte. No drama histórico, principalmente no drama ciclico de uma existencia ou de um acontecimento a divisão em quadros é até uma necessidade. **Julius Cæsar** é um exemplo antigo. **Joana d'Arc** é um exemplo moderno. Só que o que no drama de Shakespeare se chama cena, no de Shaw se chama quadro. Questão de nome unicamente.

A regra clássica da unidade de acção e de ambiente tão visivel em Racine sobretudo, pode ser aplicada com a divisão em quadros. Nada impede.

E ao contrário do que pretende Crémieux a mania que êle censura não é assim tão mania. Nem todos os dramaturgos de hoje aboliram os actos de suas peças. E eu não sei de autor do século XVII que tenha conseguido tamanha unidade de acção e de ambiente como Pirandello conseguiu em **Sei**

personaggi in cerca d'autore. Não sei mesmo.

O facto é que uma peça póde ser classificada de teatro puro seja dividida em actos ou em quadros. Basta que possua a expressão dinâmica de sentimentos de que fala Crémieux. A representação estática de épocas ou acontecimentos pode ser resumida num quadro como pode tomar um acto inteiro. O mal está nela. Não na fórma de sua realização cênica.

A argumentação de Benjamin Crémieux portanto não procede. O teatro nunca será suplantado pelo cinema ou pelo café-concerto. No gôsto pu'blico talvez já o esteja. Mas isso de gôsto publico em matéria de arte não vale um niquel. E' é cousa de que não se cogita aqui.

* * *

Na conversa que teve com Joseph Chapiro e que êste reproduziu no Comœdia o enorme Max Reinhardt confessa o mesmo receio de Benjamin Crémieux. Acha possivel o desaparecimento do teatro por dois motivos: um de ordem econômica, outro de ordem artistica.

Diz Reinhardt falando como empresário que não ha director de teatro que consiga hoje em dia reter na cena os seus actores por não poder pagar os mesmos ordenados fabulosos da Paramount ou da Universal. As fábricas cinematógráficas chamam a si todos os valores reais do teatro.

Argumento intereseiro de homem de negócios que vê êstes mal parados. A crise que maltrata o teatro como casa de diversão maltrata nêstes tempos bicudos toda a gente e todas as cousas. Passará fatalmente. Não tem causas permanentes. E há mil modos de atenuá-la. Alêm disso ella não é assim tão grande como pretendem. Não há mês que não se inaugure na Europa um novo teatro que é quási sempre um teatro novo. Quer dizer: de novos. E a renda dos teatros parisienses foi no anno passado formidável. Quem vai ao cinema nem por isso deixa de ir tambem ao teatro. Os prazeres que êste e aquêle proporcionam são tão diferentes que um não substitue o outro.

O argumento de ordem artistica tambêm não tem importancia, para Reinhardt **se um dia vier ao mundo um Shakespeare do cinema, se o cinema conseguir criar impressões duradouras não sómente devido á arte dos grandes artistas mas tambêm pelo tema, pela fábula mesma da acção, o teatro como o conhecemos hoje provavelmente terá desaparecido**

Se Reinhardt quer dizer com isso que o teatro conservando-se alheio ás inovações que o momento lhe irá impondo sucessivamente, permanecendo estagnado, apegado a uma tradição intoleravel para os espiritos modernos, terá forçosamente de desaparecer êle está com razão. E' fatal. Quem pára corre perigo de ser atropelado e esmagado. Quem não se renova cai em decrepitude. E o teatro assim não morrerá vitima do triunfo do cinema. Nada disso. Morrerá por sua própria culpa. Não sob a pressão de uma concurrência mais poderosa. Mas de um mal orgânico interior.

Do contrário está errado. Porque, é bom repetir, o cinema em sua essência nada tem a ver com o teatro. Se ambos convergem num mesmo ponto idéal (e há quem o conteste) fazem-no de modo absolutamente diverso. Diferem grandemente na formalização. Por isso mesmo, por ser incontestavel como sustenta Marcel l'Herbier que o cinematógrafo luta contra a Arte é absurdo afirmar que no dia em que o cinema alcançar notável perfeição artistica êle poderá ser considerado **uma continuação lógica da arte dramática — a borboleta seguindo-se á larva.** Asneira tão formidável que eu creio até que seja de Chapiro e não de Reinhardt.

* * *

Nada pois justifica êsse pessimismo. Estão sendo muito mal empregadas essas novenas para alcançar o restabelecimento de uma saúde que está intácta. O teatro viverá. Nunca se mostrou tão ansioso de viver

como hoje. Está mesmo rejuvenescendo a olhos vistos.

Para os que lhe choram antecipadamente e sem razão a morte êle poderá repetir aquelas palavras saborosas de Mário de Andrade: **Estou convencido que cumpro o destino que deviam ter meu corpo em sua transformação, minha alma em sua finalidade. E passo bem, muito obrigado**

E' isso mesmo. Para longe o agouro.

S. Paulo, setembro de 1926

António de Alcantara Machado.

Concerto Germana Bittencourt

Mlle. Germana Bittencourt realiza no proximo dia 7 de outubro, ás 4.30, no Casino do Passeio Publico, um recital que promete ser interessantissimo, não só pelos dotes pessoaes da cantora que ela é, como pela escolha do programma, todo êle consagrado á musica brasileira. Assim é que ouviremos duas harmonizações de temas indios: **Canindé-Iune Sabá,** fusão de dois temas indigenas colhidos por Jean de Léry no ano de 1556, e **Teiru,** tema pareci fonogramado pelo sabio Roquette Pinto em 1912, ambas melodias formidaveis de melancolia barbara. Vem depois a musica negra representada por dois temas religiosos de macumba: o já famoso **Macumbêbê** e **Papai Curumiassu.**

A seguir **Jangada** de Nepomuceno e **Aos Sinos** de H. Oswald. As duas melhores coisas de Francisco Braga **para canto: Virgens Mortas** e o delicioso **Gavião de Penacho.** A 2ª parte é toda do grande Villa-Lobos, de quem ouviremos em primeira audição a série das **Serestas,** nove melodias sobre versos dos nossos poetas Ronald, Alvaro Moreyra, Ribeiro Couto, Carlos Drummond, Dante Milano, Guilherme de Almeida e Manuel Bandeira. Estas **Serestas** vão revelar um novo aspecto da personalidade genial de Villa-Lobos, embevecendo a gente pela simplicidade e ternura brasileira da melodia, êle que já surpreendera o dificil Boris de Schloezer pela riqueza espantosa de ritmos e combinações de timbres.

Pela primeira vez aparece num programa o nome de Jayme Ovalle, figura tão conhecida e tão querida em nosso meio musical. Dele ouviremos duas melodias sobre versos de Olegario Mariano: **Zé Reimundo** e **Caboclinho.**

Fecha o concerto Luciano Gallet com três harmonisações de **Tutu marambá,** do **Bambalêlê** e da modinha carioca **Foi numa noite calmosa**... Uma delicia, sobretudo esta ultima, capaz de resuscitar mesmo num dia de chuva o luar assassinado pelos futuristas.

Em suma — um concerto em que haverá 19 numeros de musica brasileira em primeira audição! Mme. Villa-Lobos prestará concurso a Mlle. Germana Bittencourt, acompanhando as peças de seu esposo. — **M. B.**

LITERATURA

MARIO DE ANDRADE — "O Losango Cáqui"" — Casa editora A. Tisi — S. Paulo, 1926.

Na veste de Arlequim cada losango tem a sua côr. Cáqui foi a côr de um mez de exercicios militares na vida do poeta:

Afinal
Este mês de exercicios militares:
Losango Cáqui em minha vida.
...Arlequinal...

Como se vê, aparece ainda neste livro o adjectivo-refrão de "Paulicéa Desvairada". Mas aparece como resonancia de harmônico, recordação já quási sorrindo dolorosa da crise de amargura e escárneo

Todavia o cáqui deste Losango não guardou quo explodiu naquela obra.
toda a sua pureza de côr. Tem vezes que, mesmo sem fechar os olhos, a gente só vê a côr complementar. A côr complementar do cáqui dos exercicios militares foi no caso o ruivo duns cabeios fogaréu:

Esse logar-comum inesperado: Amor.

Este sorteado preferia ao "olhar aitivo para frente!" da escola o olhar quebrado do seu amor. A aventura da emboaba tordilha nos valeu um madrigal que é uma delicia. Madrigal não! Madrigal é coisa das bandas de alêm e dos tempos de antanho. Brasileiro da gema diz louvação. A **Louvação da Emboaba tordilha.** Que gostosura de agrado! Parece uma serestazinha para adormecer boneca:

Eu irei na Inglaterra
E direi pra todas as moças da Inglaterra
Que não careço deias
Porquê te possuo.
. . . . . .

As manobras militares duraram um mês. O

logar-comum inesperado tambêm, segundo se depreende de certas reflexões desencantadas com que o poeta corrige as miragens do primeiro embevecimento. Pudera! Logo no começo dos exercicios o amante se apresenta uma manhãzinha fardado no quarto de dormir da preguiçosa. Ela riu, bateu palmas, beijou-o. O soldado teve uma decepção e ficou triste. Quem ama, apreende:

Quando a primeira vez apareci fardado,
Duas lagrimas ariscas nos olhos de minha mãe...

Havia no ar o temor de revoluções futuras. O poeta não tinha o gosto da tarimba. Formou evidentemente de má vontade na esquadra do cabo Alceu. Marchava "tempestuoso, no turno", olhos "navalhando a vida detestada". Mas havia nas madrugadas de manobra tanta coisa bonita para ver! A manhã era tão grande! Um, dois, um, dois, era tão bom respirar! Tão gostoso gostar da vida!

Em tais momentos

A propria dor é uma felicidade!

O poeta cutucou o pessimista, o soldado sorriu gostoso e os poemas vieram vindo numa encantadora frescura de sensações. Junto de um poema serio, uma caçoada maluca. Entenda-se porêm que no fundo o livro é triste.

Em prefacia nega o autor aos seus versos o nome de poema. Faltam-lhes, alega, o que êle chama a intenção de poema, coisa construida, peça inteira, fechada, com principio, meio e fim. De facto eram assim as poesias que compunham o "Losango" na primeira redacção. O livro, porém, saiu anos depois, e nesse intervalo o poeta o alterou, tirando-lhe, ou pelo menos prejudicando-lhe, aquela espontaneidade de caderneta lirica de reservista. A unidade artistica foi sacrificada á unidado psicologica. O autor juntou trechos de outras épocas esclarecedores da sua personalidade de então. Ora, muitos destes são poemas no sentido que Mario atribui á palavra — de peça de arte acabada, com principio meio e fim, e não peça puramente lirica como a maioria e sobretudo por exemplo os de n. XXXV, XXXVI, XXXVII, espécie de intermedios que não começam nem acabam. A **Louvação da Emboaba Tordilha**, a pungente **Escrevaninha**, as duas admiráveis **Toadas, Flamingo, Jorobabel, Tabatinguera**, e talvez outros, são poemas construidos. A tecnica destes três ultimos aparenta-se á dos superrealistas (aos quais de resto nada devem, anteriores que são ao manifesto de André Breton): automatismo psiquico de imagens declanchado por uma palavra possivelmente denunciadora de complexo. A de Jorobatel feriu fundo a memoria e a sensibilidade de Mário. O pessimismo truculento do n. XXIX (**Eu trago a raiva engatilhada...**) se fez piedade, embora se conservando sempre pessimismo, e foi chôro aberto sobre a vida "excessivamente infinita" nesse poema que é um guai biblico estupendo.

Nas **Toadas** se começa a sentir na obra do poeta a influência da maneira popular, que é uma das duas faces da técnica actual de Mário (a outra é um poetar que deliberadamente regeita todo encanto sensorial, todo apêlo exitante exterior, sem prejuizo porêm da emotividade, que se mantem todavia naquela calma ardente e sublimação do pensamento tão de encontrar na poesia inglêsa).

Ao contrário de tudo isso, as poesias do **Losango** que constituem propriamente a matéria do **Losango** caracterisam-se pela espontaneidade lirica. A gente não vê a poesia feita: vê fazê-la Psicho-poesia experimental. Poesia em estado nascente.

A mim confesso que o lirismo basta. Admiro um poema bem construido, mas o que me faz amá-lo é o lirismo que nêle haja. A Mario não basta. A poesia pra êle tem que ir além. Por isso êle diz que procura. Mentira! Mário não procura: acha. Está sempre achando. Quando se vira para outros lados pensa que está procurando.

No que diz respeito á linguagem, **Losango Cáqui** é o primeiro livro escrito em nossa lingua. Adotando sintaxes e expressões correntes na conversação da gente educada, idiotismos brasileiros, psicologia brasileira, Mário de Andrade conseguiu escrever brasileiro sem ser caipira nem rude.

Manuel Bandeira

OSWALD DE ANDRADE — "Pau Brasil"
Edição do "Sans Pareil" — Paris, 1925.

Todas as manifestações emotivas passam a ser literatura desde que realisadas voluntariamente. Mesmo as que se approximam menos da ideia que em geral se faz de obra literaria. Simples jogo de apparencia. A literatura não está, muitas vezes, na obra em si, tomada em seus caracteristicos essenciaes. Esta na combinação das circumstancias que a crearam, na sua falsa localisação no espaço e no tempo, muitas vezes na propria personalidade do autor.

O sr. Oswald de Andrade, escrevendo "Pau Brasil", parece-nos que fez apenas literatura, tanto quanto si em vez de Brasil falasse da flor de lotus, da pallida castellã prisioneira ou de outras quaesquer apparições que frequentam a nossa musa passadista. Elle quiz libertar a poesia brasileira de toda sorte de artificio, como o estrangeirismo, a phraseologia, a falsa emoção. Quiz crear ao mesmo tempo poesia pura e brasileira. Para isso passou a mão na musa, jogou fóra todos os enfeites inuteis e pesados que a suffocavam, vestio-lhe uma roupa de creança, poz-lhe um bico na boca. No primeiro

instante a gente fica perturbado. Depois começa a achar aquella menina meio esquisita, com cara de mulher feita. Quasi que se desconfia de que aquillo é deboche. Finalmente se chega á conclusão de que é apenas formalismo, como os anteriores. Sómente parece mais complicado por ter querido ser mais simples. O sr. Oswald de Andrade tinha um plano esthetico **preestabelecido.** Conseguiu realisal-o. Fez poesia? Não, fez literatura. Seria poesia si viesse de algum innocente, de alguem ainda virgem do intellectualismo cultural. Do autor dos "Condemnados" é que não. Chegar á incultura pela cultura é um sonho. Pelo menos chegar honestamente, sem blague nem artificio. E' como um homem supercivilisado que, para descomplicar a vida, fosse obrigado a voltar á pedra lascada e a viver nu' ,numa furna, comendo raizes. Essa vida pareceria a seus olhos muito mais complicada do que a outra e elle acabaria achando a coisa pau e voltando á simplicidade polida do asphalto, sem peraus e cobras.

Pau Brasil não realisa a funcção purificadora, a funcção redemptora, que esperava. Não resolve o nosso problema intellectual por meio do seu retrocesso ao gaguejar infantil. A vida é evolução continua, é permanente transformação dizem os philosophos modernos. Bergson e Pirandello á frente. Nunca se póde voltar ao que já se foi, ao que já não é mais. O primitivo de "Pau Brasil" é falso por ser voluntario. Podemos quasi dizer que é artistico, como foi o prerafaelismo de Rosseti. E' theoria. E' escola. E' regra. Ora, essas tres parcellas sommadas não podem dar como resultado poesia moderna. Porque modernismo não tem regra, nem escola, nem theoria. Modernismo é integral libertação. O sr. Oswald de Andrade contribuio, porém, efficazmente, para a obra da poesia moderna entre nós. Poz em evidencia uma serie de novos valores poeticos brasileiros, de que ninguem suspeitava. "Pau Brasil" é uma especie de eschema a ser desenvolvido. Deposito de materias primas de poesia á espera da manufactura transformadora. Livro escripto friamente, por plano, como livro de casa commercial. Exposição methodica de motivos e principios poeticos. Livro didactico.

De vez em quando, apezar desse afastamento constante de toda influencia emocional interior que se pudesse tranformar em lirismo, tem o sr. Oswald de Andrade versos estranhos, de bello e inesperado effeito, onde as imagens saltam como tiros:

"emas brancas e outras malhadas de negro
que com uma aza levantada no alto
ao modo de vela latina
correm com o vento."

"Nocturno" é admiravel:

"Lá fora o luar continua
e o trem divide o Brasil
como um meridiano."

Na parte chamada R P 1 ha versos que nos fazem parar e pensar:

"Meu amor me ensinou a ser simples
como um largo de igreja."

"Carnaval", "Approximação da capital" e outros poemas, são cheios de uma perfidia que a gente se admira de encontrar num livro que diz ter a "alegria da ignorancia".

O sr. Paulo Prado, que prefacia o livro (Pau Brasil tem prefacio), affirma tranquillamente que Casimiro de Abreu e Catullo Cearense "foram os dois unicos interpretes do rythmo profundo e intimo da Raça".

Não sei o que elle entende por "rythmo profundo da Raça", mas creio que não se póde negar caracteristicos da raça brasileira, si é que ella existe, na capoeiragem de Gregorio de Mattos, na cacetissima Prosopopéa, em certos versos da Escola Mineira, principalmente Basilio da Gama e em muitos outros, bem como nas

"musas gentis do Abreu, do Dias, do Azevedo,
do Freire e do Varella",

como escreveu Raymundo Correia num soneto que parece catalogo de telephone.

Que diabo, o sr. Paulo Prado ha de convir que a trinca Casimiro, Catullo e Oswald não representa toda a poesia brasileira, sendo este ultimo, como elle diz, "o primeiro esforço organizado para a libertação"," etc., etc.

Estou certo que os srs. Ronald de Carvalho, Mario de Andrade e Guilherme de Almeida, citados tambem no prefacio, opporão restricções á affirmação tão categorica. Et pour cause...

O sr. Paulo Prado engana-se quando diz que os que discordarem de algumas ideias do sr. Oswald de Andrade serão os mesmos que accusaram Baudelaire e injuriaram Rimbaud. Essa historia da incomprehensão das novidades é passadismo. Os que discordam do sr. Oswald, podem ser os que acham que a poesia brasileira verdadeiramente pura, forte, constructora, se approximará mais da caudal eloquente do sr. Mario de Andrade do que da emoção vasqueira, da seccura ironica, fria, camouflada de ingenuidade, que governou "Pau Brasil".

O sr. Paulo Prado, figura de incontestavel elegancia mental, tem para o enthusiasmo dos novos um sorriso melancolico que nos faz desconfiar. Esse sorriso mistura a ironia de France, a vaidade de Renan, a esthetica de Wilde. Modernismo de 1903.

Creio que foi Mauriac quem disse, num momento de amarga clarividencia:

"les vrais jeunes ont toujours vingt ans..."

Affonso Arinos (sobrinho)

AUSTEN AMARO — Juiz de Fóra—Poema lyrico — 1926.

O poema do sr. Austen Amaro começa por esta coisa abracadabrante:

DISTICO

Este
poema
dictou-o Dyna a unica
musa!
E
isso
não destroe
as demais,
e sim
as unifica.
Pois, sendo Dyna a expressão
do proprio Deus que é
omnimodo e omnipresente.
ella é
omnisciente
omnipotente e omnipresente.
Assim,
Dyna
universal e perenne
é
omnipotente.

Isto cheira a futurismo do brabo... Há, como essa, muita coisa ruim nesta brochura, estiradas de palavreado sem substancia de pensamento ou sensibilidade, um mau-gôsto horroroso. Apesar de tudo esta poesia é simpatica, insinua-se, interessa. Tem ingenuidade e força. Gosto, por exemplo, da vulgaridade jornalista, reclamista do Canto II, onde se esparrama um afecto largo de comoção bem brasileira, sabendo gostosamente ao que os rapazes da **Terra Roxa** chamam manifestação espontanea do Pau-brasil.

Eu exalto a força constante!
Fernão Dias! e Candido Rondon!
A realidade de Osorio e de Mauá!
Esta é a mesma poesia!:
— a passagem de Humaytá! e a passagem da Serra [do Mar!
E porque eu exalto a unica poesia,
canto a harmonia das cousas iguais!
Assim, no Presente
a realidade efficiente
do Octavio de Magalhães, Alvaro da Silveira e [Evaristo de Moraes!
do Juscelino Barbosa pratico e brasilico!
E Tarsila do Amaral de hoje
balbuciando a nossa pintura!
E Maria Lacerda de Moura! desejosa apenas de [sinceridade!
o Magalhães Drummond do "Nacionalismo que eu [pregaria"!
e dos "Aspectos do Problema Penal Brasileiro"!
O José Oiticica da "Universidade Feminina"!
A consciencia universalista em Pontes de Miranda [e Renato Almeida! actuando pela Brasilidade!
Belisario Penna capaz de afirmar!
. . . . . .

Todo o canto é de um ridiculo sublime e bem haja o poeta que teve a esplendida coragem desse ridiculo. Aquilo é poesia, não tem a menor duvida.

Outra coisa que me agradou no sr. Austen Amaro foi a volta, em certos passos do poema, a certas formas e metricas romanticas. Os nossos romanticos, mesmo sob a maior pressão de influencias estrangeiras, foram originais, foram bem brasileiros, e é néles visivel um veio de tradição que o parnasianismo cortou de chofre. O sr. Austen Amaro quis retomar o fio, tentativa louvavel, em que todavia falhou, porque não o fez com espirito moderno. Faltou-lhe critica e escolha. Repetiu os romanticos com todos os defeitos,

Gostaria de transcrever certos fragmentos para dar idea dos seus dotes de escritor, como este que não é exemplo unico:

E a alma barbara dos borés,
rufando em couros retesos,
retumba na matraca do bico atro.

Rematarei com o Canto IV, no qual por um momento esqueceu o poeta o bulicio da musa-dinamo no sossego desta mansa bucólica:

O longe São Matheus quási bucolico!
Com carros de bois descendo a encosta,
anachronicamente.

Na paz das montanhas pasmando,
pascem bois pacientes.
E os bois que descem da montanha
vêm molhados de sereno.

Bons desenhos de Pedro Nava.

Manuel Bandeira.

OSWALDO ORICO — "A arte de esquecer" — Ed. do autor — Rio, 1926.

O sr. Oswaldo Orico é um escritor de salão. Seu pensamento e seu estilo vivem de cortezias e torneios galantes. E' dos tais que amam as belas frases e o espirito fino. Sua literatura tipo Julio Dantas tem o visivel intuito de agradar ás damas. E' leve, é subtil, é cheia de segundas intenções. Numa conferencia como esta, todas as intenções são segundas. Um requintado. Depois de setenta e oito paginas muito divertidas, no livro ha isto: "Escrito na montanha, verão de 1926, acabou-se de imprimir... etc.". Por essa gentilissima participação fica o leitor sciente de que o sr. Oswaldo Orico andou veraneando na montanha.

Prudente de Moraes, neto

OS NOVOS DO PIAUHY

Fulgurante pleiade de bravos da Idéa, de intemerados do Pensamento, a que nessa Terra da Luz que é o Piauhy hodierno se agita numa irradiação

victoriosa de dynamismo. O Piauhy que tem dado ás letras patrias tantos nomes gloriosos — Frei Ricardo da Cunha, o chronista elegante dos nossos fastos coloniaes, tão lamentavelmente esquecido pelos nossos historiadores literarios, mesmo pelo scintillante dr. Ronald de Carvalho e até pelo erudito dr. Solidonio Leite; Dias de Queiroz Freitas uma das cerebrações mais possantes entre os discipulos do inolvidavel Tobias, ao lado de Graça Aranha (seductora figura quasi de piauhyense); Da Costa e Silva, o Leopardi brasileiro, sabendo extrahir das noites sem estrellas do Pensamento e da Emoção as mais profundas suggestões poeticas; João Silveira de Freitas Sobrinho, uma das novas mentalidades juridicas mais pujantes do Norte e quiçá do Brasil hodierno, ao lado dessa nascente gloria do Leão do Norte que é o prof. dr. Celso Loureiro Filho e "last but not least", Felix Pacheco, cujas realizações auri-fulgentes na vida — primeiro no jornalismo e ultima e notadamente na diplomacia — constituem um padrão de gloria para a geração nova da Perola do Norte, Felix sendo talvez, sob a precoce prata da cabelleira que lhe dissimula o ouro brilhante dos Sonhos e das Ideas, o mais joven "chanceller" que ainda teve a Republica. E estamos a mencionar apenas os nomes mais irradiantes — os nomes por assim dizer nacionaes e já vantajosamente feitos da mentalidade piauhyense contemporanea. O que falta revelar é o movimento mais recente das letras do Piauhy, onde tambem repercute a Idea Nova que arregimenta os espiritos no Brasil para as pugnas do Objectivismo Dynamico, que hão de marcar época gloriosa nos fastos literarios da nacionalidade. Tambem no Piauhy vibram enthusiasmos rejuvenescedores, accendidos por esse Principe do Espirito que é Graça Aranha.

Em 1923, Eulalio Pontes da Serra, Vieira Paschoaes, Esmeraldino Olympio e eu lançamos aos ventos da publicidade "O Todo Universal", revista de combate em prol da Idea Nova. Esmeraldino Olympio publicou ahi sua admiravel serie de artigos "heresia visinha nossa" denunciando em termos vigorosos o regionalismo de um grupo de cretinoides no Recife, onde foi nosso agente a alma enthusiasta de J. Inojosa, paladino ali da Esthetica Moderna. Vieira Paschoaes é um "conteur" de fina tempera, com reminiscencias de Proust e de Abel Hermant, que se revelou no "O Todo Universal". Tem em preparo um livro que será provavelmente prefaciado por Felix Pacheco, um animador vibrante de vocações conterraneas. Pontes da Serra é poeta dos mais finos da nova geração — de uma esthetica equidistante das exquisitices do sr. Mario de Andrade, dos malabarismos sonoros do sr. G. de Almeida e das pieguices do sr. Manoel Bandeira. E' um cantor novo, dynamico, objectivista, impregnado dos conselhos novos de Graça, o mestre sem igual. Seu livro "Seccas e molhes" — cantando paizagens do sertão, queimado pelas Seccas, e de portos e molhes banhados pela Agua cariciosa dos rios do Septentrião será decerto uma grande affirmação entre os novos valores poéticos nacionaes. Pretencioso seria falarmos de nós mesmo nesta resenha — limitando-nos portanto a mencionar nossa pequena contribuição nesse movimento, infelizmente tão igaorado do Piauhy, o nosso livro de ensaios "Guias da renovação esthetica do Brasil" (Tobias — Nestor Victor — Graça), a ser nestes dias exposto á venda nas principaes livrarias desta capital.

J. J. Gomes Sampaio

Literatura estrangeira

BERTRAND RUSSELL — "Education and the Good Life" — New York, 1926.

A novidade do ultimo livro de Bertrand Russell "Education and the Good Life" está principalmente nisto: em ser escripto por Bertrand Russell.

A gente se tinha acostumado a um Bertrand Russell mais ou menos philosopho. Cachimbo a cahir-lhe do canto da bocca como qualquer inglês de caricatura. O olhar cinzento e distante. O Bertrand Russell de "Principles of Social Reconstruction". E de "Mysticism and Logic". De repente este Bertrand Russell novo: de pince-nez de pedagogo na ponta do nariz.

Aliás, já havia o exemplo de George Bernard Shaw. Anterior ao livro de Russell é o livro profundamente imbecil de G. B. S., pretendendo ser a "Declaração dos Direitos da Criança". Um livro escripto como quasi todo o livro de G. B. — enorme guizo amarrado á ponta da penna. (Esse guizo sôa ás vezes muito ironicamente com um som de sineta presbyteriana de "Sunday School".)

Mas a vacca fria — e sem chocalho nem guizo nem sineta — é Bertrand Russell e não G. B. E' Bertrand pedagogo.

O livro de Russell é bem um livro de "Depois de Freud". A gente sente o christo de Vienna fixando-lhe a época.

Não que Mr. Bertrand Russell tenha da força dos sexo na vida da gente o mesmo sentido absoluto de certos discipulos de Freud. De modo nenhum. Elle chega a declarar: "The importance which many psycho-analists attach to early infancy appears to me exaggerated..." (pag. 44). Entretanto o escriptor inglês reconhece bem claro a importancia do ponto de vista psycho-analytico: as primeiras suggestões de sexo, e sobretudo as repressões, teem um consideravel interesse para o futuro do menino ou da menina.

Russell salienta, por exemplo, o problema da repressão da masturbação nos pequenos. Acha que em geral o menino soffre mais fundo dos effeitos da repressão do que da propria masturbação. Esta, de ordinario, não affecta sinão de leve, quasi nada, á saude. De modo que o melhor seria deixar o menino masturbar-se. Porque nos rigores da prohibição, segundo Russel, "you lay the foundation of terrible nervous disorders". (pag. 211)

Pela educação que amollece os pequenos em eternos meninos, Bertrand Russell não tem a menor sympathia. E de facto ha o perigo do que os psycho-analystas chamam o "Oedipus complex". Nós, no Brasil, vivemos a esbarrar com Joãosinhos, Euzebiosinhos, Manésinhos, Serginhos, Bituquinhas, que outra cousa não sabem na vida sinão ser filhos de papae e de mamãe. São incapazes de ser sós. Precisam sempre de quem lhes faça de mãesinha e do paesinho. Soffrem do "child complex".

Mas é preciso notar que o excesso do "man complex" — o excesso da educação que endurece o secca e encortiça demais o individuo — tambem este é prejudicial. A critica de Russell deve ter o seu desconto. Póde mesmo dizer-se que o excesso do "man complex" leva ás vezes o individuo ao "child complex". Exemplo: Nietzsche que acabou só sabendo dizer "Maman" como qualquer meninosinho com medo do escuro.

Mas onde é bem freudiano o tratado pedagogico de Bertrand Russell é no bicho-de-7-cabeças que faz do Medo. Querendo acabar de modo absoluto com o Medo na imaginação do menino, Bertrand Russell cria um Medo ainda maior no espirito da gente grande: o medo ao medo.

Eu imagino, aliás, o temor horrivel do primeiro homem que se sentisse vasio de todos os temores, segundo o ideal de Mr. Bertrand Russell. Similhante creatura ficaria sem saber si era homem ou cousa. E acabaria talvez louco. Si é certo que o medo em excesso faz loucos, tambem os faz a absoluto falta de medo. E' a lição do Quixote. Ou do sr. de la Mancha, como diria o prof. dr. Julio Afranio Peixoto.

Além disso o novo pedagogo inglês é contradictorio querendo dos paes e das mães este absurdo: (1) que não mettam medo aos meninos nem se mostrem com medo diante delles; (2) que não mintam aos meninos nem diante delles.

Eu queria que Mr. Bertrand Russell endireitasse o pince-nez pedagogico e me desse a solução para o seguinte caso: o de uma mãe com medo irresistivel de trovão diante do filho. Ou ella mostra que tem medo e é sincera; ou disfarça o medo mentindo.

Eu acho muito interessante, muito lucido, ás vezes deliciosamente sensato o livro de Mr. Russell. Gostaria de ter voz de director de programma de Radio, para recommendal-o aos paes. E ás mães. E aos pedagogos. E ao dr. A. Carneiro Leão. Que o leiam devagarinho. De pince-nez. Com muita attenção.

Mas essa historia de educação rigidamente scientifica; essa conversa de criar menino sem gaiho de goiabeira e sem medo a cousa nenhuma — sem nenhum tutu' ou carrapatu' ou Cabra Kabriola; essa educação segundo uma "verdade" scientifica que acaba com os tutús apenas para metter na intelligencia molle dos meninos a figura horrivel de Pithecanthropus Erectus — plagio da Historia Natural ás historias sobrenaturaes — tudo isso deve ser tomado, ao meu vêr, com muita restricção. Ha em todo esse scientificismo pedagogico muito kò-kò de gallinha.

Gilberto Freyre

VIDA SOCIAL

Commentarios dos Commentarios

Já cessaram os commentarios em torno de Rodolpho Valentino e da respectiva morte.

Agora, o commentario dos commentarios.

Quando o cadaver deste bonito actor provocou atropelamentos no Broadway, enterneceram-se todas as mulheres e nós homens, (para que mentir?) ficamos enciumados, o que é natural desde que se acceite como verdade que um dos desejos de qualquer individuo equilibrado é ser amado por todas as mulheres, não apenas por tres.

Cada um de nós no fundo está se perguntando: "conseguirá isso o meu futuro cadaver?"

Esse amor por Valentino é um dos phenomenos da actualidade. Ao contrario do que pretendem os psychologos de imprensa, não é signal de corrupção, nem snobismo ridiculo, mas indice de innocencia. Somos mais creanças que os da geração de Homero. Rodolpho não é apenas amôr para menores de dezesseis annos. Serve para todas idades (vide photographias da missa da Candelaria, etc.).

A actividade das mulheres procurando typos imaginarios innegavelmente superiores a esses individuos aborrecidos dos chás elegantes, encontrou no actor que morreu por ulcera no estomago um heroe menos imaginario porque realmente existiu, sem ser inteiramente real, porque era uma sombra sem perigo no écran. Cinema tem isso de interessante: seus heroes correm o mundo, sem conhecerem o mundo e vão suscitando pai-

xões de que não têm noticia. O actor póde estar quietinho tirando seu callo, tomando chopp ou soffrendo colicas em Holywood, e pelos salões de cinema desse mundão afóra vae sendo visto por milhões de olhos e amado por milhões de corações. Situação vantajosa.

O dom de illudir-se é a força mais piedosa que Deus deu ao ser humano. Si falta, muita gente o arranja ás escondidas da Policia. Rodolpho Valentino tanguista, rei, general, boxeur, **galan**, fez muita gente tonhar. Apaixonou muita gente, portanto. Não era, pois, natural que as mulheres, mais sujeitas que nós ao transe amoroso, sentissem a morte de quem nos films comparecia sempre ardente, elastico e cavalheiresco? Si tanto amaram os traslados, porque não podiam deplorar o desapparecimento do original? Diz-se que ellas deviam chorar discretamente, em frente á **coiffeuse**, dentro do lenço. Tambem não ha razão para isso. Qualquer sentimento com relação a Valentino deve ser publico, filmavel, porque foi nesse caracter que o actor se impoz a ellas.

O que não perdôo aos meus collegas do sexo masculino, maguados porque as mulheres, ao envez de amal-os tiveram ternuras significativas para com o honrado actor que morreu, é a injustiça de suppôrem que só elles estão immunes dessas paixões contrahidas no **écran**, sabido como é que alguns desembargadores e ministros do Supremo ficam pallidos diante da Nita Naldi, que um respeitavel commerciante da praça daria tudo para beijar as mãos da Pickford, e que muitos senadores são susceptiveis de se coronelizarem mediante dois sorrisos de Pola Negri.

Não comprehendo os homens.

Lamentaram a morte do actor, mas implicaram com as "valentinas" e não querem admittir a gloria delle.

A gloria é relativa (meus senhores, que coisa genial eu disse!). Em Madrid, Belmonte, pegador de touros vale mais que qualquer Shakspeare. Mas a de Valentino é uma gloria indiscutivel, porque adquirida pelo cinema, que é o melhor instrumento para se obter isso. Gloria por aeroplano já está se tornando vulgar. Atravessar o Atlantico é canja. Serviu uma vez para a gente se lembrar de Portugal. A aviação será um sport monotono emquanto os nossos pilotos não voarem sobre a Lua, Marte e outros astros vizinhos.

O que é admiravel é que dois grandes homens da humanidade, como Rodolpho e Lenine, partissem do nada para ganharem o universo. O communista fallou, matou, escrevem e chegou áquillo que nós sabemos. O actor dansou, pulou, posou e chegou a isso que nós vemos. A gloria de Valentino pode sem favor estar ao lado da de Goethe, Cristovam Colombo, Santos Dumont e outros. Com differença que para a actualidade é mais aproveitavel que a delles, porque a maioria do mundo não leu Goethe, não viu Santos Dumont voar e nem sabe, senão por ouvir dizer, que Colombo, cujo nome dá idéa de chá, descobriu a America... E quem não admirou Valentino, á razão de tres mil reis o extasi? Dirão que é fita. Oh! façam o favor... Si, por exemplo, Valentino encarnar Napoleão, será realmente um authentico Napoleão para a platéa, sem levar aos espectadores os sobresaltos e perigos com que esse distincto militar incommodou a Europa. E facto é que na ultima parte do film, Valentino já está maior que Napoleão.

Os grandes homens abastecem de gloria os actores que os encarnam. E ficam sem nada.

Rodolpho Valentino foi um grande homem. E foi um grande homem, porque foi um grande actor. E foi um grande actor, porque agradou, ora esta. E' incontestavel a sua gloria.

Muito merecidos os atropelamentos de Broadway.

* * *

O facto mais sensacional da quinzena nesta Capital passou-se em Philadelphia na noite de 23 para 24 do mez passado, quando Gene Tunney esmurrou com vantagem a cara de Dempsey arrancando a seu adversario o titulo de campeão.

No decimo round da luta, Tunney já era o maior pugilista do universo, além do poeta e violinista, qualidades ignoradas no primeiro **round**.

Hannibal

Para edificação e confusão da leitora que se queixa de que as festas de hoje não teem o "cachet" que o protocollo dava ás de outro tempo, publicamos, ipsis litteris, e sem commentarios, o seguinte programma:

7 de Setembro de 1926

Festa elegante

Inauguração do palacete do casal Alfredo Pouman.

Homenagem a Mme. Elisa Mesquita Pouman pelo seu anniversario natalicio.

Praia de Botafogo 360

Programma

Ás 16 horas: O baptismo do seu neto Luiz, na na egreja da Candelaria.

Ás 20 horas: Inauguração solemne da casa, sendo o acto religioso presidido por sua Exa. Revma. Dr. Mac-Dowell.

Ás 21 horas: Concerto sob a direcção do professor Soares de Albergaria.
Acompanhamentos ao piano pelo habil pianista Snr. Mario. Azevedo.

I parte

2) Fados ao piano pelo Sr. Americo Paul.

2) Fados ao piano pelo Snr. Americo Paul.

3) Giordano — Fedora — Romanza — Sr. Francisco Mangia.
4) Liszt — S. François de Paul, marchant sur les flots — Mme. Eliza Pouman.
5) Canções Portuguezas pelo Snr. Felisberto Ferreirinha.

II parte

) Carlos Gomes — Salvador Rosa - Romanza Exma. Snra. Dona Carmen Eiras.
7) Verdi — Rigoleto — Ela mi fu rapita — Snr. Oscar Gonçalves.

Ás 23 horas: Baile sob a direcção do Exmo. Professor de Dança Alfredo Silva.

Orchestra e Jazz-band regido por Dr. Ernani de Moraes.

Bufet da Casa Paschoal

* * *

HIPPODROMO DA GAVEA

O Jockey Club conseguio realizar um milagre: tornar o domingo um dia elegante. Já não era sem tempo.

O domingo,, entre nós, sempre foi um dia de festa. Mas de festa popular. Sem nenhuma elegancia.

O chamado "footing" (expressão inventada pelos francezes), nas praias do Flamengo e de Copacabana, nunca passou de um amontoado de gente que se acotovella, amontoado composto de "melindrosas" e "almofadinhas", caixeiros e creadas de quarto.

Os chás dansantes, nos hoteis, davam-nos a mesma impressão desgraciosa.

Do "foot-ball é melhor não falar.

Dirão que nada é mais justo que o povo trabalhador, aos domingos, se divirta. De accordo. Mas, será tambem justo que aquelles a quem não agrada a multidão se vejam forçados a passar o mesmo dia entre quatro paredes? Não. Mas não havia meio termo.

Este, felizmente, agora existe. De quinze em quinze dias, o novo campo de corridas reune o que ha de elegante no Rio. Senhoras encantadoras, meninas bonitas, com seus vestidos coloridos, enchem o "paddock", a "pelouse" e a archibancada, conversando e rindo despreoccupadamente.

Futilidades, dirão. Que importa! Não é muito mais agradavel ouvir uma linda creaturinha a dizer futilidades — que a mais das vezes não se ouve, occupado como a gente está em contemplal-a — que ouvil-a discutir Kant?

A tarde de domingo atrazado foi deliciosa. A archibancada estava linda. Da "pelouse" tinha-se a impressão que, sob a immensa "marquise", se estendia um maravilhoso tapete oriental, de todas as cores, magico, sem duvida, pois ondulava ligeiramente como um canteiro de flores ao vento.

Sentado na "pelouse", no meio de um bando de raparigas, fiquei por longo tempo a olhal-las, ouvindo-as falar. O que disseram não sei. Mas deve ter sido delicioso e divinamente pueril e alegre, pela doce inflexão das vozes que inda guardo no ouvido.

De repente quebrou-se o encanto com o classico "Partiram" e levantei-me rapido para ver a primeira passagem dos cavallos por nós. A "torcida" era enorme. Uma chegou a beliscar-me o braço quando viu um alazão alcançar e passar o favorito. Outra quasi chora quando ganha um cavallo em que não jogou. Outra, ainda, dá gritinhos de contente ao ver o seu "palpite" ganhar e compensa-me, com um sorriso, o facto de ter eu perdido.

O passatempo dos reis, como lhe chamam as revistas inglezas, só tinha, entre nós, a sympathia de alguns que muito gostavam de cavallos e não temiam a vigem S. Francisco Xavier. Hoje, está definiticamente consagrado.

Consagraram-no a presença e a "torcida" feminina.

V. da C.

CINEMA

Rudolph Valentino

A proposito do film dos funeraes de Rudolph Valentino, exhibido no Parisiense, occorre á gente aquella velha reflexão de La Rochefoucaud: "Le soleil ni la mort ne peuvent se regarder fixement". O desapparecimento do grande astro da téla parece, realmente, uma illustração da maxima do duque. Mas, quem sabe, se foi dado a Valentino encarar com tranquillidade a morte? Quem sabe se não sentiu o famoso artista um certo orgulho da derrota, ao tombar vencido, nessa lucta dramatica e decisiva que a todos nos espera? Moço, forte, bello, buscando-o a morte no momento em que a fortuna mais lhe sorria, não logrou Valentino alcançar o que para os gregos era considerado uma graça dos deuses? Seus amigos contam, pelo menos, que elle tinha o presentimento de que morreria cêdo, e, longe de entristecer-se a essa idéa, pelo contrario, com ella se confortava. A um dos jornaes de Nova York declarou, com effeito, o senhor John W. Considine, "producer" dos seus "films":

— "Valentino disse-me muitas vezes que não

viveria muito, e, accrescentava — "não tenho pena de deixar a vida moço, pois a velhice me horrorisa."

A morte transforma o individuo — eis uma observação banal, mas verdadeira. Com effeito, o perfil moral do homem que deixou de ser cresce e avulta no conceito de seus amigos ou admiradores, attributos que, em vida, se lhe desconheciam, passam a adornar-lhe o coração e o caracter depois da morte. E' uma lei de equilibrio, e, sem essa transformação de valores, que põe em fóco as qualidades moraes do individuo, na hora suprema em que elle, physicamente, na predicção melancholica do Apocalypse, torna ao pó de onde veio, a sua lembrança jámais perduraria na memoria dos que lhe sobrevivessem. Mas, se esse phenomeno se verifica até mesmo no circulo limitado desses modestos transeuntes da vida, que passam deixando atraz de si apenas meia duzia de amigos para deploral-o, e não é mais que uma consequencia do rythmo universal da vida, que dizer daquelles cuja personalidade a fama projecta além das fronteiras de sua vida privada?

Que dizer de um Rudolph Valentino que, nimbado pela aureola magica e gloriosa dos heróes que elle personificava na téla apparecia a quasi todas as mulheres, com excepção talvez de sua cosinheira, como o typo ideal e perfeito dos grandes amorosos D'ahi as phantasias e lendas absurdas, que se crearam a seu respito. Um dos nossos jornaes, por exemplo, noticiando a sua morte, dizia-o nobre e filho de um conde italiano, arrastado pelo espirito avido de aventuras a uma vida agitada e ruinosa, até aos estudios de Hollywood. Nada mais falso. Rudolph Valentino era filho de um simples veterinario de Castelaneta, na Italia, e, na America, começou a sua carreira como jardineiro. Dahi passou a lavador de automoveis, depois a dansarino e finalmente a artista de cinematographo.

Uma cousa curiosa é que Valentino, contando o maior numero de admiradores e admiradoras que se possam imaginar nas cinco partes do mundo, morreu sem um só amigo ou parente á sua cabeceira. Assistiram-lhe os ultimos momentos apenas tres medicos e duas enfermeiras. Talvez ignore a amavel leitora que Valentino morreu pobre. Effectivamente, os seus famosos milhões, elle os gastou com a mesma facilidade com que os ganhára.

T. S.

Mary Pickford

A semana passada o Gloria proporcionou a seus frequentadores um prazer raro — um film de Mary Pickford. A doce Mary nos apparece desta vez chefiando um bando de meninos, em um bairro pobre de Nova York. O studio Fairbanks-Pickford deu, mais uma vez, prova de extraordinaria precisão technica, de conhecimento perfeito do assumpto de que trata, de originalidade. A creançada do bairro em que vivia Anninha. (Mary Pickford em "Sua Vida Pelo Seu Amor" faz o papel da filha do policia de um arrabalde de Nova York) é, ao mesmo tempo, desenfreiada e disciplinada. Divide-se em dois grupos oppostos: um por Anninha, o outro contra ella. Os typos de creanças são perfeitos, estudados até o menor detalhe. Ha uma familia de judeus: o velho, que é o typo classico do agiota, e os meninos, em que se notam os traços caracteristicos da raça. Ha, com essa familia, scenas de um comico e de uma alegria irresistiveis. Por exemplo, da janella de sua casa, um judeusinho contempla uma luta que se desenrola debaixo de sua sacada, — luta travada entre Anninha e dois de seus adversarios. E' sabbado e não lhe é permittido sahir para se reunir a seus companheiros. Visto isso, elle, munido de uma fatia de pão e do Antigo Testamento, contempla preguiçosamente a briga que se passa embaixo... Anninha, na rua, é o typo do moleque: — bate-se, dá murros, provoca e sáe geralmente um tanto machucada das contendas. Em casa, — é uma "ménagère" perfeita — cuida do pae e do irmão com grande proficiencia.

Mary Pickford tem, nesse film, mais uma occasião de mostrar os grandes recursos de sua technica e as varias faces de seu temperamento de artista.

T. G.

Jack Holt

Jack Holt projecta sobre Broadway a sombra de uma montanha do Nevada. Jack Holt, na verdade, não é um "cow-boy" authentico, á feição de William Hart ou Tom Mix, que não se conhece, nem se comprehende fóra do seu meio: o Far West. Pela distincção de suas maneiras e o nó perfeito de sua gravata, Jack Holt é um verdadeiro "gentleman". No commercio amavel das damas elegantes da Quinta Avenida ou das praias de Atlantic City e no trato severo dos senhores de Wall Street — esses "big business men" que encaram o seu semelhante atravez o prisma de Hobbes; "homo homini lupus" — elle guarda sempre a linha impeccavel do homem das grandes cidades. Jack Holt sabe entrar num salão, sem varrel-o a patas de cavallo e a tiros de garrucha.

Mas, no castigar um insolente, no desaffrontar de algum ultrage a dama de seus olhos, elle se revela, de subito, o rude vaqueiro do Arizona, que faz justiça por suas proprias mãos. Elle desconhece, de feito, nesses momentos, o complicado mechanismo de repressão com que o Estado, pela sua policia, assegura a ordem na sociedade. A' maneira dos homens do Oeste, que respeitam mais a audacia, a força e a coragem individuaes, na distribuição

da justiça, que a tutella ou assistencia que lhes possa vir de algum poder constituido, elle impõe a lei pela força de seus punhos. Um murro de Jack Holt é uma affirmação vigorosa de saude physica e mental de uma raça forte.

Jack Holt não ri. Creio mesmo que raramente sorri. Sua physionomia severa tráe o caracter indomavel e a rigidez de principios de seus maiores, aquelles homens admiraveis — puritanos e soldados, — que combateram pela liberdade do sólo americano com a espada numa mão e a Biblia na outra.

Os "filmes" americanos nos suggerem, ás vezes transplantada para outro meio e outra época, a trama sentimental e heroica dos antigos romances de cavallaria, fulminados pela satyra immortal do D. Quixote.

Jack Holt, pelos impulsos generosos do seu coração e a irreprimivel coragem de suas nobres attitudes, é como um daquelles heróes, que não mastigavam um aggravo, nem toleravam uma injustiça. Num paiz onde um bom sôcco póde fazer do homem uma gloria nacional, o seu formidavel "punch" é o golpe de espada com que o antigo cavalleiro andante vencia o obstaculo para a conquista de sua Dulcinéa. Altivo, confiante, energico, plantado sobre solidas ilhargas, Jack Holt symbolisa, na scena muda, pelo caracter e pela força, toda a grandeza de sua raça.

X. X. X.

A QUINZENA

O Saneamento de Aracajú

Neste vasto paiz, essencialmente "politicante", as coisas, os factos, os acontecimentos de maior importancia que occorrem fóra da capital, para muita gente aqui só costumam attrahir o olhar da indifferença, quando reflectido atravéz da politica. Qualquer esforço, qualquer iniciativa não repercute se não o annuncia uma vóz politica. A viagem recente do Sr. Washington Luis é uma demonstração disso: — no Norte, por exemplo, foi descoberto Sergipe, isto é, foi necessario que o futuro chefe da Nação divulgasse oracularmente o que ali vio, para a attenção geral sentir-se logo attrahida, pelo que se fazia no pequeno Estado.

O Sr. Washington, assistindo á inauguração dos serviços de agua da capital sergipana qualificára, "aquella obra benemerita porque realizada por um notavel tecnico, sem emprestimos, e só com os saldos normaes da administração." Ficamos tambem interessados pelo invulgar acontecimento. Mas preferimos ouvir antes o technico que o politico, e procuramos, então, o dr. Saturnino de Britto, o mestre da engenharia sanitaria brasileira, que projectára e executa os referidos melhoramentos. O saneador de varias cidades nossas (como Santos, Recife, Parahyba) em palestra acolhedora, forneceu-nos os dados que seguem:

— "A capital de Sergipe tem os serviços de abastecimento de agua desde 1910 e os de esgotos desde 1914. Em tão curto prazo já se manifestavam insufficientes para as necessidades crescentes da população; além disso apresentavam defeitos de que poderiam resultar prejuizos á salubridade. Bastará dizer que a agua não era filtrada; e que logo a montante da repreza de tomada começava a servidão dos moradores ribeirinhos; a linha aductora achava-se em más condições por estar quasi obstruida e mal segura. Os esgotos, com pequena profundidade nas cabeceiras (o que influe na declividade dos ramaes das casas, e, portanto, no funcionamento destes), affluem para estações de bosques que funcionam apenas algumas horas do dia: — no tempo de parada dos liquidos os collectores se enchem dos gazes produzidos pela fermentação putrida, os quaes, na phase seguinte no nefasto cyclo, são expellidos para a rua, pelos orificios dos tampões, e, se estes forem fechados, os gases passarão para o interior das casas vencendo a fraca resistencia da agua dos siphões.

Tal a situação que o Presidente Graccho Cardoso encontrou e resolveu corrigir, mandando preliminarmente elaborar os projectos de melhoramentos. Os planos estudados comprehendem:— a). a reforma do abastecimento de agua, filtrando-a e augmentando a capacidade de addução e de distribuição; b). a reforma de algum elementos do serviço dos esgotos e a extensão da rêde por uma grande area habitada, construindo-se novas estações e levando a descarga para jusante da cidade; c). a construcção de canaes de drenagem (typo Saneamento de Santos) resolvendo o problema do esgotamento das aguas pluviaes e do enxugo de quarteirões e terrenos baldios que ficam inundados com as aguas das chuvas, factor presumivel de insalubridade.

Apenas os dois primeiros serviços foram orçados, e o custo de ambos pouco excederia quatro mil contos, aos preços tomados em 1923.

O Presidente Graccho Cardoso, resolvido a construir estas e outras obras com as rendas ordinarias do Estado, em via de crescente e animadora progressão, contratou a execução dos dois serviços por administração, mas, por prudencia, iniciou apenas as obras relativas ao abastecimen-

to de agua. Para se executarem com economia serviços desta natureza, pagando-se o material pelo menor custo, é necessario dispor de capital. Dispondo-se apenas da renda ordinaria do Estado, as difficuldades que porventura sobreviessem mais graves resultariam, caso se emprehendessem ao mesmo tempo os trabalhos dos esgotos. E' o que teria de facto acontecido, visto que em 1924, antes da chegada do material encommendado para o serviço de agua, a perturbação da ordem no paiz, movida por militares, repercutia em Sergipe dum modo grave e inesperado, sem apoio na população, afastando o Presidente momentaneamente do governo, criando incertezas fora do Estado, e desconfianças no estrangeiro.

As consequencias da desordem, no que diz respeito aos serviços iniciados, foram: — suspenderem temporariamente os embarques de materiaes; o atrazo e o encarecimento dos serviços; a diminuição dos recursos disponiveis por causa das grandes despezas do Estado para manter a ordem legal por sua conta, e por conta da União. As compras não se fizeram mais nas condições anteriores e a perturbação economica seria desastrosa se o Governo não tivesse anteriormente collocado na Europa um e meio milhão de francos, para a compra dos tubos.

Um dos problemas a resolver, — o da energia para as bombas de elevação da agua —, ficou adiado, limitando-se a Commissão de Saneamento, de accordo com o Governo, ao concerto das actuaes e á encommenda dum grupo de caldeira, machina e bomba, do mesmo typo existente. Este alvitre está, aliás, de acordo com o plano de mais tarde moverem com a energia electrica da usina central de força e luz, na cidade, para se ter um custeio mais barato.

A derivação de agua para as bombas, que era feita em más condições, foi completamente modificada, construindo-se um acqueducto de concreto, numa extensão de 560 m.

O reservatorio no alto da Cabrita, foi apropriado para tanque de decantação das aguas tratadas pelo coagulante, como auxiliar indispensavel na fitração rapida das aguas turvas. Brevemente funccionario os filtros do systema Reisert, com tres elementos que darão 9.000 metros cubicos de agua filtrada por dia, caso funccionem durante as 24 horas.

Foi assentada nova linha adductora, na extensão de 10 kilometros com 0,30 de diametro, atravessando sobre pilares de alvenaria grandes extensões de terrenos alagadiços e tambem o rio Poxim, onde a ponte é provisoria, pois o conducto terá mais tarde de passar na ponte da estrada de rodagem, após a sua reconstrucção.

A antiga linha de 0,20 vae ser levantada limpa e assentada ao lado da nova, poupando-se cerca de um kilometro na extensão.

Construiram-se na grande duna do Cruzeiro, no perimetro da cidade, dous reservatorios de cimento armado, com a capacidade total de 2.700 metros cubicos; estes reservatorios foram inaugurados em presença do Exmo. Snr. Wanshigton Luiz; deram-lhes o seu nome, como homenagem ao futuro presidente da Republica que, antes de governar, visitava os Estados do Norte e testemunhava o que estava feito e o que era preciso fazer para facilitar-lhes o progresso.

E' neccessario que fique reservado o lugar para outros dois reservatorios, em breve indispensaveis, sendo um na duna proxima á do Cruzeiro, e o outro no morro Santo Antonio.

A rêde de distribuição construida mede 20 kilometros; o total, com a existente aproveitavel, é de 34 kilometros.

O presidente Graccho Cardoso ha mezes passados quiz iniciar os serviços dos canaes de drenagem e dos esgotos; seria indispensavel realisar, por emprestimo, o capital integral necessario ás obras, e a proposta que se offerecia tomava por base o arrendamento das obras, depois de feitas. Este alvitre tem sido julgado menos conveniente pela technica sanitaria, que é contraria á gestão pelas emprezas dos serviços que interessam á salubridade.

Como os serviços em apreço já estejam estudados por iniciativa do actual governo do Estado, e tenham de ser fatalmente retomados pelos governos successores, pareceu ao Presidente mais conveniente, attendendo a razões de ordem technica e economica, limitar a sua tarefa ao que fez e deixar-lhes as outras iniciativas, com o que colherão applausos eguaes aos que tem recebido, muito merecidamente".

A flotilha de Matto Grosso

A crise de desapparelhamento por que passa a defesa nacional tem-se reflectido na flotilha de Matto-Grosso, que se acha praticamente desprovida de elementos de valia. No emtanto, á medida que se enfraquece a alludida flotilha, augmenta a importancia daquelle sector da nossa fronteira, que a ingenuidade indigena suppõe defendido por uma força fluvial, dispondo de arsenal no porto de Ladario, á margem do rio Paraguay.

Sob o ponto de vista politico, é indiscutivel a necessidade de navios de guerra naquelle rio. Sob o ponto de vista militar, encarando-se a questão na presumpção de eventuaes operações de guerra naquella zona, se bem que não se possa, só a elles, incumbir commetimentos de maior escala, é

fóra de duvida que os navios terão largo emprego em acções auxiliares, nos planos combinados com forças de terra.

A carta daquella regiao mostra onde se acham situados os pontos principaes e a dependencia em que estão das vias fluviaes. E' impossivel, como se disse, a defesa desses pontos apenas de dentro dos rios. Uma acção offensiva, ali levada a effeito, por via terrestre, com os recursos da guerra actual, não teria difficuldade em sobrepujar qualquer flotilha, ainda que superiormente apparelhada. Mas, por outro lado, é preciso considerar-se que operações de terra em tão vasto theatro, difficilmento dispensarão navios de guerra para objectivos auxiliares que hão de surgir, a cada passo, no desenvolver dos acontecimentos. O que é preciso, pois, é um esforço no sentido de tornar previsiveis taes objectivos, para que possam ser escolhidos os typos de navios convenientes, tendo-se em vista, sempre, as condições de navegabilidade dos rios a que se destinarem. Isto, sobretudo, para que se evite o que não raro acontece com o monitor "Pernambuco", condemnado a mover-se em limitadas extensões, na época de vasantes nos rios.

Aos Estados Maiores do Exercito e da Marinha cabe estudar o assumpto, considerando bem todos os seus elementos, de modo a prevenir a eventualidade de qualquer ataque de forças fluviaes inimigas, que se prevaleçam de uma situação, na hora actual extremamente desvantajosa para nós.

Occorrem estas suggestões agora que o Chefe do Estado Maior da Armada visita a Flotilha e o Arsenal de Matto Grosso, indicando, talvez, o proposito da alta administração do paiz de considerar uma crise, cujos symptomas, infelizmente, raro têm éco nos meios mais adiantados do littoral. E dentre esses symptomas ha um sobremodo alarmante. E' a progressiva desnacionalização daquella parte do territorio brasileiro consequente do abandono em que tem sido deixada.

Ainda que outras razões desaconselhassem a flotilha do rio Paraguay, o simples facto della constituir uma expressão do poder central justificaria sua existencia.

Com a lavoura do café, constitue a industria de algodão, no Brasil, um padrão de riqueza... tão alto que, nos vizinhos povos sul-americanos, o vemos apontado como o melhor exemplo que esses Estados devem seguir, Industria fundamentalmente natural, pois toda ella se baseia, desde a materia prima até á mão de obra e aos capitaes, em elementos auridos e formados dentro do nosso territorio, a fiação de algodão representa hoje, uma das maiores forças que sustentam a economia nacional.

Basta volver os olhos sobre os algarismos que reflectem a grandeza dessa obra que os brasileiros realizaram, para que nos envaideçamos do que fizemos e percebamos o campo immenso que se offerece á conquista da nossa producção textil, através dos mercados do exterior. Conforme recenseamento recente, de iniciativa dos industriaes, o qual apenas pode abrager 8 °|° da nossa riqueza, nesse genero, no Brasil já se movimentam 244 fabricas de tecidos de algodão, cujo capital se eleva á altura de réis 385.685:631$800.

Desse vasto arsenal de trabalho, onde se elabora uma industria vital para a economia de qualquer paiz, tanto na paz como na guerra, sae, por anno, uma producção avaliada, no minimo, na bella cifra de 775.791:053$885. Por sua vez 110.119 operarios ahi impulsionam, pela intelligencia que a educação technica adextra, levantando o nivel mental e as condições de vida do homem, nada menos de 2.502.288 fusos, num movimento isochrono com 65.651 teares. A dimensão dessa enorme producção attinge a 636.952.860 metros, correspondentes a 80.530.100 kilos de materia prima basica, consumida annualmente.

O Centro Industrial de Fiação e Tecelagem de Algodão é a força coordenadora, o orgão de captação, por assim dizer, dessa formidavel actividade que une, pelo trabalho, o extremo norte ao extremo sul do Brasil. Cerca de 35 °|° do capital total das nossas fabricas; cerca de 32 °|° da producção brasileira de tecidos de algodão; cerca de 35 °|° do numero de fusos; cerca de 30 °|° do numero de teares; finalmente, cerca de 25 °|° do algodão brasileiro utilizado pelas fabricas nacionaes, encontram no Centro Industrial de Fiação e Tecelagem de Algodão o orgão executivo que promove e acautela os interesses dessa vasta organização de trabalho e de capital, synthese perfeita da capacidade de realização dos brasileiros.

Centro Industrial de Fiação e Tecelagem de Algodão

RIO DE JANEIRO

OS LIVROS DO DIA

Como ha a fita do dia, novidade cinematographica que num certo momento arrasta para os templos da scena muda milhões de espectadores, ha tambem o livro do dia, primores de litera-tura ou escrinios de pensamento que empolgam todos os espiri-tos. E' o que se dá com as tres ultimas obras editadas pela Comp. Editora Nacional :

O PRINCIPE DE NASSAU,

romance historico de alta dramaticidade pelo victorioso autor da MARQUEZA DE SANTOS, Paulo Setubal, o escriptor mais lido hoje no Brasil,

HISTORIA DE UMA VIAGEM A' TERRA DO BRASIL

por Jean de Lery, que veio ao Brasil em 1578 com a expedição de Nicolau de Villegaigno

MINHA VIDA E MINHA OBRA

o formidavel livro de Henry Ford, de que já se venderam no mundo mais de dois milhões e está sendo considerado como a biblia do homem moderno. Traducção de Monteiro Lobato.

PREÇO 4$000

-:- -:- **EM TODAS AS LIVRARIAS** -:- -:-

CENTRO DOS INDUSTRIAES DE FIAÇÃO

E TECELAGEM DE SÃO PAULO

A industria de tecidos de algadão constitúe, hoje em dia um verdadeiro patrimonio nacional. Sua producção é avaliada em 1.500.000:0000$000 (um milhão e quinhentos mil contos). Nella encontram trabalho 11.065

-:- operarios -:-

BANCO ALLEMÃO TRANSATLANTICO

CAPITAL REALIZADO ..... Marcos 30.000.000
FUNDOS DE RESERVAS ..... Marcos 10.000.000

Matriz: DEUSTCHE UEBERSEEISCHE BANK EM BERLIM —— FUNDADO EM 1886

FILIAES: EM

BRASIL: RIO DE JANEIRO, Avenida Rio Branco, 79 e 81.
SÃO PAULO, Rua Alvares Penteado, 42
SANTOS, Rua Quinze de Novembro, 98 e 100
CURITYBA, Rua Marechal Floriano Peixoto, 5

ARGENTINA: BAHIA BLANCA, BUENOS AIRES, CORDOBA, MENDOZA, ROSARIO.

BOLIVIA: LA PAZ e ORURO.

PERU': AREQUIPA, CALLÁO e LIMA.

CHILE: ANTOFAGASTA, CONCEPCION, IQUIQUE, SANTIAGO, TEMUCO, VALDIVIA e VALPARAISO.

URUGUAY: MONTEVIDEO.

HESPANHA: BARCELONA e MADRID.

Representantes do Deutsche Bank de Berlim (Capital e reservas: mais de dous milhões de marcos) e das filiaes do mesmo. Correspondentes do Banco de la Republica Oriental de Uruguay no Brasil. **Faz todas as operações bancarias, especialmente: Cobranças de letras, documentos, coupons, dividendos, etc. Recebimento de dinheiro em conta corrente de movimento, a prazo fixo e indefinido.** — Emissão de cartas de credito saques e pagamentos por telegrammas e cartas sobre todas as praças do mundo.

COMPRA E VENDA DE MOEDAS ESTRANGEIRAS E TITULOS DE BOLSA NO BRASIL E NO ESTRANGEIRO

"The Madeira Mamorè Railway Co."

tem em trafego 366 kilometros de linha ferrea entre PORTO VELHO (no Rio Madeira) e GUAJARA'-MIRIM (no Rio Mamoré), pondo em communicação as ricas e futurosas regiões centraes da America do Sul com os portos da Europa e Estados Unidos.

Esta Companhia proporciona aos seus clientes da Bolivia Oriental todas as facilidades, taes como conhecimentos directos responsabilizando-se pelas mercadorias que lhe são confiadas, velando solicitamente por ellas, desde que o productor lh'as confia e entregando-as directamente aos destinatarios em qualquer parte do mundo.

Esta Companhia incorporou "The Madeira Mamoré Trading Co. Ltd." para desenvolver e auxiliar o commercio das regiões á que serve, recebendo á consignação todos os productos brasileiros e bolivianos e vendendo-os nos Estados Unidos e Europa, procurando esmpre as melhores vantagens para os seus clientes, para os quaes se encarrega de adquirir e transportar todos os artigos de que possam precisar.

Egualmente encorporou, uma empresa de navegação fluvial que faz o serviço dos rios Madeira, Mamoré, Beni e Guaporé, abastecendo as populações e collectando a respectiva producção, que conduz ás estaçeõs da estrada para serem entregues em Porto Velho ou Manáos, nos transatlanticos que fazem a carreira entre o Amazonas e a Europa ou Estados Unidos.

Para informações sobre fretes maritimos, tarifas da Estrada, etc., dirijam-se a qualquer dos nossos escriptorios em Porto Velho, Manáos, Rio de Janeiro, ou na Matriz em

FRIARS LOUSE - NEW BROAD STREET, LONDRES, E. C. 2

S. A. Patria degli Italiani — R. Lavradio, 49 — Rio —

REVISTA DO BRASIL

PUBLICAÇÃO QUINZENAL

DIRECTORES

PANDIA' CALOGERAS, AFRANIO PEIXOTO,
ALFREDO PUJOL e PLINIO BARRETO —

REDACTOR-CHEFE

—: RODRIGO M. F. DE ANDRADE :—
Redacção e ad. — Rua Rodrigo Silva, 14, 1.º

NESTE NUMERO:

VOCAÇÃO E MARTYRIO DE JUNQUEIRA FREIRE . . . . AFRANIO PEIXOTO

POEMA DA RUA HUMAYTÁ — RONALD DE CARVALHO

O LADO OPPOSTO E OUTROS LADOS . . . . . SERGIO BUARQUE DE HOLLANDA

O FASCISMO (III) . . . . . CALÓGERAS

CORRESPONDENCIA INÉDITA DE MACHADO DE ASSIS

VIDA DE JOAQUIM NABUCO, POR SUA FILHA CAROLINA NABUCO

DIREITO PARLAMENTAR . . . NESTOR MASSENA

RECORDAÇÕES DE D. QUITERIA . . . . . JOÃO RIBEIRO

CRITICA DO GREGORIANO — MARIO DE ANDRADE

QUESTÕES MILITARES E NAVAES . . . . . O M. M. e F. DE PAULA CIDADE

NOTAS POR GILBERTO FREYRE, MANOEL BANDEIRA, RODIGO M. F. DE ANDRADE, MARTINS DE ALMEIDA E EMILIO MOURA.

ANNO I -- NUMERO 3 — 15 -- OUTUBRO -- 1926 — RIO DE JANEIRO

ANNUNCIAE NO

"Diario de Noticias"

de Porto Alegre - Rio G. do Sul

O grande matutino que conquistou pela sua feição moderna e justeza de opiniões a preferencia do publico riograndense, alcançando grande circulação em todo o Estado

SUCCURSAL NO RIO DE JANEIRO:

RUA RODRIGO SILVA 14 - 2º

Teleph. Cent. 2478

Revista do Brasil

ANNO I — RIO DE JANEIRO, 15 DE OUTUBRO DE 1926 — NUMERO 3

POLITICA

A vinda do Snr. Washington Luis ao Rio serviu para demonstrar mais uma vez o erro crasso em que se obstinam os jornalistas de opposição, arguindo de "politicos profissionaes" os homens que se revézam aqui nas cadeiras parlamentares e nos cargos publicos. O discurso pronunciado pelo presidente eleito, no banquete que lhe foi offerecido pelas classes conservadôras, evidenciou, realmente, que aquella pécha de profissionalismo é de uma injustiça profunda, applicada a S. Ex. As graves questões financeiras abordadas pelo futuro chefe do Estado em sua oração resôaram, no salão do Club dos Diarios, como trechos de uma sonnata difficil de Beethoven interpretados por uma segundo-annista distincta do Instituto de Musica. Os veteranos da bolsa e a velha guarda do commercio e da industria, que ouviram o Snr. Washington Luis falar da estabilisação cambial e de outros problemas, applaudiram-n'o como a um amador muito esforçado e esperançoso. Mas, á saida, achando embóra indulgentemente que aquelle exerciciosinho sobre a québra do padrão tinha sido decorado na pontinha do dêdo pelo novo presidente, os velhos lobos das finanças confiaram uns aos outros as suas apprehensões acêrca da execução feliz da peça. O amadorismo do Snr. Washington Luis, tão interessante no discurso e tão applaudido pelas classes conservadôras, principiou a inquietar a praça, lógo após ao banquete. No dia seguinte, o cambio degringolou na razão directa das emoções por que passaram durante a noite os commensaes do presidente, empolgados ainda pela sua eloquencia financeira.

Mas não é somente o Snr. Washington Luis que nos apparece como desmentido cabal áquella insidiosa accusação de profissionalismo politico. Tambem as personalidades indicadas como de seus provaveis auxiliares de governo apresentam todas as caracteristicas de amadôres para as funcções que devem exercêr. Senão, vejamos os nomes divulgados nos ultimos dias como escolhidos para secretarios de Estado do presidente-eleito:

Justiça — Vianna do Castello.
Fazenda — Getulio Vargas.
Agricultura — Lyra Castro.
Viação — Victor Konder.
Exterior — Octavio Mangabeira.
Etc., etc.

Quer parecer-nos, á vista dessa organisação ministerial, que o mais exigente partidario do amadorismo politico não escolheria melhor.

Entretanto, por uma circumstancia singular, pouca gente deu credito ás primeiras noticias que circularam sobre a constituição do novo governo. Até agora, com effeito, ha quem esteja ainda á espera de uma rectificação do nome de futuros ministros, feita pelo presidente eleito. A cada espectativa, podemos corresponder affirmando, *data venia* dos manes de Alphonse Karr e de outros que o futuro ministerio ficará assim organisado de fórma definitiva:

Justiça — Washington Luis.
Fazenda — Washington Luis Pereira de Souza.
Agricultura — Dr. Washington Luis P. de Souza.
Viação — Illmo. Snr. Dr. Washington Luis Pereira de Souza.
Exterior — Exmo. Snr. Dr. W. Luis P. de Souza.
Guerra — General Washington Luis.
Marinha — Almirante Washington Luis Pereira de Souza.

Isso, salvo pequenas alterações de ultima hora, que pódem consistir na substituição do general Washington Luis na pasta da guerra pelo Dr. Washington Luis Pereira de Souza, passando o primeiro para o ministerio da agricultura.

Foi *tão* imprevista a composição do novo ministerio, que se atribuiu ao actual presidente da Republica uma interferencia poderosa na escôlha dos auxiliares de seu successor. Lógo que se divulgaram os nomes dos futuros Secretarios de Estado, correu por toda parte o rumôr de que occorrêra com o Snr. Washington Luis o mesmo que se passára em 1914 com o Snr. Wenceslão Braz. Este ultimo, como é sabido, tinha desembarcado de Minas trazendo no bolso uma lista de personalidades mais ou menos illustres com que projectava ornar o seu governo. Chegára ao Rio nas vesperas de ascender ao poder, carregado de bôas intenções politicas e administrativas, accumuladas em quatro annos de retiro bucólico e piscoso em Itajubá. O general Pinheiro Machado, porém, conseguiu fazer com que o homem publico mineiro, ao fim de uma penosa conferencia realisada no hotel Metrópole, trocasse as suas intenções excellentes e os seus excellentes ministros por disposições e secretarios de outra sórte.

Agóra, segundo muita gente, o episidio se teria repetido entre o Snr. Arthur Bernardes e o Snr. Washington Luis. O presidente eleito mantinha acêrca da organisação de seu ministerio uma reserva que não se afigurava muito tranquillisadôra para os que desejavam a continuidade da actual orientação politica do governo. Effectivamente, pouco menos de um mez antes de tomar posse, o futuro chefe do Estado persistia numa discreção completa a respeito da escôlha de seus auxiliares e esse silencio obstinado se interpretava como indicio de que S. Ex. pretendia obstar qualquer intervenção extranha na composição do ministerio. Ora (dizia-se), se elle se precavém contra a ingerencia de terceiros nesse assumpto, é que pretende adoptar algum critério menos conforme ao gosto da facção partidaria dominante. Porque, contra a minoria, não tinha necessidade de precavêr-se. E, em vista dessas considerações e de outras, os personagens mais salientes do circulo do Snr. Arthur Bernardes mal podiam disfarçar as suas apprehensões.

O actual presidente, porém, conservava sempre uma calma imperturbavel. Sendo o mais interessado em que o futuro governo seguisse a impetuosa directriz politica que traçou no poder, o Snr. Bernardes não perdia, apezar de todos os rumôres que corriam, aquella tranquilla segurança de si mesmo, que é um dos aspectos mais caracteristicos de sua individualidade. Dir-se-ia que, para S. Ex., a organisação do ministerio do Snr. Washington Luis tinha uma importancia muito secundária.

Eis senão quando, um bello dia, surgem na Camara, triumphantes, os amigos enthusiastas do chefe do Estado, a lançar os nomes surprehendentes dos novos ministros. Estava ganha a partida. E contavam, então, em segredo, que o Snr. Arthur Bernardes chamára ao Cattete o seu successor e, com a maior tranquillidade, lhe solicitára que enumerasse os secretarios que havia convidado ou pretendido convidar. Ao que o Snr. Washington Luis se tinha submetido dôcemente, aceitando todas as objecções que o presidente lhe quiz fazer e acabando por deixar que este compuzesse ao seu sabor o futuro governo.

E ao que se diz, não teria parado ahi a ardilosa influência do actual sobre o futuro presidente. Continuando a manobra, parece que o Snr. Bernardes se interessou particularmente pela opinião e pelas intenções do seu successor referentes ao estado de sitio e á amnistia. Que lhe dissesse o Snr. Washington si realmente pretendia iniciar o seu governo com o levantamento do primeiro e a concessão da segunda, conforme se annunciava. Pois no caso affirmativo, a terem de ser tomadas taes medidas, de tão seguro effeito de popularidade, julgava-se o Snr. Bernardes com liquido e incontestavel direito de preferencia para executal-as. De outra maneira, poucos governos teriam, como o do Snr. Washington occasião assim propicia á facil e imediata conquista do favor publico, em

detrimento do seu antecessor. S. Ex. o Snr. Bernardes, porém, é que não vai na onda e ainda uma vez, com uma pequena pergunta, introduziu ligeiras modificações nos projectos politicos para o quadriennio proximo.

A proposito da recente estadia do Snr. Antonio Carlos no Rio e das probabilidades que tem o Snr. Vianna do Castello de ser um dos membros do futuro governo, contava-se ha pouco uma historia curiosa. Dizia-se que, ao abrir-se o problema da successão do Snr. Mello Vianna, o actual Secretario da Agricultura do Estado de Minas era o candidato do peito do Snr. Arthur Bernardes para a presidencia daquella unidade da Federação. Partidario fidelissimo e extremado do chefe da Nação, o deputado mineiro que exercia então com zêlo alvoroçado as funcções de leader da maioria terá tido ao seu alcance, segundo essa versão, o posto que veio a caber ao Snr. Antonio Carlos. Entretanto, por puro desinteresse pessoal e amôr á união da familia mineira, elle dissuadiu o presidente da Republica de empenhar-se por uma solução que talvez não fôsse muito do agrado do Snr. Mello Vianna. Dahi, a iniciativa da apresentação da candidatura do Snr. Antonio Carlos, emanada habilmente do Cattete, antes que pudesse ser lançada pelo palacio da Liberdade. Nessas manobras rapidas, o Snr. Vianna do Castello teria sido o conselheiro ardiloso do Snr. Arthur Bernardes, emquanto, em Minas, o Snr. Bias Fortes Filho haveria representado o papel de espirito-santo-de-orelha do Snr. Mello Vianna.

A moralidade dessa historia era edificante, segundo uma das pessôas que a referiam. O desvêlo e o desinteresse do Snr. Vianna do Castello, no caso da successão mineira, lhe teriam valido a indicação encarecida do seu nome, feita pelo Snr. Arthur Bernardes, para uma das pastas do proximo governo.

Referiram telegrammas de Hespanha, ha dias, que o general Primo de Rivera, chefe do gabinete e superintendente da politica e da administração daquelle reino, fôra ruidosamente vaiado, em lugar publico, por occasião de grande solemnidade official.

A noticia é das clasificadas de sensacionaes pela pessoa de que se trata e pelas circumstancias. Na ausencia de pormenores, de que o telegrapho é sempre avaro, não é possivel avaliar a gravidade do episodio, tendo o commentario de contentar-se em divagar mais ou menos philosophicamente, e um tanto á tôa.

A vaia não deixa de ser arma de uso frequente, embora deselegante, e já tem passado, de outras vezes, da platéa dos theatros e das archibancadas dos circos e das praças de touros, ao campo largo da politica.

Embora repugnante ás naturezas delicadas, por ser um recurso de guerra que póde ir do assovio e da gritalhada, com acompanhamento de tacões, até os mais impetuosos excessos de brutalidade, é, todavia, em dadas occasiões e circumstancias, o unico desafôgo, a valvula unica por onde pódem escapar os excessos de compressão e de vexame. Tanto a platéa que se sente ludibriada por um artista, um empresario de theatro, como a que acompanha o trabalho e manobras dos artistas e empresarios da politica, ainda mais frequentemente ludibriada, tem recorrido muita vez á vaia, como respiradoiro e desafronta.

Não ha atenuante para o odioso congenito da vaia, quando, por exemplo, é a turba de espectadores que assovia e grita e berra, lançando palavrões e ovos pôdres a um actor e, ainda mais, a uma actriz, abusando, covardemente, da sua superioridade, em numero, em armas e em forças. Muito atenúa, porém, o odioso de semelhante desforço, quando ha equivalencia dos recursos de ataque e de defesa, entre os dois campos, dispondo o vaiado de meios de reacção immediata e podendo tirar a sua desforra, por varias maneiras, como já se tem visto, em casos de vaias e assuadas de ordem politica, do povo contra a usurpação ou a tyrannia.

Fica, portanto, uma coisa pela outra e é essa compensação que torna a vaia de uso eterno, se eterna fôr a humanidade.

Terão, de certo, assim reflectido o commandante em chefe da Hespanha actual e os

outros agentes do poder e da autoridade, alvejados por semelhante manifestação publica de desagrado.

Anda muito na berra a representação da minoria, na proxima legislatura. Puzeram em fóco essa hypothese alguns governadores, de inteira boa fé, acreditamos nós, mas ha muito quem não acredite e pense que o que elles quizeram foi porem-se em fóco elles mesmos, na ingenua sympathia da platéa. A maldade humana é sem limites...

Entretanto, na apoucada capacidade que temos, ou presumimos ter, para julgar a gente e as coisas da politica, uma e outras tão difficeis de entender, valha a verdade, parece nos que a boa e louvavel intenção desses estadistas, ungidos de tamanha tolerancia e tão largo liberalismo, terá de esbarrar, inevitavelmente, nesta difficuldade insuperavel — não haver minoria a fazer-se representar, em quatro quintos da totalidade dos Estados desta federação democratica e liberrima, ao seu modo, bem entendido.

Fazendo esta reflexão e resolvidos, muito anchos de ter dado no vinte, a fixal-a em letra de fôrma, para regalo dos leitores destas notas, quizemos, entretanto, submettel-a ao juiso auctorisado de varios próceres da representação nacional.

Foi unanime a declaração de improcedencia da obrigação e todos, com a mais cortez boa vontade, foram solicitos em tirar-nos do nosso simplorio engano.

E explicaram que a falta ou ausencia de minoria ou opposição não é coisa que possa impedir ou, apenas, embaraçar um governador, que sabe o seu papel de suffragio popular, de fazer figura dando representação á minoria para gaudio da platéa e gloria do seu liberalismo e fidelidade ao regimen. O partido do governo, tanto da União como dos Estados, tem sempre gente de sobra para qualquer sacrificio, de sorte que não falta quem se preste, abnegada e estoicamente para figurar de opposição *ad hoc* e para o effeito de se deixar eleger deputado, como representação da minoria.

Tão simples!...

Vocação e martyrio de Junqueira Freire

I

Prisioneiros, dentro de nós mesmos, o mundo exterior, nossos mesmos semelhantes, só nos são sensiveis, e só nos importam, nas referencias á nossa propria personalidade, pelas nossas sensações, juizos, volições. O homem não é apenas a medida de tudo: cada um de nós refere a si e compassa o seu universo, convertido ao estalão, maior ou menor, do alcance de cada qual. Dahi a diversidade, a variabilidade, do gosto, do criterio, da acção, *quot capita, tot sensus*, da sabedoria popular.

Com taes fundamentos, certa theoria, ethica e esthetica, deve ter razão. Não é a primeira vez, e espero não seja a ultima, que a propago: aos homens desatentos já se aconselhou a unica efficaz figura de rhetorica ,a repetição. Antes desse, outro conselho, tambem sabio, dissera que o justo bem pode ser dito duas vezes.

A obra humana, de arte, de sciencia, de acção, é apenas o ephemero e relativo titulo individual que, dos contemporaneos e pósteros, reclama a attenção para o homem: elle é que deve fixar a curiosidade, o interesse, o enthusiasmo ou o horror da humanidade, exemplar humano que comparamos a nós mesmos, que não somos artistas, sabios, heroes. Passa uma obra de conversão da gentilidade, não passará mais S. Paulo, ou S. Francisco Xavier, ou Anchieta. O juizo do mundo e sua interpretação varia, mas Aristoteles, Bacon, Spencer ficarão. Que importam novos modos de sentir? Phidias, Raphael ou Beethoven terão gloria assegurada. Discordaremos de Cesar, de Torquemada, de Bonaparte, elles terão nossa perpetua curiosidade.

Suas obras, a dos santos, dos poetas, dos sabios, dos politicos, illustrarão suas vidas, reclamando para ellas o culto ou a aversão dos semelhantes. A celebridade é o direito que se adquire a impressionar os outros homens, a custo de sensibilidade, de intelligencia, de vontade. E ás vezes se verificará que essa vida é mais interessante do que a mesma obra, que reclamou a attenção para a vida...

Pode o caso de Junqueira Freire illustrar a lei e este seu corolario. Foi um menino, um rapaz, tonto como todos os outros, mais ainda extremado por doente, e maximé pela sensibilidade desregrada do tempo, a do romantismo. Sacrificou uma vida precaria e um talento precoce, de que deixou indicios, a propositos absurdos, isto é, apaixonados, portanto humanos: foi a obra que chamou a attenção para a vida, foi a vida que lhe fez perdurar a obra. Separados, talvez não conhecessemos a Junqueira Freire. Não teremos curiosidade pelos rapazes e raparigas despeitados que, todos os dias, ingressam nos conventos; pouco nos importam os versos mais ou menos faceis que os sujeitos arranjados e comedidos publicam por ahi, todos os dias. Elle teve talento, o que é sempre admiravel, e não teve juizo, o que, apesar de muito vulgar, é sempre curioso: adquiriu com isto direito á posteridade.

Do talento precoce ficaram provas. Nascido na Bahia a 31 de dezembro de 1832, primogenito de José Vicente de Sá Freire e de d. Felicidade Augusta Junqueira, doente na primeira infancia, foi com pausas que se pôde educar, na aula primaria e nos estudos secundarios. Cresceu demasiado para a idade e dahi, talvez, a lesão cardiaca, por hypertrophia do coração, que, anos depois, aos 23 apenas de idade, o havia de matar. Mas aos 17 já poetava, imitando a Horacio, que o estudo do latim lhe proporcionára, Nicolau Tolentino, cuja satyra lhe agradara á irreverencia da idade, Gonçalves Dias, proclamado o nosso maior lyrico romantico, e o Garrett da "Dona Branca", e o Alexandre Herculano da "Harpa do Crente", entre as jocosidades sem graça contra a vida monastica e a religião sem dogmas e sem ritos, de uma philosophia sem consistencia...

Essas incliniações dar-lhe-iam na poesia nacional uma nota original, que, na literatura portugueza, muito mais tarde, mais perfeita na forma, mas egualmente metaphysica, ia a ser a de Anthero de Quental. Este, como que reconhecia affinidades com o infeliz poeta brasileiro, sendo-lhe, por isso talvez, o melhor critico: compassivo, com a relatividade indispensavel, justo, portanto. E' Anthero quem delle diz, a um correspondente: "Junqueira Freire é de primeira ordem, um verdadeiro poeta... Era frade, frade por desgosto amoroso, e morreu aos (*sic*) 24 annos! Se não morre seria dos primeiros do seculo, que lhe sinto, no que deixou, elementos para isso. O que noto, em geral, nos brasileiros, é que não são *poetas literatos*, mas verdadeiros, apaixonados, arrastados por um fluxo intimo de sentimentos. Por isso são vivos, ainda quando imperfeitos como artistas, como são quasi todos. Mas ha nelles uma sinceridade de inspiração, uma verdade e frescura, uma graça natural de expressão, que me encantam..." (1) Nessa carta referia-se tambem, e expresamente, a Alvares de Azevedo e a Castro Alves, innegavelmente os dois genios de nossa poesia no seculo passado, um que se não realizou totalmente aos 21 anos, outro que aos 24, milagrosamen-

(1) Anthero de Quental — *"Im memoriam"*, Porto, 1896: Carta XVII, a Joaquina de Araujo, 3 de nov. 1880.

te, tinha realizado uma obra social e patriotica, perfeita, em versos admiraveis que ainda hoje lêem entre leitores e ouvintes, commovidos e enthusiasmados.

Junqueira Freire teve a sua nota particular. O seu lyrismo romantico envelheceu, pelos dois graves defeitos do tempo: o excesso verbal, incontinente, que afogava a rara idéa, no fluxo inutil das palavras, ou o pieguismo sentimental dos versinhos, para meninas e moças romanticas. Os seus modelos, a "D. Branca" e a "Harpa do Crente" podiam ser reduzidos a um quinto, tolhidos das dissertações inuteis, sem graça num, sem proposito no outro, e que os tornam hoje fastidiosos: eram do tempo essas demasias; a forma enxuta, concisa, sem excessos, perfeita, é de outra epocha. Os seus criticos transigem com o mau gosto do versinho sentimental, e citam todos uma de suas poesias mais conhecidas, "A orphan na costura", que exemplifica o genero:

"Minha mãe era bonita
Era toda a minha dita
Era todo o meu amor...

Não é esse o Junqueira Freire, digno ainda de ser lido hoje. Elle está, a meu ver, nesse delicado quadro, em que ha talvez uma reminiscencia de seu primeiro mestre, Horacio: pelo menos, podera ser uma traducção de ode sua, e que o honraria:

TEMOR

Ao gozo, ao gozo, amiga. O chão que pisas
A cada instante te offerece a cova.
Pisemos devagar. Olha que a terra
Não se sinta o nosso peso.

Deitemo-nos aqui. Abre-me os braços
Escondamo-nos no seio um do outro:
Não ha de assim nos avistar a morte,
Ouk morreremos juntos.

Não falles muito. Uma palavra basta
Murmurada, em segredo, ao pé do ouvido.
Nada, nada de voz, — nem um suspiro.
Nem um arfar mais forte...

Falla-me só c'o revolver dos olhos.
Tenho-me affeito á intelligencia delles.
Deixa-me os labios teus, rubros de encanto,
Sómente p'ra os meus beijos.

Ao gozo, ao gozo, amiga. O chão que pisas
A cada instante te offerece a cova.
Pisemos devagar. Olha que a terra
Não sinta o nosso peso.

E' delicadamente epicurista, horaciano, e está ao sabor do tempo, de todos os tempos, pois que sempre haverá delicados espiritos ironicos que prefiram enganar as ideias tristes da vida, e dellas a mais triste, a da morte, com o gozo discreto do momento que passa:

Pisemos devagar. Olha que a terra
Não sinta o nosso peso.

E se um ciumento destino no-la mandar, a morte, que venha; como os sabios da philosophia antiga a recebe-la-emos sorrindo:

MORTE

Pensamento gentil de paz eterna,
Amiga morte, vem. Tu és o termo
De dous fantasmas que a existencia formam,
—Dess'alma vã e desse corpo enfermo.

Pensamento gentil de paz eterna,
Amiga morte, vem. Tu és o nada,
Tu és a ausencia das moções da vida,
Do prazer que nos custa a dôr passada.

Pensamento gentil de paz eterna,
Amiga morte, vem. Tu és apenas
A visão mais real das que nos cercam
Que nos extingues as visões terrenas.

Amei-te sempre: — e pertencer-te quero
Para sempre tambem, amiga morte.
Quero o chão, quero a terra, — esse elemento
Que não se sente dos vaivens da sorte.

Para tua hecatombe de um segundo
Não falta alguem? — Preenche-a commigo:
Leva-me á região da paz horrenda,
Leva-me ao nada, leva-me comtigo.

Myriadas de vermes lá me esperam
Para nascer de meu fermento ainda,
Para nutrir-se de meu succo impuro
Talvez me espera uma plantinha linda.

Vermes que sobre podridões refervem,
Plantinha que a raiz meus ossos ferra,
Em vós minha alma e sentimento e corpo
Irão em parte aggregar-se á terra.

E depois, nada mais. Já não ha tempo,
Nem vida, nem sentir, nem dor, nem gosto.
Agora o nada, — esse real tão bello,
Só nas terrenas visceras deposto.

Facho que a morte ao lumiar apaga,
Foi essa alma fatal que nos aterra.
Consciencia, razão, que nos affligem
Deram em nada ao baquear na terra.

Unica idea ou a mais real dos homens
Morte feliz — eu quero-te commigo,
Leva-me á região da paz horrenda,
Leva-me ao nada, leva-me comtigo...

Entre Byron e Baudelaire, que a um não conheceu, talvez, e a outro não poderia conhecer, está mais um poeta "damné", e esse accento é novo e insolito na poesia brasileira. Alvares de Azevedo, contemporaneo do nosso, mas que elle não chegou a ler, tambem menosprezou a morte, mas protegeu-se de "humourismo", que é o disfarce comico da sensibilidade dolorida:

Que noiva! e devo então dormir com ella?
Se ella ao menos dormisse mascarada...

Nosso poeta, não; pede e chama a morte, conforto e consolação, "pensamento gentil de paz eterna", ao nada tranquillo e feliz, sem mais dor, nem razão. Esse nihilismo só trinta anos mais tarde teria um éco sublime em Madame Ackerman. Nossos poetas nunca o ousaram e os criticos prudentes, senão religiosos, nem sequer o comentaram. Creio que ha apenas uma palavra, sem insistencia, e a outro proposito, em José Verissimo.

Dahi, á rebeldia luciferiana, havia apenas um passo: Junqueira Freire não vacilou em dá-lo, num poema, talvez o mais bello dos seus, pois que é um grito de desespero: como um Job, que se fizesse réprobo.

DESEJO

Se além dos mundos esse inferno existe
Essa patria de horrores,
Onde habitam os tetricos tormentos,
As ineffaveis dores.

Se alli se sente o que jamais na vida
O desespero inspira
Se o suplicio maior, que a mente finge,
A mente alli respira.

Se é de compacta, de infinita braza
O solo que se pisa:
Se é fogo, e fumo, e sulphur, e terrores
Tudo o que alli se visa;

Se alli se goza um genero inaudito
De sensações terriveis;
Se alli se encontra esse real de dores
Na vida não possiveis;

Se é verdade esse quadro, que imaginam
As seitas dos christãos;
Se esses demonios, anjos maus, ou furias,
Não são uns erros vãos;

Eu — que tenho pisado o collo altivo
De vária e muita dor;
Que tenho sempre das batalhas della
Surgido vencedor;

Eu — que tenho arrostado immensas mortes
E que pareço eterno,
Eu quero de uma vez morrer p'ra sempre
Entrar emfim no inferno.

Eu quero ver se encontro alli no abysmo
Um tormento invencivel,
— Desses que achá-los na existencia toda
Jámais será possivel!

Eu quero ver se encontro alguns supplicios
Que o coração me domem;
Quero lhe ouvir esta palavra incognita:
— Chora por fim, — que és homem!

Que, de arrostar as dores desta vida,
Quasi pareço eterno!
Estou cançado de vencer o mundo
Quero vencer o inferno!

E' possivel, aqui e ali, um deslise de forma, peccado aliás romantico; é possivel uma repetição de idéa, tambem intemperança romantica: não conheço grito de desespero mais ousado e que exceda a quanta hyperbole, de Byron a Esponceda, de Baudelaire a Carducci, o genio poetico rebelde e dellrante tenha atrevido. E, nessa nota geral, que bastaria para consgrar um poeta, duas outras que marcam uma sensibilidade pervertida, mas independente. Um, é o sadismo das "ineffaveis dores", do "goso de sensações terriveis"; outra, é a sobranceria do genio, combatido, mas não vencido, "pisando o collo altivo da dor", "arrostando immensas mortes"... E entrar no inferno, para vencer o inferno, é empresa divina, a que se arrouba o poeta: um tal delirio marca, fatidicamente, um poeta de genio. O de Junqueira Freire teve alguns desses raros clarões e se abysmou, em busca da morte, na vida e nas contradições da vida.

(*Continúa*) AFRANIO PEIXOTO.

Poema da rua Humaytá

Brincam as crianças na tarde quieta,
pelas folhas dos morros os aromas brincam . . .

O dia tão lindo que passou

o dia tão lindo!

Brincam as crianças . . .
Quentura de mãos dadas
sabor de leite e fruta
gostos acidos
bocas humidas
linhos cheirosos, babados, fitinhas . . .

Os morros são berços que embalam as folhas.

As crianças brincam na tarde quieta.
Rodar
balançar
rodar

balançar . . .

A noite que chega!

Torpor . . .

No céo todo azul brincam as estrellas.

RONALD DE CARVALHO.

O lado oposto e outros lados

Qualquer pessoa que compare o Brasil intelectual de hoje com o de ha dez anos, não pode deixar de observar uma divergencia apreciavel entre os dois "momentos", não só nos pontos de vista que os conduzem como ainda mesmo nos individuos que os esprimem. Não quero insistir na caracterisação dessa divergencia, que me parece profunda, nem vejo em que poderia ser util mostrando o motivo que me leva a preferir um ao outro.

Está visto que pra mim os que esprimem o momento actual neste âno de 1926 contam muito mais do que os de 1916. A gente de hoje aboliu escandalosamente, graças a Deus, aquele cepticismo bocó, o idealismo impreciso e desageitado, a poesia "bibelô", a retorica vazia, todos os idolos da nossa inteliguentzia e ainda não é muito o que fez. Limitações de todos os lados impediam e impedem uma acção desembaraçada e até mesmo dentro do movimento que sucitou esses milagres têm surgido germens de atrofia que os mais fortes já começam a combater sem treguas.

E' indispensavel para esse efeito romper com todas as diplomacias nocivas, mandar pro diabo qualquer forma de hipocrisia, suprimir as politicas literarias e conquistar uma profunda sinceridade pra com os outros e pra comsigo mesmo. A convicção dessa urgencia foi pra mim a melhor conquista até hoje do movimento que chamam de "modernismo". Foi ela que nos permitiu a intuição de que carecemos, sob pena de morte, de procurar uma arte de espressão nacional.

Não se trata de combater o que já se estinguiu, e é absurdo que muitos cometem. Mesmo em literatura os fantasmas já não pregam medo em ninguem. O academismo, por exemplo, em todas as suas varias modalidades — mesmo o academismo do grupo Graça Aranha-Ronald Renato Almeida, mesmo o academismo de Guilherme de Almeida — já não é mais um inimigo, porque êle se agita num vazio e vive á custa de heranças. As figuras mais representativas desse espirito academico e mesmo as melhores (como é o case dos nomes que citei) falam uma linguagem que a geração dos que vivem esqueceu ha muito tempo.

Alguns dos seus representantes — refiro-me sobretudo a Guilherme de Almeida e a Ronald de Carvalho — graças a essa "intelligencia aguda e subtil" que foi o paraizo e foi a perda da geração a que êles pertencem, aparentarem por certo tempo responder ás instancias da nossa geração. Mas hoje logo á primeira vista se sente que falharam irremediavelmente. O mais que êles fizeram foi criar uma poesia principalmente brilhante: isso prova que sujeitaram apenas uma materia pobre e sem densidade. De certo modo continuaram a tradição da poesia, da literatura bibelô, que nós destestamos. São autores que se acham situados positivamente "do lado oposto" e que fazem todo o possivel para sentirem um pouco a inquietação da gente da vanguarda. Donde essa feição de obra trabalhada conforme esquemas premeditados, essa ausencia de abandono e de virgindade que denunciam os seus livros. *Toda a America* e *Raça* seriam talvez bem mais significativos para a gente si não fosse visivel a todo o momento a intenção dos seus autores de criarem dois poemas geniais. Essa intenção é sobretudo manifesta em *Toda a America*. E' um dos aspectos que tornam mais lamentavel e pretencioso o movimento inaugurado pelos nossos academicos "modernisantes". Houve tempo em que esses autores foram tudo quanto havia de bom na literatura brasileira. No ponto em que estamos hoje *eles não significam mais nada para nós*.

Penso naturalmente que poderemos ter em pouco tempo, que teremos com certeza, uma arte de expressão nacional. Ela não surgirá, é mais que evidente, de nossa vontade, nascerá muito mais provavelmente de nossa indiferença. Isso não quer dizer que nossa indiferença, sobretudo nossa indiferença absoluta, vá florecer por força nessa espressão

nacional que corresponde á aspiração de todos. Somente me revolto contra muitos que acreditam possuir ela desde já no cerebro tal e qual deve ser, dizem conhecer de cór todas as suas regiões, as suas riquezas incalculaveis e até mesmo os seus limites e nos querem oferecer essa sombra em vez da realidade que poderiamos esperar deles. Pedimos um aumento de nosso imperio e êles nos oferecem uma amputação. (Não careço de citar aqui o nome de Tristão de Athayde, incontestavelmente o escriptor mais representativo dessa tendencia, que tem pontos de contacto bem visiveis com a dos academicos "modernisantes" que citei, embora seja mais consideravel).

O que idealisam, em suma, é a criação de uma élite de homens inteligentes e sabios, embora sem grande contacto com a terra e com o povo — é o que concluo por minha conta; não sei de outro geito de se interpretar claramente o sentido dos seus discursos —, gente bem intencionada e que esteja de qualmodo á altura de nos impor uma hierarquia, uma ordem, uma esperiencia que estrangulem de vez esse nosso maldito estouvamento de povo moço e sem juizo. Carecemos de uma arte, de uma literatura, de um pensamento enfim, que traduzam um anceio qualquer de construcção, dizem. E insistem sobretudo nessa panacéa abominavel da *construcção*. Porque para êles, por enquanto, nós nos agitamos no cáos e nos comprazemos na desordem. Desordem do que? E 'indispensavel essa pergunta, porquanto a ordem perturbada entre nós não é decerto não pode ser a *nossa ordem;* ha de ser uma coisa ficticia e estranha a nós, uma lei morta, que importamos, senão do outro mundo, pelo menos do Velho Mundo. E' preciso mandar buscar esses espartilhos pra que a gente aprenda a se fazer apresentavel e bonito á vista dos outros. O erro deles está nisso de quererem escamotear a nossa liberdade que é, por enquanto pelo menos, o que temos de mais consideravel, em proveito de uma detestavel abstração inteiramente inoportuna e vazia de sentido. Não me lembro mais como é a fraze que li num ensaio do francez Jean Richard Bloch e em que ele lamenta não ter nacido num paiz novo, sem tradições, onde todas as esperiencias tivessem uma razão de ser e onde uma espressão artistica livre de compromissos não fosse ousadia inqualificavel. Aqui ha muita gente que parece lamentar não sermos precisamente um paiz velho e cheio de herança onde se pudesse criar uma arte sujeita a regras e a ideais prefixados.

Não é para nos felicitarmos que esse modo de ver importado directamente da França, da gente da *Action Française* e sobretudo de Maritain, de Massis, de Benda talvez e até da Inglaterra do norte-americano T. S. Eliot comece a ter o apoio em muitos pontos do esplendido grupo "modernista" mineiro da "A Revista "e até mesmo de Mario de Andrade, cujas realisações apesar de tudo me parecem sempre admiraveis. Eu gostaria de falar mais longamente sobre a personalidade do poéta que escreveu o "Noturno de Bélo Horizonte" e como só assim teria geito pra dizer o que penso dele mais á vontade, pra dizer o que me parece bom e o que me parece mau na sua obra — mau e sempre admiravel, não ha contradição aqui — resisto á tentação. Limito-me a dizer o indispensavel: que os pontos fracos nas suas teorias estão quasi todos onde elas coincidem com as ideias de Tristão de Athayde. Essa falha tem uma compensação nas estupendas tentativas para a nobilitação da fala brasileira. Repito entretanto que a sua actual *atitude* intelectualista me desagrada.

Nesse ponto prefiro homens como Oswald de Andrade, que é um dos sujeitos mais estraordinarios do "modernismo" brasileiro; como Prudente de Moraes, neto; Couto de Barros e Antonio de Alcantara Machado. Acho que esses sobretudo representam o ponto de resistencia necessario. indispensavel contra as ideologias do constructivismo. Esses e alguns outros. Manuel Bandeira, por exemplo, que seria para mim o milhor poéta brasileiro si não ezistisse Mario de Andrade. E Ribeiro Couto que com *Um Homem na Multidão* acaba de publicar um dos três mais belos livros do "modernismo" brasileiro. Os outros dois são "Losango Cáqui" e "Pau Brasil".

SERGIO BUARQUE DE HOLLANDA.

O Fascismo

III

O profundo desassocego resultante dos resentimentos italianos no theatro internacional ia poderosamente influir em um meio no qual lavravam intensas perturbações oriundas de causas outras.

Conquistada pelo *risorgimento*, a unidade fôra o triumpho de uma minoria pensante, na qual visão de homens de Estado e energia de patriotas integralistas haviam vencido as tendencias separatistas e dispersivas que, desde a quéda do Imperio Romano, tinham retalhado a peninsula em uma pulverisação de soberanias minusculas.

Finda a campanha, os germens de individualismo excessivo invadiriam outro terreno.

Intangivel a obra de 1870, na disputa partidária do governo se manifestaria a vitalidade combativa dos politicos. E, entre a multiplicidade de grupos que então surgiram, se estabeleceu verdadeiro páreo de *surenchère*. Naturalmente, a reacção dos elementos conservadores manteria o equilibrio; não tanto, comtudo, que lograsse impedir a progressiva preponderancia das soluções socialistas, de programmas negativistas, de internacionalismo inquietador.

Nisto explodiu a guerra.

Como ao sopro do vendaval ruem comoros de areia inconsistente, arrasaram-se as construcções mentaes sem base na realidade humana. Sentiu-se, por toda a Europa, o irresistivel e dominador poder da tradição, da noção de patria ;ser moral a unir, no presente, o passado e o futuro; conjuncto de glorias, de soffrimentos, de realisações e de esperanças; ideal sempre vivo a symbolisar a familia, as crenças, o lar, a raça, suas victorias e seus anseios.

E num silencio sem gestos theatraes, acto de contricção viril, mais augusto e eloquente em sua simplicidade do que as mais alcandoradas phrases, foram socialistas de todos os paizes em lucta occupar na fileira os logares designados. Esvaira-se o sonho. Restava, cruento e superior, o dever nacional. Ao appello da Patria, ninguem faltou.

O terrivel cadinho, que foi a longa batalha de quatro annos, apurou essas qualidades másculas. A solidariedade intima que o combate géra entre os soldados; o alvo commum pelo qual pelejavam; a méta superior que os alentava a soffrer e morrer; tudo agiu com indescriptivel auctoridade para consolidar a mentalidade nova, forjando no sacrificio e no heroismo as velhas nações, que surgiriam renovadas da provação sem par.

Do ponto de vista patriotico, a frente em fogo era uma forja de refino, depuradora da alma nacional. Exigindo a dadiva integral de todas as vidas, a subordinação do individuo a um movel supra-humano, o desprendimento total e o altruismo absoluto, era um seminario de martyres em exaltado e purissimo ambiente de fé. Sentiam e sabiam esses homens que eram os actores reaes do drama, nessa desmedida epopéa.

A acção purificadora, porém, não se estendia ao resto do paiz. Era de ver o despreso com que, nas linhas de batalha, se acolhiam visitantes a procurarem, com o minimo de riscos, breves minutos de innocua emoção guerreira; ou repercutiam as empoladas tiradas daquelles que haviam permanecido á retaguarda, a salvo, e, ao perigo ingente, ás feridas e aos mortos, distribuiam suas louvaminhas de rhetorica balôfa ou decerniam ridiculas corôas de tropos.

Combatentes na lama e no sangue em atmosphera de morte, exigiam mais respeito por parte dos *embusqués;* e, no animo simplista da tropa, eram taes quantos se achavam no interior, longe das ameaças e dos perigos. Consideravam offensivas as piéguices e as phrases feitas dos distribuidores de epithetos e de recompensas, pontificando, ao abrigo, sobre os heroismos dos que baqueavam no campo da lucta.

Bourreurs de crâne, rude e energicamen-

te qualificou-os a eloquencia espontanea e indignada das trincheiras, em França.

E assim nasceu, se desenvolveu e cristallisou a funda hostilidade entre os que se batiam e os que, prudentemente, se haviam acoutado em serviços tranquillos, ou em funcções burocraticas ou politicas do interior, fujões e despresiveis como eram considerados.

Toda desmobilisação acarreta immensas difficuldades, technicas e economicas. Imagine-se, após o armisticio, ao voltarem os exercitos, a mortificação experimentada!... Esses homens, convencidos de que os nimbava a cada qual um halo de gloria, ainda ouviam louvores e preitos de admiração. Mas, em realidade, esbarravam com toda a situação economica e politica creada pela guerra, e que sua volta vinha desorganisar... Os heróes viravam intrusos e indesejaveis...

Augmentaram odios e accusações contra os politicos e advogados do Parlamento, que, aproveitando a situação, tinham lucrado com a guerra e alcançado posições e proventos, e deixavam abandonados e na miseria aos vencedores, sacrificados mas reaes, da lucta.

Ainda si houvessem conseguido para o paiz o premio de seus inauditos sacrificios, apresentariam certa attenuante ou consolo para a desillusão dos soldados. Mas, era o que se via: os ideaes internacionaes da Italia malbaratados e vencidos, quando não chasqueados; as terras não redimidas, no fundo do Adriatico; o paiz, ainda não integralisado, ferido em suas aspirações raciaes...

Na fogueira já accêsa, novo combustivel se juntava.

Havia mais.

A Italia, insufficientemente aproveitada do ponto de vista agricola, e pobre em carvão mineral, exigia vultuosas importações para manter a alimentação normal de seus habitantes. A guerra, impondo larga utilisação das frótas para transportes bellicos, forçosamente restringiria a vehiculação de hulha e de meios de subsistencia, em maior escala trazidos por navios extrangeiros, quer neutros, quer belligerantes. Os torpedeamentos reduziam ainda as disponibilidades em tonelagem mercante aproveitavel.

O conjuncto de taes factores produzia, na peninsula, verdadeira crise de sub-alimentação. Talvez, dos paizes alliados, tenha sido o reino mediterraneo o que mais gravemente soffreu de restricções dessa natureza, apesar da simplicidade de vida e da notoria sobriedade de seus filhos. Dahi, consequencias numerosas que reflectiam na economia de cada lar, empobrecendo-o e minguando-lhe a resistencia vital. Faceis de conceber, os soffrimentos physicos e moraes decorrentes de tal situação, soffrimentos que se prolongarem muito além do armisticio.

A essas familias depauperadas, a desmobilisação fez voltar seus chefes ausentes, e acostumados a passadio menos restricto; pois, como era natural, todos os sacrificios se accumulavam sobre a população não combatente, para manter assegurado o estalão de vida mais alto do soldado. Cessou esta orientação, quando suspensas as hostilidades. Voltava, portanto, o homem da frente, já amargurado e desilludido por outros motivos, para uma casa em que a privação era a regra.

Em todas as grandes commoções politicas ou sociaes, diz-nos a historia de todos os povos e de todos os paizes, baixa o nivel moral dos costumes.

Ante as ceifas sombrias que a guerra exige na flôr da população, nas camadas mais jovens e cheias de esperanças, apodera-se de todos uma ansia de viver, de gosar, de aproveitar intensamente o pouco de vida que lhes resta antes de tombarem nos prélios.

A nação inteira como que repete o "*morituri te salutant*" dos gladiadores antigos, e, como elles, vive sem freio. Não é méro desvario de sentidos. Nelle ha um fundo de generoso esquecimento de si-proprio por parte do elemento feminino, que não ousa negar-se, nem regatear seu proprio sacrificio, áquelles que, amanhã, talvez sejam immolados *pro aris et focis*.

Caracterisa a guerra moderna o não mais ser feita por profissionaes: a sociedade inteira se mobilisa, uns nas fileiras; outros nos serviços de retaguarda compativeis com edade e forças dos que ficam; as mulheres vão, nos campos, nas cidades, e nas fabricas, preencher os vacuos deixados pelos homens válidos em armas.

Dahi, para o sexo feminino, novos habitos de liberdade, novas frequentações, que lhe alteram profundamente a mentalidade. Masculinisa-se nos costumes, nas relações sexuaes, na intensidade e na grosseria da concurrencia economica. Quanta vez, a esposa ou filha, que se deixou guardando a casa, se transformaria para peior?

Nesse meio voltava o pae, o marido, o irmão, o filho ou o noivo. Quanto desespero, por vezes, a accrescer ás demais amarguras?...

Nem siçuer lhe eram sempre asseguradas as boas-vindas.

O operario que tornava, para a mulher que o havia substituido em sua faina costumeira, significava o emprego perdido ,a volta á pristina subordinação familiar, o abandono dos costumes novos a que se havia afeito. Para innumeras *déracinées* creadas pela guerra, foi este periodo um dos mais duros de sua existencia. Não é de admirar que muitas, definitivamente, se desclassificassem.

Em vez de festivo, o regresso representava maguas e desillusões e desesperos.

Vencedores desgraçados, ao voltarem do campo da victoria só encontravam ingratidões, esquecimentos e dôr...

Porquê? Quaes os responsaveis por tão immerecido castigo, após as promessas rutilantes de 1915?

Olhavam em torno de si. Nas relações internacionaes, a Italia ludibriada e mal defendida, diziam elles. Na vida interna, o governo não soubéra attenuar a crise terrivel da guerra e da paz, proclamavam ainda.

Politicos e Parlamentos, egualmente fulminados de ataxia, nada faziam nem impediam. Nas assembléas, debates e resoluções gyravam em torno de mesquinhos interesses pessoaes ou partidarios. Dos problemas nacionaes, ninguem cuidava.

Era esse ,accrescentava a opinião generalisada, mal ingenito das turbas deliberantes.

A Polonia antiga, em grande parte victima do *liberum veto*, havia desapparecido. Na Hespanha, a instabilidade do poder legislativo e dos partidos, fábrica continua de revoluções e de motins militares, tinha eliminado a noção de governo e de firmeza dos rumos politicos. Na Allemanha, incapazes de pensarem politicamente, partidos e Reichstag deixavam o antigo Imperio naufragar na bancarrota, nas desordens e nos erros injustificaveis em que se basearia a occupação franco-belga da Ruhr, e ante o sossobro as Camaras se agitavam, paralysada qualquer acção operante. Na França, o esforço de Poincaré, na presidencia do Concelho, mal conseguia equilibrar-se ante o embate das facções e dos grupos pessoaes; dentro em breve, a renovação do Poder Legislativo daria logar ao triumpho dos extremistas da esquerda republicana, abrindo a éra dos gabinetes-phantasmas, que se organisavam apenas para serem immediatamente derrubados, mantida sómente certa unidade nos rumos da politica externa pelo prestigio individual e pela influencia de raros homens de Estado, quasi inamoviveis em suas pastas, no kaleidoscopio parlamentar das mutações ministeriaes.

A Inglaterra, excepção unica, mantinha a apparencia, mas méra apparencia, de um governo de gabinete. Ahi mesmo, com o advento dos trabalhistas e dos partidarios do entendimento com a Russia, rude golpe fôra vibrado nos partidos tradicionaes da Grã-Bretanha.

Desde cedo, entretanto, fôra comprehendida a falha do systema, a instabilidade das assembléas deliberantes. Para obviar ao grave senão de um governo de multidões mais ou menos numerosas, havia sido adoptado, nas leis não escriptas do apparelho politico, um methodo peculiar.

Dous partidos já seculares a se revesarem por cyclos. Determinantes do momento da mutação, as livres manifestações eleitoraes de uma opinião publica escleracida e activa. Dentro em cada periodo, a dictadura do primeiro ministro, systematicamente apoiado por maiorias submissas, nas quaes a éthica partidaria e parlamentar não tolerava discrepancias, que, entre *gentlemen*, seriam inadmissiveis. Dictaduras successivas e alternadas, rotativas, pois, conforme os pronunciamentos evidentes e não coactos dos eleitores.

A precariedade do artificio teria de se evidenciar nos grandes conflictos politicos,

moraes, internacionaes, em que a Inglaterra viu periclitar seu systema de governo parlamentar, quebrados os velhos moldes partidarios: no *home-rule;* na lucta entre os regimes fiscaes, de liberdade e de protecção; na socialisação de certos encargos e iniciativas.

Nas Americas, espectaculo analogo se lhes deparava. Os mais sérios problemas externos, a propria assignatura dos Estados-Unidos, no tratado de Versalhes, pasto de competições partidarias internas. Uma paz separada, solução manca de uma tarefa de caracter collectivo, á qual Woodrow Wilson tinha apposto seu sello em nome da grande Republica.

Nos demais paizes, Executivos preponderantes de modo esmagador, a demonstrarem a exacta observação de Bluntschli sobre constituirem o poder primario por excellencia. Nelles, a actividade das Camaras não passava de méra agitação verbal, de maior ou menor insignificancia.

A Italia inteira, cançada e aspirando á regularisação e á efficiencia de seu governo, via prolongar-se a esteril anarchia de suas instituições legislativas. Aos seus problemas essenciaes, directamente ligados á sua existencia de grande potencia, ás suas mesmas necessidades internas da vida diaria, respondia o Parlamento com a nihilidade de sua acção, a futilidade das disputas pessoaes, o escandalo de mesquinhos conflictos partidarios.

Já as organisações anteriores á guerra não entendiam as massas profundas da população. Não comprehendiam a renovação mental e sentimental trazida pela grande prova cruenta. Socialistas de matizes vários ainda pensavam no plano internacional, quando a terrivel lucta havia consolidado alvos puramente nacionaes. Ainda propugnavam alguns chefes retardatarios soluções desintegradoras, ao passo que seus antigos soldados haviam pelejado e morrido pelo ideal da concentração das energias nacionaes, italianas, em torno da mesma Italia. E assim se revelou o extranho espectaculo de tropas que renegavam seus commandantes, porque estes não tinham entendido, e mesmo trahiam, aos impulsos motores vitaes dos interesses collectivos superiores da nacionalidade resurgida.

Emquanto taes chefes, com rhetoricaôca e bracejamentos no vácuo, em ambiente em que não mais encontravam écho nem correspondencia, brandiam conceitos peremptos e fórmulas já antiguadas, os portadores dos conceitos novos, apóstolos de uma verdade outra, baptisada por quatro annos de guerra e de experiencia dos males causados pelas passadas directivas; homens novos na politica italiana, cheios de fé, de ardor e de enthusiasmo, organisavam pelo reino inteiro os elementos de combate com que contavam vencer, no ataque formidavel que se ia levar aos processos avelhantados, já sem valor.

No Sul da Italia, a repercussão foi menor. A agitação manifestou-se principalmente da Apulia para Norte.

Os conservadores temiam triumphos illimitados do socialismo, quaes os exigiam os representantes parlamentares do partido; por isso viam sem antipathia a corrente nova que proclamava a necessidade de combater todas as forças desintegradoras do paiz, e de fortalecer a tradição, as conquistas dos maiores, e de solver favoravelmente as grandes questões das terras irredentas e do patrimonio colonial.

Os socialistas tentaram reagir. Defrontaram largas tropas de seus antigos adeptos, inteiramente transformadas pela guerra, com o culto do ideal italiano e do fortalecimento dos valores proprios do paiz. Entibiaram.

De um a outro extremo da peninsula, ao appello de chefes infatigaveis, magnetisadores das massas, organisadores peritos, sabendo falar aos sentimentos profundos das turbas, formaram-se as legiões dos combatentes pela renovação da Italia.

Fundiram-se em um unico e gigantesco grito de assalto, os brados de miseria, de angustia, de desespero e de revolta de um povo que se julgava ludibriado e expoliado. Encontrou cabeças dirigentes, audazes, conhecedoras das aspirações collectivas, destemidas e enthusiastas.

O fascismo, nascente e já victorioso, não foi motim nem rebeldia. Foi uma revolução, sahida do soffrimento e dos anseios nacio-

naes de desilludidos, movido por innumeras victimas da politica partidaria da Italia antes e durante a lucta. Agiram em meio da neutralidade sympathica, sinão da propria cumplicidade, do paiz inteiro.

Era a solução nacional forçada, pelo momento, do problema de governo, ante um parlamentarismo desprestigiado, sem forças, exgottado, incapaz e morto.

Tinha de vencer.

E, em phase propicia, se iniciou a marcha sobre Roma.

(Continúa). CALOGERAS.

Correspondencia inédita de Machado de Assis

As cartas que se encontram abaixo fazem parte da vasta correspondencia de Machado de Assis a Mario de Alencar, de 1895 *a* 1908. *Nesse archivo absolutamente inédito ha documentos de grande interesse humano e literario, que desvendam aspectos mal conhecidos da personalidade singular do autor das "Memorias Postumas de Braz Cubas".*

Devemos a sua divulgação á extrema generosidade de Jorge de Alencar.

Rio, 20 de Novembro de 1902.

Meu caro Mario,

Muito obrigado pelas suas felicitações á Secretaria; é um modo delicado de achar em mim qualidades que, a existirem, a idade as terá levado ou diminuido. Quanto ao abraço cá fica como prova de amisade. Tambem fica o livro, de versos, presente e lembrança, cuja primeira pagina acabo de ler e é a melhor porta que podia dar ao edificio; adivinhei a pessoa que a inspirou e saboreei o sentimento que exprime. Tambem adivinho que o livro corresponderá á carta em que a valia do dizer se forra de tão doce modestia. Vou lel-o como merece o seu talento. Ainda uma vez obrigado. Acceite um abraço do

Velho amigo,

Machado de Assis.

---

11 de Dezembro de 1902.

Meu querido Mario,

Cá recebi a sua carta, e vejo que adivinhou a autoria da noticia da *Gazeta.* Sim, é minha; disse em poucas palavras o que sinto dos *Versos* e do autor. Juntando o seu nome ao de Magalhães de Azeredo, comprehendo bem que seria agradavel a ambos.

Estimo que as animações que alli puz achem no seu espirito culto e fino o necessario effeito, e folgo de haver acertado. Tem a idade, tem os estimulos, e destes, além dos que lhe podem dar os vivos, contará sempre o do nosso grande morto. Tem já o respeito da arte, que é muito.

Adeus, até á primeira.

Am.° Velho,

Machado de Assis.

Nova-Friburgo, 10 de Fevereiro de 1904.

Meu caro Mario,

Dato esta carta de Nova-Friburgo, donde pretendo descer no dia 25 ou 26 deste mez. Escrevo-lhe especialmente para que me diga, se é possivel, o que ha relativamente á casa da Academia Brasileira. O *Jornal do Commercio,* referindo-se antehontem, creio eu, ao complemento do edificio da Lapa, diz que se não sabe ainda o destino que elle terá. Penso que sobre isto ha já decisão do Sr. Ministro do Interior. Houve acaso alteração, excluindo a Academia? Confie-me o que ha, se não ao Presidente da instituição, ao seu amigo particular e grato. Ponha-lhe a nota de *reserva,* se fôr precisa.

Escrevi ha dias ao J. Verissimo, pedindo-lhe que dê lembranças a todos os companheiros da Garnier. Repito-lhe aqui as suas particularmente. Que ha de versos? Que ha de prosa? Os nossos respeitos a sua familia, e um abraço apertado do velho amigo

Machado de Assis.

3 de Outubro de 1904.

Meu querido Mario,

Hontem li a reli o seu artigo ácerca de *Esaú e Jacob*. Pela nossa conversação particular e pela sua cartinha de 26 sabia já a impressão que lhe deu o meu ultimo livro; o artigo publicado no *Jornal do Commercio* veiu mostrar que a sua boa amizade não me havia dito tudo. Creio na sinceridade da impressão, por mais que ella esteja contada em termos altos e superiores ao meu esforço. Vi que penetrou o sentido daquellas paginas, que as leu com amor e sympathia, e desta ultima parte nasceu dizer tanta cousa bella, mais ainda para quem já vae em pleno inverno. Ainda bem que lhe não desmereci do que sentia antes. Se houvesse de compor um livro novo, não me esqueceria esta fortuna de amigo, que aliás cá fica no coração. Adeus, um abraço e até breve.

Machado de Assis.

Rio de Janeiro, 26 de Dezembro de 1906.

Meu querido amigo,

Recebi hontem a sua carta de 24, e escrevo-lhe hoje sem saber se terá partido sempre para a fazenda. Creio que esta carta já lá o encontre. O que lhe succedeu na viagem era natural; eu chegaria do mesmo modo. Agora é seguir e descançar, vendo as cousas novas e interessantes, com que areje a alma e fortaleça o corpo.

Vejo que a esposa, a mamãe e os filhos chegaram sem novidade. As duas levaram o melhor viatico, o desejo de o ver bom e a confiança na acção da roça. Todos nós aqui partilhamos a mesma esperança e contamos vel-o tornar restaurado para a familia, para os amigos e para as lettras.

Eu tenho passado sem novidade. Agora estou bastante cançado, particularmente do pescoço, que me doe, visto que hontem gastei todo o dia curvado a trabalhar em casa. Para quem já havia trabalhado todo o domingo, (nos outros dias tenho a interrupção das tardes), foi realmente demasiado. Mas eu não me corrijo.

Aqui nenhuma novidade. O Arthur Orlando mandou-me carta apresentando-se candidato á Academia na vaga do Loreto; já a levei ao Rodrigo Octavio para que publique a noticia e guarde a carta. Ainda não recebi do Assis Brasil. Não sei se teremos outros candidatos, mas é possivel. A Academia pegou, como dizem alguns, e parece que sim.

Adeus, meu querido Mario, até a proxima. Apresente os meus respeitosos ás suas queridas companheiras, lembranças aos pequenos, e um grande abraço para si do

Velho e grato am.º

Machado de Assis.

Rio, 18 de Março de 1907.

Meu querido amigo,

Respondo á sua carta de 14, que me trouxe excellente impressão, confirmando a que o Leo me tem dado. Faz bem em alternar os livros com os quadros naturaes. Ao cabo, tudo concorre para a completa cura. Não é preciso dizer o gosto que me deu affirmando que entre as leituras figuram alguns versos meus, *Musa consolatrix*. Eu já me não sinto com o vigor que possa transmittir a alguem, a não ser que a pessoa beneficiada não tenha em si a disposição de me acceitar algumas velhas lembranças; em tal caso, a maior e melhor parte do remedio está no proprio enfermo. E' o nosso caso.

Estou curado da *grippe*. O corysa vae a bom caminho, e posso crer que só me resta a parte que arrasto commigo ha annos.

Estes meus ultimos dias tem sido de enfado, e naturalmente não é assumpto que procure o papel. Falaremos quando voltar. Contente-se por ora, de ir lendo o que lhe mandar este pobre amigo.

Não sei se alguem lhe disse já que o Magalhães Azeredo e a senhora embarcaram ou vão embarcar com destino ao Rio de Janeiro. Veiu hontem no *Jornal do Commercio*. Justamente agora que eu ia responder á carta que elle me mandou ha dias. Não me falou nella da viagem; dizem-me que o motivo pode prender com a morte do sogro. Vá relevando esta letra execravel, cada vez peor que a do costume.

Porque não me escreve alguma cousa? Ideias fugitivas, quadros passageiros, emoções de qualquer especie, tudo são cousas, que o papel acceita e a que mais tarde se dá methodo, se lhes não convier o proprio desalinho. Eu confesso-lhe que estou agora inteiramente parado no que quizera fazer andar.

Meus respeitos ás doces companheiras da sua vida, abraços para as creanças e um para si do am.º velho,

Machado de Assis.

---

28 de Março 1907.

Meu querido amigo,

Ante-hontem mandei-lhe uma carta, e hontem á tarde recebi outra sua; cruzaram-se. A sua foi-me entregue no Garnier, aonde foi levada em mão por um moço que o empregado não conhece.

Li-a logo e entristeceu-me naturalmente. As noticias que eu tinha eram boas, estavam longe do desanimo que me manifesta agora. Tudo o que eu lhe possa dizer contra esse desanimo sei que é inutil, mas o proprio texto me faz esperar que o remedio virá por si. Quando me diz que, já aborrecido da versão de Eschylo, sente comtudo desejo de recomeçal-a, revella nisso um estado de espirito vacillante, mas não prostrado de todo; e para o mal do espirito basta que elle vislumbre alguma cousa. A paysagem não dará tudo, o ar tambem não, e as musas (digo assim, pois que trato das antigas) fazem pagar caro os seus favores. Não importa; lá tem os filhos que lhe querem e merecem, a Esposa que não menos merece e quer, e a Mãe, que vale por todos e sente por todos.

Amanhã, — não, — depois de amanhã, sabbado, hei de estar com o Miguel Couto, e opportunamente lhe direi o que houvermos conversado.

O meu trabalho teve uma interrupção de dias; não sei se lhe disse isto. Eu começo a desconfiar que alguma das minhas cartas não lhe terá chegado. Agora quero ver se acabo a leitura e faço o remate. Li o que soube do Graça; é o que tambem ouvi ao Tasso Fragoso, mas é cousa diversa do seu caso.

A Academia vae cuidar de recomeçar as suas sessões. A eleição é em abril. Ficaremos sem o Rodrigo Octavio, que embarca para a Europa domingo, e só voltará em julho. Adeus, meu querido amigo, recommendações aos seus doces anjos da guarda e abraços para as creanças e para si.

Velho amigo agradecido,

Machado de Assis.

Rio, 11 de Abril de 1907.

Meu querido amigo,

Recebi a sua carta de 8 hontem á tarde, de maneira que só agora posso responder-lhe. Li o que me diz ácerca do seu mal-estar e outros phenomenos. Qualquer que tenha sido a causa dessa aggravação, vejo que está melhor, e ainda bem. Eu, que tenho mais direito a enfermidades, não lhe digo se não que as vou espiando com olhos cançados. O muito trabalhar destes ultimos dias tem-me trazido alguns phenomenos nervosos; nem por isso deixo de lhe mandar cá debaixo as animações necessarias, por mais enfadonhas que lhe pareçam.

O Magalhães de Azeredo só uma vez desceu de Petropolis, e eu apenas o vi de passagem; ficou de tornar um dia destes. Já lhe contei o nosso encontro no dia seguinte ao da chegada da Europa. Não terá havido estravio das duas cartas que lhe escreveu agora?

Não sei se leu hontem que hoje ha sessão na Academia para cuidar da proxima eleição e de outros assumptos. Acabo de ler que hontem falleceu o Teixeira de Mello. Desapparecera, ha muito, preza de um mal cruel; é mais uma vaga na Academia.

Li o que me diz do *Registro* que o Bilac escreveu acerca da Academia. Em França ha muito quem attaque ou diga mal da Academia, mas são os que estão fora della; os que a compõem sabem amal-a e prezal-a. Aqui a propria Academia acha em si mesma a opposição.

Adeus, meu amigo; acabo já por faltar tempo. Estive sabbado passado na rua de Olinda, com os seus amaveis sogro e cunhados, e passei uma bôa hora de conversação. Lá falamos, é claro, a seu respeito, e a impressão que me deram é boa. Adeus; recommendações á sua Mamãe e á sua Baby, e os abraços do costume para as creanças e para si.

Am.º velho,

Machado de Assis.

---

22 de Dezembro de 1907.

Meu querido amigo,

Confiando-lhe a leitura do meu proximo livro, antes de ninguem, correspondi ao sentimento de simpatia que sempre me manifestou, e em mim sempre existiu, sem quebra nem interrupção de um dia; não ha que agradecer este acto. Queria a impressão directa e primeira do seu espirito culto, embora certo de que aquelle mesmo sentimento o predispunha á boa vontade.

Assim foi; a carta que me mandou respira toda um entusiasmo que estou longe de merecer, mas é sincera, e mostra que me leu com alma. Foi tambem por isso que achou o modelo intimo de uma das pessoas do livro, que eu busquei fazer completa sem designação particular, nem outra evidencia que a da verdade humana.

Repito o que lhe disse verbalmente, meu querido Mario, creio que este será o meu ultimo livro; faltam-me forças e olhos para outro; além disso o tempo é escasso e o trabalho é lento. Vou devolver as provas ao editor, e aguardar a publicação do meu "Memorial de Ayres".

Adeus, meu querido Mario, ainda uma vez agradeço a sua boa amizade ao pobre e velho amigo

Machado de Assis.

Cosme Velho, 21 de Janeiro 1908.

Meu querido amigo,

A sua carta de 17 chegou-me hontem, 20, e só agora de manhã lhe respondo.

Não cuidei que a causa da ausencia destes dias

fossem nervos; agora o sei e creio. Já nos habituou a esses sujeitos, maus inquilinos, que quando se mettem a proprietarios effectivos abusam desapiedadamente da casa. Felizmente parece que estes vão cedendo; apezar disso, a sua resolução de obter descanço ou licença para se tratar de vez e seguidamente, é bôa. Por mais que me custe a ausencia estimo saber que caminha para o total restabelecimento. Lá tem comsigo, na familia, o melhor viatico do coração.

Tem ainda o do espirito, esse Prometheu que o atrae e para o qual toma notas e collige ideias. Sobre o verso solto em que pretende fazel-o não pode ter senão os meus aplausos. Sabe como aprecio este verso nosso, que o gosto da rima tornou desusado; é o verso de Garrett e de Gonçalves Dias, e ambos, aliás, sabiam rimar tão bem.

Agora, ao levantar-me, apezar do cançasso de hontem, meti-me a reler algumas paginas do "Prometheu" de Eschylo, atravez de Lecomte de Lisle; hontem entretive-me com o "Phedon" de Platão, tambem de manhã; veja como ando grego, meu amigo. Oxalá possa chegar a ver, parte que seja do seu trabalho. E folgo muito que ponha nelle a paciencia das obras perfeitas.

Escrevi ha dias ao Magalhães Azeredo, que se queixava do nosso silencio; disse o que cumpria em resposta a tão bom amigo. Ha dias tambem escrevi ao Nabuco, mas a carta só partiu hontem.

Ha algumas outras noticias que interessariam contadas, mas não dão para escriptas. De mim vou bem, apenas com os achaques da velhice, mas supportando sem novidade o peccado original, deixe-me chamar-lhe assim. Creio que o Miguel Couto me trouxe a graça.

Um dia destes o Léo esteve commigo no Garnier, e, falando-me a seu respeito, disse-me que se o visse lhe dissesse ter aqui nas mãos do Jacintho umas cartas; provavelmente já lá foram.

Adeus, meu querido am.°, recommende-me a D. Helena, a Mamãe e a todos os seus meninos. Creia-me sempre

Seu do coração

Machado de Assis.

Cosme Velho, 8 de Fevereiro de 1908.

Meu querido amigo,

O tom da sua carta de ante-hontem revela bastante melhora. E talvez esta venha tambem das tristes noticias que lá chegaram, donde verá que ruins ou excelentes, as noticias distraem e ajudam a combater o mal. O mal não é tão grande como parece; é agudo, porque os nervos são doentes delicados, e ao menor toque retraem-se e gemem. Eu sou desses enfermos, como sabe, e, como sabe tambem, doente sem medico.

Gostei de ler tudo o que me diz a proposito do Heitor; mostrei as suas palavras á baroneza e ao barão. Não tenho visto a viuva, que não foi á missa publica, mas a outra particular e sua na Gloria, mas sei que está muito abatida. Tambem gostei de ver o que pensa no caso de D. Carlos I; é o que naturalmente devem pensar todos. De accardo com o seu juiso sobre palavrões e ambições pessoaes.

A minha saude não vae mal, excepto o que lhe direi adeante, e não é a "ausencia" que senti hontem, esta foi rapida, mas tão completa que não me entendi ao tornar della. Dahi a pouco entendi tudo, e deixei-me estar. A excepção prende com o seu conselho de não sair por baixo de agua. Cá tenho o reumatismo de que me fala, é no pé esquerdo, desde bastantes dias. Não sei que lhe faça, nem se ha que fazer. Vou andando, mal ou bem, a principio mal, mas depois domino-me um pouco.

Ainda bem que trabalha e pensa no *Prometheu.* Firme-se ahi; o vaso é digno do pensamento, e não impede os *Cantos Brazileiros.* Fico á espera dos versos que me annuncia haver escrito a pedido de sua irmã.

Sobre o meu livro, nada; talvez na semana proxima venha a resposta, e diz o Lansac que provavelmente o livro chegará no meiado de Março; espero. Aproveito a occasião para lhe recommendar muito que, a respeito do modelo de Carmo, nada confie a ninguem; fica entre nós dous. Aqui ha dias uma senhora e um rapaz deixaram-me ter ouvido que eu estava *publicando* um livro; elle emendou para *escrevendo;* eu neguei uma e outra cousa. Pouco antes em um grupo no Garnier perguntando-me alguem se tinha alguma cousa no prelo, outro alguem respondeu: Tem, tem... Podia ser conjectura, mas podia tambem ser noticia. Talvez não valha a pena tanto silencio da parte do autor.

Hontem estive com o Léo e D. Chiquita na Candelaria, á missa do Heitor; pedi noticias suas, mas não sabiam nada. Agora dê noticias minhas aos seus, cumprimentos ao Gil pelos annos, e lembranças aos meninos. Registro a promessa da descida em breve. Com o Bandeira e o Moacyr tenho falado a seu respeito. Até breve.

O velho amigo,

Machado de Assis.

Cosme Velho, 23 de Fev.° 1908.

Meu querido amigo,

Hoje de manhã, chegando a casa pensei em escrever-lhe um bilhete de simples lembrança, e achei a sua carta de 20. Lá se foi a ideia do bilhete, e aqui vae a resposta á carta.

Esta é quasi toda de explicações e mostra a impressão que lhe deu a minha á cerca do *Memorial de Ayres*. Agradeço-lhas, mas não valia a pena, já porque a divulgação não viria de sua parte, já porque, dado viesse, seria ainda um signal da afeição que me tem. Não, meu querido Mario, o que lhe contei na ultima carta fil-o por lhe confiar estes incidentes, e foi bom que o fizesse, visto o que me recordou agora desde a minha resposta ao Pinheiro Machado até ás confidencias ao Graça e ao J. Verissimo. Quer saber? Na mesma data da sua carta (20) communiquei ao J. Verissimo a noticia do livro, como se fosse inteiramente nova; é certo que elle não se deu por achado. Acrescentei-lhe a primeira ideia de confiar aos quatros (e Magalhães de Azeredo não podia entrar por estar em Roma) a publicação do manuscripto, caso eu viesse a falecer. Repita tudo isso comsigo e diga-me se ha nada mais indiscreto que um autor, ainda quasi setuagenario, como eu. E diga-me tambem, pois que leu as provas, se o livro vale tantas cautelas e resguardos.

A segunda e menor parte da sua carta é a seu mesmo respeito, incomodos e o resto; nada de escritos ou só negativamente. O mal-estar de espirito a que se refere não se corrige por vontade, nem ha conselho que o remova, creio; mas, se um enfermo pode mostrar a outro o espelho do seu proprio mal conseguirá alguma cousa. Tambem eu tenho desses estados de alma, e cá os venço como posso, sem animações de esposa nem risos de filhos. Veja se exclue todo o presente, passado e futuro, e fixe um só tempo que comprehenda os tres: *Prometheu*. A arte é o remedio e o melhor delles.

Comprehendo que o mal de seu sogro o impressione. Estive ante-hontem com elle na Avenida; elle ia para casa e demoramo-nos pouco, porque a tarde vinha caindo e elle tinha de se recolher cedo por causa da bronchite. Ainda assim falámos uns cinco minutos. Tambem eu o achei abatido, mas admirei a força de resistencia ouvindo-lhe contar serenamente as noites que tivera. Sorria como de costume. Ha uma nota elegante que elle nunca perde. Não o achei desfigurado.

Eu vou emagrecendo, e o trabalho neste trimestre adicional cresce e cança. Estive com o Miguel Couto naquelle dia, ouviu-me e receitou-me um remedio novo, que não existe aqui, nem no Werneck, nem no Silva Araujo, nem no Rangel. Ficou de entender-se com o Werneck para mandar buscal-o; depois disse-me que era melhor ver se o preparava aqui mesmo, e eu continuo a tomar os que me dera antes.

O mais á vista. Papel não comporta tedios. Lembranças a todos os seus, e para si receba um abraço do

Velho amigo,

Machado de Assis.

———

20 de Abril de 1908.

Meu querido amigo,

Não ha que desculpar o papel em que me escreve; a carta era já de mais. Agradeço-lhe os seus cuidados e explicações e guardo-os entre as outras lembranças suas.

Hoje fui á Camara (eram 11 e meia) e não o encontrei; escrevo-lhe esta aqui na Secretaria e irei leval-a ao Correio quando sair, contando que chegue á Tijuca amanhã cedo. Recebi a sua no Cosme Velho, hontem, domingo.

E' preciso sacudir esses nervos despoticos, que fazem da gente o que querem. Bem sei que somente conselhos não valem para taes casos, mormente no que lhe sucedeu quarta-feira pelo acrescimo da tragedia da Avenida; mas a prova de que o seu estado é já para melhor está na impressão que me dá e tem dado a outros amigos (Capistrano, por exemplo); achamol-o mais senhor de si. Com esforço e tempo ficará totalmente restabelecido. Convem saber que o desastre da Avenida abalou a toda gente. Relendo as linhas anteriores devo explicar que o seu melhor estado e a impressão que dá aos amigos referem-se aos ultimos tempos.

Eu cá vou andando com os meus tedios. Agora sinto-me um pouco melhor, a despeito de algo que me aconteceu hoje mesmo. O que faço é não me mostrar a todos tal qual ando; muitos me acharão alegre, e ainda bem. Agora, com as suas palavras de amizade e simpatia verdadeira, recebo outra consolação e animação. Esta frase da sua carta: "sinto a sua tristeza como a minha e talvez por isso é que a não sei aliviar", é só exata na primeira parte; na segunda, não.

Adeus, meu querido amigo. Vou ler e informar papeis de Secretaria. Cá o espero quarta-feira. Peço-lhe que apresente os meus respeitos a sua Esposa e a sua Mãe, e vivos carinhos aos filhos. Recommende-me tambem ao velho Prometheu, a quem dirá que o espero inteiro e humano, ainda que em outra lingua; todas são cabaes para o suplicio. Em duas palavras, busque o remedio na Arte. Retribuo-lhe o abraço e assigno-me

Velho amigo do peito,

Machado de Assis.

———

25 de Abril de 1908.

Meu querido Mario,

Umas das melhores reliquias da minha vida literaria é aquelle galho de carvalho de Tasso que J. Nabuco me mandou ha tres annos por intermedio do Graça Aranha, e este me entregou em sessão da nossa Academia Brasileira. O galho, a carta ao Graça e o documento que os acompanhou conservo-os na mesma caixa, em minha sala.

Perguntei-lhe ha tempos se queria dar destino

a essa reliquia, quando eu falecesse; agora renovo a pergunta. Talvez a Academia consinta em recolher o galho como lembrança de tres de seus membros e da sua propria bondade em se reunir para completar o obsequio de Nabuco e de Graça Aranha. Peço-lhe tambem que se incumba de o saber oportunamente. Caso não deva ser ali guardado, estou que haverá em sua casa algum recanto correspondente ao que sei possuir em seu coração, e onde elle possa recordar-lhe a saudade de um velho amigo desaparecido.

Receba deste um apertado abraço, e até breve.

Machado de Assis.

Meu querido Am.°,

Cheguei hontem bem e hoje não sai por causa da humidade, como bem viu. Ao receber a sua carta, porém, estou afrontado do estomago; é do jantar; cuidando de me alimentar parece que excedi um pouco a medida.

Muito obrigado pelo que me conta da conversa que teve com o Verissimo e pelas boas palavras que acrescenta acerca da vinda daquella gente que está lá tão longe e dos cuidados que me dará. Virão elles? Minha sobrinha Sára tem aqui um irmão, a quem vou mandar chamar amanhã para lhe falar da autorisação do Ministro e da restrição posta.

Meu querido amigo, hoje á tarde reli uma pagina da biographia de Flaubert; achei a mesma solidão e tristeza e até o mesmo mal, como sabe, o outro...

Adeus; recommende-me a todos os seus, e com um abraço do

Velho am.°

Machado de Assis.

---

1 de Agosto de 1908.

Meu querido amigo,

Muito obrigado pelas boas novas. Vou ler o artigo do Alcindo e escrevo esta para não demorar a resposta. Folgo de saber o que o Felix e o João Luzo lhe disseram, e ainda bem que o livro agrada. Como é definitivamente o meu ultimo, não quizera o declinio. O seu cuidado, porém, mandando uma boa palavra a esta solidão é um realce mais e fala ao coração.

A garganta está no mesmo ou um pouco mais dolorida. Vou aplicar o bochecho que me diz. Não escrevo mais por causa dos olhos. Até segunda-feira.

Recommende-me a todos e creia-me

Velho am.°

Machado de Assis,

6 de Agosto.

Meu querido amigo,

Agradeço-lhe a visita e restituo-lhe o abraço que me mandou. Passei pouco melhor, mas emfim melhor. Antes da carta tinha já resolvido aqui em casa, hontem, não tomar o tri-brometo. Sinto que tambem não esteja bom, e tenha um dos seus filhos doente; é o que sucede a quem os possue, para compensar a felicidade de os ter. Desculpe o desalinho da carta. Estou passando a noite a jogar paciencias; o dia passei-o a reler a "Oração sobre a Acropole", e um livro de Schopenhauer. Mto. obrigado. Não sei se irei amanhã á cidade; se fôr, até amanhã. Adeus.

Do seu

Machado de Assis.

---

9 de Agosto de 1908.

Meu querido am.°,

Agradeço-lhe mto. a sua visita. Esta molestia é lenta e custa a sair das costas; passei a noite mal e o dia pouco melhor; vou ver a noite que passo. Tomei os seus remedios (a *calcarea* — principalmente) e outros, alem dos bochechos. Desde hontem á tarde a m.ª alimentação é puro leite. Não sei se amanhã posso ir á cidade; espero ir depois.

Não posso escrever m.to mais. Sinto o incomodo de seu filho; não pense em pulmões; a idade é propria de crises. Peço-lhe que apresente as m.as recomendações a todos os seus, e receba para si as m.as saudades.

Do velho am.°

Machado de Assis.

P S.

O *Egoist* conto acabal-o amanhã.

M. de A.

Meu querido am.°

Obrigado pela sua carta. Não tenho passado bem hoje e limito a m.ª resposta a estas duas linhas. Agradeço a carta do Carlos Peixoto, e todo o zelo que me tem mostrado. Até amanhã se eu fôr á cidade.

24 de Agosto.

Todo seu

Machado de Assis,

Vida de Joaquim Nabuco

Por sua filha Carolina Nabuco

ACADEMIA

Aos dezeseis annos, a Academia é para Joaquim Nabuco a sensação deliciosa da independencia, "desde os primeiros dias, em que senhor absoluto de mim mesmo, sem supervisão que receiar, comecei a comprar os moveis, a louça, a roupa para minha installação com tres dos meus collegas.

São Paulo era então uma cidade quasi exclusivamente academica. Não existiam ainda estradas de ferro; vinha-se de Santos a cavallo. A pequena população vivia atraz das rotulas e não se mostrava na rua. Os estudantes eram reis; a tendencia, propria da classe e da idade, de se considerarem arbitros de todas as questões não encontrava opposição.

"No nosso tempo, diz uma carta de Nabuco recordando na velhice essa phase de mocidade, a bohemia e as rapaziadas não eram mais de moda e predominava o prestigio intellectual e o da elegancia". De *sport* ainda não sonhavam. Pertencendo a uma geração que não se preocupava com exercicios physicos, Nabuco nunca os praticou e não lhes deveu sua conformação de athleta e suas boas côres. Era em torno das letras, das artes, e sobretudo da politica, que se agitava e fervia a actividade intellectual de sua geração; as redacções dos jornaes, os gremios literarios e politicos os attrahiam em massa. Nabuco, nascido com qualidades de chefe e com predicados para chamar a admiração, tornou-se desde o principio um dos *leaders* da vida cheia e alegre de estudante.

Seu amigo e collega de anno em São Paulo e no Recife, Sancho de Barros Pimentel, recordou numa carta já publicada alguma coisa desse tempo dizendo que Nabuco "desde os seus primeiros annos da Academia, revelou-se um talento feito para a vida exterior, para a politica, destinado a ser um homem de acção, para viver em um meio que o applaudisse e o elevasse. Naquelle tempo tomava-se muito interesse pelo que se passava na vida publica e na Academia havia liberaes e conservadores. Si houve partidos, foram esses. Ora, logo no 1.° anno, Joaquim Nabuco appareceu na imprensa e na tribuna das associações academicas como o leader dos primeiros, — se posso me servir de uma expressão que a força de usada, já perdeu o cunho. Dois jornaes elle creou, *Tribuna Liberal* e a *Independencia*, ambos politicos. A iniciativa do jantar offerecido a José Bonifacio depois de 16 de julho foi toda sua, foi elle quem reuniu, no salão da Concordia, não só- mente os liberaes da Academia, como as grandes figuras do partido em S. Paulo."

A esse precioso testemunho de quem de tão perto acompanhou a Nabuco, permittio-me o Dr. Barros Pimentel acrescentar o que delle ouvira directamente: "A impressão que eu guardo do desabrochar da intelligencia de Nabuco, da sua entrada na vida, é de deslumbramento."

Eram essas as actividades que enchiam a vida de Nabuco. Como estudante não era dos mais assiduos, mas além dos seus trabalhos nos jornaes e á testa do partido liberal academico, estreiava-se no pamphleto com uma defesa do crime politico a proposito de Charlotte Corday, e collaborava no *O Ypiranga*, que não era, como os outros, folha academica, mas o principal jornal da cidade. Era dirigido por Salvador de Mendonça e por Ferreira de Menezes que, embora não fosse mais estudante continuava um dos chefes da mocidade.

Algumas vezes tambem faz defesas em jury para se exercitar na palavra; um retalho de jornal que guardou sem indicação de data ou de nome noticia com certo sabor uma dessas occasiões: "Hoje as galerias deram signal de vida: ia defender o Sr. Nabuco... e o povo da capital já se afreguezou com a sua rhetorica... Filho de peixe sabe nadar..."

E' chamado a presidir o *Atheneu Paulistano*, a antiga associação de estudantes, em cuja directoria houve nesse anno uma nota curiosa, que o passar do tempo tornaria ironica: Ruy Barbosa, como segundo orador. Chamava-se Moreira o primeiro. Ruy Barbosa, ao contrario de Nabuco, cursára os dois primeiros annos no Recife, e não tivera provavelmente tempo de se fazer conhecer. Já no fim do anno, partindo Nabuco para o Recife, será elle o presidente. Na nova mesa o orador é Castro Alves.

* * *

Castro Alves, esse, era mais que um simples *leader* academico. Chegára tambem em S. Paulo para cursar o terceiro anno, mas já conhecendo a gloria, que cerca os grandes poetas. Reunia tudo que o publico romantico sonha num poeta: talento, mocidade, belleza, paixão, tristeza. "Não quiz elle ser outra cousa no mundo sinão um poeta. Amar e cantar — eis o ideal de sua mocidade, ideal com que morreu", escreveu Joaquim Nabuco, no seu

primeiro artigo sobre Castro Alves. "Vimo-nos durante um anno quasi dia por dia e nunca o vi dar um momento de attenção ás realidades da vida nem ás ambições da mocidade."

Mesmo a morte prematura, que não permittiu ao seu talento chegar á perfeição definitiva, veio completar a aureola do romanticismo que envolve sua existencia. Bem podia Castro Alves acreditar que havia realizado seu unico sonho, nas palavras de Nabuco, "ser um poeta glorioso; tambem não ser nada mais", quando, bello rapaz como era, recitava com sua voz quente de barytono as proprias poesias perante um auditorio que o acclamava, convencido de antemão da immortalidade do que ia ouvir.

"Quem visse Castro Alves, continua seu collega, em um desses momentos em que se inebriava de applausos, vestido de preto, para dar á physionomia um reflexo de tristeza, com a fronte contrahida como si o pensamento o opprimisse, com os olhos que elle tinha profundos e luminosos fixos em um ponto do espaço, com os labios ligeiramente contrahidos de desdem ou descerrados por um sorriso de triumpho, reconheceria logo o homem que elle era: uma intelligencia aberta ás nobres idéas, um coração ferido que procurava esquecer-se na vertigem da gloria." "Eu nunca vi, diz outro collega, Barros Pimentel, na carta acima citada — um auditorio ser levado ao delirio como o do theatro S. José quando Castro Alves recitava uma das suas poesias. J. Nabuco esteve sempre entre os que mais applaudiam."

Annos depois, em Setembro de 1884, falando em prol dos escravos nesse mesmo theatro, Nabuco dizia: "Não me posso impedir de ver em torno de mim não o auditorio de hoje, mas a geração do meu tempo, dentre a qual me parece ver se destacar daquelle camarote a figura do maior de todos nós, do poeta dos escravos, de cujas estrophes eloquentes esta sala deve guardar o éco".

A turma dos terceiro annistas é nesse anno de 1868 provavelmente a mais notavel de que se póde orgulhar qualquer escola no Brasil. Para só falar em nomes nacionaes figuram nella além de Nabuco, Ruy Barbosa e Castro Alves, dois futuros presidentes da Republica, Rodrigues Alves e Affonso Penna.

Mas nas reuniões puramente mundanas, cujo centro era a "Concordia Paulistana", salão onde as jovens paulistas da sociedade iam dansar com os estudantes, quem triumphava negligentemente sobre os chefes espirituaes e as notabilidades futuras reunidas no seu anno, era Arthur de Carvalho Moreira, dandy e admiravel valsista. Nessas occasiões o filho do Barão de Penedo, primeira figura da nossa diplomacia, tinha sobre os condiscipulos a vantagem de sua educação nas côrtes européas. Era o amigo mais chegado de Nabuco e um dos mais finos espiritos do grupo.

José Bonifacio, o moço, era professor da Faculdade e exercia sobre essa brilhante mocidade o prestigio das suas tradições de familia e do seu proprio talento esplendido. Poeta, orador, estadista, expoente de todas as idéas progressistas, perpetuamente jovem de espirito, não podia deixar de inspirar a taes discipulos especial admiração. Para os liberaes, e todo o grupo era ardentemente liberal, o enthusiasmo chega ao auge com a celebre moção de 17 de Julho de 1868. Quando José Bonifacio volta a S. Paulo, depois do golpe de estado, é recebido como um heróe. Castro Alves saúda-o á chegada, como tambem Nabuco, que o abraça em nome do povo. No grande banquete que lhe offerece o partido, Ruy Barbosa faz o seu primeiro discurso politico, cujo jubileu em 1918 será tão gloriosamente celebrado. Affonso Penna, Castro Alves, Barros Pimentel, discursaram tambem. Nabuco, que foi o primeiro a falar, começa com essa phrase onde já se encontra a cadencia caracteristica de sua eloquencia: "Em nome da mocidade, porque não são moços os que não têm no peito a febre das idéas liberaes, venho saudar um homem que é uma idéa, uma data que vale uma historia, um partido, que é um povo: o conselheiro José Bonifacio, o dia 17 de Julho, o partido liberal."

A mocidade tinha realmente a José Bonifacio como um idolo e é o que faz tão feliz o aparte, imprevisto e exacto de Ferreira de Menezes nesse banquete: José Bonifacio dizia em seu discurso: "O presente e o passado pertencem aos combatentes de hoje, o futuro é da mocidade. A mocidade é o sol que nasce, as mariposas que vão em busca da luz (a luz *é V. Ex.* apparteiou Ferreira de Menezes) as andorinhas em busca da primavera."

Outro acontecimento importante de 1868 é para o mundo academico a primeira representação de *Gonzaga*, o drama de Castro Alves. Joaquim Nabuco tambem estreia-se nesse anno como escriptor dramatico, com *Os Destinos*, tragedia de que não restam vestigios. Pouco indulgente para suas obras de mocidade, deixou-a cahir propositalmente. As criticas trazem, porém, o enredo, um dramalhão.

A primeira representação foi a 2 de Abril pelos actores Furtado Coelho e Ismenia. "O sr. Nabuco foi mais de uma vez chamado á scena e estrepitosamente applaudido", diz o *Correio Paulistano*. Salvador de Mendonça escreve no *Ypiranga* sobre a peça um folhetim elogioso e banal. A noite da representação dos *Destinos* foi a despedida em S. Paulo da companhia que a 12 do mesmo mez estreava com esse drama no Theatro Gymnasio do Rio, onde o Imperador o vio uma noite.

* * *

A volta de Nabuco ao Recife em 1869, para cursar o quarto anno, exerceu sobre seu futuro uma influencia decisiva. Vinha ao encontro do seu destino, como seu primeiro avô brasileiro, quando alli desembarcára trezentos annos antes. Sem esta estada na terra dos seus avós e do seu nascimento e a talvez não fosse em sua vida senão o quadro enca-

tado de suas primeiras recordações. Nunca, provavelmente, a teria representado no Parlamento, nem existiria essa ligação indissoluvel que o fez dizer: "Se por uma dessas terriveis fatalidades que eu daria a ultima gotta do meu sangue para evitar, esse magnifico territorio fosse quebrado ao meio ou em pedaços, eu pensaria tanto em não ser Pernambucano, como hoje penso em não ser Brasileiro."

Virá depois a considerar essa mudança de escola como um dos factos principaes de sua vida, um desses acontecimentos que a dividem nitidamente em periodos de dez annos e dão uma curiosa importancia aos annos terminados em 9.

Recife havia lhe dado a sua primeira impressão de uma grande cidade. Lembrava-se de a ter atravessado quando, aos oito annos, deixou o engenho em que fôra creado, "uma cidade inesquecivel, sobretudo para quem a vio ao luar, branca como um Campo Santo, com suas pontes, suas torres, os mastros dos seus navios, apertados uns contra os outros e ancorados dentro da cidade na agua dos rios que a cruzam." Guardára dessa noite de sua infancia a lembrança não só desses navios "descançando na propria cidade, como tambem de um convento com grandes escadarias e longos corredores revestidos de azulejos, que representavam a vida de S. Francisco de Assis." Recife, acrescenta em outras notas, "como Veneza, é uma cidade que sahe dagua e que nella se reflecte, é uma cidade que sente a palpitação do oceano no mais profundo dos seus recantos", desse oceano, que vem se "quebrar diante della num lençol de espuma e se ajoelhará ainda por seculos perante a graça fragil dos coqueiros."

Joaquim Nabuco quando volta ao Recife aos dezenove annos guarda ainda a esbelteza da adolescencia apezar da altura descommum. Um simples buço sobre os labios cheios prenuncia os fartos bigodes que elle nunca havia de raspar e que a moda de seu tempo achava bellos. O nariz forte, recto, e o queixo firme são admiravelmente talhados. Traz os cabellos atirados para traz, em largas ondas que deixam livre a testa nobre. Graças aos olhos, grandes e castanhos, que lhe reflectem a intelligencia, une á belleza classica dos traços a belleza humana da expressão. A natureza fôra prodiga.

"Muito lisongeiado fiquei com a noticia de teres sido ahi muito obsequiado", escreve-lhe seu pae em 16 de Maio. O Jovem academico fôra, com effeito, acolhido com carinho, como o neto dos morgados do Cabo, de volta á terra. Era mais ou menos apparentado com todas as antigas familias de Pernambuco, sempre ligadas entre ellas por uma infinidade de casamentos, e os Cavalcanti, os Paes Barreto, os Sá e Albuquerque, toda a gente de sua mãe mostrou lhe um interesse verdadeiro, que elle logo poz á prova, adoecendo gravemente.

A febre typhoide poupou-lhe a vida, mas obrigou-o a perder o anno na Faculdade do Recife. "O teu requerimento, escreve-lhe o Senador Nabuco, na primeira carta em que se mostra tranquillo quanto á saude do filho, chegou e está em andamento na Camara dos Deputados: a decisão, porém, não será breve... Seria bom que empenhasses todos os esforços para que sejão poucas as faltas e tudo se arranje com os bedeis." Faltavam-lhe, porém, presenças demais para ser admittido a exame, e a unica solução estava no requerimento em questão. Nelle pedia autorisação especial por lei para prestar durante as férias, em S. Paulo, exame vago das materias do quarto anno. Graças a essa distincção excepcional que lhe foi logo concedida, começou o quinto anno no Recife, sem atrazo.

Não encontrara na cidade natal uma vida academica tão brilhante como a de S. Paulo. Sobre os lentes da Faculdade, comparando-os talvez a José Bonifacio, e resalvando, é verdade, algumas "honrosissimas excepções" — escreveu num artigo essas palavras intolerantes: "A mocidade pertence ao partido da liberdade, elles ao do poder; a mocidade tem sêde de sciencia, de eloquencia e elles são poços de aguas estagnadas da idade media, e como poços têm echo, mas não têm voz."

Como em S. Paulo, frequenta reuniões politicas e preside uma associação literaria, magnificamente installada em um dos melhores predios de Pernambuco; as sessões solemnes da *Arcadia* eram verdadeiras reuniões mundanas, a directoria trajava casaca e as senhoras traziam a gala de sua presença.

Nesse tempo as leituras eram grandes acontecimentos em sua vida. Seu espirito em formação absorvia avidamente uma immensa variedade de obras, mas no album em que transcrevia as passagens que mais o interessaram e impresionaram o pirou-lhe tambem o primeiro livro, escripto no Reassumpto que predomina é a escravidão. Ella inspirou-lhe tambem o primeiro livro, escripto no Recife entre os estudos.

Esse trabalho, *A Escravidão,* nunca foi publicado, mas honraria um espirito mais maduro do que era o seu naquella epoca. Vibra de odio e de desprezo pela instituição que elle culpa exclusivamente pelo atrazo do Brasil, a instituição que "entorpece o adiantamento da civilisação, o saber das artes, das sciencias, das letras, dos costumes, dos governos, dos povos: o progresso emfim.

"Cada força social, e as forças sociaes são as idéas, — soffreo com a escravidão um abalo profundo." Mais adiante dirá: "Não vemos na humanidade, a Inquisição exceptuada, nenhum crime tão complexo, mas aquelle, se era mais tragico era mais digno: procedia em nome do fanatismo, o que é menos humilhante para o algoz do que proceder em nome do interesse, e dava a morte o que é menos humilhante para a victima do que a sujeitar ao captiveiro." E ainda: "Da moral a escravidão fez duas moraes: uma para cada classe, Jano bifronte que olha para a oppressão sorrindo, para os opprimidos colerico."

Das tres partes enumeradas no indice, sómente duas, *O Crime*, uma, *Historia do crime*, outra, figuram no manuscripto do autor. Mesmo incompleto o trabalho não é pequeno. São duzentas e trinta paginas de letra miuda.

"A historia poderá em sua simplicidade, da mesma forma que chama aos livros sagrados o livro — chamar a escravidão *o crime*", escreve o autor ao terminar a primeira parte. "O que não queremos, escreve ainda, é que se diga que a escravidão já está julgada entre nós como um facto moral; não está. A geração actual não tem consciencia de sua posição em relação aos escravos; se tivesse não a acceitava." A physionomia do autor está toda nessa primeira parte, que é principalmente de descripções. Os quadros de senzala são faceis de caracterisar com côres vivas e de carregar de emoção; mas é na segunda parte que se concentra o maior esforço. Ahi, paciente e seguro, invocando sempre autoridades, percorre toda a *Historia do Crime* desde que surgiu na infancia da humanidade até o trafico moderno e sua abolição, com tudo o que se fizera até então no Brasil.

A terceira parte, *A Reparação do Crime*, não sobreviveu, ou não chegou a ser escripta. Nabuco tinha, porém, idéas formadas sobre a questão. Ha desse anno uma carta a seu pae, escripta do Recife, que mostra os meios radicaes que o autor advogava para tudo remediar:

"Meo querido pai.

"Escrevo esta a Vm. para communicar-lhe que gozo de saude, q. estudo mtô. e que vou bem, salvo o habitual *spleen*.

"Por aqui recebeo-se o *Programma* que promoveo geral enthusiasmo, bem assim a carta de Vm. sobre a emancipação.

"Ha uma gloria unica que eu sonho para Vm. neste paiz. Quero que seo nome esteja abaixo do decreto que acabar com a escravidão. Se Vm. fôr chamado ao ministerio acceite-o por dous dias para *dictatorialmente* extinguil-a. Para isso cito aqui as palavras de uma *conferencia* ultima de Agostinho Cochin sobre Abraham Lincoln. Fallando da proclamação de 1 de Janeiro de 1863: *Eu não vos contarei em detalhe a historia dessa proclamação immortal, que colloca para sempre Lincoln na classe dos maiores bemfeitores da humanidade. Eu quero somente pensar comvosco na alegria que innundou esse coração cortado de tantas amarguras! Que sopro de ar puro e fresco sobre essa fronte vergada e banhada de suôr! Dizei-me, ha nos longos annos da historia, nos dias sem numero da vida dos homens na terra, alguma cousa tão bella como esse minuto, esse segundo sagrado, em q. esse filho do operario, esse homem de bem, nutrido com a vida de Washington e da Biblia, esse christão, poude collocar seo nome no fim de uma pagina que emancipava de repente quatro milhões de creaturas humanas! Não, eu não creio q. haja um conquistador, um triumphador, um fundador de imperio que tenha tido em sua vida um acto e um momento comparaveis ao acto e ao momento que levarão até a mais remota posteridade o nome de Abraham Lincoln, o libertador dos escravos!*

"Eu não sonho para Vm. outra gloria senão a de Abraham Lincoln!!!

"Será o maior dia de minha vida esse em que seo nome estiver abaixo de uma outra proclamação de 1 de Janeiro.

"Queira Vm. abençoar-me, e pedir á m.ª mãe q. me abençõe tambem.

De Vm. F.º obed. — *Joaquim.*

Não encontrára no Recife uma athmosphera tão favoravel ao assumpto como em S. Paulo. Entre seus collegas não havia nenhum elemento como Castro Alves, por exemplo, "o poeta que lavou a parte mais elevada da consciencia nacional dessa horrivel nodoa de sangue" e que electrisava seus companheiros com a leitura do *Navio Negreiro*. "O sentimento invencivel que elle tinha contra a escravidão, testemunha ainda Nabuco falando de São Paulo, é o mesmo que dominava a todos os que o cercavam na Academia."

Em Pernambuco, capital essencialmente conservadora, o ambiente é outro. A aristocracia assucareira a que elle pertencia, tinha principios muito positivos sobre a necessidade da escravidão. Toda a riqueza da provincia e dos individuos baseava-se nella e na cana de assucar. Nabuco vivia num meio onde cada um a defendia com mais ardor porque os interesses e as convicções se uniam e juntos eram irreductiveis.

* * *

Affrontando os principios da sua epoca e da sua roda, Nabuco se apresentou perante o jury do Recife para defender um escravo assassino e "lutar corpo a corpo com a escravidão e a pena de morte", como disse no livro que estava a escrever. Entre os casos com que nessa obra inedita illustrára e profligára o *Crime*, não esqueceu o desse preto rebelde, cujas façanhas acabavam de revolucionar a cidade. A culpa tinha todos os agravantes.

O escravo Thomaz, para se vingar de ter sido açoitado na praça publica, havia morto premeditadamente com um tiro á queima roupa a autoridade responsavel pela humilhação. Defendeu-se depois ferozmente contra os que o queriam prender. Foragido e armado trouxe a cidade em sobresalto por algum tempo. "Não era mais um homem, era um tigre", reconheceu o proprio advogado. O preto terrivel pela sua força physica e pela sua violencia selvagem, foi preso com difficuldade. Depois, matou ainda, numa tentativa de evasão, o guarda que lhe resistiu.

O tribunal de Olinda já o havia, antes dessa segunda façanha, condemnado á morte. O juiz do

Recife, porém, appellára e é com a culpa acrescida pela morte do guarda que Nabuco o veio defender nessa cidade.

Seu crime era dos que estavam de antemão julgados. A pena de morte, que existia ainda no Brasil, era justamente para taes casos. Embora o Imperador a commutasse invariavelmente em prisão perpetua, abstinha-se nesses casos. A clemencia real nunca ousava se manifestar quando se tratava de um escravo, assassino do feitor ou do senhor, porque a classe dos proprietarios exigia então um exemplo estrondoso.

Os fazendeiros, levados na maior parte pela amizade ao advogado, estavam bem representados na assistencia no dia em que foi julgado o notorio facinora. A noticia de que o jovem Nabuco o defenderia não afastara delle a sympathia, e o nome que elle trazia augmentava ainda o interesse e a curiosidade pelo processo de Thomaz, cujos successivos crimes indignaram Pernambuco. Parecia incrivel que alguem apparecesse para defender um tão revoltante accusado. Fazendo-o, Nabuco creou um escandalo local que logo se transformou no seu primeiro triumpho oratorio. Sua propria narração do caso na obra *A Escravidão*, permitte reconstituir o teor do discurso que desde o principio enthusiasmou a assistencia. A suppor que estivesse, como é provavel, de accordo com o seu livro, Nabuco começou apresentando Thomaz como um modelo de sua classe, circumspecto, humilde, economico, conscienCioso. Educado como livre e julgando-se tal possuia tambem o brio, qualidade a que captivos não têm direito. Respeitado até então no logar, tratado mesmo por *Tio* Thomaz, não se pode resignar ao castigo na praça publica deante de um ajuntamento de curiosos. Desse dia transforma-se em féra. "Na origem desse processo, escreveu então Nabuco n'*A Escravidão*, e deve ter dito da tribuna, ha "dous crimes sociaes. Havia a escravidão, havia a pena de morte. Fôra a escravidão que levára Thomaz a praticar o primeiro crime, a pena de morte que o levára a perpetrar o segundo." Para o segundo crime o brilhante e apaixonado defensor encontra desculpas de sobra: "Obrigado pela lei natural a conservar uma vida que não era da sociedade, mas de Deus, tentava evadir-se quando quizerão prendel-o de novo para o cadafalso: foi então o seu segundo crime; ou por medo invencivel ou por vindicta atroz, aniquilou elle esse homem que o agarrava pelas costas para sujeital-o á pena da lei e isso quando elle estava a entrar no gozo da liberdade pela fuga." Perante o Jury Nabuco exclamou: "Não commetteu um crime; removeu um obstaculo!" e ao ouvir essa phrase de moral tão discutivel e que não figura no livro, a sala toda vibrou de enthusiasmo. E' prova bastante de que elle possuia já então a qualidade principal do orador, o poder magico e impalpavel de levar as massas não tanto pelas palavras que pronuncia quanto pela força e seducção da personalidade toda.

A testemunha a quem devo a informação dessa phrase e do seu effeito, Dr. Sancho de Barros Pimentel, então collega e companheiro de casa de Nabuco, destacou num artigo alguns traços caracteristicos de sua oratoria, — suas qualidades de improviso verdadeiramente notaveis, a propria altura, que lhe podia, na falta de outra, servir de tribuna, "a voz clara e um pouco metallica que se fazia ouvir sem esforço até ás extremidades das galerias; o porte airoso; o gesto, expressivo e sobrio. Na physionomia, porém, é que se concentra toda a vida do orador, e antes mesmo das palavras ella interpreta pelo brilho do olhar, pelo movimento dos labios e pelas côres com que se tingem as faces, as emoções que se lhe apoderam da alma."

O réo foi condemnado a galés perpetuas. Era o melhor que se podia esperar e o discurso de Nabuco entrou logo no ról dos acontecimentos que passariam á tradição.

Do seu tempo de academico no Recife sobreviveu ainda a lembrança de outro exito oratorio, em julho de 1869. Esse foi puramente politico e teve por scenario o Club Liberal do Recife. Naquelle tempo, o desanimo do ostracismo pesava sobre o partido. Os conservadores estavam no poder, com Itaborahy, e fortissimos. Em Pernambuco os liberaes se haviam deixado dividir em duas secções que pareciam no momento inconciliaveis. A reunião no Club Liberal era para a eleição do directorio central da provincia. Nabuco chegára tarde como simples observador e achou uma concurrencia importante. A discussão durára já horas sem que os dissidentes, que eram os membros do Club Radical, se deixassem convencer. Recusavam-se a concorrer para a organisação do directorio, por divergir em absoluto do programma da maioria. Os presentes, desanimados, começavam a dispersar-se quando do alto de um banco que elegera em tribuna, um esbelto estudante clamou: "Quo vadis!" Era a voz de Nabuco que se fazia assim ouvir inesperadamente e não lhe faltava enthusiasmo para emprestar nem suggestões para propôr. A reunião prolongou-se para ouvir o seu discurso e o partido finalmente sahiu consolidado.

O Barão de Villa Bella, um dos grandes chefes locaes, contava no dia seguinte por carta ao seu parente e amigo, o Senador Nabuco, o exito de seu filho: "Suppunha-o moço de talento notavel; mas não sabia que era dotado de dons oratorios tão eminentes. Dominou o auditorio, que o applaudia calorosamente e fez calar os taes radicaes." E o Senador Nabuco, bem informado por diversos lados, communicava com emoção ao Joaquim o seu prazer: "Meu caro filho do coração recebe os nossos abraços e felicitações pelas brilhanturas que ahi tens feito e pelas quaes tens alcançado grande reputação e renome. E's o meu orgulho; és o futuro de tua familia e a esperança da Patria."

CAROLINA NABUCO.

Direito parlamentar

No ultimo numero da "Revista do Brasil" o sr. Nestor Massena, director dos serviços de contabilidade da Secretaria da Camara dos Deputados, publicou um estudo sobre o "quorum" parlamentar entre nós, de que as linhas abaixo são seguimento.

Prosegue MICELLI, na obra citada: "O *quorum* pode ser ainda fixo ou variavel. E' fixo quando é, de uma vez por todas, determinado em algarismos. E, nesse caso, pode ser determinado arbitrariamente ou em proporção ao numero de membros de que se compõe a assembléa. E' variavel, quando é estabelecido em relação constante com o numero legal dos membros, ou dos membros effectivos. Por exemplo, quando o *quorum* é prefixado na metade, mais um, elle se desloca, si pela formação de novos collegios eleitoraes, ou, em geral, pela juncção de novos membros, a assembléa augmenta de numero; ou, si pela reducção dos collegios, ou por qualquer outra disposição da lei, a assembléa se torna, ao contrario, menos numerosa.

A segunda especie de *quorum* variavel se verifica quando se tem por base o numero dos membros effectivos, isto é, daquelles de que a assembléa se compõe e que intervêm ou estão em condições de poder realmente intervir em suas sessões. Nesse caso, a variabilidade do *quorum* é bem maior, pois que é então sujeito a todas as causas de oscillação que podem, momentaneamente, augmentar ou diminuir o numero de membros: mortos, mudados, eleições duplas, falta de validação, etc. Entre nós, por exemplo, o *quorum* das assembléas se desloca sempre, pois que, em virtude da interpretação que prevalece, é fundado sobre o numero effectivo: ao passo que na Belgica, ou no Reichstag allemão, torna-se invariavel até que uma nova lei venha accrescer ou diminuir o numero de membros".

Entre nós o *quorum* do artigo 18 da Constituição pode ser variavel em relação á Camara dos Deputados, cujo numero de membros é modificavel conforme os §§ 1.° e 2.° do artigo 28, mas é fixo referentemente ao Senado, cujo numero de membros é invariavel, segundo os artigos 30 e 90, § 4.°, salvo a hypothese do artigo 4.°

Quando a nossa Constituição falla em "maioria absoluta dos seus membros", em relação a cada uma das Camaras do Congresso Nacional, no artigo 18, não precisou si essa maioria absoluta é mais da metade da totalidade legal ou de facto de cada Camara, mas o regimento interno da Camara dissipou qualquer duvida a respeito fixando em 107 essa maioria absoluta e o do Senado o fixa em "metade e mais um" (artigo 92), quando o numero de senadores sendo impar era mais correcto dizer mais da metade.

Pode-se suscitar duvidas sobre si o *quorum* para as deliberações do Senado como tribunal de justiça e o necessario para aceitar a proposta de reforma da Constituição se referem á totalidade legal ou de facto das Camaras do Congresso.

MICELLI prosegue, ainda, na obra a que nos reportamos: "Emfim, o *quorum* pode variar segundo o numero de membros presentes á sessão. Assim, nos Estados Unidos, no New-Hampshire, o *quorum* da Camara é constituido pela maioria "mas si menos dos dois terços se acham presentes, é necessario o voto de dois terços para cada acto ou operação que a Camara deve realizar". Nós desconhecemos nas nossas Camaras do Congresso Nacional esse *quorum* assim variavel em relação ao numero de presentes ás sessões.

Salvo o caso de não ter assistido á discussão, o regimento do Senado não permitte ao senador abster-se de votar, prohibindo, porém, de modo absoluto, que vote o senador que tenha interesse individual no assumpto em deliberação, permanecendo, em ambos os casos, o senador no recinto. Dahi poder a deliberação ser tomada com menor numero de votos totaes do que o exigido para esse fim.

Segundo os habitos das nossas casas legislativas, não se consideram projectos de interesse individual os que determinam creditos para pagamentos em virtude de sentença judiciaria, ou os que se refiram ás classes ou corporações a que pertençam os congressistas.

Em sessão de 25 de Setembro de 1891, suscitou-se, a proposito do voto de um senador que, sendo governador eleito do Estado de Alagôas, tomara parte na votação do decreto vetado pelo presidente da Republica, sobre incompatibilidades eleitoraes, entre as quaes as de senador e de governador a questão de ser ou não computado esse voto, tendo sido resolvido, na sessão do dia seguinte, por 23 contra 21 votos, que não devia ser contado, resultando dahi a approvação do veto, cuja rejeição fôra antes proclamada.

Affonso Penna assim commentou este incidente parlamentar:

"Parece ter influido para essa decisão o ardor das paixões politicas do momento; tanto assim que, posteriormente, tem prevalecido no Senado outra intelligencia a respeito do que se deve considerar *interesse individual* do Senador. Esta ultima interpretação está de accordo com a pratica americana, em cujo parlamento existe prohibição egual á do nosso Regimento.

"Were proposed legislation affects a class as distinct from individuals, it has always been held that a member has a right to vote. It is for the member himself and not for the Chair to decide

as to the right of a member vote in case the question arises". (SMITH: *Constitution and Digest v.° interested,* pag. 377).

Dando sua opinião sobre um caso questionado no parlamento inglez, o Speaker Abbot assim se pronunciou:

"A regra é muito clara. Se os deputados abrissem seus diarios a encontrariam estabelecida, ha duzentos annos; fallando-se della como de uma antiga pratica, que o interesse pessoal incapacita a um membro para votar. Porém esse interesse, além disso, se entenderia que devia ser um interesse pecuniario directo, pertencente separadamente ás pessoas cujos votos eram impugnados, e não em commum com o resto dos subditos de Sua Magestade ou em assumpto de politica de Estado. Assim aconteceu sobre o projecto de lei para um canal, que uma pessoa, cujo nome estava inscripto como subscriptor, não poude votar". (MAY, pag. 353).

Resumindo as regras resultantes dos precedentes da Camara dos Communs, que cita, CUSHING (§ 1.846) assim se pronuncia:

"Resulta dos anteriores e de outros casos — primeiro, que, achando-se pendente uma questão, o direito ou dever de um membro a votar nella póde ser sustentado por elle proprio, ou por outro membro, e regulado pela Camara antes de votada a questão; segundo, que se alguma questão desta natureza é suscitada depois de começada a votação e antes de annunciado o resultado, cabe ao Speaker resolvel-a peremptoriamente, como questão de ordem, ficando sujeita á futura revisão da Casa; terceiro, que as partes nomeadas no bill individual ou collectivamente com outras, são excluidas de votar no mesmo, qualquer que possa ser seu interesse; quarto, quanto a membros, que não estão mencionados como partes, deve-se provar que tem um interesse pecuniario em um bill, para que se os possa impedir de votar sobre o mesmo; quinto, que, se esse interesse é de natureza a poder ser abandonado, é sufficiente fazer-se assim, antes ou depois de uma votação, para justificar o seu voto na questão; sexto, finalmente, que o interesse de um membro para excluil-o de votar deve ser separado e distincto, e não gozado simplesmente, em commum com seus concidadãos."

Não basta, para incapacitar um membro de votar contra um bill, que tenha interesse pecuniário directo, em uma empreza rival. (MAY, pags. 354 e seguintes).

A exclusão de voto sob motivo de interesse pessoal é restricto aos casos de interesse pecuniario e não se estende ás occasiões em que o cuidado do respeito proprio e do respeito devido á Casa aconselha ao membro de abster-se de tomar parte na votação. (MAY, pag. 359).

Os membros interessados não podem tomar parte nos trabalhos das Commissões encarregadas do exame do bill, que lhes aproveita. (MAY, pagina 357)".

A verificação da votação, no Senado, ou na Camara dos Deputados, póde ser requerida, desde que se levante duvida sobre o resultado annunciado pela Mesa. E' preciso, porém, que se faça o requerimento (verbal) logo depois desse acto, antes de se ter iniciado qualquer outro assumpto.

Na verificação da votação admitte-se o voto do Senador que entrou para a sala, depois de proclamado o resultado. (Decisão da Mesa do Senado, em 10 de Outubro de 1891).

A pratica do Parlamento inglez, das Assembléas americanas e das Camaras belgas é contraria: não se admitte tomar conhecimento de voto de Senador ou Deputado, que estava fóra do recinto quando foi proclamado o resultado do escrutinio, havendo duvida sobre este. (CUSHING, §§ 394 e 1.812 — VANDENPEEREBOM, t. II, pag. 397 — WILSON: *Digest of Parliamentary Law,* § 1.928).

O *quorum* pode ser, expresso ou implicito, pois que sendo elle, pelo menos, egual ao total dos membros, dos votos, do *quantum* com que uma materia é acceita, é approvada, si se fixa o numero de votos necessarios á adopção de uma proposição esse numero implica o *quorum* minimo com que ella pode ser considerada, isto é, julgada, deliberada, votada. E' assim que, dispondo a Constituição da Republica não poder uma proposta de reforma constitucional ser aceita ou approvada, por menos de dois terços dos votos em cada uma das Camaras, ou nas duas Camaras, do Congresso Nacional, o *quorum* deliberante é ahi implicito, é, no minimo, egual ao *quantum* exigido para a aceitação, a approvação, da proposta, isto é, dois terços do Senado, 42 votos, dois terços da Camara, 142 votos, dois terços do Congresso, 184 votos.

Na pratica parlamentar, registram-se, geralmente, as decisões das assembléas, pela expressão — a casa deliberou, ou decidiu, e, por extensão, a assembléa, a Camara, o Senado, ou o Congresso, em logar de casa, dizendo-se tambem, — não ha casa — para consignar a falta de *quorum.* Dahi a synonimia resultante das expressões *quorum* e casa.

Sobre a base juridica do *quorum,* escreveu o professor MICELLI no seu já citado trabalho:

"A base primitiva do *quorum* deve ser pesquizada em dupla ordem de exigencias. Em primeiro logar, é mister ter em conta a necessidade de uma garantia contra as surprezas das pequenas minorias e contra as combinações possiveis do lado dos pequenos grupos de membros activos, intrepidos e emprehendedores. Si não se estabelecesse para a validade das sessões ou das votações a presença ou a intervenção de um certo numero de membros, cada pequeno grupo desses poderia se attribuir a faculdade de realizar por si só as funcções da assembléa e de validar, como representantes dessa ultima, actos que a grande maioria não teria aceito.

Mas o *quorum* não constitue apenas uma garantia contra as sorprezas de pequeno numero; é, tam-

bem, uma garantia para os mais diligentes e os mais expeditos. E' preciso estabelecer formalmente qual deve ser o numero necessario para fazer *uma Camara,* afim de que os membros pontuaes saibam com precisão quando podem e devem começar a funccionar como assembléa, sem incorrer em alguma responsabilidade em face dos outros membros ou sem que possam ser accusados de ter agido em nome da assembléa, não tendo recebido dessa qualquer autorisação.

Temos, pois, duas especies de garantia; uma, a favor da assembléa (ou, para melhor dizer, da maioria) defronte de uma pequena parte de membros; a outra, a favor dos membros diligentes, ou que se acham em condições de intervir, em face dos que não intervêm.

Essas duas ordens de garantia não têm o mesmo valor e a mesma importancia. As garantias a favor da maioria podem adquirir grande valor, quando se trata de maiorias indolentes e pouco assiduas ás sessões, pois que então ellas têm necessidade de achar no *quorum* essa tutela, que ellas não sabem procurar por si mesmas. Mas, quando as maiorias são assiduas e absolutamente conscientes de seus deveres e dispostas a observal-os, não têm necessidade de procurar na regra a garantia contra as sorprezas da minoria, porque nesses casos taes sorprezas não são possiveis.

Ora, si é justo que as regras de direito sirvam para defender os interesses legitimos das pessoas, não é justo que ellas tenham por escopo defender, mesmo indirectamente, a indolencia. Com isso não queremos affirmar que as maiorias não tenham direito a qualquer defesa; queremos, simplesmente, pôr em relevo que, nesse caso, a importancia dessa defesa, sob o ponto de vista juridico, não é tão grande que pudesse apparecer em primeiro plano.

Muito mais importante é a segunda ordem de garantias. Com effeito, não é razoavel que os que intervêm com diligencia nas sessões e que se acham dispostos a empregar toda a sua actividade para os fins que a assembléa se propõe, sejam constrangidos a perder o seu tempo para attender os collegas retardatarios e indolentes, e sejam obrigados á inacção por causa da pouca diligencia dos outros, e de certa maneira punidos pela sua actividade. Considerada sob esse o ponto de vista, a regra que estabelece o *quorum* não pode mais ser invocada para defender a indolencia, mas deve constituir como o "premio do zelo dos mais activos".

NESTOR MASSENA.

Recordações de Dona Quiteria

Entre tudo o que a "Revista do Brasil" publicou em sua primeira phase, nada mais interessante do que o romance do Sr. João Ribeiro, intitulado "Recordações de Dona Quiteria". Tratava-se de um genero literario em que o illustre autor das "Paginas de Esthetica "ainda não se havia ensaiado, mas onde o seu talento poderia revelar-se mais completo e mais livremente que nunca. Ter-se-ia, ahi, toda probabilidade de encontrar, expostas com a precisão e a franqueza que só lhe permittiria uma obra de ficção, as idéas que formasse sobre a vida o espirito mais cultivado, mais agil, mais inquieto e mais complexo dos nossos escriptores contemporaneos. Por isso mesmo, as "Recordações de Dona Quiteria" despertaram curiosidade intensa e generalisada, que cresceu á medida que appareciam os capitulos, excedendo de muito á espectativa mais optimista formada em torno do trabalho.

Infelizmente, porém, a publicação interrompeu-se, quando apenas se editára a primeira parte das "Recordações de Dona Quiteria". Agóra, a instancias nossas, o Sr. João Ribeiro concedeu á "Revista do Brasil" o privilegio honroso de dar a conhecer integralmente o admiravel romance. E' essa publicação que iniciamos abaixo e proseguirá nos proximos numeros.

— Oh! por aqui, snr. Matos?

— E' verdade. Venho dar-lhe uma boa noticia. Vou casar-me.

— Sente-se. Parabens.

O Matos sentou-se a meu lado. Interrompi a leitura que fazia de uns versos obscuros de Horacio:

per angustam tenuis vulpecula riman...

Que absurda essa imagem da *vulpecula* em tão ajuizado poeta!

— Como que você falou em absurdo?...

— Não. Estava a pensar nos versos de Horacio...

— Ah! isso é outra coisa.

O meu velho amigo Matos, contou-me então a sua aventura de um terceiro casamento.

Não era um barba-azul; mas, emfim, (dizia jovialmente) é cousa triste envelhecer na solidão... Não acha?

Approvei os seus terceiros planos de felicidade e, ao despedir-me, lembrei-me de lhe dar a lêr um manuscripto que o acaso de um leilão de livros velhos puzera em minhas mãos.

— Sei que você é grande ledor de antigualhas, e veja se esse manuscripto vale alguma coisa.

Na verdade, como editor, que sou, tinha hesitações a respeito daquelles papeis. O Matos poderia talvez resolver as minhas duvidas que eram mais da falta de tempo que do exame do manuscripto.

Eis que, passados uns quinze dias, recebi esse bilhete do meu amigo:

— *Restituo o manuscripto. Se não acreditasse na sua velha amizade, teria cortado as relações.*

Coisa grave! Perdi um amigo. Mas já agora o livro será uma compensação. Vou edital-o.

Puz-lhe o titulo de — *Recordações de Dona Quiteria.* Nada sei a respeito da mulher que o escreveu, a não ser esse inexplicavel incidente do velho amigo Matos, que parece estar ligado a qualquer sentido equivico do manuscripto. Será assim?

São estes os papeis revoltos que ordenei, como pude, em capitulos. Conto que haverá por ahi muita insomnia a reclamar esse toxico literario.

I

Nasci na estação da Piedade, a cem passos da Estrada de Ferro. Meus paes eram pobres e a pobreza os havia tangido para os confins da cidade, como cidadãos fronteiriços, incommunicaveis e quasi selvagens.

A casinha alvejava collada á floresta; ainda outro dia fui vel-a só para conhecer o torrão onde germinei e onde abri os olhos á luz da vida. Sinto em mim aquellas arvores e creio que ainda hoje só vejo por aquellas janellas: Ficaram-me nalma.

Todos nós temos as nossas paizagens ingénitas, como se foram as sombras perpetuas do espirito.

Quando nasci, houve em casa uma pequena decepção. Esperavam que eu fosse macho.

O commendador Torresão, que havia de ser meu padrinho, costumava dizer á mamãe:

— Este ha de ser o presidente da Republica!

Todos sorriam contentes das possibilidades infinitas da democracia.

Que esperança!

Nasci mulher e mulher eu sou desconsoladamente.

Meu marido, o desembargador Cantidiano, acostumado ás subtilezas do fôro, não tem opinião muito segura ácerca deste ponto.

— Sim, disse-me elle ainda hontem, seja como fôr, tu devias ser macho. O influxo magnetico do commendador Torrezão não te fez homem, mas aleijou-te a vida. Essas tuas literaturas e caraminholas literarias que te consomem o tempo, são proprias de barbados. Pragas de padrinhos são peiores que maldição de pae.

— Então, sou acaso macho?

— Não digo isso, mas...

Taes contendas eram infindaveis. O desembargador só admitte duas literaturas domesticas e proprias do sexo: a do rol da roupa e a do caderno da venda.

Quando tenho rusgas pequeninas com o Cantidiano (e graças a Deus nunca as tive grandes), costumo timidamente lembrar as opiniões do "defunto".

Falo do meu primeiro marido, já se entende. O desembargador "dá o desespero" e elle que não crê em almas d'outro mundo tem incoercivel horror ao defunto.

Depois que eu descobri esse argumento baculino, melhorei muito a minha vida literaria. O homem muda de côr, pega do chapeo e desapparece.

Fico só, e então escrevo, e dou largas á phantasia sem estorvo.

Se essas recordações merecerem, algum dia, a doçura de um premio academico, tudo será devido ao defunto providencial e opportuno que é o Deus dos meus ocios e faz milagres depois de morto.

O velho Cantidiano com o ser santo e vivo, jamais os faria...

II

Não poderia eu agora proseguir sem falar da minha cara metade. Não quero ser vista de perfil, sem o outro lado que me completa.

O desembargador Cantidiano, meu segundo marido, homem grave e edoso, foi em verdade não digo o meu primeiro amor, mas o meu primeiro namorado.

Eu era pequenina e insignificante, e fazia-me elle festas, batia-me nas bochechas e promettia casar mais tarde, tempo adeante, quando me fizesse moça.

Eu não entendia, e nem podia entender cousa alguma, desse antecipado mysterio. Os outros, porém, entendiam por mim: minha santa mãe pensava que um marido deve ser um verdadeiro pae e qualquer homem é sempre mais jovem vinte annos que uma mulher da mesma idade.

De todas essas combinações longinquas o que me vem á memoria neste momento são os confeitos, os *bonbons* e mil coisinhas agradaveis.

Quando cresci, já o Dr. Cantidiano havia migrado para o norte. Sem traição nem infidelidade, amei o meu querido Paulo, tão cedo roubado ao meu amor.

E nunca mais ouvi falar em Cantidiano. E creio até que lhe esqueci o nome. A vida desenha-se mais com a esponja que com as linhas.

Eis senão quando um acontecimento vulgar veiu avivar-me a memoria.

Dizem que os insectos voejam levando o pollen de uma flôr pára outra. Que encontros felizes não lhes prepara, ás esquecidas flores, esse instinto mysterioso!

Quando eu emmurchecia na viuvez, desenganada e triste, chegou Cantidiano.

Vinha num transatlantico, como sobre as azas de aço de um coleoptero.

Vinha para mim, sequioso, a cumprir aquella distante e alongada promessa. Quem m'o mandava?

Vinha feito Sr. desembargador, grave, mas elegante e casquilho. Parecia moço, com furta-cores de juventude; verifiquei mais tarde que esses reflexos fugitivos de mocidade eram de natureza chimica, quando achei no fundo de suas malas uma frascaria numerosa de nitratos e de "Juventude Alexandre".

Casamo-nos.

Pouco me importa agora a sua certidão de idade.

Só lhe censuro uma pequenina fraude; por mera visinhança matrimonial, quando lhe tomo um anno emprestado, este vale dez.

Para o desembargador, eu ando ahi pelos quarenta.

— Não era! — digo eu.

O Dr. Cantidiano estudou em Coimbra, mas veio de lá português ferrenho, de quatro costados, e actualmente é um terrivel "approximador".

Elle quer (ou quere, como costuma dizer) a approximação luso-brasileira.

Não estou inteiramente convertida, e por vezes divirto-me a contestal-o suavemente. Emfim, a terra portugueza tem attracções invenciveis; e, por que é que todo o brasileiro, uma vez lá, perde o orgulho de americano?

Talvez o ambiente europeu reconstitua os fragmentos ancestraes apagados pelo tempo, e a alma emigrada do americano volte á consciencia das antigas estirpes.

Não sei. A verdade é que Cantidiano quasi que só é brasileiro por favor, officialmente.

A minha engommadeira, a Bernardina, beirôa de lingua solta, e que não se compraz em hypotheses atravessadas, disse-me ess'outro dia:

— Não creia nisso, minha senhora. São artes das ciganas de Coimbra.

— Ciganas?

Ella o disse, e com o sotaque embrulhado que tem. Pareceu dizer tziganas, mas eu ouvi claramente tricanas.

Não conheço essa gente, nem os seus feitiços diabolicos.

Seja como for, o Cantidiano é legitimo luso-brasileiro.

Agora mesmo, ahi vem elle trauteando o Fado Robles:

Na folha da hera em verde
O teu nome eu escrevi...

Como é lamentoso, triste e providencial! Chut! Guardemos o manuscripto.

III

Ciumes, não; mas uma leve pontinha de despeito, levou-me a inquirir do desembargador Cantidiano o sentido daquella exquisita allusão das tricanas.

E desfechei-lhe o golpe:

— Com que então ha tricanas em Coimbra?

Mulher de juiz, estou um tanto familiarizada com os segredos e as tricas da investigação judiciaria.

Expuz a questão aos poucos, com indiferença *maieutica* como dizem os philosophos. Bastava allegar a metade, summariamente. O resto da armadilha viria depois.

— Isso deve ser mentira (disse-me gravemente). Tricanas ha, pois não ha? existem cá tambem as mulatinhas que enfeitiçam e explicam desvios de conducta. Mas fui sempre rigido, austeramente infenso a derriços baratos.

Entretanto percebi que o homem ficara perturbado. Estava elle a folheiar autos e papeis que enchiam a mesa. Era evidente o enleio que o tornára perplexo e aturdido.

Quasi me arrependi da provocação. Os meus instintos felinos, entretanto, comprazíam-se nesse tormento.

Cantidiano levantou-se e caminhou para uma estante, talvez por buscar um eclipse e me voltar as costas. Mexeu e remexeu ao acaso alguns livros, mas tão desordenadamente que um delles, enorme, e que devia ser a obra de um velho praxista, escapou-lhe das mãos e veio esborrachar-se-lhe aos pés com o fragor de quatro seculos de jurisprudencia.

Juno ciumenta, mas discreta, rompi a nuvem daquella poeira manuelina e colhi o volumoso tratado — "*De noxalibus actionibus*" — que não sei o que é, e o fui repôr na prateleira.

— Obrigado — murmurou o desembargador. Mas rapariga, quem te metteu pelo ouvido essas historias de tricanas? Ora, dá-se... ha coisas...

— Ninguem, respondi. Falei por falar. Sem intenção. Magoei-te com isso?

Houve um pequeno silencio. O desembargador, um pouco atarantado, sentou-se á escrevaninha e fingiu ler.

Não lia, entretanto, que não era ler aquelle caracolar do dedo em helice a gesticular obscuros pensamentos.

— Elle é assim! murmurou.

Dahi a pouco tossiu, para encher o silencio; emfim, não se conteve. Voltou-se para mim e perguntou-me de subito:

— Falaram-te alguma coisa, Quiteria?

— Absolutamente. Não tratemos mais disso.

— Não, pelo contrario. Insisto devéras. Tu sabes que a minha vida foi sempre pautada sob o dever. Fui creado dentro de severos e rigidos principios...

Deixei desfallecer e apagar-se aquella conversação incommoda, que lhe vinha estorvar o deleite e a companhia dos velhos praxistas.

Novo silencio.

Simulei uma retirada. Mas Cantidiano embargou-me o passo e, com suave carinho, falou-me, emfim:

— Minha Quité, (é o *nom de caresse* que me dá nas horas mais intimas). Em tudo ha sempre um fundo de verdade. A unica coisa que poderiam dizer-te é que tenho um afilhado ahi pelo Mondego.

— Estás a confessar-te, e, por essa historia de afilhados, parece que o padre confessor és tu.

— Tenho um afilhadinho, (e acentuou o diminuitivo como attenuante). Dei-lhe a benção, criei-o. Isso não é crime, é caridade.

Peguei-o. Como é facil pegar um homem consagrado a endireitar os tortos!

Devem estar consolados os coxos e os mentirosos.

Para mim, a consolação maior era a de saber que Cantidiano talvez levasse á pia muita gente christã, á moda camoneana "dilatando a fé e o imperio."

Eis ahi.

(Interrupção do editor)

Esses papeis de Dona Quiteria foram por mim occasionalmente numerados e divididos em capitulos com o cuidado paciente e escrupuloso que estavam a reclamar as folhas revoltas do manuscripto.

Creio, porém, que entre o 4 e o 5 capitulo desta narrativa se interpõe evidente lacuna. Como sou inimigo de ou-

sadas interpolações nada accresci ás paginas do original.

Parece que na supposta lacuna Dona Quiteria abriu largas ensanchas para maldizer á vontade do Cazuzinha. Conheci esse rapaz que não era feio nem barrigudo. Os epigrammas que fazia deram-lhe a fama de genio.

Toda a gente sabe que os poetas de vinte annos são genios por aquella phrase feita applicada ás mulheres de agual edade.

Todos elles teem o "genie du diable".

Era, pois, o Cazuzinha um genio razoavel ,e, se quizerem, diabolico. Essa questão concerne á historia literaria.

Desculpem os leitores a digressão que de boa justiça é sempre tempo opportuno.

IV

Devo começar do principio; entretanto, que posso eu dizer dos primeiros annos da minha vida? Toda ella está escripta na uniformidade dos seres elementares que apenas vivem e nada mais.

Recontaram-me tolices e disparates de que não tenho a menor lembrança e não sei até onde as glosas compromettem o texto. Dizem-me que eu era aggressiva e difficil de agradar; deve ser a verdade porque ainda hoje o sou, bravia e indocil.

As mulheres mansas, todavia, são perigosas; e tenho que a mansuetude é já uma traição á animalidade. O espinho ou o amargor é uma arma de defesa, como é a doçura a primeira vertigem de perdição.

Reparem, eu digo o espinho e não o veneno.

Comtudo, vou relatar um facto diverso, sem consequencia, e que me ficou em farrapos na reminiscencia daquelles tempos.

Lembra-me, e foi o caso que o Cazuza, um menino tão pequeno como eu, mas vivo e esperto, numa volta de "cabra-cega", e por brinquedo, deu-me um beijo.

Mas não era um beijo, que muitos beijos conhecia-os eu dos labios da mamãe. Era qualquer coisa de infernal, um gesto longo, diabolico a concentrar furias terriveis que lhe vinham dos olhos languidos, quebrados e cheios de vontade de morrer.

Senti que Cazuzinha queria desapparecer em mim.

Desvencilhei-me, rejeitei-o para trás e, com uma rija bofetada, fiz-lhe as ventas espirrarem sangue.

A "cabra-cega" terminou em tragedia.

Minha mãe desde aquella occasião não permittiu mais que eu entrasse em semelhantes brinquedos. Os meninos da vizinhança apavoraram-se e o "Rato Branco", como chamavam ao Quinquim, que morava defronte, temendo egual sorte, quando me via passava ao largo.

Foi a primeira debandada dos meus amigos.

Fugia-me a sociedade, mas, em compensação a esse deserto que me cercava, nasciam dentro em mim personagens varias que dialogavam no mundo melhor e mais intimo em que me ensimesmava. Assim, desabotoaram os meus primeiros fantasmas, companheiros e socios da minha melancholia. Diminuiam os circumstantes, mas crescia-me a alma. Desde então comecei a ouvir a pergunta:

— Estás triste?

A melancholia não é por vezes senão um outro mundo espectral que nos absorve. Eu sentia-me andar fóra de mim mesma nas horas longas de exilio voluntario da alma.

— Estás hoje triste! Sim. E dessa tristeza é que eu vivia, cheia de ausencias que a minha distancia creava e affagava.

A' parte o caso tragico da "cabra-cega" terminada em sangue, não me lembra outro.

E', aliás, coisa facil esquecer ou occultar os defeitos proprios.

Mas sustento que essa é virtude, que nos ensina a ser temidas e respeitadas.

As mulheres são flores que é preciso sentir, de longe ou perto, mas sempre a qualquer distancia; não são fructos para ser trincados e esbagoados nos dentes do primeiro gargantão.

O Cazuzinha ficou meu inimigo até hoje. E' actualmente "sapo" da Prefeitura e vinga-se dos desaffectos com multas e mais multas.

Fiçou feio e ventrudo como os seus peccados. Com a sua barriga que arqueia quatro toneis, vive a fazer epigrammas licenciosos.

Qualquer dia me lançará em desespero,

quando souber que escrevo e contravenho as licenças por erro profissional.

— "Sangue é *danaro*", como se diz no Brás.

V

A outra lembrança dos annos infantis (e esta mais profunda, impressiva e dolorosa), foi a de deixarmos a casinha branca da Piedade, onde nasci.

Foi como se minguassem e descascassem, por assim dizer, a minha pessoazinha, porque tudo aquillo, a casinha, o arvoredo, a egrejita, os longes azulados estavam em mim. Eram como os meus vestidos, o meu burel, o meu uniforme, a minha pelle. Deixando-os, senti cair o cortice e o alburno, e envergonhei-me da minha nudez.

Eu disse já que aquella paisagem nativa ainda vive em mim e me acompanhará toda a vida, como uma nevoa envolvente.

Vejo ainda agora o arvoredo que me falava pelo biquinho dos passaros no campo verde que parecia escutal-os e a egrejinha no oiteiro, alta e branca, quasi lua perenne e suave. Por vezes, ainda sinto no ouvido o fragor e o estrondo do trem expresso que passava de noite fumegante lançando grandes retalhos de luz sobre a campina adormecida.

Dizem que duas mudanças valem um incendio; essa, despiu-me da meninice. Recolhi para dentro d'alma os destroços das arvores e da campina que me arrebatára o terremoto.

Entretanto, todos estavam alegres com a mudança.

Foi o caso que meu pae, até então empobrecido em litigios longos e difficeis, ganhára a demanda e ficára rico, subitamente, da noite para o dia.

O commendador Torresão, meu padrinho, foi o primeiro a dar-me os parabens e a olhar desvanecidamente para a afilhada.

Só eu, triste e aggressiva, não comprehendia aquella evaporação de todas as coisas que me deram a primeira noção do mundo. Minha mãe entresorria e chorava, e apertava-me ao seio.

— E' a felicidade, dizia-me ella. Não pódes comprehendel-a.

Deixamos a casinha da Piedade e fomos habitar junto ao mar em Copacabana, num casarão que me pareceu complicado e enorme.

A alegria de meu pae era immensa e ineffavel. Ainda não saiamos da Piedade e todos que passavam, saudavam-no: — Commendador!

E elle não o era. Mas, fez vida grandiosa e fidalga, deu esmola e aliviou a pobreza de muita gente. Mandou dinheiro grosso para a santa terrinha, berço nativo, a aldeia de Portella, na Beira, onde se adora por um anachronismo ingenuo e poetico o menino Jesus no collo de N. Senhora do O'.

Nada fez por vaidade, mas por devoção e alegria. Morreu barão, sem o querer e sem o pedir.

Quando ha pouco tempo, com o desembargador, visitei a Europa, não esqueci a risonha aldeia que pertence ao *aro* de Viseu e que é, depois da Piedade, a mais donosa paisagem que tenho visto.

Quando não, devia elle, como eu, sentir o desamparo do berço nativo, em busca do mar cheio de trahições e de insidias!

E que compensação podia dar-nos o dinheiro?

O dinheiro trouxe-nos a entrada subita no high-life.

A nata, o escól ou a elite (como diz aquelle celebre academico da lingua) é uma estilisação social do dinheiro. Apenas alguns pobres vaidosos a ella se aggregam através das casas de penhores, porque se contentam e se engasgam com o cheiro ou talvez por algum proveito catalitico.

Contava com graça meu pae um dia que certo follicullario de elegancia apontava como coisa do bom tom trazer pendurado pelo dedo um pacotinho, segundo o vezo mundano do shopping tão commum em Londres. Era allusão discreta ao embrulho de café que, com ser barão de Portella, meu pae trazia todas as tardes.

Não sei se a moda pegou. E' provavel.

(*Continúa*).

JOÃO RIBEIRO.

Critica do Gregoriano

Preeminencia da melodia no Gregoriano. — Na Grecia tudo tinha de concorrer em harmonia pra realizar o cidadão helenico cujo conceito era inseparavel do do Estado. Todas as especializações eram por isso dissolutorias do ideal de cidadão grego e foram desconhecidas lá a não ser no periodo de declinio. Quem trouxe a idéa prática do homem-só, destruindo a base em que organizaram-se as civilizações da Antiguidade foi Jesus passeando a Sua imensa divindade solitaria sobre a Terra. E com isso um ideal novo de civilização ia nascer provindo não mais do conceito de Sociedade porêm do de Humanidade. Porquê só mesmo a realidade do individuo, que o exame de consciencia cristão evidenciava, traz a idéa de Humanidade ao passo que a eficiencia do homem-colectivo de dantes despertava só a de Sociedade, o que não é a mesma coisa. Os homens antigos possuiram noção nitida e agente de socialização porêm tiveram ideas imperfeitas quasi sempre, vagas e divagantes sobre o que seja humanização e igualdade humana.

O homem-só e concomitantemente humanizado do Cristianismo ia tender pra uma fase nova da evolução musical, a fase melodica, em que os sons não têm mais como base fundamental de união a relação durativa que entre eles possa existir porêm a relação puramente sonora. Era mudança bem grande na concepção musical e no emprego da musica que em vez de interessar agora pelos efeitos fisiologicos, pelas dinamogenias mais imediatas e fortemente compreensiveis que o ritmo cria, principiava querendo interessar a parte mais recondita dos nossos afetos e comoções. Enfim a musica deixava de ser sensorial pra se tornar sensitiva.

Otto Keller (Geschichte der Musik) exprime com felicidade que "enquanto os povos antigos tinham concebido o som em si mesmo como meio sensitivo perceptivel, o Cristianismo o empregou como meio pelo qual a alma comovida se exprime em belas formas sonoras, melodias agradaveis". Tambem o rev. H. Frere no artigo sobre cantochão (Grove's Dictionary of Music)observa que o valor do modo de cantar criado pelos cristãos está em que êle representa "a evolução da melodia artistica". Peter Wagner verificando a extraordinaria riqueza de expressão melodica do gregoriano, acha que sob esse ponto de vista talvez a gente não encontre nada de comparavel a êle na evolução da musica.

A gente deve notar, entretanto, que essa diferenciação caracteristica entre a musicalidade grega e a cristã não provêm duma criação inteiramente original do Cristianismo, porêm, nasce apenas do desenvolvimento dado pelos cristãos á maneira hebraica de praticar o canto. O coral gregoriano é positivamente o intermediario entre a musica oriental (pelo que inda traz em si de teorias gregas e de práticas hebraicas) e o conceito tonal e harmonico moderno de que já apresenta os germens.

Conceito monodico absoluto do gregoriano. — Numa variedade muitas vezes desconcertante de notações se conservaram até nós as melopeas cristãs. Cantos simples ou ornados elas não oferecem a uma critica profunda complexidade grande de linha melodica e muito menos de ritmo. São geralmente verdadeiras ondulações de poucas notas, circundando a *tenor* que fazia mais ou menos o papel de dominante modal e que nem o quinto grau em nossas tonalidades. Eram essa *tenor* e a nota final que davam as relações harmonicas da peça. E' sabido que não pode ter melodia compreensivel sem que os sons com que ela é construida tenham entre si relação harmonica. A melopea cristã que nem a grega, era essencialmente monodica. Se contentava da plastica linear sonora e se bastava a si mesma. Não comportava, pois, nenhum acompanhamento, nenhuma harmonização concomitantemente concebida. A unica realidade harmonica que possuia eram essas relações imprescindiveis dos sons do modo com a final (tonica) e a *tenor,* sons dirigentes da evolução melodica. E essas relações eram por vezes muitissimo subtis e a determinação do modo muitas vezes ficava indecisa até pros teoricos do tempo. Ora, pois, qualquer acompanhamento, qualquer harmonização, sobretudo tonal, á moderna, ajuntada á monodia gregoriana, é absurdo que não só frisa a incompreensão do instrumentista como destroi na essencia mais pura dela a boniteza sublime do cantochão.

No entanto, mesmo durante o periodo aureo do gregoriano (sec. VI-sec. VIII) muitas vezes o canto continha uma segunda parte... Texto célebre de Sto. Agostinho comentando um salmo afirma a existencia ao menos de duas partes simultaneas. Estamos, pois, ainda diante dum costume tradicional dos gregos, provavelmente vindo através de influencia bisantina. Com efeito a gente sabe que já no sec. IV se praticava em Bisancio o *ison,* que consistia em sustentar um som modal importante (tonica, dominante)ao passo que a outra voz executava a melodia. Tradição grega e possivelmente judaica tambem, conforme texto do sec. III... Em seguida, principalmente depois do aparecimento das Scholae Cantorum, formando artistas habeis, se desenvolveu o costume de fazer um contracanto quasi sempre paralelo evoluindo uma quinta acima da melodia dada. E a gente deve inda lembrar que a prá-

tica dos coros mixtos levava fatalmente ao redobramento em oitava que existe de natureza entre a voz do homem e a das mulheres e crianças. Hoje está provado historicamente que tudo isso se deu embora repugne ao actual conceito crítico do gregoriano e pareça prejudicar o valor de artistas desses homens que nos legaram as mais belas melodias puras.

Porèm a gente carece de notar que a existencia dessa segunda voz (*vox organalis*, voz instrumental, o que poderá indicar que ao menos de primeiro essa parte ajuntada era instrumental) com que se realizava essa polifonia então chamada de *Organum* não altera absolutamente a realidade monodica do gregoriano. A não ser o *ison*, pedal harmonico como a gente fala hoje, cujo conceito embora rudimentarissimo é deveras harmonico, tanto uma segunda melodia como o redobramento na quinta ou na oitava ajuntados a üa melodia nada tem de conceitualmente harmonicos. Ficavam melodias distintas ou ecoantes ajuntadas. E tão independentes uma da outra que mesmo os tratadistas modernos mais argutos e que sabem olhar êsses conjuntos sob o ponto-de-vista polifonico não o fazem de maneira absoluta como careceria fazer, isto é, duas melodias que não têm nenhuma relação harmonica entre si mas apenas relações euritmicas de similitude modal melodica e ritmica. D'aí classificarem de intoleraveis tais *harmonizações*. No entanto eram chamadas de "dulcissimas "nos tempos de dantes... O conceito polifonico-harmonico de polifonia é posterior ao gregoriano que foi criado no periodo da melodia absoluta. Não é possivel julgar essas successões de quintas paralelas e ás vezes, como comenta Emmanuel (*Histoire de la Langue Musicale*) de intervalos inda mais rudes como encadeamentos intervalares simultaneos, como realizações harmonicas, enfim. A' melodia monodica gregoriana se ajuntava uma outra monodia porventura imitante da primeira, porêm que quando realizada era por completo independe desta. As sensibilidades evoluem e com elas as maneiras de olhar, de ouvir... Esses homens cristãos não tinham sensibilidade harmonica no sentido intervalar simultaneo da palavra. O proprio gregoriano o prova sem restrição. Esse *órganum* devia de ser executado no mais intrinseco e livre sentido de polifonia: duas melodias ajuntadas euritmicamente por meio dos seus arabescos monodicos. Dessa prática é que surgiria o conceito polifonico-harmonico seguinte e dêste enfim a harmonia. Assim: si ás vezes a primeira idade musical usou de melodias simultaneas não resta duvida que as peças gregorianas eram conceitualmente monodicas. O unissono coral representa a realidade exata do cantochão.

O criador tem normas e o repetidor teorias. — Através duma luta longa de dez seculos o gregoriano estabelecendo, conhecera periodo aureo com o seculo de Gregorio Magno e seguintes. Perdurava ainda e até o sec. XIII será cultivado. Porêm já desencaminhava pra complicações e preciosismos depois que não tinha mais Roma como foco principal mas se deesnvolvia na escola franco-alemã desde o sec. IX. Nesta, embora preciosa e acrobatica iria surgir a criação admiravel dos tropos e sequencias. Mas o canto gregoriano legitimo já se estratificava enquanto se desenvolvia a teorica dele e a notação. De primeiro viera a arte, a invenção como sempre sucede. As teorias que apareceram concomitantemente ao periodo de esplendor criativo eram confusas e indecisas. Só posteriormente com os ultimos seculos da primeira idade musical quando a arte do cantochão já se academizava é que aparece o periodo dos teoricos grandes dele — teoricos... gente que surge da morte e se alimenta do que passou.

Nós teremos ocasião de seguir sempre através desta Historia a luta da Arte não propriamente contra a Teoria, porêm, apesar da teoria... Os criadores geniais estabelecem um ou outro principio teorico porêm êsses principios não têm pra êles função basica de teoria mas antes normalizadora estabilizadora de personalidade ou tendencias mais ou menos coletivas. Isso quer dizer que pros artistas grandes a teoria existe em função da Arte e não tem nem cheiro leve de lei, é norma. Só nos periodos de estratificação dûa modalidade artistica é que verdadeiramente a Teoria se organiza tirando das criações do passado regras que se fingem de leis. Mas então essas leis não servem mais geralmente porquê provindas duma arte caduca, arte que tambem não *serve* mais. Porquê não representa mais a atualidade social duma civilização. Ao lado dessas leis surgem tendencias novas com formas novas, timidas no comêço, confusas, abandonadas ás vezes, retomadas ás vezes, manifestações inda precarias da inteligencia organizadora que tanto custa a se afazer com as mudanças pererecas da sensibilidade e da vida social. E essas tendencias novas, essas normas novas, são abafadas, martirizadas, pela inercia natural dos teoristas e artistinhos repetidores, que só podem encontrar no caminho frequentado do passado aquela pasmaceira de vitalidade a que se afazem tão bem os comedores de cadaveres e os que têm os braços caídos. Não carece a gente se erguer contra teoricos geniais que nem Aristoxeno e Guido. Fazem papel nobrissimo e estão no destino deles: intelectualizam, dão uma compreensão crítica e util do passado. E as teorizações e as criticas deles são ainda e sempre uma criação. Aliás não carece nem mesmo a gente se lamentar por causa da inercia dos homens em geral e da pobreza ativa em odios e mesquinharias dos que trazem os braços caídos. E' muito provavel que do proprio martirio a que sujeitam os artistas novos êstes tirem parte grande da inquietação, da dúvida penosa e interrogativa que aguça-lhes a sensibilidade e escreve-lhes na inteligencia afogueada por tanta malvadeza quotidiana aqueles decretos e invenções em que num

atimo a obra-de-arte reveladora se manifesta no espirito. Se manifesta nova, inconsciente por assim dizer, fatalizante, representando o tempo social e a alma nova que os tempos sociais dão pros homens. Porêm si a gente não carece de lamentar êsse estado-de-coisas repetido com paciencia burra pelos homens através da historia, nem se erguer contra os teoricos geniais que facilitam a compreensão do passado... e a repetição dele, sempre a verificação dessa constancia com que as teorias sucedem ás artes consola e fortifica o artista na solidão assú em que vive correndo em busca do amor humano. Mas os homens se afastam dele... Pois então que venha como consôlo que é sempre renovação de energia essa esperança de que "dia virá".

Na Grecia já o periodo teorico é propriamente o sec. IV a. C. com Aristoxeno e os seculos seguintes. Agora tambem a fase dos sistematizadores do gregoriano vem com os tempos derradeiros da primeira idade musical, Guido d'Arezzo dominando. Já então, porêm, a monodia cristã não representava mais a sensibilidade social historica do Catolicismo transformada pela mudança gradativa do homem-só medieval que os barões representavam pelo conceito mais praticamente terrestre dos homens-sós reunidos que os burgos e sobretudo as cidades republicanas iriam representar. Surge periodo novo, verdadeira Idade Media musical, caracterizado pela polifonia que se manifesta tal e qual uma socialização, uma republicanização de melodias.

O cantochão perdia a sua eficacia de representação historica do Cristianismo. Porêm não perdeu nada da eficacia com que representa a essencia ideal e mais intima do Catolicismo e continúa assim como a manifestação maxima caracteristica e original da musica religiosa catolica. Atingiu como arte musical nenhuma a perfeição simples e ao mesmo tempo grandiosa com que interpreta a propria essencia do Catolicismo, religião da alma se considerando por si mesma pobre, fraca e miseravel, mas, porêm, fortificada pelo contacto íntimo e fisico da Divindade.

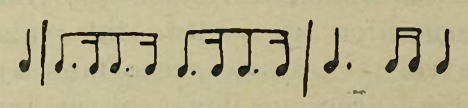
Essencia anonima do gregoriano. — Como a arte popular a musica gregoriana é por essencia anonima.

O que faz a intensidade concentrada da arte popular é a maneira com que as fórmulas melodicas e ritmicas se vão generalizando, perdendo tudo o que é individual ao mesmo tempo que concentram em sinteses inconscientes as qualidades, os caracteres duma raça ou dum povo. A gente bem sabe que úa melodia popular foi criada por um individuo. Porêm êsse individuo capaz de criar uma fórmula sonora que iria *ser de todos* já tinha de ser tão pobre de sua individualidade que se pudesse tornar assim, menos que um homem, um humano. E inda não basta. Rarissimamente um canto de deveras popular é obra dum homem apenas. O canto que vai se tornar popular nesse sentido legitimo de pertencer a todos, de ser obra anonima e realmente representativa da alma coletiva e despercebida, si de primeiro foi criado por um individuo tão pobre de individualidade que só pôde ser humano — e que riqueza essa! — o canto vai se transformando pouco ou muito, num som, numa disposição ritmica gradativamente e não se fixa quasi nunca porquê tambem a alma do povo não se fixa (1). Porêm dentro dessa mobilidade exterior o canto popular conserva uma estabilidade essencial em que as caracteristicas mais legítimas e perenes de tal povo se vão guardar. Dentro da mobilidade exterior dele o canto popular é imovel. Assim o cantochão. Tem essa imobilidade virtual da musica popular. Descobriu e realizou aquelas formas sinteticas perfeitas em que guardou as essencias mais puras da religião catolica.

Uma semelhança tecnica do gregoriano com a musica popular está em que como esta geralmente se contenta de fórmulas melodicas curtas e pouco numerosas que se repetem, reaparecem constantemente se combinando sempre em organizações novas. Peter Wagner (Handbuch der Musik Geschichte, G. Adler) lembrando essa coincidencia do gregoriano e da musica dos povos primitivos, observa que mesmo nas vocalizações tão ricas do Gradual a gente encontrará pouco mais dumas 50 figuras

---

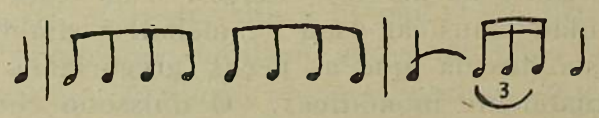
(1) Certas melodias populares conservam o nome do artista que as criou. O *Luar do Sertão*, de Catulo Cearense, o Hino Nacional, de Francisco Manuel. Porêm si se conservam intactos é porquê a reação erudita dos que... sabem musica, as bandas, os professores de grupos escolares, etc., incutem a peça e a repetem constantemente aos ouvidos do povo na forma que os manuscriptos e os impressos propagam. E' assim mesmo... A raça brasileira não tem nada de violenta e menos de belicosa. Somos briguentos dentro da nossa casa, porêm não somos marciais. Povo sossegado e bastante molengo não tem dúvida. Ora muitos musicos já me têm confirmado esta observação: ha uma tendencia muito forte em nosso povo pra modificar a ritmica rija de certas frases do Hino Nacional



etc. pra fórmulas mais moles e moleironas



etc., e mesmo:



etc.).

Si essa melodia esplendida não fosse oficializada e conservasse por isso a sua forma erudita, de certo já muito se teria modificado no povo. E inda outra pergunta fica: si não fosse oficializado e por isso repetido sempre o hino de Francisco Manuel se tornaria mesmo popular?... Duvido.

melismaticas diferentes que se repetem em ordens novas.

Pobreza especifica do gregoriano. — O canto gregoriano é pobre. Abandonou a Terra e as sensualidades terrestres. Si de primeiro o Cristianismo foi pobre necessariamente porquê não só lhe faltavam adeptos e fartura como principalmente porquê era obrigado a se esconder, depois triunfou se enriqueceu e dominou. Todas as bellezas o enfeitaram e não faltaram mesmo templos e cerimonias faceiras com que atraísse não a fé porêm a curiosidade humana que se posta já no caminho da fé. A arquitetura, a pintura, a escultura e todas as artes menores, gastaram seculos ao inteiro serviço do Catolicismo. Enfeitaram terrestremente o Catolicismo. Nenhuma delas deu um genero artistico que sintetizasse a essencia popular anonima e universal da religião de Cristo. Com a musica não foi assim ao menos durante êsses primeiros onze seculos de civilização europea. E si até o edito de Constantino a musica cristã foi necessariamente pobre depois foi voluntariamente pobre. Não se tornou nem enfeite nem divertimento, que nem as outras artes aplicaveis á religião. Se empobreceu tanto, não só de meios de realização artistica como de concepção estetica mesmo que deixou de ser uma arte de verdade pra ser elemento de valor intrinseco indispensavel dentro do cerimonial religioso. Tomou função liturgica verdadeira. Junto dessa pobreza especifica como estetica, se acumulam as pobrezas de realização artistica.

A musica gregoriana abandonou tudo, conservando apenas o som.

Abandonou o metro principalmente. Depois daquela metrica soberba que da Antiguidade mais remota se viera afinando até o apogeu das artes ritmicas da Grecia o Cristianismo uniformizou os valores de duração num só, quasi rapido e de modo geral sempre o mesmo. Desconheceu sobretudo as combinações de valores de duração pra que a palavra se erguesse mais saliente e mais exacta.

Abandonou tambem os generos. Si ainda alguns musicos cristãos *cromatizaram* e si mesmo pelos mais requintados a enarmonia subtil e dificil não foi esquecida, a musica gregoriana foi unanimemente diatonica. Uniformemente diatonica.

Abandonou os instrumentos. Todos. Mesmo o orgão que se tornaria mais tarde tão caracteristicamente cristão pra nós, a ponto de tomar na musica profana uma funcção descritiva ambientadora, tal e qual os dois sons do cuco e o oboe... pastoril, o proprio orgão raramente esteve nas igrejas da primeira idade musical. Vivia nos cerimoniais profanos dos imperadores de Bisancio e ainda profano nas festas do ocidente europeu. Nas suas proporções menores foi mesmo instrumento caseiro.

A Igreja se contentou com a voz "que põe a gente em communicação directa com Deus". Porêm mesmo só com a voz podia reproduzir aquela bulha guassú dos coros romanos. E dentro da tradição repetir a pompa famosa dos 4000 cantores do templo de Salomão. Nada disso. Se contentava de vinte e poucos mais cantores nos templos munificentes. S. Pedro já nos tempos polifonicos de Palestrina chegou a ter o maximo raro de 33 coristas.

Está se vendo bem quanto a musica gregoriana era pobre. Porêm dessa pobreza não apenas estetica mas real e elementar tirava a sua qualidade melhor: Se apagava pra se igualar. Tinha função liturgica, já falei. O papel dela não era encantar nem atrair. Tal papel a gente ha-de ainda encontrar noutras manifestações de musica religiosa... O papel da musica gregoriana foi realizar o cerimonial (1). Nas práticas de religião o celebrante é simbolo quasi sempre do público dele. Cada qual realiza a cerimonia em si mesmo. O cantochão não extraia os crentes da cerimonia que cada um realizava orando, a pobreza dele não era espectaculo, a sua uniformidade não era atracção, a humildade dele nem doía nem repugnava. O cantochão desaparecia praticamente e era apenas uma lembrança perene que retrazia o crente distraido prá cerimonia dele.

Em muitos dos criticos e historiographos que não sendo crentes elogiam essa manifestação suprema da arte musical catolica se nota no elogio além duma sinceridade natural pelas belezas artisticas exteriores do genero uma incompreensão dolorosa. A gente tem a impressão que elogiam muitas vezes porquê o preconceito proibe-lhes afirmar com franqueza como entendem pouco e se elevam pouco diante do que teve e tem consagração universal. E elogiam ainda porquê se espantam diante dessa manifestação chocante de pobreza e tão desnecessitada de encantos. Combarieu sentiu bem isso no capítulo curioso que escreveu na Historia da Musica sobre a "Beleza original do Cantochão". De certo que a gente pode, estudando tal peça gregoriana, como o *Te Deum* ou como essa pura entre as mais puras, *Salve Regina*, de Ademar de Monteil (sec. XI), ficar extasiado ante a boniteza intrinsecamente artistica dessas melodias, porêm aquele que escutar com intenções de contemplação estetica pura ua missa gregoriana sente imediato a monotonia, se cansa. Pudera! o cantochão foi emperrando na pobreza dele porquê nunca teve como destino dar comoções esteticas puras. O cantochão não é prá gente ouvir, prá gente se deixar ouvir. Não é arte no sentido de contemplação pura e livre, é manifestação activa de religiosidade e seria absurdo observar sob ponto-de-vista integralmente e

---

(1) Sobre isso se conta uma anedota estupenda de Pio X. A um padre horrorisado com as restrições do Motu Proprio que lhe perguntava o que se havia de cantar agora durante o Oficio, Pio X, se rindo, bondoso, respondeu: Mas, meu filho, não se canta *durante* o Oficio, canta-se o Oficio.

unicamente artistico o que está além do dominio das artes desinteressadas, visando a propria finalidade interessada do homem.

E é por isso que a pobreza especifica do gregoriano se torna qualidade especifica e conservada do destino dele.

Caracter artistico do gregoriano. — Dentro já da crítica artistica outras qualidades êle tem. Sendo musica puramente vocal o abandono do ritmo metrico e de combinações ritmicas musicais lhe deu a possibilidade de realizar a ritmica natural da palavra falada. Essa desartistificação metrica que lhe é tão inerente permitiu ao cantochão solucionar ainda na manhã da musica o maior e mais intrincado problema da musica vocal: a união da palavra e do som. Atingiu a naturalidade do falar com perfeição subtilissima de expressão psicologica e fraseologica. A propria incidencia de figuras melismaticas e vocalizações se dão sempre em vista da expressão e não á tonta. E pela sua colocação geralmente nos finais e nas cesuras ou sobre palavra de importancia muito grande, em nada prejudica a expressão fraseologica. "No canto gregoriano o costume da vocalização se desenvolveu na mais artisticamente elevada capacidade de emprêgo dela". Sob o ponto-de-vista da união da palavra e da musica o canto gregoriano é a expressão mais realista que a musica possui. E o realismo dele consistiu não em sublinhar pela musica a expressão sentimental da frase porêm no objectivar com respeito a realidade psicologica da fraseologia. E foi exactamente observando êsse realismo que a escola de Solesmes lhe pôde fixar pela teoria dos acentos dinamicos a maneira de cantar.

A essa solução do problema da frase cantada se prende a qualidade de expressão do gregoriano. Si a gente considera a qualidade de expressão musical dum Debussy, dum Schumann e mesmo dum Palestrina, é forçado a concluir que o cantochão é inexpressivo ou raramente expressivo. Seria si a expressividade que tem não proviesse de outra maneira de encarar a expressão cantada. A musica europea (principalmente do sec. XV em diante) visa expressar os sentimentos. E' sentimental no sentido etimologico da palavra. Os musicos têm um poder de fórmulas ritmicas melodicas, harmonicas, mais ou menos compreensiveis pela afetividade dinamogenica de que originam-se, fórmulas sonoras que são evolutivamente simbolos da sentimentalidade geral. Essa expressão dinamogenica é uma deformação legitimamente artistica (mas que nem por isso deixa de ser deformação) que consiste em acentuar, pôr em relêvo, engrandecer a expressão dos sentimentos pra que o efeito seja seguro imediato e mais forte. Ora o gregoriano se afasta quasi sempre dêsse criterio de expressividade. Pode-se dizer mesmo que êle sistematicamente abandona a expressão sentimental assim simbolizada e deformada. Enfim: êle não tem aquela teatralidade consciente com que a musica e as outras artes em geral transportam a realidade pra um expressionismo sistematico que consiste em sublinhar e reforçar a realidade psicologica. O cantochão é raramente sentimental. Não me lembro que tratadista observava que o gregoriano parece se esforçar aplicadamente em contrariar pela evolução da melodia o sentimento das palavras musicadas. Só numa ordem muito geral e vaga se poderá falar que tal antifona é mais vibrante, tal hino mais solene e tal prosa mais suave. São essas qualidades que se aplicam normalmente a todas as melodias gregorianas. Ainda o arroubo das doxologias, o extase alegre dos finais aleluiaticos, são os poucos elementos por onde a gente pode lembrar tendencias intermitentes do gregoriano prá expressão sentimental. E quasi nada mais. E' que o realismo dele o levou pra outro sistema de expressividade. Esta não consiste em adquirir aquela dramaticidade, aquela realidade psicologica que vem sendo a maneira mais comum de expressão artistica através de todos os tempos, porêm, em realizar a expressão normal da fraseologia, deixando se expressar pelo sentido das palavras a expressão dos sentimentos. Os cambiantes das frases quotidianas deixam as palavras agirem pelo sentido que têm. Na expressividade artistica comum não mais os cambiantes, porêm as diferenças de realização das frases acentuam e fortificam, deformando, o sentido das palavras. Enfim: neste gênero de expressão a dinamica dos sentimentos prevalece sobre a realidade oral da fraseologia. O realismo era tão intimo á maneira gregoriana de cantar, que sempre a realidade ritmica da fraseologia prevalece sobre a dinamica dos sentimentos. E' assim que, tendo solucionado estupendamente a união do som e da palavra, os artistas gregorianos não se esqueceram jamais que a palavra era simbolo intelectual e que só por si já expressava os sentimentos. Deixaram a palavra falar. E' grandeza unica que só o gregoriano possui na musica de todos os tempos europeus.

Noto inda uma vez que não falei que o cantochão é sentimentalmente inexpressivo. Soube ter essa expressividade em certas ocasiões, porêm não é ela que lhe organiza em geral os monumentos mais caracteristicos. E é curioso de observar que pela maneira de expressividade que o gregoriano desenvolveu, o canto liturgico da Igreja catolica realiza de verdade uma forma de arte pura. De arte, no sentido mais estetico, mais desinteressado da palavra. E por isso quando a musica artistica quiser se desenvolver no sentido da expressão sentimental é nas fontes populares que irá buscar elementos e exemplo. O gregoriano não lhe poderá servir de fonte.

MARIO DE ANDRADE.

Questões militares e navaes

POLITICA NAVAL

O desapparecimento da esquadra allemã desarticulou o conjugado das forças navaes no Mar do Norte que era a expressão do antagonismo economico anglo-germanico. O desequilibrio resultante desse acontecimento reflectiu-se em todos os mares, procurando as potencias maritimas redistribuir as suas esquadras de accôrdo com a nova situação politico-economica e tendo em vista a probabilidade de futuros conflictos. Movimentos dessa natureza raro deixam de ser indicações tangiveis de subsequentes propositos extra-territoriaes das nações, quer estes venham a ter o aspecto offensivo, quer defensivo, com modalidades economicas, politicas ou militares.

A situação naval que se criou na Europa de 1903 a 1914, inicio da guerra, resultou do advento da Allemanha nas competições economicas, corollario do transbordamento da sua força. Alargando o campo de sua actividade, ella deixou de ter apenas como rival a França, que tinha vencido em 70, prescindindo de esquadras, graças apenas á sua situação geographica. De então em deante começa a concorrer com a Inglaterra, disputando-lhe o commercio maritimo. Dahi, na Allemanha, Von Tirpitz e o apparecimento da esquadra; e nas Ilhas Britannicas, Lord Fisher e a Home Fleet.

Data de 1903-1904 o inicio da famosa concentração naval ingleza em aguas territoriaes, devendo-se notar que só mesmo esta ameaça ao seu coração poderia levar a Inglaterra a diminuir a segurança de sua linha mediterranea de communicações, que vae de Gibraltar ao Oriente e que lhe é tão necessaria á vida, que a chamam a trachéa do Reino Unido. Aliás, para equilibrar esta nova situação, a Inglaterra promoveu habilmente uma alliança com o Japão, afim de resguardar os seus interesses além do Suez.

Na phase que antecedeu á guerra, de um modo geral, o dueto armamentista do Mar do Norte, não só em si, como pelas suas consequencias historicas, é o facto mais importante, visto do angulo estrategico. Naquelle periodo, excluidos Tsushima e as acções de Porto-Arthur, da guerra russo-japoneza (que, mesmo assim, deixam de ter projecção mais ampla), nada de maior realce se passa com as outras nações. Os Estados-Unidos não tinham attingido ainda á plethora productiva de hoje. Entretanto previam-n'a. Olhando para Oeste, abriam o canal de Panamá. A inquietação do ambiente europeu levava-os a iniciar com intelligencia a construcção da sua moderna frota de guerra, anterior á mercante.

O Japão surge com espanto do mundo entre as grandes potencias, depois de vencer a Russia. Mas não define ainda as suas tendencias expansionistas. Assimila e aperfeiçoa a arte da construcção naval e por tal forma organiza as suas esquadras, que logo hombreia com as primeiras. Na França o poder naval reflecte a instabilidade politica, prejudicado aquelle sempre pela ausencia de directrizes certas desta ultima. As fronteiras terrestes evidentemente absorvem a attenção do governo francez. A mais premente das necessidades maritimas da grande republica latina é de livremente atravessar o Mediterraneo, para não perder o contacto com as possessões africanas, principal fonte de seu abastecimento em caso de guerra.

A Italia, até certo ponto, teve os seus interesses collidindo com os da França no Mediterraneo e procurou sempre equilibrar a sua esquadra á desta ultima, levando, porém, a vantagem de não ter necesidade de dividil-a para zonas tão afastadas afim de proteger o seu territorio.

Terminada a guerra, alterados os valores navaes, em parte devido á menopausa promovida pelo tratado de Washington, é curioso olhar-se para a carta maritima do mundo, assignalando as posições das esquadras, indices das tendencias politicas e economicas dos povos.

Observa-se á primeira vista que a Inglaterra e os Estados Unidos convergem para o Oriente, ao passo que o Japão ahi se consolida, procurando equilibrar a influencia dos primeiros. A Inglaterra deixará de existir si na guerra não dispuzer das vias maritimas e se annullará entre as nações, si, na paz, desmembrarem-se os seus dominios. Dahi, para ella, mais do que para qualquer outro paiz, a importancia da dupla funcção da esquadra — concorrer para a estabilidade politica do Imperio e assegurar-lhe a propria existencia. Ella importa 50 °|° da carne que consome, 70 °|° de cereaes, 93 °|° de lã, 93 °|° de oleos combustiveis, etc... que lhe vêm em maior parte do Oriente: India, Australia e Nova-Zelandia. A ligação com estes dominios é garantida por uma successão de bases maritimas, através dos mares mediterraneos e asiaticos: Gibraltar, Minorca, Malta, Porto Said, Aden, Bombay, Colombo e Singapura. Os imprevistos da politica européa e a falta de locaes adequados desaconselham, naturalmente, por ora, maior concentração de forças na zona daquelle ponto de convergencia. Fizeram-na, entretanto, os inglezes, na ante-sala de Malta, no Mediteraneo, onde mantêm o corpo principal da esquadra (8 modernos encouraçados, flotilhas de cruzadores, destroyeres e submarinos). Aguarda esta força, sem duvida, o melhoramento de Singapura, cuja transformação em base naval de primeira ordem foi uma victoria do ponto de vista inglez na

conferencia de Washington. Esse proposito do governo de Londres caracteriza bem o deslocamento do centro de gravidade da politica naval contemporanea, sendo Singapura, como é, o logar geometrico das possessões britannicas no Oriente e a "chave" para o Pacifico. Estrategicamente nenhum ponto tem tanto valor quanto este, naquella zona, desde que se attenda aos interesses dos dominios adjacentes. O arsenal de Cockatoo em Sydney não comporta os grandes navios de linha e por isso a Australia e a Nova-Zelandia insistem pela execução do plano de Singapura, convindo aqui assignalar a crescente influencia que os Dominios vão adquirindo na politica do Imperio, que, não raro, se desvia, cedendo ás inspirações de suas vastas e poderosas colonias.

No caso de uma acção imprevista, certamente os cruzadores de batalha inglezes de um salto chegarão ao Pacifico, seguidos dos encouraçados; mas a falta de bases convenientes deixal-os-á posteriormente em situação precaria. Talvez, por isso, nota-se que a intenção ingleza actualmente é, antes de tudo, não deixar que suas linhas maritimas se desfaçam a uma investida feita de surpreza. Nesse intuito, concentram naquelles mares, seus mais modernos cruzadores, que são por excellencia os protectores do commercio maritimo de longo raio, havendo actualmente treze dessas unidades cruzando entre differentes estações. A experiencia custosa que lhes adveio das façanhas épicas do cruzador allemão "Emdem", que em certa época lhes paralyzou a navegação no oceano Indico, dilatou, sem duvida, um dos aspectos da guerra maritima, que tem o seu corolario nessa distribuição estrategica das forças.

Os Estados-Unidos concentraram o grosso da sua esquadra na costa do Pacifico. Consta ella de doze dos mais poderosos encouraçados, resentindo-se, entretanto, de inferioridade em cruzadores, aos quaes estaria reservado, na guerra, um importante papel, dadas as enormes distancias no provavel theatro de operações. Considere-se, por exemplo, o triangulo Panamá — São Francisco — Honolulu (Haway). Dos dois primeiros pontos ao terceiro as distancias são respectivamente 4.660 e 2.060 milhas; de Honolulu á ilha de Guam 3.330 milhas e assim por deante. Observando-se as bases mais importantes, provaveis objectivos, percebe-se logo que, militarmente ,o canal de Panamá é para os Estados-Unidos, com pouca differença, o que Gibraltar é para a Inglaterra. Só elle permittirá uma concentração, dentro de tempo razoavel, em qualquer das costas do Pacifico ou do Atlantico. O Panamá, todavia, é apenas uma parte do problema naval americano no Pacifico. A outra, porventura de importancia tão notavel como a primeira, é o archipelago das ilhas de Hawai, posto avançado naquelle extenso oceano. As grandes manobras navaes, tendo como motivo o ataque e defesa daquella base, revelaram com mais clareza as intenções estrategicas dos Estados-Unidos. Resultou dessas manobras, como occorreu com as do Panamá, a convicção da necessidade, aliás prevista, de se melhorarem as defesas locaes, ficando além disto evidenciadas certas insufficiencias na frota. Depois de taes exercicios a esquadra reunida visitou a Nova-Zelandia e a Australia — *"show America"*.

Neste exame a largos traços da situação, deve-se levar em conta que o pacto de Washington, impedindo a fortificação das Philipinas, da ilha de Guam e das ilhas Aleutas ,limitou consideravelmente a acção naval americana no Pacifico. As primeiras dessas ilhas estão a mais de 4.500 milhas de Hawai, limite extremo das bases fortificadas para Oeste; e, sob tão importante aspecto, ficam os Estados-Unidos em situação inferior á Inglaterra e ao Japão.

O japonez tem o habito de envolver no mais denso mysterio tudo quanto diz respeito ás suas questões militares. Disso resulta que a imaginação alheia lhes attribue um poder que, não raro, excede a realidade. O que é incontestavel, porém, é que o Japão se constituiu em potencia de primeira ordem no Pacifico e, como consequencia, parece querer praticar uma especie de "monroismo" no Oriente, attitude que, aliás, não é destituida de certa logica.

Em aguas territoriaes são, para elle, pontos de importancia capital, a communicação com a China e a defesa de Yokohama e Osaka, principaes portos commerciaes do imperio.

Sobre movimentos da esquedra nipponica, sabe-se apenas que nas ultimas manobras elles presuppunham ataques de forças inimigas superiores ás suas costas. O programma naval japonez consta de cruzadores, destroyers e submarinos, apresentando os primeiros um typo que é de notavel efficiencia.

O Japão parece querer attenuar a inferioridade em que ficou, em virtude da relação do poder naval fixado com a Inglaterra e os Estados Unidos de 5.5.3, com a superioridade especifica de material e pessoal, o que, dada a indole do seu povo, certo em parte poderá conseguir.

No Pacifico, os japonezes, pela desnecessidade de dispersar as suas forças e pela sua situação geographica, terão actualmente em caso de uma acção imprevista, franca superioridade inicial. O grosso de suas forças — constituido de cinco poderosos encouraçados e tres cruzadores de batalha — forma um conjuncto homogeneo que poderá levar a bom termo objectivos de valor, sobretudo pela rapidez com que realizará certas operações de influencia decisiva no Pacifico.

Ha uma serie complexa de questões no Oriente. O contraste entre o poderio japonez, opprimido dentro das suas ilhas vulcanicas, e a fraqueza chineza, num paiz vasto e rico, em cujo sólo se chocam interesses das grandes potencias, traduzidos

em geral por guerras civis de origem duvidosa, é sem duvida uma semente balkanica naquelle hemispherio. Tal situação é talvez de prognosticos peiores do que a conhecida pendencia americano-japoneza, com todos os amargores do seu aspecto moral.

Assignalada em largos traços a situação no Pacifico, vale a pena olhar-se tambem para as actividades navaes da Italia e da França no Mediterraneo. O poder naval do primeiro desses paizes decahio, mas a Italia tem recursos proprios que permittem restaurar o seu. Adoptaram elles nas ultimas manobras, o thema da possibilidade de um comboio vindo de Leste poder attingir seus portos, encontrando forças inimigas vindas de Oeste. Significativa, talvez, é a criação da base naval na Ilha de Rhodes, dominando estrategicamente a Asia Menor e contrabalançando a base ingleza de Malta — ex-possessão italiana.

Os italianos não realizam, comtudo, programma naval de maior vulto. Preferem desenvolver a aviação e a construcção de navios pequenos, elementos que, acreditam, decidirão o dominio naval no Mediterraneo.

Ponto de vista identico tem a França, devido sobretudo á influencia da "jeune ècole". Esta ultima nação, impossibilitada talvez de concorrer com as outras potencias maritimas, limita, por assim dizer, sua politica naval á defesa dos portos e do livre trafego no Mediterraneo para as suas colonias africanas. Concentra esforços num largo plano de defesa de costas e na construcção de submarinos. Pretende augmentar para 58 o numero dessas unidades de alto mar e para 48, as que se destinam a operaçeõs de littoral.

Esboçados esses factos, fica-se a conjecturar si elles indicam ou não uma tendencia para o equilibrio entre os povos. Parece que não. Reflectem antes a intensidade das luctas economicas. Só depois de acertadas estas, é que se poderá com probabilidades de exito cuidar honestamente do desarmamento.

O. M. M.

A MENTALIDADE PROPRIA PARA A GUERRA

A historia de todas as guerras encerra anomalias que só hoje, apesar de sua antiguidade, vão recebendo explicação scientifica. Fóra de um circulo aliás muito restricto, de profissionaes estudiosos, talvez não existam entre nós umas cem pessoas sufficientemente informadas a tal respeito.

Os historiadores de todos os tempos admittiram, em relação aos grandes successos militares, a theoria do genio, fazendo do chefe victorioso o super-homem do dia, e attribuindo aos vencidos uma ausencia de virtudes pessoaes correspondente aos exitos do partido opposto. Ficavam sem explicação numerosas catastrophes, como Waterloo e Zama.

Essa theoria, salpicada de tantas excepções, tornou-se insubsistente a partir de 66 e 70, porque as batalhas de Moltke não são commandadas de penacho ao vento, mas conduzidas friamente, como exercicio de officios vulgares...

Em nossos dias, quando as dimensões dos campos de batalha se contam por centenas de leguas, Ludendorff obteve dos maiores successos militares que a historia registra, sem um unico gesto theatral á frente de suas tropas. Ha, não obstante, algumas decadas que o criterio scientifico empolga uma *élite* militar e raros pesquisadores civis, principalmente em França. Realmente. Examinando-se a parte technica das batalhas de Alexandre, não é possivel desconhecer que no terreno tactico não faltaram recursos de toda a especie aos exercitos vencidos. Apesar de sua superioridade numerica, da fartura de seus recursos materiaes, da calculada escolha do terreno para a luta, os extraordinarios exercitos de Darios foram demolidos totalmente, ao contacto da phalange macedonica! Em Arbeles, o vencido teve para mais de cem mil baixas e o vencedor, pouco mais de cem, resultado que nada tem a ver com as boas ou más condições estrategicas.

Como se explicar isso? Quasi todas as victorias de Annibal têm esse caracter paradoxal. Ahi, a mentalidade inferior de povos subditos de Carthago — a barbaria hispanica — impulsiona exercitos de fracos recursos materiaes e impõe á expansão latina uma parada que é quasi um collapso.

As proprias legiões, que haviam vencido a Annibal, estacam na peninsula iberica, ante os muros de Numancia, por falta de espirito offensivo. As nossas batalhas dos Guararapes, como de resto todos os rencontros da ultima guerra hollandeza, revelam-se anomalas, quando se comparam os elementos em presença com o resultado da lucta.

Para explicar o morticinio infligido ao mais forte pelo mais fraco, o espirito da antiga cavallaria criou as regras do heroismo e do valor pessoal indomado: foi assim que as velhas gerações se alimentaram de Carlos Magno e dos doze pares de França.

Desse modo, o super-homem preencheu o vacuo dos seculos e deu facil explicação ás anomalias da historia.

Que encantos não encontra o mathematico em suas formulas intrincadas, que lhe revelam minucias desconhecidas da maioria que lê! Assim, o psychologo vai encontrar no campo da historia numerosas particularidades, que nem a todos se revelam.

Vejamos a batalha do Passo do Rosario, cujo centenario festejaremos em breve. Batalha ganha, batalha perdida, batalha indecisa — pouco importa ao caso. Sob o ponto de vista psychologico, note-

mos a dupla mentalidade dos nossos combatentes: parte do exercito que se bateu em 20 de Fevereiro de 1827 comportou-se de modo brilhante; parte eclipsou-se aos negros fumos do rencontro celebre.

Emquanto a infantaria arremettia para a lombada das cochillas em que se instalára o exercito platino, a maior parte da cavallaria, quasi toda miliciana, dava a cartada por perdida e voltava as costas ao inimigo. Ora, esses homens, que a galope largo se afastavam do terreno da lucta, não eram inexpertos recrutas, apanhados de roldão nos grupos alegres dos rapazes de avenida. Eram em grande parte veteranos, costumeiros nos entreveros das guerras anteriores e os chefes chamavam-se José de Abreu, Caldéron, etc.

A conducta diversa dos homens de pé e de cavallo mal se explica á luz do criterio antigo; as velhas lendas dos grandes homens não bastam para explicar este caso reverso.

A explicação desse insuccesso não estará na falta de valor pessoal dos combatentes, entre os quaes havia truculentos lidadores, reconhecidamente bravos. E' que o exercito que se bateu em 27 não era homogeneo sob o ponto de vista moral. A infantaria de linha compunha-se de homens que viviam segregados da sociedade civil, sob o duro regimen militar da época e, por consequencia, de individuos que não partilhavam sinão remotamente das emoções da massa popular. A cavallaria miliciana envolvia-se nas agitações politicas e os seus soldados constituiam, individualmente, particulas da opinião publica. Sabendo-se como a guerra era impopular, comprehende-se bem o espirito de uns e de outros combatentes: por isso, emquanto predominaram os milicianos, as operações de guerra achavam-se compromettidas, dada a inconveniente preparação psychologica das massas.

A esse factor imponderavel attribue a escola moderna a maior importancia, como causa predominante dos exitos militares. E' que em todos os tempos, as victorias e as derrotas foram sempre preparadas no terreno moral.

Uma tropa não se bate só por que a mandam bater-se. E' tão absurdo isso como o dar uma faca a um individuo e dizer-lhe que se mate a um nosso aceno.

Os officiaes de estado maior, que se encarregam normalmente da preparação technica das guerras, sabem perfeitamente que a preparação psychologica pertence aos governos, aos publicistas e aos educadores da mocidade. Desejariam, no entanto, dizer algumas palavras que acautelassem a formação moral das populações brasileiras. Obrigados a meditar sobre a fallencia tantas vezes verificada das subtilezas que constituem boa parte da arte da guerra, concluem razoavelmente, em face da batalha antiga, pelejada a ferro frio, que não é admissivel que um só homem victime a dez ou mais adversarios.

Consequentemente, os vencedores de Cannes, de Pharsalia, dos Guararapes e de tantos outros rencontros celebres, immolaram ruinas vivas e não homens.

Problema summamente complexo, como todos os problemas de psychologia, não se pense em dar-lhe solução geral e exacta, pelas folhas de um compendio. Cada caso exige solução propria.

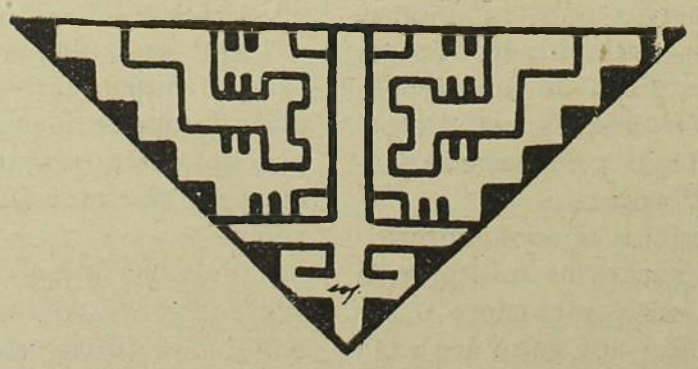
Certo é, porém, que mesmo as nações de tradição pacifica, como o Brasil, não devem proscrever a criação de uma mentalidade activa — honesta, util, absolutamente sadia.

Amando o dom christianissimo da paz, á sombra do qual as artes immortaes dão ao mundo a frescura eterna de um sopro divino, conservemos a alma do povo na combatividade que cria e guarda a todos os imperios. Para que insistir nas sendas tortuosas, incutindo na mocidade o medo exagerado da guerra, o risivel despreso da força physica e a mentalidade debil dos que só vêm o mundo pelos prismas sentimentaes da paz universal?

O espirito greco-romano não nos domina apenas pelos preceitos de ordem legal que deu ao mundo, mas pela belleza de uma outra ordem de idéas a que deu vida, posto que ao culto da força ainda se permittem as mais queridas abstracções.

Um povo que não se prepara psychologicamente senão para as lides suaves da vida, é um povo que morre porque quer.

F. DE PAULA CIDADE.



Theatro e Musica

O QUARTETO DE LONDRES

O favor publico não tem faltado ás realizações do emprezario Viggiani, sempre marcadas pelo successo artistico, como acaba agora de acontecer com o admiravel quarteto de cordas que ouvimos no Teatro Lirico. A musica de camera ainda não desperta o interesse do nosso publico, e as tentativas levadas a efeito por esforços de artistas nacionais falharam no meio da indiferença geral. Mais feliz é S. Paulo que já possui um conjunto estavel — o Quarteto Paulista, cuja disciplina e apuro artistico tivemos occasião de aplaudir o ano pasado.

O renome de que veio precedido o Quarteto de Londres atraiu ao Lirico animadora concurrencia, aumentada no segundo concerto. Os aplausos incessantes, os pedidos de bis, os extras, confirmaram a fama que os annuncios estadeavam. Nunca apareceu aqui um conjunto de cordas tão perfeito. Cada um dos executantes que o compõem é um artista consumado em seu instrumento, e embora não percam eles a individualidade propria, de tal modo se afinam e relacionam que actuam como um instrumento unico. Nunca se perde o menor desenho de uma parte, e nos pianissimos como nos fortes o ouvido segue sem o menor esforço o canto dos quatro timbres, maravilhosamente coordenados. E' uma technica quartetista perfeita.

A' altura dela estão as qualidades interpretativas do grupo. Nos quartetos em ré menor de Mozart, em fa maior de Doorak, em la maior e fa maior de Beethoven, em ré maior de Haydn, em sol menor de Debussy, nas peças menores de Borodine (Nocturno), Mendelsohn (Canzonetta) Kreiler (Scherzo), etc., o Quarteto de Londres mostrou a riqueza, seriedade e versatilidade de interpretação que o tornaram celebre.

E' de esperar que o successo destas audições animem os nossos artistas a um novo esforço no sentido de dar ao meio musical do Rio um elemento que lhe falta no conjunto das nosas manifestações artisticas. — M. B.

Literatura

A PROPOSITO DE LIVROS P'RA MENINO

O menino brasileiro está precisando de um livro de historias. Mas um livro de historias em que elle sinta gôsto do Brasil.

Aquelle Chiquinho do *Tico-Tico* foi muito bom que morresse. Que desapparecesse. Muito côr-de-rosa, muito cheio de luxo, muito extrangeiro, uma como febre amarella matou-o em dois tempos. Ha uma febre amarella para os Chiquinhos, para os Mutts, para os Jeffs; elles não se aguentam no Brasil.

Chiquinho não prestava para o Brasil. Muito postiço. O sr. Henrique Pongetti diz muito bem do fallecido heroesinho do *Tico-Tico*: era "um menino louro extrangeiro que os nossos paes com preguiça de fantasiar, copiaram como as mães pobres copiam as bonecas dos ricos."

Ultimamente espirrou de dentro de um livro, com uma guela estridente de responder a Palhaço — que — é, um moleque chamado Gasparino. Esse moleque leva vantagens enormes sobre o Chiquinho: creando-o, creou Dona Mimosa Ferraz uma figura muito mais interessante para a imaginação do menino brasileiro do que o fallecido Chiquinho.

Mas não é ainda o Gasparino o livro de que precisa o menino brasileiro. Muito caricaturesco. Gosto de sua camisa de meia encarnada e preta. Do seu annel de cobre no dedo fura-bôlo da mão direita. Do seu cabello pixaim. Mas ao lado disso eu o quizera mais vida e menos caricatura. E mais brasileiro. Mais misturado ás cousas do Brasil. Chupando cajú. Trepando em goiabeira. Tocando flauta de canudo de mamão. Pegando lagartixa com haste de folha de coqueiro. Armando arapuca pra curió com rodelinhas de banana. Empinando "tapioca" de papel de venda. Descascando a quicé canna caianna. Ficando doente de engulir caroço de pitomba. Tomando remedio pra lombriga com garapa de tamarindo. Andando com os pés atados a guengas de côco. Fazendo bôlos de areia tambem com guengas de côco. Armando gaiolas de passarinho com pedaços de caixa de charuto e varas de bambú. Armando jangadas de bananeira. Atolando-se na lama preta dos mangues atraz de gaiamum e carangueijo. Comprando grude e bôlo de gomma de tabuleiro.

Um livro para menino, em que o heroe se misturasse assim ás cousas do Brasil, e falasse brasileiro, seria uma delicia. Gasparino ainda não é isso. Mas possuindo-o, o pequeno brasileiro de hoje está em superioridade estupenda sobre o menino do

meu tempo — que não tinha outro geito sinão aturar o tal Chiquinho côr-de-rosa.

O exquisito é que esteja tardando um livro p'ra menino com bem gôsto do Brasil. Exquisito porque a lingua da gente é ideal para um livro desses. E' ideal pelos seus "ões" e "ãos" e "ús", tão gostosos para a suggestão de falas de bichos, de velhos de surrão, de gigantes, de papões, de carrapatús — falas grossas, tonitroantes, enormes; e sobretudo pelos "inhos" que em português, e sobretudo em brasileiro, parecem tirar os ossos ás palavras, amollecendo-as para a bocca e para o ouvido do menino.

Isto quanto á lingua. Quanto á materia plastica. Por outro lado, não falta á tradição da gente brasileira muito romance, muita aventura. Aventuras de colonos no mar. Aventuras de bandeirantes pegando indio brabo. Aventuras de pernambucanos fundando engenhos de assucar.

Não ha motivo para que o menino brasileiro esteja hoje a crescer tão tristonhamente sem suggestões vivas e frescas do Brasil. E entregue a bonecos de Nuremberg, brinquedos do Japão, jogos ingleses, fitas de cinema americanas, cantos portugueses, livros franceses, chocolates suissos. Afastado, distanciado, separado da sua terra, da sua gente, dos sãojoões de engenho, dos nataes com lapinha, dos palhaços-que-é, dos bichos, das arvores, das fructas, das cousas todas do Brasil — tão gostosas para dellas se fazer brinquedo, se fazer jôgo, dansa, geléa, canto, historia.

Nos tempos dos avós da gente, havia os escravos que contavam aos sinhôzinhos historias de bichos e cousas da terra; e os sinhôzinhos cresciam mais brasileiros. Nós precisamos de livros que façam ás vezes da bocca dos escravos.

Essa gente de pau brasil e terra roxa, que com todo o seu ridiculosinho de escola, é, á falta de outra gente, a mais interessante, hoje, no Brasil, bem podia cuidar disso. O sr. Oswaldo de Andrade bem podia montar em São Paulo uma fabrica de fazer brinquedos de menino. Alguns brinquedos podiam ser talhados em pau brasil. E isso daria nome á fabrica. Eu aliás imagino que foram os brinquedos de meninos — figuras de bichos exquisitos — das primeiras cousas que se fizeram no Brasil, em madeiras da terra, depois daquellas nossas senhoras e daquelles sãojoões de que falam os chronistas.

Gilberto Freyre.

JOSE' PATRICIO DE ASSIS — "Estudinhos de Português" — Bello Horizonte, 1926.

A materia deste livrinho não justifica bem o seu titulo, mau grado a modestia do diminuitivo. A palavra estudo implica um elemento pessoal de pesquisa e invenção que falece totalmente a estes artigos de mera vulgarização. Há neles coisas boas e coisas más ou somenos. O autor, vê-se, é um estudioso, mas não me parece ainda em posse de orientação muito segura. Confunde lamentavelmente autoridades, chegando a este disparate impagavel de abonar uma expressão do bom padre Manuel Bernardes com citações de... Guilherme Belegarde e Mario Barreto. Francamente, patricio José!

Taxando de barbarismo o emprego do verbo *carecer* no sentido de *precisar*, escreve: "Embora alguns lexicografos autorizem tal emprego, infelizmente generalizado entre nós, a filologia moderna condena-o, não obstante o tivessem perpetrado escritores de primeira agua, como Herculano, Camilo, Castilho, Alencar, etc."

Ora, o emprego generalizado e a adopção por escritores de primeira agua não bastam para legitimar uma expressão? O contrario é pura gramatiquice.

Gramatiquice tambem insistir na *lotaria*, no *telefonio*: todo o mundo sabe que dá azar falar assim. Pois o sr. Assis não quer que digamos *hospedaria* em vez de *hotel*? Isso já não é mais gramatiquice. E'... ingenuidade.

O bom criterio etimologico manda levar em conta a evolução do vocabulo dentro da lingua, e assim entende o sr. Assis que a proposito das grafias *licção, hontem, lucta, fructo* passa um quinau justo nuns tantos sujeitos que se querem mostrar muito sabidos em latim e só conseguem provar que nada tomam de português. E' por isso de lastimar que no caso da conjuncção *se* abandone o sr. Assis aquele criterio, apoiando-se na autoridade anacronica de Julio Ribeiro, Castro Lopes e J. F. de Castilho. Deste ultimo transcreve êle: "Ora, a nossa condicional descende do latim, onde se escreve *si;* para escrever *si* temos, pois, a regra etimologica; para escrever *se* qual teremos?"

Respondo eu: nos monossilabos atonos o *i* final longo passa a *e;* o latim *si* deu o português *se*, o latim *qui* deu o português *que*, que ninguem escreve *qui*, embora num como noutro caso a pronuncia brasileira identifique o *e* reduzido com o *i* atono. Assim aprendi com os mestres brasileiros Silva Ramos, Sousa da Silveira, Antenor Nascentes...

O sr. Assis pratica ainda o sport enfadonho da caça ao galicismo, herança colonial do nacionalismo luso irritado pela invasão de Junot. O galicismo é apenas um caso particular da influencia do pensamento francês, que é enorme entre nós. Pode-se contrabalançá-lo com o estudo do inglês, do alemão. Mas então virão fatalmente os anglicismos, os germanismos. E' inutil reagir contra extrangeirismos como *editar, banal, detalhe* e tantos outros, perfeitamente assimilados, de uso corrente geral, vocabulos simples, elegantes e ageis.

Manuel Bandeira.

ANTÓNIO DE ALCANTARA MACHADO — "Pathé-Baby" — Editorial Helios Limitada — São Paulo, 1926.

"Pathé Baby" é o "Voyage de Sparte" do Snr. António de Alcantara Machado e não o livro de reportagem de que fala o Snr. Oswald de Andrade no prefacio. O escriptor paulista demandou o occidente europeu com o mesmo objectivo, no fundo, que levou Barrès á Grecia. Elle não foi espiar apenas por espiar ou para escrever do que viu. Tão pouco cuidou de exercer a funcção de reporter, que é a de vêr pelo maior numero e para o maior numero. Teve um proposito mais sério: tomou a transatlantico em Santos para fazer a "mise-au-point" de suas idéas geraes. "Pathé Baby" é, em verdade, um apparelho de auto-didactismo.

Mas, si o Snr. António de Alcantara Machado tinha o intuito de verificar a exactidão da ordem moderna de seu espirito, mediante a prova européa, nunca pretendeu, nem consentiria nunca que essa prova estabelecesse a confusão na somma de suas idéas. Por isso mesmo, depois de contemplar o Moysés de Miguel Angelo, não foi obrigado a recolher-se ao hotel, como Barrès, de volta da Acropole, para "analyser son désarroi" e desassociar as impressões directas e authenticas das que lhe vinham atravez de Chateaubriand, de Byron ou de Lamartine. O autor de "L'ennemi des lois" sentia que uma nevoa espessa de literatura se interpunha irremediavelmente entre os seus olhos lorenos e o friso das Panathenéas. Emquanto o autor do "Pathé Baby" pôde olhar com tranquillidade os frescos de Giotto, sem ser incommodado pelas assombrações livrescas, e observar calmamente que o São Francisco de Cimabue tem cara de cabôclo brasileiro. Quando, por desfastio, em Veneza, elle topa com os fantasmas de Musset, de Wagner, etc., é que os convocou elle proprio, para o passeio de gondola, em falta de melhor companhia. Ainda assim, os espectros acabam dando-lhe vontade de rir.

O Snr. António de Alcantara Machado não voltou da Europa tendo verificado apenas que tudo aquillo é "gostoso e ridiculo", como diz o Snr. Oswald de Andrade. Elle fez sobretudo, na viagem, uma "prova de resistencia", que lhe serviu tambem para chegar áquella conclusão excellente:

Nosso céo tem mais estrellas,
Nossas varzeas têm mais flores,
Nossos bosques têm mais vida,
Nossa vida mais amores.

Agora, póde se deixar ficar em São Paulo, satisfeitão com o juizo ordenado e preciso que formou provisoriamente sobre o mundo. Ou, pelo menos, sobre o velho mundo. A viagem á Europa valeu-lhe essa tranquillidade e esse contentamento comsigo mesmo e com sua terra. A nós, valeu um livro que está sosinho no meio de toda a moderna prosa nacional. Um livro intelligente de verdade e escripto com uma justeza concisa e um imprevisto de expressão, que consolam de todos os fazedores de phrases apparecidos nos ultimos e nos penultimos annos.

Rodrigo M. F. de Andrade.

UMA NOVELA INÉDITA DE ANNIBAL MACHADO

Em Annibal Machado o homem esmaga completamente o autor. O seu trabalho é feito todo inteiro sem plano preestabelecido, sem traçado geometrico de construcção. Compõe-se de peças desarticuladas mal cozidas umas ás outras, entretanto, sem a inversão modernista mecanica dos processos passadistas. E' o espirito de abandono o mais completo á vida que leva o autor áquele modo descontinuo de composição. A creação artistica nele é sempre accidental, nunca provocada. A sua obra é o resultado de grandes experiencias subjectivas, o precipitado de fortes reacções intimas. O homem escreve pra se livrar de uma carga muito pesada de impressões. No fim de cada capitulo a gente parece ouvir o *uff* de quem se descarregou de um fardo enorme. E' somente em virtude dessa pressão que se exerce de dentro para fóra que Annibal Machado se dispõe ao trabalho de creação artistica. Suas ideas e impressões caem de maduras. Um accidente qualquer desperta nele uma evocação muito forte que o obriga actualizar vivamente o passado pela arte. E' muito pouco descriptivo. Calca sempre o homem á realidade. Descreve apenas os estados successivos ou simultaneos da sensibilidade. Não faz literatura ou pelo menos muito pouca. Essa despreocupação do efeito literario o leva a um processo muito directo de anotar sensações. Existe uma ausencia quasi total de jogo, de brincadeira na sua arte. Creou um tipo e, em logar de seguil-o como um espectador, identificou-se com ele. Onde acaba Annibal Machado e onde começa João Ternura? Não é possivel dize-lo.

Seria dificilimo apanhar João Ternura todo num traço. Não consigo mesmo salientar o feitio predominante de sua natureza intima. Ele não se compõe de uma aglomeração sistematica de ideas mas de um conjuncto caprichoso de impressões. A gente apreende que ele tem personalidade bem forte mas não se consegue defini-la. Ninguem desmente melhor a definição "L'homme? c'est un théorème qui marche" do que João Ternura. E' de uma natureza profundamente sensual. Muda e se diversifica segundo a onda mobilissima de suas sensações. E' um expansivo. Nunca se vê Ternura carrancudo e concentrado. E' desses que despejam toda a sua

substancia emotiva de momento numa carta, numa meza de café, numa esquina de rua. Sendo um simples, um ingenuo, um sentimental, comove sempre a gente pela sinceridade ardente de suas expansões. Nele, a curiosidade activa do real, o apego á vida objectiva se desdobram em sonho. O sensual, o amoroso das figuras exteriores se faz com facilidade um imaginativo. Os delirios, as alucinações, os devaneios ideativos de João Ternura ficam á primeira vista incompreensiveis. A gente pergunta a si propria si aquela poderosa maquina nervosa em continua vibração, que é o heroe do livro, pode fugir ao contacto da vida por um desvio puramente imaginativo. Porque essa tendencia invencivel ao sonho em quem a realidade desperta tanto interesse? Acabamos por compreender que João Ternura não tem a unilateralidade de uma existencia psicologica linear. Está em ligação muito directa com a vida sem a intervenção de meios literarios que simplificam e alinham a realidade. Neste caso, as impressões, sem esses elementos intermediarios que as canalizam e as amortecem, causam profundas exaltações intimas, grandes abalos nervosos que dão logar a uma combinação estranha dos acontecimentos, a uma representação anormal das figuras exteriores. São elementos de sua propria experiencia que Ternura combina de uma maneira diferente da comum. Não idealiza nem corrige o possivel da vida mas apenas o multiplica pela deformação.

O céo moral do nosso heroe é pouco carregado. Raramente uma nuvem o tolda. A natureza sensual dele imprime nos seus actos uma espontaneidade quasi instinctiva. Por isso mesmo a consciencia não põe em inquietação o seu sentimento moral. Em todo caso a sua seriedade diante da vida acusa responsabilidade. Mesmo quando menino Ternura sem que fosse um circumspecto não era um brincalhão. Não ria quasi nunca. Foi sempre um sentimental e a sensibilidade leva tudo a serio. O riso é um puro precipitado intelectual. Afinal, não preciso dizer que João Ternura é um camaradão de quem eu gosto imensamente, apezar de sua vida um tanto particularizada.

O trabalho de Annibal Machado é dos mais interessantes que têm aparecido entre nós, nos ultimos tempos.

Martins de Almeida.

MACHADO DE ASSIS

Parece que Machado de Assis terá agora a sua figura perpetuada num bronze. E' uma idéa já velha, mas que não perdeu ainda a sua opportunidade. Sempre é alguma cousa que se faz pelo fino espirito que nos legou uma meia duzia de figuras desencantadas e varias paginas que ficarão na memoria dos homens.

No entanto nunca a figura do creador de "Quincas Borba" nos pareceu tão extranha, tão afastada da nossa sensibilidade do que nessa hora de inquietação e de certa perplexidade. Não sei se os homens de amanhã terão tempo de lel-o. Se tiverem hão de sorrir com doçura, mas tambem com uma certa incapacidade de comprehensão, para o seu aspecto de sybarita e de sceptico impenitente. Quanto a nós, a verdade é que estamos ainda ligados de certa maneira a esse seculo XIX que foi o seculo de seu espirito. As camadas espirituaes que precederam ás nossas da actualidade ainda fazem echo no sulco que ellas proprias traçaram na nossa sensibilidade. Quasi todos nós já tivemos aqui no Brasil o nosso periodo de "machadismo". Talvez seja por isso que ainda sentimos e comprehendemos, comprehendemos mais do que sentimos, o determinismo psychologico em que se formaram os espiritos como o desse frio desencantado. Impossivel lel-o actualmente sem ter em vista esse determinismo.

O grande peccado do creador de "D. Casmurro" foi mesmo esse, — o de ser um caso isolado, um accidente notavel na curva da nossa evolução intellectual. Será, pois, sempre necessario que a nossa critica o examine nessa posição particularissima.

Vivendo numa época que foi, talvez, a dos maiores surtos da nacionalidade, elle ficou indifferente a todas as idéas vitaes e tumultuosas da época. Ninguem praticou entre nós em gráo tão elevado a arte pela arte. Nos seus livros elle não nos revelou nunca o homem nas suas relações com o meio physico e social. Via as suas personagens sob o puro aspecto psychologico, "como um systema de idéas e de paixões" que interessavam infinitamente o analysta que havia nelle, mas a que o homem ficava cheio de indifferença. Elle podia dizer como Stendhal: "E'crire autre chose que l'analyse du cœur humain m'ennuie".

Mas faltou-lhe tambem a intensidade psychologica, a revolta disciplinada do creador do "Le Rouge et le Noir", aquella intensidade que nos faz imaginar um Stendhal que fosse uma alma russa com uma intelligencia franceza. Machado ao contrario foi uma surdina cheia de timidezes. Que documentos finos e poderosos não nos deixaria elle se a sua arte possuisse um pouco mais de vibratilidade, e se a sua ironia, em vez daquelle ar de experiencia cançada, tivesse a nervosidade estouvada de um Lima Barreto! Faltou-lhe assim a chamma dos grandes renovadores que são, afinal, os unicos creadores verdadeiros. O que a sua obra deixa logo transparecer, em traços permanentes e sempre bem definidos, é uma timidez acanhada ante a menor vertigem de inquietação. Evitava sempre os grandes giros especulativos. No maximo um passeiosinho medido naquella sua attitude de uma resignação ironica para tudo aquillo que o seu espirito collocava para além de seu raio de penetração. Escreveu mais para divertir-se e tambem para divertir a melancolia dos homens. Não pretendeu dar á sua pala-

vra a mais ligeira capacidade de acção. "Se não valia a pena..."

Com tudo isso Machado de Assis foi um dos melhores espiritos da nossa terra. Tinha o dom de crear com essa graça medida e com esse senso das proporções que revelam bem a natureza de seu espirito profundamente anti-romantico.

Está ahi porque a sua obra já é bem do passado apezar de sua apparente proximidade. A sua figura, essa está bem perto de nós, no nosso carinho e na nossa admiração. Mas a verdade é que a sua obra não terá nunca essa outra immortalidade, a maior e a mais bella de todas, a de renovar-se e de multiplicar-se em outras, numa fermentação admiravel de idéas. Será assim um fructo isolado, se bem que eterno, porque fructo de belleza e de intelligencia.

Nada mais justo do que a homenagem que se pretende prestar agora á sua memoria. E um busto é mesmo o que convem. Machado sempre foi um espectador divertido dos homens. Que elle fique, pois, no alto de um pedestal, a analysar a theoria infinita das creaturas que a sua ironia não quiz, ou não teve tempo de fixar...

Emilio Moura.

A Quinzena

DE MINAS

Significação politica de um discurso

Os commentarios e os sobresaltos a que deu causa o discurso do sr. Francisco Campos, pronunciado no banquete que lhe foi offerecido pela escolha do seu nome para Secretario do Interior, vem provar que a lei da acustica muda de formula passando do mundo physico para o mundo politico. No mundo politico que é todo resonnancia as palavras estão sujeitas a effeitos acusticos e a echos muito mais fortes.

Assim é, que a camada inferior dos nossos politicos de logarejo habituada como está ás sonoridades retumbantes de um verbalismoôco, assustou-se seriamente ante um programma de idéas organicas e constructoras que correspondem immediatamente a realidades. Desse susto nasceu a preoccupação de se procurar a significação occulta das palavras lucidas do sr. Francisco Campos.

Já se tenta com ousadia apalpar na consciencia do novo Secretario a inquietação pela longinqua presidencia do Estado...

E' natural que a sua desenvoltura larga de pensamento e a sua percepção lucida das necessidades fundamentaes do Estado causassem impressão funda. Na verdade, encontramos um homem publico que não tem a mentalidade retardataria de ideologo do 2.º imperio e que fala com um conhecimento profundo das realidades.

O sr. Francisco Campos desenvolveu no seu discurso o equacionamento dos nossos problemas fundamentaes em toda a sua complexidade sem lhes offerecer a formula vaga e indeterminada de uma solução simplificada e facil. Esmagou o idealismo pomposo de que se reveste a nossa instrucção classica indicando a necessidade urgente do ensinamento technico e profissional. Até agora para a comprehensão estreita dos nossos governantes, a educação profissional se resumia na fundação de institutos para cegos e surdos-mudos...

O sr. Francisco Campos relaciona a verdadeira educação profissional com a vida politica da nacionalidade mostrando como os phenomenos economicos que dependem directamente da organização de um corpo profissional e de um apparelhamento technico põem em movimento as engrenagens da machina governamental.

O homem de governo apalpou, sem se submetter a uma noção simplista dos nosos acontecimentos politicos e sociaes, as necessidades concretas da nação mostrando as forças occultas do inconsciente sociologico de uma collectividade.

Eis um fragmento de seu discurso:

"A nação não é, com effeito, apenas ordem juridica e ordem moral, funcção de autoridade e de governo: é tambem, e hoje, antes de tudo, uma usina e um mercado. Si a instrucção classica fórma os espiritos para a vida civica e para a actividade politica, somente a instrucção profisional pode preparal-os para as funcções do mercado, com os seus problemas proprios, os seus typos particulares de actividade social e economica, seus processos technicos definidos e inconfundiveis. Somente a nação que tem o seu mercado apparelhado, apercebido de orgãos e instrumentos perfeitamente adaptados ás funcções da sua vida economica, é que se pode dizer realmente emancipada e autonoma. A emancipação politica será, apenas, um ente de razão, si o mercado economico não se differencia e se organiza na mesma latitude em que se differencia e organiza a vida politica. Um paiz sem organização industrial e commercial, com toda a sua majestade, as suas dragonas, os seus parlamentos, as suas declarações de direitos, não passará de um embryão nacional, com uma vida de relação inteiramente artificial e inconsistente por insufficiencia dos seus orgãos de nutrição. Até aqui temos cuidado mais de nossa vida de relação do que da nossa vida de nutrição."

O novo ministerio

Começou a semana corrente por uma irreverente pilheria sobre assumpto serio e grave.

Justamente como manda a technica que seja aberta uma *boite á surprise*, foi, quando menos se esperava, servido ao publico, como prato do dia de segunda-feira, o ministerio que o presidente do futuro quadriennio teria organisado para seu uso e goso de todos nós, feliz Nação brasileira, tão feliz que lhe servem os seus governos, a tempo e a hora, sem que ella dê, para isso, um passo que seja. So lhe exigem que pague, isso sim, e não o que ella quer ou póde pagar, mas o que lhe exigem.

Naquelle dia memoravel nem um só reporter de serviço no palacio de Tiradentes, ex-Cadeia Velha, saiu dalli de mãos abanando, sem nada de bom a levar á sua folha. Antes, pelo contrario, todos levavam a sua provisão, valiosa e sensacional, que era o ministerio inteirinho e mais uns quantos altos servidores do paiz, que não estão acima, mas tambem não ficam abaixo dos ministros. Escusado dizer que cada um daquelles jornalistas se gabava, convencidissimo, de ser elle o unico confidente do segredo, dos tres segredos que se guardam, no dizer de Guerra Junqueiro, como se guardam diamantes.

Que furo, Deus do céo! Aquillo era entregar ao secretario e descer direitinho á caixa do jornal o vale de uma gratificação deste tamanho...

A' tarde, todos os vespertinos publicavam a esperada nominata. A confidencia fôra circular e geral. Não houve furo, nada de gratificação extra. Um logro.

Em compensação, ninguem acreditou no ministerio, a começar por alguns dos diarios que o estamparam, a titulo de curiosidade, em negrito entrelinhado e com titulos e subtitulos. Era barriga, diziam, e muita gente propoz-se demonstrar por A + B que "aquillo não era possivel, que aquelles ministros não serviam."

Permittam que, neste ponto, estranhemos a incredulidade da maioria dos jornaes e respectivos leitores. A combinação publicada está rigorosamente dentro da formula annunciada pelo autor e dono do ministerio — ministros geographicos e de partido, isto é, partido dos governadores. O pessoal pertence todo á elite que governa e jura que ha de sempre governar. Não será, positivamente, *le dessus du panier*, mas não deixa de ser, em geral, gente, que se póde dizer, na conta.

Póde, pois, não estar certa a lista publicada, mas os ministros não desmerecem. São todos de bom porte — ou, melhor diriamos, dado o pendor invencivel do Snr. Washington Luis pelas estradas — de boa bitola.

Isso de grande ministerio é para quem póde. Pobre não tem luxo.

Já viu V. S. o Novo OAKLAND SIX?

A Fabrica Oakland realizou um verdadeiro portento, conseguindo melhorar ainda mais a qualidade dos seus afamados carros. O novo Oakland de seis cylindros conta innumeros e importantes melhoramentos, dentre os quaes merecem especial destaque os seguintes:

Novo estylo de Carrosseria Fisher — uma verdadeira creação da época, que, conservando as bellas linhas do modelo anterior, revela ainda maior symetria e mais bello contorno; pintada em dois tons, numa bella combinação de côres Duco.

Compensador Harmonico — uma innovação mecanica de grande valor, exclusividade do novo Oakland, que proporciona ao funccionamento do motor a maior suavidade, eliminando por completo toda trepidação e vibração do vira-brequim.

Avanço automatico — o qual funcciona em conjuncto com o accelerador, trazendo evidentes vantagens para o chauffeur e para o funccionamento mais perfeito do motor.

Estes não são sinão alguns dos muitos aperfeiçoamentos do novo Oakland, que tem esmerado estofamento, radiador, nickelado, pharóes typo Banjo, freio nas 4 rodas, alavanca de mudança aperfeiçoada, rodas de madeira, etc., etc.

Experimente V. S. o novo Oakland, e se convencerá que elle mantem, com ampla vantagem, a primazia, na sua classe, que muito justamente, conquistou.

Preço no Rio de Janeiro:
Turismo Sport ... 11:600$000
(Sem pneu sobresalente)

Agentes autorizados na Capital:
STEINBERG & CIA.
AVENIDA RIO BRANCO, 31-33
Agentes autorizados nas principaes cidades do paiz

SEMPRE GANHANDO PREFERENCIA

Atravéz das vitrines

não se podem ver
bem os artigos

ENTRE PARA VER DE PERTO:

Os nossos artigos,
As nossas qualidades,
Os nossos preços,

e só então poderá reconhecer a vantagem das offertas do

PARC ROYAL

"Se quizerdes ser rico, ou permanecer rico,
lêde Henry Ford."

ARTHUR BRISBANE.

Minha vida e minha obra

por HENRY FORD, de collaboração com SAMUEL CROWTHER

Nova traducção de MONTEIRO LOBATO

Saido em 1922 acha-se este grande livro transladado para o allemão, francez, finlandez, italiano, hollandez, polaco, russo, sueco, dinamarquez, tchecoslovaquo, hungaro, hespanhol e arabe, sommando as varias edições mais de dois milhões de exemplares. Henry Ford produziu uma das mais significativas obras desta geração. — (THE CENTURY).

A sensação deste livro é menos de um livro escripto do que de um homem que se senta deante de nós e conversa com facilidade, em tom impessoal, acerca da sua vida, das idéas que o nortearam, dos principios em que baseou o seu trabalho e da convicção que o anima sobre os effeitos da efficiencia na felicidade humana. — (NEW YORK TIMES).

Henry Ford revelou-se neste livro a mais alta individualidade americana da sua geração. — (THE ATLANTIC MONTH).

Considero um dever meu para com o publico attrair a attenção de todo o mundo para este grande livro. — (EDWARD A. FILENE, em THE NATION).

E' o grande livro de um grande homem. — (ROBERTO BLATCHFORD).

EM TODAS AS LIVRARIAS — PREÇO: 4$000

Companhia Editora Nacional

RUA DOS GUSMÕES, 33 — S. PAULO

A

"Revista do Brasil"

E' a publicação que conta entre nós com o maior numero de collaboradores illustres e, ao mesmo tempo, a que se vende mais barato

Numero avulso	$700
Assignatura annual	16$000
Tomada conjuntamente com a do "O Jornal" ou "Diario da Noite"	12$000

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇAO

Rua Rodrigo Silva Nº 14 (1º andar)

RIO DE JANEIRO

Officinas graphicas da Companhia de Livros e Papeis

REVISTA DO BRASIL

PUBLICAÇÃO QUINZENAL

DIRECTORES

PANDIÁ CALOGERAS, AFRANIO PEIXOTO,
ALFREDO PUJOL e PLINIO BARRETO

REDACTOR-CHEFE

RODRIGO M. F. DE ANDRADE

Redacção e adm. — Rua Rodrigo Silva, 14. 1º

NESTE NUMERO:

Vocação e Martyrio de Junqueira Freire	Afranio Peixoto
Robinson Crusoe	Affonso Arinos (sobrinho)
Coimbra, a lendaria	General Malan

Correspondencia inédita de Victor Hugo, Lamartine, Pedro II, Gonçalves Dias e Francisco Octaviano.

O Fascismo (IV)	Calogeras
Triptico	Tristão de Athayde
Carta aberta a João Alphonsus	Manuel Bandeira
O criterio da utilidade na literatura moderna	Teixeira Soares
Recordações de Dona Quiteria	João Ribeiro

Notas por Martins de Almeida, Manuel Bandeira, Prudente de Moraes, neto, José Clemente, Emilio Moura, Esmeraldino Olympio e P. Sampaio.

ANNO I — NUMERO 4 — 30 — OUTUBRO — 1926 — RIO DE JANEIRO

"A Revista do Brasil"

E' a publicação que conta entre nós com o maior numero de collaboradores illustres e, ao mesmo tempo, a que se vende mais barato

Numero avulso	*$700*
Assignatura annual	*16$000*
Tomada conjuntamente com a do "O Jornal" ou "Diario da Noite"	*12$000*

xxxxxxxxxxxxxxx

Redacção e Administração:

Rua Rodrigo Silva N. 14 (1.º andar)

RIO DE JANEIRO

Revista do Brasil

ANNO I —— RIO DE JANEIRO, 30 DE OUTUBRO DE 1926 —— NUMERO 4

SUMMARIO

Politica
Vocação e Martyrio de Junqueira Freire — Afranio Peixoto.
Robison Crusoe — Affonso Arinos (sobrinho).
Coimbra, a lendaria — General Malan.
Correspondencia inédita de Victor Hugo, Lamartine, Pedro II, Gonçalves Dias e Francisco Octaviano.
O Fascismo (IV) — Calogeras.
Tryptico — Tristão de Athayde.
Carta aberta a João Alphonsus — Manuel Bandeira.
O criterio da utilidade na literatura moderna — Teixeira Soares.
Recordações de Dona Quiteria — João Ribeiro.
Theatro e Musica — Martins de Almeida e M. B.
Literatura — Manuel Bandeira, Prudente de Moraes, neto, José Clemente, Emilio Moura e Esmeraldino Olympio.
Sports — Campeonato internacional de tennis em disputa da taça Mitre — P. Sampaio.
A quinzena.

POLITICA

Diz-se que está definitivamente resolvida a fundação de um grande Partido Republicano Nacional, que obedecerá á chefia suprema do Snr. Arthur Bernardes. Segundo informações bem fundadas, o actual presidente tem intenção de seguir para Bello Horizonte, lógo após haver transmittido o poder ao Snr. Washington Luis e, ao cabo de algum tempo de repouso bem merecido, regressar ao Rio, feito senador federal e generalissimo de um formidavel aggrupamento politico. Isso significa que a circumstancia do Snr. Bernardes transferir-se do palacio do Cattete para o Grande Hotel da Lapa não influirá de nenhum módo sobre o prestigio vertiginosamente crescente que vem desfrutando de oito annos a esta parte: elle continuará a ser de verdade aquelle super-homem a que o Snr. Antonio Carlos alludia ha tempos, num discurso, sem muita convicção. Nada de extraordinario, aliás, no phenomeno. Assim mesmo é que se processam os acontecimentos de grande alcance no meio social: crêam-se os mythos politicos e, pela força sugges-tiva destes, transformam-se ou revolucionam-se as instituições e os costumes dos Estados. Georges Sorel fala no mytho da gréve como do instrumento capital para a reorganisação da sociedade sob a ordem proletaria. O Snr. Antonio Carlos creou, por descuido, no Brasil, o mytho do super-homem republicano. E, como o Snr. Bernardes era, naquella occasião, a unica personalidade que se destacava nos postos de commando do Estado, foi a elle que aproveitou o incauto invento do então leader da maioria. Do mytho saiu a realidade do Snr. Arthur Bernardes, chefe supremo das forças politicas nacionaes.

* * *

O Snr. Washington Luis parece approvar gostosamente a idéa do tal partido, bem como sujeitar-se ao dominio politico de seu antecessor.

Affirma-se que, impressionado com o numeroso proselytismo conseguido em pouco tempo pelo Partido Democratico de São Paulo, o novo presidente acha necessario que se contraponha áquelle uma outra poderosa organisação partidaria. Dahi o favorecer a constituição do alludido aggrupamento e acceder a que o Snr. Arthur Bernardes seja feito seu chefe. Elle pessoalmente não tem, ao que se diz, em materia de politica, nem «aspirações nem saudades». Pretende apenas administrar e, para isso mesmo, lhe convém que a agitação politica se dê em torno de outra qualquer figura que não a do presidente. Quer dizer tudo isso que o Partido Republicano Nacional virá beneficiar egualmente ao novo chefe de Estado e ao seu antecessor, sem contar o proprio paiz que, sem duvida, ha de ser o maior beneficiado.

É como se Wotan confiasse a Siegfried o manejo de seus negocios terrenos, para não se apoquentar. O unico perigo consis-

tiria aqui em que o segundo fôsse tentado a intrometter-se tambem no capitulo vasto que o primeiro reserva para si. Assim, ficaria desfigurado o cyclo dos Niebelungen. E o quatriennio do Snr. Washington Luis tambem.

* * *

A desegualdade da distribuição das rendas entre a União e os Estados — cabendo a estes a parte do leão, ao passo que áquella se reserva a maior quota dos onus — constituiu sempre argumento capital para os adeptos da reforma da Constituição. Esta veio afinal, embora em momento inopportuno, sob a vigencia da lei de imprensa e do estado de sitio; e, no atropello em que foi realisada, ficou esquecida a reparação daquella injustiça, que tanto arrepiava a sensibilidade dos doutrinarios reformistas.

Eis como se conta o prodigio. Ao abicar em Manáos, foi S. Ex.ª recebido com um succulento discurso do Snr. Ephigenio Salles, em que o orador, após apresentar as bôas vindas ao presidente eleito e exalçar-lhe as virtudes publicas e privadas, mudou repentinamente de rumo e, transformando o tom festivo e alacre do seu verbo na lamuria plangente das carpideiras, entrou a descrever a miseria amazonense, invectivando a União pela falta de assistencia em que tem deixado esse infeliz trato de terra brasileira.

A essa altura — refere ainda a chronica — o Snr. Washington Luis tinha o sobrecenho carregado e dava signaes visiveis de não apoiar o orador. Depois, tomando a palavra, refutou-o severamente, declarando, mais ou menos, que os Estados são verdadeiras sanguesugas da União, que o regimen vigente em que a União dá tudo e nada ou pouco recebe, é desigual e injusto, etc., etc.

Quando o Snr. Washington pronunciou a ultima palavra do seu discurso, já o Snr. Ephigenio Salles estava inteiramente convertido á nova e verdadeira doutrina, como aliás era logico, dada a autoridade do seu propagador.

Mas a noticia do milagre correu celere e depressa chegou aos dominios do Snr. Dyonisio Bentes, que se aprestava a receber condignamente o futuro presidente com um discurso «mutatis mutandis» nos termos do do seu collega, em que tambem as difficuldades do Pará eram postas em relevo e queixas acerbas se faziam contra a União pelo abandono, etc., etc.

Está claro que esse discurso não chegou a ser pronunciado, porque a doutrina do Snr. Washington Luis transformará em tempo o negro pessimismo do Snr. Dyonisio Bentes no mais roseo e confiante optimismo.

Em logar delle, a oração que o presidente eleito ouviu, sorridente e convicto, ao chegar a Belém, foi a seguinte:

«O Pará nada num mar de rosas, progride e floresce. Asphyxia em abundancia. Nada lhe falta, sobretudo dinheiro... Se a União precisar de numerario, outra cousa não tem a fazer senão requisital-o do erario paraense...» E por ahi adeante.

Depois disto, póde-se considerar sanada a lacuna da reforma constitucional.

* * *

Entrou em gestação um partido novo. Será de gestação facil e rapida, como a dos ratos, visto que as adhesões chegam em alluvião, ninguem querendo ficar fóra. É o partido dos governadores, franco a todos os credos, comportando todas as idéas e opiniões, tendo porem logar especial, como adeptos benemeritos, com direito a todas as indulgencias, inclusive a canonisação, os correligionarios que não tiverem idéa ou opinião alguma.

A nova aggremiação partidaria apresenta-se, naturalmente, disposta a salvar a patria, e senão persuadida, procurando, pelo menos, persuadir aos outros de que o que nos falta, para sermos inteiramente felizes é isso de partidos, como havia nos tempos ominosos do Imperio, não tendo sido ainda possivel fazer, nesse genero, coisa que se aproveite na Republica.

Realmente o que se tem conseguido arranjar e exhibir, com o rotulo de partido,

tem tudo da bôlha de sabão feita no canudinho de bambú, delicia e maravilha das crianças que o sopram. A intumescencia, a pompa do colorido, a prestesa com que se forma e a facilidade com que desapparecem, mal deixa de receber o sôpro de que se alenta o canudinho magico.

O primeiro chefe republicano que se lembrou de formar partido foi o saudoso general Glycerio, organisando em um numeroso exercito as suas famosas 21 brigadas, a que, ás vezes, gostava de chamar cathedral, para todos os credos e onde todos podiam officiar.

Era o P. R. F., bem rotulado, bem equipado, inspirado de bons propositos, talvez, porem sem disciplina e mal policiado, resentindo-se a tropa da excessiva benevolencia do general em chefe. O partido morreu do mesmo tiro covarde do estupido attentado de 5 de novembro, no Arsenal de Guerra. Sobreviveu-lhe o chefe, curtindo, porem, sabe Deus, quanta amargura...

Esse dos governadores, que o cartaz anda, agora, annunciando, é, porem, sem duvida alguma, o mais interessante, por ser, simplesmente, gaiato e não pretender ser nunca qualquer coisa mais que isso.

Por ora, só houve o toque de reunir para a grande parada de 16 de novembro, afim de ser conferido o bastão de commando ao respectivo chefe, o general paisano, Sr. Arthur Bernardes.

Deus o crie para o bem, ao menos até o proximo carnaval. Será um grande rancho a mais a animar a festa de Momo.

* * *

MANO, a minha alegria é a tua alegria...

Foi com esse grito da alma que respondeu o proximo futuro ministro, Victor Konder, ás congratulações do seu irmão Adolpho Konder, governador do Estado e guarda e cultivador do viveiro de estadistas, que é S. Catharina.

A alegria do ministro eleito pelo presidente do proximo quatriennio, entre as vocações mais decididas e as competencias mais por provar, é a alegria do seu mano, o governador mandado eleger pelo presidente do quatriennio agonisante, para destruir e extirpar o predominio do finado senador Lauro Müller. Temos, pois, uma familia alegre, hilariante mesmo. Alegre e a rir das extravagancias deste mundo, sobretudo no pedaço que a politica occupa e explora, no seu exclusivo proveito.

E é uma alegria que encanta e commove, valendo, ao mesmo tempo, por uma nobre e rara lição de amor da patria. Sim, porque nunca esqueceremos, e ainda ha pouco o invocavamos, nesta mesma pagina o formoso e profundo conceito, produzido no fluente e enthusiastico decorrer de um brinde, do doloroso sacrificio em que importa ser uma pessoa ministro, governador, deputado, senador, ou qualquer coisa como isso. Só muita abnegação, lá dizia o do brinde, depois de fazer descer, garganta abaixo, o seu trago de champagne frappé, só muita abnegação e uma comprehensão muito nitida do dever civico, podem levar um cidadão, seja pae de familia ou celibatario a galgar as rudes asperezas do Calvario do poder.

Pois esses dous irmãos Konder, deante do infortunio de serem ambos colhidos de surpreza e agarrados, um para governador e outro para ministro, dous ergastulos, dous postos de mortificação, não hesitam, não pestanejam, não se lembram de procurar escapar e, ao contrario, dão esse exemplo admiravel, subindo ao patibulo, não, apenas, resignados, mas alegres, não cabendo em si de contentes, tanto que transborda o seu contentamento em expansões pelo telegrapho, não sabendo como agradecer a Deus e ao Sr. Washington Luis haver esse ensejo de se sacrificarem pela patria.

Manos — parodiamos, agora, nós, cheios de admiração e de applauso a tanto estoicismo — manos, a vossa alegria é a nossa alegria, a alegria de nós todos, cidadãos catharinenses e cidadãos brasileiros, compatriotas e jurisdicionados dos dous siamezes, xiphopagos no martyrio, ambos crucificados, por amor da patria.

Ave!

VOCAÇÃO E MARTYRIO DE JUNQUEIRA FREIRE

II

O grande acontecimento da vida de Junqueira Freire, entre o seu talento precoce e a sua morte prematura, foi a profissão monástica. Vocação? Sempre, a proposito, se pronuncia este nome. Raros serão capazes de confessar que o não merecem. Recebe Deus muitas vezes o sobejo do mundo. Uma mulher de talento, e independente do sexo, Sophia Arnould, considerando na penitencia tardia que ocorre a certas mulheres vadias, disse que essas taes, quando não as quer mais o Demonio, dão-se a Deus. Generosamente. Se Don Juan não acaba tambem devoto, pelo menos chega a moralista.

Na mocidade, as decepções de amor fazem aos extremados pensarem na morte ou no claustro. Representam ainda, para o seu amado, o epilogo da tragedia passional, ás vezes á custa de Deus, indulgente. O amor tem isso de magnifico, feliz, aperfeiçoa-se no lar, nos deveres da familia, na obra prima da criação dos filhos; infeliz, pode chegar ao gesto de renuncia, ou de renuncia ao mundo, e descobre a vocação religiosa. A creatura amada, ou Deus: é uma sublime alternativa.

Foi o que aconteceu ao nosso Poeta. Precoce, temporão, debil, nervoso, enfermiço, desconfiaria de si e teria sensibilidade desconfiada. Parecer-lhe-ia fadado á solidão:

E em torno a mim eu procurei sózinho
Um coração para sentir commigo (2).

E exactamente a amizade lhe é a primeira decepção; mas se illudia ainda mais, e a adolescencia e a juventude o traem na ambição do amor:

Mas ha outro sentimento
Mais doce, mais prazenteiro,
Mais real,
Que não é mais — Amizade —
Que não é mais essa imagem
Ideal

E' de essencia differente
O physico sentimento
Do amor;
Sentimento necessario,
Que não pode ser fingido,
Nem traidor.
Neste sentir — todos sentem
De modo que a natureza
Manda e quer;
Nem sabe ser contrafeita
Quando toda unida ao homem
A mulher.

Eu quero este amor do mundo,
Este bello sentimento
Natural;
Quero— — que é elle sómente
O sentimento da vida
Mais real (3).

Reparae nessa precocidade: o amor real, o «sentimento physico do amor» não é, senão implicitamente, dessa idade, a do amor platonico, a do amor ideal, do amor quasi sem amor: Junqueira Freire, amadurecido rapidamente, quasi chegava á experiencia epicurista da madureza, que fazia dizer ao naturalista Buffon: «amor! porque fazes tu o estado feliz de todos os seres e a desgraça do homem! E' que, nesta paixão, só é bom o physico, e nada vale o moral». Os poetas lyricos se encontram ás vezes com os sabios realistas.

O Poeta, entretanto, não o preparara a natureza para essa ambição. Elle o confessa numas paginas de autobiographia ou confissão, melhor assim chamadas, talvez, pois que invoca a sinceridade de Rousseau e a simplicidade de Santo Agostinho, paginas até agora não publicadas completamente. Ouvi-o:

«Eu tinha então dezesete annos completos. Entretanto, meu porte demonstrava já uma edade avançada. Meu semblante é bastante irregular. Meu rosto é comprido e descarnado. Minhas faces são profundamente cavas. Meu nariz é eminentemente aquilino. Meus olhos são fundos algum tanto, com expressão de inercia e estupidez, sem brilho, sem inspiração. Minha testa é elevada, porém mal feita. Todas as minhas feições são cobertas de uma pallidez grosseira (4). Todos os meus lances são morosos. Todos os meus modos são rusticos e negligentes. Minha voz diverge naturalmente a cada

---

(2) A' amizade: «*Contradicções poeticas*».

(3) A' amizade: «*Contradicções poeticas*».

(4) Este retrato veiu da faculdade de observar-se, que possuia o poeta. Com effeito, conta-me Constancio Alves que ouvira a Ganbagen Champloni, grande amigo de Junqueira Freire, que uma vez elle se retratara, contemplando-se ao espelho. Champloni possuia esse desenho, num papelão.

instante. conforme os sentimentos, mas é quasi sempre tremula, e todo o meu discurso é balbuciado e turbulento. Os periodos asiaticos, o estylo pomposo, as formas extensas dos classicos não acham em mim halito sufficiente. Sou, portanto, um homem feio, e pouco falador. Era-o já naquella idade. Hoje não tenho senão alguma sinceridade mais sobre todos esses rasgos. Pode-se colher desta pintura que não era eu feito para pensar em amores. Comtudo pensei. Não posso fallar bem sobre isso, porque naquelle tempo eu era talvez poeta. E foi uma visão...»

Essa visão, tanto o exulta, que no prenuncio do amor, chega elle a entoar os versos arroubados de «Achei-te»:

Já na linha dos felizes
Eu posso erguer meu trophéo.
Achei-te por fim na terra
Achei-te, ó anjo do ceu (5).

E o amor sobrevem, timido a principio, mas já com as suas satisfações naturaes. Pergunta-lhe «Que temes?»:

Não digas quando eu te beijo
Não digas — o que dirão! (6)

Se sonha, diz elle, no «Sonho»:

Achei commigo a donzella
Me apertando o coração
E ainda presa a meus labios. (7)

Se ella reza, pergunta elle, «por quem rezas?»:

Por quem rezar poderas
Por quem rezar assim?
Por quem tão linda prece
Por quem, senão por mim?
Por mim — que sei beijar-te
O colo, a face, os labios! (8)

Vê-se que não é só o ideal, e ha até o ciume que, no campo

Esse veneno tremendo
Do zelo que nos tortura
Vai aqui se convertendo
Numas rosas de ternura (9).

E continua o preludio encantado do amor, já não passivo de um dos lados, com a iniciativa do mutuo prazer, n'«O abraço»:

Abriu-me seus braços alvos
Quaes azas de um seraphim
Senti seu peito em meu peito,
Entre palpites sem fim
Senti seu peito roçar-me
Macio como o setim (10).

Ou, mais indiscretamente, em «Vai»:

Passaste-o no meu collo, entre os meus beijos
O mais tempo, socegado e alegre
Eu, inquieto, não deixei um'hora
Sem renovar-te um gozo. (11)

Parece, entretanto, que não seriam prazeres vedados. Aliás elle é explicito, ainda affirmando a posse:

Em tua mente a minha mente existe
Pertences-me p'ra sempre
Mas não te nodoei: quiz que ficasses
Casta assim mesma — e sábia. (12)

«Sábia», naquelle sentido biblico, das virgens loucas e virgens sábias, do Evangelho de S. Matheus.

O Poeta ingenuamente acredita nessa posse definitiva, se é que ha uma memoria physica, se a outra tem comsigo a faculdade de esquecer:

Eu te ensinei um sentimento eterno
Mau grado a mim, a ti, ao mundo, aos anjos
Oh! has de amar-me sempre. (13)

Tens em teu rosto para sempre impresso
Meu innocente beijo. (14)

Não teria, pois, passado dahi (15). E' o que, prosaicamente, desta vez elle escreve, directamente, na sua «Confissão»:

---

(5) Achei-te: «*Contradicções poeticas*».
(6) Que tens?: «*Contradicções poeticas*».
(7) Sonho: «*Contradicções poeticas*».
(8) Por quem rezas?: «*Contradicções poeticas*».
(9) A campina: «*Contradicções poeticas*».
(10) O abraço: «*Contradicções poeticas*».
(11) Vai: «*Contradicções poeticas*».
(12) Ella: «*Inspiração do claustro*».
(13) Ella: «*Inspiração do claustro*».
(14) Vai: «*Contradicções poeticas*».
(15) Se chegou até ahi. Os poetas são imaginativos. Lupercio Ganhagem Champloni, grande amigo do nosso, assegurou a Constancio Alves que a «paixão» de Junqueira Freire fôra toda cerebral, justificativa de suas romanticas resoluções: ha por que ser acreditado. Ha mais, e ainda mais grave: a suspeição, que se sussurra, de um escandalo domestico, que o movia á desestima aos paes, de onde o desejar «morrer de má morte», pensando que «uma cella occultava melhor do que o interior da campa». Nas estrophes «Meu filho no claustro»,

«Este segredo está sepultado com uma corôa de boninas que esmigalhamos ao pé de uma arvore. Seguiu-se á noute uma tempestade, — e de manhan rompeu o sol muito ardente. Eu, já longe daquelle sitio sinistro, pensei commigo que a tempestade tinha vindo para encravar estas flores na terra e o sol para queimal-as logo depois. E quando aquella arvore, unica testemunha desse facto, tivesse de puro penado, acolhido as pobres boninas das azas da tempestade, estendendo-lhes suas folhas, — no mesmo dia, os bafos da terra e as sombras de sua mesma copa teriam apodrecido as delicadas flores».

Flores, tempestades, sombras, parecem symbolos; houve um rompimento, Porque? Elle o diz, nuns versos: «Ella me enganou» ([16]). Comtudo não parece muito culpada, pois o poeta fala de «engano», mas não de trahição e concede-lhe amor »ainda, quando já não se podem mais amar... Talvez timido, não ousasse as responsabilidades que traz o amor na sociedade, e alguem se adiantou.

Aqui parece que adianto um facto, não referido até hoje, nem pelos contemporaneos, nem pelos amigos, e criticos, e biographos do Poeta: delles o mais dedicado á sua memoria, citando trechos da «Confissão», pretendendo que «ella» se chamava Sophia, nome mencionado na poesia «Por quem rezas?» — nem esse mesmo Franklin Doria, alludiu, ou talvez apenas desconfiou, sem o dizer, desse meu achado, que é entretanto confissão do Poeta. Já depois de monge, esse amor tanto perdura, que elle confessa:

«Agora, se meus labios ainda podessem tocar nos seus, era já isto um crime, um crime que não existia naquelle tempo. Mas eu o desejara ainda, — custasse-me mil perjurios! O coração é o instrumento das contradições. Não o posso, porêm. Ella não está na campa: mas o logar onde está reclinada é mais solenne que o tumulo».

Qual será esse abrigo, de um desejo impuro, tão vedado, ou mais vedado que um tumulo? Enigma que vai ser esclarecido. O Poeta pensa em morrer, e morto, se teria orações sem fé, teria a prece materna e a da irmãzinha innocente. Teria, ainda mais:

«Talvez, á mesma deshora, mais outra mulher se alevantasse do thálamo, erguendo-se devagar para não despertar alguem, e rezasse tambem por mim».

Não ha mais duvida: a amante do Poeta casára e o seu lar é um abrigo contra o sacrilegio que elle seria capaz de tentar; mas o amor lhe perdurava no coração, e, á morte de seu apaixonado, esconde-o embora, tarde da noite, levantar-se-ia do thalamo, ou do leito nupcial ou, por extensão, do leito conjugal, imperceptivelmente, para não despertar o marido adormecido ao lado. E se podesse haver duvida ainda, a «Confissão» o confirmaria:

«Seria ainda crime a sua oração? Seria meu fervor um sacrilegio? Seria seu pranto um adulterio? — Fosse-o muito embora: o senhor lhe perdoaria a ella, como perdoou aquell'outra na praça da Judéa, deante do povo, deante dos velhos, deante dos sacerdotes». Porque muito amara, e amava, apesar do sacramento conjugal, pois que, qualquer interesse de amor, além do conjuge, seria adulterio.

Parece, e é evidente. Tal foi a apaixonada de Junqueira Freire, que o «enganou», mas, apesar disso o amava, embora casada até o deplorar, se morresse. Esse sentimento parece natural ao poeta, que chega a comprehender, por elle essa especie de adulterio, se elle, monge, é por ella capaz de um sacrilegio.

Esta é, pois, a razão dos votos ou da profissão religiosa. Não chegou, porém, ahi, sem maior tentação:

«Era bôa occasião para morrer. Eu lembrei-me disso, sem tremer, sem me arrepiar. Que tinha?» Confiava na misericordia divina. «Antes, porém, que me resolvesse, lembrei-me que a cella de um monge era tambem um tumulo». «Eu acreditava que uma cella occultava melhor do que o interior da campa...» Foi assim, ao seu depoimento attribuindo sinceridade, que se fez monge. Foi esta a vocação religiosa do Poeta.

Elle não o dissimula, antes o confessa e até confessa sua irreligiosidade. «Toda a vez que eu via um frade pela rua olhava para elle com bastante escarneo». «Comprehendi que o frade era uma cousa desprezivel...» «Julguei que isto me assentava bem a mim, que desejava morrer de má morte...»

Havendo recusado as incitações de um monge que o chamara ao claustro, annos depois é elle quem o procura o outro, admirado de «minha imprevista vocação». Apesar de cauto, se deixa o abbade convencer, enganando-se. Aliás, enganado era tambem o enganador, sobre os seus sentimentos, ou sobre a durabilidade delles. Junqueira Freire insiste, consegue o que pretende, e entra para o convento.

A carta com que se despede da mãe — no pae, doente, nem fala, fala apenas delle quando, já arrependido, põe na bocca da mãe uns versos desesperados: «Meu filho no claustro» — a missiva de despedida é um documento triste desses sentimentos explosivos, duros, asperos, emphaticos, da adolescencia, ou da primeira juventude, em que a crueldade inutil se mistura á jactancia ridicula. As tiradas, com ademanes literarios de mau gosto,

---

que empresta á piedade materna, o Poeta argue a si proprio de genioso (estancia 10.ª) e de ingrato (estancia 28.ª). Talvez quizesse dizer irreflectido e injusto, tanto ahi nessa poesia ha piedade e ternura pelo pobre pae doente e pela pobre mãe que perdoava «inda assim».

([16]) O Banho: «*Çontradicções poeticas*».

terminam com o estribilho: «já não sou filho de Vmcê, sou filho da religião».

Merece leitura esta triste carta, triste documento humano, secco, presumido, que faz rir, quando devia fazer chorar, comparada com a «Confissão», de tres a quatro annos depois. E' admiravel como, em tão pouco tempo, um espirito estouvado e turvo de rapaz, se decanta, clareia, repousa e se transfigura na expressão, nos sentimentos, nas idéas. O claustro como uma estufa, um purgatorio, operou a maturidade, fez a cristalização, adoçado o azedume, depuradas as fezes numas paginas que á pequena distancia, são o contraste objectivo e subjectivo das outras. Fica-se a pensar, se este moço que assim se exprimia não ia ser ainda mais admiravel prosador que era poeta, este irregular, demasiado, impuro, embora com uma nota rara e original em nossa poetica: comtudo, insistimos, trinta annos mais tarde, a inquietação metaphysica daria á nossa lingua Anthero de Quental.

O prosador, no qual o critico e o pensador se revelam, por certo seria ainda maior. Attenda-se a esta pagina que julga a poesia religiosa de Alexandre Herculano:

«A Semana Santa» de Alexandre Herculano é muito differente. Parece-se a um tempo com os «Threnos» de Jeremias e com o «Ibis», de Ovidio. Lamenta com raiva e amaldiçoa com furia. Procura para elevar-se sempre um sentimento horrivel. Dispõe a alma para alguma cousa que não é do ceu. A «Harpa do Crente» não é a palavra do Christão. Para mim o pensamento de Deus não está encravado no livro de De Maistre. Eu não posso crer nas tempestades de cholera no seio do Altissimo. Lucifer é um brinquedo de Milton. A linguagem divina não precisa de hyperbole humana, para ser sublime. O mundo moderno não carece da antiga tropologia oriental. Deixamos as figuras e as formas asiaticas para a poesia romantica. Quando falarmos de Deus, façamos como Newton: abaixemos a cabeça! Ah! não abramos um abysmo de ficções para sepultar Jehovah! O Eterno não é um jogo de imaginação».

Não dá um ante-gosto de Euclydes da Cunha? A idéa se contracta, resumida, cristalizando-se numa formula. O ser hyperbolico não o priva de eliptico e pela volupia das antitheses chegaria á sublimidade, ás vezes apocalyptica, do outro: euclydeano, antes de Euclydes... E' pena que a «Confissão» não vá além dessas primeiras paginas: o Poeta teria feito ahi a sua obra-prima.

Mas, não antecipamos: a 9 de fevereiro de 1851, sahia de casa pela manhã, Junqueira Freire, depois de saber como passára o pae doente, depois de beijar mãe e irmã, e entrava para o Mosteiro de S. Bento, de onde mandava a alludida carta á familia. O noviciado ia durar um anno. Em outra carta posterior a seu amigo Luiz de França Rebouças, que Franklin Doria publica em parte, e está nos archivos da Academia Brasileira, como na poesia «O Noviço», perpassa a tristeza, senão já a decepção da vida a que se votara. «Não posso rezar», diz ao amigo; a si mesmo diz, na poesia, referindo-se a Deus: «pede-lhe a morte».

A 29 de março de 1852, comtudo, embora desilludido e sem paz de coração nem de espirito, faz a sua profissão, proferindo os votos sagrados de pobreza, castidade, obediencia. Fora amortalhado, e morrera no seculo, Luiz José Junqueira Freire, nascia para a religião o monge benedictino, Frei Luiz de Santa Escholastica Junqueira Freire (17).

Ainda no fim da profissão diz: «Resuscitei»; confessa-se feliz, mas não occulta as apprehensões:

Não ser, — meu Deus! — não poder ser eterno
O gozo desse dia!
Mas ah! — não seja essa canção saudosa
Qual funebre elegia! (18)

A vida monastica para ocorrer a uma decepção do seculo, não podia deixar de ser tambem uma decepção. Passada a crise, em que a vehemencia do sentimento se extremára numa desproporcionada represalia, a clausura, o silencio, a oração, o automatismo disciplinado dos actos conventuaes operavam a *detente*, o desarme, mas permittiam a razão impor-se de novo, julgando o acto que lhe trouxera a alienação — da independencia, na passiva obediencia, — da liberdade, na prisão do claustro. Para sua mocidade rebelde e impetuosa seria agora uma decepção tremenda, em sentido contrario: elle irá desde as accusações de ócio, de inutilidade, de intriga, de corrupção, de hypocrisia, de escravidão, até os peccados da imaginação e da sensibilidade, até a negação e a descrença.

A' profissão de um confrade, Frei João das Mercês Ramos, elle confessa:

Eu tambem antevi dourados dias
Nesse dia fatal:
Eu tambem como tu, sonhei contente
Uma ventura egual.

Eu tambem ideei a linda imagem
Da placidez da vida:

---

(17) Santa Escholastica era a irmã gêmea de S. Bento, cuja imagem o Poeta podera ver no altar da Egreja do seu Mosteiro, ao lado da do Patriarcha: não podendo adoptar o nome deste, commum a todos os Benedictinos, essa escolha, de tal santa, revela sensibilidade, uma mulher, e orgulho, a maior figura da Ordem, depois de S. Bento.

(18) Monastica: inedita, já agora publicada. O original acha-se ora nos archivos da Academia Brasileira, onde foram ter, de Franklin Tavora, dilecto amigo do Poeta.

Eu tambem desejei o claustro esteril
Como feliz guarida.

Eu tambem me prostrei ao pé das aras
Com jubilo indizivel
Eu tambem declarei com forte accento
O juramento horrivel.

Eu tambem affirmei que era bem facil
Esse voto immortal:
Eu tambem prometti cumprir as juras
Desse dia fatal.

Mas eu não tive os dias de ventura
Dos sonhos que sonhei.
Mas eu não tive o placido socego
Que tanto procurei:

Tive mais tarde a reacção rebelde
Do sentimento interno.
Tive o tormento dos crueis remorsos
Que me parece eterno.

Tive as paixões que a solidão formava
Crescendo-me no peito.
Tive em logar das rosas que esperava,
Espinhos no meu leito.

Tive a calumnia tetrica vestida
Por mãos a Deus sagradas
Tive a calumnia — que mais livre abrange
O' Deus! vossas moradas!

Illudimo-nos todos! — Concebemos
Um paraiso eterno:
E quando nelle soffregos tocamos
Achamos um inferno. (19)

Nos versos, até agora ineditos de «Aqui», elle repete essas mesmas terriveis accusações ao claustro, assegurando não ter tido culpa:

...Vi, dominando sobre tudo
O nú materialismo
Sim, crê-me: — quem me ditou estas verdades
Não foi o scepticismo.

O commentario a esse desespero fá-lo o proprio Poeta num verso d'«O Monge»:

Tal o furor que a escravidão excita...

Mas não é só:
Mas eu não tive o placido sossego
Mais afflictivo que o labor do escravo,
Ocio infamante, eu te renego embalde!

---

(19) A' profissão: «*Inspirações do claustro*».

Geram-se os vicios em teu molle seio
E te beijando e te cingindo o collo
Boceja, estira-se a lasciva — e dorme (20)
Aqui em fel a inspiração se embebe,
Aqui de opprobrio a candidez se mancha,
Aqui converte-se a ventura em crime...
Mas, ah!, lá chama ás orações o sino!
Um sacrilegio mais! Senhor, perdôa!
Vou emendar imprecações com psalmos... (21)

Nesse estado de coração e de espirito o Poeta podera indagar porque, para que?

Tudo reprova o sacrificio inutil.
Deus! teu filho deixou teu seio eterno
Para salvar a humanidade — e eu soffro
Debaixo de teu nome inuteis penas...
Deus não é misanthropo... (22)

Como d'«A Freira», cujo tormento é egual:

Das rezas quasi sentia horror...
. . . . . .
Nem cruz, nem claustro, não bastam não! (23)

Ao seu anniversario, em 1852, apenas nove mezes depois de professo, nessa devastação de crença, attinge o nihilismo, quasi a negação:

Pergunto ao ceu, á terra, ao mar immenso:
— Que vim fazer no mundo?
E o ceu, e a terra, e o mar — só me repetem
O echo mais profundo.

Porque, porém, ao céo, ao mar, á terra
Perguntar — o que sou?
O ceu não falla aos homens, mente a terra
E o mar sempre enganou!

Eis o que sou: — a pendula das horas,
Que do continente oscilla:
Eis o que sou: — a duvida incarnada
Que perennal vacilla.

Eis o que sou: — um ente erroneo, absurdo,
Sem fé no coração;
Errando, extranho e forasteiro, o mundo
Sem conhecer missão!

Oh! quão feliz não fôra se morresse
Quando fui embryão
Não sentiria agora a immensa ausencia
Da fé no coração. (24).

---

(20) O Monge: «*Inspirações do Claustro*».
(21) O Monge: «*Inspirações do claustro*».
(22) Idem.
(23) A freira: «*Inspirações do claustro*».
(24) Ao meu natalicio: «*Contradicções poeticas*».

Apesar da derivação do trabalho intellectual, porque escrevia, e escrevia muito, — além de poesias esparsas, um drama «Frei Ambrosio», episodio da dominação hollandeza na Bahia, um poema prenacional, «Deltinka» (25) no genero dos «Tymbiras» de Gonçalves Dias, ainda outro poema já nacional «O Padre Roma» glorificador da infeliz revolução republicana de 1817, — apesar do trabalho escolar, porque era no convento professor de rhetorica, ou eloquencia, e disso, desse labor. deixou as notas de um pequeno tratado com exemplos brasileiros e dissertações proprias, apesar dos trabalhos pios e disciplinares do claustro, o Poeta considerava-se ocioso, inutil, infeliz, preso, coacto, quasi attingido por aquillo que os medicos chamam delirio de negação. De um confrade diz

Foi infeliz — foi monge (26)

De si mesmo confessa:

Se eu não morri, sou transfuga da vida
Dista, dista de mim minh'alma antiga.

. . . . . .

Tal sou, tal é o monge — este não homem (27)
Eu... que não vivo
mas duro apenas (28)

Chegaria até a pregar a rebeldia. Na «Saudade», a um confrade que partira para o Convento do Rio, lastimando-o, incita-o pelo orgulho:

Sim! para os claustros não nasceu tua alma
Teu coração não te palpita, Monge.
Nem tão baixo teus impetos serpeiam
Que um carcere os contenha.

Nesse vasto pallor que te orna a fronte
— Signal dos homens de profundo genio,
Eu leio a grande e destemida idéa
Que não cabe nos claustros. (29)

Se assim sentia e pensava, para os outros, para si havia de querer a liberdade, a secularização, que tentou e havia de conseguir mais tarde. Em 1854, de volta de Monteserrate, onde tivera uns dias de férias ou de emancipação, como aquelles que em 1852 descreve na poesia inedita até agora, «A Folga», recolhe-se na Bahia, á casa da familia, ou de amigos, e escreve a 2 de agosto, ao irmão Genesio, no Convento: «Sei... que Hermes e Vicente, no mesmo dia, na mesma hora em que se me escrevia, tinham levado seus requerimentos de secularização... Não seremos unitarios nós dous (30). Não seremos singulares, os dois, mais outros dois e incitação ao que fôra para o Rio... não dá isso que pensar, fosse ou tenha sido o nosso Poeta um fermento, um contagio de rebeldia? Isto se confirma quando lemos em nota ás «Inspirações do claustro», este grito d'alma: «dirão que sou cabeça de motim»... Dizia, antes que lh'o dissessem.

Antes de chegar até ahi, disse que Junqueira Freire viera, no claustro, ao peccado, ao maior dos peccados, aquelle que attenta á castidade, ao menos em imaginação. A' criatura amada, pela decepção de cujo amor se fizera monge, a «Ella» diz-lhe, desse claustico:

Eu sei que negro, espantador fantasma
Co'as azas bronzeas te apparece á noite,
E te deixando a pallidez manchada
Te grita — Monge! — e passa.

. . . . . .

Em presença da aurora, aos raios della
Lá do tremulo seio em que me escondes
Arrancas as canções que me inspiraste
Travado co'as delicias.

Então — que passe o tetrico fantasma
E grite embora: — Monge! — e trôe o sino
Que toca ao meio-dia, e nelle envolto
Proclame o sylpho: — Crime! —
Mau grado aos mundos, serás minha agora
Eu te ensinei um sentimento eterno:
Has de amar-me na terra — e além dos astros
Oh! has de amar-me sempre! (31)

---

(25) O Poeta escreveu repetidamente, no original que conferi, e está nos Archivos da Academia Brasileira: «Deltinka». Franklin Doria emendou, na publicação de parte do poema que fez nas «*Contradicções poeticas*»: «Dertinca». Por que?

(26) Mais um tumulo: «*Inspirações do Claustro*».

(27) O Monge: *Idem*.

(28) Os claustros: *Idem*.

(29) Saudade: *Idem*.

(30) Nesta carta, hoje nos archivos da Academia Brasileira, diz o Poeta: «vindo de fóra», que está no Bêco dos Barbeiros, na Capital, mas pede não o diga a ninguem. «Continuarei a escrever ao Abbade de lá de fóra, para onde elle escreveu-me hontem». O seu correspondente devia ser Frei Genesio da Pureza, a quem dedicara uma longa poesia, ora entre os seus versos ineditos «Á virgem do Seculo», «lenda escripta no album de Frei Genesio da Pureza meu condiscipulo».

(31) Ella:: «*Inspirações do claustro*».

Não importa o sacrilegio, a obcessão continua. Numa «Meditação», só agora publicada, dizia elle:

Quando da terra vil — ambos unidos —
Formos longe — bem longe:
Virgem! — não lembres o horror do inferno
Não me digas: — E's monge! (32)

Se na vida monastica só achou decepções, diz ahi mesmo, a lembrança della, o «teu amor».

Veiu dizer-me, doce: ainda é vivo
A morte está bem longe: —
Mas outra voz horrenda, como a guerra
Veiu dizer-me: — E's monge! —

Pesar disso, esses versos terminam por outros, até eroticos, de que o fecho pode ser citado, como uma excusa:

Ao menos ua vez olha-me, oh virgem,
Co'os olhos, que me cegam:
Ao menos ua vez dá-me a ventura,
Que os homens me denegam! (33)

Uns outros versos, bellos versos aliás, que não citarei, não posso citar, ainda ineditos, talvez por isso, constituem talvez um documento freudiano importante: são as estrophes de «Aqui», em que o Poeta finge ou evoca reminiscencias do logar em que amou. Não conheço entre os versos decentes, e de poetas decentes, nenhuns mais luxuriosos: e foram escriptos por um monge. E' que os libertinos não precisam ter dessas imaginações, o o Demonio, sob a forma da luxuria, só tenta aos santos, nos eremiterios. Muito será, pois, perdoado ao jovem e impetuoso Junqueira Freire, monge na clausura, embora no peccado e na rebeldia.

Foi assim, até o fim, ainda quando as autoridades ecclesiasticas, bem avisadas, lhe facilitaram o egresso da ordem religiosa. Em officio ao Arcebispo da Bahia, no qual pede a remessa de suas premissas, para ter a secularização, foi este o despacho:

«Não tem lugar, emquanto o supplicante não eliminar das allegadas premissas as temerarias expressões com que ousa taxar de absurda a obediencia, que constitue um dos votos essenciaes da Profissão religiosa, approvadas pela Igreja Universal, e garantidos pelas Leis do Estado, e qualificar de erros dos primeiros seculos, isto é, dos seculos em que mais brilhou o fervor e a pureza do Christianismo, semelhantes associações. O supplicante poderá allegar o seu arrependimento e a repugnancia á continuação da vida monastica, sem tomar o tom de dogmatizante á face do proprio Prelado Diocesano, e constituir-se desgraçado echo dos impios inimigos desta parte tão importante da disciplina geral da Igreja Catholica. — Bahia, 30 de maio de 1854» (34).

Assignada, a rubrica do sabio arcebispo Don Romualdo Antonio de Seixas, depois Marquez de Santa Cruz...

Em agosto de 54, dirigindo a sua «Saudade» a Frei Bento da Trindade Cortez, que partira para o Rio, diz-lhe impiamente:

Deserta, ó genio, do covil immundo
Onde o leão dos vicios se alaparda.
Ah! esta cella, onde a indolencia dorme
Não pode, não, ser tua.

Coral guardado nas flumineas urnas,
Quem ha de te arrancar do equoreo fundo?
Não serias mais bello, em aureo engaste,
No collo de uma virgem? (35)

Finalmente, e felizmente, a 31 de outubro de 1854 obteve sentença no Breve apostolico (36) de Perpetua Secularização, com que o agraciara a Nunciatura, visto «ainda não iniciado em ordens», «ter entrado e professado em a supra mencionada Religião numa idade que nenhuma experiencia lhe offerecera o mundo, e por isso, arrependendo-se immediatamente, sentindo-se dominado do temor de perder a salvação de sua alma». Excusa piedosa, pela qual lhe concediam que saisse da Ordem de S. Bento «para a vida secular, e ficasse conseguintemente secularizado, conservando todavia interiormente algum signal do Instituto, e observando os votos substanciaes da profissão religiosa, que fizera, á excepção do de obediencia ao respectivo superior...»

Davam-lhe liberdade, fóra do convento, e desprendiam-no da obediencia ao superior, o mais que

---

(32) Meditação — agora e adiante publicada.
(33) Meditação, id. id.

(34) Este officio, com tal despacho, acha-se assignado por Frei Luiz de Sancta Escholastica Junqueira Freire, e faz parte de autographos do Poeta, ora archivados na Academia Brasileira.
(35) A Saudade: «*Inspirações do claustro*».
(36) Franklin Doria (estudo que precede ás «*Contradicções poeticas*», p. 14), diz «3 de novembro» de 1854: o documento a que nos referimos, com a data rectificada, está nos archivos da Academia Brasileira.

lhe podiam conceder, essa medida secularização. Contentar-se-ia? Não podia alcançar mais.

Tambem, pouco podia aproveitar. Ia applicar-se em colligir os seus versos, separar os menos profanos para as «Inspirações do claustro», que, ainda no convento procurava imprimir (37) e que sairiam depois de sua morte mal correctas as provas, ainda por elle.

A sua doença, uma hypertrophia do coração — talvez hypertrophia de crescimento, que se não compensára, e que aggravaram suas tribulações moraes, mau grado os recursos medicos, de um sabio medico, o Conselheiro Justiniano da Silva Gomes, professor da Faculdade de Medicina, ia levá-lo, sem detença. Com effeito, a 24 de junho de 1855, numa casa da rua do Paço do Saldanha, na Bahia, reclinado ao collo de sua irmã Maria Augusta, finara-se o poeta, com o soccorro da Religião, sendo enterrado no Mosteiro de S. Bento, onde jaz (38).

III

Este caso de Junqueira Freire, se a distancia, no tempo, lhe amortece a commovida piedade humana, por um pobre rapaz cujo combativo genio não pôde dar toda a luz que em si continha, tem significado geral, indispensavel para a sua mesma interpretação psychologica.

Junqueira Freire foi da sua idade, do seu tempo, do seu meio. Era um meio piedoso, em que as reacções humanas appellavam frequentemente para a solução divina. Não só as personagens romanticas de Herculano e Camillo oscillam entre o amor e o convento, mas na vida, rapazes e raparigas, até perto de nós, nas decepções apaixonadas, dão o sobejo do coração a Deus, de onde tantissimos erros de vocação.

Literariamente, era o romantismo, reacção contra o paganismo neo-classico, com o seu pendor aos sentimentos medievaes de mosteiros, cathedraes, cruzados, cavalheiros e santos... Quasi todo esse romantico seculo XIX foi assim: elle começa, com Chateaubriand, que escreve aquella, sensual autobiographia de um desejo incestuoso para o intercalar num livro de apologetica, «O Genio do Christianismo», acabado ao lado e em casa da amante Mme. de Beaumont, onde tambem estava sua irmã, figurada em «Réné», essa Lucilia que o casara com uma antiga dilecta... Que piedade e que escrupulos!...

Elle termina esse seculo do romantismo com Huysmans, que, em «Lá-bas» e «En route», faz o inventario minucioso e complacente de todas as torpezas e aberrações da carne, para levar depois o seu personagem a «La Cathedrale» e a «L'oblat», como elle proprio acabou... Qualquer commentario seria demasiado.

E assim, a sensibilidade do tempo desvairava-se, contradictoria, exagerada, extremada, absurda, misturando as idéas mais sagradas aos sentimentos mais profanos: os Byron, Shelley, Musset, Espronceda, Alvares de Azevedo... são desse tempo. São desse tempo Renan e Lamenais, que escapam á autoridade da Igreja, um no seminario, outro já professo, e vêm ser, cá fóra, pedras de escandalo.

Attenda-se á juventude, ao talento, á intoxicação romantica, e esse caso interessante de Junqueira Frei, com o seu mysticismo, o seu erotismo, as suas contradicções, os seus desesperos, as suas desordens e as suas rebeldias, entre os seus dezesete e os seus vinte e tres annos, na Bahia piedosa, e em meiados do seculo passado, e já não será tão singular, nos será, senão natural, bem comprehensivel. E será symbolico, da mocidade desse tempo no mundo, daquillo que um romantico, dos mais desregrados, definia, no apposto ao titulo daquelle drama celebre do Kean: «desordem e genio».

AFRANIO PEIXOTO.

---

(37) No fim da carta citada, a frei Genesio da Pureza, cujo original está nos archivos da Academia Brasileira, pede-lhe informe-se do Camillo (Camillo Lelis Masson, que veio a ser o editor das «*Inspirações do claustro*») das suas condições de publicidade.

(38) Deve jazer. Em visita que fiz á Egreja e ao Mosteiro, na companhia do Abbade Dom Ruperto Rudolf, não conseguimos encontrar o tumulo de Junqueira Freire. Numerosas são as lapides mortuarias cuja inscripção foi apagada pelo tempo e pelos pés dos que frequentam esses logares pios. Será uma destas a do Poeta? Terá assim o anonymato, que precede á eternidade.

Robinson Crusoe

Eu quiz construir um barco salvador
que me libertasse do isolamento da minha ilha deserta,
da minha ilha arida, cercada de aguas violentas.

Aos poucos fiz crescer sobre a areia virgem
o casco possante,
a prôa alta, orgulhosa como ave migradora.

Dei-lhe remos que furassem o ventre das ondas.
Dei-lhe velas,
as grandes velas brancas que o fizessem deslisar...

Oh! o desejo de abandonar para sempre a solidão impenetravel
e fugir livremente nas aguas largas e azues!

Só depois de ter gasto todo o meu esforço
foi que vi que meu barco era enorme, pezado
e que eu nunca conseguiria arrasta-lo até o mar.

AFFONSO ARINOS (sobrinho).

COIMBRA, A LENDARIA

Lento, monotono e ennovellado, deslisa o Paraguay, a sul de Corumbá. A oeste, denticulado da serra de Urucum ergue a pique a morraria de manganez, já attingida pela via ferrea que religa as minas a Ladario. A leste, o vasto pantanal, alagadiço por mezes nas cheias, riscado na vasante pelos veios do Taquary, do Negro e do Miranda e, mais abaixo, pelo furo do Nabileque, dreno mais directo do rio, de que poderá tornar-se o braço principal.

Defrontando as habitações lacustres de Porto Esperança, termo provisorio, e, por muito tempo ainda, estação terminal da Noroeste, os morros isolados do Rebojo, do Puga, do Conselho, assignalam o prolongamento da cordilheira calcarea, parallela ao rio.

Margens que desbarrancam, onde dormitam jacarés, por entre cyperaceas. Aguas traiçoeiras de piranhas, vasosas e debruadas de caetés. Planicies de carandazaes sem fim, produzindo a distancia impressão de verdejantes copas suspensas, mercê do esbatido acinzentado dos espiques. De longe em longe, no listel ribeirinho mais elevado, uma choça colmada, pouso de algum payagua, zelando modesto milharal.

Dez leguas a jusante de Porto Esperança, a cordilheira de oeste se soergue, para frontear o Morro da Marinha, na margem oriental. O rio pronuncia curva reversa e se insere entre as elevações, dando fugaz illusão de lago em montanhas. Vem de levante, até a lombada declivosa do Morro da Patrulha, em que se apruma a secular fortaleza: ruma depois francamente a sul, em largo estirão, alem do qual, prudentemente, fundeou D. Lazaro de Ribera, cujas velas em retirada, dias e dias, eram ainda avistadas pelos esculcas de Ricardo Franco.

A partir de Coimbra, o Paraguay se escôa barrento, por terras baixas revestidas de carandazaes. Logo abaixo do forte, legua e meia talvez, e na mesma margem, Bahia Negra, vasta reentrancia triangular, cedida a Bolivia, que ahi passa a lindar com o Paraguay: multiplicam-se os portos, a começar pelos de Diana e Pacheco, onde o ultimo paiz affirma a posse pela occupação militar, erguendo com arranchamentos provisorios e lavouras, dique a futuras pretenções ou possiveis exigencias .

Mais abaixo, sempre na margem direita, continua a serie de pequenos atracadouros, Puerto Voluntad, Fazenda Talavera, Puerto Lydia, que precedem o forte Olympo, outr'ora Bourbon, mandado construir em 1792 pelo Governador do Paraguay: desarmado quadrilatero de pedras, dominando de um mamelão de vinte metros o risonho povoado a beira rio. Porto Guarany, prospera xarqueada, illuminada a electricidade, com alegres casas de venezianas verdes.

Ultrapassado Barranco Branco, forte fazenda, e Tereré, ambos portos nossos, e a mais de 200 km. de Coimbra, 250 talvez, pelas sinuosidades do rio, o Fecho dos Morros: rosario de collinas, na margem brasileira, cotadas duas a tres centenas de metros sobre a planicie, onde avulta, pela forma caracteristica e acuminada, vista de Terere, o Pão de Assucar.

A cordilheira vem rematar normal ao rio, destacando como ultimas contas, uma ilhota pedregosa, de talvez trinta metros de relevo, scindindo em dois canaes o curso estrangulado do Paraguay e, em derradeiro soerguimento, a elevação marginal direita.

Detenhamo-nos instantes, afim de retroceder, pelo pensamento, a mais de seculo e meio no passado, quando os soberbos pro-consules lusitanos empenhavam-se em cimentar a obra audaciosa dos bandeirantes paulistas, mantendo «o recuo do meridiano tordesilhano cada vez mais para

oeste, até quasi o sopé dos Andes, atravez da serra asperrima, povoada de perigos e mysterios...» (*).

Rolim de Moura, que iria, mais tarde, assumir successivamente o governo da Bahia, o do Rio e por fim do vice-reino, o futuro Conde de Azambuja, primeiro capitão-mór de Matto Grosso, fundava, a 19 de Março de 1752, a Villa Bella da Santissima Trindade, sobre o Guaporé, cincoenta leguas a oeste do rio Paraguay, visando deter o avanço castelhano.

Em 1754, os commissarios hespanhoes, cumprindo o tratado de Madrid, plantavam o marco divisorio na foz do Jaurú. Annullado aquelle tratado em 1761, a pyramide de marmore foi mais tarde removida para a praça principal de Caceres, a Villa Maria, fundada pelo Capitão General Luiz d'Albuquerque, a 6 de Outubro de 1778. Dois annos antes o grande pro-consul encetava a construcção, á margem direita do Guaporé, do «sumptuoso marco de posse», constituido pelo Forte Principe da Beira.

Como esses capitães generaes, escolhidos entre os dignatarios mais capazes, de mais valor, com poderes absolutos, não poderiam ter realizado grandes cousas?

Rolim de Moura permanecia 14 annos no cargo. Caceres, de 1772 a 1789: continuava-lhe a directriz atilada o irmão João, até 1796, quando victimado pelas febres na malsã Villa Bella. Oeynhausen, o Marquez de Aracaty, mais de dois lustros. Mais tarde, um simples capitão de pedestres se julgará perseguido e degredado, não conseguindo regressar a Côrte em menos de um anno...

Luiz de Caceres cortava largo o patrimonio brasilico sobre a vastidão central: o seu olhar se detinha a oeste e a sul. Antes mesmo de abaluartar o Guaporé, assentava firmar sobre o Paraguay poderosa tranqueira, enfeixando as duas margens e que, assignalando os limites da capitania, lhe servisse de apoio e defesa.

Politico habil e opportunista, aproveitava a violação pelos hespanhoes da convenção de 1761, ao crearem um estabelecimento na foz do Ypane: pretextando conter correrias dos Payaguas, enviava uma expedição a Fecho dos Morros, sob a chefia do capitão de auxiliares Mathias Ribeiro da Costa, que se aprestou em Cuyabá.

Reunido o trem de guerra e de aprovisionamento, Mathias seguiu com 142 homens em 14 canoas, a 23 de Julho de 1775. Após um mez de viagem, Ribeiro engana-se lamentosamente e a 13 de Setembro lança a primeira pedra do Presidio de Nova Coimbra, não em Fecho dos Morros, mas estreito de São Francisco, 200 km. a norte, sobre a margem do Paraguay «da parte do poente, em hua ponta, por não haver paragem mais acomodada para estabelecer entrincheirado...»

Faz assente d'uma fortificação de forma quadrada, presentes as tropas formadas em batalha, bandeiras reaes desfraldadas no acto da revalidação de posse. E data o termo, convicto, da «situação athé agora chamada Fecho dos Morros...»

Tão logo soube Caceres do ocorrido e teve conhecimento exacto do equivoco, exonerou Mathias do cargo de commandante do presidio e o afastou de qualquer funcção publica. Analysadas, entretanto, imparcialmente, as instrucções muito minuciosas expedidas pelo capitão general, verifica-se a facilidade com que o chefe da expedição podia incidir em erro. No paragrapho 2, ao ordenar a esquadrilha de canoas descer o Paraguay, aconselha Caceres: «ultrapassadas as pantanosas e variaveis boccas que de ordinario offerecem os rios Taquary e Inbotitiu (M' Botetey, como pelos Indios era conhecido o Mondego, ao depois Miranda?), descerá quanto baste a chegar a Fecho dos Morros...» Mais, procura esclarecer: «consta-me que dous dias serão necessarios...» A distancia Corumbá-Fecho dos Morros é hoje vencida em dois dias, mas em vapor. Dia e meio empregou comnosco o transporte Antonio João, de Coimbra a Fecho dos Morros.

A indicação foi tomada muito ao pé

---

(2) Aff. de Taunay, Historia Seiscentista, pag. III.

da letra: ao cabo de dois dias de viagem, em canoa, correspondendo a topographia ás informações e percebendo a sul somente a immensidão do pantanal, comprehensivel que Mathias da Costa firmasse o pendão das quinas no estreito de São Francisco.

Somente 75 annos mais tarde, em Julho de 1750, occupavamos militarmente o Fecho dos Morros, com um pequeno destacamento de 60 praças. Antes, em 1847, o Presidente de Matto Grosso havia ordenado a construcção de um quartel e a installação de um Destacamento em Pão de Assucar: a mesma informação reza que essa guarnição, composta de 25 praças do 2.º Batalhão de Art. a pé, occupava a ilha, quando atacada por surpreza, teve de retirar para a margem esquerda. Seja como fôr, o nosso fraco contingente não se poude manter ante a investida, em Outubro de 1850, de 800 paraguayos. Abandonamos a região, que em 1872 era novamente incorporada ao nosso territorio.

A Historia, serena e imparcial, não pode ser, para uma Nação, apenas o estendal de victorias, de conquistas, de successos gloriosos que lisonjeiem o amor proprio de seus filhos e lhes estimule o espirito patriotico. É tambem o relato minucioso de revezes, de decepções, de emprezas frustradas pelo patriotismo de outros povos. E estes revezes, mais do que as victorias, nos devem ser ensinamento proveitoso e rude lição, incitando precaver-nos, afim de que a experiencia do passado não consinta novos erros, nem sacrificios estereis.

O presidio de Nova Coimbra foi destruido pelas chammas em 1777. Males ha que vem para bem: a reedificação de pedra e cal teve começo dois annos depois, com muralhas guarnecidas de setteiras e disposição mais favoravel, merecendo dahi em diante a denominação de Forte de Coimbra. Foi, mas tarde, incumbido de dirigir as obras o tenente coronel de engenheiros Ricardo Franco de Almeida Serra.

Pronunciamos o nome de um benemerito do periodo colonial.

Vindo para a Capitania em 1782 permaneceu em Matto Grosso, como Leverger, até a morte. Durante 27 annos consagrou actividade, saber e incessante esforço aos serviços administrativos, ao deslinde de limites, a explorações diversas. Culmina a carreira de engenheiro militar com a gloriosa defeza de Coimbra, em 1801, e o soberbo rechasso da esquadrilha de D. Lazaro Ribera. Resumamos o inesquecivel feito.

A 16 de Setembro daquelle anno apresentava-se arrogante o Governador de Assumpção, exigindo, após algumas horas de fogo, a entrega da praça, por haver verificado serem as suas forças muito superiores, não podendo deixar de vaticinar aos portuguezes o ultimo infortunio. «Pues de lo contrario, continuava o castelhano, a canon y a espada decidiré de la suerte de Coimbra, sufriendo su desgraciada guarnicion todas las extremidades de la guerra...»

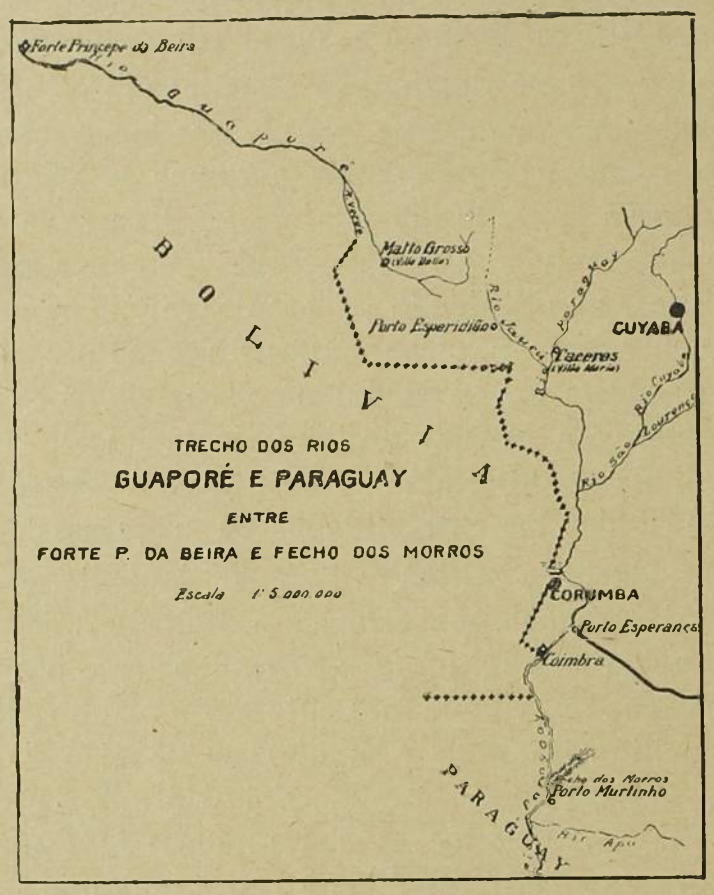
Curta e altiva a contestação de Ricardo Franco, encerra em algumas linhas o epico e a galhofa. Affirma a resolução em que está toda a gente do presidio de repellir o inimigo e sepultar-se debaixo das ruinas do forte que lhe foi confiado. Parodia, zombeteiro, as Termopylas: sois numerosos? Tanto melhor: «a desigualdade de forças foi sempre um elemento que muito animou os portuguezes a não desamparar o seu posto e defendel-o até a ultima extremidade...» Não descuida as boas regras de cortezia: o fecho é: «a distincta honra de ver em frente a excelsa pessoa de V. Ex. a quem Deus guarde...»

A guarnição de Coimbra não excedia de 110 homens. O corpo castelhano trazia embarcados de 600 a 800. E após nove dias de fogo, sem damno algum para a primeira e perda de vinte homens para o segundo, D. Lazaro recolhia a Assumpção.

Como não admirar, além da penetração politica dos chefes, o valor e a capacidade de acção e de trabalho desses homens? Navegando o Amazonas e o Madeira, contornando as cachoeiras atravez de picadas, remontando o Guaporé, varando para o Jaurú e descendo o Paraguay, a artilharia de Coimbra viera trazida por centenas de leguas e atravez de mil obstaculos, tran-

cada como se achava a navegação directa do ultimo rio, pelos hespanhoes.

Sessenta annos mais tarde, a 27 de dezembro 1864, repetia-se a gloriosa façanha, pelo desproporcionado das forças. Não



com egual exito de nossa parte: eramos desta vez os retirantes, esgotados os recursos de defeza, mas illudindo o adversario até o ultimo momento.

Vicente Barrios, cunhado de Lopez, com oito vapores e algumas chatas, transportando 3000 homens, surgia de chofre ante o forte, intimando os seus 157 defensores á entrega, dentro de uma hora. Commandava o ten. coronel Porto Carrero, que fora instructor do exercito paraguayo: o emmaranhado da assignatura do chefe adverso não permittira áquelle reconhecer quem firmara a intimação. Mas a Barrios despertou surpreza, produzindo vacillação na investida, encontrar pela frente o antigo mestre.

Mandou, ainda assim, desembarcar dois batalhões, combinando duplo ataque, pela gola e pelo lado sul.

Foram repellidos ambos, com grandes perdas, apezar de haverem chegado até as muralhas do forte, tentando escalar os parapeitos.

Tem aqui logar um incidente, que parece partilhar mais da lenda do que da historia. Ouvi-o contado no proprio local, e figura escripto em mais de um relato. Em certo momento, durando a investida já horas, começou a ser sentida a falta d'agua no entrincheiramento. D. Ludovina, a digna e valorosa esposa de Porto Carrero, cingiu com a facha do ten. coronel a bochechuda imagem de N. S. do Carmo, a padroeira do forte e mandou o musico Verdeixas alevantal-a as ameias, aos gritos e vivas enthusiasticos da guarnição. A tropa inimiga cahiu de joelhos. A tregua se estabeleceu em tacito e commum accordo. Duas mulheres de soldados, cujos nomes o Livro de Ouro do forte conserva — Anninha Cangalha e Maria Fuzil — desceram ao rio, en-



cheram as vasilhas e regressaram, sem serem molestadas.

Retirada a imagem da setteira, o fogo recomeçou intenso até o entardecer em que, com sensiveis estragos, os assaltantes reti-

ravam desordenados, metralhados ainda pela canhoneira Anhambahy.

No dia seguinte, a resistencia continuou vigorosa, sobresahindo como na vespera, a heroica figura de Oliveira Mello, o Mello Bravo, Mello Sará, que, enviado a noite reconhecer o campo, contava mais de 100 mortos, recolhia 15 prisioneiros e 85 fuzis.

Mas a carencia de viveres e, principalmente de munições, obrigava a guarnição a abandonar a praça, realizando á noite a retirada em completa ordem, levando, as suas bandeiras e o cofre do batalhão, transportando-se até Corumbá pela Anhambahy, do commando de Balduino de Aguiar.

O inimigo continuou durante horas a bombardear as muralhas evacuadas, apossando-se da praça somente a 29, no mesmo dia em que o Major Urbieta atacava a Colonia militar de Dourados, com 250 homens, reduzindo a escassa guarnição chefiada por Antonio João, o heroico tenente que redigia como despedida a seu chefe a espartana missiva: «Sei que morro...»

Os paraguayos occuparam Coimbra até Abril 1868, desmantelando o forte, cuja reconstrucção foi iniciada em 1870 pelo Major Lobo d'Eça. Simples reducto antes de 1864, as obras foram ampliadas em 1872 pelo major de art. Francisco Nunes da Cunha, que o commandou.

Ergue-se ainda no esporão que o Morro da Patrulha lança normal ao rio: o declive accentuado exigiu uma serie de planos em que se apertam, na parte baixa, dominando o rio de uns doze a quinze metros, as prisões, corpo da guarda, intendencia e administração. Na pequena praça amontoam-se canhões de antiquado typo. A commissão de obras dirigida pelo hoje marechal reformado Albuquerque Souza, installou, no segundo plano, algumas peças de marinha em plataformas apropriadas: — constituem a bateria Ricardo Franco, de onde se domina o vasto estirão a jusante. Cochicham as praças que ahi costuma vir rondar, á meia noite, a alma do primeiro defensor do forte: raro conseguir a permanencia de vigia isolado na bateria mal assombrada.

A escadaria de pedras que dá accesso ao ultimo plano é irregular e talhada para gigantes: os degráos se espaçam em intervallos irregulares e desaconselhados pelos tratados. Contornam o forte e fecham a gola, ao alto, as muralhas ameadas, avolumando o alvo. A sahida pelo portão Sul é relativamente suave, embora a rocha que constitue a escada, alizada e escorregadia, exija precauções.

O quartel das praças e as casas para officiaes são abrigados pelo morro e demoram a poucas centenas de metros do portão norte. Incomprehensivel que a escassez de verbas não tenha permittido installar indispensaveis telas de arame nas janellas: a despeza já teria sido largamente compensada pela economia de medicamentos. Mas a ninguem é dado innovar em creditos distribuidos e é responsabilizado o desvio de verbas, ainda que o novo destino seja mais apropriado e mais util.

A sul do forte demora a aldeia, com agencia do Correio, trinta ou quarenta casas de páo a pique, poucas recobertas dé zinco. Singela e rudimentar capella abriga a padroeira, a mesma imagem, que transportada por uma filha de Porto Carrero, refugiou-se em Cuyabá e regressou triumphalmente, annos depois.

Vegeta pobre e indolente a população da aldeia, ahi enraizada pelo parentesco com velhas praças engajadas ou reformadas. Nulla ou quasi improductiva a lavoura, escassa a criação de gado. A lenha, recurso que seria rendoso, com o fornecimento aos vapores, rarêa e se torna cada vez mais distante, não compensando o trabalho de corte. Mal succedida uma tentativa de plantio de eucalyptus, por não haver sido iniciada com energia, nem espirito commercial, embora tudo aponte a necessidade inadiavel de reflorestamento.

O serviço do forte é o de presidio e a visita fiscal ás embarcações. Dizimam a guarnição as polinevrites, endemicas nas enchentes e outras molestias vehiculadas pelos mosquitos. Para alimentar muito escassamente os effectivos, um que outro voluntario, attrahido talvez pela subsistencia

reúna: os poucos sorteados anceam por transferencia. Officiaes, quasi todos de reserva, resignam-se com fatalismo musulmano e se estiolam no desterro, indifferentes ou contemplativos.

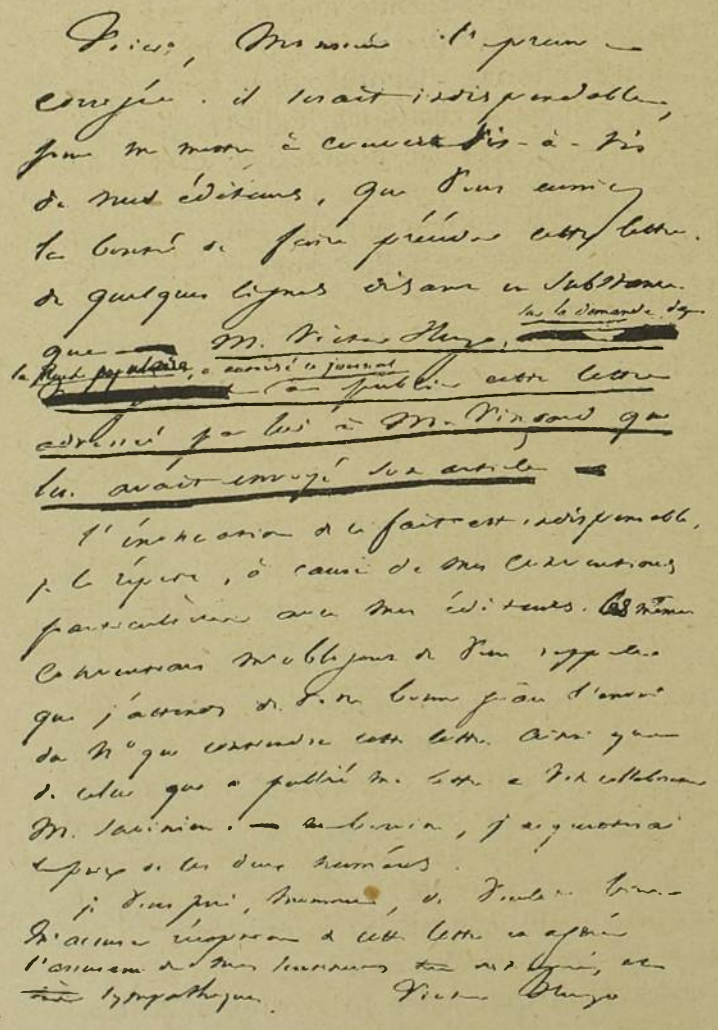
Pelas margens do rio, sobre o relvado das varzeas, revoadas de garças brancas, e, aos pares, meditabundos tuyuyus. Nas aguas rebrilham prateadas escamas de piranhas, emeritas operadoras de phymoses nos banhistas descuidados. Na apathia das tardes sem vento, neutralisando a formosura do chromatismo crepuscular, nuvens temerosas de mosquitos, contra os quaes não ha resguardo nem defesa.

Em tudo, no ambiente quebrantadiço, pelas vetustas pedras do forte, na pobreza das choupanas colmadas, a mesma impressão de inercia, de lassitude e de tedio. Nenhuma efficiencia, o mesmo abandono das aguas pesadas e turvas, descendo lentas e torcicollosas em demanda do oceano e do esquecimento, até que um lestal vivificante de patriotismo e de fé torne a retezar as adriças no mastro da nacionalidade.

General MALAN

Correspondencia inédita de Victor Hugo, Lamartine, Pedro II, Gonçalves Dias e Francisco Octaviano

As cartas publicadas abaixo — de Victor Hugo, Lamartine, D. Pedro II, Gonçalves Dias e Francisco Octaviano — são inteiramente inéditas. Com excepção da que é dirigida por Lamartine a Leonel de Alencar e da de Gonçalves Dias a Mme. Peixoto, (que nos fôram communicadas amavelmente por Jorge de Alencar) pertencem todas á preciosa collecção de autographos de mademoiselle Georgina de Souza Lopes, a cuja grande generosidade devemos o prazer de divulgal-as.



Voici, Monsieur, les épreuves corrigées. Il serait indispensable, pour me mettre à couvert vis-à-vis de mes éditeurs, que vous eussiez la bonté de faire précéder cette lettre de quelques lignes disant en substance que — *Mr. Victor Hugo, sur la demande de la Ruche populaire, a autorisé ce journal à publier cette lettre adressée par lui à Mr. Vingard que lui avait envoyé son article.*

L'énonciation de ce fait est indispensable, je le repéte, à cause de mes conventions particulières avec mes éditeurs. Ces mêmes conventions m'obligent de vous rappeler que j'attends de votre bonne grâce l'envoi du n.o que contiendra cette lettre à votre collaborateur Mr. Savinien. — Au besoin, j'acquitterai le prix de ces deux numéros.

Je vous prie, Monsieur, de vouloir bien m'accuser réponse de cette lettre et agréer l'assurance de mes sentiments très distingués et très sympathiques.

Victor Hugo.

———

St. Point. 27 aout 1856.
près Mason (Savoe et Loire).

Mr de Lamartine regrette vivement de ne pas s'être trouvé à Paris pour y recevoir la visite de Monsieur de Alencar e pour le remercier des éxcellentes nouvelles et des marques de sympathies qu'il lui apportait de la part de son frère et de ses compatriotes. Il répond aujourd'hui à ses amis de Rio Janeiro retenu à la campagne pendant quelques semaines et sera très empressé à la fin d'octobre d'offrir à Monsieur de Alencar tant l'accueil qui il doit à ce qui porte le nom d'une Nation si Bienveillante et si amie. Il prie Monsieur Leonel de Alencar d'exprimer à son frère toute sa sensibilité pour les admirables articles qui lui ont valu la sympathie si honorable et si appreciée de la nation Brésilienne.

Al. de Lamartine.

———

7 Janvier 1841.

Mon General,

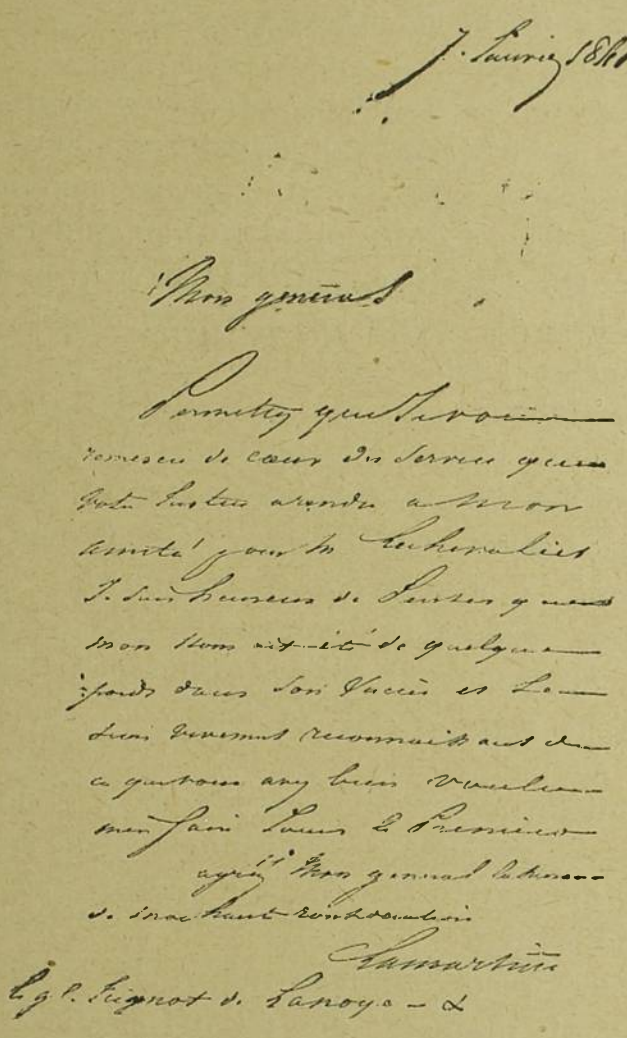
Permettez que je vous remercie de cœur du service que votre justice a rendu à mon amitié pour M. Luhenalier. Je suis heureux de penser que mon nom ait été de quelque poids dans son succès

et je suis vivement reconnaissant de ce que vous avez bien voulu m'en faire jouir le premier.

Agréez Mon General l'assurance de ma haute consideration.

Lamartine.

Le gl. Tugnot de Lamoye — L.

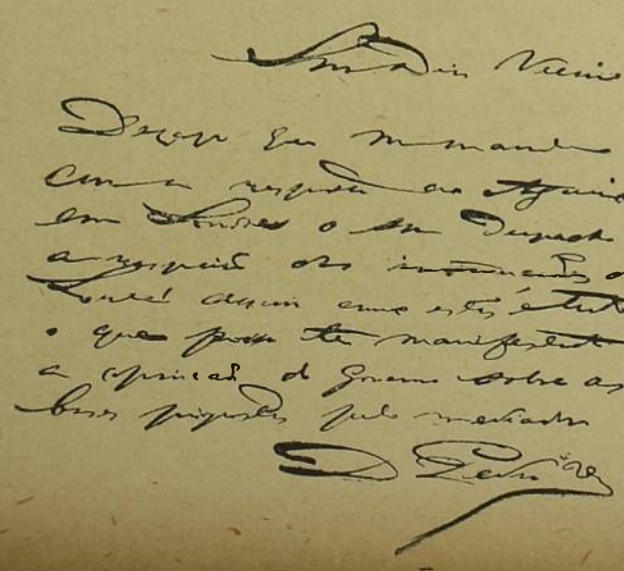


A. Gonçalves Dias faz seus cumprimentos a Mme. Peixoto e manda-lhe dizer que Mr. le Chevalier da Mota (estylo official) anda muito atarefado com negocios d'alta diplomacia. Não está em casa.

O portador entregará a S. Ex. umas azas e cabeças de bezoiro, que são restos, não de Paris, mas do Pará.

As frandulagens parisienses são para sua marca — umas *diabruras* de Stereoscopo, que não sei se será genero novo em Lisbôa.

S. C. 29 de Novembro de 63.



Sr. Dias Vieira,

Desejo que me mande com a resposta ao Aguiar em Londres o seu despacho a respeito das instrucções de Louré assim como estas e tudo o que posso ter manifestado a opinião do governo as bases propostas pelo mediador.

D. Pedro II.

Côrte, 4 de Maio de 81. Confidencial

Meu caro Mauá,

A sua carta só hoje me foi entregue, porque ao regressar de Therezopolis, onde pensei ter recobrado alguma força, me veio acommetter um novo attaque dos rins, que me prostou toda a semana passada. Só hoje me derão licença de me occupar da vida e cumpro um grato dever dando preferencia a V. sobre todos, porque sei hoje mais do que nunca o que é o desengano do mundo e só estou bem com os infelizes como eu!

V. tinha todo o motivo de se illudir sobre a importancia junto do ministerio, porque sabe quantos sacrificios de mocidade, talento, dinheiro e saude fiz a isto que chamamos partido liberal. Já exhausto, ainda na ultima sessão fui o principal eixo para levar ao cabo a reforma eleitoral. Pois bem! valho tanto para o Ministro como um cadaver. E o sr. Ministro de estrangeiros me honra com affecto tão entranhado que ha quasi um anno não pisa na minha casa, nem mandou um creado saber de mim quando ha seis mezes as folhas annunciavão a m. grave molestia.

A prova de meu valimento ahi está no Pereira Lima para o qual m. mulher não pode arranjar o mais insignificante vice consulado! E note que o Ministro cresceu ao lado de minha sobrinha, a quem tratava de irmã, no tempo em que á ambos servi de pai!

Quanto eu desejaria servir o seu afilhado. V. não póde por em duvida, não so por V., mas tambem pelo nosso amigo Barão, de quem so tenho motivos para ser amigo.

Todavia, sem esperança alguma, vou trabalhar no cumprimento da sua ordem. Mas si o pobre moço não tiver outro padrinho, creio que naufragará.

Já tinha sabido do acerto de o chamarem para a direcção dos negocios da Pastoril, e creio mesmo que se não fôra a pessima legislação commercial que os liberaes ainda mantem, V. estaria na liquidação geral de sua casa como o unico capaz de a fazer.

Na nossa terra continua o palavrorio, a intriga, a mesquinharia e a inveja. Tudo o que connheci de grande desappareceu! O reinado actual acaba por um montão de cogumélos. Felizmente Deus quer que o Brasil seja alguma cousa, porque lhe deu forças independentes dos governos.

E' isso que ainda dá esperança aos desamparados. Ai de mim! Queria consolal-o e so lhe escrevo coisas tristes! Eponina lhe manda um apertado abraço e o meu Jarbas lhe beija a mão.

Seu amigo

Francisco Octaviano.

O FASCISMO

Uma revolução vencedora sempre julga que sua victoria encerra o cyclo de desordens. Logico, pois, o espirito violentamente conservador do revolucionario *arrivé*. A energia excessiva com que reprime movimentos analogos ao seu proprio, além de natural, é prova de sinceridade: portador e realisador de uma fórmula de salvação, não admitte, a bem da mesma ordem, se modifique o tratamento instituido.

Foi o caso do fascismo triumphante. Sua dureza para com os oppositores ou os discolos sorprehendeu, mas era coherente. Ainda, em communicação recente á imprensa do Rio, seu chefe a proclamou e exaltou.

Surgiram na execução, porém, difficuldades sérias, oriundas da multiplicidade de fontes formadoras dessa cruzada politica. Não se tratava de uma corrente simples. Era a confluencia de tendencias e de actos vindos de pontos diversos do horizonte, e apenas ligados por alguns conceitos communs. No mais, contradicções e divergencias sobrepujavam e se combatiam.

Nada mais complexo do que ser guia de grupo eventualmente coheso por alguns pontos de vista geraes, mas fundamentalmente scindido por convicções essenciaes divergentes.

A verdade do velho dito, que nota serem os chefes, como taes, forçados a seguir seus commandados, não era de molde a facilitar a direcção de exercito tão pintalgado de noções oppostas.

A ductilidade politica com que Mussolini se tem havido á frente da massa heterogenea de seu séquito, explica e justifica o facto de ter elle avultado como cabeça unico na phase preliminar, em que surgiu e se formou a legião dos Camisas Pretas.

Emquanto preciso, foi méro suggestionador e conductor de multidões. Vencedor, tornou-se homem de governo, a par das necessidades sociaes e politicas. Foi e é chefe nos dous periodos successivos: na refréga e na lucta; na victoria e na organisação do paiz.

O processo não nos sorri. Não parece existir, na historia do mundo, revolução pela violencia que se não houvéra podido poupar a bem do progresso da humanidade. O impulso inicial é máo. Proliféra, pois o principio de fôrça e de explosão é immanente nelle. Assim como, no dogma, o dissidio illimitado imposto pelos protestantes em revolta, resultou no pullular de seitas até a pulverisação das interpretações individuaes; assim, na regencia dos homens, o tumulto e a rebeldia se estendem e se abaixam, dos mais graduados aos comparsas mais insignificantes. Começam pelos elementos mais altos; terminam no soviet e na anarchia.

Feito o movimento, entretanto, não nos cabe sinão examina-lo como phenomeno historico, indagando origens, tentando perscrutar seu evoluir.

Desse ponto de vista, repetimos, o fascismo foi producto do feitio peculiar á Italia quasi toda, com todas as suas orientações contradictorias, e suas exigencias dispares.

Dar a esse complexo multiforme e chaotico uma directriz unica, sem accidentes na curva de seu desenvolvimento, fôra tarefa mais que humana. Fatal, a intercurrencia de crises e de oscillações em rumos varios. Essa foi, e continúa a ser a historia do fascismo até hoje.

Um grupo existe, talvez a maioria, no qual as aspirações são razoaveis e nada têm de excessivo ou exagerado. São o elemento de governo, conservador e estavel, sobre o qual forçosamente têm de se apoiar o programma e o engrandecimento do paiz. Constitue a maioria governamental em toda parte. Infelizmente, como massa, é mais inerte, menos operante do que as duas alas

combatentes e extremistas em sentidos oppostos.

Uma, a direita, exagerava e ainda continúa a accentuar seu conservatorismo. Visa homens mais do que idéas. Quer a repressão energica de tudo quanto, de longe, pareça capitular ante Moscou, a Terceira Internacional, o bolchevismo, o proprio socialismo. Tem seu nucleo principal nas praças industriaes do Norte da Italia.

A outra, a esquerda, era a transformação do elemento socialista que havia recuado dos exageros libertarios e internacionaes anteriores á guerra, mas ainda conservava ardentes os protestos contra desegualdades sociaes, soffrimentos não merecidos, ingratidões patentes. Eram os desilludidos e os amargurados, cujo ideal simplista se traduzia sem rebuços: os despojos aos vencedores. A victoria, a ser aproveitada por estes ultimos, e, de preferencia, pelos combatentes vanguardeiros.

Entre essas inspirações heterogeneas, hostis mesmo, tinha de se exercer a acção reconstructora.

Valeu-se esta da mesma inimisade e desconfiança, reinantes entre os grupos extremos. Situado em ponto médio, conservador que não excluia a marcha para a frente, Mussolini beneficiava e ainda beneficia, além de seu grande prestigio pessoal, do facto de constituir a solução que menos dividia e enfraquecia o partido em seu conjuncto.

Para os partidarios da exploração systematica do triumpho, elle impede o advento ao poder da fracção mais moderada, a que, para os *puros,* se compõe de verdadeiros trahidores do ideal fascista.

Para estes ultimos, vale o Duce por antemural que se oppõe ao predominio dos méros aproveitadores de situações, como consideram aos esquerdistas da *nuance* Farinacci.

Entre os dous escolhos, navega e se dirige o barco governativo. É evidente, entretanto, que o chefe supremo tomou por Norte, com grande habilidade e tacto, a méta conservadora e progressista, a *middle way,* em que se corporificam neste momento os interesses permanentes da nação.

Agindo, pela fôrça dos acontecimentos, como arbitro da hora, poude realisar medidas, de muito promettidas e nunca levadas a termo por seus predecessores.

Agradou aos operarios, decretando e pondo em pratica o dia de oito horas. Agradou aos conservadores, reorganisando as finanças, saneando-as e iniciando éra nova de *superavit* orçamentario. Tranquillisou os capitaes. Disciplinou a administração publica, restabelecendo a ordem e a seriedade onde reinavam anarchia e facilidades culposas.

Para isso, seus melhores collaboradores foram antigos chefes de serviços, conservados apesar de suas opiniões politicas. Obra de homem de Estado, que se eleva acima dos dissidios secundarios de pareceres.

O artigo da *Foreign Affairs,* já citado paginas atraz, diz, com acerto, dever levar-se a credito de Mussolini o desejo sincero de applicar a fôrça do fascismo ao restabelecimento do principio da ordem e da auctoridade. Violou a lei para melhor servi-la, diriam paraphraseando antigo conceito das monarchias de direito divino. Além de seu prestigio individual, allegava traduzir o sentimento da maioria da Italia.

Por esta convicção, as classes conservadoras o auxiliaram de modo decisivo, e até época recente os principaes vultos dos antigos partidos não lhe crearam embaraços. Mais do que isso, sustentaram-no poderosamente em várias occasiões, e até nas urnas.

Já em 1924, conscio de ter prestado serviços reaes, o governo quiz consultar o paiz para terminar a crise revolucionaria pelo pronunciamento eleitoral da Nação. Sempre a historica licção: a desordem, ansiosa por voltar á normalidade da lei; a velha *maitresse,* a sonhar com a regularidade do casamento.

Foi contrária a resposta. Os grandes industriaes do Norte e do Centro não perdoaram o terem sido por demais attendidos os reclamos socialistas. Os novos grupos, o socialista e o popular, provaram adversarios de valor, embora inicialmente hou-

vessem sido menospresados. Só a Italia do Sul, mais dominada pela machina eleitoral dos antigos *leaders* tradicionaes — Salandra, de Nicola, Orlando e outros —, deu franco apoio á nova ordem politica. O Norte repelliu-a. No Centro, os fascistas, quasi equilibrados com os adversos, venceram por margem estreita. Tirados taes contingentes alheios, era claro que a Italia, em seu conjuncto, havia condemnado a nova fórmula, apesar de tudo quanto esta fizera para dar ganho de causa a seus partidarios.

Foi quando se deu o assassinato do deputado socialista Matteoti. Immediata, a repercussão no ambiente politico. Os antigos chefes derrubados após a tomada de Roma afastaram-se desde logo. No Parlamento, a parede abstencionista formou-se. Os conservadores, na massa popular, accentuaram sua repulsa dos processos de criminosa violencia da ala esquerda dos exaltados. O eleitorado rural, fundamente religioso e sempre muito hostil ás Camisas Pretas, mantinha sua posição inconciliavel, pela perseguição que os *ras* exerciam contra o cléro.

Viu-se, portanto Mussolini constrangido a contramarchar. Para não perder o poder, elle, um conservador esclarecido, teve de buscar auxilio nos extremistas que só comprehendiam uma senha: o partido a explorar a victoria. Evoluiu, um tanto, nesse rumo, mas sempre attento em aproveitar occasiões de restabelecer sua orientação propria, a pacificação dos espiritos e a tranquillidade geral.

Assim começou o progressivo abandono da apparencia legal com que, nos primeiros tempos, havia tentado mascarar os factos de 1922. Por um methodo que lembra, em sentido inverso, a conquista jacobina da França revolucionaria em 1789-1793, cuidou de eliminar pela intimidação, pela violencia, por medidas excepcionaes, concentrando em suas mãos fôrça e repressão, quantos discordassem do crédo fascista.

Mantinha-se intacto seu prestigio pessoal. Augmentou-o, agindo de modo a conquistar novas fôrças conservadoras. Propiciou o exercito, que lhe não era sympathico. Angariou apoio no meio industrial, pelos syndicatos fascistas, aos quaes protegeu officialmente e onde compulsoriamente uniu patrões e empregados, todos subordinados ao ministro das Associações a que sua vontade inspirava: assim, com a ameaça de *gréve,* forçava a obediencia patronal; com o capitular desta, dava ao operario a impressão de que era protegido contra exploradores. Aos demais syndicatos tranquillamente supprimiu, quer os socialistas, quer os catholicos. Ás populações ruraes prometteu extinguir os ultimos restos de banditismo, e seduziu com a accentuação de sua politica de sympathia e de auxilio ao cléro. De facto, no exterior frisou cada vez mais quanto o governo italiano procurava roborar a acção do Vaticano; no interior, melhorou vantagens e honras tributadas á hierarchia ecclesiastica.

Foi além. A pretexto de conter excessos opposicionistas nas cidades menores, creou e nomeou os *podestás,* resurreição medieval sympathia ás tradições historicas das massas populares. Restringiu dest'arte liberdades locaes, é certo; mas supprimia os *ras,* cuja tyrannia era detestada. A medida foi bem recebida por esse motivo. Não notavam, porém, que era o fortalecimento do Duce, ao qual compromettiam os abusos, as extorsões e vinganças de taes régulos da ala esquerda do partido.

Cessaram disturbios, bem como perseguições ao cléro, e o desrespeito á legislação commum em prol de minorias ávidas e audazes. Quando se sentiu bastante forte, alijou ao proprio Farinacci, chefe dos extremistas, a pretexto dos ataques por estes movidos contra o secretario de Estado da Santa-Sé, o cardeal Gasparri.

Ainda ha poucas semanas, em Assisi, o *Sacro Convento,* tornado leigo e confiscado pelo Estado desde 1870. e no qual estabelecêra um orphanato para filhos de professores primarios, foi retrocedido aos filhos do *Poverello*. Ali, ha pouco, cousa que se não vira ha mais de meio seculo, o rei de Italia foi recebido com o antigo ceremonial catholico soberano, abolido desde a brécha aberta na Porta Pia.

Pouco a pouco, portanto, conseguiu Mussolini fazer triumphar seu conceito pessoal de governo interno do paiz, conservador e pacifico.

Só o fez, comtudo, construindo progressivamente a dictadura. Com razão diz a *Foreign Affairs:* «*After a first period of effort to bring the Fascist Government within the constitutional orbit, and a second period of progressive tendency toward a dictatorship, Fascism has reached its logical term: the fate of Italy hangs on one man!...*»

Nenhum favor é salientar que, na administração interna do reino e na politica propriamente nacional, os resultados foram notaveis. O valor de Mussolini consistiu em sustentar, por vezes com real esforço, os auxiliares que soubéra escolher entre os melhores elementos dos partidos supplantados pelo fascismo. Rocco, Federzoni, di Stefani, são os grandes nomes a citar neste sentido: foram os technicos que realisaram a visão do homem de Estado que os chefiava.

A tendencia, entretanto, ia além. O fascismo era e é uma phase nova na comprehensão do problema geral de governo, em todo o mundo, querem seus adeptos. Não admittem, como pensam muitos, menos obcecados pelo espirito regionalista, seja apenas a solução italiana da fallencia do parlamentarismo, e o capitulo final das reivindicações integralistas das terras irredimidas.

No conceito generalisador abrangiam tambem a actividade internacional, e nella preconisavam os mesmos processos simplistas, de violencia e de suppressão de critica. D'ahi, conflictos sempre renascentes, pois os demais paizes não tolerariam jámais tal dictadura exotica a querer immiscuir-se nos problemas politicos de cada qual. Tanto mais grave a intervenção, quanto precisamente nas relações exteriores havia concordancia de rumos entre as duas orientações em conflicto no seio do partido: ambas exigiam a maxima energia no modo de tratar as outras potencias, energia que só visava sobrepôr interesses italianos a quaesquer outras considerações. As fôrças que se contrapunham e se combatiam no theatro da actividade interna do reino, e assim permittiam tomar para base de roteiro director o equilibrio entre os contendores, essas mesmas fôrças sommavam-se perante o extrangeiro, o que dava impulso dobrado e intensidade accrescida ás reclamações diplomaticas italianas. Grave complicação, no meneio pacifico dos negocios entre nações egualmente susceptiveis.

Nesse capitulo, mais ainda do que na politica interior, assume feição capital o perfil psychico do chefe.

Certo, é preciso dar devido desconto aos excessos de linguagem impostos pelo ambiente especial do fascismo. Explica esta ultima exigencia o feitio extranho de certos discursos aggressivos, ameaças véladas, programmas expansionistas prenhes de conflictos potenciaes, annuncios de imperialismos não definidos e imprecisos. O bastante para preoccupar ao mundo inteiro, e instituir uma atmosphera de constrangimento geral.

No fundo, os factos apresentavam aspecto muito mais simples e tranquillisador. Não perdia seus direitos a observancia, constante na diplomacia romana, do considerar realista dos problemas.

Quaes eram elles, em essencia? O irredentismo, a superpopulação.

Implicavam como soluções: annexar os territorios do fundo do Adriatico, até Trieste a principio, até Fiume em seguida; adquirir novos trechos á margem do Mediterraneo; intensificar a politica emigratoria; organisar a marinha mercante visando desenvolver exportações para mercados novos; activar a producção industrial do reino e limitar importações de materias primas, principalmente as de combustivel, pelo aproveitamento de quédas d'agua e das energias locaes.

Lembra justamente a revista americana ter-se Mussolini servido do estylo bombastico e ameaçador em discursos e programmas, para uso interno e fins partidarios. De facto, nas negociações diplomaticas seguiu os processos normaes da chancellaria, com a collaboração intima de um

alto funccionario da Consulta, Contarini, a cuja habilidade e sã visão politica muito deve o governo. Ambos, estreitamente ligados e solidarios, bem serviram a Italia.

A questão de Fiume tinha a particularidade de estar em contradicção com as necessidades de expansão economica do paiz. Si o conflicto territorial, mais de amor-proprio do que de interesse fundamental, deixasse após si rancores e hostilidades com a Yugo-Slavia, a penetração commercial da Italia atravéz os Balkans estaria ameaçada, pois as communicações, precarias e inseguras, atravessariam uma Sérvia inimiga e maguada. Foi o grande merito da Consulta ter agido de modo a evitar similhante situação, e, vencido o problema annexionista, haver celebrado accôrdo politico com Belgrado.

No caso do Dodecaneso, licito é duvidar do acêrto dessa incorporação de populações allogenas, mercado de importancia minima, archipelago cuja significação só póde ser militar, como conjuncto de pontos de apoio a fôrças navaes no Mediterraneo Oriental e no Egeu. Centro, talvez, de futuras discordias, á proximidade do canal de Suez, em caso de attrito entre a politica britannica e a sonhada hegemonia italiana nesse mar. Motivo innegavel, ainda, de acirramento das antipathias reciprocas com a Grecia, que, ella tambem, vê nessas ilhas terras a redimir para o hellenismo.

Em regra geral, entretanto, a acção diplomatica se realisou em condições mais ou menos normaes. Foi, até, alvo de criticas por parte dos extremistas da esquerda. Conseguiram estes provocar acções pouco brilhantes para o prestigio do reino, sómente para ostentarem poder e fôrça que ninguem negava, á custa de operações contra populações desarmadas. Referimo-nos ao bombardeamento de Corfú. Mussolini, para manter unida a frente fascista, teve de acceder e agir, mas parece duvidoso ser delle proprio a iniciativa do lamentavel incidente.

Duas tendencias coexistiam em conflicto: o julgar receita universal os processos usados na lucta partidaria interna; o querer seguir, com mais energia mas sempre com ponderação, a róta tradicional do ministerio de extrangeiros. Esta ultima, parece ter sido a norma Mussolini-Contarini.

Permanecerá ainda hoje, que se afastou da Consulta o segundo termo do binario? Só o futuro escliarecerá esse ponto, mas avulta cada vez mais para a orientação vindoura o feitio moral e politico do conductor dessa campanha.

Ahi surgem incognitas que obrigam a reflectir.

Já não são sómente o perigo immanente, a insegurança e a falta de estabilidade de um regime que se basêa no elemento fallivel que é uma unica existencia humana. São as proprias caracteristicas dessa existencia que, variaveis, contêm implicitas as mais graves e assustadoras possibilidades.

Até dias recentes, dentro na lucta interna de tendencias, no mesmo seio do partido, o espirito conservador de seu *leader* era motivo de tranquillidade para todos. Factos de hontem abalam hoje tal confiança, e dão a impressão penosa de que o attingiu certa vertigem das alturas, e de que não possue inteiro *contrôle* de seus nervos.

O primeiro phenomeno transparece em um artigo que O JORNAL, do Rio-de-Janeiro, publicou a 26 de julho ultimo.

«Acompanham-me meus legionarios»; «não quero discordias»; «fiz com que fosse approvado (o Codigo do Trabalho) não obstante o trabalho de sapa»; «annunciaram-me que certos grupos industriaes e financeiros andam intrigando para contrariar minhas deliberações. Pois bem, cruzarei espadas com elles. Emquanto me restar um sopro de vida, serei a expressão visivel e forte do Fascismo, serei a sua lei e os seus dictames»; «não supporto rivaes nem partilharei a responsabilidade ou o credito com pessoa alguma. Tambem não supporto meias responsabilidades nem meias honrarias. Sou a expressão viva de todos os principios pregados pelo Fascismo».

Taes palavras são textualmente transcriptas dessas declarações do Duce. E ainda

omittimos outras tantas, egualmente significativas.

Não escreveu Bonaparte por fórma diversa ao Directorio, em vesperas de Leoben e de Campo-Formio.

«*Dejá Napoléon perçait sous Bonaparte*».

Verdade é que, dictador Mussolini, mais se approxima sua situação da do Primeiro Consul, com poderes accrescidos.

Idealista convicto como é, resolvido a manter a casa de Saboia no throno italiano, sua sinceridade merece respeito. Deve-se, portanto, crer que, no seu parecer, o expurgo moral que iniciou nas fileiras de seu séquito representa o termo da evolução a que o partido se submetteu.

Não impede que, pelas fórmulas adoptadas, e na maior boa fé, póde repetir que resume elle o proprio Estado.

Quem não enxerga o perigo dessa substituição da Nação por um homem? Que garantias de estabilidade de regime offerece tal processo de absorpção, quando se dér uma transferencia qualquer de governo?

Mesmo na vigencia da presente situação, que conflictos potenciaes se acham em germen nessa coexistencia de poderes deseguaes, o régio méramente nominal, o do Duce, operante e omnimodo?

O segundo facto está ligado ao ultimo attentado, felizmente falho, de que foi victima. Dirigindo-se ao povo que o acclamava, annunciou a necessidade imprescindivel do restabelecimento da pena de morte para os crimes politicos visando o assassinato de membros do governo. Que outro lembrasse e defendesse a medida, comprehende-se ainda. Que o fizesse o proprio interessado, tira á suggestão o cunho essencial de serenidade que deve caracterisar o verdadeiro homem de Estado.

Pena será que se verifiquem taes impressões. Todo o mundo deseja que á frente da actividade italiana esteja uma personalidade forte. Todos, entretanto, aspiram a que á energia estejam alliadas calma, visão politica, julgamento impessoal das occurrencias, banidas a impulsividade nervosa e as deliberações puramente emotivas.

A prevalecerem estas, a politica internacional se transformaria em uma mina de acção differida, susceptivel de explodir ao primeiro gesto inconsiderado de quem não tenha plena posse de si-mesmo.

Seria lamentavel tal acontecesse. Principalmente para as relações italo-americanas.

O mesmo problema, por motivos oppostos, tem importancia vital para o reino mediterraneo e para as tres Americas: o povoamento.

Em excesso na peninsula, procura acertadamente seu exutorio nos paizes novos, de possibilidades maiores e vida mais farta. Insufficiente no continente occidental, exige affluxo das lévas de energia, de trabalho e de qualidades sociaes que a Italia nos manda.

Necessidades complementares, pois nellas está a base duradoura de uma politica de collaboração.

Agir de modo a perturbar tal ambiente, fôra o erro mais grave que se poderia commetter. Assim aconteceria si o fascismo se lembrasse de empregar em paizes extrangeiros os processos em vigor na mãe-patria. Ou ainda, si, com o vão intuito de manter viva e cohesa a nacionalidade em sólo alheio, contra as leis naturaes de absorpção da terra acolhedora, cuidasse de nesta exercer actos de soberania.

Para ser fecunda, a cooperação deve ser espontanea, voluntaria e cordial. Nunca imposta.

Claro, em estudo como este, feito de boa fé, com animo de união de interesses e de sympathias reciprocas, fôra obra de máo gosto e contraproducente insistir na inanidade de tal orientação imperialista, e na facilidade elementar de a combater e vencer. Serviria apenas para envenenar as cousas, e perturbar uma atmosphera de real accôrdo.

É sempre opportuno, comtudo, lembrar que o problema não é isolado, e sim interessa ao conjuncto de Estados soberanos que praticam a politica immigratoria, desde os Estados-Unidos até o cabo Horn, quanto ás Americas, o que explica nesse particular a solidariedade de seus pontos de vista e de seus rumos governamentaes.

Mas é cousa a ser constantemente posta em fóco nas cogitações dos chefes de Estado e nos gabinetes ministeriaes.

Já passou a épocha das rivalidades e guerras inter-americanas do seculo XVIII e mesmo a dos conflictos do seculo XIX. Nosso cuidado não é o da extensão territorial; é de gente para povoar nossos êrmos immensos. Quanto aos demais povos, nossa directriz commum é manter a paz com todos.

Uma róta politica internacional que visasse intervir em casa alheia com actos de soberania mais ou menos vélados, forjaria a união de todos os paizes, em repulsa solidária contra a ameaça collectiva e generalisada. Para todos, a liberdade e a independencia conquistadas pelos maiores excluem gestões extranhas. Constituem palladio sagrado e intangivel.

Todos, ainda, saberiam defende-lo sem medir sacrificios.

CALOGERAS.

TRYPTICO

I

O Valle da Serenidade. Em tudo a esperança, a affirmação do repouso. As montanhas pouco altas. Arvores raras. As encostas macias, em pastos, com bois de presepe, pastando. Nem faltava um riacho, em serpente. As margens largas, até os montes de cada lado. E cortando as curvas da natureza a fita branca, recta, lisa da estrada. Um bambual espesso, ao longo, algum tempo. Quando o vento dava que delicia ouvir o ranger dos troncos, rajados, imperiaes. Assoviavam finos, nitidos, e o farfalhar das folhas leves adoçava as flautas que ziniam.

A meia encosta uma casa branca. Muito larga, baixa, em arcadas. Linhas lisas. O azul das janellas eram quadrados do céu na alvura dos muros. Toldos listados gritando o amarello e o vermelho vivo das listas contra o fundo branco. Bancos verdes. Uma acacia em flor. Era Janeiro. As cores todas viviam intensamente, passada a confusão somnolenta do meio dia. Uma affirmação multiplicada de linhas rectas, coloridos sem matizes, ás trez horas. A's cinco o allivio do sol.

O arco da montanha, que descia, que se alongava, que pouco a pouco apagava o branco dos muros, o azul das venezianas, as arlequinadas dos toldos, os bancos e os grammados verdes, subia, descia, estirava-se e engulia as cores, os bambus, a estrada, e na outra encosta o sol subia demorado, empurrado, melancolico, saudoso. E o crepusculo anullava as rivalidades. Esticava os olhares em busca do horizonte, em evocação de doçuras. O sino da capellinha atraz do monte. Ave-Maria.

E a buzina conhecida. A poeirada na estrada. Como uma flecha descia a Lancia. Era elle, pontual, cabellos ao vento, o volante como uma aureola ás avessas, sobre a face.

Risos de creança no jardim desciam correndo entre os canteiros, sobre os canteiros. Na grade de madeira esperava o pae, o homem do volante, o pontual.

E descendo da varanda vermelha os trez degráus de tijolo, uma imagem de brancura e esbelteza, cabellos voando, lançando as saias leves em rythmo, arranjando uma flor, negaceando com a vontade de correr, a juntar-se ao grupo da grade. Ella, elle e a menina. A felicidade que desafia a vida. O esquecimento do dia máu, poierento, ensurdecedor. A lucta de cada hora na cidade sem piedade, na officina sem repouso, em que as grandes peças dos navios esperando em secco no dique, ou em molhado nas docas, eram repassadas, polidas, soldadas dos estragos das viagens. Depois, ou antes, ou durante, o escriptorio crepitante de Remingtons: os telegrammas de todos os continentes, um naufragio, um fretamento vultuoso, uma fallencia, a desorbitação continua. Uma volta pelo caes: o sabor do largo. Um navio que chegava lento, a fumaça em vertical numa immensa lassitude do repouso proximo. O que partia fremindo, subindo escadas, arrastando cabos, carregando a nossa nostalgia dos horizontes. Mercadorias enferrujando. Saccos e caixas. Biscoitos inglezes e rolos de cabos telephonicos. Automoveis e caldeiras. Lá dentro as pilhas em torres quadradas, ou amontoadas em blócos. Guardas espichados nos bancos. Cigarros apagando-se na bocca de marinheiros em folga, como passaros no chão arrastando as pernas como azas. Um grupo de immigrantes polacos. Uma casquette de couro. Uma bluza russa. Botas. Em cada um, um letreiro, como matriculas dos cachorros. Uma mancha loira e corada no meio. Laranjas escorrendo dos dedos das crianças. Uma tristeza horrivel nas rugas dos mais velhos. A esperança dura dos moços. Cre-

anças brincando com as pedrinhas do jardim, deliciadas com tudo aquillo.

E sempre o sol batendo, ferindo os olhos de ricochete, gerando no ar pesado, como uma presença, uma ubiquidade. As sombras raras. E não havia tempo de pensar em sombras.

E afinal, n'aquella hora de crepusculo a recompensa do dia. A grande sombra fresca das montanhas. O valle sereno. A casinha. Ella, elle, e a creança.

2

— Ah! afinal chegaste, meu querido! Você não imagina o que tenho passado.

— Mas como foi? assim de repente? Eu sempre a conheci tão calma, como pode ter acontecido uma coisa dessas? Teu telegramma chegou-me ha pouco. Vim logo.

— Não foi de hontem como V. pensa. Ha perto de seis mezes, é que comecei a notar nella qualquer coisa de anormal. Mas não dei importancia. Foi quando voltei do Sul, que comecei a ficar arrepiado. Em dois mezes de ausencia, era outra pessoa.

Emmagrecera. Tinha longos periodos de prostração. E depois horas agitadas, incoherentes. Não me queria perto. Fugia da menina. Prohibiu-me de trazer medicos para vel-a. Escrevia muito. E fechava tudo que escrevia no seu cofre de joias.

Quando cahi na asneira de trazer aqui um medico, foi uma scena que não posso descrever. E não queria tomar remedios. De repente melhorava. Tinha semanas de repouso. Tratava-se. Ouvia os medicos que vinham. Tomava as drogas que davam. Acceitou uma enfermeira.

Eu loucamente esperançado. E bruscamente tudo perdido. De peior a peior. Até que hontem, foi o accesso. O accesso irrepremivel. A allucinação horrivel de uma noite de lucta, braço a braço. Que força! Que delirio naquelles olhos que Você conheceu tão serenos. Meu Deus! não sei como cheguei aqui. A morphina. A casa de saude.

E... E agora então esta miseria que Você vê. Sinto-me exhausto. Ou antes não sinto nada. Nem posso soffrer. Estou, estou... não sei como.

A tarde descia da montanha como todos os dias. Havia sol tambem.

Havia a mesma alegria de cores em tudo. Havia em tudo um pedacinho da que partira. Viver é dar um pouco de alma ás coisas, que nos cercam. Ellas nos guardam em parcellas. Vivemos nellas muito depois de passarmos por ellas. E a que partira ficara com as coisas que tinham ficado. E era tão doloroso de olhar, de recordar. Felizmente que elle estava *não sei como*. O amigo não o deixou só. Durmio alli, aquella noite. Que silencio immenso em torno.

Grilos sim. Mas os grilos augmentam o vasio do silencio, Alfinetadas de vagalumes.

Por vezes um ronco. Um rasto de luz, uma sereia, um canto. E o silencio de novo, como uma onda que se reforma sobre um naufragio. E era um naufragio, aquillo tudo.

— Mas se abrissemos o cofre? Você não disse que ella escrevia sempre? Talvez se encontre alguma coisa que nos explique.

— Explicar o que? Mas emfim vamos abrir. Aqui. Deve ser isto.

Meus Dias

24 de Julho — Este caderno será para mim. Ninguem o lerá. Posso assim escrever livremente. Para mim mais tarde. Para mim agora mesmo. Se eu fosse feliz, não precisava disto. Mas não sou. Como ninguem é?

Não sei dos outros. Quero saber de mim. Eu deveria ser feliz. Tenho tudo para isto. *Elle*, eu sinto que elle só vive para mim. Dá tudo o que eu quero. Tenho mais do que quero. E entretanto não tenho o que eu quero. Não sei mesmo o que quero. *Ellasinha*, — não porei nomes, é melhor — é toda a minha vida. Toda? Não. Tenho um demonio cá dentro. Não sei o que é. E se tivesse que explicar... Mas a quem? Felizmente não tenho a quem explicar. Elle me julga mais, e menos do que sou. E' isso mesmo. Elle pensa que sou melhor do que sinto ser. Mas elle pensa tambem que eu sou mais simples, mais ingenua, mais dia a dia. E no entanto eu tenho qualquer coisa aqui dentro que me suffoca. Sempre tive? Não vou aqui escrever para mim mesmo a minha biographia. Ah! minha biographia, triste, apagada, cinza de uma vida. Mas como posso pensar em cinza? 20 annos! Ah! literatura. Mas não é literatura, não é positivamente lit

25 — Ninguem deve suspeitar deste caderno. Escreverei só, quando estiver bem só. Só com Deus. E' tudo que me resta. Mas porque escrevi isso. E' absurdo. Nada me succedeu. Minha vida é de uma felicidade intoleravel. De novo. Porque este intoleravel. Intoleravel... Mas não tenho o direito de dizer, de escrever, siquer de pensar isto. Mas o Outro? Outro? Demonio de mim mesma. E' elle que me habita. Móra commigo. Não quero saber delle. Ou só quero saber delle? Mas se nem sei quem é. Nem se é alguem. Tudo tão confuso...

Meu Deus, piedade para mim. Paz para mim. Eu quero me ver livre. Eu não posso viver assim. Eu vivo com alguem dentro de mim. Algum homem? Algum estranho? Será mesmo um homem ou um estranho? Para Elle, para Ellasinha talvez. Mas para mim. Para minha pelle. Eu sinto as pernas bambas, o coração agitado, uma não sei que tonteira na cabeça, ao pensar nesse abominavel, nesse adoravel... Nesse adoravel quê? Se positivamente não sei o que é. Meu

Deus, é só a Vós, que eu adóro. Eu quero que seja só a Vós.

Minha infancia. Minha infancia. Ah!, se Elle lesse isto. Ah, si aquellas outras lessem isto. E eu só digo pela metade. Não posso dizer tudo, nem mesmo a mim. A este papel. Meu amigo? Meu inimigo? Meu espelho neutro?

26 — Eu vivo só. Eu quero viver só. Todo um longo dia. Este ermo. Eu preciso fugir. Eu preciso sobretudo procurar. Afinal que tenho mesmo em mim? Eu sinto alguem. Eu sinto dentro de mim uma presença. Agora que estou calma. Que posso pensar, pois só posso pensar escrevendo. Eu procuro dentro de mim. A presença foge quando penso nella. E' quando deixo de pensar que ella volta. Mas será realmente o desejo, a fórma de alguem? Passo em revista. O H.? O R.? O M. de S.? Não. Nada. E' quando deixo de procurar que isso volta. Nem posso dizer — elle — volta. Que coisa insupportavel. E ao mesmo tempo deliciosa. Eu sinto que me abandono muitas vezes. Que traio, que me deixo trahir. Mas trahir como, se nem sei o que tenho em mim. Suspeito apenas. Sinto os rastos de alguma coisa, de alguem que passou. Fantasma. Tudo isso será uma fantazia? Eu sei que isso é o que diriam os que me lessem. Mas só eu sei a realidade, a terrivel, a deliciosa realidade de tudo isso. Eu me sinto duas. Me sinto tantas. Quem sou eu verdadeiramente?

Ah! se Elle me lesse. Elle que me pensa tão calma, tão simples, tão pura. E' horrivel, a gente sentir-se impura, sem saber por que, de quem, como! Como eu queria que Elle sempre estivesse a meu lado.

Longe d'Elle eu caio no meu *eu*, nos meus *eus*. Na minha dissolução. Meu Deus soccorrei o meu pobre coração. Cada dia que passa.

28 — Passou hontem. Domingo. Elle a meu lado. Todo o dia. Essa corrida louca com o automovel. Ellasinha encolhida no meu collo, com medo do vento. Elle tão moço, tão forte, tão como era... Que calma eu sentia em plena velocidade. Nunca me senti tão bem. Que socego. Que libertação. Tudo fugira de mim. Eu voltava a ser uma. Eu só pensava no presente. Para a frente. Um pensamento só, nós trez alli. Num blóco. Na velocidade. A carreira que nos unia, que nos soldava. Ah! que delicia ser uma só com aquellas duas minhas carnes. Um só *nós*. Para frente. Para frente. O mundo se fechou. Tudo aquillo que passava dos lados da estrada era uma só coisa verde, as paredes do nosso impeto, para frente, sós, unicos, reunidos.

Os trez e só um. Que delicia.

Mas que pezo, quando o automovel parou aqui. Tudo cahio de novo. As paredes verdes fecharam-se. Deve ser assim quando se naufraga. As paredes de agua. Que suffocação. Mas não é bem isso. O que eu sinto é outra coisa. Outra coisa peior. O Outro voltou. Tenho vontade de morder, de rasgar alguma cousa. Jesus, piedade para mim. Será possivel que a minha voz não chegue a Vós. Eu não sou nada. Eu não quero ser nada. Miseravel. Aniquilada. Nada. Eu quero ser cinza. Eu sinto gosto de cinza nos dentes. Mas por que, por que? Se tudo está tão calmo em volta de mim? A vózinha d'ella lá fóra. Não é possivel. Não é possivel.

1 — Tantos dias sem escrever. Este caderno me faz mal talvez. Ou me tranquilliza? Eu preciso dizer a alguem o que me suffoca. Uma ansia de cada momento. Mas talvez que trazendo para estas paginas o que deveria estar escondido bem no fundo, eu me martyrise ainda mais. Mas se justamente comecei a escrever para me libertar? Mas o facto é que não servio de nada. Sinto-me peior ainda. Mais suffocada. Mais escrava do Outro. Como isso me enche toda. Me prende. Deixar-me vencer. Deixar-me levar. Partir. Quebrar tudo isso, por isso só.

Eu perdida nelle. Viver. Mas — elle — quem? Elle, o quê? Não consigo dar uma fórma a isso tudo. Mas quereria! Que miseria. Que abominação.

20 — Tanto tempo sem escrever. E deu na mesma. Escrevendo, não escrevendo, sempre esta. Esta quê? dissolução? Será? E' isto o que me apavora. Eu sinto dentro de mim como se me perdesse de mim mesma. Horizontes. Horizontes. Não consigo fazer nada. Pensar nada. Elle se queixa do meu silencio. Nem brincar com Ellasinha. A casa vai como querem que vá. Nem posso sahir. Nem o automovel. Aquella arvore... O ultimo passeio me deixou. Não encontro as palavras. Penso em mil ao mesmo tempo. Não sei mais o que quero. Horizontes. Nem ao menos posso não pensar. Ou pensar, não, não, não... Esta folha ainda é o que tenho de mais seguido. De mais Branco, leite. Tudo diluindo-se no branco, branco nem mesmo o Outro. E' exacto. Mesmo o Outro está-se dissolvendo. Ha tanto tempo.

Não posso pensar, não posso prender o pensamento. Ah! se eu me libertasse desse não sei o que, me suga o sangue.

Meu Deus, será de Vós, esta dissolução? Será que voltarei a mim? Que voltarei a Vós? A voz, a voz de quem, de quem

25 — Estou melhor hoje? Elle está inquieto commigo. Quer que eu me trate. Tome remedios. Viaje. Que sei eu? Estou magra. Não durmo. Para que? Para que? Mas que tem tudo isto? E' no fundo, é muito além do que eu me sinto... Me sinto como? Me sinto perder, me sinto. Não penso mais em nada. E' bom, nada, nada, nada.

Uma calma ás vezes tão boa, tão boa. Mas passa tão depressa. E tudo volta. Penso em tudo. Quero tudo ao mesmo tempo. Mas tudo foge de mim. Que horror. Tudo foge. Me abandonarem assim. Sósinha. Sósinha. Será que estarei ficando

3 — Fui eu mesma que escrevi isso? Fui eu? Precisamente? Palavra por palavra? E' maluca que eu quiz dizer? Ma-lu-ca. Quero enterrar as syllabas bem fundo, prego a prego. Sinto os pregos enterrando na cabeça. Ma-lu-ca. Machucar esta cabeça miseravel. Matar a dissolução. Não é mais o Outro que me possue é a Dissolução que me possue. A Dissolução matou o Outro. E eu quero matar a Dissolução. Crucifical-a na minha cabeça.

4 — Cada dia enterro mais os pregos. Fundo. Fundo.

5 — A Dissolução vai morrendo. Vai morrendo. E me sinto melhor. Cada vez melhor.

8 — E' agora apenas uma agonia dentro de mim. A Dissolução agoniza. Vai morrer. Vai morrer. E eu me sinto tão bem. Que bom!

15 — Estou boa afinal? Ah! ah! ah! Tudo em ordem. Ah! ah! ah! Afinal tenho no fundo do passado que nada faz amanhã mas quando é que eu poderia sim afinal, afinal matei mas tambem foi assim quatro, cinco, quatro cinco, mas Ellasinha meu Deus soccorro, soccorro eu me sinto morrer minha Vir

foi hontem mas talvez fosse quando não é possivel correr, fugir, matei, matei, mas tambem ah! Dissolução, Dissolução, o Outro, não foi isso ou até que eu possa

3

Todos os dias, ás quatro da tarde, Elle subia a ladeira do Eiras. Todos os dias Elle tomava nas suas aquellas pobres mãos em que os tendões marcavam na pelle como cordas esticadas. Mãos outróra de toda doçura. As mãos d'Ella tinham sido sempre o seu grande encanto. Quando elle sentia nas suas mãos morenas e duras, aquellas mãosinhas brancas, macias, tão finas, tão puras, era como se tivesse nas mãos a pennugem de um passaro. Qualquer coisa de tão fresco, de tão doce. Mãos pequeninas. Dedos afilados. As unhas como petalas E quando Ella tocava piano as mãos adejavam no teclado. E elle quantas vezes interrompeu a musica, para pegar no vôo as duas borboletas brancas.

Azas do seu amor. Quantas vezes, a imagem d'aquellas duas palmas de rosa, daquellas cinco petalas, de todo aquelle linho fresco não se pousou como um balsamo na sua testa ardente e pesada de lucta, em pleno dia, em pleno sol, no caes, na poeira, no suor. As mãosinhas d'Ella o salvavam da Vida.

E cada dia no quarto nú, e implacavel de brancura, sem uma flôr, sem uma inutilidade, elle tomava nas suas aquellas mãos de unhas roidas ao sangue, marcadas de dentes, escarificadas, tantas vezes em sangue, mãos já agora callosas, asperas, disformes, cadaveres de mãos, de suas mãos de outróra, de outróra.

E uma immensa miseria o invadia. Tentou de tudo. Foi o mais attento, o mais carinhoso dos enfermeiros a principio. Ella enfurecida ou distante, aggredia-o ou passava estranha, ao longe, perdida no seu mundo de fantasmas. Os medicos o affastaram.

A principio todas as tardes. — «Era melhor espaçar as visitas». Obedeceu. Era por ella. Pela esperança de rehavel-a. Aos sabbados.

De quinze em quinze dias. Ensaiou mesmo o isolamento total. Por mezes. Viveu beijando em sonho as mãos de outróra. Viveu pegando em sonho as borboletas de outróra. Ellasinha era o consolo, o unico.

Sempre a esperança. Os medicos deixavam a porta aberta para o futuro. E tudo o que era o gosto, o desejo incessante de tel-a de novo, fugia por essa porta para o azul, quando dentro do quarto tudo era negro, sem esperança. No fundo elle já estava na solidão. A peior das solidões. Por vezes, por vezes o quê, a cada minuto, o Caderno voltava e Elle o folheava incessantemente. Aquella tortura que a perseguira. Elle agora começava a sentir o que ella sentira de minuto a minuto. Como fôra possivel aquillo. Aquelle mutismo, aquelle afastamento, aquelle ardor inexplicavel de uma alma tão branca. Porque elle sabia que ella era branca. Havia nella tanto de pureza que não supportou a logica de viver a mediocridade das partilhas, o accomodamento.

E os mezes se foram. E cada mez que passava as brancas, as doces, as frescas mãos pequeninas de outróra pousavam intactas de novo em sua testa febril. Unica luz, unica fonte de agua para a sua sêde e o seu abandono, quando á noite a voz da creança abandonava a casa escura aos fantasmas do passado, de hontem.

E elle voltou a vel-a. Inutilmente. Mais calma. Mais distante tambem. Num mundo que já agora era um mundo só della. Em que elle nem ninguem poderia jamais penetrar. Seria mesmo o que ella presentira no seu Diario? Seria a libertação? Seria a Voz? Para elle era uma pedra de tumulo. E o horror das mãos revistas. Terriveis mãos sem formas, empoladas, callejadas, descascadas. Os sabugos inchados monstruosamente de tanto roidos. Ella já tinha horror ás proprias mãos. Era preciso muitas vezes amarral-as...

Por que essa vingança contra o que fôra justamente o maior encanto, a maior doçura do seu Amor?

Elle esperou com paciencia. Interrogava de vez em quando os medicos. E pouco a pouco foi sentindo nas evasivas, na ambiguidade das respostas, que aquella porta aberta para o azul ia lentamente se fechando. E no dia em que se fechou de todo, elle voltou para casa armado.

Fechou-se no escriptorio. Abrio para o azul, o azul que lhe fugira, a janella de par em par. A tarde enchia as coisas todas. Só elle se sentia

vasio de tudo, de todos. A tarde era para elle a tampa de um mundo sem evasão possivel. Uma unica. Aquelle animalsinho brilhante e frio que elle tinha na mão. Tudo passou de novo pela sua cabeça lucida, assustadoramente lucida. Sua vida projectada num só quadro. Aquelle immenso amor que tudo enchera. Que apagara toda a sua ambição de poder, que fôra antes toda a sua mocidade. Vencer, dominar, crear um nome, quebrar as vontades fracas em torno, deslindar de um golpe rude, implacavel os infindaveis palavrorios, expandir-se como um senhor, esmagar os inertes, desafiar o destino, governar a vida, — que sonho de heroismo, e de força! Toda a sua mocidade sadia e livre!

E bruscamente, aquella branca e esguia e pura e leve forma de menina. Aquelles olhos claros que diziam tudo. Graves sim. Um pouco estranhos. Um pouco distantes. A ondulação do seu andar. Aquella visão de fragilidade, que vencia, que aniquilava toda a sua violencia. E que agora...

— Papai, vem ver que borboleta linda eu peguei. Toda azul, com pintas douradas... que belleza! Chega na janella, Papai .

Aquella vózinha. Se eu demorar fica tudo por fazer de novo. E' a unica coisa que me prende. Este meu pobre coração...

— Papai, eu vou ahi em cima te mostrar a borboleta.

Mas não é possivel recomeçar aquelle horror. Aquellas visitas horriveis. Eu não posso viver. Eu não posso, meu Deus...

— Papai, póde entrar? Olha a borboleta. Mas...

***

A tarde descia da montanha. O arco da sombra...

(Um automovel na estrada:

Ella — Mas olha que casinha deliciosa! Como eu gostaria de viver aqui, neste socego.

Elle — Tá louca. Eu, me metter neste buraco, como esses burguezes barrigudos e de chinellas, numa vida monotona, pacata, bócó? Deus me livre. O que eu quero é — *Viver!*)

... se estendia. Empurrava lentamente o sol. O valle da serenidade. Um sino. A noite.

TRISTÃO DE ATHAYDE.

CARTA ABERTA A JOÃO ALPHONSUS

Você concluiu de cara fechada a sua declaração do Suplemento mineiro da «Manhã» de 24 de outubro. Vamos fazer um acôrdo, João Alphonsus: me dê a sua simpatia, tire a sua admiração. (Porque eu mereço muito mais a sua simpatia do que a sua admiração). Em troco eu lhe dou a minha admiração e a minha simpatia. Você é admiravel. Tanto mais admiravel, quanto é admiravel depois de seu pai, que tambem foi admiravel. Marquei você desde os tempos em que fui para Campanha escarrando sangue. Foi quando eu escrevia versos «como quem morre». Ai de mim, João Alphonsus! tenho mais idade do que você pensa. Já fiz quarenta anos. Ribeiro Couto disse outro dia que eu sou a solteirona do modernismo. Estupendo, não acha? O pior é que nunca tive mocidade. Entre dezesete e trinta anos eu era muito mais velho do' que sou hoje.

Outro engano de sua parte é me tomar por bacharel. Não sou doutor, João Alphonsus, nem nunca parti como não se quê de legação pra logar nenhum. Nunca fui nada em minha vida, — senão poeta.

E só fui poeta porque não pude ser outra coisa. É triste, mas é assim, e eu aceito toda a minha tristeza.

Que diabo, João Alphonsus, você lê mal. Então eu disse que o poeta Austen Amaro não prestava? Palavras minhas: «*Apesar de tudo, esta poesia é simpatica, insinua-se, interessa. Tem ingenuidade e força*». Catei o que o poema tem de ruim? Pois não citei, achando tão bonita, a bucolica do canto IV?

Transcrevendo com elogios, um fragmento de outro canto, não frisei «que não era exemplo unico?»

De ruim só citei o distico.

Diz você: «Se Manuel Bandeira gosta de

criticar exibindo ruindades porque deixou passar Jorobabel e outras quando falou do *Losango Caqui?*»

Eu não disse, João Alphonsus, que você lê mal? Não deixei passar Jorobabel no *Losango:* assinalei-a como estupenda. Gostos... Todo o mundo sabe da minha admiração por Mario de Andrade. Pouco me importa que você ou outro qualquer venha com «ora porquês!» Você falou muito no capim melado, nas resinas, nos alfareros, nas chiquillas, nos jarabes do Ronald, na pasmosa simplicidade com que o Guilherme resolveu em Raça o nosso «complicadissimo problema etnologico»... Mas quem marcou em você não foi Guilherme nem Ronald: foi Mario. Por isso gosto do Mario. É ali na piririca. Marca até os fortes como você.

Em vez de gastar metade do espaço de seu artigo em me proporcionar «a volupia da pancada», não era melhor que você me fizesse sentir, a mim e ao publico, a compreensão do poema? Mas o proprio poema você leu mal. Diz você: «Nada de nostalgias. Nada da bilaqueana flor amorosa de três raças tristes. Pois lá está á pg. 19:

eu tenho no fundo da alma sensivel
a luta invisivel
de três nostalgias
ferindo-se vivas
no fundo do ser!

Então? A verdade é que guardei o poema de Austen Amaro ao lado dos livros de Mario, Guilherme, Ronald, Ribeiro Couto, A. Moreyra, Onestaldo, Olegario, Murillo e outros poetas que prezo. E lhe garanto que não o guardei sómente por causa dos excelentes desenhos de Pedro Nava.

Me queira bem, João Alphonsus.

MANUEL BANDEIRA.

Rio, Outubro de 1926.

O CRITERIO DA UTILIDADE NA LITERATURA MODERNA

Em toda a obra artistica existe um limite mais ou menos sensivel á imaginação critica, estabelecendo a separação entre o vago, o impreciso, o abundante e o derramado, de um lado; e o pratico, o conciso, o geometrico e o utilitario, do outro.

Na literatura moderna, écran prismatico de uma civilisação, uma philosophia e uma moral novas, em que ainda existem muitas sombras ectoplasmando os dados positivos — a imaginação critica, corroendo, inventando e induzindo, consegue estabelecer de uma maneira nitida esse limite, esse divorcio de aguas.

Finda a guerra, que além de encher os opportunistas enriqueceu a consciencia humana de uns dois ou tres problemas novos, — a imaginação dos grandes povos procurou infundir ás suas respectivas literaturas, provincias da nação humana que é o espirito moderno, um sentimento novo, uma ideia nova e uma fórma nova.

Destes tres propositos, o mais facil de attingir, porque o mais tangivel, foi, sem duvida alguma, o que se refere á fórma.

De facto, as fórmas novas appareceram, como novos modelos de modas elegantes.

Fórmas novas — fossem os alfaiates francezes ou russos, austriacos ou inglezes. Os albuns estampavam-nas e a imaginação, esquecendo-se de alguns seculos de formalismo, cahiu no formalismo das fórmas novas.

Do baralho, foram-se tirando as fórmas que facilmente se confundiram com o antigo. E das fórmas novas, só ficaram aquellas que em hypothese alguma não puderam envelhecer.

As fórmas precocemente envelhecidas

emigraram para a zona morta do passado —e então se viu essa coisa extranha, do passado rejuvenescer — como se por acaso um sopro vital pudesse reanimar majestosamente os mamouths fossilizados de um museu.

«Os mortos matam os vivos», já se dizia nas «Coephoras», e não é de extranhar que alguns phantasmas tenham tentado implantar-se no mundo moderno, como espantalhos em uma horta contra os pardaes.

As fórmas que vingaram foram aquellas que tinham um proposito directo, um proposito de estado-maior: o caracter pratico, conciso, geometrico e utilitario.

Dahi o caracter de utilidade da literatura moderna. Utilidade pragmatica, utilidade philosophica, utilidade behaviorista, utilidade moral em summa. E se quizerem, utilidade religiosa.

Utilidade politica, utilidade revolucionaria — o criterio de utilidade é alguma coisa de tão forte e directo como por exemplo uma taboa de logarithmos.

Os maiores escriptores da hora presente, como costumava dizer um velho orador, procuram transmittir duas idéas, que atormentam uma multidão, um povo ou uma civilisação, enquadrada no losango de uma formula geometrica.

A tal ponto chegaram mercê do conhecimento das idéas psychologicas que constituem a alluvião do espirito humano actual.

Schnitzler, por exemplo, em «Casanova Heimfahrt», e em meia duzia de suas grandes novellas, Tchehov, Sologub, Bounine, Chmelov, D. Hl. Lawrence, Joyce, Sherwood Anderson, só para falar em alguns nomes, procuraram expor meia duzia de idéas mais ou menos logicas, procurando com as mesmas infiltrar no espirito moderno das massas, os residuos de algo de novo, seja moral, philosophia, religião ou a interpretação quotidiana da vida.

Não pensar, porem, que o criterio da utilidade (um pregador ou um moralista lançam mão desta arma) esteja confinado á epoca jazz. Engano d'alma ledo e cego... Daniel de Foe, em «Moll Flanders», por exemplo, fez uma obra estupendamente moderna: directa, incisiva, rapida e com uma atmosphera moral tal, que poderia fazer pensar em Dostoiewsky ou Chfchdrine principalmente.

Ha comedias de Ben Jonson que são mais modernas e actuaes que Jules Romains ou Shaw. Nellas existe o «elemento de crueza», de que fala William Archer, em «The Old Drama and the New».

No Brasil só agora é que estão apparecendo coisas que se enquadram no criterio da utilidade.

O conceito de que «Os dias que nos fazem ditosos nos fazem sabios», no dizer do poeta inglez, póde ser applicado tambem a toda obra literaria, si se tivesse em mira um criterio moralista.

Só agora é que, na moderna civilização brasileira, o criterio da utilidade pode encontrar uma demonstração cabal.

Uma civilisação que tem mais *philosophos* do que *machinas* terá maior peso especifico do que aquella em que os termos da equação estejam invertidos?

Qual das duas será a mais «util?»

A civilisação fuegiana, rudimentarmente mechanica, será mais util do que a tibetana?

Acção, propositos praticos, technicalisação.

Tudo isto cabe na literatura moderna, uma literatura que é edificio, machina, sangue, jornal, jazz e poema.

Lá pelos tempos do onça, segundo um velho livro hebreu cada homem tinha mil demonios á sua esquerda e dez mil á sua direita.

O «homem de hoje terá pelo menos tantos problemas de vida mechanicos como os antigos tinham de demonios».

A machina creou um novo mysticismo muito differente do mysticismo do zulú ou do congolez, mas tão poderoso que entrou na vida actual transformando Henry Ford em escriptor moralista.

As raizes da visão mechanica se encontram lançadas no terreno da utilidade racional. A arte de hoje explica admiravelmente esse criterio.

TEIXEIRA SOARES

RECORDAÇÕES DE DONA QUITERIA

VI

Nas suas — confissões — Rousseau declara que quando viu o mar teve alguma decepção.

Os espiritos de excessiva imaginação acham-se roubados pela realidade.

Commigo, deu-se o contrario. Eu não tinha imaginação alguma e nem pensava no que era o mar.

Achei-o prodigioso, sobrenatural e divino. Se eu visse o proprio Deus depois, do mar, estaria esgotada a minha admiração.

O mar ensinou-me a não limitar as coisas e levou-me das mesquinhas bellezas á belleza eterna. Senti com o mar nascer-me n'alma a elasticidade e a sêde alongada do infinito.

Não sei se blasphémo ou estou a criar uma heresia abominavel, mas se eu pensasse em fundar uma religião nova, seria a religião do mar.

Antes, a liberdade dos passarinhos parecia-me sem termo; agora passei a sonhar com a liberdade das estrellas a lançar a sua radiação através de regiões sem fronteiras.

E quem me deu, cá em baixo, a medida dessa escala formidavel do universo, foi o mar.

Horas inteiras, eu apreciava o mar, estudava-o, conhecia-o; na sua voz, rouca da eternidade das suas queixas, eu decifrava o mysterio da vida que não passa de um crystal do oceano.

Li, muito tempo depois, que os seres vieram do sal, e de residuos marinhos. Já eu o sabia pelo instincto das contemplações remotissimas a que me habituara o oceano. E os nossos rythmos que origem atavica podem ter senão essa eterna mobilidade do velho padre oceano?

Infelizmente o mar deu-me illimitadas ambições e uma eterna desconformidade com a vida.

— Tu queres mais do que convem e mais do que é possivel, diz-me o desembargador Cantidiano. Realmente, a minha vontade teve um mestre insidioso.

E dest'arte é que saio do mundo maravilhoso para o materialismo triste e quotidiano.

As transcendencias dissolvem e etherizam a vida pratica, e reconheço que deitam a perder muita gente.

Meu pae prometteu-me quebrar o encanto numa longa viajem. O monstro desceria á vulgaridade.

Como quer que seja, as minhas primeiras impressões do mar foram definitivas. Emfim, era de mister cortar toda essa imprudente fantasia e entrar na realidade, que me impuseram; foi a escola.

Minha mãe e meu pae preparavam-me todos os dias para essa iniciação.

Todos os dias apparecia lá em casa um homem sympathico e falador que não se esquecia de lembrar:

— Ponha a menina no collegio da Clarinha que, não é por ser minha mulher, é a professora mais habil desses arredores.

Quem assim falava, o marido de Dona Clarinha era « M'sier Tekserá », um velhusgo alegre que agitava o cavanhaque como bandeira de reclame ao Collegio de Santa Clara.

Era conhecido esse homem, pelo seu vezo em todas as palestras de falar em Paris, sempre accrescentando:

— Em Paris, « onde eu estive »... Isto dava-lhe realce e poder magnetico, mas ameaçava ficar-lhe como alcunha:

— Em Paris, onde eu estive, as creanças aos sete annos logo entram para a escola.

Minha mãe applaudia esse costume parisiense.

As más linguas, entretanto, cochichavam e diziam que elle nunca estivera em Paris, nem se chamava Tekserá, mas simplesmente Teixeira, Joaquim Teixeira, á portugueza.

Inventaram que ha tempos havia embarcado no Rio, mas logo saltara na Bahia e e lá se internara em Alagoinhas, onde serviu na estação da estrada de ferro.

Essa balela, certamente nunca lhe chegou aos ouvidos. M'sier Tekserá tel-aia desfeito com aquelle «cavagnaque» que tomava todos os angulos até enfrentar-lhe o nariz em para-vento. O cavanhaque, movel e ondulante, era como a sua lingua extrema que lhe ajudava a carregar os rr e a afiar o u.

Como quer que seja, era uma pessoa consideravel e de grande prestigio entre as nossas relações de sociedade.

Entrei, pois, para o collegio de Dona Clarinha, o instituto de maior nomeada.

Não era, talvez, o ideal, mas como dizia M'sier Tekserá:

— Copacabana não é precisamente Paris, onde eu estive...

VII

Entrei para a escola num dia de maio.

Na rua, nas gentes que passavam, nas proprias arvores municipaes, meio engaioladas, havia a jovialidade matinal da cidade que desperta.

Agora que saudade me vinha do campo!

A cidade geometriza todas as coisas, retalha o espaço em quadrados, divide-nos o tempo em horas eguaes e submette a natureza e a vida a rigores mathematicos e inflexiveis.

O sol, o immenso relogio rural, cede hoje aos pequenos chronometros de bolso; a campina verde reduz-se á praça e ao jardim, e a propria vida submette-se a esse desenho quadriculado da civilização.

Entre essas malhas e quartejamentos da minha iniciação estava a escola.

Era a obrigação monotona para toda a gente de dizer e de saber as mesmas coisas e de decifrar os mesmos enigmas, em tempo dado.

Estou convencida de que o que mata a alma é a egualdade ou a symetria. E a escola é a mais estupida de todas as uniformidades; caserna, convento, ou escola, tudo é a mesma coisa. É a primeira cota de nivel.

Eu entrei para a classe em que todos, no momento, sommavam até quatro parcellas, estudavam os superlativos, o governo de Mem de Sá, as tres pessoas da Santissima Trindade e as peninsulas da Europa.

Accomodei-me como pude e em poucos dias fiz numerosas amigas. Eram todas alegres, risonhas, almas de arminho e rosas, com a frescura e suavidade de escravas satisfeitas: a Carolina, a mais desenvolta e desembaraçada; a Aida ou Ada (não me lembra mais), que não cessava de rir; a Elisa, que sabia fazer uma momice, «careta» especial e engraçada, e cansava de fazel-a, tanto eram os pedidos; a Helena, por vezes zangada e difficil ...

Esses eram os relevos espirituaes naquella planicie ou antes, naquelle aterro artificial.

Quasi todas ellas vivem nas minhas reminiscencias, jamais as perdi de vista.

No Collegio de Santa Clara, havia duas grandes salas, que se enchiam de rumores desiguaes e distinctos: uma das meninas, em que as vozes pareciam de crystaes; a outra, a de rapazes, soava marcialmente como os tambores. Dona Clarinha dominava, meiga e imperiosa, os dois mundos.

Todas nós a achavamos bella e majestosa. Um leve começo de velhice dava fulgurações de prata aos seus cabellos. Por vezes, fugazes e rapidas, apparecia M'sier Tekserá para dar os rudimentos de lingua franceza, mas logo desapparecia e apagava-se.

Dentro em pouco, a escola, que me parecera antipathica, tornou-se uma fonte de fascinações e de alegrias perennes.

Não quero agora prejulgar o que só vim a saber mais tarde.

Naquelle mundo de pequeninas creanças,

aprendi a conhecer a variedade e vicissitudianaria do espirito humano; e que a experiencia da vida estraga e perturba os corações timidos e delicados.

A vida é, mais tarde, tambem uma escola, mas de só desenganos, de amarguras e tristezas. Quando relembro o ruidoso chilreio daquellas creaturinhas a ingenuidade daquella gente, que ainda madruga no rosicler da existencia, e quando as cotejo com a seccura, a aspereza, a melancholia e as vaidades que vieram depois, umas atrás outras, mais me convenço de que a educação é uma formidavel bancarrota de todas as esperanças e de todas as philosophias.

De todas aquellas almas, afeiçoadas como argila ás linhas da architectura social, todas perderam a sonoridade propria e transformaram os sorrisos mais ethereos em lagrimas copiosas.

Para onde foi aquella alegria antiga?

Devoraram-na o luxo, a ambição, a duvida, a desventura e, talvez, o crime.

Ensinaram-nos a vencer. Que grande coisa! Ensanguentar o mundo para ostentar, malferidos, a vaidade da victoria.

Estou hoje, lugubre e com tendencias para o dramalhão. É que, realmente, este capitulo é um aproveitamento do primeiro ensaio literario que escrevi: — «*A Escola ou sete annos de arrependimento*».

VIII

Eu disse que D. Clarinha era meiga e boa. Na escola sempre ella derramava essa perenne doçura.

Mas havia excepções. Era quando, por exemplo, o marido M'sier Tekserá se esgueirava pelo corredor, e, eterno *flaneur,* sahia para a rua.

Então perdia a linha de deusa e vociferava:

— Pelintra! Bilontra!

M'sier Tekserá fazia ouvidos de mercador e desapparecia.

Outra excepção de máo humor era quando os meninos faziam grande algazarra. Dona Clarinha neste caso abria mão dos methodos modernos, e, conforme costumava dizer, dava a ração a esse bilintrinhas.

A ração, só applicavel aos rapazes, era uma coisa terrivel. Viamos, nós outras, de longe o fragor da catastrophe. Dona Clarinha com a mão ampliada por uma frecha, como se esta fôra um raio tonante desabava sobre as cabecinhas rebeldes.

Eram choros e gemidos como nos dias de cresta e de estinha nas colmeias ruidosas.

O dia de «ração» era um ranger de dentes para as pobres creaturinhas. Mas, caso grave, memoravel e que nunca me sahiu da memoria, foi a ração de M'sier Tekserá.

Já o homem como de costume ia a esgueirar-se pelo corredor, quando, de uma feita, impiedosa e dominadora, levantou-se Dona Clarinha; e, quando esperavamos que vinha a descompostura conhecida — bilintra! pilintra! — ao contrario disse ella apenas com aquelle ar severo que não admittia réplica:

— Tekserá! a ração!

Ficamos pasmadas e transidas de susto moral. Pois que! Até o pobre professor Tekserá, homem velho e de respeito, apanhava a sua ração!

Vimos, então, que Dona Clarinha o agarrava violentamente pelo braço, e arrastava-o para os fundos da casa.

Os meninos (como é proprio desse sexo impiedoso e perverso) cochichavam e riam á socapa. Um delles, o José Taludo, como lhe chamavam, por mais ousado foi pé ante pé não sei até onde e voltou dizendo mysteriosamente que M'sier Tekserá apanhava, que ouvira o ranger da frecha e gemidos de dor...

Senti funda tristeza e indignação; e todas nós choravamos, abaladas por tão extranha impiedade. E lembro-me agora daquelle dito de que uma «boa mulher é a peior de todas».

Afinal, vimos M'sier Tekserá que voltava daquella experiencia.

Vinha tropego, cambaio, humilhado, a coçar a orelha; e logo, tomou a porta da rua talvez para desafogar tamanha desconsolação.

Tambem voltava para a sala Dona Clarinha que desta vez achei antipathica e todavia mais bella que nunca. Vinha com aquella inconstancia das espheras que lhe dava azas invisiveis no andar.

Horas depois, ao escurecer, quando acabara a lição, todas nós saimos ruidosamente como sempre.

De longe, bispei M'sier Tekserá, que pontificava já então lepido e imponente, na pharmacia da esquina.

Que diria o martyr?

Busquei passar pela porta da botica, de onde uns frascos enormes e verdes lançavam para a rua rectangulos verdolengos, luminosos.

Mas só logrei ouvir, como lufadas que escapavam das portas, duas ou tres palavras entre sonoras e verdes:

— Em Paris, onde eu estive...

IX

Por que digo eu tanto mal da escola?

A baroneza de Portella, minha adorada mãe, não sabia ler, mas nunca se lastimou dessa ignorancia.

— Lê-se de mais agora — dizia ella. E toda a gente lê as mesmas coisas. Comprehendia, de instincto, que por esse caminho todo o mundo virava ninguem. Com um tostão de gazeta não era preciso mais cuidar do espirito: estava feito, e que artifices os que nisso trabalhavam?

— Eu desejava saber escrever: só isso — accrescentava ella — para guardar alguma coisa que a memoria esquece.

E tinha razão. Quasi todos os males sociaes e moraes, molestias e doenças physicas, derivam da leitura. Já repararam quanta gente se embebeda por motivos literarios? Quantos vão ao hospicio empurrados pelos livros?

Mas, não são sómente ruins os livros, pois que são numerosos.

São, o que é peior, dissolventes; desandam-nos do nosso caminho, enviezam e mascaram todos os traços ingenitos, e, mais que tudo, substituem-nos.

Quatro quintos de qualquer pessoa que lê provem dos livros.

Risos e até lagrimas são puramente productos de typographia. A sinceridade é uma insignificante percentagem em tudo que fazemos; o resto é romance, drama, folhetim, autores e artigos de jornal.

Podiamos ser vendidos a peso, como papel velho impresso.

E essa falsificação começa desde o berço. Dos collegas de Cantidiano sei que ha meia duzia de Marios que são folhetins encanecidos — o Mario de Alencar, o Mario Brant, o Marido Behring, o Mario Bulcão nasceram com um folhetim do «Jornal do Commercio». O velho orgão traduzia «Os Miseraveis», de Victor Hugo, e as pias baptismaes transbordaram de Marios...

Quantas Aidas depois que Verdi escreveu e compôs a opera por encommenda do Kediva?

Fica por conta do Cantidiano essa archeologia, que não é do meu tempo. Meu nome de Quiteria veio de outro Jordão mais obscuro.

Era o nome de uma tia velha da Beira-ay-Alta, que nunca vi nem conheci, uma especie de Virago, descendente muscular da padeira de Aljubarrota.

Esta ascendencia romantica ou realista, só me fez machona na arte varonil de escrever, e memorias, pois que sou magricela e franzina, e posso andar entre as cordas da chuva, a corpo enxuto.

O desembargador Cantidiano, que tem o vicio da mentira, ainda hoje sabe de cór a historia de «Jorge e a machadinha», dos livros do Abilio, que leu na escola.

Esse Jorge era o grande Washington, que nunca mentia.

O desembargador ganhou a fama de Epaminondas, ostentando, como lisonja e letra nos seus brazões, a historia da machadinha.

X

O alma humana, que mundos e que systemas de maldade enchem o universo da tua immensidade infinita!

Qual é o sol ignoto que impõe gravitação e dá equilibrio a tão desvairadas miserias!

Mas, o mundo é assim. Nunca escrevi por vingança pessoal. Não atirei nunca nome algum ao equivoco das allusões ferinas.

Mulher, sem assoalhar mentirosas virtudes domesticas, jamais commetti o canalhismo nem a ferocidade de chafurdar um nome puro ao pantano apodrecido dos meus egoismos.

Isso faria aquella mulher fatua que ingenuamente suppoz ser a unica a manejar a penna e creu ter o triste privilegio de todos os tinteiros e de toda a verborrhagia humana. É bem que passe á posteridade com um cartaz ás costas...

Ou, com um vestido de cauda, como um symbolo de retrogradação simiesca. Não eu. As mulheres bellas têm na fascinação propria natural defesa contra as malignidades. A natureza, divina como é, tambem é a primeira a marcar as degenerações.

Essa advertencia vem a proposito da Florentina (a literata, como lhe chamavam), que por appetites ignorados se deixou ficar na escola uma duzia de annos. Fealdade vingativa, astucia demoniaca, visgo intelligente, tudo ella era e não sei qual seria mais.

Suas amenidades eram terriveis, escorchantes os abraços...

Palavras e historias, se um editor quizesse reunil-as, dariam romances.

Florentina era uma especie de cocote estylizada em dama honesta.

Eu não pude nunca explicar-me como tão vasta theoria da bandalhice pudesse corresponder a uma honestidade pratica. Essa mãe de filhos faz do lar um «alibi» perpetuo das suas immoralidades...

Se essa podridão literaria vive guardada em alcool sob a protecção de vidros transparentes, não é muito que uma pedrada casual venha um dia destruir o tegumento daquella monstruosidade.

As viagens mentaes de Florentina «por mares nunca dantes navegados» deixaram acreditar que ella não podia ignorar alguns velhos itinerarios...

Era muita sciencia para tão apregoada ingenuidade.

Que é que ella tanto escrevia, passando ás almas simples os bilhetes clandestinos das suas miserias secretas!

Que alma triste, a della!

E dizia-se feliz, materialmente feliz, esse trapo de egoismo, esse boião de fel, crystalisado em assucar.

Alma de chicharro, devia conter todas as deshonestidades platonicas por lhe serem talvez impossiveis as outras.

Quando casou, o desembargador Cantidiano poz essa annotação:

— Fez como o inglez a primeira vez que se dispoz a comer uma banana: lambeu a casca e atirou fóra o caroço.

E quantos caroços vivia a espalhar, por instinctos de perversidade literaria!

E, á primeira vista, era toda mel por insidia ás abelhas incautas.

Fugi ainda em tempo dos seus agrados formidaveis.

Que queria ella? Talvez coisa alguma. Ha pessoas que se contentam e se pagam de experiencias homeopathicas, «similia similibus»...

Escapei ao abysmo, mas não escapei a um dos seus bilhetes, que eram allivio de suas reconditas perversidades. Mas ha de engolil-o.

— Tambem é homeopathia — diz o Cantidiano.

..... (1)

XI

Emfim, aprendi a ler.

Quanta coisa vim a saber, Deus meu! lendo os jornaes. A cidade, que eu só conhecia pelas risonhas fachadas, via-a com

---

(1) O editor da novella não poude, apezar de todos os esforços, esclarecer o passo tão obscuro deste capitulo. E' melhor deixar aqui a reticencia, como se encontra no manuscripto.

os tectos abertos ostentando todas as miserias e tristezas da vida.

A imprensa dava a diaphaneidade de todas as coisas, homens e mulheres que se estripavam, o odio, as rixas perennes e a morte.

O jornal, que me diziam ser «a toalha matinal da civilização», era uma veronica ensanguentada.

Uma coisa, porém, infundia-me pavor: eram as tragedias conjugaes. Os maridos matavam as mulheres por amor, por ciume ou por vingança.

E eu havia de casar-me (pensava) affrontando essa onda rubra e sanguinolenta!

E sentia enrubescer-me a esses reflexos ainda remotos. Uma vez perguntei a Papae:

— Será verdade que todos os maridos matam as mulheres?

— São casos raros — respondeu-me — um em cem mil. E talvez nem isso.

Papae tinha razão. Nem todos os homens são assassinos, e disso tive a prova em poucos dias, aqui ao pé da casa.

O José Paquinha, vizinho nosso, era casado com a Minervina, uma das moças mais bellas que tenho visto. Onde ella anda? Não sei mais, que a perdi de vista. Mas aquella creaturinha era um feitiço: de olhos vivos e inquietos, uma boquinha de rosa, as mãosinhas electricas e vibrantes, tudo nella me recordava a princesa encantada do meu livro de historias. Todos gostavam della, e quem podia ser insensivel aos encantos daquelle formoso diabinho?

Só o marido, o José Paquinha, parecia um pouco negligente na vigilancia daquelle thesouro.

Ora, acontecia que ali em frente morava o Gomes, um poeta meloso, olhos de peixe podre que vivia a magnetizar a Minervina.

Fazia versos, escrevia bilhetinhos e punha em pratica todas as tentações diabolicas do seu canalhismo erótico.

Essas fascinações batracchianas cedo ou tarde produzem effeitos terriveis.

O certo é que um bom dia Minervina desappareceu. O José Paquinha chorava pluviosamente de desespero e de angustia.

Procura-se daqui e d'acolá, veio a saber-se, emfim, que Minervina se achava escondida em casa do José Gomes.

A noticia horrivel chegou aos ouvidos do pobre marido. Foi, pois, com grande terror, que vi o José Paquinha grave, ousado e decidido, penetrar na casa do poeta.

Lembrei-me das gazetas e logo vi a tragedia de sangue e morte, naquelle encontro doloroso e formidavel.

Mas de lá de dentro sahiu o José Paquinha, quasi tranquillo, trazendo pelo braço a formosa Minervina, a louquinha risonha e admiravel.

Que boa paz, a daquelles pombinhos!

O Gomes, da janella, de olho comprido, ordenando a enorme cabelleira (que era uma das suas qualidades literarias), assistia, abatido, aquella restituição forçada.

O Paquinha, já na rua, voltou-se para o seductor e sorriu philosophicamente:

— Agora, sêo Gomes, chuche no dedo!

XII

Sahi, afinal, da escola.

É certo que algo aprendi das coisas visiveis; mas, a parte das coisas occultas que me ensinaram ou pude surprehender, formava o cabedal maior da minha iniciação.

Aqui encerro a primeira parte das minhas recordações.

(Fim da primeira parte)

JOÃO RIBEIRO

THEATRO E MUSICA

COM VISTA A ANTONIO ALCANTARA MACHADO

Começo por cofessar que não ofereço muito grande receptividade á arte dramatica. Acho que essa arte limita extremamente a livre expansão da força creadora, o pleno desenvolvimento da personalidade. Por mais pessoal que que seja um autor dramatico e por mais forte que seja o seu poder de creação artistica, ele é obrigado a ter sempre em vista o cavalheiro pouco receptivo e despreocupado que toma assento na platéa. Isto quer dizer que ele tem de pôr a sua sensibilidade simultaneamente em correspondencia com inumeras outras inteiramente diversas entre si. As suas impressões não podem ser particulares por terem de representar uma soma, um total em que cada espectador vai encontrar a sua parcela pessoal.

As idéas dramaticas não podem deixar de ser sinteticas concentradas para que possam entrar em contacto de momento com todo um espirito colectivo. De certo que qualquer espirito creador tem aquela necessidade de comunicação de que fala Mario de Andrade em relação ao poeta.

Mas o autor dramatico é obrigado a desenvolver extraordinariamente o poder de comunicação tendo a preocupação absorvente do espectador. Si abandonar essa preocupação cairá no absurdo de fazer obra teatral para ser lida e não representada. Não pode ele escrever sob o impulso dessa necessidade interior que constrange o artista a livremente exteriorizar suas impressões, a sem embaraços dar corpo a suas idéas. Mas não podemos ficar só na pressão que a platéa exerce no momento de creação do artista dramatico. Si fosse só isto estava muito bem.

E a acção dramatica? Esta entra na peça como elemento profundamente simplificador. São inumeras as combinações artificiaes de acontecimentos a que ela obriga o autor. A sintetização da vida em quadros por mais vivos que estes sejam resulta em falsificação. A psicologia dos tipos tem de ser toda linear. Hamleto que é a maior obra dramatica de todos os tempos é um paradoxo teatral. Foge a uma regra que até hoje não conseguiu ser abolida. Só se tem conseguido pôr em scena personagens de caracteres definidos e gestos esquematicos. O autor dramatico não pode deixar de reduzir a vida á unilateralidade. Representa sempre a creatura humana nos momentos criticos justamente quando está fóra dela mesma. A vida em toda a complexidade quotidiana de seus pequenos detalhes e o homem em toda a infinidade de facetas de sua natureza intima não podem sofrer a acção dramatica. Uma multiplicidade infinita de sensações não pode resaltar no teatro. Os sentimentos tem de ser simples nitidos energicos para adquirirem o indispensavel relêvo. O teatro estatico que quiz fugir a algumas das exigencias da acção dramatica gourou redondamente caindo na desacreditada *carpintaria teatral*.

Uma grande soma de realidade não pode ser suportada pelo teatro que exige sinteses sobre sinteses. A propria composição do dialogo se resume no trabalh ode concisão que se imprime nas frases para que possam sobresair os subentendidos que entremeiam as palavras trocadas entre duas pessoas. O autor dramatico tem de sublinhar a significação oculta das expressões que essas duas pessoas pronunciam levando em conta a série de impressões anteriores que cada uma já recebeu de outra. Assim alguem já disse «que imaginar um dialogo é tornar sensivel a situação reciproca de duas personagens, é marcar com um traço sua atitude, seu temperamento, seu mister, seu passado.» E o estilo acaba passando por uma adaptação forçada ao tom geral de conversação.

Tudo isto representa sem duvida limitações muitos fortes á livre expansão da força creadora.

Quanto ao teatro moderno que está passando por uma crise seria ou, antes, muito engraçada, não sou ingenuo de ver no seu estado actual um indicio de morte certa. Eu sei lá! Pode surgir de um momento pra outro a força de uma personalidade que rehabilite aquele genero artistico todo entregue actualmente ás complicações mecanicas, ás escamoteações scenicas. A situação é esta: os autores modernos estão preocupados com a qualidade tecnica em prejuizo da qualidade viva de suas obras teatraes. Procuram mostrar que têm uma sciencia nunca vista de execução. Fazem dos personagens simples pretextos para jogos de scena.

Diz Alcantara Machado que o teatro nunca ensaiou tão intensamente seu poder plastico como agora. De pleno acordo. Mas o mal dele é justamente a riqueza excessiva dos meios de expressão.

De tanto se aproveitar dos elementos de execução dos outros generos artisticos principalmente do cinema acabou perdendo a fisionomia propria. Ficou estranho a si mesmo. Meteu os pés pela cabeça. Trocou o fim pelos meios. Os autores dramaticos viraram verdadeiros magicos chinezes realizando com o seu conhecimento completo de optica teatral coisas surpreendentes que enfastiam em pouco tempo.

Vejam Orpheu em que Cocteau desenvolveu um prodigio de tecnica. A gente sente que ele está no meio do palco combinando scenas e servindo de ponto aos autores. Consegue tirar efeitos surpreendentes da modernização dramatica do velho tema em que entra como figura principal o azarento marido de Euridice. Mas no fundo a peça é su-pi-na--men-te xarope. O teatro moderno é uma *boîte à surprize*. Está exigindo principalmente muita discreção na sua adaptação á tecnica cinematica. Quando a gente o põe em relação com o estado actual dos outros generos artisticos, é que se vê a sua situação deploravel.

A literatura (Tritão de Athayde ha poucos dias fez observação identica) se faz cada vez menos literaria eliminando o mais possivel os elementos intermediarios para ter um contacto mais directo com a vida e conseguir a maior soma de realidade.

A poesia busca as fórmas simples e puras achando seu fim nela mesma. A pintura se faz naturalmente plastica simplificando enormemente a tecnica pictural. A musica se desintelectualiza inteiramente buscando falar só ao temperamento musical sem outra intenção que a de crear ambientes sonóros.

Entretanto, o teatro, todo atrapalhado, anda penetrando ás tontas no dominio das outras artes sem saber o que procura. Por mais passadista que seja a minha opinião aconselharia aos autores dramaticos uma ida a Shakspeare não para copia-lo mas para adquirirem novamente a verdadeira concepção ou idéa dramatica. Talvez nem isto valha grande coisa. Concordo com Alcantara Machado quando afirma que o teatro poderá morrer de um *mal organico* e não por esmagamento pelo cinema. Acho que esse *mal organico* já existe nele. Eu me explico. A arte dramatica vai entrando em franco desacordo com a realidade actual.

A vida está se fazendo cada vez mais complexa, mais diferenciada, mais especializada pra cada individuo. Portanto muitissimo pouco teatral mesmo se suprimindo o sentido romantico da palavra. O homem moderno está cada vez mais vivendo profundamente o detalhe quotidiano da existencia. Por isso mesmo a poesia e o romance são as artes mais verdadeiras e mais representativas do nosso momento. O teatro como já procurei acentuar atraz não se desenvolve sinão em torno de uma psicologia de crises agudas. E nós hoje em dia fugimos inteiramente á simplicidade das violencias sentimentaes. Somos sêres de habitos arraigados submetidos a uma ordem invariavel de acontecimentos sem imprevistos. Para traçar a nossa psicologia é necessario uma acumulação infinita de observações miúdas ao redor de nosso temperamento, de nosso mister, de nosso passado. Os factos que constituem a nossa existencia individual só são importantes pela sua repetição e persistencia porque acabam por mostrar as profundezas de nossa natureza intima. O que de nosso claro-escuro psiquico, de nossa vida subconsciente pode subir á tona da scena? Neste caso o que podiam fazer os autores dramaticos de hoje? Contornaram a dificuldade que se lhes apresentava procurando imprimir a belleza da qualidade tecnica em seus trabalhos por não poderem lhes imprimir a profundeza da qualidade viva.

Martins de Almeida.

CRONICA DA QUINZENA

*** O concerto de despedida do Quarteto de Londres teve a collaboração da grande pianista d. Antonieta Rudge Miller no *Quinteto em fa menor* de Cesar Franck e no Quinteto op. 44 de Schumann. O quinteto de Franck tem um defeito: faz saudades da Sonata p'ra violino. A memoria reconhece nele certos fragmentos tematicos da Sonata, e o resultado é que a gente desejaria estar ouvindo a sonata e não o quinteto. O conjunto aliás não inspirava a absoluta segurança a que nos habituara o quarteto. A execução do quinteto de Schumann foi bem superior, sobretudo no andante e no Scherzo. D. Antonieta Miller recebeu do publico uma ovação calorosa, e tão insistente que para satisfazer a saudade da platéa teve de tocar três peças, — aperitivo do seu proximo recital naquelle mesmo Teatro Lirico.

*** Mlle. Germana Bittencourt possui uma voz de timbre agradavel, um temperamento muito vibratil. Se ela tiver a força de se consagrar inteiramente ao estudo, há muito que esperar dos seus dotes naturais, tão ricos de promessas. Mas em primeiro logar convém que se fortifique fisicamente. A sua figurinha graciosa, a que assentava tão bem o romantismo daquella toilette de estilo, está pedindo urgentemente dois meses de fazenda mineira com muita papa de milho verde e muito leite de vaca sã.

No seu recital do dia 22, no Cassino do Passeio Publico, tivemos o prazer de ouvir musica brasileira, popular e culta. Alguns numeros de musica popular receberam harmonisação de Luciano Gallet e Jayme Ovalle. *Xangô* — o tema negro de macumba, e as canções parecis *Teiru* e *Nozanina-orekuá* é que não foram bem apresentadas. A não serem cantadas com acompanhamento dos proprios instrumentos barbaros, antes nenhum acompanhamento. Nem indio nem Santo de uma macumba acreditam em piano... Aqueles acordes de extrema discrição se tornaram extremamente indiscretos. Não eram harmonisação nem deixavam de não ser.

Das harmonisações de Ovalle a de *Papai Curumiassu* é deliciosa. *Macumbêbê*, porém, saiu muito sabida. Ovalle, irmãosinho, não era aquilo que os pretinhos precisavam... De Luciano Gallet ouvimos *Tutu Marambá*, que Mlle. Bittencourt cantou com muita emoção, o *Bambalêlê* e *Foi numa noite calmosa*, esta em 1.ª audição. Todas excelentes.

A modinha carioca pede voz macha, voz de madrugada, sofredora e cheia de segundas intenções, que não são positivamente de sofrimento.

As duas composições originais de Jayme Ovalle, *Caboclinho* e *Zé Reimundo* agradaram francamente, sobretudo a segunda, que foi bisada. *Caboclinho* foi um pouco sacrificada, principalmente na parte de piano. O ritmo não foi apanhado em sua subtileza tão pessoal, e é justamente o ritmo, tão original, o elemento mais interessante da musica, aliás de linha melodica muito pura e dolorosa. Quanto ao *Zé Reimundo* é uma delicia pela simplicidade e levesa com que o piano sustenta a voz. Ambas são melodias que se tornarão favoritas dos nossos cantores, pois não só são de factura bem moderna, como satisfizeram aquela sêde de ternura brasileira, muito sensivel agora.

O resto do programa foi preenchido por composições dos velhos mestres. Nepomuceno, Braga, Oswald e pela lenda *Canção Sertaneja* de Lorenzo Fernandez.

A sala do Cassino estava repleta e aplaudia com vivacidade.

*** A replica nacional do *Ba-ta-clan*, o *Ra--ta-plan*, está na sua segunda revista, que se intitula *Ellas* e é da parceria Abadie Faria Rosa e Luis de Barros. Tem o que o nosso publico requer do genero: vivacidade, nudezas, luxo. Os scenarios e costumes de Luis de Barros demonstram a elegancia e riqueza de fantasia do artista. A destacar o scenario de abertura e o do bailado de Salomé. Dos interpretes sobresaem Aracy Côrtes e Elza Gomes pelo ar verdadeiramente revista com que representam: porque é preciso representar uma revista como o Sr. Abadie as escreve: sem dar muita importancia áquilo. E' delicioso ver Aracy fazer de franceza, de chinesa, de holandeza (foi no Trólóló), sem tomar nada disso ao tragico, como, por exemplo, faz o sr. Barreira no espanhol da cortina «O querido das mulheres». — *M. B.*

LITERATURA

D. AQUINO CORREIA — A FLOR D'ALLELUIA, EPISODIO DA SEMANA SANTA EM CUIABÁ — 1926.

A coisa mais cacete da poesia religiosa em lingua portuguesa até agora eram as odes do padre Sousa Caldas. D. Aquino Correia acaba de bater o record. Este seu episodio da *Flôr d'Alleluia*, muito embora não passe de 18 paginas, parece mais comprido do que a traducção do Dante pelo Visconde de Villa da Barra. Ou do que um soneto do Sr. Medeiros e Albuquerque. E' a historia, penosamente dodecassilabada, de um moço chamado Luis, que um dia «deixou o lar e entrou nos vortices mundanos».

Um alexandrino do bispo de Cuyabá:

... Surgem tremeluzindo ali, vagas, uma a uma...

Outro:

... Um fremito alvoroçado em santo regozijo...

Com estes dois versos será dificil pra d. Aquino obter o voto do Sr. Alberto de Oliveira.

Afinal me esqueci da historia do moço Luis. Foi muito triste. Tão triste que á pagina 14

uma lagrima ardente
Impetuosa e caudal salta improvisamente
Aos olhos do rapaz.

Puxa, d. Aquino, isso não é lagrima: é inundação.

Manuel Bandeira.

PLINIO SALGADO — O EXTRANGEIRO — EDITORIAL HELIOS — S. PAULO

Um romance regionalista que se lê assustado pelo grande numero de pessôas suspeitas que o consideram genial.

Tem as mesmas falhas de quasi todo romance brasileiro. Quando não é esterior, de interesse apenas anedótico, ou vira romance de idéas ou tenta uma psicologia duvidosa, carregando demais a mão nos efeitos dramaticos. Dessas tres feições, prefiro francamente a primeira, onde me parece mais forte o inegavel talento do Sr. Plinio Salgado. Porém mesmo a essa não são estranhas as ideologias, uma vez que o livro foi construido de tal maneira que todos os personagens são «espressivos, cada um, de um fenômeno social e presos, aos grupos, a ciclos numerosos da esistencia paulista», como previne o autor. A principal intenção deste foi, portanto, observar e fixar determinados fenômenos sociais. Podendo ter feito um ensaio, preferiu o romance. E é natural que este se resinta daquelle vicio de origem que obriga todas as situações a soluções fornecidas de antemão pelo fenômeno social que se quer indicar.

Além disso o Sr. Plinio Salgado, por fazer questão de produzir uma obra modernista, aplicou

todo o seu talento de renovador no estilo, caindo desse modo num êrro a que é dificil escapar entre nós. Nesse ponto a grande influencia que se nota no livro é a do Sr. Oswald de Andrade, principalmente do Oswald de Andrade dos «Condemnados» e de «João Miramar». Ha trechos e trechos de verdadeiros pastiches do autor de Páo-Brasil. Dês da forma fragmentada até aos menores cacoêtes da maneira desse escritor, a escolha das imagens, o ritmo da frase, aquele geito tão peculiar a Oswald de Andrade de estabelecer aparentes ligações sintáticas entre frases que não têm nenhuma outra possivel, tudo isso o Sr. Plinio Salgado assimilou. E tão perfeitamente que êle mesmo é capaz de não dar pela imitação. A gente percebe que aquilo lhe sai assim insensivelmente, naturalmente rebuscado. Esemplo: «O crepusculo Martini-sêco, mastigado com azeitonas e amendoins preludiava a noite *cocktail* gizada de diagramas de *jazz* e relampagueada de visões róseas de espáduas brancas das aspirações nocturnas com ostias de osso, *plac-plec,* dentro da madrugada verde, as casas verdes, caiadas de fócos fôscos.» Outro: «Os rôlos de fumo arriaram como bandeiras. As chaminés ficaram como dedos hirtos pedindo silencio, no céu pardo, sobre o panorama do Brás amortalhado de garôas e presentimentos. Magotes enxameavam as tavernas». Entretanto o Sr. Oswald se utiliza com muito mais propriedade desses recursos espressivos, e o que lhe fica muito bem, por ser apenas um aspecto secundario do que êle fez, fica muito mal no Sr. Salgado, em cuja obra passa a ter papel primordial.

Na pag. 53 uma frase conta que — partiu um aventureiro «no seu cavalo resupino». Pode ser que me engane, mas a imagem que me sugere essa frase é a de um arriscado esercicio de equitação.

Prudente de Moraes, neto,

MANOEL BANDEIRA — POESIA BRASILEIRA

Verdadeira a formula de Malespine

Autor: Velocidade de expressão.

Leitor: Velocidade de percepção + velocidade de comprehensão, pode-se dizer, sem medo de exaggerar, que Manoel Bandeira e quem lê as poesias delle vão ao encontro um do outro refestelados num bruto aeroplano de Não Sei Quantos H. P. Tão rapida é a communicação entre elles. Porque — eis o problema. Manoel é uma alma simples, mas como todas as almas simples, profunda. Todos pensam adivinhal-o desde o primeiro instante, mas quanta subtileza, quanta delicadeza, quanta coisa não se esconde debaixo daquella serenidade simplezinha deante do soffrimento e da vida! Manoel é um curioso do espectaculo quotidiano. E não é só o scenario bem pintado, as mulheres mais bonitas, os personagens centraes que prendem e ferem a attenção delle. O seu olhar vae do «compére» ao bombardino que está aqui em baixo, junto de nós todos, perto de todo mundo, no galpão da orchestra. E muitas vezes esse bombardino humilde, rico somente da sua pobre vaidade de raté e do seu instrumento de segunda mão, interessa muito mais o olhar de Manoel do que o «compére» encasacado dizendo as asneiras brilhantes dos outros. Por isso, quando a *innocencia* começou a ser uma attitude literaria, eu me ri dessa gente que começou a fazer uso della como de camisa quatro em dois. Muito antes della, Manoel fôra beber numa fonte de agua pura — os menininhos pobres, fitando com olhos muito redondos os grandes balõezinhos muito redondos, o filho da lavadeira, um que trabalha na composição do jornal e tosse muito, os adoraveis carvoeirozinhos, as estrellas divinamente distantes, o gessozinho commercial, a touça de bambús sorrindo do delirio geral da matta — beber a sua poesia. A *innocencia* nelle não é uma attitude. Nem é uma conclusão. Nasceu com elle. Faz parte integrante delle. E' força centrifuga na sua poesia. Não lembra São Francisco de Assis, louvando sora luna e le stelle, e sor' acqua, e frate focu, e nostra madre terra, la quale ne sustenta e governa, e produce diversi fructi, con coloriti fiori et herba, e quilli che perdonano, e sora nostra morte corporale, da la quale nullu homo vivente po scapare? E' essa penetração profunda na alma de todas as coisas, essa communhão espiritual intima com ellas, uma especie de sensualidade do espirito, que torna possivel a communicação tão rapida de Manoel Bandeira com o leitor. Gide reclamava na obra de arte o que elle chamou «a parte de Deus». Na Symphonie Pastorale eu vou encontrar um pensamento sobre religião que se applica muito bem ao caso actual. «Il m'apparait — diz o autor de L'Immoraliste — de plus en plus que nombre des notions dont se compose notre foi chrétienne relévent non des paroles du Christ mais des commentaires de Saint Paul». Assim eu fui encontrar em todas essas obras de arte que nos ultimos tempos vêm marcando o cansaço e a monotonia do pensamento humano, não a «parte de Deus», que Gide reclama, mas somente uma pobre e desoladora «parte de homem», sem calembourg. Eu queria sêr, em muitas occasiões, presidente da Republica Universal para baixar este decreto: E' prohibido fazer versos. A arte em geral, para quem se colloca no ponto de vista do espectador intelligente, ás vezes traduz apenas um tedio immortal. Não será uma coisa absolutamente inutil? me pergunto muitas vezes, com o lamentavel Wilde. A belleza não é em nós que ella existe? a belleza não é um conceito? e a belleza não é triste, pelo que ha nella de fragilidade e de incerteza? outras vezes me pergunto com Manoel. Mas o que ha mais torturante nisso tudo é que o proprio Manoel desmente com os seus versos, essa duvida triste. E', então,

que eu comprehendo o reclamo audacioso de André Gide. A «parte de Deus» — eis a arte. O resto não passa — e ai delle! — duma estilisação do professor Theodoro Braga... Na poesia de Manoel descobre-se logo a «parte de Deus». O que ainda não pude descobrir, porque não deve existir, foi a parte do Braga, Ia Deus.

Estudando com carinho a obra de Manoel o que mais se admira nella é a linha serena do seu desenvolvimento. Emquanto a obra dos demais *modernos* se caracterisa por saltos bruscos e mudanças intempestivas de rumo, em Manoel a evolução foi perfeitamente normal. O artista chegou ao encontro de si mesmo por um processo lento e continuado de libertação interior.

Ha na sua obra vestigios dessa luta dolorosa. Luta do homem que tem olhos para vêr e vê. Por isso ninguem mais do que elle mereceu a palma do triumpho, como diria o sr. Coelho Netto. E por isso é que não ha na sua geração artista mais perfeito, no sentido mais amplo desse termo, aliás elastico por si mesmo. E o interessante é que, guiado tão só pela sua intuição admiravel da poesia, Manoel chegou á libertação muito mais cedo do que os outros. Elle é, ninguem pode negar, o precursor da moderna poesia entre nós. Quer quanto ao abandono total das velhas formulas, quer quanto á revisão radical que elle se fez do seu eu interior poetico. Liberdade de forma. Liberdade de fundo. Liberdade de expressão. Liberdade de pensamento. Renuncia das artes poeticas: Poesia. Sentimento maior da sua personalidade atravez da descoberta do sentimento da realidade brasileira: poesia do seu povo, poesia da sua vida quotidiana, Poesia.

A Mata, Na rua do Sabão, Balõesinhos, Berimbau.

Antes, o sonette d'alarme: Menino doente, Os sapos.

Sentindo o seu povo o poeta se sentiu a si mesmo. E basta lêr o Canal do Mangue pra se chegar á conclusão de que Manoel chegou á realidade, que é a vida, por elle proprio, sem nenhum artificio, sem o menor convencionalismo. Elle era o poeta que o Mangue esperava... (Quando o Mangue terá o seu pintor?)

Assim, da observação do graphico da poesia de Manoel Bandeira podemos tirar numerosas conclusões. A primeira — as outras ficam para depois — é que ha uma poesia brasileira. Poesia que veiu de soffrimento em soffrimento, quero dizer de luta em luta pra se libertar, primeira luta contra os «os maganos de Portugal» (Gregorio de Mattos), luta contra a grammatica de Coimbra (Casimiro de Abreu), outras influencias européas fazendo reagir contra a antiga metropole (Alvares de Azevedo, Castro Alves, os parnasianos, os symbolistas), luta contra essas influencias na nova geração (Manoel).

A poesia de Manoel, desde o Desencanto e o soneto a Camões até a sua ultima phase, admiravel, é uma synthese completa da luta longa e dolorosa por essa emancipação.

A historia da poesia brasileira pode ser ensinada com a Cinza das horas, o Carnaval e o Ritmo Dissoluto. Foi Manoel quem fixou essa poesia. E olhem que o sujeitinho ainda vae longe...

JOSÉ CLEMENTE.

DOIS LIVROS

O movimento de publicações em Minas é uma dessas cousas que entristecem sinceramente. São raros os livros editados nessa terra pacatissima em apparencia, mas na verdade cheia das mais graves preoccupações, inclusive as politicas que são as mais absorventes num meio como o nosso, onde se sente por toda a parte a presença irremediavel de todo o mecanismo politico. Nessas condições não ha um refugio recommendavel, nem os nossos intellectuaes sentem a necessidade de realizar um outro destino que não seja o limitado por essa condição actual da nossa vida provinciana.

Entre os ultimos volumes apparecidos por aqui, (imagino que heroismos obscuros foram necessarios para isso!) estão os dois livros: «Bernardo Guimarães» e «Cidade do Sonho e da Melancolia», O primeiro é do Sr. Basilio de Magalhães, e o segundo do Sr. Gilberto de Alencar. Não foi á tôa que eu escolhi esses dois livros. Ambos vêm mostrar a mesma penuria de capacidade critica e criadora. Ambos falsos e sem nenhuma contribuição pessoal. Um vê a figura do autor do «Seminarista» esmagada sob a pressão do lyrismo de toda uma critica ingenua ou confusa, e de uma tradição descorada.

Para o outro «Villa-Rica» é um chromosinho bonito, um *bibelot* a que a poeira e outras cousas incommodas deram um ar quasi religioso. Não sentiu «Villa-Rica». Não andou lá, nem ouviu as vozes subterraneas que falam a linguagem desse passado que vive. Para o sr. Gilberto de Alencar o passado, com os seus factos e as suas figuras, é uma cousa decorativa que a gente deve respeitar com esse cuidado supersticioso dos timidos profissionaes.

Isso apezar delle nos garantir que é necessario que cada um seja de sua época, e que nós não devemos encarar o passado com esse espirito de religiosidade. Não se aventura a arrancar um bloco desse passado, e a fazer com que elle viva de verdade, e tenha um sentido de relação e de integração. Esse sentido grande e bonito que fica e que reunido a outro e a outro, forma essa cadeia formidavel que, sendo um principio de differenciação, vem explicar o nosso momento, o momento actual da nossa sensibilidade, como esse momento actual, por sua vez, ha de explicar os futuros. O sr. Gilberto não soube olhar a sua «cidade do sonho e da melancolia» com os olhos puros, virgens de quem sente

a necessidade de contactos directos com a realidade; de quem, ao contemplar uma paisagem, não procura recordar os que tambem a viram e deram a sua opiniãosinha a respeito. Dos que procuram extrahir dessa realidade o essencial e o caracteristico, nessa sêde de vida que quer ser expressão. E' dos raes para quem a paisagem é um estado de alma, mas um estado de alma por assim dizer officialisado. Imagino aqui, por exemplo, os sustos que o autor desse livro experimentaria se tivesse de viajar em companhia do sr. Alcantara Machado. E' fatal escapar aqui a uma comparação. Entre o estylo «era por uma dessas tardes», ou, então falsamente pomposo do sr. Gilberto de Alencar, e a prosa viva, impressiva do sr. Alcantara. Nem é bem um parallelo entre o escriptor mineiro e o outro. E' mais um confronto entre duas mentalidades, ou melhor ainda, entre a mentalidade de dois momentos inteiramente divorciados da nossa curva intellectual. Absurda essa distancia que se verifica entre as nossas varias camadas espirituaes. Camadas superpostas umas ás outras, com intervallos incriveis. A nossa cultura a esse respeito não nos deixa a mais ligeira esperança quanto a um possivel nivelamento espiritual e cultural para um futuro mais ou menos approximado. Esse nivellamento ha de vir, pois todos nós caminhamos para elle. Porém, muito mais tarde depois dos esforços formidaveis e dos infinitos sacrificios, não de uma, mas de algumas gerações desabusadas. E nesse esforço e nessas tentativas estão todas as possibilidades para que surja o material indispensavel para uma arte que seja «nossa». Esse material tem que surgir mesmo dessa liberdade de tentativas e desse direito bonito que cada um de nós possue de dar expressão á sua sinceridade mais virgem, sem se lembrar de normas e de preconceitos de qualquer especie. Nós ainda não alcançamos aquelle estado de *nivellamento* a que Max Jacob se referiu, um dia, esse estado de nivellamento que admitte e justifica um espirito de classicismo, e que é a média de tendencias, de gostos e de conformações espirituaes. E graças a Deus, porque essa média para nós seria, agora, um mixto de pseudo classicismo, de espirito de academia e de um francezismo manhoso. Essa distancia entre as nossas varias camadas espirituaes é por isso um beneficio estupendo. Os que estão para trás ficaram muito longe para impedir os passos dos que vão abrindo «picadas». Isso é claro. Não embaraçam o passo de ninguem. Gesticulam no vazio, e nada significam para os que estão dentro da nossa maior ou melhor actualidade. Continuam a fazer uns jogos inoffensivos de simples e quieta literatura. (1)

«A Cidade do Sonho e da Melancolia» é dessa maneira um resto dessa literatura de preconceitos, de perspectivas, de rethorica, etc., etc. — De toda essa literatura que andou a estender um véo artificialissimo sobre a claridade secca e viva dos tropicos. Literatura sem côr local, sem sulco na nossa sensibilidade, sem vida e sem penetração. Impressionismo exterior e superficial, porque cheio de preconceitos e com uma barreira compacta daquella literatura tão sonora, coitada! que se interpunha sempre entre o mundo exterior e o nosso espirito, e que provocava essa desproporção activa entre a nossa faculdade receptiva e reflexiva. Não iamos á sensibilidade pela intelligencia, mas dessa para a sensibilidade, por caminhos sinuosos e falsos, porque não eram creados de accordo com a nossa realidade interior. Era preciso ser *assim* e *assado,* obedecer a umas tantas regras preestabelecidas, adoptar tal concepção de belleza, etc. E ser daquelle modo, apezar do divorcio radical entre esse «ser» e as correntes profundas e ignoradas da nossa propria natureza.

O valor maior desse livro chega assim a ser esse: — o de lembrar o erro literario do momento que representa. E, infelizmente um erro que ainda parece fecundo...

Aliás «Cidade do Sonho e da Melancolia» não é a obra de um escriptor: é o livro de um jornalista de talento. Mas de um jornalista apressado. Ora essa! E o livro do sr. B. de Magalhães?

Emilio Moura.

A' MARGEM DA ARTE DE ORICO

A proposito da encantadôra plaquette de Oswaldo Orico — «A arte de esquecer» —, o Sr. Prudente de Moraes, neto, escreveu umas poucas linhas em que julguei lobrigar, entre «boutades» injustificaveis, uma lamentavel incomprehensão do que deve ser a Arte Moderna entre nós. O joven escriptor (que, depois de se haver valido do nome glorioso de Graça Aranha para lançar ao publico nacional a sua revista «Estética»,) desferiu contra o mestre de «Chanaan» insidiosas estocadas, não tem poupado agressões gratuitas e insolitas a Ronald de Carvalho, a Renato de Almeida e a todos quantos, emfim, se me afiguram expoentes authenticos do movimento renovador que se opera presentemente na literatura patria. No apreciar, porém, a obra ultima e primorosamente cinzelada, saida das mãos subtis de Oswaldo Orico, quer se me afigurar que o Sr. Prudente de Moraes. neto, ultrapassou os limites que a nossa tolerancia havia traçado á sua impertinencia. «A arte de esquecer» é, em verdade, um vaso finissimo de faiança que contém essencia das mais puras. O delicado lavôr da fórma exhorna ali o pensamento amavel e desencantado, constituindo uma verdadeira joia literaria, para gôzo dos espiritos enamorados do raro na Belleza. Ao tomar do pequeno volume do meigo cantôr da «Dansa dos Pyrilampos», experimento a impressão que sentia Edmond de Goncourt, contemplando uma jarra de sua admiravel collecção japoneza, assignada por Hokuzaï. Extasio-me ante a concepção da obra d'arte

e ante o engenho de sua execução aprimorada. São momentos de deleite profundo os que passo a mirar-a e a remirar-a. Mas reflicto que, afinal, a preciosidade mesma do objecto de minha admiração vêm a ser o motivo précipuo de sua inaccessibilidade ao paladar commum. O que existia de mais raro e valioso nas vitrines do «grenier» dos Goncourt havia de afigurar-se insôsso ou feio á vulgaridade do temperamento de um visitante ignáro. Assim tambem um licôr centenario, de adéga fidalga, póde parecer insipido ao convidado rude, que lhe não distingue o aroma suave e o subtil sabôr... O Sr. Prudente de Moraes, neto, se acha, ao meu sentir, em situação identica á desses individuos incapazes organicamente de vislumbrar as «nuances» que fazem uma pagina de Paul Geraldy mais bella do que outra do «Diario Official». Todas as finuras de uma obra d'arte verdadeira se lhe escapam e eis ahi a razão de não haver sabido saborear quanto merecem os doces ensinamentos do pequeno livro de Oswaldo Orico.

O mais curioso, quiça o mais insolente, na pseudo-critica desse joven plumitivo, é a convicção que estadeia de ser o movimento moderno um repudio completo á cultura. Descubro, effectivamente, através da algaravia em que elle se ésprime, a idéa ridicula, de que todo escriptor, para ornar-se de titulo de moderno carece de falar em linguagem de cafre, sinão tambem de esquecer tudo o que leu, porventura. Esse ponto de vista abstruso, vejo aliás desposado pelo Sr. Sergio Buarque de Hollanda, que sob a epigraphe inexpressiva de «O lado opposto e outros lados», alinhavou ha pouco um como manifesto literario, tão pretencioso quão destituido de pensamento aproveitavel e onde apenas transparece com clareza o seu máo caracter. Nomes como os de Graça Aranha, Ronald de Carvalho, Guilherme de Almeida, Tristão de Athayde e outros são ahi enxôvalhados, em honra não se sabe de que ideal de sinceridade mal comprehendida.

Por outro lado, o mesmo Sr. Hollanda e o Sr. Prudente de Moraes, neto, dispensam encomios vertiginosos a qualquer troca-tintas, desde que faça parte de sua «côterie» literaria. Um poetazinho mediocre e mellifluo como o Sr. Ribeiro Couto recebe-lhes os applausos que recusam áquellas grandes figuras das letras nacionaes, na hora presente. Outro prosador detestavel, o Sr. Antonio de Alcantara Machado, que deu á publicidade nada mais do que um livréco de chronicas ou de reportagem superficial, faz jús aos elogios do Sr. Rodrigo M. F. de Andrade. Este ultimo, seguindo as pégadas de seus companheiros, ousa mesmo fazer uma sorte de cotejo entre o tal Sr. Alcantara Machado e o saudoso e incomparavel Barrès e leva a impertinencia a ponto de achar mais interessantes as moxinifadas do primeiro do que um capitulo de «Le Voyage de Spart»! Isso, sómente por que o escriba indigeno não possúe reminiscencias literarias, emquanto Barrès era o «aboutissement» de muitos seculos de cultura... Como se vê, é sempre aquella these odiosa e grotesca da necessidade da ignorancia, da salvação pela ignorancia, da glorificação da ignorancia!

A mim, se me afigura profundamente lamentavel que uma publicação, com as tradições da «Revista do Brasil», que já foi dirigida por um talento vigoroso como Monteiro Lobato e hoje ainda se acha confiada a altos espiritos como os de Pandiá Calogeras, Afranio Peixoto, Alfredo Pujol e Plinio Barreto, dê acolhida, em suas columnas, a babozeiras daquella ordem.

Esmeraldino Olympio.

SPORTS

CAMPEONATO DE TENNIS EM DISPUTA DA «TAÇA MITRE»

Ricardo Pernambuco, a primeira raquete brasileira, não é um jogador que pratica o tennis com mestria e mais nada; elle é além disso um tennista que estuda criteriosamente o seu esporte predilecto. Possuidor de um gráu de observação muito apurado não perde elle occasião para aprender e ir assim se aperfeiçoando nos menores detalhes exigidos por esse difficil jogo. Graças a isso á sua perseverança, é elle hoje considerado a maior autoridade sobre tennis no paiz, onde mantêm ha varios annos o titulo de campeão absoluto, sendo sempre o indicado «hors concours» para nos representar no estrangeiro.

Como vem de ser disputada recentemente a «Taça Mitre» em Buenos Ayres, a «*Revista do Brasil*» achou opportuno entrevistal-o.

Muito modesto quando se falava na sua pessôa, disse-nos amavelmente o campeão brasileiro as suas impressões que vamos reproduzir:

«— Volto encantado de Buenos Ayres. A «Associação Argentina de Tennis» foi de uma extrema amabilidade comnosco. Fomos tratados da maneira a mais captivante. Todas as palavras de agradecimentos seriam poucas tendo-se em vista o que fizeram por nós os seus directores. Fomos alvo permanentemente de gentilezas inesqueciveis e foram verdadeiramente adoraveis os 15 dias que lá passámos, cercados de todas as commodidades e do mais completo conforto. Eu desejaria que pudessemos retribuir essas deferencias, mais isso é mate-

rialmente impossivel, pois o nosso tennis em relação ao argentino é ainda muito creança, não tendo publico para sustentar emprehendimentos desse vulto. Hoje o tennis na Argentina é um esporte divulgadissimo, possuindo installações formidaveis e sendo tratado com muito desvêlo. Ha muitos clubs só de tennis, com enorme numero de quadras com as dependencias as mais completas e modernas que se podem desejar. Para se ter uma idéa do que é o tennis lá, basta dizer que foi construido especialmente para os jogos que acabamos de disputar, um stadium com capacidade para 3.000 pessoas! Muito concorre tambem para esse desenvolvimento a grande propaganda feita pelos jornaes. Diarios como «La Prensa» e «La Nacion» dedicam paginas inteiras a esse esporte, e as revistas illustradas mantêm uma ampla reportagem photographica.

— «E a nossa figura no campeonato?

— Muito bôa. O presidente da Associação Argentina mostrou-se muito bem impressionado e nos fez os maiores elogios. Se não fosse a nossa pouca sorte creio que o resultado não teria sido esse. Tivemos contra nós o frio tambem, pois habituados a jogar com temperatura de 28º ou mais, lá jogamos com menos de 20º, obrigando-nos a não tirar o «sweater» principalmente a mim que sou muito sensivel ao frio. Não quero dizer com isso que os argentinos não merecessem a victoria. Ao contrario, reconheço a superioridade d'elles principalmente a de Robson, o seu melhor jogador, que está um ponto acima de qualquer dos nossos. Esse é de facto um grande jogador. O seu jogo de rêde é formidavel, e elle se colloca de modo que, como me disse um tennista uruguayo, a gente tem a impressão de estar deante d'uma montanha. A sua posição durante o jogo é sempre na linha de serviço afastando-se para o fundo da quadra muito raramente. E' a collocação mais difficil em «singles» e elle consegue mantêl-a galhardamente. O «team argentino melhorou muito com a participação que teve nos grandes jogos internacionaes inclusive na «Taça Davis». Aliás é esse o unico meio de se poder fazer progressos depois de se ter chegado a um certo aperfeiçoamento, principalmente para nós brasileiros, que temos para o tennis um campo de acção muito limitado. Lucrariamos immenso, pois o que precisamos é jogar com gente que joga mais do que nós, para, depois de habituados, então betal-os.

— Acha que o conseguiriamos?

— Porque não? Está claro que não seria logo no 1.º anno, mas depois de termos tomado contacto com elles diversas vezes e aprendido bem as lições. Optimos tennistas com todos os requisitos exigidos não nos faltam; seria uma questão de perseverança e habito dos grandes jogos.

— Que tal a actuação dos seus companheiros?

— Jogaram muito, tanto Erasmo como Prechel. Quanto á derrota de Erasmo Assumpção por Moréa, não ha explicação technica possivel; elle jogou mais e muito melhor que seu adversario, dominando-o durante todo o jogo; perdeu, segundo opinião de varias autoridades no assumpto, que assistiam a peleja ao meu lado, só por capricho da sorte. Prechel no jogo de duplas foi o melhor jogador na quadra; essa opinião foi unanime em Buenos Ayres. Esteve magnifico, excedeu-se a si proprio, demonstrando qualidades de grande campeão; é um jogador ideal para duplas.

— Entretanto perdemos de 5 x 0?

— Esse «score» não representa nem uma pallida idéa do que foram os jogos. Foram renhidissimos. Tivemos a nossa actuação muito prejudicada pela quadra, cujo chão molle e pegajoso, estampando profundamente todos os signaes das pizadas, muito influia no pulo da bola, que tinha frequentemente uma direcção inesperada e era muito amortecido, o que nos desorientava frequentemente. O chão molle, além de fazer uma differença de 10 cent. na altura do pulo da bola, influiu muito quanto á nossa ligeireza, pois o chão das nossas quadras facilita a corrida por ser duro, ao passo que nas de lá dá-se o contrario, tornando-nos lerdos. O jogo que tive com Moréa eu teria ganho, como de facto o estava ganhando; mas quando me faltava só uma jogada, no ultimo «set» da partida que eu vencia por 5 x 2, sobreveiu-me uma caimbra nos joelhos que me obrigou a baquear completamente. Para essa caimbra fatidica não pude até hoje achar uma explicação, pois poucas vezes tenho me preparado tão bem como para essa competição. Tinha absoluta confiança nas minhas condições physicas e estava muito treinado; mas foi o destino quem determinou..., todos, principalmente os «sportsmen», estamos sujeitos a esses maus dias.

A minha partida com Robson foi das mais difficeis e disputadissima e pelo movimento technico publicado pelos jornaes de B. Ayres vê-se que a minha actuação foi superior á d'elle.

— Pernambuco mostra-nos então as noticias de diversos jornaes com o movimento technico da partida nos quaes se vê effectivamente que Robson teve sua victoria assegurada, devido aos pontos que fez por jogadas em que Pernambuco falhava e não por pontos feitos por serem indefensaveis ou directos, tendo-se dado o contrario com Pernnambuco que a maioria dos pontos que conseguiu foram directos, emquanto Robson, que não via nada de estranho, no chão nem nos pulos da bola, acertava muito maior numero de jogadas.

— Como se vê, foi uma competição que podiamos ter perdido só por 3 x 2 ou com um pouco de sorte mesmo ter vencido. Tenho, porém, muitas esperanças nos meus companheiros e mesmo alguma em mim para o anno proximo. O que precisamos é bater-nos mais frequentemente com estrangeiros e facilitar a vinda delles para cá, tanto amadores como profissionaes, para então com mais um pouco de constancia dos nossos tennistas e bôa vontade dos poderes competentes tornarmo-nos muito em breve campeões sul americanos desse esporte e detentores da «Taça Mitre».

P. Sampaio.

A QUINZENA

O CONDE DE FROLA

Não se póde negar ao episodio do Conde de Frola um pedaço das honras da quinzena. E um bom pedaço com que se regalou a imprensa, debatendo o estranho caso de variados pontos de vista.

Obedecendo ás instrucções do duce de Roma, o governo do Brasil impediu que desembarcasse, no Rio, aquelle jornalista e parlamentar italiano, mandando, ao mesmo tempo, conserval-o sob vigilancia recommendada de Roma, onde aquelle cavalheiro é considerado perigoso inimigo da ordem... dictatorial.

Apesar de todas as meticulosas cautelas, aquelle hospede, indesejavel para o governo e o seu jornalismo, por conta do fascismo, logrou desembaraçar-se da trapalhada em que o envolveram e refugiar-se na hospitalidade do povo brasileiro, de todo estranho aos rigores do poder publico e nada ligando á questão de saber se aquelle a quem abria os braços, compatriota do seu tradicional amigo Garibaldi ia ou não á missa do Sr. Mussolini.

Posto o Conde fóra do alcance dos esbirros do Itamaraty, entraram as folhas patrioticas, — as taes que vendem a consciencia, mas que tambem não ha quem compre pelos 200 réis que custam — entraram a bradar, dando alarma e chamando vingança contra tamanho desacato á soberania nacional.

O dito desacato era não se ter deixado o conde de Frola ficar quieto, á disposição dos seus perseguidores patricios, seguro pela policia brasileira, á espera do que se seguisse.

E quem sabe lá o que se poderia seguir? Os precedentes bem podiam autorisar as mais sinistras espectativas, bem sabendo o detido por esperiencia observada *in loco* quanto poderia esperar, uma vez a mercê da autoridade do seu paiz ou, por ordem desta, da autoridade deste nosso, singularmente soberano e originalissimo no conceito de soberania do seu Governo e da imprensa ás ordens deste.

Pelo sim, pelo não, o melhor seria não arriscar... Assim como houve uma chancellaria que se fizesse beleguim, para detêl-o, nada impedia que a mesma se prestasse a applicar-lhe a therapeutica, ultima creação preconisada, do oleo de ricino.

Nisso de servir aos amigos o bonito é não haver limite e sempre, sendo possivel, dar mais do que elles pedem. Pedindo ao nosso que lhe desse ajuda contra esse adversario, no parlamento e na imprensa, o Governo de Roma terá sido talvez commedido e discreto, receioso mesmo de não ser attingido. Diante, porém, da bôa vontade com que a chancellaria brasileira prestou-se ás primeiras diligencias, razão não havia mais para cerimonias. Era ir ás do cabo e entrou o detido em... tratamento.

Tudo isso terá perfeitamente antevisto o Conde de Frola, que fez muito bem appellando do Governo para o povo brasileiro.

Para uso tanto das fabricas como das residencias

COKE

O melhor e mais economico combustivel (Quando V. V. S. S. não podem usar o gaz)

SOCIÉTÉ ANONYME DU GAZ DE RIO DE JANEIRO

COKE

O Combustivel economico — Typos proprios para FUNDIÇÔES, INDUSTRIAS, FABRICA, FORJAS, CALDEIRAS, FORNOS, COSINHAS, ETC. ETC.

Informações e pedidos

Rua Marechal Floriano N.° 168

Caixa Postal 571 — : — Telephone Norte 4040-Ramal 278

«Se quizerdes ser rico, ou permanecer rico,
lêde Henry Ford».

ARTHUR BRISBANE.

Minha vida e minha obra

por HENRY FORD, de collaboração com SAMUEL CROWTHER
Nova traducção de MONTEIRO LOBATO

Saido em 1922 acha-se este grande livro transladado para o allemão, francez, finlandez, italiano, hollandez, polaco, russo, sueco, dinamarquez, tchecoslovaquo, hungaro, hespanhol e arabe, sommando as varias edições mais de dois milhões de exemplares, Henry Ford produziu uma das mais significativas obras desta geração. — (THE CENTURY).

A sensação deste livro é menos de um livro escripto do que de um homem que se sentá deante de nós e conversa com facilidade, em tom impessoal, acerca da sua vida, das idéas que o nortearam, dos principios em que baseou o seu trabalho e da convicção que o anima sobre os effeitos da efficiencia na felicidade humana. — (NEW YORK TIMES).

Henry Ford revelou-se neste livro a mais alta individualidade america da sua geração. — (THE ATLANTIQUE MONTH).

Considero um dever meu para com o publico attrair a attenção de todo o mundo para este grande livro. — (EDWARD A. FILENE, em THE NATION).

E' o grande livro de um grande homem. — (ROBERTO BLATCHFORD).

EM TODAS AS LIVRARIAS — PREÇO: 4$000

COMPANHIA EDITORA NACIONAL

RUA DOS GUSMÕES, 33 — S. PAULO

SALVE NATAL 1926

Como nos annos anteriores: para commemorar as tradicionaes

FESTAS DO NATAL

a Cia. de Loterias Nacionaes do Brasil, concessionaria das Populares

Loterias da Capital Federal

extrahirá SABBADO 18 de Dezembro proximo

A MAIOR LOTERIA DO ANNO

PREMIO MAIOR

500:000$000

INTEGRAES

destribue 6.380 premios no total de Rs.

1.440:000$000

Os bilhetes encontram-se á venda em toda parte.

F. DE SIQUEIRA & CIA., LTDA.

ENGENHEIROS EMPREITEIROS

Importadores de materiaes dos seguintes fabricantes:

S. A. DES USINES A' TUBES DE LA MEUSE. (Flémalle-Haute, Belgica) — Postes de aço e tubos de aço e ferro galvanizado.

W. & P. MAC LELLAN, Ltd. (Glasgow, GrãBretanha) — Machinas e ferramentas.

GWYNES ENGINEERING C. Ltd. (Londres, Hammersmith, Inglaterra) — Bombas hydraulicas.

DALIMIER & CIA. (clessin, Belgica) — Balanças para Estradas de Ferro e outros misteres.

S. A. JOHN COCKERILL (Seraing, Belgica) — Locomotivas, trilhos, pontes, chapas de aço, vigas e superstructuras metallicas.

LONDON CONCRETE MACHINERY Co. — London — Canadá — Betoneiras e todas as machinas para concreto.

CARBO — LASTIC, novo material para cobertura de telhados, vagões de estradas de ferro, bonds, etc.

ESTUDOS COMPLETOS E PROJECTOS

ESCRIPTORIOS: Rua General Camara, 56 — Tel. Norte 5177-2830 — RIO DE JANEIRO; Rua BOA VISTA, 16 — Tel. Central 5660 — S. PAULO; Agencia em PORTO ALEGRE. — Endereço Telegraphico: CASIQUE.

Companhia Constructora de Santos

Capital. . . . . 3.000:000$000

Fundo de Reserva. . . . 3.000:000$000

S. Paulo

Rua Boa Vista n. 5

(Palacete Palmares)

Endereço Tlegraphico; "CONSTRUCTO" — Caixa Postal n. 3008 — Telephone : Central, 3860

(Rêde particular ligando dependencias)

SANTOS

Praça Mauá, 25

Caixa Postal 222 — End. Teleg.: «Constructo» — Telep.: Cent. 259

RIO DE JANEIRO

Rua Sachet, 27

Caixa Postal 607 — End. Teleg.: «Constructo» — Telep.: Norte 6126

ESCRIPTORIO TECHNICO

ENGENHEIROS — ARCHITECTOS — CONSTRUCTORES

Estudos — Ante-projectos — Projectos detalhados — Orçamentos completos — Execução de obras por empreitada e administração — Habitações de luxo e economicas — Predios para renda — Hoteis — Theatros — Hospitaes — Escolas — Fabricas, etc.

CONSTRUCÇÕES EM CIMENTO ARMADO

Saneamento e abastecimento de agua — Poços artezianos — Estradas de ferro e de rodagem — Calçamentos

ESCRIPTORIO COMMERCIAL

Venda, deposito e importação de materiaes de construcção — Azulejos de louça — Ladrilhos ceramicos — Tijolos refractarios — Telhas — Cal — Cimento — Madeiras — Pedras — Vidros — Ferragens — Chapas — Vigas para construcção — Artigos sanitarios — Tubos de ferro para agua e gaz — Material de cimento armado e para pintura — Fios de cobre para electricidade, etc.

Officina de serraria, carpintaria, mecanica e fundição, britador — Grande fabrica de ladrilhos e manilhas de cimento — Agencias de compras em Londres, Hamburgo e Nova York — Serviço de despacho para o interior

LOJA:

R. 3 de Dezembro n. 16

(Antiga Rua Boa Vista)

Telephone: Central, 3860

DEPOSITO:

R. Mello Barreto n. 86

(Travessa da Av. Rangel Pestana)

Telephone: Braz, 2317

DESVIO (chave na S. P. R.) — Avenida Rudge n. 5 (Bom Retiro)

Cruzwaldina

Acreditado Desinfectante fabricado pela

Societé Anonyme du Gaz de Rio de Janeiro

Com vinte annos de ininterrupto successo

Medalha de Ouro na Exposição Nacional de 1908

O mais popular de todos os desinfectantes

REVISTA DO BRASIL

PUBLICAÇÃO QUINZENAL

DIRECTORES

PANDIÁ CALOGERAS, AFRANIO PEIXOTO,
ALFREDO PUJOL e PLINIO BARRETO

REDACTOR-CHEFE

RODRIGO M. F. DE ANDRADE

Redacção e adm. — Rua Rodrigo Silva, 14. 1º

NESTE NUMERO:

Correspondencia inédita de Olavo Bilac
O nosso problema militar — Pedro Cavalcante
Poemas de Manuel Bandeira
Recordações de Dona Quiteria — João Ribeiro
Inéditos de Junqueira Freire
Judas e Christo — Edmundo Lys
O Banho — Ribeiro Couto
Educação Sentimental — Alvaro Moreyra
Resposta a Manuel Bandeira — João Alphonsus

Notas por Antonio de Alcantara Machado, Affonso Arinos (sobrinho), Manuel Bandeira, Prudente de Moraes, neto, Rodrigo M. F. de Andrade, Augusto Schmidt e Hannibal.

ANNO I — NUMERO 5 — 15 — NOVEMBRO — 1926 — RIO DE JANEIRO

Já se encontra á venda nas livrarias do Rio de Janeiro e de São Paulo o livro que sobre a

Presidencia Bernardes

Intitulado

TERRA DESHUMANA

(A vocação Revolucionaria do Presidente Arthur Bernardes)

escreveu ha tres mezes, em Campos de Jordão, durante uma villegiatura que ali fez, o sr.

Assis Chateaubriand

O director do O JORNAL, naquellas montanhas suaves da terra paulista, meditou e escreveu sobre a personalidade complexa do actual presidente da Republica um ensaio sereno, sem qualquer eiva de paixão partidaria, como se estivesse recuado meio seculo do scenario dramatico dos dias actuaes da nacionalidade. Elle propoz-se fazer um estudo de pura substancia psychologica, com absoluta imparcialidade, procurando collocar-se fóra do ambiente esteril das facções para analysar as qualidades, os defeitos, as acções de alcance collectivo e os erros do homem que encheu o quadriennio de 1922-1926, da sua rispida e indomavel individualidade.

Tomando a acção publica do actual presidente, desde que elle se estreou como jornalista no hebdomadario da zona da Matta, denominado «A Cidade da Viçosa», até a sua derradeira grande campanha, que vem de encerrar victoriosamente: a da revisão constitucional, — o sr. Assis Chateaubriand projecta visadas sobre os aspectos mais interessantes do homem de governo que, por tantos titulos, será objecto, no futuro, de debates os mais vivos dos historiadores da quadra atormentada que acaba de atravessar o Brasil.

O Caraça, o famoso collegio, onde se educou o sr. Arthur Bernardes, com a tradição de severa e inflexivel disciplina, é objecto de um quadro que, por certo, ajudará por muito a explicar a formação mental do presidente com a ductil e rija vontade, que distinge todos os seus actos.

Revista do Brasil

ANNO I —— RIO DE JANEIRO, 15 DE NOVEMBRO DE 1926 —— NUMERO 5

SUMMARIO

Politica
Correspondencia inédita de Olavo Bilac.
O nosso problema militar — Pedro Cavalcante.
Poemas de Manuel Bandeira (em fac-simile).
Recordações de Dona Quiteria — João Ribeiro.
Inéditos de Junqueira Freire.
Judas e Christo — Edmundo Lys.
O banho — Ribeiro Couto.
Educação Sentimental — Alvaro Moreyra.
Resposta a Manuel Bandeira — João Alphonsus.
Theatro e Musica — Antonio de Alcantara Machado e M. B.
Literatura — Affonso Arinos (Sobrinho), Manuel Bandeira, Antonio de Alcantara Machado, Prudente de Moraes, neto, Rodrigo M. F. de Andrade e Augusto Schmidt.
A Quinzena.

POLITICA

A vocação messianica do Snr. Arthur Bernardes se revelou de forma estupenda no telegramma circular que expediu aos presidentes e governadores dos Estados, poucos dias antes de expirar o seu mandato. Ella já se havia mostrado muitas vezes, nas varias opportunidades em que o Chefe do Estado se dirigiu á nação, por via de manifestos e discursos, no decorrer destes ultimos e tumultuosos quatro annos. Póde-se mesmo dizer que a todas as orações e epistolas politicas do Snr. Bernardes se applicaria com justeza o epitheto de *illuminações,* tirado do titulo do livro de Rimbaud. Desde a apresentação de sua candidatura até hoje, elle só falou possuido da idéa de sua predestinação evangelisadôra.

No alludido telegramma, porém, o chefe do governo que hoje finda poz um tom dramatico que ultrapassou todas as mensagens, manifestos e discursos feitos anteriormente. Não contente de haver salvo do opprobio os brasileiros contemporaneos, elle emprehendeu resguardar para os cidadãos prestantes de amanhã uma éra politica tão dignificante quanto a que iniciou no seu governo. E semeou a bôa semente, por telegramma.

♣ ♣ ♣

Os testamentos politicos, em que os governos que estão a expirar galardoam e premeiam as dedicações e os bons serviços prestados pelos amigos leaes, tiveram no regimen republicano uma larga e generosa evolução que, no actual momento, chegou á sua etapa culminante. Tempo houve em que os presidentes e os seus altos auxiliares limitavam-se, para demonstrar a sua gratidão aos amigos, a guardar os cargos que se iam vagando nas proximidades da terminação do mandato, afim de doal-os aos seus escolhidos. Hoje, porém, as cousas se modificaram. Ou porque a generosidade dos doadores cresceu, ou porque a massa das dedicações com direito a premio avultou, o facto é que actualmente não ha vagas que cheguem para as necessidades. E como não ha, o remedio é creal-as, embora para isso seja preciso attentar contra as instituições, contra as leis, contra os principios da moral. É como no tempo de guerra em que nada está seguro, nem Deus no altar, como dizia Vieira... A questão é engendrar cargos para nelles encaixar os amigos e, deante deste alto interesse, tudo mais perde a importancia. Desta vez nem a magistratura escapou. Mas, em compensação, numerosissimos cidadãos estão com a vida assegurada por muitos annos e bons.

A Republica faz annos hoje e estas notas de politica nacional, ou crioula, faltariam ao mais sagrado dever, etc. e tal.

Sim; lá porque a sorte não lhe tenha sido propicia e não possa a anniversariante gabar-se muito das suas prendas e da vida que tem levado, desde que saiu da adolescencia, não é motivo para que se lhe não apresentem as devidas congratulações. Aqui, pois, as nossas deixamos, mui cordiaes, de envolta com as salvas e luminarias, entre bandeiras palpitantes, notas de fanfarras estridentes de jubilo, misturadas ás vistosas grinaldas patrioticas de flôres de rhetorica e de outras flores, se houver.

De pé, cabeça ao tempo e mão no peito, deixemos que nos penetrem, de alma a dentro, as gloriosas notas do hymno, penetrando-nos, a seguir, todos os escaninhos da alma e ahi instilando os seus calidos efluvios de enthusiasmo patriotico.

Viva a Republica e, com a Republica, viva, egualmente, o novo governo que se inaugura, para a continuação da sua felicidade e em continuação de todas as que antes vieram e todas para esse mesmissimo e unico fim.

Este anniversario das instituições republicanas e da democracia nellas promettida é, com ser advento de governo para um novo periodo presidencial, mais particularmente festivo e mais deveras festejado. Poderá haver quem, de pouca memoria ou de alma esteril, possa se esquecer de estar hoje, radiante de alegria, em pleno regosijo, festejando os 36 annos que completa o regimem; que não festeje o governo que sóbe, que esqueça, que não sinta, com este 15 de novembro, as emoções de uma madrugada de oiro e rosa, isso é que não; não ha ninguem.

Devidamente embandeiradas, portanto, estas mal traçadas, mas muito commovidas regras, procuram exprimir, juntamente com o jubilo pelo dia natal da Republica, o enthusiasmo com que applaudem e, desde já admiram, o governo deste quatriennio que começa, era nova e feliz da historia patria, segundo todas as promessas e algumas esperanças.

Em côro com a convicção geral, não hesitamos proclamar que, melhor do que o governo que sóbe só o que subir... daqui a quatro annos.

* * *

O boato alarmante foi abundantissimo, como era de prever, nesta ultima quinzena de periodo presidencial, quadra particularmente propicia a esse curioso sport. Sómente, desta vez, o boato alarmante deve ter sentido o feitiço virar contra o feiticeiro e elle, boato, é que se ha de ter alarmado, a valer.

E não era para menos. Imaginem que a imprensa conservadora e patriotica, columna mestra da ordem e da legalidade, perdendo a paciencia, a sadia e bem repousada paciencia da boa digestão, exacerbou-se contra o boato, apontou o scelerado aos rigores da policia, ameaçando-o com as penas mais terriveis, a começar pela de lingua cortada. Tratando-se de boato e de boateiro é esse o castigo por excellencia. A forca é contra indicada, visto que estende e augmenta a lingua dos faladores.

Apesar de denunciado, ameaçado e apontado á execração pelo jornalismo intransigente e imperterrito na defesa da moral e dos bons costumes, o boato, teimoso e recalcitrante, insistiu e, como estimulo pelo acicate da boa imprensa, redobrou de fecundidade, entrou a soprar mais forte e a zumbir mais alto, subindo do ciciar ao marulho e, sempre em crescendo, chegou a roncar por todas as suas trompas de paz e de guerra.

Mercê de Deus, no tocante a máos presagios, parece que podemos estar tranquillos e o boato limpar as mãos á parede. Nada de tudo quanto annunciou, fazendo andar a gente com o credo na bocca, todos estes dias mais proximos de hoje, o grande dia da passagem do fitão e do pennacho.

Quanto ao resto, a um bandão de coisas graves, que o boato viu e descreveu, com côres de arrepiar cabello e carne, passados por todos estes Brasis, é como se tudo não passasse de mentira, mesmo que tudo fosse verdade, desde que não tiveram consequencia...

Contentem-se os boateiros com o susto que pregaram, e não foi pequeno, e a imprensa conservadora e patriotica que suspenda a sua santa e furiosa colera.

CORRESPONDENCIA INEDITA DE OLAVO BILAC

A AFFONSO ARINOS

Ouro Preto, 14 de Janeiro de 1894.

Meu caro Affonso, duque soberano e senhor de m.ª estima.

Valete, domine! Não sei se esta carta ainda o encontrará ahi. Deus permitta que não, porque as saudades por aqui já vão sendo intoleraveis: falta-nos a bella prosa da *garçonnière,* falta-nos Iron Tonic Beer, e mais do que tudo, falta-nos o nosso bello Affonso. Do Morro da Forca ao Cruseiro do Padre Faria, e do morro de S. Sebastião ao alto do Itacolomy, todos os olhos femininos andam encharcados de lagrimas de saudade por sua causa, maroto! (Perdôe vmcê.).

Recebi a sua carta hoje. O enigma final foi logo comprehendido por todos nós, que a lemos em sessão solemne eu, o duque de Saporta, o conde de Bretas, o marquez de Faria Alvim, o baronnet Alvares, e outros preclaros luminares da nossa roda, descendentes, como nós, das mais velhas familias do mundo. Ficou resolvido por todos que lhe escrevesse eu, meu caro e nobre duque, pedindo-lhe que volva quanto antes ao solar abandonado. Os *schrapuells* demagogicos e as granadas republicanas podem profanar com o seu contacto impuro e fatal esse bello corpo apollineo, que queremos são e rijo, para Gloria maior das altas casas dos Mello Franco e dos Py y Camacho. Não retarde vmcê., muy presado senhor da minha particular amizade, a hora, entre todas abençoada, em que poderemos apertar nos braços esses gloriosos ossos em que medra a moella dos primeiros Cruzados.

Que noticias darey a vmcê. destes Reynos e dos amigos e eguaes nossos? A vida aqui está estagnada, sem a vivacidade e o fulgor de vmcê. O conde de Bretas fez annos hoje: fui ao seu solar do Bobadella levar-lhe as saudações do meu amor. O duque de Saporte continúa (mal de mim!) a soffrer dos achaques que vmcê. já lhe conhece, e que as más lingoas plebéas d'aqui attribuem a alcoolismo chronico: esses achaques e mais os outros (os de calembourgs) aborrecem-me extremamente; mas, tenho fé que, em chegando vmcê. a q. D. g. p. m. a., os seus bons conselhos o obriguem a ir com menos sede e menos frequencia ao póte da laranginha e dos trocadilhos. Tambem do baronnet Alvares têm de ser más, desgraçadamente, as noticias. Esquecido dos deveres que lhe impõem a sua alta linhagem e o vivo renome dos seus maiores, metteu-se a poeta e deu á estampa um livro de versalhadas. Ponderei-lhe em vão que isto de andar com o nome por debaixo de cousas, pelas gazetas, é arte de advenas de sangue agoado e bobos de côrte; disse-lhe mais, tambem em vão, que a maior gloria de que se póde jactar um fidalgo de tão nobre estirpe, (como a de vmcê., a d'elle, e, graças a Deus, a minha), é a gloria de não saber ler nem escrever, — officios bons para clerigos e licenciados que não para duques. Tudo em vão! valha-me a Providencia Divina, já que de outra valia me não posso soccorrer! — O duque de Riancho de Camarim Camarato Camarote y Bellotas de S. Thomé de Riba acima ganhou outro concurso daquelles exercicios escabrosos: dado como elle é a essas cavallarias altas e pórcas (com perdão de vmcê.) não me espantou o triumpho: só me espanta a rigidez que elle conserva e a perseverança com que se atira aos sitios exquisitos. Da outra parte menos illustre da nobreza daqui, nada escreverei, senhor meu, porque o tino que Deus me deu não ha de ser empregado em tratar de ralé e vil canalha. Poraqui me fico, porque se bem me sóbre a vontade de prolongar a confabulação com tão preciosa pessoa, falta-me o tempo e mingoa-me o papel para isso. Já que farte roubei o tempo de vmcê. Basta. Venha quanto antes, senhor meu: porque, em verdade, lhe digo que se a amizade é flôr que nasce por si no quintal do coração, a ausencia não é a agoa melhor com que se deva regal-a. Aqui me deixo á disposição de vmcê., para o que fôr servido ordenar-

me. Deus guarde a vmcê. por muitos annos e bons.

Villa Rica, em 14 de janeiro de 1720.

(Assignado de cruz)

DUQUE DOS GUIMARÃES (OLAVO).

♣ ♣ ♣

A RODRIGO BRETAS DE ANDRADE

Meu caro Rodrigo,

Se sómente hoje te escrevo, é que sómente hoje tenho calma para tratar da inqualificavel infamia e da ignobil affronta de que fui victima. Sinto que hoje mesmo, apezar da amizade que te dedico e apezar do muito que te devo, não posso medir as minhas palavras, de nada a evitar que ellas offendam o teu melindre de ouro-pretano. Põe-te no meu caso, e imagina. Vê que decepção a minha: acreditava eu no que me haviam dito da hospitalidade, da bravura, da generosidade do povo de Ouro Preto; fiz a esse povo, em bem, o que pude fazer; não me péza na consciencia a recordação de uma unica incivilidade praticada por mim, durante o tempo em que ahi estive.

E, de repente, quando menos pensava, vi que esse povo heroico, esse povo hospitaleiro, esse povo generoso, tinha no seu seio mais de mil covardes, mais de mil imbecis capazes de fazer o que me fizeram. Tudo isto é tão torpe, tão pequenino, tão miseravel, que se não me alentasse o desejo que tenho de me vingar, já teria, n'um minuto de nausea suprema, enterrado uma bala na cabeça.

A *Folha* de Barbacena, injuriando-me, com uma crueldade que o seu director me ha de pagar com capital e juros, affirmou hontem que o velho, chefe de uma familia de covardes, se havia suicidado. Para esclarecer esse caso, de modo a poder pautar o meu procedimento pelo que exigirem de mim as circumstancias, requisitei hoje, por intermedio da delegacia de policia d'aqui, officialmente, da delegacia de policia de Viçosa, informação telegraphica, confirmando ou aniquillando o boato. Hoje mesmo devo receber a resposta. Obtida ella, começarei a ajustar contas.

Emfim, não foi para te dar essas explicações que deliberei escrever-te.

O que eu queria era agradecer-te, com abundancia de coração, o muito que fizeste por mim. Não me conhecias quasi, e fizeste o que não fizeram outros em cuja amizade velha eu acreditava.

Pagar-te-ei, (se é que essas cousas se pagam) com uma gratidão eterna. Dispõe de mim e ama-me. Não me julgues por o que te disseram de mim, nem por o que os meus desequilibrios revelarem. Não me desestime, só porque me vejas insultado e fugitivo. Verás que não sou homem capaz de deixar insultos sem castigo, nem affrontas sem vingança. Adeus.

Abraço-te o todo teu,

Mto. amigo e mto. grato

OLAVO BILAC.

Juiz de Fóra, 26-2-9.

□ □ □

A MARIO DE ALENCAR

Botafogo, 4 dezembro 1895.

Meu querido Mario.

Não pude assistir ao teu casamento, e ver o inicio de uma felicidade que adivinho perpetua e completa. Mas acredita que nas felicitações, que d'aqui te mando, ponho todo o meu coração de amigo velho e leal. Que valem palavras? tu bem sabes como amo o teu talento, o teu caracter, e, mais que tudo, a tua larga e seductora bondade. Abraço-te como um irmão, a quem quero ver sempre cheio de ventura e de gloria. Peço-te que apresentes as minhas homenagens á tua Senhora, a quem todos os teus amigos devem agradecer a luz que o seu amor trouxe á tua vida. Conserva-me sempre um pouco da tua amizade, que tão cara me é, crê na sinceridade e na inalteravel estima com que te abraça e beija o teu, companheiro fiel.

OLAVO BILAC.

□ □ □

Rio, 12-Abril-1911.

Meu caro Mario.

Vae ser publicada em Turim, durante a Exposição, uma REVISTA DO BRASIL, em italiano. Para ella estamos Souza Bandeira e eu colhendo material. Cada nome de autor será acompanhado de uma nota biobliographica. Dá-me qualquer cousa tua para essa REVISTA, — *em prosa,* qualquer cousa de critica, ou de costumes, ou de imaginação.

Parto para a Europa no proximo dia 19. Se não me mandares a tua bella prosa até essa data,

— endereça-a para Paris, Consulado do Brasil, 51, rue Cambon.

Abraça-te affectuosamente o velho am.º admirador

BILAC.

279, Larangeiras.

◆ ◆ ◆

14 set.º 1912.

Meu caro Mario. Recebi hontem o seu livro, e parto hoje para Europa; posso apenas mandar a V. algumas linhas curtas. Vou ler o livro, e hei-de lel-o e amal-o como tudo quanto sae do seu bello espirito e do seu bello coração.

Muito, muitissimo grato pelas amaveis e carinhosas palavras da sua carta de hontem, meu caro Mario; V. saiba sempre que sempre o admiro e estimo.

A minha ausencia será curta. O meu medico aconselha-me uma cura de mar, — como repouso para a convalescença (?) depois da grave doença em que beixei o buraco da Sombra.

— Deixei em mão do Souza Bandeira o meu voto para a eleição de hoje. Muitos abraços do velho admirador amigo

BILAC.

o o o

A DOMICIO DA GAMA

Meu illustre e caro amigo.

Tenho o prazer de lhe apresentar o meu amigo Dr. Claudio de Souza Junior, um moço distinctissimo, medico, e jornalista de talento. O Claudio vae entrar em concurso para o cargo de secretario de legação, — e desejava conhecer pessoalmente o amavel e eminente homem de lettras, que o glorioso barão do Rio Branco tem ao seu lado como principal auxiliar. Encarregando-me de fazer a apresentação, não me vejo na obrigação de gastar palavras: — o Claudio recommenda-se por si mesmo, pelo seu valor intellectual.

Creia, meu illustre confrade, na admiração e na amizade do seu

OLAVO BILAC.

29. novembro 1903.

o o o

Paris, 22-bd. des Italiens, 11 agosto.

Meu caro Domicio. O homem põe, e o trabalho dispõe. Fracassou o meu projecto de ficar por aqui. Parto para o Brasil no dia 26, e não sei quando voltarei. Quer V. alguma cousa para as terras da patria? Se sim mande-me as suas ordens.

O calor aqui é atroz!

Faço votos para que o seu estomago já tenha ficado bom, — como a Patria e as Lettras em geral, e eu em particular, havemos mister.

Um apertado abraço do seu muito sinceramente amigo e velho admirador

BILAC.

O NOSSO PROBLEMA MILITAR

Certo a necessidade do apparelhamento militar de um povo vale uma propria contingencia resultante da civilisação, seja qualquer o periodo historico que se considere na terra.

Não iremos, aqui, focalisar a continuidade do esforço humano dês o começo das primeiras organisações collectivas, pela defesa material do seu nucleo, das suas posses, das suas fronteiras mesmo eventuaes.

Si com o andar dos seculos poude-se conformar a existencia de cada povo a um certo numero de disposições escriptas, em beneficio da vida internacional, chegando-se já á quasi perfeição de um direito codificado para a sociedade das nações, em todo caso não diminuiu por isso, e parallelamente, a tendencia ao accrescimo do *poder offensivo*, para a maior efficiencia militar daquellas mesmas nações que de mais em mais se avantajaram em apparelhar exercitos e apparelhar esquadras.

Pelo momento, e ciosa dos seus destinos, nenhuma nação mostra siquer indicios de moderação no encarar os interesses da sua organisação militar. E, nesse sentido, leva-as a consciencia dos seus deveres e direitos no concerto universal das gentes.

De vista os tamanhos interesses que tem a acautelar, e ante os tão frisantes

exemplos que o cercam, devêra o Brasil descurar-se do seu problema militar, isto é, de pôr-se em condições de defender a sua soberania, seja a sua integridade, seja a honra da sua bandeira?

Infelizmente ainda estamos longe de uma solução satisfactoria nesse sentido.

Não temos tido permanencia nas idéas, nem firmeza nos propositos, ou o animo na vontade, ou a tempera que é o segrêdo do triumpho.

No que concerne ao problema militar ha principios que são immutaveis, o que não quer dizer invariabilidade de processos.

Si ha principios conductores ha um fio a se não perder jamais dos olhos.

Os processos, que dizem com a applicação dos meios, evoluem certamente, resultam de ensinamentos, são fruto da experiencia, a verdadeira mestra, mas delles independe a directriz de um programma ou a continuidade de um plano.

Sem duvida a linha de um programma em materia militar provem de uma orientação definida em materia politica.

Sob o ponto de vista politico, tomada a expressão na elevada accepção em que deve pairar, a verdade é que não houve ainda vislumbres de criterio firmado no que concerne aos reclamos da defesa nacional.

Nenhum exagero.

Fazer politica no Brasil, ou sêr lidimo republicano, é ainda, pelo conceito commum, caçar attonitamente o relêvo das posições e ahi se mantêr em equilibrio indifferente.

Essa falha fundamental, que traduz ausencia de ideaes, acarreta o predominio das ambições nem sempre confessaveis do egoismo ao sabor de méras preferencias personalissimas. E os interesses da collectividade, deslembrados, seguem á voga do destino.

Este phenomeno, de observação corrente, arrasta consequencias graves, uma de cujas tem o seu reflexo, bem pronunciado, nos vae-vens a que ficaram subordinados os mesmos interesses da organisação militar do paiz.

Fóra é de duvida que a despeito de certos erros dos homens, e da sua negligencia, ou do seu meio-patriotismo, raramente patriotismo inteiro, alguma coisa ha sido feita nos intervallos deixados á lucidez e ao devotamento de alguns espiritos eventualmente postos com acerto nos logares de dirigentes responsaveis.

Que é o problema militar do Brasil?

Têr um exercito, têr uma marinha porporcionadas á necessidade da defesa do seu territorio contra toda agressão extrangeira, e tambem á manutenção das leis no interior.

É uma definição lacunosa, mas ajustada ao espirito da nossa constituição politica.

Temos, na realidade, esse instrumento de defesa propria?

Não o possuimos ainda.

Contentamo-nos, como principio, em appellar para medidas de emergencia dictadas pelas circumstancias nas occasiões de crise.

E, não havendo, o traço da continuidade de propositos, procedemos a soluções por partes, sem a connexão de um plano, e, pois, sem entestar com o problema no conjuncto das suas faces.

Dess'arte, ainda não resolvido o problema da mobilisação, á carencia de reservas, sem poder concentrar tropas á falta de meios rapidos e bastantes de transporte, não seria das melhores a perspectiva que se abriria a uma nação, que em taes condições, e sem recursos proprios da fabricação do material e munição, se encontrasse ante a eventualidade, sempre possivel, de um conflicto internacional.

Não estamos aqui para estabelecer confrontos, por via de comparações que nos deixariam sob a evidencia do atraso em que nos encontramos no proprio continente americano do sul.

O que desejamos, tão sómente, é pôr em destaque as nossas necessidades, afim de que procuremos os meios de satisfazel-as no mais breve prazo por um trabalho seguido de realisação, empreza formidavel, mas, sob todos os aspectos, exequivel.

E de que carecemos?

— De resolver, logo, o problema do

recrutamento do soldado, que nelle se cifra toda a questão dos effecitvos, na paz e na guerra;

— de resolver a questão do officialato de reserva, sem o que não se enquadrarão jamais os effectivos de mobilisação;

— de encarar o problema dos transportes ferro-viarios para os theatros eventuaes das operações, materia a que aqui nos referimos sem sobre ella demorar por motivos de facil comprehensão;

— de, no mesmo sentido, estudar e executar a construcção de estradas de rodagem.

São questões essenciaes.

Do mesmo passo considerar a questão do aprovisionamento das unidades em armamento e munição, o que importa em desenvolver as industrias correspondentes no paiz de um lado, e, de outro, assegurar a compra no extrangeiro em caso de guerra: necessidade, pois, de uma marinha efficiente.

De algum tempo para cá um ponto de real importancia nos preoccupa, e, nesse rumo, os melhores proveitos vamos colhendo.

Refirimo-nos á instrucção profissional dos quadros. Não resgatariamos nunca o serviço inestimavel da missão militar franceza nesse sentido.

Vamos assim constituindo paulatinamente, em bases solidas, quadros capazes para o commando. Precisamos, porém, levar mais largamente a sua contribuição á Escola Militar e, tambem, ás unidades de tropa.

De realmente notorio é, por assim dizer, o que possuimos. E não é pouco, porque sem a organisação de commando, sem a capacidade profissional dos quadros, não poderá sériamente marchar qualquer apparelhagem militar.

Ora, do que se deduz, um vasto programma de trabalho teria, indubitavelmente, o governo que se impuzesse resolver o problema das nossas forças armadas.

Passam os homens, elles se succedem, em regra não se valem, mas as instituições, com ligeiras variantes, permanecem.

Por vezes estadistas de vulto se adeantam ao seu tempo, têm a firme visão do futuro, levantam em determinado sentido as forças vivas da nação.

Inesperadamente sobrevem um collapso e onde se suppunha plethora de vida ha um puiso que cále ameaçadoramente como num organismo sem resistencia.

Seria esta, para exemplo, a historia do serviço militar obrigatorio. Para só citar uma entre tantas.

E, todavia, pratica-o, serenamente, vizinha a nós, uma grande nação do sul, para mais de dous decennios...

Na mesma quadra um governo conseguiu realisar o sorteio militar, sob os melhores auspicios e foi, por egual, lançada em mensagem a idéa da formação de um Conselho da Defesa Nacional, indiscutivelmente um orgam necessario ao melhor estudo das questões concernentes á segurança do paiz.

Entretanto, até hoje não se cogitou de organisar tão util instituição.

Do que acabamos de escrever, e o escrevemos sem nenhum desejo de carregar as côres da realidade, resulta, e nisso se resume o nosso proposito, o amplo programma que se imporia uma administração animada da decisão de atacar, de frente, e pela base, os interesses da organisação militar do paiz.

E, em nome da segurança nacional, já é tempo de cuidar, sem displicencias sempre condemnaveis, de questões tão sérias.

PEDRO CAVALCANTI.

◆◆◆◆◆◆◆◆◆◆◆◆◆◆◆◆◆◆◆◆◆◆◆◆

POEMAS DE MANOEL BANDEIRA

ORAÇÃO A TEREZINHA DO MENINO JESUS

Perdi o gôsto de sofrer.
Ora essa.
Não sinto mais aquele gosto cabotino da tristeza.

Quero alegria. Me dá alegria,
Santa Teresa!
Santa Teresa, não. Teresinha
Teresinha... Teresinha...
Teresinha do menino Jesus.

Me dá alegria
Me dá a fôrça de acreditar de novo
No
Pelo Sinal
Da Santa
Cruz!
Me dá alegria! Me dá alegria
Santa Teresa!
Santa Teresa, não: Teresinha
Teresinha do menino Jesus

ORAÇÃO NO SACO DE MANGARATIBA

Nossa Senhora me dê paciencia
Para estes mares! Para esta vida
Me dê paciencia pra que eu não caia
Pra que eu não pare nesta existencia
Tão mal cumprida, tão mais comprida
Do que a restinga de Marambaia!...

RECORDAÇÕES DE DONA QUITERIA

SEGUNDA PARTE

Advertencia do Editor.

A segunda parte das — Recordações — *compõe-se de varios cadernos, com a apparencia de terem sido feitos e refeitos mais de uma vez. É evidente que a autora entremetteu algumas interpolações ao texto primitivo; ella, ou outra pessoa interessada ou talvez ainda uma collaboradora anonyma. Nesta ultima hypothese, a conjectura mais razoavel é que de mão commum escreveram Dona Quiteria e Dona Florentina.*

É pelo menos essa a hypothese que levanta menor numero de difficuldades.

Os leitores devem lembrar-se desde a primeira parte destas memorias que era Florentina pessoa odiosa para Quiteria pelas caricias de voluptuosidade excessiva que lhe fazia e os apertões que lhe dava nos corredores e lugares ermos. Achava-a perigosa e de maus instinctos...

Agora, apparecem amigas inseparaveis, mysterio difficil de comprehender e que attribuo a alguma arte maligna e diabolica.

Entretanto, como disse Camões quem não conhece a arte não na estima, é verosimil crêr que a Florentina a convertesse a qualquer verdade transcendental de natureza, obscura para mim e que só um theologo versado em casos de consciencia poderia esclarecer.

Aliás, a volubilidade tão propria do temperamento feminino po-

de explicar a inversão de valores que da mascula Florentina fez a graciosa e suave Titina *da segunda parte das* Recordações. *Prodigios sentimentaes do amor platonico!*

Outra observação que occorre naturalmente é que a autora poucas rejerencias faz ao Desembargador Cantidiano. A omissão talvez casual não offerece margem ao commentario do editor. Um marido decrepito pode ser supprimido sem espanto; pode ser visto ainda ao seu lado, mas é a ultima perambulação da morte neste valle de lagrimas. Todavia, o desembargador Cantidiano sempre jovial e risonho não inculcava a tristeza nem a saudade dos que se vão para as longas terras da eternidade.

A verdade, porém, é que poucas vezes intervem nas Recordações *mesmo a titulo de sombra, porque essa naturalmente não existe, ao meio-dia, no esplendor da vida. Fica-lhe aos pés, invisivel.*

Tambem é curioso apontar que entre a saida da escola e as primeiras linhas desta segunda parte deviam mediar alguns annos, quatro ou cinco, sem historia, o que é sinal de paz e frivolidade na vida de Dona Quiteria. Provavelmente, consumiu-os a senhorita de então em danças, visitas, tangos e flirts innocentes. Tudo isso ajudou-a a crescer e a receber a alma que não tinha, como descreve em um dos capitulos.

Amou. Fez-se noiva. Casou. E o casamento é epilogo forçado para qualquer comedia terrestre. Quem é que vae á força? perguntam os yankees *á passagem de um prestito nupcial.*

Vão dois (outros dizem tres) que o confessem os maridos de Dona Quiteria. Mas o mundo não é composto de Quiterias, graças á divina sabedoria que ordenou as coisas deste planeta.

I

Depois da escola, o mundo abre-se como uma rosa. As petalas, encolhidas ha pouco, desdobram-se, ganham espaço e cobrem-se da poeira de ouro da luz.

Sente-se a voz das abelhas errantes que sublinham o perfume nascente e sensual dos estames.

É a vida que começa . . . . . .

. . . . . .

II

Fizemos nesta semana passada um conhecimento precioso. Esteve em nossa casa Dom Manolo de Terreros y Navas, um sul-americano, incerto, homem indefinido, grande conhecedor das duas Americas, que fazia a politica pan-literaria das gentes luso-hispanicas do Novo Mundo.

As más linguas diziam que elle era brasileiro a julgar pelo seu espanhol terrivelmente pronunciado, com pigarros de gôgo gallinaceo.

— O modo como elle assobia o castelhano parece indicar que é de Cochabamba ou de Iquitos.

Essa era a opinião de M'sier Tekserá, trugimão domestico.

Corriam versões disparatadas a respeito desse Dom Manolo. A lenda mais acreditada parecia ser a de que odiava todos os poetas barbados, convencido que as Musas eram imberbes e só não vestiam saias por ser esse indumento contrario ás verdades mythologicas.

Como quer que seja, Dom Manolo gozava de vasta e merecida popularidade nos meios intellectuaes e mundanos.

Tudo quanto elle punha em pé, ficava estatua para os olhos de toda a gente. E tudo quanto elle demolia não passava de destroços e ruinas.

Era uma especie de vice-rei das Americas.

Dom Manolo, porém, não podia ser nacional e nem seria de Iquitos. Seria provavelmente um desses homens neutros que perambulam, fronteiriços e amaveis, entre povos timidos e desconfiados.

Uma das suas nobres qualidades era a de trabalhar pela nossa educação do gosto e fornecer-nos horas de «prazer intellectual» como dizia. Tornara-se espontaneamente o emprezario de *chiquillas* e *muchachas* que temendo os riscos provaveis das zarzuelas praticavam a arte de salão destinada a commover as almas sedentas de poesia.

Quero falar das *diseuses*.

Depois que deixei a escola vim a conhecer as *diseuses* mais celebres do Rio de Janeiro. Frequentei varios recitaes, applaudi, chorei e sempre encantado por essa arte nova.

Para mim como para muita gente, os versos que ahi andam nos livros, são tolos, insulsos e não valem o papel em que se embrulham. As *diseuses* animam esses pacotes, dão-lhes graça, finura e belleza diabolica que não pareciam ter. Olhos languidos, braços de serpente, flexibilidades satanicas, arrastam a multidão fragil e caroavel aos feitiços da belleza.

Esses encantamentos das nossas *diseuses* valorizaram já incriveis asnidades poeticas.

Nessa Arte Nova os libretos podem ser pessimos á vontade.

No Rio, as *diseuses* são muitas, tantas como os numerosissimos poetas. E emquanto estes languescem nas livrarias, alimentando com caridade franciscana o irmão cupim, as *diseuses* vivem e circulam, passam cartões (alguns, salgadinhos) para as suas festas «*de fino gozo intellectual*» como diz Dom Manolo de Terreros y Navas.

As *diseuses* concorrem (como os livros distribuidos de graça) para a boa vulgarização da literatura nacional. Apenas, custam mais que os miseros volumes que pesam pouco para a computação em kilos.

Numa terra sem arte, infensa á leitura, as *diseuses* formam um exercito profissional de primeira linha.

Tive, pois, uma alegria enorme quando Dom Manolo de Terreros y Navas disse a meu pae que iria apresentar-nos uma grande *diseuse* do Prata, a famosa Juanita Arraburitz, descendente de fidalguia bascuense que emigrara ha dois seculos para as pampas solitarias.

Adornamos a casa para a recepção do genio errante que nos vinha revelar algumas das raras maravilhas do engenho poetico de outras terras.

Meu pae, o Barão de Portella, foi sempre sumptuoso e magnifico nas suas festas de mundanismo carioca, e, desta vez, excedeu-se a si proprio.

Eu, commovida, esperava. Convidei as minhas amigas, algumas dellas tambem *diseuses* de nomeada, um pouco suspeitas, é verdade, mas promptas sempre para esses acepipes ethereos de palavras lacrimantes e humidas.

Chegou, afinal, o dia.

III

Num momento a surpreza invadiu o salão illuminado.

Entrava a *diseuse* Juanita Arraburitz de quem tanto falavam as gazetas em formidaveis adjectivos.

Era, de facto, uma lindeza toda graças e formosura.

Sentimos-nos todas nós mulheres que alli estavamos a superior fascinação daquelle peregrino rosto. Quantas paixões não devia ella despertar naquella famosa *tournée* de poesia e de graça!

Meu pae que não é pêco avolumava-se, redondo, inchado e expansivo.

Minha mãe de grande scepticismo quanto á virtude dessas mulheres advenas não comprehendia a elasticidade que as fazia alongar-se do patrio lar em busca de glorias ephemeras e distantes.

Pela minha parte era a primeira vez que via, de olhos vistos, uma *diseuse* viajada e de outros climas.

O sul-americano que a acompanhava, Dom Manolo, alto, grave, de olhos lacrimejantes parecia reflectir a hallucinação do auditorio a quem bastaria olhar e dispensaria ouvir a encantadora imagem que nos fascinava.

Não cessava na sala o murmurio admirativo dos convidados. A Florentina de esgares lascivos quasi inconvenientes, projectando os labios grossos parecia enviar beijos imaginarios e criminosos. O poeta Cazaza Gomes meloso e cabelleirudo que sempre se intromette onde ha mocinhas, batia os beiços como rezando baixinho, derretia-se, untuoso, antecipando aventuras provaveis. A um canto dois sujeitos intrataveis discutiam se se havia de dizer *diseuse* ou *dictriz,* invenção vernacula «sem o veneno de morbo gallico». Não percebi.

Dom Manolo de Terreros y Navas que era o introductor, saboreiava o espectaculo que promettera dar á esplendida assistencia. Era muito apresentado...

— *Ya sabe usted que yo soy...*

Sim, senhor! Todos sabiam que elle era o grande intermediario do hispano-americanismo, homem pesado, continental e immenso.

Quem ousava ignoral-o?

E elle apresentava regaladamente com grande emphase prosodica:

— Juanita Arraburitz!

— *Dominus tecum!* murmurou um sujeito ignaro que estava ao pé de mim.

— Não está espirrando, disse eu. É o nome da *diseuse.*

— Desculpe-me, suspirou o desenganado hospede. Suppuz que Dom Manolo estava endefluxado.

As conversas todas literarias e de fino gosto prosperavam naquelle ambiente, quando, com voz imperativa e forte, clamou o sul-americano:

— *Niña Juanita, puede empezar...*

Fez-se um grande silencio em toda sala. Dom Manolo com um gesto categorico a moda de guarda do transito espalmando a mão, fez recuar e acamar toda gente para um lado, ao passo que a incomparavel *diseuse,* só e, desembaraçada, com espaço livre para as gesticulações poeticas, começou:

Mi pobre amor...

— *Non es un poema de otra mano* (disse o sul americano) *sino que ella misma lo escribio hace dos años en mi presencia.*

Restabeleceu-se o silencio e a formosa *diseuse* continuou:

Mi pobre amor...

Mi pobre amor se está yendo...
Yo me quedará llorando...
La lluvia, leve, cayendo,
una nube, allá, glisando...

Mi pobre amor se está yendo.

Lejos, muy lejos! soñando
la dulce amada, y tejiendo
su ilusion, que voy matando...
Mi pobre amor se está yendo...

Vozes ao longe de uma farra que passava:

Na Bahia tem
Vatapá
Na Bahia tem
Carurú.

O sul-americano indignou-se com essas vozes plebeias que interrompiam os amavios da bella *diseuse* e gritou, imperativo, — *Cerren las ventanas!*

O sujeito ignaro que estava ao meu pé, puxou do lenço e ia tapar as narinas, quando lhe eu adverti:

— Não é tapar as ventas que elle pede, mas é fechar as janellas, que subitamente foram fechadas.

A *diseuse* continuou dulçorosa:

Mi pobre amor se está yendo...

Que pasa que nada entiendo?
Que pena se va acercando?

La lluvia leve cayendo...
Una nube, allá, glisando...
...teziendo

su ilusion.....

Mi pobre amor se está yendo...
Yo me quedaré llorando!

Palmas estrepitosas cobriram as ultimas palavras da *diseuse* que tão admiravelmente interpretara o sentimento, a languidez e a melancholia do poema. E como fazia um calor insupportavel, reabriram-se as janellas.

Etraram por ellas reconfortantes lufadas de ar fresco que ainda traziam longinquas, amortecidas, aquellas vozes protestativas jacobinas, plebeias e patrioticas:

Vatapá!
Na Bahia tem,
Carurú!
Na Bahia tem
Mugunzá!

JOÃO RIBEIRO.

INEDITOS DE JUNQUEIRA FREIRE

(PUBLICADOS POR AFRANIO PEIXOTO, CONTINUANDO O ENSAIO LITERARIO QUE SAIU NOS NUMEROS PRECEDENTES DA «REVISTA DO BRASIL»).

I

PAGINAS DO CORAÇÃO

VI

Reflexão, reflexão, que preguiçosa
Que sempre vens?
Como ronceira nau de carga em lastro,
Prenhe de trens.
Que não venhas mais cedo, — que teu lume
Logo não lusa!
Não desvairara tanto o homem co'a mente
Dubia, confusa.
Alheia da verdade, não servira
A vis paixões:
Qual criminoso atado ás ferropêas
De acres prisões.
Que monta a vida irreflectida e basta
De desatinos?
Um barco sem arraes, — vai onde o empurram
Vagos destinos.
Que monta o homem, que em seu fim marcado
Nunca medita?
Que no cahos do passado e do futuro
Olho não fita?
Que em deshoras gentis de noute velha
Não despertou,
E que sobre si mesmo um só minuto
Não pranteou?
Que ũa vez não torrou em chamma ascetica
Maus planos seus?
Que não se prosternou anniquilado
Á cruz de Deus?
Os maus, os maus, — que as lagrimas a face
Não lh'a assombrêam:
Que o sainete do calix dos remorsos
Não saborêam.
Ha hi mais bello enfeite em bellos olhos,
Que um doce chôro
Quando pullula subito d'os folhos
Do intimo fôro?
Eu por mim chorarei sempre meu chôro
De almos dulçores:
Que não posso applicar melhor mezinha
A minha dores.
Dobre-se o coração em seus involucros,
Chore consigo:
Consigo se concentre, como um morto
Em seu jazigo.
Sempre serão felices juncto o sizo
E o coração:
Ao coração o sentimento e ao sizo.
A reflexão.
Oh decepção! — que o coração co'o sizo
Não quer-se unido:
Guerra haverá de morte: oh Deus! qual delles
Será batido?

VII

Ha hi no coração um sentimento
Doce e tocante:
Que impera nelle, como um throno de ouro
Rei triumphante:
Sentimento de amor d'alta justiça
Mixto de dores:
Ardor de sensação, conto de maguas,
Ceu de dulçores:
Candido, como um bando de alvas garças
Voa nos ares
Cantando inscios peixinhos na lisura
Dos vitreos mares.
Nan-o sabem os maus: é-lhos fechado
Tão sancto asylo:
Que não podem libar de um soffrimento
Manso e tranquillo.
Qualidades d'as almas escolhidas
É o remorso:
Delle aos instinctos os varões mais fortes
Dobram o dorso.
Covardes não lh'o dobram: fogem delle
Com arte e esmêro:
Só lhes toca em quinhão porção sobeja
De desespêro.
Não se arrependem nunca: assim disseras
Corsel sem brida
No anteposto despenho esbarrondando-se
Na agil corrida
O candido remorso em torno as asas
Libra no justo:
No seio o acolhe o justo e o acoberta
Sem frio susto.
Será de animo vil moldar-se ás normas
Da natureza?
Em homem amostrar essencia de homem
Será fraqueza?
Não quero o coração, que um só remorso
Nunca sentiu:
Não quero a bocca, que dorida phrase
Nunca exprimiu:
Talvez religião nunca bebera
Tal coração:
Talvez tal bocca nunca articulara
Uã oração.

(Cf. com o original, nos archivos da Academia Brasileira. Estas «paginas do coração», ou continuam partes anteriores, e perdidas, de uma longa poesia, pois que são numeradas VI e VII, ou essa poesia existe — e é nossa opinião — e é a poesia «Meditação», impressa nas «Inspirações do Claustro», de paginas 51 a 62, que se compõe de I, II, III, IV e V partes, terminando assim

Deixa-me entregue a solidão da noite

Á reflexão

Os versos, agora publicados, tomam a deixa: «Reflexão, reflexão...». Seriam datados de 17 de novembro de 1851, se não foram conclusos mas tarde).

II

TEUS OLHOS

Que lindos olhos
Que estam em ti!
Tam lindos olhos
Eu nunca vi...

Pode haver bellos
Mas não taes quaes:
Não ha no mundo
Quem tenha eguaes.

Sam dous luzeiros,
Sam dous pharoes:
Dous claros astros,
Dois vivos soes.

Olhos que roubam
A luz de Deus:
Só estes olhos
Podem ser teus.

Olhos que fallam
Ao coração:
Olhos que sabem
Dizer paixão.

Teem tal incanto
Os olhos teus!
— Quem pode mais?
Elles, ou Deus?

(Cf. com o original, da mão do Poeta, entre os manuscriptos do archivo da Academia Brasileira.)

III

AQUI

Talvez agora entre os convivas ebrios,
Nas turmas dos mentidos namorados,
Ella se esquece dos meus puros gostos,
Por nós aqui passados.

Aqui — já era noute... eu reclinei-me
Nas molles formas do virginio seio:
Aqui — sobre ella eu meditei amores
Em doce devaneio.

Aqui — ind'era noute... eu tive uns sonhos
De monstruosa, de infernal luxuria:
Aqui — sobre'ella estremeci, sonhando,
Em amorosa furia.

Aqui — quasi manhan... eu contemplei-a
A resfolgar com agradavel ancia:
Aqui bebi seu halito em torrentes,
Torrentes de fragrancia.

Aqui — era manhan... vi-a sentada
Sobre o sophá — voluptuosa um pouco:
Aqui — prostrei-me a lhe beijar os rastros
Allucinado e louco.

Aqui — ardia o sol... ella beijou-me,
Para applacar-me a fervorosa calma;
Aqui — meus hymnos sensuaes cantando,
Ella embalou minh'alma.

Aqui — era de tarde... eu pude ouvir-lhe
Protestos firmes de um amor eterno:
Aqui — ella sellou-me estes protestos
Co-um beijo mais que terno.

Aqui — oh quantas vezes!... eu a tive
Unida a mim — a derreter-se em ais:
Aqui — ella ensinou-me a ter mais vida,
Sentir melhor e mais.

Aqui — oh quantas vezes!... eu a tive
Em accessos de amor desfallecida!
Lasciva e nua — a me exigir mais gostos
Por sobre mim caida!

Mas lá talvez ella se esquece entanto
D'os nossos lindos tempos já passados:
Agora folga entre os enredos torpes
Dos falsos namorados!

(Cf. com um original do Poeta, em manuscriptos autographos, do archivo da Academia Brasileira, e uma duplicata, a parte, da mão de Junqueira Freire, hoje appensa a um meu exemplar da 1.ª edição das «Inspirações do Claustro»).

IV

MONASTICA

(Ao dia da minha profissão)

Ao cabo amanheceu: — e o ceu mostrou-se
Mais puro e lhano:
— Ao cabo amanheceu: foi longa noute
— Noute de um anno!
Somno comprido e tenebroso e triste
O somno da saudade!
Coado em dores, expremido em prantos
De anciedade.
Tambem a immunda larva espreita um anno
A mariposa:
Tambem eu fui assim: — e qual cadaver
Em torpe lousa.
É tempo, é tempo: — e a larva espedaçou-se
— E revoei:
Quebrouse al fim a lage do sepulcro
— Resuscitei.
Resuscitei após cumprida noute,
Negra e tardia:
Oh! — que seja tam longa, qual foi ella
Tam bello dia!

*

* *

Porque, — meu Deus! — é rapida, tam subita,
A hora do prazer?
Porqu'assim voa, — e a memoria fica,
Para mais nos morder?
Não ser, — meu Deus! não poder ser eterno
O gozo desse dia!
Mas, ah! — não seja essa canção saudosa
Qual funebre alegria!

(Cf. com o original, da mão do Poeta, hoje no archivo da Academia Brasileira).

V

A FOLGA

(Montserrate, 28 de novembro de 1852)

Os dias da folga são nossos suores,
Custaram um anno de côro estirado.
— Somente um minuto do tempo presente
Importa semanas do tempo passado.

Os dias presentes custaram fadigas,
Com ellas perdemos metade da vida:
Sequer ũa hora tão caro comprada
Não pode, não deve jamais ser perdida.

E cada grãosinho de arêa ligeira,
Que cai d'ampulheta do tempo fatal,
— Nos vele um arranco da curta existencia,
Nos vele ũa gotta de sangue vital.

A custo das nossas angustias de outrora
Ganhamos a palma da sancta alegria:
Agora das horas, que fogem tam breves,
Jamais ũa hora deixamos vazia.

Os dias passados de nossa existencia
No côro, nos claustros, nas cellas perdemos:
Taes dias agora — no seio dos gostos —
Taes dias, amigos, aqui recobremos.

Sim: recobremos os passados dias,
E as horas vans de nossa esteril sorte:
Vamos a vida dilatar nos gostos,
Vamos nos gostos triumphar da morte.

Vamos depressa: — que estes dias fogem,
Como um sonho feliz entre desgraças:
Vamos depressa: — que depressa morrem
Da juventude as namoradas graças.

As horas do prazer depressa passam,
Como a fugir da viração suave:
Mas as horas de dor — em mal dos homens —
Marcham com passo preguiçoso e grave.

Vós, oh dias de sol tam bonito
Que raiais, reflectis nesse mar!
Suspendei vosso leve galope,
Caminhai com mais tento e vagar

Vós, oh noutes de fresco sereno,
Vós, oh noutes de claro luar!
Não piseis vossas nuvens com força,
Caminhai com mais tento e vagar.

Vós, oh fluxo e refluxo continuos,
Vós. oh fervidas vagas do mar,
Moderaí esta acção repetida,
Enrolai com mais mimo e vagar.

Vós, oh astros luzentes do espaço,
Globos de ouro suspensos no ar!
Percorrei vosso gyro mais lento,
Caminhai com mais tento e vagar.

Dilatai-nos as horas do gosto
Neste ameno, incantado logar!
Dai-nos mais as maiores delicias
Dai-nos mais sensações devagar!

Aqui as horas conservam
Mais duração de prazer:
Aqui a vida terrena
Maior, melhor sabe ser.

Aqui são bellos, são puros,
São mais fragrantes os ares:
As brizas são salitradas
Pelos suspiros dos mares.

Aqui o peito sensivel
Menos sente a sua dor:
Aqui o peito do amante
Sente mais o seu amor.

Aqui a face da virgem,
Que o bardo viu outro dia,
Tambem assume mais gala,
Inspira mais poesia.

Aqui o homem levanta
Sobre a desgraça um tropheu
Aqui a vida da terra
Tem as belezas do ceu.

Da vida breve da terra
As horas aproveitemos:
Das dores, que sempre ficam,
Agora nos deslembremos:
A dos prazeres, que fogem,
Estes momentos gozemos.

(Cf. com o original, da mão do Poeta, hoje no archivo da Academia Brasileira).

VI

MEDITAÇÃO

Quando em arroubo insuperavel d'alma
Eu te estreitar ao peito:

Quando eu me esperguiçar sobre teus membros
Em teu divino leito:

Quando eu libar o nectar de teus labios
Mais rubros que o delirio:
Quando eu beijar-te os pullulantes seios
Mais candidos que o lyrio:

Quando da terra vil — ambos unidos —
Formos longe — bem longe:
Virgem! — não lembres o horror do inferno,
Não me digas: «És monge!» —

Oh phrasi dos demonios, que invenenas
A taça dos amores:
— A taça estreme, onde ferver deviam
Delicias e dulçores!

Virgem! — não abras teus miudos dentes,
No meio do delirio,
Si, dentre elles, desferes como o raio,
A setta do martyrio!

Apalpa os crancos, que me roem n'alma,
Que o coração me comem:
Apalpa, oh virgem, o meu seio ao menos,
— Que me dirás: — És homem!

Sim: apalpa-me as fistulas internas
Vem ver como negrejam!
Como de sangue tépido, em golphadas,
Palpitando gottejam!

Ah! não, não venhas: — as cecens e as rosas
No ceno-fanariam:
E as exhalações de um peito infecto
De certo te asphyxiam!

*
* *

Quantas vezes pensando em ti, oh virgem,
Pensando em teus primores,
Extasiado clamo: — ah não sou digno
De ti, de teus amores! —

Oh rosa do deserto, — quem cortou-te
Dos ramos verdes teus?
Quem te poz sobre o peito do poeta,
Si não a mão de Deus?

Tarde pousaste: — quando o meu momento
De morte estava dado:
E pousaste: — e não vias que pousavas
No peito de um finado.

N'um mesmo assomo, — mais rapido do que o raio, —
Da cholera divina,
Que as estrellas palleja e os orbes treme
E as espheras tintina:

Sim: — n'um assomo de celestes iras
Quiz o Senhor assim:
Porque eu bem sei que não nasceste, oh virgem,
Não nasceste p'ra mim!

Quem os celestes, eternaes conselhos
Compr'hende ou adivinha?
Deus o quiz: — tu disseste-me: Sou tua: —
Eu te affirmei: — És minha! —

*
* *

Innocente! — não sabes as angustias,
Que em minha alma pelejam:
E nem sabes que as asas do infortunio
Em torno a mim voltejam!

Ah virgem! — eu tambem fui innocente,
Como tu és agora:
Eu cri no amor reciproco dos homens
Ao menos ũa hora.

E entrei no templo: e nos degraus das aras
Expandiu-se minha alma:
E apalpei-a: — e ante Deus e as aras
Eu encontrei-a calma.

E entrei: vi dominando sobre tudo
O nú materialismo
Sim, cre-me: — quem me dictou estas verdades
Não foi o scepticismo.

Eu mesmo vi nos labios a calumnia
Fervendo como o inferno:
Eu mesmo vi sobre fraternos peitos
Arder odio fraterno.

Eu mesmo vi de meus irmãos, que amava,
—De meus irmãos a ira:
E a consciencia me bradou terrivel:
— Seu amor é mentira! —

Eu mesmo vi reinando o interesse,
Qual válido gigante:
Eu mesmo vi quam fino era o tormento
De um coração de amante.

Eu mesmo vi o genio das intrigas
Levantar-se tyrannico:
E pel-as fibras intimas coou-me,
— Coou-me um terror pannico!

Eu mesmo vi erguer-se sobre todas
A fronte do traidor:
E eu murmurei bem dentro de meu peito:
— Aqui não ha amor! —

E veio o teu amor, - que me faltava,
Veio dourar-me a vida:
Veio accender-me o enthusiasmo e o gosto
N'esta alma enfraquecida.

E veio o teu amor, — qual sol ardente
Após noute hybernal:
E veio o teu amor, — qual astro novo,
Qual lucido fanal.

Veio dizer-me doce: — Ainda és vivo,
A morte está bem longe: —
Mas outra voz horrenda, como a guerra,
Veio dizer-me: — És monge! —

Não m'o digas jamais, oh virgem pulchra,
Quando eu cingir-te ao peito:
Quando eu me esperguiçar sobre teus membros
Em teu divino leito.

Quando eu comtigo unificarme em corpo
Algũas horas mais:
Quando penderem de teus doces labios
Minhas forças vitaes:

Quando eu cahir inerte e fraco e morto
Em pallido delirio:
Quando já não puder libar-te os seios
Mais candidos, que o lyrio.

* * *

Ao menos ũa vez olha-me, oh virgem,
Co'os olhos, que me cegam:
Ao menos ũa vez dá-me a ventura,
Que os homens me denegam!

NOTA:

Quando eu libar o nectar de teus labios
Mais rubro, que o delirio

. . . . . .

Quando eu cahir inerte e fraco e morto
Em pallido delirio.

(Nota do Autor) — Comparando estas duas stancias, alguem tentou achar-lhes contradicção: eu explical-as-ei a quem quiser sophisticar, eu sei que nem ũa explicação bastar-lhe-a. O delirio, — esquentamento do cerebro, phosphorescencia das faculdades, — querendo-se personificado, que outra cor poderá ter, sinão a do rubor? É rubro o delirio: eu porem chamo-o logo pallido! — mas quando?

Quando eu cahir inerte e fraco e morto.

Entre a inercia, entre a fraqueza, entre um quasi stado de morte, quando for muitas sensações a sensação se perde, — tambem delira-se: mas este delirio já não é o natural, não é aquella affecção normal e ardente, de que alli fallei. — Pois que delirio é esse?

É pallido, — delicioso, — suavissimo, — insensibilizado por muita sensibilidade, fraco por muito forte, — inerte, — stupido... é só o que posso dizer, e porventura tudo o que sei. — Quanto ao mais... O vocabulario de todas as linguas está ainda muito pobre de expressões, que expliquem essas ineffaveis sensações desse prazer necessario, a que os fanaticos e theologos chamaram — carnalidade.

Os fanaticos e os theologos vedam que os diccionarios se completem dessa phraseologia precisa — e da realidade dessa phrasiologia enchem o diario de suas acções».

(Cf. com o original do Poeta, ora nos archivos da Academia Brasileira. Nas «Inspirações do Claustro» ha uma outra «Meditação» de pag. 51 a 62: esta anterior a que agora publicamos. Pela nota que a acompanha, e pelo assumpto no vezo daquelles que vêm no seu livro, parece que o Poeta nelle não a incluiu, por lhe parecer muito profana).

(Continúa).

JUDAS E CHRISTO

Quando Judas se approximou, elle disse, com tranquillidade, aquellas palavras do *Evangelho*, segundo Matheus:

— *Amice, ad quid venisti?*

E sorriram, ambos, fatigadamente.

Depois, Judas puchou uma cadeira. Viu que um parafuso estava solto, levantou a cadeira, apertou o parafuso, num meticuloso cuidado, e assentou-se ao lado de Christo, arranjando a barra da tunica, com preoccupada elegancia.

— Um cigarro?

— Agradecido, não tenho fumado. Como vê, estou com uma constipaçãozinha.

Judas tirou um cigarro barato, que accendeu, fechando num estalido secco a cigarreira gasta de *alpaca*. E poz-se a fumar, melancolico, ao lado do outro.

Então Christo perguntou-lhe si já havia lido Nietzsche. Perguntou por perguntar. Christo conhecia a duvidosa bibliotheca de Judas, onde as traduções de Shakespeare, furadas de traças, e os livros dos dois Dumas punham a mais elevada nota esthetica, entre libretos de operetas, volumes fortemente manuseados de Forjaz Sampaio, o *Trovador Maritimo* e a *Historia Completa de José do Telhado*.

Judas olhou-o com curiosidade. Nietzsche, ora essa... Teve vontade de perguntar-lhe por que... Estabeleceu extranhas afinidades entre a pergunta de Christo e as suas preoccupações, cruzando as pernas, meditativo... Adivinharia Jesus, por acaso, o seu drama moral?... E esquecia-se que, durante uma semana, como as pessôas acabrunhadas, em geral, só falava no seu *caso*. Mesmo a Jesus, já se queixara, por mais de uma vez, das atribulações por que passava sua alma, agitada de remorsos, sacudida como um *cock-tail* entre as mãos do *barman*, desde que *aquillo* lhe acontecera... Respondeu que não, que não havia lido, com um signal lento da cabeça judaica, pensando, talvez, que Nietzsche fôsse muito forte para a situação.

Os olhos scismarentos de Christo fixaram-lhe, longos, o perfil bem cortado como os dessas antigas medalhas romanas da «Collecção Castellani» e de algumas gravuras sagradas do Hypogeu de Thebas. Depois, com doçura infinita na voz rouca da influenza, Jesus citou:

— Si se faz o mal, é preciso cuidar de fazer o bem. Si somos punidos por uma má acção, é preciso soffrer com o sentimento de que, por esse castigo, fazemos um beneficio: impedimos, pelo exemplo, que outros commettam o mesmo erro. Todo malfeitor punido deve considerar-se um bemfeitor da humanidade.

— Bonito, isso, affirmou Judas, com exaltação.

Elle gostara, principalmente, do ar solemne dado ás palavras, incapaz de penetrar a intelligencia da theoria. Christo voltou:

— Muito. Isso é Nietzsche. Nietzsche está um pouco gasto pelos eruditos, mas costuma ser opportuno, ás vezes...

— Pelos eruditos, repetiu Judas, revirando a palavra com gosto, incluindo-se, intimamente, nesse plural pela recordação de sua copiosa familiaridade com Michel Zevaco. Em seguida, sentenciou:

— Nietzsche é muito profundo.

Christo sorriu, como vagamente sorria nas parabolas. O silencio voltou, entre ambos, um instante, depois que, sobre o sor-

riso, Christo fizera duas ou tres phrases a respeito do trivialismo dos philosophos, desde que Schopenhauer se tornou intimo das prostitutas e que Spencer passou a ser interpretado na Camara dos Deputados. Judas soltou uma baforada e teve o seu gesto amplo de enfado, aprendido de Lew Cody. Suspirou:

— Não vale a pena ficar pensando nessas coisas...

— Nos philosophos?

Não era. Judas referia-se, como era natural, aos seus infortunios privados a que Christo misturara os philosophos sem má intenção.

Mas Christo quiz ser amavel, sem perversidade com a ignorancia delle:

— É, certas coisas sem importancia, com aprofundal-as, tornam-se irreparaveis...

Judas pareceu comprehender o verbo consolador. Christo falava com subtileza mas, com certeza, tinha razão.

O interessante é que elle não podia libertar-se da sua angustia. Fazia esforços improficuos. E, como todos os desgraçados, seu consolo era falar, commentando o seu infortunio, com máu gosto e prolixidade:

— O facto é que fiz um negocio pessimo, não acha?

— Qual... Nem tudo póde ser previsto.

— Mas fiz. Devia preferir a minha commodidade e atirei-me á aventura de um successo duvidoso. Foi a fascinação desse dinheiro que me perdeu. Por alguns miseraveis milréis, esquece-se a gente de todos os deveres, commette a mais torpe trahição... É incrivel a fraqueza humana!

Essa *fraqueza humana,* que elle trazia do convivio com um mercador slavo enganado pela mulher e sem a paixão da violencia, era a *chave-de-ouro* das suas lamentações. E Judas atirava-a em *cliché,* com edições continuas, a proposito de tudo, para desculpar um assassinio, como para justificar um simples desarranjo domestico. Achou bom repetil-a, para impressionar bem, e fez, emphatico:

— Oh!... a fraqueza humana!

Christo, amavel como um sophista, avançou:

— Nem tudo estará perdido, talvez... O facto ainda não se consumou...

— Mas não deixo de ter sido canalha. Devia ter feito como os companheiros que têm o merecimento da lealdade. Fiéis, veja você, são o João Baptista, o Pedro, os outros todos, incapazes do crime que commetti...

— Mas você transforma uma banalidade num caso de consciencia...

— Justamente, é isso, um caso de consciencia... Não soube respeitar-me... Esqueci a minha dignidade... Sou um homem sem honra...

E Judas repetiu alto, achando a phrase muito feliz:

— Um homem sem honra!

Novamente, o silencio voltou, por alguns instantes. Depois foi Christo quem falou:

— Meu amigo, procure aproveitar a lição que amarga este momento. Eu não falaria dessas coisas si não fôsse a piedade que me inspira a sua tortura. Sua desgraça commove-me. Não por ella, em si, mas pelo aspecto que o seu temperamento, afeito á tragedia, empresta a um facto trivial...

Christo fez uma pausa para limpar a garganta constipada. Em seguida, levantou-se, deu dois passos para Judas, poz-lhe a mão direita sobre o hombro largo de athleta e perguntou, de repente, olhando-o nos olhos:

— Com franqueza, o que é que lhe dá o arrependimento: a deslealdade ou a imprevidencia?

Aquella pergunta, assim, perturbou Judas. Elle não havia ainda feito a analyse do que Christo chamava *arrependimento.* Soffria aquillo englobadamente, sem discriminação, com estupidez. Abriu muito os olhos e ficou com aquella physionomia pasmada que lhe deram certos pintores italianos do renascimento e com que apparece, tranquillamente, na famosa *Ceia* de Andréa del Sarto, no refeitorio de Santo-Salvi. Então, Christo teve uma immensa piedade delle e falou assim:

— Sei que o fundo principal da sua ma-

gua é ter trahido. Isso é um merecimento.

— Você acha?

— Acho, sim. Você se arrepende de um mau passo. É meritorio. Você se salva, só por isso...

— Quer dizer...

— Quer dizer que deve reparar o mal que fez...

— Mas isso é que não é possivel... Não por mim, Deus sabe como o meu desejo seria desfazer essa horrivel transacção...

— É nobre. Mas, vejamos: porque não póde você voltar atraz, si ainda está tudo nas suas mãos?

— Porque?

— Sim, porque?

— Por causa do contracto!

— Do contracto?

Judas ergueu-se. Tirou outro cigarro e, fechando noutro estalido secco a cigarreira gasta de *alpaca,* continuou:

— Já assignei o contracto, desde hontem, desde que entrei. Foi o meu mal. Devia ter pedido um praso para pensar. Isso da gente sahir de uma companhia para ir para outra é bem mais grave do que se presume. Mas os emprezarios não querem saber disso...

— Conhecem o seu negocio...

— Dessa forma, si eu quizer sahir daqui, tenho que pagar os dois contos da multa...

— E não vale a pena ir para a cadeia...

— Não vale... Apezar de tudo, é menos desagradavel deixar o outro sem poder montar o *Martyr*...

— Emquanto isso, elle vai vendo, tambem, como é um mau systema esse de regatear salarios com os artistas...

— Pois é...

— Agóra o que não convem, de maneira alguma, é você ficar para ahi pensando em tolices...

Judas e Christo deram um olhar ao despertador que estava sobre a mesa. Retocaram as pinturas e subiram ao palco, onde o espectaculo ia começar.

EDMUNDO LYS.

O BANHO

A SERGIO BUARQUE DE HOLLANDA.

Nusinhos em pêlo, junto á ponte do ribeirão,
meninos brincam dentro da agua faiscante,
ao sol, com brilhos de escamas nos corpos molhados.
Uns, friorentos, tremem encolhidos nas margens.

Da igreja caiada, no alto do morro,
o sino pinga lentamente um dobre funebre,
annunciando um defunto que vai a enterrar.

Desemboccou o enterro na esquina do largo:
á frente o caixão negro, listado de amarello,
pezado, pendente de quatro homens recurvos.
Vêm a passo rythmado os amigos, seguindo,
o chapeu na mão, a cabeça baixa.
As botas rusticas, no completo silencio,
fazem na areia do chão o aspero rumor de vidro moído.

Outro dobre do sino fica resoando na tarde
perdido no ar tranquillo.

Os meninos, com o inexplicavel respeito da morte,
se escondem assustados embaixo da ponte,
esperando quietos o enterro passar.

Vai agora subindo o morro do cemiterio
o humilde caixão negro listado de ouro pobre,
com os homens de preto silenciosos atraz.
Aos poucos desapparecem atraz do matto.

E na agua fugitiva do ribeirão
os corpos nusinhos em pêlo cambalhoteiam de novo,
com o sentimento forte e invencivel da vida.

Pouso Alto — 1926.

RIBEIRO COUTO.

Educação Sentimental

Eu tive uma espada,
um tambor,
uma corneta,
uma espingarda,
um chapéo de Napoleão...

Eu tive sete annos
e era maior do que todos os soldadinhos de chumbo...

Ia á guerra todos os dias.
«Rato na casaca,
Camondongo no chapéo...»
Tenho mais trinta annos,
uma folha em branco,
uma penna na mão.

A tarde mórre, sorrindo.
Fico, sorrindo, a pensar
nos meus brinquedos quebrados,
naquelles pobres brinquedos.

«Marcha, soldado,
Cabeça de papel...»
A tarde morre, sorrindo...

ALVARO MOREYRA.

RESPOSTA A MANOEL BANDEIRA

Sinto qualquer cousa dentro de mim dando-me precisão de responder á sua carta aberta do ultimo n.º desta revista. Mas responderei como desejo? Entro gostosamente no accordo e lhe entrego a minha sympathia, que em verdade sempre esteve com Você. Eu estava inquieto á espera da revista (vê como gostam de evitar as surpresas da gente?) Não imagina a minha commoção. Sua carta me machucou mais do que si Você se tivesse queimado. Fiquei nem sei como... Mas tambem a sua sympathia pelo Austen Amaro estava nas entrelinhas pouquissimo visivel. Sua critica provocou palmas da incomprehensão do nosso meio literario. Isso me damnou. Vem cá e escute: «Há, como esta, muita coisa ruim nesta brochura, estiradas de palavreado sem substancia de pensamento ou sensibilidade, um mau gosto horroroso». Depois disso o elogio mais puxado parece ironia e só teve elogio assim-assim. Você se referiu apenas aos dotes de escriptor e não deixou perceber si estava gostando ou não do canto quarto.

Si li mal foi a critica ao Losango Caqui e não ao Juiz de Fora. Não escrevi Você ter dito que o poeta não prestava. Isso não. Mas de qualquer maneira foi uma inverdade, confesso.

Falei na simplicidade pasmosa com que Guilherme de Almeida resolveu nosso problema ethnico e Você levou ou fingiu levar-me a serio. Ora pode ser definida com a simplicidade do triangulo luso-africo-indio esta mistura inquieta de matizes, onde já está entrando até a óca japonica e mesmo china? Falei em Ronald de Carvalho e foi Mario de Andrade quem me marcou? Provavelmente é pros dois primeiros que lá está no artigo: «Losango Cáqui de Mario de Andrade que aliás muito admiro e estimo».

Não achei que Você me chamasse de admiravel por ironia. Não porque o seja mas porque disse que o sou depois de meu Pae, «que tambem foi admiravel». Assim gostei, pra que negar? Sempre depois e muito depois. Não igual nem melhor como me dizem ás vezes pensando que me agradam e me desagradando por completo. A maior parte dos elogios que tenho recebido são de admiradores de Alphonsus de Guimaraens, que repartem com o filho a admiração que têm ao Pae. Talvez pra elles seja ainda um modo de admiral-o. Quando perpetrei meu primeiro verso já encontrei o caminho aberto. Me elogiaram por causa de meu Pae e nunca isso me amolou não. Nem foi a verdadeira causa de eu ter procurado novos rumos. Claro que não.

Eu não li mal o Juiz de Fora. Tem nostalgias no poema, bem vi. O trecho que Você cita é dum dialogo entre um viandante symbolico, sujeito ainda meio antigo (basta ser viandante), e a musa Dyna, naturalmente esportiva, sadia e bem musculada, de riso franco e nuca raspada. O viandante queixa-se da paulificação das trez nostalgias. Mas a musa anima elle:

«Oh bom viandante,
tu has-de luctar
com a força invisivel do fundo do ser!»

e finalmente:

«e terás na magia da noite bemdita
não mais a mentira das rondas esquivas!
e sim a verdade da força e da vida
enchendo a magia da noite amorosa
da ingenua alegria, da força sadia
que lucta e constroe!»

Qual intenção? Nada de nostalgias, etc., penso eu. Mas a resposta que eu queria não era sobre isso mas sobre uma coisa que está roendo dentro de mim. Não saberei explicar-me. Mais cedo do que esperava me arrependi de ter escripto aquelle medonho artigo. Eu disse que Você me machucou mas foram machucões bemfazejos. Machucões bemditos. Infelizmente é assim que a gente aprende a viver e a gostar daquelles que merecem ser amados alem de admirados.

Disponha do meu coração.

Bello Horizonte — 8—11—926

JOÃO ALPHONSUS.

THEATRO E MUSICA

DA ESTUPIDEZ DOS ORÁCULOS

A preocupação de querer saber e adivinhar para onde irá isto ou aquilo é justa. Boba também. Justa porque a ninguêm póde ser indiferente o destino das cousas deste mundo. Natural. A gente lida com elas. Tem o direito de saber portanto qual o rumo que tomam. Mas é boba também não há dúvida nenhuma. E inútil. Principalmente se tudo corre ás mil maravilhas. A árvore cresce? Pois então está certo. Para que profetizar que não passará de tantos metros?

E depois isso de fazer prognósticos é cousa difícil e quási sempre dá errado. Criança a quem toda gente prevê um futuro explêndido acaba fatalmente entrando para o funcionalismo público. Não escapa uma.

Assim é com tudo nesta vida gostosa. Pessoa ou cousa. E dai se conclue que orientar vocações ou o que quer que seja é a tarefa mais ingrata e inútil que pode haver. Quem é bom já nasce feito. Não precisa de professor. O melhor é entregar homens e cousas ao seu próprio destino. Ás suas próprias forças se preferirem. Contrariar ou mesmo encaminhar o impulso natural delas quási nunca dá certo. Tudo isto é muito velho. Mas como tudo quanto é muito velho a começar pela origem do mundo é também muitíssimo pouco sabido.

Por isso mesmo eu gostei que me regalei do que disse Jules Romains ás meninas da Université des Annales de Paris: Não caiamos na tolice de aconselhar o teatro a não tomar êste ou áquêle rumo. Ele seria muito capaz de caminhar direitinho para êles.

Muito bem. É isso sem tirar nem pôr. Anime-se o teatro o mais que se possa. E basta. Nada de se meter a dirigi-lo para cá ou para lá. Nem começar a atordoar os ouvidos do coitado com conselhos. Ele se defenderá sózinho. Não deixar que êle retroceda. Isso sim. Cortar-lhe todos os caminhos de retirada. Para que êle caminhe para a frente sempre. Sem nem olhar para traz. Senão está perdido.

Mas préviamente querer apontar ao teatro os possíveis obstáculos que encontrará e ensinar como deve vence-los é bobagem. Mesmo porque êsses obstaculos ninguêm sabe com certeza de que ordem serão. Depois nunca se poderá aponta-los todos. E o resultado é que êle avisado de uns tão sómente encontrando outros diferentes empaca na certa. Ou não os percebe. Como a criança a quem antes de sair de casa a mãe recomenda muito cuidado nas esquinas. A pobrezinha vai e só toma cüidado nas esquinas. Se tem de passar de uma calçada para outra na mesma rua nem liga para os automóveis. E acaba debaixo de um dêsses malvados. No dia seguinte os jornais noticiam a desgraça com o título: O perigo dos automóveis. Erradamente. Assim é que ficaria certo: O perigo das recomendações.

*
* *

Quem está na luta não tem tempo nem serenidade para avaliar os resultados dela. Isso mais ou menos também disse Jules Romains na mesma conferência. E é tão evidente que não carece de explicação.

Ainda mais. Quando a luta é assim tumultuária como a em que está empenhado o teatro de hojé, onde cada qual se bate com armas e tática próprias diferentes das dos demais e em situações diversas e até contra inimigos vários, é impossível mesmo aos que a ela assistem de palanque ajuizar já não digo de suas probabilidades de triunfo mas do bem ou do mal que daquêle resultará. Como também não se pode no mais aceso da campanha tirar conclusões definitivas sobre o valor ou não dos meios de combate empregados. O tempo fará isso. Então sim: deante do já conseguido será fácil e util tirar o ensinamento para o que houver a fazer ainda. Com o passado a gente não aprende a acertar. É verdade. Mas se aprende a não incidir nos mesmos erros dêle. O que é muito já. Fica-se ciente do que se não deve fazer. Prognosticar porêm em campo inédito, profetizar em materia desconhecida, tirar conclusões do ignorado é absurdo e nocivo. O teatro contemporaneo atirou-se para um terreno nunca batido antes dêle. Encontrou sertão a dentro. Buscando o quê? Ninguêm sabe ao certo. Naturalmente riqueza nova. Mas em que ela consistirá ninguêm pode dizer. O essencial é que busque. Desesperadamente.

O período é de tentativas inéditas. Aos problemas velhos e de todos os tempos juntam-se outros nacidos do instante. Os meios de resolução também são virgens. Nunca ensaiados. Surgem com aquêles. O mal é que cria o antidoto que o torna inofensivo. Lógico. Onde é que já

se viu o remédio anteceder á molestia? A lei ao fenomeno?

Por isso mesmo, porque se trata de terreno absolutamente inédito é que é tolo desde já querer medi-lo em todas as suas dimensões, avaliar todas as riquezas que contem, todos os males que o infestam.

É no entanto o que está fazendo muita gente hoje em dia. Sobretudo na Europa. Os inquéritos sobre o provável futuro do teatro moderno sucedem-se sem descanço. *Ou va le théâtre?* é título de um dêles que a seu tempo será aqui analizado.

Para onde caminha o teatro? Não lhes basta saber que êle caminha. Querem préviamente conhecer a sua trajetória com a certeza astronômica de que dentro de tantos anos alcançará fatalmente tal lugar.

Como se isso fosse possível. Como se isso adeantasse alguma cousa.

* * *

A análise do teatro de hoje só nos dá uma certeza: a certeza de sua renovação. Renovação vitoriosa porque já produz os seus frutos. E benéfica porque (para não dizer mais) toda a renovação o é.

Os meios por que ella está se produzindo são múltiplos. Chegam a desorientar. O que acontece com todas as manifestações de arte nêste momento. Em toda a parte trabalha a mesma ância renovadora. Porêm os movimentos que ela propulsiona são independentes entre si. Na Itália ela não se manifesta como na Rússia. Realiza-se de modo diverso. Poderá portanto alcançar dentro do mesmo objectivo ideal um propósito diferente. Como numa prova de tiro em que os concurrentes não fossem obrigados a atingir o centro do alvo ou determinado ponto dêle. Ai está.

Se existe uma tendência universal perfeitamente reconhecível no esforço de Dullin como no de um Reinhardt ao lado dela existem outras próprias a cada paiz e mesmo a cada agrupamento teatral. Paralelas que como tais só vão convergir num ponto ideal.

Cada povo cria o teatro que lhe convem. Liga-o ao solo. Fa-lo produto não só do momento como tambêm de ambiente. Jules Romains é essencialmente francês. Já o proclamaram molieresco. O que equivale dizer genuinamente gaulês. Por outro lado Sollogub é russo, inconfundivelmente russo. O dramaturgo põe nas suas obras o espírito da terra e da gente. Fundindo-o com o do instante sem dúvida. Mas sem deturpa-lo. De fórma que Bragaglia (Bragaglia é director) pode resolver o problema do teatro italiano. Mas nunca chegará a resolver o do universal. Da soma dos resultados parciais é que sairá o teatro do futuro.

Tarefa que exgotará gerações sôbre gerações. Porque o que se está fazendo hoje em dia não passa de uma seleção de materiais. O Shakespeare que os aproveitará virá a seu tempo. Não tenham duvida.

De que maneira serão aproveitados esses materiais selecionados não nos importa saber. Quaesquer conjecturas serão inúteis e atravancadoras. Ainda por cima muito capazes de dar azar. Porque cousa boa ninguêm gosta de prevêr aos outros. Os adivinhos geralmente se especializam na previsão das desgraças alheias. E daí vem o pavor ingênuo de que o teatro seja dentro de pouco tempo absorvido pelo cinema, tragado pela literatura, engulido pelo espectáculo. Pavor sem fundamento algum. Já disse e repito.

O teatro contemporaneo justamente pelo facto de o ser (tendo rompido com as tradições que o sufocavam) está hoje que nem menino inexperiente. Inexperiente dentro da renovação está visto.

Mas é esperto o diabinho. Promete como o diabo. Muita cautela portanto. Nada de querer orienta-lo. O guri que escolha livremente a carreira que entender. Por enquanto é deixa-lo crescer á vontade. Admirando sua vitalidade estupenda. Mais nada. O contrario é estragar para sempre o menino. Cousa que não se deve fazer. Pelo amor de Deus. E dêle principalmente.

S. Paulo, Outubro de 1926.

ANTONIO DE ALCANTARA MACHADO.

* * *

CHRONICA DA QUINZENA

Três concertos de piano assinalaram, entre outras manifestações artisticas, a primeira quinzena de novembro. As pianistas eram a jovem Maria Antonia, a grande Antonieta e mme. Dyla Tavares Josetti. Disse: a grande Antonieta. Em verdade grandes são todas três. Maria Antonia, ainda mal saida da meninice, revela um certo parentesco de sensibilidade com Antonieta. Antonieta é um prodigio de equilibrio, de clareza, de saude — e de pudor. Não que falte á sua arte o elemento sensual: nem o pudor implica ausencia de sensualidade. Mas esta só se manifesta como naquele conto d'*Os Braços de d. Severina*, de Machado de Assis: com uma reserva, uma ironia, que verdadeiramente a sublimam. Antonieta é uma inteligencia classica. Pois Maria Antonia tambem. Que se pode ser aos dezesete anos, meu Deus? Idade incolor nos mediocres, desconforme nos grandes.

Os casos de harmonia precoce, como o de Maria Antonia, são raros. Como ela tocou bem a sonata de Mozart! Bastava esse numero para consagrá-la como uma das nossas maiores artistas.

De Antonieta não há mais louvores que fazer. É uma grande pianista, uma grande artista, um grande poeta chegado ao cimo de sua maturidade. Se alguma coisa há a esperar-se dela é pôr a sua arte excepcional ao serviço de nossa atrasada cultura, executando em seus recitais, não o que os outros já tocaram e retocaram, mas tanta coisa bonita (e dificil, xi!) que se ouve agora na Europa e que daqui a trinta anos os nossos concertistas começarão á incluir discretamente na ultima parte dos seus programas...

Os nossos amadores de musica já principiam a chamar a senhora Tavares Josetti — pelo seu nome de batismo.

Dyla, sem mais nada. Essa falta de respeito é o sinal brasileiro da consagração afectuosa. Os artistas que amamos, perdem logo o nome de familia. A familia deles somos todos nós. Antonieta, Guiomar, Maria Antonia. Agora Dyla. Dyla Josetti é um temperamento brilhante, claro, seco. Esplendida nas *Variações em dó menor* de Beethoven, no *Preludio em sol menor* de Rachmaninof, em Liszt. Mas as sombras felizes do bailado de Gluck resentiram-se do temperamento saudavel da artista evocadora: tinham vida de mais.

Missangas. Frivolidades em dois actos de Max Mix. Musica de Hekel Tavares.

Scenarios e costumes de Luis de Barros. Bailados de Nemanof. É o ultimo espectaculo da Companhia do Cassino do Passeio.

Numeros muito paus: *O Divorcio; Calha ou não Calha; Danações; Moralistas.*

Uma deliciosa satira que vale toda a peça: *As Filhas do Papai:* o sr. Augusto Anibal, com o cavaignac do presidente eleito, sceptro e uma baita coroa de rei; o sr. Manoelino Teixeira, pedindo-lhe uma das filhas, — uma pasta, na toada do *Rema, rema, rema, ré*. Efeito engraçadissimo. Foi o numero de maior sucesso, o que mostra que o nosso publico não é tão cavalo assim, e sabe apreciar uma critica fina e bem educada.

Dois bailados que honram Nemanof e seu corpo de bailes, Hekel Tavares e Luis de Barros: *A Vestal* e *Kara-kiri*.

Duas boas cortinas: o *Miau-miau*, com um gato gozadissimo, e *Ajuê-ajuá*. Neste numero Elza Gomes e Lucia Mariano estiveram impagaveis. A graça estouvada dessas duas actrizinhas é um lindo espectaculo de mocidade. Onde a primeira foi descobrir aquela vozinha acida que nem pitanga verde? Ela mesma faz careta.

Aracy... é preciso vê-la cantar a *Menina de Cinema*. Pra não falar dos outros papeis.

No numero do *Salteador* o publico assobiou de coió: que gente impossivel! — M. B.

LITERATURA

A QUESTÃO MODERNISTA

Os ultimos quinze dias tiveram duas notas sensacionaes para os que se preoccupam com as questões da esthetica nova. O sr. Ronald de Carvalho deu uma entrevista. O sr. Guilherme de Almeida fez uma conferencia. Para os que tinham ainda alguma duvida sobre a situação que occupam os dois no actual momento literario essa conferencia e essa entrevista vieram servir de elemento esclarecedor. Para os que tudo ignoravam foram duas revelações.

Existem hoje, na moderna literatura brasileira, dois grupos nitidamente separados: um que procura ansiosamente saber e outro que ensina com autoridade aquillo que sabe. Mas o diabo é que aquillo que o primeiro quer saber não tem nenhuma relação com o que o segundo quer ensinar. E ficam todos discutindo indefinidamente...

Como figuras mais eminentes do segundo grupo temos o sr. Graça Aranha, que prega a alegria; o sr. Ronald de Carvalho que prega o enthusiasmo, e o sr. Guilherme de Almeida, que prega a força saudavel. Tratemos dos dois ultimos.

Com o sr. Ronald de Carvalho existe um malentendido inicial de que ninguem é culpado.

Em primeiro lugar o sr. Ronald de Carvalho é um cerebral e, como tal, responde com sua lucida intelligencia a todas as nossas confusas perguntas de sentimento e de emoção. Precisavamos de alguem que explicasse a pressão emocional interior que tem creado o dadaismo, o super-realismo e outros tantos derivativos, mas o sr. Ronald de Carvalho distrae-se e fala-nos intelligentemente do aproveitamento social da poesia do enthusiasmo. E note-se que o poeta que escreve hoje a poesia do enthusiasmo é o mesmo que escreveu ha alguns annos:

«..... deixa que a vida passe,
a vida é uma canção transitoria e fugace
um ligeiro tremor numa bolha de espuma» (1)

Em segundo lugar o sr. Ronald de Carvalho é um erudito. E assim lança mão de sua grande cultura e cita varios nomes (creio que ha mais de vinte na sua entrevista), para abordar problemas que dependem de pura intuição. Depois de tudo isso o sr. Ronald de Carvalho esmaga superiormente, com numerosos argumentos, varias opiniões que nunca ninguem teve. Elle explica, por exemplo, que o motivo negro nunca deverá ser central na literatura brasileira. Ninguem nunca disse o contrario, pois todos concordam que o «negrismo» é simplesmente decorativo e só tem apparencia principal em poemas de pura ficção, como «Raça», do sr. Guilherme de Almeida.

Sobre este ultimo ha, desde muito tempo, uma opinião unanime. E, contrariamente ao geral das opiniões unanimes, exacta. O sr. Guilherme de Almeida é, effectivamente, o mais extraordinario auctor de versos que o Brasil tem tido. Como auctor de poesia é que o caso muda de figura. Um dos mais nossos interessantes escriptores modernos disse uma vez que o creador do «Meu» é importantissimo no ponto de vista literario, mas não tem nenhuma importancia no ponto de vista poetico».

Com sua prodigiosa faculdade de assimilar e crear formas em todas as suas manifestações, o sr. Guilherme de Almeida só apprehendeu, do espirito moderno, a forma ou as formas. Em summa, o aspecto exterior. É um homem que ainda acredita nos arranhaceus e no jazz-band como phenomenos demonstradores do espirito moderno. É um homem que ainda faz, em arte, apologia da solidez physica. Não quero dizer que isso seja errado, mas é inutil. Todo mundo já sabe que o maillot de banho faz bem. E não nos adeanta nada repeti-lo. E note-se que o sr. Guilherme de Almeida, que hoje exalta os hercules, foi quem escreveu «Soror Dolorosa». É ainda a sua melhor obra, mas nesses poemas:

«em cada nervo, em cada musculo
elle tem sombras de sol posto...»

como o proprio poeta conta.

O sr. Guilherme de Almeida é, no fundo, um puro creador de belleza. Dahi a distancia que o separa de nós. Com effeito, ha algum tempo, o homem descrente da gloria, do amor, da ventura, da fortuna, encerrava-se bysantinamente na realisação daquillo que os chamados espiritos superiores diziam ser uma «obra de belleza». E a belleza era a suprema valvula de segurança.

Hoje, porém, a belleza já não satisfaz por ella mesma. Está mesmo mudado o conceito que se dá actualmente á noção de belleza em poesia. O bello não é mais o que tem graça, harmonia, bom gosto, bons rythmos, bôas formas. O que chamamos bello é aquillo que encontramos em poemas como «Nocturno de Bello Horizonte» de Mario de Andrade ou «Cacto» de Manoel Bandeira. A belleza não é mais o que se admira: é o que se sente. A belleza hoje está perto de nós. É a comprehensão alegre ou triste da vida.

O sr. Guilherme de Almeida é creador da outra belleza. «Raça» é um lindo poema que não tinha nenhuma necessidade de ser escripto. Pode-se dizer, do mesmo modo, que a sua conferencia é muito bonita. (Só não é bonito nella o inesperado modo de revidar discordancias puramente literarias com ataques do mais estreito personalismo). Sua conferencia é bonita. Mas, porque só bonita, tediosa. Porque só bonita, inutil. Não nos adeantou nada, a nós que esperavamos talvez delle uma sahida para o impasse em que nos achamos. Porque o caso é muito serio. Não sabemos o que queremos.

Mas sabemos *que não queremos* o que se faz actualmente. Nada de intellectualismo. Nada de erudição. Nada de formalismo. Nada de belleza. Quem nos indicará o caminho?

Actualmente Manoel Bandeira e Ribeiro Couto contam-nos as proprias vidas. Mario de Andrade conta historias admiraveis... mas historias. Ronald de Carvalho discorre sobre as civilisações pre-colombianas. Guilherme de Almeida escreve coisas bonitas.

Essas considerações levaram Prudente de Moraes, neto, a dizer-me outro dia, com um brilho de sinceridade nos olhos azues: «Para o nosso caso só ha uma solução, a de Rimbaud».

Porém mesmo sobre esta idéa ainda temos duvidas. Será uma solução?

AFFONSO ARINOS (Sobrinho).

❧ ❧ ❧

Everardo Backeuser — *A Estructura Politica do Brasil* (Notas Previas) — Mendonça, Machado & C. — Rio, 1926.

Há três coisas que incompatibilizam a gente com uma pessoa. Uma é o esperanto. As outras

(1) Citação de memoria dos «Poemas e Sonetos».

duas são o positivismo e o xarope de grozelha. Eu implicava com o dr. Everardo Backeuser por causa do esperanto.

Um dia me encontro na Avenida com o Venancio Filho.

— Você é euclideano?

— De coração.

— Então vamos á sessão comemorativa da morte do Euclides.

Fazia muito calor. Segundo andar do casarão do Largo do Paço. Meia duzia de pessoas, e entre elas os grandes olhos inteligentes de mlle. Heloisa Alberto Torres.

O dr. Backeuser começou a falar. Tom maçante de discurso. Estilo de engenheiro que tambem quer tirar a sua casquinha na arte de escrever. (O que perde os engenheiros... e os escritores é imaginar que a literatura é a arte de burilar frases e figuras de retorica. Quando o dr. Backeuser se esquece de fazer bonito, escreve bem, e até com vigor de boa eloquencia scientifica); Pois me interessei pela Conferencia. Através de uma analise paciente, tão brilhante quanto solida, da obra de Euclides da Cunha, o conferencista chegou á conclusão de que o autor dos *Sertões* era antes de tudo e acima de tudo — um geographo. A coisa dita assim parece besteira, porque a gente toma a palavra no sentido mediocre de escriturario descritivista. Ora a moderna geographia dos Ratrel, dos Vidal de la Blache, dos Penks, dos Huntington não é sopa, não. Os horizontes dela são imensos, e para versá-la com sucesso se torna necessario um mundo de conhecimentos gerais a serviço de uma mentalidade rija e curiosa. Não tem duvida: Euclides era um grande geografo. Quem o revelou foi o dr. Backeuser, e desde esse dia eu fiquei admirando o dr. Backeuser, — apesar do esperanto.

Obra de geografo é tambem esta das *Notas Previas,* em verdade suspiração funda para um esforço monumental, de que nos parece inteiramente capaz e digno a intelligencia e cultura do autor. O dr. Everardo Backeuser acaba de tomar neste livro preparatorio um compromisso de honra, a que não poderá faltar. Convem para isso que êle saiba e queira sacrificar a grandeza da idealização á possibilidade de realisação. Pondere como no livro de hoje certos capitulos de simples escorço, como *A Nova Concepção da Geografia, A Politica e a Geo-politica, segundo Kyellen, O Conceito de Supernação, Clima e Civilisação: Theoria do Grau de Cultura,* instruem, esclarecem, orientam, O ultimo capitulo citado é realmente a gala deste volume. Nele o dr. Backeuser apresenta a sua teoria do «grau de cultura», que vem completar aquela outra de Ratzel, a da «posição geographica». Grau de cultura da epoca, posição geografica, são as duas coordenadas a assinalarem os grandes centros successivos de civilização. O sr. Backeuser compendia em tres leis a sua teoria do «grau de cultura»:

1.ª A velocidade de dilatação do ecumeno dominado por um dado centro geografico é função do grau de cultura da epoca;

2.ª O «optimum» de valor de uma «posição geografica» varia com o grau de cultura da humanidade;

3.ª A trajectoria geográfica da civilisação indica, por extrapolação, que ela voltará ao Equador.

O passado confirma as duas primeiras. Só o futuro dirá se não foi aventurosa a avançada do ilustre geografo.

Eta, torcida brasileira.

MANUEL BANDEIRA.

* * *

Mucio Leão — *Thesouro Recondito* — Cia. de Livros e Papeis — Rio — 1926.

Eu me lembro do susto triste que levei aí no Rio em 1922 quando José Vicente Sobrinho me disse a idade de Mucio Leão. Pelo tom de seus artigos no *Correio da Manhã* (de dois ou tres que eu lera ao menos) julgava-o maior de cincoenta anos. É verdade. Para velho suas crónicas não eram lá muito más. Serviam. Mas como obra de moço! Fiquei desiludido de uma vez.

Este *Thesouro recondito* então me deixou desconsolado que só vendo. Poesia conselheiral. Versos sentenciosos. Reflexões de sacristia. Aforismos de boletim de santuário. O título do volume é erradíssimo: *Manual do primeiro comungante* é que seria certo. Olhem isto por exemplo *(Caminho da perfeição):*

Entrae a porta menos nobre.
Bebei do mais humilde vinho
Que der a mais humilde mão.
— Lembrae-vos, sempre, que o caminho
Que for mais arido e mais pobre
É que conduz á perfeição.

Ou isto *(Riqueza interior):*

Loucos! Quereis possuir glorias, brazões, metaes!
Tendo uma alma feliz, não tereis muito mais?

Que vá mais isto de chôro *(O instante que passa)*:

Cada instante que passa é um minuto da vida
Que, sem sentir, estás, como um louco, a perder!
É mais um passo que tu dás, de alma atrevida,
Para o final anoitecer...

Profundo não? O livro é todo assim. Desenxabido, cacete, solene, morno e velho como ele só. Livro de seminarista. Muitos conselhos. Muitos. Muitas advertências. Muitas. Muita bobagem. Muita. Poesia mesmo não se enxerga. Ou o que é peor: não se sente. Depois uma miséria nas imagens que dá pena até. Não é só: moleza de expressão, trivialidade de pensamento, monotonia de inspiração tambêm. Tudo chato. Tudo fraco. Tudo gasto. Tudo sabido.

Tudo lirial principalmente. Título de uma poesia: ....*Ou como os lyrios do campo* (está subentendido viver). Já se viu tolice igual? Outros exemplos: *Estrellas lyriaes* (p. 33), *lyrios dos campos viridentes* (p. 13), *Almas, dos lyrios vós sois irmãs* (p. 49), *na lyrial doçura, na lyrial ternura* (p. 55), *astros lyriaes* (p. 62), *sorristes, lyriaes, em vossa aurora* (p. 64), *olympos lyriaes* (p. 69). É lírio demais. Parece até altar de Nossa Senhora em mez de maio.

Alêm disso o livro está cheio de cousas dêste quilate: *varzeas floreas* (p. 13), *macio frouxel dos ninhos* (p. 19), *manto de ouro do bem* (p. 34). *Doce Esperança, luz de nossa alma!* (p. 41), *eterna ebriez do amor* (p. 47), *placidas estrellas, noivas merencoreas* (p. 54), *virginal palor* (p. 56), *divino alvor dos sóes* (p. 60), *do candor das alvoradas, da pompa dos arrebóes* (p. 67), *eldorado da illusão* (p. 68), *jardins de luz do firmamento* (p. 73). Página 73. E o livro tem 102. Por aí calculem. *Lira dos salões*. Tal qual.

O tesouro de Mucio Leão é todo êle de preceitos e sentenças de catecismo. Como eu gosto muito de exemplos ai vai uma porção dêles: *Se alguem te ferir, esquece (Doçura de ser bom), Se buscas ser perfeito, esquece o mundo (Modestia), Procura ser verdadeiro (Ser bom), Nossa breve existencia é um combate sem gloria (A vida), Amigo, a morte, como o nascimento, é sómente um mysterio natural (A morte), Se quizeres ser bom, olha para o teu intimo (O deus intimo), Passemos cada dia desta vida como se fosse o ultimo a viver (O ultimo dia), Trabalha para o bem (Alegria no trabalho), Bane do teu espirito a vaidade (Como a oliva), Onde quer que tu vás, poderás ser feliz: basta que tenhas a alma ao bem sujeita (A ultima luz).*

Como se vê, puro Lacordaire de folhinha de empório. Segunda edição Quaresma do marquez de Maricá. Filósofo, pregador e moralista de almanaque para propaganda de xaropes. Tudo quanto quizerem. Menos poeta. Não há dois versos que fricionados produzam uma chispa de poesia. Pequenina que seja.

E é moço. Dêstes tempos. Parece incrível. Não. Não parece. *La jeunesse c'est une conquête*. Mas quem poude escrever *Thesouro recondito* nunca saberá ler Jules Supervielle.

ANTONIO DE ALCANTARA MACHADO.

❦ ❦ ❦

Cassiano Ricardo — *Vamos caçar papagaios* — Editorial Helios Ltd. — S. Paulo, 1926.

Cassiano Ricardo. O mesmo da campanha da *Folha da Noite* em 1922. O parnasiano violento que xingou tanto o modernismo por falta de compreensão. Porem um dia deu estalo nêle e Cassiano Ricardo aderiu. Depois disso, tenho o direito de gozar a cara de cachorro que quebrou panéla que ele deve fazer se lembrando dos proprios artigos, agora que ja passou pela indispensavel revisão de valores e que Oswald, Mario e outros injuriados tiveram o seu elogio.

Cassiano Ricardo, como todo o grupo verde-amarelo, gira em torno da questão da arte brasileira. Como se sabe, o manifesto verde-amarelo apareceu em contraposição ao pau-brasil, no qual Oswald de Andrade, o homem das invenções geniaes, descobriu a necessidade nacional de uma arte nossa. A descoberta de Oswald provocando aplausos e repulsas de toda ordem, era tão necessaria e urgente que reflectiu sobre aqueles mesmo que a repelliam. O modernismo só ja éra uma côisa vaga demais para ocupar todas actividades. E cada um tratou de resolver á sua moda o problema.

Desse estado de coisas nasceu mais um grande equivoco: foi e é pensamento geral que é preciso *fazer, criar, inventar* a arte brasileira. Só o Sr. Sergio Buarque de Hollanda, a meu ver, se colocou no ponto de vista justo dizendo que ela «não nascerá de nossa vontade, surgirá muito mais provavelmente da nossa indiferença».

Não concorda com isso o Sr. Cassiano Ricardo.

Como Ronald de Carvalho e Guilherme de Almeida êle procura realizar um plano que é o resultado das suas opiniões. No seu ultimo livro o poeta se deu ao trabalho de pôr em verso a historia do Brasil, aproveitando muito ideias, processos, imagens de Oswald de Andrade, imagens e ritmos de Guilherme de Almeida. Não resta a menor duvida que sem lêr o «Pau-Brasil» o Sr.

Cassiano nunca escreveria o «Vamos caçar papagaios»; do Sr. Plinio Salgado já não se pode dizer o mesmo: sem Oswald êle só não faria o «O Extrangeiro» *como fez*.

Porem o vicio essencial do Sr. Cassiano Ricardo é acreditar que faz poesia, bôa poesia dos tempos que correm, conservando o seu parnasianissimo gosto das imagens esmagadoras, substituindo o seu antigo jardim de hesperides pelo «verde das nossas matas» e a teoria de deuses que celebrava em seus versos sonoros por um cortejo de brasileiros historicos, mas continuando ausente dos seus poemas que por isso mesmo continuam despidos de toda significação a não ser aquela de festa de fim de âno em escola publica que Oswald de Andrade lhe atribue. A ausencia do autor faz com que o «Vamos caçar papagaios» não passe de uma serie de quadros onde a gente só póde se interessar pela habilidade do artista na reconstrucção historica arbitraria. Arbitraria sim. O poema «Palmares» por exemplo acaba com estes versos:

(Nisto passou gritando no ar em bandos verde-
[gaios,
uma porção de papagaios...)
Quem foi que lhe contou seu Cassiano?

Entretanto ha dois bons poemas no livro de Cassiano Ricardo. Dois... não digo bem. Haveria si êle quizesse suprimir a segunda metade bem ruinzinha de um dêles e despir o pijama dos gafanhotos do outro, coitadinhos. Esses dois poemas são «A filha do imigrante» e «A Chicara de Café». O ultimo começa:

«A chicara é brannca e pequena como uma casca
[de ovo
O garçon traz o bule e derrama o café forte e
[novo
como si derramasse por encanto
uma pequena noite liquida e cheirosa na
casca de ovo.

A minha chicara de café
é o resumo de todas as coisas que vi na fazenda
[e me vêm á memoria apagada,

Na minha memoria anda um carro de bois a bater
[as porteiras da estrada...
Na minha memoria poisou um pinhé a gritar
[crapinhé!

E passam uns homens
que lévam ás costas
jacás multicôres
com grãos de café

E piscam lá dentro no fundo do meu coração
uns olhos negros de cabocla a olhar para mim
com o seu vestido de alecrim e pés no chão.

Uma carinha côr de luar na tarde rôxo-rosa...

Um cuitélinho verde a sussurrar enfiando o bico
[na catleya cor de sol que floriu no portão.
E o coronel no alpendre a calcular a safra do es-
[pigão.

E as pamonhas inconhas de milho amarelo?
E os viras e canarios a saltar sobre o farélo?

Mas acima de tudo
aquêles olhos de veludo da cabocla maliciosa
[a olhar pra mim

. . . . . .

Corto o poema aqui. E o Sr. Cassiano Ricardo pode estar certo que só teria a lucrar si fizesse como eu.

PRUDENTE DE MORAES, neto.

Edmundo Lys — «*Sheherasade, campeã de tennis, e outras pessôas distinctas*» — Empreza Graphica Editora — Rio, 1925.

Ainda bem que o Sr. Edmundo Lys não escreve mais nada que se pareça com a sua «Sheherasade, campeã de tennis». Hoje, elle tem poemas excellentes prestes a apparecer num volume e materia de prosa, que interessa muito á toda gente bôa que o conhece.

Esse livro publicado, porém, é ruimsinho. Vem do tempo em que elle queria passar por sabido em elegampcias modernas: fala em carros «Owen-Magnetic», em «Cloches claros de Knox», «Camels ovaladas», «costumes de P. Clement Brown», «realisações sobrias de Wm. A. French & Co.»

e em outras cousas difficilimas. Tudo isso em tres paginas apenas. Dahi em deante, conta umas historias que a gente não chega a entender para que são contadas; toma um ar superior para o Sr. Julio Dantas; admira Eça de Queiroz, Oscar Wilde, o portuguez Antonio Ferro e outros. E não se esquece de arranjar uma Salomé — «A ultima Salomé» —, com pretenções modernisantes.

O livro todo é muito ruimsinho. Faz-se um esforço para desencavar ahi qualquer indicio do escriptor interessante que devia sair do Sr. Edmundo Lys. Mas cança-se de procurar.

Talvez que da maneira prompta com que entra em materia ou da ordem directa e viva de seu discurso, no volume de «Sheherasade», se possa induzir, com algum optimismo, o excellente poeta e contador que elle veio a ser depois. No emtanto, essa inducção requer bastante bôa vontade. E o Sr. Edmundo Lys já não precisa reclamar isso de nós.

Agóra que produz cousa bôa, precisa apenas de seguir o conselho que lhe deu Manuel Bandeira: adoptar em literatura o seu nome legal, em vez daquelle pseudonymo que conserva ainda, com cheiro de «Sheherasade».

RODRIGO M. F. DE ANDRADE.

Antenor Nascentes — *O idioma Nacional* — Rio, 1926.

O sr. Antenor Nascentes é um nome feito no magisterio, desde a sua tese de concurso á cadeira de espanhol do Colegio Pedro II. Versava ela sobre um ensaio de fonetica diferencial luso-castelhana e os elementos gregos encontrados no espanhol. Foi isso em 1919. Depois, entre outros trabalhos menores, deu-nos ele uma importante contribuição á dialectologia no seu livrinho acerca d'*O Linguajar Carioca em 1922*. Agora, tendo passado a reger a cadeira de português do mesmo colegio, iniciou um novo escrito, que abrangerá cinco volumes, e constituirá, a julgar por este primeiro, um utilissimo e seguro depositario de factos concretos da nossa linguagem. As pequenas dificuldades de flexões nominais e verbais, em que são tão onimos o comum dos compendios, estão aqui quasi exaustivamente destrinçadas. O sr. Antenor Nascentes declara em prefacio querer respeitar as legitimas tendencias da lingua portuguesa no Brasil, por entender «que todas as modalidades foneticas, semanticas e sintacticas, correntes no Brasil *e correctas*, devem ser preferidas pois representam o genuino modo de falar do nosso povo». Nos alegramos de ver tais palavras em boca de tal prestigio linguistico.

MANUEL BANDEIRA.

Desembargador Benedicto de Barros e Vasconcellos — *O Parnahiba no Maranhão* — São Luiz, 1926.

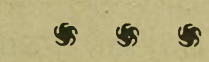
Ao contrario do que fez pensar o seu titulo de desembargador e a condição que aléga de advogado dos interesses maranhenses, o autor não se ocupa de um problema *juridico*. Aliás, o aspecto propriamente juridico nunca foi o principal nessa questão de limites. Maranhão e Piauí sempre reconheceram por linha divisoria o *thalweg* do Parnaíba. Isso mesmo se assentou no convenio celebrado entre esses dois Estados na Conferencia de limites interestaduais de 1920: «O rio Parnaiba constitúe em todo o seu curso, desde as nascentes até a foz, a linha divisoria que separa os dois Estados». O que estava em discussão era o proprio curso do rio, isto é, o ramo principal dêle nas cabeceiras e no delta. Tudo se reduzia portanto a uma questão puramente tecnica de levantamento topográfico. Tanto assim que o citado convênio entregou a solução do caso a uma comissão do Estado Maior do Esército, cujo parecer os Estados litigantes se comprometeram a aceitar «*ad referendum* dos respectivos Congressos, na forma do art. 4.º da Constituição Federal».

Pretendia o Piauí que os braços principais do Parnaíba fossem a Parnaibinha e o Riozinho, na nascente. E na foz, a baía de Tutoia. O Maranhão defendia a linha de separação pelo Corriola, na nascente, e na foz pelo braço que desemboca na barra das Canarias. A comissão tecnica deu ganho de causa ao Maranhão, mostrando de maneira que parece irrecusavel que a baía de Tutoia não pertence á bacia fluvial em questão e que o prolongamento natural do Parnaíba é com efeito o que vai dar na barra das Canarias. Quanto á cabeceira, por motivos tambem de incontestavel procedência, foi considerada principal a do rio Agua Quente, decisão essa muito mais prossima da linha maranhense que da defendida pelo Piauí.

O autor reproduz em apêndice o parecer da comissão, que por signal é mais seguro e conciso

que o proprio trabalho dêle. A gente fica até sem saber o que é que adiantou escrever e publicar os artigos que formam o volume depois de resolvido o caso naquêle parecer. E embora «não se tratando de obra *puramente literaria*», como diz o desembargador Vasconcellos, bem que se sente falta de clareza e de unidade na esposição. Isso obriga o leitor a uma colaboração continua, tal como acontecia com os senhores simbolistas. Mal comparando, já se vê.

PRUDENTE DE MORAES, NETO.



Carlos Rubens — «*J. Baptista da Costa (Notas sobre o Homem e a Obra)*» — Typ. do *Jornal do Commercio* — Rio de Janeiro, 1926.

Um folhêto muito bom. Á primeira pagina uma citação impagavel do «Correio Paulistano» que fala em «inarrefecivel amor á arte», «sceptro de principe da paisagem brasileira, etc. Depois, outra do Sr. Alberto Rangel. Emfim comparece o Sr. Carlos Rubens com a sua prosa, invocando um cavalheiro chamado Moreno Brandão que elle presume ter inventado a applicação literaria daquella historia de Henrique III deante do cadaver do Duque de Guise. Isso, para pedir-lhe venia de dizer que J. Baptista da Costa morto parece maior do que vivo. Mas não o diz como o tal Moreno Brandão, nem como Henrique III. Sua linguagem é muito melhor:

«Morto, repentinamente, á claridade estival de uma manhã de azul translucido, sonóra de amaveis cantos de aves, houve um estupor. A propria natureza que lhe fôra modelo e em cuja transplantação della ia deixando escorrer o perfume de sua melancolia e de sua bondade, a propria natureza parece que ficou hypnotica, somnambulica, á noticia pávida.

E viu-se com a perda irremediavel, com a paralysação que será eterna, da palheta que não conhecera obscuridade nem pausa, porque fôra lúcida e lépida; viu-se que Baptista da Costa era maior do que se suppunha, porque era, no momento, insubstituivel.

E assim foi».

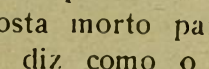
Nesse tom, mais ou menos, prosegue o Sr. Carlos Rubens até o fim de sua obrinha. E a gente o acompanha com delicia. De vez em quando elle cita o Sr. Flexa Ribeiro, o Sr. Laudelino Freire, o Sr. Miguel Luis Rocuant, ou então põe aspas em phrases como esta: «de bôa comprehensão e excellente technica». Mas as melhores citações do Sr. Carlos Rubens são as que elle faz de si mesmo: «Commentando-os (os quadros de B. da Costa) disse eu no meu *Impressões de Arte*», etc., etc.; «Na *America Brasileira* referi-me ao *Nevoas da Manhã*, que é um dos trabalhos mais formosos do saudoso pintor», etc., etc.; e solta prosa, da bôa.

Quem abre o folheto, vae da primeira á ultima pagina enlevado. Mas onde o Sr. Carlos Rubens mostra todos os seus recursos é num capitulo chamado «Baptista e a Natureza», incluido na obra «por solicitações a que o autor não podia deixar de attender». Ahi é que o belletrista se revéla estupendo:

«Queriamos, talvez, embriagados na illusão das horas de ouro, que ellas fossem eternas na materialidade physica, e nos dessem perpetuamente a beber o nectar ambrosiaco de sua intelligencia e de seu affecto. Queriamos vêl-as sempre, na sua candura angélica, superiores aos odios mesquinhos, ás miserias do mundo, esflorando-se em piedade e affectos sacratissimos, sobre a lama que só a seres assim não attinge e pollúe».

Se o Sr. Carlos Rubens fosse mais nacionalista e não empregasse expressões francezas, como «sentiment de la couleur» vibration de la lumière», etc., a gente diria que elle está muito influenciado pelo seu illustre compadre — o Sr. Gomes Sampaio.

RODRIGO M. F. DE ANDRADE.



A PROPOSITO DE «O EXTRANGEIRO», DE PLINIO SALGADO

Meu gordo e simpático amigo Augusto Schmidt, mal impressionado pela nota que escrevi para o último número da Revista do Brasil sobre o romance de estréa do sr. Plinio Salgado, acaba de me dirigir esta carta aberta muito inteligente e toda errada, em que me atribúe, entre outras coisas feias, odios que não tenho e maldades que nunca fiz.

Um dos erros mais errados em que caiu meu pesado amigo é o engraçadissimo engano de perspectiva que faz elle julgar parcialidade e antipatia

ao que é apenas a ausência em mim da parcialidade e da simpatia incondicional dêle pelo romancista verde-amarélo. E embora êle é que não admita a minha opinião diferente, o dogmático, o intolerante, o unilateral parece-lhe que sou eu.

Onde, porem, Schmidt espichou-se completamente, foi na escolha de um trechozinho do romance em questão pra dar a mim e aos leitores uma idéa do grande *livro que eu «desanquei».*

Schimidt, tu não dá pra adevogado, diabo. Si um dia você quiser citar alguma cousa minha, não escolha sem me prevenir, meu velho. Eu sou camarada, Schmidt. Não faz isso comigo não. — Prudente de Moraes, neto.

CARTA ABERTA A PRUDENTE DE MORAES NETO

Eu li sua nota sobre «O Extrangeiro», de Plinio Salgado, Prudente, neto! Fiquei triste, bem triste pensando no gôzo dos bôbalhões que julgam que arte é recital da declamadora Fulaninha.

Você fez, Prudente, neto, uma baita injustiça negando qualidades ao «O Extrangeiro».

Você e alguns outros rapazes de merito inegavel tomaram, na minha opinião, o bonde errado, procurando sufocar o mulatismo enthusiastico que é caracteristica bem nossa. Vocês são frios, medidos e *ecessivamente criticos*. Estão ainda sofrendo, é inutil negar, *uma crise aguda de intelectualismo*. São inteligentes demasiadamente. Tão inteligentes que erram a todo o instante.

A sua nota sobre «O Extrangeiro» é o resultado desse criticismo esagerado e, tambem, de sua parcialidade e falta de simpatia p'ra os que não vão a sua missa. É duro, mas é verdade, Prudente, neto.

Você, Prudente, neto, é, em muita cousa, a evolução do Osorio Estrada. Odios V. os tem, talqualmente o papão do Jornal do Brasil, e dedicações tambem cégas. Tão cégas como a galinha do João Alfonsus e como a minha admiração por Você.

Eu admiro V. Prudente, neto, acho que V. tem qualidades admiraveis de cultura e de esquecimento da dita; porem, estou tomando um medo das suas maneiras... Você está dogmatico intolerante á bessa.

Já no tempo da «Escrava» o Mario de Andrade dizia:

«Na orientação modernizante seguem-se indicações largas dentro das quais se move com prazer a liberdade individual». Você creu, Prudente, neto, poder arrumar toda a turma livre dentro do seu ponto de vista — do seu lado. — Enganou-se. *Cada um está do seu proprio lado.* A tal historia da verdade egocentrica.

O Plinio Salgado não pastichou Oswald de Andrade. Tem parentesco com elle. Todo o escriptor, moderno, aqui principalmente, tem parentesco. O proprio Oswald, V. sabe, tem parentesco com muita gente lá de fóra. Você mesmo, Prudente, neto, muita gente diz que tem parentesco com o estupendissimo «seu» Mario de Andrade. Modos de vêr...

A sua maldade aparece na nota da Revista do Brasil, aparece bem claramente. Você péga um pontinho fraco, brinca com ele, alarga ele, mostra a todo mundo, na sua volupiasinha de destruir: Pega uma frase, remexe ela, deixa ela girando no ar. Sosinha. A tal historia do cavalo resupino, que pareceu p'ra V. arriscado esercicio de equitação exemplifica bem. V. poderia — aí fica provada sua falta de simpatia — citar o trêchosinho do mesmo capitulo, que dá uma idéa do *grande* livro que V. desancou, trêchosinho que vou transcrever:

«A lenda romantica accendia musicas mysticas na bocca de Juvencio todo sentimental.

— E o Palacio Encantado? peguntou Ivan sorrindo.

— Era... apenas uma lenda!

— Era a felicidade que a gente procurava em vão.

— «Não, replicou lyricamente o professor. Devia sêr a Alma da Patria; que ainda não achamos, a chave do nosso enigma...

O moscovita disse, pensativo:

— Felizes os povos que ainda não encontraram a chave desse enigma. Ella só é achada na velhice. E, então, já não se quer a felicidade, mas o remedio para aliviar a desgraça. É o que succede á minha Patria.

— Nós somos a Duvida..., exclava Juvencio.

— Signal da infancia... madrugada... imprecisões da vitalidade latente...»

Um livro com paginas assim, (quasi todas são assim) deveria merecer, penso eu, uma benemerencia um pouco maior, mesmo de um critico *ezigente* como Prudente, neto, que, admira e ezalta tanto o *bom* poeta Ribeiro Couto e seria mesmo capaz de subscrever, a opinião de seu amigo Sergio Buarque de Hollando, que diz sêr o «Um homem na multidão» um dos três milhores livros de versos da nossa literatura. Amisades...

«O Extrangeiro tem todas as qualidades e todos os defeitos do momento. É um livro tumultuoso desigual, barbaro, pensado bem, vivido bem. Um livro que, salvo alguns ezageros de imagens que só se pódem admitir no grande Oswald, (digo grande Prudente, neto, com toda a sinceridade, porque o acho autor de uma cousa das mais serias que têm surgido no Brasil: «Pao Brasil») que não é de um literato; mas de um homem. *De um homem.*

Não seja intransigente, Prudente, neto. «Unilateral» Simpatico e antipatico. Parcial.

A sua nota sobre «O Extrangeiro» foi um charuto havano pra digestão do «seu» Laudelino Freire e outros mumificados.

Que classe desunida santo Deus!

Adeusinho, Prudente, neto, me abrace, e se me encontrar na rua fale comigo que eu gosto muito de Você.

AUGUSTO F. SCHMIDT.

VIDA SOCIAL

12 DE OUTUBRO

E' provavel pensar minha indulgente leitora que se trata da descoberta da America. Engana-se. Trata-se de cousa menos importante, talvez, e mais agradavel, sem duvida. De uma tarde deliciosa, passada em bôa companhia, tomando chá e conversando. Não ha dansas. Apenas uma pequena reunião. A senhorita Maria Elisa Dutra recebe as amiguinhas e alguns rapazes.

Não lhe vênho tecer elogios pois que delles não precisa. Não descreverei tão pouco as «toilettes». Uma modista o faria melhor que eu. Direi que o conjuncto era um prazer para os olhos, e creio que não se póde dizer mais. E, como aqui se trate de sociedade, não posso deixar sem registro um acontecimento raro — um chá sem dansas. Não que seja inimigo da dansa. Muito pelo contrario. Aprecio, como toda a gente, o «charleston» e o «maxixe». Mas como hoje em dia, a proposito de tudo e de nada, convoca-se o «jazz-band», uma reunião como esta tem um sabor especial.

Ha muito que se perdeu a arte de conversar. Em geral, dansa-se sem falar e, depois, por muito favor, faz-se um ou outro commentario a respeito do tempo, da ultima festa de caridade, ou do proximo banho de mar. Isto, quando se não diz mal da vida alheia, unica modalidade de conversação que desappareceria com proveito e que, por isso mesmo, não dá mostras de o querer fazer.

Trocar idéas, ás vezes galanteios, em resumo connversar, é cousa que quasi nunca se faz. Foi o que se fez naquella tarde. Para quem, com a sua graciosa hospitalidade, nos proporcionou aquella encantadora reunião, aqui ficam parabens e agradecimentos.

PRO MATRE

Obteve um justo e grande successo a festa de caridade, em beneficio da Pró Matre, realizada a 16 de outubro no Theatro João Caetano.

Deram-nos primeiro uma peça em verso «Unico Amor», do Sr. Olegario Mariano. Foi ella finamente interpretada pela Sra. Francisca Nozières e mais o autor que, com grande surpresa nossa, se revelou um excellente actor. Infelizmente o theatro é um pouco grande de mais para a sua voz, o que fez com que perdessemos algumas cousas do que dizia. Mas o gesto, o movimento, e o «aplomb» mais pareciam de um profissional «qui a l'habitude des planches», que de um amador. A Sra. Nozières não precisa de commentarios porque, como artista, já está de ha muito consagrada.

Veiu depois «Os amores do abat-jour» da poetisa Maria Eugenia Celso, comedia em verso, graciosa e amavel, cheia de uma fina emoção. A senhora Nozières e o Sr. Olegario Mariano actuaram como na primeira peça. Resta-nos falar das senhoritas Mary Penido e Mariana Roxo, que, com os dois primeiros, obtiveram applausos universaes. A senhorita Penido, graciosa e encantadora, creou logo em torno de si aquella atmosphera de sympathia que já creára quando da representação de «Nuages» de Luis Annibal Falcão. A senhorita Roxo deu mais uma prova do seu talento, com uma esplendida dicção, e um desembaraço incomparavel.

A platéa applaudiu calorosamente as peças e os actores.

Em seguida, a Sra. Naruna Corder e o Sr. Sergio Rocha Miranda, que foi admiravel, dansaram notavelmente o bailado do «Prologo do Ladrão de Bagdad».

Apresentaram-nos depois uma scena extremamente interessante, e que já tivera grandes successo na revista de amadores «Rio-Petropolis», levada em Março ultimo, em Petropolis. Consiste essa scena numa representação muda de um drama á maneira dos de cinema, e na qual tomam parte pessoas que se parecem com determinados astros da téla. O effeito de luzes, as caracterizações, o mutismo dos personagens, tudo concorre para dar ao espectador a impressão de estar assistindo a um film. O proprio enredo para isso concorre. E' dramatico em excesso. Ha roubos. punhaladas, seducções e estrangulamentos. Em resumo uma optima fita para ser vista em séries, e que nos manda vir na proxima semana no momento mais angustioso do drama.

Todos os interpretes estiveram excellentes. Convém entretanto salientar a senhorita Hyedda Xavier (Mae Murray), e o Sr. Avelino Costa que esteve perfeito na sua incarnação de Lon Chaney (o monstro). O Sr. Costa, levando a representação «á outrance», conseguiu fazer-se apunhalar de facto, tendo a coragem de se calar até que cahisse o panno. Teve, é verdade, o consolo de se ver logo cercado por uma centena de jovens, graciosas e bellas, que se offereceram como enfermeiras; mas isto são cousas dos «bastidores» e que não acontecem a todos os mortaes. Peço-lhe, minha cara leitora, reserva quanto a isto...

Chama-se esta scena o «Mysterio da Esmeralda Rubra», e, sem exagero, póde-se dizer que foi o «clou» da festa. Foi enthusiasticamente applaudida. Cousa rara no nosso publico de theatro.

Veio em seguida o desfile das ultimas imitações de artistas do cinema. Não as enumerarei por falta de espaço, mas, apesar de estarem todas muito bem feitas, não resisto a tentação de citar as que que mais me impressionaram pela semelhança com o artista imitado.

Assim, o Sr. Carlos Modesto de Sousa (já não direi que parecia Valentino) *era* Rudolph Valentino. Nunca vi duas pessoas tão parecidas. E não se diga que foi sómente o effeito do vestuario e da pintura. Mesmo nos ensaios (disseram-me as jovens, e se ellas não souberem, quem saberá?) era identico. O Sr. João Baptista Rezende Costa esteve magnifico na imitação de Von Stroheim, e o Sr. Fabio Olinda de Andrada, comquanto não se pareça muito com Jack Pickford, arrancou os applausos da platéa dansando o «charleston» de um modo verdadeiramente assombroso.

Foi, em resumo, uma noite muito agradavel, e que deixará optimas recordações.

V. da C.

A QUINZENA

PARA QUE MAIS DISCURSOS

— Dois factores principaes contribuiram para compôr a physiognomia do grande povo italiano: o sól e a palavra. Forçando um pouco, poder-se-ia accrescentar um terceiro — o macarrão.

Italiano é feito de materia inflammavel. Pode-se mesmo affirmar que é gazolina o que corre em suas veias, assim como não ha duvida que a agua destillada faz as veezs do sangue no organismo do inglês. A activa raça peninsular offerece ao mundo o espectaculo vivo de um povo que sempre se renova, porque é de preferencia no instincto que elle mata a sua sêde de vida, não se nutrindo exclusivamente no espirito, fonte que sem duvida aperfeiçôa, mas tira a innocencia bruta dos homens. Emquanto se faz metaphysica no resto do mundo, o italiano vae cantando, alegre, directo, desigual, com uma frescura que faz suppôr hypocrita o recolhimento christão da maioria de suas cidades. Si sua vida se atrapalha, elle ainda canta mais. E, assim, não ha quem possa com elle.

E' principalmente o sol mediterraneo o creador dessa força com a qual aquella gente sadia ri, chóra canta, mata e nunca fica triste. E' uma criança a mãe da civilização. Não se fatiga, não se aborréce. Briga muito. Agita-se, mas não odeia ninguem. Politicamente, tempo houve em que a criança ficou meio triste. Perdeu a côr. Teve furunculos. O irmão Sól não bastava. Parece que não estava irradiando direito.

Agiu, então, de collaboração com o Sól, a palavra. Foi o quanto bastou. Não que a palavra não já houvesse tido empregada. Mas de que maneira!

Ou era Orlando, timbre ardente mas disciplinado, parecendo se dirigir ás togas do tempo de Augusto, ou era D'Annunzio, estheta requintado de mais para uma multidão que não conhéce archeologia, nem soffre de erotismo cerebral.

Aqui é que apparece Mussolini. *(Bravos!)*. Com aquelle ar fatal. Com aquella testa cubista. Com o feitiço da camisa preta. Com o passado romanesco, um tanto Nick-Carter, de prisões, conflictos, etc.

Começou a falar. Esse sim, falava direito para o povo. Falava e fazia gestos. Italiano não quér saber de palavra sem gesto. E' mesmo que banho de chuveiro sem grito.

Mussolini falou, clamou e gesticulou. Parecia um boxeur no ring. Nos falava de modo que suas palavras passassem pelos ouvidos e entrassem veloz nos corações. Receiava que as imagens, ao transitarem pela cabeça dos ouvintes, soffressem qualquer chimismo que pudesse retardar ou impossibilitar a explosão das bombas que o agitador collocava na extremidade dellas. Era preciso não interromper a corrente magnetica. E o italiano, que não gosta de raciocinar, fez cousa mais facil e agradavel — deslumbrou-se.

Dentro em pouco, foi aquillo que nós sabemos. A Italia toda vestiu camisa preta, exceptuados os que não usam camisa de especie alguma.

Mussolini, então, caminhou vorazmente sobre Roma. Uma linda cousa parecida com o 1.º acto da «Aida». Todo o mundo sabe do resto. Mussolini ficou lá feito primeiro ministro. A Italia rejuvenesceu. Cahiu aquella casca fria. A força do tronco latino rompeu novamente em brótos. O salvador reclamou algumas medidas que se lhe afiguravam necessarias ao total prestigio da peninsula.

Falou e as conseguiu logo. Eil-o idolo. Olhar arregalado nas photographias. Era o olhar magnetico. Faltava uma cabelleira de circumstancia. Não se importou. Impôz a caréca vulcanica.

Sempre com as massas, discutindo, combinando, evangelizando. Elle é dos que não dispensam o contacto, o cheiro do povo. Si fosse preciso viajar pelo polo norte, fal-o-ia com prazer deixando-se acompanhar de uma multidão de fascistas com photographos e vivas á Italia. E ainda passaria um tróte no vagaroso do Amundsen.

As assembléas representativas poderiam tolher. Si a acção, difficulta-lhe a presteza felina dos movimentos. Precizou de mais arbitrio. Falou, falou e conseguiu autoridade maior, quasi que absoluta. Remodelou a Italia, levantou os espiritos, retratou-se acarinhando um tigre, embriagou a mocidade.

Estatuas, bustos, biographias, dois attentados contra sua pessôa. Gloria.

Eil-o falando mais que nunca, melhor que nunca. Dessa vez era apenas para pedir uma simples cousa — pedir tudo. Falou tão bem, tão prezizo, tão irresistivel, que lhe déram tudo! A corôa imperial fazia-lhe cocegas romanas na cabeça.

Numa tarde em que se achava sózinho, o Primeiro Ministro meditou na sua gloria. E mediu a força magica da palavra.

Espantou-se. Com ella chegara áquella eminencia, olhando para a massa reverente dos *camisas pretas* e fumando cigarro do rei. Foi a palavra. Viva a palavra!

Mas eis que nas assembléas fascistas surgem rapazes que falava bonito e têm feitiços perigosos na phrase. A exemplo do chefe e buscando imitar o chefe, os jovens fascistas gostam de falar.

Mas o Summo Chefe se aborrece. Já tinha feito todos os discursos necessarios á Italia. Para quê mais? A Italia vae indo tão bem sob seu mando, sob o jugo do orador calado. Reduza-se, pois, a rhetorica. Supprima-se, si possivel.

O Ministro baixou a ordem intelligente: «De 1.º de Novembro em diante, discursos poucos e mais concisos. Dados estatisticos ao invez de figuras de rhetorica.» Meus Senhores, a Italia vae entrar em silencio.

HANNIBAL.

TRANSMISSÃO DO PODER

Duas semanas cheias, as duas decorridas deste mez. Embora á politica, em particular, pertença o melhor a consignar, ha de, forçosamente, caber uma razoavel parcella de interesse publico, realmente publico, a seguir o curso dos factos e a esperar outros que devem vir, depois.

O lugar de honra cabe, de pleno jus, ás despedidas do governo que cede o seu lugar a outro governo, trabalhosa despedida, entre mil cuidados e solicitações, malas que se fazem, encommendas que se aviam, outras que chegam a cada momento, despedidas, commissões, inaugurações, um rôr de coisas, emfim.

E tudo isso feito perante uma turba multa de espectadores pretendentes, credores de promessas, todos de olhos e ouvidos attentos ao que se chama o testamento do periodo presidencial.

Uma liquidação de fim de quatriennio, sem reserva de... nada.

Ainda bem que o caracter nacional não foi esquecido, no testamento politico do governo que termina hoje a sua alta missão. Longe disso, foi contemplado em uma das clausulas, e das principaes, senão a principal. Por essa disposição de ultima vontade, é o pobre enjeitado entregue á tutela dos vinte governadores de Estados, do prefeito do Municipio Federal e dos prepostos da União nos territorios, ainda não promovidos á autonomia politica e administrativa.

Com a mais carinhosa solicitude, o testador, notificando dessa clausula, pelo telegrapho, os eminentes chefes politicos, dos quaes confia a sua perfeita execução, foi pressuroso e abundante em encarecer a importancia e a urgencia de se elevar o caracter, coisa que tem por essencial ao individuo e á propria nacionalidade.

De caminho e para não perder tempo, num requinte de zelo, mais que fraternal, maternal, o telegramma-appello aos citados tutores prescreve a therapeutica, para o tratamento da verminose desse enfermo, de sorte que é só applicar as cataplas-

mas e fazer ingerir as poções de uso interno, para que o caracter nacional enrije, tome côres, adquira muque e dextreza e suba por ahi acima, que nem balão ou papagaio de papel.

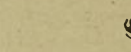
O especifico receitado é o ensino moral, social e civico, propinado ás crianças, em todas as escolas primarias, sendo, talvez, de vantagem, pondera o telegramma-receituario, que esses ensinamentos se ministrem no ultimo dia, ou á ultima hora, dos exercicios escolares, de modo que cheguem frescos ao trato exterior e domestico.

Como se está vendo, nada foi esquecido na minuciosa disposição da cedula testamentaria, communicada, em tempo e para os devidos fins, a quem pertence dar-lhe execução, segundo a vontade do testador.

Teria sido melhor, talvez, que o Sr. Arthur Bernardes houvesse iniciado quatro annos antes, quando iniciou o seu reinado, esse capitulo da sua missão apostolica, pois que, assim, teria, agora, feliz ensejo de fazer a distribuição de premios de aproveitamento á primeira turma de alumnos, ao cabo de um curso seriado de quatro annos. Sem duvidar do acolhimento que logrará o seu appello desta ultima hora aos dignos governadores, outra coisa seria quatro annos atraz. Já hoje estariamos colhendo a safra e o benemerito leader da campanha benemerita pro caracter nacional distribuindo premios e promovendo de classe os discipulos mais aproveitados, por via da lição e do exemplo.

Sem que importe isso em restricção do nosso applauso á iniciativa, sempre arriscamos que, além das outras minucias assignaladas, caberia bem, no appello telegraphico aos governadores, lançar as bases do programma de instrucção nelle preconisado. Por tratar-se de disciplina nova, apesar de já incluido nos planos officiaes, primarios ou superiores, ou por outros motivos, muitos desses cavalheiros, ora investidos da superintendencia do ensino moral, civico e social, destinado a elevar o caracter, poderão ficar atrapalhados, gregos mesmo, sem saber o que venha a ser isso. Quem não sabe é como quem não vê...

E dahi, talvez esses pequenos senões possam ser, facilmente, suppridos ou corrigidos. Depende de acceitar o Sr. Washington Luis tambem essa collaboração do Sr. Bernardes no seu governo. Se o novo presidente estiver no mesmo proposito de levantar o caracter nacional, havemos de ver como elle vae por ahi acima, que ninguem mais o apanha.



DE MINAS

ESPECTATIVA DO MOMENTO POLITICO

Parece que nós em Minas estamos fadados a assistir um dos espetaculos mais interessantes que se têm desenrolado no scenario politico nacional. Está quasi que definitivamente assentado a vinda do Sr. Arthur Bernardes para Bello Horizonte afim de assumir a direcção do P. R. M. E o encontro da personalidade daquelle chefe de estado com a do Sr. Antonio Carlos attrae irresistivelmente a nossa curiosidade tranquilla de espectadores. Haverá entrechoque? Ninguem o crê. Por isso, desde que o espetaculo se annuncia sem lances theatraes vamos assisti-lo com um interesse friamente raciocinado. Já que a nossa imaginação não se sente abalada, a nossa predisposição de espirito é um claro e frio estado intellectual. Pode bem ser que os acontecimentos se precipitando no fundo da scena venham pôr em vibrações o nosso enthusiasmo dando logar, talvez, á formação de uma *torcida* dividida em campos oppostos. Por emquanto nenhuma circumstancia occorreu que désse logar á mais leve presupposição de um embate. Isto não só pelas relações politicas entre os dois homens publicos como pelas qualidades pessoaes de um delles. O Sr. Antonio Carlos tem uma noção muito desenvolvida do equilibrio com que corrige sempre a violencia dos movimentos mais instinctivos.

Mede rigorosamente seus gestos e alinha com perfeição as suas attitudes. No meio de um desaprumo geral elle é capaz de guardar sempre uma posição perpendicular. No mundo em que vive que é todo oscillação nunca perdeu seu centro de gravidade. Para elle politica significa arte. Com a sua

visão clara e fria das coisas, tem agilidade de espirito para multiplicar seus pontos de vista. Não soffre derrotas porque conhecendo os gráos e os contras não canta victoria antes de tempo. E sabe batêr retiradas que valem por grandes triumphos. Si recúa é para armar com segurança o salto para frente. Um longo tirocinio de vida publica lhe ensinou a sciencia difficil do recúo. Não tem muito em seu favor o factor — sorte — Já era para ter galgado o poder ha mais tempo. Afinal isto tinha de acontecer por um encadeiamento logico dos acontecimentos. Era fatal. A sua psychologia está toda naquella phrase que pronunciou quando um representante da minoria parlamentar no calor de uma discussão o aggrediu com um dito insultoso: «O que V. Ex. disse pode ser um insulto mas não interessa á questão em debate».

Não poderia ser mais diversa a personalidade do Sr. Bernardes. Na constituição intima de seu espirito não predomina o traço elegante de intellectualidade do Sr. Antonio Carlos mas a linha saliente da vontade que contorna toda a sua conformação moral. E' um crente. Toda a sua existencia politica tem sido um acto de affirmação num mesmo sentido. Sua mentalidade de homem publico é rigorosamente unilateral. Tomou uma posição fixa de onde aprecia todos os problemas e todas as opiniões. A sua attitude é sempre rigida e inflexivel. E' um impulsivo. Conta sempre em seu favor o accaso. A sua personalidade politica é accidental. Não resultou de uma longa experiencia de vida publica. Cresceu de repente e ficou maior do que o homem. De facto as qualidades pessoaes do Sr. Arthur Bernardes estão em desconformidade com o famanho de sua figura politica.

———

Ahi está em leves traços a psychologia politica das duas personalidades tão differentes que vão medir em Minas as suas forças sem entrechoque, sem barulho. Tudo se passará em silencio mas o resultado se fará sentir vivamente.

E ao que nos parece o Sr. Arthur Bernardes, mesmo si depois do dia 15 de novembro dispozer de somma igual de poder á do Sr. Antonio Carlos, acabará por soffrer o jugo suave do descendente das Andradas.

X.

LIVROS NOVOS

———

G. Bessa, o notavel jurista sergipano, vae ter por estes dias a edição completa dos seus trabalhos publicada pelo governo do seu Estado, a exemplo do que já se fez ali com Tobias Barretto.

Desse volume «*Pela Imprensa e pelo Fôro*», onde surge não só o jurisconsulto, mas o polemista, o politico e o pensador — faz parte o trecho abaixo.

Chamamos a attenção dos nossos leitores para o bello volume, onde se encontram innumeros trabalhos do notavel escriptor, emulo e adversario de Ruy Barboza na questão do Acre — e admirado por homens de estatura intellectual de Lafayette Pereira e Sylvio Roméro.

DIREITO E LEI

O direito é o resultado de um triplo processo. Para a sua genese entram como factores a natureza, a sciencia e o poder publico social. A natureza formula-o como uma necessidade que pede satisfacção; a sciencia define-o como uma aspiração humana, que quer ser realisada; o poder publico reconhece-o como lei e assegura-o coactivamente. Assim uma tendencia organica transforma-se em ideal da razão e converte-se afinal em realidade legal.

Como sciencia, o direito é a theoria das condições geraes da coexistencia livre dos homenes. É o ideal da lei.

Como facto social, o direito é, objectivamente, a unidade concreta da vontade do Estado e dos individuos; é o conjuncto das condições existenciaes do povo coactivamente asseguradas. Subjectivamente, isto é, como predicado do homem, o direito é um interesse garantido pela lei.

Direito e lei são conceitos connexos, mas não identicos. O direito é o conteúdo, a lei o continente. O direito é a substancia, a lei é a fórma. A lei é o verbo perfeito do direito. O direito póde se manifestar em outras fórmas menos perefitas, v. g. os costumes.

A lei é o acto solemne do poder publico que consagra o direito.

A lei só é justa, quando o seu conteúdo se conforma com o *idéal* do direito.

1891.

* * *

É mister criticar a auctoridade antes de acceitar a sua opinião.

Assim como ha na physica uma dioptrica, que estuda os phenomenos da luz quando atravessa meios differentes; da mesma sorte deve haver na hermeneutica juridica uma dioptrica moral, que exponha os phenomenos da refracção da luz da lei coada atravéz das intelligencias dos interpretes. A luz refracta não é a mesma luz directamente percebida no seu fóco. O raio do espirito do legislador, que penetra a minha intelligencia depois de ter passado pela intelligencia da auctoridade, decompoz-se, quebrou-se, assumiu cambiantes e côres que não tinha no seu ponto de partida. A intelligencia do interprete, com os seus habitos mentaes, sua estructura especial; o caracter do interprete, com suas paixões e interesses, desnaturam inconsciente ou voluntariamente o lidimo querer do legislador.

Só é, pois, digno do nome de jurista aquelle que professa o respeito á lei, a lei estudada no seu texto, interpretada immediatamente na sua propria lição.

GUMERCINDO BESSA.

◆◆◆◆◆◆◆◆◆◆◆◆◆◆◆◆◆◆◆◆◆◆

SALVE NATAL 1926

Como nos annos anteriores: para commemorar as tradicionaes

FESTAS DO NATAL

a Cia. de Loterias Nacionaes do Brasil, concessionaria das Populares

Loterias da Capital Federal

extrahirá SABBADO 18 de Dezembro proximo

A MAIOR LOTERIA DO ANNO

PREMIO MAIOR

500:000$000

INTEGRAES

destribue 6.380 premios no total de Rs.

1.440:000$000

Os bilhetes encontram-se á venda em toda parte.

Banco do Brasil e suas Agencias

Balancete em 30 de Setembro de 1926

Debito

Thesouro Nacional, c/de antecipação da receita	239.468:090$267	
Letras descontadas	642.657:057$676	
Emprestimos em conta corrente	263.364:511$546	
Letras a receber	27.566:089$174	1.173.055:748$663
Effeitos a receber de conta alheia:		
Do exterior	9.275:407$430	
Do interior	242.341:394$641	251.616.802$071
Valores em liquidação		7.914:662$140
Valores caucionados		467.937:525$371
Valores depositados		257.956:800$773
Agencias e filiaes no interior		379.803:021$057
Correspondentes no exterior		166.879:054$794
Correspondentes no interior		6.294:287$995
Titulos e fundos pertencentes ao Banco		56.248:137$256
Liquidação do Banco da Republica do Brasil		33:557$795
Immoveis		7.849:320$120
Moveis e utensilios		71$000
Cobrança nos Estados		367.615:808$004
Diversas contas		26.774:533$336
Ouro em deposito:		
Na Caixa de Amortização.	£ 10.695.030-7-6	
Idem, em n/cofre	£ 775.376-13-11	
	£ 11.470.407-1-5 a 8d.	344.112:196$890
Titulos ouro depositados no exterior:		
£ 2.595.030-0-0 nominaes, pela ultima cotação	£ 1.624.530-0-0 a 8d	48.735:900$000
Caixa, em moeda corrente		157.007:385$279
		3.719.864:822$544

Credito

Capital		100.000:000$000
Fundo de reserva		125.070:144$533
Fundo do resgate do papel-moeda	283.162:193$000	
Menos:		
Importancia entregue á Caixa de Amortização para ser incinerada	249.162:193$000	33.999:639$000
Emissão em circulação		592.000:000$000
Depositos:		
Em contas correntes com juros	586.979:954$000	
Em contas correntes limitadas	105.989:658$916	
Em contas correntes sem juros	193.841:844$052	
Em contas a prazo fixo	131.370:537$583	
Em contas de compensação de cheques	10.889:339$210	1.029.071:334$045
Titulos em caução e em deposito		725.894:326$144
Agencias e filiaes no interior		397.861:809$252
Correspondentes no exterior		40.668:024$992
Correspondentes no interior		5.048:891$240
Depositantes de effeitos para cobrança		619.232:610$075
Bonus e dividendos		1.179:257$370
Diversas contas		49.838:785$923
		3.719.864:822$544

Rio de Janeiro, 19 de Outubro de 1926. — *James Darcy,* Presidente. — *Arthur P. Bosisio,* Contador.

"terra roxa e outras terras"

quinzenario de arte e literatura

DIRECTORES:

A. C. Couto de Barros e Antônio de Alcântara Machado

A melhor publicação modernista do Brasil

"terra roxa" tem publicado collaborações de Antonio de Alcantara Machado, Blaise Cendrars, Carlos Alberto de Araujo, Carlos Drummod, Couto de Barros, Guilherme de Almeida, João Alphonsus, Luiz da Camara Cascudo, Manuel Bandeira, Mario de Andrade, Martins de Almeida, Oswaldo de Andrade, Paulo Prado, Prudente de Moraes, neto, Ribeiro Couto, Ronald de Carvalho, Rubens de Moraes, Sergio Buarque de Hollanda e Sergio Milliet.

PREÇOS:

Numero avulso . . . $500

Assignatura annual . . 12$000

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:

Avenida São João — 96

São Paulo

Annunciae no

"Diario de Noticias"

de Porto Alegre — Rio G. do Sul

O grande matutino que conquistou pela sua feição moderna e justeza de opiniões a preferencia do publico riograndense, alcançando grande circulação em todo o Estado.

SUCCURSAL NO RIO DE JANEIRO

RUA RODRIGO SILVA 14-2.º

Teleph. Central 2478

"Se quizerdes ser rico, ou permanecer rico, lêde Henry Ford".

ARTHUR BRISBANE.

Minha vida e minha obra

por HENRY FORD, de collaboração com SAMUEL CROWTHER

Nova traducção de MONTEIRO LOBATO

Saido em 1922 acha-se este grande livro transladado para o allemão, francez, finlandez, italiano, hollandez, polaco, russo, sueco, dinamarquez, tchecoslovaquo, hungaro, hespanhol e arabe, sommando as varias edições mais de dois milhões de exemplares, Henry Ford produziu uma das mais significativas obras desta geração. — (THE CENTURY).

A sensação deste livro é menos de um livro escripto do que de um homem que se senta deante de nós e conversa com facilidade, em tom impessoal, acerca da sua vida, das idéas que o nortearam, dos principios em que baseou o seu trabalho e da convicção que o anima sobre os effeitos da efficiencia na felicidade humana. — (NEW YORK TIMES).

Henry Ford revelou-se neste livro a mais alta individualidade america da sua geração. — (THE ATLANTIQUE MONTH).

Considero um dever meu para com o publico attrair a attenção de todo o mundo para este grande livro. — (EDWARD A. FILENE, em THE NATION).

E' o grande livro de um grande homem. — (ROBERTO BLATCHFORD).

EM TODAS AS LIVRARIAS — PREÇO: 4$000

COMPANHIA EDITORA NACIONAL

RUA DOS GUSMÕES, 33 — S. PAULO

AEROPLANOS — Boeing Airplane Co., Seattle, Wash., U. S. A. — EPXLOSIVOS PARA FINS MILITARES, E. I. du Pont de Nemours & Co., Wilmington, Del., U. S. A. — MATERIAL PARA PHOTOGRAPHIA AEREA, Fairchild Aerial Camera Corp., New York — MACACOS PARA ESTRADAS DE FERRO, The Joyce Cridland Co., Dayton, O., U. S. A. — APPARELHOS PRECISÃO PARA NAVEGAÇÃO MARITIMA, DIRECÇÃO FOGO, HOLOPHOTES ALTA POTENCIA, ETC., The Sperry Gyroscope Co., Brooklin., N. Y., U. S. A. — CARROS E VAGÕES DE ESTR. DE FERRO, Clayton Wagons Ltd., Lincoln, England — APPARELHOS REGISTR. D'AGUA, George Kent Ltd., Luton, England — ESTALEIROS PARA CONSTRUCÇÃO E REPARAÇÃO DE NAVIOS DE QUALQUER TONELAGEM, William Beardmoore & Co., Glasgow e George Brown Co., Greenock — GRUPOS KOHLER GERADORES DE FORÇA E LUZ de Kohler Co. Kohler, Wis.

Radio em Geral

Mayrink Veiga & Co.

ENGENHEIROS, IMPORTADORES E EXPORTADORES

Rua Municipal, 15/21 — Trav. de Sta. Rita, 26.

RIO DE JANEIRO

Endereço telegraphico: MAYRINK

Telephones:

Armazem — Norte 3349

Escriptorio — Norte 3840

Secção Radiotelephonia:

Norte 2722

Depositos:

Rua Barão de S. Felix, 129

ILHA DO SARAVATHA

Codigos Usados:

ABC 5ª Edição — Ribeiro

Lieber's — Bentley — Marconi Int.

General Telegraph.

Um bello presente para os Leitores do

"JORNAL"

Daremos gratuitamente 1 estojo completo, da afamada navalha de segurança AUTOSTROP (toda ella em metal dourado) com lamina, assentador e machina para afiar as navalhas:

1º.) Aos leitores do O JORNAL, que tomarem uma assignatura de 12 mezes do O JORNAL.

2º.) Aos assignantes, que renovarem suas assignaturas de 1 anno. Estas renovações podem ser feitas mesmo quando a actual assignatura vigorar até o fim de 1926.

3º.) Aos actuaes assignantes do O JORNAL, que conseguirem um assignante novo para O JORNAL, como tambem a esse novo assignante.

Para obter uma dessas navalhas preencha o coupon ao pé deste annuncio, e mande-o, junto com o preço da assignatura, ao gerente do O JORNAL.

O JORNAL enviará as navalhas aos seus assignantes, sob registro pelo correio, livre de onus para elles. Os assignantes do Rio de Janeiro podem obtel-as no balcão do O JORNAL.

Illmo. sr. gerente do O JORNAL, Rua Rodrigo Silva, 12 — Rio

Junto a este remetto-lhe a importancia de Rs. 50$000, para a assignatura de 1 anno do O JORNAL.

NOME .....

.....

ENDEREÇO .....

.....

CIDADE E ESTADO .....

.....

O JORNAL distribue diariamente premios aos seus leitores

"A Revista do Brasil"

E' a publicação que conta entre nós com o maior numero de collaboradores illustres e, ao mesmo tempo, a que se vende mais barato

Numero avulso $7oo

Assignatura annual . . . . 16$ooo

Tomada conjuntamente com a do "O Jornal" ou "Diario da Noite" . . . . 12$ooo

xxxxxxxxxxxxxxx

Redacção e Administração:

Rua Rodrigo Silva N. 14 (1.º andar)

RIO DE JANEIRO

Cruzwaldina

Acreditado Desinfectante fabricado pela

Societé Anonyme du Gaz de Rio de Janeiro

Com vinte annos de ininterrupto successo

Medalha de Ouro na Exposição Nacional de 1908

O mais popular de todos os desinfectantes

TYPOGRAPHIA DO ANNUARIO DO BRASIL — RIO DE JANEIRO.

REVISTA DO BRASIL

PUBLICAÇÃO QUINZENAL

DIRECTORES

PANDIÁ CALOGERAS, AFRANIO PEIXOTO,
ALFREDO PUJOL e PLINIO BARRETO

REDACTOR-CHEFE

RODRIGO M. F. DE ANDRADE

Redacção e adm. — Rua Rodrigo Silva, 14. 1º

NESTE NUMERO:

Um prefacio	Oswald de Andrade
Antonio José e a Inquisição	Lucio d'Azevedo
Cantico do Sol	Augusto de Lima
Evocação do Recife	Manuel Bandeira
A viagem	Gastão Cruls
A intelligencia brasileira	Renato Almeida
Crise mundial de autoridade	Cyro de Freitas Valle
Ernesto Nazareth	Mario de Andrade
O Brasil e o morro da Mangueira	José Clemente
Madame Renon	Ribeiro Couto
Chronica Juridica	Levi Carneiro

Notas por Antônio de Alcântara Machado, Manuel Bandeira, Affonso Arinos (sobrinho), Teixeira Soares e Esmeraldino Olympio.

ANNO I — NUMERO 6 — 30 — NOVEMBRO — 1926 — RIO DE JANEIRO

"A Revista do Brasil"

E' a publicação que conta entre nós com o maior numero de collaboradores illustres e, ao mesmo tempo, a que se vende mais barato

Numero avulso $700

Assignatura annual . . . . 16$000

Tomada conjuntamente com a do "O Jornal" ou "Diario da Noite" . . . . 12$000

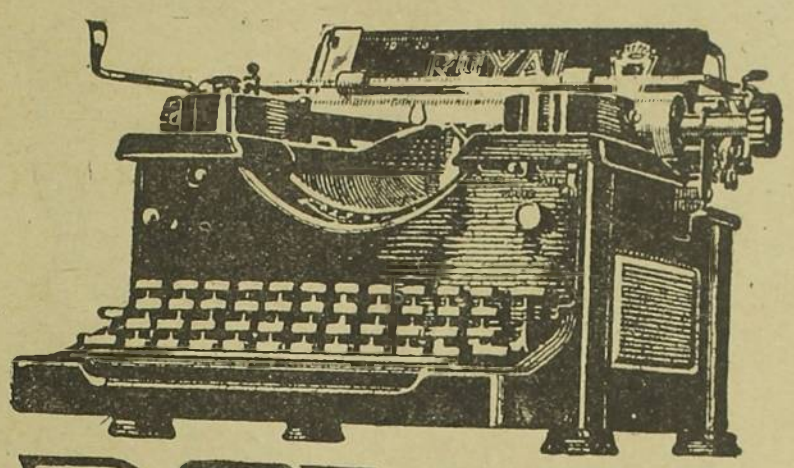
xxxxxxxxxxxxxxxx

Redacção e Administração:

Rua Rodrigo Silva N. 14 (1.º andar)

RIO DE JANEIRO

Compare o Trabalho



ROYAL

Trade Mark

TYPEWRITERS

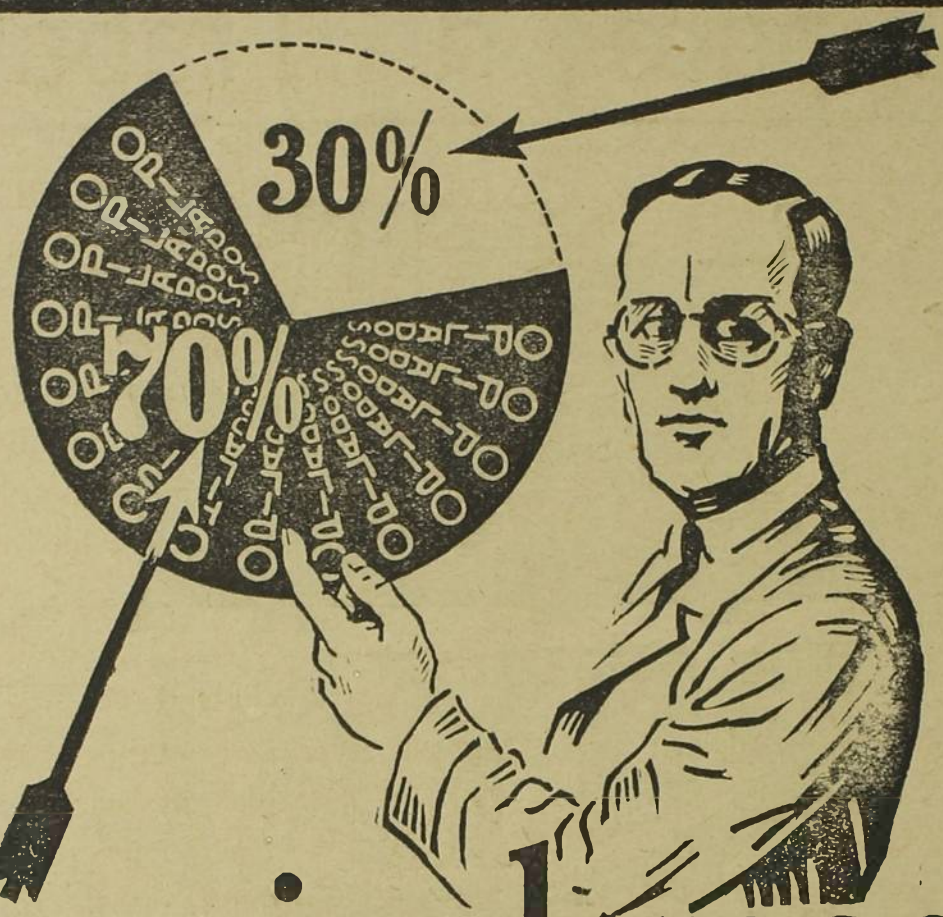
As experiencias de peritos mechanicos e dactylographos de todo o mundo hão demonstrado de forma concludente que em qualquer periodo de tempo, a "ROYAL„ é a machina de escrever cujo funcionamento requer o minimo gasto de energia. Por comparação a "ROYAL„ prova a sua superioridade.

Peça uma demonstração sem compromisso á

Casa Edison

OUVIDOR 135 RIO DE JANEIRO

OPILAÇÃO-AMARELLÃO



Incrivel, mas...

é verdade: ainda 70% dos Brasileiros são Opilados!
É pois um acto de patriotismo apprender e ensinar que n'um só dia, uma só dose de

NECATORINA-MERCK-

mata os vermes da opilação

A „*NECATORINA*" é o mais barato dos tratamentos contra o „**Amarellão**," pois é remedio que não se compra duas vezes; com uma só dose se alcança a cura completa, sem ser, em geral, necessario o purgante reclamado sempre por outros vermifugos. A „*NECATORINA*" não tem gosto nem cheiro vista ser em fórma de capsulas gelatinosas pequenas, molles, faceis de serem tomadas; o seu emprego não exige dietas longas, nem resguardo, nem cuidados especiaes.

A „*NECATORINA*" producto allemão é o especifico da Opilação adoptado pela „SAUDE PUBLICA": é o proprio *tetrachloreto de carbono purissimo* **MERCK**, de fama mundial.

Necatorina-MERCK

A' VENDA EM TODAS AS DROGARIAS E PHARMACIAS!

DEPOSITARIOS = **DAUDT, OLIVEIRA & CIA.** RIO DE JANEIRO

Revista do Brasil

ANNO I —— RIO DE JANEIRO, 30 DE NOVEMBRO DE 1926 —— NUMERO 6

SUMMARIO

Politica.
Um Prefacio — Oswald de Andrade.
Antonio José da Silva e a Inquisição — Lucio d'Azevedo.
Cantico do Sol — Augusto de Lima.
Evocação do Recife — Manuel Bandeira.
A viagem — Gastão Cruls.
A intelligencia brasileira — Renato Almeida.
Crise mundial de autoridade — Cyro de Freitas Valle.
Ernesto Nazareth — Mario de Andrade.
O Brasil e o morro da Mangueira — José Clemente.
Madame Renon — Ribeiro Couto.
Chronica Juridica — Levi Carneiro.
Theatro e Musica — Antônio de Alcântara Machado e M. B.
Literatura — Affonso Arinos Sobrinho, Manuel Bandeira, Teixeira Soares, Esmeraldino Olympio.

POLITICA

Consignam as chronicas parlamentares que as duas camaras do Congresso entraram numa certa modorra, como expediente pratico contra tentações. Não tendo ainda o governo novo dado a deixa, sobre os assumptos pendentes de deliberação da soberania nacional, nem sobre os que vão pender e já andam, vagamente, no ar, os nobres deputados e os venerandos senadores têm por melhor uma abstenção prudente e discreta. Sem saberem o que se lhes vae dar a fazer, preferem, muito louvavelmente, não fazer nada, não dizer coisa alguma.

São, portanto, de inercia absoluta os dias decorridos de 15 de novembro a esta parte e, egualmente, de silencio, de mudez. Cada congressista é uma estatua de sal ou lá do que fôr — a materia prima não tem importancia — e a respectiva bocca um botão, dos de abotoar e não desses que desabrocham e abrem em flor.

Não ha como louvar bastante tamanha prova de patriotismo, nem como agradecer tal serviço, o mais relevante que os legisladores actuaes podiam prestar ao paiz e á patria legislação. Faz, assim, o Congresso, de seu motu proprio, o que, de ordem dos seus prudentes progenitores, fazia aquelle petiz da anecdota — ficar quieto, para não fazer tolice.

× × ×

Essa linha de conducta foi, porem, alterada pela commissão de finanças do Senado, ao que parece, não por maldade, justiça se lhe faça, mas por haver entendido que certos assumptos escapam áquelle regimen de cautela, podendo ser tratados, independente do governo, sem ordem sua, por só interessarem ao proprio legislador. O subsidio foi considerado nessas condições e á resolução que o eleva a quasi o dobro, de 125$ a 200$, por dia, foi dado o devido andamento.

Ha quem diga que tambem ao contribuinte, suarento, escorchado e esquecido, affecta um boccado ter de pagar mais ou pagar menos, para a musica. Isso, porem, não passa de superstição, visto que o que

está assentado, de facto e de direito, é que contribuinte paga o que se lhe determinar, não sendo da sua conta o quanto tem de pagar, porque e para que.

Tudo isso bem ponderado e mais, levada em conta a urgencia de resolver o caso, porque só resta um mez de sessão, o senador Bueno, ex-leader do Senado, mas leader effectivo das prodigalidades orçamentarias e extra-orçamentarias, fez andar o projectado augmento, na zelosa commissão technica, da qual foi principal ornamento, até que, com a mudança de presidente da Republica, outro ornamento passou a ser o principal.

Apesar do abnegado desinteresse com que o Sr. Bueno Brandão fez sentir aos outros financistas da commissão que estava por tudo e redigiria o parecer como elles decidissem, a 125$, 150$, ou 200$ diarios, os 200$ prevaleceram pelo voto um pouquinho menos que unanime da commissão.

× × ×

Quasi não houve debate, tendo bastado uma simples troca de idéas, tudo levando a crer que toda essa facilidade serena e amistosa deve-se á providencial interposição do notavel modo de pensar do notabilissimo senador bahiano, Pedro Lago. Ao dar o seu voto á favor dos 200$, explicou elle que o fazia, alem de outras razões, por esta principal — de ser necessario dar aos membros do Congresso Nacional uma situação de... maior respeito.

Não vão suppôr que é blague. Está em letra de fôrma, na columna dos jornaes onde se insere a resenha dessa memoravel sessão da commissão de finanças do Senado.

Não é blague e o argumento, decisivo para aquella douta parcella do Senado, envolve uma profunda verdade. Os deputados e senadores, á rasão de 200$ diarios de subsidio, vão ficar, evidentemente, em situação de muito mais respeito. Basta ver quanto ficou mais respeitado e respeitavel o Sr. Pedro Lago, só com haver produzido esse portento de dialectica, um verdadeiro achado. Agora, ao vel-o passar, não falta quem o aponte aos que não o conhecem: — Aquelle... aquelle é um senador de respeito...

× × ×

Tirante do subsidio, só as eleições de renovação da legislatura estão interessando aos legisladores. Não as eleições, propriamente, ficção a que ninguem liga. O que preoccupa é saber o que vae mandar dizer, nesse sentido, o governo ao voto popular, qual nominata dos novos senadores e deputados mandada, por quem de direito, ao sufragio nacional, para os devidos fins.

Nesse particular os illustres representantes dos Estados, no Senado, e os da soberania nacional, na outra camara abstêm-se de aventurosas iniciativas. Esperam ou, quando muito, não traçando planos de conchaves, que facilitem as coisas, dirimindo rivalidades.

Tudo, porem, bem entendido, dependendo de instancia superior, a elles e ás urnas livres.

OBJECTO E FIM DA PRESENTE OBRA

(SERAFIM PONTE GRANDE)

Quem conta com a posteridade é como quem conta com a policia.

Aliás a minha finalidade é a critica. A obra de ficção em minha vida, corresponde a horas livres, em que estabelecido o cahos creador, minhas theorias se exercitam com pleno controlo.

O que é a obra de arte? Phenomeno social ou anti-social. Cyclos. Caracter collectivista, caracter individualista. Classicismo e pesquiza. Romantismo e decadencia.

O academismo não existe. Surpresa para os que acreditam que o Brasil tem uma pintura desde o pic-nic transatlantico de Dom João 6.º.

Paradoxo que reforça a vida. Como um assovio que se assovia. Tóca de solitarios. Gôzo de anarchistas. Escola Publica. Hymno nacional. Confessionario. Obra de arte.

Ha os periodos de inquietação. Gravidez. Detectives. De hemorrhagia. Ha os periodos de quietação. Rendas. Hematose. Equivocos para acabar de accordo. Didactismo. Cooperativa das lagrimas. Caixa mutua da humanidade onanista.

O novo mundo produziu o homem serafiniano cujo eixo é a riqueza mal adquirida.

In illo tempore, uma madona de Rafael que até dá nauseas, constituia fenómeno vivo, localizado na columna vertebral da humanidade. Hoje, um compasso de Leger penetra na nossa medulla.

No mundo actual, Serafim traz duas razões: o bom cambio e a ignorancia audaz. Bisnéto do conquistador, avesso do bandeirante, é o filho pródigo que intervem na casa paterna porque viu mundo, travou más relações e sabe coisas exquisitas. Choque. Confusão. Regresso inadatável.

O que é que faz a obra de arte differente de uma opera de Carlos Gomes? Não ha regras. É sempre differente.

Os retardatarios — você com certeza, leitor — pensam que têm gosto porque aprenderam umas coisinhas. São os mantenedores do gosto. O que sahe das coisinhas é de mau gosto. Mas nós endossamos o mau gosto e recuperamos para a época o que os retardatarios não tinham comprehendido e diffamavam.

Transponho a vida. Não copio egualzinho. Nisso residiu o mestre equivoco naturalista. A verdade de uma casa transposta na téla é outra que a verdade na natureza. Póde ser até opposta. Tudo em arte é descoberta e transposição.

O material da litteratura é a lingua. A aphasia da escripta actual não é perturbação nenhuma. É phonographia. Já se disse tanto. A gente escreve o que ouve — nunca o que houve.

De resto, achar a belleza de uma coisa é apenas aprofundar o seu caracter.

O Brasil immigrante começou por traz. Cópia. Arte amanhecida da Europa requentada ao sol das costas. Os annuncios maldireitos de uma legislação romantica nacional.

Serafim é o primeiro passo para o classicismo brasileiro.

OSWALD DE ANDRADE.

ANTONIO JOSÉ DA SILVA E A INQUISIÇÃO

I

O assunto dêste estudo já foi diferentes vezes versado. O teatro e o romance, a história da literatura e a particular do Santo Ofício têm-se ocupado dêle. Dos dois primeiros géneros pode dizer-se que, nas obras publicadas, qualquer que seja o seu mérito em outro sentido, tudo ou quasi tudo é ficção. No que respeita propriamente a historia, o que ha feito admite ainda aditamentos, com que fique mais completa a biografia do escritor.

* * *

As frotas, que em 1710 e 11 e 12 chegaram do Brasil, no mês de Outubro, como era costume não trouxeram a Portugal sómente as cargas de açucar, tabaco e pau de tintura, e o ouro em barra e amoedado: em cada uma delas vinha tambem, dividido pelas naus, um troço de presos para o Santo Ofício.

Nêsses anos fatídicos a fúria contra os cristãos novos assolou realmente o Brasil. A perseguição, na afastada colónia, manifestava-se por intermitências frenética actividade e longos periodos de modorra. A intervalos, ás vezes de muitos anos, o Conselho Geral nomeava um Visitador, que fazia a volta pelas Ilhas do Atlântico, Brasil e Angola, recebia as denúncias, preparava os processos, e, ora remetia os inculpados á Inquisição de Lisboa, ora, em casos de menor gravidade, as julgava nos próprios lugares.

Assim foi em 1591 e 1618, e de ambas as visitas se conhecem só parcialmente os resultados, por se achar incompleto nesta parte o arquivo da Inquisição. Sabe-se todavia que, quando o Visitador de 1618 chegou ao Rio de Janeiro, se estabeleceu o pânico na família dos cristãos novos, e muitos se refugiaram em Buenos Aires. Em 1627 esteve na colónia outro Visitador que tambem o era para Angola e Congo. Dêsse nada mais chega ao nosso conhecimento que o acto de nomear um Tesoureiro do Fisco, para arrecadar os bens dos presos, sinal de que seria grande o numero dêstes e o valor das propriedades confiscadas. Nas precedentes visitações não existia o cargo ainda.

Mais tarde, ao começarem as guerras holandesas, encontrava-se em Pernambuco um Visitador, monge dominicano, de quem dá noticia, Frei Manuel Calado, no *Valeroso Lucideno;* mas nem o historiador menciona, nem de outra parte se colhem particulares sobre os procedimentos dêste zelador da fé.

Na ausência dos Visitadores representavam o Santo Ofício os comissários que o Inquisidor Geral designava. Acaso seria um dêsses o frade a que se refere Frei Manuel Calado, e não propriamente Visitador. Mas as atribuições de tais delegados eram limitadas, e geralmente frouxa a sua acção, pelo que os judaizantes viviam no ultramar em relativa segurança.

O *Valeroso Lucideno* alude a número avultado e arrogância dos judeus, que habitavam Pernambuco; mas deve-se ter em vista que o autor escrevia passada a guerra, e com o explicável rancor de quem presenciava a deserção dos cristãos novos da terra para o flamengo inimigo, e a invasão dos que vinham de Holanda, sedentos de represália.

Após a Restauração e durante a guerra com os holandeses, alguns judeus de Pernambuco foram trazidos a Lisboa, tres dos quais apareceram no auto de 1647, um dêles queimado vivo, porque, sendo cristão de baptismo, perserverou até o fim na apostasia. Os dois outros, confessos e arrependidos sairam com as leves penas de penitência costumadas. Muitos mais, prisioneiros em combate, eram pelos Inquisidores restituidos á liberdade, porque, nascidos fóra de Portugal, não se lhes podia provar que fossem baptizados e houvessem apostatado.

Seguiram-se tempos agitados para o Santo Ofício. No reinado de D. João IV conflito com a

corôa, pela dispensa dos confiscos, concedida aos judaizantes, em virtude do contrato para a Companhia do Brasil, de que eram acionistas os cristãos novos. Na Regência de D. Pedro, o conflito, mais grave, com a Santa Sé, a propósito da amnistia e reforma dos estilos da Inquisição, que os cristãos novos reclamavam, conflito de que resultou a suspensão dos actos do tribunal espaço de sete anos, de 1674 a 1681. Ainda depois disso, e até o fim do século, os Inquisidores, entretidos com a liquidação do passado, e negócios correntes na metrópole, deixavam em sossêgo a remota América.

Nessa época, devia ser aprazivel a vida no Rio de Janeiro, onde residia o maior numero de cristãos novos, e foi por isso mais brava a perseguição. Clima suave, que predispõe á indolência deleitosa; terra úbere; arvores que frutificam em todo o tempo, flores que todo o ano adornam os jardins. Nas grandes calmas o refúgio da mata, convizinho das habitações. Dentro destas aquele conjunto de luxo e frugalidade, tão vulgar na vida colonial. Ás mulheres não faltariam as sedas, os veludos, os bordados, as espiguilhas de prata e ouro, nem o figura da moda que cada ano as frotas levariam do Reino. Nem as joias onde já talvez o ourives da terra encastoasse a furto no ouro brasílico alguma pedra colhida na Serra das Esmeraldas. A copiosa escravatura doméstica facilitava o viver descansado, a que os ares inclinavam, e nas casas abastadas supria com sua indústria muito do que agora nos fornece a loja e a oficina.

Na população a gente principal fazia dois agrupamentos, separados por origem e condições de existencia: os funcionarios, na maior parte idos da Europa, aristocracia prepotente, arrogante no trato e desdenhosa dos administrados; a burguesia, reinol ou nativa que se ocupava na agricultura, no comércio, e nas chamadas profissões liberais. A esta pertenciam os cristãos novos, de que alguns, como na metrópole, mandavam os filhos estudar leis ou medicina em Coimbra, ou os introduziam nas ordens religiosas. E não se estranhe vermos agricultores no Brasil aquelles que na Europa foram sempre acusados de se furtarem ao trabalho da terra. A lavoura, além do Atlântico, era uma exploração industrial, de que o negro fornecia a matéria prima. Sem êle não haveria açucar, e desaparecia a indústria.

Os senhores de engenho e lavradores viviam geralmente nas fazendas, mas os de mais posses tinham casa na cidade, aonde vinham passar as festas, ou por ocasião de solenidades de familia. Foi uma destas que aí por 1698 reuniu companhia numerosa na habitação de José Gomes da Silva, contratador dos dizimos do tabaco. Era a das bodas de uma sua filha, Catarina Marques, nêsse dia casada com o senhor de engenho Manuel de Paredes. Sogro e genro, pessoas das mais opulentas da terra. O banquête, dizia-se na assistência, importara em dois mil cruzados. A casa, pejada de amigos e parentes, de que, passados anos, uma dama convidada recordava os nomes por dezenas; e, se é certo o testemunho nem um só dêles estranho á raça dos cristãos novos, da qual tambem provinham os nubentes.

O negócio de arrematar os impostos era, como se sabe, monopólio cerrado da gente hebraica, e um dos grandes motivos da hostilidade, que contra ela nutria o povo. Entre os convidados havia senhores de engenho; lavradores que cultivavam em terras suas a cana de açucar, e a mandavam a moenda alheia; os chamados homens de negócio, fornecedores do Estado e negociantes de grosso trato; outros de menos crédito e importância na classe; e finalmente médicos e advogados. Todos, como fica dito, de ascendência hebraica, todos, segundo a mesma testemunha, adictos ás praticas que se tinham por sinal do judaismo.

Certo episódio do banquete havia de ser fatal a muitos dêles. Estavam os convivas separados ao uso da terra em duas salas; cada um dos sexos na sua. No final da comida reinava a alegria; faziam-se saudes; uma das mulheres, alçando o copo, propôs, não sem malícia, que todas bebessem o sangue de Cristo. Nêsse momento já os negros e mulatos, acabado o serviço das mesas, tinham deixado a sós os comensais; mas achava-se presente Catarina Soares Brandão, moça solteira, nascida no Reino, e estranha ainda aos usos do judaismo. A essa pareceu ver no convite um jeito escarninho. Nisto uma voz se levanta: — Todas aqui somos da nação e só aquela perra perdigueira não é!

Voltam-se os olhos todos para a intrusa que, dorida do remoque, pregunta a razão de lhe chamarem perra. Tornnam-lhe que é preciso ser *ou toda cristã nova ou toda cristã velha;* judia de nascença não se pode salvar na lei de Cristo. Ela, inocente ou dissimulada, pede explicações. E então, falando muitas a um tempo, qual delas mais empenhada em converter a infiel, exortam-na a observar a lei escrita, dada por Deus a Moisés. Para isso havia de seguir os preceitos: não comer as viandas proíbidas, carne de porco, toucinho, coelho, lebre e peixe de pele; vestir-se de lavado nas sextas feiras á tarde; não trabalhar nos sábados; varrer a casa ás avessas dos cristãos, isto é de fora para dentro e não de dentro para fora; jejuar em certos dias e adoptar os usos pelos quais se davam a conhecer entre si os da seita.

Entretanto havia terminado o banquete dos homens, que, vindo á sala, ouviram o que era passado com a neófita, e a satísfação foi geral. O proselitismo com os da raça escolhida é obra grata a Israel. Com o sucesso, maior foi nas almas crentes o júbilo do dia das núpcias.

Na de Catarina Brandão haveria tambem o quer que fosse de tendência herdada, que lhe im-

pediu o resistir á sugestão. Foi uma conversão repentina, e por bastante tempo, como confessou no Santo Ofício, uma adesão perfeita á nova fé. Isso lhe atraíu simpatias e provavelmente alguma protecção da gente rica, com quem emparceirava no sentimento religioso. Natural de Lisboa, tinha ido para o Brasil de onze anos em companhia da mãe viuva, que apoquentada de crédores na metrópole, pôde, com os lucros de uma lojinha, medrar na colónia e desvincilhar-se das dívidas. A filha, ao cabo de algum tempo, casou e tornou a Portugal com o marido, negociante.

Passados dez e doze anos vamos encontrar alguns convivas do banquete nupcial arrancados de seus lares, despojados do que possuiam, e revestídos do habito dos penitenciados no trabalho dos autos da fé em Lisboa. Acaso nenhum dêles se lembraria então da festa, nem da mocinha convidada, nem do episódio da conversão. O certo é que nenhum em suas declarações menciona a criatura nem o facto. Da mesma sorte no festim ninguem fala, e todavia a ocasião dêle foi a data fatal em que para muitos a era do infortúnio se abriu; para êles e para uma seguinte geração de infelizes; alguns que no tempo balbuciavam sómente, outros ainda por nascer.

* * *

Em 1710, no mesmo ano em que foi o Rio de Janeiro devastado pela expedição do corsário Duclerc, estalou tambem lá a perseguição aos cristãos novos, não menos perniciosa aos ricos da colónia. Varnhagen, na *História Geral do Brasil,* infundadamente atríbue ao Bispo D. Francisco de S. Jerónimo a responsabilidade, se não a iniciatíva, das violencias. É possivel, e até provável, que á vigilância do prelado não passasse despercebido o que era de conhecimento comum. Mas a verdade é que desta vez, como quasi sempre, foi dos cárceres do Santo Ofício, no Reino, e pelas denúncias encadeadas de indivíduos presos, que partiu e alastrou a perseguição.

Vimos como dêsde o tempo de D. João IV a Inquisição deixara em sossêgo os cristãos novos do Brasil, para onde aliás mandava penitenciados a cumprirem degredos. Após um periodo assás longo de silêncio nas listas dos autos da fé, aparece-nos pela primeira vez em 1705 um réu oriundo da colónia: Francisco Gomes da Silva, de 25 anos, natural do Rio de Janeiro, que abjurou em forma o judaismo em Evora. Seguiu-se, em 1707, Teresa Bezerra, de 20 anos, natural de Olinda, e penitenciada em Lisboa, onde residia dêsde a infância. Só em 1709 figuram em auto delinquentes transportados do Brasil: cinco da Baía e sete do Rio de Janeiro, uns naturais da colónia, outros do Reino, todos porém acusados por testemunhas residentes em Portugal, parentes próximos e amigos, que respondiam em processo próprio.

Para os crimes da alçada do Santo Ofício não existía a prescrição, e a distância no tempo não apagava a culpa, como nem sempre inibia da pena a distância no espaço. Actos e palavras da adolescência purgavam-se na idade madura; e a ausência, sendo para dominios portugueses ou de Espanha, não oferecia mais que uma segurança falível. De pessoa em pessoa, de terra em terra, o fio das denúncias alongava-se, e tocava por fim inesperadamente o incauto. Dêste irradiava para os seus próximos, e á volta d'êle a peste do judaismo surgia fazendo vítimas, como os contágios das doenças físicas. Foi o que sucedeu com a perseguição aos brasileiros no século XVIII.

Na corrente dos procedimentos judiciarios que conduz ao caso último de Antonio José da Silva, é possivel encontrar primeiro e remoto elo. Em 1703 achavam-se presos na Inquisição de Lisboa Gabriel Lopes Pinheiro, negociante, e sua mulher Joana Pereira de Medina, de nascimento espanhola. Das confissões de ambos resultou sair indiciado Francisco Gomes da Silva, fluminense, grande amigo e sócio de Gabriel Lopes. Por um acaso não raro nos anais do Santo Ofício, alguem de dentro preveniu a Francisco Gomes do que havia contra êle, e o aviso deu-lhe tempo de buscar na fuga a salvação. Homiziou-se em casa do Ministro de Holanda[1], passou ao Algarve, e dispunha-se a embarcar para algum país do Norte quando foi preso em Faro. De lá o trouxeram á Inquisição de Evora, onde o julgaram, e saíu no auto de 22 de Março de 1705, confesso de culpas de judaismo, reconciliado com a Igreja e penitenciado.

Do processo, como sempre, outros processos derivaram. O réu era irmão daquela noiva em cujas bodas, no Rio de Janeiro, se dera o episódio da conversão atrás referido; e nas suas declarações, mencionando a várias pessoas, acusou a três, igualmente convivas do banquete: Agostinho Lopes Flores, negociante, Alexandre Soares Pereira, senhor de engenho, e o médico Francisco de Sequeira Machado. Um irmão do delator, mais novo que êle, estudante, que estivera tambem no festim, ao ter notícia de que aquêle fôra preso, evadíu-se para o Brasil. Os três fôram trazidos do Rio, e penitenciados no auto de 30 de Junho de 1709 em Lisboa. A rede ia alargando o longo, além do oceano, e não tardou a frutuosa colheita.

———————

[1] O judeu Jacob Abrãão de Belmonte, que usava o nome de Francisco van Schoonenberg, traduzindo a neerlandês o apelido que lhe denunciava a orígem.

Estes primeiros réus não foram detidos pela denúncia de Francisco Gomes da Silva unicamente. A excepção de certos casos especificados nas instruções aos Inquisidores, um só testemunho não era motivo de procedimento. Transmitidas as declarações do preso de Evora ao Conselho Geral, ficaram no arquivo, á espera de novos indícios; mas sobreveio em breve o segundo depoimento, que pôs a mover-se a máquina da repressão. Reaparece a *pêrra perdigueira* da festa nupcial; a néofita de 1698 dá provas de possuir excelente memória.

Catarina Soares Brandão tinha vindo, como sabemos, para Lisboa com o marido. Essa que não esquecera o famoso banquete, nem a scena da iniciação, agora, perto dos Inquisidores e á vista dos autos da fé, vivia no permanente susto de qualquer revelação. Ao saber que um dos penitenciados de Évora era o mesmo Francisco Gomes da Silva, que conhecera no Rio de Janeiro; e que, conviva do banquete, podia te-la denunciado, tomou-a pânico invencível. Os delinquentes, que se apresentavam a confessar no Santo Ofício, podiam evitar a prisão, não lhes eram confiscados os bens, e recebiam em segrêdo as penitências, sem o escândalo do auto público. O necessário era que a confissão fosse cabal, e todos os cúmplices nomeados. Certa disso, Catarina Brandão correu, na manhã de 15 de Maio de 1706 a casa do Inquisidor Paulo Afonso de Albuquerque, e declarou seu propósito de confessar culpas de judaísmo. Respondeu-lhe aquele que só a podia ouvir no tribunal, e a mandou apresentar-se nos Estans, onde hoje é o Teatro Nacional, séde do Santo Ofício, residência de alguns Inquisidores, e lugar dos presos até o auto da fé. Ali, espavorida ainda, na primeira audiencia do mesmo Inquisidor que procurara, contou a sua história, descreveu a scena das bodas, enumerou os convidados. Nome por nome, comprometeu a cincoenta e cinco. Depois confessou as próprias culpas, e sua adesão, por inexperiência dos anos, á fé dos antepassados; e como prova de arrependimento — naquele juizo a mais valiosa — instigada pelo Inquisidor, que exigia revelações completas, nomeou ainda vinte e quatro pessoas, das que tinham assistido ás núpcias. Homens, mulheres, adolescentes, alguns quasi na puerícia, de tudo havia no rol. E foi esta criatura, de todos esquecida, pois que em tantos processos, do seu derivados, ninguem pronunciou acusação contra ela a que deu o primeiro impulso á perseguição, de que mais tarde foi vítima o autor das óperas do Bairro Alto. Tão bem memoriada, tão impetuosa de loguela, que ainda cinco anos depois, a ultima vez que compareceu no tribunal, pôde nomear setenta e seis pessoas, com quem tinha praticado de cousas de judaismo, e entre essas, cinco que conhecera no Brasil.

Não é fácil, no amontoado de processos, alguns deficientes na parte relativa ás denúncias que determinaram as prisões, destrinçar em todas a sequencia exacta dos indícios acumulados. É possivel entretanto faze-lo para o caso actual. Sabemos que, por testemunnho do preso de Évora, Francisco Gomes da Silva, foi inculpado o médico Francisco de Sequeira Machado, que saíu no auto de 1709; êste acusou a João Alves Figueira, advogado, penitenciado em 1711, o qual por seu turno denunciou a João Mendes da Silva, pai de António José, sôbre quem havia já o testemunho de Catarina Brandão. Dois outros depoimentos, de pessoas do Brasil, precederam o mandado de prisão, passado em 24 de Fevereiro de 1711.

A mãe do poeta, Lourenço Coutinho, foi presa por mandado, onde se lê a data de 20 de Fevereiro de 1710. De 1710? Ha toda a razão de impôr que o escriturário se equivocou, pondo aquele numero por 1711. Primeiramente era contra as praxes do Santo Ofício, prender alguem por um só testemunho acusador — e não havia mais então —, salvo em casos especiais, de que as circunstâncias se não davam com Lourenço Coutinho. Em segundo lugar não se explica que entre a ordem para a detenção e a chegada a Lisboa decorresse o tempo que vai de Fevereiro de 1710 a Outubro de 1712, dois anos e oito meses, tardança que não se encontra nos demais processos desta série. Por último a coîncidência da ordem relativa a João Mendes. Mulher e marido foram mandados vir e vieram na mesma ocasião; aquela por escrito de 20, êste de 24 de Fevereiro de 1711: e sendo assim, como parece, tinha já contra si Lourenço Coutinho quatro depoimentos além do de Catarina Brandão, dados os dois mais recentes, no próprio dia em que foi decretada a prisão. Três das testemunhas, Diogo Lopes Flores em 30 de Novembro de 1711, Manuel do Vale da Silveira em 17 de Janeiro de 1711, e João Alvares Figueiró no referido dia 20 de Fevereiro, são tambem os que ministravam fundamento para a detenção de João Mendes da Silva, acusando conjuntamente marido e mulher.

Chegaram êstes a Lisboa em Outubro de 1712; João Mendes a 10, passageiro da nau *Madre de Deus;* Lourença Coutinho a 11, a bordo da *Candelária*. Tres filhos mennores, Baltasar, de doze anos, André, que tinha dez, e Antonio, o futuro comediógrapho, de sete, não se sabe a cargo de quem viessem. Plausívelmente em companhia da mãe, separando-se em Lisboa, e recolhidos talvez pela tia, D. Maria Coutinho, que viera antes, e fôra penitenciada no auto de 1711 com o marido, Miguel de Castro Lara. Na mesma frota, e presos igualmente, vinham cinco irmãos de João Mendes — eram doze na familia —, e a sogra, cunhados, sobrinhos, primos; uma investida terrífica contra os Mendes da Silva e Coutinhos.

O pai de António José tinha então cincoenta e sete anos. Nascera no Rio de Janeiro, filho de André Mendes da Silva, negociante, natural do

Crato, no Alentejo, e de Maria Henriques, de Lisboa. Dizia-se cristão velho, afectando ignorar a mácula do sangue, na mulher, assás indicada pelo suspeitoso apelido de Henriques, que a cada passo se encontra nas listas dos autos da fé. A inquirição sôbre a ascendência, que se fez no Crato, saíu-lhe desfavoravel. O pai não era lá conhecido; mas todas as testemunhas se recordavam de ter havido na terra muitos Mendes sabidamente cristãos novos, e alguns dêles relaxados, isto é condenados á última pena. Adiante, no correr do processo, João Mendes abandonou a pretenção de sangue limpo; e se, no primeiro interrogatório, afirma ter-se por cristão velho, quando chega a hora das confissões, e os irmãos são por êle denunciados, declara-se ignorante, e deixa de insistir no catolicismo da estirpe.

Não ha dúvida que na família existia a preocupação justificável de fazer esquecer a origem suspeita, em todo o tempo perigosa. João Mendes tínha um irmão clérigo, presbítero do hábito de S. Pedro; e êle próprio estudara teologia em Coimbra, e se formara em canones. Tambem tio paterno fora clérigo de S. Pedro. Do lado materno encontramos outro tío que, tendo sido Escrivão das execuções fiscaes na Baía, enviuvou e se fez religioso; e religiosos igualmente, foram dois filhos seus. Terceiro tio, pintor de ofício e lavrador, no Rio de Janeiro, casou três vezes e teve de cada consórcio um filho frade. Sete filhos gerara uma tia, casada com Manuel Jorge Feijão, cirurgião no Rio de Janeiro, e professaram dois dêles na religião do Carmo. Parece mais que provável serem as vocações religiosas artes de afastar dos próprios e da restante parentela a desconfiança dos católicos. Recurso frívolo, porque a consanguinidade de tantos eclesiásticos não impediu que parentes em todos os graus fossem trazidos da América aos autos da fé.

Em João Mendes da Silva as aparências exteriores eram de extreme católico, atento ás práticas de onde seria lícito aferir o fervor da crença. Assíduo á missa, confessava-se e comungava a curtos intervalos; ensinava a doutrina aos escravos, assim no engenho como na casa da cidade; e zelava que assistíssem á missa dominical. Por defesa, em ocasião das trovoadas, mandara afixar nas portas e janelas certa oração latina, que tínha a virtude de afastar os raios.

Até aqui o que todos podiam verificar. De feição mais íntima contava ser costume seu rezar todas as noites a ladaínha antes de recolher-se á cama; e que, nas horas vagas da vida forense e da administração do engenho, se dava a trabalhos literarios de caracter místico. Dêsses fôra uma vida de Cristo — «dividida em três partes segundo os mistérios do Rosário», referiu êle aos Inquisidores — e a tradução em verso português de várias preces rituais, usadas em latim na igreja. Da existência destas obras sabemos sómente pela informação do autor, e os escritos sumiram-se talvez no borborinho doméstico, efeito da prisão de ambos os cônjuges.

Tudo isto, que devia comprovar os sentimentos católicos de João Mendes, foi escurecido pelas confissões posteriores. Havia trinta anos — acabou por declarar — que, sendo estudante, o tinha instruido um primo nos ditos judaicos, e desde então os tinha sempre praticado. Por tal motivo a sentença dos Inquisidores o designou por hereje e afastado da fé católica, a contar de 1683. Mas que práticas eram essas? As mesmas que duzentos anos seguidos e só com leves discrepâncias todas as confissões nos deparam: jejuns, abstinências, rezas judaicas — eram taís considerados o Padre Nosso, sem o nome de Jesus depois do *Amen*, e os salmos de David sem lhes acrescentar um *Gloria Patri* — e o nefando acto de pôr nos sabados camisa lavada. Todas as quais acções, e algumas outras, constavam dos editais que uma vez cada ano os Inquisidores publicavam, e eram sabidas pelo contexto das sentenças, escutadas por milhares de pessoas nos autos da fé. Por êste modo, tanto podiam corresponder as declarações a factos positivos, como ser a rotina conhecida em que a necessidade de concordar com as acusações colocava o incriminado. *Negativo*, segundo a qualificação juridica, se teimava em afirmar a sua fidelidade ao cristianismo, *diminuto* quando não mencionava os cúmplices que lhe atribuiam, especialmente sendo parentes próximos, em qualquer dos casos o esperava a morte. Por cumplicidade entenda-se a prática em commum dos actos litúrgicos, ou a reciproca declaração de crença na lei de Moisés. A defesa consistía portanto em se confessar o réu culpado, e nomear tantas pessoas quantas as de que podia suspeitar a acusação. E como, na incerteza, os nomeados tinham de ser muitos, assim se explicam as razias que abrangiam familias inteiras, e ás vezes quasi despovoavam terras.

Sabido isto, não se estranhará que os depoimentos nos processos poucas vezes deixem a impressão da verdade límpida. Comparando-os entre si verifíca-se que nos acidentes, onde a genuidade melhor se nos demonstraria, raramente coíncidem. Em regra os actos denunciados são vagos, os tempos incertos, os lugares flutuantes, e os notários, pelo hábito, tudo reduzem a uma espécie de formulário, que sem repugnancia visivel dos declarantes vão lançando nos autos. Certamente que a maior parte dos presos depunham, como usavam dizer os Inquisidores, *de fantasia*. E era fatal que assim fosse para se não perderem. Os juizes tudo aceitavam porque, ordenando as prisões, já estavam convencidos da realidade das culpas. O que só pretendiam eram as confissões e declarações: para salvarem almas desviadas da fé; para que aos delinquentes ocultos atingisse tambem a repressão. Todavia, e sem receio de engano, se pode asseverar

que, em todo o tempo que a Inquisição durou, e dentro do critério exposto, — isto é que havendo indício da apostasia se desprezassem as circunstâncias — mui poucas vezes as condenações procederiam de êrro judiciário. Isso demonstram os episódios dos fanáticos que não renegavam a crença, e contentes, orgulhosos dela, aceitavam o martirio do fogo em vida, para se não revogarem. Demonstram-no as relapsias evidentes, os jejuns nos cárceres, a presteza com que os fugitivos, em chegando a país de tolerancia, aderiam publicamente á sinagoga, e as do sexo masculino se faziam circuncidar. Um livro recente, que mostra guardarem-se ainda hoje em certas famílias da Beira e Trás-os-montes as práticas dos cristãos novos, e ás escondidas como no tempo da perseguição (1), confirma não se acharem longe da verdade os Inquisidores. Quanto á razão com que, segundo o critério acima, procediam, e ao direito que aplicavam, isso é matéria diferente. Que dentro dessas normas eram juizes rectos ha mil provas nos processos.

J. Lucio d'Azevedo.

(Continua).

(1) Samuel Schwarz. *Os cristãos novos em Portugal no século XX*, Lisboa, 1925.

◆◆◆◆◆◆

CANTICO DO SOL

(S. FRANCISCO DE ASSIS)

Excelso, omnipotente, bom Senhor,
A ti todo o louvôr.
Somente a ti pertençam
Toda a honra, toda a gloria, toda a benção.
Nenhum mortal, inda que o orgulho dome,
Nenhum é digno de dizer teu nome.

Louvado sejas, meu Senhor,
Com todos estes seres que creaste,
Pelo Irmão Sol, engaste
Da luz, que faz o dia, e do esplendôr
Da tua gloria — imagem, meu Senhor!

Louvado sejas, meu Senhor,
Pela Irmã Lua e Irmãs Estrellas,
Que formaste no Céo com tanto amor,
Tão claras e tão bellas!

Louvado sejas, meu Senhor, pelo Irmão Vento,
Pelo ar, nuven, orvalho e firmamento,
Pelas quatro estações, com que asseguras,
Nutrição e saúde ás creaturas.

Louvado sejas, meu Senhor,
Pela Irmã Agua, que se arrasta,
Util, humilde, preciosa e casta.

Louvado sejas, meu Senhor,
Pelo vital fulgor
Do Irmão Fogo, que aclara a noite, e a morte,
Bello, jocundo, varonil e forte!

Louvado sejas,
Por nossa Irmã, a Terra maternal,
Cujas entranhas bemfazejas
Produzem o thesouro vegetal
De arvores, hervas, frutos de ouro, e flores
Cheias de aroma e tintas de mil côres.

Louvae e bemdizei, todos, o meu Senhor,
Louvae-o e agradecei-lhe com amor
A infinita bondade,
E, cheios de humildade,
Louvae e bemdizei o meu Senhor!

(Do *Jardim de S. Francisco*)

AUGUSTO DE LIMA.

EVOCAÇÃO DO RECIFE

Recife
Não a Veneza americana
Não a Maurisstad dos armadores das Indias Occidentaes
Não o Recife dos Mascates
Nem mesmo o Recife que aprendi a amar depois — Recife das revoluções libertarias

Mas o Recife sem historia nem literatura
Recife sem mais nada
Recife da minha infancia

A rua da União onde eu brincava de chicote queimado e partia as vidraças da casa de D. Aninha Viegas
Totonio Rodrigues era muito velho e botava o picenê na ponta do nariz
Depois do jantar a gente grande tomava a calçada com cadeiras mexericos namoros risadas

A gente brincava no meio da rua
Os meninos gritavam

Coelho sai
Não sai
Lá em baixo as vozes macias das meninas politonavam

Roseira dá-me uma rosa
Craveiro dá-me um botão

(Destas rosas muita rosa
Terá morrido em botão)

De repente
nos longes da noite
um sino

Uma pessoa grande dizia
—«Fogo em Santo Antonio»
Outro contrariava: — «São José»
Totonio Rodrigues achava sempre que era em S. José
Os homens punham o chapeu saiam fumando
E eu tinha raiva de ser menino porque não podia ir ver o fogo

Rua da União
Como eram lindos os nomes das ruas da minha infancia
Rua do Sol
(Tenho medo que hoje se chame do Dr. Fulano de Tal)
Atrás de casa ficava a rua da Saudade
...onde se ia fumar escondido
Do lado de lá era o cais da rua da Aurora
...onde se ia pescar escondido

Capiberibe
Capibaribe
Lá longe o sertãozinho de Caxangá
Banheiros de palha
Um dia eu vi uma moça nuinha no banho
Fiquei parado o coração batendo
Ella se riu
Foi o meu primeiro alumbramento

Cheia! As cheias! barro boi morto arvores destroços redemoinho: sumiu
E nos pegões da ponte do trem de ferro os caboclos destemidos em jangadas de bananeiras

Novenas
Cavalhadas
Eu me deitei no colo da menina e ella começou a passar a mão nos meus cabellos

Capiberibe
Capibaribe

Rua da União onde todas as tardes passava a preta das bananas
Com o chale vistoso de pano da Costa
E o vendedor de roletes de cana
O de amendoim
— que se chamava midubim e não era torrado era cozido
Me lembro de todos os pregões
— «Ovos frescos e baratos
Dez ovos por uma pataca»

Foi ha muito tempo
A vida não me chegava pelos jornais nem pelos livros
Vinha pela boca do povo na lingua errada do povo
Lingua certa do povo
Porque ele é que fala gostoso o português do Brasil

Ao passo que nós
O que fazemos
E' macaquear
A sintaxe lusiada

A vida com uma porção de coisas que não se entendia bem
Terras que eu não sabia onde ficavam

Recife
Rua da União
A casa de meu avô
Nunca pensei que ela acabasse
Tudo lá parecia impregnado de eternidade

Recife

Meu avô morto
Recife morto Recife bom Recife brasileiro como a casa de meu avô

Rio, 13 de Julho de 1925.

MANUEL BANDEIRA.

◆◆◆◆◆◆

A VIAGEM

Um dia, á força de ouvir falar no Velho Mundo, o homem de fraque, de annel symbolico e de guarda-chuva de cabo de ouro, resolveu visital-o.

Elle era levado, não pelo desejo de admirar cousas bellas, de respirar numa atmosphera melhor, de sentir a Vida, emfim, tal como ella merece de ser vivida, mas pela curiosidade de vêr aquillo de que os outros falavam e que elle nunca pudera citar nas suas palestras e nos seus escriptos.

E partiu.

E ao seu embarque foram amigos e admiradores. E á sua senhora foram offerecidas innumeras *corbeilles* de flôres naturaes. E os jornaes falaram no illustre medico, bacharel ou engenheiro, *doublé* de um primoroso escriptor, membro da nossa Academia de Lettras, e que no desempenho de importante commissão do Governo, partia para o Velho Mundo. E as revistas illustradas publicaram o seu retrato á hora da partida, cercado de amigos e admiradores, outros muitos homens de fraque, de annel symbolico e de guarda-chuva de cabo de ouro, e entre innumeras *corbeilles* de flôres naturaes que haviam sido offerecidas á sua senhora.

E chegou.

E ao seu desembarque não foram amigos e admiradores. E á sua senhora não foram offerecidas innumeras *corbeilles* de flôres naturaes. E os jornaes não falaram no illustre medico, bacharel ou engenheiro, *doublé* de um primoroso escriptor, membro da nossa Academia de Lettras, e que no desempenho de importante commissão do seu Governo, chegara ao Velho Mundo. E as revistas illustradas não publicaram o seu retrato á hora da chegada, cercado de amigos e admiradores, outros muitos homens de fraque, de annel symbolico e de guarda-chuva de cabo de ouro, e entre innumeras *corbeilles* de flôres naturaes que deveriam ter sido offerecidas á sua senhora.

E elle desanimou.

Mas como a França passava então por um grave momento politico, não lhe foi difficil a convicção de que só por esse motivo Paris não o recebia como devem ser recebidos todos os homens de fraque, de annel symbolico e de guarda-chuva de cabo de ouro.

Mas não importava. Elle iria até o Louvre. Era preciso vêr aquillo de que os outros falavam e que elle nunca pudera citar nas suas palestras e nos seus escriptos. Depois, naquelle ambiente de Arte, era impossivel que a sua personalidade não fosse reconhecida.

E foi, então, que elle se lembrou da *Victoria de Samothracia*. Elle iria vêr a *Victoria de Samothracia*. E a *Victoria de Samothracia* havia de reconhecel-o.

E parou diante da *Victoria*. E a *Victoria* continuou impassivel. E elle desanimou. Mas como a *Victoria* não tinha cabeça, não lhe foi difficil a convicção de que só por esse motivo elle não era saudado como devem ser saudados todos os homens de fraque, de annel symbolico e de guarda-chuva de cabo de ouro.

E foi, então, que elle se lembrou da *Venus de Milo*. Elle iria vêr a *Venus de Milo*. E a *Venus de Milo* havia de reconhecel-o.

E parou diante da *Venus*. E a *Venus* continuou impassivel. E elle desanimou. Mas como a *Venus* não tinha braços, não lhe foi difficil a convicção de que só por esse motivo elle não era abraçado como devem ser abraçados todos os homens de fraque, de annel symbolico e de guarda-chuva de cabo de ouro.

E foi, então, que elle se lembrou da *Gioconda*. Elle iria vêr a *Gioconda*. E a *Gioconda* havia de reconhecel-o.

E parou diante da *Gioconda*. E a *Gioconda* continuou impassivel. E elle desanimou. Mas como a *Gioconda* estava num quadro, não lhe foi difficil a convicção de que só por esse motivo elle não era reverenciado como devem ser reverenciados todos os homens de fraque, de annel symbolico e de guarda-chuva de cabo de ouro.

Mas não importava. Elle iria até a Italia. Era preciso vêr aquillo de que os outros falavam e que elle nunca pudera citar nas suas palestras e nos seus escriptos. Depois, naquelle ambiente de Arte, era impossivel que a sua personalidade não fosse reconhecida.

E foi, então, que um outro homem de fraque, de annel symbolico e de guarda-chuva de cabo de ouro, lhe disse que a Peninsula era muito suja e Veneza fedorenta.

E elle desanimou.

E elle voltou.

E ao seu desembarque foram amigos e admiradores. E á sua senhora foram offerecidas innumeras *corbeilles* de flôres naturaes. E os jornaes falaram no illustre medico, bacharel ou engenheiro, *doublé* de um primoroso escriptor, membro da nossa Academia de Lettras, e que fôra ao Velho Mundo no desempenho de importante commissão do Governo. E as revistas illustradas publicaram o seu retrato á hora da chegada, cercado de amigos e admiradores, outros muitos homens de fraque, de annel symbolico e de guarda-chuva de cabo de ouro, e entre innumeras *corbeilles* de flôres naturaes que haviam sido offerecidas á sua senhora.

E elle se animou.

E sentiu-se logo outro homem.

E começou a falar naquillo de que os outros falavam e que elle já podia citar nas suas palestras e nos seus escriptos.

E elle tinha autoridade.

E elle era escutado.

E elle dizia, então, que a sua terra, a terra dos homens de fraque, de annel symbolico e de guarda-chuva de cabo de ouro, era o paiz mais adiantado do mundo.

E com isso elle dava desempenho á importante commissão que lhe fôra confiada pelo seu Governo, um governo tambem de fraque, de annel symbolico e de guarda-chuva de cabo de ouro.

E todos o ouviam satisfeitos.

E todos ficavam convencidos.

E foi assim que elle viveu feliz. E foi assim que elle morreu feliz.

GASTÃO CRULS.

A INTELLIGENCIA BRASILEIRA

(CONFERENCIA REALISADA NA BAHIA, EM 26 DE OUTUBRO DE 1926).

É perturbadora a emoção com que me approximo de vós, neste primeiro encontro com a intellectualidade forte da minha terra. Afastado della, pouco depois de ter bebido o leite da infancia, eu a guardei com devoção e carinho, na fascinação da sua natureza opulenta, no encanto da sua vida generosa, na gloria da sua intelligencia fecunda e da sua acção intensa. E me ficou uma Bahia perpetua, multipla e grandiosa, não como uma lição do passado apenas, mas como um elemento vivo e surprehendente do Brasil, na actividade nova e creadora, onde estão todas as esperanças de dias melhores e de mais largos horizontes. E, revendo-a, agora, vejo que não me illudiu a imagem do meu affecto. A Bahia, que encontro, é uma força no dynamismo brasileiro, na terra que trabalha e progride, na cidade que vae perdendo o aspecto colonial e ganha a physionomia polychroma do urbanismo moderno, que domina o mar com esse porto admiravel, que derruba casarões e constróes edificios novos e abandona o incommodo tradicionalismo pelas vantagens dos palacios. A cidade se faz em cimento armado, em ferro e aço, emfim na ossatura de um grande centro, que caminha progressivamente para o maravilhoso destino brasileiro. As fabricas apitam, os autos correm celeres, as ruas trepidam, a cidade redemoinha e toda uma vida intensa substitue a calmaria somnolenta de outros tempos. Pelo interior o espectaculo não é menos surprehendente. As cidades crescem e se multiplicam, muitas já se ligam pelo telephone, pelas estradas de ferro, que cortam o territorio do estado em todos os sentidos, pelas rodovias que se constroem e por onde rolarão os caminhões rapidos, substituindo os carros de boi rinchantes. Usinas poderosas, plantações em systemas modernos, com arados e tractores, tudo indica a estupenda renovação. Ilhéos, Santo Amaro, Cachoeira, Itabina, Belmonte, São Felix, Santo Antonio de Jesus, Caitité, Areia, Jequié, Feira de Sant'Anna, Nazareth, Joazeiro, Cannavieiras e outros mais são centros industriaes e agricolas que cada dia mais avultam na grandeza da Bahia.

Aqui o passado, de tradições gloriosas, sobretudo na arte religiosa e na riqueza do folklore, onde ha tanto a trabalhar, não perturba a obra do presente e a Bahia não é um museu, mas uma forja, uma machina, um elemento de propulsão na vida nacional. Eu vos confesso o orgulho que me dá a terra.

Do primeiro contacto do homem maravilhado com a terra opulenta e bella até a sua adaptação ao meio, ha a curva de uma tragedia formidavel que se desenvolve em luctas e conquistas, nos tres primeiros seculos da vida brasileira. Assiste-se á creação lenta de um sentimento nacional, que se tornará consciencia um dia, através mais de provações do que de glorias, porque a lucta se trava pertinaz e obscura, com a segurança apenas da sua constancia, em pequenos lances theatraes, buscando antes o seu fundo tragico nessa mesma e insana vigilancia contra o adversario multiplo e solerte. Este está na terra e no proprio homem que lucta. Caso singular, aqui a tragedia vem de fóra e de dentro, o combatente começa por lutar consigo mesmo, ao mesmo tempo que peleja contra o meio adverso. Lucta material e psychologica, que temperou a gente e a tornou capaz de uma grande patria, que será a do dia em que o combate estiver de todo vencido.

O homem no Brasil se creou parallellamente á terra. Cada victoria contra a natureza correspondia a um triumpho sobre si mesmo e era uma nova escola de adaptação. Se tivessem os lusos encontrado aqui uma civilização autochtone, forte e definida, como a dos Incas, ou Aztecas, a conquista seria uma luta de raças, uma guerra incruenta. Mas o indio não foi o adversario, inclue-se entre as forças hostis da natureza, nada mais do que isso, quando não veio á communhão dos povoadores novos da terra.

Através dessa luta ousada, em que a natureza perfilha o adventicio, sob a magia da sua irreprimivel seducção, se vae formando o espirito brasileiro, que reage quando a metropole pensa em nos entregar á Hollanda e se firma victorioso nos Guararapes. O país se fórma de alluvião; cedo começam as influencias extranhas, através de Portugal é certo, mas com anseios de independencia, que depois surgem, aqui e alli, preparando o acontecimento de 22, que é o resultado de um paiz feito e de um sentimento brasileiro integral. Não se fale de consciencia, que talvez seja cedo demais, mas o espirito rebelde da independencia, que acaba por vencer no 7 de Abril, este já é brasileiro, é a adaptação dos tres sangues no homem novo nascido na terra americana.

A obra politica do estado que se creou, herdando a tradicção juridica portuguêsa, consolida o que o sentimento antecipára. Posso repetir aqui que o grande factor politico da unidade foi a monarchia, na transição da independencia. Reflectia o imperio a grandeza da terra e pareceu ao homem que só a majestade daquelle regimen serviria ao paiz maravilhoso. Enquanto as republicas da America espanhola se dividiam em lutas sangrentas e hostilidades acerrimas, o Brasil se unia num grande estado. Consolidado o paiz, dentro do largo liberalismo monnarchico, faz-se a abolição, ainda triumpho do sentimento, e se desequilibra toda a economia nacional, sagra a nossa fraternidade. Por fim se cumpre a predestinação da Republica, affirmanndo a ansia do progresso e alargando os destinos do pais.

Mas, emquanto o desenvolvimento politico-social se fazia, desdobrando-se o phenomeno anthroposociologico, como se orientava a nossa intelligencia? Não é agora que se vão repetir investigações a proposito, que creio synthetizar affirmando que a mentalidade brasileira oscillava entre o desejo de liberdade e a irremediavel sujeição ás fórmas importadas do extrangeiro. Naturalmente tudo começa na imitação e não poderiamos refugir ao imperativo dessa lei. Á medida, porém, que o espirito brasileiro dominava o meio, começava a rebeldia e o seculo XIX é o testemunho dessa ansia insoffreavel. As perturbações do novo, o prestigio das culturas formadas deante das nossas tentativas incipientes, tudo isso forçaria a imitação, retardataria as livres expressões do pensamento, emperraria a linguagem nas fórmas classicas e entravaria toda a liberdade possivel. Só altos engenhos, ou sensibilidades agudissimas, como de José de Alencar, Castro Alves, Gonçalves Dias, ou Casemiro de Abreu poderiam ser de brasileiros puros, embora com as deformações européas muito sensiveis. E essa copia se prolongou em tudo, pesando sobre nós e está na nossa ordem social e politica, como na literatura, na arte, no gosto, nas cidades, nas casas, nas modas, em tudo e em tudo, avassaladora e dominante.

Era como que uma escravisação. Começava pela lingua: a que falamos é hoje bem diversa da portuguêsa, na prosodia como na syntaxe, tem côres novas, uma plasticidade inteiramente differente e vae se enriquecendo de modo prodigioso. No entretanto, ninguem ousava escrever como falava e dahi o absurdo dos escritores falarem em lingua differente da que escrevem. Este é um dos grandes preconceitos que temos de vencer, livrando-nos da sujeição e do ranço do classico portuguez.

Terra nova gente nova, espirito novo! Foi do balanço de todas as nossas forças creadoras e do estudo attento que das fontes brasileiras teem feito as gerações modernas no Brasil, que surgiu a revolta contra a imitação e o desejo de uma independencia brasileira. A cultura é uma transubstanciação de valores e temos que adaptal-a para que seja fecunda.

O pensamento novo no Brasil revolta-se antes de tudo contra a imitação esteril, que tanto tem embaraçado a sua livre trajectoria. Não somos uma correspondencia neste continente do espirito européo, somos uma floração americana, que fundiu os varios elementos formadores para uma obra singular e rara. Como observou admiravelmente o nosso Ronald de Carvalho: é mistér que o homem moderno no Brasil «estude não sómente os problemas brasileiros, mas o grande problema americano. O erro primordial das nossas élites, até agora, foi applicar ao Brasil, artificialmente, a lição européa. Estamos no momento da lição americana. Chegamos afinal ao nosso momento». Comecemos por ter o orgulho da obra que construimos e não a apouquemos tornando-a simples e debil enxerto. Não somos europeus na America, mas americanos e si o sangue europeu corre nas nossas veias, como tambem corre o africano, isso em absoluto predomina sobre a influencia do meio, através de varias gerações, do amor da terra e da fascinação da natureza. O proprio residuo do aborigene se fundiu no typo novo, ainda em formação, mas absolutamente diverso de qualquer dos povos primitivos e já muito caldeado com os demais que para aqui teem vindo. O nosso destino é ser brasileiro, com todas as deformações, todos os vicios, todos os erros nossos, para que os possamos corrigir, no desejo ardente da perfeição.

Não são os modernos do Brasil os primeiros a sentir esse espirito brasileiro, mas ninguem lhes póde recusar o merito de serem os primeiros a systematizal-o. Já a voz do nosso formidavel Castro Alves sentiu a alma brasileira, na essencia mysteriosa do lyrismo, creando uma poesia que dominará o tempo, porque foi feita no seu tempo e para o seu tempo, e foi uma das mais poderosas e claras demonstrações de como o destino da arte brasileira está em buscar a sua seiva fecunda no espirito nacional, livre, audacioso, grandiloquente e barbaro. Podemos dizer mesmo que o caminho já fôra apontado, para falar em es-

criptores e artistas recentes, muitos dos quaes ainda vivos, em Euclides da Cunha, Alberto de Oliveira, Bilac, Affonso Arinos, Alberto Nepomuceno, João Ribeiro, Afranio Peixoto e outros, além da predestinação do «Chanaan» de Graça Aranha. Movemo-nos portanto dentro de um cyclo logico e quasi determinado.

O exemplo da poesia moderna do Brasil é o mais perfeito possivel. Procura, através das suas mais altas expressões, um sentimento brasileiro, uma fórma livre que possa traduzir essa sensibilidade nova, ligada ao nosso lyrismo, que é a constante do temperamento nacional. Não ha nella senão o appello a uma inspiração que tenha raizes na terra e se ligue pela cultura ao mundo inteiro. Separando-se do regionalismo, por isso que se eleva ao universal, essa poesia permanece brasileira, inconfundivel e clara, com o prestigio do nosso rythmo luminoso e forte. Ouvi a poesia de Ronald de Carvalho, em «*Toda a America*»

Eu ouço todo o Brasil cantando, zumbindo, gritando, vociferando!
Rêdes que balançam
sereias que apitam,
usinas que rangem, martellam, arfam, estridulam, ululam e roncam
tubos que explodem
guindastes que giram,
rodas que batem
trilhos que trepidam,
rumor de coxilhas e planaltos, campainhas, relixos, apoiados e mugidos,
repique de sinos, estouros de foguetes, Ouro Preto, Bahia, Congonhas, Sabará,
vaias de Bolsas empinando numeros como papagaios,
tumulto de ruas que saracoteiam sob arranha-céos,
vozes de todas as raças que a maresia dos portos joga no sertão!

Nesta hora de sol puro eu ouço o Brasil.
Todas as tuas conversas, patria morena, correm pelo ar...
a conversa dos fazendeiros nos cafesaes,
a conversa dos mineiros nas galerias de ouro,
a conversa dos operarios nos fornos de aço,
a conversa dos garimpeiros peneirando as bateias,
a conversa dos coroneis na varanda das roças...
Mas o que eu ouço, antes de tudo, nesta hora de sol puro
palmas paradas
pedras polidas
claridades
brilhos
faiscas
scintillações
é o canto dos teus berços, Brasil, de todos estes teus berços, onde dorme, com a boca escorrendo leite, moreno, confiante,
o homem de amanhã!

Ou o canto de Guilherme de Almeida, sobre a Cruz das tres raças que é o brasileiro.

MINHA CRUZ!

ha uma encruzilhada de tres estradas sob a minha cruz de estrellas azues:
tres caminhos se cruzam — um branco, um verde e um preto — tres hastes da grande cruz.
e o branco que veio do norte, e o verde que veio da terra, e o preto que veio de léste
derivam num novo caminho, completam a cruz unidos num só, fundidos num vértice.
fusão ardente na fornalha tropical de barro vermelho, cozido, estalando ao calor modorrente dos céos immutaveis:
— fibusteiros saqueadores; fidalgos sesmeiros de vastos latifundios e arcos innumeraveis;
senhores de engenhos e de curraes; nababos, negreiros; mascates de quinquilharía;
sertanistas — mamelucos, mestiços, cafusos — queimando malócas e afundando igáras da bugraria...
Polychromia de sotainas pretas ajoelhadas sob cipós e papagaios, erguendo hostias nas mãos de lirio
e vertendo, sob luas fabulosas, no cálice de oiro da terra o sangue theatral do martyrio...

Mas não acrediteis que o caracter vem apenas do motivo e vos lerei outro poeta, Ribeiro Couto, cujo lyrismo é tão profundamente brasileiro.

Em frente á minha janella os verdes bambuaes
cantam ao vento, o dia todo,
a sua musica dispersa de mar alto.

Nos arvoredos da vizinhança
estridulam gargalhadas de joão-de-barro

Batendo roupa nas lages do ribeirão
negras pobres conversam.
Gritam meninos correndo nús pelas margens

Na paisagem queimada de sol
ha gansos fanhosos perseguindo-se.

Vêde bem como a intelligencia nova do Brasil procura, de um lado, vencer o nosso proprio cháos, do outro, liberta-se do extrangeirismo que lhe corrompia o caracter e, por fim, anseia por um rythmo proprio que seja o maravilhoso reflexo do mundo luminoso e quente que nos cerca! Porque, felizmente para nós, salvo algumas excepções de menor valor, a intelligencia nova do Brasil não se fixa mais deante da lição da Europa. A differença, que vae entre o nosso modernismo e as escolas de vanguarda européa, é extraordinaria, como orientação e finalidade, não reproduzindo nenhuma das que, por lá, depois do futurismo italiano, procuram novas emoções e ensaiam a creação de modos diversos de expressão. É certo que ha, em todo o mundo occidental, uma nova sensibilidade, a cujo influxo nada se póde subtrahir, mas não gravita em torno disso o movimento brasileiro, cujas raizes profundas estão no sentimento da terra. Que ha-de similhante entre as tendencias novas do Brasil, que não formam escola, pois que entre os novos ha divergencias accentuadas até mesmo no terreno esthetico, e as modernas correntes européas? Onde contacto com o futurismo italiano, de Marinetti, que temos combatido e o qual só louvamos pelo que foi de renovação ao tempo do seu apparecimento? ou com o cubismo francês, estatico e cerebral, que contraria o dynamismo essencial do brasileiro? ou ainda com o expressionismo allemão, torturado e morbido, como arte de derrota e dôr, quando tudo aqui é vida e força? ou com o dadaismo infantil e primario, se a nossa obra procura se assentar na cultura? Copiar os modernos seria tão funesto como imitar antigos e prejudicaria a sinceridade da nossa acção vigorosa.

O outro preconceito perturbador é o passadismo. Eu bem sei o que ha-de difficil em abordar o assumpto, mas comecemos por clarear e estou certo de que, fixadas as expressões, não haverá ensejo para divergencias siquer. Do passado ninguem póde fugir, porque o que nelle houve de vivo determinou o presente e se incorpora no futuro. Das resultantes de suas forças é que se vão construindo as cousas novas, com a contribuição inevitavel de cada tempo, variando indefinidamente, pela adaptação, as fórmas da existencia humana. Quem o negasse diria coisa sem sentido e desprezivel. Pois bem, senhores, esse absurdo é que se pretende tirar como illação do raciocinio moderno, quando procura, «situar o passado e evitar o passadismo? Que é passadismo? é o apêgo prejudicial ás fórmas inuteis do passado, a tentativa impossivel de resuscitar, numa sensibilidade differente, motivos antigos e retomar para as novas construcções material que já teve a sua applicação e hoje será apenas ridiculo e grosseiro. Não é o amor do passado que nos obriga a rejeitar essas contrafacções e esses anachronismos? A nossa admiração fervorosa pela Grecia não é que nos faz odiar esses poetas que teimam em desrespeitar os seus symbolos e motivos, quando tudo quanto o mundo grego poude suggerir já foi feito com o maximo de perfeição humana? Esse artificio do passado, essa quinquilharia de imagens obsoletas e exgottadas, quando uma sensibilidade nova exige emoções differentes, esse é o monstruoso passadismo, que ainda é uma fórma de imitação.

Contra essa obra de desrespeito ao passado e de heresias é que o espirito moderno reage fortemente, como aliás reagiram sempre os creadores, desprezando pela originalidade a copia servil e infecunda. Cada tempo tem a sua sensibilidade e della decorre a sua esthetica. Que é dos imitadores dos latinos, passadistas, do trecento e do quatrocento? Mas Dante, Celini, Boccacio, ou Petrarca são immortaes, porque, amando o passado, se livraram do passadismo pedantesco de então. Si Wagner tivesse continuado a tradição do seculo e não ousasse renovar não teria nunca aberto um mundo novo á arte musical. E os exemplos seriam ociosos e inuteis. Sempre que o passado não fôr uma energia será inutil e só o devemos considerar como um campo de experiencia. Nunca a sua obra está perfeita porque se concluiu.

Nós atravessamos um cyclo novo na historia e que se poderá chamar a edade da machina. Politica, economia, arte, pensamento, tudo gira em torno de uma civilisação machinista, que procura um maximo de producção com a maior poupança de tempo. O industrialismo moderno é o campo de gravitação de todas as cousas e a machina tudo rege num dominio absoluto. Creamos um periodo de trepidação e de força, cujo espirito constructor e dynamico precisa de novas fórmas de emoção e não póde mais se satisfazer com o que é antigo. O homem, que determinou a precisão e a resistencia do avião, que utilizou as ondas hertziannas para as suas communicações, que construiu os transatlanticos modernos e ergueu as massas de cimento armado para os arranha-céos, este homem tem uma sensibilidade differente e inadaptavel. Le Corbusier, numa das suas syntheses admiraveis, observou: «A machina, phenomeno moderno, opera no mundo uma reforma de espirito. No entanto, nella permanece intacto o factor humano, sendo concebida pelo homem para satisfazer as suas necessidades. A machina é construida sobre a synthese espiritual que o homem concebe e não sobre uma fantasia, systema que lhe constitue um universo tangivel; em systema arrancado parte por parte do mundo circumstante, é assaz coherente para determinar a creação de orgams com funcções similhantes aos phenomenos naturaes. A machina vem toda da geometria. A geometria, é a nossa grande creação e ella nos emociona. A machina faz luzir deante de nós discos, espheras, cylindros de aço polido, de aço

talhado com uma precisão de theoria e um cuidado, que *jamais a natureza* nos *mostrará*.

Os sentidos evocam, ao mesmo tempo que a nossa lembrança encontra no stock das recordações, os discos, as espheras, os deuses do Egypto ou de Congo. Geometria e deuses permanecem unidos! A lição da machina é porém relação de causa e effeito. Pureza, economia, tensão pura para a sabedoria. Um desejo novo, uma esthetica de pureza, de exactidão».

O creador dos apparelhos da civilização moderna, na base da precisão geometrica, em que se procura eliminar tudo quanto não seja util e preciso, vence pela simplicidade e pela clareza. Dahi a sua sorte de synthese, cerebral, schematica. Dahi o cubismo reagindo contra o vago do impressionismo para dar o maximo de valor ás linhas e volumes com o que sobrepoz a ordem plastica á sentimental. Dahi a musica moderna buscando usar o som pelo seu valor directo, de sorte a suggerir integralmente na sua pureza; a architectura resolvendo os problemas das massas pelo equilibrio sereno das fórmas, dentro da maior simplicidade, que é o indice da maxima economia. Dahi a poesia, abandonando o arsenal de formulas gastas, pelo desejo de emocionar directamente ao contacto das coisas, elevadas pelo subjectivismo interior e integral. «A imaginação creadora do artista moderno — palavras de Ronald de Carvalho — reflecte, como é natural, todas essas conquistas da experiencia humana. Funccionamos como verdadeira machina. Reduz a natureza a schemas e, pela deformação da materia prima que lhe fornece a realidade, produz a obra de arte.» Estamos dentro de uma epoca, boa ou má, pouco importa, da nossa epoca e temos que sentil-a tal qual a podemos construir.

Neste cyclo da machina a America terá o seu destino e já hoje os Estados Unidos empolgam o mundo com a formidavel energia das suas forças tentaculares, de que What Whitmam foi o cantor exaltado e fremente. E, entre nós, as nossas cidades, já surgem dentro desse espirito moderno, no Rio, em São Paulo, aqui na Bahia, em Recife, Porto-Alegre, Bello-Horizonte, Manáos, Belem do Pará. A intelligencia joven do Brasil abandona o esteril preciosismo das gerações anteriores e prepara-se para as construcções novas que farão o Brasil de amanhã. Notae o esforço da nossa intelligencia, nas actividades scientificas, industriaes, economicas, em toda parte, a sua audacia e bravura Constróe e anima, valoriza e creia, sem mais temores e sem mais vacillações. É toda uma renovação a que assistimos, despertada a nossa intelligencia para as fontes da nacionalidade, de onde surgirá a obra brasileira, não em fórmas ou através de motivos apenas, mas na sua essencia mais profunda.

O artista não se subordina nem ao prestigio da natureza, nem á imitação viciosa, nem a qualquer preconceito, mas domina a materia pela emoção e, interpretando a vida, a torna mais larga e mais plena. Elle penetra no «segredo aberto» e se manifesta livremente pelas sensações que acordam nos sentidos para desvendar o mysterio universal. Elle procura a idéa pura, até onde a intelligencia não póde penetrar, e, porque a arte é suggestão, transforma os valores da realidade para uma visão mais luminosa da existencia. Quer a vida como uma grande verdade, quebrar todos os muros com que entesta a nossa fragil e orgulhosa razão, afim de penetrar no mundo ultra-sensivel de que nos fala o philosopho. Viver a vida na intensidade de todos os motivos, ou resolvel-a pela imaginativa, eis a ansia do artista. Não se vão discutir as deformações e exageros do momento, razoaveis alguns, loucos e inuteis outros, explicaveis todos numa epoca de transição.

«A arte é uma libertação» — exclamava o grande Goethe. Portanto, si os modernos, que appellam a liberdade brasileira e desejam que o nosso rythmo se manifeste na sua grandeza magnifica, sem as deformações dos preconceitos estereis, é porque sentem na grandeza do paiz uma fonte estupenda de creação, que não seria possivel abandonar, sem que nos transviassemos do nosso destino. Vêde o exemplo que nos dá a arte de Villas Lobos, procurando universalizar o elemento basico da nossa musica, que é o rythmo do povo, sem trail-o, mas buscando o que nelle ha-de humano. Porque o artista é sempre um transformador e nos dá, pelo milagre da creação, a reslidade transfigurada.

Que melhor prova da necessidade de sermos brasileiros do que a da nossa musica? Com a opulencia de um folk-lore prodigioso, cuja riqueza de rythmo é incomparavel, porque havemos de viver a repetir os mestres italianos, allemães e francezes? E a nossa pintura? porque não vê no scenario maravilhoso que nos circunda uma perpetua inspiração de luz, de côres e de massas? Fatiga-nos a imitação, enerva-nos a copia esteril da Europa e nos diminue o apêgo á lição extrangeira. Neste paiz novo tudo aspira á liberdade, liberdade que não é loucura, delirio, desvario, mas coherencia e ordem, harmonia e equilibrio. Acabem-se os modelos e os canones, para que o artista brasileiro, senhor de materiaes proprios, sinta plenamente a emoção dominadora e forte do nosso mundo! Pela cultura nos ligaremos ao universo, mas permaneceremos brasileiros. Cerca-nos por toda parte a scintillante maravilha de côres e a luz aqui é um perenne deslumbramento. Na terra immensa a natureza nos obriga a essa ascensão para o esplendor e temos de vencer tudo

para sermos brasileiros. O nosso lyrismo repassado de melancolia, que é o travo que nos amarga o espirito, é uma constante e multipla emoção, que transfigura a vida pela arte renovadora. Imaginae a nossa intelligencia no dia em que se cumprir a predestinação brasileira!

Porque o que se reclama no terreno esthetico, não é cousa differente do que é necessario fazer no pensamento, na politica, na economia, em toda a vida brasileira. É a grande transformação da nossa intelligencia, despregando-se aos poucos dos entraves da formação e procurando a posse plena predestinação brasileira!

Assistimos a um espectaculo de renovação esthetica no Brasil, que se tornará um dia, pelo prestigio da intelligencia creadora, phenomeno total. Essa obra tem de começar logicamente pela emoção, despertando a sensibilidade. O homem é artista antes de ser politico. E tudo que não tiver como base a intelligencia será artificio e a sua falsidade soará sem tardança. Por isso, sem a harmonia entre o espirito creador e a sua obra não haverá realidade possivel, simples arranjo, tão só apparencias, e, porque «a intelligencia é soberamente esthetica» ha-de de principiar renovando o pensamento, a arte e a literatura, como as fórmas mais sensiveis da actividade humana. Vencida a primeira batalha as outras se seguirão, logicas continuadoras do esforço inicial. Direito, politica, economica, tudo mais se orientará na mesma tendencia libertadora, se a intelligencia do paiz se convencer, pela emoção a principio, de que não é escrava de preconceitos, mas livre para crear cousa propria ao calor do seu ambiente, no crescendo da sua progressão. Por isso Graça Aranha affirmou que «o movimento espiritual, modernista, não se deve limitar simplesmente á arte e á literatura. Deve ser total. Ha uma ansiada necessidade de transformação philosophica, social e artistica».

Quando rebentaram todas as comportas que a custo continham o impeto fremente das ondas do imperialismo mystico e o romantismo se findava num conflicto immenso de povos e raças, a personalidade humana teve de se impor ante a força do numero e uma consciencia nova a guiou e determinou. Ás fórmas decadentes do scepticismo cumpria substituir por actos creadores de fé e o homem novo foi aquelle que teve a coragem de luctar. Novamente a fé, cuja ausencia seccára tantos corações, refez o homem e começou o espectaculo novo. Momento angustioso de crise, luctas, commoções, revoltas, desvairismo, qu'importa? O homem surge, ainda uma vez, violento e indomavel, exaltando o sentimento e, por entre destroços, uma creação se desvenda no seu mysterio fascinante. Ha um espirito de mocidade, constructor e fecundo, que vencerá todos os espectros e sombras que ainda presidem a vida nacional. No Brasil, ha uma aurora de renovação, que começa na esthetica e se infiltrará por todas as nossas actividades para a redempção ansiada. A obra purificadora da intelligencia não será apenas uma reacção de pensamento e de arte, mas transformará todo o paiz. Começando por afastar os fantasmas que aterrorizam a nossa intelligencia, findaremos por sentir claramente todos os valores do Brasil e pol-os em movimento para a restauração perfeita, integral e absoluta.

Aquella lucta do homem brasileiro perdura. O inimigo não está mais nas mattas espessas, nem na cubiça do extrangeiro, não está no sonho arriscado das riquezas fabulosas, nem no embate das guerras sangrentas. Está na imaginação transbordante, nos preconceitos de origem que avassalam, na timidez da propria affirmação e no afastamento da terra. Sejamos brasileiros e não nos atemorize o caracter barbaro que obra que fizermos, porque só agora começamos a viver intensamente e a lucta insana que travamos nos fará agrestes e violentos. O Brasil é uma força nova e formidavel, para que se possa encadear em meia duzia de formulas importadas. Elle creará as suas leis e fórmas numa civilização nova e nossa, cujo mysterio attráe e hallucina. O esforço da intelligencia brasileira é essa victoria, cuja antevisão nos enche de fé, porque só assim traremos aos homens a contribuição de nosso espirito, fruto maravilhoso do nosso sonho, da nossa realidade, da nossa acção!

RENATO ALMEIDA.

◆◆◆◆◆◆◆◆◆◆◆◆◆◆◆◆◆◆◆◆◆◆◆

CRISE MUNDIAL DE AUTORIDADE

Na observação dos successos que nos ultimos annos o mundo vae atravessando não falta quem se tenha deixado impressionar em excesso pelo lado exterior das cousas. Por exemplo, a tão decantada derrocada dos thronos não é, no fundo, senão uma questão puramente decorativa. E pouco ella significa ao lado da evolução, silenciosa mas obstinada, por que tem passado a noção de autoridade e o conceito de estado.

A intransigencia ambiente foi o resultado do predominio logrado pelos militares com sua victoria na guerra. Mas o predominio militar tem essa peculiaridade de exasperar o nacionalismo de um lado como de outro das fronteiras. Assim, si o Senhor Poincaré com a severa politica de execução integral do Tratado de Versalhes logrou fortalecer sua autoridade, conseguindo além disso para si, antigo homem de *gauche*, a chefia moral dos grupos nacionalistas da direita, ninguem póde, por outro lado, negar que foram exactamente essa sua attitude e esse seu novo prestigio os germens do renascimento do nacionalismo e, sobretudo, do ultranacionalismo para a banda de lá do Rheno, em que os socialistas imperavam então quasi sem contraste.

O mais curioso é que o Senhor Poincaré, atacado como o genio máo da Europa, de facto apenas se constituíra no instrumento, é verdade que intrasigente, de um tratado que fôra subscripto por quasi todos os governos da Terra. O facto de se attribuir á vontade e á decisão de um individuo aquillo que era o resultado de um tratado, longe de demonstrar má fé, o que provava era a existencia da indisciplina moral que origina sempre o regimem de violencia. Viciados pela guerra, em que a necessidade militar a tudo primava, attribuíam todos á força de um homem o que era o resultado de estipulações internacionaes, isto é, a força do direito.

Si assim se pensava geralmente, é claro que a crise de confiança no direito já existia e, como consequencia, a crise de autoridade não podia demorar muito. Os paizes latinos costumam ser os mais doceis á desordem. Forneceria campo aos anarchistas a Italia, onde o exercito não desfructava antes da guerra o prestigio que na França e na Hespanha conheciam os militares ou os marinheiros na Inglaterra. Todos sabem a que excessos chegaram os socialistas italianos deante da fraqueza de varios gabinetes.

Produzio-se então o phenomeno Mussolini. Ninguem póde ainda formular sobre os fascistas um julgamento sereno. Porque si, ás vezes, alguma attitude sua, mais reaccionaria, desillude aos amantes da liberdade, que todos somos, quem poderá negar apreço á obra constructiva realisada pelo Duce? Seu valor de *capitaine* não é muito ao lado da auctoridade moral formidavel que elle demonstra possuir para ter, como tem, seus homens em mão. Momentos ha, como o presente, em que Mussolini abre o dique e deixa o denominado fascismo integral expandir-se. Mas, logo mais, omnipotente elle como um deus, faz com uma palavra calarem as paixões desencadeadas e, logo, recomeça a grande obra politica, que o immortalisará, de transformar o fascismo de facção, que é, em instituição permanente, que virá a ser. Mas a

tarefa a que Mussolini se propõe e que, graças a uma vontade potente e a uma arma quasi invencivel, está sendo por elle realisada, não exclúe nem mesmo a Italia da crise, quasi universal, que atravessa a auctoridade.

Querer corrigil-a com golpes de força, dos que se estão usando na Italia ou na Hespanha, é quasi tão ingenuo como pretender formar o caracter do menino, que no collegio se faz homem, com a palmatoria ou o quarto escuro. Hoje, o fructo da desordem, mais talvez do que a sustentação por alguns das idéas marxistas, brotou da intromissão excessiva em todos os negocios da Opinião Publica. Como fundamento de aristocracia a vontade do maior numero é das mais infelizes. Ella é, entretanto, a de que nos servimos e a que apresentamos com orgulho como conquista maxima do seculo. O principio do «tão bom como tão bom» só devia prevalecer nas eleições e, assim mesmo, em certas eleições. Levámol-a, victimados pelo nosso idealismo sem limites, a um excesso difficil de exceder.

E o resultado foi que as verdadeiras élites perceberam como se fazia impossivel deixar os destinos da collectividade entregues á competição desenfreada dos interesses e das facções. Mas não se póde regredir no caminho das liberdades theoricas. Assim, burlar a expressão das urnas tinha que ser o desejo dos que, em bôa fé, buscavam o bem publico. Mas burlar é sempre perigoso. E, ao fim, acaba por ser descoberto. Veio ahi, como cousa inevitavel, a dictadura dos partidos ou a de homens.

A França offerece exemplo nos annos de 1924 e 1925 da impossibilidade material de impôr concepções adeantadas da maioria arithmetica de uma nação aos que representam seus interesses essenciaes. Não foi senão uma segunda «resistencia passiva» a das classes conservadoras aos governos Herriot, Painlevé e Briand. Os grandes industriaes, os grandes proprietarios, o commercio e a agricultura tinham que ser ouvidos. Postos de lado, foram elles que crearam impecilhos invenciveis áquelles tres chefes de governo e que favoreceram o advento do Senhor Poincaré. Foram igualmente esses os que tornaram possivel na Italia o desenvolvimento do fascismo e na Hespanha o golpe-de-estado do General Primo de Rivera.

Não quer isso dizer que sejam responsaveis por tudo que os novos senhores viriam fazer ou já fizeram. Mas libertaram elles as classes conservadoras, que são indiscutivelmente as maiores interessadas na estabilidade do estado, das ameaças que pairavam no ar, producto talvez de theorias sociaes fascinadoras e da perturbação que ellas semeiam nos espiritos. Nem por isso está o socialismo, que é o futuro, mais atrazado. Sua marcha é fatal e ineluctavel. Assim tambem, as idéas pacifistas, ás quaes ninguem recusa consagrar-se, sem que, entretanto, se encontrem meios de apressar-lhe o triumpho.

Todas essas aspirações teem que fazer seu caminho por um trabalho de convicção individual. Baseadas no apoio da opinião publica, devem ellas ser o resultado de uma lenta persuasão. Ora, no momento actual, salvo a excepção dos paizes scandinavos, de arcabouço sempre tão sadio e onde desarmamento e estado socialista são quasi factos, — nem uma nação parece offerecer ambiente bastante tranquillo para supportar, sem tropeços, a vagarosa investida dessas e de outras campanhas.

Acreditando nisso, é que os responsaveis do momento não hesitam em favorecer uma reacção proporcional á agitação, e que a aggrava. D'ahi, talvez, a crise mundial de autoridade, que as dictaduras e a lei marcial não fortalecem, uma vez que, apenas remediando acontecimentos accessorios, só fazem augmentar o estado de inquietude que já é o proprio da humanidade e que parece ser o signo dos tempos em que vivemos.

CYRO DE FREITAS VALLE.

ERNESTO NAZARETH

Ernesto Nazareth já entrou na casa dos sessenta porêm pra lhe compreender a música a vida longa dele quasi não adianta nada. Não se distingue dessa monotonia de nascer e viver, o que significa lutar sofrendo-a história eterna do verso «A vida é um combate» que até os indios descobrem através da metrica dos Gonçalves Dias. E por emquanto graças a Deus vai Ernesto Nazareth continuando nas mesmas lutas e de quando em vez um gostinho colecionado cuidadosamente... pro rei Alberto ver.

Não se aprende nada com a existencia dele. Foi temporão no piano sob as caricias maternas e inda batucou doze meses aconselhado por Eduardo Madeira. Quando principiou compondo somou umas oito lições com o prof. Lambert que repetiu-lhe oito vezes êste conselho bom: — «Pinta as hastes das notas mais de pé, Ernesto.» E foi tudo. De longe em longe inda escutou o elogio dum Henrique Oswald, dum Francisco Braga. Porêm o conselho mais util que recebeu foi êsse um do prof. Lambert pro curumim de 14 anos. Ernestinho compreendeu que todas as hastes dêste mundo altivo sejam notas de música, minimas ou fusas, sejam seres humanos, manguaris ou catataus, carecem de estar em pé, bem firmes e mesmo bem sozinhas. Cultivemos a memoria dêsse professor marabá por ter incutido no Ernestinho o aviso mais nacional que a gente pode dar no país inventor do proverbio caritativo: É tempo de muricí, cada um cuide de si.

Ernestinho virou Ernesto, principiou encontrando nas vitrinas das casas-de-musica o nome de Ernesto Nazareth impresso, seus tangos foram executados e gostados, se espalharam e o compositor teve a gloria de ser tão familiar da patria dele inteirinha que todos falavam «o Nazareth» que nem se trata um primo um sobrinho e os amigos do nosso coração. Faz bem uns vinte anos que conhece uma celebridade sublime embora não frutifera. E desde muito o pomar das alegrias mais dinamicas da terra dele. Ao fungagá dos seus tangos muitos se tem saracoteado rido e gosado neste país e por essa precisão de memoria amorosa que só os artistas verdadeiros despertam, o nome dele vem se gravando nas lembranças da maneira menos egoistica do amor: sem que reflita a imagem dum corpo amigo ou amante. O Nazareth... Quem era? Não se sabia não. E inutil se saber. Era um desses amores que estão na religiosidade obscura de todos os vivos capazes de querer bem, na parte de nós em que amamos os nossos mitos, os atos sem agentes, os movimentos sem motores, os nomes sem corpo, os anjos e os artistas.

Porêm o homem continuava brigando feio com a subzistencia. Os escrevedores de idilios falam que o Brasil é uma primavera sem parada. Deve de ser si por acaso a primavera é tempo de muricí.

No emtanto si é certo que a obra de Ernesto Nazareth tem uma boniteza, uma dinamica fora do comum e ele apareceu e se desenvolveu no momento oportuno não compreendo bem não como é que se tornou popularmente célebre. Si foi oportuno não tem nada de oportunista nele e é sabido que nem mesmo a genialidade basta pra um individuo se popularizar. Ora a primeira observação que impõe-se aquem estuda a obra dansante dele é que de todas as músicas feitas prás necessidades coreograficas do povo é a menos tendenciosamente popular que pode haver.

A prova mais objetiva disso está no decidido caracter instrumental de Ernesto Nazareth.

Em geral as composições dansantes baseiam a sua vulgarisação no imitarem o côro orquestico pópular. As dansas do povo são na sua maioria infinita dansas cantadas. De primeiro foi sempre assim e os instrumentistas-virtuoses da Renascença quando transplantaram as gigas as alemandas as sarabandas do canto pros instrumentos tiveram que fazer todo um trabalho de adaptação criadora. Esta adaptação consistiu em tirar das dansas cantadas a essencia cancioneira delas e dar-lhes caracter instrumental. Substituiram o tema estrofico pelo motivo melodico, a frase oral pela celula ritmica. Embora ainda com reservas, pelo estado atual dos meus conhecimentos antevejo que talqualmente a milonga e o tango argentino sucessor dela, o maxixe tambem teve origem imediata instrumental. Porêm tanto o maxixe como o tango argentino e como o foxtrote pra se popularizarem viraram logo liederescos, se tornaram dansas cantadas. Essa feição cancioneira a gente percebe mesmo nos mais admiraveis musicos coreograficos como John Philipp Sousa, Johan Strauss pela norma fraseologica e não celular da invenção. Se sente a melodia cantada, se sente

o verso oral. Pois Ernesto Nazareth se afasta dessa feição geral dos compositores coreograficos por ter uma ausencia quasi sistematica de vocalidade nos tangos dele. É o motivo, é a celula melodica ou só ritmica que lhe servem de base prás construcções. O *Espalhafatoso* por exemplo é construido sobre uma celula ritmica só, ao passo que o *Sagaz* é inteirinho arquitetado sobre um motivo ritmico-melodico de quatro notas.

Se imagina pois que fôrça de invenção ritmica êle possui. Está certo. Poderão falar que afeiçoa especialmente certas fórmulas de medida que se repetem em obras diferentes... Tambem está certo porêm isso não quer dizer pobreza não. É duma variedade ritmica estupenda e entre os parceiros dele não tem nenhum que seja tão couro-nagua pra desenvolver um motivo ritmico. E são prova no mais dessa riqueza e poder o *Fon-fon* o *Garoto* o *Pierrot* o *Tenebroso*.

Porêm careço de voltar ainda ao caracter instrumental de Ernesto Nazareth pra uma observação. Se serviu do piano. Pois bem a obra dele é pianistica como o quê. Pianistica mesmo quando se inspirando no instrumental das serestas, funções, chôros e assustados reflete o oficleide, o violão, e especialmente a flauta que nem no trio do *Atrevido* e no *Arrojado* quasi inteiro. Então numa obra-prima sapeca, o *Apanhei-te Cavaquinho,* êste e a flauta numa capoeiragem orquestica de espirito inegualavel, rivalizam de personalidade, ambos maxixeiros de fiança, turunas no remeleixo e cueras na descaida.

Mas em geral Ernesto Nazareth se conserva dentro do pianistico intrinseco. Observem o *Batuque* ou pra só citar obras-primas, o *Turuna* eletrizante o *Soberano* o *Banbino* e o *Nênê*. Duma feita a uma pergunta proposital que fiz pra êle, Ernesto Nazareth me contou que executara muito Chopin. Eu já pensamenteara nisso pela influencia subtil do pianistico de Chopin sobre a obra dele. Talvez esta afirmativa sarapante muito feiticista mas é a mais verdadeira das afirmativas porêm. Não basta não a gente tocar piano pra compor obras pianisticas, isto é, que revelem os caracteres e possibilidades do instrumento e muitas vezes mesmo tirem dele a natureza inicial da criação. Tem um poder de compositores dansantes que tocam piano e que nunca foram pianisticos. Nazareth não. O cultivo entusiasmado da obra chopiniana lhe deu alem dessa qualidade permanente e geral da adaptação ao instrumento empregado, o pianistico mais particular de certas passagens como a 3ª parte do *Carioca* ou tal momento do *Nênê*. Ainda é chopiniana essa maneira demonstrada no *Sarambeque,* no *Floraux,* na 4ª parte do esparramado mas excelente *Ramirinho,* de melodizar em acordes tão contra a essencia monodica da música popular.

A êste último respeito inda temos mais. Si é verdade que a harmonização de Ernesto Nazareth segue o modêlo geral das modulações cadenciais êsse simplismo popular é disfarçado por um cromatismo saboroso uma pererequice melodica dificil em que a todo momento surgem notas alteradas chofrando na surpresa da gente com o inesperado de inhambú abrindo vôo. E então com que sciencia habilidosa êle equilibra as sonoridades! As harmonizações, os acordes, as oitavas, os saltos arrevezados, audaciosissimos até, jamais não desequilibram a ambiencia sonora. Possui uma perfeição de fatura que mesmo quando a invenção é mediocre ou vulgar, torna interessantes e nobres tangos que nem o *Cutuba* e varios mais.

Por todos êstes caracteres e excelencias, a riqueza ritmica, a falta de vocalidade, a celularidade, o pianistico muita feita de execução dificil a obra de Ernesto Nazareth se distancia da producção geral congenere. É mais artistica do que a gente imagina pelo destino que teve e deveria de estar no repertorio dos nossos recitalistas. Posso lhes garantir que não estou fazendo nenhuma afirmativa sentimental não.. É a convicção desassombrada de quem desde muito observa a obra dele. Si alguma vez a prolixidade encomprida certos tangos muitas das composições dêste mestre da dansa brasileira são criações magistrais, em que a fôrça concepcional, a boniteza da invenção melodica a qualidade expressiva estão dignificadas por uma perfeição de forma e um equilibrio surpreendentes.

Tem na obra dele uma elegancia uma dificuldade altiva e até mesmo uma essencia psicologica sem grande caracter nacional embora expressiva, qualidades que deveriam-no isolar na roda menos instintiva e menos inconsciente das elites pequenas... O proprio Ernesto Nazareth mostra perceber essa distinção refinada pela repugnancia que tem ante a confusão com que os tangos dele são chamados de maxixes. A mim já me falou que os tangos não são tão baixos como os maxixes. Andei imaginando que isso era susceptibilidade de quem ignorava que o proprio tango se originou nas farras do porto montevideano entre a marinhagem changueira e as brancaranas, as mulatas e as abunas, moças de profissão. Porêm hoje dou razão pra Ernesto Nazareth. O que o brasileiro chamou um tempo de tango não tem relação nenhuma com o tango argentino. É antes a habanera e a primitiva adaptação nacional dessa dansa cubana. Tambem aliás conhecida por tango no Uruguai e na Argentina pelo que informa Vicente Rossi em «Cosas de Negros». A contradição de que os tangos de Ernesto Nazareth possuem a ritmica do maxixe e êste é que se dansa com êles não tem valor nenhum. As proprias habaneras são maxixaveis desque a gente lhes imprima andadura mais afobada. E justamente quando Ernesto Nazareth estiver executando os senhores porão reparo em que êle imprime aos tangos andamento menos vivo que o do maxixe. Na verdade Ernesto Nazareth não é representativo do maxixe que nem Eduardo Souto, Sinhô, Donga e o proprio Marcelo Tupinanbá que é uma variante provinciana da dansa

originariamente carioca. Ernesto Nazareth poderá quando muito ser tomado pelo grande anunciador do maxixe, isto é, da dansa genuinamente brasilica, já livre do caracter hispano-africano da habanera. Ainda com reservas já posso imaginar que o maxixe nasceu da fusão da habanera e da polca, a qual informa França Junior os cariocas dansavam «arrastando os pés e dando ás cadeiras um certo movimento de fado.» Nesta descrição é facil se perceber a proximidade em que essa polca estava da coreografia familiar e primitiva do maxixe tal como ainda foi encontrado por Julio Roca quando em 1907 veiu no Brasil. Foi da fusão da habanera pela ritmica e da polca pela andadura, com adaptação da sincopa africo-lusitana que originou-se o Maxixe. Ora eu falei faz pouco na essencia psiquica pouco nacional de Ernesto Nazareth. Torno a falar. Na obra dele prodigiosamente fecunda a gente já encontra manifestações inconfundivelmente nacionais e em geral quasi tudo o que se tornaria mais tarde processos, fórmulas e lugares-comuns melodicos, ritmicos, pianisticos nacionais sobretudo entre compositores de maxixes. Mas por vezes tambem essa obra se encontra paredes-meias com a habanera que nem no pedal de dominante do *Reboliço,* e na 3ª parte do *Digo.* Então o *Pairando* desque executado mais molengo se torna uma habanera legítima. E a melodica europea não é rara na obra de Ernesto Nazareth. Si por exemplo a gente executa a 1ª parte do *Sagaz,* fazendo perfidamente de cada tempo do dois-por-quatro um compasso ternario dá de encontro com a mais alemã das valsas dêste mundo. Pensem não que isto é censura minha. É evidente que não tenho tempo a perder pra estar bancando o purista e o patriotico. Acho mesmo um encanto humano em perceber elementos estranhos numa dessas joias da invenção popular seja uma farça de Piolin como «Do Brasil ao Far-West» seja no maxixe recente Cristo nasceu na Baia onde se intromete a horas tantas um mencio melodico norte-americano. Minha opinião é que o destino do homem fecundo não é defender os tesouros da raça mas aumenta-los porêm.

Dentre as caracteristicas que percebo na obra de Ernesto Nazareth agora só me resta falar duma. A sua expressividade psicologica. Tambem nisso êle se distingue do genero popular em geral e particularmente se afasta da música nacional. Esta, não tem dúvida que possui uma expressão etnica admiravel, é malinconica, é ironica, é por vezes perereca e no mais barreada de dengue sensual. Porêm como na maioria dos casos universais não é expressiva nesse sentido de se acomodar a estados-de-alma tranzitorios. Não é psicologica em relação ás palavras que a acompanham ou ao título que leva. A música popular é a expressão mais absoluta da música pura, até mais que um Mozart, um Scarlatti ou Strawinsky. Não é música «tranche de vie» nem descritiva não, feito um Schumann, um Berlioz, Monteverdi ou Mussorgsky.

Pois Ernesto Nazareth muitas vezes se aproxima dêste genero da música psicologica e descritiva e os titulos dos tangos dele não raro querem significar alguma coisa. Ele segue essa tradição deliciosa pela qual desde os lundús polcas e modinhas do Io Imperio a nossa gente apresenta um tesouro verdadeiro de argucia, pernosticidade, meiguice e humorismo em titulos músicais. Só neles possuimos um monumento lirico da nacionalidade. Basta compulsar um repertorio de tangos argentinos, de valsas e cantigas francesas e italianas, de fados, de lieder, mesmo de rag-times e depois um catálogo de maxixes pra ver como o sentimento a pieguice e a vivacidade de espirito colaboram na titulação indigena. É um encanto! E isso desde aqueles seresteiros «do apá virado» que descantavam a Quis debalde varrer-te da memoria ou a Yáyá você quer morrer, de Xisto Baia; a Tão longe de ti distante; a Não se me dá que outros gosem; Ao céu pedi uma estrêla; O Angú do Barão; Á terra um anjo baixou; A mulher é um diabo de sáias; todos titulos admiravelmente empapuçados de melosidade e besteira que iriam repercutir nas valsas e shótes do regimem republicano. E então os sambas polcas tangos e afinal maxixes que se chamaram e chamam: Quem comeu do Boi; Amor tem fogo; Que é dela, as chaves?; Capenga não forma!; Sai cinza!; O Bota-abaixo; Assim é que é!; Ai! Joaquina; Pisando em ovos; Seu Derfim tem que vortá; Seu Coutinho, pega o boi; (O boi atravessa a preocupação nacional: o ciclo do Boi Espacio, o Bumba, meu boi, o Boi Bumbá...) ainda o boi vem no maxixe Este boi é bravo; e mais titulos adoraveis como Os Voadô; Saracoteio; Batuta; Sacudida; Tatú subiu no pau; Vê si é possivel; Lingua comprida; Fogo de palha; Peruando; Encrenca; Vamo, Maruca, vamo; Tem roupa na corda; Eu só quero é beliscá; Roxura; Abobra sem pevide; Engasga gato; Foi atrás da bananeira etc. e tal. Porêm êsses nomes nada têm que ver não com as músicas que titulam. São manifestações livres de espirito, de carinho, de sensualidade e por vezes dessa vontade de falar bocagens metaforicas, que nem o Fubá, a Caneca de Couro, costume tão inconfessavelmente nacional.

Ernesto Nazareth participa dessa tradição porêm com êle já muitas vezes o título se relaciona com o *ethos* da música. Assim essa outra obra-prima, o *Está Chumbado* cuja ritmica é um pileque de expressividade impagavel. No *Soberano* a dinamica dos arpejos oitavados de imponencia soberbosa ergue soberanamente do teclado. No *Pairando* muito inferior, em que a melodica feita de tremeliques imagina pairar e cuja introdução lembra o descritivo incipiente e coitado duma Chaminade, dum Godard e outrinhos do mesmo desvalor. Porêm já duas outras obras-primas combatem essa fragilidade: o *Tenebroso* que é de deveras tenebroso e o *Talisman* todo misterio e estranheza.

Aliás raramente, que nem nestes dois tangos,

Ernesto Nazareth abandona a alegria. Não possui aquela tristura permanente tão do nosso povo que é da intimidade de Marcelo Tupinanbá. É o espevitamento chacoalhado e jovial do carioca que Ernesto Nazareth representa. Em compensação a tristura de Marcelo Tupinanbá e uma tristura gostosa de se escutar, é franca, é molenga, é caldo-de-cana, é melado grosso, nem bem tristura, antes a lombeira do corpo amulegado pelo solzão do Brasil, enchendo o espirito de fatalismo e de paciencia. Nazareth não sabe ter essa tristeza sonorosa e chiando que não faz mal. Descende em linha reta dos vatapás apimentados e quando entritece é duma violencia sorumbatica, é sombrio, é mesmo tragico. Se observe por exemplo o *Miosotis,* o tango *Tupinambá* e essas tres perfeições que são o *Odeon,* o *Digo* e o *Bambino.* Só mesmo no famoso *Brejeiro* êle atingiu a tristura provinciana. E é curioso de se por reparo que justamente nesse tango a frase inicial coincide estranhamente com o lamento Teirú dos indios parecis, só mais tarde revelado na «Rondonia».

Seria inda importante esclarecer a posição de Ernesto Nazareth na organização da musicalidade nacional e na formação historica do maxixe... Estudar por exemplo a evolução da sincopa contratempo matematico da música europea, tal como usada tanto por Bach como pelo fado português e ainda no Brasil Colonia como prova a modinha Foi-se Josino registrada por Spix e Martius, prá sincopa nossa, entidade ritmica absoluta e pode-se dizer mesmo insubdivisivel. Essa evolução está refletida na obra de Ernesto Nazareth. Porêm tudo isso nos levaria pra mais duas horas de falação. E confesso que apezar dos documentos abundantes que estou recolhendo e estudando muito ponto historico e mesmo tecnico inda ficaria incerto num terreno virgem em que o proprio nome de «maxixe» não sabe muito bem donde veio (I). Nada se tem feito sobre isso e é uma vergonha.

A musicologia brasileira inda cochila numa caduquice de críticas puramente literarias. Se exceptuando as datas historicas faceis e as anedotas de enfeite, o diazinho em que uma senhora campineira teve a honra de produzir o talento melodico de Carlos Gomes, as invejas de Marcos Portugal ante a glória nascente de José Mauricio, a gente não sabe nada de verdadeiramente crítico de scientifico de basico e principalmente de orientador sobre a música brasileira. Não creio não que a gente deva excluir do patrimonio nacional o germanismo de Leopoldo Miguez ou o individualismo despatriado de Glauco Velasques porêm creio que depois de tradicionalizados os caracteres nacionais na música erudita êsses entes serão reduzidos á pasmaceira de placas tumulares e a êsses espantalhos da circulação praceana a que a gente em geral chama de estatuas. A Historia-da-Música que nem todas as outras Historias esta cheia dêsses tumulos inuteis. Si o Brasil é um vasto hospital (coisa que dá esperança de se possuir em breve uma porção de individuos... sarados) a HHistoria da Música é um cemiterio vasto. Porquê de deveras não são nada mais que inutilidades tumulares os que tendo vivido uma existencia individual por demais não ficaram agindo que nem um Bach, um Rameau, um Palestrina, na permanencia das nacionalidades ou da unanimidade dos seres terrestres. Ora vamos e venhamos: a nossa musicologia não tem feito até agora nada mais que escrever o distico dêsses tumulos ou plasmar o gesto empalamado de estatuas que a ninguem não edificam. Embora haja utilidade historica ou estetica nas obras dum Rodrigues Barbosa ou Renato Almeida se deverá reconhecer com franqueza que essa utilidade é minima porquê destituida de caracter prático. Alem da pequena mas valiosa contribuição de Guilherme de Mello e de viajante, ou scientistas como Lery, Spix e Martius, Roquette Pinto, Koch-Grünberg, Speiser, ninguem entre nós se aplicou a recolher estudar discriminar essas forças misteriosas nacionais que continuam agindo mesmo depois de mortas. Tudo se perde na tranzitoriedade afobada da raça crescendo. Nossas modas, lundús nossas toadas, nossas dansas, catiras, recortadas, cocos, faxineiras, bendenguês, sambas, cururús, maxixes e os inventores deles, enfim tudo que possui fôrça nosmativa pra organizar a musicalidade brasileira já de caracter erutido e artistico, toda essa requeza agente e exemplar está sovertida no abandono emquanto a nossa musicologia desenfrenadamente faz discursos, chora defuntos e cisca datas. Tem uma precisão iminente de transformar êsse estado de coisas e principiarmos matutando com mais frequencia na importancia etnica da música popular ou de feição popular. Os «sujeitos de importancia» como falava frei Luis de Sousa, devem dar a importancia deles pros homens populares mais importantes que os tais. Se deve de registrar tudo o que canta o povo, o bom e o rúim, mesmo porquê dêsse rúim ninguem sabe tudo que pode tirar um bom. E finalmente se deve de homenagear os Nazareths e os Tupinanbás, os Eduardo Soutos e as Francisca Gonzagas

---

(1) Segundo uma versão propaganda por Villa-Lobos que a teria colhido dum octogenario o maxixe tomou êsse nome dum sujeito apelidado «Maxixe» que num carnaval, na sociedade «Os Estudantes de Heidelberg» dansou um lundú dũa maneira nova. Foi imitado e toda gente começou a dansar «como o Maxixe». E afinal o nome teria passado prá propria dansa. Versão respeitavel porêm carecendo sem dúvida de maior controlação.

O que me parece já certo é que o maxixe, como tal, apareceu depois de 1870. As pesquizas devem mesmo se estabelecer na decada 70 pra 80. Já estou em condições de fixar essa decada como aquela em que mais provavelmente o maxixe surgiu.

que criam pro povo e por êle. Num tempo de firmação etnica tal o que atravessamos é que essa trabalheira adianta muito. Mais tarde será um caro custo descobrir as cabeceiras, reaver as fontes e o tempo perdido. Acabar com os improvisos e louvações amorosas! Lançar em nossa Musicologia o facão duma consciencia de deveras crítica que desolhe êsses estudos adolescentes de todas as pachochadas da literatice, da fantasia e do patriotismo!

Esta homenagem prestada a Ernesto Nazareth pela Cultura Artistica de São Paulo me parece que é sintomatica de tempos mais uteis alem de ser justissima. E é um gosto a gente constatar que não se carece aqui de garantia da polícia como sucedeu no Instituto Nacional de Música em 1922 quando num concêrto organizado por Luciano Gallet aí se executou o *Brejeiro*, o *Nênê*, o *Bambino* e o *Turuna*. Satisfeito mesmo estou eu e apesar de atravessado de enfermidades mesquinhas fiz gôsto em alinhavar na fadiga estas frases pra vir junto dos senhores trazer o meu aplauso a um artista que usando a politica subtil do talento se fez escutar por uma nação.

MARIO DE ANDRADE.

O BRASIL E O MORRO DA MANGUEIRA

> «*Les campagnards, soustraits á toute influence savante, lisaient peu, ils étaient même en majeure partie illetrés; mais ils chantaient, et c'est de leurs chants qu'est issue, au millieu du XIXe. siécle, une poésie nouvelle, vraiement nationale. La poésie populaire a liberé la litterature grecque moderne de la tyrannie scolastique*». Hesseling, Histoire de la littérature grecque moderne.

O preconceito nacionalista tem sido, desde o Anonymo Itaparicano e Manoel Botelho de Oliveira, a cocaina da nossa literatura. Antigamente, eram as fructas e o indio, coitado, que poetas, romancistas e ensaistas tomavam pra bode expiatorio de seu «porque-me-ufanismo». O referido Botelho de Oliveira, menos guloso, se contentou em dizer que o Brasil «em si perfeitos quatro AA encerra». Os quatro AA em que elle assim resumia a gloria da sua Bahia colonial eram — *arvoredos, assucar, aguas, ares,* arvoredos sempre ledos, ares puros, aguas frias que refrescam o peito e são sadias e assucar deleitoso, que é do mundo o regalo mais mimoso. Depois o negro e em seguida o papagaio entraram na dança tambem. Ás tentativas indianistas dum Alencar, que não eram, afinal de contas, senão uma copia mal feita do «romance americano» de Cooper, succedeu uma perseguição cruel e sem dó ao pobre preto velho que o Treze de Maio libertou pra desgraça delle. Desgraça literaria, me explico.

Ora, me diz Pérés commentando Las ideas estéticas en la literatura argentina, de Max Rhode: ... vouloir retrouver dans le folklore indigéne, dans les trovas des payadores gauchos et dans une sorte de romantisme créole l'embryon d'une littérature nationale, aller même dans cette voie jusqu'á se réclamer d'une solidarieté avec les races aborigénes contredites par l'histoire des luttes contre l'Indien, ce serait méconnaître la logique d'une civilisation en formation.

Não penso inteiramente como Péres, mas não deixo de lhe dar um pouco de razão, sobretudo quando elle nos lembra o caracter complexo do problema nacionalista na literatura sul-americana. Esse problema, com effeito, envolve questões bastante delicadas e pra sêr resolvido, se isso pudesse ser do ponto de vista das nossas possibilidades actuaes, exige um esforço immenso que não sei se será util ou não. Passado colonial mais mentalidade aborigene mais ideaes modernos mais genio proprio da lingua mais cultura européa, eis os aspectos numerosos e perigosos da questão. Envez de resolver um por um esses problemas todos, não será melhor, pergunto eu, apagar tudo e começar de novo? A nossa inquietação, aliás, já é um ponto de partida nesta ultima direcção. Tantos problemas juntos perdem o seu caracter essencial pra se tornarem subsidiarios, sem grande importancia afinal, a não sêr a que lhes quizerem emprestar os eruditos, de quem ninguem toma conhecimento. O que está em nós não é nenhum nacionalismo literario, nenhum Brasil Grande, nenhuma patria amada, idolatrada, salve salve. Nós, se queremos

nos libertar dos prejuizos do passado, de cujas consequencias temos exemplo nos velhos povos, por que havemos de inventar uma tradição postiça, de querer crear valores que nada significam pra nós e sobretudo de traçar prematuramente o schema duma evolução cujo alcance foge á nossa pouca experiencia e á pouca edade da nossa cultura? Isso não quer dizer que eu condemne a acção do grupo verdamarello daqui de São Paulo nem tambem a Raça do sr. Guilherme de Almeida e a Toda a America do sr. Ronald de Carvalho. Me são indifferentes. Pra mim, tanto o conde de Affonso Celso como a Confederação dos Tamoyos nenhum delles vale uma piada da Aracy Côrtes. E perguntem á Aracy se ella é nacionalista... A intenção que dictou Raça e Toda a America deu numa patriotada sem effeito, genero «O Brasil é o maior paiz do mundo; produz ouro, cobre, ferro, carvão, pedras preciosas. «Que adianta reunir num poema o branco, o indio e o negro — nos quaes o sr. Guilherme viu tres crucificados, ora essa — pelo simples prazer de injectar uma estopada no leitor desprevenido? Pra se utilisar de qualquer um delles, o negro por exemplo, é preciso gostar delle, sêr irmãosinho delle, sentir com elle. Ninguem faz poesia brasileira porque quer fazer. Se nasce brasileiro como se nasce coisa peior.

Quanto á outra victima do nosso nacionalismo literario, o papagaio, na minha humilde opinião não existe bicho menos brasileiro. Acostumado a vêr papagaio só no hombro de inglezas geralmente feias e velhissimas, talvez por isso elle me dê impressão de tudo, menos de Brasil. O que já não acontece com o jacaré, a giboia, o jacamim, etc. Portanto, essa historia de metterem papagaio na nossa poesia me tira todo o prazer. Papagaio ahi é como aquelle ar das chacaras que cheira a capim-melado dos Epigrammas do sr. Ronald de Carvalho. Franquezinha franca: esse verso do illustre poeta da Luz Gloriosa dá idéa de chacara? E essa chacara cheira mesmo a capim melado? Não cheira. Embora o verso diga claramente — «O-ar-das-chacaras-cheira-a-capim-melado»-o que elle me me suggere, tambem não sei porque, é a porta da Garnier ou aquella photographia de Ronald com Graça Aranha e Renato Almeida, os tres sentados em torno duma meza, invocando o espirito moderno, que não sei se já deu de si.

Mas emquanto os nossos artistas se perdem em «descobertas» assombrosas e «invenções» geniaes, todas ellas absolutamente estereis, e que nada têm adiantado — adiantarão? — o morro da Mangueira vae agindo. Todas as pesquizas feitas ou por fazer não chegam nem chegarão, mesmo daqui a cincoenta annos, aos resultados que o referido morro já conseguiu. O samba, o chôro e a modinha cariocas são ainda a unica coisa definitiva que o Brasil possue em arte (musica, dança e poesia). Por processos naturaes, alheios a qualquer preoccupação intellectualista, é claro, os autores de suas «letras» chegaram á fixação duma lingua nova, perfeitamente differenciada da portugueza de Portugal, com o seu colorido proprio e sobretudo uma riqueza maravilhosa de expressões, lingua que está tão longe do tatibitate do caipira quanto do preciosismo do sr. Laudelino Freire, o classico que Deus esqueceu. Lingua duma maleabilidade e duma elasticidade pasmosas, agridôce, sentimental e ironica, provocativa, gostosa, dizendo bem a bondade e a malandragem do brasileiro da gemma. Logo, o problema da arte brasileira foi resolvido, sem «porque-me-ufanismos» nem araras, pelo morro da Mangueira. É parar, bater continencia e meditar. O mais é pabulagem inutil, mania de «tentativas» ingenuas mal copiada do figurino europeu, nacionalismo — ou brasileirismo, como quizerem — feito sob encommenda, incapaz de resistir á humidade como qualquer phosphoro marca olho.

Sergio Buarque de Hollanda, você disse que os tres maiores livros que appareceram ultimamente foram Losango Caqui, Páo Brasil e Um homem na multidão. Você com certeza estava actuado quando escreveu isso. O maior livro que appareceu ultimamente não é livro. Foi o CLAUDIONOR.

José Clemente.

MADAME RENON & SOBRINHA, MODISTAS

Iamos numa alegria deliciosa. Eu chegara do Espirito Santo, onde afundara tres annos no matto, na exploração de madeiras. Vinha rico e feliz, duas coisas igualmente muito agradaveis. E justamente encontrara, a jantar solitario na Brahma, o meu incomparavel Martins, Raphael Martins, director de varias companhias em Santos, homem que transformou a vida numa propriedade particular.

— Martins, king of life!

Martins comia rãs doiradas e levantou-se para mim de braços abertos, a ponta do guardanapo enfiada no collete á velha maneira.

— Chicão! meu caro Chicão! Chicão!

Palmatoou-me as costas, com uma energia de sujeito musculoso que pratica esportes.

Exigi então que as rãs fossem retiradas da mesa. Não tenho paladar para esses requintes de cosinha. Não posso mesmo tolerar na minha frente um prato desses.

Nosso jantar, com explosões expansivas, foi um jantar de homens contentes. Infinito Martins! Sempre variado, anecdotico, effervescente.

— Onde vamos? — perguntámo-nos ao sahir da mesa, accendendo os charutos.

A noite estava quente e luminosa. Noite carioca, excitante, impellindo ao desconhecido, ao acaso saboroso das aventuras... Em mim a sensação principal era a de um deslumbramento de provinciano. Tres annos fora do Rio! Desejava naquelle instante quinhentas boccas para beijar (oh! muito humildemente!) as quinhentas mulheres bellas que encantavam as ruas barulhentas.

— Olha, vamos ver as hespanholas no Lyrico?

— Deve ser uma idéa excellente. Que hespanholas são essas?

— É uma companhia de zarzuelas. Coisa fina.

— Então toca!

Tocámos para o Lyrico.

Na bilheteria, onde um magote de gente se apertava, Martins adiantou-se:

— Tenha paciencia: cabe-me.

— Ora!

Munidos dos bilhetes, iamos entrar tranquillamente, como dois burguezes simples, sentindo a anonyma delicia de ter dinheiro e de poderem mover-se á vontade no vasto scenario da existencia. Ahi, vi Martins desbarretar-se subito e avançar para alguem:

— Madame, quel plaisir!

Uma mulher muito enfeitada, dessas que têm cincoenta annos e são sempre moças, sempre frescas, sorria extendendo-lhe a mão. Ao lado uma loirinha, aconchegada numa sumptuosa capa de seda negra, olhava com indifferença para Raphael. Um sujeito moreno, lustroso, evidentemente nortista e evidentemente marido de uma das duas, esperava a apresentação num silencio de importancia e dignidade. A madurona, então, apresentou Raphael ao sujeito.

Ficaram conversando um momento, com muitas amabilidades. Raphael em vão procurava arrancar uma palavra da loirinha: ella não respondia, recta, inflexivel. Então Raphael fez signal para que me approximasse:

— Peço licença para apresentar o meu

amigo, um dos maiores madeireiros do Espirito Santo...

Fui apresentado á brilhante madame Renon, modista eminente da rua do Ouvidor, assim como á sua emburrada sobrinha e o marido, o bacharel Agamenon Pompeu de Oliveira.

A velha madame Renon era amavel, irradiando sorrisos e uma espirituosa satisfação de viver. (Dessas pessoas a quem a gente nunca teria animo bastante para perguntar o que pensam do problema da morte e outros assumptos sérios). Quiz que fossemos para o seu camarote. Insistiu. Expandiu-se em bondade. A sobrinha, ao lado, estava muda como um pau.

Como Raphael se esquivasse sempre, pretextando razões, encontros com amigos, etc., a velha madame Renon avançou: que fossemos almoçar no dia seguinte com ella! Oh! era tão agradecida ao dr. Raphael Martins! Não faltasse! Ha que tempos não se viam!

Raphael prometteu. Eu fiz um vago gesto de acquiescencia e agradecimento.

Agamenon teve muito prazer em conhecer-nos, segundo seccamente exprimiu numa falinha doce, com os rr arrastados na abobada palatina. A loirinha, muito enrolada na capa de seda negra, toda loira e toda indifferente, partiu desdenhosa com o ar deslumbrante de uma boneca num conto de fadas.

Ficámos na calçada do theatro.

— Entramos?

Raphael não respondeu, nem andou. Estava aereo, zonzo.

— Impressão forte, hein? — perguntei timido, cheirando velhacaria.

Riu-se. Depois, em sua qualidade de burguez, articulou philosophia burgueza:

— A vida tem coisas!

Tem. Por exemplo: essa que succedeu a Raphael.

Emquanto não se abria o velario, derramados nós dois nas cadeiras da fila H, poz-se a contal-a, baixo, sussurrante, para que os visinhos (gente gorda, a abanar-se de calor) não percebessem.

Começou a historia com uma carta que Raphael recebeu de Marselha de um amigo brasileiro, negociante de café. Annunciava-lhe á proxima chegada a Santos de madame Renon e sua sobrinha: vinham para montar uma casa de modas naquella cidade. Pedia o prestigio, o apoio forte de Raphael para ellas.

Raphael teve negocios, viajou, de modo que quando voltou a Santos já as duas modistas tinham chegado da França e estavam hospedados no Parque Balneario. Foi visital-as e poz-se inteiramente á disposição. Era um creado, um humilde servo: mandassem. (E intimamente sympathisou com o vulto elegante de mademoiselle Renon, toda loira, flexivel como um junco. Pensou coisas).

Passados dias tornou a vel-as na sala de jantar do hotel. Foi cumprimental-as, perguntou-lhes pelos negocios. Estavam tratando de montar uma casa na rua 15 de novembro. Esperavam apenas grossas quantias da França. Demoras de banco. Raphael poz-se ás ordens: elle estava ali para servil-as.

Ora, Raphael tinha o habito não só de jantar ás vezes no hotel, com amigos, como tambem o de ir todas as tardes tomar ali o apperitivo. Assim, frequentemente conversava com mademoiselle Renon e a tia: ambas interessantes, apezar das differenças do factor tempo. Os modos de madame eram affectuosos. Os de mademoiselle, ainda que um pouco distantes, um pouco desdenhosos, não eram hostis. E era adoravel, a menina.

— Você está vendo, Chicão: uma pequena deliciosa.

(Lá estava, num camarote, a familia Agamenon. Offuscava, aquella cabecinha loira).

Com o correr dos dias, o estreitamento da intimidade ,a ligação dos interesses (Raphael estava se enterrando em endossos de letras), elle sentiu a vertigem da encantadora aventura. Parecia-lhe até que madame Renon o incitava. No minimo, tinha um geito complacente, benevolo, como que a promessa de fechar os olhos a qualquer fraqueza.

Em todo caso, Raphael hesitava. No Parque Balneario morava Pepa Nunez, uma uruguaya que elle mantinha e era a razão intelligente dos seus apperitivos vespertinos no bar do hotel. Pepa faria um escandalo theatral si descobrisse qualquer coisa entre elle e mlle. Renon.

Mas uma tarde encheu-se de coragem. Uma arrumadeira o informara, distrahidamente, de que mlle. Renon estava só no apartamento e que a tia devia ter sahido para ir á praia. Ora, isso coincidia com a attitude supremamente animadora que na manhã desse dia, na cidade, notara em madame Renon. Ella estivera com a sobrinha — sobrinha, mesmo? — no escriptorio de Raphael, com o contracto da casa para a installação da loja de modas: Raphael fôra fiador. E observara, positivamente observara — ah, desta vez tinha certeza! — que madame Renon lhe estava empurrando a outra, como compensação razoavel á fiança, aos endossos e aos emprestimos. (Tambem já lhe emprestara uns contos de réis: para serem restituidos logo que chegasse da França o dinheiro que a espirituosa senhora esperava).

Andou pelo corredor afóra. Então Jeannette estava só? Oh, que pulsar agitado de coração! Tinha a sensação medrosa de um principiante de aventuras! O sangue precipitado annunciava-lhe um grande acontecimento prestes.

O corredor estava deserto e elle parou á porta do apartamento das francezas. Escutou um instante com o ouvido collado á folha: não havia rumor lá dentro.

Fosse o que Deus quizesse: abriu a porta e entrou. Jeannette estava de penhoar cor de rosa, sentada no divan, a concertar um chapeu. Ergueu-se espantada.

— Perdoe, a criada não me annunciou?

Não, não o annunciara — fez ella com a cabeça energica. Raphael pediu novos perdões, mas foi entrando e fechando a porta atraz de si.

Jeannette tomou então uma attitude altiva, a olhal-o com uma ira fina chispando nos olhos verdes.

Vendo a situação difficil, elle arrependeu-se. Tentou por isso uma solução desesperada: atirou-se a Jeannette, num abraço bruto, de atracão.

— Oh, monsieur Raphael!

Ella sacudia-se, presa.

Como Jeannette, dobrando o corpo, cahisse com elle sobre o divan, Raphael viu-se de repente com todo o peso sobre aquelle fragil corpo de passarinho. Então, para não magoal-a, poz-se de joelhos no chão, ao lado della. Murmurou-lhe confissões apaixonadas, enlaçando-lhe sempre o busto com as mãos fortes.

— Oh, quelle brute!

Cheirava a sandalo, aquelle corpo adoravel. Ella defendia-se, colerica, num obstinado esforço. Porém Raphael recordava as insinuações de madame Renon, os endossos, os contos de réis, tudo: e sentia uma coragem nova reanimal-o.

Como a luta continuasse entre os dois, silenciosa, methodica, luta de gestos, de empurrões, de apertos, de enlaçamentos frustrados, Raphael impacientou-se. Agarrou os dois bracinhos, com raiva:

— Fique quieta, seu diabo!

Jeannette não sabia portuguez. Não entendeu a frase, como não entendera as confissões. Mas as palavras ali eram inuteis: tudo o mais já era bastante nitido e eloquente.

De repente, ella exclamou indignada:

— Eh bien, voilà.

E cruzou os braços sobre o peito. Ficou immovel, sobre o divan, abandonada. Uma alegria frenetica invadiu Raphael.

Instantes passaram-se, penosos e angustiados para elle. Uma sensação de distancia, de indifferença, cavava-lhe um vazio em torno. Como que aquella creatura adoravel, pela qual fizera tanta burrada, estava revestida de um invisivel fluido neutralisante.

De olhos cerrados, ella esperava.

Um desespero apoderou-se delle. Sentiu uma vergonha humilhante, uma vergonha irremediavel, definitiva, uma vergonha para todo o resto da existencia.

Em silencio, de olhos cerrados, ella

comprehendia tudo e um sorriso começou a franzir-lhe o canto da bocca.

Novos minutos passaram-se. Raphael deu soccos no rosto, de raiva. Sacudiu os braços ao alto, ameaçando o céo. Estava desmoralizado.

O fino sorriso ironico estava agora parado, fixo, como um traço normal da physionomia. Reparou que pela bocca entreaberta apparecia, quasi imperceptivel, o ponto branco de um dente. Odiou Jeannette.

Ergueu-se de arranco, com uma nuvem de colera a cegal-o.

Barafustou por uma porta que encontrou aberta, ligando o aposento a outro. Conduzia-o um instincto desordenado de esconder-se, de escapar á humilhação daquelle sorriso. Atirou-se a uma cama. Era provavelmente o quarto de madame Renon.

Estava assim, revoltado, querendo chorar sem poder, com as mãos cobrindo toda a cabeça, quando a porta desse quarto abriu-se e entrou, de volta do seu passeio á praia, a velha madame Renon.

Ella parou perplexa: mas quando reconheceu Raphael deu uma risada.

Fechou a porta e caminhou para a cama em que elle continuou deitado, com a cabeça coberta. Sentou-se á beira, sempre a rir-se, a perguntar que mysterio havia naquelle extraordinario encontro. Elle estava doente? E ao perguntar-lhe isso tomou uma inflexão carinhosa, cheia de cuidados. Ficara doente? Entrara ali por acaso? Queria alguma coisa? Segurou as mãos de Raphael, a ver si tinha febre. Apalpou-lhe o rosto: oh! estava quente! estava com um pouco de febre!

Então, á caricia daquellas mãos affaveis, Raphael sentiu um extranho impeto. Olhou fixamente madame Renon: viu-a sorridente, com uma feminilidade intensa no rosto gordo que os quarenta e cinco annos não conseguiam envelhecer. Apezar das sardas e de uma ligeira pennugem, exhalava-se daquelle rosto uma frescura attrahente que accendia o instincto de Raphael. Toda ella, assim gorda, assim maternal, tinha um geito suave: um geito, apezar de tudo, picante. E ao insistir com elle sobre si estava doente, juntava os beiços num momo de carinho, como si falasse a uma criança. Raphael queixou-se de muita dor de cabeça. Ella curvou-se sobre elle, apalpou-lhe de novo as temporas, deitou-se ao lado, com a cabeça no mesmo travesseiro...

Nesse ponto da narração Raphael tirara o lenço de seda, que espalhou em roda um perfume muito agradavel: as pessoas mais proximas voltaram-se para Raphael, batendo as narinas.

Eu esperava o resto, ancioso pelo desfecho, pelos detalhes, por todos os detalhes, não devendo esquecer-se, em meu abono, que o desterro de tres annos nas mattas do Espirito Santo aguça num homem como eu a curiosidade crua dos detalhes e dos desfechos.

— A vida tem coisas, seu Chicão! — tornou Raphael a philosophar, dando-me uma cotovellada.

Fiz que sim, que a vida tem coisas, mas apenas com a cabeça não querendo interrompel-o.

— Veja você, Chicão: e veio para o Rio, e estabeleceu-se com o meu dinheiro, e encontrou um bacharel para a pequena, e está rica, e está notavel, e quer que vamos jantar com ella no Hotel Beau Sejour em Santa Teresa. Vamos mesmo?

Riu-se para mim. Não respondi: fiz somente um gesto com a mão, pedindo-lhe para não divagar: eu queria ter absoluta certeza do desfecho!

— E afinal? — fiz impaciente.

Tornou a rir-se, cynico, satisfeito de ver-me preso a um capitulo da sua vida. Aquelle riso poderia dizer muita coisa para outro, para quem não tivesse passado tres annos no interior do Espirito Santo: pois não é preciso maior numero de annos, nem é preciso outro interior de provincia, para extinguir num individuo o gosto pela reticencia e substituil-o pelo despotismo do pão-pão-queijo-queijo.

— Que é que você quer saber mais, seu idiota?

Tive um irreprimivel movimento de impaciencia. A velha madame Renon, lá em

cima, no camarote, punha o binoculo sobre nós. Sobre mim?

Ahi, a orchestra já ensurdecia o theatro. O velario abriu-se. Palmas e ullulos resoaram nas torrinhas. Quarenta mulheres jovens, de lindas formas, razoavelmente semi-nuas, sacudiam as ancas, meneavam os braços, cantando e dansando ao som de castanholas e de pandeiros. Começava a funcção da Grande Companhia de Zarzuelas de Madrid. Viva la gracia!

Raphael estava maravilhado. Aprumado na cadeira, esquecido de que devia a Francisco Guedes Gomes, madeireiro no Espirito Santo, o fim minucioso da sua historia, seguia com um interesse agudo o jogo de formas das quarenta hespanholas encantadoras.

Em cima, no camarote, ao lado da loirinha e do bacharel, a velha madame Renon debruçara-se, attenta, deliciada, apertando o seio gordo contra o balaustre. Um braço cheio, carnudo, pendia: e a mão, a mão affavel que fora a therapeutica efficaz para Raphael, irradiava de anneis.

Nosotras somos madrileñas
y sabemos el arte de amar...

— Repara naquella alta, de cabello preto — disse Raphael apontando com a ponta do nariz para o palco. Aquella á direita, a terceira a contar do fundo... Repara, homem!

Eu tinha os olhos na velha madame Renon.

RIBEIRO COUTO.

◆◆◆◆◆◆◆◆◆◆◆◆◆◆◆◆◆◆◆◆

SALVE NATAL 1926

Como nos annos anteriores: para commemorar as tradicionaes

FESTAS DO NATAL

a Cia. de Loterias Nacionaes do Brasil, concessionaria das Populares

Loterias da Capital Federal

extrahirá SABBADO 18 de Dezembro proximo

A MAIOR LOTERIA DO ANNO

PREMIO MAIOR

500:000$000

INTEGRAES

destribue 6.380 premios no total de Rs.

1.440:000$000

Os bilhetes encontram-se á venda em toda parte.

CHRONICA JURIDICA

O profundo sentimento dos interesses collectivos que inspira a actividade do povo americano — alias, tão fortemente individualista, até mesmo na sua organisação politica — tem levado a considerar-se, alli, a simples pratica do fôro, quer na advocacia, quer na magistratura, como uma preoccupação, afinal de contas mesquinha, dos estudiosos e dos cultores do Direito.

Porque, em verdade, não são os mais relevantes, nem os mais merecedores de desvelos, os interesses dos cidadãos, relativamente pouco numerosos, que contendem nas lides judiciarias. Quanto a esses, o empenho social está, talvez, sobretudo, em suffocar-lhes, *tant bien que mal,* as divergencias, no mais curto prazo, evitando a perturbação que possam causar, não aos proprios litigantes individualmente, mas á collectividade. Instaurado o pleito judicial, mil factores perturbam a bôa applicação do Direito, sua recta decisão. E a menos que o Archanjo S. Gabriel empunhasse o gladio da Justiça — por via de regra entregue, nas sociedades humanas, a mãos menos puras e fortes — as decisões judiciaes têm de significar, muitas vezes, antes a deturpação, que a applicação do Direito e das Leis. Tal deturpação, neste ou naquelle caso concreto, desde que ponha termo, sem demora, ao conflicto de direitos, e os defina e precise prompta, ainda que erradamente, não impede que os tribunaes e juizes exerçam grande e benefica acção social.

Está claro, no emtanto, que essa dosagem de erro, esse desvio da agulha magnetica judiciaria, não ha de exceder certos limites, pena de significar a desordem, a inutilidade, a nocuidade do apparelho judiciario. A justiça é necessidade social tão irrecusavel e profunda, é uma tão elementar condição de existencia das sociedades civis, que, quando os orgãos destinados a provê-la falham irremediavelmente á sua missão, os proprios individuos lançam-se a realisa-la, allucinadamente, vingadoramente, com as suas proprias mãos ou — o que é mais grave — com as suas proprias armas...

Meios diversos têm-se inculcado, e têm consagrado as leis, especialmente de organisação judiciaria, com o intuito de evitar esse excesso: regras de processo, normas de provimento dos cargos da magistratura, garantias de sua independencia, recurso ao voto popular — tudo isso, afinal, não substitue, nem vale o controle desse factor primordial do governo livre — que é a opinião publica.

Só a opinião publica — alerta, bem informada, bem esclarecida, bem orientada — proporciona o bom funccionamento dos apparelhos governamentaes, especialmente do da justiça. Assim, ainda considerando apenas o aspecto forense restricto do problema social do Direito, se conclue que a condição elementar da sua solução — é a diffusão da cultura juridica, do sentimento do Direito, do zelo e do apreço dos direitos.

—

É, portanto, a essa obra que os juristas se devem votar. Esse é o seo dever elementar, a sua missão social, a sua mais alta funcção.

Na America, si me não engano, varias circumstancias contribuiriam para amesquinhar a actividade forense: a brevidade dos cursos juridicos, a força dos precedentes da jurisprudencia, as «technicalities» das leis de processo. No emtanto, a preponderancia decisiva da opinião publica impoz a necessidade de esclarece-la e orienta-la; a organisação da classe dos advogados na magestosa American Bar Association deo-lhe prestigio inexcedivel; a convocação de advogados eminentes aos mais altos postos do governo — na Suprema Corte, no governo dos Estados, na Secretaria de Estado, na presidencia da Republica — que muitos delles — como William Taft, Charles Hughes, Elihu Root (para só citar tres grandes nomes de agora) — percorrem successivamente, alternando essas posições eminentes com o exercio da advocacia, — volveo as attenções de toda a classe para os grandes problemas politicos nacionaes.

A Suprema Côrte age, tem agido sempre, como factor inestimavel do que supponho poderia chamar-se — a jurisficação das questões politicas.

A gravidade dos problemas consequentes á grande guerra européa reclamou o concurso dos juristas. O ensino civico, o estudo systematico e

generalisado da Constituição Federal, e dos seos principios fundamentaes ou caracteristicos, exige a cooperação de advogados e juristas numa obra de resistencia á invasão do bolshevismo e de defesa da liberdade individual.

Inaugurando, ha poucos mezes, em Washington, um curso de «Legal Ethics» PERCY WERNER dizia: «Lawyers should become politicians in the highest sense of the word, devoid of self-interest or self-seeking». Os advogados deviam tornar-se politicos, no mais alto sentido desta palavra, sem interesse proprio, sem ambição pessoal.

A advocacia não constitue pois, uma finalidade; sinão um campo de demonstrações, de experimentação, um laboratorio. A actividade, a argucia, a probidade, o desassombro — que ella nobremente exercida, exige e estimula — encontram applicação, menos egoistica, em certo sentido, na critica da actividade politica, na doutrinação politica, no exame generico da legislação e da jurisprudencia.

O elemento indispensavel para o exercicio dessa «social work» — é a imprensa. Harlan Stone — hoje Juiz da Suprema Corte, conjugava, quando Procurador Geral dos Estados Unidos, em uma reunião da Associação Americana de Advogados, a acção do jornalismo e a da advocacia — assignalando o interesse daquelle pelas instituições legaes, que lhe proporcionam a imprescindivel liberdade de palavra e de pensamento, e o concurso desta para a critica justa e intelligente da acção dos tribunaes e para a exacta informação do publico sobre a boa applicação das leis.

A necessidade dessa conjugação é mais evidentemente sentida no que concerne a questões criminaes, debatidas apaixonadamente pela imprensa. Os commentarios dos jornaes destróem — diz-se — a presumpção de inculpabilidade; criam até a presumpção opposta. Torna-se impossivel obter jurados immunes de prejuizos. A imprensa é quem julga — «trial by newspaper» — e quasi sempre julga mal.

Mais alta, porem, deve ser a actuação da imprensa, do commentario jornalistico, no funccionamento dos poderes politicos, no desenvolvimento do organismo constitucional da Nação.

Entre nós, a profusão dos bachareis em Direito não ha de ser só um mal — ou não será um mal sem compensação. Por maior que seja a incultura de tantos delles, ou o mal amanhado de noções absorvidas ás pressas, muitos e muitos apprehendem, ao menos, um vago sentimento de respeito por alguns grandes principios juridicos.

O amôr das discussões de palavras, da hermeneutica subtil, da rabularia, que estará em nossa indole, não permitte que se reconheçam dotados de maior autoridade os individuos revestidos daquella precaria consagração academica. De bacharel em Direito — mais que de poeta, de medico, e de louco, ainda que o não diga o proverbio, que só a estas qualidades se refere — de bacharel em Direito é que, em verdade, todos os brasileiros temos um pouco — ou muito. Mas, a invasão do espirito do bacharel em Direito — com diploma ou sem diploma — em todos os centros de nossa actividade tem apresentado resultados, nem sempre de todo em todo maleficos. Muitas e muitas repartições administrativas attenuaram o velho zelo regalista da burocracia, sob o influxo de alguns amanuenses dotados do classico pergaminho. Na imprensa se absorvem muitos e muitos bachareis, por vezes de alto merecimento, a quem a advocacia e as funcções publicas não seduziram ou não foram propicias. E na propria policia, ao menos nesta Capital, a diffusão do diploma bacharelicio, talvez com alguma attenuação de certos processos de compressão, desceo (salvo derogação mal succedida) da propria Chefatura, ás delegacias districtaes, e até aos commissarios, e ha de attingir, algum dia, aos inferiores da Brigada.

Na politica, porem, na politica militante — é que terá sido menos benefica, talvez só tenha sido nociva, a influencia do bacharel em Direito — e por isso della tanto se maldiz. Por isso mesmo que só o bacharel em Direito, e não o advogado, influe, prospera e domina. Dizia-o, si me não engano, excellentemente, o advogado consagrado, que era o Sr. Góes Calmon, pouco antes de assumir o seo alto cargo de governador da Bahia.

São, principalmente, os advogados falhados, os advogados sem causas, ou apenas de advocacia administrativa, e excusa, os bachareis em Direito que nunca sentiram o peso, as afflicções, a tragedia intima da advocacia intensa — que progridem na carreira politica. De cultura juridica só lhes resta o que serve para as conveniencias politicas do momento. Elles não subordinam a actividade politica a principios e normas superiores. Ao contrario — forjam, accomodam, deturpam principios e theorias ao sabor das conveniencias politicas do momento.

Ora, essa actuação é a de mais larga, mais funda, mais grave repercussão. Porque entende precisamente com o que ha de mais sério e estavel em toda a organisação legal do Paiz — a sua lei magna, as attribuições e o funccionamento dos poderes publicos. Porque interessa a todos os cidadãos, impressiona a todos cidadãos.

Têm-se generalisado em nossa imprensa as secções forenses, frequentemente desenvolvidas, mi-

nuciosas, completas, entregues a mãos seguras de advogados proficientes — tal como se não encontrará, no estrangeiro, fóra das publicações especialisadas. Essa pratica terá, por certo, influencia benefica — principalmente pela critica autorisada, e serena, da actividade dos juizes e tribunaes. Rara, porem, é, ainda agora, a apreciação e o commentario da vida politica, de um ponto de vista exclusivamente juridico, sem preoccupação partidaria, por algum technico, devotado á sua profissão de jurista, alheio a todas as tricas da politicalha, sem nenhuma ligação nem a mais remota ambição de natureza official, politica, ou partidaria.

Veremos si será possivel realiza-lo nesta columna — contando que a isempção e a serenidade do observador suppram outras deficiencias, de que elle se não pode consolar.

LEVI CARNEIRO.

THEATRO E MUSICA

PELO RÉU

Anunciando de véspera o aparecimento de seu artigo COM VISTA A ANTÓNIO DE ALCANTARA MACHADO no número quatro desta revista Martins de Almeida me escreveu de Belo Horizonte: *Se o artigo lhe interessar me escreva a respeito.*

É o que eu faço agora. Prova de que o artigo me interessou. É. Mas não me convenceu. Direi porque sem o intúito de abrir polêmica. Isto vale por uma contestação do libelo de Martins de Almeida. Mais nada. Depois o réu que se defenda sózinho.

* * *

Antes de esbordoar o teatro contemporâneo Martins de Almeida começa por maltratar o teatro em si, o teatro como arte. Por esta razão: *limita extremamente a livre expansão da força criadora, o pleno desenvolvimento da personalidade.* Acusação como se vê gravíssima e que se fosse procedente seria acachapante. Mas não é. Deve ser antes atribuida á confessada pequena receptividade que Martins de Almeida oferece á arte dramática. Cousa que êle aponta como efeito quando pode muito bem ser motivo.

Sim porque o facto do dramaturgo lutar contra *todo um espirito colectivo* e ter de vence-lo de um só golpe não restringe a expansão de sua força criadora. Absolutamente. Só exige maior destresa. Isso sim. Foi o que Unamuno quiz frizar quando comparou a arte do autor dramático á do romancista. Este luta contra mil conciências individuais tal como aquelê. Mas essa luta é feita de mil combates singulares. O romancista vai vencendo as conciências individuais uma a uma. O dramaturgo ao contrário deve conquista-las de um só golpe. Só nisso está a diferença.

O vigor comunicativo de uma obra dramática não precisa ser obrigatoriamente maior do que a de qualquer outra. Um dos objectivos a alcançar que é a comunicação pode falhar sem que por isso a obra perca qualquer porção de seu valor intrínseco. Até certo ponto está claro. O dramaturgo não pode nem deve ao idear e realizar a peça ter a pretenção de *pôr a sua sensibilidade simultaneamente em correspondencia com inumeras outras inteiramente diversas entre si* de modo completo. Porque isso é cousa inatingível. Para qualquer artista em qualquer arte. Proust nunca será um romancista popular. Nem Valéry um poeta ao alcance da sensibilidade de qualquer um. Aí está.

A gente que frequenta teatro não é diferente da que lê. Ou melhor: é a mesmíssima. A resistência emotiva que o leitor por acaso oferece é igual á apresentada pelo espectador. Igualzinha. A assistência de uma sala de espectáculos reage sentimental ou esteticamente com a mesma intensidade da massa dos leitores. E o facto da obra dramática não ser compreensível a uns ou ser mais a êstes do que áquêles não tem importância. O mesmo acontece a uma escultura, a um poema, a uma pintura, enfim a tudo quanto é manifestação de arte. E desgraçado do artista que tiver a preocupação absorvente de conquistar todas as admirações. Deixaria de ser êle mesmo. E se nivelaria. E sumiria.

Fique bem claro portanto. A expansão da força criadora na obra dramática é mais dificil tão sómente no que se refere a necessidade de comunicação instantânea ou melhor: aos efeitos desta. Isso no caso de ser realmente essa necessidade assim tão necessária. Porque pensando bem ela é relativa. Ou melhor: de resultado sempre rela-

tivo. Uma obra de arte (como já disse) nunca pode ter como objectivo alcançar uma unanimidade aprovativa. A concordancia ou a integração com ela há de variar fatalmente de indivíduo para indivíduo. Coisa claríssima. Até chapa em matéria de estética. O artista se apresenta (se oferece até) tal como é. Não se modifica para ser compreendido. Do leitor, do contemplador ou do assistente é que deve partir o esforço de percepção e unidade. Maior ou menor conforme o caso. Agora se o valor de uma obra de arte se afere pela grande, pequena ou mínima parcela de atenção inteligente que exige para ser compreendida ou de educação emotiva (digamos assim) para ser sentida isso é outra questão. Não caia a gente na asneira de querer aprofunda-la. Mesmo porque no fim de contas arte a gente sente. E cada um a seu modo.

Outro mal do teatro para Martins de Almeida está na acção dramática. Ele explica: a acção dramática *entra na peça como elemento profundamente simplificador* e a *sintetização da vida em quadros por mais vivos que êstes sejam resulta em falsificação.*

Pois se isso é um mal tambem não há manifestação de arte que escape a êle. Em arte tudo é síntese. Para não dizer no mundo e na vida. Com igual razão se poderia dizer que o entrecho entra no romance como um elemento simplificador prejudicando-o. É ou não é?

Afirmando que no teatro *a psicologia dos tipos tem de ser toda linear* acrescenta Martins de Almeida que *só se tem conseguido pôr em cena personagens de caracteres definidos e gestos esquemáticos.*

Tambem não é verdade. Hamlet não é excepção de nenhuma regra como muita gente pensa. O teatro está cheio de figuras que uma luta toda íntima ou um temperamento impenetrável tornam desconcertantes. Figuras cuja feição oculta a gente adivinha mais pelo que elas deixam de fazer que pelos seus actos, mais pelos seus silêncios que pelas suas palavras. Nas quais a duvida em que se debatem é o único traço revelador de seu drama ou de seu carácter. Cujas atitudes desorientam porque não são preparadas de modo facilmente perceptível. Nem são ás vezes justificadas pela acção dramática. Seres aparentemente irreais ou francamente anormais cuja vida cênica tem o mesmo mistério da humana. Personagens não teatrais portanto no sentido restrito de espectaculosas.

A gente as encontra ás dezenas no teatro contemporâneo. E cuja sondagem psiquica é levada ao extremo sem que seja totalmente concludente e fixadora. Várias personagens de Pirandello por exemplo ao lado de um espírito de raciocínio formidavel apresentam uma incerteza de carácter e um desequilíbrio de sentimentos que os fazem psicologicamente complicados, quási indecifráveis: o protagonista de *Enrico IV*, Angelo Baldovino de *Il piacere dell'onestá*, Ponza de *Cosi é (se vi pare)*, o Filho de *Sei personaggi in cerca d'autore*, outros mais. A obra de Jean Sarment tambem está cheia delas: o heroi de *La couronne de carton*, Jean de *Le pêcheur d'ombres*, Tiburce de Mortecroix de *Je suis trop grand pour moi*. Lilit passa pelo drama de Sollogub *Os refens da vida* como um fantasma, um enígma estupendo. E nas peças de Vildrac, de J.-J. Bernard, de Arzibastcev, de Lenormand, mesmo de Shaw são muitas as figuras sombradas, alquebradas sob o peso tremendo de seu inconciente, de delineamento impreciso, que nem tudo quanto pensam dizem e nem tudo quanto dizem pensam, que se escondem dentro de si mesmas, presas de uma dúvida interior, agindo sob a pressão de sentimentos pessoais, cujos gestos são movidos por uma mola invisível e insuspeitada.

A verdade é que no teatro a representação torna mais nítida a psicologia das personagens. O que pode haver de misterioso nela é de investigação mais fácil porque a imaginação do espectador não pode se expandir livremente como a de um leitor de romance por exemplo. Ela tem de se restringir ao horizonte visual. O interprete vive a personagem. O espectador não pode concebe-la (no momento ao menos) de modo diverso. A mímica deixa perceber ás vezes o que as palavras e as atitudes não revelam. O espectador entra em contato directo e pode-se dizer material com as figuras em cena. Tem da sua existência uma prova viva, sensível, presente. É mais difícil portanto que lhe escape uma nuança psicológica ou a significação de uma reticência ou a intenção de uma palavra.

Aí está porque as figuras dramáticas por mais ambíguas que sejam podem parecer rigorosamente delineadas e mesmo limitadas. Aparentemente dão a impressão de individualidades definidas e realizadas integral e mesmo restrictamente. Porque são visíveis.

E é por isso que são tantas as adaptações dramáticas de romances e novelas. No palco o que nestas parecia morto ganha relevo, volume e côr. Teatralizar é dar vida.

Não se deduza daí que a parte de imaginação no teatro é pequena. Não. Ela é de tal modo preponderante sobretudo no teatro contemporâneo que até Henry Bernstein (sujeito que tem dito e feito tantas asneiras dramáticas) chegou a dizer sem errar: *Hoje em dia, boa peça é aquela cuja acção se desenrola em nossa imaginação, longe do quadro em que se agitam os actores.*

* * *

Que o *autor dramático representa sempre a criatura humana nos momentos críticos justamente quando está fóra dela* é outra arguição contra o teatro que não pode ser provada.

Não há duvida: *todo drama deve ser a representação artística de um conflito* na frase de Shaw. E esse conflito tem que ser focalizado no seu ponto culminante. Não há duvida. Isso porêm, não quer dizer que o conflito base do drama só pode ser exterior, resultante do choque de paixões ou interesses contrários, de consequencias materiais ou ao menos testemunháveis. Nunca. O drama íntimo, a luta interior, as manifestações do subconsciente, a inquietude subjectiva, tudo isso é teatralizável. E aqui se torna necessária a distinção entre teatro puro e teatro-espectáculo estabelecida por Crémieux. Nêste sim a acção dramática tem de ser movimentada, violentamente exteriorizada, toda de episódios e situações. Mas naquêle não. Naquêle cabe a *vida em toda a complexidade quotidiana de seus pequenos detalhes* e o *homem em toda a infinidade de facetas de sua natureza íntima.*

Exemplos? Há inúmeros unicamente na literatura dramática de hoje. O teatro íntimo de Jules Rénard tem continuadores contemporâneos alguns admiráveis. Mas não há nada como a gente citar nomes. Aí vai uma porção dêles: Charles Vildrac *(Le pélerin)*, Émile Mazaud *(La folle journée)*, Edmond Sée *(Un ami de jeunesse)*, J.-J. Bernard *(Martine)*, Paul Giafferi *(Les uns chez les autres)*, Denys Amiel *(Café-Tabac)*, Paul Raynal *(Le maître de son cœr)*, Jules Romains *(Amédée et les messieurs en rang)*, Jehan Bouvelet e Edgar Bradby *(Barbe-Blonde)*, Régis Gignoux *(L'appel du clown)* e até — quem diria? — Dario Niccodemi *(L'alba, il giorno, la notte)* e Sacha Guitry *(Je t'aime!)*

São peças ondé não acontece nada como se diz em uma delas. E no entanto essencialmente dramáticas. Não tenha pois receio Martins de Almeida: embora a vida se faça *cada vez mais complexa, mais especializada pra cada indivíduo* e o homem moderno esteja *cada vez mais vivendo o detalhe quotidiano da existência* (cousa que aliás eu contesto porque isso é extender á vida um fenômeno méramente literário) o teatro refletirá sem prejuizo de sua essência essa lucta sem sangue e sem gritos, esse borbulhar subjectivo de mil e um sentimentos, essa imensidade de sensações e de factos quasi apagados. O subconciente já entrou no teatro. Por muitas mãos. Mesmo pelas de uma gente dinâmica e exuberante como a italiana. Basta citar um nome: Orio Vergani.

Uma grande soma de realidade não pode ser suportada pelo teatro que exige sínteses sôbre sínteses afirma Martins de Almeida. E logo a seguir: *A própria composição do diálogo se resume no trabalho de concisão que se imprime nas frases para que possam sobresair os subentendidos que entremeiam as palavras trocadas entre duas pessoas.*

Antes de mais nada não vejo mal nenhum nisso. Mesmo porque êsse mesmo esforço de concisão se faz no romance e no conto. E se fosse só no romance e no conto não era nada: também na vida. A gente sublinha sempre *a significação oculta das expressões* que emprega. E muitas vezes a reticência diz mais que a palavra. Máu seria se o dialogo teatral não comportasse esse grifo cheio de intenções. Isso sim. Sacrificando a verdade á clareza objectiva. Cousa que aconteceu durante muito tempo. E que a renovação contemporanea corrigiu introduzindo o silêncio no teatro. De tal fórma que Jean-Jacques Bernard poude dizer nada paradoxalmente: *o teatro é antes de mais nada a arte do inexprimido.* E é por isso (acrescenta) que o teatro não tem inimigo peor do que a literatura. Porque esta *exprime e dilue o que aquêle não deveria senão sugerir.* Em verdade a arte hoje sugere, deixa adivinhar, apresenta tão simplesmente. Não há mais tempo para explanações, explicações, dissertações. *Um sentimento comentado perde sua força.*

* * *

A opinião de Martins de Almeida sôbre o teatro contemporâneo é evidentemente apaixonada. Martins de Almeida implica solenemente com o coitado. Só assim posso justificar êste periodo seu: *os autores modernos estão preocupados com a qualidade técnica em prejuizo da qualidade viva de suas obras teatrais.*

Pois se é justamente o contrário que acontece. A técnica hoje se renovou de alto a baixo num esforço de depuração e simplificação extraordinário. Os autores da vanguarda em todo o mundo aboliram de suas peças os golpes de efeito, o final emocionante, as situações angustiosas, todo o arsenal terrificante do melodrama antigo. A acção dramática não é mais preparada. Entre as personagens não figura mais o cacete raciocinador das peças de antes da guerra. Tipo falso herdado do teatro romântico. Espécie de comentador do enredo e dos gestos das outras figuras em cena. Cuja única função era pôr os espectadores ao corrente do que se passava no palco. Alto-falante das idéas e das tendências do autor. Hoje em dia se êle aparece (o que é raro) se mantem sempre de modo mais discreto. E não é um simples espectador colocado na cena como antigamente. Sirva para exemplo dessa sua nova encarnação aquêle ótimo Lamberto Laudisi do apólogo pirandellano.

Na peça moderna o pano ao subir não marca necessariamente o início da acção. Isto é: o drama não tem princípio e fim rigorosamente determinados no palco. O espectador não assiste muitas vezes ao nascimento e ao epílogo do conflito. Testemunha o drama como alguêm que ouvindo um rumor de altercação numa sala espia pelo buraco da fechadura. Tal qual. *Maya* de Simon Gantillon é assim.

*
* *

Não. O teatro não occupa a retaguarda na avançada renovadora de hoje. Como as outras artes êle procura o seu eu. Caminha para uma pureza absoluta de fórmas. Sem falsear o seu espírito. Sem trair o seu destino. Como Genebra ainda há pouco teve a prova com *L'illusion* dêsse fenomenal Jacques Copeau. Leia Martins de Almeida estas palavras do director do Vieux-Colombier e se convença de que aquilo de que ele julga o teatro de hoje incapaz já está sendo realizado e victoriosamente eu acrescento: *Isto* (Copeau se refere á sua peça) *não é uma comédia nem um drama propriamente falando. É um jogo de teatro. Em lugar de restringir o interesse ao desenvolvimento de um caracter ou de uma intriga procura-se suscita-lo pela variedade dos golpes, dos tons e dos movimentos. É um ensaio de divertimento ou como se diz hoje de teatro puro. Nada é levado ao extremo. Tudo permanece suspenso como num esboço onde se buscou a liberdade fugindo da extravagância.*

Qual o que. O teatro ainda será hoje como já foi tantas vezes a manifestação culminante da arte de seu tempo, o reflexo mais belo e mais directo da inteligência criadora de sua época. Porque é preciso não esquecer que êle joga com elementos tirados de todas as artes: da pintura, da escultura, da poesia e agora do cinema. Irá resumindo portanto tudo quanto estas últimas forem progressivamente alcançando. Mediante uma absorpção inteligente que já está sendo feita. Quer queiram quer não.

ANTÓNIO DE ALCANTARA MACHADO.

× × ×

CRONICA DA QUINZENA

— O grande concerto de córos e orquestra realizado em 15 de novembro por iniciativa do maestro Villa-Lobos, foi um dos mais belos espectaculos de arte brasileira que já se ofereceu ao nosso publico. Mau grado todas as deficiencias de realização, são manifestações dessa ordem que verdadeiramente contam na vida artistica de um povo, porque representam, mais que uma empreitada de lucro ou simples diversão, um admiravel esforço criador, organizador, disciplinador. A musica nacional há muito tempo que vem repontando, balbuciando na obra dos nossos compositores. Agora tem-se a impressão que começou a falar. Pelo menos este concerto do maestro Villa-Lobos já nos deu uma sensação acabada e gostosa de coisa bem nossa.

Falamos acima em deficiencias.

A principal e que logo se notava, era o desequilibrio entre a massa coral numerosissima (mais de cem vozes) e a pequenina da orquestrinha, ás vezes completamente abafada pelo côro. Outra foi a defeituosa articulação desses dois elementos, devida á insuficiencia de ensaios, pois se o côro ensaiou muito sozinho, com a orquestra ensaiou pouco, o que se tornou sensivel sobretudo no *Toca Zumba* de Luciano Gallet e no *Rasga o Coração*, este então bastante sacrificado por uma entrada fora de tempo (apezar de tudo a grandeza cíclica do chôro levantou a platea). Havia no programma três numeros fracos e sem interesse brasileiro: as *Uiaras* de Nepomuceno, a *Ave Maria* do sr. Agostinho Gouveia e *Meu País*, hino patriotico e castrolopico do proprio Villa. O *Kyrie* do maestro Oswald, esse é de todos os países: na verdade prece emocionante, e que me deu no ensaio geral um sobrôsso sentimental que eu gostaria de fazer passar ao coração do dr. Washington Luís. É que na meia luz do ensaio aquelas cento e tantas figuras de homens e mulheres de varias idades e varios sotaques, onde havia, de par com brasileiros de todos os sangues, elementos italianos e teutos, todos dando abnegadamente o melhor de si mesmos numa obra incerta e improvisada, me perturbaram de repente como uma imagem reduzida do meu Brasil, implorando o Senhor com imenso cansaço. Que emoção, Santo Deus!

No dia do concerto havia mais luz, havia menos ingenuidade, não havia o cansaço. No dia do concerto havia em toda a gente, no palco e na platéa, entusiasmo, satisfação, gostosura, como se todo o mundo estivesse chupando manga numa varanda de fazenda. Se fosse possivel, teriam bisado tudo, como fizeram com a deliciosa *Cantiga de Roda*, de Villa-Lobos, o formidavel *Teirú* indio, a *Cantiga e Dança de Negros* do maestro Braga, o côro masculino a sêco *Na Baía tem*, ao qual Villa-Lobos deu um sentido mistico, que pode estar no caracter da musica mas não está na letra, pois não se compreende tanta religiosidade pra dizer que na Baía «tem côco de vintem». Mas ficou tão bonito!

Muito rica a harmonização do *Toca Zumba* de Luciano Gallet, com uma intervenção interessantissima do piano, em que quasi se desunhou o meu elegantissimo amigo Brutus Pedreira.

No *Chôro n.º 3* de Villa-Lobos a parte do

Pica-pau é estupenda; a unidade do chôro me pareceu duvidosa com o *Nozanina-Orekuá* no começo, e aquele estapafurdio «Brasil! Brasil!» do fim. Não creio que fosse patriotada. Não creio que fosse ironia (a turma agora quando se estrepa apela prá ironia). Quer me parecer que Villa precisava ali de uma palavra em liberdade acabada por *il*. Botou Brasil. Acho que ficava melhor «barril».

Quanto ao *Rasga o Coração*, é uma forte composição com importante preludio orquestral, onde abundam os efeitos onomatopaicos de timbres em que é tão fertil a fantasia de Villa; vem depois a citação entre aspas da modinha de Catulo

Si tu queres ver a imensidão do ceu e mar

Villa envólveu-a de uma formidavel roupagem harmonica onde sobre um fundo imperioso de marcha batida corusca fabulosamente a pris-ma-ti-zação da luz solar.

Villa-Lobos foi aclamado pela platéa unanime, como de facto merecia, extendendo-se os applausos aos seus numerosos colaboradores, entre os quais se contava a fina flor dos nossos professores, cantores e amadores, que o presentearam em scena aberta com uma baita batuta de ouro.

— A senhorita Elzie Houston mostrou mais uma vez, em recital que se realizou no dia 16 no Casino do Passeio, a excelente escola em que educou a sua voz. A escola foi de Ninon Vallin.

Entretanto mlle. Houston não precisa mais contar isso pra ninguem: ela vale já por si mesma, como provou pela interpretação de numeros como as *Recordações da minha infancia* de Strawinsky, de *Daphénéo* de Erik Satie, de *Sur l'herbe* de Ravel. De todo o programma: se assinalei de preferencia aquelas peças é exactamente porque requerem muita inteligencia, muita finura de espirito e agilidade vocal. Mlle. Houston cantou-as de tal maneira que teve de bisar a *Pêga* de Strawinsky e *Daphéneo* de Satie. Na terceira parte mlle. Houston deu-nos em 1.ª audição oito das *Serestas* de Villa-Lobos, serie que com as *Cirandas* pra piano são o que o nosso grande compositor fez de mais gostosamente melodico até hoje. Mlle. Houston teve nas *Serestas* o concurso inestimavel de mme. Villa-Lobos ao piano.

Ambas fizeram valer todas as intenções daquela musica, da qual disse o autor no programma do concerto coral do Lirico que é uma nova forma de composição para canto que relembra elevadadamente todos os generos das nossas tradicionais serenatas, toadas dos nossos esmoladores, musicos-ambulantes, e varias cantigas e pregões de carreiros, boiadeiros, marrueiros, campeiros, pedreiros, etc.»

Percebe-se tudo isso, de facto, — menos que seja uma nova forma de composição. Protesto tambem contra o adverbio *elevadamente*, que inculca *baixeza* das nossas tradicionais serenatas, toadas, pregões, etc., etc. O aboio dos nossos vaqueiros, temas indios, como o *Teiru*, e de macumba negra, como o *Xangô*, são da mais sublime elevação. Estão mais perto de Deus do que toda a sciencia de um compositor culto, mesmo genial como Villa-Lobos.

— Mais algumas linhas pra assinalar o 65.º concerto da Sociedade de Cultura Musical em que tivemos ocasião de ouvir mais uma vez a incomparavel Antonieta, em solo, e em conjuncto com o violoncelista Sykora na sonata em la, op. 69, de Beethoven. Foi uma excelente audição daquela sociedade, incontestavelmente a melhor com que contamos, graças á direcção do seu presidente o sr. A. F. Lopes Gonsalves. — M. B.

A Revista do Brasil

começará brevemente a publicação de um romance inédito de

SERGIO MILLIET

LITERATURA

RAUL DE LEONI

Raul de Leoni morreu na sua casa de Itaipava no dia 21 deste. E o sentimento que nos acode não é precisamente o de dor. E' um pouco do espanto revoltado que causa qualquer injustiça. Principalmente a inesplicavel injustiça da morte.

Raul de Leoni foi um poeta puro e sincero. Governado pela lucida razão latina, illuminado pela transparente emoção mediterranea, elle teve a coragem de conservar o mesmo feitio de intellectual tranquillo, no meio da angustia emocional da hora que passa. Elle era um cerebral. Por isso sua inquietação era toda de idéas. Mesmo o drama pessoal de sua doença, que elle acompanhava com a precisa mas longinqua attenção da intelligencia. E' possivel que no contacto directo com a natureza, que elle foi obrigado a ter durante os seus quasi cinco annos de exilio em Itaipava, Raul de Leoni tenha podido baixar o espirito poetico das abstractas idéas geraes e sentimentos introspectivos e fixa-lo um pouco na dor humana. Na vida exterior, de que elle não desconfiava, tão agitada tinha a propria vida interior. Veremos isso quando apparecerem os seus ineditos, que elle, pouco antes de morrer, recommendou que fossem entregues a Rodrigo M. F. de Andrade, que os deve ordenar e publicar.

Barrés, falando da morte de um amigo jovem, diz que é doloroso ver-se morrer um escriptor de talento, que não tenha ainda representado nenhum papel definitivo. Uma geração fica assim desfalcada de um homem, sem saber o que elle poderia fazer. E' a magua deante do desconhecido.

Todos os escriptores modernos, embora filiados muitas vezes a correntes completamente diversas da do cantor de «Luz Mediterranea», a quem todos amavam e todos admiravam, lamentam a morte de Raul de Leoni, impulsionados por sentimento semelhante ao de Barrés.

Somente não é dor pela falta da realisação de uma obra provavel. E' tristeza deante de uma grande obra inevitavel, que foi cortada de repente. E', principalmente, o assombro inutil em que ficamos, nós que acompanhavamos a trajectoria daquelle talento solar, vê-lo estinguir-se estupidamente, em pleno meio-dia...

AFFONSO ARINOS (SOBRINHO).

× × ×

LITERATURA NACIONAL

Ausonia Carmina — Mendes de Aguiar — Empreza Graphica Editora, Rio 1926.

Montanarum sodalis puellarum,
Earum consors desideriorum,
Pugnaque amoris mutis in voce aurarum,

Quomodo oblectas, heu! ludus agrorum,
Quando per primam comparant cordarum
Lactae fusculae sonum osculorum!

Sabem o que isso é? Os tercetos do soneto *A Viola* de Silvio Romero:

Companheira querida das matutas,
Confidente fiel de seus desejos,
De seus sonhos de amor, serenas lutas,

Como és boa da roça nos festejos,
Quando as morenas garrulas, astutas,
Afinam pela prima o som dos beijos!...

Já é engraçado escolher o soneto pra falar da gostosura de uma viola. Traduzi-lo ainda por cima em latinorio só mesmo por desfastio de quem não sabe o que há de fazer do seu latim. É o caso do sr. Mendes de Aguiar, *apud arcades romanos.*

Os adversarios do verso livre não compreendem poesia dagora sem medida nem rima. Quando se alega o exemplo da poesia grega e da poesia latina classica, êles redarguem que o genio da lingua era outro. Ao acabar de ler os versos latinos silabicos e rimados em que o douto arcade romano trasladou alguns poemas de lingua portuguesa, me deixei ir armando umas considerações eruditissimas sobre a incompossibilidade da rima e da medida silabica com o genio do idioma do Lacio. De repente, porêm, me veiu á cabeça a lembrança de certos hinos da igreja, e mais aqueles versos da Francisca de Baudelaire:

Novis te cantabo chordis,
O novelletum quod ludis
In solitudine cordis!

Caí em mim e vi que estava pensando uma bobagem tão panema como a dos adversarios do verso livre. A displicencia que me causava a latina versio do *Ouvir Estrelas,* do *Sabor das Lagrimas* não vinha dali. E concluí qou o sr. Mendes de Aguiar não é poeta.

Tambem foi tudo que pude ver. Pois quem se atreveria a deslouvar a correcção e elegancia do sabio latinista, honra do nosso magisterio?

MANUEL BANDEIRA.

× × ×

LITERATURA ESTRANGEIRA

Clio — M. H. Lyers.

O mesmo pedaço de terra tem duas faces differentes, uma para o nativo e outra para o estrangeiro. Uma terra só póde ser bem vista pelo alienigena. De modo que poderá affirmar-se, até um certo grao de latitude, que o nativo é aquelle que menos conhece a sua terra, como um grande corpo vivo, vivendo a sua vida inconsciente e mysteriosa.

Assim como não houve ninguem que melhor conhecesse a Africa do que os Stanleys, Levingstones e Ivens, da mesma fórma ninguem poderá melhor dizer das acções e reacções locaes do meio para o individuo, do que o estrangeiro.

O estrangeiro traz comsigo uma alma nova, uma alma differente que procura ajustar-se á grande Alma Mater local, conjunto de totems, tabous e idéas religiosas por demais complexas, mesmo na sua primitividade.

O estrangeiro, por detraz dos factos mais positivos, vê aureolas mysteriosas, dando mil e uma suggestões differentes, mil e um pontos de vista cameleonios, que acabam seduzindo o nativo, convencendo-o de que a sua terra tem, na verdade, esses obscuros e desconhecidos mysterios.

Lendo-se certos livros a respeito de terras exoticas, chega-se á convicção mais ou menos discreta de que ha muita coisa no ar de que não cogitou a perspicacia dos observadores locaes, querendo fazer milagres como bons santos de casa.

Os escriptores inglezes e norte-americanos primam em geral pela observação aguda, desde que se trate de terras e gentes da estranja.

Podem ser superficiaes, mas de vez em quando pisam fundo, desde que encontrem terreno argilloso.

A literatura exotica desse genero foi inaugurada por Herman Melville e continuada por Stevenson, Jack London, Somerset Maugham, Frederick O'Brien, Conrad, Kipling, Masefield, Norman Douglas, D. H. Lawrence e L. H. Myers.

Myers é um valor na moderna literatura ingleza. Dizem que tem alguma coisa de Henry James. É só. E' unico. O seu ultimo livro, «Clio», por todos os titulos interessante, tem a particularidade de passar-se no Brasil, — ora viva, no Brasil, — na Amazonia.

«Clio», hiate de Lady Oswestry. A bordo, uma população de documentos vivos. Documentos perfidos. Os filhos de Lady Oswestry. O Amazonas que vem rolando pelo oceano. Uma alteração geral sobrevem a todos. Outros ares, outras terras, outro meio physico. Rompem-se carapaças civilizadas. Comediantes tragicos, como diria Meredith. Sir James Annesley fala ás vezes sobre Proust. Sir James diz que o Brasil tem 20 estados, novidade geral. Lady Oswestry pensa adquirir no Pará um certo cold-cream. Sir James com pontos de vista universitarios, emquanto os outros procuram ajustar-se a um novo mundo. Clio passa por Breves. Um estrangeiro apparece. Harry, filho de Lady Oswestry e Pedro Andrade, o estrangeiro afinal brasileiro, conferenciam. Episodio á Conrad.

O hiate deverá chegar a Obidos — onde rebentará a revolução dirigida pelo brasileiro e pelo inglez. A revolução toma conta de Manáos e Pará. «Clio» rio-acima. Mr. Wilkinson conhece o Brasil, falando em varios movimentos revolucionarios, até mesmo no de Isidoro em São Paulo, mas sem citar o nome do santo. Acha que é um crime separar a Amazonia do Brasil. Demonstra-o a Harry. Lady Oswestry fica espantada de ver o filho, que nunca se importou com a politica de Stanley Baldwin, interessado pela politica do Brasil. Obidos. A noite tragica de Obidos é uma xilographia. Sir James morre picado por uma serpente. A revolução fracassa Harry regressa ao Pará, esperando ser dictador da Amazonia.

Ha muita sympathia pelo Brasil. Naturalmente a curiosidade deturpa alguma coisa, empolando-a. Ha uma impressão curiosa, a impressão de muita luz verde, forte, dorida e perpendicular, enviezando os corpos, e deixando ver no fundo de todas as almas alguma coisa como uma essencia venenosa de Indios Maués...

TEIXEIRA SOARES.

× × ×

La Guitarra de los Negros — Ildefonso Pereda Valdes — Montevidéo, 1926.

Sinbad viu o mundo em maravilhosas aparições de côres, porêm não sonhou. Ildefonso Pereda Valdes é o sonhador: deu a volta ao mundo de seus sonhos. Não que lhe desinteresse o mundo das nossas duras realidades. Nem que lhe baste o sonho. Como êle mesmo diz no *Canto de Federico y Nicolas,* Montevidéo é pequeno para a sua ansiedade. Mas o melhor é transcrever todo o canto, um dos mais lindos da colecção:

Federico, Nicolás
hermanos mios.
Toda mi vida en amistad!

Dividamos el universo en tres partes
iguales, como buenos hermanos:
Ildefonso: el mar
Federico: la tierra
el cielo: Nicolás.

Audaces y fuertes
recorramos el mundo
para robar:
frutos en la tierra,
estrellas en el ciclo,
sirenas en el mar.

Montevideo es pequeño
para nuesta ansiedad.
Solo en el puerto se puede respirar!
No oyen las sirenas de los barcos
que nos llaman?

Otro cielo, otro mar.
Federico, Nicolás
huyamos juntos, hay que viajar.

Montevidéo es pequeño
para nuestra ansiedad.

É esta ansiedade, aliás, que faz a musica destes poemas, em cuja melancolia há uma nota de aceitação sorridente, de lirica despreocupação, de heroica ironia, que de pronto enleiam. Imagens ingenuas e frescas:

Cuerdas de la guitarra
caminos de las arañas de los dedos!

Em *Alegria y Verdad* diz o poeta:

Me visto con el paisage
diariamente un traje nuevo.

E acaba:

Quiero ser un niño alegre
que va a caballo en un rio!

Nada há de barbaro neste livro. Antes é tudo polido, sutil e refinado, com um ar de desencanto civilisadissimo, pelo que me parece perigoso o seu titulo: levará a dizer que em Montevideo tambem já se faz Art Nègre. Gravuras em madeira de Maria Clemencia, admiravel pela violencia quasi cruel dos brancos.

ESMERALDINO OLYMPIO.

× × ×

«Evocação do Recife», o admiravel poema de Manuel Bandeira que damos neste número, foi publicado em primeira mão no album comemorativo do centenario do «Diario de Pernambuco», obra de realização material excellente e do mais alto interesse intelectual, que devemos á iniciativa e á orientação de Gilberto Freyre.

——

Continuaremos no proximo a publicação das «Memorias de D. Quiteria», de João Ribeiro, e dos Inéditos de Junqueira Freire, comentados por Afranio Peixoto.

Crédit Foncier du Brésil et de l'Amérique du Sud

SOCIEDADE ANONYMA

Capital . . . . . Frs. 100.000.000
Capital realizado (Acções . . Frs. 100.000.000
(Obrigações Frs. 42.684.000
Fundo de Reserva. . . . . Frs. 17.000.000

Emprestimos sobre primeira hypotheca a curto e longo prazo, reembolsaveis a prazo fixo, ou por amortizações semestraes com direito a reembolso antecipado

Contas correntes garantidas por hypothecas e de movimento

Dinheiro para construcções

Abertura de credito para construcções de predios até 50 % do valor dos mesmos e terreno

Adeantamentos sobre titulos — Depositos em conta corrente e a prazo fixo

Séde social — Boulevard Haussmann, 39 — Paris

Succursal no Rio de Janeiro

44 — Avenida Rio Branco — 44

Agencia em São Paulo:

Rua Libero Badaró, 133

"Se quizerdes ser rico, ou permanecer rico, lêde Henry Ford".

ARTHUR BRISBANE.

Minha vida e minha obra

por HENRY FORD, de collaboração com SAMUEL CROWTHER

Nova traducção de MONTEIRO LOBATO

Saido em 1922 acha-se este grande livro transladado para o allemão, francez, finlandez, italiano, hollandez, polaco, russo, sueco, dinamarquez, tchecoslovaquo, hungaro, hespanhol e arabe, sommando as varias edições mais de dois milhões de exemplares, Henry Ford produziu uma das mais significativas obras desta geração. — (THE CENTURY).

A sensação deste livro é menos de um livro escripto do que de um homem que se senta deante de nós e conversa com facilidade, em tom impessoal, acerca da sua vida, das idéas que o nortearam, dos principios em que baseou o seu trabalho e da convicção que o anima sobre os effeitos da efficiencia na felicidade humana. — (NEW YORK TIMES).

Henry Ford revelou-se neste livro a mais alta individualidade america da sua geração. — (THE ATLANTIQUE MONTH).

Considero um dever meu para com o publico attrair a attenção de todo o mundo para este grande livro. — (EDWARD A. FILENE, em THE NATION).

E' o grande livro de um grande homem. — (ROBERTO BLATCHFORD).

EM TODAS AS LIVRARIAS — PREÇO: 4$000

COMPANHIA EDITORA NACIONAL

RUA DOS GUSMÕES, 33 — S. PAULO

Já se encontra á venda nas livrarias do Rio de Janeiro e de São Paulo o livro que sobre a

Presidencia Bernardes

Intitulado

TERRA DESHUMANA

(A vocação Revolucionaria do Presidente Arthur Bernardes)

escreveu ha tres mezes, em Campos de Jordão, durante uma villegiatura que ali fez, o sr.

Assis Chateaubriand

O director do O JORNAL, naquellas montanhas suaves da terra paulista, meditou e escreveu sobre a personalidade complexa do actual presidente da Republica um ensaio sereno, sem qualquer eiva de paixão partidaria, como se estivesse recuado meio seculo do scenario dramatico dos dias actuaes da nacionalidade. Elle propoz-se fazer um estudo de pura substancia psychologica, com absoluta imparcialidade, procurando collocar-se fóra do ambiente esteril das facções para analysar as qualidades, os defeitos, as acções de alcance collectivo e os erros do homem que encheu o quadriennio de 1922-1926, da sua rispida e indomavel individualidade.

Tomando a acção publica do actual presidente, desde que elle se estreou como jornalista no hebdomadario da zona da Matta, denominado «A Cidade da Viçosa», até a sua derradeira grande campanha, que vem de encerrar victoriosamente: a da revisão constitucional, — o sr. Assis Chateaubriand projecta visadas sobre os aspectos mais interessantes do homem de governo que, por tantos titulos, será objecto, no futuro, de debates os mais vivos dos historiadores da quadra atormentada que acaba de atravessar o Brasil.

O Caraça, o famoso collegio, onde se educou o sr. Arthur Bernardes, com a tradição de severa e inflexivel disciplina, é objecto de um quadro que, por certo, ajudará por muito a explicar a formação mental do presidente com a ductil e rija vontade, que distingue todos os seus actos.

Um bello presente para os Leitores do "JORNAL"

Daremos gratuitamente 1 estojo completo, da afamada navalha de segurança AUTOSTROP (toda ella em metal dourado) com lamina, assentador e machina para afiar as navalhas:

1º.) Aos leitores do O JORNAL, que tomarem uma assignatura de 12 mezes do O JORNAL.

2º.) Aos assignantes, que renovarem suas assignaturas de 1 anno. Estas renovações podem ser feitas mesmo quando a actual assignatura vigorar até o fim de 1926.

3º.) Aos actuaes assignantes do O JORNAL, que conseguirem um assignante novo para O JORNAL, como tambem a esse novo assignante.

Para obter uma dessas navalhas preencha o coupon ao pé deste annuncio, e mande-o, junto com o preço da assignatura, ao gerente do O JORNAL.

O JORNAL enviará as navalhas aos seus assignantes, sob registro pelo correio, livre de onus para elles. Os assignantes do Rio de Janeiro podem obtel-as no balcão do O JORNAL.

Illmo. sr. gerente do O JORNAL, Rua Rodrigo Silva, 12 — Rio

Junto a este remetto-lhe a importancia de Rs. 50$000, para a assignatura de 1 anno do O JORNAL.

NOME.....

.....

ENDEREÇO.....

.....

CIDADE E ESTADO.....

.....

O JORNAL distribue diariamente premios aos seus leitores

Cruzwaldina

Acreditado Desinfectante fabricado pela

Societé Anonyme du Gaz de Rio de Janeiro

Com vinte annos de ininterrupto successo

Medalha de Ouro na Exposição Nacional de 1908

O mais popular de todos os desinfectantes

TYPOGRAPHIA DO ANNUARIO DO BRASIL — RIO DE JANEIRO.

REVISTA DO BRASIL

PUBLICAÇÃO QUINZENAL

DIRECTORES

PANDIÁ CALOGERAS, AFRANIO PEIXOTO,
ALFREDO PUJOL e PLINIO BARRETO

REDACTOR-CHEFE

RODRIGO M. F. DE ANDRADE

Redacção e adm. — Rua Rodrigo Silva, 14. 1º

NESTE NUMERO:

Meditação no Jardim Zoologico	Carlos Magalhães de Azeredo
Historia Patria	Oswald de Andrade
Infancia	Carlos Drummond Andrade
Antonio José da Silva e a Inquisição-II	Lucio d'Azevedo
Correspondencia inédita de Remy de Gourmont	
Baking - Powder intellectual	Gastão Cruls
Entre a Fé e a Duvida	Durval de Moraes
Inéditos de Junqueira Freire	

Notas por M. B. Affonso Arinos (sobrinho), Augusto Schmidt e M. L. F.

ANNO I — NUMERO 7 — 15 — DEZEMBRO — 1926 — RIO DE JANEIRO

"A Revista do Brasil"

E' a publicação que conta entre nós com o maior numero de collaboradores illustres e, ao mesmo tempo, a que se vende mais barato

Numero avulso	*$700*
Assignatura annual	*16$000*
Tomada conjuntamente com a do "O Jornal" ou "Diario da Noite"	*12$000*

xxxxxxxxxxxxxxxx

Redacção e Administação:

Rua Rodrigo Silva N. 14 (1.º andar)

RIO DE JANEIRO

Crédit Foncier du Brésil et de l'Amérique du Sud

SOCIEDADE ANONYMA

Capital . . . . . Frs. 100.000.000
Capital realizado (Acções . . Frs. 100.000.000
(Obrigações Frs. 42.684.000
Fundo de Reserva. . . . . Frs. 17.000.000

Emprestimos sobre primeira hypotheca a curto e longo prazo, reembolsaveis a prazo fixo, ou por amortizações semestraes com direito a reembolso antecipado

Contas correntes garantidas por hypothecas e de movimento

Dinheiro para construcções

Abertura de credito para construcções de predios até 50 % do valor dos mesmos e terreno

Adeantamentos sobre titulos — Depositos em conta corrente e a prazo fixo

Séde social — Boulevard Haussmann, 39 — Paris

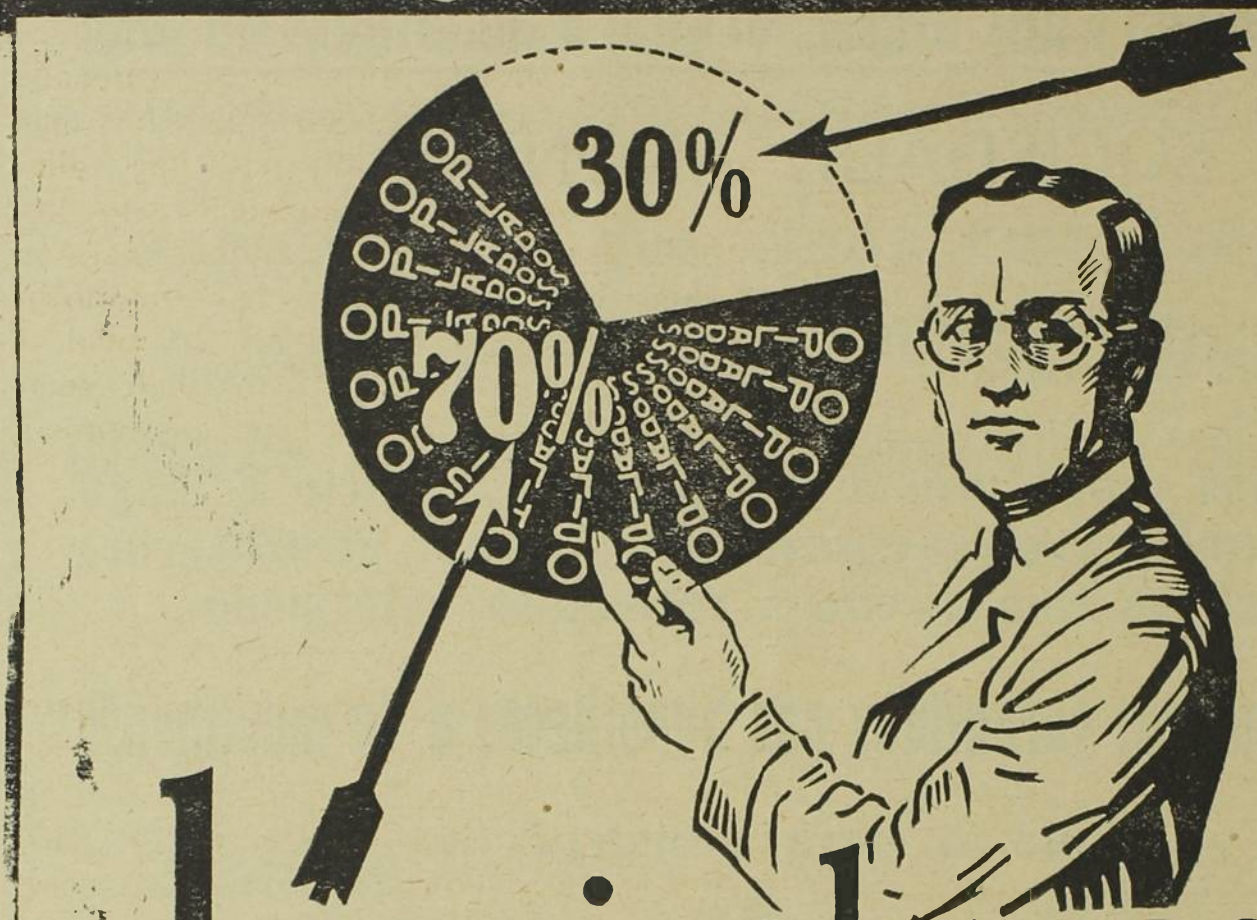
Succursal no Rio de Janeiro

44 — Avenida Rio Branco — 44

Agencia em São Paulo:

Rua Libero Badaró, 133

OPILAÇÃO-AMARELLÃO



Incrivel, mas...

é verdade: ainda 70% dos Brasileiros são Opilados!
É pois um acto de patriotismo apprender e ensinar que n'um só dia, uma só dose de

NECATORINA-MERCK-

mata os vermes da opilação

A „*NECATORINA*“ é o mais barato dos tratamentos contra o „**Amarellão**,“ pois é remedio que não se compra duas vezes; com uma só dose se alcança a cura completa, sem ser, em geral, necessario o purgante reclamado sempre por outros vermifugos. A „*NECATORINA*“ não tem gosto nem cheiro vista ser em fórma de capsulas gelatinosas pequenas, molles, faceis de serem tomadas; o seu emprego não exige dietas longas, nem resguardo, nem cuidados especiaes.

A „*NECATORINA*“ producto allemão é o especifico da Opilação adoptado pela „SAUDE PUBLICA“: é o proprio *tetrachloreto de carbono purissimo* **MERCK**, de fama mundial.

Necatorina-MERCK

A' VENDA EM TODAS AS DROGARIAS E PHARMACIAS!

DEPOSITARIOS = DAUDT, OLIVEIRA & CIA. RIO DE JANEIRO

Revista do Brasil

ANNO I —— RIO DE JANEIRO, 15 DE DEZEMBRO DE 1926 —— NUMERO 7

SUMMARIO:

Politica.
Meditação no Jardim Zoologico — C. Magalhães Azeredo.
Historia Patria — Oswald de Andrade.
Infancia — Carlos Drummond de Andrade.
Antonio José da Silva e a Inquisição (II) — Lucio d'Azevedo.
Correspondencia inédita de Remy de Gourmont.
Baking-Powder intellectual — Gastão Cruls.
Entre a Fé e a Duvida — Durval de Moraes.
Inéditos de Junqueira Freire.
Theatro e Musica: Cronica da Quinzena — M. B.
Literatura — Affonso Arinos (Sobrinho) e Augusto Schmidt.
Vida Social: Carioquismos — M. L. F.

POLITICA

A nota do gabinete do Ministro da Fazenda relativa ás nomeações de ultima hora do governo passado, com postergação de direitos adquiridos por terceiros e dos interesses superiores do erario, contem uma doutrina accommodaticia e perigosa, que não deve ficar de pé. Diz esse documento que não é da alçada do actual governo examinar a legalidade dos actos do que o antecedeu, cabendo aos interessados que se julguem prejudicados promover os meios competentes, afim de restabelecer o seu direito. E accrescenta que ao governo apenas cumpre assegurar que os actos por elle proprio praticados, o sejam estrictamente dentro das normas legaes.

Tal orientação é erronea, como facilmente se póde demonstrar.

Uma vez que o governo se exhime de tomar em consideração a illegalidade dos actos impugnados, para o effeito de annullal-os, e antes se dispõe a executal-os, dando-lhes por esta fórma, plena validade, elle não sómente pecca por «omissão», mas tambem por «commissão», pois que collabora, afim de que se complete o acto illegal. E assim sendo, tal attitude não se coaduna com a declaração feita no documento a que nos reportamos, na qual o governo assegura que os actos delle emanados obedecerão rigorosamente ás normas e aos preceitos da lei.

× × ×

Dir-se-ia que a entrada para o Cattete de um homem tão vinculado ao problema rodoviario do Brasil, quando dali se removia o Snr. Arthur Bernardes, é uma expressão da providencial e mysteriosa acção das cousas que encadeiam os homens uns após outros, de modo a que os novos corrijam os males pelos outros postos em evidencia. A estrada de rodagem, como ainda ha pouco salientavam os especialistas reunidos no ultimo congresso realizado nos Estados Unidos para tratar desse assumpto, representa antes um papel social do que economico na vida das nações. O automovel, facilitando o contacto rapido da gente rural e das populações urbanas, corrige os vicios particularistas de uma e amplia as sympathias das outras, creando um equilibrio mental representativo do verdadeiro espirito de um povo...

Se esta necessidade se faz sentir na America do Norte, para harmonisar o conservantismo tradicionalista dos farmers do middle-west com a inteligencia instavel e vibrante dos habitantes dos sky-scrappers de Nova York, como infinitamente maior é a urgencia entre nós de estabelecer uma certa identidade de rythmo entre a gente sertaneja do planalto e os brasileiros do littoral, mais directamente influenciados pela cultura da Europa!

De tudo quanto se pode dizer do Snr. Bernardes e do seu Governo, nada se nos afigura mais interessante do que assignalar o enorme e patriotico serviço que elle inconscientemente prestou, servindo de impressionante e quasi alarmante lição de cousas sobre a profunda e assustadora dissonancia entre uma mentalidade que sobrevive com a cultura dos pioneiros do descobrimento e o espirito de um Brasil que abre avenidas, constróe fabricas e usinas e converte na letra morta das leis os institutos juridicos e as realisações sociologicas dos povos de mais apurado aperfeiçoamento. Todas as injustiças que porventura soffreu o ex-presidente e que com mais inexoravel ferocidade lhe cairão sobre os hombros, á medida que o tempo o fôr afastando da realeza quatriennal que S. Ex. exerceu, decorrem, a nosso ver, da incomprehensão de um caso pessoal e politico que deixou traçado na nossa historia talvez o mais fascinante capitulo da vida nacional. Os publicistas que estão convertendo as pennas em escalpellos para a inplacavel necropsia do presidente ainda insepulto, parece que deveriam pensar um pouco em abstrair dos elementos dramaticos do Shakespeareanismo tropical em que elle se moveu, para o estudarem como uma valiosa penetração de um tentaculo sertanejo, que as vicissitudes da nossa adolescente verdade eleitoral levaram até o Cattete.

× × ×

Estudar o Snr. Arthur Bernardes fazendo excavações historicas nos archivos da Senhoria Florentina, ou nas fichas da época mais prospera do Santo Officio hespanhol é tão absurdo quanto procurar reconstruir a morphologia do tapyr ou da capivára, com as luzes fornecidas pela ossatura de um mastodonte. Nem mesmo na galeria dos heróes do Continente pode ficar bem accomodado o antecessor do Snr. Washington Luis. Na subtileza malvada de um Rosas, na brutalidade de um Facundo Queiroga, no primitivo genio politico de um Francia, na satanica energia combativa de um Solano Lopez, na tenebrosa paranoia fanatica de um Garcia Moreno, na engenhosa capacidade commercial de um Maximo Santos, de um Gusman Blanco e de um Porfirio Diaz, as influencias nativas da terra americana são vivamente irisadas pelos reflexos da moderna civilisação da Europa. O ex-presidente da Republica é uma majestosa figura isolada, personificando as colonias perdidas dos nossos compatriotas que ficaram insulados no sertão como reliquias das bandeiras. Na galeria dos presidentes elle representa a subita reacção da mentalidade dos que foram recalcados para o hinterland e cujo divorcio do Brasil praieiro se patenteia na inflexivel hostilidade do Snr. Arthur Bernardes a tudo que se identificou com a tradição do littoral. Transponha-se do recinto rude da sua egreja de barro tosco de Canudos a figura hieratica de um Antonio Conselheiro; submetta-se um desses caudilhos do sertão á disciplina morigeradora da pedagogia theologica do Caraça; e ter-se-á a repetição do ultimo quatrienio, sempre que o quizerem os manipuladores do trust politico nacional.

× × ×

Mas, nos tempos que correm, estas experiencias de archeologia psychologica no governo das nações não são desacompanhadas de perigos para povos detentores de um grande patrimonio de riqueza. Que o Snr. Washington Luis multiplique as suas estradas de rodagem, para que no dia em que algum futuro Lampeão do altiplano venha fazer pouso no casarão presidencial, possa fazer a viagem em automovel, trazendo já na alma algumas particulas do fermento corruptor da civilisação, que talvez lhe dissolva um pouco os bons costumes, mais que poupará á geração vindoura os encantos contestaveis da hospedagem nos cubiculos da Correcção e das villegiaturas no Oyapock.

Um dos aspectos mais interessantes e mais importantes da campanha travada em torno da estabilisação e que, entretanto, parece estar passando despercebido, é a nitida differenciação dos interesses de grupos economicos e sociaes que já se vão definindo na collectividade brasileira. Por trás da ansiedade quasi angustiosa pelos riscos que possa correr o bem estar geral, com a certeza adquirida por cada um valor permanente do numerário de que dispuzer, destaca-se a preoccupação dos que representam os interesses do capital circulante e que, entre nós, começam, como já acontece em paizes de evolução economica mais adeantada, a antagonisarem-se ao ponto de vista do productor e do trabalhador.

Tanto para os que produzem e que são os que têm responsabilidade na lavoura e nas industrias extractivas e manufactureiras, como para os que em troca do salario concorrem para a formação da riqueza, pelo seu trabalho intellectual ou material, o millesimo apocalyptico do cambio a 27 não apresenta maior valor pratico do que o dos muitos desses paraìsos com que os confortavelmente installados na terra procuraram sempre desviar para os céos as attenções perturbadoras dos seus irmãos menos favorecidos.

Quaesquer que sejam os defeitos do projecto de estabilisação cambial em discussão no Congresso e sem perder de vista os possiveis dissabores e inconvenientes que a transição de uma reforma monetaria para todos naturalmente póde acarretar, a vantagem da normalisação do instrumento das trocas será certamente sentida, em pouco tempo, pelas classe productoras. Uma das maravilhas que parecem justificar a concepção providencialista da vida brasileira e que pelo menos attesta as aptidões economicas da nossa gente é termos conseguido crear e accumular uma somma consideravel de riqueza sem possivel moeda digna de tal nome. Porque o que sob tal denominação tem corrido entre nós como mil réis, de moeda tem tido apenas o cunho falso, que não correspondeu nunca a uma realidade.

× ×

Desse regimen de fluctuações do valor do numerario nacional, que é responsavel pelas nossas crises economicas, pelos nossos panicos commerciaes e pelo chronico mal estar das classes que, com a intelligencia e com o braço, convertem em riqueza os recursos potenciaes da terra brasileira, têm apenas aproveitado e desejam continuar a aproveitar-se os que não fiam nem tecem, mas gosam do previlegio feudal do tributo de juro sobre o capital das industrias e sobre o trabalho.

Sem negar a inestimavel utilidade economica dos que se especialisam em supprir aos productores o capital de que são depositarios e sem contestar mesmo que as proprias formas de especulação desempenham uma funcção estimulante das actividades economicas, seria absurdo desconhecer que, na hierarchia dos valores, os interesses dessa natureza devem ser subalternisado aos da producção e do trabalho. A mais violenta hostilidade ao projecto de estabilisação do cambio, parte dos que com mais ou menos clareza presentem que a normalisação do valor da moeda vae restringir-lhes as possibilidades do alto juro, nas horas de crise e de panico, ou lhes vão fechar a porta ás opulencias orientaes da porta de Ali-Baba do jogo cambial.

Os respeitaveis banqueiros e financistas de além-mar que vêm pregar no Brasil as doutrinas economicas que os chefes das suas matrizes ha muito tempo lançaram á cesta dos papeis sujos, obedecem ao instincto muito humano que os leva a antecipar a saudade dos bons tempos em que a differença de cambio lhes engorgitava os lucros, quando se iniciar a éra prosaica em que o brasileiro saberá quanto vale o seu dinheiro na moeda dos paizes onde tem de fazer compras.

MEDITAÇÃO DO JARDIM ZOOLOGICO

O Jardim zoológico é um dos meus refugios predilectos nestes annos de guerra. A guerra fica lá fóra, com os homens que a pensam e a fazem. Pois, se algumas creaturas humanas vejo acaso pelos caminhos e atalhos d'este Jardim, teem todas ares muito pacificos, e, de resto, não me interessam.

Interessam-me os meus outros irmãos, segundo a bondosa e justa linguagem franciscana. Alguns terão sido guerreiros, ou continuariam a sel-o em ambiente de liberdade e lucta pela existencia; mas aqui o suave captiveiro, o ocio fidalgo, e a nutrição copiosa, os affeiçoaram ao culto e ao gôsto da paz.

Talvez a alguns pareça vulgar e quasi nauseante esta complacencia em louvar um tal estado, quando milhões de homens affrontam a morte, e soffrem inauditos horrores, lá, nas trincheiras, nos montes, nos mares. Mas isso é obra d'elles mesmos, ou de certo numero d'elles. Por que não buscar um diversivo — o esquecimento momentaneo — na sociedade dos animaes, e das plantas innocentes? O «heroismo», aliás, como attitude permanente, acaba por fatigar, a espaços, mesmo quando se limita, como no meu caso, á vehemencia ideal e sentimental, desajudada de qualquer acção physica. E até, de modo singular e surprehendente arrefece, por momentos, quando se medita que, a final, de todas essas calamidades monstruosas são culpados, em maior ou menor gráo, quasi todos os dirigentes da colossal e labyrínthica engrenagem, baptizada de civilização»...

Basta de «civilização» — por favor! uma horinha de pura natureza — que calmante, que tónico bemdicto! Bemdicta a sociedade amiga dos carvalhos serenos e pujantes, dos abetos salubres, das roseiras de hálito balsámico, flammejantes de púrpuras ou virginalmente niveas, das humildes menthas sylvestres — e dos gigantescos elephantes contemplativos e meigos, das antilopes e gazellas de femininos olhos tropicaes, dos camelos e dromedarios de perfis semitas e porte ondulante, dos leões maravilhosos, concentrados no seu tédio soberano, dos simios gaiatos, e dos ursos grotescamente melancólicos!...

Certo, não é isto a natureza pura.. A «civilização» interveio, escravizando estes seres, mas para tornal-os felizes. De alguns d'elles, sem a tutela das grades, eu não me fiaria, antes de um longo tirocinio de familiaridade recíproca; porém assim, a prudente distancia, são todos amigos; pelo menos, amigo lhes sou eu.

O meu recanto preferido é, entretanto, o pequeno lago. Se ha no mundo logar, onde se possa fugir á obsessão lancinante da guerra, é este, sem dúvida.

Doce tarde de incipiente primavera! luz branda, ar caricioso, dormentes fragrancias diffusas, diffusa paz!... Possivel que homens aos milhões se estejam trucidando, numa tarde tão bella?

O pequeno lago é um lago de idyllio, um lago de aquarella ou conto de Perrault. Não creio que nelle possa haver procellas, nem de mera scenographia. Os seus contornos são nitidamente traçados em moldura

de granito. O horizonte é qual convem aos seus íncolas: limitado e tranquillizador. E para a noite, para os dias de máo tempo, não faltam abrigos bem cobertos. A «civilisação» timbra em desvelos maternaes para com estes volateis.

De um tremor prateado o sol cadente achamalota as aguas verdes. Frescas verduras se diversificam em tôrno. Pinheiros quasi negros relembram, sem nostalgia, rigores de climas septentrionaes, lado a lado com palmeiras bronzeadas, oriundas da Africa ou da América, docilmente europeizada. Myrtos, de que se teciam grinaldas na Grecia homérica e anacreóntica, formam aqui sebes maciças, como baixos muros; e as corollas alvas, redolentes, vicejam sem que mão delicada as colha, desatam-se ignoradas na poeira do caminho, onde as patas dos palmípedes as revolvem; a mesma obscura sorte cabe aos cachos brancos, fofos, sensualmente aromaes, da acacia vizinha, quando cáem da altura que os protege. Como reflectindo essas vagas melancolias fraternas, e as suas proprias, curvam os salgueiros sôbre o lago as longas, pállidas comas elegíacas. Mas, ao longe, os choupos juvenis e esbeltos, nervosos e briosos, fazem vibrar ao sol e á brisa todas as suas folhas minúsculas e innumeras, celebrando as laudes da vida, que lhes é, toda, uma linda festa. E, junto de mim, uma ameioeira toda vestida de flores maravilhosamente carmineas pede para a sua belleza o último beijo da luz, ao céo, que já começa a desmaiar numa languidez perlacea.

No lago, nas margens relvosas, sôbre as pontes de madeira, flanam isolados ou em grupos os afortunados hóspedes da providencia municipal. Ressuma dos seus aspectos, das suas posturas, absoluta despreoccupação do proprio destino. São todos elles bem nutridos, de carnes nedias, e lustrosa plumagem. Não lhes cumpre cansar-se em longas marchas, nem esgaravatar o solo com bicos frenéticos, para cavar o cibato magro; que lautos pastos lhe são pontualmente servidos pelos guardas agaloados do Jardim. E embora constituam authéntica sociedade internacional, vinda de pontos distantes do globo, professam o mais evoluido cosmopolitismo pacifista. Ausente fica o principal estimulo da guerra, que é a fome; por que os animaes não fingem ter fome quando impam de fartos, como acontece, não raro, aos homens e aos estados.

Si isto não é uma orla do paraíso terrestre, que o anjo de Jehovah se esqueceu de trancar no dia em que baniu Adão e Eva, muito me engano. Considerada d'aqui, a guerra é uma fábula, uma invenção de jornalistas...

Patos, marrecos e gansos, concretizam nas suas figuras (algo estúpidas, confesso) uma expressão de pacifismo imperturbavel; e aqui os ha de diversíssimas especies. Microcéphalos, de olhinhos baços, de movimentos canhestros, alternando o balanço das cabecinhas idiotas entre a busca do alimento no chão, e o gesto dos surdos que percebem vagamente uma pergunta, causam a impressão de que só vivem para comer... Os gastrónomos ajuntarão que, ainda mais, para serem comidos, gordos e appetitosos como são, de veras. Porém estes, cabedal de collecção zoológica, estão exemptos do perigo de acabarem numa panella...

São os cysnes seus próximos parentes. E, todavia, taes as differenças na mesma familia (ornithólogica ou humana), aureola-os o prestígio da belleza, do ideal. Symbolizam a poesia; rivalizam, na fama, poetas alados, com os rouxinoes, com os condores. «O canto do cysne» é uma lenda; mas as lendas constituem o mais caro thesouro da arte. Não sei o que elles diriam d'isso tudo, se pudessem entender e fallar; mas, sem dúvida, pela nobreza das fórmas, pela majestade serena dos movimentos, são dignos das imagens que suggerem. Vel-os, neste declinio de tarde primaveril, nimbados de luz evanescente e lactea, vogar plácidamente nas plácidas aguas, é uma das sensações mais deliciosas, e mais sedativas, que se possam conceber. Representam a felicidade na eurythmia, a graça perfeita inaccessivel á ira, á inquietude, a todo impulso de paixão. E a minha alma, de tantas mil agitações agitada, sente-se venturosa em

ir com os meus olhos seguindo docilmente o rythmo das suas brancuras immaculadas sôbre o verde espelho do lago. Elles vão aos pares, machos e femeas, *dall'amor portati,* como as pombas de Dante; amor não só conjugal, mas paterno e materno tambem, pois acompanham cada casal cinco ou seis filhotes pequeninos, futuros poetas lyricos. Ha, ainda, um par de cysnes pretos, que devem ser, presumo, poetas elegíacos, ultra-românticos; mas são bellos egualmente, e teem a nota do raro, que dá valor especial aos diamantes negros...

E não são bellos, não são elegantissimos, aquelles flammingos, semelhando rosas semoventes, que tivessem cada qual duas hastes em vez de uma só? Quando abrem e batem as asas purpurinas, o ar parece inflammar-se de repente; mas elles não percebem o incendio que provocam; são como as moças coquetas, ou as mulheres fataes, que ateiam paixões devoradoras permanecendo numa temperatura polar. Vão caminhando a passos medidos, estudados, e curvam de quando em quando para a terra os esguios pescoços desdenhosos. Dir-se-hia um gesto de mera galanteria; mas na realidade o é de «cavação». D'esses flammingos aristocráticos se cuidaria que vivem do ar; comem tanto como os irmãos e os primos. E até neste detalhe se parecem ás donzellas e damas que lembrei; creaturas ethereas, immateriaes!... para os adoradores ingenuos. Cumpre frequental-as intimamente, para constatar de que sólidas e succulentas materialidades se nutrem essas nobres siluetas de névoa colorida; com que sôfregos appetites, com que exigencias e extravagancias mórbidas fazem ellas pensar na *femme, enfant malade, et douze fois impure,* do desabusado Vigny...

Salve-me d'estas reflexões espurias, que momentaneamente se insinuaram no meu estado de alma todo bucólico e optimista, a meditante dignidade das sympáthicas e benéficas cegonhas. (Reflexões espurias, digo, por que contrariam a vontade «programmtica» de admirativo e enternecido reconhecimento, com que entrei aqui). «Quero» extasiar-me na companhia pacífica e pacificante d'essas amaveis cegonhas, dos faisões dourados e prateados, modestos na sua fascinadora belleza, do pavão rutilante de gemmas como um maharadjah hindú, e vaidoso, talvez, mas tão justificadamente, e, de resto, tão inoffensivamente vaidoso, e tão familiar, que vem bicar nas palmas das minhas mãos os amendoins que lhe offereço, em quanto outro pavão, todo de neve esse, ostenta aos ultimos raios do sol a plumagem immaculada, no tope de uma cabana. E tu, augusto ibis egypcio, chega-te a mim, conta-me as doutrinas dos sacerdotes lettrados da tua pátria, e os amores gloriosos dos Pharaós...

Uma ronda festiva de andorinhas resvala pelas copas das árvores com tão impetuosa rapidez, que os seus corpinhos em fila, muito unidos, parecem formar uma extensa fita convexa. Logo invadem ellas o céo, num alarido de júbilo delirante. Pombas aos pares, alvas, cinzentas, acastanhadas, violaceas, se transportam, em vôo mais baixo e lento, de um ramo para outro, ou pousam quietas, já com um quebranto de somnolencia, á beira dos pombaes. De cada maciço de folhagem, se expande um côro de gorgeios, ricos de melodias, e tão denso, quasi entontecedor; é a «oração da tarde», que os passarinhos de innúmeras especies, meninos bem educados e correctos, modulam devotamente antes de... recolherem a dormir...

Lá, longe, umas resteas de sol cadente se enrolam nas pennas frisadas das avestruzes, se cruzam com as listras brancas e pretas das esbeltas, bem torneadas zebras...

Oh! paz de tudo! profunda e immensa paz!... tanta paz, que, contemplando esses seres todos, as suas fórmas, os seus movimentos na paisagem, me occorreu a extranha impressão de ser tudo um mecanismo... um mirírico e portentoso mecanismo, simelhante áquelles brinquedos de luxo, nos quaes, de modo quase idéntico, muitas e variadas figuras executam determinados gestos obedecendo a certas mollas escondidas.

E então me assaltou, de súbito, a interrogação ansiosa, terrivel, que tantas vezes, deante dos mais diversos phenómenos da na-

tureza physica e da natureza moral, me tem empolgado irresistivelmente o espirito: — Que significa tudo isto? que significa este idyllio de paz, este sorriso angélico das cousas, no momento mesmo em que milhões e milhões de homens se estão entrematando com atrocidade infernal? quaes as finalidades — não as finalidades convencionaes, mais ou menos rhetóricas — mas as verdadeiras, as intrinsecas, d'estas e das outras innúmeras manifestações da vida?

Além, além, nas trincheiras, nas fortalezas, nas cidades, no mar, e no ar, milhões e milhões de homens se estão entrematando com atrocidade infernal... Ah! tu te rasgas, neste instante, a meus olhos, véo de Maya, irisado, cambiante, sumptuoso véo de Maya! Ah! não é só nas zonas de guerra que se faz a guerra; não é só lá que se commettem crueldades horrendas. Aqui, aqui mesmo, sob as apparencias de aristocrática serenidade, com que me brindam estes volateis subtrahidos por um artificio gentil ás agruras e ás baixezas da lucta pela existencia, aqui mesmo, quantos occultos dramas de sangue, de violencia, de trahição, se vão tramando e desenlaçando entre os seres infinitamente pequenos, que escapam á classificação e á providencia scientificas do Jardim zoológico?

Basta considerar nos costumes dos insectos. O grande Fabre, com rigoroso méthodo de sabio, com intuição e vibrante estylo de poeta, nos revelou os entranhados instinctos de hypocrisia, ferocidade, e rapina, que se escondem muitas vezes em corpinhos quasi invisiveis, mas superiormente organizados. Mostrou a «mantha religiosa», chamada entre nós «louva a Deus», mostrou essa falsa beata, embiocada e de mãos postas como quem reza, a erguer-se de chofre agressiva, formidavel, figura, a um tempo, de bandido e fantasma, paralysando pelo terror a víctima cubiçada pela sua fome, que não perdôa; mostrou-a devorando macabramente o espôso após ou ainda durante a união sexual; e descreveu a precisão anatómica, digna de um professor da faculdade, com que o sphex crava o seu aguilhão nos centros nervosos do pobre grillo ou da ephippígera. Maeterlinck relevou, com a mágica penna que traçara «Peleas e Melisande», as tragédias em que se baseia a aurea actividade das abelhas, taes como o «vôo nupcial» e a «matança dos machos». E o eminente naturalista suisso Augusto Forel, autor de uma obra monumental sôbre as formigas (de cuja laboriosa «honestidade» já Fabre destruira a lenda, forjada por La Fontaine em prejuizo da innocente cigarra) refere, entre outros casos edificantes, o de um grupo d'essas senhoras devorando numa só noite o corpo enorme de um leopardo; ao amanhecer, apenas o esqueleto restava da fera grande, pasto das pequenas feras...

E no fundo do mar? Lembram-me visitas minhas ao aquario de Nápoles, que é o mais completo do mundo. Lá, nas bacias transparentes que resumem a existencia dos íncolas das mysteriosas regiões oceánicas, eu escutava longamente os peixes, de diversíssimas familias, que nadavam, subindo e descendo sem pausa, na massa líquida, diáphana, compenetrada pela doce luz diffusa, vinda das amplas claraboias. Mais mecánicos ainda que os d'estes volateis, antes absolutamente machinaes, me pareciam nos seus movimentos o *labrax lupus,* a *corvina nigra,* o *balistes capriscus,* a *trigla corax,* o *seranus gigas,* e os seus varios companheiros de artificial convivencia. Embora muitos houvesse admiraveis pela elegancia das linhas, e pelo rutilante ou mimosíssimo colorido das escamas, quasi todos me davam a impressão de uma completa estupidez, de uma passividade obtusa e fatalista... por que a tal estado os reduzira a situação privilegiada de pensionistas do aquario. E para distrahir-me d'aquella oppressiva monotonia, admirava, enlevado, os arbustos de coral rubro, roseo, ou branco, tão graciosos no seu feitio nativo, como, depois, transformados em collares, pulseiras, e brincos, para ornato de lindas mulheres; espannejava a vista nos minúsculos hortos, onde, com matizes de uma delicadeza encantadora, cresciam os *spirographes Spallanzani* como microscópicas palmeiras, as *hydroides uncinatae,* como maciços do

buxo, as *antipathes larices,* as *antenullariae antenninae,* as *aglaopheniae myriophyllium,* como subtilíssimas hastes de avenca ou samambaia, e as *tubulariae larynae,* como plantas florescentes de margaridas e dhalias. Esses pseudo-vegetaes, animaes na realidade, ao passo que interessavam a nossa curiosidade pelo caprichoso garbo da sua estructura, provavam simultaneamente como a natureza desnorteia não raro pela originalidade dos seus criterios plásticos as nossas ideas preconcebidas.

Depois, era a leveza imponderavel, era a inverosimil graça dos siphonóphoros e dos cnetóphoros; a *velella spirans,* vogando e irisando-se como uma pedra lunar ou uma opala, a *physophora hydrostatica,* vibrando docemente, suspensa nas aguas, como chocalho de guisos microscópicos cosidos a finissimos fios de seda, a *callianira bialata,* dupla *aigrette* maravilhosa, que a mais de uma gentil dona agradaria fixar nos proprios cabellos, e o *cestus Veneris,* a «cintura de Aphrodite», longa fita talhada, bordada, e debruada com esmero, já azulina, já verde, ora rosea, ora violeta, digna, pela sua luxuosa elegancia, de premer os flancos alabastrinos da deusa nascida entre as espumas do Egeu... si, muito provavelmente, o seu contacto cáustico não affligisse com pruridos e empôlas a delicadissima cutis da mãe de Eros...

Pois a nenhum d'esses organismos, grandes ou pequenos, nem ás asterias, aos molluscos, nem aos crustaceos, faltam instrumentos de defesa e de agressão, sejam agudas lancetas, sejam ganchos recurvos, ou ferreas tenazes, ou liquidos corrosivos e asphyxiantes. Si aquellas bacias do aquario offerecem aos espectadores a mesma harmonia idyllica d'este lago, é por que, como os d'aqui, vivem fartos os moradores d'ellas, e por que a prudencia dos que dirigem a interessante collecção distribue as especies inimigas por separados recintos. Mas se d'elles ficam excluidos os dramas que se passam — tanto mais tremendos por que silenciosos — no fundo do oceano, basta uma sardinha apresentada na ponta de um barbante á voracidade do polvo, para que esse monstro dê de si proprio a mais atroz e repugnante exhibição, fazendo imaginar o terror de uma equipagem proditoriamente agredida por um d'aquelles exemplares gigantescos, fantásticos, cujos tentáculos munidos de potentes ventosas, medem dez metros e mais. Parente próxima d'esse bandido, a sepia toma a côr da areia e das rochas sôbre que se extende, para passar despercebida a eventuaes perseguidores; perseguida ou perseguidora ella mesma, com um jacto de tinta, que guarda numa vesicula, turva ella as aguas, tornando-se invisivel, e apavorando o inimigo mais forte, ou a víctima designada. Uma paixão predominante a reduz, porém, a inerme presa para os que intentem captal-a. Essa especie é tão libidinosa, que os pescadores do golfo parthenopeu, habeis em distinguir os sexos, costumam atar por um cordel á pôpa do barco uma femea; dezenas de machos se lhe precipitam logo no encalço, e, como succede não raro aos homens, encontram a ruina e a morte onde já prelibavam as delicias do amor...

Assim, lá como aqui, aqui como lá, o temeroso problema das finalidades a empolgar-me o espirito...

Finalidades? Aqui está uma, não sei de que alcance; mas, certamente, não perderei o meu tempo observando-a. Dois novos hóspedes d'este Jardim zoológico entram em scena na margem relvosa do lago, como se mysterioso contraregra abrisse um bastidor á direita, outro á esquerda, e introduzisse no palco os dois actores, consoante a respectiva didascalia.

Um d'elles é um velho marabú — os marabús todos nascem velhos, de maneira e gostos — que, com a cabeça calva, ponteaguda, tristonha, entalada entre os hombros magros, o bico rombudo quasi espetado no peito, o andamento cauto, vagaroso, o porte compassado, grave, gravíssimo, parece um professor de mathemáticas ou de metaphysica, mettido o torso ético num fraque preto desmodado, enfiadas as compridas pernas num par de calças brancas das que se usavam ha trinta annos. O ingresso lento e solenne d'este professor pro-

duz uma pausa de extranho constrangimento entre os volateis despreoccupados, e espalha pelo ar límpido uma bafienta e rançosa melancolia universitaria...

Eis que, na outra banda da margem, alfombrada de lustrosa grama, surge, em súbito, impressionante contraste, a mais esbelta, a mais travêssa, a mais picante, a mais coqueta, a mais deliciosa dansarina, que ainda pisou taboleiro de relva á guisa de tablado de café concêrto. É uma grou japoneza, uma artista de talento, que se impõe ás plateas mais difficeis, uma rapariga namoradeira e seductora, uma diabinha capaz, acredita ella, e presumo eu, de embriagar num delirio, não sómente cabecinhas esturdias de gallos e periquitos, mas a cabeça veneranda do mais sisudo, austero, e ascético marabú d'este mundo.

Impossivel imaginar, quanto mais descrever, as fórmas venustas, a *toilette* chic, os movimentos colubrinos, os gestos provocantes e lascivos, a envolvente e captivante magia, os ardis e recursos todos d'esta prodigiosa dansarina. Não dansarina de typo clássico, toda mesuras e piruetas. Dansarina internacional, cosmopolita, apta para alternar, com desenvoltura e velocidade extraordinarias, a tarantella napolitana e a czarda húngara, o cancan parisiense e a russkaia moscovita, o miudinho brasileiro e o tango argentino, a fota aragonesa e a zamacueca do Chile, a rince-fada irlandeza e as voluptuosas ondulações das alméas saracenas. Talvez a minha fantasia de poeta tenha collaborado neste catálogo; mas, fóra de todo exagero, a grou japonesa dansava variadas e pittorescas dansas...

Todos os volateis reunidos em volta constituiam um «publico», não sei se muito sympáthico, mas, sem dúvida, attentíssimo áquellas evoluções maravilhosas das asas que agitavam o ar, e reflectiam os cambiantes da luz attrahindo por fôrça todos os olhares. Mas a brilhantíssima artista era indifferente ás homenagens dos patos, dos marrecos, dos gansos, dos cysnes, dos faisões, dos pavões, e do ibis. Ella dansava, ella punha em obra todos os seus meios de seducção, únicamente para interessar, para conquistar, para enlouquecer o velho marabú.

Perversidade cocottesca? aberração hystérica? simples capricho de *enfant gâtée?* Mas o velho marabú estava á prova do fogo. Amara, por ventura, sem esperança, ou víctima de atroz desengano, na sua já remota e sempre dubia mocidade? e concebera, por isso, medo ás mulheres, perigosas todas, e decepcionantes, a seu ver, em todas as especies zoológicas? ou o culto da sciencia, o hábito de absorver-se na meditação diurna e nocturna das verdades eternas, o tinham tornado insensivel aos appellos da paixão, e aos alliciamentos da belleza? O certo é que elle se portou deante da alada Thaïs, como um eremita da Thebaida em presença da formosa nudez de uma cortesã real, ou do entrelaçamento orgíaco de venustos corpos femininos, forjado pelo maligno nos portentos da hallucinação... A grou japonesa dansou, dansou, dansou, estreitando mais e mais em redor d'elle os circulos tentadores das suas dansas; dansou, dansou, dansou, até cahir exhausta. O velho marabú nem uma só vez ergueu para ella a cabeça calva, ponteaguda, tristonha, entalada entre os hombros magros...

E eu, espectador frivolíssimo, votei convencido pela alegre Loucura contra a tediosa e intratavel Sabedoria!

Já, rápido, descia o crepúsculo sôbre o lago e o arvoredo circumstante. Approximava-se a noite. Como os outros hóspedes d'aquelle Eden de paz, a grou japonesa e o velho marabú cediam aos convites do somno. Olhei em roda, e não os vi mais. Eliminada ficava assim a finalidade speciosa e ephémera, que elles encarnavam... Não muito diversamente do que succede, quando um grande homem, um pujante organismo politico, um systema colossal de ideas e sentimentos abandonam o scenario do mundo. Não passa o mais leve frémito pela epiderme da natureza, e muito menos se altera qualquer detalhe da ordem cósmica; nem uma nuvem muda de rumo no céo...

Agonisante a luz já agora, vinham os flúidos crepes mysteriosos da noite envol-

vendo os bosques, as sebes, e até os mais pequenos arbustos do parque. A sociedade dos volateis se dispersara. Sumira-se a scenographia, ou tomara differente aspecto, como palco abandonado após o espectáculo.

Encaminhando-me para a sahida da histórica villa, eu ouvia na treva crescente os berros, guinchos, ganidos, uivos, lamentos de muitos dos animaes prisioneiros. Laceravam o ar com dolente obstinação os gritos estridentes das aguias e dos gypaetos. Os grandes felinos, nas suas jaulas de ferro, impregnadas de acres emanações, longamente e pujantemente rugiam, e não se discernia bem si do furor nativo, ou da desalentada nostalgia, jorravam aquelles bramidos dos seus peitos selvagens. Ululavam lobos em roucos clamores, hyenas e chacaes em agudos soluços.

D'esse coro dissonante, exótico — vário nas suas gammas, porém um no sentimento fundamental que ia exhalando — um pêso indizivel, intoleravel, de piedade e tristeza vinha condensar-se-me no coração.

Ah! era a noite que abria áquelles pobres, míseros seres, como a nós, peregrinos «neste valle de lágrimas», as portas fascinantes, e os illimitados reinos maravilhosos do sonho... Na claridade e entre as distracções cambiantes do dia, pareciam elles, suppunham-se acaso, contentes da propria sorte. Agora, a phenomenologia visivel e versatil se furtava a seus olhos, immergindo na treva. E a imaginação, que nelles vive e age como em nós, reivindica os seus direitos.

Elles reevocavam, sem dúvida, nas suggestivas miragens do lusco-fusco, segundo as várias especies, os candentes areaes e as junglas impenetraveis da África, as geleiras do polo offuscantes de alvura na fosca atmosphera cinzenta, os vastos rios e as cachoeiras symphoniaes, as ciladas, as caças, as pelejas aventurosas... toda aquella existencia primitiva, que não tinha a segurança passiva e a tranquillidade monótona da do Jardim zoológico, que era tessida de incertezas, de luctas, de perigos, mas lhes garantia os dous thesouros supremos da pátria e da liberdade!

Assim, nelles como em nós, em nós como nelles, o labor mecánico dos orgams, o estímulo da fome, e o não menos imperioso instincto da reproducção, asseguran-do contentamento profundo, mas precario, quando satisfeitos, desencadeando rivalidades, odios, rixas, tragedias, quando contrariados nas suas tendencias. E, colorindo, adornando essas ferreas necessidades fundamentaes, alliciando a fantasia, exaltando o sentimento, engendrando o ideal, a poesia, a illusão — eis que surgem, eis que em innúmeras tramas se combinam, os sonhos — rudimentares em animaes ainda inferiores, mais complexos e vibrantes á medida que se vai subindo na escala zoológica, variados, fecundos, prodigiosos em nós, e capazes de crear as obras de arte, as vastas architecturas philosóphicas, as deslumbrantes utopias sociaes.

Ha nesses sonhos, por vezes, um encantamento de redempção e de felicidade... porém elles raramente resistem á pressão d'aquellas necessidades brutaes; antes, então, d'ellas se fazem agentes zelosos, com o seu poder de engrandecimento intensificando-lhes o fervor, e augmentando-lhes as projecções. De modo que muitos negros delictos, muitos requintes de perfidia e ferocidade, que deshonram a natureza a nossos olhos, são frutos longamente cultivados e amadurecidos na mágica selva dos sonhos...

Poderia alguem, collocado num ponto central do universo, vendo e ouvindo tudo o que no descommunal theatro acontece, dizer que as maravilhas do cosmos compensam os revoltantes e monstruosos horrores, que são a base essencialissima da vida mesma? Tivesse, embora, a alma de um Nero, ou de um tyrannete da Renascença, creio que não supportaria por cinco minutos o formidavel espectáculo...

Oh! meu querido São Francisco de Assis! tu sabes si eu ternamente te prezo e venero, e com que emoção fraterna leio releio o teu sublime «Cántico das creaturas»... Mas algumas vezes, de súbito, me tem occorrido a cruel idea de que um poeta sacrílego, nihilista, poderia forjar impressionante parodia d'esse divino poema. Po-

deria dizer muitas cousas amargas sôbre essa irmã agua, «humilde e util, preciosa e casta», que, como tu, meu doce amigo, nos meus versos eu tenho celebrado; e sôbre esse irmão fogo, «jocundo, robustissimo e forte», que me alegra as pupillas, que generoso me aquece nas veias o sangue, pelas aspérrimas noitadas invernaes... Poderia mostrar o fogo nos incendios devorando casas, matando gente, nos vulcões destruindo o trabalho humano em regiões inteiras, carbonizando milhares de víctimas... a agua nas inundações submergindo campos e aldeias, no oceano engulindo navios e viajantes, nos pántanos gerando miasmas traiçoeiros e mortiferos... Poderia ajuntar muitas glosas ainda, e concluir, com Heine, ou com Varella:

«Oh! mundo encantador, tu és medonho!»

Tu, nobre optimista, paladino da caridade universal, no crisol da renúncia e do amor queimaste as impurezas todas da realidade; tu, por um milagre de idealismo, chegaste á ignorancia ou á negação do mal, á affirmação exclusiva e triumphante do bem. Mas quantas ha, na terra, almas capazes de uma tal elevação, de uma tal abstracção no êxtase que transfigura tudo?

Muitos, em verdade, proferem o elogio incondicional da existencia, sempre que os seus pequenos negocios lhes correm a contento. Alguns, porém, repetem apenas uma lição decorada; e em outros o optimismo é simplesmente incapacidade de pensar, ou insensibilidade egoística, ou crueldade inconsciente. Aquelles que, ao contrário, escrutam o fundo das cousas, confrontando os detalhes e o conjuncto, estremecem de pavor deante da absoluta indifferença com que a natureza creia, protege, apparelha para a plenitude da acção o bello e o horrivel, o organismo fadado (segundo os nossos criterios) a providencial tarefa, e o destinado a sós empresas criminosas. Espléndida é a veste sérica e perfumada do lírio; são deslumbrantes a púrpura da maçã, o ouro da laranja, e o do trigo. Mas não menos delicados, e artisticamente brunidos, os dentes da cascavel, e as patas de velludo fulvo em que o tigre esconde as agudas garras.

Segundo os nossos criterios... Mas com que outros criterios havemos de julgar o mundo e as suas leis? que obrigação nos cabe, ou, ainda, que possibilidade nos resta, de assimilar uma philosophia alheia á nossa relatividade no universo? Reconhecemos que elle é o que é, e não o que nós quiséramos que fosse; mera constatação, que não chega a ser philosophia. Reconhecemos a somma colossal de fôrças que elle revela, e de que não somos autores, nem, de qualquer maneira, responsaveis. Mas, como aquilatar a bondade da vida, si não com os elementos, os conceitos da nossa propria bondade? ou como, por outro lado, desarraigar do nosso espirito o problema do bem e do mal, que o atormenta — demasiado insistente para ser pura abusão — desde os infimos estadios da selvageria aos ápices da cultura intellectual mais requintada?

Esse problema aterrador, e eternamente insoluvel pelos meios humanos, eu, pelo menos, não sei afastal-o, sorrindo, do meu caminho... tanto mais que, se elle é temeroso na natureza physica, cresce em potencia, illimitadamente, a sua pressão, na natureza moral, na histórica... Neste momento trágico entre todos para a humanidade, eu me pergunto: os portentos da sciencia, da indústria, da arte, os laureis do que nós chamamos «civilização», em summa, os progressos rápidos, vertiginosos, das conquistas materiaes, em contraste com os progressos lentos, quasi imperceptiveis (si é que os ha), das conquistas moraes, compensam, por ventura, além de outras mil perversidades e infamias, de cada dia, de cada momento, os horrores d'esta guerra, e as suas consequencias futuras? Não — responde a consciencia, com inabalavel firmeza.

E então? a suprema belleza do universo? o rythmo frenético das catástrophes relevando a monótona regularidade da luz e das trevas, das phases lunares, das quatro estações?...

Felizes aquelles — e na immensa legião se contam altíssimos intellectos — felizes aquelles que encontraram a paz, imperturbavel para sempre, na synthese fornecida pela fé. Com blocos graniticos, e a mais sólida argamassa, elles construiram, baluarte, templo, lar, o proprio mundo «noumênico». Ahi, de accôrdo com as categorias de uma doutrina gloriosa por muitos séculos de dominio, as innúmeras possibilidades estão todas previstas e explicadas; os conceitos, os factos, que as contrariem, são, necessariamente, falsos, ou mal entendidos.

Outros trancaram os áditos dos seus cérebros á obsessão das finalidades, e decretaram o destronamento da metaphysica. «A vida é fim de si mesma — dizem — e esta solução nos basta».

Por mim, não creio que lhes baste sempre. Não se bane do espirito com fórmulas de arbitrario pragmatismo a ansiosa curiosidade nelle profundamente impressa por um atavismo de millennios...

Si em mim a fé não é sempre tão robusta e integra como nos primeiros, mais longe ainda me sinto d'estes últimos. A indifferença pelas nossas origens, pelo nosso destino, me parece o mais antiphilosóphico e absurdo dos programmas.

Quando, deixado o Jardim zoológico, me achei na estrada larga, orlada e coberta por frondosos plátanos, e carvalhos antiquíssimos, já a noite descera de todo. Nem uma folha ciciava no ar immovel; mas, ao passar pelos cantos onde a escuridão era mais negra, eu ia ouvindo os murmurios frementes e cálidos dos pares de amantes, que pousavam ou caminhavam, estreitamente abraçados. Não eram elles, por certo, que se preoccupavam com as finalidades recónditas da vida, elles, delirantemente possuidos pela finalidade suprema do amor, e obedientes sem o perceberem á suprema lei da existencia, que quer a propria perpetuação intérmina, que a impõe a todos os seres pelo magnetismo irresistivel da paixão e da volupia.

Em um ponto da estrada, havia uma aberta entre as copas das árvores; e através d'ella eu vi o firmamento coalhado de estrellas. Resoaram-se na memoria as palavras solennes de Pascal: *Le silence des espaces étoilés m'effraie*. Sim; lá em cima, tudo era siléncio; mysterioso, insondavel, eterno siléncio, respondendo, elle só, nessa noite e sempre, aos olhares, ás interrogações, ás preces, que os homens dirigem, com instinctivo gesto millennario, para o céo...

Abandonado do céo nessa hora, abandonado da pia reverencia hereditaria, que me governa os mais íntimos pensamentos e impulsos, a aridez da minha alma se traduziu na ironia. Sob a influéncia das scenas a que assistira pouco antes, perguntei-me sorrindo: Não serão as estrêllas outras tantas grous japonezas, dansando sem treguas em tôrno de um velho marabú imperturbavel e invisivel? pittoresca versão da famosa harmonia das espheras!... Ou lá tambem, nellas e por entre ellas, estrugem perpetuos, trágicos lamentos, similhantes aos das feras prisioneiras — e nós é que os não ouvimos?...

Assim eu me desabafava, quasi blásphemo. Mas a minha consciencia não estava tranquilla, e o meu coração soffria...

(De Cor cruciatum).

Roma. Primavera de 1918.

CARLOS MAGALHÃES DE AZEREDO.

HISTORIA PATRIA

La vae uma barquinha carregada de
Aventureiros

Lá vae uma barquinha carregada de
Bachareis

Lá vae uma barquinha carregada de
Cruzes de Christo

La vae uma barquinha carregada de
Donatarios

La vae uma barquinha carregada de
Espanhoes...

Paga prenda
Prenda os espanhóes!

La vae uma barquinha carregada de
Flibusteiros

La vae uma barquinha carregada de
Governadores

La vae uma barquinha carregada de
Hollandeses

La vem uma barquinha cheinha
de indios

Outra de degradados
Outra de pau de tinta

Até que o mar inteiro
Se coalhou de transatlanticos
E as barquinhas ficaram
Jogando prendas coa raça misturada
No littoral azul do meu Brasil

OSWALD ANDRADE.

INFANCIA

Meu pae montava a cavalo, ia pro campo.
Minha mãe ficava sentada cosendo.
Meu irmão pequeno dormia.
Eu sózinho menino entre mangueiras
lia a historia do Robinson Crusoé,
comprida historia que não acaba mais.

No meio dia branco de luz uma voz que aprendeu
a uivar nos longes da senzala
e nunca se esqueceu
chamava pro café.
Café preto que nem a preta velha
café gostoso
café-bom.

Minha mãe ficava sentada cosendo
olhando pra mim
—Pssiu... não acorda o menino...
pro berço onde pousou um mosquito.
Dava um suspiro... que fundo!

Lá longe, meu pae campeava
no mato sem fim da fazenda.

E eu não sabia que minha historia
era mais bonita que a do Robinson Crusoé.

CARLOS DRUMMOND ANDRADE.

ANTONIO JOSÉ DA SILVA E A INQUISIÇÃO

II

Devia ser João Mendes da Silva sujeito abastado, na sua classe, e as relações de amizade e parentesco com gente de negocio e senhores de engenho certamente lhe trariam produtiva clientela ao escritorio de advogado. Tratava-se á lei dos ricaços da terra, com escravatura numerosa. Em casa doze negros e negrinhos, crioulos e mulatos, de um e outro sexo, faziam o serviço e constituiam uma riqueza ambulante. Perto da cidade, e anexo ao engenho de um cunhado, possuia uma plantação de cana, em que mais oito escravos trabalhavam. A livraria, não insignificante para vivenda colonal, compunha-se de 250 volumes, 150 e tantos de Direito, e o resto de historias e curiosidades, segundo êle classificava.

O processo é documento elucidativo do modo como no Santo Oficio procediam os acusados. Contra João Mendes depuseram, a mais de Catarina Brandão, dezenove socios na desgraça, presos da sua mesma turma ou das antecedentes; contra Lourenço Coutinho, Catarina Brandão como sempre, e mais vinte e nove. Os dois por seu turno ripostaram, o marido accusando a 124 pessoas, a mulher a 36. Cada um dêles informou sobre o outro, e ambos nomearam a irmãos, cunhados, primos e amigos. Ela se disse iniciada pelo pai defunto; êle apontou como instrumento de sua apostasia, quando era estudante, um primo, igualmente falecido; e não se descuidou de mencionar entre os da sua fé: a sogra, Brites Cardoso, viuva, que a filha tambem não poupou.

Mas não só este casal deu provas de sua pusilamidade pronunciando acusações sem fim. De processo a processo ricochetavam as cumplicidades e outras novas irrompiam. Em abundancia tal que em certo momento os juizes, posto que sempre ávidos de mais inculpações, sentiram duvidas, e mandaram inquerir no Rio, pelo Commissario do Santo Officio, se as testemunhas eram pessoas em cuja veracidade podia crêr-se.

Deu-se isto com Manoel do Valle da Silveira, e outros presos da turma anterior á de João Mendes, penitenciados no auto de 1713. Nenhum porém tanto prodigalizou as delações como o pae de Antonio José. Bem se concebe que recordar 124 nomes de amigos e conhecidos, em occasião perigosa, não é facil esforço de memoria; tanto mais que a isso accrescentava, com maior ou menor precisão, as circumstancias de tempo e lugar. Afortunadamente para muitos dos incriminados não lhes sobrevieram mais accusações, pelo que não tiveram de experimentar a sorte mofina do seu denunciante. Este, que na primeira parte do processo, fiado na qualidade de christão velho, que alegava, offereceu resitencia, conservando-se negativo, adeante, quando veiu o promotor com o libello, sentiu-se perdido. Ahi fraquejou; acceitou a costella judaica, de que os Inquisidores não duvidavam, confessou de si, e em duas sessões de perguntas implicou o numero consideravel de pessoas que vimos.

A tibieza dos accusados, que os incapacitava de resistirem ás insinuações para que nomeassem cumplices; a docilidade com que convinham nas culpas, tornaram desta vez lesta a justiça da Inquisição, de ordinario, tropega, e permittiram aos julgadores, em só oito mezes, adeantar os feitos, interrogar, admoestar, atormentar e conduzir ao auto da fé uma leva, excepcionalmente numerosa, de presos do Brasil.

Aos 9 de Julho de 1713, de ante-manhã, tornaram a ver-se uns aos outros parentes, amigos, conhecidos da mesma terra, separadas desde a entrada para os carceres em Lisbôa, e, sendo membros da mesma familia, desde a prisão no Rio. Lá iam na procissão lugubre João Mendes da Silva e os irmãos, — André, escrivão do Registo do ouro, Bernardo que vivia de suas rendas, Luiz, capitão de Ordenanças; as irmãs, Aura, Apolonia e Josepha; a mulher Lourença Coutinho, a sogra Brites Cardoso, e os Coutinhos seus cunhados, — Diogo, medico, Manuel, sem officio, Francisco, Isabel, Branca, esta ultima com o marido, Ignacio Cardoso de Azevedo, da mesma profissão de João Mendes, além de outros, parentes afastados, por sangue ou alliança. Alguns da familia, que faltavam ao concurso, já se tinham exhibido no auto antecedente, em Julho de

1711. Setenta e quatro pessoas, vindas do Rio de Janeiro, caminhavam no prestito. Poucas deixariam de mutuamente se conhecer; e de tantas nenhuma sabia por modo certo a qual ou quaes das outras devia o achar-se alli. De todas cada um podia legitimamente suspeitar. Só de Catharina Soares Brandão, ao que parece do silencio dos processos, ninguem se lembraria.

Alguem que tivesse assistido ás nupcias da filha do contratador José Gomes da Silva, poderia contar no desfile quatorze dos convidados. Já antes se tinham visto dez no auto de 1711, sete no de 1709. O dono dda casa, que com tanta magnificencia acolhera os hospedes, no dia do desposono, encontrava-se preso, á ordem da Inquisição no collegio dos jesuitas, quando os francezes de Duclerc desembarcaram no Rio, em 1710. Na confusão da refrega pudera evadir-se, acolhendo-se a bordo de um dois barcos inimigos, em que se transportou á França, acompanhado de um filho. Dest'arte evitou a condemnação certa á morte, como reincidente. Era um antigo réo que, apresentado espontaneamente na Inquisição de Lisboa, em 1666, respondeu solto ao processo, e devia abjurar em auto publico, o que não fez, desobedecendo á ordem e ausentando-se para o Brasil. Alli trocou o nome de Marcos Henriques, sob que fôra julgado, pelo outro, que adoptou, considerandos-e á sombra delle em segurança. Descoberta a identidade em algum dos processos de que foi origem a denuncia de Catharina Brandão, proseguiu a causa no tribunal de Lisboa, e como ausente foi o réo queimado em estatua, no auto de 14 de Outubro de 1714. Tinham deposto contra elle cincoenta e tantas testemunhas, entre as quaes não faltaram os convidados do banquete nupcial. Raras vezes réo do Santo Officio teria numero tal de accusadores. Se a conhecida fraqueza destes presos foi o motivo, desculpa-os a certeza que teriam de se achar elle longe e fóra do alcance da perseguição.

João Mendes da Silva e sua mulher foram condemnados ás usuaes penas de abjuração, carcere e habito penitencial a arbitrio dos Inquisidores, e confiscação dos bens. Recolheram á prisão chamada da Penitencia, nas Escolas Geraes, para serem instruidos novamente na doutrina, e, promptos nella receberam os Sacramentos, de que pela pena de excommunhão, correspondente ao delicto, se achavam excluidos. Depois disto sahiram em liberdade a 20 de Julho. A ficção do carcere era o compromisso de se não ausentarem do reino sem licença do Santo Officio.

Sob igual imposição tiveram de conservar-se em Lisboa os demais condemnados do Brasil, até que alguns, findo o prazo, que era á vontade do Conselho Geral, puderam repatriar-se. Entre elles cinco irmãos de João Mendes, unico da familia que permaneceu em Portugal. Esse não quiz tornar ao lar antigo, aonde, despojado dos haveres e da consideração publica, nenhum interesse o convidava. Acaso tambem o pejo de encarar a muitos daquelles que, talvez sem fundamento, tinha denunciado. Bem sabia elle que assim procedendo se expunha mais á espionagem, e ao risco de uma imputação de relapsia, ainda que calumniosa; mas preferia affrontar o rigor incerto do Santo Officio á humilhação segura de se mostrar indigente e infamado a amigos e desafectos na terra natal. Tambem dos Coutinhos nenhum partiu. Não quereriam afastar-se do cunhado, letrado, intelligente, e porventura o mentor da familia, esperando delle não somente o aviso nos lances difficeis, senão tambem protecção material. Outros affins e conhecidos, já por fallencia de meios para a passagem, já pelas mesmas razões de João Mendes, igualmente ficaram. Os acontecimentos vieram a mostrar-lhe que de melhor conselho seria terem posto entre si e os Inquisidores a largura do Atlantico.

Entretanto importava aos penitenciados afastarem a desconfiança, e fazerem crivel, por actos positivos, a sinceridade de suas revogações. Foi isso o que, no mez de Outubro, levou a Lourenço Coutinho duas vezes á Mesa do Santo Officio, para denunciar da primeira vez o Padre Bento Cardoso, seu tio, da outra entra duas mulheres do Rio de Janeiro; denuncias que não tiveram seguimento, e devemos antes considerar estratagema de defesa pessoal que possivel zelo da fé.

Depois disso, e cumprida as penitencias de regra, nunca mais coube dela a Inquisição, até que, em Março de 1719, o seu nome foi outra vez pronunciado no recinto de mysterio dos Estaus. Morava por esse tempo na rua dos Arcos, em frente ao Pateo das Comedias, a irmã de Lourenço, Maria Coutinho, com quem se instaurou a série das perseguições na familia, e na mesma escada o genovês Alvaro Barreto, notario apostolico, casado com portuguesa. Esta, christã velha, como cumpria, sendo mulher de funccionario ecclesiastico, observava com suspeitosa curiosidade as acções da vizinha, sabidamente judia de raça e penitenciada em auto da fé. De muito espiar colheu que ella e os filhos, Branca e Brites Eugenia, e o filho, João Thomaz, estudante em Coimbra, tinham por vezo guardar aos sabbados. Nêsse dia ninguem trabalhava, abstendo-se as raparigas dos lavores usuaes, de costura e rendas. Vinham de visita as irmãs da mãe Francisca, Isabel e Lourença, ou juntavam-se todas na residencia de qualquer das outras tres. Na verdade, succedia o mesmo aos domingos, em que se entregavam em casa do descanso e a folguedos, mas assim tinha de ser para afastar conjecturas perigosas.

Nessa época Lourença vivia cautelosamente. O marido, talvez judeu tibio, mostrava-se obser-

vante rigido dos preceitos catholicos, e ninguem podia notar-lhe acção suspeita. O filho mais velho, já então casado, trouxera-lhe para casa a mulher; christã sem jaça no sangue, filha de um Official maior da Mesa da Consciencia, e cuja presença, pelos dois motivs, devia ser para o publico um attestado de bom comportamento religioso. Lourença Coutinho, no dizer de um delator que penetrou na intimidade da familia, desconfiava deste filho e do marido, sem lhes dar a perceber jámais que era nella inabalavel a fidelidade á religião proscripta.

João Mendes da Silva, se não passava na mesma abastança de outr'ora pois que todos os bens visiveis tivera de largar ao fisco, ganhava largamente a vida na advocacia, e é possivel que do naufragio lhe restassem ainda valores sonegados. O certo é que pôde mandar á Universidade primeiramente o filho Balthazar, que em 1725, formado e já casado, o ajudava nos misteres forenses, depois Antonio José, neste periodo estudante de canones em Coimbra. Caso similhante ao de João Mendes tinha sido o do concunhado, Miguel de Castro Lara, penitenciado no auto de 1711, e que, advogado tambem, mandara igualmente formar um filho, mas esse em medicina. Nem sempre portanto a passagem pela Inquisição redundava em catastrophe irremediavel para os perseguidos. Alguns espoliados de tudo, edificavam novas fortunas. A intelligencia, a tenacidade no trabalho, e sem duvida por vezes o auxilio do correligionario, por aquelle espirito de solidariedade queé um dos caracteristicos da raça, soerguiam do pêgo os animosos.

Em 1725 Miguel de Castro Lara era morto. A viuva, D. Maria Coutinho, unica das irmãs tratada por *Dom*, talvez por ser espanhol o marido, tinha por vizinho na mesma rua dos Arcos o João Mendes da Silva. Haviam-lhe ficado alêm do filho estudante, e dois na infancia, duas filhas, casadoiras. Com a morte do pae afrouxara a disciplina domestica, e estas viviam um tanto á solta. Frequentavam a casa sujeitos pouco recommendaveis: um certo Mossi, italiano, professor de canto, e entre, outros o Padre Bartholomeu de Gusmão, o da *Passarola*, conhecido por *Voador*, o qual não gosava, segundo parece, boa fama. De noite havia descantes e danças, e o padre ficava até tarde. Com isto alvoroçaram-se os parentes, mais que todos a tia, Lourença Coutinho, devota nos ritos mosaicos, e escrupulosa no tocante ao decôro. Das reprimendas com que acudiu ao escandalo, invectivando mãe e filhas, resultou cortarem as relações. Acaso por isso não foi adeante o casamento delineado do filho Balthazar com a mais velha das primas. Já antes, entre o mesmo Balthazar e o primo Miguel de Castro, quando novato em Coimbra, houvera desaguisados, que as duas mães perfilharam. Com o tempo aplacavam os resentimentos, mas a cordialidade antiga nunca de todo reviveu. Tal era a situação da familia, quando a serie das fatalidades a que parecia votada se reatou.

No predio paredes meias com o da residencia da viuva, morava Luiz Terra Soares de Barbuda, estudante de Coimbra, natural da Bahia, e que se dizia ou supunha de sangue nobre e christão velho. Já tinha mais de trinta annos; os estudos caminhavam de lazer; e parece que mais tempo consumia em Lisboa que na vizinhança dos lentes. A das filhas de Maria Coutinho fez que visse a Brites Eugénia e della se namorasse. Foi bem aceito. Falaram-se das janellas traseiras, confinantes. Trocaram ditas de amor e prendas. Ajustaram casamento. Brites instigou o apaixonado a declarar-se á mãe, e assim elle fez. Todavia o acolhimento não foi o que cuidava. D. Maria Coutinho dissimulou a recusa dizendo ser intenção da filha metter-se a freira, mas que tentaria demovê-la. Esta razão falsa desfez-se ao primeiro colloquio dos namorados, e desde então começou Brites Eugenia a insinuar a verdadeira. Em successivas entrevistas foi dando a entender ao galã que, para ser esposo della, tinha que mudar de fé, Luiz Barbuda, afim de a captar, disse ser tambem christão novo.

— Não basta isso, tornou-lhe a requestada. Você vive ainda na cegueira. Se quizer ser alumiado, tem de seguir como eu a lei de Moisés.

D'ahi por deante amor e zelo religioso uniram-se em Brites Eugénia para a fazer catechista: Sempre que lobrigava pretexto desviava a conversa para sentido em que viessem a ponto as exortações. A' mocinha ignorante, que mal sabia ler e pouco escrever, não falleciam argumentos para conduzir o amado á conversão. Nos dialogos de amor brotavam comentarios do Evangelho, e destes se vê por que ordem de raciocinios os judeus cultos persistiam na antiga crença.

Dizia Brites Eugenia: — Não ha duvida que houve um homem chamado Christo, e que fez alguns milagres; mas o da resurreição é falso, pois não basta o testemunho de quatro mulheres de máos costumes, que são quem o attesta, para elle ser crivel. Se Christo realmente era filho de Deus, por que motivo disse na cruz: *Meu Deus, porque me desamparais?* e não se salvou elle proprio? Nossa Senhora era virgem: como podia ser isso depois do parto? Os christãos sem duvida são gente idolatra; por isso adoravam umas figuras de pau, quando deviam adorar sómente a Deus, seu criador.

Nestas considerações decorria parte do tempo, nas entrevistas. Luiz Barbuda escutava em silencio, não querendo descontentar a dilecta. Em outras occasiões a tentadora recorria aos exemplos. Ella mesmo tinha vivido na cegueira, fiel á lei de Christo, até que um primo, religioso, a converteu. Muita gente em Lisboa, encoberta, seguia o judaismo. E citava-lhe entre outros o famoso Diogo de Aguilar, contratador do tabaco quee fugira para Hollanda, e, não menos notavel, o Padre Bartholomeu de Gusmão, o *Voador*, compadre da mãe, fiel observante da lei de Moisés.

— Esse, retorquiu-lhe o Catechimeno, acabou miseravelmente.

De facto, o inventor da aeronautica, presbytero secular, e não jesuita como ás vezes se escreve, tinha morrido em 1724 em Toledo, onde se refugiara, suppõe-se que perseguido pela Inquisição. Não consta todavia que por delictos de judaismo. Se foi por esses, não se encontraram por emquanto os vestigios. Depois da fuga appareceu a denunciá-lo o Padre Luiz Gonazga, jesuita da casa da Cotovia, que referiu te-lo ouvido pronunciar-se contra a infabilidade do Pontifice, em materia de definições de dogmas, e defender que a lição e intelligencia das Escripturas se não devia negar a nenhuma qualidade de pessoas. Ambos as quaes opiniões mais afinidades parecem ter com as da Igreja reformada que com o judaismo. A ultima manifestada em presença de D. João V, o que não admira, sendo o Padre capitão regio. Esta denuncia foi em 11 de Outubro de 1724; e do contexto colhe-se que o *Voador* se achava ainda no mês de julho em Lisboa.

A sua morte ocorreu em novembro seguinte.

A christã nova era incansavel na deligencia de trazer o namorado á sua fé. Incitava-o a comprar a Biblia e ler os primeiros capitulos, os quaes — dizia — o pai lhe tinha explicado em vida com toda a clareza. Uma vez, Luiz Barbuda, que se tinha preparado em casa, oppôs-lhe certo passo da Escritura, tirado de um sermão do Padre Antonio Vieira .A replica não abalou a catechista, que redarguiu ser uso dos christãos inverterem o sentido dos livros sagrados. E assim dialectica e paixão impelliam a Luiz Barbuda para a apostasia.

Quando Brites Eugenia sentiu finalmente rendido o amante, aconselhou-o a procurar a tia Lourença Coutinho, e dizer-lhe que já cria na verdade. Era esta a senha pela qual as da seita se davam a conhecer. Podia ser que aquella se não mostrasse entendida, mas a declaração facilitaria o casamento.

Effectivamente assim aconteceu. Teve Luiz Barbuda as entradas de noivo; ajustaram-se as nupcias, e em Coimbra aonde foi de visita, confraternisou com o futuro cunhado João Thomaz de Castro que concluia os estudos medicos, e o primo deste, Antonio José da Silva. Ahi, na declaração mutua da crença commum, se abrazaram, parece que com lagrimas .

Preparava a desposada o enxoval, e Luiz Barbuda via em raptos de ternura approximar-se o tempo da suprema felicidade.

— Casados somos já perante Deus, dizia-lhe Brites Eugénia.

Em certa occasião, na embriaguez do desejo, quiz elle toma-la pela palavra. A solicitação foi perdida. A dozella objectou: — Perante Deus, sim; mas falta-nos sê-lo deante dos homens, e não quero apparecer-lhes envergonhada.

Ou a recusa, ou a tyrannia das prescripções religiosas, que a noiva impunha ao neophito, exigindo-lhe os jejuns rituaes, para que assim demonstrasse achar-se realmente mudado na fé, semeou entre os dois o desgosto. Luiz Barbuda mostrava-se ás vezes triste, e Brites Eugenia desconfiava que a causa seria o arrependimento, já da conversão, já do compromisso do noivado. Um dia, vendo-o taciturno e distrahido, disse-lhe:

— Se não soubessem deste casamento tantas pessoas, melhor fôra que eu não effectuassa.

Elle, tomando as palavras de despeito pela expressão da verdade, e divisando já, porventura a libertação, respondeu que na mão della deixava o decidir-se E, deslisando da condicional para o positivo rompimento, accrescentou:

— Fique certa que por isso lhe não hei de fazer mal nenhum.

Ante a christã nova passou a visão lugubre do Santo Officio. Num impeto de colera e desprezo, interpellou-o:

— Que mal me pode você fazer que eu lhe não faça tambem?

Luiz Barbuda comprehendeu. Atados ambos ao mesmo poste, o que denunciasse seria tambem denunciado.

A disputa não foi adeante, mas se o caso na mulher era simples arrufo, ao homem deu causa para mais lhe arrefecer a paixão. A' beira de um abysmo cada dia mais hiante, o desposado, em vesperas do passo definitivo, hesitava. Que os nascidos com a macula funesta lhe arrastassem com as eventualidades, bem estava. Mas elle, que a não tinha, porque razão se arriscaria? Brites Eugenia, do seu lado, ufanava-se da ascendencia hebraica, e abominava a parte christã do sangue nas suas veias lastimando não ser judia dos quatro costados, conforme a expressão corrente.

Entretanto proseguiam os preparativos. Luiz Barbuda, em quem agora despertava o pejo dde se unir em consorcio a uma christã nova, tentou realizar o acto com o segredo possivel, e requereu fiança a banhos, afim de evitar que nos pregões se descobrisse a qualidade dos nubentes. Isso, e a proposta de irem viver para a Hollanda, em seguida ao casamento, que arriscou logo depois, fez comprecender a Brites Eugenia o estado de alma do futuro marido.

— Dos meus não me quero separar, respondeu ella, e se é por temor ao Santo Officio, Deus nos defenderá. Não é de certo caso novo mudar um christão de credo para casar com judia.

Os dois tinham chegado aquella phase do amor, em que lances de odio e desgosto alternam com os impetos da paixão. Luiz Barbuda pensou em fugir para o Brasil, onde tinha casa e familia,

---

(1) No caderno 91 do Promotor. Archivo da Torre do Tombo, cartorio da Inqusição.

mas, ao mesmo tempo, levado no curso fatal dos acontecimentos, ia dispondo o necessario para as nupcias. Recusada a fiança a banhos, pedida em Lisboa, teve de ir a Coimbra, onde como estudante era freguez, para se fazer lá a publicação.

Mas eis que ao chegar, e fóra do dominio que teria sobre elle, na presença, a mulher preferida, a idéa infame lhe occorreu de atraiçoa-la, e de ir contar tudo á Inquisição. Talvez, como havia de querer persuadir-se, por escrupulo da consciencia, arrependida da apostasia; talvez — e seria mais certo — no intuito de se desligar, pelo acto remediavel, daquelle amor fatal. A verdade é que os factos atraz narrados, constam, ponto por ponto, da denuncia por elle dada na Mesa do Santo Officio dada em Coimbra. A exposição não permittia duvida de que tambem o denunciante prevaricara na fé catholica, sem embargo da allegação que da sua parte fôra tudo simulado. O amor era a desculpa, mas cahira em si, e tomara a deliberação de ir ao tribunal confessar-se, por se lembrar que igualmente por uns amores illicitos a synagoga do Doutor Antonio Homem tinha sido descoberta. (1) A referencia não tinha fundamento, mas bem podia ser que, passando pelas ruinas da casa onde o *Preceptor infeliz* pontificou, a vista lhe despertasse o temor de sorte igual, e a idea da traição. Em todo o caso, Luiz Barbuda era, segundo as praxes, réu apresentado e não denunciante; por isso, naquella qualidade, ainda que solto, lhe havia de correr o processo, até á final abjuração.

Succedeu isto a 22 de março de 126, voltando o delator logo em seguida a Lisboa. O casamento estava marcado para o mez de maio, e elle não deixou de mandar no tempo proprio, para a residencia da noiva, o vestido e mais galas nupciaes. Que antro de dissimulação e villeza devia ser a alma deste homem! Emquanto com palavras de ternura illudia a sua victima e lhe idealizava a vida, aguardava que os esbirros chegassem, para leva-la á masmorra, e a elle o libertarem de um compromisso funesto.

Já vinha perto o dia fatal do casamento, e a demora principiou a inquieta-lo. Não estaria a Inquisição recolhendo testemunhas tambem contra elle? Em 8 ou 9 de maio montou a cavallo com destino a Coimbra, segundo disse. Ia fazer os exames finaes para a formatura, e no regresso traria os papeis para o casamento. Sahindo da cidade estacou; esperou a noite e, voltando, atravessou o Tejo para Aldegallega, caminho de Hespanha. O ardil mostra que nem só á confiante Brites Eugenia elle fugia.

Esta esperou debalde noticias, e o noivo que sempre julgou em Coimbra.

Não foi esse o que veiu, mas a 22 de maio batia á porta o familiar do Santo Officio encarregado de prende-la. Era uma quarta-feira. No domingo seguinte devia realizar-se a boda. O desposado achava-se além da raia, longe da mulher que trahira e dos Inquisidores.

J. Lucio d'Azevedo.

(Continúa)

(1) Lente da Universidade, sentenciado á morte, e executado em 1624 em Lisboa. A casa onde se praticava o culto judaico foi arrasada, por determinação da sentença. A victima da perseguição religiosa, os contemporaneos deram o cognome de *Preceptor infeliz.*

CORRESPONDENCIA INÉDITA DE REMY DE GOURMONT

Publicamos a seguir duas cartas ineditas de Rémy de Gaurmont, dirigidas ao jornalista carioca Sr. Figueiredo Pimentel, e que hoje fazem parte do archivo de seu filho Sr. A. Figueiredo Pimentel, a cuja gentileza devemos o inseril-as em primeira mão. Nessas cartas, de caracter intimo, Rémy de Gourmont revela a curiosidade que lhe desperta a literatura brasileira, de cuja actividade o seu amigo o põe a par, enviando-lhe com solicitude as publicações literarias nacionaes surgidas no momento.

Paris, 71, rue des Sts. Pères

19 novembre 1900.

Mon cher ami, voilà bien longtemps que je ne vous ai écrit; mais je ne vous oubliais pas, et j'ai eu l'occasion de vous être utile. C'est en effet sur mon intervention que le Mercure de France vous a accepté comme correspondant. M. Vallette vous a annoncé cela. Vous recevrez non seulement le Mercure, mas tous les livres de littérature que nous publions; j'espère que cela vous sera agréable.

Je n'ai pas reçu les journaux que vous m'annonciez dans votre dernière lettre. Mais depuis cette lettre, qui était jointe à un n.º de revue, j'ai eu le *Paiz* contenant Phocas. Egalement votre portrait, dont je vous remercie beaucoup, et qui m'a fait grand plaisir. A ce propos, je vous enverrai, de moi, un autre portrait plus ressemblant, et different, car depuis ce temps-là, je ne porte presque plus de barbe.

Vous êtes bien aimable de toujours vous occuper de moi et populariser mon nom et mes œuvres au Brésil. Je fais aussi des progrès dans l'Amerique espagnole. *La Nacion* de Buenos Ayres m'a demandé un article pour un numéro exceptionel. C'est un journal qui paie très bien et qui fait honneur à l'Amerique latine.

Si M. de Carvalho a été remercié au Mercure, c'est que, depuis qu'il a accepté d'être le rédacteur pour les Lettres brésiliennes, il n'a encore donné aucun article, voilà bientôt un an de celà. J'espère au contraire que vous enverrez bientôt votre première chronique.

A ce sujet je voudrais vous donner un conseil. En écrivant pour la France, vous écrirez pour un peuple plutôt sceptique et qui ne consent à s'enthousiasmer que rarement. Vous ferez donc bien d'être modéré dans vous louanges, même pour les meilleurs écrivains brésiliens. Un français, dire de quelqu'un: c'est un écrivain de talent, — rien que cela est un grand éloge. Il y a certainement dans les mêmes mots employés par les deux langues une grand difference de sens; il y a surtout de grandes différences de tempéramment entre les deux peuples. Vous ne connaissez pas la neige et la gelée; nous autres, l'hiver nous refroidit tous les ans.

Donnez-moi de vos novelles, mon cher ami; vous me faites toujours plaisir en m'écrivant. Je vais vous envoyer prochainement mon nouveau livre, *La Culture des Idées*, un recueil d'articles très (ou trop) sérieux. J'espère que cela vous plaira.

Croyez à ma meilleure amitié.

Remy de Gourmont.

× × ×

Paris, 5 juillet 1901.

Mon cher ami,

Je vous écris bien rarement; mais vous savez que je ne vous oublie pas et que je suis toujours prêt à vous être agréable.

Vous m'avez envoyé differénts journaux et revues qui m'ont interessé. D'autres que vous annon-

ciez ne sont pas arrivés. Peut-être les paquebots font'ils naufrauge? Ou bien, surpris par le gros temps, ils jettent par dessus bord les sacs de trop lourde littérature pour s'alléger. S'il y a par hasard une bonne chose dans le paquet, elle disparaît avec le reste. Ainsi il y a toute une bibliothèque au fond de la mer. Les poissons, qui lisent beaucoup, en sont devenus muets d'horreur; tout s'explique. Car vous savez qu'ils parlaient autrefois, comme en témeignent les poètes grecs et latins et encore ceux de l'ancien temps jusqu'a o La Fontaine.

Ce que vous demandez pour *Flegrea* est tour-à-fait impossible. Cela ne rentre pas du tout dans les habitudes de cette revue. Sans cela je vous aurais aussitôt recommandé au directeur. Soyez tranquille, grâce à vous, la littératur brésilienne prend sa place parmi les meilleurs et les plus intéressantes. Continuez à nous tenir au courant. Plus elle sera connue, plus elle sera appreciée.

Vous m'aviez dit que *O Paiz* allait m'écrite pour me demander des lettres de Paris. J'accepterais si ces lettres étaint très courtes, car je n'ai pas beaucoup de temps en dehors de mes travaux personnels, de mes livres. Il faudrait aussi que les conditions fuassent bonnes. Je sais que le change est fort onéreux pour vous quand vous avez à payer en Europe; mais 25 ou 30 fr. par lettre hebdomadaire, cela ne serait acceptable que si la lettre était très courte; 4 à 5 mille lettres.

Je vous dis cela à tout hasard, dans le cas oú ce journal aurait vraiment l'intention de m'écrire.

J'en ai reçu un numéro dernièrement. Il contenait comme d'habitude une Lettre de Paris de M. X. de Carvalho.

Je serais très heureux d'écrire dans ce grand journal si important au Brésil, et bien connu en Europe. Je le lis souvent et il m'intéresse toujours.

Ce fut bien aimable à vous, et d'une bonne amitié, d'avoir voulu donner mon nom à l'un de vos enfants. Hélas! il n'a pas vécu! Je le regrette donc doublement et pour vous et pour moi, — qui aurais eu, là — bas, parmi de bons amis, quelqu'un de mon nom et qui aurait appris à m'aimer en apprenant à vivre.

Adieu, mon cher ami. Si vous êtes longtemps sans nouvelles de moi, ne soyez pas faché pour cela. J'ai tant de lettres à écrire — tant de papier à noircir!

Soyez heureux, Votre ami

Remy Gourmont.

BAKING-POWDER INTELLECTUAL

O homem fallava e eu escutava.

E elle dizia:

— Si o senhor quiser fazer a propaganda do meu producto no seu país, poderá ficar rico em pouco tempo.

O *BAKING-POWDER* INTELLECTUAL, como o nome está dizendo, é um similar do seu congenere de emprego culinario e com o qual as bôas donas de casa fazem verdadeiros prodigios de arte confeiteira.

Assim é que com uma simples pintadinha d'esse fermento, ellas conseguem não só diminuir o *peso* da farinha de trigo exigida pelas receitas, isto é, fazem *render* a farinha, como obteem ainda que os seus bolos e pudins, embora cozinhando com maior presteza, cresçam e se mostrem extremamente fôfos.

Como vê, uma dupla economia, de tempo e de dinheiro, e isso sem nenhum prejuizo do paladar, uma vez que os doces assim feitos são tão saborosos como os outros, que demoram mais tempo ao fogo e levam uma maior quantidade de farinha.

Pois a acção do meu producto é muito similhante á d'esse fermento. Apenas, como elle age sobre o cerebro, eu lhe dei o nome de *BAKING-POWDER* INTELLECTUAL.

O *BAKING-POWDER* INTELLECTUAL actúa exclusivamente sobre a massa encephálica que, graças ao seu poder altamente fermentescivel, cresce e se desenvolve de uma maneira espantosa.

Ora, crescendo e desenvolvendo-se a massa encephálica, nada mais natural do que desenvolver-se tambem o pensamento, uma vez que o orgam faz a funcção e que, no dizer de Carlos Vogt, «o pensamento é uma secreção do cérebro».

E o homem, citando Carlos Vogt, teve um ligeiro sorriso de satisfacção.

Mas elle fallava e eu escutava.

— O senhor nem imagina de que prodigios é capaz o meu *BAKING-POWDER* INTELLECTUAL.

Basta lhe dizer que pela sua acção se acabam de vez com os *conhecimentos pela rama* e está ao alcance de todo o mundo conseguir uma ou mais *especializações* em assumptos que sem elle exigiriam longos e porfiosos annos de estudo e, talvez mesmo, uma decidida vocação.

Sim, porque o meu *BAKING-POWDER* INTELLECTUAL prescinde até das vocações, ou, antes, as fórça ou modifica, sendo sufficiente para isto que os individuos dispostos a beneficiar dos seus effeitos, adquiram umas vagas noções d'aquillo em que desejem aprofundar os seus conhecimentos.

É que, como acontece com os bôlos e pudins que soffrem a acção do outro *BAKING-POWDER,* aqui tambem se póde diminuir o *peso* da farinha, isto é, dos estudos, que *rendem* muito e dão a sabedoria quasi sem perda de tempo e de dinheiro.

Será o caso daquelles que até então sem nenhum pendor para as lettras, se podem transformar de subito em primorosos escriptores, promptos a receber a consagração das Academias, desde que já sob os effeitos do meu *BAKING-POWDER* INTELLECTUAL, se abeberem das paginas de algum carunchoso clássico, que lhes communica logo o seu estylo castigado e bem torcido.

Ás vezes, nem isso mesmo será preciso e parece que a sabedoria acode por outro sentido que não os cinco já nossos conhecidos. Assim, simples médicos, noveis bachareis ou incipientes, engenheiros passarão a *acatados scientistas, respeitaveis philosophos* e *grandes mathematicos,* uma vez que mantenham, pelo espaço de algumas horas ao calor da sovaqueira, e após haverem ingerido uma pitadinha do meu *BAKING-POWDER* INTELLECTUAL, a *Introducção ao Estudo da Medicina Experimental,* de Claude Bernard, uma *Ethica,* de Spinoza, ou o volume de Thompson a respeito do *Calculo Differencial e Integral ao alcance de todos.*

Ao senhor, que é um homem intelligente, não será difficil comprehender a relevancia da minha descoberta. Por meio d'ella, acabou-se tambem de vez com a difficuldade de encontrar *the right man for the right place,* e que é muitas vezes um grande escolho dos governos.

Graças ao meu *BAKING-POWDER* INTELLECTUAL qualquer individuo poderá habilitar-se a exercer as mais disparatadas funcções, a occupar os cargos mais differentes e de maior responsabilidade, e isso sempre a contento dos seus superiores e mostrando sempre zelo e competencia inexcediveis.

D'est'arte, e por effeito de uma simples pitadinha do meu *BAKING-POWDER* INTELLECTUAL, poetas farão de estadistas, e estadistas de guerreiros, e guerreiros de agrimensores, e agrimensores de diplomatas, e diplomatas de hygienistas, e hygienistas de astronomos... E isso tudo, já se vê, sempre com agrado de todos e para felicidade geral da nação.

É ou não é um producto maravilhoso o meu *BAKING-POWDER* INTELLECTUAL?

E o homem fallava e eu escutava:

— Agora, para ser franco, os dous unicos óbices que difficultam uma maior vulgarização do meu *BAKING-POWDER* INTELLECTUAL.

Em primeiro logar, o producto é ainda caro e só póde ser usado pelas élites. Em segundo, trata-se tambem de substancia tóxica e que deve ser manipulada com muito cuidado. É verdade que, para fugir aos accidentes, eu faço juntar, a cada latinha do meu fermento, uma colher-medida, de cincoenta centigrammos, o que é a dose diaria, a não ser ultrapassada.

Foi por ahi que o homem calou, e eu continuaria tambem calado se elle não insistisse:

— Si o senhor quiser fazer a propaganda do seu producto no seu país, poderá ficar rico em pouco tempo.

Então, foi elle que ficou calado e eu que fallei!

— Não, porque nós já temos tambem um producto muito similhante ao seu e, sem duvida, superior: É que o nosso está ao alcance de todas as bolsas e póde ser usado até ás colheradas de sopa, varias vezes ao dia...

GASTÃO CRULS.

ENTRE A FÉ E A DUVIDA: JUNQUEIRA FREIRE

Não sei a causa dos aferidores de valores literarios, entre nós, que consultei, acharem exiguidade nesse Junqueira Freire, que se envenenou com os toxicos de Voltaire e Byron, e, desesperado por não crêr na crença verdadeira, quiz acreditar na descrença do pantheismo theosophico, gritando em sua dôr:

«Tudo é Deus, tudo é Deus, — o mais são nomes!

Não pelo sentimento, sómente, viveu e cantou, o que julgava cantar e viver pela razão, como a endeosaram os encyclopedistas. Desalentado pelo romantismo, que foi, no dizer de um critico da actualidade (1), «uma crise moral», «uma invasão do protestantismo por intermedio do influencia allemã no mundo», e «um desequilibrio entre a intelligencia, o sentimento e a vontade», (2) o mystico serenissimo, que o era no fundo o poeta do

«Creia num Deus, — e dos dulçores goze
De almo ascetismo.
Não mais lhe rôa as visceras o cancro
Do scepticismo.»

brada, imitando os precursores da Revolução Franceza,

«Isenta de paixões, — de amor, ou odio,
Surja a razão.
Não obedeça escrava aos sentimentos
Do coração.»

Canta o amor tambem, e amor da mulher, dominador, unico universal, em que se transformou o catholicismo lyrico de Chateaubriand, Lamartine, Hugo, Vigny... (3)

Acastellado na Duvida, que Musset transformou em torre de marfim, oscillou entre o prazer da solidão e as volupias do mundo. E, no seu tormento, quasi chegou a exclamar, como os de que fala o redemptorista Krebs: «Nem Deus, nem Senhor!» É o grito do orgulho, da suprema degradação do espirito. Por esse meio, Satan faz o homem chegar ao derradeiro degrão do ridiculo. O homem, tendo-se curvado covardemente em frente do homem, ergue-se estupidamente deante de Deus! — Nenhuma é tão altiva, aliás, quanto a alma humilde e submissa ao Senhor. Não é ficar acima de todas as creaturas, permanecer aos pés de Deus? Não é um typo de altivez este grande coração, que um dia se assignou: *Paulo, escravo de Christo?*»

No claustro, o insatisfeito cantor de «O Monge» e de «Os tumulos», odeia e ama, simultaneamente, o claustro. Não ha quasi gradação de matizes intellectuaes em seus sentimentos: superpõem-se os de luz e os de treva. Nas «Inspirações do Claustro», o convento é, ao mesmo tempo:

«... um sonho de bonança e gloria»

e uma

«Pasta de lama escurecendo os ares»

Adora o silencio:

«Não: sózinho é melhor. Sózinho o cysne
No vazio dos céos mais llvre adeja.»

e teme-o:

«A solidão profunda
Augmentava o pavor, crescendo a noute.»

---

(1) Auguste Viatte — «Le catholicisme chez les Romantique».

(2) Idem. Idem.

(3) Idem. Idem.

Nas suas longas noitadas de só, recorda a mulher que amou, e que dorme entre os braços de outro homem:

«Has-de amar-me na terra e além dos astros.
Eu te ensinei um sentimennto eterno.»

e sabe que ella o não esquece, porque

«Meus versos cantas para o sol que nasce».

Embebido dos sonhos vãos do seu tempo e das delicias dos tempos mortos, vagueia entre Rolla e Job. Errante nas vagas da razão atheistica, perdeu-se, sem achar descanso, nem no lar paterno, nem no mosteiro, nem no mundo dos falsos gozos materiaes: transformou-os todos, em estereis desertos. A solidão do claustro não lhe poude rociar a brasa do coração. Entenebreceu-lhe o espirito a quietude religiosa dessas horas de ascese, em que sentiu a monotonia infinita de dias infindos, eguaes nas obrigações, nas penitencias e nas esperanças. No casto ninho branco de sua cella, não se entregou á purificação alentadora das meditações e das preces. Profanou a santidade do templo, blasphemando, o que fôra procurar no templo o allivio da graça. Tudo, porque não se revestiu de Christo, deixando de morrer em si e para si. Individualista exaltado, amara-se demais, demais amando os seus desejos invendidos. Não exilou do mundo, o que delle fugira, o coração onde o orgulho do talento, desorientado pela indisciplina mental, e o amor-proprio do corpo, abandonado pelo amor, entredespedaçaram-se. Triste campo de batalha da vaidade e das paixões, aquelle espirito fulgentissimo desprezou, na clausura, as caricias velludosas da obediencia e da humildade, e atirou-se, sangrando, sobre as lanças de suas aspirações triumphaes. No mundo sonhou, antes e depois de enclausurado, com o santificante sossego da solidão. D'ahi a sua obra «Inspirações do Claustro» — eden povoado de trasgos, braseiro em que nasciam rosas, onde ha esta canção de acalanto — «A orpham na costura» —, que minha mãe cantava para me adormecer. D'ahi as «Contradicções poeticas» — geleira e vulcão, onde as singularissimas claridades da «Invocação»

«Formosa virgem dos valles,
Visão dos tempos de Deus,
Vem, corre, transforma, alimpa
Meus pensamentos atheus.

Preciso das tuas vozes,
Do teu innocente ardôr.
Vem, bella virgem dos valles,
Vem me falar do Senhor.»

se alternam com os raios da sua noite tragica de desventurado:

«Vai, desgraçado, vai. Fartar-te m crimes.
Sacia as garras, cobre-te de sangue.»

Numa cella, que elle habitou, na Abbadia de Brotas, na Bahia, vive um outro poeta, outro grande poeta — Arthur de Salles — limpido espirito, que reverencia a solidão dos sózinhos:

«Solidão ddo deserto... O jejum, a oração...
Jesus bebeu da tua agua e comeu do teu pão».

porque o amedronta a outra, a tremenda solidão dos incensados:

«Ignota solidão do que gira na insana
Estridorante confusão da vida humana.»

Ali, esse outro, talvez presinta o fantasma negro de frade, evocando o seu desalento no seio do deserto, na dolorosa amargura de o não ter podido amar.

Junqueira Freire foi um contradictorio no pensamento e na acção. Enternece-se infantilmente ante a desgraça de Frei Bastos, o frade mundano de admiravel memoria, o qual descia das conquistas do pulpito para outras inconfessaveis, e de quem disse:

«Desces do altar á crapula homicida,
Sobes da crapula aos fulmineos pulpitos,

. . . . . .
. . . . . .

Porque te afogas, Bossuet brasileo,
No immundo pego da lascivia impura?»

e sente o coração desbordar-se-lhe de amarulento prazer ao não encontrar-se similhante aos quietos frades entre os quaes tres longos annos vivera e que ouvira e vira, ao som dos sinos, exteriorizados na contemplação divina. Não nos amara em sua missão de apostolos da alta vida unitiva, de penitentes interiores. Perguntava, como outros ainda hoje o fazeem, para que a existencia destas almas em corpos immoveis; para que esta quietação em meio aos rodopios do mundo. Não soube comprehendel-as na grandeza de imitarem na terra a obrigação dos seraphins no ceo, de realizarem no mundo, a perpetua adoração ao Todo Poderoso. Elle, que divinisava a acção, desprezou os exacticos. Quizera vêl-os transformados em instrumentos de actividade material, batendo as bigornas e entrebatendo as armas: operarios ou soldados, em vez de ascetas. Não lhes penetrara a psychologia maravilhosa, daquelles espiritos apparentemente immoveis, mas, na realidade, poderosamente activos.

Era moda, naquelle tempo, maldizer-se o monachismo. Hugo, — «o éco sonoro» —, e que pensava com os pensamentos da multidão, embora julgasse com os delle guial-a, e Hugo do *Claude Frollo* da «Notre Dame de Paris», deslumbrava com os seus arrebatamentos e os seus paradoxos a nossa nativa ingenuidade. Preferiam o revolucionario das abjurgatorias e das apostrophes, o derrocador do *Ceci tuerá cela,* em que o demonio do reclamo businava o clarim popular, ao encantador poeta solitario do *Le Poète s'en va...*

«Le poète s'en va dans le champ; il admire,
Il adore; il écoute, em lui-même une lyre».

E Hugo odiava os frades...

Enrodilhado no rodomoinho de amor indomado, e envolto na obsessão de um vago philosophismo ecletico, Junqueira Freire ddourou a sua descrença, caprichosamente romantica, de uns tons sentimentaes de catholicismo esthetico, herança do espirito irrequieto e ambicioso de Chateaubriand dos ultimos tempos. Que poderia encontrar de verdade religiosa quem a não podia distinguir, pelas influencia litterarias e pela edade em flor, dos devaneios desequilibrados de humanitarismo sem freio? Que poderia achar de belleza na liturgia benedictina (como depois succedeu ao convertido Huysmans), e na interpretação dos dogmas catholicos, quem se entregara ao sonho nihilista da revolução francesa? Que poderia encontrar de grandeza na obediencia monastica, viva através dos seculos, quem via fantasmas tyrannicos em tudo quanto se rotulava de passado? E nós, que vivemos agora, neste seculo de sovietismo, de desmoronamentos, talvez de renovamentos, em que somente a Egreja de Jesus Christo representa a ordem e a estabilidade, não sentimos nas actuaes campanhas contra as creações classicas uma volta aos tempos de desequilibrio romantico, aos reformadores protestantes de 1830? Não será um néo-romantismo sem genios o movimento futurista? Os romanticos tambem passaram destruindo, sem saber como queriam edificar, embora com o tempo alguns construissem extraordinarios monumentos artisticos. «Le romantisme c'est le liberalisme en litterature: la liberté dans l'art, la liberté dans la société, voilá le même but auquel doivent tendre d'un même pas tous les esprits conséquents et logiques» (4), affirmava Victor Hugo no prefacio-manifesto do *Cromwell,* E Goethe dizia, como os futuristas actuaes: «Não ha planos nem regras de convenção, de que mais particularmente dependam as condições do Bello». (5) Amantes das pompas exteriores da religião, não lhe conseguiram entender o espirito, e ergueram-se alguns contra o catholicismo... por simples exigencia da moda. Castro Alves, catholico, exigia... romanticamente:

«Quebre-se o sceptro de Papa,
Faça-se delle — uma cruz!
A purpura sirva ao povo
P'ra cobrir os hombros núS.»

O povo, o enigma de todas as revoluções.

Era a ordem do Papa Hugo... o anti-papa do romantismo.

Junqueira Freire tinha de ser modernista; não se podia atrasar, olhando e venerando o passado. Quem tem ambições não se pode deter no caminho, para admirar um capitel de templo grego ou uma imagem de Nossa-Senhora. O nosso poeta tambem entoou suas lôas aos quatro manipanços: Liberdade, Progresso, Eclectismo e Razão.

De pé sobre estas quatro lascas de rocha em perpetua decomposição, bradou no prologo das suas «Inspirações do Claustro», convicto do valor de sua coragem e do seu sonho: «As poesias presentes agradarão a bem poucos: agradarão apenas a algumas almas fortes, que não puderem ainda ser eivadas nem do cancro do scepticismo, nem da mania do mysticismo: agradarão apenas a alguns homens completamente livres, que não sujeitaram-se ainda, senão ás luzes da razão. Ora, estes homens são bem raros na sociedade actual, porque

---

(4) e (5) Cit. por Dom André Basquim, O. S. B. no «Peintres de Marie».

a hyperbole dos systemas e das crenças traz em si não sei que talisman, que arrasta todos os espiritos, por bem formados que sejam. O eclectismo nas opiniões, que não são essencialmente philosophicas, repugna ainda aos animos, e é chrismado de absurdo. Eu tenho, portanto, a maioria dos homens por meus inimigos.» Graças a Deus, o bom senso dos homens ainda é o dique contra os absurdos. Estava por dizer-vos que o mystico Junqueira Freire, por uma exigencia do eclectismo da escola romantica, antecedeu Madame Blavatsky, e, se vivesse mais, talvez se fiezsse espirita, como Hugo, e illudido «éco sonoro». Agora mesmo, em nossos dias, não conhecemos muita gente, que vae rolando nesta onda, perpetuamente, sem definir-se, sem querer affirmar-se, enganando-se com a illusão de se dizer tolerante ou livre-pensador, pela preguiça intellectual de pensar seriamente em alguma cousa? E, no entanto, aquelle que julgava eguaes, Deus, Brahma, Zeus, e até o nosso indigena Tupan, foi o mesmo que inspirado pela Fé catholica, no chris'ianissimo poema «Os Claustros», que epigrapha:

«Tu, que sabes chorar a crença exangue,
— Crente! — desamarás os ais de um crente?»

conclue a defesa do catholicismo, affirmando com a bravura de um martyr antigo:

«Oh! — se rolar por terra a cruz do claustro,
Expire o bardo seu nos braços della!
Mas ai de vós, — varões da nova edade,
Mais sabios de que Deus, mais fortes que Elle,
Tramae, tramae, com a furia dos demonios,
Tramae contra o Senhor e os crentes n'Elle;
Balda loucura; a cruz espesinhada
Ha-de erguer-se maior n'outro Calvario.

O poeta se levanta contra o poeta. Alma contra alma. O homem de fé absoluta ergue a disciplina contra o transviado da Fé. Realisa o bello gesto do tentado, cingindo o cilicio asperrimo para dominar a tentação.

Não caberia, senhores, num simples, leve e curto discurso de recepção e agradecimento ao fraternal asilo, que em vosso seio abris ao mais pauperrimo dos espiritos de artista, mais longo divagar através da obra e da alma do mais curioso e mais esquecido poeta brasileiro. Outros estudam, demoradamente, o nosso atormentado Anthero, cujo exanime coração se despedaçou a cantar, assim uma lyra, que, de uma vez, estalasse todas as cordas, sem concluir a formosa melodia começada. Debuxei um aspecto apenas daquella alma multiplice de poeta e philosopho.

Concluirei dizendo-vos os versos do «Porque canto?», no meu sentir, o mais alto vôo mystico da poesia brasileira. Aqui o poeta doutrina sabiamente. Talvez, escrevendo-a, tivesse a intenção de fugir á sua «maxima culpa», e procurasse explicar seus erros, appellando para as razões occultas da Providencia. É uma interrogação que muitos fazem, e que poucos respondem como elle respondeu.

PORQUE CANTO?

Vae e clama.

(Palavras do Senhor a Jeremias).

Porque se me extasia a mente ás vezes,
E vaga, e vaga, aligera e perdida,
Pelas solidões do firmamento ethereo,
Bem como o seraphim que esguarda os mundos,
Livre os celestes paramos percorre?
Porque penetra, ás vezes, arrojada,
Nos mysterios reconditos do Eterno,
O alabastro de nardo aos pés de Christo?
E toda entorna-se a seus pés, — bem como
Co'os angelicos seres de além-astros,
Porque se abraça em incorporeo amplexo
E, como a chave das eternas portas,
Abre os thesouros do poder de Altissimo,
E nelle bebe inexhauriveis gozos?

Porque Deus — substancia eterna —
Donde minha alma baixou,
Quer ás vezes que ella suba
Ás delicias que deixou.

Porque se me extasia a mente ás vezes,
E por entre deliquios exaltados,
Desce ás fataes, exteriores trevas,
Aos insondaveis boqueirões do inferno,
Bem como o anjo da soberba outr'ora

Pela invisivel dextra fulminado?
Porque prova um prazer terrivel, forte,
Em ver a imagem desse horror tremendo,
Em ver a face desse cháos torvado,
Em ver o orgulho do peccado infindo?
Porque no fundo da gehenna ardente
Sentir procura as emoções mais barbaras,
Gostar deseja sensações de fogo,
Como procura a fatua mariposa
Chammas de luz, que ha-de, talvez, queimal-a?

Porque Deus tambem ás vezes
Para os abysmos nos lança,
Para vermos seus castigos,
Seus thesouros de vingança!

Porque se me extasia a mente ás vezes,
E sente em si um vacuo desmedido,
Uma infinita inanição ignota,
Como talvez o espaço, o qual se estende,
Se derrama e se perde a nossos olhos?
Porque procura — sequiosa, arfando —
Encher esse vasio indefinivel,
Qual para labios torridos, queimados,
Enche-se um calix de cristal suave?
Porque procura, um coração extranho,
Qualquer embora, — mas que o seu não seja,
Para nelle fundir-se inteiro, inteiro,
Como varios metaes de varias sortes
Ao mesmo fogo identico se ligam?

Porque Deus — saber eterno —
Taes a nós nos quiz formar:
Quiz a hera unida ao tronco,
Quiz a terra unida ao mar.

Porque se me extasia a mente ás vezes,
E vaga pelo mundo e julga os homens,
Qual severo juiz, e os escarnece,
E compondo um sarcasmo ás phrases suas
Co'o riso de Democrito os insulta?
Porque descrê das affeições, que mostrão,
Francos, singelos, como rir de infante?
Porque despreza um coração de amigo,
Que o foi por tempos, na apparencia ao menos,
E falsario, trahidor, demonio o chama,
Por um assomo de suspeita ou colera?
Porque da creação blasphema ás vezes,
E tem por máos os sentimentos de homem,
E a natureza dos mortaes exprobra
Ante o Senhor, que nol-a deu tão justa?

Porque Deus tambem ás vezes
O braço de nós retira,
Para vermos os perigos,
Em nossa alma se atira!

Porque se me extasia a mente ás vezes,
E num enlevo mentiroso sonha,
E dá no seio de um prazer sem termos,
Esbarrando no amor, como na imagem
Da ventura maior que o mundo offerta?
Porque se abraça n'este amor terrestre,
E as emoções mais physicas apura,
E as quer, e as busca, e tresloucado as ama
Co'a mesma devoção, que aos céos dedica?
Porque em tal modo o espirito embrutece,
E vae sua alma estupida tornando,
Que ás plantas da mulher, que delle zomba,
Chega a prostar-se, e jura-lhe perverso
Paixão eterna, além da campa; — e o corpo
Dar ao martyrio pelo amor promette?

Porque Deus deixa a materia
Ter tambem sua victoria,
Para que, — quando a alma vença, —
Brilhe maior sua gloria!

Porque se me extasia a mente ás vezes,
— E quanto fui beber no céo, no inferno,
No mundo, em tudo, que medito e vejo,
Por meus labios de vate se derrama
Em torrentes de harmonica linguagem?

Porque Deus poz em meu peito
Um thesouro de harmonia;
Deu-me a sina dos seus anjos,
Deu-me o dom da poesia.

Cantarei o céu, o inferno,
O mundo, — o que me approver,
Cantarei a Deus, o homem,
Os amores da mulher:
Cantarei, emquanto vivo,
Porque Deus assim o quer!

E porque Deus o quiz, está aqui, deante de vós, o mais vil, o mais indigno troveiro do Senhor, nesse anno em que se commemora a vida absurdamente bella e incomprehensivelmente amada do *Poverello,* para dizer-vos: A despeito das escolas e das illusõees dos homens, a despeito das extravagancias das modas literarias e das noites da razão humana, a poesia altissima, a poesia eterna, a poesia de Deus, que inspirou Dante e Milton, David e São Francisco de Assis, viverá além do tempo e do homem, deixando reflexos até nas obras dos desgraçados poetas satanicos, á similhança desse estupendo infeliz Beaudelaire, que diaphanisou, como um santelmo sobre a treva dos seus desenganos, este psalmo:

«Vers le Ciel, où son ceil voit un throne splendide,
Le Poète serein lève ses bras pieux,
Et les vastes éclairs de son esprit lucide
Lui dérobent l'aspect des peuples furieux:

Coyez beni, mon Dieu, qui donnez là souffrance
Comme un divin remède a nos impuretés
Et comme la meilleure et la plus pure essence
Qui prépare les forts aux saintes voluptés!»

DURVAL DE MORAES

INEDITOS DE JUNQUEIRA FREIRE

(PUBLICADOS POR AFRANIO PEIXOTO, CONTINUANDO O ENSAIO LITERARIO QUE SAIU NOS NUMEROS PRECEDENTES DA «REVISTA DO BRASIL»).

VII

CARTA

(Trechos de um borrão de carta, escripta ao Poeta Francisco Moniz Barretto, o repentista, sobre assumpto literario. — O original está nos Archivos da Academia Brasileira).

«Snr. Muniz Barretto:

Sou um individuo nascido ha vinte annos, educado portanto com Alexandre Herculano e Garrett. Conheci mui pouco a Bocage em minha meninice litteraria. Sou enthusiasta desse progresso, a que os retrogrados chamam — louco, utopico, impotente. — Como esses mesmos litteratos com a cabeça e o peito transbordando de futuro, algũas vezes chego a abhorrecer o passado. Abhorrecendo o passado ou idea, abhorreço-o tambem na expressão. As formas antigas não me inamoram muito em consequencia desta prevenção, ou deste prejuizo de menino. Tenho o defeito de achar a civilização moderna melhor do que a antiga até nestas formas. Adoro os que representam as formas desta civilização, ou antes esta mesma civilização, — porque se ha forma, é que já houve fundo. Eis-me, pois, feito um destes meninos utopistas, sonhadores, tresloucados, — como nos alcunham os bons dos retrogrados.

Ora, nesta revolução, a poesia, como tudo o mais, tomou uma nova expressão. Não estou fazendo uma dissertação para mostrar si esta poesia de nova expressão tem novo fundo. Não o sei eu. Mas creio mui profundamente que, si mostra nova forma, suppõe novo fundo. Qual é elle?

Eis aqui o que muitos dizem, eis aqui o que eu mesmo era bem capaz de dizer, — mais eis aqui o que muitos não sabem, eis aqui o que eu tambem não sei. Quero dizer que muitos fallam da natureza e distincção das duas escholas — romantica e classica, sem intendel-as, — mas èu que estou fazendo uma confissão conscienciosa, digo com toda a sinceridade que não sei.

O que sei somente é que a eschola romantica tem escripto no frontal de seu templo a palavra — liberdade —, e assim como a eschola classica tinha escripto tambem no frontal de seu templo um rol immenso de nomes dourados, onde liam-se por ordem Aristoteles, Longino, Cicero, Quintiliano, Horacio, Pope, Blair, Laharpe, Despreaux-Boileau, Candido Lusitano, Jeronymo Soares, — e por baixo de todos esses homens ainda uma linha — a linha da escravidão. Eis aqui o que insina a todos a leitura das obras primas das duas escholas, a dos preceitos e da liberdade. Eis aqui tudo o que eu sei, fallando com o coração nas mãos.

Intento assim o romantismo, e nessa persuasão abracei-o».

(Exulta em seguida a Moniz Barretto que vêja o chefe dos novos... Esses romanticos soltos, de tanta liberdade viriam um dia a reclamar algemas e a prender-se na poesia parnasiana, para reclamarem de novo o ar livre, a musica verlaineana, sem pés, sem ritmo, sem rima agora, no futurismo do presente, porque haverá sempre no futuro outros futurismos, outra coisa differente do passado...)

VIII

CARTA DE DESPEDIDA de Junqueira Freire a sua mãe D. Felicidade Augusta Junqueira, quando se recolheu ao convento de S. Bento na Bahia, aos 9 de fevereiro de 1851. (Pela primeira vez impressa integralmente: Franklin Doria, no estudo que precede as «Contradicções poeticas», Rio, 1868, p. 28, publicou alguns trechos).

«Minha Mãy:

Já não sou filho de Vmcê., e sou filho da religião.

Acabo de prestar ossacrosanto e inviolavel voto de eterna obediencia a os meus prelados, o indissoluvel juramento a Deus, nosso verdadeiro pay celeste; alistei-me nas fileiras dos soldados de Bento: já não sou senhor de mim — a regra, os preceitos angelicos de aquelle sancto patriarcha moderarão meus passos, conterão minhas redeas na carreira da minha vida, de esta vida terrena, que de nada vale, que para nada presta, cotejada com a celeste, com a divina, que á dextra sua nos prepara bondadoso o omnipotente Senhor, depois de este breve, mas tormentoso navegar, de agonisações, de flagellos, de erros, e de enganos, conforme nossas acções: eis — ahi; minha mãy, a razão, porque, fechando os olhos ás saudades, que neste doloroso apartamento me acabrunham, determinei voluntario intrar em ũa communidade, pois vivendo á-la-una podemos somente os frades fugir com mais coragem e constancia das investidas e tredos accommetimentos do inimigo cruel — Lucifer. Ahi nesse mundo de miserias, onde o luxo abjecto é toda a base e alicerce da sociedade já corrupta e ainda corruptora, — ahi, onde a cada passo se tropeça com os vicios, com as maldades — ahi, onde a deshonra e a infamia é o descarado timbre dos homens. — ahi, onde até a mais pura das affeições humanas, — amizade — falsa e affeitadamente apenas se arraiga e firma no vil interesse, — ahi na campanha de desmoralização, no requinte dos crimes não é que se catar deve a salvação, ahi, sob color de mil apparencias ambaidoras, só é achadiço o demonio, em vez de Deus: nem ás maranhas do diabo se pode resistir fortemente, ũa vez que nos falta a os homens a potencia acha de armas, com que se vencem as batalhas do animo, que é a continua oração e mortificação de espiritos. Determinei achar a salvação de minha alma. Já não sou filho de Vmcê, — sou filho da religião.

Extranho sem duvida parecera a Vmcê o meu procedimento, de hoje: fallo de não me haver despedido de Vmcê, de minha chara irmã, de meu affilhado, etc. como era de meu dever. Sabido é por todo o mundo que a despedida aguça as dores, exaspera as saudades de parte a parte, e exagera a acção: a despedida foi ũa mera formalidade, um costume, que em a sociedade se intrometteu, e que hoj'em dia tem foros de lei, — ũa inutil moda, que bem sem ella nos podemos e devemos haver. Alem disto, tive em vista neste entrementes que Vmcê não pouco soffre dos nervos, para que podesse com sufficiente força aguentar este choque. Spero portanto da benignidade de Vmcê que me perdôe esta (na linguagem dos cavalleiros de alamodas) incivilidade, ou, melhor, — impolitica; e (na linguagem das moças) ingratidão. Quer com despedida, quer sem ella — o resultado seria o mesmo: estou em San Bento.

Agora devo lhe dizer a Vmcê que se console: que tudo mana do alto e que quanto Deus faz, é por melhor, como dizem: que nem é longo o tempo do meu noviciado, porque sendo apenas um anno, dezenove passei-os eu em companhia de Vmcê, entretanto que Vmcê teve o cuidado de minha amamentação, criação, educação, — trabalhos impagaveis de mãy, que per nem um filho poderão ser assás retribuidos, si não per Deus: mas eu já não sou filho de Vmcê, sou filho de meu pay — Deus —, que é só quem ha de pagar a minha

mãy os cuidados, o affan, os gastos, que teve commigo, seu filho de elle.

Aqui na cella, que deram-me, não hei cadeira, onde sentar-me, nem cama, onde reclinar-me: neste conflicto Vmcê dê pressa ás obras, para que incontinente venham sofá e cadeiras, et reliqua.

Recommendações infindas a todos de casa, — a minha mana, meu afilhado e sua mãy de elle.

Esta é do filho obediente amante e verdadeiro.

Luis».

IX

CONFISSÃO DE JUNQUEIRA FREIRE

(Pela primeira vez impressa integralmente: no «estudo» com que Franklin Doria precedeu a edição das «Contradicções poeticas», vem longos trechos, incompletos e sem seguimento).

I

Pretendo escrever um curto periodo de minha vida, como se fallasse de um homem que não está em mim. Com a mão bem entranhada na consciencia, arrancarei de minha alma as verdades que lhe estejam encolhidas. Nem o orgulho, nem o pejo obrigar-me-áo a fazer ambages em minhas viagem. Confessarei egualmente o que me condemna e o que me justifica. Sem o cynismo de Rousseau, serei tão verdadeiro, como elle. Sem o genio brilhante de S. Augustinho, procurarei imitar sua simplicidade.

Ser-me-á necessario involver commigo outras personnagens. Aqui está todo o labor. Si eu errar em um traço, que só a mim se refira, ninguem se lhe dará disso. Si, porém, minha penna carregar com mais força sobre o caracter de outrem, alevantar-se-á um furacão acaso, que me engulirá.

Esboçarei todos esses diversos caracteres com a coragem que me animou a esta empresa. Não me importa o odio, não me importa o amor. Si me falta talento de Tacito, possuo ao menos sua firmesa. Eu tinha completado meu tirocinio de philosophia debaixo da direcção do Revm.º Pe. M. Quirino José Gomes. Apesar do enthusiasmo que este homem eminente inspirava ainda entam a toda a mocidade, que cria ler na fronte de seu mestre as ideas, que lhe feriram mais no coração que no espirito, apesar de todos os prestigios da gloria que o cercavam — de gloria a que hoje parece apenas sobreviver, — eu desesperei dessa sciencia, em que a principios cuidei achar alguma solidez. Debalde o Pe. M. Quirino chamava-me um — jovem estudioso. — Eu estava de pedra! Nem sua animação, nem a emulação escholar bastavam para excitar-me. Eu tinha-me ha algum tempo desilludido de todas as cousas humanas, e, para não perder-me de todo, procurava a fé, a crença, a convicção em tudo, sem achar segurança em nada. A phylosophia atirou-me n'um abysmo mais profundo, ou de desesperei totalmente della.

Toda a minha leitura cifrava-se em algumas satyras de Horacio, na «Semana Sancta», de Alexandre Herculano, na «D. Branca», de Garrett, e algum soneto de Bocage. Sinto que tudo isso me fez mal.

As satyras de Horacio parecem-se com esse velho rabugento que elle descreve em sua epistola didactica aos Pizões. Não se contenta com cousa nem uma. Estabelece seu meio termo, e acha todos os homens nos extremos. Insinua brandamente no espirito a convicção de que o mundo não vai bem. Depois aconselha, descrevendo, pintando, incarnando sempre esses raciocinios que todos claramente percebem pela forma natural e graciosa de sua poesia aconselha o seu gozo de Epicuro, a cuja grei elle honrosamente confessa pertencer. Alem do prazer material, alem da musa deliciosa de Augusto, alem de um somno espreguiçado em seu campo suburbano, alem de um banho na sacra fonte de um ribeiro, alem de um passeio na estrada real, o pobre do lyrico romano não via mais nada. Quanto á gloria, bastava que Augusto, ou Mecenas o contemplassem no numero dos poetas. Com isto elle batia com a cabeça no ceu.

A «Semana Sancta», de Alexandre Herculano é muito differente. Parece-se a um tempo com os «Threnos», de Jeremias e com o «Ibis», de Ovidio. Lamenta com raiva, e amaldiçôa com furia. Procura, para elevar-se, sempre um sentimento horrivel. Dispõe a alma para alguma cousa que não

é o ceu. A «Harpa-do-crente» não é a palavra do christão. Para mim, o pensamento de Deus não está encravado no livro de De-Maistre. O orgulho não está lá em cima: nunca esteve. Eu não posso crer nas tempestades de cholera no seio do Altissimo. Lucifer é um brinquedo de Milton. A linguagem divina não precisa de hyperbole humana, para ser sublime. O mundo moderno não carece da antiga tropologia oriental. Deixemos as figuras e as formas asiaticas para a poesia romantica. Quando fallarmos de Deus, façamos como Newton: abaixemos a cabeça! Ah! não abramos um abysmo de ficções para sepultar Jehovah! O Eterno não é um jogo de imaginação!

A «D. Branca», de Garrett é um livro menos altivo que a «Semana Sancta», e mais satyrico que Horacio. É um seminario de ideas de todos os generos: religiosas, politicas, philosophicas, poeticas, phantasticas, magicas, fanaticas. O autor, si não tem uma fé vigorosa, pelo menos não tem o enthusiasmo da raiva, que abunda em Alexandre Herculano. Por isso mesmo o pensamento garrettico neste livro, ao menos, não inspira: faz apenas duvidar, sinão descrer. O autor, ao cabo de qualquer de suas descripções, ri-se. D. Branca é uma verdadeira comedia.

Bocage é um genio muito diverso. Não sabe nunca o que diz: o sentimento o desgarra. É um navio que para sempre em escolhos, e que está a arrebentar-se de continuo sobre elles. Seu norte é uma luz que anda sempre a correr, suspensa nos ares por mão ignota, sem rota, sem alvo, vagando á toa. O mais que seus sonetos podem fazer, é adormentar os ouvidos, e espalhar uma pouca de musica lá dentro da alma. Ha quem diga que isto não é tampouco.

Tudo isto era incerto e vago: tudo isto me fez mal. A philosophia, em que eu tinha descançado tanto a principio, não chegava entretanto a ser tudo isto. Era uma poesia vaidosa, não já de descripções, mas de raciocinios. Era uma nova linguagem egualmente luxuriosa para dizer a mesma cousa. Nada de verdadeiro: tudo de bello: mais arte que sciencia, mais cupola que alicerce.

Neste comenos appareceu-me o Tolentino, mixtura de Heraclito com Demócrito, chorando e rindo de uma vez. Chorei e ri-me com elle e julguei achar nisso alguma base mais segura. Escrevi entam muitas satyras, imitando-o, quanto podia. Derramei, creio eu, todo o fel que me estava no peito. Eu não poupei nem a meus proprios amigos. Aqui resultou-me um bem não pequeno. Os que me eram verdadeiramente dedicados, riram-se muito, a proporção que eu lhes ia ler em face desses azedos vituperios, que não tinham, — a fallar a verdade, — muito que escandalizal-os. Julgaram que eu os escrevia por maneira de ensaio, ou, quando muito, de desenfado, — e continuaram a amar-se. Os outros retiraram-se.

Quando depois de um longo desvio, tornei a mim, comecei a reflectir seriamente sobre o que tinha feito. Desconfiei de que principiava a enlouquecer, ou julguei-me proximo a esse medonho estado. Provi-me então de uma bôa quantidade de camphora, e acostumei-me a comel-a. Tinha diariamente na bocca, e ás vezes dormia, conservando-a. Meus amigos riram-se á larga de meu medicamento, a que elles galantemente chamavam — a minha sancta panacéa —. Eu tinha já perdido o habito da satyra, para lhes responder convenientemente.

A camphora tornou-se-me um vicio. O primeiro dos meus prazeres era fumar um bom charuto, depois de ter enchido a bocca de camphora. Esta resina transparente costuma, como se sabe, deixar um suave frescor no orgam do palladar. Eu sentia então um gozo romantico no tomar da fumaça, que parecia luctar, de quente que é, com essa substancia ainda desconhecida na maior parte de seus effeitos. Eu gastava horas em desvanecer-me poeticamente nesse sainete agradavel, que sempre nos produz o gosto contrastado de fresco e ardente, de uma vez.

A febre amarella devastava entam, com o primeiro impulso de sua chegada, a cidade altiva da montanha, segundo a nova phrase dos escriptores romanticos. Eu fui atacado de um ligeiro paroxysmo de febre, e melhorei rapidamente sem o socorro da medicina. Attribui esta felicidade aos effeitos da camphora. A camphora, a camphora — era para mim a palavra universal da sciencia medica.

Meus amigos tinham razão de rir-se de mim. Eu hoje tremo ao pensar no momento que descrevo: porque, se não estive em verdade louco, não posso acreditar que em tudo isso não houvesse loucura.

Ha na vida do homem alguns momentos, que só a demencia explica».

II

Eu tinha entam dezesette annos completos. Entretanto, meu porte demonstrava já uma edade avançada.

Meu semblante é bastante irregular. Meu rosto é comprido e descarnado. Minhas faces sam profundamente cavas. Meu nariz é eminentemente aquilino. Meus olhos sam fundos algum tanto, com uma expressão de inercia e estupidez, sem brilho, sem inspiração. Minha testa é elevada, porem mal feita. Todas as minhas feições sam cubertas de uma pallidez grosseira. Todos os meus lances sam morosos. Todos os meus modos sam rusticos e negligentes. Minha voz diverge naturalmente a cada instante, conforme os sentimentos, mas é quasi sempre tremula, e todo o meu discurso é balbuciado e turbulento. Os periodos asiaticos, o estylo pomposo, as formas extensas dos classicos não acham em mim halito sufficiente.

Sou, por tanto, um homem feio, e pouco falladór. Era-o já naquella edade. Hoje não tenho senão alguma severidade mais sobre todos esses rasgos. Pode-se colher desta pintura que não era eu feito para pensar em amores. Com tudo pensei.

Não posso fallar bem sobre isso, porque naquelle tempo eu era talvez poeta. E foi uma visão...

Este segredo está sepultado com uma coroa de boninas que esmigalhamos ao pé de uma arvore.

Seguiu-se á noute uma tempestade, — e de manham rompeu o sol muito ardente.

Eu, já longe daquelle sitio sinistro, pensei commigo que a tempestade tinha vindo para incravar estas flores na terra e o sol para queimal-as logo depois.

E quando aquella arvore, unica testemunha desse facto, tivesse de puro penado, acolhido as pobres boninas das azas da tempestade, extendendo-lhes suas folhas, — no mesmo dia os bafos da terra e as sombras de sua mesma copa teriam apodrecido as delicadas flores.

Ah! ingano sempiterno da vida! O amor não enche o coração, nem completa o espirito. Ainda depois da fruição ha alguma cousa que se deseja!

Agora, si meus labios ainda podessem tocar nos seus, era já isto um crime, um crime que não existia naquelle tempo. Mas eu o desejara ainda, — custasse-me **mil** perjurios! O coração é o instrumento das contradicções.

Não o posso, porém. Ella não está na campa: mas o logar onde está reclinada, é mais solenne que o tumulo.

III

Era bôa occasião para morrer. Eu lembrei-me disso, sem tremer, sem me arripiar. Que tinha? O padre não me acompanharia, nem a egreja me abriria o chão. Quanto a isso, importava-me bem pouco. A terra do campo me bastava. Por ventura o chão da egreja é mais leve?

A oração do sacerdote ser-me-ia tambem negada. A oração do sacerdote não me fazia inveja. Tem algum poder no throno de Deus uma oração comprada? O padre é um homem assalariado, que diz por dinheiro a palavra divina. Esta palavra, que não se vende, infama-se em sua bocca. Elle não sabe, não entende, não comprehende o que pronuncia sobre um cadaver, — lembra-se sómente, durante todo o seu exercicio, da paga que ha de receber por seus gritos puramente automaticos.

Em recompensa disso, eu teria uma oração fervorosa de minha mãe, que sonharia commigo no meio da noute, e accordaria minha innocente irman para rezar com ella. Talvez, á mesma deshora, mais outra mulher se alevantasse do thalamo, erguendo-se devagar para não despertar alguem, e rezasse tambem por mim. Seria ainda crime a sua oração? Seria seu fervor um sacrilegio? Seria seu pranto um adulterio? — Fosse-o muito embora: o Senhor lhe perdoaria a ella, como perdoou áquell'outra na praça da Judéa, deante do povo, deante dos velhos, deante dos sacerdotes

Isso me bastava, e teria, cuidava eu — mais valor deante de Deus. Porventura o Senhor condemnaria a Catão, — condemnaria a uma vida cheia de virtudes, immolada pela hora?

Ah! o Senhor não é esse Ente tremendo e inexoravel, que os padres nos pintam!

A misericordia é seu melhor attributo!

Eis — aqui o que eu pensava entam. Antes, porem, que me resolvesse, lembrei-me que a cella de um monge era tambem um tumulo. Foi uma

exquisita associação de duas ideas bem contrarias. Passei extravagantemente de um extremo a outro.

Um mosteiro pareceu-me um êrmo verdadeiro. Alli eu podia retrahir-me tanto que ninguem soubesse da minha existencia. Eu accreditava que uma cella occultava melhor do que o interior da campa.

Toda a vez que eu via um frade pela rua, olhava para elle com bastante escarneo. Todos lhe olhavam com a mesma expressão. Quanto eu tinha occasião de chegar-se para algum, ou de fallar-lhe, era obrigado a respeital-o pelo semblante de que elles sabem revestir-se nestas occasiões. Comprehendi, por estes preliminares, que o frade era uma cousa desprezivel e ao mesmo tempo orgulhosa. Julguei que isto me assentava bem a mim que desejava morrer de má morte, como dizem os portugueses.

Eu tinha lido a Biblia em minha puericia. Lembrei-me della nesse momento. Procurei o livro de Job.

Job, como se sabe, é um drama oriental. Ha hi muito pensamento terrivel, e ás vezes verdadeiro, quando não muito exagerado. É uma leitura bôa para quem quer assoberbar-se na dor. Eu alimentei-me, pois, durante alguns mezes, em suas palavras. O meu temerario designio foi sustentado por este livro. Eu o lia de proposito para não esmorecer.

Havia no convento de S. Bento um frade já velho, conhecido de toda a minha familia: era o abbade de então.

Elle tinha-me ensinado os primeiros rudimentos de latim, e, já ha tres ou quatro annos antes dessa epocha, tinha vindo do Rio de Janeiro, com mensagem de um homem que se dizia meu parente e interessado em minha educação para persuadir-me a ser monge. Eu, naquelle tempo, tinha-lhe recusado todas as proposições. Dirigi-me a esse homem para tratar de minha entrada monastica.

IV

O abbade de S. Bento chamava-se Frei Arsenio da Natividade Moura. É um homem alto e magro, de sessenta a setenta annos, segundo parece. Sua physionomia não é agradavel. Suas faces são serenamente cadavericas. As formas osseas sam bastante pontudas e salientes. Seu nariz é grande e aquilino. Sua testa é vasta, com as paredes lateraes cavadas. Seus olhos sam profundos e pequenos, com uma expressão de viveza, e de malignidade talvez. Uma cor terrena, baça, e macilenta sobre todas essas feições, á maneira de um veu do ceu. Seu cabello é raro, e, apesar da edade, ainda grizalho. Seus modos sam pesados, tornando-se completamente ridiculos, quando pretendem affectar civilidade. Sua voz é rachada e fanhosa, mas fluente, e inalteravel. Seu tom é sempre o mesmo, quer esteja possuido de alegria, quer de cholera, quer de tristeza. Seria difficil distinguir tam sómente pelas inflexões, seu pranto ou seu riso. Seus discursos de apparato procuram sempre o sentimento terno. Parece que forceja por imitar a doçura de S. Bernardo. Em seus sermões, acaba sempre por derramar lagrimas. O chôro casa-se com sua voz, e assentalhe- bem. Seus pensamentos sam bellos quasi sempre, porem nunca sublimes. Seu estylo é copioso e corrente, ás vezes sem pureza por desleixado, mas nunca affectado. Sua conversação particular não é mais que um riso de satyra continuado. Ainda indignado, termina sempre seu assomo por uma tirada marcialica.

Este homem, depois de ouvir minha proposta, mostrou alguma reluctancia em admittir-me no claustro, admirando-se de minha imprevista vocação. Não podia ter por verdadeiros meus novos sentimentos, recordandos-e de minha recusa inabalavel ha poucos annos sobre o mesmo objecto. Objectei-lhe minha pouca edade naquelle tempo, e assegurei-lhe de que pensava agora com mais seriedade acerca das cousas humanas. Eu julgava entam dizer uma verdade.

O frade, pronunciando algumas sentenças scarronicas a respeito do juizo humano, deu-me a «Sancta-Regra» e não sei que livrinho de devoção, para que eu formasse por essas normas o meu gosto religioso. Olhei para sua bella e escolhida livraria, e pedi-lhe que me emprestasse o «Parnaso-Lusitano». O frade agarrou-me, como se visse um abysmo aberto a meus pés. Fez-me algumas exprobações saodonicas acerca de meu temerario, imprudente e desazado pedido, mas, por fim concedeu-m'o.

Como é facil de crer, eu não deixei de ler a «Sancta Regra». É um livro mysticamente economico, que nós piamente cremos que foi pelo Espirito-Santo inspirado a S. Bento, o Principe dos

Patriarchas e o Pae do Monachismo no Occidente, — como costumamos dizer.

Eu já sabia da existencia deste livro por uma velha beata, que havia em casa. Tinha-o visto gostosamente, ao primeiro ronco da trovoada, saltar, como por encanto, da fita da saia da bôa devota. A mim, nestes ensejos, me tocava quasi sempre a leitura piedosa das sanctissimas palavras contra os raios e as tempestades, que se acham no fim do mesmo livrinho. No meio da sagrada lição que eu proferira com quanta devoção podia, interrompia-me, como por castigo, um retintim de trovoada mais forte, e o clarão do relampago que nos deslumbrava a todos. Nestas circumstancias, todos de casa rebentavam em gritos medonhos, que me ensurdeciam mais que o estrepito do raio. Rompiam por clamar, quasi prostrando-se, pelo Sancto Deus, Sancto Forte, Sancto de Israel. Era uma scena de consternação que me fazia muito mal. Si eu não estivesse alli, entre as pobres mulheres, correria á janella para ver o raio, e, quando muito apertaria os olhos a seu rapido luzir. Sempre gostei do homem grego de ânimo atrevido, descripto pela mão do Poeta Lucrecio. Sempre estimei este investigador temerario da natureza, o qual não foge aterrado da vista dos phenomenos do espaço, mas como que resiste ás metas inflammadas, conforme sua bella enarguea. Em certos casos, porem, é sempre mais seguro cahir no chão, como a velha, de que espiar o algar do volcão, como o naturalista antigo. O procedimento da besta é sabio e inattacavel. Enchia-lhe o coração de tanta satisfação, que, apenas minorada a trovoada, mettendo de novo a «Sancta Regra» na cinctura, lá ia atiçar o fogo e afferventar a pànella.

Feliz quem tem somente os pensamentos da devota! Descança a vida nas mãos do vigario, e adormece apalpando seu rosario!

(Cf. com o original, da mão do Poeta, manuscripto hoje nos archivos da Academia Brasileira).

THEATRO E MUSICA

CRONICA DA QUINZENA

— Casinha bonita apanhou a Sociedade de Concertos Sinfonicos na sua audição de 30 de novembro, a ultima deste ano. Tratava-se de encerramento solene e funçanata de homenagem ao dr. Washington Luis: quem sabe se êle não poderá tambem estabilizar e converter os nossos valores musicais, de tão fiduciaria circulação? A Sociedade de Concertos Sinfonicos merece o estimulo de S. Ex. pela pertinacia desinteressada com que há tanto tempo vem trabalhando para criar um bom conjunto orquestral. De vez em quando ela nos prega uma estopada, com a sinfonia do português Viana da Mota. Não importa — há sempre alguma coisa pra compensação. No ultimo concerto foi a apresentação de Maria Antonia no 2.º concerto, p. 22, de Sain-Saëns. A nossa pianista esteve esplendida pelo brilho, o impeto e a persuasão com que replicou á orquestra. Esta por sua vez estava muito bem combinada ao piano pela regencia magistral do maestro Braga, de sorte que a execução do Concerto de Saint-Saëns foi um regalo de excepção. Maria Antonia recebeu uma grande ovação, tendo de voltar cinco vezes ao tablado.

Em dois trechos de *Saldunes* e no soneto *O' Virgens*, de Antonio Nobre, musicado pelo maestro Braga, a Sra. Julieta Telles de Menezes agradou muito pela emoção e esmero do fraseado, a audição acabou com a *ouverture* 1812 de Tchaikovski: Saiu menos bem do que por ocasião de 1.ª audição, há dois ou tres anos atrás.

— O calor do verão, como foi com os cupins e as baratas, pôs em movimento uma porção de novos conjuntos teatrais, todos mais ou menos livres ou bataclanicos. A revista de Sketches tomou conta do teatro do Rio: Scenarios engenhosos, costumes luxuosos, três ou quatro bailados, uma duziá de raparigas bem feitas e arranja-se espectaculo para o nosso publico. O espirito é o mais raro em tudo isso. Vamos a ver se o encontraremos no *Tangará*, o bataclan regionalista de Luiz Peixoto, a estrear-se proximamente no Gloria.

A ultima revista do Casino do Passeio foi um espectaculo fraco. Salve-se apenas pelo luxo e pela simpatia pessoal dos seus artistas, entre os quais se salientam — como sempre — Aracy, Elza Gomes, Manoelito Teixeira e o corpo de bailarinas de Nemanof. — M. D.

A Revista do Brasil

começará brevemente a publicação de um romance inédito de

SERGIO MILLIET

LITERATURA

Luiz Carlos Junior — «*Mosaico*» — Paris, 1926.

O doutor Prosper Mérimée, ahi por volta de mil oitocentos e trinta e tres escreveu um livro chamado «Mosaïque». Escreveu e não assignou. A edição original designa modestamente o escriptor como sendo «l'auteur du Théâtre de Clara Gazul». O Sr. Luiz Carlos Junior, em mil novecentos e seis tambem escreve um livro chamado Mosaico. Escreve e assigna. É verdade que podia ser peor. O livro podia chamar-se, por exemplo, «Pranto de Arlequim».

O Sr. Luiz Carlos Junior pensa e diz varias coisas. E parece acreditar no que diz. Principalmente porque são coisas de que ninguem duvida. Tambem ninguem duvida de que a bahia de Guanabara seja a bella do mundo. Mas é cacete ouvirmos os turistas repetirem isso a cada navio que chega.

O Sr. Luiz Carlos Junior explica que «a illusão é uma especie de armadura doirada». Não faltou nem o *i* de doirada. Constata que «o amor é como essas flores que depois de mortas ainda perfumam o ambiente» e que «as mulheres são estrellas que cáem». O livro está cheio de reflexões egualmente inéditas.

A gente no fim pergunta porque será que o Sr. Luiz Carlos Junior publicou Mosaico no anno da graça de 1926. Valéry diz que escreve «parfaiblesse». Discordo. Acho que se pode escrever por necessidade. A fraqueza está em publicar. Principalmente em publicar inutilidades, mesmo bonitinhas. O Sr. Luiz Carlos Junior, que é moço e intelligente, pense no conselho paternal que lhe damos. Valéry e eu.

AFFONSO ARINOS (SOBRINHO).

UM POETA BURRO-CIVICO

Cassiano Ricardo, algumas vezes, realiza obras primas de espressionismo burral. Sua burrice escorre gostosa dos seus versos como o leite gordo das têtas de uma vaca sadia.

A burrice poetica de Cassiano é bem differente da de Guilherme de Almeida — dos ultimos livros. — A burrice de Guilherme é bem educada e muito inteligente. Burrice por isso artificial, não obstante, não ser essa principal caracteristica do poeta de «Meu», que continúa a sêr um parnaziano quebrado (1) e lirico grande.

Burrice de mestre escola. Girandoleira. Uma poesia Completa.

Burrice de mestre escola. Grandoleira, uma burrice morena, gostosa, bondosa e gorda. Burrice de que ele poderia tirar um partido formidavel se fosse complemento para a sua personalidade poetica e não essencia dela.

Eu concordo com poesia de Cassiano. Admiro e louvo tambem. Não acho é que seja exemplo nenhum de poesia brasileira mas material apenas, grande subsidio pra formação poetica nossa. Papel de Cassiano assemelha-se-se — guardada proporções — do trovarinhar do bemquisto e popular Catullo.

Cassiano como terá e Catullo tem papel forte na formação de alguns poetas nossos.

Eu já encontrei pontos de contacto entre Catullo e o proprio Mario de Andrade.

Parece absurdo.

Dizer alguem por isso que Catullo é grande poeta, ou que poesia de Cassiano é modelo, é tolice — e das maiores.

---

(1) Quebrado quer dizer partido; e não falido.

Cassiano consegue uma força pinturesca formidavel em alguns quadros. Ha nos «Borrões de Verde e Amarello» uma «*paisagem simples*» que começa assim:

«O Coronel Simphronio Pires
(pae daquella morena de olhos grandes côr de [arco-iris)
Ganhou a eleição
E recebeu por isso uma grandiosa manifestação».

Essa paisagem é de uma supimpa e modelar vulgaridade. Vulgaridade que devia ser mais vulgar na sua poesia, ainda. Vulgaridade invulgar.

A poesia brasileira de agora tem que sêr, antes de tudo uma reação contra espirito literario. Uma reação contra intelectualismo.

Cassiano reagiu bem e bastante. Reagiu talvez mais por inclinação do que por intenção.

Merece por isso mesmo um lugar na nossa poesia, não por valor real propriamente, maior do que Ronald e Guilherme, pelo subsidio que traz para ela.

Cassiano, é um, quer queiram quer não queiram, elemento de real valor.

Representa uma tendencia — ou melhor — uma escola: burrismo civico. Escola elementar; mas indispensavel.

A burrice civica mestre-escolar de Cassiano começou com seus «Borrões» e agora, reafirmou brilhantemente aliás com o «Vamos caçar papagaios» que, começando pelo titulo que explica bem a poesia dele, é um achado.

Defeitos grandes Cassiano tem:

1.º Espirito de construção. O espirito de construção ou por outra a preocupação construtora resulta sempre em prejuizo da propria construção. Talqualmente preocupação de sinceridade (Prudente de Moraes. neto e Sergio Buarque de Hollanda puxando o cordão) prejudica a propria sinceridade.

2.º Visualismo puro, sem gestão subjectiva que faz da poesia cenografia.

3.º Preocupação ármonica de que resulta grande desarmonia ritimica.

Ainda tem mais erros que a gente precisa aceitar e explicar. Eu mesmo acabo de errar mostrando esses tres.

A gente agora aqui precisa aceitar e esplicar tudo. Até «A barata» do poeta Attilio Miano, que tem um terceto assim:

«E fico assim, na noite.
Penso instante,
oiço, porém, desperto de alcatéa
invio arruido?! Vou-lhe empós do rastro...»

Pois eu encontro esplicação pra Milano. E estimo ele até. Invio arruido empós do rastro do sêbo classico, sigo.

Cassiano veio do parnazianismo duro pra libertação. Está realizando e se está realizando. Prá quê querer mais?!

DURANTE O VERÃO
a CERVEJA ANTARCTICA
Refresca e fortifica
Exijam a marca ANTARCTICA
COMPANHIA ANTARCTICA PAULISTA

E' além de tudo sadio. Sadio e burro duas cousas essencialissimas e raras.

E' logico que eu não chego a dizer o erro que amigos dele dizem que poesia dele é muito brasileira. Não é não.

Mamangava, cocares de indios, jequitibás, taturanas, cruzeiros do sul e outras cousas assim, não chegam pra fazer uma poesia brasileira. Até atrapalham ás vezes. Digo que ele vae bem e acabará melhor, e ???!! está trabalhando e sendo trabalhado. Poesia brasileira não são motivos brasileiros. Carlos Gomes com motivos nossos fez melodismo italiano.

O Visconde Francisco Renato Chateaubriand, terá acaso nas suas paisagens americanas feito americanismo?

Nuncaras.

Mas Cassiano tem o espirito brabo da terra falta sentimento ainda introspectividade.

O proprio Cassiano vae implicar com o titulo deste artigo! Um poeta burro civico».

E assim mesmo.

O que mais me repugnava antigamente no cristianismo e que por fim mais me entusiasmou e iluminou é aquele pedaço do Sermão da Montanha. «Bemaventurados os pobres de espirito e etc...»

Cassiano Ricardo é tambem um pobre de espirito.

Vae nisso um grande elogio.

Augusto F. Schmidt.

VIDA SOCIAL

«CARIOQUISMOS»

No Rio, por melhor que realizemos as cousas, sempre falta em tudo o requinte final do acabamento que, custando uma insignificancia em relação ao preço total da obra, dá-lhe realce, melhorando-lhe immensamente o aspecto.

Tivemos d'isto um exemplo frisante na ultima exposição.

Si o brasileiro em geral não leva a cabo com esmero os seus emprehendimentos, muito menos procura melhorar ou mesmo conservar o que está feito!!

O nosso homem publico é por demais vaidoso para applicar a sua actividade e o dinheiro disponivel em obras que não lhe possam dar nome. Como todo povo ainda joven temos muita vaidade, vaidade esta que se tornou proverbial na phrase «o melhor ou o mais bello do mundo», applicada a tudo quanto possuimos de um tal qual valor.

Será necessario citar exemplos?

Nós já tivemos um calçamento optimo. Entretanto, logo depois que o Rio foi proclamado pelo carioca «a cidade mais bem calçada do mundo», começou pouco a pouco a surgir pelas ruas, um infindavel rosario de buracos. Hojé o esburacamento já affecta a propria esthetica da cidade e ha muito que vem damnificando os automoveis, sendo a origem, nos dias de chuva, das desagradaveis duchas de lama que os transeuntes recebem nas ruas mais estreitas.

Este descuido não é de hoje, em que a falta de recursos da Prefeitura pode ser invocada como justificativa; ha muito que o calçamento anda sem concerto porque, já tendo sido chamado «o melhor de todos», não podia dar nome a mais ninguem.

Um interessante artigo em «O Globo» assignado pelo Dr. Floresta de Miranda propunha, com muito espirito, que se alcunhasse o Rio de Trouville ou bem de Ruidopols. De facto não ha automovel que ande a noite sem ser de escapamento aberto!

O carioca proclamando o Rio a mais deliciosa das cidades para os passeios de automovel, talvez não considere que, si um auto n'uma bella noite de verão é um regalo para os seus passageiros, o escapamento livre pode ser um inferno para as cem mil pessoas que acordarem com o seu ruido...

E já houve uma época em que se punia o carro perturbador do socego publico!!

Até o bonde nas horas quietas e de pouco trafego corre mais veloz, augmentando assim o seu barulho de ferragem velha, com ose já não bastassem as assistencias, que, munidas de ensurdecedoras campainhas, procuram em cinco minutos de trajecto, ganhar a meia hora que talvez perderam para sahir da garage...

Assustado com o barulho do Rio, um escriptor belga, nada bem visto entre nós por ter ousado fazer ligeiras criticas do Brasil, disse que o carioca dormiria mesmo tendo um ferreiro no quarto.

Quem presenciar um grupo de rapazes n'uma esquina acordar um quarteirão inteiro discutindo foot-ball ou bem uma volta do «baile da Sociedade» em que, n'um caradura, meia duzia de pandegos se esguelam sob pretexto de cantar ao violão, ficará convencido de que temos uma má concepção da liberdade.

Quem almejar o delicioso «savoir vivre» tra-dicional da Inglaterra, deverá, na vida em sociedade, limitar a liberdade individual de cada um para não constrangir muito as liberdades collectivas, como fazem, com bom senso, os inglezes .

Outro serviço de que muito se gabam os cariocas e que tambem classificam como «o melhor do mundo», é o nosso serviço contra incendios.

Os bombeiros teem dedicação, muita disciplina e estão bem munidos de material, mas falta esta insignificanciazinha, este detalhe que é a agua.. .

Será possviel ter-se «o melhor serviço de bombeiros do mundo» si raramente ha agua para esses bombeiros mostrareem a sua efficiencia?

Mas ai de quem vexar o patriotismo carioca commentando a respeito do corpo de bombeiros!

Si ainda fôr preciso mais exemplos, citaremos tambem a Limpeza Publica, pois este serviço já teve sua época, merecendo igualmente do carioca a honrosa classificação de «o melhor do mundo». Embora, de alguns meses para cá, a cidade esteja de novo um tanto bem cuidada, apesar dos mingoados recursos da Prefeitura, não devemos nos esquecer que ha alguns annos atrás os

automoveis pelas ruas asphaltadas, levantavam pó como si corressem na estrada Rio-Petropolis.

O povo carioca deve ser mais modesto no julgamento das cousas do país, lembrando-se que, proclamal-as como «as melhores do mundo», ao em vez de mostrar patriotismo, é se abandonar a uma pasmaceira incompativel com o verdadeiro patriota. Ser patriota não é gabar systématicamente o seu país; ninguem mostra assim amor a terra ou bem desejo de melhoral-a.

Refreemos o nosso enthusiasmo, que por ser tão facil é tambem tão pouco duradouro!!

Sejamos mais modestos, substituindo as vezes este «o melhor do mundo» por um outro termo clas-sico, porém menos pretencioso, «o melhor da America do Sul»; assim, mesmo si melindrarmos os nossos amigos argentinos, não ficará em todo o caso a verdade tão injuriada. O «best of the world» dos americanos, embora exprimindo tantas vezes a verdade, desperta assim mesmo espontaneas antipathias. Terá forçosamente de suscitar controversia qualquer classificação que dependa d'um ponto de vista individual, assim o carioca afirmando ser a bahia de Guanabara a mais bella do mundo, embora o seja mesmo, considera o seu proprio modo de ver como o juizo mais acertado e d'ahi a animosidade que poderá suscitar.

«O Rio é a mais bella cidade do mundo», grita um carioca, jogando papeis na rua ou cuspindo no bonde, quando seria bem mais louvavel que elle dissesse: «Devemos tornar o Rio a mais bella cidade do mundo». Para cooepar n'este bello emprehendimento, que elle começasse então por nunca mais jogar papeis na rua ou bem cuspir no bonde...

Incontestavelmente o Rio pode ser uma maravilha, pois tudo o que a natureza dá de bello e que não se consegue crear, nós aqui temos! Supramos pois a defficiencia das realizações do nosso homem pela pujança d'esta natureza, na maior profusão de jardins e arvoredos.

Usando da força dos fracos, sejamos astuciosos!

Que nunca mais passe pela cabeça da Prefeitura construir nos terrenos accrescidos com o desmonte do Castello.

Busquemos o encanto da nossa cidade na maior profusão de viçosas folhagens tropicaes, que verde todo o anno, chamarão para cá os estrangeiros com «spleeen» da aridez dos seus invernos.

Só devemos querer vegetação que dêm aos jardins o aspecto caracteristico e tão acolhedor dos nossos climas.

Não procuremos jardins de plantas exoticas, onde só tenhamos estorricadas flores a custo de grandes tratos, mas folhagens bem da terra que, com a gama das verdes vegetações tropicaes, compensem a falta de colorido das flores da Europa. Quem conhece a belleza da arborização de Bello Horizonte, como não desejaria as arvores majestosas da avenida João Pinheiro ou Affonso Penna para a nossa insolada capital!

Os jardins no Rio são insignificantes. As ruas ajardinadas não acompanharam o surto do centro da cidade e no dia em que o pequeno «Broadway» do fim da avenida desembocar n'um parque o Rio lucrará immediatamente.

Ninguem deve pensar que ha falta de terreno no centro da cidade; elle está sómente muito mal aproveitado. Casa de seis andares ao lado de casas de um s ópavimendto são a prova d'isto.

Para os nossos bairros de moradia, como o da Lagôa, esperamos da nova administração da cidade modifiações nas posturas municipaes, exigindo que as casas sejam bastante recuadas da rua e não possam têr jardins, mesquinhos. Só assim surgirá, em torno da Lagôa Rodrigo de Freitas, mais um encanto para o Rio, como as novas cidades jardins já o são para S. Paulo.

Tenhamos para as modificações e ampliações da cidade um plano de conjuncto.

Ainda ha pouco, n'um bonito discurso no Rotary Club, pedia isto mesmo o Dr. Mattos Pimenta que, com o seu bom gosto já tão conhecido, não podia deixar de se entristecer com o desordenado crescimento da nossa capital .

Reagindo contra a imprevidencia caracteristica dos povos que vivem n'um clima benigno e sem estações pronunciadas como o nosso, pensemos um pouco no Rio de amanhã! Só assim deixaremos um dia de só procurar corrigir erros, atamancando tudo.

M. L. J.

Encontra-se á venda, em 2.ª Edição, nas livrarias do Rio de Janeiro e de São Paulo o livro que sobre a

Presidencia Bernardes

Intitulado

TERRA DESHUMANA

(A vocação Revolucionaria do Presidente Arthur Bernardes)

escreveu ha tres mezes, em Campos de Jordão, durante uma villegiatura que ali fez, o sr.

Assis Chateaubriand

O director do O JORNAL, naquellas montanhas suaves da terra paulista, meditou e escreveu sobre a personalidade complexa do actual presidente da Republica um ensaio sereno, sem qualquer eiva de paixão partidaria, como se estivesse recuado meio seculo do scenario dramatico dos dias actuaes da nacionalidade. Elle propoz-se fazer um estudo de pura substancia psychologica, com absoluta imparcialidade, procurando collocar-se fóra do ambiente esteril das facções para analysar as qualidades, os defeitos, as acções de alcance collectivo e os erros do homem que encheu o quadriennio de 1922-1926, da sua rispida e indomavel individualidade.

Tomando a acção publica do actual presidente, desde que elle se estreou como jornalista no hebdomadario da zona da Matta, denominado «A Cidade da Viçosa», até a sua derradeira grande campanha, que vem de encerrar victoriosamente: a da revisão constitucional, — o sr. Assis Chateaubriand projecta visadas sobre os aspectos mais interessantes do homem de governo que, por tantos titulos, será objecto, no futuro, de debates os mais vivos dos historiadores da quadra atormentada que acaba de atravessar o Brasil.

O Caraça, o famoso collegio, onde se educou o sr. Arthur Bernardes, com a tradição de severa e inflexivel disciplina, é objecto de um quadro que, por certo, ajudará por muito a explicar a formação mental do presidente com a ductil e rija vontade, que distingue todos os seus actos.

"Se quizerdes ser rico, ou permanecer rico,
lêde Henry Ford".

ARTHUR BRISBANE.

Minha vida e minha obra

por HENRY FORD, de collaboração com SAMUEL CROWTHER

Nova traducção de MONTEIRO LOBATO

Saido em 1922 acha-se este grande livro transladado para o allemão, francez, finlandez, italiano, hollandez, polaco, russo, sueco, dinamarquez, tchecoslovaquo, hungaro, hespanhol e arabe, sommando as varias edições mais de dois milhões de exemplares, Henry Ford produziu uma das mais significativas obras desta geração. — (THE CENTURY).

A sensação deste livro é menos de um livro escripto do que de um homem que se sienta deante de nós e conversa com facilidade, em tom impessoal, acerca da sua vida, das idéas que o nortearam, dos principios em que baseou o seu trabalho e da convicção que o anima sobre os effeitos da efficiencia na felicidade humana. — (NEW YORK TIMES).

Henry Ford revelou-se neste livro a mais alta individualidade america da sua geração. — (THE ATLANTIQUE MONTH).

Considero um dever meu para com o publico attrair a attenção de todo o mundo para este grande livro. — (EDWARD A. FILENE, em THE NATION).

E' o grande livro de um grande homem. — (ROBERTO BLATCHFORD).

EM TODAS AS LIVRARIAS — PREÇO: 4$000

COMPANHIA EDITORA NACIONAL

RUA DOS GUSMÕES, 33 — S. PAULO

"terra roxa e outras terras"

quinzenario de arte e literatura

DIRECTORES:

A. C. Couto de Barros e Antônio de Alcântara Machado

A melhor publicação modernista do Brasil

"terra roxa" tem publicado collaborações de Antonio de Alcantara Machado, Blaise Cendrars, Carlos Alberto de Araujo, Carlos Drummond, Couto de Barros, Guilherme de Almeida, João Alphonsus, Luis da Camara Cascudo, Manuel Bandeira, Mario de Andrade, Martins de Almeida, Oswald de Andrade, Paulo Prado, Prudente de Moraes, neto, Ribeiro Couto, Ronald de Carvalho, Rubens de Moraes, Sergio Buarque de Hollanda e Sergio Milliet.

PREÇOS:

Numero avulso . . . $500

Assignatura annual . . 12$000

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:

Avenida São João -- 96

São Paulo

Annunciae no

"Diario de Noticias"

de Porto Alegre — Rio G. do Sul

O grande matutino que conquistou pela sua feição moderna e justeza de opiniões a preferencia do publico riograndense, alcançando grande circulação em todo o Estado.

SUCCURSAL NO RIO DE JANEIRO

RUA RODRIGO SILVA 14-2.º

Teleph. Central 2478

Um bello presente para os Leitores do "JORNAL"

Daremos gratuitamente 1 estojo completo, da afamada navalha de segurança AUTOSTROP (toda ella em metal dourado) com lamina, assentador e machina para afiar as navalhas:

1º.) Aos leitores do O JORNAL, que tomarem uma assignatura de 12 mezes do O JORNAL.

2º.) Aos assignantes, que renovarem suas assignaturas de 1 anno. Estas renovações podem ser feitas mesmo quando a actual assignatura vigorar até o fim de 1926.

3º.) Aos actuaes assignantes do O JORNAL, que conseguirem um assignante novo para O JORNAL, como tambem a esse novo assignante.

Para obter uma dessas navalhas preencha o coupon ao pé deste annuncio, e mande-o, junto com o preço da assignatura, ao gerente do O JORNAL.

O JORNAL enviará as navalhas aos seus assignantes, sob registro pelo correio, livre de onus para elles. Os assignantes do Rio de Janeiro podem obtel-as no balcão do O JORNAL.

Illmo. sr. gerente do O JORNAL, Rua Rodrigo Silva, 12 — Rio

Junto a este remetto-lhe a importancia de Rs. 50$000, para a assignatura de 1 anno do O JORNAL.

NOME.....

.....

ENDEREÇO .....

.....

CIDADE E ESTADO .....

.....

O JORNAL distribue diariamente premios aos seus leitores

Cruzwaldina

Acreditado Desinfectante fabricado pela

Societé Anonyme du Gaz de Rio de Janeiro

Com vinte annos de ininterrupto successo

Medalha de Ouro na Exposição Nacional de 1908

O mais popular de todos os desinfectantes

TYPOGRAPHIA DO ANNUARIO DO BRASIL — RIO DE JANEIRO.

REVISTA DO BRASIL

PUBLICAÇÃO QUINZENAL

DIRECTORES

PANDIÁ CALOGERAS, AFRANIO PEIXOTO,
ALFREDO PUJOL e PLINIO BARRETO

REDACTOR-CHEFE

RODRIGO M. F. DE ANDRADE

Redacção e adm. — Rua Rodrigo Silva, 14. 1º

NESTE NUMERO:

Contra a Saudade	Domicio da Gama
Antonio José da Silva e a Inquisição (III)	Lucio d'Azevedo
Circo	Felippe d'Oliveira
A America Latina e a Sociedade das Nações	Helio Lobo
Maria das Dôres	Alvaro Moreyra
Revolução contra Evolução	Azevedo Amaral
Chronica de Politica Interna	Assis Chateaubriand
Tobias Barreto contra Clovis Bevilaqua	Mucio Continentino
A Dansa das Folhas Mortas	Alcides Flavio
Conto de Natal	Gastão Cruls

Notas por Esmeraldino Olympio, Rodrigo M. F. de Andrade, Manuel Bandeira, Renato Almeida e Pedro Nava.

ANNO I — NUMERO 8 — 30 — DEZEMBRO — 1926 — RIO DE JANEIRO

"A Revista do Brasil"

E' a publicação que conta entre nós com o maior numero de collaboradores illustres e, ao mesmo tempo, a que se vende mais barato

Numero avulso $700

Assignatura annual . . . . 16$000

Tomada conjuntamente com a do "O Jornal" ou "Diario da Noite" . . . . 12$000

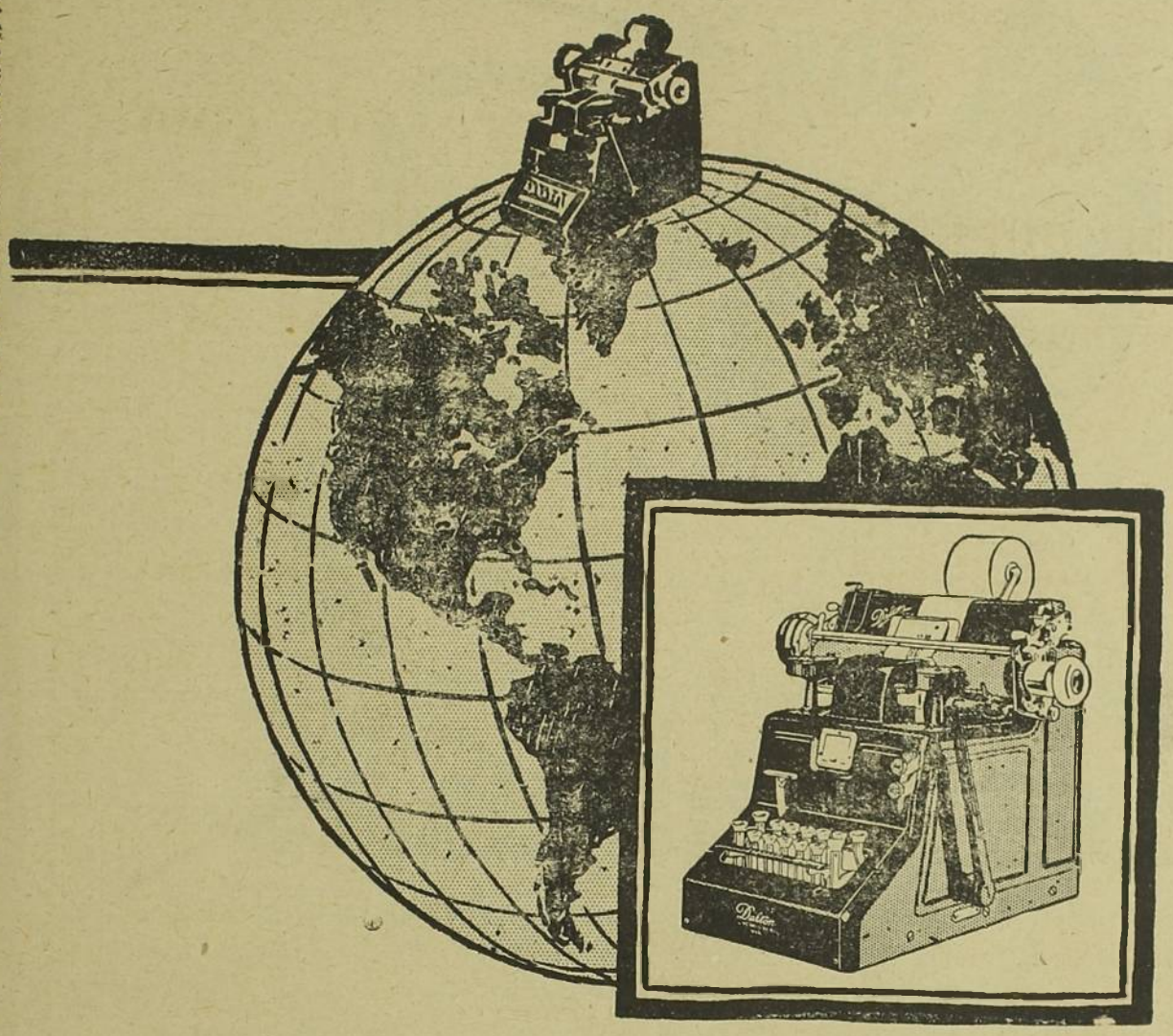
xxxxxxxxxxxxxxxx

Redacção e Administração:

Rua Rodrigo Silva N. 14 (1.º andar)

RIO DE JANEIRO

Dalton



1 2 3 4 5 6 7 8 9 0

Dez são os algarismos do systema decimal

Dez são as teclas usadas na Dalton

A Machina MODERNA de calcular tem

DEZ TECLAS

Devido a esta simplificação é MAIS RAPIDA, MAIS EFFICIENTE e produz mais do que outras com oitenta e tantas teclas

Peçam uma demonstração sem compromisso da sua parte

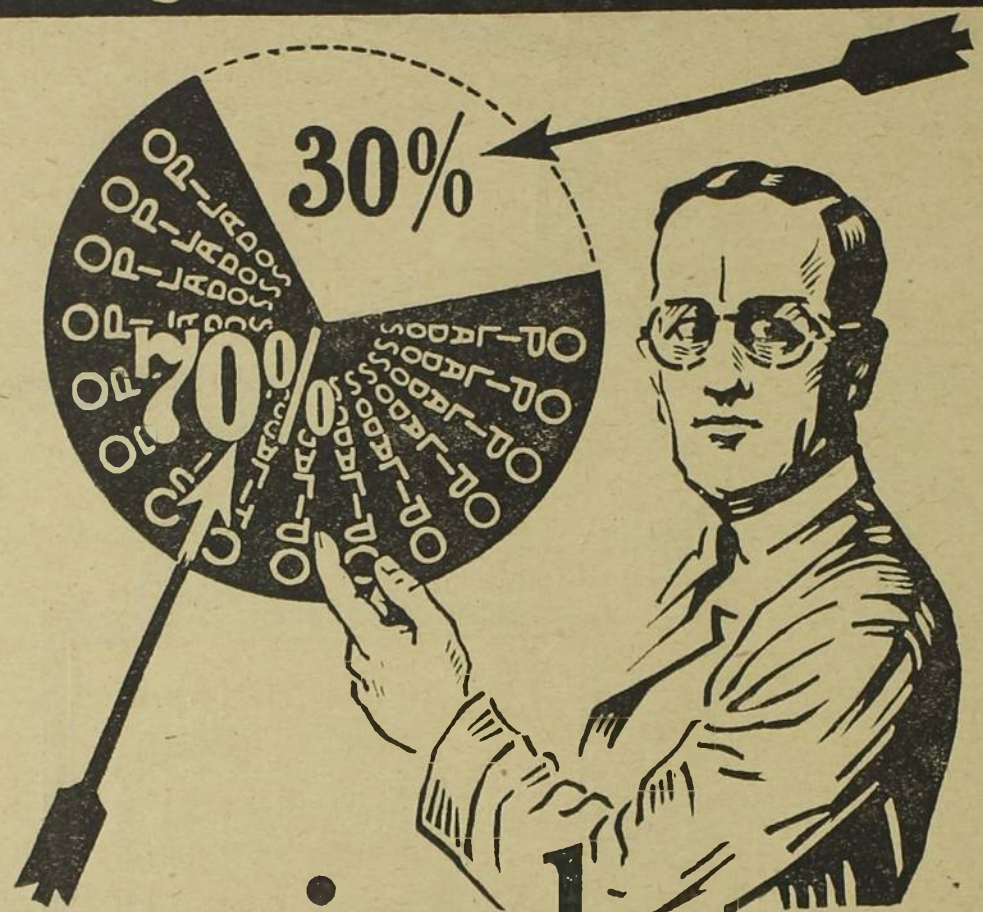
CASA PRATT

Rua do Ouvidor, 125
Caixa 1025 — Tel. N. 3226
RIO DE JANEIRO

Praça da Sé, 16 - 18
Caixa 1419 — Tel. C. 2556
S. PAULO

Filiaes e agencias em todos os Estados do Brasil

OPILAÇÃO-AMARELLÃO



Incrivel, mas...

é verdade: ainda 70% dos Brasileiros são Opilados!
É pois um acto de patriotismo apprender e ensinar que
n'um só dia, uma só dose de

NECATORINA-MERCK-

mata os vermes da opilação

A „*NECATORINA*" é o mais barato dos tratamentos contra o „**Amarellão**," pois é remedio que não se compra duas vezes; com uma só dose se alcança a cura completa, sem ser, em geral, necessario o purgante reclamado sempre por outros vermifugos. A „*NECATORINA*" não tem gosto nem cheiro vista ser em fórma de capsulas gelatinosas pequenas, molles, faceis de serem tomadas; o seu emprego não exige dietas longas, nem resguardo, nem cuidados especiaes.

A „*NECATORINA*" producto allemão é o especifico da Opilação adoptado pela „SAUDE PUBLICA": é o proprio *tetrachloreto de carbono purissimo* **MERCK**, de fama mundial.

Necatorina-MERCK

A' VENDA EM TODAS AS DROGARIAS E PHARMACIAS!

DEPOSITARIOS = **DAUDT, OLIVEIRA & CIA.** RIO DE JANEIRO

Revista do Brasil

ANNO I —— RIO DE JANEIRO, 30 DE DEZEMBRO DE 1926 —— NUMERO 8

SUMMARIO

Politica.
Contra a Saudade — Domicio da Gama.
Anotonio José da Silva e a Inquisição — Lucio d'Oliveira.
Circo — Felippe d'Oliveira.
A America Latina e a Sociedade das Nações — Helio Lobo.
Maria das Dôres — Alvaro Moreyra.
Revolução contra Evolução — Azevedo Amaral.
Chronica de politica interna — Assis Chateaubriand.
Tobias Barreto contra Clovis Bevilaqua — Mucio Continentino.
A dansa das Folhas Mortas — Alcides Flavio.
Conto de Natal — Gastão Cruls.
Theatro e Musica — Companhia Tangará — A. A.
Literatura — Esmeraldino Olympio, Rodrigo M. F. de Andrade, Manuel Bandeira e Renato Almeida.
Artes Plasticas — Exposição do Sr. Annibal Mattos em Minas — Pedro Nava.
A Quinzena — Augmento de Subsidio, A morte do Imperador do Japão, A agitação politica na Nicaragua.

POLITICA

O anno de 1927 vae marcar uma época critica na historia da Republica. O governo do sr. Arthur Bernardes e a Camara nomeada nos conchavos do Cattete para simular no ultimo triennio o exercicio da funcção representativa levaram por tal forma ao espirito publico um sentimento de descrença nas instituições e de scepticismo em relação aos homens que as personificam, que sinão estivermos no limiar de uma nova era de regeneração politica, difficil será prevêr até onde chegará este divorcio entre a nação e o Estado monopolisado pelos politicos profissionaes.

O sr. Washington Luis a quem attribuimos um desejo sincero de pacificar o paiz e de normalizar a vida nacional, não deve entreter illusões sobre a extrema gravidade das condições politicas com que S. Exa. tem a luctar.

O Brasil que S. Ex. veiu encontrar ao assumir a suprema magistratura da Republica é um paiz differente daquelle que o sr. Arthur Bernardes veio governar no dia em que entrou para o Cattete. Em um quatriennio a nação assistiu a cousas tão extranhas e tão aberrantes da sua indole e das suas tradições que nella se gerou a consciencia de que os politicos que vieram a governal-a estão tão separados dos seus interesses e das suas aspirações, como se fossem representantes de um dominio extranho. Para que esse estado d'alma nacional não se traduza em phenomenos graves cujo epilogo seria a anarchia, é preciso que o sr. Washington Luis pondo á margem sentimentos de solidariedade pessoal que a situação não comporta se decida a expurgar a politica nacional dos miasmas do quatriennio passado.

D'essas influencias deleterias as peores accumularam-se na Camara cujo mandato termina. O saneamento politico do paiz deve portanto ser iniciado pela eliminação dos elementos que tão tristes provas deram da

sua competencia e da sua aptidão moral para o exercicio da funcção legislativa. A renovação da Camara tem de ser uma verdadeira renovação; não a renovação de mandatos, mas uma renovação de homens. da Camara se reflicta rigorosamente o pronunciamento do eleitorado e seremos dos primeiros a pedir em seu favor uma amnistia nacional para os males que causou ao paiz com a sua intervenção no desastroso reconhecimento de 1924.

* * *

PODENDO hoje apreciar a situação nacional do perigoso posto de observação que é o Cattete, o sr. Washington Luis não escapará por certo a um sentimento de remorso. No seu passado politico não tem provavelmente S. Ex. nada que o deva levar tanto a uma attitude penitente como a posição assumida em maio de 1924 quando contra os desejos de Herculano de Freitas collocou a força numerica e o prestigio da bancada paulista ao serviço do sr. Arthur Bernardes na usurpação das cadeiras da Camara dos Deputados. As difficeis e perigosas circumstancias do momento actual, a gravidade dos problemas que defrontam o paiz reclamam a concentração das energias e da capacidade do presidente da Republica e tornam descabidas e inopportunas as recriminações sobre o passado. Aliás, a melhor forma de arrependimento para os homens publicos é a reparação dos seus erros pela pratica de actos oppostos aos effeitos das fraquezas anteriores.

O sr. Washington Luis responsavel pela formação da guarda pretoriana dos parlamentares do sr. Bernardes vae ter agora o ensejo de apagar na nossa historia politica a memoria do seu erro de ha tres annos. Assegure S. Ex. a liberdade de voto e a verdade das urnas no proximo pleito eleitoral e depois do processo do reconhecimento faça sentir o peso da sua auctoridade moral e politica para que na composição

* * *

A Camara cuja funcção legislativa terminou hontem não deixa saudades e é mesmo contestavel se poderá ser credora da gratidão dos futuros deputados a quem ella fez o presente de gregos de um escandaloso e immoralissimo augmento de subsidio.

Eleita no curto interregno do estado de sitio em que o sr. Arthur Bernardes governou este paiz, a Camara não trouxe das urnas nenhuma das aspirações que agitavam a consciencia nacional, naquelle breve momento em que o paiz escapou ao regimen de compressão e de terrorismo com que o governo passado procurou deprimir todas as energias nacionaes.

Quando não houvesse sido constituido por um processo de reconhecimento de poderes arbitrario e violento em que uma solução caprichosa das mais subservientes foi o criterio adoptado pelo ex-chefe da nação, quando não tivessem em tres annos depreciado as instituições republicanas pelas suas attitudes de cumplicidade com o poder executivo, em todos os actos de oppressão e em todos os desmandos administrativos que assignalaram o quatriennio findo, quando não tivesse dada a prova plena do seu desdem pelos mais altos interesses publicos e pelas questões que mais vitalmente affectavam o paiz, congresso de que felizmente estamos livres corôou a sua obra de descredito das insituições pela votação

de um augmento exorbitante e escandaloso de subsidio. Si fôsse necessario adduzir mais argumentos, para demonstrar como foi feita a reforma constitucional em condições anormaes, que justificam a revisão della o mais depressa possivel, bastaria o gesto final do congresso, que tão levianamente concorreu para a alteração do estatuto basico da Republica, como razão sufficiente a negar-lhe a opinião publica idoneidade moral para o emprehendimento a que se atreveu.

Já tem sido sufficientemente estigmatisada a desenvoltura desse augmento de subsidio, que leva ao extremo a adulteração do intuito constitucional de auxilio pecuniario aos representantes da nação. Mas é preciso que no proximo pleito, se elle corre como esperamos, no regimen de liberdade e de normalidade, os eleitores castiguem os que não se collocaram definidamente contra esse escandaloso augmento de subsidio, recusando-lhes a reeleição com que contavam ao darem um voto tão contrario aos interesses do erario publico, tão insultuoso ao contribuinte e tão funesto ao prestigio das instituições politicas do paiz.

CONTRA A SAUDADE

— Não posso crêr que sejam insinceros os que têm saudade da infancia e, como conclusão, da quasi unanimidade dos que desejam poder voltar a essa miseravel phase da nossa existencia, tiro que na verdade o homem adulto não é feliz.

— Mas tu és feliz, Sallustiano...

— Eu sou feliz, por comparação com o passado.

Perceberam a anecdota que apontava, e, como as historias de Sallustiano não forçavam ninguem á cortezia da attenção por muito tempo, o homem que toma notas abriu uma das gavetas da memoria e se ageitou para ouvir na profunda poltrona: — Conta lá isso, rapaz!

O «rapaz», de bigode grisalho e cabeça quasi núa, tinha os olhos pellancudos de quem tem chorado ou gozado muito, que o resultado é o mesmo. Mas sob as suas palpebras meio descidas e como crestadas pela febre perenne de attenção, brilhava uma pupilla viva, alegre, de cão de caça prompto e á espera. Era d'ahi a sua mocidade, mais que dos gestos rapidos, mais que do riso que lhe acompanhava o discurso em phrases breves e seguras de expressão, mais que da escolha dos assumptos habituaes das suas conversas, que eram sempre themas com variações graciosas e optimistas. Mas n'aquella noite Sallustiano tinha cousas profundas a dizer. Bateu lentamente e longamente o champagne com a colher do grog, para expellir d'elle as bolhas de gaz, que tomam logar no estomago e fazem vertigens á gente nervosa, e fechou um pouco os olhos sobre o aroma evocativo, musical, que balança o espirito na confusão de sensações de uma valsa amorosa e tonteante, de movimento transformado em canção vaga e caricia e perfume da pelle tepida vizinha. — Garcia, disse elle finalmente, quando se acabar todo o meu dinheiro, V. ha-de me tomar para seu copeiro, com largueza para escolher — o seu champagne e provar de vez em quando uma meia garrafa. Um copo de ambar espumante sobre uma mesa branca e com flores e a vista panoramica de uma cabeça bem penteada sobre um collo todo em curva, moventes, cheirando a abelha...

— Sallustiano, vamos á historia!

— Não é historia, é uma simples proposição, tendente a affirmar que a gente não é feliz quando é menino.

— Pois sim; mas a illustração?

— A illustração sou eu, somos nós, que vocês não soffreram menos de desejos incontentados, de terrores covardes, de restricções odiosas da personalidade...

— D'isso soffremos hoje...

— Os que a isso se accommodam, se preferem ser irresponsaveis. Mas em menino a gente tem a mesma individualidade, e não é livre de querer como é livre de sentir.

— Sallustiano, conta a historia, sem philosophia.

— Eis aqui: se o passado historico valesse como licção, seria para que se não

repetisse. Entretanto, cada infancia se repete, com a mesma escravidão de uma alma ás vontades, ás tyrannias de outras, e do desejo, do vão desejo de transformar as possibilidades em facilidades. Depois, o terror... Algum de vocês já esteve neurasthenico, depois de adulto?

— O Valladares, que teve todas as phobias...

— Nenhuma vale a theophobia, e eu tive essa, a envenenar-me a infancia. Todas as minhas fraquezas, todas as minhas ignorancias, todas as minhas humilhações de não poder, eu as lançava á conta d'essa causa obscura do mal, que me feria na minha dignidade de creatura intelligente e volitiva, e que, tanto me tinham dito que era omnipotente e justa, parecia brincar commigo injuriosamente. O medo rancoroso de Deus ensombrou-me a quadra luminosa da vida innocente.

— Sallustiano, você está phantasiando.

— Estou fallando com a sinceridade do homem que não sabe sustentar uma impostura. Qualquer leitor de romances, se a não experimentou por si, directamente, sabe meia duzia de phrases para exprimir a poesia das recordações, a doce melancolia amollecedora e benefica das voltas á casa paterna. Pois eu tenho algures uma casa paterna e nem sei quantas janellas ella tem de frente, nem em quantos quartos se divide, nem como se illumina nas manhãs de Dezembro ou nas tardes de Maio. Sei que tinha os tectos musgosos descidos suspeitosamente sobre as janellas de azul escuro, como uma casa phantastica, de Boecklin, e que d'essas janellas, com as costas voltadas para a sombra interior, arripiante de pavores, vi muitas vezes levantar-se por cima das dunas, em pennachos que o luar sinistro prateava, a arrebentação do mar immenso, que me vinha engulir. O horizonte era baixo, tudo me ficava acima dos olhos, como para ainda mais desprezo: os morros por onde passava a estrada que levava a gente ás terras felizes da aventura, os coqueiros sussurrantes, conversando entre si perpetuamente, em conselho permanente de sedentarios, dando recados ao vento, para os dias idos, para a figuração venturosa de outras paizagens que eu sonhava e desejava, nuvens no espaço e ramarias de arvores surradas pelo Nordeste, passarinhos trefegos e verões de azas de longo voo, tudo o que me interessava era visto de baixo, do fundo do meu soturno poço. As sombras nunca subiam; todas desciam, como se o sol se deitasse ao mesmo tempo nos quatro ramos do céo. E a propria agua que transbordava dos brejaes ao redor era vinosa, escura, da prolongada maceração de não sei que negrumes.

— Era um pesadelo a tua casa!

— Era, para mim, que vivia nella a enlanguecer de tédio, a suspirar de desejos reprimidos, a tiritar de terrores vagos, a ranger os dentes de odio contra o que se oppunha a minha felicidade, em furias de destruição e de homicidio, para provar a força que me negavam.

— Gentil alminha de creança! commentou um do grupo.

— Hoje sou melhor, declarou Sallustiano. Melhorei deixando a casa, e passada a infancia. Penso mesmo que era sómente de ser menino que a casa me parecia um ninho de pavores e de tedio, um ominoso carcere de treva. Houve lá uma creatura de olhos negros, muito doces e claros e serenos, que me trouxe ao collo e me protegeu contra os medos e me acalmou as furias insensatas e me encheu os vazios do pensamento, emquanto viveu. Essa tinha segurança e alegria até para cantar umas cantigas de que nunca mais achei o equivalente em musica e que para mim eram o canto. Quando, agarradinho a ella, face contra face, ou com a cabeça sobre o seu hombro e as mãos nas suas, eu ouvia a minha mãe cantar, sentia mudada a minha alma, mudado o mundo em torno. Agitação nervosa, receios confusos, incertezas e penas, tudo se acalmava, tudo era levado na onda de doçura d'aquella voz de encanto. Mas as mães sempre morrem cedo demais e a minha me abandonou na casa inimiga quando eu ainda mal sabia dizer o que sentia. Veem vocês? é outro dos horrores da infancia essa espantosa trage-

dia do primeiro encontro com a morte. Contam que esperniei e uivei, num frenesi, quando me levaram para beijar uma figura branca de cera, de mãos cruzadas sobre o peito, palpebras cerradas sobre os olhos encovados e um rictus de amargura na bocca de labios roxos. Quizeram forçar-me a .tocar aquella face sinistra, mas desistiram á vista do meu terror. Parece que eu disse a meu modo que aquella cousa tão fria, tão fria, tão quieta, não era a minha mãe, que era viva e bonita e de labios vermelhos e quentes para mim. A casa odiosa ainda me guardou uns annos, tempo bastante para aprender a detestar a saudade, que é a obsessão da morte. Mas quando me emancipei da infancia, a alegria que tenho hoje de viver no dia, na hora que vale por si, toda no presente! Ha uns annos atraz vi do alto da estrada...

O mais attento do grupo interrompeu, quasi irado:

— O proprio da saudade é adoçar a memoria das penas soffridas, é esquecer o mal passado.

— Porque lhe chamas tu saudade então, se é o esquecimento o que nella vale? Ou é a mentira? Eu lhes posso contar uma historia de verdadeira saudade...

Mas o dono da casa puxou o relogio:

— Isto já vae sendo tarde. Se vocês ainda querem assistir ao fim do bailado, pódem evitar as conclusões do Sallustiano, que são pelos gozos da velhice.

— Velhice? scismou o Sallustiano. Se é velhice o tempo presente, viva a velhice!

Riram todos e foram vestir os capotes.

DOMICIO DA GAMA.

ANTONIO JOSÉ DA SILVA E A INQUISIÇÃO

III

A narrativa dos amores de Brites Eugénia, comunicada pela Inquisição de Coimbra ao Conselho geral em Lisboa, era caso de sobejo grave para que deixasse de haver procedimentos. Contra a familia incriminada existia a denuncia de 1719, e era de crer, pelo costume, a reincidencia da mãe, que já figurara em auto da fé. Todavia não se afastou o tribunal das usuais normas de ponderação. Bem podia ser vingança, o acto de Luis Barbuda uma e cumpria averiguar se entre êle, a noiva e os parentes desta, teria havido qualquer discórdia, que o impelisse a romper o casamento e a uma delasão caluniosa. De semelhantes perversidades ha exemplos em cópia nos anais do Santo Oficio. Abriu-se por isso inquerito, e nêle vieram depôr tres testemunhas acima de toda a suspeita: dois familiares do Santo Oficio, um dêles vizinho e das relações da casa; a terceira um clérigo, correspondente de Luís Barbuda, incumbido pela familia de lhe pagar as mesadas. Este ultimo declarou terlhe causado pasmo a nova do projectado casamento, quando dela soube por amigos que Luís Barbuda tinha em Coimbra. Ele proprio tentava dissuadi-lo, lhe aconselhava a fuga, e proporcionára os meios de sair para Espanha. Seria êsse tambem quem sugeriu a idéa da denuncia? Todos três informaram que desavença não haveria; e o vizinho familiar assegurou que, Brites Eugénia esperava o regresso do noivo, com as licenças eclesiasticas para o consórcio.

Em vista disto, e reconhecido não provir a denuncia de impulso condenavel, requereu logo o Promotor a prisão da noiva e de sua irmã Branca Maria, assim como do irmão, João Tomáis de Castro e do primo, Antonio José da Silva, ambos os quaes mencionava a narrativa. Acêrca de Antonio José, sendo esta a primeira denuncia, assentaram os Inquisidores se guardassem novas indicações. Quanto aos três, filhas e filho de D. Maria Coutinho, Luís Barbuda fornecera o segundo testemunho, que assegurava a culpa.

Nesse mesmo dia, 22 de Maio, se passaram as ordens de captura, e, os acusados entraram nos carceres Foi apreendida entre os livros de João Tomás uma Biblia, achada que singularmente complicou a situação dos detidos. A mãe, acertadamente, não esperou pela visita seguinte dos esbirros, que não tardaria. Outro tanto fizeram os parentes chegados, que os laços de familia não retinham, nem os azares da emigração aterravam. Ella e dois filhos pequenos, a irmã Francisca, solteira, e os irmãos Manuel e Diogo, médico este ultimo, ocultavam-se em casa de gente amiga, e puderam transferir-se a Inglaterra. Ganhavam por esta acção a segurança pessoal, de outro modo precária, pois, certamente denunciados, e todos reincidentes excepto as crianças, corria-lhes risco a vida. Ficavam as irmãs Isabel e Branca, penitenciadas em 1713 com os maridos, Rodrigo Mendes de Paredes e Inácio Cardoso de Oliveira, que as tinham deixado, tornando ao Brasil, onde mergulhavam no sertão vasto, na direcção das Minas, para sempre a coberto de perseguições; e, descuidoso talvez do perigo, Lourença Coutinho.

Em dois meses engressou sôbre o lar de João Mendes da Silva a segunda tempestade. As sobrinhas presas tinham falado; depois o sobrinho João Tomás. Este depôs em 1º de Agosto; no dia 7 decretaram os Inquisidores a prisão dos três filhos, Baltazar, André e Antonio José; e, não sendo ainda bastante a prova contra Lourença, para evitar que fugisse, mandaram-n'a recolher provisoriamente nos cárceres, chamados da Penitencia, até que mais inculpações acrescessem, passando então ás prisões secretas, na sédo do tribunal.

No dia 8 executaram-se as ordens da véspera. Antonio José foi entregue ao carcereiro do Santo Officio pelo familiar Conde de Vilar Maior. Os grandes do reino tinham por honroso timbre exercer este mister de esbirros. Mal chegado á cela pediu para ser ouvido pelo Inquisidor, ainda na audiencia da manhã, e deu principio ás confissões. Por ser menor de 25 anos foi-lhe nomeado curador, segundo o regulamento, formalidade vã, e de que nem bem nem mal, lhe podia resultar. Em seguida, admoéstado a nomear todas as pessoas com

induzido por D. Esperança de Azevedo Montearvivos ou mortos, parentes ou estranhos, detidos ou em liberdade, presentes na terra ou ausentes — êste era o fim, principal, porque nas proprias culpas convinham quasi sempre os réus, processados a primeira vez, para se livrarem —; declarou ter começado a judaizar quatro ou cinco anos atrás, induzido por D. Esperança de Aezvedo Montearroio, tia de sua mãe, e abjurante de 1713 como ela; denuncia inocente porque recaia em defunta. Esta lhe tinha facilitado amores com uma criada, asseverando não serem pecaminosas, na lei de Moisés, as acções contra a castidade, com que o persuadira a mudar de religião.

Proseguindo na enumeração, apontou as filhas, e filho de D. Maria Coutinho, que estavam presos, e mais um, falecido; três filhas de Francisco de Sequeira Machado, médico, do Rio de Janeiro, penitenciado em 1709, duas das quais encontraremos no auto de 1728; uma jovem de 17 anos, de nome Leonor, das relações desta familia; por fim os irmãos Balthasar e André. Cêrca de um mês adiante, e já depois de lhe ser intimado o libelo, periodo avançado da causa, pôde ainda indiciar a dois companheiros da Universidade, que nos não importam, mais uma mulher de quem ignorava o nome, e o nosso conhecido Luiz Barbuda. Após isso nada mais lograram tirar dêle nem a persuasão nem a violência.

Pela Mesa do Inquisidor João Alvares Soares foi caminhando o processo na rota costumada. Sessão de inventario: o réu, filho familia, não tinha bens proprios que desse a rol; genealogia; interrogatorio *in genere*, perguntas de sentido geral sôbre os actos consideradas de judaismo; interrogatorio *in specie*, especificação dêsses actos, segundo constavam das denunciações, mas sem tornar conhecidos do réu as testemunhas, nem os tempos, nem os lugares.

Entretanto acresciam-lhe as inculpações. Os irmãos, certos de que êle não deixaria de as nomear, acusavam-no tambem. Vimos não se enganarem. Mas para os julgadores, todos os três depoimentos falhavam em ponto essencial. Nenhum dos acusados mencionava a mãe, reincidente, e como tal sujeita á ultima pena. As regras do processo mandavam em caso destes empregar o tormento paraextorquir a verdade. Assim pela dôr fisica, ou simplesmente pelo terror dela, se viam compelidos os filhos de Lourença Coutinho a um quasi parricidio. Todos três, para honra sua, sairam invictos da provação. O mais velho, Baltasar, sofreu o trato estóicamente, sem lhe sair da bôca palavra, sem dar um ai. André fez interromper o tormento prometendo mais declarações, e desatado acusou um primo, residente no Rio de Janeiro, da familia Paredes, tambem largamente atingida na perseguição. Antonio José, em lancinantes queixas chamava por Deus que lhe acudisse, — *e não por Jesus nem santo agulm*, consignou o notário nos autos, o que, para a gente do Santo Oficio, experimentada, era evidente sinal de judaismo — até que, decorrido o tempo da regra, um quarto de hora, o largaram sem confissão.

O padrão do tormento na Inquisição portugueza era a polé; suplicio tão barbaro que se evitava aplicá-lo em vesperas do auto da fé, para que não aparecesse a vitima em publico com os sinaes; membros desarticulados e o mexer-se a custo. Sentado em um banco o paciente, ligadas as pernas e de mãos para trás, cingiam-lhe os pulsos apertadamente com uma correia; segunda correia já nos braços, aumentava a tracção, em casos que requeriam maior severidade. Por uma ou pelas duas se prendia o condenado ao calabre, com seu gancho na ponta, que passava em uma roldana presa ao tecto. Ao mandado dos juizes — sempre três presentes á operação — os verdugos levantavam a pulso, tirando pela corda, o misero, primeiramente a meia altura, até á roldana em seguida; e dahi baixava o corpo, devagar e aos solavancos, quando era a sentença *de trato corrido;* ou de uma só vez, pelo pêso, se de *trato esperto,* deixando em um e outro caso a criatura aflita em suspensão no ar. Dos regulamentos não se verifica se algum pêso suplimentar se amarrava aos pés, mas parece que o do corpo sózinho bastaria para o efeito de crueldade. A torção dos membros superiores e do tronco, o abalo da quéda, o repuxar dos ligamentos e a distensão muscular na paragem, tudo isso devia causar dores atrozes. O tempo de aplicação contava-se por quartos e meios quartos de hora, e poucas vezes excedia a medida maior. Nem a resistência fisica do padecente a consentia. Ou êle capitulava confessando, ou os torcionarios desistiam.

A outra fórma de tormento era o pôtro. Consistia este em uma especie de leito, formado por travessas de madeira, de agudas quinas, em que se estendia o desditoso, votado á pena, mantida a cabeça mais abaixo do corpo em um colar de ferro. As pernas e braços atavam-se com uma ou duas voltas de corda, e, sendo duas, acima e abaixo dos cotovelos e joelhos. As pontas metiam-se em argolas situadas aos lados do pôtro, pelas quais passava um arrocho. Manobrava-se êste e corriam as cordas, que apertando as carnes os mortificavam na passagem, até nelas se embeberem com a pressão final. Sucessivamente, ou por uma arte de conjunto, se dava meia volta, uma volta e mais, nos arrôchos. Meia volta correspondia ao trato menos duro, o trato corrido, da polé. As cordas geniam, arquejavam os verdugos no esforço da tracção; do peito da vitima explodiam brados e suplicas, ou, nos casos heroicos, de calado sofrimento, um estertor de agonia a convulsionava.

Só em casos de excepção o tormento era aplicado como castigo; isso se fazia aos relapsos contra os quais não existia prova suficiente, e que

não confessavam, afim de não podendo ser condenados, tambem não ficarem totalmente impunes. Com os demais réus se empregava no proposito de lhes arrancar as declarações, e então se tentava intimida-los antes de os martirisar. Conduzido o paciente á sala da tortura, depois de, na das audiencias lhe ser lida a deliberação dos juizes, mostravam-lhe os instrumentos e o aparato da execução. Esta vista acompanhada de exortações. Que, pelo sitio onde, estava, bem devia perceber o réu a que operação perigosa ia submeter-se; mas que de sua vontade o fazia, visto não querer confessar e que, se no decurso da pena lhe acontecesse dáno irreparavel ou perdesse a vida, a culpa era dêle e não dos Inquisidores que o admoestavam á verdade. Muitas vezes este modo de coacção, anterior á violencia, dispensava a aplicação desta. Na realidade, se no acto a agonia era extrema, os casos de sucumbir a vitima durante o tormento, e alguns haveria, foram raros. Médico e cirurgião estavam presentes, intervinham no momento oportuno, e quando verificavam impedimento, acidental ou definitivo, originado de fraqueza ou doença, suspendia-se ou revogava-se a execução. Em correspondencia com êste modo de proceder dispunha o regulamento que a tortura se desse nas horas da manhã, achando-se ainda o padecente em jejum; precaução ridicula, á primeira vista, judiciosa todavia, por prevenir acidentes graves possiveis. Sistema bárbaro de investigação judicial, mas não exclusivo do Santo Officio; e, em que, tal qual este o empregava, sendo maldade cruel, como era, não havia a tenção homicida.

Dos três filhos de Lourença Coutinho, Baltasar foi atado á polé com uma correia só e ficou em suspensão cinco minutos; tormento moderado na duração, e tambem no modo, porque a torção dos membro era assim mais branda. André, estendido no pôtro, experimentou o cortante das cordas em meia volta do arrôcho, logo aliviada quando ofereceu confessar. Antonio José, o mais castigado, permaneceu um quarto de hora, na constrição dos liames, que em oito partes, nas pernas e nos braços, lhe dilaceravam as carnes e dariam a sensação de lhe esmagarem os ossos.

Foi isto a 23 de Setembro de 1726. Três semanas depois, em seguida ao auto da fé, no domingo 13 de Outubro, ainda o pulso dorido e os tendões hirtos lhe não consentiram pôr o nome no termo de objuração, assinado a rôgo pelo notário e testemunhas. Sentenciado a cárcere e hábito penitencial perpétuo, penas de que a severidade verbal se resolvia na obrigação positiva de confessar e comungar, em dias determinados, quatro vezes no ano, e na execução incerta de algumas rezas, que lhe davam de penitencia. O cárcere era o compromisso de não sair do reino sem licença da Inquisição.

Aos 23 de Outubro, novamente instruido na fé ,como a sentença mandava, e exortado a evitar a companhia de pessoas contaminadas do mal herético, Antonio José recuperou a liberdade, quite com o Santo Officio, salvo nas obrigações acima, que nada continham de incomportável. Na mesma ocasião saiu livre a sua acusadora Brites Eugénia, a malograda noiva, de quem procediam ás novas misérias da familia. Ficaram retidos os dois irmãos, Baltasar e André, que só mais tarde passaram pela provaçã do tormento, quando os juizes se desenganaram de que não bastava o longo cativeiro para lhes extorquir o testemunho contra a mãe; e em detenção provisoria continuou esta ultima, á espera das provas decisivas, com que se havia de iniciar o processo.

Na multidão dos que abjuraram neste auto de 1726, achavam-se dois irmãos e uma irmã de Leonor Maria de Carvalho, futura mulher de Antonio José, prêsa a êsse tempo na Inquisição de Valladolid. Não custa a crer que da presença comum no auto resultassem as relações pessoais que levaram aquele ao casamento na familia. Assim a sorte de longe o impelia, como veremos, para o infortunio final.

André e Baltasar demoraram na prisão quasi dois anos, saindo no auto de 25 de Julho de 1728, condenados a penas iguais ás de Antonio José, a quem, mais feliz, os Inquisidores tinham absorvido o processo, acaso em consideração da sua mocidade. Tambem nêsse auto compareceu a irmã de Brites Eugénia, Branca Maria, cujo depoimento determinou a passagem de Lourença Coutinho dos cárceres da Penitencia para os dos prêsos cujos processos corriam.

Posta em face do aparato lúgubre dos suplicios, na casa da tortura, a mocinha, até então renitente, cedeu ao medo, e o nome da tia foi um dos primeiros que pronunciou. Não tardou porém que, já livre, na hora de embarcar fugitiva para Inglaterra, a juntar-se á familia, revogasse as declarações no tocante á Lourença Coutinho, em carta que mandou entregar pelo confessor jesuita que a doutrinou em seguida ao auto; mas a revogação não podia inverter a marcha, havia muito dilatada, da causa, muito menos sendo feita por testemunha ausente, e em fuga para terra de heréticos.

Além disso outro depoimento acusador sobreviera na propria vespera do auto. João Tomás de Castro, o médico, irmão de Brites Eugénia e Branca Maria, fôra relaxado á justiça secular, e no acto de lhe atarem as mãos, como era de uso, e ser-lhe notificada a sentença, declarou ter confissões a fazer. Era o recurso de muitos no lance fatal: nomeando a mais cumplices, reais ou supostos, acertariam talvez com o dito ou o facto, por outro declarado, e de que pagavam a omissão com a vida. João Tomás de Castro fez com tantos seus camaradas de desventura: indigitou por compartes nas costumadas manifestações de judaismo a varias pes-

soas, entre essas a tia, Lourença Coutinho, até então esquecida, acaso por escrupulo de assim consumar a perdição da relapsa. O alvitre prolongou-lhe a vida quinze meses, até o auto seguinte, ficando êle na situação de *reservado,* como se dizia, e em suspensão a sentença, que podia ser comutada, se o tribunal o julgasse merecedor de piedade. Infelizmente não aproveitaram as declarações ao denunciante, e este, a onze anos de distancia, precedeu o primo na lugubre passeata, terminado o auto, á luz dos archotes, do claustro de S. Domingos, ao lugar das execuções, no famoso Campo da Lã.

Com os filhos de João Mendes da Silva encontrou-se no tablado de S. Domingos Pascoa dos Rios, da Covilhã, que veio a ser mulher de André. Quem podera asseverar que olhares de mutua compaixão, trocados naquellas horas de ansiedade pelo incerto futuro e de humilhação publica, não foram já as arras do noivado? Este caso e o de Antonio José, que não seriam sós, mostram como da presença comum no palco infamante, provinham ás vezes relações sociais das mais intimas. Muitas, que nunca se tinham visto, reconhecendo-se ali por da mesma fé, buscavam-se depois; e dahi brotavam ligações de familia, e agrupamentos novos para os actos rituais.

Lourença Coutinho ficava ainda desta vez entre as paredes lôbregas da cela, nos Estans, a cogitar como defenderia a vida ameaçada. Menos em perigo do que porventura desconfiava, não se lhe provava a relapsia, quaisquer que fossem as diligencias. Os testemunhos de mais pêso, que seriam os dos filhos, faltavam. Dos que havia defendeu-se com o achaque de suspeitas. Quem eram os acusadores? Luiz Barbuda em fuga, e despeitado pelos embaraços que da parte dela encontrara ao noivado; as sobrinhas, inimizadas desde as repercursões que seu proceder leviano provocara; João Tomás de Castro, cujos desaguisados em Coimbra com seu filho Baltasar toda a familia tinha compartilhado. Desta arte a suposição de ódio e vingança inquinava cada um dos depoimentos. Os factos, como ela os contava, foram confirmados por um vizinho, cristão velho, testemunha de defeza, e pela mulher de Baltasar, de sangue limpo, como sabemos, e por isso digna de crédito.

Sem embargo disso os Inquisidores achavam-se convencidos de que a ré era delinquente. Falhando a prova testemunhal restava apelar para o tormento, e assim se decidiu. Não todavia sem debate longo, de que o transsunto ocupa nos autos seis e meia paginas de miuda escrita. O Inquisidor João Pais do Amaral assumiu resolutamente a defesa de Lourença Coutinho. Das testemunhas de acusação nenhuma merecia fé. O depoimento da sobrinha, Branca Maria, que ocasionara a pronuncia tinha sido revogado. A circumstancia podia-se desfazer, por se ter ausentado a testemunha; mas isso não destruia os veementes indicios de falsidade que nêle se encontravam. Pois — arguia o Inquisidor — supôsto mesmo que todos os cristãos novos sejam judaizantes e o fiquem sendo os reconciliados, impõe-se-lhes para segurança propria, usarem de alguma cautela; como portanto iria a ré confiar-se a uma criança de nove anos, idade que teria Branca no tempo a que se refere a declaração?

O argumento, se bem que sólido, não logrou persuadir os Inquisidores, e Lourença Coutinho foi sujeitada a tormento. Por mais de um quarto de hora, estendida no pôtro, pedia pelas chagas de Cristo e por Santa Rita que os juizes tivessem dela misericordia; mas a confissão não lhe extorquiram as dôres. Muito bem sabia ela o em que a fraqueza de um instante importaria.

Pelos indicios foi sentenciada a degrêdo, sobre cujo lugar houve igualmente discussão demorada, pelo receio de que fosse juntar-se á irmã e sobrinhos, refugiados entre hereges. Propõe-se Cabo Verde, a ilha da Madeira e afinal cahiu a escolha em Castro-Marini; sitio considerado remoto, por ser na fronteira, e que, fechado de muralhas, não oferecia facilidade á evasão para Castela. Couto antigo de homizio, transformara-se em lugar de degrêdo, com frequencia utilizado pelo Santo Officio. Mas não consta lá tivesse ido Lourença Coutinho. Ser-lhe-ia levantada a pena, como sucedia as mais vezes. Isto se infere de declaração sua, no terceiro processo, quando afirma ter permanecido sempre em Lisboa, depois do auto da fé. Este e mil casos semelhantes confirmam que, na Inquisição portuguesa, á severidade verbal das sentenças nem sempre correspondia a aplicação.

De feito, á mãe de Antonio José da Silva, bastariam como punição, além do tormento no pôtro, com que fundaram os procedimentos, os três anos de detenção, e a correspondente tortura moral. Foi-lhe lida a sentença no auto da fé de 16 de Outubro de 1729. Não teve de abjurar, nem levou habito penitencial, formalidades que só pertenciam á primeira condenação, e foi posta em liberdade onze dias mais tarde, depois da instrução usual na doutrina.

Fizeram-lhe companhia, no prestito dos condenados, sua irmã Isabel Cardoso Coutinho, igualmente prisioneira de três anos, e sentenciada a degrêdo de cinco para Silves, que provavelmente tambem não cumpriu; e o infeliz denunciante seu sobrinho, João Tomás de Castro, que padeceu a pena capital, adiada do auto antecedente. Neste de 1729, de notavel severidade, cinco mulheres e cinco homens foram executados, e um defunto queimado em estatua,

J. Lucio d'Azevedo.

(Continúa)

Circo

(III — LOS KUPRINOS)

Irmãos.
Da mesma edade.
Parelhos.
Com a mesma cabeça reluzente de cosmetico.
Com o mesmo epithelio de maillot nos troncos eguaes.

Os pubis isoceles brilham de lantejoulas
sobre velludo azul
e se empilham.

Cinco. Quatro. Trez. Dois. Um.

A face da *Pyramide Humana*
inscreve no cône do reflector
um triangulo scintillante.

As peças se desmontam,
se recolhem desarticuladas, uma a uma,
para traz da cortina carmezim.
Brinquedo de armar que volta desarrumado
para a caixa.

As creanças se deleitam.
As governantas acham bonito.
Parece um soneto.

(do livro a apparecer «Lanterna Verde»).

FELIPPE D'OLIVEIRA.

A AMERICA LATINA E A SOCIEDADE DAS NAÇÕES

(A PROPOSITO DA RETIRADA DO BRASIL)

Pode dizer-se que nenhuma das questões debatidas pela Sociedade das Nações, desde sua fundação até hoje, teve a importancia e o écho da admissão da Allemanha.

Agora que está esse país fazendo parte da Sociedade e occupando logar permanente no Conselho, é tempo de examinar a repercussão que os incidentes relativos á sua entrada depararam na América Latina e a attitude d'esta, pelo menos de algumas de suas repúblicas.

Remontando aos primeiros annos da creação da Sociedade, é facil recordar a adhesão immediata da América Latina. Duas razões, sobretudo, a explicavam.

Em primeiro logar, o mundo acabava de passar por uma catastrophe sem egual na sua historia; e os ideaes pacifistas d'este continente ansiavam pela creação de um organismo que, si não dava por terra com taes horrores, lhes restringisse pelo menos o número e o raio de acção.

Longe do theatro da lucta, mas tambem attingidas por seus effeitos, as nações latino-americanas viram na bandeira de Woodrow Wilson um conjuncto de principios nobilissimos, por cuja victoria dariam o melhor dos seus esforços.

Em segundo logar, já não seria mais possivel á Europa, como até então, ter aos paizes da America, inclusive os Estados Unidos, na posição de irmãos negligiveis da familia internacional. A guerra provou, a certos respeitos, não haver nações principaes e nações secundarias, porque todas se entrelaçavam na mesma dependencia recíproca e fundamental. Os factores económicos e commerciaes tiveram para isso acção decisiva. De modo que, ao assignar-se a paz, uma das consequencias mais consideraveis do conflicto foi a elevação da personalidade internacional de países que antes não a tinham assim. Ninguem ignora, por exemplo, sem fallar da collaboração n'outros terrenos de ordem espiritual ou material, o papel assumido pelo manganês n'o Brasil, o nitrato do Chile, as carnes do Uruguay e o trigo da Argentina, na supremacia dos alliados sobre os imperios centraes.

A adhesão da América Latina era, pois, um corollario do ambiente internacional creado pela guerra. Não procurar obtê-la ou rechassá-la equivaleria a fazer obra precaria. Não estava ahi a questão sinão em saber a maneira como a América Latina comprehenderia a formação da Sociedade e com ella iria trabalhar.

Formando parte da Sociedade, nosso continente, lhe trazia riscos e lhe apresentava vantagens.

Estavam as vantagens no facto de que, com a América Latina, seria impossivel á Sociedade tornar-se méro instrumento de execução do Tratado de Versalhes, nos moldes, por exemplo, da Conferencia dos Embaixadores. Esse, seu maior escolho. Decorridos tantos annos da sua fundação, pode affirmar-se, sem receio de contestação, que

a presença da America Latina foi um grande serviço prestado á evolução e estabilidade da Sociedade. Tal serviço crescerá com o tempo, corrigindo cada vez mais a tendencia immediatamente européa d'ella e, pois, contribuindo efficazmente para sua universalização progressiva.

Onde, porém, os riscos? Na eventualidade de que, intromettendo-se demasiado nos problemas do Velho Mundo, genuínamente taes, a América Latina, de um lado, ameaçasse o futuro mesmo da Sociedade, por obra de um idealismo prematuro, e, de outro, perdesse de vista certos interesses fundamentaes que todos temos n'este lado do Atlantico.

Ninguem accentuou melhor a separação do que o Presidente Monroe na sua célebre mensagem, há um século. Depois, ella não fez sinão crescer. Temos aqui interesses e situações proprias divergentes dos do outro lado. Questões de immigração, de nacionalidade, de trabalho, a propria ausencia de castas, a essencia democrática das instituições, nos mostra que somos até certo ponto um mundo aparte e que não devemos nos immiscuir muito no outro, sem o risco da reciprocidade.

Sob tal aspecto, o país a que se deve fundamentalmente a creação da Sociedade, della se afastou logo someçaram os trabalhos. Refiro-me aos Estados Unidos. Houve, é certo, para explicar esse afastamento, a propaganda partidaria, que desvirtuou os intuitos da Sociedade. Constitue esse capítulo um dos episodios mais trágicos da vida política do país, mas do qual vae emergindo victorioso o nome do homem então sacrificado e sem cuja visão e tenacidade a Sociedade não teria existido. Deve reconhecer-se, entretanto, uma dóse de bom senso no lavrador do Centro e do Oéste dos Estados Unidos, ao reluctar, deante da massa liberal da nação, na annuencia á incorporação á Sociedade. Uma cousa é estar-se enleiado eventualmente nas malhas da politica européa e outra achar-se a ellas preso permanente e definitivamente, pela decisão commum no seu conselho. Quanto mais reflicto na divergencia entre os Estados Unidos e o instituto de Genebra, mais me parece razoavel a solução que como transação e pelo menos durante os annos de consolidação da Sociedade, fizesse adherir o país á mesma para o só effeito da cooperação official na Assembléa e na obra económica e política menos regional, evitada a permanencia no Conselho. Porque a cooperação officiosa se vem operando há muito tempo, pelo meio dos observadores e sem as vantagens que a outra traria.

Para a América Latina, o principio da rotação nos postos lhe dá occasião de servir á Sociedade, sem correr os riscos de que falamos acima. Bem póde concluir-se, a vista d'isso, o engano de países como o Brasil, que não sómente permaneceram por longo tempo no Conselho, como chegaram a pleitear uma cadeira permanente. Sob todos os aspectos, a satisfação desse desejo não consultava a posição especial que tem no continente americano, muito menos as exigencias de seu futuro.

Chegamos, d'ess'arte, ao quasi paradoxo de que, resistindo á América Latina nas suas pretenções de permanencia, a Sociedade lhe presta serviço; ao inverso, instando para sentar-se no conselho d'esta, aquella lhe traz não pouca vantagem. O ideal seria o principio da rotação de um anno para cada paiz, pelo menos emquanto a Sociedade não transpõe o seu período de formação.

Não há dúvida de que o desejavel, n'uma organização como a que examinamos, seria a egualdade entre todos os membros. A esse respeito, o plano argentino de suppressão dos postos permanentes, e de cuja recusa resultou, ha annos, a retirada d'esse país, parece o unico plausivel. Mas, ahi está a finalidade da Sociedade e não sua condição actual. Por longos annos não haverá mudança. Sommado tudo, seria absurdo que as nações maiores em guerra, aquellas que mais lhe sustentaram o peso e hoje arcam com suas consequencias, donas do capital e das grandes industrias e duramente ceifadas nas suas populações, se despojassem de prerogativas seculares e apesar de tudo justificaveis, por força de um principio de egualdade, de belleza abstracta indiscutivel mas de realiza-

ção pratica duvidosa. Considerando-se o esforço béllico despendido, o prestígio que antes tinham, o poder de civilização que representam, é de reconhecer-se que, na constituição da Sociedade, essas potencias cederam muito deante do novo ambiente creado. A creação dos postos permanentes, para ellas, não é sinão, afinal de contas, o contrapeso á minoria em que se acham no Conselho e na Assemblea.

Bem pensando, há uma providencia que tem velado pelos destinos da Sociedade, máo grado todos os golpes por que vem passando. A cada crise alarmam-se os amigos da paz. E a verdade é que, apesar das competições de toda sorte, que se lhe enxameiam em torno, e das pretenções legítimas ou exageradas que lhe não tem faltado, a Sociedade é um instrumento que já agora não mais morrerá. Ao contrário, avultará em importancia e efficácia. A Europa inquieta e pobre lhe trará ainda tropeços. A América Latina, por lhe não atinar ainda bem com a formação, lhe aggravará talvez alguns de seus dias menos seguros. Mas as divergencias serão sanaveis e os divórcios temporarios. E a tudo ella sobrelevará.

Deixemos de chamá-la de sociedade de auxílios de beneficiencia, porque muito mais do que isso vae realizando e, si sómente isso realizasse teria já feito jús á gratidão do mundo.

Ponhamos de parte o epítheto de instrumento da victoria, porque victoria não houve e a obra de conciliação e cooperação internacional, que vae levando a termo, no commercio, na política, nas industrias, nos espíritos é enorme. D'ella nasceu o que tinha sido até então um fracasso, apesar de todos os esforços humanos, a Côrte Internacional de Justiça e seu principio de arbitramento obrigatorio. Sem ella Locarno não teria existido. Por intermédio d'ella melhoram sem annexação as populações coloniaes, que n'outros tempos teriam sido espolio da guerra. E quando não houvesse tudo isso, o facto de 54 nações, de todos os cantos da terra, se reunirem annualmente para decisão de questões communs, constitue um acontecimento tão auspicioso que assignala, sem dúvida, o início de uma nova era.

HÉLIO LOBO.

MARIA DAS DÔRES

— Que mulher alegre! Quem é?
— Qual?
— Aquella, alli, ás gargalhadas.
— Ah! é a Maria das Dôres.

Disse:

— Até hoje, só pertenci a tres homens: o primeiro que amei, o meu marido e todo mundo.

Sentada, era mais bonita. A poltrona escondia-lhe as cadeiras.

As pernas d'ella, com meias côr de areia, areia da praia, pareciam bonecas, dansarinas magras de porcelana.

— A única dôr que tive na vida foi uma dôr de dentes.

— A única?!
— Das outras, não me lembro.

Um admirador mandou-lhe quinhentos mil réis dentro de uma carta. Ella comprou perfumes com os quinhentos mil réis. E devolveu a carta, indignada.

Si cheirasse cocaína, na certa que espirrava.

— Dou-lhe tudo... tudo... E você?
— O meu amor.
— Que mais?
— Aspirina.

Não sabe nada. É sabidíssima.

Si se fallar em pintura perto d'ella, é muito capaz de abrir a bolsa para vêr se está muito pintada.

Um jornalista perguntou-lhe:
— Em música, qual é o seu autor predilecto?
— O charleston.

Declara bem simplesmente:
— Eu, si fosse poeta, não fazia versos.

Ouve uma linda phrase. Exclama:
— Que tolice!
Ouve uma tolice. Extasia-se.

O radio enternece-a.

— Scheherazade!
— Cheira que?!

Pediu-me um cigarro. Dei-lhe um cigarro. Não quís.
— Isso é cigarro de mulher.

N'um minuto de melancolia:
— Eu queria morrer como vivi: em geral...

Ás vezes, quando não tem nada que fazer, põe-se a gostar de alguem.

— Nunca mais o viu?
— Nunca mais.
— Quanto durou esse amor?
— Oitenta e sete contos. Pouco.

Deram-lhe um automovel Ford, ultimo modelo. Trocou-o por uma cachorrinha japonesa, velhíssima.

— Que é que desejaria ser si não fosse o que é?
— Mata-borrão.

ALVARO MOREYRA.

REVOLUÇÃO CONTRA REVOLUÇAO

Nenhum traço do pensamento contemporaneo parece distinguir tanto a mentalidade do seculo XX do espirito do periodo que immediatamente o precedeu, como a reacção dos homens novos contra o fatalismo que, com a autoridade do determinismo scientifico, dominou a intelligencia humana durante mais de cincoenta annos. O effeito pratico do systema de idéas elaborado em torno das theorias biologicas sobre a evolução foi acima de tudo annullar qualquer forma de crença na iniciativa voluntaria e deliberada do individuo. O esquecimento da interpretação lamarckeana do transformismo, que deixava ampio espaço á acção orientadôra das forças intrinsecas dos proprios organismos no processo evolutivo, permittiu que em torno das inducções de Darwin se creasse uma doutrina em que esse processo tomava a physionomia de um conflicto tão complexo de factores, que nenhum papel restava a qualquer intervenção directa da acção individual.

No dominio da sociologia e da applicação desta ás realidades praticas da vida collectiva, o evolucionismo converteu-se em um systema metaphysico, segundo o qual todo o mecanismo do desenvolvimento historico não passava dos resultados da acção gradual subconsciente de forças sociaes, em face das quaes o individuo sem iniciativa e sem responsabilidade era orientado para objectivos que escapavam á esphera da sua acção pessoal. Mesmo antes da influencia biologica haver dado á moderna sociologia esse espirito que a caracterisou até os ultimos annos, já um dos fundadores das sciencias sociaes, Comte, formulava as bases desse determinismo collectivo, ao affirmar, como interpretação fundamental dos phenomenos sociaes, a proposição de que o homem era conduzido pela humanidade.

O ambiente mental creado pelas *élites* cultas, sob a influencia dessa ideologia evolucionista, com os seus corollarios da inutilidade da acção directa e da impossibilidade de alterar a ordem das correntes intellectuaes, sociaes ou moraes por golpes bruscos e violentos, impregnou toda a atmosphera politica do mundo occidental, desde o ultimo quartel do seculo XIX, acarretando effeitos praticos profundos e de grande alcance. Tanto no dominio da acção politica, como no terreno do conflicto das idéas philosophicas e das tendencias artisticas, foram abandonados os methodos tacticos que o exemplo revolucionario do seculo XVIII e a orientação dos romanticos de 1830 haviam consagrado como processo preferivel para promover as transformações politicas, intellectuaes, sociaes ou economicas. Até o momento em que o evolucionismo adquire ascendencia sobre o espirito europeu, todas as forças de renovação das sociedades, ostensiva ou implicitamente, acceitavam os methodos revolucionarios como formula de acção combatente. Com a victoria espiritual do conceito evolucionista, o unico plano de renovação e de transformação acceitavel ás intelligencias empolgadas pelo novo crédo passou a ser o esforço paciente e tenaz no sentido de movimentos progressistas que, propellidos pelas energias accumuladas do inconsciente social, acabariam por effectuar o obra em que a acção individual da vontade não poderia nunca ser levada em conta como factor apreciavel.

É a reacção contra essa tendencia, que ha um quarto de seculo parecia ter conquistado uma situação de predominio na direcção do espirito humano por um lapso de tempo incalculavel, que pretendo assignalar neste rapido esboço, como o mais caracteristico e interessante phenomeno da nova mentalidade occidental. Assim como, sob a influencia das theorias biológicas da segunda metade do seculo XIX, surgiu, tomou corpo e assumiu proporções dominadôras a corrente evolucionista, tambem, ao impulso da nova orientação da biologia, caminha, avolumando-se e avassalando os espiritos, a caudal que não se detém mais em marcha lenta, hypnotisada pela confiança na acção inconsciente de um concurso complexo de forças imponderaveis. Com as pesquisas da nova escola biológica inaugurada nos primeiros annos deste seculo pelos trabalhos do botanico hollandez Hugo De Vries, o evolucionismo gradual, segundo cuja interpretação

as formas vivas se transformavam por um insensivel processo de incalculavel duração, começou a ceder logar á idéa nova do transformismo por crises bruscas de mutação, que assignalam os marcos do desenvolvimento progressivo na vida das especies. De accôrdo com essa nova doutrina mutuacionista, que se vincúla á concepção inicial com que Lamarck deu origem ao transformismo, os sêres vivos, continuados na linha hereditaria das especies, alternam-se na sua existencia, em phases de permanencia dos seus attributos, em crises periódicas de actividade transformadôra. As variações, que o evolucionismo encarava como resultado final de imperceptiveis transformações funccionaes e somáticas, passam a ser effeitos promptos dessas crises revolucionarias da vida.

Transplantadas para o terreno da sociologia, da politica e da acção pratica das escolas philosophicas e artisticas, as consequencias de conceito mutacionista vieram subverter por completo os pontos de vista que pareciam solidamente firmados ao alvorecer deste seculo. A geração anterior de criticos e de pensadores nos legára uma interpretação do processo historico que, tanto no dominio da acção social, como no campo das idéas, tinha como effeito excluir a vontade do systema de forças de transformação e de renovação. A marcha do destino das nações, o exito dos crédos, o triumpho das escolas philosophicas e artisticas, tudo se enquadrava no lento funccionamento das engrenagens de um complexo e mysterioso apparelho, movido pelo todo, sem que as partes pudessem ter nelle qualquer intervenção ponderavel. Mas se a vida se transforma em momentos criticos em que o equilibrio mollecular dos elementos da cellula é alterado pela acção de estimulos ainda desconhecidos ou mal suspeitados, era logico que no pleno da acção humana as grandes transformações operadas em todos os dominios da actividade viessem tambem a ser interpretadas como effeitos de crises análogas. Assim. o apparecimento de uma fé religiosa que se torna vencedôra, a substituição de instituições politicas, sociaes ou economicas por outros typos de organização, o deslocamento de uma concepção da arte ou de uma interpretação philosophica de qualquer ordem de phenomenos, em vez de serem explicaveis por uma longa série de antecedentes accumulados, tornam-se comprehensiveis ao espirito como resultados conseguidos em determinadas occasiões pela acção brusca e violenta de forças humanas estimuladas pela pressão de factores immediatos, intensificadas pela incandescencia das paixões e actuadas pela força directriz da vontade guiada pela intelligencia seleccionadôra.

Entre as novas idéas que a theoria mutacionista veio trazer para a interpretação do transformismo, uma das mais interessantes é a da verificação de que as crises de mutação não se definem tanto pela acquisição de caracteres novos, como pela eliminação dos caracteres antigos, de que as especies se libertam como de um fardo inutil para o proseguimento de seu desenvolvimento progressivo. No terreno sociologico e no dominio da luta das idéas, essa noção apresenta um corollario pratico de incalculavel importancia. O progresso deixa de ser uma accumulação de acquisições tradicionaes, para tornar-se a expressão de um rompimento corajoso com o passado e de um abandono deliberado do peso morto de tradições, de idéas e de preconceitos, cuja funcção é reconhecida negativa na orientação do processo de mutação. Dahi essa nova attitude do espirito hodierno, irreverente para as cousas antigas e pouco misericordioso na amputação dos orgãos atrophiados.

O alcance desta nova orientação não precisa ser posto em destaque por uma argumentação elaborada. A consequencia prática da crença evolucionista era levar o espirito occidental para um estado que, apesar da sua decoração anterior em linhas scientificas, não divergia fundamentalmente do estado d'alma dos povos dominados por uma fé céga na fatalidade da obediencia á dictadura caprichosa dos deuses e dos demonios. As forças imponderaveis que se agitavam no complexo determinismo da metaphysica do progresso eram, em ultima analyse, successores modernos das divindades apeadas dos altares pela investigação irreverente dos seus pergaminhos e das suas arvores genealogicas. Entre um pensador politico do ultimo quartel do seculo passado, que esperava a transformação das sociedades e a regeneração do espirito humano pela acção maravilhosa e intangivel de uma legião de energias, tão vasta e tão complicada que se perdia na obscuridade em que o agnosticismo não ousava penetrar, e um crente confiante na acção irresistivel da vontade divina não existia uma differença essencial. Desse pensamento nos separa hoje uma distancia moral tão grande, que os homens novos ouvem os écos dessa philosophia recente como se ella nos falasse á distancia de seculos e de millennios.

A nova corrente, que desejei pôr em fóco perante os leitores da «Revista do Brasil», representa na historia do desenvolvimento do pensamento humano uma crise de que não encontramos parallelo no registro das chronicas da intelligencia, e que só é talvez comparavel á crise que o folk-lore e as lendas mythicas concretisaram na descoberta fabulosa da Arvore do Conhecimento. Parecerá exagero vêr nas manifestações mentaes das novas gerações nos differentes paizes um outro apparecimento da bemfazeja serpente, a romper o equilibrio estavel do espirito humano immerso na estupidez edenica. Mas a verdade é que a affirmação de que a vontade do homem, a energia realisadôra, a acção combatente, a coragem para renegar o passado e quebrar implacavelmente os velhos padrões dos valores herdados se synthetisam em uma nova concepção dos destinos da humanidade e das suas possi-

bilidades no aproveitamento da terra, que vêm talvez inaugurar o verdadeiro imperio da nossa especie no planeta. Acreditando que, pela evolução, pela espectativa paciente da acção inconsciente, nada se póde obter e que do fatalismo scientifico do evolucionismo não se pódem esperar melhores frutos do que os do fatalismo theológico, o espirito humano enfrenta resolutamente o conceito da transformação das idéas, dos homens e das sociedades pelo processo brusco e violento das mutações revolucionarias.

O essencial corollario pratico desse novo rumo pelo qual o pensamento philosophico contemporaneo se vae encarreirando é a rehabilitação da idéa revolucionaria. Para transformar, para renovar, para regenerar, não podemos contar nem com o tempo, nem com os imponderaveis; a esperança nos effeitos accumulados das parcellas da vontade é uma illusão que perpetúa a estagnação e escravisa o espirito sob o peso dos proprios valores que elle condemna .Na ordem das idéas, no plano da transformação politica e social das collectividades, a unica salvação depende dos homens de vontade e dos que não se intimidam com as proporções assustadôras das tempestades que renovam e transformam. A acção, que é em ultima analyse a exteriorisação da vontade, resume o unico processo efficaz de estimular as unidades apathicas e indifferentes das collectividades, forçando-as a entrar no estado vibratorio, que torna possiveis as grandes mutações.

Essas idéas, que a muitos poderão parecer novas e estranhas, já se tornaram, entretanto, forças activas e realisadôras. Os nervos fracos dos que se contentam em esperar ficarão talvez perigosamente sobresaltados se attenderem ás applicações praticas da nova fé na efficacia da revolução, que se está multiplicando em accelerada proporção por toda parte. Entre a deliberação de uma reforma intellectual, politica ou social, e a sua concretisação em resultados tangiveis, os homens novos não deideixam mediar mais senão o tempo necessario á condensação de energia imprescindivel ao exito da descarga renovadora. Entre nós, na sadia impaciencia, que por vezes póde tomar a forma desagradavel de explosões desorientadas, já estão bem claros os signaes desse onda que da Europa e da America levou ás sociedades adormecidas da Asia a alvorada de um dia tormentoso de agitação e de demolição do passado. Aos que ainda não envelheceram bastante para se tornarem incapazes de obedecer ao rythmo forte do pensamento novo, não parece inopportuno aconselhar que se preparem para acompanhal-o em toda a lógica formidavel de seu desenvolvimento inevitavel.

AZEVEDO AMARAL.

CHRONICA DE POLITICA INTERNA

O presidente Bernardes vae ter um mandato de senador e a presidencia do P. R. M. Esperava tambem a presidencia vitalicia da Commissão Executiva do Partido Republicano Mineiro e a de um Partido Nacional, que já fracassou, porque o sr. Antonio Carlos foi o primeiro a vetal-o, antes que São Paulo e o executivo federal tomassem essa iniciativa.

O sr. Bernardes, antes de partir para Minas, teve uma idéa extranha: desejou deixar assentada a escolha do successor do sr. Washington Luis, e, para isso, convocou ao Cattete, os srs. Antonio Carlos e Mello Vianna para fallar-lhes prophético, com aquelle tom sacerdotal que lhe era peculiar. O presidente achava que do Brasil se avizinham dias ainda peiores do que aquelles que vivemos debaixo da sua tyrannia implacavel e botocuda. Era preciso tutelar-lhe o futuro, escolhendo, desde agora, o successor do sr. Washington. Elle via tudo torto, triste, sombrio e não desejava voltar, si bem que estivesse convencido de que, ao cabo d'estes quatro annos, o povo correria a Viçosa, em massa alvoroçado, a buscal-o para subir de novo ao Cattete...

Os srs. Mello Vianna e Antonio Carlos se entreolharam espantados. Seria possivel que estivessem tratando com um louco? O sr. Bernardes fallava com a uncção perigosa de um illuminado, a quem o Céo directamente inspirasse; e, partindo para Minas, subiu as montanhas da sua terra, decidido a continuar a exercer a mesma missão providencial com que do Cattete salvara o Brasil.

Nenhum presidente até hoje deixara o Cattete com a convicção mais céga de continuar a exercer uma larga magistratura moral sobre o país quanto o sr. Arthur Bernardes. Elle elegera o sr. Washington Luis e entretivera a galeria na illusão de que fôra o autor da candidatura Antonio Carlos. O sr. Washington Luis foi a sua taboa de salvação. Querendo fazer a revisão constitucional, e querendo leval-a por deante a pulso, só indo buscar o presidente em São Paulo e o vice-presidente em Minas, poderia o sr. Arthur Bernardes organizar uma maioria parlamentar afim de apoial-o naquella aventura. Em São Paulo official, desmoralizado o sr. Carlos de Campos pela sua conducta durante a revolução de 1924, que o sr. Bernardes tantas vezes qualificou de pusillanime, quem restava sinão o sr. Washington Luis?

O sr. Bernardes foi para São Paulo como quem vae para uma praia abrigada,

em busca de porto seguro. A náo da revisão estava desarvorada, si elle tentasse levantar as velas, de outras bases que não uma presidencia paulista e uma vice-presidencia mineira. Foi esperto, nesse ponto, e ganhou a partida.

Mas é preciso recordar que o sr. Bernardes, quando lançou ao mar largo a caravella da reforma constitucional e tratou com São Paulo, era o presidente da Republica, isto é, tinha alguma cousa que negociar, e esta alguma cousa era muito, porque era o executivo federal. Poderia hypothecar o apoio a uma candidatura presidencial e tal apoio valia muito. Deixando, porem, o Cattete, a situação já mudava muito de figura, para que os srs. Washington Luis e Antonio Carlos o ouvissem, nas suas disparadas vesanicas, com a mesma benevolencia com que o haviam supportado estes quatro annos. Tentando galvanizar o seu poder depois de 15 de Novembro, occorreu habilmente ao sr. Bernardes a idéa de fundir a maioria que fizera a candidatura Washingfon num partido nacional, do qual fosse elle o chefe ostensivo no Senado. O partido nacional foi logo boycottado por Minas, a Minas do sr. Antonio Carlos, e só por isso nem chegou a vir a furo. Abortou.

A presidencia vitalicia do P. R. M. teve identica sorte. O sr. Antonio Carlos bateu o pé, gentilmente mas firmemente, á idéa de se modificar a estructura organica do P. R. M., não por motivos de indole partidaria, mas por circumstancias exclusivamente pessoaes. Os conservadores moderados seguiram-n'o na hostilidade a idéa extravagante da vitaliciedade do presidente do P. R. M. Apoiado pelos srs. Wenceslão Braz, Bueno de Paiva e outros, o Sr. Antonio Carlos organizou a resistencia, dentro da Commissão Executiva. E foi tão decisiva que o sr. Bernardes abandonou logo o plano de viabilizar a sua presidencia vitalicia. Restam-lhe a senatoria e uma presidencia sem importancia, automatica, durante 12 mezes — presidencia de páo mandado, porque a maioria da Commissão lhe sendo abertamente adversa, terá elle de homologar-lhe as decisões e proclamar, em voz alta, os resultados das duas derrotas. O sr. Antonio Carlos é um homem de exquisita perversidade, e não é impunemente que vae fazer o sr. Bernardes chefe innocente de um partido que o não obedece...

Si o sr. Arthur Bernardes chegar um dia a poder tomar posse da sua cadeira de senador — posse que será um facto interessante e sensacional, porque o veremos entrar no Monroe escoltado por piquetes de cavallaria e infantaria — terá no Senado uma situação ridícula. Porque vae ser o soldado dos srs. Mello Vianna e Antonio Carlos. Agirá sem liberdade de opção, sem faculdade de iniciativa, sem autonomia, reduzido a uma posição insustentavel para quem teve as velleidades de chefe, que o animaram até 45 dias atrás.

O que o sr. Arthur Bernardes teria de mais intelligente a fazer deixando o Cattete, era não se envolver na vida política do país. Todos sentem que em Minas, no seu proprio Estado, lhe falta ponto de apoio; não ha quem o queira lealmente para occupar nenhum posto onde o mando implique autoridade, o conselho pedido e ouvido.

Si a política foi um desastre no quadriennio passado, a administração foi outro de proporções bem maiores. O sr. Bernardes sahiu com a sua probidade pessoal maculada pelos actos administrativos mais escandalosos que ainda assistiu o Brasil. Jámais ninguem vira aqui um presidente da Republica metter as mãos nos cofres da nação, arrancar seis mil contos para dal-os a um ministro de Estado, afim de este comprar um jor-

nal! Jamais se viral o thesouro publico, por ordem do presidente, dar sete mil contos a um jornal, que não cumprira outros compromissos de menor monta com o Banco do Brasil.

O sr. Bernardes sahiu do Cattete em condições que o não recommendam a um povo limpo e moralizado como o de Minas. No Senado, será o embaixador d'«O PAIZ», do «JORNAL DO COMMERCIO», — de Minas é que não.

ASSIS CHATEAUBRIAND.

◆◆◆◆◆◆◆◆◆◆◆◆◆◆◆◆◆◆◆◆◆◆

Companhia Constructora de Santos

CAPITAL . . . . . 3.000:000$000
FUNDO DE RESERVA . . . . . 3.000:000$000

S. PAULO — Rua Boa Vista n.º 5
(Palacete Palmares)

Endereço Telegraphico; «CONSTRUCTO» — Caixa Postal n. 3008 — Telephone: Central, 3860
(Rêde particular ligando dependencias)

SANTOS
Praça Mauá, 25
Caixa Postal 222 — End. Teleg.: «Constructo» — Teleph.: Cent. 259

RIO DE JANEIRO
Rua Sachet, 27
Caixa Postal 607 — End. Teleg.: «Constructo» — Telep.: Norte 6126

ESCRIPTORIO TECHNICO

ENGENHEIROS — ARCHITECTOS — CONSTRUCTORES

Estudos — Ante-projectos — Projectos detalhados — Orçamentos completos — Execução de obras por empreitada e administração — Habitações de luxo e economicas — Predios para renda — Hoteis — Theatros — Hospitaes — Escolas — Fabricas, etc.

CONSTRUCÇÕES EM CIMENTO ARMADO

Saneamento e abastecimento de agua — Poços artezianos — Estradas de ferro e de rodagem — Calçamentos

ESCRIPTORIO COMMERCIAL

Venda, deposito e importação de materiaes de construcção — Azulejos de louça — Ladrilhos ceramicos — Tijolos refractarios — Telhas — Cal — Cimento — Madeiras — Pedras — Vidros — Ferragens — Chapas — Vigas para construcção — Artigos sanitarios — Tubos de ferro para agua e gaz — Material de cimento armado e para pintura — Fios de cobre para electricidade, etc. Officina de serraria, carpintaria, mecanica e fundição, britador — Grande fabrica de ladrilhos e manilhas de cimento — Agencias de compras em Londres, Hamburgo e Nova York — Serviço de despacho para o interior

LOJA:
Rua 3 de Dezembro n. 16
(Antiga Rua Boa Vista)
Telephone: Central, 3860

DEPOSITO:
Rua Mello Barreto n. 86
(Travessa da av. Rangel Pestana)
Telephone: Braz, 2317

DESVIO (chave na S. P. R.) — Av. Rudge n. 5 (Bom Retiro)

TOBIAS BARRETO CONTRA CLOVIS BEVILAQUA

O artificio maior da correspondencia de Tobias a Sylvio era o de se fazer diabolico. Satanico, anagador implacavel. Tobias queria afigurar-se ao discipulo amado como o anjo exterminador, o iconoclasta furioso que conduzia a verdade nova, deificara a campanha renovadora sobre os destroços de tudo e de todos. Pereça tudo, esmague e trucide o que não couber nos nossos moldes, taes os imperativos do rebelado ao discipulo empolgado. E como medida do seu descomedimento, eil-o a arrazar entidades caras, ensinando o esmagamento. Insincerizava-se para apparentar sinceridade á fé incendiaria, attingindo ao maior artificialismo que era a renuncia ao maior dos prazeres: — ser elle mesmo... Deixar de trabalhar com os proprios sentimentos para procurar um material que embora falso, fosse ferir e vibrar a nota que o empolgava — a nova ordem espiritual.

O negativismo em Tobias *ad usum* de Sylvio tomava o calôr de uma paixão furiosa. Elle riscava do mundo intellectual brasileiro, supprimira como quem apaga os traços do giz no quadro negro as figuras cujo incenso disputava.

Ahi sim, o segredo das suas deblatarações.

A pouca vida interior do mestre de Recife nada mais foi do que uma consequencia da obcessão gorada do *trist* do applauso, do monopolio das homenagens e da consagração. Um Socrates de Mauricéa sem margens para um Aristophanes com as suas Nuvens...

Só Alcebiades, todos Alcebiades de um Socrates singular: elle Tobias. Em todas as suas polemicas uma preoccupação obsecante: arrancar o adversario aos bons ventos da fama e delapidal-o no pelourinho do descredito letrado para inutilizal-o como sujeito de admirações. Ao contrario de Stockman, elle queria estar sosinho, mas com toda a gente a apregoar-lhe a superioridade, mas só a delle. Foi o menos philosopho dos nossos philosophos. O seu egocentrismo centripeta nunca lhe permittiu entender dos homens aos quaes amava com a mesma força dos seus odios. Deus, mesmo, um dos pólos de convergencia das suas cogitações, afigurava-se-lhe um ser talvez maior que os mestres da Germania ao qual se submettiam os seus circumstantes e elle com reservas para não ser aulico. Espirito para tratar-se em egual, perfeitamente accessivel ao seu entendimento e mal servido pelos padres do seminario de Olinda que elle gozava descascar impiedosamente.

Sylvio Romero, com toda a sua braveza, fascinado de um só motivo, o folklore especie de amuleto onde todo o seu evolucionismo encontrava a pedra de toque para todas as aferições, teve o azar de ser o eleito de Tobias para o apostolado. Para o mestre, folk-lore éra quasi

bobagem. Nietzsche enfurecido com os themas mediévaes e as legendas barbaras motivadoras do poema musical wagneriano...

Mas, Wagner soltou o importuno e Sylvio soffria calado as objurgatorias do desancador do folk-lore. Como discipulo amado, era fatal fazer-se recipiente das iras profundas ou das coleras sagradas do Mestre. E Tobias usufruiu largamente desse direito patronal. É o que registra nitidamente a correspondencia dos dois sergipanos estampada em primeira mão pela Revista do Brasil. Tobias queria accentuar nessas cartas o que elle pensava e não o que pensavam. E o que elle pensava era na sua supremacia, na sua exclusividade. Parecia-lhe inadmissivel ser alguem intellectual sem os seus instrumentos de trabalho quotidiano — o allemão e a cultura germanica. Esquecia-se da cultura mediterranea ou desdenhava-a seduzido pela nova technica vocalizada por monstros de sabedoria cujos vultos hoje se desfazem, quasi todos num olvido lethalizador. O equivoco é frequente e raros são os capazes de binoculizar dos dos dois lados o espirito que nos empolga no momento. Ha uma tendencia das admirações para eternizar os ephemeros e é só com as lentes de augmento que se os fitam. Poucos sabem inverter o binoculo e acuar o gigante que toma todo o campo visual das lentes, para ver o que delle fará o tempo. Mas, si amesquinhava os que não dispunham dos seus instrumentos culturaes, não sympathizava com os que mesmo involuntariamente poderiam emulal-o. Não que elle temesse rivalidades, pois julgava-se sobre todos elles. Mas a questão é que os homens poderiam entender differentemente... E dahi, certas ogerizas que só a hypertrophia do seu *eu* explica satisfatoriamente. Ao tempo de Tobias, vivia no Recife um moço que era o reverso do espalhafato bellicoso que preconizava o mestre feito ouriço caixeiro a farpear as glorias e gloriolas ribeirinhas do Capiberebe. Até certo ponto, Tobias tinha razão, pois nada ha de mais provocador do que a ventura dos falsos intellectuaes, especialmente os da provincia. Tobias era ingenuo e queria acabar com a *ventura*. A Sylvio, escrevendo elle, tinha em repetir o seu pejorativo predilecto, o seu formidando apôdo para uso intimo, a grande contumelia — chamar alguem de «felizardo». Esse «felizardo» é como o «anarchico» de Comte. Com essa palavra anathema, elle suppunha *fulminar* a mulher: «anarchica!»...

Na sua luta quixotesca elle era verdadeiramente cabotino. Mas, o moço tambem era versado no allemão e o seu pendor para a cathedra, num paiz de professores improvisados, fel-o abrir curso particular de direito civil, frequentado pela melhor mocidade da academia. Tinha, portanto, Clovis Bevilaqua dois motivos para a excommunhão de Tobias, o allemão e o circulo de admirações que elle nem solicitava nem cultivava. Trabalhara silenciosamente e editara seus estudos, um dos quaes sobre Tobias, repassado de amavel sympathia e mesmo certo enthusiasmo pelo «jurista philosopho». É um ensaio cheio de generosidade em que a figura de Tobias surge encabeçando um forte e sério movimento de idéas novas e elle integrado na solução do pensamento brasileiro como um «*duce*» valoroso. Por esse tempo, referiram a Clovis que elle passara fronteiro a uma livraria onde Tobias, entre moços, realizava a sua volupia do só, mas, com muita gente a ouvil-o e veneral-o. Viu o docente livre e para o grupo ironisou perfidamente:

—«Lá vae o nosso *Iring* (era assim que se dizia Ihering nos tempos de Tobias...)

Clovis nunca foi sedento de gloria. Trabalhador de uma probidade invulneravel, resignatario voluntario dos prazeres da vida e seus gozos, benedictino infatigavel, é curioso como tanta affectividade poude elle fazer viver ao lado da sua actividade de technico severo do direito.

Mas, elle nunca ambicionou o logar de Tobias nem sua alma rumou para a direcção dos ideaes delle. De tudo isso sabia o bulhento lutador. Mas, sem o querer ou sem o vizar, Clovis vinha sendo e o é, uma das glorias mais puras e indiscutidas do Brasil. A sua maturidade é uma razão

fartissima. O seu saber é o mais assimilado de quantos entre nós estudam o direito. A sua linguagem rica de força e de expressão é dessas syntheses modelares que só as mentalidades creadoras plasmam em definitivo. Presentia-o Tobias com zelos futuros que não são menos temiveis do que os ciumes posthumos do segundo marido de uma viuva. Mas, intelligente, elle comprehendia como seria contraproducente um ataque despropositado contra quem, além de ser a voz mais autorizada da mocidade que o amparava, representava justamente um brazão de orgulho para a mentalidade pernambucana. A impolitica do golpe era evidente. Mas, a correspondencia com Sylvio seria o emunctorio dos máos humores de Tobias contra Clovis. A funcção da contumelia era o descongestionante de Tobias, agia como as lagrimas nas hystericas, desabafava. Mas elle não se desrespeitava nem queria perder o respeito do discipulo promovido ao penoso apostolado. Necessitava do pretexto para ferir cruamente a Clovis, fazendo da finalidade precipua da carta um mero incidente. Um «por exemplo» a custa de Clovis... A obliquidade das injurias era tão só apparente, pois o fim directo da carta era o ultraje necessario, tubo de escapamento da caldeira em pressão sobre a fornalha em brasa, de um temperamento incendiario.

Assim explico a carta. Cheia de proveitos para Tobias e dolorosa para Sylvio que em dezenas de annos de intima convivencia com Clovis, jamais se referiu a ella, sepultando-a em silencio. E bem andou porque ella fez chaga na sensibilidade desse mestre que sem acolytos, nem egrejas, nem seitas, há-de ser o manancial de todos os mestres que de futuro perlustrarem a intelligencia dos artigos do codigo civil.

Com ella Tobias incutia no «sr. Sylvio» novos fervores para a dedicação, ensinara-lhe a pisar os sentimentos para gaudio de uma razão fria e impiedosa que nos germanistas via pedantes e nos outros, nullos. Com ella, feita para um só leitor, desabafava-se de rancores inconfessaveis, arvorando-se em doutrinador impassivel, insensibilizado, executor mystico dos castigos aos autores da ignominia de lhe disputarem ou simplesmente partilharem das admirações imprescindiveis... Injusta, insincera, na injustiça e na insinceridade sublimadas, theatralmente em sacrificio pela causa da regeneração mental do Brasil, encontraram a razão de chocar o animo parcial do amigo cégo de devotamento, predisposto a admirar, a acatar como idéas altas e nobres, principios superiores, o que não passava de residuo, precipitado, cinzas das combustões da organização mais egocentrica e egoistica do pensamento brasileiro.

É possivel que na analyse psychologica da carta vá a parcialidade da admiração e da sympathia que nós moços, estudantes de direito, tributamos a Clovis Bevilaqua, mestre irrecusavel. Ainda bem que esta eira seja a alma do ensaio. Tanto melhor para Clovis que saudado pelas novas gerações de juristas da sua patria com venia e reverencia, olvidará a magoa de uns apôdos insinceros que melhor ficariam mortos entre mortos, nascidos de um dos seus juristas-philosophos. Sel-o-ia o autor da carta?...

MUCIO CONTINENTINO.

A DANSA DAS FOLHAS MORTAS

Num recanto de praia, ao subito capricho
da viração,
altearam-se do pó, da penumbra, do lixo,
alçaram-se em voluta
míseras folhas mortas,
Umas, côr de ouro velho;
outras, d'esse matiz inconstante da lava,
algumas do amarello uniforme do enxofre;
estas, lisas, eguaes: aquellas, semi-tortas;
qual, húmida em seu disco a lembrar um espelho;
qual, resequidamente enxuta;
ergueram-se de chofre,
como se foram de escondida aljava
settas em busca da immensidão.

Mas do solo suspensas,
no seu valente surto,
desdenhavam subir.
Formaram corpos, distenderam braços,
e em gestos largos ou em gesto curto,
aos extranhos compassos
de sarabandas intensas,
desataram-se em furia

a pular, a correr, a rodar, a fugir.
Eram folhas de arbustos,
— verdes esboços de esperança; —
folhas de ramos florescidos,
— as reliquias do amor;
folhas de troncos adustos,
de temporaes batidos;
— pobres registos do passado —;
tudo quanto vibrara ao supremo esplendor
de uma aurora purpurea
ou de um cinzento luar magoado.

E estavam mortas, e do ha pouco extincto
bastou um sopro, que resurreição!
Como si os animasse occulto instincto,
rodavam loucos no rodopio
de uma insoffrivel dansa
tantos anseios, tanta saudade,
quanta agonia, quanta commoção!

Uma folha rompeu num lance o fio,
que ás outras a ligava,
e num delirio de velocidade
torvelinhando rápido roda,
e afogou-se na areia a beira-mar.
Esta, o vôo levanta e ascende brava
á janella tão alta, e que envolviam toda
pallidas rosas, brancos jasmins.
Cáe feliz, como um beijo desfallece
entre veludos e setins,

Mas a invisivel batuta,
que as borrascas regula e dirige a bonança,
logo transmuda a correnteza do ar.
Ei-la bafeja em turbilhão, e mansa,
condensando a voluta
das folhas mortas.
Desenha-se algo de uma forma humana,
á luz da tarde, que agoniza,
De meias-tintas se entretece
a visão.

E loura, é quasi fluida, ás neblinas se irmana
em feminino contorno.
Mantem-se erecta na praia lisa,
a dominar em torno.
Do bruxoleio do occidente
reflexo tênue e ralo
paira sobre a figura transparente,
como um halo.
Vejo-a dentro da minha fantasia,
maravilhosa creatura,
feita de sonhos e de maldições
roubadas pelo vento á sepultura.

Que bemfeitora tarde! Que alegria
espalhas no teu mysterio
para um trilho funereo!
Quanto confortas,
a diffundir no espaço illusões, illusões,
na dansa das folhas mortas...

ALCIDES FLAVIO.

CONTO DE NATAL

Elle tinha sete annos e o seu maior desejo era possuir uma armadura de cavalleiro, egual á do filho do vizinho, um menino tambem de sete annos e com quem elle brincava de vez em quando.

Mas o filho do vizinho era rico e só por isso podia possuir uma armadura tão bonita, de peitoral reluzente, capacete empennachado de vermelho, largo escudo brazonado e cinturão de espadia á ilharga.

E como elle era pobre e não podia possuir uma armadura tão bonita, ficava boquiaberto e ralava-se de inveja quando o filho do vizinho, todo garboso na sua couraça, embraçando o escudo brazonado e empunhando o espadim, ameaçava o filho da cozinheira e fustigava os gatos da vizinhança.

E um dia elle quís saber quem lhe tinha dado um brinquedo tão bonito e o filho do vizinho explicou que aquillo tinha sido presente de Papae Noel. E como elle era pobre e nunca tinha ouvido fallar em Papae Noel, o filho do vizinho explicou tambem quem era Papae Noel, um velhinho de barbas brancas que descia do Céo nas noites de Natal e distribuía brinquedos pelas crianças.

E elle ficou mais animado quando soube que, mesmo sendo pobre, talvez pudesse ganhar uma armadura tão bonita, si na noite de Natal fizesse uma oração a Papae Noel e pusesse os seus sapatinhos junto da janella.

E elle foi para casa e não disse nada a ninguem. Mas não se esqueceu e na noite de Natal, fez a oração a Papae Noel e botou os seus sapatinhos junto da janella.

E na sua oração, elle não se esqueceu de pedir que a sua armadura fosse tão bonita como a do filho do vizinho: de peitoral reluzente, capacete empenhachado de vermelho, largo escudo brazonado e cinturão com espadim á ilharga.

E durante a noite elle teve um sonho muito bonito e, todo garboso na sua couraça, embraçando o escudo brazonado e empunhando o espadim, ameaçava tambem o filho da cozinheira e fustigava os gatos da vizinhança.

E elle accordou cedinho e foi direito á janella. E o seu coração começou a bater ligeiro quando elle viu que Papae Noel não se tinha esquecido d'elle e havia deixado um grande embrulho em cima dos seus sapatinhos.

E elle estava tão apressado que foi logo rasgando o papel e começou a remexer o embrulho. Mas elle não encontrou a armadura e abriu n'um formidavel berreiro. E mais elle remexia o embrulho e mais elle berrava. É que os seus dedos nervosos, por mais que procurassem, não encontravam nada do que elle pedira: nem o peitoral reluzente, nem o capacete empennachado de vermelho, nem o largo escudo brazonado, nem o cinturão de espadim á ilharga...

E foi tal o seu berreiro que os paes accorreram assustados:

— O que é, meu filho? O que foi que aconteceu?

— É que eu pedi a Papae Noel uma armadura egual á do filho do vizinho e elle me trouxe isso...

E elle apontava para o embrulho rasgado e remexido e onde se viam umas cousas exquisitas e amarrotadas.

O pae abaixou-se então e começou a examinar uma por uma as peças contidas no embrulho. Eram um fraque preto, um chapéo-côco, um guarda-chuva de cabo de ouro e tambem um annel symbolico tendo apenas um grande *chuveiro* de brilhantes e ao qual faltava juntar a pedra caracteristica, esmeralda, saphira ou rubi, conforme a profissão abraçada.

Mas, como o pequeno, indifferente áquelle exame, continuasse no berreiro, pois que com aquellas cousas não poderia ameaçar o filho da cozinheira, nem tão pouco fustigar os gatos da vizinhança, o pae acalmou-o com voz meiga:

— Sossega, meu filho... Eu, amanhã te trago uma armadura egual á do filho do vizinho.

E depois, voltando-se para a mulher e mal disfarçando o contentamento que lhe ia na alma, completou:

— Isso é melhor do que qualquer armadura medieval. Mais tarde, mettido nesse fraque e com a ajuda do annel symbólico e do guarda-chuva de cabo de ouro, se elle fôr geitoso e tiver uma certa compostura de maneiras, poderá alcançar tudo o que quiser na vida.

GASTÃO CRULS.

THEATRO E MUSICA

COMPANHIA TANGARÁ — THEATRO GLORIA

Quando se fala na inexistencia do theatro nacional nunca ninguem leva em conta o theatro oupplar. E elle está ahi firme. Começou no largo do Rocio entre marinheiros e rapazes do commercio. Depois das visitas das meninas francezas e inglezas, que andaram mostrando as pernas no Lyrico, foi se approximando. Agora já impera na Avenida com as revistas do Gloria e do Rialto. A Companhia Negra foi bastante bôa. Agora surge a Tangará que é bem regularzinha tambem. A começar pelo titulo. É ou não é sugestivo o nome sonoro do dansarino das madrugadas? Tamgará é nome de passarinho. E bem melhor que Ra-Ta-Plan, por exemplo, cuja ôca onomatopéa tráe immediatamente a influencia de outra companhia estrangeira que nos visitou.

A' revista de estréa tem muitas canções, alguns bailados e uma ou duas scenas faladas.

Entre as primeiras sobresáem as da senhorita Elsie Horeston, que canta com infinita graça «Morena, morena»... e outras. Ha dois bons violeiros do norte que pepinicam extraordinariamente o «Bambo do bambú.» Bailados assim, assim... O primeiro, sobretudo, bem ruimsinho. Ninguem podia dizer qual das bahianas estava fóra do compasso, porque nenhum dansava egual á outra. No bailado final não agrada tambem um marroeiro estylisado, com calça de velludo e rendas pela cintura. Mal comparando parece até certos moços de S. Paulo que querem fazer poesia brasileira... Algumas phrases de espirito. Uma scena de qui-próquó sobre cabras e bodes. Muito longa e cacete. Alda Garrido, que banca a comadre, é que está bem engraçadinha. Parece uma carambola. Dourada. Gostosa. Musica bôa. Scenario bem bons.

A. A.

LITERATURA

AD IMMORTALITATEM

O Sr. Luís Carlos chamou de «ninho de relampagos» ao espadim academico que pertenceu a Raymundo Correia. Foi imprudencia. O espadim tomou á letra o que, no espirito do ilustre poeta das «Columnas», não passava, sem duvida, de um tropo imaginoso para arrematar com chave de ouro a sua bela peça oratoria. A' hora em que o novo academico se vestia afim de comparecer á sessão solene de recepção, ao tomar da arma insigne, o «ninho de relampagos» desferiu a mais viva fusilaria de raios que já desabou sobre a nossa capital. Os effeitos foram lamentaveis. O poeta caiu desacordadado, como se já estivesse ouvindo o discurso do paraninfo, e não pôde comparecer ao Trianon. Substituiu-o o Director do Trafego da Central que, embora apanhado de improviso, e sem dispôr materialmente de tempo para enfrentar um problema tão complexo como o que se lhe deparava, apresentou um volumoso relatorio em que historiou a vida das academias, desde o famoso jardim de Atenas, que teria ficado como o ideal dos institutos congeneres, se não fosse a falta do *jeton,* invenção muito posterior á da roda, mas evidentemente bem mais importante para um academico. A pedido de varias familias o orador tornou a narrar, com inexcedivel graça de pormenores, a anedota do copo d'agua e da petala de rosa, ocorrida na Academia dos Silenciosos da Persia. Depois veio o elogio dos predecessores, e a proposito do Sr. Alberto Faria, o digno engenheiro explicou á douta companhia que a palavra *folk-lore* é de origem inglesa: *folk,* povo; *lore,* conhecimento, estudo; *folk-lore,* sciencia que tem por objeto estudar o povo. Foi a nota erudita do discurso. Causou tambem a melhor impressão a belissima imagem de «condor do orgulho humano», com que o orador saudou Vargas Vila, o Revoltado genial a cujo diadema os adversarios arrancam estrelas para com elas mesmas agredirem-no!...

O paraninfo do poeta foi o Sr. Osorio Duque Estrada que entre os titulos de gloria do novo academico citou o de ter êle merecido de sua pena as honras de um *Registro* inteiro. Realmente o eminente critico não podia dizer mais. O precioso Registro foi lido de rabo a rabo. E' uma critica de escada acima e abaixo, na qual o profanador da *Oração na Acropole* analisou exaustivamente as poesias das *Columnas,* verificando que em 152 composições só 4 versos, num total de 3.088, são duros, além de uma unica estrofe com rimas homofonas. O ilustre homem de letras leu em seguida varios outros folhetins do *Registro Literario,* contendo apreciações sobre os *Astros e Abismos,* a *Vida Domestica* e outros magazines do lar e da mulher, terminando por contar a Historia da princeza Magalona, vertida para a lingua dos pp.

Os espiritos de Platão e Academus, invocados no exordio da oração do seu novo confrade, sorriam encantados...

ESMERALDINO OLYMPIO.

ASSIS CHATEAUBRIAND: — «TERRA DESHUMANA» — OFFICINAS DO «O JORNAL» — RIO 1925

O livro que o Sr. A. Chateaubriand escreveu sobre o governo passado é, no fundo, uma obra de lisonja ao Sr. Arthur Bernardes. Elle empresta, realmente, tanta importancia ao ex-presidente, que este acaba parecendo uma figura capital de nossa historia republicana. Haverá mesmo quem, ao cabo da leitura da «Terra Deshumana», esteja convencido de que o antecessor do Sr. Washington Luiz foi um dos authenticos «bastiões da nacionalidade»; ou, senão o super-homem da phrase do Sr. Antonio Carlos, pelo menos um personagem enorme no meio politico nacional.

O Sr. Chateaubriand, descrevendo os quatro annos do governo Bernardes, mostra-nos um Brasil sacudido de norte a sul e de leste a oeste pela mão crispada do ex-chefe de Estado. Meio politico, organisação social e administrativa, classes armadas, commercio e industria, tudo, emfim, neste paiz, teria sido transtornado e desmontado pela «vocação revolucionaria do ex-presidente», num pequeno lapso de tempo. E o Sr. Chateaubriand accrescenta que, dentro de um periodo de dez annos, a obra subversiva do Sr. Bernardes exercerá ainda profunda influencia sobre a nação.

É, talvez, honra demais e estimação a um bacharel que a fortuna conduziu, aos empurrões, até o Cattete. Em verdade, o Sr. Bernardes não tem tamanha importancia. Era um bom moço, com tão poucas letras e tantos talentos quanto os outros, que andam por ahi. Nem mesmo pela audacia e pela firmeza da vontade elle se teria distinguido dos demais, se o accaso não o houvesse guindado á presidencia de Minas. Mas, lá chegado e de lá transferido, aos trancos, para a presidencia da republica, não foi elle que se metamorphoseou em despota, e sim as circumstancias que extrahiram do bacharel um tyrannête. O processo vertiginoso da hypertrophia do poder executivo, de que vinha soffrendo o organismo nacional, desde alguns annos, attingiu á crise aguda durante o seu quatriennio. O excesso de centralisação politica e administrativa, que vinha determinando ha muito no paiz um mal estar generalisado, chegou ao ponto culminante de 1922 a 1926.

Como, effectivamente, poderia a mentalidade de um bacharel mediocre e neurasthenico resistir, sem desequilibrio, ao dominio absoluto de trinta milhões de homens? Se lhe confiassem, algum tempo antes, sete ou oito rapazes a encaminhar na vida, talvez que elles os accommodasse razoavelmente, arranjando-lhes empregos publicos. Mas trinta milhões de brasileiros eram demais para o Sr. Bernardes. Elle perdeu a cabeça. Dahi, o que o Sr. Chateaubriand chama a sua «vocação revolucionaria» e que, no fundo, não tem nada de vocação e tem tudo de improvisado.

No meio da maior balburdia politica que já conhecêra o paiz o bacharel Arthur Bernardes, feito o presidente Bernardes, foi impellido aos desmandos e á truculencia, pelo excesso mesmo do poder de que dispunha e que não sabia como exercer. Se permanecesse na Viçosa, elle continuaria a ser um bom moço até que ficasse um bom velho. Levado para o Cattete, naquellas circumstancias difficeis, fez o que se viu e o que faria possivelmente, em seu logar, qualquer outro politiqueiro municipal sem imaginação.

Seu governo fez menos mal á nação do que a elle proprio. Realmente, para o Brasil, a presidencia Bernardes talvez tenha sido de algum modo vantajosa, provocando, como provocou, esses movimentos revolucionarios, cujos effeitos podem proporcionar ao Estado a opportunidade de reorganisar-se sobre bases mais equitativas e realisticas. Para o proprio Sr. Bernardes é que a presidencia teve peores consequencias, dando-lhe aquelle ar de estadista, de que se morre cedo, entre nós...

O livro do Sr. A. Chateaubriand tem um interesse intenso. Se suas conclusões não parecem exactas, em compensação a maioria das suas observações é viva, aguda e pittoresca. Ha capitulos do volume, como, por exemplo, aquelle intitulado «A astucia do presidente», concebidos com uma agilidade de espirito magnifica e escriptos num estylo espontaneo e movimentado, que a gente desejaria vêr applicado a assumpto menos ephemero.

RODRIGO M. F. de ANDRADE.

Pedro de Mello — *O Pronome «Se» Indefinido* — Notas Philosogicas — Piracicaba, 1926.

O Sr. Pedro de Mello se inscreve entre os propugnadores da subjectividade do pronome *se*. Sua monographia vale sobretudo como um copioso repositorio de factos da linguagem literaria, deslustrado apenas pelo exemplo em falso de Camões.

Que mais o Persa fez naquela empresa
Onde rosto e narises se cortava?

É impossivel não se levar desta leitura a convicção de que naquellas centenas de exemplos dos melhores escritores da lingua se trata de orações de sentido activo com sujeito indeterminado. Comtudo será forçoso atribuir então a subjectividade ao pronome *se?* A opinião do prof. Sousa da Silveira, naturalmente desconhecida do Sr. Pedro de Mello, pois não a vejo registrada em seu opusculo, me parece a mais razoavel. Tomo, portanto, a liberdade de remetê-lo ao n.º 29 da *Revista da Lingua Portuguesa*, onde encontrará com mais detalhes a sobria e elegantissima lição daquele filologo. Ao pronome *se* ficou, como residuo da obliteração do sentido passivo, a função de deixar completamente indeterminado (mais do que com o *on* francês ou o *man* alemão) o sujeito da oração. É isto precisamente que faz a belleza ideologica do seu emprego. E dizer-se que o condenam gramaticos!

No artigo do prof. Sousa da Silveira encontrará o Sr. Mello um exemplo precioso de Machado de Assis:

«Eu tinha velado uma parte da noite. De amor? Era impossivel; não *se ama duas vezes a mesma mulher...*»

O Sr. Sousa da Silveira comenta:

— «Não se ama duas vezes a mesma mulher» não corresponde, evidentemente, a «a mesma mulher não é amada duas vezes»; seria preciso, para não desvirtuar o pensamento que o autor quiz transmitir, acrescentar o agente da voz passiva, duas vezes *pelo mesmo homem.*» Mas esse agente não se menciona na frase reflexa; é que esta, na mente do escritor, já se não apresentou com sentido passivo, e sim com puro valor activo, em plena analogia com *vai-se, vive-se* em frases como *vai-se daqui á cidade em quinze minutos, vive-se bem neste país.* Quer dizer que, em proposições tais como essa, o verbo e o pronome *se* formam uma expressão impessoal de sentido activo, tendo como objecto directo o membro de frase que nas construcções mais comuns — aquelas em que o pronome *se* apassiva o verbo — costuma ser sujeito.»

Por copia conforme,

MANUEL BANDEIRA.

Claude Debussy — *Monsieur Croche Antidillectante* — Ed. Nouvelle Revue Française.

Delicioso esse livro de impressões e notas, feitas como simples *manchas,* com muito finura, irreverencia e graça, tendo, antes de tudo, o merito de ser de Debussy, um dos renovadores mais fortes da arte moderna. Nessas paginas não se espelha o grande mestre, dir-se-ia que através dellas, Debussy espia o meio que o cerca, os preconceitos ridiculos, os gostos sensatos e as opiniões abalisadas da critica severa. E sorri, com zombaria e mordacidade, mas, como teve de soffrer, elle tambem, essas mesquinharias, ha, ás vezes, um certo travor mal escondido no chiste ou na indifferença. Não se vão discutir as opiniões do livro, o seu carinho por Vincent d'Indy, a sua implicancia com Wagner ou o seu desprezo por Grieg. Interessa sobretudo no depoimento o modo porque é feito.

Antes do mais, diante de Debussy não ha que saber si amou, ou como amou este ou aquelle musico, a menos no que isso possa interessar o caracter da sua obra, mas essa observação não se fará diante do seu livro mas da musica. O curioso, pois, é como nos dá o seu pensamento critico. *Monsieur Croche Antidillectante* é de um extremo debussysmo. Impressionista e vago, jogando a idéa

e retirando-se rapidamente, cerebral e obscuro, lembra bem a musica do seu autor. Está claro que essa approximação é apenas no processo de dizer, porque, na musica, foi humano e genial, e, no livro, foi tão directo e pessoal que chegou a escrever uma carta ao fallecido Glück (carta que nunca chegou ao seu destino...) dizendo-lhe coisas desagradaveis... A par disso, é interessante o estado d'alma de Debussy diante das figuras que evoca, ou que discute, com verve, num jogo de ridiculo e sympathia, raramente enthusiasmo. Porque nesse livro, não ha emoção salvo uma ou outra vez, cuidadosamente encoberta, e referindo-se á musica. Mas logo gela. Volve o cerebral e de novo a atmosphera de zombaria envolve os conceitos.

Ha em grande parte uma preoccupação enorme com Wagner. Debussy, que reagiu victoriosamente contra o preconceito wagneriano e desviou a musica para outros destinos, parece que sente a cada hora, nos concertos, nos gostos da platéa, na critica e no mundo artistico em geral, o trambolho Wagner. Porque elle admira Wagner «un génie devant lequel il faut s'incliner», mas reage fortemente contra o pan-wagnerianismo na musica, que tinha qualquer coisa de offensiva prussiana. Mas, Debussy não faz discurso contra Wagner, em nome da tradicção musical franceza, citando Rameau e os mestres do sec. XVIII, limitando-se a sorrir, para melhor clarear o preconceito, que, de resto, não perturba a gloria verdadeira do grande musico de Beyreuth.

Nunca fala de si, o que seria talvez o mais interessante, deixando-se ficar como espectador desabusado para ser critico mordaz. Ha um grande pudor da sua gloria e nunca se tráe, nem mesmo se sente que força uma attitude para dar-lhe relevo. É livro de sinceridade, despreoccupado, e revela aquella agilidade espiritual tão maravilhosa na sua musica. Para maior clareza deveria o livro mencionar as datas dos escritos e onde forem publicados originariamente caso não sejam ineditos, o que não é de crer. Seriam contribuições curiosas ao estudo da figura de Debussy e do seu contacto com o mundo. Mas, é querer muito tambem, não nos basta para revelação integral desse genio, a sua obra musical? O que delle não nos disser, não será preciso saber.

RENATO ALMEIDA.

ARTES PLASTICAS

Exposição do Sr. Annibal Mattos, em Minas

Esta trigesima exposição, que o Sr. Annibal Mattos está fechando, veio ainda como as outras, trazendo comsigo um grave defeito. Defeito em que o pintor cáe por teimozia e ranhêtice, porque a critica já chamou a atenção pra êle, os amigos já falaram dêle, e todo mundo que fala em Annibal Mattos vem logo trazendo o tal na opinião: — a falta de unidade nos seus trabalhos.

É por causa desta falta de unidade, que nunca se sáe satisfeito das exposições do pintor mineiro. É isso, vae-se olhando, e tá ali uma gostozura de trabalho: composição bôa, técnica segura, fluidez de tintas, e quando toda satisfeita a gente vae gritar abichei! crente que pilhou mesmo o êstasi, pronto! cáe de repente nuns trabalhinhos sem significação, feitos ás pressas, mal começados e pior acabados, umas arvinhas, umas nuvinhas que parecem coiza de principiante. Por isso é que quem escreve com sinceridade sobre o Sr. Annibal Mattos, antes de elogiar, carece meter o páu um bocadinho.

Vamos vêr. São 162 quadros desta vez, uns antigos e já conhecidos de outras mostras, os outros novos, os melhores, da ultima faze do pintor.

O n.º 1, «Caçador sertanejo», é dos taes trabalhos fracos do Sr. Annibal. Aliás todas as suas figuras se ressentem de um defeito orijinal: o Sr. Annibal não ser dezenhista e ser só pintor. De fáto, se êle é um colorista admiravel, um todo senhor do jogo da côr e das variedades das tintas, não ha nada mais pobre que seu dezenho. Suas linhas são vazias, sem riqueza e sem plenitude; por isso é que suas figuras se sustentam mal, são todas incertas e mal seguras, sem flexibilidade e sem movimento. Quem é que já viu coiza mais parada que aquêle velho caçador, ou aquêle gajo pintando do n.º 15? A gente tá vendo que pode passar tudo quanto é caça perto do picapáu do atirador, que pode desabar o mundo perto do pitador, que êles nem se mexem, e ficam ali, naquela dureza de pedregulho, espiando, pitando...

Aliás, ninguem hoje dá nenhum valor a esse negocio de movimento em pintura e quem gosta de mexeção vá pro cinema. E a imobilidade *voulue*, dentro da linha cheia e no volume, são coizas de deliciar a gente. Mas pra essa imobilidade fazer bem, é precizo muito volume e volume muito bem sentido. É imobilidade toda plastica e muito mais dificil de obter que todos os 90 á hora. É precizo que essa imobilidade venha cheia dum bruto equilibrio, ressonancia entre as massas, e harmonia á bessa .Foi pra essa especie de imobilidade que Mario de Andrade chamou a atenção em certos quadros de D. Tarsilla do Amaral e do Sr. Antonio Gomide (v. o Cristo morto deste ultimo). Mas a imobilidade do Sr. Annibal, é s óde de pezo —

pezadissimo de volumes mal feitos e distituidos de equilibrio pictural.

Continuando pelas figuras, temos ainda reparos a fazer em 4 cabeças, todas de velho e rigorozamente barbadas. Destas 4, a de n. 41, «Cabeça de propheta» é um trabalho magnifico, onde com bruta surpreza a gente descobre dezenho e do bom, no Sr. Annibal. Esta cabeça, é a que figurou com o n. 74 na espozição «Terra Mineira», e déla disse um critico, ser «seguramente a unica figura aproveitavel da espozição, não só pela segurança de técnica, como pela espressão psicolójica». Éla desculpa as outras, todas inferiores, como 32, razoavel, e outras duas sem numero (numa destas a barba é pozitivamente postiça) — onde ha grande tibieza de deeznho, incerteza e assimetria de linhas.

O n. 38, outra figura, «Cabeça de mulher», é uma delicia no genero bonitinho; esta, eu tenho certeza que o Barão Puttkamer assinava e que havia de fazer furor na capa da Revista da Semana.

Vêm depois das figuras, as paizagens. Na paizagem, melhor que na figura, e ainda pela mesma razão de ser mais pintor que dezenhista, a arte do Sr . Annibal Mattos se espande menos incerta. O n. 2, «Cruz florida», é um esplendido estudo de ar livre, que seria impecavel sem uma arvinhas intrometidas fincadas como flechas no meio da paizagem, onde élas não tinham nada que fazer. Tem o 35, outro quadro bem feito, onde é uma pena que a madrugada tenha tons de ocaso, e a agua seja tão pouco fluida. Parece mesmo um riacho de gêsso.

47, 33, 79 — «Hora triste», «Capella abandonada», «Paizagem», são titulos indiferentes pra os tres quadros, todos capellas e todos horas de uma tristura angustiante.

N.o 4, «Velho chafariz de Villa Rica»: contraste de uns verdes gaios das arvores e de um chão rozado, nacarado, absolutamente madreperola, tudo sob um céo ameaçador, deante do qual a gente se agazalha e procura o guarda-chuva.

Fóra destes pequenos sinões, as paizagens do Sr. Annibal Mattos revelam um artista finissimo, senhor absoluto dos cambiantes das tintas, um pintor com plena compreensão dos jogos da luz sobre os objetos.

Nestas paizagens, as que tiveram a felicidade de ser crepusculos, são as melhores. Os crepusculos são o «momento feliz» do pintor. A ezuberancia natural de Annibal Mattos, seu gosto pelo colorido rico, encontram na hora indeciza, o momento oportuno de sua espansão magnifica e ofuscante. Mas todos os crepuslos que figuram nesta espozição, não se comparam ao «Crepusculo» da coleção do Cel. Virgilio Machado, onde Annibal Mattos, conseguio compôr a mais harmoniosa de suas sinfonias deu gamas fortes.

93, 89, 112, 110, 108, picos, rochas, pedras, pedrões, pedregulhos. O 108, chama-se «Pedra assentada»; eu diria «Pedra equilibrada», — e meus parabens ao Sr. Annibal por ter conseguido um monolíto daquéla idade, numa crista de morro assinzinha, coitada.

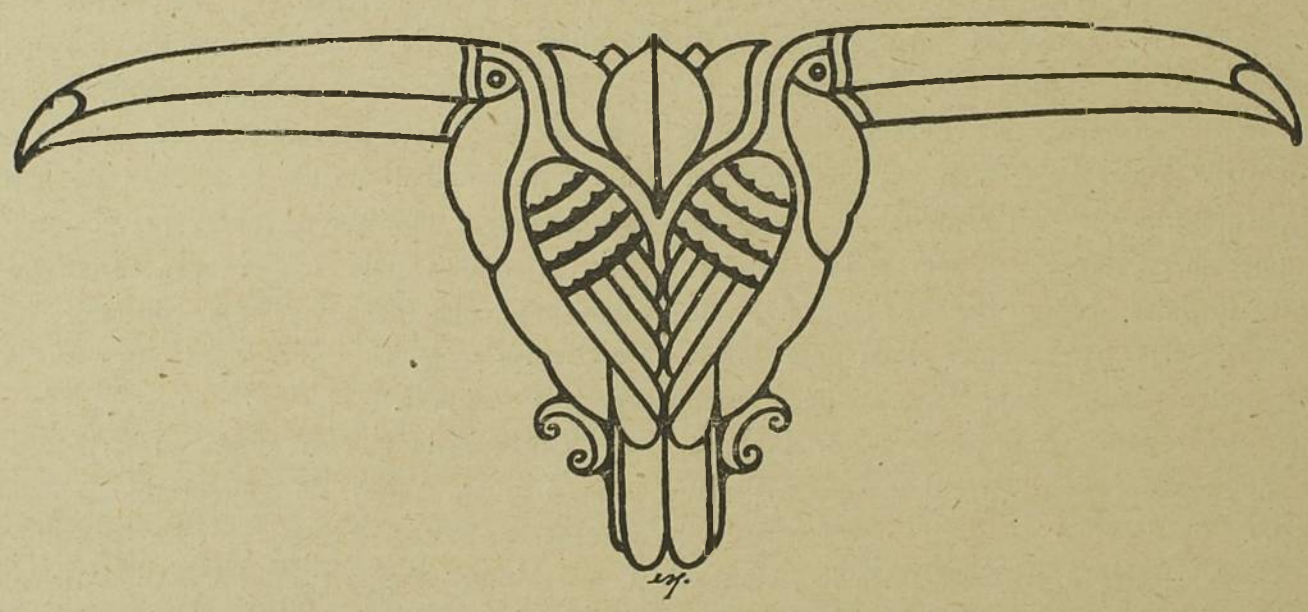
Agora as marinhas e os estudos d'agua. Neste genero, e principalmente nos quadros mais recentes é que eu descubro o melhor Annibal, o mais admiravel, o mais seguro. Nas marinhas é que êle se révela o pintor forte, em toda sua grande e rica personalidade. Nada dos titubeios das figuras, nada daquela incerteza sua, em certos efeitos paizagisticos. Liberto da tirania do volume, liberto da linha, estes dois grandes inimigos dêle, entregue só aos jogos de luz agua céo mar e ondas, as tintas de Annibal Mattos se enchem de outro valor, se espandem tumidas de outra luz e outra vida. E isso se esplica pela sua filiação direta ao impressionismo (que pena que êle contrarie tanto suas tendencias!), onde o pintor encontra sua verdadeira personalidade.

Quem diria que as aguas puras, o céo translucido e o ar subtil de «Descendo as velas», são do mesmo autor do numero 15, pezado, incerto? Estes estudos d'agua e marinhas mais recentes como «Na margem do lago», «Descendo as velas», «Beira de rio», «Sombras n'agua», «Marinha», «Oão de assucar», «Praia do Cajú», «Remanso», marcam, além da verdadeira tendencia de Annibal Mattos pra marinha e os efeitos oceanicos, uma nova faze de sua técnica. São quadros quasi todos mais tratados a espatula que a pincel. Riqueza de tintas fartas e gordas, espalhadas de mistura, á faca, fortemente, indo ás vezes até ao ezagero do rebôco, — mas que delicia a combinação de todos aquêles tons crús, a harmonia de conjunto de todas aquelas côres núas. Principalmente na pureza dos azues. Annibal Mattos, não emprega ahi, transições nem cambiantes de tintas: obtem seus efeitos por agrupamentos e justaposição de côres, fazendo realçar tons e valores com uma habilidade rara.

Veja, pra confirmar isso que eu estou dizendo, o 10 e o 21, aliás o mesmo motivo em dois quadros de tamanho diferente. O 10 é uma delicia mesmo. Os contrastes do vermelho do casco do navio, com o azul profundo da agua e aquela divizão dos dois tons nos reflexos e mais a superpozição das côres complementares, formam um conjunto batutissimo, absolutamente bom de se vêr, rigorozamente nos moldes.

Estes quadros novos da espozição, é que me deram mesmo uma bruta alegria. Alegria do conhecer outro Annibal mais artista, mais intelligente, mais pintor que todos os anibaes das 29 espozições passadas. E palavra que fiquei gostando dêle.

PEDRO NAVA.



A QUINZENA

O AUGMENTO DO SUBSIDIO

Nada fez deter o impeto desabalado da maioria do Congresso, forçando a approvação do augmento do subsidio. Em vão o Sr. José Bonifacio, possuido de ira patriotica, oppoz o véto de Minas á medida malsinada: ás suas objurgatorias, aos seus protestos, aos seus appellos, ás suas invectivas mostraram-se insensiveis as Commissões de Finanças, de Justiça e de Policia da Camara, reunidas conjunctamente para ouvil-o. E assim é que, a partir de maio vindouro, os legisladores disporão emfim de recursos mais amplos para enfrentar a carestia da vida e os riscos da estabilização.

Mas em toda esta questão, ha um aspecto que deve ficar especialmente assignalado: é o que se refere ao espirito de disciplina e á capacidade de obediencia da bancada mineira, postos á prova com a renuncia, num gesto apparentemente largo e desprendido, dos beneficios que, á força, queriam obrigal-a a acceitar.

Dizem que quem vê cara não vê coração...

Tomando essa attitude, os representantes mineiros deixaram á mostra uma cara soberba, resumbrando dignidade e patriotismo, inteiramente á romana.

No emtanto, se o Sr. Antonio Carlos, para repousar o espirito das preoccupações do governo, quizesse tentar uma prova interessante de psychoolgia e verificar até que ponto o seu gesto dictatorial havia contribuido para a reforma dos sentimentos da bancada mineira, bastar-lhe-ia retirar por um momento a sua palavra de ordem. E talvez lhe fosse dado ver o proprio Sr. José Bonifacio lamentar-se por não ter tido a gloria de occupar o posto do Sr .Gilberto Amado, na defesa do augmento do subsidio...

* * *

A AGITAÇÃO POLITICA DE NICARAGUA

A agitação em Nicaragua recrudesceu nestes ultimos dias, em consequencia de um desembarque de tropas, feito pelo governo norte-americano em territorio daquelle paiz, sob o pretexto de garantir a vida e a propriedade dos subditos dos Estados Unidos, ameaçados pela onda revolucionaria. Os bravos soldados americanos pisaram o sólo da belicosa republica centro-americana sob os quentes applausos e as flores dos partidarios do general Diaz e os iracundos protestos e as diatribes dos adeptos do Dr. Sacaza. Se, porém, em logar de americanos houvessem desembarcado em Nicaragua, tambem para garantir vida e propriedade de subditos, soldados mexicanos, a situação se inverteria desta maneira: os applausos e as flôres passariam para o lado da gente do Dr. Sacaza e os protestos e as diatribes seriam distribuidos pelos correligionarios do general Diaz.

Mais dahi não se vá concluir que a luta em que se acham empenhadas as duas facções politicas nicaraguenses, não se trave em torno dos mais elevados ideaes e dos mais sãos e nobres principios e que os patriotas que se engalfinham, não têm

em vista somente a maior gloria da patria, mas o conforto e as delicias que costuma proporcionar o poder.

* * *

A MORTE DO IMPERADOR DO JAPÃO

A morte do imperador Yoshihito, occorrida ha dias, não trará, graças á modelar organização politica da grande nação do Extremo Oriente, nenhuma solução de continuidade, ou sequer qualquer perturbação á directriz dos negocios publicos, internos ou externos, do paiz nipponico. É que ao conselho dos cinco, instituido pela Constituição e composto sempre das figuras mais eminentes do scenario politico da nação, cabe, como poder supremo, collocado acima da propria Dieta, traçar os rumos da politica nipponica, e conduzil-a aos objectivos previamente fixados.

Assim se explica ter sido o reinado de Yoshihito um dos mais proficuos e dos que mais alto elevaram o prestigio do paiz no concerto internacional, apesar da debilidade physica e mental do soberano extincto, cuja vida, sobretudo nos ultimos annos, foi uma lenta e morna agonia. Yoshihito era apenas o symbolo, que encarnava as virtudes da divindade tutelar do Japão, da qual descendem os imperantes nipponicos, segundo a tradição immemorial do imperio do Sol Nascente: de facto, elle não governou; mas isso não impediu que em seu reinado o Japão conseguisse, entre outras grandes cousas, firmar definitivamente a sua hegemonia no continente asiatico.

INTELLECTUAES

O GUARANÁ CHAMPAGNE

é um grande tonico dos nervos

Exijam a marca ANTARCTICA

COMPANHIA ANTARCTICA PAULISTA

A Revista do Brasil

começará brevemente a publicação de um romance inédito de

SERGIO MILLIET

The Western Telegraph Co., Ld.

em trafego mutuo com as emprezas

Eastern Telegraph Wester Union Telegraph

Estabelecida no Brasil em 1874

Cabos submarinos para os Estados do Norte e Sul e para todos os paizes do mundo.

12 ESTAÇÕES NO BRASIL

Enviae Boas Festas pelo Cabo. As cartas não impressionam na nossa éra.

Serviços especiaes e taxas mui reduzidas

ASSIGNEM

"O JORNAL"

E terão, diariamente, com a maxima pontualidade, abundancia de leitura seleccionada. — "O JORNAL" ventila superiormente todos os assumptos de actualidade, mantendo, para isso um corpo de collaboradares escolhidos entre as grandes mentalidades nacionaes e extrangeiras. — O seu serviço de informações é copioso. — O seu criterio é segurissimo. — Sua linguagem, elevada, superior. — Seus supplementos dominicaes, encantadores. — Seu grande

CONCURSO CINEMATOGRAPHICO

Distribue, mediante condições minimas, mais de uma centena de contos de réis em premios valiosissimos: Automovel, Viagens, Frigideira, Impermeaveis para senhoras, Matricula em Collegio, Estadia em Caxambú, Piano Bechstein, e um Bazar de coisas para crianças.

Preço da assignatura . . . . . 50$000

RIO DE JANEIRO

Rua Rodrigo Silva, 12

Crédit Foncier du Brésil et de l'Amérique du Sud

SOCIEDADE ANONYMA

Capital . . . . . Frs. 100.000.000
Capital realizado (Acções . . Frs. 100.000.000 (Obrigações Frs. 42.684.000
Fundo de Reserva. . . . . Frs. 17.000.000

Emprestimos sobre primeira hypotheca a curto e longo prazo, reembolsaveis a prazo fixo, ou por amortizações semestraes com direito a reembolso antecipado

Contas correntes garantidas por hypothecas e de movimento

Dinheiro para construcções

Abertura de credito para construcções de predios até 50 % do valor dos mesmos e terreno

Adeantamentos sobre titulos — Depositos em conta corrente e a prazo fixo

Séde social — Boulevard Haussmann, 39 — Paris

Succursal no Rio de Janeiro

44 — Avenida Rio Branco — 44

Agencia em São Paulo:

Rua Libero Badaró, 133

"Se quizerdes ser rico, ou permanecer rico, lêde Henry Ford".

ARTHUR BRISBANE.

Minha vida e minha obra

por HENRY FORD, de collaboração com SAMUEL CROWTHER

Nova traducção de MONTEIRO LOBATO

Saido em 1922 acha-se este grande livro transladado para o allemão, francês, finlandês, italiano, hollandês, polaco, russo, sueco, dinamarquês, tchecos-lovaco, húngaro, espanhol e árabe, sommando as varias edições mais de dois milhões de exemplares, Henry Ford produziu uma das mais significativas obras desta geração. — (THE CENTURY).

A sensação deste livro é menos de um livro escripto do que de um homem que se sienta deante de nós e conversa com facilidade, em tom impessoal, acerca da sua vida, das idéas que o nortearam, dos principios em que baseou o seu trabalho e da convicção que o anima sobre os effeitos da efficiencia na felicidade humana. — (NEW YORK TIMES).

Henry Ford revelou-se neste livro a mais alta individualidade americana da sua geração. — (THE ATLANTIQUE MONTH).

Considero um dever meu para com o publico attrair a attenção de todo o mundo para este grande livro. — (EDWARD A. FILENE, em THE NATION).

E' o grande livro de um grande homem. — (ROBERTO BLATCHFORD).

EM TODAS AS LIVRARIAS — PREÇO: 4$000

COMPANHIA EDITORA NACIONAL

RUA DOS GUSMÕES, 33 — S. PAULO

"terra roxa e outras terras"

quinzenario de arte e literatura

DIRECTORES:

A. C. Couto de Barros e Antônio de Alcântara Machado

A melhor publicação modernista do Brasil

"terra roxa" tem publicado collaborações de Antonio de Alcantara Machado, Blaise Cendrars, Carlos Alberto de Araujo, Carlos Drummond, Couto de Barros, Guilherme de Almeida, João Alphonsus, Luis da Camara Cascudo, Manuel Bandeira, Mario de Andrade, Martins de Almeida, Oswald de Andrade, Paulo Prado, Prudente de Moraes, neto, Ribeiro Couto, Ronald de Carvalho, Rubens de Moraes, Sergio Buarque de Hollanda e Sergio Milliet.

PREÇOS:

Numero avulso . . . $500

Assignatura annual . . 12$000

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:

Avenida São João — 96

São Paulo

Encontra-se á venda, em 2.ª Edição, nas livrarias do Rio de Janeiro e de São Paulo o livro que sobre a

Presidencia Bernardes

Intitulado

TERRA DESHUMANA

(A vocação Revolucionaria do Presidente Arthur Bernardes)

escreveu ha tres mezes, em Campos de Jordão, durante uma villegiatura que ali fez, o sr.

Assis Chateaubriand

O director do O JORNAL, naquellas montanhas suaves da terra paulista, meditou e escreveu sobre a personalidade complexa do actual presidente da Republica um ensaio sereno, sem qualquer eiva de paixão partidaria, como se estivesse recuado meio seculo do scenario dramatico dos dias actuaes da nacionalidade. Elle propoz-se fazer um estudo de pura substancia psychologica, com absoluta imparcialidade, procurando collocar-se fóra do ambiente esteril das facções para analysar as qualidades, os defeitos, as acções de alcance collectivo e os erros do homem que encheu o quadriennio de 1922-1926, da sua rispida e indomavel individualidade.

Tomando a acção publica do actual presidente, desde que elle se estreou como jornalista no hebdomadario da zona da Matta, denominado «A Cidade da Viçosa», até a sua derradeira grande campanha, que vem de encerrar victoriosamente: a da revisão constitucional, — o sr. Assis Chateaubriand projecta visadas sobre os aspectos mais interessantes do homem de governo que, por tantos titulos, será objecto, no futuro, de debates os mais vivos dos historiadores da quadra atormentada que acaba de atravessar o Brasil.

O Caraça, o famoso collegio, onde se educou o sr. Arthur Bernardes, com a tradição de severa e inflexivel disciplina, é objecto de um quadro que, por certo, ajudará por muito a explicar a formação mental do presidente com a ductil e rija vontade, que distingue todos os seus actos.

ASSIGNEM

"O JORNAL"

E terão, diariamente, com a maxima pontualidade, abundancia de leitura seleccionada. — "O JORNAL" ventila superiormente todos os assumptos de actualidade, mantendo, para isso um corpo de collaboradares escolhidos entre as grandes mentalidades nacionaes e extrangeiras. — O seu serviço de informações é copioso. — O seu criterio é segurissimo. — Sua linguagem, elevada, superior. — Seus suplementos dominicaes, encantadores. — Seu grande

CONCURSO CINEMATOGRAPHICO

Distribue, mediante condições minimas, mais de uma centena de contos de réis em premios valiosissimos: Automovel, Viagens, Frigideira, Impermeaveis para senhoras, Matricula em Collegio, Estadia em Caxambú, Piano Bechstein, e um Bazar de coisas para crianças.

Preço da assignatura . . . . . 50$000

RIO DE JANEIRO

Rua Rodrigo Silva, 12

Cruzwaldina

Acreditado Desinfectante fabricado pela

Societé Anonyme du Gaz de Rio de Janeiro

Com vinte annos de ininterrupto successo

Medalha de Ouro na Exposição Nacional de 1908

O mais popular de todos os desinfectantes

TYPOGRAPHIA DO ANNUARIO DO BRASIL — RIO DE JANEIRO.

REVISTA DO BRASIL

PUBLICAÇÃO QUINZENAL

DIRECTORES

PANDIÁ CALOGERAS, AFRANIO PEIXOTO,
ALFREDO PUJOL e PLINIO BARRETO

REDACTOR-CHEFE

RODRIGO M. F. DE ANDRADE

Redacção e adm. – Rua Rodrigo Silva, 14. 1º

NESTE NUMERO:

Aguas fortes da Bahia	R. Almeida
O Brasil por dentro	F. Labouriau
Elxia do rei de Sião	C. Drummond Andrade
Enthusiasmo	G. Filho
O capitulo das viagens	D. da Gama
A representação da minoria	Nestor Massena
Literatura ou o depoimento de um parnasiano	O. Pennaforte
Antonio José da Silva e a Inquisição (IV)	Lucio d'Azevedo
Dez mil reis	João Alphonsus
Os espectros	Augusto Schmidt

Notas de A. Alcantara Machado; M. B.; M. Bandeira; P. Moraes, neto; R. M. F. e H.

ANNO I — NUMERO 9 — 15 — JANEIRO — 1927 — RIO DE JANEIRO

"A Revista do Brasil"

E' a publicação que conta entre nós com o maior numero de collaboradores illustres e, ao mesmo tempo, a que se vende mais barato

Numero avulso $700

Assignatura annual . . . . 16$000

Tomada conjuntamente com a do "O Jornal" ou "Diario da Noite" . . . . 12$000

xxxxxxxxxxxxxxx

Redacção e Administração:

Rua Rodrigo Silva N. 14 (1.º andar)

RIO DE JANEIRO

Crédit Foncier du Brésil et de l'Amérique du Sud

SOCIEDADE ANONYMA

Capital . . . . . Frs. 100.000.000
Capital realizado (Acções . . Frs. 100.000.000
(Obrigações Frs. 42.684.000
Fundo de Reserva. . . . . Frs. 17.000.000

Emprestimos sobre primeira hypotheca a curto e longo prazo, reembolsaveis a prazo fixo, ou por amortizações semestraes com direito a reembolso antecipado

Contas correntes garantidas por hypothecas e de movimento

Dinheiro para construcções

Abertura de credito para construcções de predios até 50 % do valor dos mesmos e terreno

Adeantamentos sobre titulos — Depositos em conta corrente e a prazo fixo

Séde social — Boulevard Haussmann, 39 — Paris

Succursal no Rio de Janeiro

44 — Avenida Rio Branco — 44

Agencia em São Paulo:

Rua Libero Badaró, 133



Segundo as estatisticas sanitarias 70% dos Brasileiros são atacados de Amarellão ou Opilação. Quer dizer que, em cada grupo de

10 BRASILEIROS,
7 SÃO DOENTES

sem forças para o trabalho, sem animo para a vida e apenas

3 TÊM SAUDE.

E' o que mostra o desenho acima. Mas é preciso acabar com isto! E' preciso que os 10 Brasileiros do mesmo grupo tenham saude e sejam fortes, alegres, felizes, como estão no desenho abaixo.

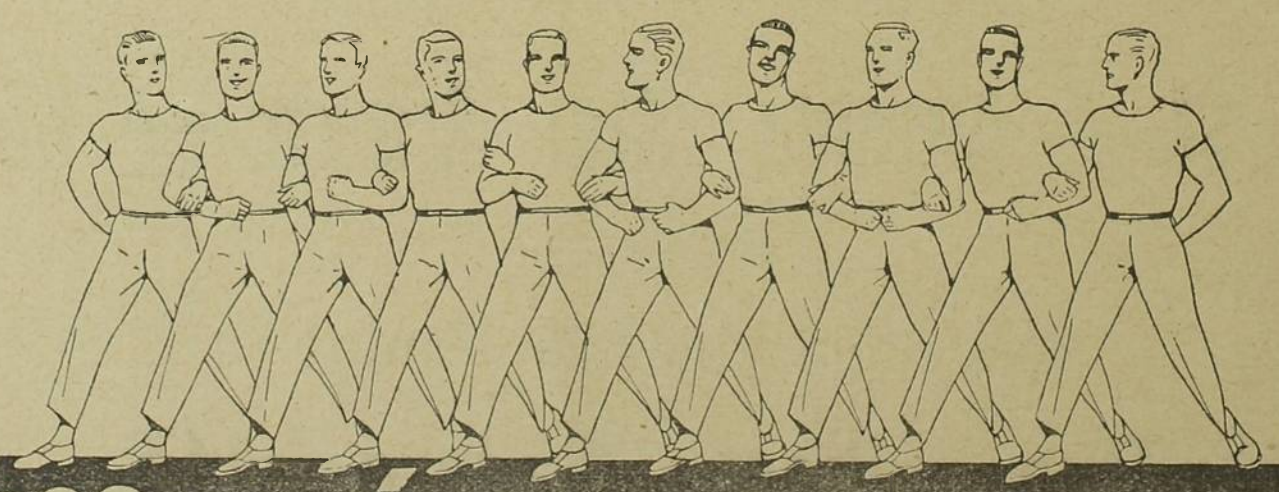
E' preciso acabar com o "Amarellão". Trata-se de um mal que tem remedio e o remedio é infallivel, porque o "Amarellão" tem o seu especifico:

Necatorina "Merck"

MATA TODOS OS VERMES DA OPILAÇÃO, NUM SÓ DIA COM UMA SÓ DÓSE

A "NECATORINA" é adoptada pela "Saude Publica" que a distribue de graça em todos os seus "Postos de Prophylaxia".

As pessoas que, por qualquer circumstancia, não quizerem recorrer aos "Postos de Prophylaxia Rural" encontrarão a "NECATORINA", a preço modico, em qualquer Pharmacia.



ASSIM É QUE DEVE SER

Revista do Brasil

ANNO I — RIO DE JANEIRO, 15 DE JANEIRO DE 1927 — NUMERO 9

SUMMARIO

Politica.
Aguas fortes da Bahia — R. Almeida
O Brasil por dentro — F. Labouriau.
Elegia do rei de Sião — C. Drummond Andrade.
Enthusiasmo — G. Filho.
O capitulo das viagens — Domicio da Gama.
A representação da minoria — Nestor Massena.
Literatura ou o depoimento de um parnasiano — O. Pennaforte.
Antonio José da Silva e a Inquisição (IV) — Lucio d'Azevedo.
Dez mil réis — João Alphonsus.
Os espectros — Augusto Schmidt.
Theatro e musica: a) «Do futuro e da morte do theatro» — A. Alcantara Machado; b) Cronica da Quinzena — M. B.
Literatura: a) «Augusto Meyer» — M. Bandeira; «Francisco Karam» — P. Moraes, neto; «Plinio Salgado» — R. M. F. de Andrade.
A Quinzena: «O anno novo» — H.; «O Sr. Antonio Carlos e a Magistratura.

POLITICA

Por menos que pareça, estamos em plena ebullição política, no paroxysmo da febre eleitoral, na ansia de acertar, escolhendo pelo voto soberano do povo uma legislatura nova, á altura.

Não se chega a perceber, é certo, o ruído d'essa effervescencia, porque a política nacional ou crioula sabe ferver discretamente, sem a bulha característica e sem fazer espuma. Ferve para dentro ou vae ferver longe da curiosidade publica...

Em outras nações de regimen representativo, mesmo que não sejam democracias, mas de índole ou feitio aristocrático, os preparativos de uma eleição geral, como é a de uma nova legislatura, são febrilmente activos e ruídosos de ensurdecer, o que só se póde attribuir a atraso da gente e imperfeição das suas máchinas de eleger, ainda muito complicadas e barulhentas.

Felizmente não é assim entre nós, graças ao progresso da mecánica política que produziu para o nosso uso e gozo o que ha de mais aperfeiçoado e engenhoso, como apparelho de eleger para tudo — deputados, senadores, presidentes, governadores, tudo quanto de que se precisa, para fazer as leis e governar os povos.

Só por isso — nem era preciso mais — é que, estando a República, de Norte ao Sul e das praias ao Centro, em franca ebullição, nem os senhores nem nós damos por isso. Fervem as ambições, fremem as rivalidades, as pretenções entram em collisão e conflicto, mas fóra das vistas bisbilhoteiras do público. Como élite que são, e do que tanto se gabam, os nossos políticos não se dão a essas disputas publicamente, mas em familia, com discreção e reserva, portas a dentro.

Ao passo que, em outras terras, incultas, retardatarias, com certeza, chocam-se as opiniões, há o embate das idéas, os grupos e partidos enfrentam-se, perante as urnas, disputando o suffragio dos eleitores, o que é, ao menos, passadismo rôcôcô, sinão lamentavel desfrute, a nossa democracia póde dar lições preciosas do contrario

d'isso tudo. Si não as aproveitam, não é nossa a culpa.

N'esses casos, as opiniões e as idéas ficam na gaveta, os grupos e partidos só se encontram para conchavos e cambalachos, as urnas não se expõem, *et pour cause...*, os eleitores ficam em casa, como gente bem comportada, e nem por isso deixa o suffragio de suffragar copiosamente os seus escolhidos, por intermedio de actas, em excellente calligraphia, processo simplicissimo que supre toda essa complicação atrasada e trabalhosa, que se usa por ahi além.

× × ×

Não deixa de haver, todavia, como iamos dizendo, a ebullição precursora das eleições. Em torno dos governadores e presidentes, a começar pelo da Republica, ferve a intriga e atropela-se o mexerico, emquanto o galanteio e a lisonja colleiam por entre os capachos dos palacios de governo. É a effervescencia da bajulação e da perfidia.

Não será tão limpo o caminho, mas, evidentemente, é muito mais cómmodo e menos trabalhoso. Olhem que isso de opinião e altivez é peso morto e lidar com multidões muito mais aborrecido e arriscado do que lidar com um só! E si um basta para tudo e ainda sobra para muita cousa...

E, sinão, compare-se o que se está vendo, aqui no Rio, com o que se está lendo dos Estados. Persistindo na Capital, que se gaba de centro mais culto, o máo vezo de fazer eleições pelo processo clássico do voto, os candidatos ahi estão a deitar a alma pela bocca, exhaurindo-se na cabala, dia e noite, ao passo que dos Estados chegam todos os dias notícias de accordos e arranjos, promovidos e endossados pelo governo e seus prepostos, resultando d'esses cambalachos que a eleição de fevereiro é cousa feita e acabada, já podendo os candidatos das chapas officiaes irem descontando os 200 diarios do subsidio.

Mettendo susto á tocante unanimidade com que conta, com que tem contado os seus mais immediatos antecessores e hão de contar, ao que parece, os seus successores, andou o Sr. Washington Luis a fazer figas com a famosa e mythológica representação das minorias. Era empenho seu, definido e definitivo.

Isso, porém, não teve seguimento, pela excellente razão de que verificou-se que, salvo em tres ou quatro Estados, opposição é cousa que não existe. Não haverá, pois, gente de fóra que possa entrar e trapalhar o ranchinho, que assim como está, está bom...

× × ×

Nessa disposição e ordem de idéas, Minas, a de alterosas montanhas e berço proclamado de todas as liberdades, já decidiu, pela autoridade do seu liberal presidente, que seja seu embaixador no Senado o sr. Arthur Bernardes, conhecido industrial de Viçosa, presentemente homiziado em Bello Horizonte.

O ex-presidente, apesar d'isso, continua na berlinda e é de crêr que, esta vez, ao menos, o sentimentalismo de que padecemos não tenha pressa em tirá-lo de lá, mesmo sendo senador. As contas são grandes e muito atrapalhadas e quasi insaciavel é a sêde de desafogo, contida por quatro eternidades que foram o quatriennio da sua dominação. É, junto com a circular recomendando-o ao suffragio do povo mineiro, que proseguirá a articulação do terrivel libello. Pela nossa parte não lhe additaremos nenhum iten, mas tambem nenhum vemos a ser riscado do extensíssimo rosario que se está desfiando ou descaroçando, como gosta de dizer o Jéca, fallando das suas contas de rezar.

Convem mesmo que essa expansão não encontre onde parar ou amortecer, emquanto não esvaziar de todo o sacco cheio de razões contra o réo de quatro annos de crimes contra o país e mais quatro, antes, contra Minas.

Depois d'esse, outro grande sacco, tambem cheio até a bocca, terá de ser esvaziado pelos accusadores, perante a justiça. Este é o que contem a carga de culpas dos coréos cúmplices e agentes mandatarios do accusado principal. O réo preso, na rua dos Aymorés, em Bello Horizonte, seria capaz de incorrer na indulgencia ou na clemencia dos seus julgadores, sí aquelles agentes mandatarios, cúmplices e co-réos dos seus crimes, soltos e livres, até o presente, não fossem tambem accusados, julgados e punidos, na devida forma.

Talvez seja a demora d'esse julgamento que terá decidido da sua escolha para senador. No Senado está uma léva consideravel dos seus conniventes e instrumentos do seu despotismo, outros irão com elle e, á hora da condemnação, é só dar volta á chave e trancar a porta.

E não se queixem que aquillo, como presidio de criminosos nem se compara com a Ilha da Trindade e o Oyapock, presídios de innocentes.

× × ×

O commentario passou, como gato por brasas, sobre um episodio interessante. É um caso político-fiscal que tem, sobretudo, o valor de symptoma pathognomónico do mal de que mais soffre a República e tanto se tem ultimamente aggravado — a lepra da politicagem, lavrando na administração.

Divulgaram os jornaes o resumo de um telegramma de dous chefes políticos de situação dominante, ao ministro da Fazenda, interpondo recurso de amizade, perante este, afim de ser revogada uma ordem, jurídica e moralmente irrevogavel, mas attingindo dous protegidos d'aquelles próceres, illustres, certamente, a julgar pela situação de relêvo que occupam.

O facto, em termos breves: o ministro expedira aviso, de puro expediente, determinando esta cousa simplicissima, de serem recolhidos aos cofres publicos dinheiro a estes pertencente e pelo qual eram responsaveis dous empregados de Fazenda, no aviso designados. Chegada a ordem de serviço ao seu destino, os dous alludidos membros do directorio do partido governista do Estado telegrapharam ao ministro pedindo, acreditem, para revogar a determinação ou para que esta não tivesse seguimento, como si se tratasse da cousa mais simples d'este mundo.

Entretanto, si o pedido, só em si, vale

por evidente indício de dissolução dos costumes publicos, a razão invocada, para justificar o extranho pedido ao chefe da administração fiscal, revela deploravel e completa ausencia de escrúpulos da política militante, nas suas relações com o governo. O que allegam os signatarios, como motivo justo porque o ministro despense os dous funccionarios da restituição do dinheiro ao seu legitimo dono, é serem elles «além de bons republicanos, nossos correligionarios». Nossos, lá d'elles, os importantes chefes do partido, a que pertencem os empregados intimados a essa restituição.

Não fôra o receio de melindrar os informantes dos jornaes que publicaram o telegramma, em resumo, prefereriamos considerá-lo apócrypho. Não só já acabou o tempo, graças a Deus, em que o erario publico estava escancarado aos correligionarios do governo, como todas as personagens que figuram no incidente são exactamente, de um Estado tradicionalmente e excepcionalmente reputado como exemplarmente escrupuloso na gestão dos dinheiros com que o contribuinte concorre para as despesas do Estado.

Nenhuma explicação ou contestação appareceu, todavia, procedente d'aqui ou de Porto Alegre.

AGUAS FORTES DA BAHIA

A minha sensibilidade de moderno encontrou sempre nas velhas ruas, nas casas coloniaes e nos templos da Bahia uma sincera emoção, através do ensinamento constructivo que n'elles se lê, obra de formação do país, as suas primeiras conquistas, na política e na fé, Egrejas e solares, fortalezas e engenhos. A cidade, que, vae, pouco e pouco, perdendo o aspecto antigo pela feição moderna de um grande centro urbano, guarda, comtudo, a vetusta tradição n'um ambiente recolhido e grave, onde, de quando em vez, a vida moderna lhe quebra a monotonia, em notas alegres e violentas. São assim aquelles cartazes de mil côres nos muros severos da Sé, como um brinquedo da vida nas paredes mortas da egreja. Alli o progresso, como observou o professor Hazard, no modernismo da nova cidade se allia com o seu caracter tradicionalista. São Paulo e Ouro Preto! É talvez este um dos aspectos mais curiosos da Bahia.

* * *

Quando a gente se approxima do Convento de São Francisco, alli pelo Cruzeiro, há uma cousa ridícula na fachada barroca do velho Templo. É um relogio pintado, ou antes, a pintura de um relogio, para enganar. Casa tão rica e tão bella não precisava de tão ingenuo artificio. Joia falsa em senhora de fortuna. Mas isso passa, esquece-se, mal se entra na Egreja. Maravilha estupenda, de obra de talha, altares de ouro, os Santos mais bonitos que eu já vi, grades de jacarandá esculpidas, caryátides retorcidas agüentando altares e anjos por sob púlpitos. Toda uma pompa do estylo barroco para evocar a humildade e pobreza de São Francisco de Assis. E consegue, porque tambem o Seraphico da Porciuncula pôs thesouros ao serviço de Deus. A perpétua symbolica da religião. Eu não entro na Egreja de lapis na mão, nem tenho caderno de notas. Fico alli tempo e tempo a ver, a olhar e a sentir. O prodigio é da fantasia do detalhe, mais que da linha architectónica. Os arabescos e os floreios do entalhe foram uma diversão de mãos habeis e ligeiras, que, a cada curva e a cada linha, faziam surgir uma nova fórma de piedade e enlevo. As pinturas do tecto de «dextro e apurado pincel» como fallou frei Jaboatam, completam a harmonia do conjuncto, nas suas largas molduras douradas. Essa Egreja é uma oração commovida, em que toda a religiosidade do tempo

prodigalizou de maravilhas. É uma obra de fé, d'essas que vivem e nunca mais morrem...

*
* *

Eu não sei como se chama aquella rua. Fica em ladeira, não tem alinhamento, nem largura, Pobre com Job. Mal calçada, com pedras deseguaes e pontudas. Grandes casas, côr de rosa, amarellas, verdes, n'uma curiosa polychromia. Janellas de frente, entradas com escadas, escuras e feias. Aliás tudo é feio. A rua, porém, é doce e suave. Ha qualquer cousa que nos faz amá-la. Ás vezes, uma portada de cantaria, com pedra d'armas, nos enche de emoção primitiva e ingenua admiração. A rua não muda, é sempre egual, não tem variações nem interesse. É um feio que seduz. N'um portal eu leio: «*Bemdicto seja o nosso Deus e Senhor e meu Pastor*». Ao meu lado, um poeta de vinte e dous annos se commove com a tradição e eu o irrito, sorrindo das fórmas passadas e jurando que louvaria o prefeito que destruísse aquella e tantas outras ruas «pobres e pequeninas» da Bahia... Questão de gosto e sensibilidade, prefiro as avenidas e os arranha-céos...

*
* *

Eu ouvi contar a historia do Saldanha. Não sei si é verdadeira, como me disseram, mas é curiosa e isso me basta. Foi um fidalgo português, da alta prosapia, casado com uma preta, de tão grande fortuna que o Rei de Portugal, invejoso por certo, mandou dizer ao súbdito que igual dóte não levára a Rainha. O palacio do Saldanha é hoje o «*Lyceu de Artes e Officios*», e nelle funcciona tambem um cinema, que decora os velhos muros com reclames berrantes dos films americanos. Tom Mix e Mae Murray. A casa não vale muito, mas a porta é maravilhosa, com as suas figuras e os seus animaes, tudo recortado e retalhado na pedra, com uma grande força e singular expressão ainda que um pouco grosseira. Apenas, uma violação. No logar das armas, que encimavam a portada, sobrepuzeram um mármore com a inscripção: «*Lyceu de Artes e Officios*». A gente fica meditando — Lyceu de *artes?*

*
* *

Alli, no convento da Graça, d'onde irradiou a cidade do Salvador, está o túmulo de Catharina Paraguassú, a india que foi mulher de Diogo Alvares Correia, o *Caramurú*, creador da primeira lenda d'estes Brasis desconhecidos. O túmulo está na parede lateral da nave, com uma longa inscripção. E *Caramurú?* onde jaz o homem da espingarda? Como seria interessante si a lenda tivesse espalhado que *Caramurú* não morrera. Seria um curioso mytho, para lhe completar a gloria. *Caramurú,* homem do fogo, filho do trovão!

Os dous foram os protectores da velha egreja, hoje em bairro elegante, entre palacetes, *bungalows* e os infalliveis coloniaes... Ella, naturalmente, nos seus quatro séculos de velhice, admira a construcção moderna e sorri para os *coloniaes* affectados e pedantes. No tempo da colonia era tão differente...

* * *

Quando os navios chegavam da metropole, para se encherem das cousas abundantes da colonia, vinham lastreados de pedras e mais pedras, com que os portuguêses do lado de cá, erigiam as suas egrejas. Assim se fez a Conceição da Praia, toda de cantaria portuguêsa, imitando mármore, nos seus lustros e reflexos. Aquella nave tem um raro equilibrio de massas e de côres, n'uma serenidade e harmonia absolutas. Nem grandes decorações, nem ornatos chamam a nossa attenção; a grandeza está na linha geral da Egréja, na imponencia das suas columnas, no jogo das suas paredes, no recórte dos seus altares. Há um grande movimento n'aquelle conjuncto, movimento de exaltação, da terra para o céo, de confiança e de fé. Os homens que edificaram essa Egreja sabiam bem que as obras da religião são perpetuas e que, commovendo os homens, os obrigam a meditar n'um destino superior. Não é a Conceição da Praia uma egreja feita com o sentimento, mas com a intelligencia, obra construída pela razão que se eleva até Deus.

RENATO ALMEIDA.

O BRASIL POR DENTRO

Galgando a serra do Sincorá por caminhos impossiveis, a subir e a descer ladeiras que só os buicosrr do sertão conseguem vencer (por um prodigio de energia e de equilibrio) ia eu ouvindo do poeta velho, meu guia, historias e lendas locaes:

Pouco com Deus é muito; muito sem Deus é nada! Quem Deus ajuda, vae embora: o homem sózinho nada faz! Era uma vez um menino que por aqui andava com os tropeiros. Um dia elle vio, nas lavras dos antigos Garimpeiros, nos terrenos já faiscados, uma pedra preta, a rebrilhar. Achou-a bonita. Apanhou-a e metteu-a no bolso.

D'ahi a pouco, no meio dos tropeiros, elle lembrou-se da pedra que tinha apanhado. Tirou-a do bolso e pôz-se a brincar com ella. Um homem que ia passando, vio a pedra e perguntou:

— «Menino, você quer me vender esta pedra? Eu preciso de uma pedra assim...»

— «Vendo», disse o menino.

O homem deu-lhe 2$000 e levou a pedra. Um velho garimpeiro, feito tropeiro, que tudo vira, velho garimpeiro, feito tropeiro, que tudo vira, acompanhou o homem da pedra, mais o menino, e foram andando. Topando com um comprador, o homem foi tratando de vender a pedra. Era um carbonado! Tratou-o por 60 contos.

Nisto o tropeiro vem e diz:

— «Comprador! Pare lá: esta pedra não é d'este homem. Isto é bicho máo; é homem ruim; não é gente de ter casa á beira da estrada. A pedra é de um menino, e ahi vem elle: Menino! Menino!»

E veio o menino, e o homem ruim não ganhou nada. O menino voltou-lhe os 2$000 e recebeu o dinheiro todo. Deu 1 conto ao tropeiro e coseu o resto no bolso.

Os tropeiros diziam:

— «Menino! Você vae perder o dinheiro: dá cá para guardar!»

Mas o menino:

— «Nada! Eu mesmo guardo...»

E foram dormir. O menino se deitou cedo, e fingiu que dormia. Os tropeiros, depois da conversa, tambem se deitaram, e quando elles dormiam o menino levantou devagarinho e escapolliio-se. Toda a noite elle andou, e caminhou depois o dia todo.

De manhã, quando os tropeiros acordaram, não achando o menino, logo disseram:

— «Mataram o pobre do menino, para robal-o...» E procuraram, procuraram o menino, e não o achando foram andando, e quando chegaram na casa da mãe do menino deram-lhe a triste noticia. Mas a velha foi dizendo:

— «Gentes! O menino está ahi!».

O menino deu o dinheiro para a mãe, e comprou sitio, gado, e logo foi homem. De menino, passou logo a «capitão». Bôbo é quem joga fóra o que Deus dá: pouco com Deus é muito; muito sem Deus é nada...

E assim iamos caminhando. Ao longe, na planura, Jequi, Almas e Imburanas. No silencio da serra rebolava o canto plangente do guia, a entoar lôas africanas, plangentes gritos de captivos...

E eu pensava no fatalismo que consola essa pobre gente submissa, que acceitou o captiveiro e que, dominada sem luctar, curvou-se ante o destino, e foi vivendo.

«Pouco com Deus é muito; muito sem Deus é nada!» Abandonado longe de tudo, nos immensos rincões do interior, sem faciliades para nada, o sertanejo ainda tem animo para prouzir, creando com o seu trabalho o conforto possivel, e chegando a viver relativamente bem. — Bôa gente! O que não faria, si tivesse algum auxilio: si lhe déssem, por exemplo, escolas, policiamento e estradas!

Não seria preciso mais. E só quem andou pelo sertão póde avaliar a falta que fazem esses elementos!

Em Ituassú, quando lá estive, em 1915, o meu vizinho era um homem que naquella época tinhac erca de 30 mortes na consciencia. «*Official*», como se diz no sertão. Fôra chefe de «*Sebaças*»,

Depois, homem de haveres, não amittia mais assaltos. Vivia agora, apparentemente bemquisto por todos, e respeitado como ninguem, porque no dia em que tinha com o amigo da vespera uma esavença qualquer, liquidava-o, ou manava tranquillamente fazel-o... De apparencia sympathica e acolhedora, ninguem suspeitaria, ao vel-o, que o seu passado era tão carregao. A «amiga» d'este vizinho ainda era «*aspirante*»: tinha apenas a responsabilidae de umas 3 ou 4 mortes... E phenomenos como esses não são raros, por mais que aqui, no ambiente civilizado a nossa faixa littoranea, pareçam de outra época. E' que o alto sertão é coisa bem differente o que fantasíam os que não o conhecem...

Ali, mata-se um homem por um sim ou por um não. Mesmo em Machado Portella não se passa uma semana sem um assassinato: e até ahi já chegou, com a ponta dos trilhos da estrada de ferro, um rudimento de civilização. Imagine-se agora o *alto sertão,* onde o correio só passa de 2 em 2 mezes, por vezes menos, e onde não ha absolutamente nenhum policiamento. Importações: só as dos generos de primeira necessidade, que não produzem as localidades, transportados em cargueiros, por caminhos inverosimeis. Nem estradas, nem policiamento, nem escolas. Nada.

Não será tempo de se pensar em dar á nossa gente do sertão esses primeiros elementos de progresso?

Quadro sombrío, o que apresenta esse vastissimo interior do Brasil... Os politicos occupam-se d'elle para explorar-lhe uma imaginaria capacidade eleitoral, mentirosa, e armam criminosamente os chefetes locaes com rifles e a segurança da absoluta impunidade. E assim vae continuando, inalterado, um estado de coisas que quasi nivela com a barbaira, a civilização do seculo XX.

Estradas; policiamento; escolas!

Para quando?

F. Labouriau.

The Western Telegraph Co., Ld.

em trafego mutuo com as emprezas

Eastern Telegraph Wester Union Telegraph

Estabelecida no Brasil em 1874

Cabos submarinos para os Estados do Norte e Sul e para todos os paizes do mundo.

12 ESTAÇÕES NO BRASIL

Enviae Boas Festas pelo Cabo. As cartas não impressionam na nossa éra.

Serviços especiaes e taxas mui reduzidas

ELEGIA DO REI DE SIÃO

Pobre rei de Sião que morreu de desgosto
por não ter um filho varão!
Pobre rei de Bang-kok educado em Oxford,
pequenino bonito decorativo,
que morreu especialmente pra nos comover.
O filho que ele desejava a Asia não deu
e o seu desejo de um filho era maior do que a Asia
Pobre rei de Sião que Camões não cantou.
Amou tres mulheres em vez de dez mil
e nenhuma lhe deu um filho varão.
De sua costela real nasceu uma pequenina siamesa.
Ao vel-a o rei caiu pra traz como um europeu,
adoeceu, bebeu um veneno terrivel e morreu.

Seu coração enegreceu de repente
e o corpo ficou todo fôfo.

Depois queimaram o corpo fôfo e o coração preto numa fogueira esplendida
e a alma do rei de Sião fugiu entre os canais.

Pobre reizinho de Sião!

CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE.

ENTHUSIASMO

Qual o Destino dessa raça bronzeada
de homens melancólicos e magros,
que estrangulam as feras gigantes, mergulham o corpo queimado nos grandes rio verdes,
e atravessam as florestas intrincadas, numa bravura estranha, tumultuando?

De onde appareceram esses heróes obscuros,
ágeis e tristes, vencedores de um mundo hostil?

Raça esquisita, ao sol vivendo,
ao fogo do sol provada como o aço,
raça feita para dominar a terra,
porque é dynâmica, forte por excellência,
motriz de energias até então desconhecidas

— essa raça que vem agora, deslumbrando
os olhos cansados dos estrangeiros attónitos...

GODOFREDO FILHO.

(Bahia — 1926).

O CAPITULO DAS VIAGENS

(INEDITO)

If he could only go far enough out there, he felt as if his eyesight would be purged and clarified, as if his hearing would grow more delicate, and his very breath would come and go with luxury. He was like some one lying in twilit, formless prexistence, and stretching out his hands towards many-coloured, many-sounding life.

R. L. STEVENSON, *Will o' the mill.*

Relidas e analysadas sem indulgencia pessoal, estas impressões das minhas passagens e demoras entre gente extranha não parece contribuirem grandemente para a instrucção da mocidade, nem mesmo para o repertorio, hoje tão pouco renovado, das bellas mentiras vindas de longe.

Falta o garbo narrativo a estas relações, falta-lhes a exuberancia admirativa, o *maravilhamento* abandonado e contagioso a força de sincero, a tenção de gozar a vida nova, ainda que, para o fazer melhor, seja preciso tornarmo-nos romanos nas Romas successivas da nossa jornada do mundo. Não se descobre nellas o homem prestigiado pelo muito que viu e aprendeu, que teve a fronte illuminada pelos soes das terras distantes, de que nos fica a nostalgia para sempre, e o sangue enriquecido aos largos haustos das brisas oceanicas, que viu altearem-se no horizonte dos seus olhos religiosamente attentos os vultos tragicos dos monumentos do passado e as moles soberbas e sumptuosas onde pompeia a grandeza do presente, que pendeu a cabeça sob as abobadas solennes onde se ensinava a doutrina antiga e, peregrino em busca da revelação, remontou até ás origens as grandes correntes da vida civilisada.

Para todos estes effeitos esperados em livros de viagens era preciso o animo de dizer cousas novas, que nunca tive. Esta humilde segurança me seja contada no meu balanço intellectual, que nunca presumi de descobridor. O que as impressões directas do mundo exterior accordaram em mim de idéas ou de emoções raras sempre me pareceu que outros antes de mim as teriam tido.

O animo de dizer cousas novas nasce do caracter impulsivo e generoso, que as desillusões não modificam, porque exclue o senso critico, que d'ellas tiraria ensinamento. Nem mesmo póde ser muito ensinado um espirito assim decidido a vêr as cousas como as imaginou, através dos seus desejos deformativos. Esta decisão capaz de nos apresentar realidades poeticas já inteiramente construidas para as nossas necessidades sentimentaes, emquanto outros ainda desenham penosamente a épura incerta da ver-

dade deduzida, esta confiada e ingenua e simples visão pessoal dos espectaculos da vida promovem em nós a sympathia maxima com que lemos os livros de divertimento. Mas a honestidade logica, incompativel com a fantasia graciosa e facil, e a humildade espiritual do que não pretende o privilegio de aprender sem esforço cedo extinguiram em mim o poder creador das verdades para uso proprio, cedo estancaram-me a fonte de poesia corrente, cantando entre jardins de flores conhecidas. Do mal d'ahi provindo não sou culpado, que me não escolhi um caracter e assim me encontrei cauteloso e analysta. Cultivo, sim, essa terra secca da critica com o sevéro carinho de um amador de cactos rebarbativos, considerando que ha logar para esthetica até no trabalho ingrato das classificações abstractivas. Sómente, o divertimento tirado de taes contemplações costuma ser reservado e austero como as alegrias que de tão profundas nem chamam o sorriso aos labios.

Receio bem que o leitor d'estas notas avulsas seja ainda mais rigoroso que o autor e não encontre nellas merecimento para que sejam conservadas em volume. A justificação do volume presumpçoso seria o conselho instante dos amigos. Porém, ainda mesmo sem esse grato estimulo, eu sinto que era fatal a crise das saudades em que do remecher de jornaes velhos e cadernos resultariam o livro, falhado e escasso embora, dos itinerarios e registros de impressões directas recebidas pelas estradas e nos pousos do mundo. Será elle o alpenstock litterario das minhas excursões, de mocidade, omittidos os nomes evocativos das estações sentimentaes. Se coubesse em escriptos como este a completa expansão de memorias intimas, sobraria por ahi materia para novellas captivantes. Assim serviriam as viagens apenas para justificar a mudança dos scenarios na comédia tragica que cada um de nós representa na vida.

Escasso e falho é o livro, mas a sua pouquidade não é impertinente. Quem o percorrer com paciencia não achará aggressivo o seu personalismo, que não doutrina. É que as minhas viagens foram feitas para aprender, não para ensinar. O mesmo é de certos livros que lemos para os ter lido, não para fallar d'elles. Descrever paizagens classicas e contar emoções consagradas sempre me pareceu exercicio de poeta sem respeito pela imaginação alheia. D'ahi a parcimonia das descripções nestas paginas descuidosas. Emquanto as esboçava ia pensando nos que antes de mim viram melhor e exprimiram melhor o que viram, com mais vibração, com a convicção communicativa. E resumia e schematizava e calava, com esse honesto medo de enfadar que impede tanta gente de ser divertida em sociedade. Tambem não era para ser guardado isso que a longos intervallos andei dando a jornaes e revistas, por enchimento. A primeira tenção de quem escreve é só publicar a obra fina, escolhendo entre as suas producções as mais valiosas, as perolas mais perfeitas da sua sensibilidade, para engastal-as sob a forma definitiva no livro destinado aos seculos. As resmas de papel manuscripto que cada um de nós perdeu pelos escriptorios de jornaes, nas gavetas e armarios dos hoteis em mãos de amigos descuidados representam a prodigalidade de quem sente inexhaurivel o seu thesouro de idéas e emoções. Mas o tempo passa e as obras essenciaes não foram feitas e a sensibilidade teimosamente sadia e equilibrada cessou de produzir as perolas peregrinas da poesia. Lembra-se então o escriptor das suas páginas menores desprezadas entre a palhada van do jornalismo. E reconhecendo-as e recolhendo-as com mão piedosa não póde deixar de pensar na série ou no capitulo em que ellas figurassem decentemente.

É ainda este um dos casos em que o melhor livro ficou por escrever. Interessante, senão informativo, seria o itinerario ideal do menino sedentario e roido de desejos, cuja phantasia viaja sem repouso e sem destino, como num sonho ardente de liberdade e de poesia. Desembaraçado da realidade importuna, evadido das linhas certas dos roteiros frequentados, que gradeiam o horizonte ao viajante ordinario, esse pe-

regrino das Mecas imaginadas teria a independencia de expressão e a autoridade de quem affirma cousas inverificaveis. O livro numeroso e profundo, e verdadeiro na sua imprecisão, não foi escripto, talvez porque não pudesse ser lido. Qualquer de nós é capaz de o conceber, embora lhe falte a fé para reduzil-o a lingua clara e sympathica.

No começo é o poema da aspiração, a divina aventura da alma dispersa cada manhan aos quatro ventos do ceu, forrageando pelos campos do saber alheio, e regressando cada noite, exhausta de fadiga, ajoujada sob a carga da pilhagem vária destinada ao thesouro da futura *urbs* cerebral. Programma não ha nem tenção formal, que a vida intensa é sem tenções e tudo espera do imprevisto: apenas o impulso do desejo, a projecção do individuo para a frente. Mas dos hymnos retumbantes de esperança acompanhando as sortidas e da surdina elegiaca das voltas se vae compondo a toada caracteristica do homem feito, o seu thema pessoal e representativo nos concertantes da vida. E, premiada nas confirmações práticas das suas intuições e previsões, ou ensinada nos desenganos de que não resulta amargura, porque ainda são a licção da experiencia, esse ir e vir da alma aprendendo a viver encerra nos seus mil episodios desdenhados toda a infinita e inexplorada poesia das descobertas.

Aos dois annos de edade foi a passagem da casa natal na varzea para a morada no morro. Atrás ficavam os apegos materiaes, cousas amadas, outras detestadas, claridades familiares nas várias horas do dia, uma carranca apavorante na parede de um quarto escuro e no salão, suspensas em baças molduras verdes, gravuras coloridas contando o romance do Filho Prodigo. Adeante era o não conhecido e não desejado. Havia apenas um campo a atravessar e uma ladeira a subir: quinze minutos para as corridas doidas no futuro. Mas, naquella tarde, ao menino que pela primeira vez transpunha a cerca do campo afigurou-se vastissima a pastagem rodeada de brejaes, d'onde escorria pelas vallas sinistras a agua tinta, ainda mais escurecida pela sombra das arvores á beira. A altura do hombro materno que o carregava não lhe dava para dominar o horizonte hostil, cheio de vultos e de rumores novos. Pela estrada, que encobria uma cerca viva, passavam carros de bois cantando e rouquejavam gritos selvagens de carreiros, fóra de afinação com a serenidade da hora. A meio da ladeira foi a primeira visão dos altos pennachos de espuma branca, franjando a moldura amarellenta das dunas, e o estrondo temeroso da arrebentação do mar. Tudo parecia estreitar-se, aproximar-se, ameaçar. Era o mundo inimigo, o panico inexplicavel e invencivel, religioso. O braço forte e doce que o sustinha, a cabeça amiga apertada contra o seu coração agitado sentiram-lhe nas contracções do corpinho mais aconchegado, buscando amparo, a invasão do terror angustiante. E logo a voz segura e clara começou a fallar, espancando os medos vagos, ensinando a coragem, disfarçando-lhe as estranhezas da casa nova, promettendo bellezas, restabelecendo na alminha desnorteada o equilibrio perdido na emoção violenta, até á vinda do somno agazalhador e calmante.

Este drama fremente do primeiro desarraigamento mereceria ser contado com arte. Acaso revelaria elle á analyse d'essa impressão profunda do horizonte mudado em torno, da illuminação differente, dos vultos e linhas familiares, que nos occupavam o ambiente e lhe definiam a physionomia obscura, substituidos agora por uma figuração antipathica na sua novidade, sem passado, sem uma acção que lhe dê prestigio e a personalise na breve e balbuciante e palpitante chronica dos nossos primeiros dias, acaso mostraria pela propria violencia d'essa extranheza o resaibo doloroso de toda sensação bastante nova e intensa bastante para que d'ella nos fique a marca funda na memoria. E, ainda mais, comparando esse quasi espasmo da sensibilidade á primeira mudança com os choques cada vez mais fortes que soffremos de fóra e que cada vez menos nos abalam subjectivamente, mostraria na perspectiva invertida

da nossa consciencia a degradação dos tons e o esfumado das figuras, diminuidas de nitidez e de relevo, vindo dos derradeiros planos para a frente e significando o estancamento gradual da fonte de emoções nascidas do substratum obscuro, que é o terror do desconhecido. A conclusão seria que quando chegamos á perfeita segurança individual, que, só, permitte a critica, tem desapparecido em nós o melhor do sentimento postico, com a faculdade de transmittir emoções vehementes e elementares.

Já a segunda *grande* viagem, aos cinco annos, para ir vêr o mar e a escola, sendo voluntaria, foi mais tranquilla e confiada. Já ahi se misturavam os arrepios do medo das ondas fragorosas com a curiosidade — não manifestada: as maravilhas não querem ser explicadas — das causas e dos destinos de toda aquella agitação sem tumulto. E a casa mysteriosamente fechada da escola aonde se vae ganhar premios, ganhar respeito, ganhar saber nos livros que nos communicam com o mundo além, não era mais a terra incognita para o menino em cujo espirito já se firmara a certeza de que aprender é um modo de viver.

Foi assim, sem receio, ainda que não sem emoção, a partida *para os estudos* no Rio, passando por logares cujos nomes andavam sempre na bocca dos mais velhos, os viajados. Partida ao amanhecer, depois da noite de vigilia e anceio, coração tumido de pena e de alvoroço, estirões fatigantes de marcha, paizagens sempre mudando em perfis de montanhas, em espraiados de rios, sombras, perfumes, vozes, sensações exoticas em poucas leguas de distancia tres cidades vistas no mesmo dia pelo matuto de doze annos, que apenas visitara um povoado, tudo mereceria registro no capitulo das viagens.

E finalmente, dias antes de partir para o estrangeiro, a derradeira visita á casa paterna seria a viagem memoravel, cuja data assignala a entrada de um periodo novo da historia pessoal. Mas na vespera tinha sido abolida a escravidão e uma nova jornada tambem se abrira para a historia nacional. Resolvera-se por uma arriscada operação de cirurgia legislativa a crise social e os proprios adeptos da medida sentiam-se commovidos, ainda surprezos da relativa facilidade com que se destruira a instituição secular. Virando as costas ao regozijo cidadão, fui vinte e quatro horas depois apeiar-me do cavallo á porta de casa, mensageiro involuntario da inesperada nova. Certamente se combinaram em gravidade reflexiva e profunda e abscura demais para a analyse as emoções várias d'essa despedida. Havia alli dois homens de mais de quarenta annos de differença, almas distantes de todo esse tempo, embora ligadas na communhão do affecto, pae e filho que se iam separar talvez para sempre, e o filho trazia ao pae a noticia da sua ruina e o pae sacudia-se do atordoamento do golpe cuidando antes da partida do filho, substituição heroica da confiança em si pela esperança na aventura alheia, emquanto o filho, apezar seu, estudava no pae a physionomia nova que *devia ter* o homem que ao fim da vida assim cessava subitamente de ser dono de outros homens. E como a situação era pungentemente perturbadora, as phrases raras que trocavam mais pareciam ditas para velar o pensamento tormentoso.

Ultimo beijo de adeus na mão quente e segura, primeira amada e unica temida no mundo, olhar panoramico sobre o horizonte conhecido, amigo, em que sempre eramos centro e que por longos annos ainda, quiçá por toda a vida, vae ser a paizagem dos nossos sonhos de outra acção, premura no coração da incerteza, da aprehensão dos dias futuros, que sentem á hora das decisões os pensatívos, os leaes para comsigo mesmos, sombra da saudade prévia que empanna o brilho da mais radiosa manhan de partida, quem vos pudesse contar com sinceridade não teria perdão se por sua escolha envelhecesse e morresse em terra extranha!

Mas ninguem póde, ninguem sabe dizer essas peregrinas angustias dos grandes momentos que nos revelam a nós mesmos. Ou, se sabe e póde, não encontra logar

para ellas entre as descripções da realidade corrente e impessoal, que querem que sejam as narrações de viagens. O «capitulo dos livros» seria mais apropriado para taes dissecções. Sómente, a quem fazer lêr tal capitulo senão aos escriptores, que têm *a intelligencia?* Tanto vale deixal-o por escrever.

E no emtanto de quanta deformação critica, de quanta injustiça nas apreciações das coisas exoticas é causa esse apego irreductivel ao ambiente patrio, revelado em paroxismo pela creança apavorada á sua primeira sahida de casa, e quão facilmente se póde retraçar á sua origem estreitamente nativista a impermeabilidade, a inhibição da alma errando sempre fechada na sua couraça de antipathia isoladora! Assim viaja a maior parte da gente sincera. O leitor dirá se assim viajei.

Petropoles, Maio de 1906.

DOMICIO DA GAMA.

Previdencia

Augmento de vencimentos
Gratificações
Lucros
Juros

devem ser empregados em immoveis, cujo valor sempre augmenta livre de cambios e de especulações, sem risco e sem sacrificio

Vendas a prestações

Companhia Immobiliaria Nacional

Travessa Ouvidor 27

PHONE NORTE 6126

A REPRESENTAÇÃO DA MINORIA

A Constituição da República de 24 de fevereiro de 1891 dispunha no seu artigo 28:

«Art. 28. A Camara dos Deputados compõe-se de representantes do povo, eleitos, pelos Estados e pelo Districto Federal, mediante o suffragio directo, garantida a representação da minoria».

Reformada a 7 de setembro de 1926, a Constituição da Republica não soffreu modificação no artigo 28, accrescentando-se, porem, ao seu artigo 6.º, — «O Governo Federal não poderá intervir em negocios peculiares aos Estados, salvo:» — esta lettra: «*h)* um regimen eleitoral que permitta a representação das minorias».

Tanto na Constituição de 24 de fevereiro de 1891, como na de 7 de setembro de 1926, o artigo 30 tem a mesma redacção: «Art. 30. O Senado compõe-se de cidadãos elegiveis nos termos do art. 26, e maiores de 35 annos, e em numero de tres Senadores por Estado e tres pelo Districto Federal, eleitos pelo mesmo modo por que o forem os Deputados».

O projecto de Constituição do Imperio do Brasil, considerado pela Constituinte de 1823, não cogitava da representação da minoria, ou das minorias. O seu artigo 78 dispunha: «Art. 78. A Sala dos Deputados é electiva». Nada dispunha, tambem, a esse respeito, a Constituição Politica do Imperio do Brasil, de 1824, que tinha este artigo: «Art. 35. A Camara dos Deputados é electiva e temporaria».

O projecto da commissão de cinco cidadãos incumbida pelo Governo Provisorio da Republica de elaborar uma Constituição para o regimen instituido em 15 de novembro de 1889, apresentava este artigo: «Art. 25. A Camara dos Deputados é constituida de representantes dos povos dos Estados e do Districto Federal, na proporção de um por setenta mil habitantes, ou fracção que exceda a trinta mil.

Paragrapho unico. Esta base de representação não pode ser diminuida e qualquer que seja o augmento da população deverá ser estabelecida a proporção de maneira que não exceda de duzentos e cincoenta o numero de deputados».

O decreto n. 510, de 22 de junho de 1890, assim como o decreto n. 914-A, de 23 de outubro de 1890, prescreveram no artigo 27:

«Art. 27. A Camara compõe-se de deputados eleitos pelos Estados e pelo Districto Federal, mediante o suffragio directo.

§ 1.º O numero dos deputados será fixado pelo Congresso, em proporção que não excederá de um por setenta mil habitantes.

§ 2.º Para este fim mandará o Governo Federal proceder, dentro em tres annos da inauguração do primeiro Congresso, ao recenseamento da população da Republica, o qual se reverá decennalmente».

Ao opinar, pelo parecer n.º 1, de 8 de dezembro de 1890, lido na sexta sessão do Congresso Constituinte, de 10 de dezembro, sobre o projecto da Constituição,

offerecido pelo Governo Provisorio, a commissão de vinte e um membros, para esse fim organizada, suggeriu esta redacção para o artigo 27:

«Art. 27. A Camara dos Deputados se compõe de representantes da Nação eleitos por Estados e pelo Districto Federal, mediante suffragio directo».

Na decima sexta sessão do Congresso Constituinte, em 24 de dezembro de 1890, continuando a discussão do capitulo II do projecto, «são lidas e entram conjunctamente em discussão as seguintes emendas:

Additivos ao artigo 16:

§ 4.º O systema eleitoral terá por base a representação proporcional das maiorias e minorias.

§ 5.º O exercicio do suffragio é um direito e um dever dos cidadãos da Republica e não soffre intervenção do Poder Executivo.

Sala das sessões, 24 de dezembro de 1890. — *Marciano de Magalhães, Almino Alvares Affonso, Juvencio de Aguiar, J. Simeão, M. Prado Junior, Caetano de Albuquerque, Barbosa Lima, F. Schmidt, Baptista da Motta, Bezerril, A. Azeredo, José Augusto Vinhaes, Pedro Americo, Nelson de Vasconcellos, Almeida, Serzedello Correia, Indio do Brasil, A. Milton, Jesuino de Albuquerque, M. Valladão, C. J. de Mello, Carlos F. de Campos, R. Horn, Casimiro Junior, José Bevilacqua, Nilo Peçanha, João de Siqueira, Demetrio Ribeiro, Almeida Pernambuco, Bellarmino Carneiro, José Mariano, Prisco Paraiso, Alcindo Guanabara, Garcia Pires, Lopes Trovão, Rosa Junior, Mursa, Cunha Junior, Matta Bacellar, José Avelino, J. J. Seabra, J. Ouriques, Anfrisio Fialho, Raymundo Bandeira, Pires Ferreira, F. P. Mayrink, Pinheiro Guedes, Aguilino do Amaral, Espirito Santo, J. Retumba, Athayde Junior, Domingos Vicente, Pedro Paulino, Belfort Vieira, Ivo do Prado, Felisbello Freire, Oliveira Galvão, Francisco de Paula Azevedo, Garcia Pires, Almeida Barreto, Firmino da Silveira, João Neiva, Amorim Garcia, Eduardo Wandenkolk, Stockler, Bezouro, Rios, Sodré, Amphilophio, Virgilio, Santos Pereira, Amaro Cavalcanti*».

Na decima oitava sessão do Congresso Constituinte, em 27 de dezembro de 1890, «é submettido á votação o artigo 16 do projecto, o qual é approvado». «Procede-se á votação de um additivo ao artigo 16, apresentado pelo sr. Marciano de Magalhães.

O sr. GENEROSO MARQUES *(pela ordem)* requer que a votação seja feita por partes. Posto a votos, o requerimento é approvado.

Procedendo-se á votação do additivo, em suas duas partes, são ambas rejeitadas».

Na trigesima sexta sessão do Congresso Constituinte, em 19 de janeiro de 1891, «vae a imprimir o seguinte projecto e redacção para a segunda discussão da Constituição dos Estados Unidos do Brasil:

Projecto de Constituição dos Estados Unidos do Brasil:

Art. 27. A Camara compõe-se de deputados eleitos pelos Estados e pelo Districto Federal, mediante o suffragio directo.

Redacção para a segunda discussão do projecto de Constituição dos Estados Unidos do Brasil:

Art. 27. A Camara dos Deputados se compõe dos representantes da Nação eleitos por Estados e pelo Districto Federal, mediante suffragio directo».

Na quadragesima sessão do Congresso Constituinte, em 26 de janeiro de 1891, entrando em segunda discussão o projecto de Constituição, foram-lhe apresentadas estas emendas:

«Ao artigo 27. Diga-se: A Camara dos Deputados se compõe de representantes do povo eleitos directamente por este em circumscripções que não poderão ultrapassar os limites de um Estado, e garantida a representação das minorias. — *José Hygino. — Amphilophio*».

«Ao artigo 16. (Para serem collocados entre os §§ 2.º e 3.º, ou onde mais convier).

§ A Constituição declara absolutamen-

te nulla toda a eleição em que intervier, directa, ou indirectamente, o poder administrativo ou governamental da Federação ou Estado.

§ A União reconhece e garante a representação das minorias, que regulará por lei.

Sala das sessões, 26 de janeiro de 1891. *Almino Alvares Affonso*».

Na quadragesima primeira sessão do Congresso Constituinte, em 27 de janeiro de 1891, continuando a segunda discussão do projecto de Constituição, foi-lhe apresentada esta emenda:

«Ao artigo 27. Em vez de — por Estados — diga-se: — pelos Estados.

Accrescente-se o seguinte: Paragrapho unico. O numero de deputados e a forma da eleição serão regulados por lei ordinaria do Congresso Nacional.

Sala das sessões, 27 de janeiro de 1891. — *Gabriel de Magalhães*».

Na quadragesima setima sessão do Congresso Constituinte, em 4 de fevereiro de 1891, «o SR. PRESIDENTE declara que se vae proceder a votação da emenda do sr. Almino Affonso ao artigo 16.

O sr. JUSTINIANO DE SERPA, obtendo a palavra pela ordem, requer que se vote separadamente a mesma emenda.

O sr. ALMINO AFFONSO *(pela ordem)* faz identico requerimento.

O sr. ALMINO AFFONSO *(pela ordem)*. Sr. Presidente, não digo hoje mais de uma palavra. V. Ex. está muito mortificado, e o Congresso tanto, pelo menos, como V. Ex. *(Riso)*.

Como as emendas que têm de ser recebidas já o estão *a priori (não apoiados)*, antes de toda a votação...

O sr. JOSÉ MARIANO. — É uma especie de creação do mundo.

O sr. ALMINO AFFONSO. — ... sem offensa nenhuma á dignidade e patriotismo dos respectivos collegas...

Um sr. REPRESENTANTE. — Isso até é um elogio.

O sr. ALMINO AFFONSO. — Não ha duvida nenhuma; ha presciencia... requeiro a V. Ex., si é possivel, d'esta vez, como de outras o tem feito muito legitimamente, que proponha a votação por partes.

Um sr. REPRESENTANTE. — Já está requerido.

Outro sr. REPRESENTANTE. — Requer a desmembração.

O sr. ALMINO AFFONSO. — A desmembração, é verdade *(riso)*; perfeitamente, acceito a palavra.

Consultado o Congresso, é approvado o requerimento do sr. Justiniano de Serpa e prejudicado o do sr. Almino Affonso.

Submettida a votos, é rejeitada a primeira parte e approvada a segunda da seguinte emenda do sr. Almino Affonso:

Art. 16. (Para serem collocados entre os §§ 2.º e 3.º, ou onde mais convier).

§ A Constituição declara absolutamente nulla toda a eleição em que intervier, directa, ou indirectamente, o poder administrativo ou governamental da Federação ou Estado.

§ A União reconhece e garante a representação das minorias, que regulará por lei.

O sr. PRESIDENTE declara prejudicada a emenda do sr. Marciano de Magalhães.

O sr. MARCIANO DE MAGALHÃES, obtendo a palavra, pela ordem, faz considerações para mostrar que não está prejudicada a primeira parte da sua emenda, e neste sentido requer que seja consultado o Congresso.

Consultado o Congresso, considera prejudicada a primeira parte da emenda do sr. Marciano de Magalhães.

Posta a votos, a segunda parte da mesma emenda é rejeitada».

Na quadragesima oitava sessão do Congresso Constituinte, em 5 de fevereiro de 1891, «são successivamente postas a votos e rejeitadas as emendas dos srs. José Hygino e outro e Francisco Veiga ao artigo 27». «Posta a votos é approvada a seguinte emenda, do sr. Gabriel de Magalhães: «Em vez de — por Estados — diga-se: —— pelos Estados».

O sr. PRESIDENTE diz que considera a outra emenda, que o sr. Gabriel de Ma-

galhães apresentou como additiva, antes como substitutiva ao § 1.º do artigo 27, e neste sentido vae submettel-a á votação.

Posta a votos, é approvada a seguinte emenda do sr. Gabriel de Magalhães:

«Accrescente-se o seguinte: — Paragrapho unico. O numero de deputados e a forma de eleição serão regulados por lei ordinaria do Congresso Nacional».

«Vem á Mesa a seguinte declaração de voto:

Declaramos que votamos contra a emenda ao artigo 27 do projecto de Constituição, apresentada pelo sr. Gabriel de Magalhães, no sentido de autorizar o Congresso Nacional a regular por lei ordinaria o numero de deputados.

Sala das sessões, 5 de fevereiro de 1891. — *Manoel Francisco Machado.* — *Joaquim Leovegildo de Souza Carvalho.* — *Joaquim Sarmento.* — *Uchôa Rodrigues.* — *Belfort Vieira*».

Na quinquagesima quinta sessão do Congresso Constituinte, em 14 de fevereiro de 1891, é publicada a redacção, approvada em segunda discussão, do projecto de Constituição dos Estados Unidos do Brasil e a confrontação das emendas approvadas. A redacção do artigo 27 é esta:

«Art. 27. A Camara dos Deputados se compõe dos representantes da Nação, eleitos por Estados e pelo Districto Federal, mediante suffragio directo».

Esta emenda foi approvada em segunda discussão:

«Ao artigo 27. Em vez de — diga-se: — pelos Estados. — *Gabriel de Magalhães*».

Na quinquagesima setima sessão do Congresso Constituinte, em 17 de fevereiro de 1891, é posta a votos e approvada, em terceira discussão, a seguinte emenda:

«Ao artigo 27. — Em vez de — por Estados — diga-se: — pelos Estados. — *Gabriel de Magalhães*».

A redacção final da Constituição, em 21 de fevereiro de 1891, continha este artigo:

«Art. 29. A Camara dos Deputados compõe-se de representantes do povo eleitos pelos Estados e pelo Districto Federal, mediante o suffragio directo, garantida a representação da minoria».

Na quinquagesima nona sessão do Congresso Constituinte, em 23 de fevereiro de 1891, «o sr. PRESIDENTE declara que entra em discussão a redacção do projecto de Constituição.

São lidas, apoiadas, e entram, conjunctamente, em discussão as seguintes emendas:

«Ao art. 28. Redija-se assim: — O Congresso, em lei especial, declarará os casos de incompatibilidade eleitoral e garantirá a representação das minorias. Sala das sessões, 23 de fevereiro de 1891. — *Meira de Vasconcellos*».

Essa emenda, não logrando parecer favoravel, não foi adoptada. E a redacção final do actual artigo 28 permaneceu como redacção definitiva da Constituição, apenas modificada a sua numeração, que era 29, devido á fusão, em um só, dos artigos 23 e 24.

NESTOR MASSENA.

Director dos serviços de Contabilidade da Camara dos Deputados.

LITTERATURA

OU O DEPOIMENTO DE UM PARNASIANO

«É incalculavel a somma de responsabilidade que nos cabe em cada acção dos nossos similhantes.

Todos nós, em dado momento da nossa vida e por circumstancias que as mais das vezes ignoramos, fomos os depositarios da vontade divina, os agentes conscientes ou inconscientes d'essa força mysteriosa a que chamamos destino.

Qual de nós, em verdade, pode vangloriar-se de jamais ter apressado o punhal assassino que estava para cahir sobre uma vida? De quantas acções, bôas ou más, fomos os autores indirectamente? Quantos gestos foram reflexos da nossa vontade? Quantos pensamentos nossos, nobres ou vis, lançaram com a nossa palavra ou pela sua simples transmissão psychica, raízes profundas no espírito de quantos se approximaram de nós ou passaram ao nosso lado? Quantos crimes, quantos heroísmos, quantos sacrificios, quantos destinos se realizaram por nossa causa, foram suggeridos por um olhar dos nossos olhos, por um gesto das nossas mãos, por um *tic* dos nossos sentidos, por um relámpago da nossa vontade?

Por outro lado, quanta cousa aconteceu ou deixou de succeder por que calamos a palavra que deveria ser dicta para que se realizassem ou não taes cousas, na vida de alguem?

Um olhar pode travar uma existencia, como uma palavra apressá-la e um simples gesto detê-la. Essa influencia, que age mesmo ás vezes independentemente da nossa vontade e através do tempo, do espaço e de dezenas de existencias e personalidades, afigura-se-me tão evidente, tão decisiva, que só por ella posso agora explicar actos contradictorios em certas vidas, transformações súbitas em certos caracteres, imprevistos apavorantes que fazem de certos destinos a surpresa estarrecida dos que lhes assistem ao desdobramento. De tal sorte, que a vida de todo homem, a certa altura, bem poderá tornar-se a historia de outro homem.

Isso me diria, com relação ao meu amigo e ao papel preponderante, que, sem o saber, desempenhou em minha vida, o philosopho intuitivo que ha em todos nós.

Quanto a mim, posso affirmar que jamais teria tido motivos para pensar nessas cousas, si um acaso fortuito, ou antes, o amigo de que há pouco fallava, me não tivesse posto entre as mãos o extranho livro que tão funesta influencia deveria exercer no meu espirito.

Os senhores de certo conhecem o meu caso. Sobre elle já os jornaes fallaram abundantemente.

Os jornaes informaram tudo. Só não informaram o que é necessario saber: o que está para acontecer. O que aconteceu não tem importancia alguma.

Mas si conhecem o caso, certamente ignoram as razões íntimas que me levaram a matar estupidamente aquella que o destino me déra por companheira, doce, nobre e bella creatura, cuja vida não tinha outra razão de ser que a de me proporcionar toda a especie de felicidade ao alcance dos humanos.

Entretanto, assassinei-a a frio, presa da loucura mais extraordinaria de que talvez se tenha noticia. Creio que nenhum criminalista, nenhum psychiatra attentou ainda nessa extranha doença que chamarei a «loucura litteraria». Comtudo, ella existe, há muito. Tem-se apresentado sob diversas formas e os seus effeitos são bem mais terriveis que os de muitas outras, por isso que, despertada pelos livros de que muitas vezes é producto, ella age sobre creaturas dotadas de alguma intelligencia imaginativa. Nesses casos, difficilmente se avaliaria o mal que os livros teem causado á humanidade.

Por mim, direi que fui victima, não de um livro propriamente, mas do prefacio á traducção de François Victor-Hugo dos sonetos de Shakeaspeare, cujo intimo sentido, ambiguo e tendencioso, nos revela o caracter dubio do maravilhoso poeta inglez, sobre quem, a propósito d'esses sonetos evidentemente inspirados por um sentimento inconfessavel, tanto se discutiu e se formularam tantas hypótheses e theorias. Como ia dizendo, uns se envenenam com um livro; eu perdi-me com um prefacio. Não sei si os senhores conhecem esse livro, ou antes, esse prefacio e a sua fascinante e perigosa theoria sobre o soneto. O que lhes posso dizer, para resumir, é que segundo ella o soneto, essa synthética forma litteraria em que os poetas procuram condensar, no menor numero de versos a maior possibilidade de suggestão, de harmonia e de emoção, vinha perdendo a sua mais bella e tradicional significação, qual a de ser a «maneira» lyrica dos poetas que eram infelizes no amor.

Os senhores não sabem o que são theorias artísticas e quanto podem ellas n'um temperamento inclinado ás bellas idéas e aos symbolos que vivem atrás das cousas e dos factos. E aquella observação foi para mim como a revelação de uma verdade artística.

Desandei então a estudar os poetas que passaram á historia como sonetistas: todos tinham sido infelizes no amor!

A escola italiana, além de Petrarca, forneceu-me uma infinidade; na França, com excepção de Heredia, meu mestre preferido até então os exemplos abundavam entre os quaes o caso illustre e unico de Felix d'Arvers; na Inglaterra bastava Shakeaspeare, que a não ser pela forma dramática, jamais adoptára outra de expressão pessoal, além do soneto.

E assim em Portugal, que me dava Camões, Bocage e Anthero, cujas vidas, no seu aspecto mais íntimo, attrahiram a devassa febril a que eu dava o nome de «excavações poeticas».

E assim no Brasil, cuja litteratura pode vangloriar-se d'essa doce e infeliz figura de poeta que se chamou em vida Adelino Fontoura, cuja paixão lyrica por uma senhora maranhense que o desprezava, apesar de inspirar-lhe os sonetos de amor mais bellos da nossa litteratura, — constituiu mesmo o objecto de um pequeno estudo litterario que por essa época escrevi com lágrimas nos olhos, sinceramente apaixonado por essa idéa literaria que tão funesta me foi depois.

Vou resumir os factos, já que me venho alongando em demasia neste depoimento que, dada a incerteza dos homens e dos seus julgamentos, não sei si servirá para minha defeza ou para minha condemnação.

Os que me lêm sabem, ou deviam saber, que na moderna literatura do meu paiz, de ha uns oito annos para cá, o meu nome constitue o que vulgarmente se diz uma gloria nacional. Apparecido em 1919, no mundo literario contemporaneo, com um livro de sonetos parnasianos, a cuja forma, perfeita e architectural, a salutar influencia de Beaudelaire e de Heredia emprestára magnificencias até então desconhecidas para esse difficil instrumento que é a lingua portugueza, — logo vi o meu nome cercado

da admiração da imprensa e objecto do favor, da attenção e da curiosidade do publico que em poucos dias exgotava a numerosa edição.

Datam dessa época os meus successos literarios e o meu casamento com a mais bella, a mais doce e a mais amorosa das creaturas que jamais foi dado imaginar.

Com ella a minha vida sempre correu lisa e pura como a forma que eu sonhára para os meus versos.

Para que entrar em pormenores? Os senhores sabem certamente o que é uma perfeita vida conjugal e mais de um joven poeta comprehenderá a minha felicidade de então si eu disser que minha mulher era linda como aquella que se sonha, e que, além disso, me amára pelos meus versos, que julgava naturalmente os mais bellos do mundo.

Só mais tarde, pois, foi que me veio aquella extranha loucura a cuja simples evocação todas as minhas fibras hoje se confrangem.

Assim, era eu o homem mais feliz do mundo e o autor mais bafejado pela sorte, quando, não sei por que occultas razões do destino, occorreu-me a idéa infeliz de convidar o meu amigo R... (que por esse tempo fazia a mais rigorosa critica literaria e era o espirito mais encantadoramente culto que conheci), para a leitura, em minha casa, do novo livro que, continuando a minha feição literaria de sonetista celebre, compuzera, ainda abrazado daquelles parnasianos fervores estheticos os quaes, fieis ao principio da arte pela arte, levavam o seu extremo a não admittir, como thema poetico, qualquer manifestação de sentimento pessoal.

O livro mereceu do meu amigo os mais enthusiasticos louvores, repetindo-me elle então o elogio celebre para os que já amaram esses dois mestres incomparaveis que foram Gautier e Heredia:

— *Heredia, je t'aime parce que tu fais des neos qui se recourbent comme des lambrequins héraldiques.*

Mas, e de então começou a minha terrivel aventura! — o meu amigo disse-me tambem em tom de *blague:*

— Conheces por acaso a curiosa theoria sobre o soneto e os sonetistas, exposta na traducção de François Victor-Hugo dos sonetos de Shakeaspeare e que é uma condemnação para os teus versos? Pois si não conheces, procura conhecel-a. Ella é brilhantemente apresentada e desenvolve uma singular theoria segundo a qual todo sonetista se verá condemnado, irremediavelmente condemnado, a ser infeliz no amor.

Foi o bastante. Aquillo dito em tom de *blague,* ferira umas certas cousas, aqui dentro.

Entrei a meditar sobre a impassibilidade hieractica dos meus versos. Procurei o livro. Devorei o prefacio, li-o, reli-o.

O meu amigo partira para a Europa. Eu parti para o mundo que aquellas idéas me abriam... Todos os grandes sonetistas tinham sido infelizes no amor!

Entrei logo a aborrecer o que até então escrevera. A impessoalidade dos meus versos irritou-me. Deu-se uma profunda reviravolta no meu gosto poetico.

Por fim, sentindo-me incapaz de fingil-a, eu fui o mais abominavel dos homens, eu fui o homem que desejou a propria infelicidade!

Os senhores comprehendem, minha mulher mava-me sinceramente. Mas para um sonetista, era a condemnação! Chegou a se me affigurar até uma trahição aos espiritos illuminados de Petrarca, de Arvers e de outros, que ai de mim! os julgava agora, na minha extranha paixão romantica, felizes da propria desventura!

Os senhores sabem o resto.

Um dia em que a cousa falou mais forte aqui dentro, matei a pobre creatura cujo unico crime era a minha felicidade na vida.

Porque o que já agora eu queria, era um grande amor infeliz.

Muitas vezes repeti com o poeta:

E aqui estou encerrado nestas grades, sem ella e sem a minha idéa, que se foi, dissipada como por encanto, logo que lhe sacrificára o meu lar, o meu nome e a minha felicidade.

Acaso não será assim com todas as idéas?

Aquella talvez esteja a esta hora implantada na cabeça de algum dos que me lêm, quem sabe? Desde que a perdi? Pois certamente não ignoram que communicar a outrem a sua idéa é perdel-a um pouco.

É tambem um axioma artistico e dos mais perigosos. Não vão experimental-o...

A gente não deve conhecer as verdades artisticas. Pratical-as inconscientemente é muito melhor, talvez. Mesmo porque, si da experiencia advier algum feio crime, quem acreditará depois nas razões literarias delle?»

ONESTALDO DE PENAFORTE.

ANTONIO JOSÉ DA SILVA E A INQUISIÇÃO

IV

Dez annos passados da tormenta em que se acharam envolvidas as tres filhas de João Mendes da Silva, encontramos o mais velho entregue á sua profissão de advogado, continuando provavelmente o cartório do pai, já nêsse tempo falecido; André, escrivão no Paço da Madeira, repartição da Alfandega, onde além das madeiras, aduelas e tonéis se despachavam frutas e alguns outros gêneros de importação; Antonio José na vida forense, como o irmão primogénito, mas nas horas vagas poeta e escritor de farças, ou, porventura com mais exactidão, advogado nas horas que lhe sobravam do entretenimento da pena e do teatro.

Todos tres casados: Baltasar, a quem sua bôa estrêla impedira o consórcio com a prima Brites Eugénia, ligado a uma familia de cristãos velhos, como sabemos; os outros dois, arrastados pelo destino funesto, unidos a estirpe em que, como na sua própria, e mais ainda, as condenações por judaismo tinham deixado o estígma. Desposaram êles duas irmãs, da Covilhã, terra afamada de judeus: André a Páscoa dos Rios, que o acompanhara no auto de 1728; Antonio José a Leonor Maria de Carvalho penitenciada em Villadolid, onde fôra garrotada e queimada a mãe. Dois irmãos, Antonio e Jorge Fróis, e uma irmã, Maria Henriques, figuravam com António José no auto de 1726.

Leonor, denunciada com os irmãos em 1725, e então de 16 anos, ia em fuga para Baiona, com a mãe, um irmão e a familia dêste, e ainda uma irmã e uma tia, quando na vizinhança de Salamanca os prenderam, por suspeita de serem judeus, que se evadiam á Inquisição portuguêsa. Entregara-os ao alcaided o lugar o alquilador, com quem haviam tratado leva-los a França em cabeça, e que, recebidas quatro moedas de ouro por conta da jornada, se apressou a denunciá-los. Conduzidos á Valladolid, séde da Inquisição do distrito, ali foram julgados. A mãe, relapsa, sentenciada á morte; ao demais á costumada abjuração e penitencia, e destêrro temporario. Leonor cumprio o seu em Vitigudino, na região de Salamanca, de onde, passados três meses, regressou á Covilhan. A irmã, Páscoa dos Rios, não quisera expôr-se ás contingencias da fuga, e obedeceu á notificação para se apresentar no Santo Oficio em Lisbôa, onde já se achavam prêsos António e Jorge Fróis. Com êles participou na detenção e nas penas, e, recuperando a liberdade, preferiu não voltar á terra natal.

Leonor, pelo contrário, ou fôsse inclinação ou coagida das circumstancias, por lá se deixou estar cinco anos, até que, talvez a chamada da irmã, com ela veio residir na côrte. Foi na casa de Pascoa dos Rios, já mulher de André Mendes da Silva, que conheceu a António José. Do encontro com o poeta derivou o galantêio, em que foi sacrificada a virtude. Quando ahi por 1735 o matrimonio uniu os amantes, estava para nascer-lhes uma filha, já em seguida a outra maternidade, que não vingou.

A quem percorrer as listas dos autos da fé, e atentar que nelas prevalecem as pessôas de habito penitencial, temporario ou perpetuo, é fácil afigurar-se-lhe que na Lisbôa dêste tempo a cada passo se topavam individuos com a insígnia infamante sobre os vestidos. O hábito penitencial ou sambenito era, como se sabe, uma espécie de escapulário, no qual, sôbre fundo amarelo, se cruzavam em aspas duas tiras vermelhas, o que de muito longe devia indicar á atenção pública o portador.

Dêsde longo tempo, contudo, que assim não sucedia. Ao saír do cárcere da penitência, após a doutrina, despia-se ao condenado a veste ignominiosa, e nada em seguida o diferençava das pessôas a que nenhum pêso oprimia a consciência, no capítulo da fé. Mais os confundia com elas a assiduidade nas igrejas, e assistência aos actos do culto, já por dissimularem a intima desconformidade com o ambiente social, ultra-devoto, já por darem arras de sua perfeita conversão aos espias.

Na familia de Lourença Coutinho todos se mostraram cautelosos de afastar suspeitas. Baltasar, de quem devemos crêr fôsse sempre, antes e depois do processo, indiferente ás superstições do judaismo — e disso é prova o consórcio com mulher alheia á casta — vivia, segundo toda a

aparência, cristãmente, ainda que sem afectações extremas. O mesmo facto do casamento, útil para dissipar as desconfianças o defendia das vacilações. Sôlta a mãe do cárcere, tinha-a trazido para casa, ao Socorro, defronte da igreja, para onde vieram após a morte do pai, deixando o Pátio das Comédias. Lourença na viuvez prezava o retiro, e raramente saía, a ponto de nunca ir a casa de André, que Baltaser tambem pouco frequentava, como deixa coligir a ausência total do seu nome nos processos seguintes.

André, casando, foi morar na calçada de Santa Ana, ao lado do convento, vizinhança que lhe proporcionava ensejos de alardear devoção. Pronto sempre a contribuir de sua bolsa para as festividades na igreja próxima, fazia-se inscrever em irmandades de fóra de Lisbôa: na da Senhora da Vitória, de Sacavem, de que era Procurador, na da Conceição das Recolhidas de Aldêagalega, em que foi tesoureiro. Quando mais uma vez detído teve de defender-se, ofereceu por testemunhas, entre muitas, cinco padres do colégio de Santo Antão, que lhe ficava perto e amiúde visitava. Galanteador, parece fazia requebras, de janela a janela, a uma senhora de elevada jerarquia, pensionista do Mosteiro contiguo. A dama, que nos é indicada como a *Correia mór dêstes Reinos,* seria a viuva de Luís Vitório de Sousa da Mata Coutinho, em cuja pessôa, por morrer sem próle legítima, se interrompeu o cargo, hereditário na familia. (1) Verdadeiro ou supôsto o namorico, não deixou de ter influxo na sequência dos acontecimentos fatais á familia, por dissenções domesticas a que deu ocasião.

António José residia do mesmo prédio onde era a casa de Baltasar, ao Socôrro. Tinha habitado antes no Terreiro do Mendanha, na mesma área da Rua dos Arcos tão devastada pelo terremoto, e aí lhe nasceu a primeira filha, Lourença, a 25 de Outubro de 1735 (2). Talvez para aí tivesse passado João Mendes da Silva, subtraindo-se á curiosidade malévola dos vizinhos, após a prisão da mulher e dos filhos. Do mesmo modo que André, não discurava meio de por seu proceder visivel evitar que o notassem de católico tíbio. Era frequentador habitual de S. Domingos, onde assistía á missa e repetidas vezes se confessava. No interior do convento tinha relações com alguns religiosos, a quem visitava, detendo-se com êles em conversas graves. O porteiro, Frei António Coutinho, fazia dêle o melhor conceito, e quando um dia lhe disse outro religioso da casa que António José fôra penitenciado por judaismo, assentou de si para si que agora se achava arrependido. e verdadeiramente tornado á fé. Isto sabemos pelos mesmos frades, que depuseram no processo. Quanto aos sentimentos devotos do visitante, não podemos deixar de crê-los afectados. Eram como os do irmão André precaução defensiva. De onde se póde induzir quanto anda em êrro a crítica subtil, que pretende ver em alguns passos do comediografo alusões satiricas aos frades e á Inquisição.

É provavel que do tempo em que António José, adolescente, habitava a casa paterna na rua dos Arcos, lhe vieses o gôsto pelo teatro. Aquela via pública, de que o terremoto grande e a sequente reconstrução dispersaram os vestígios, ficava mais ou menos entre os actuais quarteirões, segundo e terceiro, da Rua Augusta, partindo Rossio, com que comunicava pela rua da Praça da Palha. Á entrada, á esquerda, encontrava-se o teatro, o *Pátio das Comédias,* denominação trazida de Espanha, onde na viagem as representações se faziam nos pátios. Em face das duas portas, que davam ingresso ao público, era a residência de João Mendes da Silva. Quantas vezes o moço estudante, atravessando a rua, penetraria na casa atraente da ficção? Quantas lastimaria a magreza da sua bolsa de adolescente, e invejaria os felizes, que esportulando a entrada o deixavam fóra? Que tentativas faria, então e depois em Coimbra, a sua pena inexperiente? Memórias não temos nenhumas, nem dêle nem dos contemporaneos, e sómente a fantasia arquitectada as conjecturas.

Naquele tempo o teatro, nunca brilhante em Portugal depois do lampejar primeiro em Gil Vicente, achava-se por toda a parte em decadência. Em França, aos três génios dramáticos da era de Luís XIV sucediam talentos inferiores; Dryden, ultimo dos trágicos inglêses, mediocre em relação aos do período isabelino, já não vivia; Goldoni não aparecera ainda; e quem substituia em Espanha Lope de Vega e Calderon? O gôsto do público desviava-se para a ópera musicada e para o teatro dos títeres, que da Itália, com passagem pela França, penetrou em Portugal. Entenda-se que não pela primeira vez. Já no tempo de Cervantes os minusculos actores percorriam a Espanha, levados ás costas do empresário, na sua reduzida bagagem, ou na mula do almocreve. Todos se lembravam da história de Melissandra e D. Gaifeiras, e da destruição feita por D. Quixote nos mouros que perseguiam os amantes em fuga. É natural que os portugueses não fossem privados de um divertimento, que corria as aldeias em Espanha.

---

(1) Era o 6.º Correio-mór, casado com D. Joana Catarina de Menezes, filha do Almotacé-mór João Gonçalves Coutinho. Havia no convento uma irmã dêste, ilegítima, e talvez por isso lá se recolhesse a cunhada. Ou seria a galanteada a propria freira, designada pelo título do irmão?

(2) E não a 5, como dizem Costa e Silva e outros. Baptizada a 25 de Novembro, em Santa Justa segundo consta do assento, e não na freguesia do Socôrro, o que diz aquele autor. Foram padrinhos Jorge Rodrigues Fróis Nunes, tio, e a avó, Lourença Coutinho.

No seculo XVIII, em França, os títeres tinham passado das ruas e das feiras para as casas dos ricos. Voltaire, dizem, era amador do espectáculo. Malégien, matemático e da Academia Francêsa, não se pejou de escrever comédias para um teatrinho da Duquesa du Maine, de quem era familiar. Lesage consta que tambem escreveu para os títeres.

Em 1676 aparecera em Paris um teatro da especialidade, importado de Itália, que iniciou as representações por uma peça intitulada *Os Pigmeus*. Já se vê que o titulo correspondia á qualidade dos actores, provavelmente daquele género de figuras que representam suspensas do tecto por meio de linhas, e não das movidas directamente com os dedos. A peça dos *Pigmeus* era, dizia o programa, uma tragi-comédia em cinco actos, ornada de musica, máquinas, e mudança de scena á vista. Exactamente a qualidade das óperas de António José.

Não se sabe quem traria a Lisboa os actores mecanicos, nem se o autor português escreveu a primeira peça a solicitação do empresário, ou se êle próprio se propôs á obra. O facto é que foi êle entre nós o iniciador do género, e o modêlo de outros que lhe sucederam com menos reputação.

Os espectáculos realizavam-se no Teatro do Bairro Alto,que era um salão no antigo palácio do Conde de Loure, á rua da Rosa. Lá foram representadas todas as composições de António José, de 1733 a 38, a começar no *D. Quixote* e acabar no *Labirinto de Creta;* pode ser que alternando com as de outros autores, mas não ha disso informação. Certo é haverem captado o gôsto do público, e dos escritores que cultivaram a especialidade, só êle deixou nome afamado; não o que usou a vida, mas a alcunha de *Judeu*, que o seu destino trágico lhe impôs.

Não é sabido se os bonifrates, como então designavam os figurantes, eram dos movidos por cordeis, mais ou menos visiveis, ou se algum mecanismo lhes dava aparência de criaturas vivas, porque de ambas as espécies os havia. Os scenarios não teriam talvez o aparato, que das rubricas, no texto impresso se lhes pode atribuir; certamente a imaginação dos espectadores supria as faltas, assim como nas personagens a expressão das fisionomias ausentes, e o gesto impreciso.

Com todas as falhas desta dramaturgia especial, tiveram as peças do *Judeu* grande voga. O comico das situações e dos ditos provocava a galhofa, e os nomes dos graciosos — o Simicúpio, o Esfusiote, o Sacatrapo — imprimiram-se na memória popular. Por sua vez as reminiscencias clássicas, os típos conhecidos de Esopo e D. Quixote, dirigiam-se a uma parte da assistência mais letrada. A esta igualmente a crítica aos poetastros dos Outeiros e odes laudatórias, e ás pedantes Academias. No total das composições a permanente sátira, pesadona, correspondia ao gôsto nacional.

Não faltavam nesta época em Lisboa as exibições histriónicas, e até, segundo um interessado que as explorava ,o italiano Alexandre Paguetti, eram já sobejas. Havia no Pátio da Rua das Arcas a comédia, sempre ou quasi sempre espanhola; havia a ópera italiana no empresário Paguetti em uma casa fronteira ao convento da Trindade; havia ainda a comédia italiana, em que parece entrava musica, no Patio da Rua dos Condes, trazida essa por franceses. Todas estas diversões se ofereciam ao público com autorização do Hospital de Todos os Santos, que por isso recebia pensões dos empresários, conforme um privilégio antigo do primeiro Filipe, confirmado por diplomas posteriores.

Além dêstes espectáculos, mais cotados, havia para o povinho os teatros de presépio, assim denominados ou porque realmente representavam scenas do nascimento de Cristo, com as figuras próprias, ou por mostrarem personagens de feitio semelhante, isto é pequenas estatuas, em quadro diferente. Estes eximiam-se á contribuição para o hospital, alegando que as suas representações, não sendo por figuras vivas, comédias se não deviam considerar, e ás comédias se limitava o privilégio, segundo a letra dêle.

Incluidos nesta categoria os bonifrates, igualmente se esquivavam; mas os teatros a valer, feridos pela competência, e o hospital, necessitado de receitas, protestaram. O efeito foi vir uma determinação régia, segundo a qual as composições novamente aparecidas, com figuras artificiais, eram realmente comédias e óperas, e nessa qualidade sujeitas á licença estabelecida no privilégio e á pensão. O diploma é de data em que Antonio José tinha já de facto terminado a sua carreira de dramaturgo ,pois se achava preso na Inquisição desde o ano anterior; assim mesmo porém exclui toda a duvida sôbre o modo por que foram expostas no palco as suas obras (1). Em Maio de 1737 tinha-se representado a ópera *Variedades de Proteu*, e em

---

(1) Provisão de 15 de Setembro de 1738: «E porquanto, de pouco tempo a esta parte se tinham introduzido nesta côrte outra espécie de óperas, que supôsto se não fizessem com figuras vivas, mas artificiais ,eram verdadeiras comédias e óperas, que se faziam pelo mesmo estílo delas e com musica,... mando que possam os suplicantes (a Mesa do Hospital) proíbir que se não façam sem licença do mesmo, e em lugar que por êle lhes seja assinalado, da mesma sorte que as comédias e óperas». O alvará de 2 0de Agosto de 1588 tinha estatuido que — «se não possam representar comédias senão onde o Procurador e oficiais do Hospital assinalarem.» Podem-se ver mais particularidades no *Jornal do Comercio*, em números do mês de Abril de 1866; artigos com o título: Arqueologia do teatro português.

Outubro entrou o autor para o cárcere, ficando entregue ao empresário a sua ultima composição, que em Janeiro seguinte se estreou.

Entre os atractivos dêste género de espectta-culo estaria o do preço módico, porque, evidentemente muito menos dispendioso que o verdadeiro teatro, pois os títeres não venciam salario, podia ser proporcionado o gôso tambem aos desfavorecidos da fortuna. O empresário italiano da Ópera queixava-se dêste concorrente barato, e requeria ao Hospital que, firmado no privilégio não consentisse representações em que as figuras de presépio diferissem do usual, assim na qualidade como na estatura. Não ha duvida que alude o requerimento á transformação da estátua muda do presépio em bonifrate móvel e falador. Vem isto ainda confirmar o êxito do novo teatro.

Sem embargo do geral agrado, não se cuide que o autor recebia em pessôa os aplausos da multidão, nem que o nome lhe luzia como a fama de escritor. Segundo toda a aparência não se anunciava nas representações de quem eram as peças. Á voluvel assistência, que só buscava a risota e o prazer dos olhos, pouco importaria sabê-lo. Por outra parte, a qualidade da exibição por bonecas minguava o crédito, e abaixava o orgulho do escritor, se o tivesse.

As peças de Antnóio José, quaisquer que fossem seus méritos, ficavam por assim dizer relegadas ao lixo dos entremeses de cordel, que não tinham interpretes, e se imprimiram sem nomear os autores Em 1736 foi publicado o *Labirinto de Creta,* em 1737 as *Guerras do alecrim e mangerona,* e as *Variedades de Proteu,* as tres peças em folhetos anónimos, como as da literátura inferior á venda nas ruas. Mais tarde, em 1744, o impressor Francisco Luis Ameno publica as obras completas, em dois volumes, seguidos de dois outros, de autores diferentes. Não se apura se o próprio Antonio José facultaria, antes da prisão, os originaes. O prefacio, em estílo jocoso, parece do comediógrafo, sem que todavia se possa assegurar. O nome do autor oculta-se em duas décimas, a formarem acróstico, de que o sentido passou ignato aos contemporaneos e á geração imediata, até que, decorrido mais de um século, deu por êle o bibliografo Inocêncio, e decifrou o enigma no seu *Diccionario.* A razão dêste mistério tanto podia ser desejo que tivesse António José de conservar-se incognito, como traça do editor, para não ofender a Inquisição, e o sentimento público, adverso ao judaismo. Supôsto isto, manda a prudência não nos pronunciarmos definitivamente sôbre a autória das décimas. (1)

---

(1) Eis o acróstico, que figura ainda na edição de 1787:

O que parece fóra de duvida é que nem os espectadores indagavam nem António José publicava quem era o autor das óperas. É crivel que por tal fôsse tído o dono dos bonifrates e do teatro. O documento do Hospital, citado, alega que as entradas ás representações tinham preço taxado pelos autores, o que será impossivel referir a Antonio José. No processo dêle e nos que lhe são conexos, de pessoas de familia, únicos documentos que lhe digam respeito até agora encontrados, ninguem parece ter a percepção de que alguma vez êle fosse escritor dramatico. Juizes, parentes, testemunhas, propósito ou ignorancia, deixam no escuro esta feição notável da sua personalidade. Certo o ofício não era dos que naquela época em Portugal rendiam consideração, e no corrilho austero por cujas mãos transitavam os autos, melhor era ocultar a prenda que insistia nela.

Ha contudo, uma pessoa que a menciona. Frei Domingos Pantoja, depondo como testemunha de defesa, diz ter conhecido a António José em casa de um irmão que aquele frequentava por motivo das suas composições. Isto, e a data primeiras récitas, é quanto sabemos da vida literária do escritor. Ao Bairro Alto, na rua dos Calafates, morava o padre Bruno de Almeia Pantoja, Mestre de cerimonias na Patriarcal, testemunha igualmente dada pelo réu, mas que não foi ouvida, perdido assim o ensejo de melhormente apurarmos as suas relações com êle. eSria êsse o irmão a que Frei Domingos Pantoja se referia, ou um terceiro que na mesma casa residisse? Colaborador? Encarregado da parte musical? Será dificultoso resolver agora a dúvida.

Amigo, leitor prudente
Não critico rigoroso
Te desejo, mas piedoso
Os meus defeitos consente.
Nome não busco excelente,
Insigne entre os escritores;
Os aplausos inferiores
Julgo a meu plectro bastantes;
Os encómios relevantes
São para engenhos maiores.

Esta cómica harmonia
Passatempo é douto e grave;
Honesta, alegre e suave,
Divertida a melodia
Apolo, que ilustra o dia,
Soberano me reparte
Idéas, facúndía e arte,
Leitor, para divertir-te,
Vontade para servir-te,
Afecto para agradar-te.

Este mesmo padre Bruno, igualmente testemunha de Lourença Coutinho, foi chamado a depôr; nada porém declarou nem lhe foi perguntado ácêrca do marido, seguramente por se considerar isso alheio á causa. Semelhante desinteresse, em um outro processo, pelos factos da vida de António José como autor dramatico, induz a conjecturar que a noticia de serem dêle as óperas não teria chegado á Inquisição. Tratando-se de escritor conhecido, e tão suspeito, seria de maravilhar que se lhe não esquadrinhassem nas obras os vestigios, sempre faceis de enxergar, da sua desafeição á fé. Nos autos nem a mais leve alusão. Tudo isto exclui a presunção de ter sido o processo vingança tirada do escritor, e favorece a da obscuridade em que, fora do ambito do teatro, e acaso da parte onde os espectadores não penetravam, o nome do comédiógrafo estaria.

Dêste desconhecimento é indicio a circunstancia de se estrear a ópera *Precipicios de Faetonte* em Janeiro de 1738, quando já êle se achava, havia quatro mêses nos calabouços do Santo Oficio, e sabido era ser êle judeu reincidente, e como tal presa quasi certa do algoz. Quem ousaria afrontar o tribunal e a opinião comum, convidando o publico ao espectáculo? Quem não temeria comprometer-se em aplaudi-lo? E' provavel que só mais tarde os frequentadores do teatro do Bairro Alto descobrissem quem era o seu preferido dramaturgo. Depois do auto da fé, em 1739, de bôca em bôca iria passando o nome, em nova de escandalo. Patenteou-se o segredo, e toda a gente afinal soube que o chocarreiro autor das farças era um judeu impenitente. Daí a designação deprimente de *óperas do Judeu* por que ficaram conhecidas.

Além das obras teatrais resta-nos de Antonio José da Silva um escrito sómente, se a hipótese de ser a novela do *Diabinho da mão furada* composição sua se não verifica, como o sentido da obra, tão diferente do que tem o teatro, parece claramente indicar.

Em 1736, por ocasião da morte da Infanta D. Francisca, irmã de D. João V, uma legião de poetas entoou nénias, á memória dda priceza. Quási custa a crêr houvesse em Lisboa tantas almas das musas. A' porfia, o amor da arte — e que arte! — e a contagiosa adulação, incitavam os vates. Era ver quem mais inchava os tropos, quem mais rasas arrastava as idéas! Em quantidade de folhetos se deram a lume as endechas lacrimosas que dezenas de poetas, em azáfama, na ocasião ejacularam. Lá se nos depara Antonio José da Silva em modesto lugar: o penultimo, em uma das poliantéas, com a glosa do soneto famoso *Alma minha gentil que te partiste* em catorze estancias de oitava rima. Em justa obscuridade ficaram as onze companheiros que teve, no folheto o autor do *D. Quixote* e nela tambem êste ficaria se de lá o não tem arrancado a desdita e outros talentos. Nem parece que tal obra o dispense de figurar na coorte dos vates, pelo seu herói expulsar do Parnaso, em defesa de Apolo.

Já vimos como seis anos após a morte do poeta um editor benemerito cuidou de dar á estampa as suas obras teatrais. Estas, como tudo que se imprimia em Portugal, tiveram de passar pela censura da Inquisição e da autoridade eclesiastica. O cónego D. José Barbosa, pelo diocesamo, informou sobre as óperas: «Não têm cousa alguma contra a fé e bons costumes.» O dominico Frei Francisco de Santo Tomás pelo Santo Oficio: «O sal dêstes escritos foi com muita arte extraído dos mares da eloquência, dentro das margens da modéstia, e sem redundancia fóra dos limites da religião cristã.» E deu licença para a impressão o mesmo Inquisidor Geral Nuno Cunha, que ordenara a prisão do autor, em 1737. Assim rue a lenda da perseguição ao poeta, motivada por seus escritos.

(Continúa)

J. Lucio de Azevedo.

DEZ MIL REIS

Ás 7 horas da manhã invariavelmente o pharmacêutico Joaquim Fulgencio, Quincólas de appellido, abria a porta da pequena botica. Trazia uma cadeira pra fóra e ficava a quentar sol, esperando a freguesia. Um livro aberto na mão. Olhos pregados na montanha que surgia de chôfre a pique no fim da rua, pegada na cidade.

Tinha 28 annos. Havia 3 que substituíra seu pae vélho e cansado na gerencia do estabelecimento. Os Fulgencios eram uma familia de pharmacêuticos e possuíam, desde tempos quasi immemoriaes, a única pharmácia de Tres Almas, terrinha tranquilla e tedienta. — Uma itaóca! — exclamava Quincólas por litteratura, embora inteiramente integrado no ramerrão tresalmense. E explicava aos ouvintes sempre boquiabertos a significação profunda do termo. Tinha fama de homem lido. Conhecia livros editados por M. Lobato & Cia. a quem os comprara em prestações mensaes.

Interessantíssima a familia Fulgencio. De cada geração sahia um rebento solennemente indicado pra estudar pharmácia. Iria substituir o pae encanecido. Os outros filhos, sempre numerosos, se especavam n'um empreguinho átôa ou se deixavam no casarão patriarcal inuteis, porque solteiros. Viviam da botica, que não passara nunca pelos transes d'um inventário. As mulheres raro se casavam. Acabavam seus dias solitariamente rezadeiras, com rendas de bilros e communhões diarias. Uma d'ellas ficara quasi célebre no logar. Chamavam ella de Quita Fulgencia. Mexeriqueira como ella só...

Quincólas fôra na última geração o Fulgencio pros estudos. Se sahira a contento. Vegetando n'uma vida que não queria melhor, mesmice gostosa de manhãs na pharmácia tardes na pharmácia noites na pharmácia, projectava agora seu casório com a Rosinha. 17 annos. Filha do Cel. Silvaro, presidente do directório polìtico local. Mocinha pállida com pouco dengue, meia bonita, que passava todas as manhãs ás 7 e meia prá missa na matriz. 1.º premio no concurso de belleza do Tres-Almas-Jornal. Quincólas não nutria outras ambições além das matrimoniaes. Constituíria um lar modelo. Pae exemplar de filhos muitos e obedientes, envelheceria manipulando mézinhas e xaropadas. A felicidade pela resignação.

Mas ás 7 horas da manhã invariavelmente o pharmacêutico Joaquim Fulgencio, Quincólas de appellido, se entregava a um peccado de que ninguem não desconfiava. Se lembrava dos tempos idos. Era o almoço ao desejo inconsciente, nunca definivel, de vida menos monótona. Um livro aberto na mão. Olhos pregados na montanha que surgia de chôfre a pique no fim da rua, pegada na cidade...

E a retina cinematizava de início a fi-

gura d'um rapaz riquíssimo, que conhecêra a esbanjar saúde e dinheiro. Chamava-se Alberto. Um nome como outro qualquer. Mas a figura alta e magra, cabelleira romântica impressionava. Principalmente á timidez provinciana d'elle Quincólas, que passara zonzo da pacatez do lar pra agitação d'uma pensão de estudantes bohemios, aonde o acaso o trouxera. O acaso e o tal Alberto...

——

— Bom dia, Quincólas.

— Bom, capitão.

Era o escrivão do crime que passava pro cavaco matinal na loja do Nilo Fagundes. Nos tempos de pae o cavaco era na pharmácia. Com elle, os velhos tinham mudado o ponto de reúnião. Talvez porque fôsse moço. Ou talvez lhes chocasse o ar superior com que voltara dos estudos, sapiencia, litteratura, modernices. Cousas que o distingúiam do resto dos tresalmenses. Não inquirira a causa da mudança. Mas no íntimo se sentia magoado com aquillo.

——

...Esse tal Alberto fôra o seu companheiro inseparavel no anno de loucuras elle tivera um anno de loucuras). Recordava como se tinham encontrado. Na mesma noite em que chegara a Bello Horizonte. Hospedara-se n'um hotel pra no dia seguinte procurar uma pensão módica e sossegada. Tomara a posse do quarto. Lavara o rosto. Abrira a mala. Se sentia agitado. Era a primeira noite de liberdade longe do rigor paterno. Podia fazer o que quisesse. O que quisesse!

Sahira pra rua. Quasi meia noite. Raros bondes ron-ron ron-ron rodavam, com passageiros cabeceando como n'um continuo assentimento á chateza da vida. Começou a noctambular sem rumo nem pensamento. De súbito lembrou um nome de rua que lhe revelara em Tres-Almas um recemvindo da Capital. Um guarda cochilava na esquina. Perguntou onde era...

Acordara o dia seguinte n'um quarto desconhecido. Nervoso, doente. Dôr do occipital. Gôsto amargo na bôcca. Havia duas camas. Na outra, um rapaz muito pállido sorria pra elle um sorriso meio irônico de sympathia protectôra.

— Bom dia, Quincólas. Que pórre!... Como você se deixa explorar assim? Si não fosse eu, ella te deixava sem tostão...

Elle pedira água. A voz plangente infantil. Como a pedia pra mãe em dias de enxaquêca. O rapaz levantou-se. Muito alto, curvou-se muito pra encher um cópo na torneira do lavabo. Approximou-se sollícito, risonho. Depois, aconselhou-o a não apresentar-se mais como Quincólas. Quincas ainda passava. Mas Quincólas...

Quincólas se voltara pro canto. Não que a observação queimasse elle. Isso não. Mas queria estar só. Relembrar minúcias d'aquella primeira farra. Máo grado o mal estar e a bôcca pegajosa, estava intimamente satisfeito... Emfim!

N'aquelle dia escrevêra ao pae que tinha achado a pensão módica e sossegada. E ficou morando no quarto de Alberto. Começou então para elle a vida inédita das extravagancias. O companheiro, muito amigo, com invejavel mesada, foi o seu guia incansavel através das noitadas. Alcool e mulheres. Mulheres e alcool. Garrafas e córpos. Rótulos e caras. Beijos e tragos. (Semicerrava os ólhos longamente. Vinha-lhe um sorriso meio desdentado...) Êta gostosura!

——

— Seu Quincólas, me dá uma cápsula de pyramidon.

Era a negrinha empregada do Cel. Silvano. Quincólas ergueu-se devagar. Embrulhou a cápsula. Entregou-a.

— Dona Rosinha não vem na missa?

— Não senhor. Tá com dôr de cabeça... É pra ella... Pra por na conta.

— Pois sim.

Veio assentar-se de novo. Um livro aberto na mão. Olhos pregados na montanha que surgia de chôfre a pique no fim

da rua, pegada na cidade. A recordar aquellas cousas já tantas vezes minuciosamente recordadas...

——

...Obrigado a fugir dos exames, voltara á realidade. Arrependeu-se do tempo perdido. Demais chegara a Tres-Almas a notícia d'aquella vida reprovavel. Veio carta do pae Fulgencio. E o filho tremeu. Mesmo de longe a energia paterna impunha-se duramente. Lhe soava nos ouvidos a voz forte do pharmacêutico a reprehendê-lo:

— Quincólas, passa aqui!

Abandonou Alberto. Evitava até encontrá-lo. Medo da seducção d'elle. Soubera depois que o pae, fazendeiro de um rigor archaico, viera tirá-lo aos braços d'uma argentina cocaínómana. Alberto não quisera partir e ficara sem mesada...

——

— Seu Quincólas, tem Elixir de Samambaia?

— Não tem não. Mas já encommendei. Chega por estes dias...

——

...Embóra fugindo ao bohemio, continuava a estimá-lo. Muito. Contaram-lhe que elle infeliz e romantico se degradava. Com o dinheiro da argentina, quasi inconsciente, vivia pelos cabarés. Cheio de roupas, perfumes, cocaína... Uma noite foi ter com elle. Encontrou-o num dansing esconso, debaixo d'uma grande coberta de capim, onde pares se desengonçavam na poeira quente, ás martelladas d'uma pianóla rouca.

Chamou elle a um canto. Mostrou-lhe toda a vergonha d'aquillo. Alberto lamentou-se, deu murros na mesa, pediu dez milreis de que precisava para... Já elle Quincólas commovido lhe extendia a cédula. O bohemio acabou alégre. Esquecido do resto.

— Toma uma bebida commigo...

Era vésperas de exames. Elle estudava com um collega no bairro dos funccionarios. Descia depois prá pensão tarde da noite ruminando o que apprendêra. Um grande anseio de triumphar. De arrancar distincções. De mostrar a Tres-Almas quanto valia um Fulgencio... Certa noite vinha a pé, radiante. Estava batuta! D'esta vez a cousa ia. Olá si ia!

— Joaquim!

O bohemio chamava elle na porta de um café. Cada vez mais magro. Pallidez impressionante. Olhos vidrados...

— Participo-te que regenerei-me. La Marocha me deixou... Ah! foi bom eu te encontrar. Preciso de dez mil reis.

Quincólas apalpara o bolso, onde tinha tres notas de cinco. E niqueis. Hesitante. Era a quarta facada e não tinha riquezas pra esbanjar. Demais seria alimentar a perdição do amigo...

— Não tenho. Alberto.

— Bem... Até amanhã!

A despedida fôra ríspida. Muito visivel a mesquinharia. Teve ímpeto de voltar atrás, dar o dinheiro, mais que fôsse... Porém.

Tinha sido a última vez que vira o bohemio. Disseram-lhe que tinha adoecido. Que o pae viera buscá-lo... Mas aquelle anno inteirinho de gozo... Aquillo sim! Alcool e mulheres. Mulheres e alcool. Garrafas e córpos. Rótulos e caras. Beijos e tragos. (Semicerrava de novo os olhos longamente. Voltava o sorriso meio desdentado). Êta gostosura!

——

— Seu Quincólas, veio só a Minas.

Era o Zé da Emilia, vagabundo popular, que fazia por méro desfastio o serviço de carteiro. Entregou o jornal e ficou esperando.

— Hoje não tenho trocado, Zé. Amanhã...

— Sim senhor. Té lógo.

Quincólas abriu o orgam official dos poderes do Estado. Passou os ólhos no Noticiario. Nas Diversas. Demorava elles aqui alli, devorando com gosto as notícias interessantes. Muitas notícias interessantes. O acaso tinha preparado as circumstancias direitinho com os pensamentos delle. Com os pensamentos que tinha todas as manhãs. Os olhos foram parar nos fallecimentos, deante d'esta noticia:

Falleceu, na Suíssa, em 28 do mez passado, o joven Alberto da Veiga e Sousa... etc. etc.

— Na Suíssa... Em todo caso morreu bem. Melhor do que vou mórrer...

Mas no fundo estava commovido. Arrependeu-se d'aquellas palavras amargas. Os ouvidos ouviram através do tempo e da distáncia:

— Foi bom eu te encontrar. Preciso de dez mil reis.

Mesquinharia inqualificavel! Coitado! Morrer tão moço...

——

— Bom dia, Quincólas illustre.

Era o vigario que vinha de dizer a missa. Sorria pra elle, o carão suarento, a barriga cada vez mais prá frente, ameaçadora.

— Bom dia, Padre Libório. Quer o seu Rubinat?

— Como sempre.

Emquanto Quincólas embrulhava a garrafa, occorreu-lhe um pensamento.

— Padre Libório, quero que diga uma missa por alma d'um amigo que morreu na Suissa.

— Morreu na Suíssa!... Pois não. De dia marcado?

Elle pensou na tabella collada á porta da sacristia. Com dia marcado, dez milreis dariam só pra uma missa. Sem dia, pra duas. Afinal, extendeu ao vigario uma nota de dez, com a garrafa de Rubinat:

— Diga duas, sem dia marcado.

— Então deixe o dinheiro ahi, para abater na minha conta.

——

Quando o padre ia sahir, Quincólas tomou uma suprema resolução:

— Está bom, Padre Libório. Diga tres missas. Abaterei quinze mil reis.

E veio sentar-se de novo. Livro aberto na mão. Olhos pregados na montanha que surgia de chôfre a pique no fim da rua, pegada na cidade.

O relogio da matriz bateu oito vagarosas badaladas.

Bello Horizonte — 1925.

João Alphonsus.

OS ESPECTROS

Ainda existem — coitadinhos! Dóe o coração da gente quando os vê passar nas ruas. Principalmente si está chovendo. Então, vão pulando aqui e alli, fugindo das pôças d'agua. E levam capas longas. Parecem sahidos de livros velhos — dos livros românticos. São tristes, assim, vistos de longe, tristes como destinos ingratos; filhos de outros séculos que se não acostumam com os hábitos de hoje, que não sentem como nós, que se não sentem bem entre nós.

De longe são nostalgicos, quadros de Watteau, minuetos, nobrezas em declinio, longas saudades de cabelleiras empoadas. Cousas curiosas e chics que o sr. Martins Fontes emprega de quando em quando para confecção de peças, etc. Lembram — pobrezinhos! — os cheirosos sonetos do saudoso Julio Dantas. No entanto elles teem máo hálito moral. São viborazinhas, para quem d'elles se approximar. Mordem com gestinhos doces. Mordem as reputações, porquê não teem nenhuma. E sentem pelos que vivem — elles vegetam apenas — um surdo rancor.

Desejam subir — e sabem que não podem — logo ninguem deve subir tambem.

Acostumados a andar de rastros — os que não andam — são malvados e crueis.

N'uma epóca libérrima — agacham-se atrás de mestres caricaturaes — que procuram imitar em tudo — até na propria cretinice essencial para verem si as portas das Academias se abrem para elles tambem, que, afinal de contas são filhos de Deus e brasileiros — brasileiros do norte em sua maior parte.

De vez em quando apparecem umas meninas langues e compassivas — que — salvo melhor juízo — nasceram quasi todas para os trabalhos de agulha, e lhes dão algumas horas suaves de gloria recitando-lhes os versos como se mastigassem batatas bem fritas — para meia duzia de somnolentos e bem intencionados burgueses.

Vivem pelos jornaes pedindo que lhes publiquem uma notícia de anniversario. Si conseguem algum cobre tratam logo de imprimir um livrinho de versos fallando em princezas, em carros triumphaes de luz. No sol, na lua fiandeira não sei de quê. E então os críticos — uns críticos bôbalhões — espectros elles tambem — uns de chinelos na intelligencia — outros com tamancos nas almas — e olhos voltados p'ra D. França que lhes envia as revistas de onde elles tiram expressões difficeis — esses críticos dizem cousas baitas sobre tendencias, influencias — meio ambiente e outras cousas graves e vazias.

Existem ainda esses espectros — esses espectros que fizeram do nosso país — país forte com músculos — com mulatas e frutas gostosas — esse país musculos que quer viver com saúde, um país, de poetas.

Nada póde haver de peior de mais insultante do que chamar um país essencialmente agricola, de país de poetas. Poetas vae elle.

Graças a Deus já existe um criterio moderno. E o proprio público já sabe que elles valem tanto e duram tanto como uma banana prata.

Antigamente se reúniam nos cafés — mas os donos dos cafés tomaram providencias contra fregueses tão máos. Então, agora, ficam nas livrarias, bisbilhotando, intrigando e para bancarem cultura descobrem que existiu um grande escriptor inglês chamado Oscar Wilde, que fez umas cousas feias com um lord qualquer.

Pobrezinhos — espectros de uma época já longe — espectros que as necessidades da vida tornaram máos e inuteis. Principalmente inuteis.

AUGUSTO F. SCHMIDT.

A Revista do Brasil

começará brevemente a publicação de um romance inédito de

SERGIO MILLIET

TEATRO E MUSICA

DO FUTURO E DA MORTE DO TEATRO (MAIS UMA VEZ)

Curioso. Significativo principalmente. Dos nove entendidos (artistas, auores, críticos e directores) a quem se fez a pergunta *Où va le théâtre?*, inquérito que constitue o numero tres de *Les Cahiers de la République des Lettres* de Paris, não houve um só capaz de responder. Nem de leve. Todos eles trataram de tudo menos daquilo para que foram interrogados. Uns rodearam o assunto. Outros fizeram espírito. Outros divagaram. Nenhum teve coragem de indicar com ou sem segurança o futuro do teatro contemporaneo.

Sem conhecer os resultados desse inquérito eu já tinha procurado demonstrar aqui mesmo a impossibilidade de se responder á pergunta que êle encerra. E tentei até frizar a absoluta inutilidade de tal indagação. Que importa saber para onde vai o teatro? Não basta a realidade de sua renovação actual? Está claro que sim.

Seja como fôr não custa dar uma olhadela nas nove respostas obtidas. Olhadela rapida pois elas não merecem mais.

o o o

O inquérito abre com uma longa análise do teatro francês de trinta anos a esta parte feita por Lucien Dubech, crítico do *Candide* e historiador simpático da literatura moça de seu país.

Dubech antes de mais nada é um grandíssimo trapalhão. Não pôs nenhuma ordem no seu artigo. Primeiro afirma (com razão sem dúvida) que o teatro francês não é francês: é parisiense. Depois alude a êle como veículo de propaganda. Pede mais uma vez ao estrangeiro que não julgue a França, sua moral e seus costumes, atravez das peças ligeiras do Théâtre Michel ou da Comédie Caumartin. Em seguida fala da influência exercida sobre os autores pelo gosto público. Volta a se referir ao parisianismo. Diz das dificuldades que assoberbam os dramaturgos da vanguarda no início de sua carreira. Estuda ligeiramente o teatro de antes da guerra: a geração do Théâtre Libre de Antoine e a outra que se lhe seguiu com Bataille á frente. Dá umas bordoadas neste último nem sempre justas. E passa ao teatro actual saido da conflagração. Ou melhor. á influência desta sobre aquêle. Distingue tres períodos: patriótico, bolchevista e indiferente. Ataca as peças de tese e para não perder o costume dá outro cocre doído em Bataille. Elogia Curel e o seu teatro de idéas. Com justiça. Entra na análise dos novos. Estuda as duas tendências do teatro moderno segundo Henry Bidou: idealismo e psicologia das multidões. Nega a existência de ambos. A existência perene ao menos. E também aqui tem razão. Passa em revista o teatro do silencio de J. J. Bernard e Denys Amiel (dizendo a propósito duas ou tres bobagens dêste tamanho), o romantismo cretino de Maurice Rostand, o do Vieux-Colombier no seu início (não sei porque). Como tantos outros filia os novos a Mussett. Sobretudo no que se refére á maleabilidade e á liberdade das fórmas dramáticas. E então tem uma frase que faz a gente desistir de ler o resto de seu artigo que se prolonga por mais treze paginas compactas onde repiza cousas já ditas falando da desordem contemporanea, da indiferença do público pelas peças literárias, do Théâtre des Jeunes Auteurs, do cinismo e da fantasia dos novos, da luta entre o comércio e a literátura e assim por diante. É esta a frase: *É inútil vaticinar qual será a arte do futuro.*

Logo não respondeu á interrogação do inquérito De ladino. Se o tentasse fracassaria na certa.

o o o

A seguir a actriz Dusanne defende a Comédie Française dos ataques violentos que vem sofrendo

ultimamente. Defende o melhor que póde. Sem conseguir ao meu ver destruir os argumentos contra de um Henry Béraud por exemplo *(Rétours à pied)* Do futuro do teatro nem uma palavrinha.

Entrevistado por Paul Haurigot François de Curel expõe suas doutrinas dramáticas e referindo-se á transposição da vida para o palco demonstra as vantagens dos meios alusivos sobre os directos. Confessa-se portanto partidário de uma das correntes mais fortes do teatro novo. Aliás o teatro que sugere tão sómente é na sua opinião velho como o mundo. O que é verdade. Em certo ponto da entrevista o autor de *Alphonsine* lhe faz esta pergunta: *E o futuro do teatro?* Curel responde: *Ora! Continuar-se-á a escrever peças!* Só. Mais nada. E disse tudo.

Courteline fez piada. E quanto ao futuro do teatro nem isso fez. No que fez muito bem.

Sacha Guitry como sempre falou muito de sua familia: dêle, do pai, da mulher. Elogiou-se, elogiou Lucien, elogiou Yvonne. É um sujeito que tem a ilusão idiota (ilusão que não o abandona nem a páu) de que o mundo inteiro se interessa pelo seu orgulho de filho e pela sua ventura de marido. Esse orgulho, essa ventura e a sua gloria são o unico assunto de suas peças, de seus artigos, de suas conversas. Um caso perdido. Como o futuro do teatro não tem nada a ver com a sua família sobre êle silenciou. Felizmente.

Henry Bidou se contentou em falar de sua profissão literária: a crítica dramática. Sôbre esta, sua função e seus processos, disse cousas interessantes. Mas muitíssimo fóra do assunto do inquérito.

Jacques Copeau explicou o motivo do fechamento do Vieux-Colombier. Referiu-se ao *horror da mestria* que caracteriza para êle os tempos de hoje. Provocado falou de sua influência sobre o teatro contemporaneo e da dura missão de director. E aí ficou.

Jouvet queixou-se amargamente da incompreensão do público, da confusão actual, dos impostos que pesam sôbre o teatro, da crise financeira que atormenta êste e de outros assuntos igualmente desagradáveis e alheios á questão que nos interessa.

Paul Haurigot vem por último e escreve por conta própria sôbre os jovens autores de hoje. Nem de passagem toca no problema aventado pelo inquérito.

—«o»—

Pois é isso. A nove profissionaes de teatro se faz esta pergunta: *Où va le théâtre?* A nove. Era de se esperar que ao menos cinco ou seis respondessem alguma cousa. Mas não. Não houve um só capaz de o fazer.

Porquê? Por incompetência? Nada disso. Por absoluta impossibilidade. Inutilidade também. Já disse, redisse e torno a dizer. Impossível e inútil em verdade responder a similhante pergunta. O inquérito da République des Lettres veiu me dar razão.

Em geral os que procuram conhecer o amanhã do teatro de hoje são os apregoadores da decadencia dêste. Quando indagam para' onde êle caminha é sempre com uma vontade louca de obter esta resposta: Para o túmulo.

Apregoadores de uma decadência que não existe. Ainda há pouco Clement Vautel em uma de suas crónicas diárias para *Le Journal* mostrou o absurdo dessa enxurrada de lágrimas que devasta o teatro contemporaneo. Chorando um moribundo que que na realidade pinga saúde por todos os póros. Cousa incrível e estúpida.

A decadência do teatro (diz Clement Vautel com o seu celebrisado bom senso burguês) é uma história tão velha e tão falsa quanto a do Parlamento *que nunca esteve tão por baixo,* a das crianças *que nunca foram tão mal educadas* e outras que tais. E para demonstrar a verdade disso cita um artigo de Sarcey datado de janeiro de 1889 intitulado *A decadência do teatro* onde há uma lista enorme de livros dedicados ao mesmo assunto de 1758 a 1866. Todos apresentando provas ineiutaveis, provas provadissimas, da agonia rapida da literátura dramática nesse período. Enquanto os bobos preparavam o necrológio do desgraçado gente como Marivaux, Beaumarchais, Scribe, Meilhac e Halévy, Augier e Labiche escrevia.

Aí está. Daqui a cincoenta anos muita gente há de se admirar por sua vez de que no tempo de Shaw, Pirandello, Copeau, Meierhold, Sologoub, Kaiser, Lenormand, Romains, Craig e muitíssimos outros do mesmo quilate havia quem proclamasse a decadência do teatro. E há de dar gostosas risadas. O mundo é assim mesmo. Para quem quiser.

—«o»—

A verdade é que essa gente chora a morte do teatro antigo. Esse sim está morto e bem morto. Foi uma das vítimas da guerra. Agora existe outro. muito diverso. Tão mudado que os ingênuos não o reconhecem. E os passadistas o negam. Debalde Êle existe, cresce e vence.

O norte-americano Kiesler é o cantor moço dessa transformação:

O teatro morreu.
Nós não trabalhamos para a nova decoração.
Nós não trabalhamos para a nova literatura.
. . . . . .

Nós trabalhamos para o teatro que sobreviveu ao [teatro.
Nós trabalhamos para o corpo são de uma nóva [sociedade.
E temos confiança na força das novas gerações.

É assim que eu canto tambêm. Desafinado porque o sou de nascença. Mas bem alto porque sou um convencido.

ANTONIO DE ALCANTARA MACHADO.

CRONICA DA QUINZENA

Perguntaram ao poeta Alvaro Moreyra se *Noé e os outros* era a sua primeira peça.

— Não, respondeu êle. E' a ultima!

Noé (Artur de Oliveira), e outros, escangalharam os brinquedinhos de armar do sr. Alvaro Moreyra... Pudera! Poesia é uma coisa. Teatro nacional é outra. O poeta errou o pulo. De muita coisa êle tem culpa. Tem culpa de não ter sentido que os seus versos do *Realejo* e da *Educação Sentimental* não resistiriam á musica de revista. A mistura de simplicidade preciosa e de bondade férina que faz tão pessoais os seus poemas, em verso ou em prosa (Prosa? Alvaro Moreyra nunca escreveu uma linha de prosa), pede é musica daquela que o sr. Artur Imbassahy não entende...

Esse mesmo *Realejo*, musicado por Villa-Lobos e cantado pela senhorita Elzie Houston no seu ultimo recital do Cassino do Passeio, agradou tanto que foi bisado. Aquilo, sim, é musica. A outra é... trólóló. Não quero fazer carga ao maestro Lago. Há trólólós agradaveis. Por exemplo, nesta mesma revista, o bailado das espanholas, cheio de graça e vivacidade. Mas em tudo que o sr. Alvaro Moreyra escreve, há poesia, e o diabo, é que é uma poesia elegantissima, fala pouco, nunca ri, — sorri, raramente faz um gesto (salvo o de abrir os braços, que é o gesto mais triste...), tem muito poucas relações, só anda de Rolls-Royee, ainda quando sai apenas pra ouvir os pregões da rua...

E a poesia de Alvaro Moreyra foi estragada, mesmo onde não havia musica. O sr. Artur de Oliveira teve um bom papel na vida: o labrego de *Onde canta o sabiá*. Daí pra cá aplicou a receita. Até no papel de Noé, achou maneira de enxertar indecencias soezes. Se o patriarca falava de uma «festinha» na arca, o actor não dizia festinha, era «forrobodó». Pra não mencionar senão uma vulgaridade. As piadas obscenas, evidentemente de enxerto, destoavam crispantemente na fantasia tão limpa e tão fina do autor da *Lenda das Rosas*.

Essa gente pensa que o nosso povo só ri (ela não leva em conta o sorriso, nem o que está aquem do sorriso) com o piadão porco. Está errado. Sem duvida o povo ri sempre com a piada equivoca. Mas ri tambem quando aparece a graça inocente. Nesta revista não foi tão apreciado o numero dos pregões cariocas, cantados atrás da cortina? E a pantomima dos *Dois Desgraçados*, de tão engenhosa apresentação?

Salvaram-se os bailados, porque aí o lirismo ironico e desencantado de Alvaro Moreyra foi servido pela euritmia inteligente das bailarinas dirigidas por Nemanof. Os numeros *Champagne, Coruja, Samambaias* e *Dansa do Vento e das Folhas Secas* foram os melhores da noite.

M. B.

LITERATURA

AUGUSTO MEYER — CORAÇÃO VERDE — LIVRARIA DO GLOBO, PORTO-ALEGRE, 1926.

Um livro de estréa que consagra definitivamente, e coloca o seu autor entre os poetas mais altos e mais perfeitos que possuimos. Poesia cheirando á querencia, excitante como um sôpro frio de minuano, com o ritmo onduloso das cochilhas, o descampado do pampa, a frescura das sangas. Gaúcha, quer dizer, fina e brava.

Imaginem um poeta que tivesse a sensibilidade de um Ribeiro Couto; a tecnica de Guilherme de Almeida; e de Ronald de Carvalho a pureza de linhas, a claridade de côr. Pois é assim Augusto Meyer. Exemplo:

O anel de vidro é leve, muito leve toma cuidado...
A tua mão, bem sei, ainda é mais leve;
Mas, silencio: — ha um momento inesquecivel de
[fragilidade
Que ainda é mais leve, muito mais leve...

Maravilha de epigrama em que logo se toma o pulso do artista quando se serve do ritmo livre. Mestre tambem em medida velha, como se vê nas redondilhas de *Gaita* e de *Serão de Junho,* na arte maior de *Chuva de Pedra,* nas cinco silabas espertinhas de *Realejo:*

Dansam figurinhas
Sobre a caixa, lindas,
Como um brinquedinho...

Augusto Meyer compõe toantes com aquela mesma insuperavel subtileza de ouvido de Guilherme.

Mas toda essa arte escorreita e preciosa é o de menos nestes poemas de essencia tão verde, onde de vez em quando scintila uma imagem de extraordinario pudor:

... Quando o céu palpita na moldura da janela
E em cada estrêla há um labio, um labio puro
[que treme.

Como é distante!

A assombração do boi-tatá inspirou ao poeta um dos poemas mais fortes e mais belos do seu livro e de quantos livros de poesia já apareceram no Brasil:

Quentura dos mormaços que impregnaram as car-
[quejas.
Nem um sôpro leve entre as furnas e as moitas.

Noite, grande noite — a rancharia adormecera
Como um sono sem sonhos no coração da noite.

Téu-téu! téu-téu!
(T'esconjuro!)
Téu-téu!
Boi-tatá t'esconjuro!
No escuro
Uma chama vai rabeando — leve, lambe, amarela,
A macega na lomba, enrosca-se em bola,
Em coleios se desenrola e rebola, rabiosa,
Amarelece, azulece...
Téu-téu! téu-téu! — Boi-tatá!

Boi-tatá na agua dos mananciais,
Fogo maldito que não queima como fogo,

Na bruma dos mormaços que impregnaram as car-
[quejas,
Quando a rancharia adormecer negra, negra,
Como um sono sem sonhos no coração da noite...

Ah, gaúcho macanudo!

MANUEL BANDEIRA.

❧ ❧ ❧

Francisco Karam — *Palavras de orgulho e de humildade* — Paulo, Pongetti & Cia. Rio, 1926.

Não faz muito tempo o capitão Paula Cidade falava aos leitores da «Revista do Brasil» de uma mentalidade propria para a guerra. Póde-se falar igualmente numa mentalidade propria para o soneto. Seria errado supôr que o soneto se distingue das demais especies de composição poetica apenas pela fórma, isto é, pelos 14 versos dispostos successivamente em 2 quartetos e 2 tercetos. Manoel Bandeira já disse que êle se caracteriza por um equilibrio de volumes liricos e em consequencia tomou a liberdade de chamar soneto a um dos melhores poemas em verso livre «Ritmo dissoluto». Mas além dessa questão do equilibrio ha muitos outros factores subjectivos que concorrem para que em dado momento um poeta faça um soneto e não outra coisas qualquer. O motivo poetico e mais ainda a maneira do poeta encarar esse motivo determinam automaticamente a natureza do producto.

O soneto é todo uma filosofia. Deve conter uma poesia discursiva traduzida da linguagem indirecta da inteligencia, obediente ás regras lógicas da sintaxe. Um poeta rigoroso deveria dar ao soneto a fórma classica e lógica de um silogismo, deduzindo o terceto final e especialmente a chave de ouro das duas premissas contidas a maior nos quartetos e a menor no primeiro terceto. Chega isso para mostrar que o soneto exige um espirito especial e que por outro lado ha espiritos que pedem o soneto. O do sr. Francisco Karam por exemplo. Não sei bem si é pelo que acabo de dizer, si é por uma razão indefinivel qualquer. O facto é que a gente lê o livro e vai achando os poemas com cara de sonetos. Essa impressão vem desde do titulo: «Palavras de orgulho e de humildade». Palavras. O poeta fala. Lógo se vê que deve emitir conceitos e que tem opinião formada sobre varios problemas morais. Os poemas confirmam a previsão. Mostram mais que o poeta tem o senso estético desenvolvido. Que tem imaginação. Que a imaginação, o senso estético e aquéla necessidade tão compreensivel de dizer palavras diluem o lirismo e o valor humano do livro, levam o autor longe demais da realidade de cada dia e fazem os poemas dêle se perderem no vazio. O sr. Karam, descende dos simbolistas, seguiu o conselho do sr. Ronald de Carvalho: preferiu crear o seu ritmo livremente. Quer me parecer que lucraria si renunciasse a isso, tão convencido estou, embora sem poder precisar melhor os motivos, que se trata de uma mentalidade própria para o soneto.

PRUDENTE DE MORAES, NETO.

❧ ❧ ❧

Plinio Salgado: «*A Anta e o Curupira*» — Editorial Helios Limitada — São Paulo, 1926.

É um discurso feito no salão nobre do «Correio Paulistano», por occasião da entrega ao autor do «O estrangeiro» de um bronze commemorativo da publicação desse livro. Más é tambem uma especie de manifesto indianista, que, com outros escriptos mais recentes, parece prenunciar uma scisão imminente entre o Snr. Plinio Salgado e o grupo «Verde e Amarello» a que pertencia.

Para o romancista paulistano, « nosso modernismo brasileiro, que não é mais do que a reposição do indigena dentro do seu tempo e do seu espaço, determina, além de rythmos imperativos, sentimentos ainda mais imperativos». Elle não vê «em que nos sejam superiores os outros povos sob qualquer aspecto». E isso não só pela nossa excepcional situação geographica, mas tambem em razão da raça de que procedemos, «a grande raça tupy», que, a seu vêr, «contribuiu enormemente na formação da nacionalidade e parece mesmo predominar sobre todas as outras.»

O Snr. Plinio Salgado, tendo chegado á conclusão de que o preconceito da superioridade das raças é um argumento europeu que não nos póde impressionar, quer que nos orgulhemos de nossa origem, pois que o indio «nos dará a chave de innumeras revelações.» «Elle é, incontestavelmente, segundo o autor de «O estrangeiro», o facto preponderante na formação dessa grande raça harmoniosa do futuro, constituida de elementos de todas as raças adaptadas na America do Sul.»

Elle acha, sob o ponto de vista literario, que «ha mais ensinamentos de modernidade do estylo, de concepção absolutamente inedita da Arte, numa simples palavra tupy do que num maniefsto de Marinetti, numa arenga ultraista, num pamphleto Dadá, ou, ultimamente, numas razões dos supra-realistas. Pois, com o ser apenas nacionaes, profundamente brasileiros, teremos ultrapassado tudo o que se tem feito ultimamente na Europa, para se conseguirem regresso: ao material (cousa falsa pela falta de elementos tangiveis e immediatos de que dispõem as nações velhas; synthese ou dymnamismo; visão simplista das cousas.»

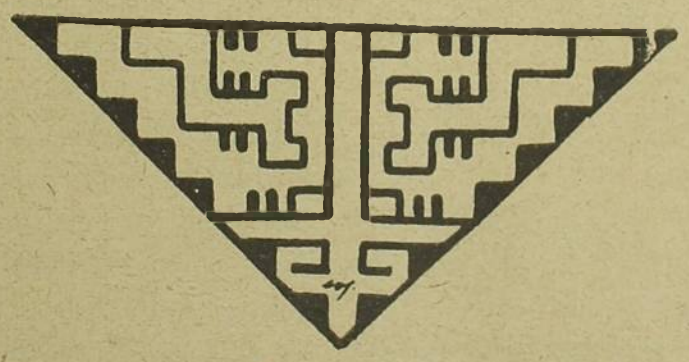
Não posso saber se são bôas as razões em que se funda o Snr. Plinio Salgado para emprestar á raça indigena o papel preponderante na formação da nacionalidade. Nem tenho, por outro lado, elementos que me façam acreditar, com a mesma segurança do autor d'«O Estrangeiro», que o Brasil será «a maior nação do mundo». Entretanto, para o objectivo literario que se tem em vista, não vejo tanto interesse em apurar uma e outra cousas. Quer parecer-me até que essas pesquizas de nossas authenticas origens ethnicas, longe de favorecer o desenvolvimento espontaneo de nossa personalidade nacional, pódem prejudical-o seriamente. Quem, como o Snr. Plinio Salgado, chegou á conclusão de que a chave da revelação de sua personalidade está no tupy, corre o risco de crear-se uma intelligencia e um sensaibilidade inteiramente artificiaes. Porque, em vez de ceder aos seus impetos profundos, elle obedecerá ao rigorismo logico do principio indigena com que se identificou. Dando-se de barato que esteja definitiva e irretorquivelmente demonstrado que o elemento indigena predominou, com effeito, na formação da nacionalidade, ainda assim acho perigoso procurarmos nelle soluções para os problemas que nos solicitam. Dahi resultaria, fatalmente (se não me engano) um theorismo escolar, mais proprio que outro qualquer a nos afastar da realidade da nossa substancia.

Baseando-nos em um duvidoso fundo indigena para buscar o que mais nos convêm, literaria, politica, economica ou socialmente, agiremos como Rousseau, partindo da sua descoberta do Contracto Social. Fariamos uma literatura, uma politica, uma economia e uma sociedade allegoricas, isto é, chegariamos ao ponto opposto ao que deseja levar-nos o Snr. Plinio Salgado.

Nosso esforço literario deve consistir em não nos deixar arrastar por doutrinas ou modas que nos façam perder o contacto com o substracto profundo de nossa natureza, que não é india, nem negra apenas, nem portugueza, allemã, franceza, italiana, ou saxonia, mas tudo isso misturado e derretido ao sol escaldante destes Brasis. Aliás, isso mesmo póde não ser mais que uma phrase e não haver porventura, nenhum meio da gente se furtar a influencias desfiguradôras.

No pé em que estamos, talvez seja uma velleidade absurda discutir sobre o que nos é proprio e o que é artificial em nós. A verdade é que não somos ainda. O Snr. Plinio Salgado não póde saber se, quando chegarmos a constituir uma nação, o elemento preponderante na formação desta será o tupy ou o japonez. Não convêm, portanto, brigar com seus amigos «verdes e amarellos» por causa do indio.

RODRIGO M. F. DE ANDRADE.



A QUINZENA

O ANNO-NOVO

Mais um que se foi...

O facto mais sensacional da quinzena não trouxe escandalo a ninguem. Nem poderia trazer. Pois quem se espanta com um anno novo que se vem sommar aos 1926 annos na edade christã da terra, já de si tão antiga? Ninguem.

Em compensação, por motivos de ordem astronomica, convencionou-se que depois dos 365 dias, já quando a terra dá por terminado o seu habitual passeio á volta do sol, cada anno tem que ceder logar ao Novo Anno, afim de que se justifiquem as festas no «Copacabana» e no «Gloria» e as pandegas sinceras do povo.

Enquanto o sol não chamar a si a terra com os seus divertidos habitantes, assim ha de ser sempre, porque a verdade é que esse astro com o qual nos poderiamos atropelar no espaço, tem sido de tal tolerancia para com a terra, que nós, animaes politicos e gregarios, já tivemos tempo de inventar a moral, as linguas, a religião, e ainda para estudar astronomia — sciencia dos astros de cujo favor vivemos, o que é um desaforo.

Ahi! filho de Adão ou de Zeus, entra com teu jogo, porque a conta dos annos vae subindo cada vez mais com a marcha do tempo. Acha que o que a gente deve fazer é atrapalhar o relogio do taximetro.

Isso tudo é conversa, meus amigos, para dizer que numa simples noite da *reveillon* apresentou-se o Novo Anno com trezentas e sessenta e cinco hypotheses a nosso favor.

Façam delle o que quizerem. Si não prestar, esperem pelo de 1928. Da minha parte, ficarei a esperar o de *2000*. Dos que vêm ahi pela frente, é o mais sympathico. Muito mais do que a morte que se esconde no meio delles. Estejam todos convidados a viverem até lá, cada um levando as suas illusões.

Das minhas, a menor é a de que serei *dalai-lama* no Thibet.

Mas isso é um ponto sobre o qual não ha a menor duvida...

H.

O SNR. ANTONIO CARLOS E A MAGISTRATURA

A homenagem prestada pelo Snr. Antonio Carlos á magistratura mineira teve o cunho de um desaggravo ao poder judiciario, não só do grande Estado Central, mas do paiz inteiro, que o Snr. Arthur Bernardes, com a sua mentalidade de dictador, procurou constantemente humilhar e deprimir. Nos dous excellentes discursos que proferiu na presença dos representantes da justiça de sua terra, o presidente de Minas demonstrou possuir uma perfeita e integral comprehensão, do papel do poder judiciario do ponto de vista do nosso regimen constitucional, e, em termos elevados e nobres, reivindicou para elle os titulos e as prerogativas que são inherentes á sua propria funcção e que,

no emtanto, tudo se fez nestes ultimos annos para diminuir e deslustrar. Deante da majestade da justiça o Snr. Antonio Carlos tem, em algumas passagens de sua oração, um tom de reverente humildade, notando a supremacia que naturalmente se deve attribuir, no jogo dos poderes, ao judiciario, em razão do ambiente em que se exercita a sua angusta funcção. E, emfim, o presidente de Minas colloca-se sob a egide daquelle poder, exigindo a sua collaboração, a sua assistencia, o seu conselho ao Executivo mineiro, para que este possa levar a termo a sua tarefa com a segurança e a firmeza reclamadas pelas proprias responsabilidades.

É interessante e opportuno estabelecer-se o contraste entre essa nobre attitude do Snr. Antonio Carlos, em face do poder judiciario, e a do Snr. Arthur Bernardes, já na presidencia de Minas, já na presidencia da Republica, attentando contra os direitos da magistratura, procurando cercear a sua autoridade moral e, por fim, enxertando-a de elementos extranhos, tirados da politica militante, com o maior despreso pelo acatamento e o respeito devidos ao mais alto poder do paiz.

DURANTE O VERÃO
A CERVEJA ANTARCTICA
refresca e fortifica
Exijam a marca ANTARCTICA
COMPANHIA ANTARCTICA PAULISTA

ASSIGNEM

"O JORNAL"

E terão, diariamente, com a maxima pontualidade, abundancia de leitura seleccionada. — "O JORNAL" ventila superiormente todos os assumptos de actualidade, mantendo, para isso um corpo de collaboradares escolhidos entre as grandes mentalidades nacionaes e extrangeiras. — O seu serviço de informações é copioso. — O seu criterio é segurissimo. — Sua linguagem, elevada, superior. — Seus supplementos dominicaes, encantadores. — Seu grande

CONCUROS CINEMATOGRAPHICO

Distribue, mediante condições minimas, mais de uma centena de contos de réis em premios valiosissimos: Automovel, Viagens, Frigideira, Impermeaveis para senhoras, Matricula em Collegio, Estadia em Caxambú, Piano Bechstein, e um Bazar de coisas para crianças.

Preço da assignatura . . . . . 50$000

RIO DE JANEIRO

Rua Rodrigo Silva, 12

"terra roxa e outras terras"

quinzenario de arte e literatura

DIRECTORES:

A. C. Couto de Barros e Antônio de Alcântara Machado

A melhor publicação modernista do Brasil

"terra roxa" tem publicado collaborações de Antonio de Alcantara Machado, Blaise Cendrars, Carlos Alberto de Araujo, Carlos Drummond, Couto de Barros, Guilherme de Almeida, João Alphonsus, Luis da Camara Cascudo, Manuel Bandeira, Mario de Andrade, Martins de Almeida, Oswald de Andrade, Paulo Prado, Prudente de Moraes, neto, Ribeiro Couto, Ronald de Carvalho, Rubens de Moraes, Sergio Buarque de Hollanda e Sergio Milliet.

PREÇOS:

Numero avulso . . . $500

Assignatura annual . . 12$000

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:

Avenida São João — 96

São Paulo

TERRA DESHUMANA

O presidente Arthur Bernardes examinado através dos dados da psychologia morbida

TERRA DESHUMANA, que foi escripto durante o sitio, é um livro que pinta o sr. Arthur Bernardes tal como a historia o incorporará amanhã definitivamente á lista dos conductores de povos, e a quem a tragica dependencia de uma tara, de uma psycho-nevrose, torna capaz de todas as abominações e de todas as crueldades.

O sr. Assis Chateaubriand toma o ex-presidente como quem fosse a um manicomio e examinasse a categoria dos semi-loucos, enfermos dessa modalidade pathologica, que a psychologia morbida chama o messianismo.

O que empolga no ensaio do sr. Chateaubriand é que elle não ataca nem destróe o ex-presidente, mas apenas interpreta-o, examina-o, com a mesma impassibilidade com que um vivesecador corta a uma cobaya, para fazer uma experiencia em bem da humanidade.

Oito mil exemplares já foram vendidos — o que mostra o palpitante interesse humano da TERRA DESHUMANA.

O sr. Assis Chateaubriand não teve o intuito de punir o sr. Arthur Bernardes, porque pretender castigar o ex-presidente pelos attentados que commetteu seria o mesmo que procurar arrastar á barra dos tribunaes muitos dos clientes e dos hospedes de uma casa de invalidos mentaes, para castigal-os com sancções penaes, de que elles nunca se aperceberam, nem se aperceberão.

Com a mesma pasmosa ausencia de responsabilidade moral com que mandava bombardear São Paulo, em 1924, o sr. Arthur Bernardes delapidava Banco do Brasil, thesouro publico, federal e mineiro, arrazava constituição, tomado por aquella idéa fixa dos obcessos, para os quaes o mundo deve gyrar em torno da sua vesania.

TERRA DESHUMANA é um ensaio piedoso de psychiatria, cujo alto interesse reside na serenidade com que o autor, senhor dos dados da psychologia morbida, se aventurou ao estudo de uma psycho-nevrose, em marcha accelerada para um breve desenlace, e a qual já deu ao Brasil varios exemplares da perigosa estirpe do sr. Arthur Bernardes, taes como Antonio Conselheiro, Padre Cicero, e outros prophetas do mediocre e grosseiro messianismo, mercê do qual o ex-presidente fez no Cattete, em plena metropole do Brasil, uma resurreição de Canudos.

A rara temibilidade do ex-presidente, o delirio de perseguição que atacava a este pobre envrosado, os actos inauditos de perversão moral, que praticou, a escuridão sinistra da sua alma torva, que tanto comprometteu a paz social do Brasil, todos estes aspectos da personalidade do sr. Arthur Bernardes são objecto, na TERRA DESHUMANA, de um exame detido, que leva o leitor á conclusão immediata de defrontar o mais alarmante especimen de charlatão da idéa republicana, que ainda assombrou o Brasil com a improbidade conjugada á crueldade.

Preço 8$000

Á venda, em Bello Horizonte, na Livraria Alves. — No Rio, nas livrarias Leite Ribeiro, Alves, Soria & Buffoni, Quaresma, e no balcão d'O JORNAL.

ASSIGNEM

"O JORNAL"

E terão, diariamente, com a maxima pontualidade, abundancia de leitura seleccionada. — "O JORNAL" ventila superiormente todos os assumptos de actualidade, mantendo, para isso um corpo de collaboradares escolhidos entre as grandes mentalidades nacionaes e extrangeiras. — O seu serviço de informações é copioso. — O seu criterio é segurissimo. — Sua linguagem, elevada, superior. — Seus supplementos dominicaes, encantadores. — Seu grande

CONCURSO CINEMATOGRAPHICO

Distribue, mediante condições minimas, mais de uma centena de contos de réis em premios valiosissimos: Automovel, Viagens, Frigideira, Impermeaveis para senhoras, Matricula em Collegio, Estadia em Caxambú, Piano Bechstein, e um Bazar de coisas para crianças.

Preço da assignatura . . . . . 50$000

RIO DE JANEIRO

Rua Rodrigo Silva, 12

Cruzwaldina

Acreditado Desinfectante fabricado pela

Societé Anonyme du Gaz de Rio de Janeiro

Com vinte annos de ininterrupto successo

Medalha de Ouro na Exposição Nacional de 1908

O mais popular de todos os desinfectantes

TYPOGRAPHIA DO ANNUARIO DO BRASIL — RIO DE JANEIRO.

REVISTA DO BRASIL

PUBLICAÇÃO QUINZENAL

DIRECTORES

PANDIÁ CALOGERAS, AFRANIO PEIXOTO
ALFREDO PUJOL E PLINIO BARRETO

REDACTOR-CHEFE

RODRIGO M. F. DE ANDRADE

Redação e adm. - Rua Rodrigo Silva, 14. 1

Neste Numero:

Politica	
Caridade e Philantropia	*Tristão de Athayde*
Exilados	*José Maria Bello*
Cáes de Santos	*Ribeiro Couto*
Preludio Numero um	*Pedro Nava*
A evolução da mathcmatica pura no Brasil	*A. P. de Lima Campos*
Jogos maritimos	*Tristão de Cunha*
Memorias de um brasileiro na Europa	*Sergio Milliet*
O problema da unidade brasileira	*Azevedo Amaral*
O bom moço	*Gastão Cruls*
Antonio José da Silva e a inquisição	*J. Lucio d'Azevedo*
Acto de Fé (ou o Demonio Azul)	*L. J. de Lima e Silva*
Subsidio e ajuda de custo	*Nestor Massena*
Nos dominios da hygiene	*G. L.*
Litteratura e Artes plasticas.	

ANNO I — NUMERO 10 — 31 — JANEIRO — 1927 — RIO DE JANEIRO

"A Revista do Brasil"

E' a publicação que conta entre nós com o maior numero de collaboradores illustres e, ao mesmo tempo, a que se vende mais barato

Numero avulso $700

Assignatura annual . . . . 16$000

Tomada conjunctamente com a do "O Jornal" ou "Diario da Noite" . . . 12$000

Redacção e Administração:

Rua Rodrigo Silva N. 14 (1.° andar)

Rio de Janeiro

Crédit Foncier du Brésil et de l'Amèrique du Sud

Sociedade Anonyma

Capital. . . . . Frs. 100.000.000

Fundo de Reserva . . . . . Frs. 17.000.000

Séde Social:

Boulevard Haussmann, 39

PARIS

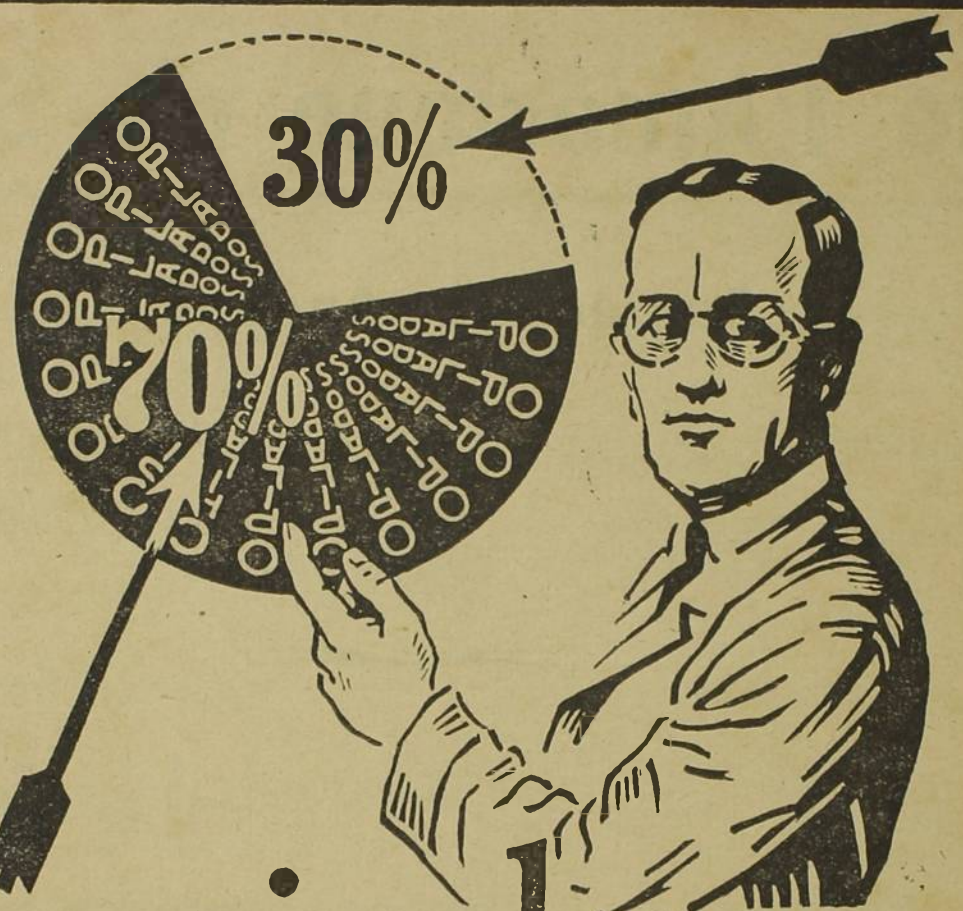
Succursal no Rio de Janeiro

44 = Avenida Rio Branco = 44

Agencia em São Paulo:

Rua Libero Badaró, 133

OPILAÇÃO-AMARELLÃO



Incrivel, mas...

é verdade: ainda 70 % dos Brasileiros são Opilados!
É pois um acto de patriotismo apprender e ensinar que n'um só dia, uma só dose de

NECATORINA-MERCK-

mata os vermes da opilação.

A „*NECATORINA*" é o mais barato dos tratamentos contra o „**Amarellão**," pois é remedio que não se compra duas vezes; com uma só dose se alcança a cura completa, sem ser, em geral, necessario o purgante reclamado sempre por outros vermifugos. A „*NECATORINA*" não tem gosto nem cheiro vista ser em fórma de capsulas gelatinosas pequenas, molles, faceis de serem tomadas; o seu emprego não exige dietas longas, nem resguardo, nem cuidados especiaes.

A „*NECATORINA*" producto allemão é o especifico da Opilação adoptado pela „SAUDE PUBLICA": é o proprio *tetrachloreto de carbono purissimo* **MERCK**, de fama mundial.

Necatorina-MERCK

A' VENDA EM TODAS AS DROGARIAS E PHARMACIAS!

DEPOSITARIOS = DAUDT, OLIVEIRA & CIA. RIO DE JANEIRO

Revista do Brasil

ANNO I — RIO DE JANEIRO, 31 DE JANEIRO DE 1927 — NUMERO 10

SUMMARIO

Politica

Caridade e Philanthropia — Tristão de Athayde

Exilados — José Maria Bello

Cáes de Santos — Ribeiro Couto

Preludio numero um — Pedro Nava.

A evolução da Mathematica pura no Brasil — A. F. de Lima Campos.

Jogos Marinhos — Tristão da Cunha.

Memorias de um brasileiro na Europa por Sergio Milliet

O problema da unidade brasileira — Azevedo Amaral.

O bom moço — Gastão Cruls

Antonio José de Silva e a Inquisição por J. Lucio d'Azevedo

Acto de Fé (ou o Demonio Azul) — J. de Lima e Silva.

Subsidio e ajuda de custo — Nestor Massena.

Nos domi ios da hygiene —G . L.

Litteratura: a) Roque Callage: "Vocabulario gaúcho" etc., por Manoel Bandeira; b) Christovam de Camargo: "O extranho caso de Pelino Mendes" — etc., por Prudente de Moraes, Neto; c) Felippe d'Oliveira: "Lanterna Verde" —etc., por Afonso Arinos (sobrinho), d) C. Teschauer: "Avifauna e Flora nos costumes, superstições e lendas brasileirase americanas" —etc. por Manoel Bandeira; e) Vieira Pires: "Querencia" — etc., por Prudente de Moraes, Neto; f) "Sobre" Sherazade, campeã de tennis, com breves considerações sobre o elogio mutuo, por Ribeiro Couto.
Artes plasticas — Exposiçao de artes Decorativas — Augusto Schmidt.

POLITICA

A molestia politica que o Sr. Arthur Bernardes trouxe da obscuridade subterranea da politicagem municipal da Viçosa para o palacio do Cattete era evidentemente contagiosa e os seus germens, disseminados no quatriennio passado, ameaçam affectar toda a Federação, com os symptomas alarmantes de uma grave pandemia social.

Entre os varios traços repugnantes que caracterisaram os methodos da presidencia do sitio, foi notavel a perseguição systematica ás figuras politicas que se distinguiam pela intelligencia ou pela dignidade. Na intelligencia via o ex-presidente da Republica a fulguração do espirito diabolico, que o seu extranho mysticismo inferior temia tanto quanto os seus nervos se assustavam, á noite, das sombras pacatas dos mais inoffensivos transeuntes.

A dignidade era incompativel com os processos de governo do homem que fazia da delação a prova suprema da lealdade dos seus amigos.

* * *

COM a morte politica do Sr. Bernardes não cessou a guerra santa do obscurantismo retrogrado e do ridiculo despotismo dos anões da politicagem aos homens que pensam e teem a altivez das suas convicções. Exemplo caracteristico d'essa eliminação dos melhores elementos, acaba de ser dado pela commissão directora do Partido Republicano Paulista, excluindo da chapa federal o Sr. Prudente de Moraes Filho.

Não póde, realmente, causar assombro que um partido, cuja direcção passou das mãos do Sr. Sylvio de Campos para as do Sr. Lacerda Franco, sinta não haver logar na sua primeira fileira para homens da alta linha de correcção moral e da cultura do antigo representante de São Paulo, que vae ser riscado da futura bancada.

Personificando no seu nome illustre a mais gloriosa e pura das tradições republicanas do Brasil, Prudente de Moraes Filho continuou na sua vida de cultor do direito e de politico altivo e superior aos conchavos subalternos a obra benemerita do grande presidente da pacificação. A sua presença na Camara Federal seria, talvez, um desagradavel e constante estimulo ao remorso aos que não

souberam tão bem cultivar o patrimonio da herança paterna. E póde ser mesmo que as memorias de uma phase da vida nacional, similhante á actual, viessem a ser demasiadamente evocadas por um politico vinculado a methodos de consolidação do poder civil diametralmente oppostos aos processos em que obstinadamente se vae transformando um episodio revolucionario na chronica mexicanização do Brasil.

* * *

COM a partida do Sr. Prudente de Moraes Filho para o ostracismo desapparece do scenario republicano mais uma das poucas figuras, que, como os Justos da lenda biblica, estão adiando a tempestade de fogo sobre as instituições que se desprestigiam e se desmoralizam. Mas os temperamentos neroneanos, cuja esthesia se compraz com o espectaculo das grandes conflagrações, não percam a paciencia. Depois de Prudente de Moraes Filho, seguirão para o limbo das sombras da Republica os que por ahi ainda andam escapando á vigilancia dos Lacerda Francos da nossa democracia. E, emfim, chegará o dia em que os apreciadores das obras primas da pyrotechnia social terão a sua paciencia premiada com o incendio que lhes preparam os fogueteiros da Republica.

* * *

A commissão executiva do Partido Republicano Mineiro, ou antes, o Sr. Antonio Carlos, resolveu remunerar os serviços do Sr. Arthur Bernardes com o subsidio senatorial por 9 annos.

Dizemos que a recompensa será apenas em moeda corrente, porque é mais do que problematico que o ex-presidente da Republica tenha outros contactos com o mandato que lhe vão outorgar. A' maneira d'esses casamentos tragicos celebrados pela litteratura sentimental da época romantica, o consorcio do Sr. Arthur Bernardes com a sua curul está ameaçado de ficar interrompido pela fatalidade, no preparatorio acto ritual da posse.

Noivo insatisfeito, Sr. Ex. será expedido para os antipodas, não pelo capricho de um barbaro despota ciumento, mas arrebatado pela força irresistivel do instincto de conservação, que no ex-presidente falla mais alto do que as outras "vozes da consciencia".

Minas terá durante 9 annos uma cadeira senatorial vazia. E, como nas terras alterosas ha um elegante culto das lettras historicas, é possivel que alguem se lembre de pôr um lettreiro no logar desoccupado, á maneira do distico que o patriciado veneziano escreveu na moldura vaga do Doge trahidor. D'este se diz que alli era o logar de Marino Faliero, decapitado pelos seus crimes; na cadeira do Sr. Bernardes poder-se-ia escrever que era a curul do senador que fugiu para não ser decapitado pelos eleitores.

* * *

SEM chegar aos extremos do civismo truculento do conselho veneziano, as duas cidades mais importantes de Minas — Bello Horizonte e Juiz de Fóra —, parecem dispostas a celebrar a data da Constituição Federal como um auto de fé politico do Sr. Bernardes.

Todos os indicios que chegam d'aquelles dous grandes centros mineiros mostram que as probabilidades da derrota do Sr. Bernardes estão a caminho de uma certeza.

Repellido por Bello Horizonte, metropole politica do Estado e nucleo da vibrante vita intellectual da sua mocidade, condemnado por Juiz de Fóra, a vigorosa cidade industrial cujo desenvolvimento manufactureiro constitue um titulo de orgulho para o país inteiro, o Sr. Bernardes obterá um diploma arrancado pela compressão da machina partidaria á condescendente docilidade dos eleitorados ruraes. Pela sua natureza, o mandato senatorial tem um cunho implicito de representação dos valores sociaes mais seleccionados e mais elevados.

Um senador, portanto, que vem para a Camara Alta ostensivamente repellido pelos elementos mais cultos, mais responsaveis e mais influentes da sociedade de seu Estado, representa, quando mais não seja um curioso caso de inversão das normas do systema representativo.

Caridade e philantropia

Desde o dia em que o homem deixou de ser — o homem — para ser o anthropoide, mudou tambem de nome a caridade e passou a ser philanthropia. E o homem moderno, que julga mudar com os nomes e essencia das cousas, deslumbrou-se com a invenção. E julgou ter mais uma prova do que ha muito suspeitava ser, — o successor de Deus. A velha caridade cheirava a sacristia. Era uma virtude rançosa. E orgulhosa, pois suppunha a superioridade de quem dava. E isolada, pois se recusava aos esforços em commum e era tanto mais considerada quanto mais secreta. E egoista, pois agia apenas pela esperança de uma recompensa sobrenatural. E forçada, pois não falta espontaneamente do coração, a não ser em raros casos, em que passava a ser e pressão de fraqueza e não de consciencia e força. Vaidade, quasi sempre para se ter o nome em jornaes ou o retrato em confrarias. E, peior que tudo, blasphema, pois se o mal existe é por vontade de Deus e portanto alliviar o mal é offender a Deus.

Essa ultima allegação é a mais pittoresca desse delicioso artigo de fundo com que "O Jornal" commemorou a munificiencia de uma familia de millionarios caridosos ou, perdão, philanthropicos. O autor, com uma deliciosa satisfacção de si mesmo, de suas virtudes, de sua superioridade intellectual e encantado de viver num mundo em que ha obras tão bellas e homens tão philanthropicos, entrou a fazer cotejos. E descobriu que vivemos, agora sim, em caminho do verdadeiro paraiso — o paraiso terrestre em carne e osso, com prazo marcado para o anno 2.027 no maximo, quando o homem emfim se tiver libertado de todo obscurantismo medievalista e a sciencia tiver saneado definitivamente o mundo de todos os seus males.

E' um encanto ler esses primarios optimistas. Como tudo nelles é cor de rosa. O caminho do progresso está encontrado e nada poderá mais impedir o homem de chegar a ser um deus. Um deuzinho de carne e osso, tem punições, tem linguas de fogo, tem fantasias temerosas. Bem visivel. Bem patente. Vaccinado contra todas as molestias. Liberto de todos os vicios, isto é, de beber e de fumar. Sorridente. Pratico, com a vida segura contra accidentes possiveis, mas cada vez mais imperdoaveis, pois, etc. etc.

Esse artigo é uma mina de logares communs typicos da mentalidade media do nosso tempo. Seu abençoado autor, quem quer que seja, fala pelo homem medio. O homem quotidiano, com algumas letras, discorrendo, importante, á porta do Club de Engenharia, se tem mais de 50 annos, ou do Aivear, se ainda tem ambições menos platonicas...

Em sua opinião foi o nosso tempo que inventou a caridade. O que até agora se praticava era uma cousa positivamente irrisoria, Agora, a cousa vae ser outra.

E' assim como se dissessemos que o nosso tempo inventou a locomoção. Como se os homens de ha vinte seculos, pelo facto de não saberem andar (para seu bem) a 100 kilometros por hora, não soubessem o que era andar. E fosse preciso apparecer o Sr. Bery ou o Sr. Ford, para que o motor de explosão permittisse aos pobres homens de mudar de logar!

O mesmo se dá com a caridade de sempre e com a philanthropia de hoje, por mais tola que seja a troca de nomes.

O sentimento é o mesmo, ou pelo menos deve ser o mesmo, na melhor das hypotheses. Augmentaram apenas os meios materiaes de realizal-o. Como se censurassemos Ambroise Paré por não operar num só dia, o mesmo numero de doentes que os irmãos Mayo. Ou chamassemos Ulysses de imbecil chapado, porque levou dez annos a fazer o que hoje

fariamos em tres dias. Ou contestassemos a Colombo a descoberta da America por não ser crivel que empregasse tres mezes numa viagem que hoje leva 5 dias.

Por mais grandioso que seja o projecto de extinguir a avaria ou de estudar a cura do cancro, elle não vem alterar em nada o sentimento humano que dictou a esses homens de bem a sua acção de merito. E' quasi ridiculo ter de repetir um truismo de tal ordem. O que differe apenas são os meios de que se utilisam 30.000 contos em vez de uma centena. Um apparelhamento moderno. Uma organização pratica e uma extensão, até agora desconhecidas. Methodos novos e mais efficazes de tratamento. Emfim, uma differença analoga á que existe entre o festim de Trimaldião e qualquer "réveillon" dos nossos ultracivilisados Palaces.

Mas o autor não se contenta com isso. E fala da caridade como quem realmente nunca teve a menor idéa do que seja essa flor das virtudes christãs. Eu penso, tambem, que a caridade é a mais difficil das virtudes. A mais rara. Peccando talvez, se é possivel, por excesso de perfeição, e por isso mesmo tão estranha. Embora admittindo todos os gráos, desde a simples philanthropia até a total renuncia de si.

Mas despachar a caridade, com aquella displicencia, com aquella superioridade de quem se julga muito acima della, é um tal diploma de satisfacção de si proprio, que me delicia. Que me faz crer que ha realmente homens felizes e simples nesta vida.

A caridade que exige o dom total de si. A caridade que nos faz descer de todo orgulho. Que nos humilha a cada passo. Que nos torna iguaes sempre aos menores. Que faz um escrupulo de cada retenção. Que nos pede sempre mais. Que nos forçaria a despir-nos de tudo e a arrastar todos os detalhes.

A caridade que é o amor total. Isso de que todo o mundo fala e que ninguem pratica em sua immensa, em sua sempre excedivel pureza. A caridade que é um dom isolado, como é um dom collectivo. Que colloca a cada passo de nossa vida a imagem de um sacrificio sempre possivel, sempre superior ao que emprehendemos. A caridade que não deve esperar recompensa. Que deve dar-nos força e não passividade. Que não é a esmola do timido, mas a creação do forte, do incansavel, do que sae de si, do que vae procurar o mal para sanal-o, a molestia para cural-a, a miseria para allivial-a. A caridade extremo opposto da avareza, que nos fecha ao mundo. A caridade que ha dous mil annos foi collocada acima de todas as virtudes.

Pois a ellas todas comprehende. E com ellas todas a philanthropia, que não é senão um synonimo seu, mais modesto, mais accessivel, mais terra a terra. Virtude burgueza, por excellencia.

A caridade, esta, é uma virtude que leva á santidade. A philanthropia é uma caridade mais facil que leva apenas á humanidade.

A caridade exige o dom total de si. A philanthropia contenta-se com um dom de moedas.

A caridade é uma annullação do orgulho. A philantropia uma satisfacção de amor proprio.

A caridade faz duvidar a cada momento da legitimidade do que temos.

A philanthropia quer justificar ao poderoso o seu poder, ao rico a sua riqueza.

A caridade nos annulla, pois quanto mais occulta mais bella.

A philanthropia nos faz galgar os degráos da sociedade, pois tanto mais bella quanto mais patente.

A caridade é uma pequena virtude dos fracos e uma immensa virtude dos fortes. A philantropia é apenas a virtude media dos poderosos.

A caridade traz comsigo uma tristeza apparente e uma alegria apenas mysteriosa. A philanthropia traz a alegria visivel e nenhuma tristeza.

A caridade nunca se satisfaz. A philanthropia é a mais satisfeita das virtudes.

Emfim, a caridade comprehende em si a philanthropia, mas a philanthropia não comprehende a caridade. E vemos que chega a desdenhar della.

Como um motor electrico, si tivesse consciencia de si, desdenharia por certo da electricidade.

TRISTÃO DA CUNHA

Exilados

A "Revista do Brasil" inicia abaixo a publicação de um romance inédito do Sr. José Maria Bello, que mereceu, no anno passado, o primeiro premio no concurso da Academia de Letras, para as obras de prosa daquelle genero.

Trata-se do unico trabalho de ficção que o illustre ensaista politico deu a conhecer até hoje.

Dahi, por ventura, uma das razões principaes do interesse que despertará entre os numerosos admiradores de seu talento.

PRIMEIRA PARTE

I

Firmo Ramiz reagiu contra a somnolencia que, desde algum tempo, o immobilizava na larga cadeira estofada, entorpecendo-o, causando-lhe indefinivel mal-estar. Eram oito horas da noite. A grande e triste sala do Ministerio, tão cheia ao anoitecer, estava, agora, quasi deserta. Os mais impacientes tinham-n'a abandonado um a um, quasi sempre de máo humor, protestando a meia voz contra a desattenção do ministro, que não se apressara em recebê-los, e vingando-se no bater brusco das portas, das humilhações mal soffridas. Apenas meia duzia de pretendentes, mais corajosos ou mais tenazes, resistiam ás longas horas de immobilidade forçada, na esperança de, afinal, serem attendidos pelo homem todo poderoso, que poderia abrir-lhes o cofre das graças officiaes... Ramiz conhecia-os quasi todos, de outras tardes de martyrio commum, aquelles habituados da ante-sala ministerial. Eram como elle proprio, candidatos á burocracia, ou provincianos exilados e vencidos, que vinham sollicitar a passagem de retorno á provincia natal, figuras humildes e resignadas, consumidas pelos desenganos e tristezas intimas...

Estava-se em março. A sala, que o sol poente invadira toda a tarde, escaldava. Era absoluta a calmaria; de quando em quando, rolava ao longe o surdo rumor da trovoada. O estudante deu alguns passos indolentes pelo salão. Contemplou, por momentos, os máos retratos de antigos ministros, que lhe enchiam as altas paredes. Quem se recordaria ainda dos nomes d'aquelles pobres homens, que tinham conhecido, um dia, a illusão do prestigio e do poder?... Através das largas janellas, extendia-se a praça silenciosa e mal illuminada. As arvores copadas eram, na noite abafada, simples sombras immoveis. No meio do jardim, a estatua equestre de um rei não passava de outra sombra immovel... Rapido agitar de cadeiras, quebrando o silencio adormecido e morno do salão, fê-lo voltar-se. Entrava o ministro.

Moço ainda, e de physionomia grave e intelligente. Com um sorriso estampado, de convencional e fria delicadeza, procurava ser amavel; eram visiveis, porém, os esforços que lhe custava similhante attitude. No intimo, desprezava aquella gente humilde e mal vestida, que o aborrecia todos os dias, com as sua longas e complicadas historias de miserias, as suas eternas sollicitações, balbuciadas em voz tremula, quasi a medo... Nessa noite, entretanto, parecia menos distrahido e menos distante, ao attender pacientemente todo o mundo.

Chegara a vez de Ramiz. O ministro acolheu-o com desusada amabilidade, extenden-

do-lhe as mãos que, de habito, nos dias de audiencia publica, occultava nos bolsos das calças, como para evitar o contacto grosseiro das mãos callejadas ou suadas dos pobres diabos, que o procuravam.

— Afinal, chegou o seu dia. O dr. Pimentel interessou-se vivamente pela sua pretenção. Está collocado na Bibliotheca Nacional. Pode procurar o director em meu nome...

Fez uma ligeira pausa.

— E' um emprego modesto, de extranumerario, para começar. O senhor é muito moço, e, diz-me o dr. Pimentel, intelligente e estudioso. Pode fazer carreira...

Ramiz mal conseguiu articular nervosamente:

— Senhor ministro...

— Agradeça ao seu amigo Pimentel, respondeu o ministro, apertando a mão do estudante, em despedida.

Ramiz desceu as escadarias do Ministerio, quasi a correr. Fóra, na praça, o solo fugia-lhe sob os pés, e as cousas immoveis, casas, arvores e estatuas, dansavam-lhe em torno. Conseguia, emfim, o ambicionado emprego, pelo qual esperava havia doze longos e agoniados mezes, e que representava o fim da miseria, que o revoltava, como uma injustiça dos deuses e dos homens, o fim das suas tardes de fome, dos seus sapatos gastos, das suas calças mal serzidas...

Para o lado dos theatrinhos populares, augmentava o movimento do Largo. Os bondes subiam cheios para os arrabaldes distantes do norte da Cidade. A *Maison Moderne* abria as portas convidativas. Ramiz conhecia bem os corredores excusos, que levavam á sala dos jogos de azar. Pensou, um momento, em tentar a sorte ingrata naquelle dia de bom augurio. Mas deixara alli, tantas vezes, os ultimos nickeis das suas economias... Venceu sem custo o desejo máo. A sua fortuna, triste nota de 10$000, teria outro destino mais amavel... Pagaria o luxo de um jantar na cidade e iria depois até o Leme descontar na larga brisa do Oceano o calor suffocante do dia...

Os cuidados de dinheiro, que, habitualmente, lhe sombreavam a alma, dissipavam-se como fumo. Via tudo roseo e facil. Com a faculdade de sonhar e illudir-se dos seus vinte annos romanticos, julgava encerrado para sempre o cyclo da pobreza. Daria para tudo o emprego da Bibliotheca. Como era naturalmente voluptuoso, e ainda ingenuo, antegozava os prazeres fechados até então aos seus desejos — contas saldadas na pensão, um terno elegante num grande alfaiate em voga, alguns livros novos, uma *Madame Bovary*, um *Rouge et Noir*, que vinha namorando, desde algum tempo, nas vitrinas da *Garnier*...

Depois do jantar, Ramiz alterou novamente os seus projectos. Deixaria para outra noite o passeio ao Leme. Preferia, agora, a volupia do isolamento, em que pudesse construir e destruir, á vontade, os castellos da sua fantasia... E certo n'esta ultima resolução, rumou, dentro do seu sonho e através das avenidas do Flamengo, para a sua pensão do Cattete...

II

Firmo Ramiz nascera n'um velho *engenho* do Norte. Descendia de antiga familia rural, com pretenções á bôa linhagem e ligada tradicionalmente á terra e á cultura da canna de assucar. Da sua infancia, ficara-lhe a lembrança de um periodo de luctas politicas e de abundancia na casa paterna. Era pelos primeiros annos da Republica, sob a revolta da Armada. As paixões partidarias dividiam os homens e as familias. Seu pae, máo grado a bondade e a timidez um pouco femininas e passivas, fôra envolvido na lucta ardente. Chegara mesmo a ser um dos chefes locaes dos revoltosos. Ramiz recordava-se confusamente da *casa grande*, em festa permanente, aberta a todo o mundo, dos dias tumultuosos de eleição na aldeia proxima, das noites de panico e, afinal, da invasão do engenho pela policia e da prisão do *velho* na Camara Municipal, que servia de cadeia para os detentos politicos...

Mas tudo isto esfumara-se-lhe rapidamente na memoria. A lembrança precisa que guardava do *Juncal* datava de mais tarde. A' abundancia de outr'ora succedera resignada e discreta pobreza. A prolongada crise economica arruinava ingloriamente os *senhores de engenho;* os velhos dominios, historicos, em

cujo solo fertil, fecundado pelo trabalho escravo, se enraizara, durante o Imperio, a poderosa aristocracia rural da provincia, passavam ás mãos avidas e mercenarias dos *trapicheiros* e *marinheiros* do Recife. Todavia, a recordação dos annos difficeis, amargurados em silencio, não bastava para perturbar a imagem pittoresca do *engenho*. O exilio carioca não partira ainda de todo os elos que prendiam Ramiz á terra natal; embora se julgasse incapaz de uma adaptação nova ao meio onde vivera a sua infancia e parte da sua adolescencia — entre *trabalhadores de eito*, antigos escravos, humildes e dedicados — sentia que as suas saudades o conservavam em communhão permanente com a gleba longinqua. Poderia reproduzir a qualquer momento a paisagem melancolica do *Juncal*, a *casa grande*, construcção secular, que havia abrigado tantas gerações da familia, o *engenho d'agua*, de engrenagem primitiva, a *casa de purgar*, onde, nas grandes fôrmas de madeira, o mel perfumado e quente esperava a lenta cristallização, as longas campinas de em torno, de gramado verde, como um parque nobre, os riachos múrmuros, que os ingázeiros sombreavam, os cannaviaes, palpitando pelas varzeas interminas ou trepando pelas ladeiras, os mysterios infantis da matta profunda, povoada de *caiporas* e *mulas sem cabeça*...

Um dia, o internato no Recife, Babylonia lacustre, que assombrara os seus olhos matutos... Dos annos de reclusão collegial, ainda tão quentes na sua memoria, guardava apenas recordações amargas. Conhecera, então, os primeiros soffrimentos que a vida reserva para os timidos e meditativos, de exagerada sensibilidade. O director, velho amador de theatro provinciano, que trocára o palco, como elle dizia pela cathedra de mestre, trouxera da sua antiga profissão o gosto dos annuncios berrantes, a falsidade das attitudes theatraes. Mais tarde, ao ler o *Atheneu*, Ramiz julgou que Raul Pompéa exagerara na figura de Aristarco os traços caricaturaes do director do *Gymnasio Nunes Machado*... Não estimava tambem os companheiros, que, difficilmente, lhe perdoavam o prazer do isolamento, das longas meditações e, até, certa independencia de pensar, que se convertera, em breve, em mal disfarçado desprezo pelas emulações infantis das aulas e das sabbatinas. Ramiz evitava-os, julgando-os grosseiros e vãos, incapazes de comprehender as ambições e inquietações sem nome da sua adolescencia sonhadora e algo doentia. Apesar de sua lucida intelligencia e de seu gosto muito vivo pelas leituras litterarias, fôra um alumno mediocre. Dos preparatorios, que haviam de levá-lo á gloria do bacharelado, attrahiam-n'o a Historia Universal, que o insulava do mundo ambiente, e a Geographia, sob cujas paginas lhe voava livremente a imaginação... Tornára-se um grande e incansavel viajante; percorrera todos os continentes, pisára o asphalto de todas as capitaes... Não satisfeito com o mundo conhecido, fizéra aflorar países novos das aguas dos oceanos, sobre a fabulosa Atlantida e ao longo do Pacifico, aos quaes, facilmente, baptizava, povoava e civilizava, enchendo-os de cidades, cortando-os de estradas e canaes...

Não deixou nem levou saudades quando quatro annos mais tarde, fôra obrigado a abandonar o collegio, interrompendo as suas *humanidades*. O *engenho*, onde a pobreza paterna o obrigava a viver, não offerecia aos seus 16 annos, melancolicos e ambiciosos, o encanto de outr'ora. Tinha medo do futuro que poderia esperá-lo, uma carta de bacharel, uma promotoria sertaneja, a servidão da politicagem local... Três annos decorreram, eguaes e monotonos, com algumas fugas rapidas á capital, para fazer os "preparatorios"... Os livros constituiam o seu consolo unico. Com a mesma ansia lia tudo que encontrava — as novellas sentimentaes de Macedo e de Alencar, os bons e máos romances francezes, graves livros de sociologia, que descobrira na bibliotheca de um *engenho* vizinho, e dos quaes mal adivinhava os pensamentos profundos. Eça de Queiroz foi, por essa época, a sua grande revelação litteraria. Sua sensibilidade esthetica comprehendeu depressa o que havia de humano, de malicioso, e de subtil no grande ironista. Decorou-lhe paginas inteiras, como si fossem estrophes de poemas, teve a ante-visão do ridiculo

incuravel dos homens e das cousas, e deixou-se embriagar, voluptuosamente, pelas imagens de vida superior, de belleza, de graça e de força, de Fradique Mendes...

Mais do que nunca, a prisão do *engenho* pesou-lhe sobre a alma. Suffocava na velha *casa grande,* no ambiente affectivo da familia, nas largas campinas de em redor. O Rio era a sua febre. Imaginava, na grande cidade, as portas triumphaes da vida abrindo-se-lhe de par em par. Teria todas as victorias: do jornalismo, das lettras, da Academia, da politica, da riqueza, das mulheres, das elegancias mundanas de Carlos Maia, das viagens e amizades illustres de Fradique...

Certa manhã, tomou no Recife, que elle já olhava desdenhosamente como uma grande e feia aldeia, afogada nos mangues, o paquete que o trouxe á Capital. Só e pobre, com algumas cartas de recommendação, seis dias depois, desembarcava na cidade desejada. Era por uma tarde ennevoada e fria de agosto — primeiro deslumbramento para os seus olhos, habituados á insolação eterna das praias do Norte. Ramiz admirou, como todo o mundo, a belleza da paisagem incomparavel, mas, como ninguem, elle amou, desde esse momento a terra acolhedora, onde conheceria, em breve, os soffrimentos da meia miseria, que se disfarça e se occulta, e os lentos desenganos dos sonhos que se não realizam, e os amargos desencantos dos que abrolham...

(Continúa)

JOSE' MARIA BELLO

Cáes de Santos

A Rodrigo M. F. de Andrade

Caes de Santos!
Armazens com telhados de folhas de zinco.
(DANGER wilson sons 1|4 SÃO PAULO pary
Glasgow L. J. P. & England)
Aguas de kerozene
com reflexos incendiarios de sol implacavel
e cascas de laranja balançando,
perdidas entre manchas gordurosas furta-cor.
N'estas aguas de um azulado escuro,
sente-se o fundo lamacento da bahia.
O rebocador trabalha incessantemente tirando
[o lôdo
para haver sempre calado,
para que os navios possam entrar e sahir,
livremente, como fóra da barra.
Aguas putridas onde se escoam os pantanaes do
[Vallongo,
aguas para onde escorre o lixo da cidade,
aguas em que sempre boiam residuos,
aguas em que os moleques do caes tomam banho.

Caes de Santos!
Desde quantos annos, por estas pedras,
costumo vaguear, olhando os mastros dos navios,
pensando em outras terras, sem querer?
(Essa obsessão de que em outras terras é que
[está a felicidade!)

Do outro lado, naufragada na lama,
a ilha Barnabé.
Casebres miseraveis de pescadores, á distancia,
me dão uma inexplicavel sensação de costa afri-
[cana.

A barca do Guarujá, que vem vindo,
parece uma grande commoda fluctuante
com vestidos cor de rosa de extrangeiras feias
e roupas gordas de italianos ricos de São Paulo
que passam 15 dias do anno no Hotel de la
[Plage,
precisamente na epoca em que o Sr. Presidente
[do Estado vae tomar os banhos officiaes.

Um navio japonês, ancorado ao largo,
parece pensar ainda na febre amarella.
Os marinheiros virão á terra em botes
e á noite estarão espalhados pelas ruas do centro
onde ha só mulheres de janella aberta e camas
[de cortinado.

Os guindastes fazem um barulho constante, sus-
[pendendo
barricas de cimento, caixas de gazolina, carvão
[de pedra, assucar, trigo, café.
As mercadorias se amontoam ao longo dos ar-
[mazens.
Os carregadores portuguezes correm nas pran-
[chas com saccos pezados nas costas,
escorregando nas immundicies do chão.
(No meu tempo de menino havia um cartão pos-
[tal com um que carregava cinco saccos
[de uma vez).
Nas torres de commando dos navios cargueiros
officiaes de branco olham o serviço
e gritam ordens confusas nas mãos em trompa.

Caes de Santos, rumor de guindastes e de rol-
[danas!
Apitos da machina das Docas que vem puxando
[uma fileira de vagons,
pondo um quente vapor d'agua na gente, quan-
[do passa!
Vozes, silvos, baques de caixas,
toda esta zoeira de um porto cosmopolita,
todas as linguas mixturadas no ar!
Caes de Santos, com o cheiro de bananas e tan-
[gerinas apodrecendo nas pedras!

Toda a minha meninice está aqui,
neste cheiro nauseabundo e excitante,
nesta mixtura de alcatrão, de tintas de oleo e
[de frutas esmagadas aos pés!
Estou eu todo, eu de outr'ora, nestes mastros
[parados,
nestas aguas que as proas amanhã cortarão,
nestas suggestões do porto!

Pequeno Stendhal provinciano,
consul da minha melancolia,
passeio por estas pedras da amurada,
pensando em cousas sem importancia.
(Não vale a pena te aborreceres).

Lá vai sahindo agora um transatlantico francez
[cheio de lenços.
Vae tão rapido que logo passa adeante de um
[paquete do Lloyd Brasileiro
que segue, baixinho, pesado de bananas,
para Buenos Ayres.

"Viagem á volta do mundo".

RIBEIRO COUTO.

Preludio Numero Um

Para o Emilio Moura

Quem viu ?
A mataria tava virjem de tropéis profanos
tubulando pra cima os troncos rugozos das ar-
[vores
empurrando pra cima o cipoal dos galhos esga-
[lhados
abrindo nos cimos os braços nodozos pros abra-
[ços insolvaveis
dos enroscados galhos enrolados.

Formando um tablado esgalhado todo coalhado
[de fôlhas
de fôlhas de todos os verdes
de fôlhas de todas as formas
formando um véu pra terra
separando éla do sól do céu
e tapando o sólo duma noite mais noite que
[a noite.

E por cima da folharia verde
as frutas inchando, colorindo a péle com o sól
espalmando a pôlpa rachada no calôr
rebentando a péle, riachando pra baixo
o rio grosso gostozo da calda
escorrendo em gôtas gratas
se avolumando pingando na terra enxarcada
[Terra dôce.

Todos os sons :
tinidos de pios e chilros pipocando pingos dos
[papos estufados
apêlo largo das siriemas
zumbaia de papagaios com as garras azêdas
[de agarrarem uvaias acidas
tucanos bicudos tocando com os bicos ôcos zé-
[pereira nos côcos.

Riscos de fôgo
taturanas tatuando desenhos vermelhos nas
[fôlhas
riscando arabescos bastas
que de repente dezatam soltam
pro sól pro céu pra cima
o avôuo de chama das brabulêtas.

Alegria braba dos piriquitos, num faniquito
e curiangos e urutáus e graúnas e passaros pas-
[saros penas passaros penas penas e plumas
frizada, faiscando fogueando
um fogaréu de mil côres confusas
todas as côres
tremendo sobre a cópa das arvores verdes ver-
[des verdes.

Na noite da mata lá embaixo
quem viu ?
Raizes enrolando serpentes enroscadas nas raizes
raizes mexendo a remoxida
dum turbilhão de milhões de vidas rudimentares
vibrando numa vida unica
fervilhante, frigindo
chiando
guinchando
roncando nas malócas
grunhindo nas grótas
no visco verde da lama do lôdo.

Escorregar de ventres frios lambendo o chão
bôlhas gôrdas borbulhando
costas de jacarés carregando crôstas de limo
escamas de peixes rolando na lama das luras
sucuriúbas assús dormindo dormentes
viboras vibrando lépidas
concerto de pipilos de grilos rabécas de pere-
[récas
e sapos zabumbando nos papos
lezardos fujindo nas lapas solapadas pelas aguas
[corrozivas fermentadas de vidas vidas vidas
aguas correndo escorregando entre raizes lizas
deslizando nas frinchas do chão
se avolumando se filtrando
correndo pro centro coração da terra encantada.
Pra ali as aguas lentas como lêsmas
se avolumando crescendo
paraparando perto do palacio alagado da Iára
[Uiára.
Pra ali as estrêlas tambem converjiram
e chuveram fuzilando como pirilampos
entre pirilampos rebentando como estrêlas.

Lagôa da mãe dágua.

Mãe dágua
cheia de mágua
mãe dágua
de ohos tão dôces
de olhos tão verdes.
O pranto dezágua
dos olhos dágua
da mãe maguada de jestos frouxos.

Mão da lagôa mãe que tá preza
guardada por jaguares guairas por jenios jentios:
sacís saltitantes de guélas gumitando brazas
caapóras nas capoeiras sacudindo a grenha de
[chamas
pelo bicho-bôi boiando na tona da lagôa e sa-
[pecando cornadas tontas
pela jente do côrpo de bronzo bronca e núa
pela febre.

A mãe dáguo encantada
quem póde desencantar ?

(Fragmento do "Poema de Minas Geraes")
—— 1927 ——

PEDRO NAVA.

A evolução da Mathematica pura no Brasil

Descoberto o Brasil pelos Portuguezes, no anno de 1500, não tardou que os demais povos da Europa arremettessem cubiçosos contra elle, maravilhados pela belleza de suas paysagens e pela riqueza e uberdade de seu sólo.

Assim, desde cedo, foi a metropole obrigada a defender as costas brasileiras organizando expedições que lhe varriam os mares infestados, para em seguida fixarem-se no littoral na imminencia do revide. As primeiras fortificações foram, então, construidas e seus autores os que primeiro, diffundiram em nossas plagas os rudimentos da mais pura das sciencias puras: a mathematica.

Decorreram dois seculos antes que Portugal cogitasse de crear officialmente o ensino dessa sciencia. A primeira tentativa surge com a vinda dos jesuitas para o Brasil.

A Companhia de Jesus, que lá fundou o seu primeiro collegio, enviou-nos em missão civilisadora e pacifica, no segundo quartel do seculo XVI, a figura humilde e heroica de Manoel da Nobrega e outros catechistas. Ao passo que derramavam na alma dos aborigenes toda a doçura do Evangelho, diffundiam no Novo Mundo o saber que lhes esclarecia o espirito, fisando nos adros de suas egrejas rusticas os primeiros ensinamentos da arithmetica e da geometria. Mais tarde, em 1554, crearam entre os rios Tamanduatehi e Anhangabahú o collegio S. Paulo, origem da actual cidade do mesmo nome, para onde convergiam as intelligencias avidas de se iniciarem na mais perfeita das sciencias.

Continuava a Mãe-Patria despreoccupada do progresso scientifico da colonia, quando em 1630 occorreu a invasão hollandeza. Os novos dominadores apressam-se em estudar a terra conquistada para ella attrahindo homens illustres.

Ao principe João Mauricio, conde de Nassau-Siegen, enviado pela Hollanda, em 1637, para governar o Brasil, coube a honra dessa iniciativa. E, por elle conduzidos, aportaram a Recife o mathematico Henri Cralitz, o cosmographo George Markgraf, o naturalista Willem Piso e outros.

Deixaram, quasi todos, trabalhos notaveis, salvo o primeiro que falleceu ao chegar.

George Markgraf além de naturalista era astronomo; palmilhou a Capitania até ás lindes, determinando coordenadas geographicas de differentes localidades e escreveu o "Tractatus topographicus et meteorologicus Brasiliæ" appenso a uma obra de Willem.

Siegen foi ainda o fundador do primeiro observatorio do hemispherio sul, que fez installar em seu palacio, e onde Markgraf calculou, e observou o eclipse solar de 12 de novembro de 1640.

O Brasil tem para com esse homem raro a divida de uma homenagem que ainda não salvou. Elle foi, póde-se affirmal-o, o precursor do seu progresso scientifico. Ao regressar, em 1644 para a Hollanda, havia realizado em sete annos de administração o que os nossos descobridores não fizeram em 137 annos de dominio.

No tocante á mathematica pura não lhe conhecemos com segurança o desenvolvimento na phase hollandeza; mas é fóra de duvida que a influencia dos novos colonizadores actuou beneficamente nos centros em que era cultivada.

Restabelecido o jugo lusitano, abre-se novo hiato na actividade scientifica do paiz. Portugal porfia, por melhor defender a colonia, em occultar o Brasil aos estrangeiros, prohibindo-lhes a descida nos portos, salvo quando militarmente escoltados. Essa resolução foi um dique contra o qual se quebrou inerme o nosso desejo de acompanhar a evolução da mathematica pura que então agitava os geometras do Velho Mundo.

"A condição dos brasileiros era, na verdade, segundo Armitage, historiador inglez — digna de compaixão, comparada com os europeus". Façamos, entretanto, a justiça de reconhecer que a compressão insupportavel em que nos mantinha a metropole explicava-se pela necessidade de evitar a todo o transe o perigo de novas invasões.

Foi até essa necessidade que compelliu a Corôa Portugueza á installação do ensino da mathematica no Brasil, creando uma "aula de fortificação", de caracter essencialmente pratico, onde se ministraram, a par de outras disciplinas julgadas de maior importancia, ás noções indispensaveis de arithmetica e geometria. Regeu essa aula, no anno de 1783, vindo de Lisboa, o sargento-mór de artilharia José Fernandes Pinto do Alpoim.

Posteriormente, em 1793, o conde de Rezende reorganizou-a e ampliou-lhe o programma de tal modo que ella se fez origem da Academia Militar, fonte das escolas de engenharia e militares do paiz.

Os acontecimentos de que foi theatro a Europa, no alvorar do seculo XIX, emprestaram melhor vigor á lenta evolução das sciencias no Brasil.

Acossado, em 1807, pela espada de Napo-

leão I, resolveu D. João VI abandonar Portugal á sua sorte e refugiar-se no Brasil com algumas centenas de subditos. A Academia Real de Marinha, considerada parte integrante da Côrte, acompanhou-o na travessia tumultuosa, installando-se no Rio de Janeiro, por aviso de 5 de maio de 1808, nas hospedarias do Convento dos Religiosos Benedictinos.

Ali estabelecida, continuou a preencher os mesmos fins para que fôra creada em Lisboa, sob o reinado de D. Maria I, ensinando, no dominio da mathematica pura, as disciplinas seguintes, commettidas a tres lentes e dois substitutos: — arithmetica, principios de algebra até equações do 2º gráo inclusive, trigonometria plana e espherica, noções de mecanica. E' possivel que a geometria analytica tambem fosse leccionada porque a Academia della já cuidava em Lisboa sob o nome de algebra e suas applicações á geometria.

A Academia Militar, já existente quando aqui aportou D. João VI, tambem recebeu o sopro benefico da "inversão brasileira". Deve-se a D. Rodrigo de Souza Coutinho, conde de Linhares, o trabalho que a refundiu e ampliou pela carta regia de 4 de dezembro de 1810, em que o Principe Regente, em nome da rainha D. Maria I, creava a nova Academia Real Militar. Só a 23 de abril do anno seguinte foi ella inaugurada na casa do Trem, onde funccionára a primitiva, abrangendo, entre outro, um curso de mathematica pura, similar ao da Academia Real de Marinha.

As installações eram incompativeis com o novo plano de ensino, o que determinou, em 1812, a sua transferencia para o edificio do largo S. Francisco de Paula, onde hoje funcciona a Escola Polytechnica.

A Academia Real Militar passou por diversas phases, sem influencia notoria no ensino da mathematica, até que, em 1833, sobreveiu o decreto do governo Imperial Brasileiro reformando-a e dilatando-lhe o campo dos ensinamentos. Aos paisanos foi facultada a frequencia na Academia, que contava, além de cursos exclusivamente militares, o curso de engenharia. Apparece pela primeira vez — 150 annos após o seu advento ! — o ensino official do calculo differencial e integral, permittindo maior desenvolvimento ao estudo da mecanica, trigonometria espherica, astronomia e physica.

E' facto singular que a Academia Real de Marinha só em 1858 desse egual desenvolvimento ao curso de mathematicas, leccionando, por acto dessa reforma, elementos de algebra superior, geometria analytica e noções elementares de calculo differencial e integral.

Não se tinham ainda colhido os fructos da reforma de 1833 quando, seis annos mais tarde, nova reforma soffreu a Academia, desta vez alterando-lhe o nome para Escola Militar e difficultando, senão prohibindo, com os rigores da disciplina e a omissão de materias de engenharia civil, a frequencia de paisanos em seus cursos de engenharia. Esse facto, de todo inaceitavel para a época, produziu a reforma de 1845, que trouxe novo plano de estudo abrangendo definitivamente os civis e constituindo, desse modo, a origem da era que se abriu para a engenharia nacional.

O curso abrangia sete annos: os tres primeiros comprehendiam a mathematica pura e outras disciplinas, os dois seguintes as materias militares e o ultimo a architectura civil, hydraulica, desenho de architectura e machinas.

Não tardou que as exigencias disciplinares, reagindo sobre o elemento civil a ellas desafeito, ditassem a série de reformas realizadas de 1846 a 1858 onde nenhum progresso digno de menção se assignala no ensino da mathematica, mas onde, continuamente, se accentua a separação dos cursos militar e civil. Foi grande passo a reforma de 1º de março de 1858 que transformou, respectivamente, a Escola Militar da Côrte, a de Applicação do Exercito e o curso de infantaria e cavallaria da provincia do Rio Grande do Sul, então existentes, em Escola Central, Escola Militar e de Applicação e Escola Preparatoria da Provincia do Rio Grande do Sul.

A Escola Central ministrava o ensino da mathematica pura, sciencias physicas e naturaes e materias concernentes á engenharia civil. Frequentavam-na, indifferentemente, alumnos civis e militares; os primeiros acompanhavam os cursos que conduziam ao titulo de engenheiro geographo e civil, os segundos estudavam as materias indispensaveis ao proseguimento do curso militar.

A creação da Escola Central assignala certo progresso no ensino da engenharia que, antes della, se cingia a uma só cadeira e aula do termino do curso.

Abrangia agora os dois annos finaes, comprehendendo duas cadeiras e duas aulas onde se leccionavam mecanica applicada, architectura civil, construcção de obras de pedra, madeira e ferro; estudo dos materiaes correspondentes e suas applicações; abertura, calçamento, conservação e reparação das estradas; vias ferreas, aterros e dissecação dos pantanos; metallurgia; canaes navegaveis e materiaes empregados nessa especie de obras; regimen e melhoramento dos portos, rios e barras e sua desobstrucção; derivação e encanamento de aguas; acqueductos, fontes e poços artesianos; construcções relativas a portos maritimos; molhes; diques; pharóes; obras de segurança das costas, etc.; desenho de architectura e execução de projectos; desenho de construcção e machinas hydraulicas. Havia ainda dois outros cursos: o preparatorio e o de mathematicas, sciencias physicas e naturaes. Em ambas as mathematicas puras entravam com o contingente das doutrinas constantes das reformas anteriores, sem apparição de qualquer nova disciplina.

A administração militar da Escola Central, ainda subordinada ao Ministerio da Guerra, e a frequencia forçada de militares nos seus cursos, não permittiam, como era de desejar, uma separação completa dos ensinos civil e militar. Dahi as reformas por que passou até a de 1874, quando aquella separação se fez de modo definitivo; a antiga Escola, liberta da autoridade militar, passou á jurisdicção do Ministerio do Imperio sob a denominação de Escola Polytechnica, desdobrando de modo notavel o ensino da engenharia civil e rasgando maior amplitude ao estudo da sciencia pura.

O ensino da engenharia, pela primeira vez, subdividiu-se em varios cursos especializados: de sciencias physicas e mathematicas, de engenharia geographica, de engenharia civil, de engenharia de minas, de artes e manufacturas. O curso de engenharia civil passou a ser feito em seis ca-

deiras e tres aulas ao invés de duas cadeiras e duas aulas como succedia ao tempo da Escola Central.

As mathematicas puras, cujo ensino em grande parte era realizado em curso especial com as sciencias physicas, incluiam, além das elementares, o calculo differencial e integral, as funcções ellipticas, o calculo das variações, a mecanica racional, o calculo das differenças, o calculo das probabilidades e a physica mathematica. Essas disciplinas constituiam uma só cadeira, com excepção da mecanica racional e tambem physica mathematica que formava outra cadeira com a mecanica celeste.

Varias reformas têm attingido a Escola Polytechnica no decurso de 1874 a 1926. O ensino da mathematica elementar e, por vezes, da algebra superior transferem-se, sabiamente, para estabelecimentos de instrucção secundaria e constituem cabedal cuja sufficiencia ella se reserva o direito de julgar para permittir admissão em seus cursos. Ao passo que o ensino da engenharia vae sensivelmente evoluindo o da mathematica pura estaciona, o que é mal para o paiz, mas na opinião de alguns, uma necessidade para os fins que ella collima.

Essa antinomia singular alliada ao adiantamento da sciencia pura, em fins do seculo XIX, e ao desejo, dos que melhor a cultivam, de melhor conhecel-a, nos vae inevitavelmente conduzindo á fundação de cursos onde ella seja estudada com o cuidado e carinho que lhe dispensam os povos mais civilisados.

* * *

A immigração forçada da Familia Real Portugueza para o Brasil, em 1808, foi, já vimos, a causa creadora do nosso ensino scientifico que, então, jazia em criminoso abandono. Desligado altivamente da metropole pelo grito que lhe dirigimos a 7 de setembro de 1822, cuidamos de impulsional-o para que em breve tempo attingisse o gráo que havia alcançado na Velha Europa.

Apezar de tão tardiamente conduzido á trilha do saber, é tarefa difficil perquirir os nomes de quantos entre nós se têm dedicado ao estudo da mathematica pura, citemos, pois, os mais representativos.

Entre os cultores de qualquer sciencia, maximé da que se trata, ha temperamentos inconfundiveis: uns possuem um pendor especial, uma sêde de saber que a sciencia desaltera, dilatando-lhes o campo dos conhecimentos muito além das fronteiras da profissão; outros dilatam o campo da propria sciencia, intervindo pessoalmente com a scentelha divina da pesquiza original, que o estudo acurado póde desenvolver, mas nunca produzir.

Destes ultimos o Brasil possuiu dois no transcurso de cem annos de autonomia politica, que é quasi toda a sua vida scientifica: Joaquim Gomes de Souza e Otto de Alencar Silva.

Joaquim Gomes de Souza, talento omnimodo e precoce, foi o mais brilhante pensamento mathematico que ainda produziu o Brasil. Nascido no Maranhão a 15 de fevereiro de 1829, revelou desde a mais tenra edade dotes excepcionaes de intelligencia. Seu pae, o major Ignacio José de Souza, destinou-o á carreira militar, com o assentimento de toda a familia e aversão manifesta do filho.

Enviado para o Rio de Janeiro em 1844, matriculou-se na Escola Militar, que frequentou um anno.

Mas, não podendo dominar a inaptidão congenita para a carreira que ingressará, e que transparecia do proprio rosto, despido de rudeza, quasi gracil, conseguiu permissão para se dedicar aos estudos medicos. Mal os começára, verificou a necessidade de proseguir no estudo da mathematica para melhor penetrar o dominio das sciencias physico-chimicas e naturaes. E, assim, empregava as horas que lhe sobravam dos deveres academicos em haurir conhecimentos da mais perfeita das sciencias, percorrendo-a até os ramos mais distantes, cada vez mais seduzido pela logica dos seus raciocinios e pela belleza harmoniosa das suas theorias.

Tão vasta era a cópia de saber já adquirido que, ao terminar com raro brilho o terceiro anno medico, resolveu prestar, na Academia Militar, exames vagos e successivos de todas as materias do curso então franqueado aos civis. Não foram pequenas as difficuldades que teve de vencer para realizar esse desejo, pois a Congregação da Academia indeferiu-lhe o requerimento por não lhe parecer possivel que um estudante de medicina, sem frequencia nos seus cursos, pudesse submetter-se a provas tão rigorosas.

Terminados os exames recebia Joaquim Gomes de Souza, a 10 de junho de 1848, o gráo de bacharel em sciencias physicas e mathematicas e depois o de doutor, obtido com brilhante these que defendeu.

Occorrendo, nesse mesmo anno, uma vaga no corpo docente da Academia Militar, disputou-a com a these "Methodo analytico para determinar novos planetas sem o auxilio de observações directas". Foram seus competidores os doutores Escragnolle e Galvão, mais tarde o conselheiro Galvão, director da Escola Polytechnica. Classificado em primeiro logar, logrou a nomeação de lente substituto; tinha, então, dezenove annos de edade.

E' interessante recordar que a Academia de que era professor recusára-se recebel-o mezes antes como examinando.

Em 1854 foi á Europa onde recebeu o estimulo de amizades illustres. No anno seguinte apresentava á Academia de Sciencias de Paris uma memoria sobre a determinação das funcções incognitas sob o signal de integral definida, outra sobre um theorema de calculo integral e suas applicações á solução dos problemas de physica mathematica e uma terceira sobre o som.

O exame destes trabalhos foi entregue a uma commissão de geometras notaveis, composta de Cauchy, Lionville, Lamé e Bienayme, que não chegou a emittir parecer apezar das constantes solicitações do autor, "o que se póde talvez attribuir — diz o professor Amoroso Costa — á ingenua pretenção que tinha o nosso patricio, de haver resolvido, em outro trabalho aliás, o problema do calculo integral em toda a sua generalidade".

Nas memorias que vieram á luz no anno de 1855, Otto de Alencar buscou, quarenta e seis annos depois, a solução de um problema sobre velocidade do som.

A 12 de junho de 1856, o professor Stokes apresentava á Sociedade Real de Londres, a pedido de Gomes de Souza, uma nota, rapido resumo de sua memoria sobre a determinação das funcções incognitas sob o signal de integral definida.

Os trabalhos que tiveram publicidade nos "Comptes Rendus" da Academia de Sciencias

de Paris foram, por iniciativa do governo brasileiro, reunidos em um só volume, sob o titulo "Melanges de Calcul Integral" e impresso em Leipzig no anno de 1852. Esse livro, cuja leitura requer meditação e adiantada cultura mathematica, encerra, além das memorias já mencionadas, outras que decorrem do problema que fez objecto do seu primeiro trabalho: a determinação da integral de uma equação differencial qualquer. Ellas se intitulam: "Memorias sobre os methodos geraes de integração", "Sobre a determinação das constantes que nos problemas de Physica Mathematica entram nas integraes das equações differenciaes parciaes em funcção do estado inicial do systema", "Demonstração de alguns theoremas geraes para a comparação de novas funcções transcendentes", "Sobre a analogia entre as equações differenciaes lineares e as equações algebricas ordinarias", "Theorema sobre as funcções arbitrarias (Fragmento)". Em algumas ha referencias a novas contribuições que não foram publicadas, como a "Memoria sobre o estado de vibração dos corpos".

O anno de 1857 assignala um periodo de intenso labor na vida de Gomes de Souza. A' medida que organizava a publicação de suas memorias, professava na Escola Militar e desenvolvia notoria actividade na Assembléa Geral Legislativa para onde fôra eleito deputado pelo Maranhão.

De sua passagem pelo Parlamento Brasileiro conta-se que, certa vez, ao ser discutida uma questão de Direito, Gomes de Souza pedira a palavra para tecer algumas considerações em torno do assumpto. Ao iniciar o discurso um deputado aparteia: "Previno ao nobre collega que não é de mathematica que se trata, mas sim de uma questão de Direito Constitucional". Retrucou-lhe o orador: "Bem sei que não é de mathematica que se trata, pois se assim fosse, o unico nesta casa que poderia falar sobre ella era eu; mas como é de Direito, todos nós podemos falar".

Partiu, no anno de 1863, para a Europa em busca de lenitivo para cruel molestia que o atacára. Em vão lutou contra o mal, vindo a morte roubal-o aos 34 annos de edade, quando o espirito se manifestava em toda a sua pujança.

Decorrido quasi meio seculo da apparição de Gomes de Souza, surge Otto de Alencar Silva, outro pesquizador notavel da sciencia pura no Brasil.

Nascido no Ceará, em 1874, foi tambem prematuramente roubado á vida, pois falleceu no Rio de Janeiro, no anno de 1912, aos 38 annos de edade.

A sua pessoa e a sua obra fazem objecto de admiravel conferencia que um dos seus discipulos mais distinctos — o professor M. Amoroso Costa — realizou na Escola Polytechnica do Rio de Janeiro a 29 de abril de 1918.

Não nos aventuramos á tarefa de resumil-a, pela certeza de mutilal-a; depois de conhecel-a, o leitor não nos perdoaria tamanho sacrificio.

Adeantamos, tão sómente, que os seus trabalhos originaes tiveram acceitação merecida de geometras de reputação mundial.

Otto de Alencar prestou ainda serviço á evolução do ensino da sciencia pura entre nós. Professor da Escola Polytechnica, combateu, no ambito sereno da critica scientifica, a acção nefasta e prestigiosa da doutrina positivista "no ensino da mathematica". Derramou da cathedra novos ensinamentos e novas idéas — já antigas nos centros de cultura européa — e espalhou nos meios scientificos, pelo conselho da palavra autorizada, livros que a corrente sectarista dominante inutilmente se obstinava em censurar.

Por força desse trabalho inestimavel, resurgem melhores dias ao cultivo da sciencia pura. Se a terra ainda não é de todo opima, a sementeira é bôa, pois já sobem a cerca de meia dezena os que enveredam pelo "terreno seductor da pesquiza original".

A corrente dos que pregam a inutilidade da sciencia pura vae, felizmente, a pouco e pouco minguando. O utilitarismo immediato das especulações analyticas só occorre aos que lhe desconhecem o passado. E' uma fórma inferior de egoismo, que não raro encobre a ignorancia, e, que nos vae arrastando á predica criminosa do desvalor de seu ensino, como elemento de indagação no dominio das sciencias applicadas.

Especular a sciencia, desinteressadamente, pela propria sciencia, é hoje formula que não padece contestação.

Os resultados a que conduz tal proceder são de uma fecundidade sem par: Newton ao meditar os seus "Principios da Philosophia Natural" não cuidava nos navegadores que, seculos depois, deveriam guiar-se na Terra, olhos fitos no céo, obedientes as leis da gravitação univelsal...

A. F. de Lima Campos.

Jogos marinhos

I

MANHÃ

Dos lados do occidente, onde surge, dentre as montanhas roxas, um rochedo conico descondensado pelo sol em milagrosa transparencia de alabastro, chega uma brisa tão leve e salutar que dirieis um simples movimento da luz.

Marcada pelo vestido de banho, verde e essencial, menos vestido que complemento de beleza, Margarida mergulha deliciosamente os pés na doçura da areia. Flôr propria daquelle campo de neve, seu vulto se transfunde naturalmente na claridade, e illumina, figura de Monet, que não é estatua, mas lampada de sol. Depois banha-se na agua divina, e o seu corpo se perde numa alegria desinteressada e plenaria. Harmonia tépida de um banho de sangue.

Sobre a areia branca, olhando-a, um homem feio, mercenario e vazio, numa imprevista libertação, deliciosa e dolorosa, sonha cousas desconhecidas.

II

TEMPESTADE

Erguida junto ao mar, ebria da belleza circular, Sophia gira deliciosamente no turbilhão dos prodigios. Uma cortina tragica extendida do Norte vem rugindo e cobrindo de ardosia o céo immenso. Mas as nuvens marinhas se defendem, alinhadas no frizo azul do Sul, pousadas sobre o espelho horizontal. Recolhem a luz, e a dividem entre si. As vestidas de vermelho e roxo dansam com as de laranja e citrino, emquanto na planicie verde das aguas proximas galopam os carneiros de espuma. O pequeno barco de velas rubras, cheias e redondas como balões, foge perdidamente, saltando sobre a mareta, a retranca beijando a vaga. E muito longe, entre as ilhas rochosas do nascente, um transatlantico vagaroso vai arrastando comsigo o ultimo raio de sol, que lhe restitue uma belleza elementar e esquecida.

III

O BANHO

Balthazar, varão de idéas seguras, posto que poucas, abandona o collo da ama, avança affirmativamente pela praia, precipitando passinhos ataxicos sob o desabamento imminente. Menos dextro que um urso no exercicio da marcha, tem a mesma graça lenta e jocosa. Fox, pedagogo humilde, trota firmemente adiante e o vai pilotando entre as gentes tumultuosas. O Poente prodigioso illumina a figura supernutrida do explorador, o craneo enorme, a curva do ventre onde mal aponta, botão de rosa, um sexo minusculo.

Mas junto ao mar tenebroso os dois amigos hesitam, obscuramente inquietos. Olham-se interrogativamente. Fox lambe as mãozinhas ao patrão, num gesto de conforto e reciprocidade. Ambos pensam : — "Que farão tantos loucos, deitando-se a este banho immenso e subversivo ?"

Mas a maré vasante manda-lhes uma ultima onda dadivosa, que lhes deixa na areia um pequeno lago, raso, domestico, cheio de côres maravilhosas. Então os dois amigos, atropelados de concurrentes imprevistos, lançam-se resolutamente ás aventuras aquaticas.

TRISTÃO DA CUNHA.

Memorias de um brasileiro na Europa

CAPITULO I

A guerra em Genebra — A Colonia brasileira — A "Echos do Brasil" — Antão de Assis Brasil — Tullio Chaves — Fish de Miranda — Trajano Medeiros do Paço — Henri Mugnier.

A guerra foi para a Suissa e principalmente para Genebra um negocio a principio. Um excellente negocio. Os extrangeiros foragidos encheram os hoteis, desfilaram pelas ruas pacatas, movimentaram o commercio e as industrias e fizeram a prosperidade geral. Genebra vibrou com intensidade desusada. Durante quatro annos a vida foi alegre, commovida, precipitada. Rodeada de sangue, de luctas, de miserias, Genebra vivia num doce desprendimento, numa quietude burguesa e bem humorada que as festas beneficentes e a instituição da Cruz Vermelha Internacional alimentavam.

Pouco a pouco vieram os inconvenientes. Espiões. Bolchevismo. Nacionalismos. A Suissa esvaziou-se. Arruinou-se. A questão dos cambios, desconhecida na Europa antes da guerra, complicou ainda a situação. Precipitou a data da fallencia.

Em "1$000 a duzia", livro de poesias de meu amigo philosopho, que apparecerá um dia si algum editor brasileiro se converter ao modernismo, ha estes versos:

Era uma vez um hoteleiro
Com a questão dos cambios.
morreu.

O grande poema da raça!

Nunca supportei a mentalidade magra do paisinho modelo. O modelo burguês. O burguês cantado por Mario de Andrade, "o burguês nadegas, o burguês nickel". O burguês esteio da Nação, que despreza o povo, que cubiça o dinheiro e para o qual o poeta é o indesejavel. Já elle se acostumou a dizer dos que nada conseguem e que para nada servem: é um poeta! Mas esses poetas, ás vezes, sáem melhor do que a encommenda.

A colonia brasileira de Genebra augmentou com a guerra. Coincidiu o augmento numerico com o augmento qualitativo. D'entre os estudantes, quasi todos de medicina, um grupo de rio-grandenses do sul e de nortistas se entregava alegremente á litteratura.

Havia talentos promettedores. Fundou-se um club brasileiro, que teve mais tarde um rival sul-americano. Com os clubs veio a inevitavel revista. Mas, antes de commentar como o merece a vida da nossa succursal brasileira, devo citar uns versinhos adoraveis de um tal Fish de Miranda que fazia, no club, conferencias commoventes no meio da chalaça geral. *Ao meu irmão Henrique e Erika* foram recolhidas pela memoria sem egual de um amigo meu. Eil-as:

AO MEU IRMÃO HENRIQUE

Saudoso irmão Henrique
Obra, fica em paz!
Estuda o que puderes
Tua intelligencia te faz capaz
Do impossivel emprehenderes.
Qualquer campo por ti semeado
Do que ha de melhor produz.

Tu, correndo mais que um veado,
A bellas obras darás a luz.

....

Erika

Estava eu banhando em alto mar
Quando me appareceu bellissima sereia,
Sua belleza muito me fez pasmar...
Mas ao lado de ti parecia feia...

....

Perdeu-se o resto, infelizmente para a historia da litteratura brasileira.

Mas voltemos á Revista.

Não sei quem teve a idéa de crear essa desenchabida "Echos do Brasil". Desconfio de um rapaz baixo e gordo, de nariz proeminente, bigodes curtos á americana, muito fallante, muito gesticulante, chamado Antão de Assis Brasil. Esse gaúcho germanóphilo, parente do outro Assis Brasil, era um moço enthusiasta, com pretenções philosophicas, que levava a mania raciocinante ao auge da caceteação. Tinha a palavra facil, a phrase naturalmente emphatica eôca. Amigo certo que só o orgulho e a vaidade ennegreciam. Muito brasileiro, muito nacional. Ao lado de Antão, bellettrista barulhento, evoluiam outros mais e menos interessantes. Tullio Chaves, poeta parnasiano, espirito paradoxal e revoltoso, cujo talento parecia solido. Tullio abandonou a poesia. Formou-se. Casou. Foi batalhar no sul contra o borgismo.

Era um homemzinho irrequieto e fulgurante, de sensibilidade extrema, jovial ou macabro, curioso sempre. Seu quarto, no primeiro andar de uma casa do Boulevard de Hôpital, era a redacção da "Echos" e o quadro bohemio de muita discussão litteraria e de muita anecdota realista. Nada se fazia na Revista sem a opinião de Tullio. Nossa admiração por elle não tinha limites. Hoje, quando releio sua obra litteraria, apesar de minha evolução, não a acho de todo ruim. Salvam-se varios sonetos de boa factura, dignos dos melhores parnasianos.

Encontrei tambem Tullio Chaves varias vezes na casa hospitaleira do velho Magalhães, autor de umas "Contemplações" hugonianas, mestre purista de um talento hypothetico. O velho Magalhães era um espirita venerador de Allan Kardec, pacato e bom que só se inflammava com as pilherias proferidas contra a escola romantica.

Em certa occasião discutiam-se problemas sociologicos. Antão de Assis Brasil campava em phrases curvas os mysterios a desvendar.

De repente, o velho Magalhães, sahindo da rêverie murmurou: Ha problemas ingentes. Por exemplo, saber si os mortos estão contentes no outro mundo. Foi uma gargalhada geral.

A casa do velho Magalhães era, com a do Dr. Antonio Passos, ponto de reunião da mocidade. Lá encontrei Ismael Dias Silveira, ambicioso doentio, impotente saturado de grandiosidades e de grandezas, que se suicidou num plagio banal de Petronio, abrindo as veias. Mas do romano só teve o gesto idiota. Nada deixou que o immortalizasse. Foi tambem lá que conheci Trajano do Paço, hoje diplomata depois de um concurso brilhante. Bohemio intelligentissimo e desleixado possue uma cultura solida e um estylo aspero, superficial, claro, porém, que ao lado de um julgamento critico lucido e conscienciosо póde fazer d'elle um excellente jornalista.

Sua distracção e seu desleixo tornaram-no celebre. Correm sobre elle as anecdotas mais comicas. Basta dizer que para mostrar a um amigo uma photographia, collocou a maleta que trazia em cima do balcão do café expresso em que se achava e, deante do espanto amedontrado do garçon, que o suppoz maluco, foi jogando por cima das chicaras a sua roupa toda, limpa e suja mixturada. Tinha o Trajano uma respeitavel collecção de punhos e "plastrons" de todos os tamanhos que faziam a admiração de seus amigos. E mil outras maravilhas taes como usar sacarolhas no bolso do smocking, tocos de cigarros na carteira de dinheiro, etc.

Nossa amizade nasceu nesse periodo de versos de amor e de rimas ricas. Eu publicára meus primeiros poemas na "Echos". "Poveri versi miei..." Poetas genebrinos, como

Henri Mugnier, Paul Viréz, Charles d'Eternod, condescendiam em nos presentear com alguma producção. Paço imaginou uma festa na pensão onde morava e, certa noite, veio buscar-me para me apresentar a Henri Mugnier. Confesso humildemente minha emoção.

Tenho limpida na mente a scena e o scenario. Um salão despretencioso. Tres poltronas de vime. Uma garrafa de Porto. Mugnier, que já se encontrava lá, recebeu-me com carinhosa e affectada simplicidade. Era pequeno, quasi calvo, os poucos cabellos restantes compridos e ondeados. Usava oculos de nickel e fumava, segurando o cigarro inglês entre os dedos amarellados, ossudos e seccos. Seu aperto de mão metallico, indifferente causou-me impressão pelo contraste da voz fina e pousada. Deu-me conselhos. Fallou-me de cesuras e de rimas masculinas. Elogiou dous ou tres versos. Criticou outros com autoridade e acabou dizendo que continuasse.

Continuei. Agora é tarde para recomeçar e seguir um curso de caixeiro ou de coronel. Sou litterato. Mas tenho a coragem de o confessar e de tirar dessa confissão um certo orgulho. Não acredito no sacerdocio das lettras. Ser banqueiro tambem não é sacerdocio e não sei de banqueiro que renegue a profissão ou que se envergonhe d'ella. Isso é para certos senhores saturados de litteratura e que juram pela hostia que não são litteratos...

Mugnier já havia publicado um longo poema intitulado "L'Oasis dans la ville", cuja semsaboria só percebi muito mais tarde. Mas o poeta simplorio foi, para mim, uma relação preciosa. Devo-lhe gratidão por terme introduzido em todos os meios interessantes da Genebra da guerra. D'essa frequentação tirei os maiores proveitos. E, péssimos escriptor, Mugnier foi sempre um delicioso camarada.

(Continúa).

SERGIO MILLIET

O problema da unidade brasileira

Tanto se enraizou entre nós a idéa de que o Brasil politico constitue uma solida unidade organica, assentada no territorio que se extende do valle amazonico á bacia do Prata, que pódem parecer extranhas as palavras que encimam estas linhas. Comtudo afigura-se-me que a unidade brasileira não sómente é um problema, como um problema de solução cada vez mais delicada e mais complexa.

A convicção de que a personalidade nacional se concretizou em linhas definitivas, dando ao Brasil politico uma physionomia individualizada que o caracteriza entre as nações, decorre da falsa concepção que insistimos em formar sobre a natureza essencial da estructura de uma nacionalidade. Julgámo-nos capazes de resistir como uma entidade nacional, ás vicissitudes da época de intensa vibração intellectual e moral em que vivemos, porque acreditamos que certos attributos de ordem social e psychologica são sufficientes para imprimir a uma collectividade o cunho da sua personalidade politica.

Desde as nascentes do Rio Branco até á linha convencional em que a campanha riograndense se transforma no pampa uruguayo, falla-se a mesma lingua. Assim como não temos uma heterogeneidade linguistica, não somos tambem divididos por profundos traços de differenciação mental e moral. De norte a sul e da orla littoranea aos confins occidentaes do hinterland, a moral que regula as relações sociaes dos sub-grupos da nacionalidade é calcada nos principios vagos da mesma ethica que os portuguesês adquiriram pela conjuncção das influencias latinas, trazidas pelo catholicismo, com a mentalidade indefinidamente semitica de um povo formado por alluviões, que se succederam desde a primitiva colonização phenicia.

A uniformidade do idioma e a homogeneidade psychica imprimem assim ao Brasil um aspecto de impressionante cohesão, que nos trouxe a illusão da indestructibilidade politica da nação. As raras apprehensões pessimistas que de tempos a tempos apparecem expressas por um ou outro observador que se detenha a pensar sobre esta questão, inspiram-se apenas no temor de que o desenvolvimento demographico do país se faça em condições capazes de romper o equilibrio estavel da unidade implicitamente acceita como um dogma da nossa sociologia. E' o receio de que as correntes immigratorias distribuindo-se desegualmente venham a quebrar a uniformidade da lingua e da mentalidade em que se alicerçam as nossas esperanças de immortalidade nacional.

Tanto na confiança optimista, como no modo que a perturba, parece-me não haver sinão o effeito do prestigio que sobre o nosso espirito sempre exercem as fórmas verbaes a que nos habituámos a dar a existencia effectiva de uma realidade positiva. A idéa de que uma nacionalidade póde ser definitivamente edificada sobre a base exclusiva da identidade idiomatica e da communhão em um determinado typo de cultura corresponde ás reliquias da metaphysica sociologica, que ainda infesta a mentalidade brasileira creando um espesso véo entre a nossa visão intellectual e a realidade.

A lingua, as analogias do espirito e a identidade das aspirações não constituiram nunca factores primordiaes e decisivos da formação das nacionalidades. Mas é indiscutivel que nas phases mais atrasadas e menos complexas do desenvolvimento de uma sociedade esses elementos representam o papel de um cimento capaz de assegurar a cohesão ao blóco politico formado por uma collectividade. Entretanto, á medida que o progresso faz expandir o campo das preoccupações de um povo, pelo proprio effeito automatico do desenvolvimento da cultura os traços de homogeneidade linguistica e psychologica vão perdendo a sua capacidade como força synthetizadora da nacionalidade. Uma pequena communidade vivendo na linha fronteiriça da barbaria e da civilização, isola-se de seus vizinhos pela lingua, pela religião, pelos costumes; mas uma grande nação, que pela acquisição da riqueza poude passar ao plano de uma civilização superior, não se differencia mais da personalidade politica dos outros povos por aquelles traços da sua vida psychica, nem por aquellas idiosyncrasias do temperamento e da indole.

A verdade d'essa proposição, demonstrada facilmente por um exame dos factos mais evidentes na existencia politica e social de todas as nações, levou as pesquisas da sociologia positiva a procurar outras bases mais solidas para a interpretação racional da creação, do desenvolvimento e da sobrevivencia das nacionalidades. Estudado sob esse novo ponto de vista, o phenomeno da organização nacional apparece como o resultado da adaptação instinctiva das collectividades ás condições mais propicias á defesa dos interesses materiaes que, em ultima analyse, constituem as unicas forças determinantes essenciaes de todos os actos humanos. Uma nação não póde, portanto, ser mais encarada como uma agglomeração de individuos ligados pela identidade do idioma e argamassados pela acção adhesiva de uma homogeneidade psychologica. A nacionalidade é uma fórma de equilibrio determinada pela necessidade da protecção aos interesses e pelo estimulo do impulso de expansão economica e de ampliação incessante da riqueza e do bem estar. Os vincupela ordem espontanea do desenvolvimento commum da humanidade a tornarem-se laços de categoria internacional. O progresso da cultura acarreta forçosamente a creação de padrões de valores mentaes e ethicos cosmopolitas, que, pelo proprio effeito da sua ascendencia, recalcam para uma subalternidade cada vez maior as fórmas méramente nacionaes da cultura. Realmente, as culturas estreitamente nacionaes são sempre fórmas mediocres caracteristicas das phases menos avançadas do pensamento. Todas as grandes culturas foram universaes. Quando fallamos das civilizações antigas e as qualificamos pela denominação nacional de cada um dos povos que as metropolizaram, estamos apenas usando de um artificio de linguagem. A civilização assyrio-babylonica, egypcia, persa, hellenica ou greco-romana foram todas creadoras de culturas mundiaes, porque cada uma d'ellas no seu periodo de maxima vitalidade dominou tudo que então era do mundo a parte susceptivel de receber a influencia civilizadora.

A coexistencia de grandes culturas individualizadas, como aconteceu ao tempo em que a Grecia, a India e a China eram centros possivel emquanto as difficuldades de communicação e de intercambio determinavam simultaneos de irradiação intellectual, só foi situações de isolamento hoje inconcebiveis.

Mas si o Brasil caminha empolgado por uma illusão ao dar um tão exorbitante valor á solidez dos laços da lingua, da mentalidade e dos costumes, a que attribuimos a nossa unidade nacional, parece que é tempo de pôr em fóco esse problema, afim de investigar-se qual o gráo de resistencia dos outros elementos de ordem concreta em que temos de apoiar a fé na sobrevivencia politica da nacionalidade. O assumpto não despertou ainda o interesse que se impõe pela amplitude das consequencias a que poderemos chegar em um inquerito d'essa natureza. Entretanto, mesmo sem aprofundar a investigação dos conflictos de interesses que se vão esboçando entre as differentes regiões do país, já se póde por um rapido golpe de vista,

los de natureza intellectual e moral tendem perceber as proporções avultadas d'esses antagonismos.

Com mais vagar conviria entrar na analyse d'essa lucta de interesses, que vão divorciando o norte do sul e que já se esboçam em opposições accentuadas dos pontos de vista economicos dos dous maiores Estados, cuja aliança á a trave da estructura politica da Federação. No espaço disponivel nas paginas desta Revista não é possivel, por esta vez, ir além do que a simples localização do grande problema que, apesar da nossa obstinação de cegos optimistas que não querem vêr, vae assumindo de dia para dia o aspecto de uma inquietadora incognita sobre o destino politico do Brasil.

AZEVEDO AMARAL.

Companhia Constructora de Santos

Capital . . . . . 3.000:000$000
Fundo de Reserva . . . . . 3.000:000$000

S. PAULO -- Rua da Boa Vista n. 5
(Palace Palmeiras)
Endereço Telegraphico; «CONSTRUCTO» — Caixa Postal n. 3008 — Telephone: Central, 3860
(Rêde particular ligando dependencias)

SANTOS
Praça Mauá, 25
Caixa Postal 222 — End. Teleg.: «Constructo» — Telep. Cent. 259

RIO DE JANEIRO
Rua Sachet, 27
Caixa Postal 607 — End. Teleg.: «Constructo» — Telep. Norte 6126

ESCRIPTORIO TECHNICO

ENGENHEIROS — ARCHITECTOS — CONSTRUCTORES

Estudos — Ante-projectos — Projectos detalhados — Orçamentos completos — Execução de obras por empreitada e administração — Habitações de luxo e economicas — Predios para renda — Hoteis Theatros — Hospitaes — Escolas — Fabricas, etc.

Construcções em cimento Armado

Sane mento e abastecimento de agua — Poços artezianos — Estradas de Ferro e de rodagem — Calçament s

ESCRIPTORIO COMMERCIAL

Venda, deposito e importação de materiaes de construcção — Azulejos de louça — Ladrilhos ceramicos — Tijolos refractarios — Telhas — Cal — Cimento — Madeiras — Pedras — Vidros — Ferragens — Chapas — Vigas para construcção — Artigos sanitarios -- Tubos de ferro para agua e gaz — Material de cimento armado e para pintura — Fios de cobre para electricidade, etc. Officina de serraria, carpintaria, mecanica e fundição, britador — Grande f brica de ladrilhos e manilhas de cimento — Agencias de compras em Londres, Hamburgo e Nova York — Serviço de despacho para o interior

LOJA :
Rua 3 de Dezembro n. 16
(Antiga Rua Boa Vista)
Telephone: Central, 3860

DEPOSITO :
Rua Mello Barreto n. 86
(Travessa da Av. Rangel Pestana)
Telephone: Braz, 2317

Desvio (chave na S. P. R.) — Av. Rudge n. 5 (Bom Retiro)

O Bom Moço

Quando elle chegou aos trinta annos, ainda rapaz solteiro e sempre sózinho comsigo mesmo, embora já formado e perfeitamente encarreirado, mas sem nenhum alarde das muitas qualidades que possuia, fez-se o côro em torno delle e todo o mundo começou a dizer e repetir: — "Mas, como elle é bom moço!" "Que bom moço que elle é!"

E foi só então que elle viu o risco que estava correndo e do qual era preciso fugir promptamente, cortando o mal pela raiz e antes que a desgraça ainda fosse maior.

E' que nada é mais difficil do que desfazer uma bôa reputação, sobretudo d'essas que se iniciam logo na mocidade e conduzem fatalmente o individuo á irremediavel situação de "medalhão".

E era isso o que elle mais temia. E era contra isso que elle queria reagir.

Mas o mal já estava tão alastrado e já andava tão na bocca de todos que elle era mesmo um bom moço...

E foi então que elle começou a dizer, em alto e bom som, e para quem o quisesse ouvir, que elle não era bom moço, que elle não queria ser bom moço, que elle não visava nenhum d'aquelles logares, ambicionados por toda a gente, de luminar d'isso ou d'aquillo, expoente tambem d'isso ou d'aquillo, o que tudo são cousas muito parecidas e todas ellas muito de temer.

Mas ninguem acreditava n'elle e todos diziam que elle até devia ficar muito satisfeito quando o chamavam de bom moço.

E elle se desesperava. E elle procurava reagir por todos os modos.

Mas, mais elle reagia e mais crescia o côro em torno d'elle e todo o mundo já não cessava de dizer e repetir: — "Meu Deus, como elle é bom moço!"

E foi então que elle se pôs na "berlinda" e começou a perguntar:

— Por que é que eu sou bom moço?

E um homem respeitavel e chefe de familia exemplar respondeu:

— O senhor é bom moço porque é um rapaz morigerado e cumpridor dos seus deveres.

E para o homem respeitavel e chefe de familia exemplar, o rapaz morigerado e cumpridor dos seus deveres era aquelle que sempre usava fraque preto e guarda-chuva de cabo de ouro e nunca pensava differente dos outros.

E elle foi adeante e perguntou:

— Por que é que eu sou bom moço?

E uma senhora respeitavel e mãe de familia exemplar respondeu:

— O Senhor é bom moço porque é um filho-familia prendado e de muito bons costumes, e ao qual eu daria a mão de qualquer das minhas filhas.

E para a senhora respeitavel e mãe de familia exemplar, o filho-familia prendado e de muito bons costumes era aquelle genro ideal que todas as tardes voltava para casa carregando embrulhos do "Café Papagaio" e da "Padaria Viennense", e á noite, já sem

o fraque e o guarda-chuva de cabo de ouro, ainda sabia acalentar os filhos, cantando o "Tatú Marambaia", na cadeira de balanço da sala de jantar.

E elle foi mais adeante e perguntou:

— Por que é que eu sou bom moço ?

E a filha do homem respeitavel e da senhora tambem respeitavel, ambos chefes de familia exemplar, respondeu:

— O senhor é bom moço porque é um bom partido e bem que podia *tirar um fiapo* commigo.

E para a filha do homem respeitavel e da senhora tambem respeitavel, ambos chefes de familia exemplar, o bom partido era aquelle que lhe pudesse comprar bôas meias de seda e todas as noites a quisesse levar ao cinema do bairro.

Por fim, já desnorteado, elle se perguntou a si mesmo:

— Mas, por que é que eu sou bom moço?

E uma voz interior, que elle não sabia mesmo si era a d'elle, respondeu:

— Você é bom moço porque elles pensam que você tem tambem o equilibrio indifferente das espheras e, no jogo do *gude* social, pode ser bolinha, e rolar com os outros e ir sempre para deante, até chegar á *casa dos medalhões*.

E foi então que elle teve a certeza de que não era bom moço, de que não queria ser bom moço, de que não visava nenhum d'aquelles logares, ambicionados por toda a gente, de *luminar* d'isso ou d'aquillo, de *expoente* tambem d'isso ou d'aquillo, o que tudo são cousas muito parecidas e todas ellas muito de temer.

E' que elle não usava fraque, nem sabia cantar o "Tatú Marambaia", nem gostava de cinema, nem podia fazer de bolinha no jogo do *gude* social.

Mas ninguem acreditava n'isso e todos diziam que elle até devia ficar muito satisfeito quando o chamavam de bom moço.

E elle se desesperava. E elle procurava reagir por todos os modos.

Mas, como reagir, si quem é bom já nasce feito e já fazia tanto tempo que se armara em torno d'elle a conspiração do elogio?

E elle já não dava um passo sem que surgisse o grande côro: — "Mas, como elle é bom moço !" "Que bom moço que elle é !"

E foi então que lhe veio a idéa salvadora.

Uma noite, á porta do Municipal, e quando de lá sahiam os espectadores, elle atracou-se com uma rapariga de má nota. O escandalo foi enorme e ambos foram ter á Delegacia. E na Delegacia a rapariga fez declarações gravissimas e disse que elle já vivia ha muito á sua custa e sempre que a espancava era por questões de dinheiro. E elle não disse nada e nem quís fazer declaração nenhuma. Tambem não as poderia fazer, pois que estava embriagado. E nos seus bolsos ainda foram encontrados uma navalha catalã e alguns frascos de cocaina. Tudo era bem contra elle, mas bem egualzinho ao que elle queria. E' que essa scena havia sido preparada de antemão e tanto a sua embriaguez e os frascos de cocaina no bolso, como a surra na rapariga e mais as suas declarações na Delegacia, tudo fazia parte de um programma préviamente traçado e rigorosamente cumprido. Ha mulheres que apanham até por nada e não lhe foi difficil achar uma que não se fizesse de rogada para receber uns petelecos e safanões antecipadamente tarifados. Mas ninguem sabia d'isso e, no dia seguinte, todos os jornaes noticiaram a occorrencia escandalosa, estampando-lhe o nome por inteiro e em lettras bem redondas e chamando-o de *caften, ebrio habitual* e *cocainomano*. E era isso o que elle queria, pois que estava tambem no seu programma.

E ainda n'esse mesmo dia elle se pôs novamente na "berlinda" e perguntou:

— Por que é que eu sou bom moço ?

E fez-se o côro em torno d'elle e todo o mundo lhe respondeu:

— Qual bom moço, qual nada! O que você é, é um typo muito ordinario e que não presta p'ra nada.

E, entre as vozes que lhe respondiam, elle reconheceu a do homem respeitavel e pae de familia exemplar, e a da senhora respeitavel e mãe de familia exemplar, e tambem a da filha do homem respeitavel e da senhora respeitavel, ambos chefes de familia exemplares. Apenas, a da menina não tinha tanto

odio como a dos outros e parece que, apesar de tudo, ella ainda *tiraria um fiapo* com elle.

E elle, já desnorteado, se perguntou a si mesmo:

— Então eu sou um typo muito ordinario e que não presto p'ra nada ?

E a voz interior, aquella mesma que elle não sabia si a d'elle, respondeu:

— Figue sossegado. Você não mudou nada e ainda tem todas as suas qualidades.

Apenas já não é mais bom moço e nunca mais poderá chegar a *medalhão.*

E foi então que elle sentiu que tinham tirado um grande peso de cima d'elle e, muito contente comsigo mesmo, foi pagar a rapariga que tão bem tinha desempenhado as suas funcções.

GASTÃO CRULS.

Antonio José da Silva e a Inquisição

V

A perseguição ao judaismo no Brasil, na phase iniciada em 1710, continuou sem interrupção por mais de cincoenta annos.

Por arrancos successivos, de familia em familia, de comarca em comarca, a obra da depuração caminhava, até finalmente em cada localidade exaurir o filão.

Os districtos mais assolados foram a Bahia e Rio de Janeiro, o que não admira, sendo os mais habitados e prosperos, por isso mais adaptaveis ás condições de vida da gente hebréa. Daí por dois caminhos, como os sertanejos, pelo da Baía e do Rio, atingiu a perseguição a zona das minas no coração do território. Em seguida abre-se no litoral outro foco, e é a Parahiba quem mais padece. Em 1735, de 18 réos que ao todo appareceram no auto da fé, oito mulheres e um homem são desta capitania. Tambem de lá tinham vindo anos antes dois presos, cujas confissões vieram a influir na sorte futura de Antonio José da Silva. Assim em ponto remoto do oceano principia a vaga, que a rebentar na praia evolve o náufrago e o afoga.

Em 1729 foram remetidos á Inquisição, da Paraíba, Antonio da Fonseca Rego, senhor de engenho e sua mulher, Maria de Valença, que sairam penitenciados, ela no auto de 1731, o marido no do ano seguinte. Ambos fizeram copiosas declarações, não deixando de incluir entre os denunciados a um filho, Simão Rodrigues da Fonseca, que foi trazido a Lisboa, e penitenciado no auto de 1.º de Setembro de 1737. A qualidade de tais testemunhos, e o modo por que um deles foi dado, mostram como o sistema do Santo Oficio conseguia desarraigar das almas os sentimentos mais sagrados. Na verdade não eram almas de eleição as do casal paraíbano. O pai acusou o filho, por defesa propria, no decurso do processo ; a mãe, já livre havia ano e meio, foi espontaneamente levar a denuncia á Inquisição, resgatando por este modo o silencio guardado durante o tempo do cárcere. Seu testemunho promoveu a ordem de prisão, passada logo depois.

Antonio da Fonseca Rego, desembaraçado do Santo Oficio, mas com os bens perdidos no confisco, regressou ao Brasil, a tentar fortuna nova. A mulher, indigente, após dias negros de fome, acolheu-se á casa de Pascoa dos Rios, então solteira, e com ela ficou em seguida ao casamento. Acto piedoso, não raro ; a communhão na desgraça induzia ao socorro reciproco entre os perseguidos.

Era Maria de Valença mulher faladora, de curto entendimento e consciencia nublosa. Destituida de senso moral, posto que observante atenta dos preceitos judaicos, o medo, o interesse, a maldade governavam-lhe o proceder, segundo as ocasiões. Por medo tinha ido denunciar o filho. Na casa onde era hóspede, tentou alcovitar a Leonor de Carvalho, já noiva de Antonio José, para um galanteador, que desde a Covilhã perseguia a moça cristã-nova.

O interesse devia ser a causa da intervenção. Por maldade, sabendo os requebros de André com a vizinha, viuva do Correio-mór, deu parte á mulher Pascoa dos Rios, do que nasceram dissenções domesticas, irritação do marido, e altercação dêste com a denunciante.

Feliz, na sua inconsciencia, pôde encarar sem acanhamento o filho, quando ele após o auto, e livre das penitencias, a visitou. Aqui mais uma vez Pascoa dos Rios mostrou a bondade do seu animo, e André Mendes da Silva a sua condescendencia ou fraqueza. Como tinham recebido em casa a mãe, assim deram gasalhado ao filho, caridade de que haveriam em breve de arrepender-se.

A sós com o escapo do Santo Oficio, de quem alguma vez, caindo em si, teria receado a perdição Maria de Valença procurou redimir o nefando acto da denuncia com as manifestações do materno carinho, esquecido então.

No meio dêles, não tardou que a loquacidade innata, e o sentimento religioso, nela vivo e que a perseguição apurara, a levassem a contar-lhe que André e todos da familia viviam na lei de Moisés. O exemplo era bom de seguir e ela, mãe extremosa o exortava a fazer outro tanto, ou, na frase dos iniciados — a ver a luz verdadeira de novo, já que cego se não podia considerar.

Simão da Fonseca nem disse que aceitava, nem repeliu a instigação. O silencio foi tido por acquiescencia de que a mãe, sem duvida, informaria os amigos. De mais, veiu penitenciado do Santo Oficio, não bastava isso para lhe afiançar o judaismo ? O facto é que, na casa de André Mendes da Silva, na de Antonio Froes, cunhado d'aquele, e na do irmão Antonio José, todos o tinham por bom correligionario, e ninguem d'ele se resguardava, quer nas palavras, quer na pratica de actos rituaes.

Durante cêrca de tres semanas Simão Rodrigues da Fonseca viveu em um ambiente de idéas

e devoções, de que, embora educado no judaismo, algumas lhe seriam novidade. Repulsa não manifestou de especie alguma. Frouxo na crença pareceria talvez aos outros, mas a ninguem inspirava desconfiança. Por fim acordou-lhe na alma aquele impulso maligno, pelo qual a mãe tinha ido denuncia-lo. Pode suspeitar-se que alem de maldade obrassem nele uns toques de demencia dos que mais tarde experimentou. A longa estadia no carcere, as exortações repetidas, o pavor continuo, a atmosfera de misticismo e crueldade reinante na casa, mais de uma vez desconcertaram a espiritos menos fracos.

Um dia, nos fins de Setembro, buscou o Inquisidor de serviço, nos Estaus, e delatou a todos por judaizantes : a mãe, uma tia, Guiomar de Valença, sentenciada no auto com aquela ; André, Pascoa dos Rios e uma criada ; Antonio Froes, viuvo de poucos dias e a defunta mulher ; duas mulheres que visitavam a esta ; e por fim Leonor de Carvalho e Lourença Coutinho. De Antonio José não falou, acaso porque nunca se tivessem visto os dois. E' possivel mesmo não saber o denunciante quem ele fosse, pois acusando a Leonor a designou por este nome só e como irmã de Antonio Froes, sem qualquer referencia ao estado.

Nestes dias cometeu o autor das operas um acto imprudente. Da herança do marido ficara a Lourença Coutinho uma escrava negra de Cabo Verde, Leonor, de nome, em que todos os defeitos da condição realçavam. Preguiçosa, devassa, chochalheira, maligna, não escondia o seu odio áqueles, para quem forçadamente trabalhava, e de cujas impaciencias muitas vezes experimentava a crueldade. Escrava, tão ruim, segundo o criterio por que julgamos a esses entes desgraçados, quanto ruim seria o captiveiro. Invectivas, altercações e sevicias eram de todos os dias e, se pode dizer, de cada hora. Uma vez Leonor de Carvalho, em assomo de colera, chegou-lhe ás faces um tição ardente. Saindo d'estas rixas, a negra bradava : "Aqui d'El-Rei" ; apelidava os senhores de judeus ; propalava que havia de ir ao Santo Oficio acusar-se de feitiçaria, para que a prendessem, com o que se lhe acabaria o martyrio. Nos processos de Lourença Coutinho e da nora, as testemunhas confirmavam a maldade da criatura e a existencia d'esta gehena domestica.

Antonio José tinha em casa outro inimigo, a ama de sua filhinha, queixosa como a negra e muito unida com ela, fazendo-lhe costas nos desregramentos; cuidadosa em lhe irritar os maus instinctos e incita-la á vingança. E assim foi que o poeta uma noite a escutou, como induzia a escrava a ir ao Santo Oficio acusar de judeus a todos da familia. Temendo as consequencias Antonio José quiz antecipar-se, e foi elle o que se apresentou no tribunal a requerer não dessem na Mesa credito ás denuncias da negra nem da ama, pois existiam contra ambas fundadas suspeições. E' crivel que este passo precipitado despertasse a atenção dos Inquisidores para o requerente e a curiosidade de verificarem até que ponto as suspeições invocadas teriam base. Nisto apareceu a denuncia de Simão Rodrigues da Fonseca. Não estava nomeado Antonio José; mas lá se incluiam a mãe e a mulher com o irmão e cunhadas. Era impossivel que os Inquisidores, sempre á cata das relapsias, não estabelecessem a conexão dos dois casos. Desde êsse instante deliberaram colher a todos de um mesmo golpe. Antonio José da Silva, contra quem não existia acusação positiva, denunciara-se a si proprio.

Aproximava-se a festa do Quipur, ou do dia grande da expiação, que é, abaixo da Pascoa, a solenidade maior do culto israelita. No degenerado judaismo dos cristãos novos não se perdera a tradição d'essa data de penitencia e exaltação mistica. Simão da Fonseca, que, ocioso, passava o tempo, parte em casa de André Mendes, parte de visita na de Antonio Froes, e por vezes ia, continuando na espionagem, ao Santo Oficio, não se descuidou de participar que os seus amigos se dispunham a comemorar o dia grande e se prestou a facilitar que os esbirros surprehendessem na acção os delinquentes. Não se acha consignado nos autos o ajuste, mas pelo seguimento do caso assim deve ter sido. Era no sábado 5 de Outubro a festa judaica e na antevespera se passaram os mandados de detenção, abrangendo estes as duas familias de André Mendes e Antonio José e juntamente Lourença Coutinho. Á falta de indicação, com que se pudesse instruir o processo e em que se fundasse o mandado relativo ao poeta, foi a prisão decretada por ordem vocal dada na Mesa dos Inquisidores pelo Cardial Nuno da Cunha, Inquisidor Geral nessa epoca, e que o foi quarenta e quatro anos, todo o tempo que D. João V reinou. D'este procedimento especial se fez menção nos autos, já no fim da causa, para descargo dos Inquisidores da Mesa, que tinham de proferir a sentença de morte. Efectivamente, ás formulas judiciaes, garantia do acusado, posto que debil, e ao indicio da culpa substituira-se o poder discricionario e a convicção já formada do juiz principal.

O escrupulo era justificado.

De tarde, pelas dezesete horas, batiam as familiares á porta da residencia de Antonio Froes, que Simão da Fonseca lhes veio abrir, segundo o estipulado, e, penetrando no interior, descobriram as seis mulheres sentadas no chão, á roda de uma candeia acesa, de lenços brancos na cabeça, signal de estarem praticando as devoções judaicas. Na cozinha apagado o lume, e em parte alguma preparativos ou vestigios de refeição nesse dia.(1) Para os conhecedores era evidente o jejum, ritual e a execução dos actos liturgicos, proprios da data.

Os familiares, á entrada, intimaram a todos a ordem de prisão, estendida para salvar as aparencias, a Simão da Fonseca, que ao chegar á Inquisição foi posto em liberdade. Ficaram nos carceres Pascoa dos Rios, mulher de André, Maria e Guiomar de Valença, mãe e tia do denunciante, duas visitantes amigas, e a criada de Antonio Froes, todos nomeados da denuncia. O dono da casa, ausente, foi aprehendido quando horas depois, ao anoitecer, regressava ao domicilio.

No mesmo dia e hora, Lourença Coutinho e Leonor de Carvalho, em suas residencias, experimentaram sorte igual ; André Mendes e Antonio José talvez quando entravam da rua. Contra o irmão mais velho, Baltasar, não havia, como sabemos, procedimento. Antonio José da Silva, homem de letras, foi conduzido ao carcere pelo Conde de Vilar Maior, socio da Academia de Historia ; ironia do destino, que de nenhum modo se pode crer intencional da parte de quem lhe distribuiu a missão. Prendeu a André Mendes o Visconde de Ponte de Lima ; a Lourença Coutinho o Marquez de Marialva ; a Leonor de Carvalho o Conde de

---

(1) Conforme a confissão de Maria Valença no Santo Oficio, e depoimentos dos familiares Francisco dos Reis Campos e Maximiliano Gomes da Silva.

Athouguria. Não extranhemos fazerem o mister de esbirros tão egregias personagens.

Para a fidalguia da epoca, pelejar com os mouros em Mazagão, acompanhar na rua o Santissimo, intimar a prisão aos hereticos e escoltá-los nos autos da fé, tudo eram modos de servir a religião, entre si equivalentes, e como tais dignos da tradição de seus nomes.

Com a mãe e a mulher de Antonio José, a ultima pejada de um filho, que deu á luz nesta lugubre morada, foi trazida e recolheu á cadeia da Penitencia para indagações a escrava Leonor. Essa, tambem em vesperas de maternidade, ali morreu de accidente de parto, não sem que antes houvesse dado vazão ao seu odio, e realizado a sua vingança.

Os carceres do Santo Oficio, menos hediondos certamente que as enxovias, onde pelo reino fóra se abrigavam os presos communs, não deixavam contudo de ser um lobrego recinto. A quadra media quatro metros por pouco mais de dois e meio ; sem outra abertura que a entrada, defendida esta por duas grades separadas pela grossura da parede. Da parte de fóra ainda a porta, de madeira, no alto da qual um caixilho vão dava passo ao ar e á luz escassa, que através do corredor vinha das janelas fronteiras, lançadas sobre as portas interiores. O tecto era de abobada, com sua cimalha, caiado e guarnecido de florões pretos, nos quaes se dissimulavam as frinchas por onde as espias, de cima, estendidos no fôrro, vigiavam os prisioneiros. O solo de ladrilhos. Alfaias, um estrado e sobre ele o colchão que trazia o preso ; uma esteira de tabúa, ou torado para assento ; o cantaro da agua e uma vazilha para os despejos, de que uma vez por semana se fazia a limpeza. Imagine-se o horror de atmosfera similhante, e o descommodo de quem, ainda naqueles tempos de asseio mingoado, tinha de a respirar. A' roda silencio de sepulcro ; era prohibido falar alto, e de qualquer modo buscar communicação com os detidos em outras cellas. A infracção punia-se com rigor, e então quebrava o calado do recinto o estalar dos açoutes, os gritos do paciente e a voz do Alcaide que bradava, para ser ouvido de todos : *Justiça que mandam fazer os senhores Inquisidores em um preso que ofendeu o regulamento !*

Já se vê que sem declarar o nome, porque o segredo era o regimen, e não deviam saber os presos que pessoas conhecidas podiam ter perto de si. A' entrada apalpava-se o recem-chegado, a quem não era licito, naturalmente, ter faca nem qualquer instrumento com que pudesse ferir nem ferir-se. Da mesma sorte lhe não consentiam ter papel nem penna, nem joias, nem dinheiro. (1)

Talvez seja elemento para se julgar das prosperidades materiaes de Antonio José da Silva, saber-se que ao entrar na prisão lhe encontraram no bolso 75 réis. Nem o theatro nem as occupações de advogado lhe trariam renda pingue. O inventario dos bens revela um lar modesto. O que mais avultava, e vem na cabeça do rol, eram os livros, parte herança do pae certamente, e de que alguns pertenciam ao irmão Balthazar, declaração sua, não incrivel. Moveis poucos. Objectos de mais valor seis colheres e seis garfos de prata, e umas joias modestas. Dividas não tinha, quer proprias, quer a receber de outrem.

Da sua pessoa sabemos era de mediana estatura, magro, cabelo castanho, que usava curto, tez clara e feições miudas. Estes os sinaes que davam d'ele os esbirros, espias dos carceres, e pelos quais não seria facil distingui-lo em qualquer pequeno ajuntamento. Isso, que bastava á espionagem, a nós nada nos diz, e se pouco, em summa, logramos saber do homem pelas acções, menos ainda pelo retrato. Sómente, seus escriptos, e as laudas dos processos, avivam um pouco os contornos á imagem vaga que d'ele formavamos, sugerida por um fim desgraçado.

Quem pessoalmente o tivesse conhecido encontraria porventura uns longes de ares seus, na grosseira pintura com que o Santo Oficio perpetuava a memoria dos réus queimados. Obra de artista bisonho e barato — pagava-lhe a Inquisição 1500 réis e o jantar — feita de relances e a furto, quando o modelo, nas horas derradeiras de oratorio, aguardava a morte. Cabeça como que degolada, em cima de brasas, tal era o quadro : a semelhança dispensava-se e o nome á volta era o que autenticava a copia. Em algum recanto da igreja de S. Domingos estava a funebre galeria. Evora e Coimbra tinham egualmente as suas, para os réus de cada uma.

Em Lisboa deve ter o terremoto grande destruido a colecção. As outras dispersa-las-ia o odio dos interessados, quando foi abolida a instituição; ou talvez antes a reforma pombalina, que lhe d outro regulamento. A eterna ignominia que o retrato impunha aos réus foi, como todas as eternidades que os homens determinavam, transitoria. Tambem a de Antonio José, que sob aquele aspecto devia transformar-se em gloria, igualmente se esvaiu.

Cinco dias após as prisões foi chamada a testemunhar a negra Leonor. Suas informações não passam das trivialidades sabidas : casas limpas a fundo antes da noite de sexta-feira ; mudança de roupa aos sabbados ; faltas á missa nos dias de obrigação ; jejuns, para justificar os quais, sendo os amos pessoas saudaveis, ás sextas-feiras de tarde geralmente adoeciam, o que era pretexto para não comerem. Os parentes faziam o mesmo, e de toda a familia só Baltasar e a mulher eram verdadeiramente cristãos.

Desde a entrada nos Estaus, em Outubro 5, até 28 de Novembro, quatro vezes foi chamado Antonio José á presença do Inquisidor Theotonio da Fonseca Souto Maior para os costumados interrogatorios. D'ahi, até Maio seguinte, permaneceu na masmorra, sem audiencia, como que esquecido. Assim não era, comtudo havia um mês.

No dia 8 de Abril apareceu o Alcaide dos carceres a comunicar ao Inquisidor que o preso, são na aparencia, não comia o jantar ás quintas-feiras, abstinencia que ele tinha por jejum judaico. Não colhendo dos demais presos elementos necessarios para fazer caminhar o processo, recorrera o Inquisidor ao meio normal da vigilancia, pelas ocultas aberturas do tecto. D'ahi proveio a denuncia do Alcaide, seguida de mais observações. Cada dia dois esbirros, do esconderijo, ora um ora outro, desde a madrugada até que á noite Antonio José adormecia, em observação continua, lhe espreitavam os passos no carcere, os movimentos e os gestos. Dêste modo verificaram de 2 a 17 de Abril, em diferentes dias, cinco jejuns. Por deficientes que sejam os testemunhos, não se podendo

---

(1) Parte d'estes pormenores encontram-se na obra : *Narrativa da perseguição de Hippolyto José da Costa* (Londres, 1811). O autor fora preso em 1802, por ser maçon. Outras na conhecida obra, publicada no seculo XVIII : *Noticias reconditas do modo de proceder a Inquisição com seus presos.*

assegurar que as abstinencias realmente obedeciam a motivo religioso, a ilação tirada pelos juizes parece não ser infundada.

Para adquirirem a certeza ordenaram eles uma traça, igualmente usual: pezames na cela com Antonio José outro preso, desconhecido, que eventualmente, para merecer sentença benevola, poderia denunciar os actos suspeitos do companheiro. Assim de facto sucedeu. José Luis de Azevedo, ferreiro, cristão novo acusado de judaismo, foi o presuposto espia. Não seria impossivel que na passagem de carcere alguma insinuação lhe fizessem. O certo é que, passados dois mêses, mandou pedir audiencia, e espontaneamente se foi acusar de haver feito varios jejuns judaicos, no carcere, a instigação e, acompanhado de Antonio José. Arrependido, por fim, ha declarado aquele que voltava á lei de Cristo, e não tornaria a jejuar. (1)

J. LUCIO D'AZEVEDO.

---

(1) Da fidelidade dêste testemunho poderiamos desconfiar, vendo condemnado o delator á pena de açoutes, como falso revogante, no auto de 1747. Logo ocorre que a revogação seria para rehabilitar Antonio José. Não foi porém assim : José Luis de Azevedo sentia escrupulo de haver acusado falsamente de judaismo a tres pessoas da familia : uma filha, uma cunhada, um sobrinho ; systema de defesa usual, como sabemos, pelo receio de que tambem da outra parte houvesse a denuncia. Sucedeu comtudo que as declarações da cunhada, talvez tambem simuladas, desmentiam a revogação, confessando os mesmos actos de que ele apontara a falsidade. A consequencia foi moverem-lhe segundo processo : e a Inquisição era severa quando se cria enganada.

Durante o Verão

A CERVEJA ANTARCTICA

refresca e fortifica

Exijam a marca ANTARCTICA

COMPANHIA ANTARCTICA PAULISTA

The Western Telegraph Co., Ltd.

em trafego mutuo com as empresas

EASTERN TELEGRAPH WESTER UNION TELEGRAPH

Estabelecida no Brasil em 1874

Cabos submarinos para os Estados do Norte e Sul e para todos os paizes do mundo

Estações no Brasil

Serviços especiaes e taxas mui reduzidas

Acto de fé

(OU O DEMONIO AZUL)

A vida de Jean Cocteau foi uma extraordinaria Aventura, deu a volta ao mundo sem sahir dos arredores da Magdalena.

(*DRIEU LA ROCHELLE*).

Revede uma paisagem por onde passou Cocteau, ser-vos-á impossivel se tiverdes gosto de encontrar n'ella uma outra forma sinão aquella que elle definiu em um traço.

(*LUCIEN FABRE*).

O Potomak... é como um estudo biologico da formação do Protoplasma mental sobre o qual repousa nossa vida mais secreta.

(*PAUL MORAND*).

Agrada-me que esta intelligencia goste de se arriscar em uma certa treva, procurando dizer a mentira das coisas, seu direito e avesso, e que as palavras "Plonger" e "Déplonger" voltem tantas vezes nesta poesia creando uma especie de elemento tão difficilmente praticavel onde só os poetas teriam direito de entrar.

(*JEAN CASSOU*).

Offerecendo-me "ESCALES" á bordo do "MASSILIA", fez-me o meu amigo S. Z. um desses presentes maravilhosos como o que as fadas depunham no berço das crianças ao nascerem.

Deu-me elle uma chave para as portas desconhecidas de meu coração. Não podia eu escolher para traduzir meus pensamentos quem melhor os comprehendesse que S. Z. e a elle os meus agradecimentos.

Deixamos Lisbôa.

Em pleno oceano, illuminadas pelas côres de Lhote, as palavras de Cocteau desfilavam celeres em minha memoria, qual sarabanda estonteante de desenhos animados.

"Le manège á vapeur regarde s'en aller
"Interminablement le paquebot Touraine
"Il donnerait tout l'or de sa gloire foraine
"Pour défaire sur l'eau son voyage enroulé",

No fundo o caso era grave.

Toda uma educação sentimental a refazer.

Uma brecha aberta no mundo dos preconceitos adquiridos, a visão de novos horizontes, a perspectiva de novas directrizes.

Dias passados na fazenda, entre plantações de canna e de café, longe do ruido de uma civilisação agitada e vã, approximaram-me da terra, pondo-me em mais intimo contacto com a obra de Jean Cocteau. E' extranho o quanto emana de real, de vivo e de sincero á leitura do "Grand Écart". Este livro pequeno e rubro como um coração, fazia-me voltar da orla de florestas virgens, á vida intensa e febril de Paris. Elle tornava-se deante dos raios perpendiculares do sol, á sombra verde da matta tropical illuminada de orchideas selvagens, uma essencia mysteriosa e penetrante, que junta ao poder evocativo de uma habil coordenação de palavras, como que dissolvia meu cerebro, dando-lhe forma e faculdades novas de sentir e de pensar.

Mais tarde, á hora perversa das corridas de automoveis, dos films precipitados, dos accidentes ferroviarios e dos jornaes da tarde, li "Thomas l'Imposteur" orgulhoso em deparar com o problema que preoccupa todos os espiritos, e que Cocteau acabava de desvendar em sua linguagem magica, sob a forma de equação, para maior realce da incognita.

"Le Potomak" foi a explosão de magnesio. Comprehendi então, vi de um só golpe, o quanto inconscientemente tinha evoluido.

Mais antigo, que os outros, esse livro me introduzia na arte poetica por excellencia

Do terreno monotono de um país archaico, elle — elevava-se, aeronave soberbo, a planos superiores, transportando-me comsigo além dos cimos habituaes á regiões inteiramente desconhecidas, magnificamente bellas em sua orginalidade. (E os "Eugénes" foram desde então meus inseparaveis companheiros).

Tal era a disposição e a ansia de meu espirito quando a providencia veio em meu auxilio sob a fórma de mãos amigas, affastando as ultimas difficuldades de modo a permittir-me vê-lO e mesmo fallar-lhe.

Era necessario para isso atravessar o denso roseiral, que de sua casa perfuma a Rua de Anjou.

Foi em 19 de Fevereiro de 1925, unico dia em que Paris se cobriu de neve durante este inverno.

Como me lembro!...

Finas palhetas
A Neve
Branca
Brilhante
Confundia-se no instante
com o frio que fazia.
A neve
Cobria generosa
Com o manto que tessia
As arvores despidas
núas
As casas tristes
as ruas
E o frio que fazia...

O elevador, impassivel em sua gaiola de vidros coloridos, não se emocionou á meus appellos.

Subi os degráos quatro a quatro.

Um creado grave abriu-me a porta.

Balbuciei esfalfado: "Vêr... o Sr. Cocteau... uma carta do Brasil... do Sr. Hoppenot!...

Elle fechou a porta, todas as portas, deixando-me só numa sala habitada por lustres, tapetes, velludos e prateleiras symetricas onde os livros se alinhavam.

Sobre uma bandeja de prata, um par de grossas luvas de lã, como que talhadas no pello de algum animal branco e preto.

Esperei fixando-as intensamente.

Assim muitas vezes decorrem longos momentos que nos separam daquelle ansiosamente desejado, tempo gasto em fixar pequenas minucias de objectos banaes para distrahir a attenção irritada com a exclusividade de seu fito e com a demora da espera. Procuramos então descobrir na estructura intima desses objectos um sentido novo, como se suas formas primitivas e grosseiras encerrassem o symbolo de um sentimento occulto ou de uma idéa eternamente ignorada.

Pensava eu nas mãos que tinham fabricado aquellas luvas, e nas que agora as calçavam.

Eram 11 horas.

No fim de vinte minutos, introduziram-me no laboratorio, onde ainda fiquei só.

Esta peça, ampla e muito clara, nada tem de commum com o antro fantasmagorico onde os alchimistas em togas pretas, á simples luz natural do phosphoro filtrada através teias de aranha, tentavam a fabricação do ouro em retortas disformes.

Nem tão pouco se assemelha ao gabinete de um Cagliostro, com mulheres hystericas presas á parede por longos alfinetes. Foge ainda da atmosphera do laboratorio de um physiologista moderno, em avental branco, com tubos de ar liquido ou de raios cathodicos na mão, á queimar o cerebro de cães vivos aos uivos e ganidos destes.

E' um laboratorio de imaginação e de idéas, onde reina o espirito novo de uma nova arte viva, no meio da mais superealista das atmospheras.

Deixem que lhes mostre esses scenario inesquecivel.

Uma mesa immensa coberta de papeis, muitos papeis, desenhos e de livros. Ainda sobre a mesa uma taça cheia de pequenos cubos de crystal no fundo d'agua; um naviosinho de vidro á boiar na superficie. Uma cama estreita onde o poeta muitas vezes trabalha, coberta por um encerado preto todo sarapintado de flores, tal monstruoso apparelho photographico donde o artista colhe impressões.

Livros em revolta, em pilhas desfeitas, em montes desconexos, isolados, em grupo, pelo chão, entreabertos e martyrisados á mendigarem humildes a minha protecção contra o Demonio Azul, contra o cataclysma bibliographico.

Ao alcance de minhas mãos as obras de Nietzsche. — Acolá traducções inglezas das obras de Cocteau. Traducções Allemães. Traducções espanholas.

Ainda: no fundo de uma garrafa, fixo, immovel, hieratico, um barco veleiro. Um kaledoscopio no qual pedaços de arminho rosa e de papel verde, transformam-se em recifes de coral e esmeralda liquida.

Nas paredes, retratos: — Picasso, Radiguet. Em frente á cama, um quadro irreal — azul, rosa cinzento e preto de Marie Laurencin.

Reconheci immediatamente — (intuição? — Cocteau naquelle retrato, hypnotisando os importunos com dois olhos de carvão em braza, mais duros e mais penetrantes que diamantes negros. Retrato tão fiel, tão real, tão palpitante de vida intensa, tão faiscante de intelligencia, que mais se parecia com elle que elle mesmo, surgindo de subito envolto num roupão azul, a physionomia aberta e franca recortada pela neve da espuma de sabão que lhe cobria o rosto, como uma paisagem tortuosa do planeta Marte.

— "Caro amigo mil perdões... Em cinco minutos estou prompto e levo-o a almoçar no Bœuf sur le Toit".

Ao sahir, calçou as luvas de lã. Acompanhei-o já saudoso daquelle ambiente hallucinante de bolas de vidro ouro e prata, de balões coloridos a pontilhar tectos infinitos entrevistos de realce num ultimo olhar de despedida...

Seria sómente aquillo, o arsenal do Demonio Azul ?

Li ultimamente um livro curioso: "Le Nouvel Adam". Trata-se de um homem em quem a cirurgia moderna, transplanta em pleno cerebro um fragmento de tecido animal gerador de forças nervosas por meio do qual elle adquire uma intelligencia cem vezes mais poderosa que a nossa. Assistimos assim as manifestações desse monstro creador, descobrindo e comprehendendo a priori o que gerações de sabios conseguiram vislumbrar através os seculos.

Cocteau é um "Novo Adão". Espiritos retardatarios, aferrados á rotina, incapazes de comprehender além do que lhes foi ensinado, mais do que lhes permittem seus preconceitos, julgar-lhe-hão louco ou perversamente confuso.

E no emtanto o que elle conseguiu é incommensuravel: a expressão maravilhosamente humana do pensamento e da sensibilidade, na mais pura e na mais transparente de suas imagens. E' este o milagre de toda sua obra, de toda sua poesia, de todos seus livros: livros de prece; livros de lamentações; livros de lagrimas e de luz; livros de viagens e da escala chromatica; livros de ascensão, de guerra, de somno, da dôr, do carinho; livros da morte!

Livro da saudade; livro dos amigos eternamente queridos — Garros — Jean le Rov — Radiguet.

Accroche-toi bien Garros
Accroche-toi á mon épaule
.....
Je t'emporte á mon tour
aviateur de l'encre
moi
et voici mes loopings
et mes records d'altitude.

Adeus passeios em avião onde cada volta de helice marcava momentos de extase! Adeus terra.

Adeus mão de urso querida!

Cada dia, o mundo desequilibra-se em sua pupilla, na hora fatal, lembrando-lhe assim a excursão feerica no espaço.

No Bœuf sur le Toit, pouca gente ao almoço. Algumas russas mal acompanhadas, um casal de americanos, tres editores entre os quaes Crasset, e solitario numa mesa, Marcel Herraud, o interprete extraordinario do theatro de Cocteau. No espelho defronte ao Jazz, um furo por onde os musicos vêem ás escondidas, os manejos da cozinha.

Elle me pede noticias do autor de "Moharem".

Eu fallei-lhe do azul do nosso céo tropical, das nossas montanhas verdes e roxas,

do nosso coração ardente e por fim do Carnaval do Rio por approximar-se a época. Elle entusiasmava-se a cada pormenor, contente e surpreso com a nossa loucura contagiosa dos tres dias sagrados.

Descrevi-os duellos apaixonados a ether perfumado, a atmosphera delirante das ruas, as praças por demais illuminadas, enguirlandadas de côres vivas e onde chuvas continuas de rosas verdes, de lirios azues e de violetas brancas caem sem cessar. Palhaços, Pierrots, Arlequins! Elle adivinhava e comprehendia. Entristeceu.

— "E eu não poder ir vêr este paiz maravilhoso! Não posso supportar a travessia. Uma excursão maritima, pequena portanto, deixou-me desastrosa recordação. Os grandes transatlanticos me apavoram!" E de coração elle se lamentava. Seu sonho seria, como Paul Morand, viajar sem cessar, armazenar impressões, visitar amigos longinquos.

Assim fallava aquelle que, primeiro fez em companhia de Garros, uma gymnastica aerea vertiginosa no céo de França: "O Looping the loop".

"Ser-lhe-ha necessario esperar as communicações aereas", disse-lhe eu.

Elle almoçou uma pera, comida com colher como se come o abacate. Fallou-me de medicos, e de uma therapeutica curiosa, das mãos divinas de um hindu, que por meio de massagens profundas e repetidas fazia desapparecer as dores e suas causas. Contou-me a morte de Radiguet, o soffrimento que o aniquilou com a perda do amigo de todos os instantes, e o modo por que suas pernas inertes, paralyticas com a emoção readquiriram vida e movimento, sob a influencia do magico.

Durante esse tempo, diversas pessoas vieram felicitar-lhe. Mostrou-me a vaidade daquellas palavras, a inutilidade dos gestos affectados, pois elle, modesto, timido de uma simplicidade absoluta, não tem outro orgulho sinão o de seu pudor.

Um outro dia, como eu insistisse na sua viagem ao Brasil, elle contou-me seus projectos de 1914, escriptos em suas poesias.

Notre projet (tu te souviens)
Sur voler bas
Sur jungles profondes.

Queria vôar á pouca altura sobre os recantos selvagens do norte da Africa á roçar quasi as copas das arvores, para surprehender a vida no fundo das clareiras.

E sua emoção reflectia o sonho de uma tal aventura não mais sobre as Jungles africanas, mas por cima do espirito virgem de nossas florestas, onde seus olhos penetrantes advinhavam, posto que cerrados, os macacos, as serpentes, borboletas enormes, indios e plantas desconhecidas.

Um mundo livre e selvagem ao vivo.

Fazia frio, quando subiamos a rua Boissy d'Anglas.

Assisti tempos depois á conferencia que elle fez no Coliseu, para a Universidade dos Annales. Sala repleta, a conferencia sendo especialmente para moças.

Em todos os olhos, brilhava interesse, ao som de sua voz penetrante e incisiva. Perfil de vencedor. Fallou do escandalo, sem portanto esquecer dos amigos.

Caçoista, ironico, quebrando as palavras torcendo as phrases ante o auditorio attento, narrou a farça tragicomica do publico de Antigone, representada successivamente no "Atelier" e no "Vieux Colombier" e julgada um desastre depois uma obra prima pelo mesmissimo publico. Sobre o cartaz azul, a primeira vez, lia-se "Antigone" de J. Cocteau. Na segunda vez, intercalou o autor, entre o titulo e seu nome uma simples phrase: "de Sophocles, adaptação livre de". Texto identico, mas o publico que julgou-a incomprehensivel e absurda a primeira vez applaudiu-a então freneticamente. Fallou ainda de Eric Satie, amigo para o qual edificou uma columna de gloria.

Quizera tambem tel-o ouvido no Collegio de França, quando á sombra protectora de C. Bernard elle dirigiu-se aos estudantes.

E para terminar, deixai-me mostrar-vos seu coração no coração alheio: Uma senhora minha conhecida, tão bella quanto intelligente escreveu-me de Paris:

"Acabei de decorar as paredes de meu quarto com tres linhas de musica e estas palavras de Cocteau":

"Celui qui aime écrit sur le murs".

L. J. DE LIMA E SILVA.

Subsidio e ajuda de custo

(AO TEMPO DO IMPERIO)

Reza a Constituição da Republica: "Artigo 26. Durante as sessões vencerão os senadores e os deputados um subsidio pecuniario egual, e ajuda de custo, que serão fixados pelo congresso, no fim de cada legislatura, para o seguinte:

Sobre o subsidio do presidente e do vice-presidente da Republica dispõe a Constituição: "Art. 46. O presidente e o vice-presidente perceberão subsidio, fixado pelo Congresso no periodo presidencial anterior".

O projecto de Constituição do Imperio do Brasil, considerado pela Constituinte de 1823, dispunha: "Art. 77. Tanto os deputados, como os Senadores vencerão durante as sessões um subsidio pecuniario, taxado no fim da ultima sessão da legislatura antecedente. Além disto se lhes arbitrará uma indemnisação das despesas de ida e volta".

Na quarta sessão preparatoria da Assembléa Constituinte, em 1 de maio de 1823, travou-se sobre a acta esta interessante discussão:

"O sr. ANDRADA MACHADO: — Parece-me que nesta acta não se declarou a hora em que se levantou a sessão; e deve sempre declarar-se quando se abrem e fecham as sessões, pois somos assalariados do publico, e este tem direito a saber o tempo que trabalhamos.

O sr. CARNEIRO DE CAMPOS: — Sr. Presidente, como ouço dizer que somos assalariados direi o que entendo sobre este objecto. Nunca em direito se chamou salario ao que recebemos por tão nobres e augustos trabalhos. Em direito sempre se distinguiu o trabalho braçal do trabalho mental. Naquelle é que se dá o nome de salario ao que por elle se recebe, e não neste. Aquelle paga-se e este não recebe pagamento, mas sim uma gratificação, que se chama honorario. O que nós recebemos são propriamente alimentos, e não paga de trabalho, porque sendo puramente mental, se considera tão precioso, que não pode ser avaliado, como é o trabalho braçal. Todos nós, como membros da sociedade civil temos obrigação de a servir segundo as nossas faculdades; quando a nação nos chamou nada mais fez do que exigir de nós a prestação de um dever a que estamos obrigados; nem temos direito de pedir que se nos pague aquillo que devemos prestar, e de que não nos podemos excusar; mas como nem todos têm seguros e certos os meios de sua subsistencia de maneira que, livres de todos os cuidados de sua mantença, possam dedicar-se inteiramente ao serviço que a patria lhes destina, por isso a nação, para nos desembaraçar de cuidados, que nos distrahiriam, e consumiriam o tempo, que devemos empregar utilmente em seu serviço, nos assegura alimentos, mas nunca estes se poderão reputar paga dos prestantes serviços, que fizermos.

Seguiram outros deputados a opinião do sr. Carneiro de Campos, fazendo egualmente nascer da differença de trabalho a necessidade de empregar termo differente para significar a recompensa de cada um.

O sr. ANDRADA MACHADO: — Sr. Presidente, admiro a morbida delicadeza dos meus collegas; a palavra "salario" fere-lhes os ouvidos, mas a realidade, isto é, a paga certamente não lhes desagrada. Eu, pelo contrario, como admitto a cousa, não me arripio

com a expressão. Em economia politica, sr. presidente, chama-se salario toda a paga de um serviço, ou seja serviço mental ou industrial. Sei que os jurisconsultos dão differentes nomes ás pagas dos diversos trabalhos, honrando com o de honorario a paga do trabalho mental, mas não vejo a razão da differença; todo o trabalho é mais ou menos mental e deveria por isso ter toda a sua paga o nome de honorario. Fallemos claro, a distincção do nome não tem base na natureza, teve a sua origem no orgulho e vaidade das classes poderosas da sociedade, que, para em nada se confundirem com o povo, buscavam com ardor, ainda as mais insignificantes discriminações; mas isto deve entre nós cessar; classificações odiosas, distincções injuriosas á massa do povo não podem fazer parte do regimen constitucional; outra deve ser a ordem das cousas; gradações e não classes veremos daqui em deante. Si, pois, sr. Presidente, todo o serviço que não é gratuito, é na realidade assalariado, bem que mascarada venha a paga com alcunhas, mais sonoras, si nós não servimos de graça, como nos corremos de chamarmo-nos assalariados? A vergonha está na cousa, não no nome; é, em verdade, pouco airoso que façamos por paga o dever de cidadãos, e que não possamos, como na Inglaterra e França, representar sem paga os interesses nacionaes; mas si as circumstancias do nosso paiz nos excusam, para que espernear ao som da palavra, que não faz mais do que exprimir o que é?

O sr. RIBEIRO DE ANDRADA: — Salario é o pagamento, é a recompensa de trabalhos, seja este physico ou intellectual. O nobre preopinante, o sr. Carneiro, mostrou que havia differentes especies de trabalho; mas como o pagamento se faz sempre na mesma especie, e é, portanto o mesmo para qualquer trabalho, segue-se que mui exactamente se emprega o mesmo termo para significar o pagamento em qualquer dos casos. Por isso concordo com o illustre membro, que acaba de fallar, em que nós desgraçadamente somos assalariados. Eu não vejo nisto mais que uma questão de palavras.

O sr. CARNEIRO DE CAMPOS: — E' verdade que a questão é de nome, mas como as palavras exprimem idéas, é necessario a exacção d'ellas, para termos idéas claras e evitar confusão em que se labora, quando se não usa de palavras proprias. Si tivessemos uma prosodia bem exacta, não confundiriamos tantas vezes as nossa idéas. Quanto ao que disse o illustre preopinante sobre a distincção de honorario e salario, fazendo-a nascer da distincção das classes, que até nos trabalhos não queriam confusão, não concordo; a distincção nasce da natureza do trabalho: ninguem jámais egualou o trabalho mental ao braçal. Ninguem dirá que não é por sua mesma natureza mais nobre o trabalho do talento, meditação, e puro raciocinio, do que aquelle que dependendo mais das forças physicas, apenas exige mui pequena intelligencia para o dirigir bem; e não é tão superflua esta distincção quando della resultam effeitos tão diversos, quanto são bem distinctos os salarios, de que se chama honorario, gratificação, ou alimentos. (*A' ordem, á ordem*).

Sr. Presidente, não sei em que faltei á ordem!

O sr. LOPES GAMA: — Sr. Presidente! Eu só quero perguntar, visto que todo aquelle que recebe subsidio é assalariado, si o imperador, porque o recebe, tambem e assalariado?

O sr. ANDRADA MACHADO: — E quem póde duvidar que, neste sentido, tambem o imperador é assalariado?

O sr. PRESIDENTE: — Parece-me que esta materia não é objecto de votação.

Um sr. DEPUTADO: — Isto não é mais do que uma conversa, que nada tem com a questão. (Estas palavras motivaram algum susurro, que o sr. Presidente fez cessar, e nao continuou o debate)".

O decreto de 3 de junho de 1822, que mandou convocar uma Assembléa Geral Constituinte e Legislativa composta de deputados das provincias do Brasil, accrescentava, — "os quaes serão eleitos pelas instrucções que forem expedidas".

Essas instrucções foram expedidas, por decisão do governo n. 57, de 19 de junho de 1822, pelo ministerio do Reino, e dispunham no seu capitulo IV:

"4. — Os Deputados receberão pelo The-

souro Publico da sua provincia 6.000 cruzados annuaes, pagos a mezadas no principio de cada mez; e no caso de que haja alguma Provincia, que não possa de presente com a despesa, será ella paga pelo cofre geral do Thesouro do Brasil, ficando debitada á Provincia auxiliada para pagal-a quando, melhoradas as suas rendas, o puder fazer.

5. — Os Governos Provisionaes proverão aos transportes dos Deputados das suas respectivas Provincias, bem como ao pontual pagamento de suas mesadas.

6. — Ficarão suspensos todos e quaesquer outros vencimentos, que tiverem os Deputados, percebidos pelo Thesouro Publico, provenientes de empregos, pensões, etc."

Posteriormente, foi expedido o Decreto — de 17 de fevereiro de 1823, que "Explica o Decreto de 3 de junho de 1822 sobre subsidio dos Deputados á Assembléa Constituinte", nestes termos:

"Tomando em consideração as duvidas, que se tem offerecido, sobre a intelligencia do § ó.º do Cap. 4.º das instrucções, a que se refere o Decreto de 3 de junho do anno proximo passado, que manda convocar uma Assembléa Geral Constituinte e Legislativa neste Imperio do Brasil, por onde se determina que ficarão suspensos todos e quaesquer outros vencimentos, que tiverem os Deputados percebidos pelo Thesouro Publico, proveniente de empregos, pensões, etc.: Hei por bem declarar que esta disposição é relativa sómente áquelles vencimentos, que não são superiores aos que foram determinados para os Deputados da mesma Assembléa; pois que, não podendo cidadão algum excusar-se de acceitar a nomeação, que nelle recahisse, seria injusto prival-o de um ordenado mais vantajoso, do que gozasse, pelos seus merecimentos, e serviços, ficando assim de peior condição, que os outros, a quem a Nação não chamou para o desempenho de tão augustas funcções: bem entendido que os que gozam de maior ordenado, não podem perceber o que lhes competiria como Deputados. MARTIM FRANCISCO RIBEIRO DE ANDRADA, do Meu Conselho de Estado, Ministro e Secretario de Estado dos Negocios da Fazenda, e Presidente do Thesouro Publico, o tenha assim entendido, e faça executar com os despachos necessarios. Paço em 17 de fevereiro de 1823, 2.º da Independencia e do Imperio. Com a rubrica de Sua Magestade Imperial. *José Bonifacio de Andrada e Silva*".

A Constituição Politica do Imperio do Brasil dispunha:

"Art. 39. Os deputados vencerão, durante as sessões, um subsidio pecuniario, taxado no fim da ultima sessão da legislatura antecedente. Além d'isso se lhes arbitrará uma indemnisação para as despesas da vinda e volta".

"Art. 51. O subsidio dos senadores será de tanto, e mais metade do que tiverem os deputados".

Entre as decisões do governo, em 1825, encontra-se a seguinte:

"N. 199. — Imperio. Em 5 de setembro de 1825. Manda abonar aos Deputados á Assembléa Legislativa a quantia mensal de 100$000, até que, installada a Assembléa, recebam os respectivos vencimentos.

Sendo indispensavel que os Deputados da futura Assembléa Legislativa, que teem chegado, e forem chegando a esta Côrte, subsistam com a decencia correspondente ao nobre encargo com que os tem honrado a Nação: Manda S. M. o Imperador pela Secretaria de Estado do Imperio participar ao Ministro e Secretario de Estado dos Negocios da Fazenda, para sua intelligencia e expedição dos despachos necessarios, que ha por bem que, desde o dia da sua chegada se lhes pague pelo Thesouro Publico a quantia mensal de 100$000, até que recebam, installada a Assembléa, os seus respectivos vencimentos. Palacio do Rio de Janeiro em 5 de setembro de 1825. — *Estevam Ribeiro de Rezende*".

De facto, as Instrucções para se proceder ás eleições das camaras de deputados e senadores da Assembléa Geral Legislativa do Imperio do Brasil, e dos membros dos Conselhos Geraes das Provincias", expedidas com o decreto de 26 de março de 1824, que "manda proceder á eleição dos Deputados e Senadores da Assembléa Geral Legislativa e dos Membros dos Conselhos Geraes das Provincias", rezavam no capitulo IX, *Providencias geraes*: "§ 2.º Os Deputados da Assembléa

Nacional receberão pelo Thesouro Publico de sua Provincia seis mil cruzados, na forma do art. 39 da Constituição, o Decreto de 11 de fevereiro do anno proximo passado; e no caso que haja alguma Provincia, que não possa de presente com essa despesa, será ella paga pelo cofre geral do Thesouro do Brasil, ficando debitada á Provincia auxiliada, para pagal-a quando, melhoradas suas rendas, e puder fazer.

§ 3. Os Governos Provinciaes proverão aos transportes dos Deputados de suas respectivas Provincias, bem como ao pontual pagamento de suas mezadas, remettendo-as ao Thesouro Publico.

§ 4.º O subsidio dos Senadores será de tanto, e mais metade do dos Deputados, na forma do art. 51 da Constituição, tendo a opção, concedida no Decreto de 11 de fevereiro do anno proximo passado".

Na sessão de 26 de julho de 1826 da Camara dos Deputados o então Deputado por São Paulo Nicoláo de Campos Vergueiro apresentou este projecto de lei:

"A Assembléa Geral decreta:

O subsidio pecuniario que o art. 39 da Constituição concede aos Deputados e o artigo 51 aos Senadores, fixado na lei de 26 de março de 1824, para a presente legislatura, na quantia de seis mil cruzados áquelles, bem como as despesas de viagem, regular-se-há, nos tres ultimos annos da mesma legislatura, da maneira seguinte:

Art. 1.º Os Deputados vencerão o subsidio de 7$000 por dia desde a primeira sessão preparatoria, si nella assistirem, ou desde o primeiro dia em que assistirem até o dia de seu encerramento.

Esse subsidio continuará na prorogação da sessão annual, havendo-a, e terá egualmente logar nas sessões extraordinarias.

Art. 2.º — Os Deputados residentes fóra do Rio de Janeiro, que declararem não poder regressar á sua Provincia, não ficando na Côrte por negocio proprio, vencerão por dia, no intervallo das sessões, 3$500.

Art. 3.º Os Senadores vencerão, nas circumstancias do art. 1.º 10$500 por dia e, nas circumstancias do art. 2.º, 2$450.

Art. 4.º Os Senadores e Deputados que recebem os subsidios declarados nesta lei, ou seja na effectividade das sessões, ou na vacancia d'ellas, não poderão receber outro algum vencimento da Fazenda nacional de qualquer natureza que seja. Poderão, porém, renunciar os subsidios do anno inteiro e, com o documento d'essa renuncia, haver os vencimentos a que tiverem direito.

Art. 5.º As indemnizações para ida e volta serão arbitradas pelos Conselhos das Provincias, que as fixarão desde a capital da Provincia, com augmento fixo por legua aos que morarem em maior distancia e diminuição aos que morarem em menos.

Paço da Camara dos Deputados, 26 de julho de 1826. Nicoláo Pereira de Campos Vergueiro".

Esse projecto, depois dos tramites regimentaes, foi rejeitado na sessão de 7 de agosto de 1827, subsistindo, por isso, o estabelecido nas instrucções de 26 de março de 1824.

Em 27 de maio de 1829 foi apresentado á Camara dos Deputados um projecto da Commissão de Pensões e Ordenados, elevando o subsidio a 20$000 diarios, pagaveis do "dia em que os Deputados se apresentassem á Camara cada anno".

Em 2 de outubro de 1830, é lido, na Camara dos Deputados, um parecer, no qual se preceitúa "que a todo o Deputado que tomar assento se mande dar a quantia que fôr necessaria para preencher os dous contos e quatrocentos mil réis, descontada a quantia correspondente aos dias que faltou desde o dia 3 de maio".

Em 1832, Castro Leão apresentou o projecto n. 132, no qual se dispunha que "os Deputados que não assistissem a toda a sessão, venceriam sómente a quota correspondente ao tempo em que a ellas assistiram", sendo rejeitado em sessão de 26 de agosto desse anno.

O Acto Addicional, de 12 de agosto de 1834, dispôs sobre as assembléas provinciaes. "Art. 22. Os membros das assembléas provinciaes vencerão diariamente: durante o tempo das sessões ordinarias, extraordinarias e das prorogações, um subsidio pecuniario marcado pela assembléa provincial na primeira sessão da legislatura antecedente. Terão

tambem, quando morarem fora do logar da sua reunião, uma indemnização annual para as despezas de ida e volta, marcada pelo mesmo modo e proporcionada á extensão da viagem. Na primeira legislatura, tanto o subsidio como a indemnização serão marcados pelo presidente da provincia".

A lei n. 143, de 20 de outubro de 1837, marcou aos deputados á Assembléa Geral o subsidio de seis mil cruzados para cada sessão.

Em 1850, o 1º Secretario da Camara dos Deputados assignalava que "os precedentes da Casa, até 1850, são que os srs. deputados vencem o subsidio a contar do dia em que tomam assento". E accrescentava: "Esse regimen de desconto, ainda que somente effectivo no começo das sessões, em relação aos Deputados que compareciam depois de 3 de maio, tende a desapparecer".

Pela lei n. 672, de 13 de setembro de 1852, o subsidio dos Deputados foi fixado em 2:400$000, haja ou não prorogação, e o seu art. 2º estabeleceu que a indemnização para as despesas da ida e volta fosse marcada pelo governo em tabella, que não poderá ser alterada, tendo em attenção as distancias da residencia dos Deputados e as difficuldades do transporte.

A ajuda de custo da viagem annual de vinda e volta foi designada pelos decretos de 2 de abril de 1853 e de 28 de fevereiro de 1854, variando de 150$000 até 1:200$000, segundo a distancia das provincias.

Em 1856, o Deputado Silva Guimarães propôs a elevação de subsidio a quatro contos, pagos mensalmente, além da ajuda de custo, accentuando que "ha trinta e tres annos que vive o corpo legislativo percebendo durante as sessões o subsidio que lhe fôra marcado em 1824 e, attendendo a que a vida encarecera no triplo". A esse projecto a Commissão de Constituição e Poderes offereceu este substitutivo, em 20 de junho: "Continúa em vigor, para a proxima legislatura, a lei n. 672, de 13 de setembro de 1852, que marca o subsidio dos Deputados". O deputado J. Henriques apresentou uma emenda a esse projecto, "mandando pagar o subsidio aos Deputados que, por doença, não compareçessem ás sessões, mas somente os Deputados da Côrte". Ribeiro de Andrada combateu essa emenda pela sua desegualdade referentemente aos deputados da Côrte e das provincias e apresentou esta outra: "Os Deputados nas prorogações têm direito ao subsidio proporcional". Na sessão de 28 de junho, o deputado Siqueira de Queiroz apresentou esta emenda: "O Deputado vencerá subsidio tão somente nos dias em que comparecer ás sessões". Contra essa emenda se insurgiu Ribeiro de Andrada, dizendo que "a sua acceitação seria amesquinhar a missão de Deputado, reduzindo-o á condição de jornaleiro". E a emenda foi rejeitada, bem como as demais apresentadas, resultando da proposição o decreto n. 872, de 21 de agosto de 1856, que manteve o subsidio vigorante.

Publicando o seu *Direito Publico Brasileiro*, em 1857, escreveu Pimenta Bueno: "A questão, ou conveniencia de abonar ou não um subsidio aos deputados, de exigir que tão honrosa missão seja preenchida gratuitamente, tendo em remuneração a gloria que della resulta, tem razões valiosas por uma e outra face. Nessa Constituição resolveu-a affirmativamente, e em nossa opinião com muito acerto.

E' o meio de aproveitar os talentos e virtudes dos que, possuindo pouca fortuna, soffreriam ruinoso sacrificio, entregando-se ao serviço do Estado sem os recursos necessarios, sem essa compensação. Abre pois o accesso á tribuna ao merito sem riqueza, o contrario seria estabelecer a aristocracia da riqueza, uma desegualdade politica contra a intelligencia.

Esta disposição não offende, como alguns sem razão arguem, a dignidade dos representantes da nação; pois que seria por em pratica uma causa, ou ao menos uma apparencia de humilhação, que excitaria sacrificios a muitos que não poderiam realizal-os".

E accrescentava: "Ainda quando se assigne aos deputados um subsidio, pode prevalecer a questão de não arbitral-o aos senadores. A Constituição resolveu-a, porém, tambem pelo lado affirmativo, mandando abonar tanto e mais metade do que se abona aos deputados.

Si ella não houvesse preferido este expediente, então deveria ser consequente, exigindo que o candidato ao Senado tivesse uma renda maior de que naquella que ella designa, e desde então dar-se-hiam os inconvenientes ponderados no paragrapho antecedente mormente em um país novo, onde ha poucas fortunas feitas e reunidas á intelligencia.

Os senadores não têm direito a auxilios de viagem, por isso que a lei presume que elles têm, ou devem ter residencia na Côrte capital do imperio".

Em 1860 discutiu-se o subsidio para a legislatura de 1861 a 1864. Na sessão de 30 de julho foi apresentada esta emenda, de autoria dos srs. Mendes de Almeida e Pereira Pinto: "O Deputado não poderá receber o subsidio senão desde o dia em que fizer effectiva a sua entrada na Camara, deixando de percebel-o logo conste sua retirada". Justificando essa emenda, o sr. Mendes de Almeida disse que a apresentou porque "era costume mandar-se pagar aos srs. Deputados o subsidio desde o primeiro dia de sessão, ainda que não tivessem comparecido desde o principio. E como lhe parece que não ha fundamento para isso, apresenta a sua emenda afim de que, no futuro, não tenha mais logar esse costume de se pagar o subsidio inteiro ao Deputado que não comparece desde o começo do primeiro mez da sessão". A emenda foi approvada.

Ainda nesse anno firmou-se o principio de que só tem direito á ajuda de custo o Deputado que viajasse da sua provincia ao Rio, não tendo sido adoptada a suggestão do deputado Sergio de Macedo de serem subsidiadas as prorogações, de accordo com o principio estatuido no art. 22 do Acto Addicional referentemente ás Assembléas provinciaes.

O Senado modificou o projecto da Camara, d'elle eliminando o § 1.º do artigo 1.º: "Os Senadores e Deputados não receberão o subsidio sinão desde o dia em que fizerem effectiva a sua entrada na respectiva Camara, e deixarão de percebel-o logo que constar sua retirada". Approvado o projecto, com as alterações do Senado, passou a ser o decreto n. 1.098, de 18 de setembro de 1860.

O decreto de 17 de agosto de 1866 nada innovou em relação ao subsidio dos Deputados.

Em 7 de janeiro de 1873 é julgado objecto de deliberação pela Camara dos Deputados este projecto:

"A Assembléa Geral resolve:

Artigo unico. O subsidio annual de seis mil cruzados para os Deputados e nove mil para os Senadores, marcados nos §§ 2.º a 4.º das Instrucções que baixaram com o decreto de 26 de março de 1824, para a primeira legislatura, e fixados para as legislaturas posteriores, pelos decretos de 25 de setembro de 1829, de 23 de outubro de 1832, de 20 de outubro de 1837, de 13 de setembro de 1852, de 21 de agosto de 1856, de 18 de setembro de 1866, deve ser entendido segundo o padrão monetario da época em que foram promulgadas aquellas Instrucções e pago, de ora em deante, com a correspondente differença do valor da moeda". Seguiam 47 assignaturas.

A commissão de Justiça opinou favoravelmente á constitucionalidade d'esse projecto e requereu que a de Fazenda fixasse o "quantum" do subsidio, tendo essa, em substitutivo determinado o "subsidio annual de 4:800$000 para os Deputados e 7:200$000 para os Senadores". Campos de Medeiros apresentou emenda, mandando que o subsidio, então pago em prata, fosse pago segundo o padrão monetario de 1824, regulado segundo o artigo 5.º § 1.º do alvará de 3 de maio de 1803, em ouro, o que elevaria o subsidio dos Deputados a seis contos e o do Senadores a nove, tendo sido approvados o projecto e essa emenda em 16 de janeiro de 1873 após porfiados debates entre Cruz Machado e Martinho Campos. A 30 de janeiro era o projecto lei, sob o n. 2097.

Em 27 de junho de 1884, o Deputado Soares apresentou o projecto n. 27, no que dispunham que "os Deputados que não comparecessem ás sessões, sem motivo justificado, perderiam o direito ao subsidio, que seria descontado na razão de dous dias em que faltassem" (art. 3.º), não logrando andamento essa proposição, perdurando até os ultimos dias do Imperio a legislação de 30 de janeiro de 1873 sobre o subsidio e a ajuda de custo aos Deputados e Senadores.

NESTOR MASSENA

(Director dos Serviços de Contabilidade da Secretaria da Camara dos Deputados).

Nos dominios da hygiene

A "Revista do Brasil", fiel ao seu intuito de photographar diversos aspectos da actividade intellectual contemporanea, não poderia olvidar as questões sanitarias que, em nosso paiz, preoccupam a um grupo numeroso de trabalhadores e começam a inquietar a opinião publica. Por isso, iniciamos hoje uma secção consagrada aos dominios da hygiene, a cargo de um profissional especializado. Julgamos assim obedecer ao lemma vibrante, recentemente defendido por Harvey Robinson: "Humanizae os conhecimentos", isto é, arrebatae-os á phraseologia technica rebarbativa e tornae-os accessiveis a todos os mortaes que delles necessitem.

E' um signal dos tempos que uma revista como esta deseje um commentario dos problemas medico-sanitarios. Nos paizes de civilização pronunciada ha um pedido das classes cultas, cada vez mais incessante e mais obedecido, para que os jornaes diarios e os periodicos vulgarizem os progressos da medicina e da hygiene.

Que uma vaga desse movimento já tenha attingido o Rio de Janeiro é realmente digno de registro.

* * *

Antigamente uma revista como esta só consentiria em excursões aos dominios da arte e da politica, embora estes ultimos sejam de uma salubridade suspeita. Depois se considerou que não offendia o decoro tratar de finanças. Finalmente, alguns dos grandes magazines mundiaes estão achando que a physiologia humana, afinal de contas, não é assumpto tão indecente que delle não possa ter conhecimento o animal da mesma especie.

* * *

A questão sexual, por exemplo. Todo o mundo sabe que entre alguns povos viris situados nas regiões nordicas do mundo, este era até ha bem pouco tempo o *unspeakable subject*. A reserva era tal que numa roda onde houvesse senhoras não se poderia, sem chocar, fazer referencia a uma peça do vestuario que não estivesse inteiramente á vista. Hoje, o *Times*, de Londres publica estatisticas sobre doenças venereas. Hoje, na Suecia, na Noruega, nos Estados Unidos, realizam-se, em meios femininos de escól, conferencias sobre os effeitos dessas doenças e sobre a educação sexual. Os hygienistas desses paizes estão surpresos, maravilhados, com semelhante progresso.

Qual foi a causa dessa nova etapa do espirito humano? Innegavelmente, um modesto sabio israelita de Vienna teve um papel importante no movimento. No Brasil, será talvez difficil acreditar que uma concepção nova da sciencia possa affectar habitos sociaes enraizados.

Mas é que se desconhece em geral aqui a popularidade fantastica a que attingiu a theoria de Freud nos paizes acima referidos. Das revistas scientificas ella passou aos magazines de modas em torrentes de artigos. O theatro, o romance, o conto exploraram e exploram ainda uma infinidade de *complexos*. E' verdade que, na quasi totalidade dessas divagações, a crúa e exagerada theoria do pansexualismo freudiano, que imagina invisiveis laços entre o instincto genesico e todas as acções humanas, se achava modificada, suavisada, coquetizada — para uso dos salões. Mas ficou fluctuando no ar aquella alma de verdade de que nos falla o homem dos "Primeiros principios". O mundo scientifico e as classes cultas ficaram concientes das transmutações e da força do instincto sexual, e da necessidade de enfrentar corajosamente o estudo da questão.

* * *

De outro lado, houve a guerra. Os estadistas europeus, quando foram aos mercados humanos buscar a preciosa *chair á canon*, ficaram informados, pelos seus consultores, de que ella se mostrava muitas vezes deteriorada. Nomearam commissões de inquerito para investigarem as causas e mandaram publicar os resultados. Por isso que enviavam á invalidez ou á morte o escol physico e talvez mental dos seus paizes, queriam salvar ao menos os remanescentes que não estivessem avariados.

Da experimentação em grandes massas nasceu, em parte consideravel, a technica adminis-

trativa da hygiene moderna, vulgarizadora, educativa. Esta é, pois, até certo ponto, um *by-product* da loucura engendrada simultaneamente em Berlim, Paris, São Petersburgo e Londres, por quatro grupos de debeis moraes. Que não vejam ahi os idiotas mais um signal da divindade da guerra !

* * *

De descendentes de lusos, nunca se poderia esperar, entretanto, reticencia relativamente á questão alludida. Alguns dos nossos vizinhos amaveis dizem que, se estamos reunidos, estamos infallivelmente "hablando porqueria". Varios viajantes extrangeiros que aportavam ao Brasil colonial e imperial, antes, pois, de Freud e da guerra, ficavam pasmos da semceremonia com que a nossa gente discorria sobre os males venereos. Um inglez quasi cahiu ao chão de surpresa quando numa casa lhe disse o chefe : "A senhora não pode apparecer porque está com dôr de cabeça. Creio que é de fundo syphilitico".

Aqui seria, pois, o terreno ideal para a chamada educação sexual. Freud e os seus discipulos chamaram a attenção do mundo medico para as desordens mentaes que resultam dos processos costumeiros de educação da infancia nesse assumpto. Todos os individuos, quando crianças, vão tendo a sua attenção voltada para as questões da reproducção animal. Essa curiosidade se exacerba tanto mais quanto maior a discreção, o mutismo, a prohibição imposta pela *gente grande* relativamente a qualquer pergunta sobre o mesmo assumpto. Em logar, porém, da noção natural, simples, decente, que poderia ser fornecida ao pirralho pelos paes, elle vae obtendo a instrucção deformada e maliciosa que lhe chega atravez de avenidas malsãs e sombrias : conversas com garotos impudentes, scenas vislumbradas no descuido dos idyllios, phrases percebidas dos cochichos dos maiores. Segundo o psychiatra viennense, semelhantes traumatismos da sensibilidade infantil, exagerada pelos preconceitos ambientes, iriam muitas vezes dar origem, após largos annos de incubação, á nevrose e á loucura.

Assim, homens de pensamento dirigiram um appello á sociedade para que modifique a sua reconhecida parvoice, para que não lance no espirito infantil a confusão e o terror, espicaçando-lhe a curiosidade e negando-lhe a informação, excitando-lhe a precocidade e apontando-lhe as labaredas do inferno.

Assim tomou impulso nos paizes onde vivem as raças mais sadias e mais suggestiveis ao progresso, um intenso movimento em favor da chamada educação sexual. Homens e mulheres, idealistas e devotados ás questões de ensino, procuram descobrir através de penosos ensaios, quaes os melhores meios de fazer chegar ao cerebro infantil, *naturalmente e sem choque*, as primeiras noções verdadeiras sobre os factos da reproducção. Ha algumas formulas a respeito que são de efficiencia provada.

* * *

Pareceria, como disse acima, que o nosso natural *desbocamento* a respeito de taes assumptos facilitasse a introducção aqui da educação sexual. Entretanto, tal não se dá. O instincto de chalaça é tão profundo entre nós que, mesmo em rodas cultas, se torna difficil abordar a questão sexual sob um ponto de vista reflectido e natural.

Dessas columnas, porém, ha de se tentar de vez em quando, como hoje, uma excursão á região prohibida pelo ridiculo.

* * *

Fevereiro vae entrando e com elle chega um dos mezes em que mais se morre no Rio de dysenterias. As dysenterias matam annualmente nesta cidade centenas e centenas de pessôas. As dysenterias são um flagello, principalmente nos climas tropicaes e subtropicaes.

Quaes são os meios de evital-as, perguntará o leitor ? Seria inutil detalhar aqui, como em um compendio de hygiene, todos os caminhos pelos quaes os microbios dessas doenças podem attingir á bocca do homem. Mas si o leitor quer conhecer um, que é commum e facil de evitar, diremos : *as mãos*. Mãos apparentemente limpas podem estar contaminadas em abundancia. Assim, pois, dous conselhos de prophylaxia pessoal :

Ir se libertando da grande mania nacional do aperto de mão. Ha individuos que trabalham numa mesma repartição, num mesmo escriptorio, e se cumprimentam de meia em meia hora, só para moer a paciencia.

O outro ponto mais importante é o lavar bem as mãos, indefectivelmente, antes de comer, e *não permittir que ninguem lh'as aperte durante as refeições*. Os restaurantes mais selectos estão cheios desses freguezes importunos que sáem de mesa em mesa a distribuir indesejaveis cumprimentos.

Não ha dados estatisticos a respeito, mas muito hygienista respeitavel pensa que a simples precaução referida evitaria innumeras mortes por dysenterias, por febres typhoides, etc.

G. L

LITTERATURA

ROQUE CALLEGE — Vocabulario gaúcho = Livraria do Globo Porto Alegre, 1927.

Valiosissima contribuição para a nossa dialectologia. Mais de dois mil termos usados no linguajar rio-grandense, com a vantagem de muitas vezes se esclarecer o sentido da palavra com citas de literatura regionalista. Se em todos os Estados algum estudioso procedesse á mesma tarefa, teriamos em breve a possibilidade de organizar a sintese do lexico brasileirista, onde ha tanta riqueza de expressão. Saber-se-ia o que é propriamente regional, e depois, uma vez registrados, todos esses regionalismos, a literatura se encarregaria de os desregionalizar, extendendo-os a todo o paiz.

MANUEL BANDEIRA.

Christovam de Camargo. — "O Extranho caso de Pelino Mendes". — Impremerie Paul Dupont. — Paris, 1922.

O sr. Camargo é um "conteur" á moda antiga. A sua técnica é contemporanea da de Arthur Azevedo que aliás lhe é muito superior apesar da bruta desvantagem da época.

"O estranho caso de Pelino Mendes" é uma colecção de contos que só pelo lado anédotico pódem apresentar algum interesse assim mesmo diminuto. Muitas vezes o conto nasce do encontro de dois amigos. Um dêles sem mais nem menos vira-se pro outro : "você se lembra de fulano ? E agride a incauta personagem com uma historia. Aí, quer dizer, na historia, é que o sr. Camargo faz força e procura se aproximar do seu ideal literario : uma aventura o mais possivel dramática contada com um ar o mais possivel, natural, sereno e superior. De maneira que emquanto o camarada passa apertado no conto se possa perceber que o autor vai só na macióta, numa vida folgada. Esse ideal é já de si fraquinho. Quanta á realização, no dramático o sr. Camargo não passa do noticiario de jornal ; e não poude chegar á naturalidade desejada nos seus malogrados esforços para estilista.

PRUDENTE DE MORAES, NETO.

Felippe d'Oliveira — "Lanterna Verde". — Rio de Janeiro, 1926.

No poema inicial de "Lanterna Verde", diz o sr. Felippe d'Oliveira, que o talhe.

"Cuspindo pela boca da chaminé
as estrellas inuteis á propulsão
atira-se desenfreado
nos trilhos livres".

Esses quatro versos podem ser encarados como uma verdadeira profissão de fé do poeta. As estrellas são ahi um symbolo. O sr. Felippe d'Oliveira desprezou como inuteis todas as forças instinctivas da poesia para atirar-se violentamente na estrada livre. Fez um livro todo cerebral. Procurado e realizado. Um livro onde as imagens são deduzidas com o vigor de um sylogismo. Exemplo:

"Eu queria que tu perdesses a belleza e ficasses
não a estatua mutilada que liberta e amplia o
extase
mas a transfiguração do teu proprio esplendor.
a tua metempsychose em creatura usual, integrada
na turba.
. . . . . .
E eu seria o senhor fabuloso de um thesouro
desapparecido que a cobiça não percebe
e seria a voz secreta, a alma imperecivel de
cidade morta.

Isto é bello, não ha duvida. E' muito bello. Mas tão longinquo, tão pouco real, tão cheio de intelligencia...

A gente admira o poeta mas não entende o seu soffrimento. E' esta attitude intellectualista que tem levado tantos moços a dizerem "vamos ser modernos", com a mesma inopportunidade do sr. Cassiano Ricardo quando disse "Vamos caçar papagaios". Isto de machinas, indios, fios electricos, negros, papagaios é conversa fiada. Artificial como o alvaiade e o vermelhão na cara dos palhaços que fallam difficil p'r'o publico. Essa poesia está mais longe do verdadeiro Brasil do que as estrellas que o sr. Felippe d'Oliveira expulsou como inuteis. O sentimento objectivo e romantico está no fundo do povo. O sentimento intellectual e dynamico só existe na imaginação de alguns poetas que se julgam reveladores da verdade nova.

Não ha duvida que divirjo do sr. Felippe d'Oliveira na comprehensão do que seja a moderna poesia nacional. Isto não quer dizer que não tenha gostado do seu livro. Gostei muito. Apenas não senti bastante a sua poesia.

A "Lanterna Verde" tem uma luz forte como a dos reflectores que illuminam os rings de box. Não deixa nenhuma penumbra. Nenhum subentendido. Raras vezes se vê uma tal precisão de linguagem, uma tal justeza de expressão. O livro, embora sem frescura de inspiração tem grande novidade nas imagens :

"os lampeões têm o ar desapontado
de gaiolas vazias".

"Scenario de louça e de cristal" é um poema admiravelmente bem urdido e bem desenvolvido.

E' talvez o melhor do volume, que está cheio de bons poemas. O poeta deve, porém, lembrar-se de que "se atirou desenfreado" nos novos trilhos, e que a cor verde nos avisos indica que o caminho é perigoso e que a locomotiva deve seguir de vagar.

AFFONSO ARINOS (Sobrinho).

C. TESCHAUER—Avifauna e Flora nos costumes, superstições e lendas brasileiras. = Livraria do Globo = Porto Alegre, 1926.

Um livro em terceira edição já está bem recomendado por si mesmo. De facto o volume é valioso pela copia de informaões curiosas que fornece sobre coisas da nossa terra e do nosso continente. Esta nova edição está melhorada na distribuição da materia, que nela se fez segundo a origem das lendas e costumes. Não callemos que a obra ainda pode ser muito melhorada, mas muito ! na quarta edição, que certamente virá. O folk-lore será tão confuso, ou é quem nele se mete que fica assim com as idéas engaranhadas ? Porque é que os nossos folk-loristas não aprendem ser claros e sobrios como mestre João Ribeiro ? Que tiguera embastida a redacção do autor ! Ah, é alemão ? Então desculpe.

MANUEL BANDEIRA.

Vieira Pires. — "Querencia" — Livraria do Globo — Porto Alegre — 1925.

Contos regionaes gaúchos. Escritos numa mistura engraçada de português com o dialéto local. Na capa o nome bonito "Querencia". Mas o livro começa assim : "Amo-te Pampa estenso e lhano. Amo-vos cochilhas revoltas". E adiante tem disso: "Pampa ! só te não recórda emocionado aquele que nunca te pisou o solo com a pata cortante do *pingo* fogoso". "Aos gritos dos *paradores* a *ponta* que êle comandava movia-se imediatamente e *encordoava* para o rodeio. Como se vê, si os termos ás vezes justificam o Vocabulario que o autor achou prudente publicar em apêndice, a construção é portuguêsa, geralmente de um português literario puxado a sustancia.

O autor evidentemente acredita na arte de escrever, esercita-se néla e nem sempre passa do esercicio. Os proprios contos, digo, os proprios capitulos em que acontece alguma coisa se resentem profundamente dos efeitos daquéla crença perniciosa. Tanta coisa inutil, tanto efeitosinho procurado e sem interesse, em consequencia um modo tão imperfeito e indistinto de ver e reproduzir os factos. Entretanto o livro prende por alguma coisa que não foi o autor que lhe deu. Prende porque pra nós é até certo ponto esótico e encontramos nêle o encanto e a atração que o Rio Grande do Sul conserva apesar do sr. Vieira Pires e de outras tentativas igualmente perigosas.

PRUDENTE DE MORAES, Neto.

Sobre ""Shecrasade, campeã de tennis" com breves considerações sobre o elogio mutuo.

O sr. Edmundo Lys é um poeta, um novellista, um chronista, um reporter sentimental e um homem de espirito. O sr. Edmundo Lys é muitas cousas — todas encantadoras. Por isso, como que querendo mostrar ao mesmo tempo, de uma vez só tudo o que é, o sr. Edmundo Lys não se contentou em dar um livro, por exemplo, de contos. Ou, por exemplo, de poesia. Ou ainda, por exemplo, de chronicas. Teve pressa de mostrar ao pais todas as faces da sua personalidade multiforme e deu este "Sheherasade, campeã de tennis e outras pessoas distinctas — Livro de historias". Sim, póde ser "de historias", porque é sempre uma historia que nós contamos, quer escrevendo um poema, quer fazendo uma chronica, uma novella, um drama, um dito espirituoso, uma confidencia. Por esse lado, portanto, este livro pode ser considerado "um livro de historias", porque a verdade, sob o ponto de vista, digamos technico, é que é tanto de historias, como de chronicas, como de phrases, como de pequenas annotações, de tudo e principalmente de poesia — a indefinivel poesia das sensibilidades commovidas.

O sr. Edmundo Lys é um homem apressado. Vem d'ahi que elle trunca as suas melhores historias, não nos conta tudo que poderia contar, não acaba, não se importa com as continuações que ficam no ar. Como elle pensa : uma vez que eu saiba, os outros não me interessam. Esquece que essas historias elle conta "para nós".

Por exemplo : "Sheherasade", a primeira historia. Com finura, ironia, graça, o sr. Edmundo Lys nos desenhou o typo futil, caprichoso, complicado, de uma menina moderna. E' mlle. Sheherasade, a campeã de tennis. Essa senhorita começa chegando á casa do autor num magnifico Owen-Magnetic, macio e brilhante de metaes.

"Estabanada, dentro do costume de P. Clement Brown, em "linho branco, atirou-se para mim :

— "Quasi não me demorei...

"E sorriu o seu sorriso, em trichromia, an-"nuncio caro de dentifricio, impresso em *couché*, "num magazine luxuoso.

"Assentou-se num degráo :

— "Vim para ficar.

Depois, deante do espanto delle, Mlle. Sheherasade perguntou si podia ficar, "com aquelle "olhar que ella inventou para as occasiões peri-"gosas, que é um numero especial para mim, po-"sado sempre com successo no cartaz do seu rosto".

(Essa senhorita é parente da Leviana, do sr. Antonio Ferro).

Os dois estão indecisos. Apertam-se as mãos, fallam, silenciam de novo, tornam a fallar. Olham a paisagem, calados outra vez.

"De repente, transfigurou-se, illuminada, co-"mo á scintillação de uma grande resolução. Que-"ria entregar-se. Poz os dedos minusculos sobre "as palpebras cerradas, com medo da vertigem. "Precipitou-se :

— "Não, não quero. Assim é ruim. Vim para "ficar. Toma... Enrolou-se no meu corpo, fez-se "pequenina, nas minhas mãos. As palavras vie-"ram-lhe escravisadas, em supplica. Não achei na-"da bom para dizer. Tomei-a nos braços e levei, "com cuidado, temeroso, de quebral-o, o seu corpo "fragil, encolhidinho, até o maple, onde o deixei, "como uma imagem num nicho".

Ainda bem.

Após, tornam a conversar. Ella levanta-se, tem uma idéa : pergunta pelas cousas que elle anda escrevendo. Quer copial-as na machina. E como elle acha a idéa bôa, vae para a machina :

— "Pode dictar...

"E depois, no pequenino gabinete, realização "sobria de Wm. A. French & C., foi só o ruido da "machina, sob as minhas phrases e sob os seus "dedos".

Eis ahi o que é "Sheherasade". Não se trata de uma campeã de tennis, porém de uma dactylographa. Campeã de dactylographia e outras coisas.

Si o sr. Edmundo Lys não fosse um dos homens mais finos deste momento, elle teria feito com isso apenas uma pagina insipida. Porém, sabe dizer tudo com agudeza e agilidade. Para mostrar que essa senhorita queria fazer uma tolice enorme — provavelmente o pae é socio de Henry Ford e estava occupado nas fabricas — escreve tres paginas e meia. Ella viera disposta, naquelle dia, a dar-se. "Toma..." Felizmente, o rapaz possuia um livro escripto e tambem uma machina de escrever. Quando veio a noite, o livro estava copiado, mademoiselle sã e salva e o Owen-Magnetic levou-a de retorno, sem outra cousa de notavel a não ser um leve cansaço nos dedos — pelo tantaneio da machina.

E' uma historia muito curta : a mancha rapida de um "aprés midi" ; não o "Aprés midi d'un faune" de Mallarmé, mas outro, innocente, litterario e dactylographico.

Eu desejaria ver esse estylo gracioso e exquisito, intencionalmente frivolo, contar historias mais longas. Porque de paginas assim me fica a impressão de que o sr. Edmundo Lys quer apenas dizer de quanto é capaz, sem entretanto aventurar-se a uma prova forte.

"Naná Vanille, bailarina nua" é a historia mais typica de todo o livro. Nervosamente, a rapidos traços, o autor nos conta o que succedeu a Naná, agora profissional do corpo.

— "Oh mon p'tit...

"Entrei. Ella voltava do chuveiro e polia as unhas compridas, no fundo do roupão. Assenteime a seu lado. Ella continuou a cantar, polindo as unhas."

Não é toda Naná Vanille esse traço ?

"Naná Vanille, dansarina nua" parece uma historia do sr. Paul Morand, o novellista de "L'Europe Galante" e "Tendres stocks". Tem o incisivo, o sarcastico e o enternecido d'esse autor corrompido, que reflecte deliciosamente a decadencia cosmopolita da Europa. Si o sr. Edmundo Lys tivesse escripto todas as suas historias como escreveu esta, o seu livro seria o melhor livro de contos destes ultimos tempos. Porém, o sr. Edmundo Lys é um autor fragmentario, dispersivo. Deve ser-lhe difficil uma concentração para o acabamento de obra una, como é por exemplo um romance. Ninguem tem uma ironia tão elegante, tão despreoccupada, tão desdenhosa e ao mesmo tempo um pouco cynica. A ironia do sr. Edmundo Lys não é a ironia sybarita de Anatole France. Nem é (para falar dos nossos autores jovens) a ironia contundente do sr. Antonio de Alcantara Machado. Tem qualquer coisa de corrupto e de piedoso ao mesmo tempo. Veja-se por exemplo a nota dos rendimentos de Naná Vanille (quando era apenas mlle. Regina) e ajudava a mãe, na pensão que essa senhora mantinha :

"Copiar notas de aula para o sr. Baptista	10$000
"Fazer os mappas dos Estados para a Julinha	5$000
"Escovar o frac do sr. Baptista (aos domingos	2$500
"Dar aulas de calligraphia ao Paulo do coronel Reis	10$000
"Ensinar á Maricota lavadeira	3$000
	30$000

Como é pungente e perverso ! Com esse dinheiro "Naná conseguiu fazer com que os homens se voltassem na rua, para vel-a, e aos seus vestidos".

E em toda a historia de Naná, preparando-se para um destino de dansarina nua, que pairava sobre ella, o autor nos dá sempre uma ponta de piedade, mixturada a essa crueldade involuntaria das intelligencias demasiado agudas. Naná Vanille é a brasileirinha de maos costumes, vaidosa e ambiciosa, querendo deslumbrar : mesmo que seja preciso viver com um fabricante de carimbos de borracha, como succedeu. Depois que andou por Paris, com muitos homens e muitos vestidos, Naná voltou, já esquecida de falar portuguez. Vinha tambem "faire l'Amerique".

Epilogo :

"...fez uma mesada á mãe, ia uma vez por mez á pensão e por amor á arte e quinhentos mil réis por noite, dansava nua no Radium, ás quartas e sabbados.

— "C'est comme cá, mon petit...

"E suspirou compungida."

Nesse conto o sr. Edmundo Lys dá toda a medida do seu talento. O sr. Tritão de Athayde ficou irritado com o emprego do francês (que lhe pareceu errado, o que é muito grave) ; e ficou irritado com o ar frivolo, cynico, que se desprende desta historia, como de outras. Ao sr. Tristão de Athayde se afigurou que ha no livro uma influencia terrivel de João do Rio, o que provocou a sua maldição.

Não vejo nenhuma influencia de João do Rio. Um homem não pode escrever sua litteratura entre nós com um entremeio de francesismos sem se parecer com João do Rio. Um homem não pode tambem tomar um ar futil, um ar chá-de-cinco-horas, ou um ar cabaré-de-duas-da-manhã, sem tambem se parecer com o João do Rio. Ora, Joãão do Rio não era isso. E' aliás o proprio sr. Edmundo Lys, numa critica profunda, quem neste mesmo livro, em "O prologo de um milagre", nos resume João

do Rio, esse maravilhoso fixador de almas que occupa um logar fraterno ao lado direito de Fialho de Almeida. Não creio que o sr. Tristão de Athayde tenha de João do Rio a idéa que entremostrou, rapido, no artigo sobre o sr. Edmundo Lys. Eu teria, com isso, um verdadeiro desgosto, pois aos meus olhos ficaria muito diminuida a "capacidade de sentir" de que supponho dotado o sr. Tristão de Athayde.

O illustre critico do "O Jornal", em duas pinceladas ligeiras, vistos e examinados os autos, deu a sua sentença deste modo : o sr. Edmundo Lys é um almofadinha.

Ora, o sr. Edmundo Lys tem um defeito grave : o de uma attitude intencionalmente frivola ; é o seu cartaz, o seu annuncio. O producto, no entanto é outro. O sr. Edmundo Lys tem a originalidade de annunciar-se ouro — Casa Slopey, metal banhado de amarello, quando no entanto si lhe rasparmos a casca vamos encontrar isto : ouro 18 quilates. Simplesmente.

Este livro, além de tudo, é uma especie de cesta de livros que falharam : um livro de contos, um livro de chronicas de jornal, um livro de critica litteraria e um livro de annotações. No meio de tudo isso, um legitimo poema em prosa : "O parque, quando batem dez horas".

Estas coisas, penso, o sr. Tristão de Athayde teria visto, se não o impressionasse tão mal, logo de inicio, aquelle automovel Owen-Magnetic, aquelle vestido P. Clement Brown, aquelle *cloche* claro de Knox, aquelle bombom de Huyler's, etc. Eu tambem não sei quem são esses senhores e que marcas são essas. Devo penitenciar-me. Porém, pondo-se de lado isso e raspando-se esse banho de plaqué, está o ouro : a sensibilidade commovida, a poesia, a ironia intelligente e todas as qualidades que recommendam o sr. Edmundo Lys á nossa estima.

O sr. Veiga Miranda, na sua excellente revista "O Commentario", tambem se irritou. Em quatro linhas escreveu o despacho de pronuncia no artigo 1.º do codigo de seriedade litteraria do autor do "Máo olhado" : "E' prohibido ser futil". Não olhou mais nada no volume. Fez como esses sujeitos neurasthenicos que antipathizam com um tique qualquer de um cavalheiro que lhes é apresentado e para logo passam a detestal-o. Mesmo que o cavalheiro apresentado tenha notaveis qualidades, que depois seriam notadas.

Eu queria que o sr. Veiga Miranda puzesse os olhos naquelle romance com a telephonista : "No meu instante, nesse curto instante, eu e ella nos encontramos, intimos, attenciosos, no fio que atravessa a cidade tumultuaria, como numa pequenina felicidade de meio segundo. Nesse instante eu lhe peço um numero, como quem offerece uma flor"? (pag. 30).

Essa commoção discreta deante da vida, disfarçada por um frenesi de elegancias, de nomes de costureiros ou de bailarinas, de marcas de automoveis ou de fabricantes de cigarros de luxo, é que faz do sr. Edmundo Lys uma figura curiosa. E' um rapaz para quem a vida existe, mas para quem existe tambem uma arte de fingir que a vida não tem importancia.

Trata-se de um escriptor. Sua inexperiencia, suas indecisões, sua seducção pelo frivolo e pelo que o vapor traz, não chegam a occultar, a olhos que queiram ver, o quanto esse escriptor é dotado de qualidades fortes. Principalmente a qualidade de sympathia : sabe querer os outros, o que demonstra que a sua sensibilidade creadora está em ligação com o mundo. Sommado tudo, o sr. Edmundo Lys é um excellente escriptor em formação, que publicou um livro que é um *training*.

O novellista, o critico, o poeta e o jornalista aqui estão, em exercicios de primeira ordem. O que falta ao sr. Edmundo Lys é um *entraineur* que lhe aponte os defeitos de fundo e de forma : esse *entraineur* será elle proprio, meditando, estudando, polindo-se, ficando um pouco maís velho.

Não é possivel, porém, deixar de saudar no sr. Edmundo Lys um escriptor — ainda que esse escriptor goste ás vezes de se esconder atraz de uma *pose* impertinente e futil, o que pode ser tambem o pudor de uma sensibilidade demasiado viva.

* * *

Aqui, uma pergunta : manifestando sobre o sr. Edmundo Lys o que penso de bom (entre o que penso de máo), estarei virando a manivella do elogio-mutuo ? Neste livro me é consagrado um capitulo de affecto, a proposito da "Cidade do vicio e da graça".

O sr. Antonio Ferro escreveu sobre o elogio-mutuo um pequeno ensaio interessante, que é opportuno relembrar. Esse ensaio contém, na essencia, a unica theoria toleravel : somente o elogio-mutuo nos guia na vida. O amor, a amizade, a solidariedade, não obedecem a um elogio-mutuo immanente ?

Olhando a questão de um ponto de vista menos generico, ainda assim nada mais natural.

Si no Brasil quisermos ver elogio-mutuo na apreciação de obras de amigos quando esses amigos já disseram alguma cousa doce de nós, então teremos que em breve nos limitar á critica de relatorios de chefes de secção, ou de livros sobre finanças, propondo a salvação do paiz. Porque são só os srs. financistas e os srs. chefes de secção que não se lembrarão nunca de dizer bem de um livro de litteratura. Os autores, assim, terão nesses confrades da outra banda o unico alvo permittido para a manifestação da sua sympathia. (Em these : porque não creio que se possa ter sympathia por um relatorio da administração dos Correios, ou por um livro de 500 paginas de cifras deficitarias.

Tenho dito.

RIBEIRO COUTO.

ARTES PLASTICAS

Exposição de Artes Decòrativas

Foi um acontecimento a inauguração de nossa 1ª Exposição de Artes Decorativas. Acontecimento social e... estou quasi dizendo artistico. Agora, na verdade, a Exposição de Artes Decorativas é muito pouco de Arte Decorativa.

Tem de tudo : paisagens, naturezas mortas, desenhos a carvão, pastel, etc.

O sr. Marques Junior manda uns quadrinhos: pontilhado á antiga, sem consistencia. Que mania a do pontilhado aqui ! Quando não existia nem mais um só discipulo de Henri Martin, na França, é que os nossos pintores trouxeram p'ra cá a innovação, como innovação. E foi uma febre de pintar pontilhado. Principalmente em decoração.

O sujeito encommenda um painel decorativo, ou decoração mural : lá vem pontilhado. Visconti, Amoedo,etc.

Não ha n'essa exposição uma tendencia, quer dizer, uma caracteristica brasileira.

Cavalleiro que é um sujeito airoso é mais um expressionista allemão. Tem uma arara gostosa esse Cavalleiro.

Ha nessa exposição um artista, que, pela primeira vez d'elle vejo alguma cousa. E Barandier da Cunha, ou o Maluco da Esculptura, cá no Rio, como é conhecido. E' Barandier uma promessa ? Não ; é bem mais. Personalidade tem elle, gosto tambem. Mandou umas mascaras que me fizeram pensar. Gostei.

Celso Kelly é um dos unicos decoradores nossos.

Eu já disse uma vez que Kelly dava p'ra cousa. Sua tendencia é toda decorativa, e dentro do seu genero póde e ha de realizar cousas batutas.

Outro camarada que vem vindo — está custando mas vem vindo — é Hernani de Irajá.

Gostei mesmo de uma natureza morta d'elle, bem ingenua. Bem simples quasi infantil, como a gente quer.

Que o resto de Irajá tem pinturice, isso tem.

Paulo Gagarin tem bem grande expressão luminosa. Bem grande. E avança a olhos vistos. Conheci elle bem fraquinho n'uma exposição pessoal no Lyceu de Artes e Officios. Tem progredido de deixar a gente boquiaberta.

Ainda tem um de quem quero fallar: Goeldi.

Oswaldo Goeldi é um desenhista forte. Péga tudo bem. Rapido. Incisivo. E é poeta. No bom sentido.

No resto gente interessante. Symbolistas, nephelibatas, illustradores elegantes, que ha trinta annos passados fariam successo. E grande. Gilberto e Alvarus, são dous d'elles.

Si viesse um sujeito entendido de fóra ficaria pasmo. Nada de brasileiro, nada que diga de nós proprios. Cadê arte brasileira ? Tudo "depaysé". Nossa luz pintada com maviosidade. E os nossos motivos pictoricos ? Onde é que se metteram os pintores ?

N'essa exposição e, é triste a gente encontra antes de tudo muita litteratura pintada, muita mesmo. E a época não é d'isso.

Agora, é bom de registrar essa vontadezinha de ser modernos que todos, salvo umas poucas mumias, teem. A gente levou pedrada e nos chamaram de burros, mas nossas idéas foram entrando. Pelo menos vontade de fazer cousa nova já existe.

Mas — ouçam bem meus amigos pintores e esculptores — arte moderna ou melhor "modernidade" nunca foi "intenção"; mas "convicção". Estado de espirito.

Afinal de contas fiquei, na verdade, bem contente com a tal Exposição.

Augusto F. Schmidt.

Encontra-se á venda, em 2a. Edição, nas livrarias do Rio de Janeiro e de São Paulo o livro que sobre a

Presidencia Bernardes

intitulado

Terra Deshumana

(A vocação Revolucionaria do Presidente Arthur Bernardes)

escreveu ha tres mezes, em Campos de Jordão, durante uma villegiatura que ali fez, o sr.

ASSIS CHATEAUBRIAND

O director do "O JORNAL", naquellas montanhas suaves da terra paulista, meditou e escreveu sobre a personalidade complexa do actual presidente da Republica um ensaio sereno, sem qualquer eiva de paixão partidaria, como se estivesse recuado meio seculo do scenario dramatico dos dias actuaes da nacionalidade. Elle propoz-se fazer um estudo de pura substancia psychologica, com absoluta imparcialidade, procurando collocar-se fóra do ambiente esteril das facções para analysar as qualidades, os defeitos, as acções de alcance collectivo e os erros do homem que encheu o quadriennio de 1922-1926, da sua rispida e indomavel individualidade.

Tomando a acção publica do actual presidente, desde que elle se estreou como jornalista no hebdomadario da zona da Matta, denominado «A Cidade de Viçosa», até a sua derradeira grande campanha, que vem de encerrar victoriosamente: a da revisão constitucional, — o sr. Assis Chateaubriand projeccta visadas sobre os aspectos mais interessantes do homem de governo que, por tantos titulos, será objecto, no futuro, de debates os mais vivos dos historiadores da quadra atormentada que acaba de atravessar o Brasil.

O Caraça, o famoso collegio, onde se educou o sr. Arthur Bernardes, com a tradição de severa e inflexivel disciplina, é objecto de um quadro que, por certo, ajudará por muito a explicar a formação mental do presidente com a ductil e rija vontade, que distingue todos os seus actos.

ASSIGNEM

"O Jornal"

E terão, diariamente, com a maxima pontualidade, abundancia de leitura seleccionada. — "O JORNAL" ventila superiormente todos os assumptos de actualidade, mantendo, para isso um corpo de collaboradores escolhidos entre as grandes mentalidades nacionaes e extrangeiras. — O serviço de informações é copioso.— O. seu criterio é segurissimo. — Sua linguagem, elevada, superior. — Seus supplementos dominicaes, encantadores. — Seu grande

Concurso Cinematographico

Distribue, mediante condições minimas, mais de um centena de contos de reis em premios valiosissimos: Automovel, Viagens, Frigideira, Impermeaveis para senhoras, Matricula em Collegio, Estadia em Caxambù, Piano Bechstein, e um Bazar de cousas para crianças.

Preço da assignatura ..... 50$000

RIO DE JANEIRO

Rua Rodrigo Silva, 12

Cruzwaldina

Acreditado Desinfectante fabricado pela

Societé Anonyme du Gaz de Rio de Janeiro

Com vinte annos de ininterrupto successo

Medalha de Ouro na Exposição Nacional de 1908

O mais popular de todos os desinfectantes

Casa Edictora F. Bruno — rua Silva Jardim, 25 — Rio

46331